

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

MESSIAS DOS SANTOS SANTANA

**O sufixo diminutivo em português: forma, funcionamento e significação –
do século XIII ao XX**

Volumes I, II e III

(Versão corrigida)

SÃO PAULO

2017

MESSIAS DOS SANTOS SANTANA

**O sufixo diminutivo em português: forma, funcionamento e significação –
do século XIII ao XX**

Volumes I, II e III

(Versão corrigida)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro



De acordo:

Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro

SÃO PAULO

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Santana, Messias dos Santos
S231s O sufixo diminutivo em português: forma, funcionamento e significação - do século XIII ao XX / Messias dos Santos Santana ; orientador Mário Eduardo Viaro. - São Paulo, 2017.
910 f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Diacronia. 2. Morfologia diacrônica. 3. Sufixos diminutivos. 4. Etimologia. 5. Produtividade. I. Viaro, Mário Eduardo, orient. II. Título.

MESSIAS DOS SANTOS SANTANA

**O sufixo diminutivo em português: forma, funcionamento e significação –
do século XIII ao XX**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro

Aprovada em 28 / 03 / 2017



Universidade de São Paulo

Janus

ATA DE DEFESA

Aluno: 8142 - 8201670 - 1 / Página 1 de 1

Ata de defesa pública de Tese do(a) Senhor(a) Messias dos Santos Santana no Programa: Filologia e Língua Portuguesa, do(a) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Aos 28 dias do mês de março de 2017, no(a) Sala de Eventos realizou-se a Defesa da Tese do(a) Senhor(a) Messias dos Santos Santana, apresentada para a obtenção do título de Doutor intitulada:

"O sufixo diminutivo em português: forma, funcionamento e significação - do século XIII ao XX"

Após declarada aberta a sessão, o(a) Sr(a) Presidente passa a palavra ao candidato para exposição e a seguir aos examinadores para as devidas arguições que se desenvolvem nos termos regimentais. Em seguida, a Comissão Julgadora proclama o resultado:

Nome dos Participantes da Banca	Função	Sigla da CPG	Resultado
Mário Eduardo Viaro	Presidente	FFLCH - USP	Aprovado
Ieda Maria Alves	Titular	FFLCH - USP	Aprovado
Josenir Alcântara de Oliveira	Titular	UFC - Externo	Aprovado
Erica Santos Soares de Freitas	Titular	Externo	Aprovado
Graça Maria de Oliveira e Silva Rio-torto	Titular	UC - Externo	Aprovado

Resultado Final: Aprovado

Parecer da Comissão Julgadora *

Considerando-se o volume de dados descritos, a metodologia utilizada e a qualidade da análise, bem como a contribuição para as áreas de morfologia e lexicologia históricas, a banca examinadora aprova o candidato com distinção e louvor, recomendando a publicação do seu trabalho. A professora Graça Maria de Oliveira e Silva Rio-torto participou da banca por videoconferência.

Eu, Daiane Neres da Silva, lavrei a presente ata, que assino juntamente com os(as) Senhores(as) examinadores. São Paulo, aos 28 dias do mês de março de 2017.

Ieda Maria Alves

Erica Santos Soares de Freitas

Josenir Alcântara de Oliveira

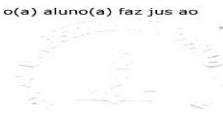
Graça Maria de Oliveira e Silva Rio-torto

Mário Eduardo Viaro
Presidente da Comissão Julgadora

* Obs: Se o candidato for reprovado por algum dos membros, o preenchimento do parecer é obrigatório.

A defesa foi homologada pela Comissão de Pós-Graduação em 28/03/2017 e, portanto, o(a) aluno(a) faz jus ao título de Doutor em Letras obtido no Programa Filologia e Língua Portuguesa.

Presidente da Comissão de Pós-Graduação
Prof. Dr. Edécio Gonçalves de Souza
Presidente da CPG
FFLCH-USP



A Deus
Aos meus pais
À minha esposa

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e por não me deixar desistir dos meus sonhos.
Aos meus pais, Baltazar e Genildes, por tudo, em especial pelo amor e pelo sacrifício que fizeram para que eu pudesse estudar.
À minha querida e amada esposa, Jaiane, pelo amor incondicional, pela maravilhosa companhia e pela dedicação à nossa família.
Aos meus irmãos, Marciel e João Paulo, pelo apoio, proporcionando que o meu tempo fosse sempre dedicado aos estudos.
Ao Professor Doutor Mário Eduardo Viaro, pela orientação dedicada, responsável e competente.
Aos membros da Banca Examinadora, por terem aceitado o convite para participarem da defesa desta Tese, pela crítica ao texto, pelas observações feitas e sugestões dadas.
À Professora Doutora Valéria Gil Condé (USP) e à Professora Doutora Marli Quadros Leite (USP), pelas valiosas observações feitas durante o Exame de Qualificação.
Ao Professor Doutor Daniel Kölligan, da Universidade de Colônia, na Alemanha, pelas respostas a algumas indagações sobre o sufixo diminutivo em indo-europeu e nas línguas indo-europeias.
À Universidade Estadual do Piauí (UESPI), pela concessão de afastamento durante todo o período de realização desta pesquisa.
À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI), pela bolsa de estudos concedida durante dois anos.
Aos amigos Agnaldo Holanda e Alexandre Shiguehara, pela amizade sincera, companhia agradável e pelos momentos divertidos em nossos jogos de sinuca na FFLCH entre um dia e outro de aula.
A todos os que, de alguma forma, contribuíram para que este momento fosse alcançado.

Sans doute, pour un usager dépourvu de culture, la matière des mots est indifférente; le mot est perçu comme un tout inanalysable. Mais quiconque a le sens et la pratique de l'analyse grammaticale ne peut s'empêcher de voir dans le mot un complexe dont il isole presque d'instinct les éléments composants. Peu importe que cette analyse soit approximative ou même fautive; elle ne donne pas moins lieu, le cas échéant, à un jugement de qualité.

(J. Marouzeau, *Traité de Stylistique Latine*)

O estudo theorico de uma lingua assegura-nos melhor na posse d'ella. E como uma lingua não teve sempre a fórma que nos apresenta em dado momento, mas teve outras que explicão esta, fica entendido que o conhecimento das phases antigas da lingua portuguesa, habilita[...]-nos, [...], para nos inteirarmos melhor da língua moderna.

(José Leite de Vasconcellos, *Curso de Lingua Portuguesa Archaica*)

RESUMO

Em uma consulta a gramáticas – já desde fins do século XVIII –, a livros didáticos e a manuais de morfologia da língua portuguesa, encontra-se, geralmente, uma lista de vários sufixos considerados diminutivos. Contudo, muito raramente se encontram explicações acerca das mudanças linguísticas que possibilitaram que tais sufixos alcançassem as formas que possuem, ou sobre o comportamento sincrônico desses sufixos – sobretudo quando a sincronia em questão é uma sincronia pretérita –, ou, ainda, quanto à descrição diacrônica ou histórica desses sufixos, no período que se estende do século XIII ao XX, quer tendo como foco a forma, quer o funcionamento, quer a semântica. Desse modo, a partir da identificação dos sufixos que atuam como diminutivos em língua portuguesa e considerando o fato de essa língua ser uma língua românica, esta pesquisa apresenta, inicialmente, uma caracterização de sufixos diminutivos latinos quanto à origem, à forma e à significação, ao que segue a descrição das principais mudanças ocorridas nesses sufixos desde o latim vulgar até algumas línguas românicas, como o português, o espanhol, o francês, o provençal e o italiano, sendo as formas resultantes nestas últimas quatro línguas ainda descritas em relação à sua forma e à sua semântica. Na sequência, os sufixos diminutivos existentes em português foram caracterizados – desde o século XIII ao XX, século a século – em seus aspectos formais (fonéticos e morfológicos), funcionais e semânticos, fase essa em que se identificaram, também, características que esses sufixos possuem em comum com os latinos e com os românicos, em especial com os das línguas mencionadas. Para isso, foram constituídos *corpora* de diminutivos relativos a cada um dos séculos aqui contemplados, tendo por base a análise de palavras encontradas em dois *corpora* eletrônicos, o *Corpus* Informatizado do Português Medieval (CIPM) – para textos compreendidos entre os séculos XIII e XV – e o *Corpus* do Português – para textos entre os séculos XIV e XX. Com base na análise dos diminutivos identificados, foi possível concluir que os sufixos diminutivos existentes em português são provenientes da língua latina – quer por herança, quer por empréstimo a outras línguas românicas ou ao latim clássico –, os quais conservam, ainda, algumas das características dos diminutivos naquela língua, como manutenção do gênero da palavra primitiva, diversidade semântica e formação de nomes próprios diminutivos. Os dados analisados indicam, também, que, embora sejam muitos, os sufixos diminutivos em português são muito pouco produtivos nessa língua, com exceção dos sufixos em *-t-* a partir do século XIX e, principalmente, do sufixo *-inho*, muito frequente e o mais produtivo em todas as sincronias descritas, podendo, assim, ser caracterizado como o sufixo diminutivo por excelência da língua portuguesa, com previsão de que ainda continuará sendo por muitos séculos.

PALAVRAS-CHAVE: Diacronia. Morfologia diacrônica. Sufixos diminutivos. Etimologia. Produtividade.

ABSTRACT

Consulting grammars – since the end of the eighteenth century –, textbooks and manuals on morphology of the portuguese language, a list of several suffixes, considered as diminutives, is usually presented. Nevertheless, explications not only on linguistic changes, that justify the current forms of such suffixes, but also on their synchronic functioning – particularly when the synchrony concerned is a past one –, or on their diachronic or historical description, from the 13th to the 20th century, are rare, focusing either on form, functioning or semantics. Thus, from the identification of the suffixes, that function as diminutives in portuguese language, a romance language, this research presents, in a first moment, a characterization of the latin diminutive suffixes, concerning origin, form and signification; in a second one, it describes the main changes occurred in these suffixes, from vulgar latin to portuguese, spanish, french, provencal and italian, whose forms – except in portuguese – are described concerning form and semantics; then, the portuguese diminutive suffixes were characterized, from the 13th to the 20th century, one century at a time – considering the formal aspects (phonetics and morphology), functional and semantical aspects, moment in which the portuguese diminutive suffixes were compared to latin and to its mentioned sister romance languages, in order to verify the features they have in common. For this comparison, *corpora* about diminutive suffixes were established, from the 13th to the 20th century, century by century. Such *corpora*, from which the words analyzed were taken, included the *Corpus* Informatizado do Português Medieval (CIPM) – concerning the texts from the 13th to the 15th century – and the *Corpus* do Português – concerning the texts from the 14th to the 20th century. After the analysis of the portuguese diminutive suffixes identified in such *corpora*, it was verified that the portuguese diminutive suffixes come from the latin language – either through heritage or through loan of other romance languages or classical latin –, still keeping some features of the diminutives of the popular latin, such as: preservation of the gender of the primitive word, semantic diversity and composition of diminutive proper name. These analyzed data show as well that the diminutive suffixes, although plentiful, are very little productive in portuguese, except the suffixes in *-t-*, from the 19th century on, and, chiefly, the suffix *-inho*, very frequent and the most productive in all described synchronies, being considered, therefore, as the diminutive suffix of the portuguese language par excellence, with great probability to continue for ages.

KEY-WORDS: Diachrony. Diachronic morphology. Diminutive suffixes. Etymology. Productivity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais sufixos diminutivos portugueses, segundo Cunha & Cintra (2001 [1985 ¹], p.91)	43
Quadro 2 – Diminutivos em <i>-zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral: séc. XVI	48
Quadro 3 – Diminutivos em <i>-zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral: séc. XIX	49
Quadro 4 – Diminutivos em <i>-zinho, -zinha</i> em contexto de consoante: séc. XVI	49
Quadro 5 – Diminutivos em <i>-zinho, -zinha</i> em contexto de consoante: séc. XIX	50
Quadro 6 – Diminutivos em <i>-inho, -inha</i> em contexto de ditongo oral: séc. XVII	50
Quadro 7 – Diminutivos em <i>-inho, -inha</i> em contexto de ditongo oral: séc. XIX	51
Quadro 8 – As terminações diminutivas em latim, a partir de Saraiva (2000 [1881 ¹])	89
Quadro 9 – As terminações diminutivas em latim de acordo com Nebrija, Roboredo e Saraiva	91
Quadro 10 – As terminações diminutivas em Varrão	102
Quadro 11 – As terminações diminutivas em Probo	106
Quadro 12 – As terminações diminutivas em Diomedes	109
Quadro 13 – As terminações diminutivas em Donato	111
Quadro 14 – As terminações diminutivas em Prisciano	117
Quadro 15 – As terminações diminutivas em latim clássico, segundo Varrão, Probo, Diomedes, Donato e Prisciano	125
Quadro 16 – As terminações diminutivas em latim vulgar, segundo Grandgent (1952 [1928 ¹], p.43-47)	128
Quadro 17 – As terminações diminutivas em latim vulgar, segundo Maurer Jr. (1959, p.251-270)	129
Quadro 18 – As terminações diminutivas em latim clássico – segundo Varrão, Probo, Diomedes, Donato e Prisciano – e em latim vulgar – segundo Grandgent e Maurer Jr.	130
Quadro 19 – Sistema vocálico em latim clássico e em latim vulgar “antigo”	146
Quadro 20 – Sistema vocálico em latim vulgar “antigo” e em latim vulgar no período imperial	147
Quadro 21 – Sistema vocálico em latim vulgar “antigo” e em latim vulgar no período imperial numa correspondência vogal a vogal	148
Quadro 22 – Sistema vocálico do latim vulgar em posição de sílaba tônica	149

Quadro 23 – Sistema vocálico do latim vulgar em posição de sílaba átona anterior à tônica	149
Quadro 24 – Sistema vocálico do latim vulgar em posição de sílaba átona após a tônica	149
Quadro 25 – Evolução do sistema vocálico em posição de sílaba tônica do latim vulgar às línguas românicas ocidentais	160
Quadro 26 – Evolução da vogal postônica nos sufixos diminutivos do latim vulgar às línguas românicas ocidentais	162
Quadro 27 – Evolução das vogais átonas finais nos sufixos diminutivos do latim vulgar às línguas românicas ocidentais	165
Quadro 28 – Sufixos diminutivos do latim vulgar às línguas românicas ocidentais, considerada a evolução das vogais tônicas e átonas finais	166
Quadro 29 – Evolução da consoante dobrada <i>cc</i> seguida de <i>a, o, u</i> do latim vulgar às línguas românicas ocidentais	188
Quadro 30 – Evolução das consoantes presentes nos sufixos diminutivos do latim vulgar às línguas românicas ocidentais	189
Quadro 31 – Evolução dos sufixos diminutivos do latim vulgar às línguas românicas ocidentais: formas do gênero masculino	190
Quadro 32 – Evolução dos sufixos diminutivos do latim vulgar às línguas românicas ocidentais: formas do gênero feminino	191
Quadro 33 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral em palavras dissílabas: séc. XVI	332
Quadro 34 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral em palavras trissílabas: séc. XVI	332
Quadro 35 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral em palavras polissílabas: séc. XVI	333
Quadro 36 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de consoante: séc. XVI	335
Quadro 37 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral em palavras dissílabas: séc. XVII	375
Quadro 38 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral em palavras trissílabas: séc. XVII	375
Quadro 39 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral em palavras polissílabas: séc. XVII	376

Quadro 40 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de consoante: séc. XVII	379
Quadro 41 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral em palavras dissílabas: séc. XVIII	423
Quadro 42 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral em palavras trissílabas: séc. XVIII	423
Quadro 43 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral em palavras polissílabas: séc. XVIII	423
Quadro 44 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral em palavras dissílabas: séc. XIX	464
Quadro 45 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral em palavras trissílabas: séc. XIX	464
Quadro 46 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral em palavras polissílabas: séc. XIX	465
Quadro 47 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de consoante: séc. XIX	468
Quadro 48 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral em palavras dissílabas: séc. XX	534
Quadro 49 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral em palavras trissílabas: séc. XX	534
Quadro 50 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de vogal átona oral em palavras polissílabas: séc. XX	535
Quadro 51 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> em contexto de consoante: séc. XX	537

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – *Print* de página da *Internet do Corpus do Português*:
as 10 primeiras ocorrências de *-inho* no século XVI 56
- Figura 2** – *Print* de página da *Internet do Corpus do Português*:
as 10 últimas ocorrências de *-inho* no século XVI 57
- Figura 3** – *Print* de página da *Internet do Corpus do Português*: contexto
semântico da palavra *gudãozinho* em texto do século XVI 58
- Figura 4** – *Print* de página da *Internet do CIPM*: índice de textos disponíveis 59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sufixos diminutivos em português no século XIII: ocorrências por sufixo	264
Gráfico 2 – Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i> , <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i> no século XIII: total de ocorrências	265
Gráfico 3 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XIII: contextos de ocorrência	266
Gráfico 4 – Diminutivos em <i>-inho</i> e suas variações no século XIII: contextos específicos de ocorrência	267
Gráfico 5 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XIII: classe de palavra do primitivo <i>versus</i> classe de palavra do derivado	273
Gráfico 6 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XIII: gênero da palavra primitiva <i>versus</i> gênero da palavra derivada	274
Gráfico 7 – Diminutivos formados em português, em textos do século XIII: ocorrências por sufixo	281
Gráfico 8 – Sufixos diminutivos em português no século XIV: ocorrências por sufixo	283
Gráfico 9 – Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i> , <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i> no século XIV: total de ocorrências	284
Gráfico 10 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XIV: contextos de ocorrência	285
Gráfico 11 – Diminutivos em <i>-inho</i> e suas variações no século XIV: contextos específicos de ocorrência	286
Gráfico 12 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XIV: classe de palavra do primitivo <i>versus</i> classe de palavra do derivado	288
Gráfico 13 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XIV: gênero da palavra primitiva <i>versus</i> gênero da palavra derivada	289
Gráfico 14 – Diminutivos formados em português, em textos do século XIV: ocorrências por sufixo	294
Gráfico 15 – Sufixos diminutivos em português no século XV: ocorrências por sufixo	295
Gráfico 16 – Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i> , <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i> no século XV: total de ocorrências	296
Gráfico 17 – Diminutivos em <i>-inho</i> e suas variações no século XV: contextos de ocorrência	297
Gráfico 18 – Diminutivos em <i>-inho</i> e suas variações no século XV: contextos específicos de ocorrência	298

Gráfico 19 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XV: classe de palavra do primitivo <i>versus</i> classe de palavra do derivado	305
Gráfico 20 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XV: gênero da palavra primitiva <i>versus</i> gênero da palavra derivada	306
Gráfico 21 – Diminutivos formados em português, em textos do século XV: ocorrências por sufixo	318
Gráfico 22 – Sufixos diminutivos em português no século XVI: ocorrências por sufixo	323
Gráfico 23 – Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i> , <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i> no século XVI: total de ocorrências	324
Gráfico 24 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XVI: contextos de ocorrência	325
Gráfico 25 – Diminutivos em <i>-inho</i> e suas variações no século XVI: contextos específicos de ocorrência	326
Gráfico 26 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XVI: classe de palavra do primitivo <i>versus</i> classe de palavra do derivado	340
Gráfico 27 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XVI: gênero da palavra primitiva <i>versus</i> gênero da palavra derivada	341
Gráfico 28 – Diminutivos em <i>-t-</i> no século XVI: total de ocorrências	350
Gráfico 29 – Diminutivos formados em português, em textos do século XVI: ocorrências por sufixo	363
Gráfico 30 – Sufixos diminutivos em português no século XVII: ocorrências por sufixo	365
Gráfico 31 – Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i> , <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i> no século XVII: total de ocorrências	366
Gráfico 32 – Diminutivos em <i>-inho</i> e suas variações no século XVII: contextos de ocorrência	367
Gráfico 33 – Diminutivos em <i>-inho</i> e suas variações no século XVII: contextos específicos de ocorrência	368
Gráfico 34 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XVII: classe de palavra do primitivo <i>versus</i> classe de palavra do derivado	386
Gráfico 35 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XVII: gênero da palavra primitiva <i>versus</i> gênero da palavra derivada	388
Gráfico 36 – Diminutivos em <i>-t-</i> no século XVII: total de ocorrências	394
Gráfico 37 – Diminutivos formados em português, em textos do século XVII: ocorrências por sufixo	408

Gráfico 38 – Sufixos diminutivos em português no século XVIII: ocorrências por sufixo	415
Gráfico 39 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> no século XVIII: total de ocorrências	416
Gráfico 40 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XVIII: contextos de ocorrência	417
Gráfico 41 – Diminutivos em <i>-inho</i> e suas variações no século XVIII: contextos específicos de ocorrência	418
Gráfico 42 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XVIII: classe de palavra do primitivo <i>versus</i> classe de palavra do derivado	431
Gráfico 43 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XVIII: gênero da palavra primitiva <i>versus</i> gênero da palavra derivada	431
Gráfico 44 – Diminutivos em <i>-t-</i> no século XVIII: total de ocorrências	436
Gráfico 45 – Diminutivos formados em português, em textos do século XVIII: ocorrências por sufixo	450
Gráfico 46 – Sufixos diminutivos em português no século XIX: ocorrências por sufixo	455
Gráfico 47 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> no século XIX: total de ocorrências	456
Gráfico 48 – Diminutivos em <i>-inho</i> e suas variações no século XIX: contextos de ocorrência	457
Gráfico 49 – Diminutivos em <i>-inho</i> e suas variações no século XIX: contextos específicos de ocorrência	458
Gráfico 50 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XIX: classe de palavra do primitivo <i>versus</i> classe de palavra do derivado	477
Gráfico 51 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XIX: gênero da palavra primitiva <i>versus</i> gênero da palavra derivada	478
Gráfico 52 – Diminutivos em <i>-t-</i> formados em português e suas variações no século XIX: contextos de ocorrência	486
Gráfico 53 – Diminutivos formados em português, em textos do século XIX: ocorrências por sufixo	519
Gráfico 54 – Sufixos diminutivos em português no século XX: ocorrências por sufixo	525
Gráfico 55 – Diminutivos em <i>-inho, -inha, -zinho, -zinha</i> no século XX: total de ocorrências	526
Gráfico 56 – Diminutivos em <i>-inho</i> e suas variações no século XX: contextos de ocorrência	527

Gráfico 57 – Diminutivos em <i>-inho</i> e suas variações no século XX: contextos específicos de ocorrência	528
Gráfico 58 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XX: classe de palavra do primitivo <i>versus</i> classe de palavra do derivado	547
Gráfico 59 – Diminutivos em <i>-inho</i> no século XX: gênero da palavra primitiva <i>versus</i> gênero da palavra derivada	548
Gráfico 60 – Diminutivos em <i>-t-</i> formados em português e suas variações no século XX: contextos de ocorrência	558
Gráfico 61 – Diminutivos formados em português, em textos do século XX: ocorrências por sufixo	592
Gráfico 62 – Diminutivos em textos portugueses do século XIII ao XX: ocorrências com o sufixo <i>-inho</i>	595
Gráfico 63 – Diminutivos em textos portugueses do século XIII ao XX: ocorrências com os demais sufixos	596
Gráfico 64 – Diminutivos em textos portugueses do século XIII ao XV: ocorrências por sufixo	597
Gráfico 65 – Diminutivos em textos portugueses do século XVI ao XX: ocorrências com o sufixo <i>-inho</i>	598
Gráfico 66 – Diminutivos em textos portugueses do século XVI ao XX: ocorrências com os demais sufixos	598
Gráfico 67 – Diminutivos em textos portugueses do século XIII ao XX: sufixos encontrados em todas as sincronias	599
Gráfico 68 – Diminutivos herdados em textos portugueses do século XIII ao XX	600
Gráfico 69 – Diminutivos resultados de empréstimo em textos portugueses do século XIII ao XX	600
Gráfico 70 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: sufixos de maior frequência	601
Gráfico 71 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: sufixos de menor frequência	601
Gráfico 72 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: contexto de vogal átona oral: sufixo <i>-inho</i>	603
Gráfico 73 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: contexto de vogal átona oral: demais sufixos	603

Gráfico 74 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: contexto de consoante	604
Gráfico 75 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: contexto de ditongo oral	604
Gráfico 76 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: contexto de ditongo nasal	605
Gráfico 77 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: contexto de vogal nasal	605
Gráfico 78 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: contexto de vogal tônica oral	606
Gráfico 79 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX com gênero diferente do gênero da palavra primitiva	609
Gráfico 80 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX com classe de palavra diferente da classe de palavra do primitivo	609
Gráfico 81 – Diminutivos em <i>-inho</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo	611
Gráfico 82 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: ocorrências com o sufixo <i>-inho</i> em porcentagem	612
Gráfico 83 – Diminutivos em <i>-inho</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: contexto de vogal átona oral	613
Gráfico 84 – Diminutivos em <i>-inho</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: contexto de consoante	613
Gráfico 85 – Diminutivos em <i>-inho</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: contexto de ditongo oral	614
Gráfico 86 – Diminutivos em <i>-inho</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: contexto de ditongo nasal	614
Gráfico 87 – Diminutivos em <i>-inho</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: contexto de vogal nasal	615
Gráfico 88 – Diminutivos em <i>-inho</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: contexto de vogal tônica oral	615
Gráfico 89 – Sufixos diminutivos em <i>-t-</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: ocorrências por sufixos	620
Gráfico 90 – Diminutivos em <i>-t-</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo	621

Gráfico 91 – O sufixo diminutivo <i>-ete</i> em textos portugueses do século XIII ao XX	622
Gráfico 92 – O sufixo diminutivo <i>-eta</i> em textos portugueses do século XIII ao XX	622
Gráfico 93 – O sufixo diminutivo <i>-ito</i> em textos portugueses do século XIII ao XX	623
Gráfico 94 – O sufixo diminutivo <i>-ita</i> em textos portugueses do século XIII ao XX	623
Gráfico 95 – O sufixo diminutivo <i>-ota</i> em textos portugueses do século XIII ao XX	624
Gráfico 96 – Sufixos diminutivos <i>-ato, -ata, -eto, -ote</i> e <i>-oto</i> em textos portugueses do século XIII ao XX	624
Gráfico 97 – Diminutivos em <i>-t-</i> formados em português em textos do século XIII ao XX: contextos de ocorrência	626
Gráfico 98 – Diminutivos em <i>-ino</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo	627
Gráfico 99 – Diminutivos em <i>-lh-</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo	628
Gráfico 100 – Diminutivos em <i>-c-</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo	629
Gráfico 101 – Diminutivos em <i>-l-</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo	630
Gráfico 102 – Diminutivos em <i>-ch-</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo	631
Gráfico 103 – Diminutivos em <i>-ulo, -culo</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo	632
Gráfico 104 – Diminutivos em <i>-sc-</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo	633
Gráfico 105 – Diminutivos em <i>-ejo</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo	634
Gráfico 106 – Diminutivos em <i>-iço</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo	635
Gráfico 107 – Diminutivos em <i>-im</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo	636
Gráfico 108 – Diminutivos em <i>-ebre</i> em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo	637

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – As terminações diminutivas em latim, a partir de Saraiva (2000 [1881¹]):

total de exemplos por sufixo e representação percentual 90

LISTA DE ABREVIATURAS

adj. – adjetivo

b.-lat. – baixo latim

c. – cerca

cat. – catalão

cf. – confira, confronto

dim. – diminutivo

esp. – espanhol

esp. a. – espanhol antigo

esp. m. – espanhol moderno

fr. – francês

fr. a. – francês antigo

f. – feminino

ibid. – *ibidem* ‘na mesma obra’

it. – italiano

lat. – latim

lat. hsp. – latim hispânico

lat. clás. – latim clássico

lat. vulg. – latim vulgar

loc. cit. – *loco citato* ‘no lugar citado’

m. – masculino

n. – neutro

op. cit. – *opus citatum* ‘obra citada’, *opere citato* ‘na obra citada’

p. – página

port. – português

prov. – provençal

séc. – século

tb. – também

vol., vols. – volume, volumes

LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

AP – *Appendix Probi*

BYU – *Brigham Young University*

CETEMPúblico – *Corpus* de Extratos de Textos Eletrónicos MCT/Público

CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval

DLCV – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

GMHP – Grupo de Morfologia Histórica do Português

IPA – *International Phonetic Association*

IPA (The IPA) – *(The) International Phonetic Alphabet*

NEHiLP – Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa

PRP – Pró-Reitoria de Pesquisa

RAE – *Real Academia Española*

REW – *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*

RFP – Regras de Formação de Palavras

USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE SÍMBOLOS

(*X) – X é hipotético, não documentado

(X > Y) – X se transforma em Y

(X < Y) – X é resultado da transformação de Y

(X ◀) – X é empréstimo

(X → Y) – X deriva (morfologicamente) Y

(X ← Y) – X é derivado (morfologicamente) de Y

(X ~← Y) – X é derivado a partir da flexão de Y

(X →/ Y) – X deriva Y sem o emprego de prefixo ou sufixo

(X /← Y) – X é derivado de Y sem o emprego de prefixo ou sufixo

(X <~> Y) – X e Y são variações ortográficas; X e Y são a mesma palavra

(X [<~>] Y) – X e Y são variações ortográficas e fonéticas; X e Y são palavras diferentes

SUMÁRIO

VOLUME I

1 INTRODUÇÃO	34
<i>1.1 Modos de expressão do diminutivo em português</i>	34
1.1.1 Significação diminutiva expressa analiticamente	35
1.1.2 Significação diminutiva expressa sinteticamente	39
<i>1.2 O sufixo diminutivo em português: problemas de pesquisa e proposta de investigação</i>	40
1.3 Metodologia	54
1.3.1 Constituição e análise dos corpora	54
1.3.2 Representações ortográficas e fonéticas	62
1.3.3 Referências normativas	63
<i>1.3.3.1 Indicação das referências</i>	64
<i>1.3.3.2 Citações e notas</i>	67
1.3.4 Estabelecimento das porcentagens	68
<i>1.4 Estrutura da Tese</i>	69
<i>1.5 Concepções teóricas e conceitos principais</i>	71
2 O SUFIXO DIMINUTIVO EM LATIM	79
<i>2.1 O sufixo diminutivo do indo-europeu ao latim</i>	79
<i>2.2 O sufixo diminutivo em latim</i>	85
2.2.1 O sufixo diminutivo em latim clássico e em latim vulgar	95
<i>2.2.1.1 O diminutivo em latim clássico: o testemunho dos gramáticos latinos</i>	99
<i>2.2.1.1.1 O diminutivo no De Lingua Latina, de Varrão</i>	100
<i>2.2.1.1.2 O diminutivo em Instituta Artium, de Probo</i>	104
<i>2.2.1.1.3 O diminutivo na Ars Grammaticae, de Diomedes</i>	106
<i>2.2.1.1.4 O diminutivo na Ars Grammatica, de Donato</i>	110
<i>2.2.1.1.5 O diminutivo nas Institutiones Grammaticae, de Prisciano</i>	113
<i>2.2.1.2 O diminutivo em latim vulgar</i>	127
<i>2.2.1.2.1 Sufixos *-culus e *-ulus</i>	131
<i>2.2.1.2.2 Sufixo *-(e, i)plus</i>	132
<i>2.2.1.2.3 Sufixos *-cellus e *-ellus</i>	132

2.2.1.2.4 Sufixo *-illus	133
2.2.1.2.5 Sufixo *-inus	134
2.2.1.2.6 Sufixos *-iccus, *-icca, *-accus, *-occus e *-uc(c)us	135
2.2.1.2.7 Sufixos *-ittus e *-ottus	136
2.2.1.2.8 Sufixo *-o (*-onem)	136
3 O SUFIXO DIMINUTIVO DO LATIM VULGAR AO PORTUGUÊS: COM REFERÊNCIAS À MORFOLOGIA, SEMÂNTICA E PRODUTIVIDADE DOS DERIVADOS DESSES SUFIXOS EM ITALIANO, FRANCÊS, PROVENÇAL E EM ESPANHOL	138
3.1 O latim vulgar e a origem dos diminutivos românicos	138
3.2 O diminutivo do latim vulgar às línguas românicas	143
3.2.1 A formação dos diminutivos românicos: principais mudanças nos sistemas vocálico e consonântico do latim vulgar às línguas românicas	150
3.2.1.1 <i>Evolução das vogais tônicas do latim vulgar às línguas românicas ocidentais</i>	151
3.2.1.1.1 Vogal a	152
3.2.1.1.2 Vogal e	153
3.2.1.1.3 Vogal ê	154
3.2.1.1.4 Vogal i	155
3.2.1.1.5 Vogal o	156
3.2.1.1.6 Vogal ô	157
3.2.1.1.7 Vogal u	158
3.2.1.2 <i>Evolução das vogais átonas do latim vulgar às línguas românicas ocidentais</i>	160
3.2.1.2.1 Vogais postônicas	161
3.2.1.2.2 Vogais finais	162
3.2.1.3 <i>Evolução das consoantes mediais do latim vulgar às línguas românicas ocidentais</i>	166
3.2.1.3.1 Grupo de consoantes mistas -cl-	168
3.2.1.3.2 Consoantes simples -c-, -l- e -n-	171
3.2.1.3.3 Consoantes dobradas -cc-, -ll- e -tt-	183
3.3 Os sufixos diminutivos latino-vulgares e sua atuação nas línguas românicas: morfologia, semântica e produtividade	191
3.3.1 Derivados de *-ulu, *-ula	193
3.3.2 Derivados de *-ellu, *-ella	195
3.3.3 Derivados de *-culu, *-cula	198

3.3.4 Derivados de *-cellu, *-cella	201
3.3.5 Derivados de *-qlu, *-qla	205
3.3.6 Derivados de *-inu, *-ina	209
3.3.7 Derivados de *-one	212
3.3.8 Derivados de *-attu, *-ittu, *-itta, *-ottu	216
3.3.8.1 Derivados de *-attu	217
3.3.8.2 Derivados de *-ittu, *-itta	218
3.3.8.3 Derivados de *-ottu, *-otta	221
3.3.9 Derivados de *-accu, *-acca, *-eccu, *-ecca, *-iccu, *-icca, *-occu, *-occa, *-uccu, *-ucca	226
3.3.9.1 Derivados de *-iccu, *-icca	230
3.4 O diminutivo nas línguas românicas: características gerais de sua morfologia e de sua semântica	232
3.4.1 Características gerais da morfologia dos diminutivos nas línguas românicas	232
3.4.2 Caracterização semântica dos diminutivos nas línguas românicas	238
REFERÊNCIAS	242

VOLUME II

4 O SUFIXO DIMINUTIVO EM PORTUGUÊS ARCAICO	261
4.1 Os sufixos diminutivos em português no século XIII	263
4.1.1 O sufixo -inho e suas variações	264
4.1.1.1 <i>O sufixo -inho em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional</i>	268
4.1.1.1.1 O diminutivo -inho em contexto de vogal átona oral	269
4.1.1.1.2 O diminutivo -inho em contexto de consoante	270
4.1.1.1.3 O diminutivo -inho em contexto de ditongo oral	271
4.1.1.1.4 O diminutivo -inho em contexto de vogal nasal	272
4.1.1.2 <i>O sufixo -inho na relação entre o gênero do primitivo versus o gênero do derivado e classe de palavra do primitivo versus classe de palavra do derivado</i>	272
4.1.1.3 <i>O sufixo -inho em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	275
4.1.2 Sufixos em -t- e suas variações	277
4.1.2.1 <i>Sufixos em -t- em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional</i>	277

4.1.2.1.1 Os diminutivos em <i>-t-</i> em contexto de vogal átona oral	278
4.1.2.1.2 Os diminutivos em <i>-t-</i> em contexto de consoante	278
4.1.2.2 <i>Sufixos em -t- em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	279
4.1.3 Sufixos em <i>-lh-</i> e suas variações	279
4.1.3.1 <i>Sufixos em -lh- em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	280
4.1.4 Sufixos em <i>-l-</i> e suas variações	280
4.1.4.1 <i>Sufixos em -l- em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	280
4.1.5 Considerações preliminares	281
4.2 Os sufixos diminutivos em português no século XIV	282
4.2.1 O sufixo <i>-inho</i> e suas variações	283
4.2.1.1 <i>O sufixo -inho em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional</i>	286
4.2.1.1.1 O diminutivo <i>-inho</i> em contexto de vogal átona oral	287
4.2.1.1.2 O diminutivo <i>-inho</i> em contexto de ditongo nasal	287
4.2.1.2 <i>O sufixo -inho na relação entre o gênero do primitivo versus o gênero do derivado e classe de palavra do primitivo versus classe de palavra do derivado</i>	288
4.2.1.3 <i>O sufixo -inho em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	289
4.2.2 Sufixos em <i>-t-</i> e suas variações	290
4.2.2.1 <i>Sufixos em -t- em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	291
4.2.3 Sufixos em <i>-lh-</i> e suas variações	292
4.2.3.1 <i>Sufixos em -lh- em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	292
4.2.4 Sufixos em <i>-l-</i> e suas variações	292
4.2.4.1 <i>Sufixos em -l- em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	293
4.2.5 Considerações preliminares	293
4.3 Os sufixos diminutivos em português no século XV	294
4.3.1 O sufixo <i>-inho</i> e suas variações	295
4.3.1.1 <i>O sufixo -inho em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional</i>	300
4.3.1.1.1 O diminutivo <i>-inho</i> em contexto de vogal átona oral	300
4.3.1.1.2 O diminutivo <i>-inho</i> em contexto de consoante	302
4.3.1.1.3 O diminutivo <i>-inho</i> em contexto de ditongo oral	303
4.3.1.1.4 O diminutivo <i>-inho</i> em contexto de ditongo nasal	303
4.3.1.2 <i>O sufixo -inho na relação entre o gênero do primitivo versus o gênero do derivado e classe de palavra do primitivo versus classe de palavra do derivado</i>	304

4.3.1.3 O sufixo <i>-inho</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	306
4.3.2 Sufixos em <i>-t-</i> e suas variações	309
4.3.2.1 Sufixos em <i>-t-</i> em seus contextos de emprego: caracterização formal e <i>funcional</i>	310
4.3.2.1.1 Os diminutivos em <i>-t-</i> em contexto de vogal átona oral	310
4.3.2.2 Sufixos em <i>-t-</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	310
4.3.3 O sufixo <i>-ino</i> e suas variações	311
4.3.3.1 O sufixo <i>-ino</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	311
4.3.4 Sufixos em <i>-lh-</i> e suas variações	312
4.3.5 Sufixos em <i>-c-</i> e suas variações	312
4.3.5.1 Sufixos em <i>-c-</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	313
4.3.6 Sufixos em <i>-l-</i> e suas variações	313
4.3.6.1 Sufixos em <i>-l-</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	314
4.3.7 Sufixos em <i>-ch-</i> e suas variações	315
4.3.7.1 Sufixos em <i>-ch-</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	315
4.3.8 Os sufixos <i>-ulo</i> e <i>-culo</i> e suas variações	316
4.3.8.1 Os sufixos <i>-ulo</i> e <i>-culo</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	316
4.3.9 Sufixos em <i>-sc-</i>	316
4.3.9.1 Sufixos em <i>-sc-</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	317
4.3.10 O sufixo <i>-ejo</i>	317
4.3.10.1 O sufixo <i>-ejo</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	317
4.3.11 Considerações preliminares	318
5 O SUFIXO DIMINUTIVO EM PORTUGUÊS MODERNO	320
5.1 Os sufixos diminutivos em português no século XVI	320
5.1.1 O sufixo <i>-inho</i> e suas variações	324
5.1.1.1 O sufixo <i>-inho</i> em seus contextos de emprego: caracterização formal e <i>funcional</i>	328
5.1.1.1.1 O diminutivo <i>-inho</i> em contexto de vogal átona oral	328
5.1.1.1.2 O diminutivo <i>-inho</i> em contexto de consoante	335
5.1.1.1.3 O diminutivo <i>-inho</i> em contexto de ditongo oral	337
5.1.1.1.4 O diminutivo <i>-inho</i> em contexto de vogal nasal, ditongo nasal e vogal oral tônica	338
5.1.1.2 O sufixo <i>-inho</i> na relação entre o gênero do primitivo versus o gênero do derivado e classe de palavra do primitivo versus classe de palavra do derivado	339

5.1.1.3 O sufixo <i>-inho</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	342
5.1.2 Sufixos em <i>-t-</i> e suas variações	349
5.1.2.1 Sufixos em <i>-t-</i> em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional	351
5.1.2.2 Sufixos em <i>-t-</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	352
5.1.3 O sufixo <i>-ino</i> e suas variações	353
5.1.3.1 O sufixo <i>-ino</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	354
5.1.4 Sufixos em <i>-lh-</i> e suas variações	355
5.1.4.1 Sufixos em <i>-lh-</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	355
5.1.5 Sufixos em <i>-c-</i> e suas variações	356
5.1.5.1 Sufixos em <i>-c-</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	356
5.1.6 Sufixos em <i>-l-</i> e suas variações	357
5.1.6.1 Sufixos em <i>-l-</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	358
5.1.7 Sufixos em <i>-ch-</i> e suas variações	359
5.1.8 Os sufixos <i>-ulo</i> e <i>-culo</i> e suas variações	359
5.1.8.1 Os sufixos <i>-ulo</i> e <i>-culo</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	360
5.1.9 Sufixos em <i>-sc-</i>	360
5.1.9.1 Sufixos em <i>-sc-</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	361
5.1.10 O sufixo <i>-im</i>	361
5.1.10.1 O sufixo <i>-im</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	362
5.1.11 Considerações preliminares	362
5.2 Os sufixos diminutivos em português no século XVII	364
5.2.1 O sufixo <i>-inho</i> e suas variações	365
5.2.1.1 O sufixo <i>-inho</i> em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional	370
5.2.1.1.1 O diminutivo <i>-inho</i> em contexto de vogal átona oral	371
5.2.1.1.2 O diminutivo <i>-inho</i> em contexto de consoante	379
5.2.1.1.3 O diminutivo <i>-inho</i> em contexto de ditongo oral	382
5.2.1.1.4 O diminutivo <i>-inho</i> em contexto de vogal nasal, ditongo nasal e vogal oral tônica	384
5.2.1.2 O sufixo <i>-inho</i> na relação entre o gênero do primitivo versus o gênero do derivado e classe de palavra do primitivo versus classe de palavra do derivado	385
5.2.1.3 O sufixo <i>-inho</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	389
5.2.2 Sufixos em <i>-t-</i> e suas variações	394

5.2.2.1 Sufixos em -t- em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional	395
5.2.2.2 Sufixos em -t- em seus contextos de emprego: caracterização semântica	396
5.2.3 O sufixo -ino e suas variações	398
5.2.4 Sufixos em -lh- e suas variações	399
5.2.4.1 Sufixos em -lh- em seus contextos de emprego: caracterização semântica	399
5.2.5 Sufixos em -c- e suas variações	400
5.2.5.1 Sufixos em -c- em seus contextos de emprego: caracterização semântica	401
5.2.6 Sufixos em -l- e suas variações	402
5.2.6.1 Sufixos em -l- em seus contextos de emprego: caracterização semântica	403
5.2.7 Sufixos em -ch- e suas variações	404
5.2.7.1 Sufixos em -ch- em seus contextos de emprego: caracterização semântica	404
5.2.8 Os sufixos -ulo e -culo e suas variações	404
5.2.8.1 Os sufixos -ulo e -culo em seus contextos de emprego: caracterização semântica	405
5.2.9 Sufixos em -sc-	405
5.2.10 O sufixo -ejo	406
5.2.10.1 O sufixo -ejo em seus contextos de emprego: caracterização semântica	406
5.2.11 O sufixo -im	407
5.2.11.1 O sufixo -im em seus contextos de emprego: caracterização semântica	407
5.2.12 Considerações preliminares	408
5.3 Os sufixos diminutivos em português no século XVIII	409
5.3.1 O sufixo -inho e suas variações	416
5.3.1.1 O sufixo -inho em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional	420
5.3.1.1.1 O diminutivo -inho em contexto de vogal átona oral	421
5.3.1.1.2 O diminutivo -inho em contexto de consoante	425
5.3.1.1.3 O diminutivo -inho em contexto de ditongo oral	428
5.3.1.1.4 O diminutivo -inho em contexto de vogal nasal, ditongo nasal e vogal oral tônica	429
5.3.1.2 O sufixo -inho na relação entre o gênero do primitivo versus o gênero do derivado e classe de palavra do primitivo versus classe de palavra do derivado	430
5.3.1.3 O sufixo -inho em seus contextos de emprego: caracterização semântica	432
5.3.2 Sufixos em -t- e suas variações	436

5.3.2.1 Sufixos em -t- em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional	437
5.3.2.2 Sufixos em -t- em seus contextos de emprego: caracterização semântica	438
5.3.3 O sufixo -ino e suas variações	439
5.3.4 Sufixos em -lh- e suas variações	440
5.3.4.1 Sufixos em -lh- em seus contextos de emprego: caracterização semântica	440
5.3.5 Sufixos em -c- e suas variações	441
5.3.5.1 Sufixos em -c- em seus contextos de emprego: caracterização semântica	442
5.3.6 Sufixos em -l- e suas variações	443
5.3.6.1 Sufixos em -l- em seus contextos de emprego: caracterização semântica	444
5.3.7 Sufixos em -ch- e suas variações	445
5.3.8 Os sufixos -ulo e -culo e suas variações	445
5.3.8.1 Os sufixos -ulo e -culo em seus contextos de emprego: caracterização semântica ...	446
5.3.9 Sufixos em -sc-	447
5.3.9.1 Sufixos em -sc- em seus contextos de emprego: caracterização semântica	447
5.3.10 O sufixo -ejo	448
5.3.10.1 O sufixo -ejo em seus contextos de emprego: caracterização semântica	448
5.3.11 Considerações preliminares	449
5.4 Os sufixos diminutivos em português no século XIX	451
5.4.1 O sufixo -inho e suas variações	456
5.4.1.1 O sufixo -inho em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional	460
5.4.1.1.1 O diminutivo -inho em contexto de vogal átona oral	461
5.4.1.1.2 O diminutivo -inho em contexto de consoante	467
5.4.1.1.3 O diminutivo -inho em contexto de ditongo oral	471
5.4.1.1.4 O diminutivo -inho em contexto de vogal nasal, ditongo nasal e vogal oral tônica	474
5.4.1.2 O sufixo -inho na relação entre o gênero do primitivo versus o gênero do derivado e classe de palavra do primitivo versus classe de palavra do derivado	476
5.4.1.3 O sufixo -inho em seus contextos de emprego: caracterização semântica	481
5.4.2 Sufixos em -t- e suas variações	485
5.4.2.1 Sufixos em -t- em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional	486
5.4.2.1.1 Os diminutivos em -t- em contexto de vogal átona oral	487

5.4.2.1.2 Os diminutivos em <i>-t-</i> em contexto de consoante	489
5.4.2.1.3 Os diminutivos em <i>-t-</i> em contexto de ditongo oral	489
5.4.2.1.4 Os diminutivos em <i>-t-</i> em contexto de vogal nasal, ditongo nasal e vogal oral tónica	490
5.4.2.2 <i>Sufixos em -t- em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	493
5.4.3 O sufixo <i>-ino</i> e suas variações	496
5.4.4 Sufixos em <i>-lh-</i> e suas variações	496
5.4.4.1 <i>Sufixos em -lh- em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	497
5.4.5 Sufixos em <i>-c-</i> e suas variações	499
5.4.5.1 <i>Sufixos em -c- em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional</i>	500
5.4.5.2 <i>Sufixos em -c- em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	501
5.4.6 Sufixos em <i>-l-</i> e suas variações	503
5.4.6.1 <i>Sufixos em -l- em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	504
5.4.7 Sufixos em <i>-ch-</i> e suas variações	506
5.4.7.1 <i>Sufixos em -ch- em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	507
5.4.8 Os sufixos <i>-ulo</i> e <i>-culo</i> e suas variações	508
5.4.8.1 <i>Os sufixos -ulo e -culo em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i> ...	509
5.4.9 Sufixos em <i>-sc-</i>	511
5.4.9.1 <i>Sufixos em -sc- em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	512
5.4.10 O sufixo <i>-ejo</i>	513
5.4.10.1 <i>O sufixo -ejo em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	514
5.4.11 O sufixo <i>-iço</i>	515
5.4.11.1 <i>O sufixo -iço em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	516
5.4.12 O sufixo <i>-im</i>	517
5.4.12.1 <i>O sufixo -im em seus contextos de emprego: caracterização semântica</i>	517
5.4.13 O sufixo <i>-ebre</i>	518
5.4.14 Considerações preliminares	519
5.5 Os sufixos diminutivos em português no século XX	520
5.5.1 O sufixo <i>-inho</i> e suas variações	525
5.5.1.1 <i>O sufixo -inho em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional</i>	531
5.5.1.1.1 <i>O diminutivo -inho em contexto de vogal átona oral</i>	531
5.5.1.1.2 <i>O diminutivo -inho em contexto de consoante</i>	537

5.5.1.1.3 O diminutivo <i>-inho</i> em contexto de ditongo oral	540
5.5.1.1.4 O diminutivo <i>-inho</i> em contexto de vogal nasal, ditongo nasal e vogal oral tônica	544
5.5.1.2 O sufixo <i>-inho</i> na relação entre o gênero do primitivo versus o gênero do derivado e classe de palavra do primitivo versus classe de palavra do derivado	546
5.5.1.3 O sufixo <i>-inho</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	551
5.5.2 Sufixos em <i>-t-</i> e suas variações	556
5.5.2.1 Sufixos em <i>-t-</i> em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional	558
5.5.2.1.1 Os diminutivos em <i>-t-</i> em contexto de vogal átona oral	559
5.5.2.1.2 Os diminutivos em <i>-t-</i> em contexto de consoante	560
5.5.2.1.3 Os diminutivos em <i>-t-</i> em contexto de ditongo oral	561
5.5.2.1.4 Os diminutivos em <i>-t-</i> em contexto de vogal nasal, ditongo nasal e vogal oral tônica	562
5.5.2.2 Sufixos em <i>-t-</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	565
5.5.3 O sufixo <i>-ino</i> e suas variações	568
5.5.4 Sufixos em <i>-lh-</i> e suas variações	568
5.5.4.1 Sufixos em <i>-lh-</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	570
5.5.5 Sufixos em <i>-c-</i> e suas variações	571
5.5.5.1 Sufixos em <i>-c-</i> em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional	571
5.5.5.2 Sufixos em <i>-c-</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	574
5.5.6 Sufixos em <i>-l-</i> e suas variações	575
5.5.6.1 Sufixos em <i>-l-</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	577
5.5.7 Sufixos em <i>-ch-</i> e suas variações	579
5.5.7.1 Sufixos em <i>-ch-</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	580
5.5.8 Os sufixos <i>-ulo</i> e <i>-culo</i> e suas variações	581
5.5.8.1 Os sufixos <i>-ulo</i> e <i>-culo</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	582
5.5.9 Sufixos em <i>-sc-</i>	583
5.5.9.1 Sufixos em <i>-sc-</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	584
5.5.10 O sufixo <i>-ejo</i>	586
5.5.10.1 O sufixo <i>-ejo</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	587
5.5.11 O sufixo <i>-iço</i>	588
5.5.11.1 O sufixo <i>-iço</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	588

5.5.12 O sufixo <i>-im</i>	589
5.5.12.1 O sufixo <i>-im</i> em seus contextos de emprego: caracterização semântica	590
5.5.13 O sufixo <i>-ebre</i>	591
5.5.14 Considerações preliminares	591
6 CONCLUSÕES	594
6.1 Dos sufixos diminutivos em geral	595
6.2 Dos sufixos diminutivos particulares	610
6.2.1 O sufixo <i>-inho</i> e suas variações	611
6.2.2 Sufixos em <i>-t-</i> e suas variações	619
6.2.3 O sufixo <i>-ino</i> e suas variações	626
6.2.4 Sufixos em <i>-lh-</i> e suas variações	627
6.2.5 Sufixos em <i>-c-</i> e suas variações	628
6.2.6 Sufixos em <i>-l-</i> e suas variações	630
6.2.7 Sufixos em <i>-ch-</i> e suas variações	631
6.2.8 Os sufixos <i>-ulo</i> e <i>-culo</i> e suas variações	632
6.2.9 Sufixos em <i>-sc-</i> e suas variações	633
6.2.10 O sufixo <i>-ejo</i>	634
6.2.11 O sufixo <i>-iço</i> e suas variações	635
6.2.12 O Sufixo <i>-im</i> e suas variações	636
6.2.13 O Sufixo <i>-ebre</i>	637
6.3 Considerações finais	637
REFERÊNCIAS	639

VOLUME III

APÊNDICE A – ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS PARA A CONSTITUIÇÃO, ORGANIZAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DOS <i>CORPORA</i>	645
APÊNDICE B – DIMINUTIVOS EM TEXTOS PORTUGUESES DO SÉCULO XIII AO XX	656
APÊNDICE Ba – Os sufixos diminutivos em português no século XIII	657
APÊNDICE Bb – Os sufixos diminutivos em português no século XIV	660
APÊNDICE Bc – Os sufixos diminutivos em português no século XV	662
APÊNDICE Bd – Os sufixos diminutivos em português no século XVI	667
APÊNDICE Be – Os sufixos diminutivos em português no século XVII	683

<i>APÊNDICE Bf – Os sufixos diminutivos em português no século XVIII</i>	714
<i>APÊNDICE Bg – Os sufixos diminutivos em português no século XIX</i>	725
<i>APÊNDICE Bh – Os sufixos diminutivos em português no século XX</i>	800
REFERÊNCIAS	909

1 INTRODUÇÃO

O sufixo diminutivo é um tema que sempre foi objeto da atenção dos estudiosos da linguagem no Ocidente. Entre os gregos, por exemplo, encontramos-lo em Aristóteles (1999 [1990¹; 360-335 a. C.¹], p.497) e em Dionísio Trácio (2002 [170-90 a. C.¹]), o qual concebe o nome diminutivo (‘υποκοριστικόν) como um derivado (παράγωγων), isto é, um nome formado a partir de outro chamado primitivo (πρωτότυπον): “Υποκοριστικόν δέ έστι τό μείωσις τοῦ πρωτοτύπου άσυγκρίτως δηλοῦν, ὡν (άνθρωπίσκος λίθαζ μειρακόλλιον) (*op. cit.*, p.55, destaques nossos) [Diminutivo é o [nome] que expressa uma diminuição do primitivo sem comparação, como *homenzinho, pedrinha, jovenzito* (*op. cit.*, p.55, tradução nossa, destaques nossos). Entre os gramáticos da língua latina, também foi alvo da atenção de Varrão, Donato, Prisciano, dentre outros (cf. próximo capítulo, seção 2.2.1.1). No âmbito da língua portuguesa, raro é encontrar alguma gramática, manual de ortografia ou dicionário que não tenham contemplado esse tema desde o longínquo século XVI.

1.1 Modos de expressão do diminutivo em português

Ao longo desse tempo, nessas línguas, quando se aborda o tema *diminutivo* está-se descrevendo, quase sempre, o emprego de determinadas estruturas morfológicas que se acrescentam à parte final da palavra (com ou sem modificação desta), dando origem a uma nova palavra, a qual, quando comparada com a palavra que recebeu essa estrutura morfológica, possui um significado que apresenta uma ‘idéia’ de *diminuição*, cuja referência pode ser o espaço físico (altura ou largura), uma qualidade ou característica, uma quantidade etc..

Para determo-nos, apenas, no latim e no português, eis alguns exemplos adaptados de Saraiva (2000 [1881¹]):

Āgnēllā, ae (s.f.) = cordeirinha (p.51) ← *Āgnā, ae* (s.f.) = cordeira, ovelha nova (p.51)

Bāccūllā, ae (s.f.) = baguinha, baguinho, grãozinho (p.137) ← *Bāccā, ae* (s.f.) = baga, os fructos miudos e os grãos das arvores e arbustos (p.136)

Cīstūllā, ae (s.f.) = dimin. de *Cīsta*. Cestinha, açafatinho, cabazinho (p.227) ← *Cīstā, ae* (s.f.) = cesta, cabaz, açafate (p.227)

Fāscīcūlūs, ī (s.m.) = dimin. de *Fascis*. Molhinho, feixinho, fasciculo (p.474) ←
Fāscīs, īs (s.m.) = feixe, molho; grupo, ajuntamento (p.475)

Hērbūlā, ae (s.f.) = dimin. de *Herba*. Hervinha (p.548) ← *Hērbā, ae* (s.f.) = herva,
 relva (p.547)

Lāmēllā, ae (s.f.) = dimin. de *Lamina*. Laminazinha, chapinha (de metal) (p.658) ←
Lāmīnā, ae (s.f.) = lamina (de metal) (p.658)

Mōllīcūlūs, ā, ūm (adj.) = dimin. de *Mollis*. Brandinho, delicadinho; gentilzinho
 (p.748) ← *Mōllīs, ē* (adj.) = brando, flexível, mole; tímido, sensível (p.748)

Pīnguīcūlūs, ā, ūm (adj.) = dimin de *Pinguis*. Gordinho, gostozinho (p.901) ←
Pīnguīs, ē (adj.) = gordo, nutrido; cheio (p.901)

Scītūlūs, ā, ūm (adj.) = dimin. de *Scitus I*. Lindinho, delicadinho, bonitinho (p.1071)
 ← 1 *Scītūs, ā, ūm* (adj.) = sabido, conhecido, notório; habil, esperto; lindo, bonito,
 gentil, delicado (p.1072)

Ao lado desse dispositivo de acrescentar sufixos a uma palavra para obter outra com significação diminutiva, as línguas possuem, também, outros mecanismos que são capazes de desempenhar a mesma função dos sufixos diminutivos. Limitando-nos, agora, somente à língua portuguesa, podemos reduzi-los a dois tipos: a) *mecanismos de formação analítica*; b) *mecanismos de formação sintética*. A seguir, caracterizaremos cada um deles.

1.1.1 Significação diminutiva expressa analiticamente

O diminutivo é expresso analiticamente quando se empregam duas ou mais palavras com significação sinônima à de uma palavra formada por sufixo diminutivo, como podemos depreender das seguintes palavras de Said Ali (1964 [1931¹], p.54-55; cf. tb. ROCHA LIMA, 1985 [1957¹], p.80-81; CUNHA, 1986 [1972¹], p.208; BECHARA, 2009 [1961¹], p.140)¹:

¹ No trecho que aqui vai citado, o autor está descrevendo, apenas, o diminutivo nos substantivos. Mas tanto ele como os outros que citamos – e como teremos a oportunidade de demonstrar mais detidamente ao longo de nossa pesquisa – indicam que palavras de outras classes também podem ser encontradas expressando a diminuição, tanto analítica quanto sinteticamente.

Querendo significar que certo ente possui dimensões notavelmente inferiores às que deveria ter segundo o conceito médio que formamos de outros seres congêneres, dizemos o respectivo nome seguido de um qualificativo apropriado ou juntamos ao nome um sufixo de função diminutiva [...].

Nesse sentido, é quase sempre possível a conversão de um diminutivo analítico em um diminutivo sintético do tipo sufixal².

A depender das classes de palavra envolvidas, diversas são as estruturas empregadas para expressar o diminutivo analiticamente. Assim, podemos ter (não necessariamente nessa ordem): *substantivo e adjetivo*; *substantivo, advérbio e adjetivo*; *advérbio* (ou *expressão com valor adverbial*) e *adjetivo*; *advérbio* (ou *expressão com valor adverbial*) e *advérbio*; *pronome e adjetivo* etc.. As duas primeiras estruturas podem ter como correspondente sintético sufixal um substantivo; a seguinte, um adjetivo; as duas outras, respectivamente, um advérbio e um pronome.

² Há situações em que essa conversão parece não ser muito adequada (ou necessita de uma maior alteração na estrutura do texto que não só a substituição da estrutura analítica pelo substantivo diminutivo), sendo a significação diminutiva mais bem expressa pela forma analítica que pela sintética. É o que vemos, por exemplo, nos trechos a seguir (destaques nossos), retirados a partir do *Corpus* do Português: “Mas todos quantos eram na corte del rei se faziam maravilhados de como a viam peiorar en cada hûu dya e como è **tam pequeno tempo** era decida de toda sua fremosura.” (*Crónica Geral de Espanha de 1344* – século XIV) — “Cousa foi maravilhosa de ver em **quam pouco espaço** tomaram ho moço e lhe amarraram os braços atras com hûa corda e ho estenderam de barriga com as coxas descubertas, e poseram se dous algozes, hû de hûa banda e outro d’outra cõ os pees feitos avante e cõ os açoutes a pôto pera darem lhe os açoutes que lhe mãdassem dar.” (*Enformação das cousas da China*, 1520 – século XVI) — “El-rey faleceo sem pay, nem mãy, sem filho nem filha, sem yrmão nem yrmaã e ainda com muito poucos, fora de Portugal no reyno do Algarve em Alvor **muyto pequeno lugar**.” (*Vida e feitos d’el-rey Dom João Segundo*, 1533 – século XVI) — “E como nesta segurança de que ele quis usar o maior risco era sua fazenda, e não em cousas de que podesse dar conta que tivera **pouco resguardo** em se confiar, no tempo que andaram estes recados de suas vistas [...]” (*Décadas da Asia (Década Primeira, Livros I-X)* – século XVI) — “Diogo Lopes, vendo que todolos fundamentos de sua ida àquela ilha acabavam em **tam pouco fructo**, como lhe o tempo serviu, pôs o rosto na Índia, correndo porém ao longo da costa da ilha por tomar algum porto, onde se informasse das cousas que havia na terra.” (*Décadas da Asia (Década Segunda, Livros I-X)* – século XVI). — Assim, mesmo que as formações em destaque não possam ser substituídas, nessa mesma ordem, por exemplo, por *tempinho*, *espacinho*, *lugarzinho*, *resguardinho* e *frutinho*, não nos resta dúvida que suas significações equivalem, respectivamente, às significações destas palavras.

Nos trechos que seguem (destaques nossos), retirados de textos portugueses dos séculos XIV e XVI presentes no *Corpus* do Português, temos alguns exemplos de formações analíticas que equivalem a substantivos diminutivos:

E ouveron delles vista cento e cincoeenta cavaleiros mouros d'Exarez e sayron a elles e teverõnos mui apertados en hûu **outeiro pequeno**. (*Crónica Geral de Espanha de 1344* – século XIV).

Et desde **moço pequeno** fuj leal et uerdadeyro et ia mays nûca soube fazer nê treyç'õ nê engãno. (*Cronica Troyana*, 1388 – século XIV).

E disse que se manteue de bichos que naçem // dentro de pao podre de palmitos spectando os em hûu **pao delgado** e leixou os secar ao sol e os comia / E estes bichos som grandes como hûu grande dedo de homem. (*Códice Valentim Fernandes*, 1506-1510 – século XVI).

Nesses exemplos, temos formações de *substantivos* e *adjetivos* que podem ser substituídas, sem prejuízos ao significado dos respectivos textos, por *outeirinho*, *mocinho* e *paozinho*. Em outros, podemos encontrar como parte da estrutura analítica, além dessas duas classes, também um advérbio, o que reforça mais ainda a significação diminutiva de toda a estrutura, conforme vemos nos exemplos abaixo (destaques nossos):

Cõmo Taltabios, uasalo d'Agamen'õ, leou a Orestes, ffillo de seu sseñor, a el rrey Idamedés, que o criasse Conta a estoria que este rrey Agamen'õ auía hû fillo de Climestra, sua moller, mays era eýnda **moço moy pequeno** [...]. (*Cronica Troyana*, 1388 – século XIV).

Sae della hû Rio pequeno pello qual vaõ lá ter barcos, Tem esta lagoa hû bocal neste **Rio tão estreito** que apenas cabe hû barco por ele [...]. (*Tractado da prouinçia do Brasil*, 1570? – século XVI).

Todas estas fruitas som de **casca muy delgada** como lombo de hûa faca e tem tanto çumo que nom he pera crer [...]. (*Códice Valentim Fernandes*, 1506-1510 – século XVI).

Mas o nosso grande físico das almas nunca deu **mais leve penitência**, imitando, sem dúvida, a condição daquele que, mandando pisar os leões e os dragões, tão brando põe por outra parte os pés sobre a cana rachada, que a não acaba de quebrar. (*Historia da vida do Padre S. Francisco Xavier*, 1600 – século XVI).

As estruturas destacadas, em cada um dos trechos citados, poderiam, a nosso ver, também ser substituídas por substantivos formados por sufixos diminutivos – sem que quaisquer alterações ocorressem em suas significações –, a exemplo de *mocinho*, *riozinho*, *casquinha* e *penitenciazinha*, respectivamente.

Vejamos, também, a partir dos trechos a seguir, encontrados no *Corpus* do Português (destaques nossos), alguns exemplos de estruturas adjetivas e adverbiais portadoras de significação diminutiva que podem ser substituídas, respectivamente, por adjetivos e por advérbios diminutivos:

Replicou o marido que todavia os trouxesse porque, de qualquer maneira que fosse, não queria que lhe ficassem em caza. E assim ella **algum tanto envergonhada** os tirou e poz com os outros, dos quaes esperavão nesta vida saude, riquezas e prosperidades e na outra a salvação, e os entregarão nas mãos do Irmão para que fizesse delles [a] justiça que merecião, que era serem publicamente queimados. (*Historia do Japam* 3, 1560-1580 – século XVI).

Entra o Estio, Pa figura muito longa e muito enferma, **muito magra** com Pa capela de palha, dizendo: Terrible fiebre ifimera hética y fiebre podrida me traen seca la vida acosándome que muera [...]. (*Obra completa* [de Gil Vicente] (N-Z) – século XVI).

Ha que nem este real nos veo ter á mão, louuado seja Deos com tudo, & assi ficou **hum pouco agastada**, porem nam lhe durou, que no mesmo instante, como era boa molher, ainda que a pedra era tam pequena, que para ferir lume lhe pareceo que nam prestaua, auendo respeito, que o real era gastado em obra de charidade, & em fazer paz entre dous fi-lhos [...]. (*Contos & historias de proveito & exemplo*, 1575 – século XVI).

Et eu jazendo assý dormido, chegou a mj Mercurios cõ tres diosas. Hũa era Vjno et outra Uenus et outra Minerua. Et chamoume **moy passo** tres uezes ata que me despertou [...]. (*Cronica Troyana*, 1388 – século XIV).

[...] estando el-Rei D. João, o segundo, em Benavente, aos montes, pondo-se um dia à mesa a jantar **um pouco cedo** pera se logo poer a cavalo e ir ao monte, sendo D. Francisco presente à mesa com outros muitos fidalgos, perguntou-lhe el-Rei, se havia de ir com ele a monte [...]. (*Décadas da Asia* (*Década Segunda*, *Livros I-X*) – século XVI).

Nos três primeiros trechos acima, as estruturas destacadas poderiam ser substituídas pelos adjetivos *envergonhadinha*, *magrinha* e *agastadinha* ‘um pouco irritada’, nesta ordem; já as estruturas *moy passo* e *um pouco cedo*, encontradas nos dois trechos seguintes, correspondem, respectivamente, aos advérbios *passinho* ‘calmamente’ e *cedinho*³.

1.1.2 Significação diminutiva expressa sinteticamente

A expressão do diminutivo pelo mecanismo de formação sintética tem no emprego do sufixo a sua mais importante representação. Esta, no entanto, não é única possibilidade existente. Em Alves (In: RODRIGUES & ALVES, 2015, p.39-40), por exemplo, são identificadas algumas palavras que denotam significação diminutiva formadas com as estruturas *sub-*, *mini-* e *micro-*⁴, tais como “[...] *subconsciente*, *subdelírio*, que denotam ‘quase consciente’, ‘quase em delírio’, respectivamente [...]”, *miniparque*, *minissaia*, nos quais, segundo a autora, *mini-* tem a significação de ‘muito pequeno’, e na palavra “[...] *microrregião*, que pode ser parafraseada por uma “região de pequeníssimas dimensões”. Além delas, poderíamos acrescentar, ainda, a forma *hipo-*, presente em muitas palavras, principalmente na linguagem técnica de determinadas profissões. Eis alguns exemplos retirados de Houaiss & Villar (2001):

³ Em pesquisa junto ao *Corpus* do Português, encontramos, pela primeira vez, esses advérbios, respectivamente, em textos dos séculos XVI e XVII, conforme segue: “Vai-lhe abrir. Senhor Doutor verdadeiro é vosso amor pois vos traz per tal caminho sobireis muito **passinho** e vinde por onde eu for entrai vós e a vara nam que nam quero que cá prenda. Doutor Sí que es vara de condón que me da gruesa hacienda y aunque ella poco me rienda dame mucha ocasión. Moça Nam tussais màora agora. Doutor Aquí amasáis señora? Moça Senhor si. Doutor Y adónde dormís? Moça Falai vós **passinho** ouvis ou vos tornai pera fora tirai a loba e dai-ma cá luvas e sombreiro e tudo e a beca de veludo que tudo se guardará e entam fazei-vos mudo [...]” (*Obra completa* [de Gil Vicente] (N-Z) – século XVI) — “Por isso disse o “Eclesiastes”: Ai de ti, ó terra cujos governadores almoçam **cedinho**: Væ tibi, terra, cujus principes manè comedunt [...]” (*Nova Floresta*, 1688 – século XVII).

⁴ A autora chama, ao longo de seu estudo, essas estruturas morfológicas de prefixo, advertindo (*op. cit.*, p.17) que essa nomenclatura não é consenso nem no âmbito da língua portuguesa, nem no das línguas românicas: “O conceito de prefixo, morfema que se antepõe a uma base, não é consensual, como se sabe, nas gramáticas e nos dicionários da língua portuguesa. Os elementos considerados prefixais, diferentemente classificados segundo os autores, são algumas vezes incluídos entre as formações derivadas, outras vezes entre as formações compostas. Essa oscilação classificatória não se restringe à língua portuguesa e é comum às demais línguas românicas”. — O emprego dos prefixos para formar palavras com significação de diminuição também é destacado por Rio-Torto (1993, vol. I, p.45; p.49).

hiposmia “baixa sensibilidade olfativa”

hipossensibilidade “sensibilidade menor que a normal, esp. quanto a estímulos externos; pouca reação a alérgenos”

hipossuficiente “diz-se de ou pessoa de poucos recursos econômicos, que não é autossuficiente”

hipotensão “pressão inferior à normal, esp. no interior de um órgão do corpo ou num sistema orgânico”

hipotrofia “estado ou processo de crescimento ou desenvolvimento subnormal de qualquer coisa”

O uso dessas estruturas, no entanto, parece não ter tido grande produtividade ao longo da história da língua portuguesa, ao contrário das formações analíticas e das sufixais.

Assim, apresentadas as principais formas sob as quais se expressa a significação diminutiva em língua portuguesa, passaremos a apresentar os principais fatos que motivam este nosso estudo sobre os sufixos diminutivos em português.

1.2 O sufixo diminutivo em português: problemas de pesquisa e proposta de investigação

O diminutivo português expresso por meio do emprego de um sufixo⁵ – não obstante seja um mecanismo que lhe transmitira a língua latina, sendo já encontrado desde os textos escritos ao longo de seus primeiros séculos como língua escrita (séculos XII e XIII) – ainda é um tema muito pouco conhecido. E isso se aplica não só aos seus três primeiros séculos como

⁵ Em 1.1.1, apresentamos alguns exemplos em que se dá a indicação do diminutivo em português por meio da combinação de palavras, dando origem ao que lá chamamos de diminutivo analítico. Aqui, queremos observar que também é possível combinar o diminutivo sintético expresso por sufixo com um adjetivo, por exemplo, e, assim, temos um *diminutivo sintético-analítico*, tal como ocorre nos seguintes exemplos, todos encontrados junto ao *Corpus* do Português, em textos do século XIX: *chuvinha miúda*; *graciosa criadinha*; *ténue* ou *leve nuvenzinha*; *débil mãozinha*; *pequena mãozinha*; *tesourinha curta*; *cinturinha delicada*; *carinha miúda*; *aragemzinha branda*; *cabritinha nova*; *anelinhos pequenos*; *letrinha microscópica* etc..

língua escrita (séculos XIII a XV)⁶, mas também ao período compreendido entre os séculos XVI e XX.

⁶ A questão de quando teriam surgido os primeiros textos escritos em língua portuguesa está, nas últimas décadas, constantemente sendo revista. Assim, por exemplo, Avelino de Jesus Costa (COSTA, 1992 [1979¹], p.3 [documento não paginado; p.171 do texto original]) refuta a ideia de que os primeiros textos portugueses sejam do século XII, conforme segue: “Até 1957, o *Auto de partilhas* foi tido unanimemente como o mais antigo texto português (não literário) provido de data, e, como tal, citado ou transcrito em todas as obras portuguesas e estrangeiras, que tratam do português arcaico. — Em Fevereiro daquele ano, ao fazer o estudo crítico de vários documentos nas aulas práticas de Paleografia e Diplomática, apresentei aos alunos fotocópia do referido *Auto*, mostrando-lhes que, atendendo aos caracteres paleográficos da escrita e ao português em que estava redigido, não podia ser um documento original de 1192 mas um texto dos fins do séc. XIII ou princípios do XIV. Não podia, por conseguinte, ser apresentado como o texto português mais antigo, porque o escriba devia ter traduzido para a linguagem do seu tempo a parte dispositiva do diploma original, mantendo o latim apenas na introdução, na data e nas subscrições”. Mais adiante (*op. cit.*, p.25 [documento não paginado; p.194 do texto original]), citando Corrêa de Oliveira e Saavedra Machado (1967 [1964¹]), afirma serem do início do século XIII os dois primeiros textos escritos em português: “A ‘Notícia de torto’ (antes de 1211?) e o ‘Testamento de D. Afonso II’ (1214), cuja autenticidade é unanimemente reconhecida, têm-se, portanto, como os dois mais antigos textos, não literários, em português”. — A descoberta de novos textos ou a reanálise de textos já conhecidos novamente recuou essa data para a segunda metade do século XII, como vemos em Souto Cabo (2003, p.330): “Como se sabe, falar nos primeiros textos romances galego-portugueses implicava, até não há muito tempo, referência imprescindível ao *Testamento de Afonso II* e à *Notícia de Torto*, ambos pertencentes à segunda década do séc. XIII. Estes dois testemunhos apareciam cronologicamente isolados, já que o seguinte vinha constituído por duas cartas de foro de 1255, outorgadas por D. Afonso III aos moradores de Telões de Aguiar e Condudo (Duarte 1986: 68-84). Sucessivas pesquisas levadas a cabo nos últimos anos permitiram preencher esse hiato cronológico e fazer recuar à segunda metade do século XII os primeiros registos escritos do galego-português”. De acordo com Martins (1999, p.492 *apud* EMILIANO, 2003, p.261) – reafirmado em Martins (2004, p.6 [texto não paginado]) –, por exemplo, é de 1175 o primeiro texto datado escrito em português: “É também ‘notícia’ o documento mais antigo, em português, que pude localizar. Pertencente ao fundo documental do mosteiro de S. Cristóvão de Rio Tinto, tem a data de 1175 e é uma ‘notícia de fiadores’ de Pelagio Romeu, ou Paio Soares Romeu, um dos senhores de Paiva, família nobre com assento nos livros de linhagens [...]”. Diante do exposto, vemos que essa é uma questão ainda em aberto. — Como o nosso estudo visa a abordar o sufixo diminutivo em português no período compreendido entre os séculos XIII e XX – e não há dúvidas que no século XIII já havia textos escritos em português, ou seja, com essas novas discussões sobre a origem dos primeiros textos em galego-português, o que se procura não é negar a existência desses textos no século XIII, mas recuar essa data para o (último quartel do) século XII –, essa discussão não é imprescindível para o desenvolvimento desta pesquisa, embora importante para quem se dedica ao estudo da história da língua portuguesa em sua perspectiva linguística, tal qual é a investigação que aqui desenvolvemos. Assim, é-nos suficiente saber que o século XIII já registrava textos escritos em português.

É verdade que, ao analisar diversos instrumentos linguísticos, como gramáticas (descritivas e históricas), manuais de ortografia e dicionários, encontramos sempre esse tema entre os contemplados em tais obras. Mais recentemente – principalmente a partir da segunda metade do século XX – também tem sido alvo de vários outros estudos, sob a forma de artigos, dissertações e teses.

Desse modo, quando afirmamos que ele é um tema pouco conhecido, vemos que isso não se deve à ausência de estudos sobre o tema, mas à forma como ele é abordado. Assim, por exemplo, os estudos feitos em perspectiva diacrônica ou histórica geralmente se limitam à apresentação da forma latina a partir da qual determinada forma existente em português foi originada – ou seja, indicam-se o *terminus a quo* e o *terminus ad quem* – e o respectivo significado (cf. LEONI, 1858; ALLEN JR., 1941; COUTINHO, 1976 [1938¹]). Assim, não se descreve o processo, isto é, as mudanças que ocorreram para que o sufixo latino adquirisse a forma românica, em especial a portuguesa. Com isso, inexistem estudos que descrevam os sufixos diminutivos em português ao longo da história dessa língua – isto é, que comparem as diferentes sincronias –, objetivando caracterizá-los em seus aspectos formais, funcionais e semânticos.

Por outro lado, encontram-se descrições nas quais não é possível identificar a sincronia a que fazem referência, ou seja, nesses casos os sufixos diminutivos em português são descritos sem que seja explicitado quando eles ocorreram e/ou se continuam ocorrendo em língua portuguesa, tratando fatos linguísticos pertencentes a sincronias diferentes como se fossem de uma mesma sincronia ou como se eles se repetissem em diferentes sincronias.

Talvez o exemplo que mais bem retrate isso que dissemos seja a apresentação de um quadro como o que segue – proposto por Cunha & Cintra (2001 [1985¹], p.91)⁷ –, o qual, segundo os autores (*loc. cit.*), contém os principais sufixos diminutivos empregados em português⁸:

⁷ No âmbito das gramáticas normativas, não é exclusividade de Cunha & Cintra (*loc. cit.*) a adoção de tal postura. Também a encontramos, por exemplo, em Fonseca (1799, p.25-26), Barboza (1830 [1822¹], p.120-122, Ribeiro (1881, p.90-92), Pereira (1907, p.68; p.140-141; p.160; p.166), Said Ali (1923, p.54; p.153) e em Bechara (*op. cit.*, p.362-363).

⁸ Além desses sufixos, esses autores ainda destacam (cf. *op. cit.*, p.94) a existência de outros sufixos diminutivos – os chamados sufixos eruditos –, a saber *-ulo (-ula)* e *-culo (-cula)*, exemplificando com palavras como *corpúsculo*, *nótula*, *febrícula*, *glóbulo*, *homúnculo*, *questiúncula* etc..

Quadro 1 – Principais sufixos diminutivos portugueses, segundo Cunha & Cintra (2001 [1985¹], p.91)

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-inho, -a	toquinho, vozinha	-elho, a	folhelho, rapazelho
-zinho, -a	cãozinho, ruazinha	-ejo	animalejo, lugarejo
-ino, -a,	pequenino, cravina	-ilho, -a	pecadilho, tropilha
-im	espadim, fortim		
-acho, -a	fogacho, riacho	-ete	artiguete, lembrete
-icho, -a	governicho, barbicha	-eto, -a	esboceto, saleta
-ucho, -a	papelucho, casucha	-ito, -a	rapazito, casita
		-zito, -a	jardinzito, florzita
-ebre	casebre	-ote, -a	velhote, velhota
-eco, -a	livreco, soneca	-isco, -a	chuvisco, talisca
-ico, -a	burrico, marica(s)	-usco, -a	chamusco, velhusco
-ela	ruela, viela	-ola	fazendola, rapazola

Fonte: Cunha & Cintra (2001 [1985¹], p.91)

Tal descrição dos sufixos diminutivos portugueses apresenta, portanto, uma série de inadequações que provocam diversas confusões em relação ao tema, sendo, talvez, a mais grave, a conclusão de que *todos esses sufixos estão à disposição dos usuários da língua portuguesa na sincronia atual para que formem palavras com significação diminutiva*. Outra conclusão equivocada seria conceber que *todos esses sufixos sempre foram empregados para formar diminutivos ao longo da história da língua portuguesa*. Como consequência desse modo de fazer pesquisa – aplicado ao estudo dos sufixos diminutivos em português –, estaríamos, certamente, apresentando uma falsa descrição desses sufixos.

Assim, ao apresentar-se uma proposta de descrição para o sufixo diminutivo em português, precisa-se, inicialmente, de identificar a sincronia a que ela se referirá. Isso evitará, por exemplo, que sufixos que tenham sido empregados para formar somente uma ou duas palavras da língua portuguesa ao longo do século XV – ou ainda aqueles que existem em português, mas em palavras que foram tomadas de empréstimo a uma língua determinada – e que tenham continuado a ser utilizadas nos séculos posteriores deixem de ser considerados produtivos ao longo de toda a história da língua portuguesa. Em suma, é preciso distinguir os sufixos que tiveram produtividade ao longo de toda a história da língua portuguesa daqueles que só foram produtivos – mesmo que em baixo grau – em determinado momento, mas que passam a impressão de terem sido ao longo de toda a história desta língua, pelo fato de as palavras que foram produzidas em um momento anterior continuarem a ser empregadas em

um momento futuro, a sincronia atual por exemplo. Nesta situação, o que temos não é *produtividade*, mas sim *frequência*.

Além daqueles dois principais problemas, outros precisam de ser focalizados, tais como: *a)* qual foi a real capacidade de produzir novas palavras do sufixo descrito em cada sincronia e ao longo da história da língua portuguesa?; *b)* trata-se de um sufixo que foi empregado para formar palavras em português ou de um sufixo que aparece (em conformidade ou não com as características fonéticas e morfológicas históricas) em alguma palavra tomada de empréstimo a alguma língua, ou seja, é um sufixo português ou um sufixo emprestado?.

Saindo desse plano da proveniência do sufixo e de sua participação na formação dos diminutivos portugueses, é importante, também, que uma abordagem sobre esses sufixos consiga identificar as suas características formais (fonéticas e morfológicas), funcionais e semânticas, descrevendo, por exemplo, se há alguma relação entre: *a)* o emprego de determinado sufixo e a terminação (vogal ou consoante; vogal oral ou nasal; vogal átona ou tônica etc.) da palavra primitiva – *a.l)* algum sufixo é mais característico de determinado contexto; *b)* o número de sílabas da palavra primitiva e o sufixo a ser empregado; *c)* a posição da sílaba tônica e o sufixo a ser empregado; *d)* se há alguma alteração (subtração ou modificação) no último elemento sonoro da palavra à qual o sufixo é acrescentado etc..

Em suma, em todos esses aspectos o sufixo diminutivo em português ainda carece de ser caracterizado, tanto nas sincronias que formam o seu período arcaico, quanto nas sincronias do português moderno⁹. Quanto ao português arcaico, por exemplo, as raras

⁹ Desde o início do século XIX, há tentativas de dividir a história da língua portuguesa em fases, cujos limites são, geralmente, estabelecidos tomando-se por base fatores de ordem extralinguística, como assinala Silva (2006, p.25): “Não deixemos de ter claro, entretanto, que as taxionomias já propostas ou se baseiam em fatos históricos extralinguísticos, decorrentes da história externa de Portugal ou da história da literatura ou de informações sobre a dialeção diatópica diacrônica [...]”. — Nesse sentido, as primeiras propostas parecem ser encontradas em Ribeiro (1810), o qual distingue (p.176), na história da língua portuguesa, dois grandes momentos: “Considerando os nossos Documentos com relação ao seu idioma assigno duas Epocas. — I. Até o Estabelecimento da Monarchia. — II. Desde aquelles tempos, e principio do Sec. XII. Até o presente”. Cada uma dessas épocas, por sua vez, encontra-se dividida (*op. cit.*, p.176-177) em quatro períodos, como segue: “A I. subdivido em quatro Periodos. — I. Até o estabelecimento pacifico dos Romanos na Hespanha no I. Sec. Christão. — II. Até a invasão dos Barbaros no V. Sec. — III. Desde o V. até o VIII Sec., em que entrarão os Arabes. — IV. No tempo do Cativoiro dos Mouros, e Reinado dos Reis de Leão e Galiza, até o estabelecimento do nosso Reino. — A II. tambem em quatro Periodes. — I. Desde o Senhor Conde D. Henriques até o Senhor D. Affonfo III. — II. Desde o Senhor D. Diniz até o fim do Reinado do Senhor D. Affonso V. — III. Desde o

referências existentes pouco dizem em relação a todos esses problemas: em Nunes (1970 [1906¹], p.LXXXII), só encontramos referência ao sufixo *-inho* e, ainda aqui, limita-se o autor

Senhor D. João II. até o Senhor D. João III. — IV. Desde o senhor D. Sebastião até o presente”. — Esta proposta, como vemos, não dá nomes aos períodos e estabelece os limites de um com o outro utilizando-se de fatos extralinguísticos relacionados à história política de Portugal. Semelhante postura podemos dizer que é a de Coelho (1868, p.1-29), no qual é possível distinguir a presença de três fases na história da língua portuguesa: uma fase anterior ao surgimento dos primeiros textos escritos em português, a qual se inicia com a chegada dos romanos (cf. p.1-23); a segunda inicia-se a partir do surgimento dos textos escritos em português (cf. p.23-29) – que o autor indica como iniciando em fins do século XII e início do XIII, para o que cita Ribeiro (1810) –, estendendo-se até o século XVI; em relação à última, o autor indica, apenas, o seu início – o século XVI (cf. p.29); pelo seu silêncio em relação ao fim dessa fase, concluímos que ela estaria ainda em vigor na sua época, isto é, século XIX. Note-se que, assim como já fizera Ribeiro (*op. cit.*, p.176-177), Coelho não nomeia essas diferentes fases. — No século XX, encontramos em Leite de Vasconcellos (1926 [1911¹], p.16) uma proposta de periodização que traz nomes para cada uma das fases identificadas: “As palavras e expressões portuguesas que transparecem nos documentos latino-barbáricos constituem o que costume chamar *português proto-histórico*, que é a primeira fase do *português arcaico*. Esta primeira fase pode dizer-se que durou até o séc. XII, pois em tal época principiou a escrever-se a nossa língua, ou pelo menos é d’então que datam os mais antigos documentos portugueses que possuímos. Do séc. XII aos meados do XVI, a língua diferencia-se bastante da actual: é a *língua arcaica* pròpriamente dita. — Distinguiremos pois os seguintes periodos do português: 1) *arcaico* ou *antigo*, do séc. IX, e mais particularmente do séc. XII, aos meados do séc. XVI; 2) *moderno*, do séc. XVI ao séc. XX. Nestas duas classes há ainda sub-divisões”. — Ao longo do século XX, há outras propostas, entre as quais destacaremos, resumidamente, a de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (s/d) e a de Serafim da Silva Neto (1979 [1957¹]). Aquela autora (*op. cit.*, p.7-24) adota periodização idêntica, em seus aspectos gerais, à de Vasconcellos (1926 [1911¹]), dividindo a história dessa língua em *português pré-histórico* (séc. III ou II a. C.-IX), *português proto-histórico* (séc. IX-XII), *português (histórico) arcaico* (séc. XII-XV ou XVI) e *português (histórico) moderno* (séc. XVI em diante). Em Silva Neto (*op. cit.*) há uma descrição, sobretudo dos fatos históricos, que antecedem ao surgimento dos primeiros textos, mas não encontramos uma denominação para esse período, como ocorreu em Vasconcellos (1926 [1911¹]) e em Vasconcelos (s/d). Quanto ao período seguinte, o autor chama de *português medieval* ou *arcaico*, situando-o entre fins do século XII e o século XVI, mas nada encontramos, nesse autor, quanto ao período compreendido entre os séculos XVI e XX. Silva (2006, p.25), no entanto, que, por sua vez, atribui a Castro (1988) tal informação, identifica, em Silva Neto, os seguintes períodos da língua portuguesa: *pré-histórico* (até o século IX – 882), *proto-histórico* (até ± 1200 (1214-1216)), *português arcaico* (de ± 1200 (1214-1216) até 1536/1550) e *português moderno* (de 1536/1550 até século XIX/XX). — A partir do exposto e considerando que, nas sincronias que por nós serão estudadas, o português já existe como língua escrita, adota(re)mos a seguinte periodização – em conformidade, por exemplo, com Câmara Jr. (1975 [1972¹], p.20) –, com a qual trabalharemos ao longo das seções 4 e 5: 1) *português arcaico* – fase que se estende do surgimento dos primeiros textos escritos em português até o fim do século XV, isto é, até 1500; 2) *português moderno* – nesta fase inserem-se os textos escritos entre o século XVI (1501) e o XX (2000).

a dizer que ele já era conhecido nessa época; em Abreu (2012), encontramos observações sobre a morfologia dos diminutivos portugueses nesse período¹⁰, mas elas são em pequeno número, até mesmo porque os objetivos de sua pesquisa são fonológicos e não morfológicos, como advertiu a autora (*op. cit.*, p.16): “[...] o foco deste trabalho incide sobre a tentativa de delimitar o *status* fonológico e prosódico de formas linguísticas (no caso, os diminutivos e aumentativos) de um período da língua portuguesa no qual não é mais possível encontrar falantes nativos vivos”. Uma vez que o *corpus* analisado por Abreu é composto pelas *Cantigas de Santa Maria*, que são da segunda metade do século XIII (1264-1284), e por *cantigas de escárnio e maldizer*, que foram escritas aproximadamente entre 1200 e 1350¹¹ – através da edição crítica de Lapa (1998 [1965¹]) –, é preciso verificar a aplicabilidade dessas informações ao período seguinte do português arcaico (1350-1500), através da análise de textos desse período. Desse modo, também não é possível, através do referido estudo, caracterizar o uso dos diminutivos especificamente em relação aos séculos XIV e XV, ou seja, não se têm informações exatas acerca de cada uma dessas sincronias.

Quando se analisam as sincronias compreendidas pelo português moderno, vemos que as informações acerca da forma, do funcionamento e da semântica do sufixo diminutivo em português também são raras nos estudos sobre o tema, pelo menos em autores dos séculos XVI, XVII e XVIII – a exemplo de Oliveira (2000 [1536¹]), Barros (1540), Barretto (1671) e Reis Lobato (1770) –, os quais se limitam a identificar o sufixo mais frequentes, no caso *-inho* (e suas formas *-inha*, *-zinho*, *-zinha*), admitindo, contudo, a existência de outros – menos frequentes, portanto –, sem indicar quais são¹². Somente no século XIX, a partir de

¹⁰ Abordando o uso das formas *-zinho*, *-zinha*, *-cinno*, *-cinna*, Abreu (*op. cit.*, p.135) afirma o seguinte: “Pelos dados acima, nota-se que todas as oito ocorrências são formadas a partir do sufixo *-c/zinho*, sendo que *-c̃yo* ou *-cinn(o, a)* correspondem a formas variantes para o sufixo *-zinho* no PA [português arcaico]. Analisando o contexto de ocorrência do sufixo *-c̃yo*, temos que este era utilizado após consoantes /n/, /l/, /r/, vogal e ditongo”.

¹¹ Segundo Lopes *et al.* (2011, destaques nossos), “As cantigas trovadorescas galego-portuguesas são um dos patrimónios mais ricos da Idade Média peninsular. *Produzidas durante o período, de cerca de 150 anos, que vai, genericamente, de finais do século XII a meados do século XIV*, as cantigas medievais situam-se, historicamente, nas alvares das nacionalidades ibéricas, sendo, em grande parte contemporâneas da chamada Reconquista cristã, que nelas deixa, aliás, numerosas marcas”.

¹² Esses sufixos menos frequentes só começarão a ser identificados a partir de Fonseca (*op. cit.*, p.25-26), conforme segue: “Mas assim mesmo a terminação mais ordinária para o masculino dos substantivos, e adjectivos, he em *inho*, e para o feminino em *inha*. Alguns pelo dito modo a tem em *ete*, e *eta*, como: *doudete*, *escudete*, *mocete*, *pannete*, *pequenete*, *pistolete*, *pobrete*, &c., ou tambem: *ilheta*, *moceta*, *villeta*, &c. — Os

Barboza (*op. cit.*), iremos encontrar as primeiras descrições acerca da relação entre o sufixo e a palavra primitiva:

Os que diminuem mais, acabão ou em *inho*, *inha*, quando os primitivos terminão em vogal ou consoante, como *Filhinho*, *Filhinha*, *Mulherinha*, *Rapazinho*; ou em *zinho*, *zinha*, quando os primitivos terminão em diphthongo, como *Homemzinho*, *Leãozinho*, *Paizinho*, *Mãizinha*. O z euphônico faz-se necessário na derivação destes diminutivos, para evitar o hiato, nascido do concurso de tres vogaes. Porém, quando o mesmo z se emprega sem esta necessidade nos que não acabão em diphthongo; parece fazer sua diferença nos mesmos diminutivos, como se vê nestes dois *Mulherinha*, *Mulherzinha* (BARBOZA, *op. cit.*, p.120-121).

Essa postura é continuada por Ribeiro (1881), que assim descreve (p.90) como são formados os nomes com o acréscimo do sufixo diminutivo:

Para formar o diminutivo

1) Todos os nomes barytonos [terminados em vogal átona, isto é, paroxítonos e proparoxítonos] terminados por voz livre pura deixam cair a vogal que a representa, e assumem uma das desinencias acima [-*inho*, -*ito*, -*ejo*, -*el*, -*ello*, -*ete*, -*eto*, -*elho*, -*ico*, -*im*, -*ilho*, -*isco*, -*ola*, -*olo*, -*ote*, -*oto*, -*ucho*, -*ato*, -*acho*, -*usco* e -*ebre*], ex.:

de *gato* *gatinho*

» *moça* *mocita*

2) Todos os nomes terminados por voz livre nasal ou por diphthongo, bem como os oxytonos terminados por voz livre pura, inserem um z para se incorporarem a desinencia, ex.:

de *irmã* *irmãzinha*

» *pagina* *pagemzinho*

» *marfim* *marfimzinho*

» *som* *somzinho*

» *jejum* *jejumzinho*

» *pae* *paezinho*

» *boi* *boizinho*

» *ladrão* *ladrãozinho*

3) Todos os nomes acabados por voz modificada, isto é, por letra alterante, recebem as desinencias sem mais modificação, ex.:

de *colher* *colherinha*

» *nariz* *narizinho*

adjectivos a tem ás vezes em *ino*, como: *pequenino*, *tamanino*, &c.: os substantivos masculinos em *ote*, ou *oto*, como: *bacorote*, *camarote*, *perdigoto*, &c., e os femininos em *agem*, *ilha*, e *ota*, como: *villagem*, *camilha*, *galeota*, &c.”.

Ora, essas primeiras caracterizações formais (fonéticas e morfológicas) e funcionais da relação entre o sufixo diminutivo e a palavra a partir da qual se forma a palavra com significação diminutiva devem ser vistas com algumas ressalvas: *a)* elas são restritas às sincronias a que pertencem os autores que as apresentam, uma vez que não há indicação por parte deles de que elas podem ser estendidas a períodos anteriores, ou seja, elas não recobrem nem o período arcaico (séculos XIII, XIV e XV), nem os primeiros três séculos do português moderno (séculos XVI, XVII e XVIII)¹³. Isso nos faz pôr o seguinte questionamento: como se caracterizam esses períodos quanto a essa relação, ou melhor, é o mesmo o comportamento dos sufixos diminutivos ao longo da história da língua portuguesa como língua escrita?; *b)* algumas descrições de caráter muito geral devem ser consideradas de um modo um pouco mais restrito, a exemplo do que encontramos em Barboza (*op. cit*) e Ribeiro (1881, p.90), os quais dão a entender que: *b.1) com palavras terminadas em vogal átona empregam-se as formas -inho, -inha, e só excepcionalmente as formas -zinho, -zinha*. Tal fato é negado pelos dados, tanto em relação às sincronias anteriores, o século XVI, por exemplo, quanto à própria sincronia a que pertencem esses autores, conforme verificamos nas séries de exemplos abaixo, extraídos do *Corpus* do Português:

Quadro 2 – Diminutivos em *-zinho, -zinha* em contexto de vogal átona oral: séc. XVI

Diminutivos em <i>-zinho, -zinha</i>		Palavras primitivas
BandejaZINHA	←	Bandeja
BategaZINHA	←	Batega
CapelaZINHA	←	Capela
CofreZINHO	←	Cofre
FilhaZINHA	←	Filha
IgrejaZINHA	←	Igreja
MansoZINHO	←	Manso
MonteZINHO	←	Monte
SobradoZINHO	←	Sobrado
TumbaZINHAs	←	Tumba

Fonte: O Autor

¹³ Em relação à periodização da língua portuguesa, confira o que expusemos nas notas 6 e 9.

Quadro 3 – Diminutivos em *-zinho, -zinha* em contexto de vogal átona oral: séc. XIX

Diminutivos em <i>-zinho, -zinha</i>		Palavras primitivas
BuçoZINHO	←	<i>BuçO</i>
CascataSINHA	←	<i>Cascata</i>
EnteZINHO	←	<i>EntE</i>
GritoZINHO	←	<i>GritO</i>
MusicoZINHO	←	<i>MúsicO</i>
NoivaZINHA	←	<i>NoivA</i>
PobreZINHO	←	<i>PobrE</i>
PontaZINHA	←	<i>PontA</i>
TemploZINHO	←	<i>Templo</i>
TrouxaSINHA	←	<i>TrouxA</i>

Fonte: O Autor

Ou seja, tanto no século XVI, quanto no século XIX, as formas *-zinho, -zinha* podem ser empregadas com certa frequência junto a palavras terminadas em vogal oral átona para formar diminutivos, o que retira desse tipo de formação o caráter de excepcionalidade; *b.2) com palavras terminadas em consoante empregam-se as formas -inho, -inha, e excepcionalmente as formas -zinho, -zinha.* Consultando, novamente, os exemplos de diminutivos encontrados em textos portugueses dos séculos XVI e XIX junto ao *Corpus* do Português, verifica-se que o emprego das formas *-zinho, -zinha*, com palavras terminadas em consoante, para formar diminutivos dá-se com relativa frequência e não em caráter excepcional, conforme os exemplos dos quadros a seguir:

Quadro 4 – Diminutivos em *-zinho, -zinha* em contexto de consoante: séc. XVI

Diminutivos em <i>-zinho, -zinha</i>		Palavras primitivas
AltarZINHO	←	<i>AltaR</i>
BacharelZYNHO	←	<i>BachareL</i>
LugarZINHO	←	<i>LugaR</i>
MolherZINHA ou MolhèrZINHA	←	<i>MolheR</i>
MulheresZINHAs	←	<i>MulheR</i>
PapelZINHOS	←	<i>PapeL</i>
PastorZINHO	←	<i>PastoR</i>
SinalZINHO	←	<i>Sinal</i>
VaporZINHO	←	<i>VapoR</i>

Fonte: O Autor

Quadro 5 – Diminutivos em *-zinho, -zinha* em contexto de consoante: séc. XIX

Diminutivos em <i>-zinho, -zinha</i>		Palavras primitivas
AnimalSINHO	←	<i>AnimaL</i>
AmaralZINHA	←	<i>AmaraL</i>
AmorZINHO	←	<i>AmoR</i>
ArZINHO	←	<i>AR</i>
DoutorZINHO	←	<i>DoutoR</i>
FlorZINHA	←	<i>FloR</i>
MaiorZINHA	←	<i>MaioR</i>
ManuelZINHO	←	<i>ManueL</i>
MulherZINHA	←	<i>MulheR</i>
RaquelSINHA	←	<i>RaqueL</i>

Fonte: O Autor

b.3) com palavras terminadas em ditongo somente se empregam as formas -zinho, -zinha, e não as formas -inho, -inha. Também esta conclusão não está em conformidade com os dados, uma vez que encontramos muitos exemplos nos quais as formas *-inho, -inha* são acrescentadas a palavras que terminam em ditongo, embora (quase) exclusivamente nos orais. Nos quadros que seguem, constituídos de palavras extraídas do *Corpus* do Português, apresentamos exemplos de diminutivos formados com estas formas nesse contexto nos séculos XVII e XIX:

Quadro 6 – Diminutivos em *-inho, -inha* em contexto de ditongo oral: séc. XVII

Diminutivos em <i>-zinho, -zinha</i>		Palavras primitivas
AntonINHO	←	<i>AntonIO <~> AntónIO</i> <i><~> AntônIO</i>
CartapacINHO	←	<i>CartapacIO</i>
EguINHA	←	<i>EgUA <~> ÉgUA</i>
LinguINHA	←	<i>LingUA <~> LíngUA</i>
TaboINHA ou		<i>TabOA <~> TáboA</i>
TaboINHAs	←	
TabuINHA	←	<i>TabUA <~> TábuA</i>

Fonte: O Autor

Quadro 7 – Diminutivos em *-inho*, *-inha* em contexto de ditongo oral: séc. XIX

Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>		Palavras primitivas
AgüINHA	←	ÁgUA
AmelINHA	←	Amélia
InacINHA	←	Inácia
LeocadINHA	←	Leocádia
LingüINHA	←	LingUA <~> Língua
TabuINHA	←	TabUA <~> TábuA

Fonte: O Autor

A problemática apresentada em *b*, no parágrafo anterior, é superada, em parte, somente no século XX, sobretudo a partir de Said Ali (1923)¹⁴ – abordagem essa que é seguida, por exemplo, por Bechara (*op. cit.*, p.362) –, quando, referindo-se à formação de diminutivos com *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha*, assim afirma (p.54): “Os nomes que acabam nas vogaes simples atonas *-o*, *-a*, tomam ora a terminação *-inho*, *-inha*, ora *-zinho*, *-zinha*”. Este autor, no entanto, não deixa claro se alguma dessas formas é mais frequente que a outra nesse contexto ou, ainda, se o emprego de uma ou outra forma é, de certa maneira, favorecido por alguma característica fonética e/ou morfológica da palavra primitiva. Quando, no entanto, trata do emprego do sufixo *-inho* nos demais contextos, assim diz (*loc. cit.*): “Aos terminados em *l* ou *r* acrescenta-se *-zinho*, *-zinha* de preferência a *-inho*, *-inha*. Os que acabam em outro fonema [ditongo oral ou nasal, vogal nasal e vogal oral tônica] acrescentam *-zinho*, *-zinha*”. Em relação a essa afirmativa, podem-se destacar dois problemas, com base nos exemplos que constituem os *corpora* analisados nas seções 4 e 5: *a*) a preferência por *-zinho*, *-zinha* nem sempre ocorre diante de <l>; *b*) com palavras terminadas em ditongo oral, também podem ser empregadas as formas *-inho*, *-inha*.

Os problemas quanto à descrição dos sufixos diminutivos portugueses não ficam restritos, contudo, aos aspectos formais (fonéticos e morfológicos) e funcionais. Do ponto de vista semântico, também há problemas, pelo menos até fins do século XVIII e início do seguinte, sendo o diminutivo considerado, sobretudo, como expressão de tamanho pequeno, como se observa em João de Barros (*op. cit.*, p.7, destaques nossos) — “NOME Diminutiuo, e aquelle que tem algũa diminuiçam do nome principal donde se deriuou: como de *hómẽ*,

¹⁴ Do mesmo modo que os demais autores já aqui citados, não se encontram, na abordagem de Said Ali (*op. cit.*), referências quanto à sua descrição poder ser aplicada a fases anteriores da língua portuguesa, de modo que a consideraremos uma abordagem sincrônica.

homenzinho, de mulher, molherzinha, de moço, mocinho: de criança, criancinha” — e em Antonio José dos Reis Lobato (REIS LOBATO, *op. cit.*, p.11):

Substantivo Diminutivo he aquelle, que significa com diminuição o mesmo, que o nome primitivo, de que se deriva: como v.g. o Substantivo *Livrinho*, que significa com diminuição o mesmo, que significa o nome *Livro*, donde elle traz a sua origem, porque quer dizer livro pequeno.

A exceção encontrada nesse período é Barretto (*op. cit.*), o qual, ao incluir adjetivos que significam estado ou qualidade entre os seus exemplos, amplia a significação do diminutivo para além da significação de tamanho pequeno, conforme segue: “Os nomes diminutivos são aquelles, que diminuem a significação de seus primitivos, como *montinho* de *monte*, *raminho* de *ramo*, *pobrete* de *pobre*; & outros taes” (*op. cit.*, p.43-44, destaques nossos).

Desde fins do século XVIII, no entanto, o termo *diminutivo* designa, também, vários outros significados que não só o de tamanho pequeno. Em seus *Rudimentos da Grammatica Portugueza*, Fonseca (*op. cit.*) assim conceitua diminutivo: “*Diminutivos* são aquelles nomes, que com differente terminação dos seus primitivos lhes diminuem o significado; como: *homemzinho*, derivado de *homem*; *mulherinha*, ou *mulherzinha*, de *mulher*; *filhinho*, e *filhinha*, de *filho*, e *filha*” (p.25); acrescentando, na sequência, que: “Delles [os diminutivos] se usa para indicar *diminuição na quantidade*, ou *qualidade do sujeito*, de que se trata. Tambem servem para *exprimir o carinho*, ou a *idéa do desprezo*, que por seu meio se quer excitar” (*loc. cit.*, destaques nossos).

Semelhantemente procede Jeronymo Soares Barboza (BARBOZA, *op. cit.*), o qual àqueles significados (cf. p.120) acrescenta (p.121-122, destaques nossos) a possibilidade de serem os diminutivos empregados para ridicularizar ou para expressar compaixão: “Servimos-nos outrosim dos Diminutivos ordinariamente para *ridiculizar* [...]. Comtudo estes mesmos diminutivos fazem *às vezes hum bom effeito*, quando se tracta de objectos de carinho, e se pertende *excitar com elles a ternura, e compaixão* [...]”. Já em Ribeiro (1881, p.93), também se atribui ao diminutivo a significação de *intensidade*.

No século XX, o diminutivo continuará sendo concebido como capaz de expressar múltiplas significações, conforme se verifica, por exemplo, em Said Ali (1923, p.144), Cunha & Cintra (*op. cit.*, p.551) e Bechara (*op. cit.*, p.192 e 295-296).

Se em português moderno os significados com os quais o sufixo diminutivo pode ser empregado só foram sendo reconhecidos aos poucos – podemos dizer, a partir do exposto nos cinco parágrafos anteriores, que, nos séculos XVI, XVII e XVIII, o diminutivo era concebido quase, exclusivamente, como significando diminuição de tamanho –, nada temos em relação à significação desse sufixo no período que corresponde ao português arcaico.

Diante, pois, dos problemas aqui apresentados em relação à descrição sincrônica e diacrônica ou histórica dos sufixos diminutivos em português, quer em seus aspectos formais (fonéticos e morfológicos) e funcionais, quer semânticos, propomos, ao longo deste estudo, o seguinte:

- ❖ *Analisar, dos pontos de vista formal, funcional e semântico, os sufixos diminutivos empregados em textos portugueses ao longo dos séculos XIII e XX¹⁵.*

Para que possamos alcançar o objetivo acima proposto, antes será necessário, no entanto, atingirmos alguns objetivos particulares, conforme segue:

- Identificar os sufixos empregados com significação diminutiva em português arcaico e moderno;
- Identificar os sufixos diminutivos do latim vulgar que continuaram desempenhando esta função em português arcaico e moderno e quais deixaram de ser produtivos nesses períodos;
- Identificar os sufixos que em português arcaico e moderno atuam como diminutivos, mas que são resultado de empréstimo junto a outras línguas românicas ou ao latim clássico;
- Caracterizar formal (fonética e morfológica), funcional e semanticamente o sufixo diminutivo em português arcaico e moderno.
- Identificar características formais, funcionais e semânticas que os sufixos diminutivos portugueses possuem em comum com os latinos e com os românicos, em especial com o francês, italiano, espanhol e provençal;

¹⁵ Os sufixos que aqui serão analisados são os que se originaram dos principais sufixos diminutivos empregados em latim vulgar, conforme descrição apresentada, aqui, ao longo da seção 3. As exceções serão *-ulo* e *-culo*, *-iço* e sufixos em *-sc-*, os quais serão descritos na medida em que ocorrerem. Advertimos, ainda, que *não nos deteremos na análise dos chamados sufixos diminutivos verbais*.

- Identificar as (principais) mudanças ocorridas nos sufixos diminutivos latino-vulgares até alcançarem a forma portuguesa, estabelecendo um contraste com as formas que surgiram nas línguas francesa, espanhola, provençal e italiana.

1.3 Metodologia

Nesta seção, apresentaremos informações acerca da constituição e análise dos *corpora* que servirão de base para a descrição dos sufixos diminutivos em português, das representações ortográficas e fonéticas adotadas ao longo da pesquisa, bem como em relação às referências normativas – sobretudo a algumas exceções que faremos – e ao modo como foram estabelecidas as porcentagens relativas à participação de cada sufixo, seja em relação ao total de diminutivos existentes em português, seja somente quanto aos diminutivos formados em português.

1.3.1 Constituição e análise dos *corpora*

O estudo da língua portuguesa em suas diversas sincronias pretéritas não pode ser realizado nem pela observação da fala no momento em que ela ocorreu, nem por meio da análise de áudios gravados – o que somente se tornou possível, principalmente, a partir dos anos de 1950, com a invenção do gravador portátil. Assim, a sua realização só pode ser feita pela análise dos textos remanescentes escritos em cada época que se objetiva descrever. A partir do século XVI, com o surgimento de gramáticas, manuais de ortografia e dicionários, é possível, também, recorrer ao testemunho que eles oferecem acerca da língua (falada e escrita) da época a que são contemporâneos.

Com o advento da *Internet*, a partir do qual ocorreu, por exemplo, a formação de *corpora* eletrônicos, o estudo de alguns temas, sob algumas perspectivas – entre as quais a morfológica e a semântica –, tornou-se bastante simplificado, uma vez que não é necessário mais o manuseio das obras em sua totalidade para a identificação das ocorrências dos fatos linguísticos pesquisados. Nos dias atuais, muitas vezes o fato linguístico sob investigação já pode ser pesquisado diretamente através do recurso de buscas nos *sites* que disponibilizam tal ferramenta, para o que se exige, geralmente, um cadastro prévio.

Em relação à língua portuguesa, encontram-se diversos desses *corpora*¹⁶, os quais possibilitam o estudo dessa língua tanto em suas fases pretéritas, quanto na atual. Em relação às sincronias pretéritas, um exemplo importante é o *Corpus* Informatizado do Português Medieval (CIPM) – disponível no *site* <http://cipm.fcsh.unl.pt/> –, o qual reúne textos que foram escritos entre os séculos XII e XVI; quanto à sincronia atual, podemos citar dois exemplos, ambos constituídos a partir de textos escritos: o CETEMPublico (*Corpus* de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público) e o *Corpus* Brasileiro. O primeiro é – como vemos indicado em sua página inicial – “um corpus de aproximadamente 180 milhões de palavras em português europeu” e encontra-se disponível em <http://www.linguateca.pt/CETEMPublico/>; já o segundo, o qual se refere ao português do Brasil, pode ser acessado através da página <http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html> e, conforme também consta em sua página inicial, “visa a construir e disponibilizar online o Corpus Brasileiro, que será composto por um bilhão de palavras de português brasileiro contemporâneo, de vários tipos de linguagem”.

Há, no entanto, *corpora* que, em vez de priorizarem uma ou outra sincronia, reúnem dados referentes a várias sincronias, possibilitando ao pesquisador a realização de estudos contrastivos entre duas ou mais sincronias. Um dos mais conhecidos *corpus* que assim se caracterizam é o *Corpus* do Português, organizado pelos professores Mark Davies, da Brigham Young University (BYU), e Michael Ferreira, da Georgetown University. Este *corpus* – que pode ser acessado a partir do endereço eletrônico <http://www.corpusdoportugues.org/> – é composto por 45.000.000 de palavras, aproximadamente, e possui uma grande abrangência temporal, uma vez que contém textos com data de publicação que se estende desde o século XIV ao XX, como indica este trecho de sua página principal: “Este sítio permite pesquisar fácil e rapidamente mais de 45 milhões de palavras de quase 57,000 textos em português do século XIV ao século XX”.

Entre as ferramentas oferecidas no *Corpus* do Português, algumas são de grande utilidade para o estudo formal, funcional e semântico dos sufixos diminutivos, a saber: *a)* a pesquisa por palavras inteiras ou por partes de palavras (sufixos, prefixos etc.); *b)* a visualização do contexto ampliado em que a palavra ou a parte de uma palavra ocorre.

¹⁶ Encontra-se disponível em http://www.linguateca.pt/corpora_info.html uma relação com 96 endereços eletrônicos (consulta feita em 02 ago. 2015) que apresentam *corpora* para o estudo da língua portuguesa, seja da variedade europeia, seja da brasileira, tanto na modalidade oral, quanto na escrita.

Ao fazer-se uma busca por determinada estrutura que se deseja encontrar em palavras de uma língua – por exemplo, o sufixo **inho* em português – ainda é possível selecionar, dentre outras opções de busca, o século para o qual se deseja obter os resultados (cf. lado esquerdo da figura a seguir), bem como a quantidade de palavras que se quer que sejam identificadas (cf. lado esquerdo da figura abaixo; no caso em questão, foi sugerido o retorno de 2000 palavras), conforme mostra a Figura 1 a seguir:

Figura 1 – Print de página da *Internet do Corpus do Português*: as 10 primeiras ocorrências de *-inho* no século XVI

The screenshot displays the 'CORPUS DO PORTUGUÊS' interface. On the left, there are search filters: 'PALAVRA(S)' set to '*inho', 'COLOCADOS', 'CAT GRAM', and 'SECCÕES' with 'MOSTRAR' selected. Below these are options for 'ORDENAR E LIMITAR' (ORDER BY FREQUÊNCIA, MINIMO 3) and 'ESCONDER OPÇÕES' (ACERTOS 2000, PCEC 1000). The main area shows a table of results for the search term '*inho' in the 16th century. The table has columns for rank, checkbox, CONTEXTO, and FREQ. The top 10 results are:

RANK	CHECKBOX	CONTEXTO	FREQ.
1	<input type="checkbox"/>	CAMINHO	1975
2	<input type="checkbox"/>	VINHO	654
3	<input type="checkbox"/>	SOBRINHO	267
4	<input type="checkbox"/>	MARTINHO	160
5	<input type="checkbox"/>	LINHO	150
6	<input type="checkbox"/>	COUTINHO	134
7	<input type="checkbox"/>	AGOSTINHO	133
8	<input type="checkbox"/>	MEIRINHO	112
9	<input type="checkbox"/>	VEZINHO	102
10	<input type="checkbox"/>	VILARINHO	68

Below the table is a user profile section for 'M. SANTANA' with fields for 'Informação pessoal' (Organization, País: BRAZIL), 'Perfil breve', 'Support' (Status: It looks like you haven't yet donated to help support the BYU corpora), and 'Activity' (Last login, Queries, Corpora used, KWIC lists).

Fonte: DAVIES & FERREIRA (2006)

Desse modo, a busca que fizemos retornou, para o século XVI, um total de 284 palavras que possuem em sua estrutura a terminação *-inho* – as quais são listadas na parte central da imagem, tendo logo à sua direita a indicação da quantidade de vezes que cada palavra ocorreu no *corpus* na sincronia selecionada –, conforme resumidamente apresentamos nas Figuras 1 (cf. figura acima) e 2 a seguir:

Figura 2 – Print de página da *Internet do Corpus do Português*: as 10 últimas ocorrências de *-inho* no século XVI

The screenshot shows the 'CORPUS DO PORTUGUÊS' website interface. At the top, it displays '45.000.000 PALAVRAS, sXIII-XX'. The search results table lists the following words and their frequencies:

Nº	Palavra	Freqüência
276	FILHINHO	1
277	FIOZINHO	1
278	GONÇALINHO	1
279	GOZINHO	1
280	GUDÃOZINHO	1
281	GUNDERINHO	1
282	HOMEMZINHO	1
283	HOMENZINHO	1
284	HOMÉZINHO	1
TOTAL		4798

Below the table, there is an 'OVERVIEW: MESSIAS SANTANA' section with the following details:

- Informação pessoal:** Organização: <http://www.uespi.br/> / www.usp.br; País: BRAZIL.
- Perfil breve (editar):** Sou professor universitário da UESPI e doutorando da USP. Utilizo o corpus para fazer minha pesquisa de doutoramento.
- Support:** Status: It looks like you haven't yet donated to [help support the BYU corpora](#). Please consider doing so now.
- Activity:** Last login (before this time): 8/8/2015 2:22:01 PM (Utah time; same as Denver); Queries (24 hours / 30 days): 1 / 530; Corpora used (30 days): CDP (530); KWIC lists (24 hours | saved): 0/2000 [0%] | 0/60000 [0%]; Customized word lists: 0.

Fonte: DAVIES & FERREIRA (*op. cit.*)

Portanto, uma vez que o referido *corpus* possibilita a busca por partes de uma palavra, estava definida a metodologia que seria adotada para a identificação dos diminutivos em português no período entre os séculos XIV e XX, a qual consistiu no seguinte: fazer buscas com cada uma das formas – incluindo as formas plurais – sob as quais ocorrem os sufixos portugueses originados de sufixos diminutivos latino-vulgares, conforme indicado nos Quadros 16 e 17, e com outros sufixos apontados em instrumentos linguísticos, desde fins do século XVIII aos dias atuais, como sufixos diminutivos. Em cada busca realizada, a análise para verificação de uma palavra ser ou não um diminutivo foi constituída de duas etapas: 1) análise estrutural – consistiu na segmentação da palavra em busca de uma possível estrutura sufixal; 2) análise semântica – a partir da análise do contexto em que a palavra está inserida, buscamos identificar se sua significação corresponde a de diminutivo.

Em relação à segunda etapa mencionada, foi bastante importante um recurso disponibilizado pelo *Corpus do Português*, o qual consiste em clicar-se em uma das palavras que foram retornadas com a busca – por exemplo, a palavra *gudãozinho* (n.280)¹⁷ no

¹⁷ Na busca que fizemos, selecionamos que, no resultado oferecido, as palavras fossem ordenadas da mais frequente para a menos frequente. Assim, cada número que aparece numa coluna à esquerda da palavra indica

século XVI – e ter-se acesso ao contexto em que essa palavra ocorre (cf. parte inferior da Figura 3), a partir do qual temos, geralmente, informações suficientes para concluirmos se a palavra em questão possui ou não significação diminutiva, conforme segue¹⁸:

Figura 3 – Print de página da *Internet do Corpus do Português*: contexto semântico da palavra *gudãozinho* em texto do século XVI

The screenshot shows the 'CORPUS DO PORTUGUÊS' interface. The search results table lists words from 271 to 281. Word 280, 'GUDÃOZINHO', is highlighted. Below the table, the 'CONTEXTO AMPLIADO' section shows the source information: 'Data: (1560-1580)', 'Título: Historia do Japam 2', and 'Autor: Frois'. The 'Expanded context' section contains the following text:

ao Miaco mandava hum fidalgo diante fazer-nos a saber como era chegado, e ou à hida ou à vinda quazi sempre vinha vizitar a igreja e saber de nós se tinhamos necessidades de alguma couza, ou se queriamos vizitar o Cubosama ou Nobunaga para nos favorecer nisso, como sempre fazia. E da opinião e conceito que o Cubosama tornou de nós pelas informações do Vice-Rey, veio a nos favorecer athé agora mais do que se podia esperar. Tornando-se huma vez o Vice-Rey para Tacaçuqui e sabendo que eu estava em cama doente de febres, lá metido em hum **gudãozinho** pobre e bem pequeno, deixando à porta da igreja toda a gente de cavalo que levava comsigo, me foi vizitar e alli, assentado em hum pobre tatami junto da cama, se poz muito de espaço a tomar-me o pulso, mostrando tanto sentimento em suas palavras de minha doença como se eu fora filho ou irmão seo. E tornando-se para a fortaleza mandou alguns mancebos fidalgos com falcões e asores caçar, e ao dia seguinte me mandou muitas cordenizes, e outros passarinhos, dizendo que seria aquillo bom

Fonte: DAVIES & FERREIRA (*op. cit.*)

a posição em que a referida palavra ocorre na lista identificada. Quanto especificamente ao exemplo em análise, o número 280 está indicando a sua posição na referida lista.

¹⁸ De modo a possibilitar uma melhor visualização do contexto em que a palavra *gudãozinho* ocorre – uma vez que, na imagem a seguir, as letras se encontram muito reduzidas –, transcrevemo-lo aqui: “ao Miaco mandava hum fidalgo diante fazer-nos a saber como era chegado, e ou à hida ou à vinda quazi sempre vinha vizitar a igreja e saber de nós se tinhamos necessidades de alguma couza, ou se queriamos vizitar o Cubosama ou Nobunaga para nos favorecer nisso, como sempre fazia. E da opinião e conceito que o Cubosama tornou de nós pelas informações do Vice-Rey, veio a nos favorecer athé agora mais do que se podia esperar. Tornando-se huma vez o Vice-Rey para Tacaçuqui e sabendo que eu estava em cama doente de febres, lá metido em hum **gudãozinho** pobre e bem pequeno, deixando à porta da igreja toda a gente de cavalo que levava comsigo, me foi vizitar e alli, assentado em hum pobre tatami junto da cama, se poz muito de espaço a tomar-me o pulso, mostrando tanto sentimento em suas palavras de minha doença como se eu fora filho ou irmão seo. E tornando-se para a fortaleza mandou alguns mancebos fidalgos com falcões e asores caçar, e ao dia seguinte me mandou muitas cordenizes, e outros passarinhos, dizendo que seria aquillo bom” (*Historia do Japam 2, 1560-1580 – século XVI*).

A partir desse contexto, foi possível concluir que a palavra *gudãozinho* é um diminutivo da palavra portuguesa *gudão* ‘aposenso; loja’.

Como o *Corpus* do Português contém textos que foram produzidos somente a partir do século XIV, não seria possível realizar esta pesquisa exclusivamente com os dados de que ele dispõe, uma vez que objetivamos descrever os sufixos diminutivos em português desde o século XIII ao XX. Assim, era necessário fazer pesquisas em outro *corpus*, o qual deveria conter, no mínimo, textos do século XIII. O *corpus* escolhido foi o CIPM, que, como acima descrito, contém textos que abrangem todo o período arcaico, isto é, os séculos XIII, XIV e XV, conforme vemos no *print* da página que lista os textos disponíveis nesse *corpus*, a seguir:

Figura 4 – *Print* de página da Internet do CIPM: índice de textos disponíveis

The screenshot shows a web browser window with the URL cipm.fch.unl.pt/corpus/index.jsp. The page displays a list of texts organized by century:

- Séc. XII**
 - Textos Notariais in Clíticos na História do Português
 - Documentos Notariais
 - Documentos Privados
- Séc. XIII**
 - Cantigas de Escárnio e Maldizer
 - Notícia de Torto
 - Testamento de D. Afonso II: Ms L
 - Testamento de D. Afonso II: Ms T
 - Cantigas de Amigo - Parte 1
 - Cantigas de Amigo - Parte 2
 - Cantigas de Amor
 - Cantigas de Santa Maria
 - Textos Notariais in Clíticos na História do Português
 - Documentos Notariais
 - Chancelaria D. Afonso III
 - Textos Notariais in História do Galego-Português
 - Textos Notariais do Arquivo de Textos do Português Antigo (Oxford)
 - Foros de Garvão
 - Tempos dos Preitos
 - Afonso X, Foro Real
 - Dos Costumes de Santarém
- Séc. XIII/XIV**
 - Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense
 - Cantigas de Escárnio e Maldizer
- Séc. XIV**
 - Textos Notariais in História do Galego-Português
 - Arte de Trovar
 - Textos notariais in Clíticos da História do Português
 - Documentos Notariais
 - Cantigas de Amor
 - Chancelaria de Dom Afonso - Volume 1
 - Chancelaria de Dom Afonso - Volume 2
 - Chancelaria de Dom Afonso - Volume 3
 - Textos Notariais do Arquivo de Textos do Português Antigo (Oxford)
 - Cantigas de Escárnio e Maldizer
 - Dos Costumes de Santarém
 - Alphonse X, Primeyra Partida
 - Crónica Geral de Espanha
 - Crónica de Afonso X (Ms L) in Crónica Geral de Espanha
 - Crónica de Afonso X (Ms P) in Crónica Geral de Espanha
 - Foros de Garvão
 - Livro de Montaria
 - Narrativa de livro de linhagens
- Séc. XV**
 - Textos Notariais in História do Galego-Português
 - Textos notariais in Clíticos da História do Português
 - Documentos Notariais
 - Crónica de Dom João I Parte 1
 - Crónica de Dom João I Parte 2
 - Crónica de Dom Pedro I
 - Leal Conselheiro
 - Demanda do Santo Graal
 - Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela
 - Carta de Pêro Vaz de Caminha
 - História dos Reis de Portugal in Crónica Geral de Espanha
 - Orto do Esposo
 - Castelo Perigoso
 - Crónica do Conde D. Pedro de Meneses
 - Livro das Tres Vertudes
 - Penitencial de Martim Perez
 - Sacramental
 - Tratado de Confissom
 - Vida de D. Telo
 - Vida de S. Teotónio
- Séc. XVI**
 - Textos Notariais in História do Galego-Português
 - Textos notariais in Clíticos na História do Português
 - Documentos Notariais
 - Catecismo
 - Crónica dos Reis de Bisnaga

Fonte: CIPM

Uma vez que, em relação aos textos dos séculos XIV e XV, havia diminutivos que não foram encontrados no *Corpus* do Português, decidimos incluir, também, entre os diminutivos desses séculos, os exemplos que foram identificados nessas sincronias nos textos do CIPM.

Este *corpus*, assim como aquele, também oferece o recurso de busca em todo o *corpus*, embora com mais limitações – por exemplo, não permite a seleção do século do qual se deseja obter as palavras. Como algumas buscas feitas com os mesmos sufixos diminutivos

que foram pesquisados no *Corpus* do Português não retornaram resultado, a solução encontrada foi acessar cada um dos textos e pesquisar, texto por texto, a existência de diminutivos. O procedimento adotado, contudo, foi semelhante ao empregado nas pesquisas realizadas no *Corpus* do Português, ou seja, após ter acesso ao texto, pesquisamos a ocorrência de cada uma das formas que atuam como sufixo diminutivo em português e, em seguida, analisamos a palavra identificada em seu contexto para verificar se se tratava de um diminutivo.

Todas essas buscas – e, conseqüentemente, a organização dos diminutivos identificados (cf. *Volume III, Apêndice B*) – foram feitas não de forma aleatória, no que se refere à perspectiva temporal, mas considerando-se diferentes sincronias, as quais, por sua vez, compreendem o período de 100 anos¹⁹. Desse modo, foi possível dividir a história da língua portuguesa em oito sincronias, assim caracterizadas: *sincronia 1* (S¹) – compreende os anos de 1201 a 1300; *sincronia 2* (S²) – abrange o século seguinte, isto é, o período entre 1301 e 1400; *sincronia 3* (S³) – esta sincronia se estende pelos anos de 1401 a 1500; *sincronia 4* (S⁴) – contempla os 100 anos seguintes (1501-1600); *sincronia 5* (S⁵) – compreende os anos

¹⁹ A partir de Saussure (2010 [1916¹], p.142, destaque nosso; 2002 [1970¹], p.117-118, destaque nosso), é possível concluir que não há um critério para que se estabeleça a delimitação temporal de uma sincronia: “En pratique, un état de langue n’est pas un point, mais un espace de temps plus ou moins long pendant lequel la somme des modifications survenues est minime. *Cela peut être dix ans, une génération, un siècle, davantage même*” [“Na prática, um estado de língua não é um ponto, mas um espaço de tempo, mais ou menos longo, durante o qual a soma das modificações ocorridas é mínima. *Pode ser de 10 anos, uma geração, um século e até mais*”]. Ou seja, o limite temporal de uma sincronia é estabelecido arbitrariamente pelo pesquisador, em conformidade com o espaço de tempo que ele deseja descrever. Foi considerando essa arbitrariedade que os pesquisadores do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP) definiram, para as suas pesquisas, os seguintes limites para uma sincronia atual: “Para o NEHiLP, *sincronia atual* de uma determinada língua viva pode ser definida como o intervalo de tempo que compreende desde a data de nascimento do mais antigo falante vivo dessa língua até o dia de hoje” (NEHiLP, 2015, p.20). Em relação às *sincronias pretéritas*, os limites continuam sendo definidos arbitrariamente também nas pesquisas desse núcleo: “Na imensa linha do tempo que precede esse intervalo, quaisquer recortes que se façam serão uma sincronia pretérita. Nesse passado é possível, mediante diferentes metodologias, estabelecer diferentes *sincronias pretéritas*; por exemplo, é possível fazer recortes arbitrários homogêneos (por décadas ou por séculos) ou fazer recortes de diferente extensão, baseando-se em eventos históricos de impacto social que supostamente tenham refletido no vocabulário e na estrutura da língua” (NEHiLP, *loc. cit.*). Em vista disso, ao referirmo-nos a uma sincronia da língua portuguesa, recobriremos o período de um século – conforme acima definimos –, de modo que teremos as seguintes sincronias em português: 1201 a 1300, 1301 a 1400, 1401 a 1500, 1601 a 1700, 1701 a 1800, 1801 a 1900, 1901 a 2000.

entre 1601 e 1700; *sincronia 6* (S⁶) – refere-se ao século XVIII; *sincronia 7* (S⁷) – abrange o período que se situa entre os anos de 1801 e 1900; *sincronia 8* (S⁸) – nesta última sincronia, estudaremos os sufixos diminutivos em ocorrências do século XX.

Como é possível perceber a partir dessa organização por sincronias, durante algumas delas – no mínimo todo o período arcaico – não há textos escritos no Brasil ou por brasileiros. Nesse sentido, optamos por abordar o diminutivo na língua portuguesa sem considerar o fator diatópico, isto é, a região da qual provêm os textos nos quais os sufixos se encontram. Também não consideramos em nossas análises a influência de quaisquer outros fatores de ordem extralinguística, tais como classe social, idade, sexo, grau de escolaridade etc.. Da mesma forma, uma vez que a metodologia de gravação e transcrição de falas para estudo de uma língua é, relativamente, recente – surgiu a partir da segunda metade do século XX –, ainda mais se considerarmos que esta pesquisa busca analisar os sufixos diminutivos em português ao longo de oito séculos, preferimos abordar o diminutivo sem identificá-lo como proveniente de fala ou escrita, até mesmo porque isso só poderia ser feito em relação ao século XX.

De posse, portanto, dos *corpora* de diminutivos em português, constituídos como até aqui descrito²⁰, desconsiderando a influência de quaisquer fatores de ordem exterior à língua, demos início à sua descrição. Nesse sentido, um dos procedimentos realizados foi o reconhecimento do diminutivo em questão quanto à sua proveniência, isto é, procuramos identificar se ele era resultado de empréstimo, de herança ou se havia sido formado em português. Para isso, foi muito importante a consulta a dicionários etimológicos (ou com informações etimológicas) e a *corpora* eletrônicos da língua portuguesa e de outras línguas românicas, tais como Nascentes (1932; 1952), Machado (2003 [1952¹]), Houaiss & Villar (*op. cit.*), Corominas & Pascual (1980-1991), Cortelazzo & Zolli (1999 [1979-1988¹]), LE TRÉSOR (2004), Beltrami (1997-2016) e Davies (*Corpus del Español*, 2002). Tal postura é justificada pelo fato de que os diminutivos de proveniência diferente serão tratados diferentemente, do seguinte modo: os diminutivos herdados e os tomados de empréstimo serão descritos, apenas, sob as perspectivas formal e semântica, quando se fará, respectivamente, a identificação do sufixo e a sua classificação semântica. Já os diminutivos formados em português, serão descritos tanto em relação à forma e à significação, quanto em seu funcionamento. Assim, será possível identificar os sufixos empregados para formar

²⁰ Outras informações referentes à metodologia adotada na constituição dos *corpora* que serão analisados podem ser encontradas no *Volume III, Apêndice A*.

diminutivos em português, sua proveniência e qual a importância de cada um deles, o modo como se combinam com a palavra primitiva e os fatores de ordem linguística que exercem influência nesse processo, a sua produtividade, os significados que transmitem etc.. Para a identificação do tipo de significação diminutiva (*tamanho pequeno, aproximação afetiva positiva, depreciação* etc.) que o diminutivo transmite, recorreremos ao contexto no qual ele se encontra, o mesmo que serviu para o seu reconhecimento como diminutivo.

Por fim, cabe destacar, diante de tudo o que foi exposto nesta seção, que esta pesquisa é desenvolvida seguindo uma perspectiva empírica e indutiva.

1.3.2 Representações ortográficas e fonéticas

Uma vez que esta pesquisa é dedicada ao estudo do sufixo diminutivo em português entre os séculos XIII e XX – conforme indicado na seção 1.2 – e considerando, ainda, que, ao longo desse período, a ortografia portuguesa se apresentou de forma bastante irregular (cf. *Volume III, Apêndice A*), encontramos, no decorrer dos *corpora* analisados, diferentes modos de grafar (o que se considera ser) uma mesma palavra, como se verifica, por exemplo, com o diminutivo da palavra *homem* ao longo de algumas das sincronias descritas, conforme abaixo:

HomemZINHO <~> HomenZINHO <~> HomëZINHO <~> HomemZYNHO <~> HomenZYNHO ←
HomEM <~> HomEN <~> HomË (séc. XVI)

HomenZINHO <~> HomenSINHO <~> HomemSINHO ← *HomEM <~> HomEN* (séc. XVII)

HomenZINHO <~> HomemZINHO <~> HomemSINHO <~> HomenSINHO ← *HomEM <~>*
HomEN (séc. XIX)

HomenZINHO <~> HomemZINHO ← *HomEM* (séc. XX)

Diante, portanto, de tal fato, optamos por não atualizar a ortografia das palavras identificadas em cada uma das sincronias analisadas, isto é, ao longo da descrição de cada uma das sincronias aqui abordadas, decidimos por manter a ortografia das palavras tal como encontrada nos *corpora* consultados. Para dar um maior destaque às formas sufixais identificadas, bem como às terminações das palavras às quais essas formas foram

acrescentadas, optamos, ainda, por apresentar tanto aquelas, quanto estas grafadas com letras maiúsculas, tal qual nos exemplos apresentados nesta seção.

Em relação à representação gráfica de sufixos e letras, faremos uso dos seguintes procedimentos: as formas sufixais serão grafadas em itálico – exceto em situações que exijam outro tipo de digitação –, antecedidas, apenas, de um traço pequeno, como em *-inho*, *-ete*, *-ito*, *-eco*, *-im* etc.; os grafemas consonantais ou vocálicos que serão utilizados para designar os sufixos ou mesmo parte deles – como em sufixos em *-t-*, sufixos em *-l-* etc. – também serão grafados em itálico, exceto se o contexto exigir digitação diferente, antecedidos de um pequeno traço e sucedidos por outro; já os grafemas que ocorrem em final de palavra serão apresentados entre os símbolos < >, sem nenhum tipo de destaque, como em <a>, <e>, <l>, <r> etc.. Este procedimento também será adotado para fazer referência aos grafemas consonantais <z>, <s>, <c> e <ç>, quando ocorrem em formações sufixais como *-zinho*, *-zito*, *-zeco* etc., e aos demais grafemas independentemente da posição em que ocorrerem.

No âmbito das representações fonéticas, são encontrados – sobretudo, em citações apresentadas na seção 3 – diferentes sistemas de representação, ora influenciados pelos alfabetos fonéticos americanistas consagrados em Powell (1880 [1877¹]), Boas (1911) e na American Anthropological Society (1916), ora pelo alfabeto fonético de Lepsius (1863 [1855¹]), ora pelo International Phonetic Alphabet (IPA)²¹. Por outro lado, nas representações fonéticas feitas por nós, utilizamos os símbolos do IPA (©2015 [1888¹]), os quais ocorrerão sempre entre colchetes duplos e sem destaque.

1.3.3 Referências normativas

Esta Tese foi organizada seguindo as referências normativas propostas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Em algumas situações, contudo, visando, sobretudo, a permitir uma consulta mais rápida e/ou uma melhor visualização de citações ou de exemplos, agiremos de modo diferente do que está proposto nas normas consultadas, tal como passamos a especificar.

²¹ Em relação aos dois primeiros sistemas mencionados, sempre que possível colocamos os seus correspondentes no IPA.

1.3.3.1 Indicação das referências

Na indicação das referências citadas ao longo desta pesquisa, seguiremos a ABNT-NBR 6023/2002. Assim, de acordo com essa norma, a indicação das referências apresentadas ao longo de um texto de caráter monográfico, como teses e dissertações etc., pode ser feita ou em nota de rodapé, ou ao final de cada seção ou capítulo, ou em lista de referências ao final da parte textual, logo após as conclusões (cf. p.3). Todas essas formas têm pontos positivos e negativos, dentre os quais assinalamos os seguintes: a indicação das referências em nota de rodapé parece ser a forma que permite o acesso mais rápido do leitor, mas o emprego dessas notas para tal finalidade aumentaria sobremaneira o número de informações em rodapé de página, de tal modo que as reservaremos, somente, para a apresentação de informações explicativas; quando colocamos as referências ao final do texto, em casos de obra organizada em mais de um volume – como é o caso desta –, somente será possível ter acesso aos autores citados no primeiro volume, por exemplo, se também estiver disponível o volume que contém as referências, sendo, ainda, necessário, no mínimo, o deslocamento com (ou o *download* de) ambos os volumes. Considerando-se, pois, o exposto, parece-nos que a posição mais adequada para apresentar as referências é ao final de cada seção, no caso, de cada volume, pois isso permite ao leitor um contato quase imediato com a referência completa daquele autor e obra que foram citados. É, portanto, nessa posição que as apresentaremos. No entanto, esse modo de proceder tem o inconveniente de poder repetir nas referências obras que são citadas em diferentes volumes; a praticidade, contudo, com a qual o leitor tem acesso a essas informações é, para nós, mais importante que uma eventual repetição de referências.

Em relação às informações que devem integrar a referência, apresentaremos, apenas, aquelas que são consideradas pela ABNT-NBR 6023/2002 como essenciais para a sua identificação (cf. p.3-13). Nalgumas situações, contudo – orientados, também, pelo respeito à historiografia das ideias – incorporaremos a esses elementos essenciais informações como o título original da obra e o ano no qual ela foi publicada pela primeira vez. Para isso, procedemos assim:

- a) quando se tratar de tradução em português, colocaremos, entre parênteses, logo após o nome do tradutor, as informações essenciais à identificação da obra em sua publicação original – isto é, título, organizador(es) (quando houver), cidade, editora, ano da primeira publicação –, conforme a seguir:

HUBER, Joseph. **Gramática do português antigo**. Tradução Maria Manuela Gouveia Delille. (Título original: *Altportugiesisches elementarbuch*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1933). Lisboa: C. Gulbenkian, 1986.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Séchehaye. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. (Título original: *Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bally et Albert Séchehaye avec la collaboration de Albert Riedlinger. Paris: Payot & Rivages, 1916). 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2002 [1970¹]

- b) quando a tradução é para outra língua que não o português – para o espanhol, o francês etc. – o procedimento será o mesmo apontado na alínea anterior, desde que tais informações constem no livro consultado:

HOFMANN, Johann B. **El latín familiar**. Traducido y anotado por Juan Corominas. (Título original: *Lateinische Umganssprache*. Heidelberg: Carl Winter, 1926). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1958.

MEYER-LÜBKE, Wilhelm. **Grammaire des langues romanes: phonétique**. Traduction Eugène Rabiet. (Título original: *Grammatik der romanischen sprachen: Lautlehre*. Band I. Leipzig: R. Reisland, 1890). Tome I. Paris: H. Welter, 1890. Disponível em: <<https://archive.org/stream/grammairedesla01meye#page/n8/mode/lup>>. Acesso em: 23 maio 2013.

- c) nas obras em língua portuguesa cuja ortografia difere do que seria a sua ortografia nos tempos atuais, manteremos a ortografia original; da mesma forma, o nome do autor será indicado da forma como estiver grafado na obra consultada:

BARBOZA, Jeronymo Soares. **Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados à nossa linguagem**. Segunda edição. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1830 [1822¹]. Disponível em: <<https://archive.org/details/grammaticaphilos00soar>>. Acesso em: 13 out. 2013.

NUNEZ DE LIÃO, Duarte. **Orthographia da lingoa portuguesa**: obra vtil & necessaria assi pera bem screver a lingoa Hespanhol como a Latina & quaesquer outras que da Latina teem origem; item hum tractado dos ponctos das clausulas. Lisboa: João de Barreira, 1576. Disponível em: <<http://purl.pt/15>>. Acesso em: 11 ago. 2015.

- d) quando a obra consultada não se tratar da primeira edição na língua consultada, apresentaremos, logo após o ano de publicação daquela, entre colchetes, o ano de publicação da primeira edição, com o número 1 à sua direita em posição superior, de acordo com os exemplos a seguir:

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 [1961¹].

OLIVEIRA, Fernão de. **Gramática da linguagem portuguesa**. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Com um estudo introdutório do prof. Eugenio Coseriu. Lisboa: Academia das Ciências, 2000 [1536¹].

Quando não foi possível identificar a data da primeira edição (ou, em segunda possibilidade, a data de aquisição dos direitos comerciais da obra em questão), colocamos um ponto de interrogação em seu lugar:

BLANDI, Spiridione. **Grammatica della lingua italiana**. Quarta edizione. Benetia: Nikolao Glykei, 1815 [?!]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Grammatica_della_lingua_italiana.html?id=4QpQAAAAcAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 23 nov. 2013.

- e) tratando-se de uma obra publicada no exterior – sobretudo aquelas dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX –, tal qual ocorre com diversas dentre as que aqui foram citadas, apresentaremos o nome da editora por completo, sem abreviação – desde que possível identificá-la –, mesmo que se trate de nomes de pessoas. Também colocaremos nomes tais quais *livraria*, *oficina* etc. – que indicam o tipo de estabelecimento no qual a referida obra foi impressa e que, segundo a ABNT-NBR 6023/2002, não devem ser colocados. Nessas duas situações, não obedeceremos à indicação da norma, porque, procedendo sob a perspectiva do fazer historiográfico das ideias, preferimos oferecer ao leitor o máximo possível de informações sobre os referidos locais de impressão e lugares de publicação das obras que se caracterizam dessa maneira, o que, a nosso ver, sofreria algum prejuízo se os colocássemos de forma abreviada ou os retirássemos, respectivamente.

BLANDI, Spiridione. **Grammatica della lingua italiana**. Quarta edizione. Benetia: Nikolao Glykei, 1815 [?!]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Grammatica_della_lingua_italiana.html?id=4QpQAAAAcAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 23 nov. 2013.

MARTELLI, D. **Grammaire italienne: élémentaire et raisonnée**. Paris: Chez l'Auteur, 1826. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Grammaire_italienne.html?id=FHcSAAAAIAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 15 dez. 2016.

VILLALÓN, Cristóbal de. **Gramatica Castellana: arte breue y compendiosa para saber hablar y escreuir enla lengua castellana congrua y decentemente**. Anvers: En casa de Guillermo Simon, a la enseña del Abestruz, 1558. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Gram%C3%A1tica_Castellana.html?id=Ud07AAAAcAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 15 dez. 2013.

- f) quando um autor tiver mais de uma obra citada ao longo de um mesmo volume, indicaremos, sempre, nas referências, primeiramente, a publicação mais antiga consultada:

DARMESTETER, Arsène. **De la création actuelle de mots nouveaux dans la langue française et des lois qui la régissent**. Paris: F. Vieweg, 1877. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k113345f>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

_____. **Cours de grammaire historique de la langue française**: troisième partie – formation des mots et vie de mots. Publiée par les soins de Léopold Sudre. Paris: Ch. Delagrave, 1895.

VIARO, M. E.. Problemas de morfologia e semântica do sufixo -eiro. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, vol. 35, p.1443-1452, 2006. Disponível em: <<http://www.usp.br/gmhp/publ/Via30.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

_____. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. A produtividade dos sufixos do ponto de vista diacrônico. In LOBO, T. *et al.*. (Orgs.). **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012, p.275-292. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lobo-9788523212308-19.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

1.3.3.2 Citações e notas

As citações e notas que se encontram ao longo desta pesquisa serão realizadas observando-se, no geral, o disposto na ABNT-NBR 10520/2002. Em alguns pontos, no entanto, preferimos agir um pouco diferente do que preconiza essa norma, objetivando sempre apresentar ao leitor um texto visualmente bem definido, tornando cada uma de suas partes facilmente visualizável. Para isso, fizemos uso, sobretudo, de alguns artifícios tipográficos. Vejamos, inicialmente, os referentes às citações:

- a) as citações com mais de 3 linhas serão digitadas com espaço 1,5cm entrelinhas;
- b) as citações feitas em latim serão digitadas sob a forma de *itálico*; mas não adotaremos o mesmo comportamento para as demais citações em língua estrangeira;
- c) em relação às citações feitas em língua estrangeira, faremos a tradução somente daquelas feitas em latim e em grego – uma vez que se trata de línguas com as quais se tem menos contato, dentre as citadas, e para não aumentar muito o número de páginas deste texto –, colocando-as logo abaixo da citação original ou logo na sequência, entre colchetes, quando se tratar de citação no corpo do texto. (Caso o leitor não encontre a

tradução logo na sequência do texto, ocorreu que ela se encontra feita no comentário que antecede ou sucede à citação.);

- d) para evitar intervenções, muitas vezes desnecessárias, ao longo do texto, fica convencionado, aqui (em contraste com o que indica a ABNT-NBR 10520/2002, no seu item 5.7), que todas as vezes em que, num texto citado, já houver algum destaque dado pelo autor em alguma parte sua ou em seu todo, não colocaremos a expressão *destaque do autor*. Se, por outro lado, o destaque for feito por nós, existirá, junto à indicação da referência, uma expressão do tipo *destaque nosso*, *itálico nosso* ou *negrito nosso*. Não se considerará, aqui, destaque a digitação em itálico dada a um texto citado em latim. Nesta situação, o destaque será a digitação feita sem destaque, isto é, em sua forma normal. Também não faremos intervenção nas situações em que a escrita do texto português de que fazemos uso não se encontre conforme as regras da língua portuguesa atual ou apresente algum erro de digitação, motivo por que não encontrará o leitor expressões como *sic* etc. diante delas. Em traduções, no entanto, seguiremos as normas de escrita que atualmente estão em vigor;
- e) aqueles autores que tiverem apenas uma obra citada em um mesmo volume, na próxima vez em que forem citados não indicaremos mais o ano da obra, substituindo-o pela expressão latina *opere citato* (em sua forma abreviada *op. cit.*). Quando, no entanto, um autor tiver mais de uma obra citadas no mesmo volume, essa substituição somente ocorrerá se o referido autor for citado mais de uma vez na mesma página, ou seja, toda vez em que esse autor for citado pela primeira vez em uma página, indicaremos o ano da obra que está sendo citada.

Em relação às notas, assim procederemos:

- a) as entrelinhas serão digitadas com espaço 1,5cm, com um espaço de 6pt entre uma nota e outra;
- b) os números de chamada (tanto no interior do texto, quanto em posição de rodapé) serão digitados em negrito.

1.3.4 Estabelecimento das porcentagens

Ao longo de nossa pesquisa, mas principalmente no último capítulo, faremos / fizemos bastante uso de números proporcionais ou percentuais. Em alguns desses momentos, em virtude de haver números muito distantes entre si em termos absolutos, a porcentagem dos menores números ficaria igual a 0% – o que afetaria enormemente os dados –, caso

optássemos pela indicação automática das porcentagens a partir dos dados disponibilizados no programa *Excel*, o qual só traz a porcentagem com números inteiros. Como exemplo dessa situação, podemos citar os Gráficos 30, 46 e 54. Em relação ao Gráfico 54, por exemplo, os sufixos *-ino*, em *-sc-*, *-ejo*, *-iço* e *-ebre* teriam 0% de participação em relação aos diminutivos identificados no século XX, o que, convenhamos, não é aceitável, uma vez que esse dado poderia levar à conclusão de que não foram identificados diminutivos com esses sufixos, sendo que, efetivamente, são encontrados exemplos em que esses sufixos ocorrem. Por isso, preferimos fazer o cálculo dos dados percentuais a partir da regra de três simples, calculando os números com até três casas decimais, chegando, assim, na maioria das situações a uma porcentagem de 99,999% e mais raramente a 100%. Com isso, verifica-se que os sufixos acima mencionados contribuem, respectivamente, com 0,082%, 0,302%, 0,302%, 0,027% e 0,302% dos diminutivos identificados nesse século. Dessa forma, não é mais possível a conclusão de que esses sufixos não ocorrem em português na sincronia em destaque.

1.4 Estrutura da Tese

Em conformidade com a ABNT-NBR 14724/2011 (p.5), um trabalho acadêmico compreende duas partes, uma externa – constituída por capa e lombada – e outra interna, a qual, por sua vez, é composta por elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais.

Desse modo, na sequência da parte pré-textual, vem esta *Introdução*, à qual se faz seguir a apresentação da pesquisa propriamente dita sobre os sufixos diminutivos em português, organizada em quatro capítulos, nos quais é possível distinguir duas macrotemáticas bem definidas: *a diacronia do sufixo diminutivo português desde as suas origens na língua latina; o sufixo diminutivo em português através das diversas sincronias dessa língua, desde o século XIII até o XX*. Por sua vez, para cada um desses temas são dedicados dois capítulos.

No primeiro desses capítulos (cf. seção 2), intitulado *O sufixo diminutivo em latim*, discutimos, principalmente, temas como a origem indo-europeia do sufixo diminutivo latino, o sufixo diminutivo latino tal como visto, em seus aspectos formais (fonéticos e morfológicos), funcionais e semânticos, por gramáticos da língua latina que viveram entre os séculos II a. C. e VI d. C. e o sufixo diminutivo latino-vulgar, segundo as propostas contidas nas descrições realizadas no âmbito da gramática comparada, ao longo dos séculos XIX e XX.

No capítulo seguinte, o nosso foco se volta para a descrição dos processos de mudança linguística que ocorreram nos sufixos diminutivos latino-vulgares enquanto são

formadas as diversas línguas surgidas dessa variedade da língua latina. Complementarmente, abordamos os sufixos românicos originados a partir dos diminutivos latino-vulgares, em vários domínios linguísticos da România, quanto à sua produtividade e a características formais, funcionais e semânticas²².

A justificativa para apresentarmos essa abordagem sobre o diminutivo em fase anterior ao surgimento da língua portuguesa está no fato de pretendemos, ao longo da descrição dos sufixos diminutivos identificados em palavras desta língua: *a)* identificar se se trata de um sufixo genuinamente português (isto é, transmitido do latim vulgar ao português diretamente) ou de um sufixo existente na língua portuguesa, mas tomado de empréstimo a outra língua; *b)* identificar se as características formais, funcionais e semânticas dos sufixos diminutivos existentes na língua portuguesa são (todas) herdadas do latim ou se houve o desenvolvimento de alguma característica nova ao longo das sincronias da língua portuguesa.

Todas as partes até aqui enumeradas constituem o *Volume I* de nossa pesquisa.

Feitas, portanto, essas discussões preliminares – necessárias, a nosso ver, para um conhecimento diacrônico ou histórico mais aprofundado acerca do sufixo diminutivo em português –, iniciamos o estudo dos sufixos diminutivos empregados em português ao longo do período que se estende do século XIII ao XX, objetivando descrevê-los em seus aspectos formais, funcionais e semânticos. Para isso, dedicamos, novamente, dois capítulos.

No primeiro deles (cf. seção 4), que recebe o título *O sufixo diminutivo em português arcaico*, propomos a descrição do sufixo diminutivo em português arcaico (séc. XIII a XV) – o qual é dividido em três sincronias –, visando à identificação dos sufixos empregados nesse período, com a conseqüente caracterização formal, funcional e semântica. Além disso, discutiremos a procedência desses sufixos, no sentido de identificar se se trata de sufixos herdados do latim vulgar ou de sufixos incorporados ao português a partir de empréstimo a outras línguas românicas ou ao latim clássico.

O último capítulo que se debruça sobre a discussão dos sufixos diminutivos em português é dedicado ao português moderno – séc. XVI a XX (cf. seção 5) – e é intitulado *O sufixo diminutivo em português moderno*. Nele, semelhantemente ao que fizemos em

²² Tanto em um quanto em outro capítulo (seções 2 e 3), a discussão estabelecida não se baseia, geralmente, na análise de dados constantes em um *corpus*, mas na análise do testemunho que ofereceram diferentes gramáticos sobre o sufixo diminutivo em latim (clássico) e sobre línguas românicas particulares ao longo dos séculos II a. C. e VI d. C. e XV e XX. Quanto ao sufixo diminutivo em latim vulgar, valemo-nos, sobretudo, de descrições existentes em gramáticas comparadas das línguas românicas e em manuais de história do latim vulgar.

relação ao português arcaico, procederemos à identificação dos sufixos diminutivos existentes ao longo desse período – sincronia a sincronia –, descrevendo-os em seus aspectos formal, funcional e semântico, ao que se acrescentará a discussão sobre a etimologia desses sufixos, no sentido de identificar se são sufixos que o latim vulgar transmitiu diretamente ao português ou se resultam de empréstimo ao próprio latim (no caso, o clássico) ou a alguma língua românica.

As análises empreendidas ao longo desses dois capítulos produzirão, portanto, um estudo diacrônico ou histórico bastante abrangente acerca do sufixo diminutivo em português, o qual permitirá que se conheçam, também, as suas características formais, funcionais e semânticas em cada um dos séculos desde o XIII ao XX.

Na sequência, serão apresentadas as conclusões da pesquisa (cf. seção 6), com base em toda a discussão estabelecida nos capítulos anteriores. Com isso, teremos finalizado o *Volume II*.

Por fim, integra, ainda, este trabalho um apêndice, no qual se encontra uma lista com os diminutivos – organizados por séculos – que foram analisados para a elaboração dos capítulos nos quais se descreveram os sufixos diminutivos em português (cf. seções 4 e 5), a qual é antecedida de informações que explicam o modo como essa lista foi elaborada. Esta é a terceira parte de nossa pesquisa ou o seu *Volume III*²³.

1.5 Concepções teóricas e conceitos principais

Uma língua, ao longo de sua história, não permanece a mesma. Mais que isso, pode-se dizer que a língua está sempre em processo de transformação ou mudança, ou seja, enquanto os usuários estão empregando sua língua, ela vai assumindo diferentes feições, na maioria das vezes não sendo isso percebido por esses usuários.

Mas, então, o que pode mudar numa língua? Nas palavras de Martinet (1978 [1963¹], p.177), já antecipadas, por exemplo, por Coelho²⁴ e Saussure²⁵,

²³ Além das seções até aqui enumeradas, compõem, também, a estrutura desta pesquisa as referências com a indicação de autores e obras citados, as quais, como observado em 1.3.3.1, acompanham os respectivos volumes nos quais estes foram mencionados.

²⁴ Coelho (1887, p.59) já afirmara que a língua sofre alterações em todos os seus planos, conforme a seguir: “As alterações das linguas extendem-se a todos os seus elementos: são *lexicologicas* ou *grammaticaes*. — As alterações lexicologicas consistem no *archaismo* e no *neologismo*. — As alterações grammaticaes dividem-se

Tudo pode mudar numa língua: a forma e o valor dos monemas, ou seja, a morfologia e o léxico; a ordem dos monemas no enunciado, quer dizer, a sintaxe; a natureza e condições de emprego das unidades distintivas, isto é, a fonologia. Aparecem novos fonemas, novas palavras, novas construções, enquanto outras unidades e maneiras de dizer diminuem de frequência e caem no esquecimento.

A mudança que se dá nas línguas ao longo do tempo altera, portanto, todos os planos do sistema linguístico, desde a fonologia e a morfologia até a sintaxe, a semântica e o léxico. Daí a importância da realização de estudos sobre os fatos linguísticos através do tempo, pois, como afirma Leite de Vasconcellos (1895, p.25),

O estudo theorico de uma lingua assegura-nos melhor na posse d'ella. E como uma lingua não teve sempre a fórma que nos apresenta em dado momento, mas teve outras que explicão esta, fica entendido que o conhecimento das phases antigas da lingua portuguesa, habilita[...] -nos, [...], para nos inteirarmos melhor da língua moderna.

É, portanto, nesse sentido que o estudo, sob a perspectiva diacrônica ou histórica, de sufixos existentes em português tem sido um dos principais focos do Grupo de Morfologia Histórica do Português (GMHP)²⁶, desde a sua fundação em 2005, e, mais recentemente (desde 2012), também do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP)²⁷, resultando em diversas pesquisas, entre dissertações e teses – umas já concluídas, outras em andamento –, sobre aspectos formais, funcionais e semânticos dos

em *phoneticas, morphologicas e syntacticas*, a que podem juntar as de função (sematologicas), ainda não reduzidas a systemas.”

²⁵ Para Saussure (2010 [1916¹], p.193), “[...] toutes les parties de la langue sont soumises au changement; à chaque période correspond une évolution plus ou moins considérable” [“[...] todas as partes da língua estão submetidas à mudança; a cada período corresponde uma evolução mais ou menos considerável” (2002 [1970¹], p.163)].

²⁶ Este grupo de pesquisa é vinculado à Área de Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), sob a coordenação do Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro. Mais informações em <http://www.usp.br/gmhp/>.

²⁷ Assim como o GMHP, o NEHiLP é coordenado pelo Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, encontrando-se vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa (PRP) da Universidade de São Paulo (USP). Outras informações sobre esse núcleo de pesquisa podem ser conferidas em <http://www.nehilp.org/~nehilp/>.

sufixos diminutivos empregados em português no período que se estende do século XIII ao XX.

Tendo isso em vista, o primeiro conceito que destacamos é o de *estudo diacrônico* ou *histórico*²⁸, entendido como a descrição de um fato linguístico ao longo de dois ou mais momentos (isto é, sincronias) de uma língua, contrapondo-se ao *estudo sincrônico*, restrito à descrição de um fato linguístico em um único momento ou sincronia²⁹.

Outros conceitos importantes para esta pesquisa são o de *palavra*, *palavra primitiva*, *palavra derivada* e *diminutivo*. Assim, utilizaremos a designação genérica *palavra* para denominar uma unidade linguística significativa empregada na construção de frases, a qual, quando acompanhada do adjetivo *primitiva*, designará a palavra a partir da qual se forma outra, a *derivada*. O diminutivo será, portanto, considerado uma palavra derivada, podendo resultar do acréscimo de sufixo – derivação sufixal, como em *abelha* → *abelhinha* – ou da redução da forma da palavra primitiva – derivação regressiva, como em *rabiscar* → *rabisco*. Do ponto de vista semântico, admitiremos que a significação do diminutivo, sobretudo daquele que se forma por meio de sufixo, resulta da combinação da significação do sufixo

²⁸ De acordo com Silva (2008, p.12), “Costuma-se não distinguir linguística histórica de linguística diacrônica. Contudo, essa distinção deve ser feita”. Assim, segundo a autora (*loc. cit.*), é histórica a abordagem que busca “[...] descobrir ou desvelar a constituição histórica da língua portuguesa ao longo de seu tempo histórico”; não se encontra, contudo, nessa obra, o que significa ‘tempo histórico da língua’ portuguesa. Da mesma forma, a autora não caracteriza o que seria uma abordagem diacrônica. Desse modo, não obstante a ressalva acima, empregaremos, ao longo de nossa pesquisa, os termos *Linguística Diacrônica* e *Linguística Histórica*, *Diacronia* e *História* como sinônimos, como o faz, por exemplo, Maurer Jr. (1967).

²⁹ Percebendo essas duas perspectivas sob as quais os fatos de uma língua podem ser descritos, Saussure (2010 [1916¹], p.116; 2002 [1970¹]), p.96) distingue duas linguísticas, uma sincrônica, outra diacrônica. Para esse autor (*op. cit.*, p.115-117; *op. cit.*, p.95-97), o estudo sincrônico é aquele que contempla as relações entre os signos de uma língua em um momento determinado dessa língua, excluindo de tal descrição a intervenção do fator *tempo* — “Est synchronique tout ce qui se rapporte à l’aspect statique de notre science” (p.117), “[...] concernant les rapports entre choses [signes] coexistantes, d’où toute intervention du temps est exclue [...]” (p.115) [“É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático de nossa ciência” (p.96), “[...] concernante às relações entre coisas [signos] coexistentes, de onde toda intervenção do tempo se exclui [...]” (p.95)]; por seu lado, o estudo diacrônico focaliza as evoluções que os signos de uma língua sofreram em diferentes momentos ou sincronias dessa língua — “[Est] diachronique tout ce qui a trait aux évolutions” (p.117), “[...] sur lequel on ne peut jamais considérer qu’une chose à la fois” (p.115) [“É diacrônico tudo que diz respeito às evoluções” (p.96), “sobre o qual não se pode considerar [...] [apenas] uma coisa por vez” (p.95)].

com a significação da palavra primitiva. Ressaltamos, no entanto, que, como adverte Viaro (2006, p.1447),

[...] uma palavra derivada tem três graus de significação. Uma palavra como *barbeiro* significando ‘profissão’ reside na junção do radical da palavra-base *barba* e o mesmo *-eiro* indicador de profissão, no entanto já não se pode falar que *-eiro* signifique ‘inseto’ quando *barbeiro* é o transmissor da doença de Chagas, tampouco significa ‘que (faz algo) mal’, quando *barbeiro* é o mau condutor de veículos. Há portanto que se diferenciar o *significado da base* (muitas vezes apagado com o tempo), o *significado do sufixo* (que, quando perde a prolificidade, também pode se tornar irreconhecível) e *significado total da palavra derivada* (que é, muitas vezes, imprevisível). De fato, *pedreiro* tem a raiz *pedr-*, mas um pedreiro não trabalha apenas com pedras, assim como um *leiteira* pode servir para ferver água e não leite. O momento da criação neológica do vocábulo, normalmente perdido, envolve também fatores sociolinguísticos de natureza variada. Uma vez criada a palavra, a atuação de metáforas é inevitável.

Além disso, é importante destacar que a construção da significação do diminutivo ocorre (ou pode ocorrer) a partir da influência de fatores externos ao âmbito da língua. Nesse sentido, o trecho a seguir é bastante assertivo:

Importa sublinhar que, num derivado, a presença de semas de tipo positivo ou negativo está condicionada não apenas ao operador derivacional, mas também à estrutura semântica da base, à relação do locutor com o avalia(n)do, a estereótipos e convenções de ordem axiológica associados ao processo de avaliação, a valores e coordenadas atinentes ao universo de referência e à subjetividade-intencionalidade do falante (traduzida pela seleção do afixo e pela entoação que imprime ao derivado e ao enunciado), a circunstâncias discursivas. Coordenadas de natureza suprasegmental e/ou de natureza retórico-pragmática condicionam fortemente o sentido da avaliação processada aquando da ocorrência de operadores avaliativos. Por efeito de operações retórico-figurais e discursivas que operam sobre o acto de linguagem de que o derivado participa, certos tipos de derivados podem até ser interpretados de forma inversa daquela que é derivacionalmente construída. O co(n)texto e o acto enunciativo-pragmático determinam o semantismo de um produto, podendo introduzir desfasamentos entre o significado derivacionalmente construído e os valores ilocutórios que o derivado adquire (RIO-TORTO, *op. cit.*, p.384).

Ainda no que se refere à sua significação, destacamos que o sufixo diminutivo será concebido nesta pesquisa como significando não apenas tamanho pequeno, mas também depreciação, afeição etc., numa tradição que remonta aos gramáticos latinos antigos (cf. seção 2.2.1.1).

Uma vez tratando de formações sufixais, reveste-se de importância, também, a discussão acerca da capacidade de formar novas palavras por parte de cada um dos sufixos diminutivos que serão descritos neste estudo. Nesse sentido, dois conceitos se tornam caros ao que será exposto aqui, sobretudo nas seções 4 e 5, os quais são o de *produtividade* e o de *frequência*. Assim, entenderemos por *produtividade de um sufixo* (ou grupo de sufixos – sufixos em *-t-*, por exemplo) a sua capacidade de formar novas palavras – ou seja, a possibilidade de um sufixo formar novas palavras segundo determinadas regras de formação de palavras (RFP) (cf. ARONOFF, 1976) –, capacidade essa que pode ser restrita a uma sincronia ou estender-se por mais de uma sincronia (sucessiva ou não), ou seja, um sufixo diminutivo em português não será, necessariamente, produtivo em todas as sincronias dessa língua³⁰.

Nesse sentido, distinguiremos diferentes tipos de sufixo quanto à sua produtividade, a saber: *improdutivos* – sufixos que ocorrem somente em palavras tomadas de empréstimo ou herdadas, mas não em formações ocorridas em português; *produtivos* – sufixos que são encontrados formando palavras em português, podendo, também, ocorrer em palavras provenientes de outras línguas ou herdadas do latim. Por sua vez, entre os produtivos é

³⁰ Embora empregemos ao longo desta pesquisa os termos *produtividade* tal como aqui caracterizado, não desconhecemos algumas críticas que lhe são feitas. Assim, Viaro (2012, p.276) aponta-lhe algumas limitações em função, principalmente, de dois fatores: 1) o léxico de uma sincronia não é constituído apenas de palavras formadas naquela sincronia, o que faz, por exemplo, que se encontrem, numa mesma sincronia, palavras (no nosso caso, diminutivos) que foram formados em diferentes momentos, concluindo que, assim, não se pode ter a dimensão exata da capacidade produtiva de um sufixo (diminutivo); 2) muitas palavras formadas em uma sincronia não são transmitidas à seguinte ou não são registradas (em dicionários, por exemplo), de modo que novamente não é possível dimensionar o número real de palavras que foram formadas com determinado sufixo (diminutivo). Uma vez, no entanto, que analisamos o sufixo diminutivo em diversas sincronias da língua portuguesa – sendo, assim, mediante *corpora* (limitados por natureza), possível identificar as ocorrências de cada um deles –, cremos poder oferecer um resultado bastante aproximado acerca da capacidade produtiva dos sufixos descritos. Assim, não obstante tais ressalvas, continuaremos empregando o termo *produtividade* como acima caracterizado, até mesmo pela falta de outro termo que seja mais apropriado.

possível identificar diferentes níveis ou graus³¹, que assim serão definidos: *produtivos com baixo ou pouco grau de produtividade*: sufixos que são responsáveis pela formação de diminutivos em português na proporção entre 0,1% e 4,9% da frequência de *-inho* em determinada(s) sincronia(s) – tal é comportamento de todos os sufixos, menos os em *-t-* e o sufixo *-inho*; *produtivos com médio grau de produtividade*: sufixos que formam entre 5% e 10% da frequência de *-inho* na sincronia(s) analisada(s) – este é o caso dos sufixos em *-t-*; e *produtivos com alto grau de produtividade* – somente o sufixo *-inho* pertence a esse grupo, uma vez que responsável por, aproximadamente, 90% dos diminutivos formados em português, qualquer que seja a sincronia analisada.

Advertimos, por fim, que um sufixo pode ser improdutivo em determinada(s) sincronia(s), tornando-se produtivo em outra(s), como ocorre com os sufixos diminutivos *-ejo*, *-ulo* e *-culo*, os quais, resultando de empréstimo, respectivamente, ao espanhol e ao latim clássico, ocorrem em português já desde o século XV, embora somente formem palavras nessa língua nos séculos XIX e XX. O processo inverso também pode ocorrer, ou seja, um sufixo que formou diminutivo pode perder essa capacidade, como se verifica com os sufixos *-ato* – identificado somente em uma palavra no século XIII, a qual foi encontrada novamente nos séculos XVII – e *-ina*, que ocorre unicamente no século XVI.

Com o conceito de *frequência*, por outro lado, designamos a quantidade de diminutivos que possuem em sua estrutura, em determinada(s) sincronia(s), um sufixo (ou grupo de sufixos) particular. Portanto, com esse termo, referimo-nos tanto aos diminutivos que resultam de empréstimo e de herança, quanto aos de formação portuguesa.

Por trabalhar com os conceitos acima – sobretudo com o de *frequência* –, faz-se importante, também, caracterizar o que será considerado neste estudo um *empréstimo linguístico* e o que é uma *herança linguística*. Em relação ao primeiro, empregá-lo-emos como referência a toda palavra (no caso, todo diminutivo) pertencente ao léxico da língua portuguesa, mas cuja formação se deu em outra língua, sendo só posteriormente incorporada ao português, ou, segundo o NEHiLP (*op. cit.*, p.65), “O termo *empréstimo* é aplicado a tudo aquilo que não é criado em sincronia nem é herdado, ou seja, uma palavra proveniente de um outro sistema numa determinada sincronia”. Diferentemente, os diminutivos herdados são aquelas palavras que já eram diminutivos em latim vulgar e que, ao serem transmitidas ao

³¹ Esses diferentes níveis ou graus de produtividade serão estabelecidos tendo como parâmetro a frequência do sufixo *-inho* em cada sincronia – que, nesse caso, é um reflexo da produtividade –, o qual será o único considerado com alto grau de produtividade.

português, continuaram como diminutivos, tal como se pode depreender das seguintes palavras:

São classificados como *vernáculos* ou *hereditários* os vocábulos herdados diretamente do sistema linguístico numa sincronia imediatamente anterior, sem a intervenção de outro sistema qualquer. No caso de línguas românicas como o português, é vernáculo tudo quanto já existia em latim vulgar e continuou a existir, de modo que, quando adquiriram o *status* de língua distintas do latim, esse acervo de material lexical e gramatical passou a constituir o léxico de base dessas línguas (NEHiLP, *op. cit.*, p.64).

A distinção entre empréstimo e herança acima apresentada remete para outra distinção que é feita no âmbito do NEHiLP e que será seguida nesta pesquisa, a qual diz respeito ao termos *étimo* e *origem*. Assim, consideraremos o primeiro desses termos como a forma (palavra ou sufixo, por exemplo) imediatamente anterior a determinada forma (palavra ou sufixo) da língua em análise — “[...] o ÉTIMO de uma palavra investigada é *a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer*” (VIARO, 2011, p.99; NEHiLP, *op. cit.*, p.20) —, enquanto que a(s) forma(s) mais(s) antiga(s), isto é, anterior ao étimo, é(são) a origem — “Formas que antecedem essa sincronia fazem parte da *origem* da palavra *lato sensu*” (NEHiLP, *loc. cit.*). Em outras palavras,

Define-se *étimo* como a palavra (localizável ou não) na sincronia pretérita mais recente que corresponda à forma de um item pesquisado na sincronia atual. Esse étimo pode pertencer à mesma língua da palavra pesquisada ou não. O étimo pode ter a mesma forma da palavra pesquisada, mas com frequência terá aspecto e/ou significado distintos. [...]. O étimo se distingue da *origem*, que é um conceito mais vago e pode remontar a etapas anteriores à sincronia pretérita imediatamente anterior à sincronia estudada (NEHiLP, *loc. cit.*).

Exemplificando o que aqui dissemos com sufixos, podemos dizer que o étimo do sufixo diminutivo *-ejo* empregado em português é o sufixo espanhol *-ejo*, enquanto que a sua origem é o sufixo latino-vulgar **-īculus*³².

³² Obviamente que estamos tomando como parâmetro, aqui, a língua portuguesa, pois, para o espanhol, o étimo de *-ejo* é **-īculus*, conforme demonstramos no Quardo 31.

A partir dessas explanações introdutórias, é possível, portanto, dar início à discussão, propriamente dita, acerca do sufixo diminutivo em português em perspectiva diacrônica, motivo por que iniciaremos com a caracterização do sufixo diminutivo latino, inicialmente quanto à sua variedade clássica e, na sequência, em latim vulgar.

É mister, contudo, antes, diante de uma longa empreitada como é esta de descrever o sufixo diminutivo em português ao longo de vários séculos – um passo, sem dúvida, importante para o conhecimento desse tipo de sufixo –, reconhecermos as limitações impostas a este estudo, em função, sobretudo, dos princípios teórico-metodológicos adotados, na certeza de que as eventuais falhas existentes nele não diminuem a sua importância, pois, como assinala Nunez de Lião, na dedicatória de sua *Orthographia da Lingoa Portuguesa* (1576),

E se eu não pude chegar ao melhor, & ao q̃ quis, contentome com a honra de abrir o caminho, para outros agora o fazerem melhor. Porq̃ d'estes paaços reaes, d'estes tēplos, & d'estas pyramides que agora veemos, não he a honra de Ctesiphon, nem de Metagenes, nem de Vitruuio, que os melhor fizeram, mas do que imitãdo as solicitas aues, de barro fez as primeiras paredes, & de vil colmo as começou cobrir.

Com esse pensamento, ficamos na expectativa de que esta pesquisa seja melhorada por outros estudiosos no futuro, fazendo nossas as seguintes palavras de Bernardes Branco (1884 [1879¹], p.VII), o qual – após analisar a situação da lexicografia latino-portuguesa – assim se expressa:

A' vista de tudo quanto expuz conhecerá o leitor que se tornava indispensavel [...] [este estudo]. Vendo que hombros mais fortes não se submettiam a esta empreza, tomei-a sobre as minhas debeis costas. Sou, porém, o primeiro a confessar que trabalhos taes não podem sair perfeitos n'uma primeira ou segunda edição. Gradualmente devem ser melhorados até chegarem aquelle auge de perfeição de que são susceptiveis.

2 O SUFIXO DIMINUTIVO EM LATIM

A língua portuguesa, como língua originada a partir do latim, é “herdeira”, sem dúvidas, de muitas características existentes nesta língua, como, por exemplo, o emprego de sufixos diminutivos. Desse modo, acreditamos que, para mais bem conhecermos o diminutivo em língua portuguesa – seja quanto a seus aspectos sincrônicos, seja em relação à sua diacronia ou história –, é de grande importância a revisão de alguns aspectos do diminutivo em sua “língua-mãe”, pois, como afirma Leite de Vasconcellos (1895, p.25),

O estudo theorico de uma lingua assegura-nos melhor na posse d’ella. E como uma lingua não teve sempre a fórma que nos apresenta em dado momento, mas teve outras que explicão esta, fica entendido que o conhecimento das phases antigas da lingua portuguesa, habilita[...] -nos, [...] para nos inteirarmos melhor da língua moderna.

Assim, considerando a língua latina como a fase mais antiga da língua portuguesa, conhecer o diminutivo naquela língua poderá, por exemplo, contribuir, quando da descrição do diminutivo em português, para que se possa discernir que características são particulares desta língua e quais lhes foram transmitidas a partir da latina.

Exposto isso, passamos ao estudo do diminutivo em latim.

2.1 O sufixo diminutivo do indo-europeu ao latim

A língua latina filia-se, juntamente com outras línguas como o sânscrito, o persa e o grego etc., ao grupo das línguas indo-europeias. Pertencente ao grupo itálico das línguas indo-europeias – ao lado de osco, umbro etc. –, a língua latina passou, desde a sua origem, por uma série de transformações que culminaram, por exemplo, em sua ampliação lexical e no surgimento de uma escrita literária com grande rigor técnico e estilístico. Isso, no entanto, não ocorreu em um curto período de tempo, mas ao longo de séculos. Dessa forma, referindo-se ao latim em sua fase inicial, afirma Bourciez (1967 [1910¹], p.26):

Le latin n’a donc été pendant longtemps qu’un dialecte italique placé sur le même rang que les autres, qui dans son vocabulaire a subi fortement leur influence (§ 64), et dont le grand rôle ultérieur s’explique moins par des vertus intrinsèques, que par les succès politiques du peuple qui s’en est servi. C’était un idiome assez fruste,

assez grossier, parlé par des pâtres et des agriculteurs [...]. De plus, le latin se prêtait mal à suivre la pensée dans tous ses replis, et à en marquer les nuances subtiles (absence d'article, d'aoriste, confusion de l'optatif et du subjonctif, etc.). C'était la langue d'une race avant tout pratique et utilitaire, visant moins à la poésie qu'à édicter des règles de conduite et des textes de lois.

Como uma língua originada a partir do indo-europeu, a língua latina possui, evidentemente, muitas características que a distinguem daquela língua, como assinala Meillet (In: ERNOUT, 1914, *Avant-propos*, p.VII-VIII):

[...] entre la période de l'indo-européen commun et la période historique du latin, il s'est écoulé un grand nombre de siècles, durant lesquels se sont succédé des systèmes grammaticaux intermédiaires entre le système indo-européen et le système latin; et, comme le système latin est très différent du système indo-européen, on n'a pas le moyen de déterminer ces moments intermédiaires.

O latim, no entanto, mantém com o indo-europeu afinidades que “seraient inexplicables si cette langue n'était pas une forme de l'indoeuropéen” (MEILLET, 1903, p.20), as quais podem ser verificadas na morfologia, na sintaxe e no léxico de ambas as línguas: “Si donc deux langues présentent dans leurs formes grammaticales, leur syntaxe et leur vocabulaire un ensemble de concordances définies, c'est que ces deux langues n'en font en réalité qu'une [...]" (MEILLET, *op. cit.*, p.3).

Em relação ao seu vocabulário, por exemplo, “Le vocabulaire latin continue pour l'essentiel le vocabulaire indo-européen, mais sous une forme profondément renouvelée, et, dans une large mesure, populaire” (MEILLET, 1958 [1928¹], p.176). Assim, “[...] au cours du développement de chaque langue, ils [les noms-racines] ont été peu à peu éliminés au profit de formations suffixales plus claires [...]" (MEILLET & VENDRYES, 1966 [1924¹], p.371), como o fez o latim: “En latin comme en grec, il y a tendance à remplacer les noms-racines par des dérivés pourvus de suffixes” (*ibid.*, p.372). Ainda em virtude de seu caráter popular, os sufixos de que o latim faz uso para a renovação de seu vocabulário são aqueles dotados de expressividade: “[...] le latin est une langue populaire qui a préféré dans bien des cas un dérivé expressif au mot primitive” (MEILLET, 1958 [1928¹], p.180).

No que se refere aos nomes³³, encontra-se a formação de palavras com sufixos diminutivos:

Quant aux noms, Plaute y use fréquement de dérivations expressives, et notamment de diminutifs. Il se sert de *uetulus* plutôt que de *uetus*, et c'est cette forme expressive qui a prévalu finalement dans le parler populaire comme on le voit par les formes romanes, fr. *vieux, vieille*, it. *vecchio, etc.* [...] (MEILLET, 1958 [1928¹], p.184).

Desse modo, o vocabulário latino passa a ter palavras produzidas já em latim e não somente as que lhe foram transmitidas a partir do indo-europeu ou emprestadas de outra(s) língua(s). Nesse processo foi importante, portanto, o emprego dos sufixos de que essa língua dispunha³⁴, dentre os quais os sufixos diminutivos, os quais constituem uma “herança” da morfologia do indo-europeu à língua latina, como afirma Hakamies (1951, p.10):

Le latin a hérité de l'indo-européen le suffixe *-(e)lo/ā* qui aboutit à *-olo/a*, puis à *-ulo/a*; *-olo-* persiste toutefois après *e, i, u* et *w* du radical. Dans les mots des 3^e, 4^e et 5^e déclinaisons, cette désinence est élargie, en règle générale, par un élément *k* représentant le suffixe indo-européen *-qo-*, d'où il résulte *-culo/a*.

Como sufixos diminutivos originados do indo-europeu e existentes nas línguas indo-europeias, Brugmann (1905 [1904¹], p.356) cita **-lo-*, **-qo-*, **-īno-*, **-eino-*, **-iĵo-*, e **-ĵo-*: “Les morphèmes [diminutifs, péjoratifs, hypocoristiques] sont dans l'ensemble les mêmes que ceux des adjectifs dénominatifs, en particulier *-lo-* (§ 400), *-qo-* (§ 399), *-īno-*, *-eino-* (§ 396), *-iĵo-*, *-ĵo-* (§ 401)”. Em seguida (p.356-357), esse autor apresenta alguns exemplos que

³³ Já em relação aos verbos, essa característica dá origem a construções frequentativas: “La place prise par les verbes fréquentatifs illustre cette tendance. En les employant en grand nombre, Plaute ne fait que se conformer à une habitude générale du parler qu'il entendait et pratiquait. Nombre des verbes anciens ne subsiste que sous cette forme. Tandis que *dubat* est attesté seulement par des gloses, le fréquentatif *dubitāre*, à côté de *dubius*, est d'usage courant et a subsisté jusque dans les langues romanes. Ennius a encore *horitur*; la forme ordinaire est *hortari*” (MEILLET, 1958 [1928¹], p.180).

³⁴ De acordo com Meyer-Lübke (1895 [1894¹], p.430), a renovação do vocabulário de uma língua pode ser feita de três modos: “1° par un simple changement de sens sans altération dans la forme”; “2° par l'adjonction d'un nouvel élément au radical d'un mot”; “3° par la réunion de deux mots qui existent aussi séparément dans la langue”. Ao empregar-se o sufixo diminutivo, está-se, portanto, fazendo uso do segundo desses modos.

ilustram o funcionamento desses sufixos como diminutivos, em algumas línguas indo-europeias, dentre elas o latim, conforme segue:

- 1) *-lo-*. Lat. *porculus*, v. h. a. *farhel-i* (neut), lit. *parszēl-i-s* ‘pourceau’, de *porcus*, *farah*, *parszas* ‘porc’. Lat. *rotula*, lit. *ratēl-i-s* ‘petite roue’, de *rota*, *rātas* ‘roue’. [...] Lat. *filiolus*, *-iola* (*filius*, *-ia*).
- 2) *-qo-*. Skr. *maryaká-s* ‘petit homme’, gr. *μειραξ* ‘jeune fille’ (skr. *márya-s* ‘homme, jeune homme’). Skr. *ajakā*, *ajikā* ‘petite chèvre’ (*ajā* ‘chèvre’), cf. lit. *oszkà* ‘chèvre’. Gr. *βωμαξ* ‘petit autel’ (*βωμόξ* ‘autel’).
- 3) ‘*-īno-*, *-eino-*’. Surtout en germanique, par ex. got. *gaitein* (v. sup.). Rare ailleurs, en grec, en latin vulgaire et en celtique, par ex. gr. *κορακιος* ‘jeune corbeau’ (*κόραξ*). [...].

Ainda de acordo com Brugmann (*op. cit.*, p.157), nas línguas indo-europeias “On trouve souvent deux morphèmes diminutifs réunis, par ex. gr. *-k-io-*, lat. *-culo-*, *-lulo-*, germ. *-l-īna-*”, o que, segundo Meillet & Vendryes (*op. cit.*, p.368-369), ocorre pela busca de expressividade – maior nos morfemas mais extensos que nos mais curtos: “Les suffixes indo-européens étaient généralement courts. Les besoins de l’expression ont conduit à leur donner plus de corps; pour obtenir des types plus marqués, on a souvent accumulé les suffixes”. Esse tipo de construção, por sua vez, é mais encontrado na variedade popular de uma língua que na culta, conforme destacam Meillet & Vendryes (*op. cit.*, p.369):

L’usage d’élargir les suffixes pour leur donner plus de corps est particulièrement répandu dans la langue populaire, qui cherche toujours à augmenter la valeur expressive des mots. Aussi les écrivains qui s’inspirent de l’usage populaire, comme les comiques, emploient-ils fréquemment des formations à suffixes combinés. La langue d’Aristophane abonde en ce qu’on appelle souvent à tort des ‘diminutifs’, qui ne sont que des mots plus expressifs, parce que plus pleins. C’est un fait général. [...].

Ainda do ponto de vista morfológico, é importante salientar que o comportamento do diminutivo em relação à categoria de gênero não permanece imutável do indo-europeu às suas “línguas-filhas”. Quanto a isso, Brugmann (*op. cit.*, p.356) afirma:

Le genre était naturellement neutre à l’origine: gr. *παιδίον* ‘petit enfant’, de *παις*, lat. pop. *asserculum*, de *asser* (Osthoff dans v. Patrubàny, Sprachw. Abh. 2. 101 sqq.) [...]. Mais dès l’époque indo-européenne on identifiait souvent aussi le genre à celui

du nom dont le diminutif est dérivé. Le phénomène est parti sans doute des mots désignant les êtres vivants, de cas comme lat. *filiolus*, *filiola*, et s'est produit d'autant plus facilement que le morphème diminutif n'était pas resté en même temps productif comme morphème d'adjectifs.

Esses sufixos, no entanto, não possuíam, inicialmente, nem em indo-europeu, nem nas línguas indo-europeias, de acordo com Regnier – cf. tb. a discussão apresentada por Alonso (1967 [1951¹], 161-189) –, o significado de diminutivo:

[...] dans la plupart des idiomes où se rencontrent les formatives qui ont ces sens [diminutifs], elles avaient dans le principe une valeur différente. M. Düntzer suppose que les langues ont employé à cet usage des suffixes qui avaient avec le temps perdu leur signification première (REGNIER, 1855, p.309).

De acordo com Brugmann (*op. cit.*, p.342, destaques nossos), eles foram empregados inicialmente em indo-europeu e nas línguas indo-europeias para formar adjetivos denominativos, exprimindo relações diversas: “Le rapport avec le mot sur lequel l’adjectif est formé est très variable: *relation matérielle ou qualitative, dépendance, possession, fait d’être pourvu de*, etc. Le plus souvent le rapport est déterminé par le mot qui sert de thème”. Eis alguns exemplos citados por Brugmann (*op. cit.*, p.343-347), nos quais esses sufixos são empregados com estes significados nas línguas indo-europeias:

a) sufixos *-ino-, *-īno-, *-eino-, (*-oino-)

1) -ino- formant des adjectifs de matière en grec, italique, balto-slave: gr. φήγινος ‘de hêtre’ (φήγος), lat. *fāginus* (*fāgus*), lit. *āuksinas* ‘d’or’ (*āuksas*); v. sl. *želězīnŭ* ‘de fer’ (*želēzo*). [...].

2) -īno-. Skr. *navīna-s* ‘nouveau’ (*nāva-s*, *nāvya-s* ‘nouveau’), *saṃvatsarīna-s* ‘annuel’ (*saṃvatsarā-s* ‘année’), lat. *dīvīnus*, osq. *deivīnais* ‘divinis’ (lat. *dīvos*), *Latīnus* (*Latium*); en grec et en baltique avec la fonction de substantif, par ex. *ἐρυθρίνος* ‘rouget’ (*ἐρυθρός* ‘rouge’), *κορακίνος* ‘poisson de mer noir’ (*κόραξ* ‘corbeau’), lit. *kaimýnas* ‘voisin’ (*kēmas* ‘ferme’.)

-eino- (-oino-). Skr. *sāmidhená-s* ‘qui a rapport au bois à brûler’ (*samīdh-*), zd *ar̥zataēna-* ‘d’argent’ (*ar̥zata-* ‘argent’); substantivé, par ex. volsq. *Fibrēnus* (*fibrinus*), irl. *cu'lēn* ‘petit d’un animal’ et lat. *laniēna* (§ 304, 3), *pistrīna*, *rāpīna*, lit. *ropėna* ‘champ de raves’, *žvėrėnà*, v. sl. *zvérina* ‘gibier’ (BRUGMANN, *op. cit.*, p.343).

b) sufixo *-qo-

[...]. 2) Dérivés de thèmes de substantifs (a) ou d'adjectifs (b), signifiant que quelque chose a l'aspect, ou la propriété, le caractère du concept fondamental; de là vient leur emploi fréquent comme substantif. a) Skr. **sūcti-ka-s** 'piquant' (**sūcti-** fém. 'aiguille') *ánta-ka-s* 'qui a la propriété de la fin (*ánta-s*), qui prépare la fin, la mort', zd *spaka-* 'semblable à un chien', forme primitive ***k̑uq̑-qo-** (skr. *çván-* 'chien'), skr. *udaká-m* 'eau' (*udán-* neut. 'eau'), gr. φυσικό-ς 'naturel' (φύσις), ὄστακός 'crabe', primit. 'muni d'une écaille d'os' (skr. *asthán-* 'os'), forme primit. ***osth-qo-s**, lat. *amni-cu-s cīvi-cu-s*, got. *atai-na-h-s*, v. h. a. *steina-g* 'pierreux' [...]. b) Skr. *sana-ká-s* 'vieux', lat. *senex, senica*, gaul. *Seneca* (skr. *sána-s* 'vieux'). Skr. *tanu-ka-s*, v. sl. *tīnŭkŭ* (§ 330, p.249) 'mince' (skr. *tanú-ṣ* 'mince'). Lat. *ūnicus*, got. *ainahs* 'unique', v. sl. *inokŭ* 'solus' (lat. *ūnus* etc.); cf. skr. *eka-ká-s*. skr. *nágnaka-s* 'nu' (*nagná-s* 'nu'), **a-bhrātṛ-ka-s** 'sans frère'. Lat. *nigrico-* dans *nigricāre, nigriculus (niger)*. V. h. a. *gōrag* 'pitoyable', (got. *gaur̥s* 'affligé'). V. sl. *azŭ-kŭ*, arm. *anju-k* 'étroit' (skr. *aṃhú-ṣ* 'étroit') (BRUGMANN, *op. cit.*, p.344-345).

c) sufixo *-lo-

-lo- à la suite d'adjectifs avec le même sens que *-qo-* (§ 399), identique à *-lo-* §417, 1. Skr. *bahu-la-s*, gr. *παχυ-λό-ς* à peu près 'grossier' (skr. *bahú-ṣ*, gr. *παχύ-ς* 'gros'). Gr. *ὀμαλός* 'semblable, égal', lat. *similis* (gr. *ὀμό-* 'semblable'). Gr. *μεγάλο-*, got. *mikils* 'grand' (gr. *μέγας* 'grand'). Gr. *πιάλος* 'gras' (*πίων* 'gras'). Lat. *parilis (pār)*. Gr. *χθαμαλός* 'qui est à terre', lat. *humilis* (gr. *χθων* 'terre', lat. *humus*). Lat. *nūbilus (nūbēs), pestilis* (pestis) (BRUGMANN, *op. cit.*, p.346).

Desse modo, considerando com Brugmann (*op. cit.*, p.356) que, naqueles sufixos que posteriormente passaram a ser empregados com função diminutiva, “Le sens primitif était donc celui de l'appartenance, de la similitude, de la descendance (petit d'un animal), etc.”, é possível concluir que o significado de diminutivo é secundário àqueles sufixos, surgindo a partir da diversidade de empregos a que foram submetidos, isto é, inicialmente eles foram empregados para indicar uma significação de *relação material ou qualitativa, dependência, posse e ser dotado de* em relação à palavra que foi tomada por base para a sua formação. Vemos, assim, que, já em indo-europeu, um mesmo sufixo pode ser empregado com mais de um significado. Isso ocorre, por sua vez, segundo Meillet & Vendryes (*op. cit.*, p.366), porque “Les suffixes indo-européens avaient rarement par eux-mêmes un sens défini [...]”, isto é,

“Le sens des suffixes est toujours arbitraire et sujet à varier. Les circonstances tendent à le modifier, et c’est le hasard qui dans chaque cas le fixe. Il arrive souvent qu’un même suffixe caractérise des groupes sémantiques différents, indépendants les uns des autres.” Portanto, só posteriormente foi acrescentado a esses sufixos o significado de diminutivo, o qual surgiu considerando aqueles ou algum deles como parâmetro. Em seguida, ainda outros significados surgem a partir do significado de diminutivo, conforme assinala Brugmann (*op. cit.*, p.357)

La valeur diminutive comporte souvent le sens de: insignifiant, faible, pauvre, méprisable, et ce sens est fréquemment devenu le principal. D’autre part il s’y trouve aussi la nuance d’amour et de tendresse, et de là vient que les morphèmes diminutifs jouent un grand rôle dans la formation des noms de personne (hypocoristiques), par ex. skr. *Bhanu-la-s* gr. Θρασύ-λο-ς, got. *Wulfi-la*, skr. *Devaka-s*, gaul. *Dīvi-co*, skr. *Çuna-ka-s*, gr. Κύναξ.

Quanto à ampliação do significado do diminutivo, uma consequência que particularmente chama a atenção é que ela pode alcançar um nível extremo, acarretando o não mais reconhecimento do valor diminutivo de determinado morfema em algumas palavras, o que, por sua vez, possibilita a adjunção de um novo morfema com valor de diminutivo à palavra afetada, originando, assim, os diminutivos de diminutivos:

Souvent la valeur sentimentale particulière de la forme diminutive par rapport au nom qui sert de thème se perd. Le dérivé prend dès lors la place du primitif, par ex. v. sl. *otīci* ‘père’ (cf. gr. ἄττα, got. *atta*) qui a déjà remplacé le simple à l’époque du slave commun. C’est en partie le même phénomène qui fait que des mots à morphème diminutif ont reçu un nouveau morphème de la même catégorie (cf. § 417 s. f.) (BRUGMANN, *op. cit.*, p.357-358).

Diante do exposto acerca do diminutivo em algumas línguas indo-europeias a partir de sua origem no indo-europeu, fica o seguinte questionamento: como o diminutivo se comporta em latim, quanto a seus aspectos formal, funcional e semântico?

2.2 O sufixo diminutivo em latim

Quando consultamos uma gramática latina, a exemplo de algumas dos séculos XV e XVI, observamos que seus autores apresentam uma lista de sufixos diminutivos bastante extensa. Nebrija, por exemplo, em suas *Introducciones Latinas Contrapuesto el Romance al*

Latin (1773 [c.1488¹], p.134, destaque nosso), após definir o diminutivo como “*Quod significat diminutionem sui principalis, ut a rege, regulus*” [O que significa diminuição de seu principal, como de *rex* ‘rei’ *regulus* ‘reizinho’ (1773 [c.1488¹], p.134, destaque nosso)], afirma não ser possível apresentar uma regra segura para a formação dos diminutivos latinos, enumerando, logo na sequência, várias terminações que são empregadas nessa língua com esse fim, conforme a seguir:

Diminutiva non habent certam rationem qua possint formari; sed illud tantum hoc loco dicendum est, exire in varias terminationes; sed plerumque in ulus, ula, ulum, ut frater, fraterculus: soror, sororcula: munus, munusculum. Aliquando in io, ut homo, homuncio: senex, senecio. Aliquando in aster, astra, astrum, ut pinus, pinaster: filia, filiastra: apium, apiastrum. Aliquando in olus, ola, olum, ut Sergius, Sergiolus: corona, corolla: pallium, palliolum. Aliquando in ellus, ella, ellum, ut tenellus, tenella, tenellum. Aliquando in illus, illa, illum, ut pusillus, pusilla, pusillum. Aliquando in leus, ut equus, equuleus. Aliquando in iscus, ut Petrus, Petrusculus; sed haec forma est a nominibus Graecis (op. cit., p.199-200, destaques nossos).

Os diminutivos não possuem uma regra segura por meio da qual possam ser formados, mas somente há de dizer-se, aqui, que se apresentam em várias terminações; mas quase sempre em *ulus, ula, ulum*, como *frater* ‘irmão’, *fraterculus* ‘irmão afetuoso’; *soror* ‘irmã’, *sororcula* ‘querida irmã, irmãzinha’; *munus* ‘presente’, *munusculum* ‘presentinho’. Algumas vezes em *io*, como *homo* ‘homem’, *homuncio* ‘homenzinho’; *senex* ‘velho’, *senecio* ‘velhinho’. Algumas vezes em *aster, astra, astrum*, como *pinus* ‘pinheiro’, *pinaster* ‘pinheiro bravo’; *filia* ‘filha’, *filiastra* ‘nora’; *apium* ‘aipo (planta)’, *apiastrum* ‘melissa (planta), salsa (planta)’. Algumas vezes em *olus, ola, olum*, como *Sergius* ‘Sérgio [nome de homem]’, *Sergiolus* ‘Sergio [nome de homem]’; *corona* ‘coroa’, *corolla* ‘coroa pequena’; *pallium* ‘capa’, *palliolum* ‘capinha’. Algumas vezes em *ellus, ella, ellum*, como *tenellus* ‘tenrinho’, *tenella* ‘tenrinha’, *tenellum* ‘tenrinho’. Algumas vezes em *illus, illa, illum*, como *pusillus* ‘pequenino’, *pusilla* ‘pequenina’, *pusillum* ‘pequenino’. Algumas vezes em *leus*, como *equus* ‘cavalo’, *equuleus* ‘cavalo novo’. Algumas vezes em *iscus*, como *Petrus* ‘Pedro’, *Petriscus* ‘Pedrinho’; mas esta forma é proveniente de nomes gregos (op. cit., p.199-200, destaques nossos, tradução nossa).

Semelhantemente, procede Roboredo, em seu livro *Raízes da Lingua Latina* (1621), no capítulo “Da Derivação, e multiplicação dos Nomes”, o qual, após afirmar (p.22) que “[...] aqui [no nome diminutivo] hora se diminue a qualidade, hora a quantidade”, ao mesmo

tempo em que “[...] a significação do Derivado he a mesma do Primitivo porem diminuta: e o genero pela maior parte he a mesma: como *Funis, Funiculus*” (*op. cit.*, p.23, destaques nossos), identifica (p.22-23, destaques nossos) o que ele chama “as mais frequentes terminações” diminutivas latinas, conforme segue:

1. *Ellus, Ella, Ellum.*

Do nome positivo, e primitivo Tener, Tenera, Tenerum, se deriva o deminutivo *Tenellus, Tenella, Tenellum, &c.* A cuja imitação se derivão nomes Sustantivos de Sustantivos: como de Culter, *Cultellus*: de Capra, *Capella*: de Cerebrum, *Cerebellum*, e assi nos mais.

2. *Illus, Illa, Illum*

De Tantus, Tanta, Tantum, se deriva o deminutivo *Tantillus a, um. &c.* E a imitação dos Adjectivos tambem se derivão os Sustantivos: como Catinus, *Catillus*: de Ala, *Axilla*: de Scortum, *Scortillum*, e assi nos mais.

3. *Iscus, Leus*

Deste nome Panis, se deriva *Paniscus*: de Basilius, *Basiliscus*: de Acus, *Aculeus*: de Equus, *Equuleus*: e assi nos mais.

4. *Olus, Ola, Olum*

De Infans se tira *Infantiolus*: de Filius, *Filiolus*: de Corona, *Corolla*: de Filia, *Filiola*: de Pallium, *Palliolum*: de Mortarium, *Mortariolum*: e assi nos mais.

5. *Ulus, Ula, Ulum*

De Fascis se deduz *Fasciculus*: de Rex *Regulus*: de Mater, *Matercula*: de Corpus, *Corpusculum*, e assi nos mais.

6. *Aster*

De algũs nomes mudada em, *Aster*, a ultima vogal do genitivo se derivão outros, que acrescentão a qualidade, ainda que deminuição a quantidade, isto he que signifiquem menor corpo; como de Surdus, *Surdaster*: de Parasitus, *Parasitaster*: de Fullo, *Fullonaster*, &c. [...].

Então, para verificar como cada um dos sufixos acima participa da formação de diminutivos em latim, constituímos um *corpus* de palavras formadas por sufixos diminutivos, a partir do *Novíssimo Dicionário Latino-Português* (SARAIVA, *op. cit.*)³⁵. Ao todo foram

³⁵ O *Novíssimo Dicionário Latino-Português* é, segundo consta em sua página de rosto, “redigido segundo o plano de L. Quichérat”. Assim sendo, este dicionário, assim como o *Dictionnaire Latin Français*, de Quichérat & Daveluy, não é um dicionário que contém apenas palavras da língua latina clássica, mas contém também palavras da época pré-clássica e da pós-clássica. Isso fica bem evidente no trecho a seguir, no qual os autores do *Dictionnaire Latin Français* assim se expressam em relação aos autores e épocas da língua latina que foram considerados para a constituição do *corpus* a partir do qual o dicionário foi elaborado:

identificados 1306 exemplos de diminutivos³⁶, distribuídos entre diversas terminações, conforme quadro a seguir:

“Nos lectures nous ont encore fourni le moyen d’ajouter environ 1500 mots à nos modèles. Ces mots, on le pense bien, sont, à peu d’exceptions près, empruntés à des auteurs de la décadence; mais il suffit que ces auteurs soient admis par tous les lexicographes. Nos additions ont été tirées, en grande partie, des écrivains ecclésiastiques et des grammairiens. Assurément les défenseurs du christianisme naissant, pas plus que les auteurs païns du mêmes temps, n’ont reproduit le style des bons siècles; mais leur langue, altérée par la corruption générale et enrichie par suite de besoins nouveaux, présente un grave intérêt à des chrétiens, et nous avons cru devoir suppléer par nos propres recherches à la notable insuffisance des plus célèbres lexiques. [...] En revanche, la sévérité de notre plan a exigé de nombreuses suppressions. Nous nous sommes fait une loi de ne point dépasser la fin du sixième siècle: nous commençons aux chants saliens, et finissons à Fortunat. Nous n’avons fait exception qu’en faveur d’Isidore de Séville [...]. On ne saurait croire combien de mots donnés par les dictionnaires classiques nous avons dû rejeter, pour nous renfermer strictement dans notre cadre. D’abord nous avons fait disparaître tout les traductions d’écrivains grecs et tous les philosophes modernes, tels que Polybe, Hippocrate, Galien, Dioscoride, Budée, Érasme, Scaliger, Casaubon, Calepin, etc. Ensuite nous avons retranché les auteurs du septième, du huitième et même du douzième siècle, auxquels Forcellini ou ses nouveaux éditeurs ont fait de fréquents emprunts, tels que Bède, Sisebut, Adhelme, Alcuin, Jean de Salibury [...]. Les glossaires, qui sont une source curieuse où il bien puiser, ont pu nous entraîner malgré nous au delà de notre limite. Ici, tout est ténèbres: nul moyen de vérifier l’âge des mots; mais, encore dans ce cas, nous nous sommes réservé le droit de choisir, et nous avons laissé à du Cange les mots qui nous semblait attester une époque trop barbare. Nous ne manquons jamais de produire une ou plusieurs autorités pour chaque mot et pour chaque sens. Nous préférons toujours les plus graves, et, autant que la chose est possible, nous réunissons celle d’un prosateur et celle d’un poète. [...] Nous avons mis une extrême rigueur dans la désignation de nos autorités. Nous n’attribuons pas, comme on le fait d’ordinaire, un mot à auteur ancien qui le rapporte: c’est à celui qui s’en est servi que doit revenir la responsabilité. Il nous a paru intéressant de faire figurer les Scipions, les Gracques, Brutus, Pompée et tous les correspondants de Cicéron, Auguste, Mécène, et d’autres noms illustres dans l’histoire. [...] On s’inquiète peu d’un mot de Festus, d’Aulu-Gelle ou de Nonius Marcellus; mais ce mot prend une valeur, quand il est donné comme de Caton, d’Ennius ou de Varron. Réciproquement, on couvre à tort de l’autorité de Cicéron des termes vieilles qu’il transcrit des lois des XII Tables ou d’un ancien poète” (QUICHÉRAT & DAVELUY, 1857 [1846¹], p.V-VI). Desse modo, as terminações diminutivas que são apresentadas no quadro a seguir vão além das que são empregadas em latim clássico, conforme veremos quando abordarmos este tema (cf. seção 2.2.1.1).

³⁶ Só consideramos diminutivos, aqui, aquelas palavras que Saraiva (*op. cit.*) afirma explicitamente serem diminutivos, a exemplo de *Ācūlēūs, ī* (s.m.) = dimin. de *Acus*. Aguilhão, ferrão, ponta (p.20), *Āmpūllā, ae* (s.f.) = dimin. de *Amphorula*. Pequena redoma ou garrafinha, onde se guardava o óleo para o banho (p.72), *Būcūlūs, ī* (s.m.) = dimin. de *Bos*. Novilho, boi novo (p.159), *Dāmīō, ōnīs* (s.m.) = dimin. de *Dama*. Damião, nome de homem (p.333), *Flōscēllūs, ī* (s.m.) = dimin. de *Flos*. O m. q. *Flosculus* (p.494), *Lāctēōlūs, ā, ūm* (adj.) = dimin. de *Lacteus*. Que se parece com leite (p.655), *Lēnūllūs, ī* (s.m.) = dimin. de *Leno* (p.671), *Sēgēstēllūm, ī* (s.n.) = dimin. de *Segestre* (p.1080), *Tāntīllūs, ā, ūm* (adj.) = dimin. de *Tantus*. Tão pequeno

Quadro 8 – As terminações diminutivas em latim, a partir de Saraiva (2000 [1881⁴])

Terminação	Exemplos
-cŭlŭs, -cŭlă, -cŭlŭm	<i>ēnsĭcŭlŭs, cōmmōtĭŭncŭlă, āssĕrcŭlŭm</i>
-cĕllŭs, -cĕllă, -cĕllŭm	<i>blāndĭcĕllŭs, avĭcĕllă, coenācĕllŭm</i>
-cĭllŭs, -cĭllă, -cĭllŭm	<i>aŭcĭllă</i>
-ŭlŭs, -ŭlă, -ŭlŭm	<i>dĭgĭtŭlŭs, ōllŭlă, grānŭlŭm</i>
-ŏlŭs, -ŏlă, -ŏlŭm	<i>rōsĕŏlŭs, sciĕntĭŏlă, rĕtĭŏlŭm</i>
-ĭlŭs, -ĭlă, -ĭlŭm	<i>Mōschĭlŭs, Pātrŏilŭs</i>
-ĭllŭs, -ĭllă, -ĭllŭm	<i>hĭllă, sĭgĭllŭm</i>
-ŭllŭs, -ŭllă, -ŭllŭm	<i>cĕpŭllă, caepŭllă</i>
-āllŭs, -āllă, -āllŭm	<i>Hĭspāllŭs</i>
-ĕllŭs, -ĕllă, -ĕllŭm	<i>ăgĕllŭs, āgnĕllă, lābĕllŭm</i>
-ĭllŭs, -ĭllă, -ĭllŭm, -ĭll-	<i>ālĭquāntĭllŭs, āxĭllă, bācĭllŭm, mŭrmŭrĭllŏ, ās, ārĕ</i>
-ŏllŭs, -ŏllă, -ŏllŭm	<i>cŏrŏllă, pĕrsŏllă</i>
-ŭllŭs, -ŭllă, -ŭllŭm, -ŭll-	<i>lŭcŭllŭs, trŭllă, sātŭllŏ, ās, ārĕ</i>
-ŭlĕŭs, -ŭlĕă, -ŭlĕŭm	<i>ăcŭlĕŭs, ĕquŭlĕŭs</i>
-ĭnŭs, -ĭnă, -ĭnŭm	<i>Gĕmĕllĭnŭs</i>
-ĭnŭs, -ĭnă, -ĭnŭm	<i>ăgĕllĭnŭs</i>
-ĭŏ	<i>Dāmĭŏ, Fĭscĕllĭŏ</i>
-ĭllŭs, -ĭllă, -ĭllŭm	<i>ĕrvĭllă</i>
-ĭscŭs, -ĭscă, -ĭscŭm	<i>Lārĭscŭs</i>
-ārĭŭs, -ārĭă, -ārĭŭm	<i>lĕnŭncŭlārĭŭs</i>
-clŭs, -clă, -clŭm	<i>Fĕlĭclă, pĕdĭclŭs, tŏmĭclă</i>
-ŭs, -ă, -ŭm	<i>ŏccĭpĭtŭm, spĭntŭrnĭcĭŭm</i>
-ăstĕr	<i>Āntŏnĭăstĕr, trĭ</i>

Fonte: O Autor

(p.1180), *Trĭmŭlŭs*, *ă*, *ŭm* (adj.) = dimin. de *Trimus* (p.1224) etc. Assim, excluĭram-se as palavras que possuem forma e significaçăo de diminutivo, mas que năo foram assim caracterizadas pelo autor, tais como: *Cătĕllă*, *ae* (s.f.) = cadelinha, cachorra; cadeia pequena (p.192), *Caŭpŭllŭs*, *ĭ* (s.m.) = embarcaçăo pequena (p.194), *Fĭscĕllă*, *ae* (s.f.) = cestinho, alcofinha (p.489), *Pānārĭŏlŭm*, *ĭ* (s.n.) = cestinho de păo (p.839), *Pŭncĭtĭllŭm*, *ĭ* (s.n. de *Punctum*) = Ponta pequena, pontinha (p.981), *Sĕdĭcŭlŭm*, *ĭ* (s.n.) = pequeno assento, cadeirinha (p.1079) etc., ou ainda aquelas que o autor identifica como diminutivos, mas faz anteceder-lhes um ponto de interrogaçăo, sinal este que, segundo consta nas păginas iniciais deste dicionărio (cf. păgina III), significa *dŭvida*, conforme segue: “(?) significa duvida”. Eis alguns exemplos desse tipo: (?) *Dĭăetŭlă*, *ae* (s.f.) = dimin. de *Diaeta*. Quarto pequeno, alcova (p.369), (?) *Ĕquĭcŭlŭs*, *ĭ* (s.m.) = dimin. de *Equus*. Equĭculo, nome de homem (p.428), (?) *Lăcĕrtŭlŭs*, *ĭ* (s.m.) = dimin. de *Lacertus* 2. Espĕcie de pastel com feitio de um lagarto (p.653), (?) *Lămnŭlă*, *ae* (s.f.) = dim. de *Lamna* (p.658), (?) *Pŭsĭllŭlŭs*, *ă*, *ŭm* (adj.) = dimin. *Pusillus* (p.983) etc..

Não obstante esse grande número de terminações, é possível observar, na tabela a seguir, que somente algumas delas são as responsáveis pela formação da maior parte dos diminutivos em latim, sendo as demais empregadas apenas esporadicamente:

Tabela 1 – As terminações diminutivas em latim, a partir de Saraiva (2000 [1881¹]): total de exemplos por sufixo e representação percentual

Terminação	Total de exemplos	Porcentagem
<i>-cŭlŭs, -cŭlă, -cŭlŭm</i>	371	28,407
<i>-cĕllŭs, -cĕllă, -cĕllŭm</i>	12	0,918
<i>-cĭllŭs, -cĭllă, -cĭllŭm</i>	1	0,076
<i>-ŭlŭs, -ŭlă, -ŭlŭm</i>	512	39,203
<i>-ŏlŭs, -ŏlă, -ŏlŭm</i>	170	13,016
<i>-ĭlŭs, -ĭlă, -ĭlŭm</i>	2	0,153
<i>-illŭs, -illă, -illŭm</i>	2	0,153
<i>-ŭllŭs, -ŭllă, -ŭllŭm</i>	2	0,153
<i>-ăllŭs, -ăllă, -ăllŭm</i>	1	0,076
<i>-ĕllŭs, -ĕllă, -ĕllŭm</i>	113	8,652
<i>-ĭllŭs, -ĭllă, -ĭllŭm, -ill-</i>	89	6,814
<i>-ŏllŭs, -ŏllă, -ŏllŭm</i>	2	0,153
<i>-ŭllŭs, -ŭllă, -ŭllŭm, -ŭll-</i>	9	0,689
<i>-ŭlĕŭs, -ŭlĕă, -ŭlĕŭm</i>	4	0,306
<i>-ĭnŭs, -ĭnă, -ĭnŭm</i>	3	0,229
<i>-ĭnŭs, -ĭnă, -ĭnŭm</i>	1	0,076
<i>-iŏ</i>	3	0,229
<i>-ilŭs, -ilă, -ilŭm</i>	1	0,076
<i>-iscŭs, -iscă, -iscŭm</i>	1	0,076
<i>-ārĭŭs, -ārĭă, -ārĭŭm</i>	1	0,076
<i>-clŭs, -clă, -clŭm</i>	3	0,229
<i>-ŭs, -ă, -ŭm</i>	2	0,153
<i>-ăstĕr</i>	1	0,076
Total	1306	99,999%

Fonte: O Autor

Observemos que há, entre os diminutivos que constituem o nosso *corpus*, um número grande de terminações, muitas das quais não se encontram nem em Nebrija, nem em

Roboredo³⁷. O quadro a seguir compara os sufixos diminutivos apresentados por esses três autores³⁸:

Quadro 9 – As terminações diminutivas em latim de acordo com Nebrija, Roboredo e Saraiva

Nebrija	Roboredo	Saraiva
		- <i>cŭlŭs</i> , - <i>cŭlă</i> , - <i>cŭlŭm</i>
		- <i>cĕllŭs</i> , - <i>cĕllă</i> , - <i>cĕllŭm</i>
		- <i>cĭllŭs</i> , - <i>cĭllă</i> , - <i>cĭllŭm</i>
<i>ulus, ula, ulum</i>	<i>ulus, ula, ulum</i>	- <i>ŭlŭs</i> , - <i>ŭlă</i> , - <i>ŭlŭm</i>
<i>olus, ola, olum</i>	<i>olus, ola, olum</i>	- <i>ŏlŭs</i> , - <i>ŏlă</i> , - <i>ŏlŭm</i>
		- <i>ĭlŭs</i> , - <i>ĭlă</i> , - <i>ĭlŭm</i>
		- <i>ĭllŭs</i> , - <i>ĭllă</i> , - <i>ĭllŭm</i>
		- <i>ŭllŭs</i> , - <i>ŭllă</i> , - <i>ŭllŭm</i>
		- <i>ăllŭs</i> , - <i>ăllă</i> , - <i>ăllŭm</i>
<i>ellus, ella, ellum</i>	<i>ellus, ella, ellum</i>	- <i>ĕllŭs</i> , - <i>ĕllă</i> , - <i>ĕllŭm</i>
<i>illus, illa, illum</i>	<i>illus, illa, illum</i>	- <i>ĭllŭs</i> , - <i>ĭllă</i> , - <i>ĭllŭm</i> , - <i>ĭll-</i>
		- <i>ŏllŭs</i> , - <i>ŏllă</i> , - <i>ŏllŭm</i>
		- <i>ŭllŭs</i> , - <i>ŭllă</i> , - <i>ŭllŭm</i> , - <i>ŭll-</i>
<i>leus</i>	<i>leus</i>	- <i>ŭlĕŭs</i> , - <i>ŭlĕă</i> , - <i>ŭlĕŭm</i>
		- <i>ĭnŭs</i> , - <i>ĭnă</i> , - <i>ĭnŭm</i>
		- <i>ĭnŭs</i> , - <i>ĭnă</i> , - <i>ĭnŭm</i>
<i>io</i>		- <i>ĭŏ</i>
		- <i>ĭllŭs</i> , - <i>ĭllă</i> , - <i>ĭllŭm</i>
<i>iscus</i>	<i>iscus</i>	- <i>ĭscŭs</i> , - <i>ĭscă</i> , - <i>ĭscŭm</i>
		- <i>ărĭŭs</i> , - <i>ărĭă</i> , - <i>ărĭŭm</i>
		- <i>clŭs</i> , - <i>clă</i> , - <i>clŭm</i>
		- <i>ŭs</i> , - <i>ă</i> , - <i>ŭm</i>
<i>aster, astra, astrum</i>	<i>aster</i>	- <i>ăstĕr</i>

Fonte: O Autor

³⁷ É importante destacar, aqui, que Roboredo afirma – conforme exposto no início desta seção – que só irá apresentar as principais terminações diminutivas existentes em latim. Dessa forma, é possível que algumas das terminações que se identificaram em Saraiva não tenham sido destacadas por Roboredo, porque não possuem uma forte participação na formação dos diminutivos latinos. Destaque-se, também, que as terminações *-iscus*, *-leus* e *-aster*, citadas entre as mais frequentes por Roboredo, estão entre as menos produtivas no *corpus* constituído a partir de Saraiva (*op. cit.*).

³⁸ Nebrija parece não distinguir entre as terminações *ulus, ula, ulum* e *culus, cula, culum*, uma vez que identifica aquela terminação, mas apresenta exemplos de diminutivos formados por esta e não por aquela. O mesmo ocorre com Roboredo. Nebrija (*op. cit., loc. cit.*) parece não distinguir também as terminações *-olus, -ola, -olum* e *-ollus, -olla, -ollum*.

Esses sufixos, por seu lado, são resultados de processos diacrônicos que transformaram sufixos indo-europeus em sufixos diminutivos latinos. Assim, para Haverling (2010, p.225), “Les suffixes proto-indo-européens qui ont quelquefois une fonction diminutive en latin classique sont *-ko et *-lo” (cf. tb. HAKAMIES, *op. cit.*, p.10). O sufixo *-lo, por sua vez, a partir do contato com a palavra ou com a base a que é acrescido, pode aparecer sob diversas outras formas, o que, em perspectiva sincrônica, resulta em considerá-las como outros sufixos:

Le suffixe *-lo- se rencontre sous plusieurs formes: sous la forme simple -ulus, comme dans par exemple *oppidulum* ‘petite ville’ (de *oppidum* ‘ville’) et *sordidulus* ‘quelque peu sale’ (de *sordidus* ‘sale’); sous les formes avec dissimilation en -olus, comme *filiola* ‘fillette’ (de *filia* ‘fille’) et *negotiolum* ‘petit affaire’ (de *negotium* ‘affaire’), et en -lus, comme dans *crumilla* ‘petite bourse’ (de *crumina* ‘bourse’) et *misellus* ‘pauvre, pauvre’ (de *miser* ‘misérable, malheureux’). À partir de ces dernières formes sont créés les suffixes en -illus, comme par exemple *haedillus* ‘cher petit chevreau’ (de *haedus* ‘petit bouc, chevreau’), et en -ellus, comme par exemple *agnellus* ‘petit agneau’ (de *agnus* ‘agneau’). Parfois ce suffixe est même ‘redoublé’ comme dans -ellulus dans *cistellula* ‘très petite corbeille, coffret’ (de *cistella* ‘petite corbeille’ de *cista* ‘corbeille’) et -illulus dans *ancillula* ‘petite servante’ (de *ancilla* ‘servante’ de **ancula*) (HAVERLING, *op. cit.*, p.226).

Assim como em outras línguas indo-europeias, o sufixo diminutivo em latim pode aparecer combinado com outros sufixos dando origem a outras formas diminutivas. Em relação a isso, Regnier (*op. cit.*, p.310) afirma:

La langue latine est très-riche en diminutifs. Ces sont surtout des suffixes composés qui servent à les former, et devant ces suffixes le thème se conserve ordinairement bien entier, ce qui fait paraître les formatives plus longues encore: ainsi *dulci-culus*, *mediocri-culus*, *corpus-culum*, *grandius-culus*, *quaestiun-cula*, *homun-culus*.

O sufixo *-ko-, por exemplo, “En latin, ce type ne se trouve qu’élargi par d’autres morphèmes, par ex. *homuncio*, *homunculus* (*homo*) [...]” (BRUGMANN, *op. cit.*, p.357). Assim, esse sufixo aparece combinado “[...] avec -iō et -ul- dans des substantifs qui ont une fonction diminutive, comme *homuncio* ‘pauvre petit homme’ (sur *homo* ‘homme, être humain’ + *-ko- + -io) et *homunculus* ‘pauvre petit homme’ (sur *homo* + *-ko- + *-lo)” (HAVERLING, *op. cit.*, p.226).

Quanto à combinação dos sufixos diminutivos *-ko- e *-lo-, Haverling (*op. cit.*, p.226) diz:

Il arrive qui les suffixes *-ko- et *-lo- soient combinés, comme dans le suffixe -culus, présent dans les substantifs en -culus, comme *ensiculus* ‘petite épée, coutelas, poignard’ (de *ensis* ‘épée’) et *osculum* ‘petite bouche; baiser’ (de *os* ‘bouche; baisser’), comme dans la séquence -unculus, par exemple *adsentatiuncula* ‘petite flatterie (mesquine)’ (de *adsentatio* ‘flatterie’) et *auunculus* ‘oncle maternel’ (de *auus* ‘aïeul, grand-père’). Ce suffixe apparaît aussi dans des adjectifs, comme *dulciculus* ‘un peu doux’ (de *dulcis* ‘doux’), et dans des adverbs, comme *saepicule* ‘assez souvent’ (de *saepe* ‘souvent’). Et nous le trouvons aussi dans des substantifs et des adjectifs en -cellus, comme *naucella* ‘tout petit bateau’ (de *naucula* ‘petit bateau’ de *nauis* ‘bateau’) et *mollicellus* ‘tendre, délicat’ (de *molliculus* ‘tendre, délicat’ de *mollis* ‘souple, tendre’).

A união de sufixos diminutivos em latim gera, portanto, um novo fato nesta língua – já também identificado em outras línguas indo-europeias, conforme já aqui adiantamos –, que é a existência de diminutivos de diminutivos, o que fez Meillet (1958 [1928¹], p.174) afirmar: “[En latin] Il n’y a pas seulement des diminutifs, mais des diminutifs de diminutifs: *porcus* est accompagné de *porculus*, et *porculus* de *porcellus*. Ces diminutifs sont parfois tirés de dérivés, ainsi *oui-c-ula* de *ouis*”.

Quanto ao seu aspecto semântico, o diminutivo latino também não se afasta dos significados que o diminutivo expressa em outras línguas indo-europeias. Assim, do mesmo modo que nessas línguas, o significado do diminutivo latino é de desenvolvimento secundário³⁹. Em relação a isso, Hofmann (1958 [1926¹], p.207) afirma:

Los varios sufijos diminutivos (-ko-, -lo- etc) primero sólo indicaban en latín como en las demás lenguas indoeuropeas, la pertenencia a una clase, de donde se desarrolló luego la idea de pequeñez; los sentimientos concomitantes como la compasión o la afectuosidad, que engendra naturalmente la presencia de lo pequeño y por lo tanto desvalido y débil, se añadieron secundariamente. Estos matices

³⁹ Segundo Hakamies (*op. cit.*, p.8, 13 e 17), tanto em latim como em outras línguas indo-europeias, ao lado do novo significado desses sufixos, sobrevive o significado anterior, ao menos por certo período: “Il est naturel que la nouvelle fonction du suffixe se généralise peu à peu et occasionnellement et que la fonction première ne disparaisse pas d’un seul coup” (*op. cit.*, p.9). Cf. tb. REGNIER, *op. cit.*, p.309.

afectivos pertenecen sobre todo a la lengua familiar, su asiento propio y se observan particularmente cuando se dirige la palabra a alguien en tono cariñoso; en este caso es muy común el empleo del pronombre posesivo que aumenta aún la intimidad de la expresión.

Além desses significados, Hofmann acrescenta, na sequência de sua argumentação (p.209), o emprego do diminutivo com valor pejorativo:

El significado peyorativo de los diminutivos procede también de los sentimientos concomitantes, y concretamente de un humor irónico y burlón que se delata en el gesto y el tono y que, apoyado muchas veces por el significado del primitivo, puede hacerse fijo en ciertas expresiones, cf., p. ej. Cic. Att. 1, 16, 10 *surgit pulcellum puer* [...] y después regularmente em estas cartas *Pulcellus puer* (p. ej. 2, 22, 1).

Também Meillet (1958 [1928¹], p.184-188) identifica alguns dos significados do diminutivo na língua latina, quando analisa o uso desse sufixo em Terêncio e em Plauto. Observemos, nos trechos que seguem, que Meillet identifica, ao menos, duas possibilidades, em termos semânticos, de uso do sufixo diminutivo latino: o uso com valor diminutivo do tamanho de algo (“*désignation de fait*”) – emprego mais frequente em Terêncio – e o uso não indicando essa diminuição (“*désignation expressive*”) – emprego preferido por Plauto. Então, ele diz (p.188-189):

Térence a un style intellectuel plutôt qu’affectif. Quand il emploie un diminutif, c’est pour indiquer un petit objet [...]. — Le mot *ancillula* désigne au vers 166 [da obra *Eunuchus*] une petite bonne nègre donnée à la *meretrix*. C’est une désignation de fait, non une désignation expressive. Térence n’emploie pas les diminutifs à la manière populaire de Plaute. S’il le fait par exception, c’est quand il fait parler certains personnages [...].

No âmbito do que é apresentado como designação expressiva, Meillet (*op. cit.*, p.185) identifica, por exemplo, em Plauto, o seu uso em um contexto em que exprime gentileza⁴⁰ ou cortesia e delicadeza⁴¹.

⁴⁰ Diz Meillet (*op. cit.*, p.185): “Ce diminutive *bellus* désigne tout ce qui est ‘gentil’, d’où résulte, pour le Roumain, une nuance péjorative [...]”.

⁴¹ “La langue de la galanterie fait naturellement un usage abondant de ces diminutifs” (MEILLET, *op. cit.*, p.185).

Ainda no âmbito da significação do diminutivo, é importante destacar que o latim – assim como já destacamos em relação a outras línguas indo-europeias – possui palavras formadas por sufixos diminutivos, mas que (quase) não são mais percebidas como tais, conforme assinala Cousin (1944, p.107):

Dans le domaine du nom, le développement interne de la langue est particulièrement riche en phénomènes significatifs: l'un d'eux est la multiplication des mots qui ont une forme de diminutif et n'en ont pratiquement pas les sens: par ex., *ancilla* qui sert de féminin à *seruus*, tandis que *serua* s'oppose à *libera*; *auunculus*, issu de *auus* avec élargissement *-en-*, *batiola*, *bellaria -orum*, *clitellae*, *crepusculum*, *hariolus*, *medullae*, *papilla*, *puella*, *scintilla*, *situla*, etc..

Em seguida, esse autor ainda acrescenta (*loc. cit.*, p.107):

Il est à remarquer que ces diminutifs sont pour la plupart des noms d'animaux, de plantes, de parties du corps comparables par un trait dominant, soit à un autre animal, soit à une autre plante, soit à un objet déterminé, souvent très différent, mais qui se distingue par ce même trait dominant. Le phénomène, qui n'est pas spécial au latin, est complexe; il est une forme de la métaphore, mais, si, pour le grammairien, le mot se présente comme un diminutif issu de cette métaphore, pour le sujet parlant, il n'est que rarement senti comme tel [...].

2.2.1 O sufixo diminutivo em latim clássico e em latim vulgar

Passam-se os séculos, e encontramos um latim renovado em seu léxico, em sua morfologia e também na sintaxe⁴². Aquele latim “rústico” de outrora já não está mais sozinho – embora continue sendo empregado pela população romana, bem como pelas populações de suas províncias; ao seu lado existe, agora, um latim “língua pura” (cf. NUNEZ DE LIÃO, 1606, p.28-29), que é resultado, justamente, de transformações fonéticas, morfológicas, lexicais e sintáticas. Nesse sentido, Bourciez (*op. cit.*, p.27) afirma:

Peu à peu cependant le latin s'est assoupli, par un progrès naturel, mais aussi sous l'influence de la langue grecque et de la culture hellénique répandue dans toute l'Italie du Sud. Les vieux poètes comme Livius Andronicus et Naevius, un peu plus

⁴² Toma-se como referência, aqui, o latim tal qual descrito por Bourciez (*op. cit.*, p.26), conforme foi apresentado no início da seção 2.1 deste texto.

tard Ennius et Plaute, adoptèrent tous plus ou moins les mètres grecque, introduisirent des mots et des tours nouveaux. C'est à ce contact prolongé que le latin perdit en partie sa rudesse et s'éleva à la dignité de langue littéraire, capable d'ampleur oratoire, tout en conservant ses caractères originels, quelque chose de sa lourdeur, une concision qui provient de son ancienne sécheresse, une recherche presque excessive de la subordination. Ce travail d'assoupliment ne dura pas moins de deux cents ans: il peut être considéré comme achevé vers le milieu du 1^{er} siècle av. J.-C., à l'époque de César et de Cicéron. C'est le moment de pleine floraison classique, celui où le latin atteint un point de perfection dans lequel il se maintiendra sous le principat d'Auguste, avec des écrivains comme Virgile, Horace, Tite-Live.

Desse modo, segundo Maurer Jr. (1962), podem-se “ [...] distinguir dois tipos do latim, diferenciados certamente desde a época arcaica, a princípio quase imperceptivelmente, mas depois cada vez mais, enquanto coexistiam como formas vivas diferentes da mesma língua” (*op. cit.*, p.54). Esses dois tipos são:

- a) *latim aristocrático* ou *sermo urbanus*: este latim, segundo o autor (*op. cit.*), “Era o latim usual na sociedade aristocrática de Roma, que transparece nas Cartas de Cícero, nas sátiras de Horácio (aqui com alguma tintura plebéia) e também na comédia de Terêncio e mesmo de Plauto” (p.53), o qual, quando empregado com “ [...] maior elaboração técnica e estilística [...]” (p.54), passa a ser designado de *latim literário* ou *clássico*, a exemplo dos discursos de Cícero e das obras de César (cf. p.53-54);
- b) *latim vulgar* ou *sermo plebeius*: “Era a língua do povo, isto é, da *plebe romana* em seu sentido mais lato” (*op. cit.* p.54), o qual “Foi sempre e essencialmente um latim falado, do qual os documentos literários antigos e mesmo as inscrições nos dão apenas fragmentos imperfeitos” (p.54).

Diante do exposto, verifica-se que a língua latina era empregada de modo diferente dependendo de quem a empregava e da classe social a que a pessoa pertencia:

[...] se existiam as duas classes sociais acima apontadas [aristocracia e plebe], como é fora de dúvida, com hábitos sociais e com uma cultura bem distinta, estando uma habituada à vida do *forum*, aos cargos políticos, e familiarizada com as tradições romanas antigas, enquanto a outra reunia trabalhadores manuais, pequenos negociantes, camponeses, que vinham a Roma em busca de pão e de divertimentos, dominados por ambições modestas, quando não rasteiras, sem cultura e sem tradição, era natural que elas se distinguissem também no latim que falavam. Enquanto a nobreza, em sentido mais lato, conservava com certo cuidado a velha língua de Roma, cultivando um latim mais puro e elegante – não sem apresentar às

vêzes inovações próprias –, a massa popular – mescla de elementos heterogêneos – a transformava mais ou menos profundamente [...] (MAURER JR., 1962, p.57-58).

Considerando, portanto, essas transformações ocorridas no latim e a conseqüente diferenciação de variedades, é possível identificar um conjunto de características que distinguem o latim vulgar do aristocrático ou literário. Para Bassetto (2005 [2001¹], p.92-99), por exemplo, em relação ao latim literário, o latim vulgar é:

- a) *mais simples* em todos os níveis (na fonética: perda da quantidade vocálica, uso do acento intensivo, redução do número de vogais – de dez para sete ou seis – etc.; na morfologia: redução do número de declinações, perda do gênero neutro – que passa a ser empregado apenas em algumas palavras –, simplificação do número de demonstrativos e indefinidos; na sintaxe: generalização de *non*, pela perda da distinção que este tinha com *ne*, e de *de*, pela perda da distinção que este tinha com as também preposições *ab* e *ex*, etc.);
- b) *mais analítico* (emprego de estruturas analíticas para desempenhar a mesma função expressa por meio de uma estrutura sintética, o que resultou, por exemplo, no uso mais frequente de preposições para indicar um significado outrora expresso através de uma flexão, na substituição da voz passiva sintética pela analítica e na preferência pelo comparativo dos adjetivos na sua forma analítica, em vez da sintética etc.);
- c) *mais concreto* (no léxico: “Assim, termos abstratos, denotativos de qualidades e de atividades intelectuais ou de generalizações, que pressupõem trabalho de abstração, são praticamente desconhecidos, ao passo que os nomes de coisas concretas são muito numerosos” (*op. cit.*, p.95); na sintaxe: “A necessidade de uma melhor caracterização e identificação dos substantivos levou à criação de artigos definidos e indefinidos, inexistentes no latim literário [...]” (p.95));
- d) *mais permeável a elementos estrangeiros* (enquanto no latim literário havia uma rejeição ao empréstimo de palavras de outras línguas, isso não se verificava no latim vulgar, que absorvia palavras de diversos povos com os quais seus falantes mantiveram contato);
- e) *mais expressivo* (o latim vulgar era mais enfático, espontâneo e com mais expressão de afetividade que o latim clássico).

Latim clássico e latim vulgar caracterizam-se, portanto, sob a perspectiva de quem empregava, para o que empregava e onde empregava cada uma dessas variedades do latim. Desse modo, consideraremos que latim clássico e latim vulgar também empregam o

diminutivo de maneiras diferentes. Para Bassetto (2010, p.219, destaques nossos), por exemplo, “O lat. lit., por seu caráter sóbrio e solene, *não recorria com frequência às formas diminutivas*”. É nesse mesmo sentido que argumenta Bonnet (1890, p.459, destaques nossos), ao referir-se ao latim clássico:

Les diminutifs sont d'un usage fréquent, sans qu'on doive croire cependant que Grégoire les recherchât; la plupart de ceux qu'il emploie étaient sans doute généralement usités. *On sait que la gravité de la langue classique, dans le style soutenu, évitait ces mots*, de même que notre langue classique du XVII^e siècle s'en est privée et nous en a privés.

Já em relação ao latim vulgar, Bassetto (*op. cit.*, p.96) afirma: “Considerando-se o caráter eminentemente falado do latim vulgar, deve-se supor nessa comunicação a ênfase, a espontaneidade e a afetividade, antigas tendências do latim”. Sobre a afetividade em latim vulgar, assim se expressa Silva Neto (1956 [1946¹], p.28): “A linguagem corrente está cheia de expressões afectivas, isto é, de caráter subjetivo-emocional, oposto ao elemento lógico-racional”. Por sua vez, a expressão da afetividade, através da língua, requer do usuário o emprego de estruturas linguísticas com esse valor, sendo uma delas a utilização do diminutivo, como assinala Silva Neto — “Outro efeito da afetividade é o emprego dos diminutivos” (*loc. cit.*) —, dando origem, assim, a palavras formadas por meio do emprego desses sufixos: “A afetividade transparece de modo particular através de palavras com sufixos diminutivos, bastante numerosas no latim vulgar” (BASSETTO, 2005 [2001¹], p.97).

Em vista dessa característica do latim vulgar, o uso de palavras com sufixo diminutivo é favorecido pelo fato de que nessa variedade do latim “[...] las palabras tienden no a abreviarse, sino a alargarse. Mientras que las palabras más largas se conservan en su mayoría, muchas palabras cortas, o bien son eliminadas (como *rus* ‘campo’, substituída por *campania*), o bien se alargan por derivados de la misma raíz” (LÜDTKE, 1974 [1968¹], p.54). Nesse mesmo sentido, Väänänen (1967 [1962¹], p.77) assim se manifesta: “Les mots usés, de peu volume, qui ne font pas image, surtout ceux qui impliquent un sentiment ou un jugement, sont sujets à reculer, voire à sombrer, au profit d'autres expressions plus vigoreuse [...]”. Isso, por sua vez, ocorre, ainda segundo este autor (*op. cit.*, p.82-83), através do uso de sufixos diminutivos, como nos exemplos que seguem:

Diminutifs (cf. § 188). — **agnus** (port. *anho*) — **agnellus** (panrom. sauf esp. port.), **auris** (non rom.) — **auricula, oric(u)la** (cf. § 60; panrom.), **artus** (non rom.) — **articulus** (anc. et class.; fr. *artail*, ensuite altéré en *ortail*, esp. *artejo*, port. *artelho*; cf. Ernout, *Philologica* II, p.64), **cepa** (roum. *ceapă*, frioul. *seve*, fr. *cive*, prov. cat. *ceba*) — **cepulla** (Pallad., Apic., gloss.; panrom. sauf roum. et fr.), **colus** (non rom.) — **colucula, conucula** (§ 135; gloss., it. *conocchia*, fr. *quenouille*, prov. *conolha*), **genu** (port. dial. *geio* ‘talus’, REW) — **genuculum, genuc(u)lum** (pré- et postclass., panrom.), **ovis** (roum. *oaie*) — **ovicula** (Aug., Ambr., Hier., a. fr. *oeille*, fr. mod. *ouaille*, prov. *ovelha*, cat. *ovella*, esp. *oveja*, port. *ovelha*), **pedis** (non rom.) — **pediculus, peduc(u)lus** [...].

Desse modo, segundo Lüdtke (*op. cit.*, p.55),

Con frecuencia, sobre todo en los sustantivos, la forma del diminutivo sustituyó a la palabra simple. Para la palabra *acus* ‘aguja’ tenemos el diminutivo *acucula*, que aparece en fr. *aiguille*, en esp. *aguja*, port. *agulha*. La palabra para ‘giba, pomo u ombligo’, *umbo*, es sustituida por *umbilicus* y *auris* ‘oreja’ por *auricula*.

Em suma, pode-se afirmar, com Bassetto (2005 [2001¹], p.97), que

O gosto pela forma diminutiva é uma característica da linguagem familiar do povo romano, encontrando-se algumas ocorrências mesmo nos escritos mais populares de Cícero e de Horácio. Há os de caráter realmente diminutivo, denotando mais a pequenez do objeto, como *acucula* por *acus* (‘agulha’), *lenticula* por *lens* (‘lentilha’); mas é evidente a afetividade em *nepticula* por *neptis* (‘neta’ e ‘sobrinha’), *anucula* por *anus* (‘velha’).

2.2.1.1 O diminutivo em latim clássico: o testemunho dos gramáticos latinos

O interesse dos romanos pelo conhecimento acerca de sua língua legou à posterioridade importantes informações tanto em relação ao uso da língua latina, quanto em relação à norma estabelecida (ou que se queria estabelecer) em determinadas épocas, nos mais diferentes temas. Em relação ao diminutivo, por exemplo, só entre Varrão (116–27 a.C.) e Prisciano (séc. V–séc. VI), vários são os testemunhos deixados, através dos quais é-nos hoje possível mais bem conhecer, entre outras informações, como ele era formado, que terminações eram empregadas para formá-lo e quais os significados que transmitia.

Desse modo, destacaremos, nesta seção, algumas dessas informações. Ao todo, analisaremos o que dizem cinco gramáticos cujas obras estão situadas entre os séculos I a.C. e VI d.C. São estes os autores: Varrão (116–27 a.C.), Probo (c.20–105 d.C.), Diomedes (séc. IV d.C.), Donato (c.320–380 d.C.) e Prisciano (c. 470–VI d.C.)⁴³.

2.2.1.1.1 O diminutivo no *De Lingua Latina*, de Varrão

Em sua obra *De Lingua Latina* – redigida entre 47 e 45 a.C. (cf. CORADINI, 1999, p.99) –, Varrão nos oferece, particularmente no Livro VIII, algumas referências ao diminutivo, a partir das quais é possível extrair informações acerca desse tema na língua latina – embora o diminutivo não seja o tema central nem da obra, nem dos trechos nos quais há essas referências –, tanto no que se refere à sua morfologia, quanto à semântica, conforme segue:

- a) o diminutivo é uma característica dos nomes comuns, sejam eles substantivos, sejam adjetivos

De acordo com Varrão (VARRO, *op. cit.*, XXIII, XXIX e XLI) os nomes comuns [*vocabula*] são aqueles que designam coisas gerais, como *scutum* ‘escudo’, *homo* ‘homem’, *equus* ‘cavalo’ e *albus* ‘branco’⁴⁴. Estes nomes, por sua vez, podem ter a sua forma alterada

⁴³ Ao longo das seções nas quais comentaremos a abordagem dada aos diminutivos em latim segundo os gramáticos aqui mencionados, encontram-se diversos exemplos apresentados por eles, os quais serão traduzidos para o português com base em Saraiva (*op. cit.*).

⁴⁴ Varrão (VARRO, *op. cit.*, XXIII, destaques nossos) classifica as partes da oração em quatro tipos, considerando, para isso, a relação de cada uma delas com as categorias de caso e de tempo. Assim, *appellandi* ‘de nomeação’ é o nome dado àquelas palavras que são empregadas para dar nome às “coisas” e às qualidades; *dicendi* ‘de enunciação’ designam as que expressam as ações que são praticadas; *adminiculandi* ‘de auxílio, de sustentação’, as que exprimem como as ações são praticadas; e *iungendi* ‘de união’ (cf. tb. Varrón, 1998, p.105, nota 82): “*Quod ad partis singulas orationis, deinceps dicam. Quoius quoniam sunt divisiones plures, nunc ponam potissimum eam qua dividitur oratio secundum naturam in quattuor partis: in eam quae habet casus et quae habet tempora et quae habet neutrum et in qua est utrumque. Has vocant quidam appellandi, dicendi, adminiculandi, iungendi. Appellandi dicitur ut homo et Nestor, dicendi ut scribo et lego, iungendi ut scribens et legens, adminiculandi ut docte et commode*” [“Quanto a cada uma das partes da oração, direi em seguida. Visto que muitas são as suas divisões, agora exporei, preferencialmente, aquela em que a oração é dividida, segundo a natureza, em quatro partes: na que tem casos, na que tem tempos, na que não tem nem caso nem tempo e na que há ambos. Alguns chamam essas partes *appellandi* ‘de nomeação’, *dicendi* ‘de enunciação’, *adminiculandi* ‘de auxílio, de sustentação’ e de *iungendi* ‘de união’. Diz-se *appellandi* ‘de nomeação’, como *homo* ‘homem’ e *Nestor* ‘Nestor [nome de homem]’; *dicendi* ‘de

de quatro maneiras diferentes, sendo uma delas – através do emprego de sufixo diminutivo – para indicar diminuição⁴⁵:

De nominatibus qui accedunt proxime ad infinitam naturam articulorum atque appellantur vocabula, ut homo equus, eorum declinationum genera sunt quattuor: unum nominandi, ut ab equo equile, alterum casuale, ut ab equo equum, tertium augendi, ut ab albo albius, quartum minuendi, ut a cista cistula. (op. cit., XXIX, destaques nossos).

Acerca dos nomes que chegam muito próximo da natureza indeterminada dos pronomes demonstrativos e relativos⁴⁶ e que são chamados comuns, como *homo* ‘homem’, *equus* ‘cavalo’, os tipos de declinação são quatro: um é de nomeação, como de *equus* ‘cavalo’ *equile* ‘estrebária’; outro tipo está na relação casual, como de *equus* ‘cavalo [nominativo]’ *equum* ‘cavalo [acusativo]’; o terceiro, de aumento, como de *albus* ‘branco’ *albius* ‘mais branco’; o quarto é o de diminuição, como de *cista* ‘cesta’ *cistula* ‘cestinha’ (*op. cit.*, XXIX, tradução nossa, destaque nosso).

b) há mais de um sufixo em latim empregado com valor de diminutivo, podendo as palavras terem mais de uma forma diminutiva

Varrão não apresenta uma lista de sufixos diminutivos⁴⁷. No entanto, a partir dos exemplos de diminutivo apresentados por ele, é possível identificar terminações que eram

enunciação’, como *scribo* ‘escrevo’ e *lego* ‘escolho, leio’; *iungendi* ‘de união’, como *scribens* ‘que escreve’ e *legens* ‘que escolhe, que lê’; *adminiculandi* ‘de auxílio, de sustentação’, como *docte* ‘sabidamente’ e *commode* ‘convenientemente’”, tradução nossa, destaques nossos]. Os nomes comuns [*vocabula*] fazem parte do tipo *appellandi* ‘de nomeação’ – ao lado dos pronomes interrogativos e relativos [*provocabula*], dos nomes próprios [*nomina*] e dos pronomes demonstrativos [*pronomina*] – e compreendem tanto o que hoje designamos de substantivos comuns, quanto os adjetivos (cf. tb. Varrón, 1998, p.105-106).

⁴⁵ Varrão (VARRO, *op. cit.*, II e III) caracteriza as palavras de uma língua como ou podendo ter a sua forma alterada – *verba fecunda* –, ou como podendo permanecer inalterada – *verba sterilia*. Em relação às alterações na forma das palavras, esse autor (*op. cit.*, XXI e XXII) enumera dois tipos, a *declinatio voluntaria* ‘derivação’ e a *declinatio naturalis* ‘flexão’.

⁴⁶ De acordo com Saraiva (*op. cit.*, p.108), a palavra *articulus*, quando empregada no plural, em Varrão significa *pronomes demonstrativos e relativos*. Por isso, traduzimos, aqui, a palavra *articulorum* com este significado.

⁴⁷ Os quadros com os sufixos diminutivos identificados nos gramáticos latinos que serão objeto de análise aqui, os quais serão apresentados de agora em diante, não podem ser encontrados nos respectivos autores. A elaboração deles – a qual se deu a partir das terminações e exemplos apresentados por eles – é, portanto, de nossa responsabilidade, numa tentativa de oferecer ao leitor uma visão unificada dessas terminações.

empregadas em latim para formar palavras com significação diminutiva. No quadro a seguir, reunimos as terminações enumeradas por Varrão⁴⁸ (VARRO, *loc. cit.*)⁴⁹:

Quadro 10 – As terminações diminutivas em Varrão

Terminação	Exemplos
-ulus, -ula, -ulum	cistula, capitulum
-culus, -cula, -culum	homunculus, avicula
-ellus, -ella, -ellum	macellus, cistella
-colus, -cola, -colum	macricolus
-cellus, -cella, -cellum	avicella

Fonte: O Autor

Verifica-se, ainda, com base na análise dos exemplos apresentados por Varrão, que uma palavra poderia ter mais de uma forma diminutiva, como o próprio Varrão percebe, destacando que esse fato não ocorre com todas as palavras, o que não permite a formulação de regras para a formação dos diminutivos, devendo-se, pois, observar o uso, conforme segue:

Magnitudinis vocabula cum possint esse terna, ut cista cistula cistella, in aliis media non sunt, ut in his macer macricolus macellus, niger nigricolus nigellus. Item minima in quibusdam non sunt, ut avis avicula avicella, caput capitulum capitellum. In hoc genere vocabulorum quoniam multa desunt, dicendum est non esse in eo potius sequendam quam consuetudinem rationem (VARRO, *op. cit.*, XL, destaques nossos).

⁴⁸ Obviamente, esta lista não elimina a existência de outras terminações que podem não ter merecido a atenção de Varrão. Platner (1895, *passim*), ao analisar os diminutivos em Catulo – poeta contemporâneo a Varrão –, apresenta exemplos que contêm terminações que não se encontram entre as identificadas em Varrão, tais como: *olus, olum* (*aureolus* ‘da cor de ouro, de ouro’, *lacteolus* ‘que se parece com leite’, *parvolus* ‘pequenino’, *brachiolum* ‘braço pequeno’, *solaciolus* ‘pequeno alívio’ e *suaviolus* ‘beijinho’); *illus, illa, illum* (*pusillus* ‘pequenino’, *codicilli* ‘tronco pequeno; carta; qualquer escrito’, *furcilla* ‘forcado pequeno’, *papilla* ‘bico do peito, teta’, *salillum* ‘pequena saleira’, *tantillum* ‘tão pequeno, quase nada’, *tigillum* ‘vigazinha’, *oricilla* ‘orelha pequena’ e *scortillum* ‘pelezinha; meretriz’).

⁴⁹ Tanto Varrão, Probo, Diomedes (este menos frequentemente), quanto Donato, geralmente citam somente uma das formas flexionais do gênero, isto é, ou a forma masculina, ou a feminina, ou a neutra. Considerando, no entanto, que o latim clássico flexiona-se nesses três gêneros, decidimos apresentar nesses autores as três formas para cada terminação.

Os nomes comuns de tamanho como possam ser três, como *cista* ‘cesta’ *cistula* ‘cestinha’ *cistella* ‘cestinha’, em outros não há a forma do meio, como em *macer* ‘magro’ *macricolus* ‘um tanto magro’ *macellus* ‘um tanto magro’, *niger* ‘negro’ *nigricolus* ‘um tanto preto’ *nigellus* ‘um tanto preto’. Do mesmo modo, em alguns não há a forma menor, como *avis* ‘ave’ *avicula* ‘avezinha’ *avicella* ‘avezinha’, *caput* ‘cabeça’ *capitulum* ‘cabeça pequena’ *capitellum* ‘cabeça pequena’. Visto que neste tipo de palavras [nos diminutivos] faltam muitas formas, há de dizer-se que nele deve seguir-se antes o uso do que as regras. (VARRO, *op. cit.*, XL, tradução nossa, destaques nossos).

c) o diminutivo significa tamanho pequeno, mas não só isso

No Livro VIII do *De Lingua Latina*, de Varrão, não se encontra nenhuma passagem dedicada à conceituação do diminutivo. Desse modo, a compreensão da concepção semântica que esse autor possuía do diminutivo só poderá ser feita a partir da análise tanto dos exemplos de diminutivos apresentados por ele, quanto do seu conceito de nome comum – conforme discutido no primeiro tópico desta seção – e ainda dos termos que Varrão emprega, em seus respectivos contextos, para referir-se a essa característica dos nomes comuns.

Começemos por estes. Ao longo da obra citada, Varrão refere-se ao diminutivo em três momentos diferentes, respectivamente nas seções V, XXIX e XL. Em todas elas, o autor recorre a palavras diferentes para abordar esse fato linguístico, as quais são, respectivamente, *exiguitatem*, *minuendi* e *magnitudinis vocabula*.

Ao empregar a primeira dessas palavras, Varrão discute a natureza, sobretudo semântica, das transformações que ocorrem a partir da forma de uma palavra, destacando o fato de que há formações novas cujos significados se referem seja ao todo, seja a uma parte do significado das palavras a partir das quais se formaram, conforme citação abaixo:

Nomina declinantur aut in earum rerum discrimina, quarum nomina sunt, ut ab Terentius Terentia, aut in eas res extrinsecus, quarum ea nomina non sunt, ut ab equo equiso. In sua discrimina declinantur aut propter ipsius rei naturam de qua dicitur aut propter illius usum qui dicit. Propter ipsius rei discrimina, aut ab toto aut a parte (VARRO, *op. cit.*, V).

Os nomes são declinados ou em variantes das coisas das quais são nomes, como de *Terentius* ‘Terêncio’ *Terencia* ‘Terência’, ou, por outro lado, em coisas das quais não são nomes, como de *equus* ‘cavalo’ *equiso* ‘domador de cavalos’. Em suas variantes são declinados ou de acordo com a natureza da coisa mesma de que se fala, ou de acordo com o uso daquele que fala. De acordo com as variantes da coisa

mesma são declinados ou a partir do todo ou de uma parte (VARRÃO, *op. cit.*, V, tradução nossa).

Desse modo, com a palavra *exiguitatem*, refere-se a uma característica de palavras que são capazes de referir-se ao todo do significado da palavra que lhe deu origem, mas com a especificidade de indicar *tamanho pequeno*. Nesse contexto, o diminutivo ocorre com substantivos comuns e significa diminuição de tamanho: “*Quae a toto, declinata sunt aut propter multitudinem aut propter exiguitatem. Propter exiguitatem, ut ab homine homunculus, ab capite capitulum; propter multitudinem, ut ab homine homines [...]*” (VARRO, *op. cit.*, V, destaques nossos) [“Aqueles nomes que se declinam a partir do todo ou se declinam de acordo com a pluralidade ou com a *pequenez*. Nesta situação, temos de *homo* ‘homem’ *homunculus* ‘homenzinho’, de *caput* ‘cabeça’ *capitulum* ‘cabecinha’; na outra, de *homo* ‘homem’ *homines* ‘homens’”] (VARRO, *op. cit.*, V, tradução nossa, destaques nosso).

Também Varrão se refere à diminuição de tamanho ao empregar a palavra *minuendi* ‘de diminuição’, com a qual designa uma característica dos substantivos comuns de serem formados com o acréscimo de uma terminação cuja função é diminuir o significado que possui a palavra à qual foi acrescentada, como em *cistula* ‘cesta pequena, cestinha’, que se forma a partir de *cista* ‘cesta’ (cf. *op. cit.*, XXIX).

Já quando emprega o sintagma *magnitudinis vocabula* ‘nomes comuns de tamanho’, Varrão abrange tanto os substantivos comuns como os adjetivos. Neste contexto, fica evidente, portanto, que, para o autor, o diminutivo não diminui apenas o tamanho de algo (*cistula* ‘cestinha’, *avicella* ‘avezinha’), mas também a maneira como uma característica se apresenta (*macricolus* ‘um tanto magro’, de *macer* ‘magro’, *nigellus* ‘um tanto negro’, de *niger* ‘negro’).

2.2.1.1.2 O diminutivo em *Instituta Artium*, de Probo

Probo (In: KEIL, 1864, p.73, destaque nosso) distingue três formas sob as quais os nomes podem aparecer, a *positio* ‘forma primeira, primitiva’, a *derivatio* ‘forma derivada’ e a *deminutio* ‘forma diminutiva’: “*Ordines nominum sunt tres, positio derivatio deminutio*”. Contudo, destaca o autor que há nomes que não são encontrados em sua forma *deminutio*, isto é, que não possuem o diminutivo: “*interdum enim inveniuntur nomina, quae in positione et derivatione tantum sint constituta, ut puta pater, paternus et patrius*” (p.74) [“Com efeito,

algumas vezes são encontrados nomes que são constituídos somente da forma primitiva e da derivada, como, por exemplo, *pater, paternus e patrius*” (p.74, tradução nossa)]⁵⁰.

De acordo com esse autor, uma palavra encontra-se na forma diminutiva quando o seu significado corresponde ao significado da palavra a partir da qual se formou em sua forma abreviada: “*deminutio nominum est, quando ex ipsa positione nominum una quaeque res breviatur, ut puta a monte monticulus, a fonte fonticulus*” (*op. cit.*, p.74, destaques nossos). Assim, *monticulus* e *fonticulus* são, respectivamente, diminutivos de *mons* e *fons*, porque significam, respectivamente, ‘monte pequeno’ e ‘fonte pequena’, ou seja, são palavras que ‘abreviam, diminuem’, respectivamente, a significação de *monte* e *fonte*. Através de sua exposição (conceituação e exemplos), é possível concluir que Probo concebe o diminutivo como significando somente *tamanho pequeno*.

Além do aspecto semântico do diminutivo, encontram-se, também, em Probo (*op. cit.*), informações acerca do aspecto formal do diminutivo latino. No que se refere às terminações formadoras de diminutivo em latim, por exemplo, Probo (*op. cit.*), assim como Varrão, não faz referência explícita a elas, sobretudo no sentido de elaborar uma lista identificando-as. Assim, só é possível elencá-las a partir da análise dos exemplos de diminutivos que o autor apresenta. Estes, por sua vez, não são muitos, fato esse que dá uma importância apenas relativa para qualquer lista de terminações diminutivas elaboradas a partir de Probo. Não obstante isso, considerando-se Probo (p.74), poder-se-ia dizer que as terminações diminutivas latinas são *-ulus, -ula, -ulum* (*catulus* ‘cão pequeno, cãozinho’) e *-culus, -cula, -culum* (*monticulus* ‘monte pequeno, montinho’, *fonticulus* ‘fonte pequena, fontinha’), conforme quadro a seguir.⁵¹

⁵⁰ Embora também afirme (*op. cit.*, p.74, destaques nossos) que há nomes que não possuem a forma *derivatio* (“*interdum in positione et deminutione tantum, ut puta canis, catulus*” [“algumas vezes, são encontradas somente as formas primitiva e diminutiva, como, por exemplo, *canis* ‘cão’, *catulus* ‘cãozinho’”]), Probo destaca (*loc. cit.*, destaques nossos) que a ocorrência das três formas é bem frequente em latim: “*frequenter vero per omnes ordines perseverant, ut puta mons, montius vel montanus et monticulus*” [“frequentemente os nomes são encontrados em todas as formas, como, por exemplo, *mons* ‘monte’, *montius* ‘de monte’ ou *montanus* ‘de monte’ e *monticulus* ‘monte pequeno’”](*loc. cit.*, tradução nossa, destaques nossos)].

⁵¹ Note-se que o número de terminações diminutivas que se identificam em Probo é ainda menor que o número identificado em Varrão, conforme seção anterior. Probo pode, portanto, ter optado por mencionar apenas exemplos com as terminações mais frequentes.

Quadro 11 – As terminações diminutivas em Probo

Terminação	Exemplos
-ulus, -ula, -ulum	catulus
-culus, -cula, -culum	monticulus, fonticulus

Fonte: O Autor

2.2.1.1.3 O diminutivo na *Ars Grammaticae*, de Diomedes

Outro autor que aborda o tema *diminutivo* é Diomedes. Em sua *Ars Grammaticae*, apresenta importantes informações acerca do diminutivo na língua latina, as quais, por sua vez, contemplam tanto o nível semântico, quanto o morfológico, com maior ênfase neste. Desse modo, para Diomedes, o diminutivo é uma palavra derivada⁵² que diminui a significação da palavra a partir da qual se formou: “*Diminutiva sunt quae in diminutione absolutorum nominum fiunt sine ulla comparatione, ut parvus parvulus, adulescens adulescentulus*” (DIOMEDES In: KEIL, 1857, Liber I, p.325, destaques nossos) [“Os diminutivos são os nomes que se fazem na diminuição dos nomes dos quais se formam sem nenhuma comparação, como *parvus* ‘pequeno’ *parvulus* ‘pequenino’, *adulescens* ‘rapaz’ *adulescentulus* ‘rapazinho’”] (DIOMEDES In: KEIL, 1857, Liber I, p.325, tradução nossa, destaques nossos).

Ainda no âmbito da significação, Diomedes (*loc. cit.*) distingue três graus de significação, afirmando que, quanto maior for a terminação do diminutivo, maior é a diminuição: “*horum autem tres sunt gradus. quorum forma quamvis magis minuitur, crescit saepe numerus syllabarum*” [“Destes, no entanto, três são os graus de significação, dos quais, sem dúvida, a forma que é mais diminuída cresce, frequentemente, o número de sílabas” (*loc. cit.*, tradução nossa)].⁵³

⁵² “|| *derivantur autem nomina modis septem. aut enim patronymica sunt aut possessiva, quae κτητικά dicuntur, aut paronyma aut verbalia aut comparativa aut superlativa aut diminutiva*” (p.323, destaque nosso) [“No entanto, os nomes são derivados de sete modos. Com efeito, ou são patronímicos, ou possessivos, que os gregos dizem κτητικά ‘capazes de adquirir’, ou parônimos, ou verbais [derivados de verbo], ou comparativos, ou superlativos, ou *diminutivos*” (p.323, tradução nossa, destaque nosso)].

⁵³ Diomedes não oferece exemplos, ao menos neste momento, de como se manifesta esse fato. Acreditamos, no entanto, que o autor está fazendo referência ao fato conhecido por *diminutivo de diminutivo*, já destacado indiretamente por Varrão (cf. alínea *b*), conforme já discutimos aqui, e que também receberá a atenção do autor na sequência de sua argumentação, mas sem afirmar tratar-se de diminutivos. Deste fato, encontramos

Em relação à morfologia dos diminutivos, encontramos, em sua *Ars Grammaticae*, importantes informações seja acerca das terminações, seja acerca do processo de formação dos diminutivos, para o que apresenta, inclusive, algumas regras⁵⁴. Apresentaremos, a seguir, algumas delas:

- a) nomes femininos que possuem o nominativo em *-a* formam o diminutivo através do emprego da terminação *-ol-* antes de *-a*

omnia enim nomina feminini generis quae casu nominativo a littera terminantur ante novissimam litteram recipiunt ol syllabam et faciunt diminutionem, tam quam galea galeola (op. cit., p.325, destaques nossos).

Com efeito, todos os nomes do gênero feminino que no caso nominativo são terminados na letra *a* recebem a sílaba *ol* antes da última sílaba e fazem o diminutivo, como *galea* ‘capacete’ *galeola* ‘capacete pequeno’ (*op. cit.*, p.325, tradução nossa, destaques nossos).

alguns exemplos, tais como *arca*, *arcula*, *arcella* e *arcellula*, *catinus*, *catinulus* e *catellulus*, *oculus*, *ocellus* e *ocellulus* (cf. p.326). De acordo com essa interpretação, temos, então, que as palavras *arca*, *catinus* e *oculus* estão no grau positivo; *arcula*, *arcella* e *arcellula*, *catinulus* e *catellulus*, *ocellus* e *ocellulus* são seus respectivos diminutivos. Cada um dos diminutivos dessas palavras, no entanto, possui significação diferente da significação do outro. Assim, *arcula* é um diminutivo que diminui o significado de *arca*; *arcella* diminui mais ainda; e *arcellula*, mais ainda. Ou seja, quanto maior a forma do diminutivo maior é a diminuição da significação que possui a palavra primitiva: “*forma quamvis magis minuitur, crescit saepe numerus syllabarum*” (DIOMEDES, *op. cit.*, p.325). Isso fica mais fácil ainda de ser compreendido se considerarmos que *arcula* é um diminutivo de *arca*, *arcella* é um diminutivo de *arcula* e que *arcellula* é um diminutivo de *arcella*. Desse modo, é possível concluir que, quando fazemos o diminutivo de um diminutivo, estamos diminuindo mais ainda a significação da primeira palavra que teve a sua significação diminuída. Assim, teríamos algo como *arca* ‘arca, caixa’ *arcula* ‘arquinha, caixinha’ *arcella* ‘arquinha, caixinha pequena’ e *arcellula* ‘arquinha, caixinha bem pequena’, *catinus* ‘prato’, *catinulus* ‘pratinho’ e *catellulus* ‘pratinho bem pequeno’, *oculus* ‘olho’, *ocellus* ‘olho pequeno’ e *ocellulus* ‘olhinho bem pequeno’.

⁵⁴ Neste aspecto, podemos destacar a discordância entre Diomedes e Varrão, uma vez que para este não era possível estabelecer tais regras. Nebrija, como vimos no início da seção 2.2, possui discurso semelhante ao de Varrão.

- b) nomes masculinos que possuem o nominativo em *-us* e os neutros em *-um* recebem a terminação *-ul-* para formar o diminutivo antes dessas terminações

item masculina in us casu nominativo terminata et neutra in um finita eadem ul syllabam recipiunt, ut agnus agnulus, scamnum scamnulum (op. cit., p.325, destaques nossos).

Igualmente, nomes masculinos terminados no caso nominativo em *us* e os neutros em *um* recebem a sílaba *ul*, como *agnus* ‘cordeiro’ *agnulus* ‘cordeirinho’, *scamnum* ‘banco’ *scamnulum* ‘banquinho’ (*op. cit.*, p.325, tradução nossa, destaques nossos).

- c) nomes masculinos, femininos e neutros cujos genitivos são em *-is* têm o diminutivo feito, respectivamente, com as terminações *-culus*, *-cula* e *-culum*

masculina vero ea quae genitivo caso is syllaba terminantur novissimas syllabas culus recipiunt, tam quam fons fonticulus, feminina cula, tam quam navis navicula, neutra culum, ut munus munusculum sive municulum (op. cit., p.325-326, destaques nossos).

Os nomes que no caso genitivo são terminados na sílaba *is* recebem novas sílabas: os masculinos, *culus*, como *fons* ‘fonte’ *fonticulus* ‘fonte pequena’; os femininos recebem *cula*, como *navis* ‘embarcação’ *navicula* ‘embarcação pequena’; os neutros, *culum*, como *munus* ‘presente’ *munusculum* ‘presentinho’ ou *municulum* ‘presentinho’ (*op. cit.*, p.325-326, tradução nossa, destaques nossos).

- d) nomes masculinos e femininos que têm o genitivo em *-us* fazem o diminutivo com o acréscimo das terminações *-culus* e *-cula*

similiter ea quae us syllaba genetivo proferuntur tam masculina quam feminina (nam neutra nulla sunt) easdem syllabas admittunt, tam quam hic fluctus flucticulus, haec porticus porticula (op. cit., p.326, destaques nossos).

Do mesmo modo, aqueles nomes que se apresentam com a sílaba *us* no genitivo, tanto masculinos, quanto femininos (pois neutros não são) admitem aquelas mesmas sílabas [*culus*, *cula*], como *hic fluctus* ‘esta onda’ *flucticulus* ‘esta onda pequena’,

haec porticus ‘este p3rtico’ *porticula* ‘este p3rtico pequeno’ (*op. cit.*, p.326, tradu73o nossa, destaques nossos).⁵⁵

Assim, a partir do que exp3e Diomedes, 3 poss3vel elaborar o seguinte quadro das termina73es diminutivas apontadas por esse autor:

Quadro 12 – As termina73es diminutivas em Diomedes

Termina73o	Exemplos
<i>-olus, -ola, -olum</i>	<i>galeola, controversiola, gratiola</i>
<i>-ulus, -ula, -ulum</i>	<i>agnulus, chartula, scamnulum</i>
<i>-culus, -cula, -culum</i>	<i>fonticulus, navicula, munusculum</i>
<i>-ellus, -ella, -ellum</i>	<i>ocellus, arcella</i>
<i>-illus, -illa, -illum</i>	<i>Pistrilla</i>

Fonte: O Autor

Para finalizar o resumo das principais ideias de Diomedes acerca do diminutivo latino, 3 importante destacar, ainda, as seguintes informa73es: 1) nem todos os nomes possuem diminutivo; 2) h3 nomes que possuem a forma de diminutivos, mas que n3o se sabe de que palavras eles s3o diminutivos; 3) h3 diminutivos que n3o conservam o g3nero da palavra primitiva. Isso 3 o que revela a cita73o a seguir:

meminisse autem debemus quod non omnia diminutiones faciunt. quaedam enim quae singula sunt non veniunt in comparationem, tam quam caelum mare et his similia. sunt etiam quasi diminutiva, quorum origo non cernitur, ut fabula macula tabula. sunt item quae non servant genera quae ex nominibus primae positionis acceperunt, ut scutum scutula scutella, pistrinum pistrilla, canis canicula, rana ranunculus, unguis unguia unguella unguellula (*op. cit.*, p.326, destaques nossos).

Devemos, no entanto, lembrar que nem todos os nomes fazem o diminutivo. Com efeito, alguns que s3o 3nicos [isto 3, indicam coisas 3nicas] n3o ocorrem em compara73o, como *caelum* ‘c3u’ *mare* ‘mar’ e semelhantes. Tamb3m s3o quase diminutivos aqueles cuja origem n3o 3 conhecida, como *fabula* ‘conversa, narra73o’

⁵⁵ 3 importante observar, aqui, que as palavras *fluctus flucticulus* e *porticus porticula* n3o conservam o g3nero que possu3am em latim, respectivamente, masculino e feminino, passando a ser, respectivamente, feminino e masculino em portugu3s.

macula ‘mancha’ *tabula* ‘tábua’. Há, também, aqueles nomes que não conservam os gêneros dos nomes a partir dos quais se formaram, como *scutum* (n.) ‘escudo’ *scutula* (f.) ‘escudinho’ *scutella* (f.) ‘escudinho, pratinho covó’, *pistrinum* (n.) ‘moinho’ *pistrilla* (f.) ‘moinho pequeno’, *canis* (m.) ‘cão, cadela’ *canicula* (f.) ‘cadela pequena’, *rana* (f.) ‘rã’ *ranunculus* (m.) ‘rãzinha’ *unguis* (m.) ‘unha’ *ungula* (f.) ‘unha pequena’ [...] (*op. cit.*, p.326, tradução nossa, destaques nossos)⁵⁶.

2.2.1.1.4 O diminutivo na *Ars Grammatica*, de Donato

Também Donato nos oferece uma importante descrição acerca do diminutivo na língua latina. O primeiro aspecto a destacar é que não se encontra, na *Ars Grammatica*, o conceito de diminutivo; no entanto, encontram-se, na obra, informações importantes para o estudo do diminutivo em latim, tais como:

a) o diminutivo só ocorre nos nomes comuns

Segundo Donato (In: KEIL, 1864, p.373), os nomes admitem seis características, *qualitas* ‘natureza’, *comparatio* ‘comparação’, *genus* ‘gênero’, *numerus* ‘número’, *figura* ‘forma’ e *casus* ‘caso’. Quanto à sua natureza (*qualitas*), os nomes podem ser próprios ou comuns: “*Qualitas nominum bipertita est. aut enim propria sunt nomina aut appellativa*” (*loc. cit.*, destaques nossos). O diminutivo (*deminutivum*) é, assim, uma das maneiras sob as quais os nomes comuns⁵⁷ podem aparecer: “*appellativorum nominum species multae sunt. alia enim sunt corporalia, ut homo terra mare, alia incorporalia, ut pietas iustitia dignitas. alia sunt primae positionis, ut mons schola, alia derivativa, ut montanus scholasticus, alia || deminutiva, ut monticulus scholasticulus. [...]*” (p.373, destaques nossos) [“As formas dos nomes comuns são muitas. Uns são *corporalia* ‘materiais, corporais’, como *homo* ‘homem’ *terra* ‘terra’ *mar* ‘mar’, outros *incorporalia* ‘imateriais, abstratos’, como *pietas* ‘ piedade’ *iustitia* ‘justiça’ *dignitas* ‘dignidade’. Outros são primitivos, como *mons* ‘monte’ *schola* ‘escola’, outros são derivados, como *montanus* ‘de monte’ *scholasticus* ‘retórico, erudito’,

⁵⁶ Para evitar confusões no leitor – uma vez que, em alguns exemplos, não há correspondência entre o gênero latino e o português –, estamos inserindo, entre parênteses, logo após as palavras latinas utilizadas para exemplificar o tema abordado, as letras *f* (f.), *m* (m.) e (n.), significando, respectivamente, os gêneros feminino, masculino e neutro.

⁵⁷ Com o nome *appellativum*, Donato se refere não só ao que chamamos de substantivos comuns, mas também a adjetivos e numerais.

outros || **deminutiva** ‘diminutivos’, como *monticulus* ‘monte pequeno’ *scholasticulus* ‘falso erudito’ [...]” (p.373, tradução nossa, destaques nossos)].

b) há palavras que possuem a forma de diminutivos, mas que não são diminutivos

Em relação às terminações, não se encontra na obra *Ars Grammatica* uma lista de terminações que são empregadas para fazer o diminutivo em latim – contrariamente ao que faz Prisciano, por exemplo, conforme veremos a seguir. Donato destaca, no entanto, que há palavras que possuem a forma de diminutivos, mas que não são diminutivos, correspondendo ao que ele chama de *quasi deminutiva*: “[*nomina*] *sunt etiam quasi deminutiva, quorum origo non cernitur, ut fabula macula tabula vinculum*” (p.373, destaques nossos) [“há ainda os nomes *quasi deminutiva* ‘quase diminutivos’, cuja origem não é conhecida, como *fabula* ‘narração, fábula’ *macula* ‘mancha’ *tabula* ‘tábua’ *vinculum* ‘laço, ligação”]” (p.373, tradução nossa, destaques nossos)].

A partir desses exemplos de *quasi deminutiva* e de exemplos de diminutivos que o autor enumera ao longo da obra, é possível, contudo, construir uma pequena lista de sufixos latinos empregados como diminutivos, conforme quadro abaixo:

Quadro 13 – As terminações diminutivas em Donato

Terminação	Exemplos
-ulus, -ula, -ulum	<i>scutula</i>
-culus, -cula, -culum	<i>ranunculus, canicula</i>
-ellus, -ella, -ellum	<i>scutella</i>
-illus, -illa, -illum	<i>pistrilla</i>

Fonte: O Autor

Ainda no aspecto formal, é possível destacar que Donato admite que uma mesma palavra pode ter mais de um diminutivo, como ocorre ao apresentar os diminutivos da palavra *scutum* ‘escudo’, respectivamente *scutula* ‘escudinho’ e *scutella* ‘escudinho, pratinho covo’ (cf. p.376).

c) o diminutivo possui diferentes graus de significação

Pouco diz Donato acerca da significação do diminutivo. Afirma, no entanto, que o diminutivo possui três graus de significação, embora não especifique quais são: “*deminutivorum tres sunt gradus; quorum forma quam magis minuitur, crescit saepe numerus syllabarum*” (*op. cit.*, p.373) [“Três são os graus dos diminutivos, dos quais a forma que é mais diminuída cresce frequentemente o número de sílabas” (*op. cit.*, p.373, tradução

nossa)]⁵⁸. Como o autor apresenta exemplos de diminutivos substantivos (*scutula*, *ranunculus*, *canicula* etc.) e adjetivos (*grandiusculus*, *maiusculus*, *minusculus* etc.) – esse mesmo fato pode ser observado também em Varrão e Diomedes –, é possível concluir que o diminutivo significa não somente tamanho pequeno. Além disso, a própria distinção que o autor faz (cf. *op. cit.*, p.373) nos nomes apelativos entre aqueles que são *corporalia* ‘corporais, materiais’ e os que são *incorporalia* ‘imateriais, abstratos’ corrobora com essa conclusão.

d) o diminutivo parece conservar o gênero da palavra que lhe deu origem

Além desses aspectos, encontram-se, também, na seção em que o autor aborda o gênero dos nomes, informações quanto ao gênero dos diminutivos, nas quais Donato parece entender que, nas formações com o diminutivo, o procedimento normal é a conservação do gênero da palavra que lhe deu origem, conforme a seguir⁵⁹:

sunt alia deminutiva, quae non servant genera quae ex nominibus primae positionis acceperunt, ut scutum scutula scutella, pistrinum pistrilla, canis canicula, rana ranunculus [statua statunculum] (p.376, destaques nossos).

Outros nomes diminutivos há que não conservam os gêneros que receberam dos nomes primitivos, como *scutum* (n.) ‘escudo’ *scutula* (f.) ‘escudinho’ *scutella* (f.) ‘escudinho, pratinho covo’, *pistrinum* (n.) ‘moinho’ *pistrilla* (f.) ‘moinho pequeno’, *canis* (m.) ‘cão, cadela’ *canicula* (f.) ‘cadela pequena’, *rana* (f.) ‘rã’ *ranunculus* (m.) ‘rãzinha’ [*statua* (f.) ‘estátua’ *statunculum* (n.) ‘estátua pequena’] (p.376)⁶⁰.

⁵⁸ Quanto a este tema, confira o que destacamos quando analisamos as informações que fornece Diomedes sobre os diminutivos.

⁵⁹ Em relação ao gênero dos nomes, Donato distingue 4 tipos: o masculino, o feminino, o neutro e o comum (p.375-376). Por trás dessa aparente simplicidade para a identificação do gênero dos nomes, o autor aponta diversas situações que geram dificuldades nessa identificação, que podem, de acordo com a nossa compreensão, ser resumidas em quatro situações: *a)* nomes que possuem mais de um gênero; *b)* nomes que têm a forma característica de um gênero, mas, na realidade, pertencem a outro; *c)* nomes com gênero incerto; *d)* nomes formados a partir de outros, mas que nem sempre conservam o gênero da forma primeira. Nesta situação, está inserido o diminutivo.

⁶⁰ cf. nota 56.

2.2.1.1.5 O diminutivo nas *Institutiones Grammaticae*, de Prisciano

É, no entanto, Prisciano o gramático latino que mais se detém na análise dos diminutivos em língua latina. Assim, após conceituar e caracterizar os nomes – ou seja, substantivos e adjetivos –, classificando-os em comuns ou apelativos e próprios (PRISCIANO In: KEIL, 1855, p.56-57), identifica neles cinco qualidades: “*Accidunt igitur nomini quinque: species, genus, numerus, figura, casus*” (p.57) [“Portanto, [as qualidades] admitidas no nome são cinco: *species* ‘forma (no sentido de o nome ser primitivo ou derivado)’, *genus* ‘gênero’, *numerus* ‘número’, *figura* ‘forma (no sentido de o nome ser simples ou composto)’, *casus* ‘caso’”] (p.57, tradução nossa, destaques nossos). Por *species*, Prisciano entende a qualidade de os nomes serem *principalis* [primitivos, isto é, nomes que servem de base para a formação de outros]⁶¹ e *derivativa* [derivados, isto é, nomes que se formam tendo por base outro nome], existindo tanto nos nomes comuns, quanto nos próprios: “*Species sunt tam propriorum quam appellativorum duae, principalis et derivativa. principalis, ut Iulus, mons, derivativa, ut Iulius, montanus, sub qua sunt aliae multae*” (p.57, destaques nossos) [“As formas, tanto dos nomes próprios, quanto dos comuns, são duas, primitiva e derivada. Primitiva, como *Iulus* ‘Júlio’, *mons* ‘monte’; derivada, como *Iulius* ‘Júlio, de Júlio’, *montanus* ‘de monte’, assim como muitos outros” (p.57, tradução nossa, destaques nossos)]. O diminutivo é uma das maneiras sob as quais os nomes derivados podem ocorrer, os quais também ocorrem sob a forma de patronímicos, possessivos, comparativos, superlativos e denominativos (cf. p.60).

Desse modo, segundo Prisciano, “*Diminutivum est, quod diminutionem primitivi sui absolute demonstrat: rex regulus, id est parvus rex*” (p.101, destaque nosso) [“O nome

⁶¹ Embora Prisciano não empregue aqui a palavra *primitivo*, acreditamos ser correta a tradução de *principalis* como *primitivo*, não só pela oposição com o termo *derivativa* nesse contexto, mas porque é esse o termo que o autor emprega ao tratar das *espécies dos verbos* – mas estendendo-o a outras partes da oração (classes de palavra) –, quando afirma: “*Species sunt verborum duae, primitiva et derivativa, quae inveniuntur fere in omnibus partibus orationis. est igitur primitiva, quae primam positionem ab ipsa natura accepit, ut lego, ferveo, domo, facio, garrilo, albo; derivativa, quae a positivis derivantur, ut lecturio, fervesco, domito, facesso, garrulo, albico*” (*op. cit.*, p.427, destaques nossos) [“As formas dos verbos são duas, primitiva e derivada, as quais são encontradas ordinariamente em todas as partes da oração. É, portanto, primitiva aquela forma que foi interpretada, a partir de sua própria característica, como a primeira forma, como *lego* ‘escolher, ler’, *ferveo* ‘ferver’, *domo* ‘domar’, *facio* ‘fazer’, *garrilo* ‘gorgear, tagarelar’, *albo* ‘embranquecer’; a derivada é aquela que se forma a partir de uma forma primitiva, como *lecturio* ‘ter desejo de ler’, *fervesco* ‘aquecer-se’, *domito* ‘domar’, *facesso* ‘fazer’, *garrulo* ‘tagarelar’, *albico* ‘alvejar’” (*op. cit.*, p.427, tradução nossa, destaques nossos)].

diminutivo é aquele que, por si só, indica diminuição de seu primitivo: *rex* ‘rei’ *regulus* ‘reizinho, pequeno rei’, isto é, *parvus rex* ‘pequeno rei’” (p.101, tradução nossa, destaque nosso)]. Assim, em relação à significação do diminutivo, Prisciano destaca três tipos: indicação de tamanho pequeno; delicadeza ou louvação; e semelhança (nas características, no modo de agir). O trecho a seguir mostra isso claramente:

Solent autem diminutiva vel necessariae significationis causa proferri (ut Sallustius in Iugurthino: [...] reguli [...], id est parvi reges), vel urbanitatis (ut Iuuenalis in saturarum III: [...] fraterculus [...]) vel adulationis, et maxime puerorum, ut Catulaster, Antoniaster, patriciolus, Sergiolus (p.101-102, destaques nossos).

No entanto, os diminutivos costumam significar ou assuntos com significação necessária (como Salústio em *Iugurthinum*: [...] *reguli* ‘pequenos reis’ [...]), ou delicadeza (como Juvenal em *Satura III*: [...] *fraterculus* ‘irmãozinho, pobre irmão’ [...]) ou louvação, e semelhança no modo de agir, como *Catulaster* ‘partidário de Catulo, orador latino’, *Antoniaster* ‘Antoniastro, partidário de Antônio, o triúmviro (termo de desprezo)’, *patriciolus* ‘um tanto nobre’, *Sergiolus* ‘Sergíolo [nome de homem]’ (p.101-102, tradução nossa, destaques nossos).

Observa-se, assim, que, para Prisciano, assim como para Varrão, Diomedes e Donato, o diminutivo não é empregado somente para indicar diminuição de tamanho, sendo empregado também para a expressão de uma qualidade, ocasião em que esta é diminuída a partir da significação de seu radical, ou ainda com a significação de delicadeza ou louvação.

Quanto à sua ocorrência, o diminutivo é encontrado, segundo o autor em destaque (*op. cit.*), com mais frequência nos nomes comuns, embora também seja encontrado nos nomes próprios: “[*diminutiva*] *derivantur igitur pleraque ab appellativis, pauca etiam a propriis [...]*” (p.102) [“os diminutivos são derivados, portanto, quase sempre a partir de nomes comuns, poucos também a partir dos nomes próprios” (p.102, tradução nossa)]. Também destaca Prisciano que, a partir de uma mesma forma primitiva, podem existir mais de uma forma diminutiva, inclusive fazendo-se um diminutivo de uma palavra já no diminutivo: “[...] *saepe inveniuntur diminutivorum diminutiva in diversas desinentia formas, ut homo, homuncio, homunculus, homullus, homullulus*” (p.102, destaques nossos) [“[...] frequentemente são encontrados diminutivos de diminutivos com terminação em várias formas, como *homo* ‘homem’, *homuncio* ‘homenzinho’, *homunculus* ‘homenzinho, pobre homem’, *homullus* ‘homenzinho, pobre homem’, *homullulus* ‘homenzinho, pobre homem’” (p.102, tradução nossa, destaques nossos)]. Ou seja, a palavra latina *homo* tem por diminutivo

as formas *homuncio* e *homullus*, as quais, por sua vez, têm seus diminutivos, que são, respectivamente, *homunculus* e *homullulus*.

Por fim, ainda no âmbito das características gerais do diminutivo, outra característica importante dos nomes diminutivos, sejam eles comuns, sejam próprios, segundo Prisciano, é a manutenção muito frequente do gênero da palavra primitiva: “[*diminutiva*] *servant genera primitivorum plerumque*” (p.102) [“Os diminutivos conservam quase sempre os gêneros dos primitivos (p.102, tradução nossa)”]. Assim, afirma o autor (p.115-116, destaques nossos) que são poucas as palavras em que o diminutivo não conserva o gênero da palavra primitiva:

et sciendum, quod pauca inveniuntur diminutiva, quae non servant genera primitivorum, ut [haec] rana [hic] ranunculus, [hic] canis [haec] canicula, scutum vel scuta [id est rotunda forma] scutula, scutella [...], hic qualus hoc quasillum, pistrinum pistrilla, haec acus hic aculeus [...].

Destaque-se que são poucos os diminutivos encontrados que não conservam os gêneros dos primitivos, como *rana* (f.) ‘rã’, *ranunculus* (m.) ‘rãzinha’, *canis* (m.) ‘cão, cadela’ *canicula* (f.) ‘cadelinha’, *scutum* (n.) ‘escudo’ ou *scuta* (f.) ‘escudo’ [isto é, forma redonda] *scutula* (f.) ‘pratinho’, *scutella* (f.) ‘pratinho covô’ [...], *qualus* (m.) ‘cesto’ *quasillum* (n.) ‘cestinho’, *pistrinum* (n.) ‘moinho’ *pistrilla* (f.) ‘moinho pequeno’, *acus* (f.) ‘agulha’ *aculeus* (m.) ‘aguilhão, ponta’ [...] (p.115-116, tradução nossa, destaques nossos)⁶².

Prisciano (*op. cit.*, p.102-116), no entanto, vai além da abordagem geral sobre o diminutivo e apresenta uma descrição minuciosa de características particulares do diminutivo latino, a qual se centra na exposição das terminações existentes, bem como em seu processo de formação. Quanto às terminações, Prisciano (p.102, destaques nossos) distingue as que são do gênero masculino das que são do feminino e do neutro, conforme segue:

⁶² Uma vez que nem sempre há correspondência entre o gênero da palavra em latim e o gênero da palavra correspondente em português – o que alteraria, por exemplo, o gênero do pronome latino e o seu correspondente em português, o que, por sua vez, poderia causar confusões ao leitor –, optamos, aqui, por não traduzir os pronomes que antecedem os nomes no texto latino, substituindo-os pela indicação do gênero das palavras primitivas e derivadas latinas, para o que empregamos, entre parênteses, seguidas de um ponto, as letras *f* (f.), *m* (m.) e *n* (n.), significando, respectivamente, os gêneros feminino, masculino e neutro.

Sunt igitur formae diminutivorum masculini generis hae: culus, ulus absque c, olus, ellus, xillus, illus absque x, ullus, cio, aster, leus, tulus: culus, ut igniculus; ulus absque c, tantulus; olus, Sergiolus, capreolus; ellus, agellus; illus x antecedente, paxillus, absque x, codicillus; ullus, homullus; cio, homuncio; aster, parasitaster; leus, eculeus, aculeus; tulus, nepotulus. [...]. feminini autem generis hae: cula, ula absque c, ola, ella, xilla, illa absque x, ulla, ut anicula, silvula, unciola, capella, maxilla, anguilla, una ulla. neutrorum quoque sunt formae hae: culum, ulum sine c, olum, ellum, illum cum x et sine eo, ullum, ut corpusculum, corculum [...], sine c, capitulum, laureolum, lucellum, villum, vexillum, ullum.

São, portanto, estas as formas dos diminutivos do gênero masculino: *culus, ulus* sem *c*, *olus, ellus, xillus, illus* sem *x*, *ullus, cio, aster, leus, tulus: culus*, como *igniculus* ‘fogo pequeno’; *ulus* sem *c*, *tantulus* ‘tão pequeno’; *olus, Sergiolus* ‘Sergíolo [nome de homem]’, *capreolus* ‘espécie de cabra montez, cabrito’; *ellus, agellus* ‘campo pequeno’; *illus* com *x* antecedente, *paxillus* ‘estaca’, e sem *x*, *codicillus* ‘tronco pequeno, carta’; *ullus, homullus* ‘homenzinho’; *cio, homuncio* ‘homenzinho’; *aster, parasitaster* ‘mau parasito’; *leus, eculeus* ‘cavalo novo’, *aculeus* ‘agulhão, ponta’; *tulus, nepotulus* ‘netinho’. [...]. De outra parte, estas são as formas do gênero feminino: *cula, ula* sem *c*, *ola, ella, xilla, illa* sem *x*, *ulla*, como *anicula* ‘velhinha’, *silvula* ‘pequena mata’, *unciola* ‘a duodécima parte (de uma herança)’, *capella* ‘cabra pequena’, *maxilla* ‘queixinho’, *anguilla* ‘anguia ou enguia (peixe), cobra pequena’, *una* ‘uma’ *ulla* ‘alguma’. Do mesmo modo, estas são as formas dos neutros: *culum, ulum* sem *c*, *olum, ellum, illum* com *x* e sem *ele*, *ullum*, como *corpusculum* ‘corpinho’, *corculum* ‘coração pequeno’ [...], sem *c*, *capitulum* ‘cabeça pequena’, *laureolum* ‘folhinha de loureiro’ *lucellum* ‘lucro pequeno’, *villum* ‘vinho fraco’, *vexillum* ‘bandeira da corte, estandarte’, *ullum* ‘algum’ (p.102, tradução nossa, destaques nossos).

Desse modo, reunindo em um quadro as terminações diminutivas latinas identificadas por Prisciano, temos o seguinte:

Quadro 14 – As terminações diminutivas em Prisciano

Terminação			Exemplos
masculino	feminino	neutro	
-culus,	-cula	-culum	<i>igniculus, anicula, corpusculum</i>
-ulus	-ula	-ulum	<i>tantulus, silvula, capitulum</i>
-olus	-ola	-olum	<i>Sergiolus, unciola, laureolum</i>
-ellus	-ella	-ellum	<i>agellus, capella, lucellum</i>
-xillus	-xilla	-xillum	<i>paxillus, maxilla, vexillum</i>
-illus	-illa	-illum	<i>codicillus, anguilla, villum</i>
-ullus	-ulla	-ullum	<i>homullus, ulla, ullum</i>
-tulus			<i>nepotulus</i>
-cio			<i>homuncio</i>
-aster			<i>parasitaster</i>
-leus			<i>eculeus</i>

Fonte: O Autor

Em relação ao processo de formação dos diminutivos em latim, assim como fez Diomedes, Prisciano também expõe algumas regras para a formação de diminutivos nessa língua, as quais são, contudo, em número bem maior que as apresentadas por aquele autor. Ao apresentá-las, considera fatores como o número de sílabas e o gênero da palavra primitiva, bem como a sua terminação e a declinação a que pertence. A seguir, apresentamos as principais dessas regras⁶³:

- a) os diminutivos monossílabos em *-s* com vogal antecedente, quaisquer que sejam os gêneros, e todos os em *-er*, que são da terceira declinação, e os neutros com nominativo em *-us* assumem no masculino *-culus*, no feminino *-cula* e no neutro *-culum*

Monosyllaba in s desinentia vocali antecedente, cuiuscumque sint generis, et in er omnia, quae sunt tertiae declinationis, et in us neutra nominativo assumunt in masculino culus, in feminino cula, in neutro culum, ut flos flosculus, mas masculus, mus musculus, plus plusculus, os osculum [...] (p.103, destaques nossos).

⁶³ As regras apresentadas por Prisciano vêm, frequentemente, acompanhadas de alguma exceção, mas estas não invalidam a aplicação daquelas. Desse modo, na exposição que aqui faremos, deter-nos-emos, apenas, nas regras, podendo o leitor conferir as exceções a partir da referência aqui indicada.

Os nomes monossílabos na desinência *s*, com vogal antecedente, de quaisquer gêneros que sejam, e todos em *er*, que são da terceira declinação, e os neutros em *us* no nominativo recebem *culus* no masculino, *cula* no feminino, *culum* no neutro, como *flos* ‘flor’ *flosculus* ‘florzinha’, *mas* ‘macho’ *masculus* ‘do sexo masculino’, *mus* ‘rato’ *musculus* ‘ratinho’, *plus* ‘mais’ *plusculus* ‘um tanto mais de’, *os* ‘boca’ *osculum* ‘boca pequena’ [...] (p.103, tradução nossa, destaques nossos).

- b) nomes primitivos em *-or* mudam essa terminação em *-us* para receber *-culus* ou assumem *-culus* ou *-cula* sem alterar a forma

Ad hanc formam etiam positiva in or desinentia mutant or in us et accepta culus faciunt diminutiva, ut rumor rumusculus [...], vel assumunt culus vel cula, ut amator amatorculus, soror sororcula. (p.105, destaques nossos).

Também nesta forma, os nomes primitivos na desinência *or* alteram *or* em *us* e, recebendo *culus*, fazem os diminutivos, como *rumor* ‘boato’ *rumusculus* ‘boato de pouca importância [...], ou recebem *culus* ou *cula*, como *amator* ‘namorado’ *amatorculus* ‘namoradinho’, *soror* ‘irmã’ *sororcula* ‘irmãzinha, querida irmã’ (p.105, tradução nossa, destaques nossos).

- c) nomes em *-is* ou todos em *-e*, ou todos os monossílabos em *-ns*, ou em *-rs* fazem o diminutivo acrescentando-se *-culus*, *-cula*, *-culum* à forma do dativo da palavra

In is vero vel in e desinentia omnia vel in ns monosyllaba vel in rs dativo corripientia i assumunt supra dictas syllabas et faciunt diminutivum, ut ignis [igni] igniculus, testis [testi] testiculus, navis [navi] navicula, cutis [cuti] cuticula, avis [avi] avicula, clavis [clavi] clavicula, rete [reti] reticulum, fons [fonti] fonticulus, mons [monti] monticulus, pons [ponti] ponticulus, lens [lenti] lenticula, pars [parti] particula, dulcis [dulci] dulciculus et dulcicula dulciculum, securis [securi] securicula (p.105, destaques nossos).

Todos os nomes na desinência *is*, ou em *e*, ou os monossílabos em *ns*, ou em *rs*, corrompendo as sílabas acima mencionadas, assumem *i* no dativo e fazem o diminutivo, como *ignis* ‘fogo’ [*igni* ‘ao fogo’] *igniculus* ‘fogo pequeno’, *testis* ‘testículo’ [*testi* ‘ao testículo’] *testiculus* ‘testículo pequeno’, *navis* ‘embarcação’ [*navi* ‘à embarcação’] *navicula* ‘embarcação pequena’, *cutis* ‘pele’ [*cuti* ‘à pele’] *cuticula* ‘pelezinha’, *avis* ‘ave’ [*avi* ‘à ave’] *avicula* ‘avezinha’, *clavis* ‘chave’ [*clavi* ‘à chave’] *clavicula* ‘chave pequena’, *rete* ‘rede’ [*reti* ‘à rede’] *reticulum* ‘redezinha’, *fons* ‘fonte’ [*fonti* ‘à fonte’] *fonticulus* ‘fonte pequena’, *mons* ‘monte’

[*monti* ‘ao monte’] *monticulus* ‘monte pequeno’, *pons* ‘ponte’ [*ponti* ‘à ponte’] *ponticulus* ‘pontezinha’, *lens* ‘lentilha’ [*lenti* ‘à lentilha’] *lenticula* ‘lentilha pequena’, *pars* ‘parte’ [*parti* ‘à parte’] *particula* ‘parte pequena, pedacinho’, *dulcis* ‘doce’ [*dulci* ‘ao doce’] *dulciculus e dulcicula dulciculum* ‘um tanto doce’, *securis* ‘machado’ [*securi* ‘ao machado’] *securicula* ‘machadinha’ (p.105, tradução nossa, destaques nossos).

- d) os nomes da quarta declinação com nominativo em *-us* ou *-u* alteram o *-u* em *-i* e formam o diminutivo em *-culus*, *-cula* e *-culum*, respectivamente para o masculino, o feminino e o neutro

Secundum supra dictam formam quartae quoque declinationis nomina faciunt diminutiva. us enim vel u nominativi in i convertunt correptam et accipiunt culus in masculino, in feminino cula, in neutro culum, ut currus currīculus (dicitur tamen et hoc curriculum), versus versīculus, artus artīculus, fluctus fluctīculus, anus anīcula, cornu cornīculum, genu genīculum (p.106, destaques nossos).

Os nomes da quarta declinação fazem os diminutivos também segundo a regra acima dita. Com efeito, convertem *us* ou *u* do nominativo na sílaba breve *i* e recebem *culus* no masculino, *cula* no feminino e *culum* no neutro, como *currus* ‘carro, carroça’ *currīculus* ‘carrinho’ (diz-se, no entanto, *curriculum* ‘carrinho’ [neutro]), *versus* ‘verso’ *versīculus* ‘verso pequeno’, *artus* ‘articulação’ *artīculus* ‘pequena articulação’, *fluctus* ‘onda’ *fluctīculus* ‘onda pequena’, *anus* ‘velha’ *anīcula* ‘velhinha’, *cornu* ‘corno [chifre]’ *cornīculum* ‘corno pequeno’, *genu* ‘joelho’ *genīculum* ‘joelhinho’ (p.106, tradução nossa, destaques nossos).

- e) nomes de nominativo em *-x* ou em *-ns* ou em *-t* alteram a terminação *-is* do genitivo em *-u* e fazem o diminutivo em *-lus*, *-la*, *-lum* para o masculino, feminino e neutro, respectivamente

In x omnia vel in | ns supra syllabam vel in t desinentia genitivi extremam terminationem, id est is, in u convertunt et accepta lus la lum faciunt diminutiva, ut rex regis regulus, codex codicis codiculus et ex eo codicillus, haec fornax fornacis fornacula, fax facis facula, cervix cervicis cervicula, adulescens adulescentis adulescentulus, caput capitis capitulum (p.106-107, destaques nossos).

Todos os nomes na desinência *x* ou em *ns* ou em *t* alteram a última terminação do genitivo, isto é, *is* em *u* e, recebendo *lus la lum*, fazem os diminutivos, como *rex*

‘rei’ *regis* ‘de rei’ *regulus* ‘pequeno rei’, *codex* ‘tabuinha, escrito’ *codicis* ‘de tabuinha, de escrito’ *codiculus* ‘tronco pequeno, carta’, e deste *codicillus* ‘tronco pequeno, carta’, *fornax* ‘forno’ *fornacis* ‘de forno’ *fornacula* ‘forno pequeno’, *fax* ‘tocha’ *facis* ‘de tocha’ *facula* ‘tocha pequena’, *cervis* ‘pescoço’ *cervicis* ‘de pescoço’ *cervicula* ‘pescoço pequeno’, *adulescens* ‘moço’ *adulescentis* ‘de moço’ *adulescentulus* ‘rapazinho, mocinho’, *caput* ‘cabeça’ *capitis* ‘de cabeça’ *capitulum* ‘cabeça pequena’ (p.106-107).

- f) nomes femininos em *-es* da terceira e da quinta declinação fazem o diminutivo com o acréscimo de *-cula*, após a queda do *-s*, mantendo o *-ē-* (*e* longo)

In es productam desinentia [feminina] tertiae declinationis vel quintae abiecta s et assumpta cula faciunt diminutiva et servant e productam, ut vulpēs vulpēcula, nubēs nubēcula, diēs diēcula, rēs rēcula [...], veprēs veprēcula. (p.107, destaques nossos).

Os nomes na desinência [feminina] *es* longa da terceira ou da quinta declinação fazem os diminutivos com a queda de *s* e com o acréscimo de *cula* e conservam o *e* longo, como *vulpēs* ‘raposa’ *vulpēcula* ‘raposinha’, *nubēs* ‘nuvem’ *nubēcula* ‘nuvemzinha’, *diēs* ‘dia’ *diēcula* ‘dia pequeno’, *rēs* ‘coisa material’ *rēcula* ‘pequenas posses’ [...], *veprēs* ‘espinheiro’ *veprēcula* ‘pequeno espinheiro’ (p.107, tradução nossa, destaques nossos).

- g) nomes em *-o*, caso tenham diminutivo, alteram essa terminação em *-un-* e recebem *-culus* ou *-cula*

in o desinentia si faciunt diminutiva, convertunt o in un || et accipiunt culus vel cula, ut tiro tirunculus [...], latro latrunculus, carbo carbunculus [...], pedo pedunculus, curculio curculiunculus [...], virgo virguncula [...], ratio ratiuncula [...], offensio offensiuncula [...], item loligo loliguncula [...], homo homunculus [...] (p.108-109, destaques nossos).

Os nomes na desinência *o*, se fizerem diminutivos, alteram o *o* em *un* e recebem *culus* ou *cula*, como *tiro* ‘moço que acaba de tomar a toga viril’ *tirunculus* ‘aprendiz’ [...], *latro* ‘bandido, soldado mercenário’ *latrunculus* ‘salteador, bandoleiro’, *carbo* ‘carvão’ *carbunculus* ‘carvãozinho’ [...], *pedo* ‘piolho’ *pedunculus* ‘piolho pequeno’, *curculio* ‘gorgulho’ *curculiunculus* ‘gorgulho pequeno’ [...], *virgo* ‘menina pequena’ *virguncula* ‘moça virgem’ [...], *ratio* ‘cálculo, conta’ *ratiuncula* ‘conta pequena’ [...], *offensio* ‘ofensa’ *offensiuncula* ‘pequena ofensa’ [...], também *loligo* ‘lula (peixe)’ *loliguncula* ‘lula pequena’ [...],

homo ‘homem’ *homunculus* ‘homenzinho’ [...] (p.108-109, tradução nossa, destaques nossos).

- h) nomes em *-nus*, em *-lus*, sem *-l-* geminado, e em *-er* da segunda declinação fazem o diminutivo duplicando o *-l-* antes de *-us*

In nus, sive habeant ante n aliam consonantem sive non, et in lus, si non habeant geminatam l, et in er secundae declinationis nomina duplicant l ante us [in diminutivis]: asinus asellus, geminus gemellus, bonus bellus, pugnus pugillus, agnus agnellus – quod ideo servavit n, ut sit differentia inter agri diminutivum, quod est agellus –, anulus anellus, oculus ocellus, populus popellus, catulus catellus, tener tenellus, liber libellus (p.109, destaques nossos).

Os nomes em *nus*, com ou sem consoante antes do *n*, e em *lus*, se não tiverem o *l* geminado, e os nomes em *er* da segunda declinação dobram o *l* antes de *us* [nos diminutivos]: *asinus* ‘jumento’ *asellus* ‘jumentinho’, *geminus* ‘gêmeo’ *gemellus* ‘gêmeozinho’, *bonus* ‘bom’ *bellus* ‘bom, belo’, *pugnus* ‘punho’ *pugillus* ‘punho pequeno’, *agnus* ‘cordeiro’ *agnellus* ‘cordeirinho’ – que conservou o *n*, para que ele seja a diferença entre o diminutivo de *ager* ‘campo’, que é *agellus* ‘campo pequeno’ –, *anulus* ‘anel’ *anellus* ‘anelzinho’, *oculus* ‘olho’ *ocellus* ‘olhinho’, *populus* ‘população, plebeus’ *popellus* ‘povo miúdo, plebe’, *catulus* ‘cão’ *catellus* ‘cão pequeno’, *tener* ‘tenro’ *tenellus* ‘tenrinho’, *liber* ‘livro’ *libellus* ‘livro pequeno’ (p.109, tradução nossa, destaques nossos).

- i) nomes femininos em *-na*, em *-la* ou em *-ra* geminam o *-l-* antes do *-a* no diminutivo

Feminina quoque in na desinentia, sive habeant ante n aliam consonantem sive non, geminant in diminutivis l ante a, ut catena catella, asina asella, gemina gemella, columna columnella. excipitur rana ranunculus. eandem formam in la quoque desinentia vel ra servant, ut fabula fabella, tabula tabella, libra libella, capra capella, umbra umbella, sacer sacra sacrum, sacellus sacella sacellum. puer, puera antiqui, ex quo puella; tener tenera tenerum, tenellus tenella tenellum, miser misera miserum, misellus misella misellum (p.110, destaques nossos).

Também os nomes femininos na desinência *na*, com ou sem consoante antes do *n*, geminam o *l* antes do *a* nos diminutivos, como *catena* ‘cadeia’ *catella* ‘cadeia pequena’, *asina* ‘jumenta’ *asella* ‘jumentinha’, *gemina* ‘gêmea’ *gemella* ‘gêmeazinha’, *columna* ‘coluna’ *columnella* ‘coluna pequena’. Excetua-se *rana* ‘rã’ *ranunculus* ‘rãzinha’. Os nomes na desinência *la* e em *ra* seguem essa mesma regra,

como *fabula* ‘fábula, narração’ *fabella* ‘pequena narração’, *tabula* ‘tábua’ *tabella* ‘tábua pequena’, *libra* ‘balança’ *libella* ‘balancinha’, *capra* ‘cabra’ *capella* ‘cabra pequena’, *umbra* ‘sombra’ *umbella* ‘sombra pequena’, *sacer* ‘sagrado’ *sacra* ‘sagrada’ *sacrum* ‘sagrado’, *sacellus* ‘um tanto sagrado’ *sacella* ‘um tanto sagrada’ *sacellum* ‘um tanto sagrado’ (p.110, tradução nossa, destaques nossos).

j) nomes neutros em *-num* geminam o *-l-* antes de *-um* no diminutivo

Neutra quoque in num desinentia geminant in diminutione l ante um, et si g habeant ante n, in paenultima syllaba diminutivi i, non e, accipiunt, ut tignum tigillum, signum sigillum (p.110, destaques nossos).

Também os neutros na desinência *num* geminam o *l* antes de *um* no diminutivo, e se tiverem *g* antes do *n*, na penúltima sílaba, os diminutivos recebem *i*, e não *e*, como *tignum* ‘viga’ *tigillum* ‘vigazinha’, *signum* ‘marca, sinal’ *sigillum* ‘marca pequena’ (p.110, tradução nossa, destaques nossos).

k) nomes terminados em *-lum* ou *-rum* fazem o diminutivo em *-illum* ou *-ellum*

Similiter in illum vel ellum faciunt diminutiva in lum vel in rum desinentia: tantulum tantillum, lucrum lucellum, cerebrum cerebellum, flabrum flabellum, flagrum flagellum, castrum castellum, sacrum sacellum (p.111, destaques nossos).

Igualmente os nomes na desinência *lum* ou *rum* fazem os diminutivos em *illum* ou *ellum*: *tantulum* ‘pequeno, pouco’ *tantillum* ‘tão pequeno, tão pouco’, *lucrum* ‘lucro’ *lucellum* ‘lucro pequeno’, *cerebrum* ‘cérebro’ *cerebellum* ‘cérebro pequeno’, *flabrum* ‘abano’ *flabellum* ‘abano pequeno’, *flagrum* ‘açoute’ *flagellum* ‘açoute pequeno’, *castrum* ‘fortaleza’ *castellum* ‘fortaleza pequena’, *sacrum* ‘santuário, templo’ *sacellum* ‘pequeno recinto consagrado, templinho’ (p.111, tradução nossa, destaques nossos).

l) nomes em *-us* da segunda declinação, antecidos de *-e-* ou *-i-*, mudam *-us* em *-o-* e recebem *-lus* para formar o diminutivo

In us desinentia secundae declinationis nomina e vel i antecedentibus mutant us in o et accepta lus faciunt diminutiva, ut urceus urceolus, alveus alveolus, luteus luteolus, malleus malleolus, aureus aureolus. [...]. i quoque antecedente: filius filiulus, gladius gladiolus, Sergius Sergiolus, Tullius Tulliolus, patricius patriciolus (p.112, destaques nossos).

Os nomes na desinência *us* da segunda declinação, antecidos de *e* ou *i*, mudam *us* em *o*, e recebendo *lus* fazem os diminutivos, como *urceus* ‘jarro, vaso’ *urceolus* ‘jarro pequeno’, *alveus* ‘leito de um rio’ *alveolus* ‘leito estreito de um rio’, *luteus* ‘feito de lama ou lodo, sujo’ *luteolus* ‘um tanto sujo’, *malleus* ‘martelo’ *malleolus* ‘martelinho’, *aureus* ‘de ouro’ *aureolus* ‘da cor de ouro’. [...]. Também com *i* antecedente: *filius* ‘filho’ *filiolus* ‘filhinho’, *gladius* ‘espada’ *gladiolus* ‘espada curta’, *Sergius* ‘Sérgio’ *Sergiolus* ‘Sergíolo [nome de homem]’, *Tullius* ‘Túlio’ *Tulliolus* ‘Tuliozinho, querido Túlio’, *patricius* ‘nobre’ *patriciolus* ‘um tanto nobre’ (p.112, tradução nossa, destaques nossos).

m) nomes femininos em *-a* e neutros em *-um*, antecidos de *-e-* ou *-i-*, formam o diminutivo, respectivamente, com o acréscimo de *-ola* e *-olum*

Feminina quoque e vel i ante a habentia in ola faciunt diminutiva: [ut] laurea laureola, uncia unciola, filia filiola, Tullia Tulliola, lutea luteola. [...]. neutra e vel i ante um habentia in diminutivis o habent ante lum: luteum luteolum, pallium palliolum, laureum laureolum (p.112-113, destaques nossos).

Também os nomes femininos que possuem *e* ou *i* antes de *a* fazem os diminutivos em *ola*: [como] *laurea* ‘folha de loureiro’ *laureola* ‘folhinha de loureiro’, *uncia* ‘onça, a duodécima parte da libra romana’ *unciola* ‘a duodécima parte (de uma herança)’, *filia* ‘filha’ *filiola* ‘filhinha’, *Tullia* ‘Túlia’ *Tulliola* ‘Tuliazinha, querida Túlia’, *lutea* ‘feita de lama ou lodo, suja’ *luteola* ‘um tanto suja’. [...]. Os neutros que possuem *e* ou *i* antes de *um* têm nos diminutivos *o* antes de *lum*: *luteum* ‘feito de lama ou lodo, sujo’ *luteolum* ‘um tanto sujo’, *pallium* ‘capa’ *palliolum* ‘capa pequena’, *laureum* ‘folha de loureiro’ *laureolum* ‘folhinha de loureiro’ (p.112-113, tradução nossa, destaques nossos).

n) nomes femininos em *-a* com consoante anteposta e neutros em *-um* fazem o diminutivo, respectivamente, em *-ula* e *-ulum*

feminina quoque in a desinentia consonante anteposta et in um neutra in ula et in ulum faciunt diminutiva, ut silva silvula, luna lunula [...], rubicunda rubicundula, lingua lingula et per concisionem ligula, puella puellula, serra serrula. [...]. in ulum: primum primulum, tantum tantulum (p.113-114, destaques nossos).

Também os nomes femininos na desinência *a*, com consoante anteposta, e os neutros em *um* fazem os diminutivos em *ula* e em *ulum*, como *silva* ‘mata’ *silvula* ‘pequena mata’, *luna* ‘lua’ *lunula* ‘pequena lua, crescente pequeno da lua’ [...], *rubicunda*

‘vermelha’ *rubicundula* ‘um tanto vermelha’, *lingua* ‘língua’ *lingula* ‘língua pequena, palheta de instrumento de sopro’ e por concessão *ligula* ‘língua pequena, palheta de instrumento de sopro’, *puella* ‘menina’ *puellula* ‘menininha, filhinha’, *serra* ‘serra’ *serrula* ‘serrinha’. [...]. Em *ulum*: *primum* ‘em primeiro lugar’ *primulum* ‘no começo’, *tantum* ‘tão grande’ *tantulum* ‘tão pequeno’ (p.113-114, tradução nossa, destaques nossos).

Por fim, adverte Prisciano (p.115, destaques nossos) que há em latim muitos nomes – sejam eles próprios, sejam comuns – que, embora possuam a forma de diminutivo, não possuem a significação, conforme segue: “*inveniuntur multa propria sive appellativa, quae cum non sint diminutiva, formas tamen diminutivorum habent, ut cuniculus, anniculus, Metellus, Camillus, Tibullus, frivolus frivola frivolum, Camilla, tabula, vinculum, periculum*” [“Encontram-se muitos nomes próprios ou comuns que, embora não sejam diminutivos, possuem formas de diminutivos, como *cuniculus* ‘coelho, cavidade subterrânea’, *anniculus* ‘que tem um ano de idade’, *Metellus* ‘moço, servente do exército ou Metello (nome de homem)’, *Camillus* ‘mensageiro, menino nobre que servia aos sacerdotes nos sacrifícios ou Camilo (nome de homem)’, *Tibullus* ‘Tibullo (nome de homem)’, *frivolus frivola frivolum* “que é de pouco valor”, *Camilla* ‘mensageira, donzela nobre que servia à sacerdotisa de Júpiter ou Camila (nome de mulher)’, *tabula* ‘tábua’, *vinculum* ‘laço, ligação’, *periculum* ‘prova, perigo”” (p.115, tradução nossa, destaques nossos)]. Ou seja, essas palavras parecem ser diminutivos, mas não são.

Sumarizando o que até aqui foi exposto sobre o diminutivo em latim clássico a partir da análise das exposições de Varrão, Probo, Diomedes, Donato e Prisciano, apresentamos um quadro que reúne todas as terminações que foram listadas por eles, conforme segue:

Quadro 15 – As terminações diminutivas em latim clássico, segundo Varrão, Probo, Diomedes, Donato e Prisciano

Varrão	Probo	Diomedes	Donato	Prisciano
-ulus, -ula, -ulum	-ulus, -ula, -ulum	-ulus, -ula, -ulum	-ulus, -ula, -ulum	-ulus, -ula, -ulum
-culus, -cula, -culum	-culus, -cula, -culum	-culus, -cula, -culum	-culus, -cula, -culum	-culus, -cula, -culum
-ellus, -ella, -ellum		-ellus, -ella, -ellum	-ellus, -ella, -ellum	-ellus, -ella, -ellum
-colus, -cola, -colum		-illus, -illa, -illum	-illus, -illa, -illum	-illus, -illa, -illum
-cellus, -cella, -cellum		-olus, -ola, -olum		-olus, -ola, -olum
				-xillus, -xilla, -xillum
				-ullus, -ulla, -ullum
				-tulus
				-cio
				-aster
				-leus

Fonte: O Autor

O contraste entre o que apresenta cada um desses autores fornece-nos algumas conclusões que são importantes para a elaboração de um conhecimento mais amplo acerca do diminutivo em latim clássico, uma vez que essas descrições, embora feitas em diferentes sincronias, possuem coincidências quanto ao fato que descrevem. Desse modo, é possível destacar: 1) todos os autores identificam as terminações *-ulus, -ula, -ulum* e *-culus, -cula, -culum* como formadoras de diminutivos em latim. Esse fato, por sua vez, pode ser interpretado como sendo essas as terminações mais empregadas nessa variedade do latim, quando se objetivava formar palavra com a significação diminutiva; 2) também parece ter grande produtividade a terminação *-ellus, -ella, -ellum*, que só não é mencionada por Probo; 3) ao contrário das terminações analisadas até aqui, as terminações *-colus, -cola, -colum, -cellus, -cella, -cellum* e *-xillus, -xilla, -xillum, -ullus, -ulla, -ullum, -tulus, -cio, -aster, -leus* parecem não ser de grande produtividade nas formações diminutivas latinas, uma vez que foram mencionadas por apenas um dos autores, respectivamente Varrão e Prisciano. Em relação às três últimas, Prisciano, por exemplo, afirma:

In ster et cio et leus satis pauca in usu inveniuntur [diminutiva] et fere haec: Antonius Antoniaster, surdus surdaster [...], parasitus parasitaster, catulus catulaster, homo homuncio, senex senecio [...]. [in leus:] equus equuleus [...], [haec] acus [hic] aculeus, oculus oculeus (p.114, destaques nossos).

Encontram-se muito poucos diminutivos em uso nas terminações *ster*, *cio* e *leus* e ordinariamente são estes: *Antonius* ‘Antônio (nome de homem)’ *Antoniaster* ‘Antoniastro, partidário de Antônio, o triúnviro (termo de desprezo)’, *surdus* ‘surdo’ *surdaster* ‘um tanto surdo’ [...], *parasitus* ‘parasito’ *parasitaster* ‘mau parasito’, *catulus* ‘cão pequeno’ *catulaster* ‘mancebo já homem feito’, *homo* ‘homem’ *homuncio* ‘homenzinho’, *senex* ‘velho’ *senecio* ‘velhinho’ [...]. [em *leus*:] *equus* ‘cavalo’ *equuleus* ‘cavalo novo’ [...], [*haec*] *acus* ‘agulha’ [*hic*] *aculeus* ‘agulhão’, *oculus* ‘olho’ *oculeus* ‘que tem olhos, que é muito perspicaz’ (p.114, tradução nossa, destaques nossos).

e 4) já as terminações *-illus*, *-illa*, *-illum* e *-olus*, *-ola*, *-olum* foram identificadas, respectivamente, por três e por dois dos autores mencionados. Não eram, portanto, segundo essas informações, as terminações mais empregadas na formação do diminutivo em latim clássico, mas, a elas pode ser atribuído, ao lado das terminações *-ulus*, *-ula*, *-ulum*, *-culus*, *-cula*, *-culum* e *-ellus*, *-ella*, *-ellum*, um importante papel no enriquecimento lexical dessa variedade da língua latina.

Essas conclusões revelam que o diminutivo clássico, no que se refere às terminações formadoras de diminutivo, está em conformidade, de uma forma geral⁶⁴, com o que ocorre em outras variedades dessa língua, sejam elas pré- ou pós-clássica, conforme analisamos aqui, quando descrevemos o diminutivo latino a partir de Nebrija, Roboredo e Saraiva (cf. início da seção 2).

Destaque-se, por fim, que, embora, os gramáticos latinos aqui comentados não tenham feito referência ao diminutivo em outras classes de palavras que não nos substantivos e adjetivos, em Saraiva (*op. cit.*) encontram-se exemplos de diminutivos com preposição, com verbo e, principalmente, com advérbios, conforme abaixo:

Clāncŭlŭm (prep.) = dimin. de *Clam.* (p.230) ← Clām (prep.) = às escondidas (p.230)

⁶⁴ Dizemos que essa conformidade ocorre *em sua forma geral*, porque, segundo a análise que desenvolvemos a partir dos dados da Tabela 1, os sufixos mais produtivos em latim, quando se consideram dados das variedades pré-clássica, clássica e pós-clássica, são *-ulus*, *-ula*, *-ulum*, *-culus*, *-cula*, *-culum*, *-olus*, *-ola*, *-olum*, *-ellus*, *-ella*, *-ellum* e *-illus*, *-illa*, *-illum*, nessa ordem, enquanto em latim clássico, conforme dados obtidos a partir da análise de Varrão, Probo, Diomedes, Donato e Prisciano, os sufixos *ellus*, *-ella*, *-ellum* e *-olus*, *-ola*, *-olum* invertem a posição.

Mūrmūrīllō, ās, ārē, āvī, ātūm (v. intrans.) = dimin. de *Murmuro*. Murmurar, cochichar, falar baixinho (p.761) ← Mūrmūrō, ās, ārē, āvī, ātūm (v. intrans.) = murmurar (a agua); fazer um ruído, dar um som; falar em voz baixa, cochichar (p.761)

Āmpliūsčülē (adv.) = dimin. de *Ampliusculus*. Um pouco mais, com um pouco mais de extensão (p.71) ← Āmpliūsčülūs, ā, ūm (adj.) = um pouco maior (p.71)

Blāndīcülē (adv.) = dimin. de *Blandè*. (p.151) ← Blāndē (adv. de *Blandus*) = lisojeiramente, carinhosamente, fagueiramente (p.151)

Bēllülē (adv.) = dimin. de *Bellè* (p.144) ← Bēllē (adv.) = bem, lindamente, belamente (p.143)

Mūndülē (adv.) = dimin. de *Mundè*. Limpamente, elegantemente (p.759) ← Mūndē (adv.) = limpamente, artisticamente, habilmente (p.758-759)

Saepīcülē (adv.) = dimin. de *Saepe*. Algumas vezes, de quando em quando (p.1054) ← Saepē (adv.) = muitas vezes, frequentemente (p.1054)

1 Paüllülüm (adv.) = dimin. de *Paullum*. Muito pouco (p.854) ← 1 Paüllüm (adv.) = um pouco de, em pequena quantidade de (p.854)

Tīmīdülē (adv.) = dimin. de *Timidè*. Com algum receio, um pouco timidamente (p.1205) ← Tīmīdē (adv.) = timidamente, com receio (p.1205)

Descrito, assim, o sufixo diminutivo em latim clássico, passemos, então, à descrição do diminutivo em latim vulgar.

2.2.1.2 O diminutivo em latim vulgar

Vimos na seção 2.2.1 que, em latim vulgar, o emprego do sufixo diminutivo é bem mais frequente que em latim clássico. No entanto, as diferenças entre essas duas variedades do latim, quando se considera o emprego do diminutivo, vão além do aspecto quantitativo e

estão diretamente relacionadas com as diferenças fonéticas, morfológicas, lexicais e pragmáticas que existem entre ambas⁶⁵.

Antes de passarmos a ver em detalhes quais são essas diferenças, observemos os quadros a seguir⁶⁶, que apresentam duas propostas⁶⁷ para o que seriam os sufixos diminutivos em latim vulgar⁶⁸, sendo o primeiro deles elaborado a partir do que Grandgent (1952 [1928¹], p.43-47) expõe sobre o tema; o outro foi elaborado considerando Maurer Jr. (1959, p.251-270):

Quadro 16 – As terminações diminutivas em latim vulgar, segundo Grandgent (1952 [1928¹], p.43-47)

Terminação	Exemplos
-cūlus	<i>avicūla, navicūla</i>
-cellus	<i>avicella, navicella</i>
-ellus	<i>anellus, porcellus, vitellus</i>
-īcca	<i>Bodicca, Bonica, Karica</i>
-accus, -iccus, -occus, -uc(c)us	—
-īnus	<i>caninus, Montaninus, dominina</i>
-ittus	<i>Nonnitus, Attitta, Bonitta</i>
-o (-ōnem)	<i>gūlo</i>
-ōttus	—
-ūlus, -ūla	<i>anulus, vitulus, *alaudūla</i>

Fonte: O Autor

⁶⁵ Remetemos aqui para o que expusemos na seção 2.2.1 acerca das diferenças fonéticas, morfológicas, lexicais e pragmáticas entre o latim vulgar e o clássico.

⁶⁶ O traço (—) na coluna referente aos exemplos deste quadro significa ausência de exemplificação por parte do autor comentado em relação aos respectivos sufixos.

⁶⁷ Uma vez que na lista apresentada por Grandgent há sufixos que não estão na lista de Maurer Jr. (1959) e vice-versa, esses dois autores acabam, por fim, complementando-se. Na caracterização do diminutivo que aqui faremos, além desses dois autores, utilizaremos também Diez (1874 [1838¹]) e Meyer-Lübke (1895 [1894¹]).

⁶⁸ Considerando-se o caráter eminentemente falado do que neste estudo estamos chamando de latim vulgar – em conformidade com os autores citados (e com as descrições feitas) ao longo da seção 2.2.1 e do próximo capítulo –, não há, para essa variedade, testemunhos diretos, devido à ausência de textos escritos ou de áudios nessa língua, de modo que as grafias ou pronúncias indicadas para sufixos ou partes de sufixos e para palavras do latim vulgar serão apresentadas seguindo esses autores. Pelos motivos expostos, observamos, ainda, que, exceto em citações (quer diretas, quer indiretas), faremos anteceder um asterisco (*) às indicações das referidas grafias ou pronúncias.

Quadro 17 – As terminações diminutivas em latim vulgar, segundo Maurer Jr. (1959, p.251-270)

Terminação	Exemplos
<i>-iccus, -icca</i>	<i>Bodicca, Bonica, Karica</i>
<i>-(i)c(u)lus, -a</i>	<i>ovicla, auricla, apicla</i>
<i>-ulus, -(e)ólus, -(i)ólus</i>	<i>trunculus, harula, caseolus, filiolus</i>
<i>-ellus, -illus</i>	<i>agnellus, fratellus, casella, furcilla, penicillus, pastillum</i>
<i>-inus</i>	<i>asininus, columbinus, pavoninus</i>
<i>-ittus</i>	<i>Caritta, Iulitta, Muritta, Nonnitus</i>

Fonte: O Autor

Quando comparamos os dois quadros acima com o quadro das terminações diminutivas identificadas em latim clássico, a partir da análise das abordagens dadas a esse tema por Varrão, Probo, Diomedes, Donato e Prisciano, temos o quadro a seguir⁶⁹:

⁶⁹ Este quadro é uma fusão dos quadros que até aqui foram apresentados acerca do latim clássico e do vulgar. Para isso, reuniu-se tanto o que os autores analisados possuíam de informações comuns, quanto de divergentes e formou-se uma lista única com todos os sufixos por eles apresentados para cada uma dessas variedades do latim, ou seja, os sufixos diminutivos presentes na coluna relativa ao latim clássico não podem ser encontrados em um único autor, mas somente a partir do cruzamento das terminações apresentadas por todos eles, ocorrendo o mesmo com os sufixos do latim vulgar (cf., por exemplo, os quadros individuais com os sufixos diminutivos mencionados por esses autores). Para uma compreensão mais fácil desse quadro, optamos por colocar em linhas diferentes os sufixos que não são comuns ao latim clássico e ao vulgar.

Quadro 18 – As terminações diminutivas em latim clássico – segundo Varrão, Probo, Diomedes, Donato e Prisciano – e em latim vulgar – segundo Grandgent e Maurer Jr.

Latim clássico	Latim vulgar
Varrão-Probo-Diomedes-Donato- Prisciano	Grandgent-Maurer Jr.
<i>-ulus, -ula, -ulum</i>	<i>-ulus, a</i>
<i>-culus, -cula, -culum</i>	<i>-culus, -cula, -(i)c(ulus), -a</i>
<i>-colus, -cola, -colum</i>	
<i>-cellus, -cella, -cellum</i>	<i>-cellus</i>
<i>-ellus, -ella, -ellum</i>	<i>-ellus</i>
<i>-illus, -illa, -illum</i>	<i>-illus</i>
<i>-olus, -ola, -olum</i>	<i>-(e)ólus, -(i)ólus</i>
<i>-xillus, -xilla, -xillum</i>	
<i>-ullus, -ulla, -ullum</i>	
<i>-tulus</i>	
<i>-cio</i>	
<i>-aster</i>	
<i>-leus</i>	
	<i>-inus</i>
	<i>-accus, -iccus, -icca, -occus, -uc(c)us</i>
	<i>-ittus</i>
	<i>-o (-ōnem)</i>
	<i>-ōttus</i>

Fonte: O Autor

Contrastando os dados desse quadro, podemos verificar que o latim vulgar possui todos os sufixos que possuem maior produtividade em latim clássico (cf. análise desenvolvida em 2.2.1.1) ou em latim escrito de uma forma geral (cf. Tabela 1). Conclui-se, ainda, que latim clássico e latim vulgar possuem sufixos diminutivos que lhes são peculiares, isto é, cujo emprego é característico de uma das variedades.

O desenvolvimento do latim vulgar, por seu lado, foi, pouco a pouco, estabelecendo diferenças na forma (fonética e morfológica) das terminações diminutivas que possuía em comum com o latim clássico, as quais são resultados de características fonéticas do próprio latim vulgar, tais como: 1) *tendência à síncope da vogal postônica de palavras proparoxítonas*. Esse fato ocorre, porque “Le suffixe est en général soumis aux mêmes lois phoniques que le radical du mot; cependant des suffixes actifs, pour lesquels il importe d’avoir partout une forme claire et significative, sont reproduits, autant qu’il est possible,

fidèlement et complètement” (DIEZ, 1874 [1838¹], p.255-256); 2) *preferência pelo emprego de sufixos tônicos em detrimento dos átonos* – esta está diretamente relacionada à característica anterior. Uma vez que pode sofrer alterações em seu aspecto fonético (e, por consequência, na morfologia) – o que, por sua vez, pode causar confusões em seu emprego, em virtude de uma possível coincidência com outras formas, bem como do não-reconhecimento de determinada forma (fonética e morfológica) pelo usuário da língua –, importa, para a permanência da produtividade de um sufixo em uma língua, ser átono ou ser tônico. Assim, segundo Nunes (1975 [1919¹], p.363), “para que este [o sufixo] tenha condição de vida, carece, como qualquer palavra independente, de possuir um acento seu; de contrário, ou desaparece, o que é o caso mais geral, ou é substituído por outro”. Ainda segundo Nunes (*op. cit.*, p.364), “Não é raro também permutarem os sufixos uns com os outros, ou porque os seus sons se confundem, ou pela influência que uns exercem noutros, ou ainda pela preferência que em certos casos o povo deu a uns em detrimento de outros”.

Considerando, portanto, essas características gerais do diminutivo em latim vulgar, daremos início à caracterização de cada um dos sufixos vulgares apresentados no Quadro 18.

2.2.1.2.1 Sufixos **-culus* e **-ulus*

De acordo com Maurer Jr. (1959), os sufixos latinos **-culus* e **-ulus*⁷⁰ eram, inicialmente, sufixos de grande produtividade em latim vulgar: “-(I)C(U)LUS -A. Sufixo diminutivo, foi, por muito tempo, tão ou mais vivaz do que na língua clássica [...]” (MAURER JR., *op. cit.*, p.254); “-ULUS [...] Sufixo diminutivo de larga vitalidade na fase mais antiga do latim vulgar [...]” (MAURER JR., *op. cit.*, p.256). Em virtude de seu caráter átono perdem, na língua falada, o *-u-* que ocorre em posição postônica, dando origem, respectivamente, ao encontro de *-c-* + *-l-* — “[...] como evidenciam os numerosos derivados românicos com êle formados, e.g., *ovicla*, *auricla*, *apicla*, *genuclu*, *lenticla* (MAURER JR., *op. cit.*, p.254)” — e *consoante* + *-l-*. Quanto à síncope de *u* no sufixo **-ulus*, Meyer-Lübke (1895 [1894¹], p.517) assim se expressa: “Dans le latin populaire, *u* est généralement tombé,

⁷⁰ O sufixo latino **-ulus -a* não era empregado em latim exclusivamente com a função de diminutivo. Em relação a isso, Meyer-Lübke (1895 [1894¹], p.517) afirma: “ULUS -A remplit une double fonction: il s’ajoute à des substantifs pour former des diminutifs, à des thèmes verbaux pour former des noms d’instruments: *saccus sacculus*, *cingere cingulum*”.

sacclu, cinglu (I, p.56): cette chute enlève toute signification au suffixe et rendit en conséquence impossibles de nouvelles créations”.

Em consequência desse fato, há, portanto, uma descaracterização desses sufixos e ambos acabam por perder a produtividade que possuíam: “Com o tempo, porém, [-(i)c(u)lus -a] acabou por perder o seu valor primitivo – cremos que pelo menos desde o começo da época imperial –, deixando de ser produtivo” (MAURER JR., 1959, p.254)” — “O sufixo [-ulus], muito particular no latim falado da era republicana, acabou por perder a sua vitalidade, sendo substituído cada vez mais por *-ellus*” (MAURER JR., *op. cit.*, p.256).

2.2.1.2.2 Sufixo *-(e, i)ϕlus

O sufixo *-ϕlus – que dependendo das características do radical a que é acrescentado, pode aparecer sob as formas *-eϕlus ou *-iϕlus – é, segundo Meyer-Lübke (1895 [1894¹], p.519), idêntico ao sufixo *-ulus, já aqui abordado: “EOLUS, IOLUS -A se trouve utilisé avec des radicaux en -eu, -ea, -iu, -ia et, en réalité, il est identique au suffix -ulus [...] [et] dès l’époque latine, il était devenu -eϕlu, -iϕlu [...]”. Também Maurer Jr. (*op. cit.*, p.256) parece compartilhar dessa mesma ideia, uma vez que os analisa conjuntamente, atribuindo a *-ϕlus as mesmas características atribuídas ao sufixo *-ulus, ou seja, considera-o como “Sufixo diminutivo de larga vitalidade na fase mais antiga do latim vulgar [...]” (*loc. cit.*), mas que “[...] acabou por perder a sua vitalidade, sendo substituído cada vez mais por *-ellus*” (*loc. cit.*).

2.2.1.2.3 Sufixos *-cēllus e *-ēllus

Além dos sufixos *-culus, *-ulus e *-ϕlus, é apontada, também, em latim vulgar, a existência dos sufixos *-cēllus e *-ēllus. De acordo com Grandgent (1952 [1928¹]), tanto um como o outro destes sufixos eram empregados ao lado daqueles. Assim, em relação a *-cēllus, afirma: “-cellus, diminutivo, era usado al par que -cūlus: *avicūla, avicella; navicūla, navicella*; así, **domnicellus*, etc.” (p.43). Quanto a *-ēllus, diz: “-ellus, diminutivo (como *castellum*), era frecuentemente empleado al lado de -ūlus [...]: *anulus, anellus; porculus, porcellus; vitulus, vitellus*” (*loc. cit.*).

Contrariamente a *-culus e *-ulus, *-cēllus e *-ēllus são sufixos tônicos. Esta característica favoreceria, portanto, a sua “sobrevivência”, em uma relação de concorrência como a que passou a existir entre estes e aqueles sufixos. Desse modo, “[...] o sufixo *-ellus*,

que se usa por muito tempo ao lado de *-ulus* [...], acaba por tomar o seu lugar na língua do povo, como sufixo diminutivo usual [...]" (MAURER JR., 1959, p.256-257)⁷¹.

2.2.1.2.4 Sufixo **-illus*

Assim como o sufixo **-ellus*, o sufixo **-illus* também é sufixo tônico. Do mesmo modo que aquele, também este é empregado ao lado de **-ulus*, embora seja bem menos frequente, como afirmam Meyer-Lübke (1895 [1894¹], p.591) — “On rencontre moins souvent *-illu*: *transtrum transtillum, signum sigillum* etc.” — e Maurer Jr. (*op. cit.*, p.257): “Quanto a *-illus*, raro ocorre”. Por fim, a própria concorrência com **-ellus* afeta a sua participação na formação dos diminutivos em latim vulgar: “O que demonstra a decidida preferência por *-ellus* é a freqüência com que êle toma o lugar de *-illus*, e.g., **pugellus* (veletr., pis., etc.), **penicellus* por *penicillus* (prov. *pinsel*, fr. *pinceau*, etc.), **pastellum* por *pastillum* (ou será *pastellus*, de *pasta*, como querem Bloch e Wartburg?)” (MAURER JR., *op. cit.*, p.257).

Em síntese, considerando o que até aqui foi exposto acerca do diminutivo em latim vulgar, pode-se afirmar que essa variedade do latim pretere os sufixos átonos **-cŭllŭs*, **-cŭllă*, **-cŭllŭm* e **-ŭllŭs*, **-ŭllă*, **-ŭllŭm*, **-ŏllŭs*, **-ŏllă*, **-ŏllŭm* pelos sufixos tônicos **-cĕllus*, **-cĕlla*, **-cĕllum* e **-ĕllŭs*, **-ĕllă*, **-ĕllŭm* e **-ĭllŭs*, **-ĭllă*, **-ĭllŭm*, respectivamente, em um processo que pode ser caracterizado como explica Väänänen (1966 [1937¹], p.100-101), a seguir:

Il s'ensuivit aussi que le suffixe *-ulus*, *-culus* perdait petit à petit de sa valeur diminutive et cédait dans cette fonction devant *-ellus* et *-illus*, qui n'ont pas cessé d'être sentis comme diminutifs ou hypocoristiques. Les causes de ce développement sautent aux yeux. Il y avait d'abord une grande catégorie de noms en *-ulus* ayant une autre signification, à savoir les déverbatifs du type *cingulum*, *discipulus*, *tĕgula*, etc., ainsi que les dérivés en *-c(u)lo-* issu de **-tlo-* (*cubiculum*, *spectāculum*, *saec(u)lum*) et en *-bulo-* de **-dhlo-* (*fābula*, *stabulum*, *tabula*): or la fréquence et les nombreuses fonctions de *-ulus* ont contribué d'un côté à l'effacement de la valeur diminutive de *-ulus* et de l'autre, à la diffusion de *-ellus*, aussi d'une manière directe, puisque le diminutif d'un nom en *-ulus* se termine normalement en *-ellus*: *catulus* – *catellus* (de **catelelos*, cf. ombr. **katel** ‘catulus’ < **katelos*), *oculus* – *ocellus*, *tabula* – *tabella*. Ensuite, la désinence *-ellus* avait l'avantage d'une formation plus étoffée, ce qui

⁷¹ Acreditamos ser possível atribuir também ao sufixo **-cĕllus*, em relação a **-culus*, o que Maurer Jr. atribui aqui ao sufixo *-ĕllus*, afinal, ambos são sufixos tônicos em concorrência com sufixos átonos.

importe d'autant plus que la pénultième de *-ulus* était ordinairement sujette à la syncope (cf. plus haut p.43). La prépondérance attribuée à *-ello/ā-* (et à *-illo/ā-*) comme suffixes diminutifs aux dépens de *-(c)ulo/ā-* ressort d'une façon frappante des diminutifs 'doubles' tels que *porcellus*, *flōscellus*, *mamilla*, etc., affectionnés surtout par le langage populaire. Cet état de choses est enfin confirmé par le roman commun, où *-ello/ā-* l'emporte définitivement sur *-ulo/ā-* comme suffixe diminutif [...].

Além desses sufixos, que são comuns tanto ao latim clássico, quanto ao vulgar, esta variedade do latim emprega outros sufixos diminutivos que não são encontrados entre os sufixos diminutivos identificados pelos gramáticos latinos que aqui foram abordados, os quais são analisados na sequência.

2.2.1.2.5 Sufixo *-inus

Assim como os outros sufixos diminutivos latinos, o sufixo *-inus não era empregado, inicialmente, com a significação de diminutivo: “Cette action [diminutive] est étrangère aux suffixes latins *īnus* et *īnus* [...]” (DIEZ, 1874 [1838¹], p.312). Ou seja, esta significação surge a partir de um desenvolvimento posterior da significação original desse sufixo, conforme analisam, Diez (*op. cit.*, p.312) — “[...] mais *īnus* contient en lui l'idée d'origine ou de descendance, *sororinus* est le rejeton de *soror*, *libertinus* de *libertus*, *amitina* de *amita*; or, le plus jeune peut facilement être considéré comme le plus petit” — e Meyer-Lübke (1895 [1894¹], p.540):

INUS, -A forme d'abord des adjectifs exprimant la manière: *asininus*, *caninus*, *divinus*; avec des noms de lieu, il indique l'origine: *florentinus*, *numantinus* etc. [...]. Mais alors le sens de 'ressemblance' exprimé par l'adjectif s'est développé dans une direction toute différente; un objet analogue à un autre fut considéré comme inférieur à lui, comme plus petit [...].

Em virtude de esse sufixo não ser mencionado como sufixo diminutivo por nenhum dos gramáticos latinos cujas abordagens acerca do diminutivo latino foram aqui analisadas, é possível concluir que ele não era empregado como diminutivo em latim clássico, tendo sido, portanto, esse significado desenvolvido em latim vulgar. Daí Maurer Jr. (1959, p.259) afirmar: “A disseminação, bem como o sentido românico do sufixo diminutivo, postulam a sua origem no latim vulgar; é lá que êle se formou”. Parece mesmo que o seu uso muito pouco

ocorria em textos escritos, uma vez que, também no *corpus* constituído a partir de Saraiva (*op. cit.*) – confira os dados do Quadro 8 e da Tabela 1 –, somente se encontram quatro exemplos de diminutivos formados por meio do uso desse sufixo, dos quais três são com *ī* — *Gēmēllīnūs* ‘s.m. Gemellino, sobrenome romano (dim. de *gēmēllūs* ‘adj. (dim. de *gēmīnūs* ‘adj. duplo, que é em número de dois, dobrado’) Que nasceu com outro do mesmo parto, gêmeo’(p.510)), *gēmīnīnūs* ‘adj. (dim. de *gēmīnūs* ‘adj. duplo, que é em número de dois, dobrado’ (p.520)) e *mēdūllīnǎ* ‘s.f. (dim. de *mēdūllǎ* ‘medula (dos ossos), tutano; miolo’) (p.723)’– e um com *ī* — *ǎgēllīnūs* ‘s.m. mais pequeno campo (dim. de *ǎgēr* ‘campo, terreno cultivado’)’ (p.49).

2.2.1.2.6 Sufixos *-*iccus*, *-*icca*, *-*accus*, *-*occus* e *-*uc(c)us*

Segundo Maurer Jr. (1959, p.254), “A origem de *-iccus* parece-nos um dos problemas obscuros da lingüística românica”. Meyer-Lübke (1895 [1894¹], p.590-591) e Grandgent (1952 [1928¹]), por exemplo, apresentam propostas diferentes para a origem desse sufixo. Para o primeiro, este sufixo, embora possa ser encontrado em textos latinos, não é de origem latina:

Son origine ne se trouve pas en latin; mais on le rencontre, à l’époque romaine déjà, dans des inscriptions africaines d’abord, généralement avec *c*, il est vrai (et non avec le *cc* qu’exigent les formes romanes), et sans qu’on puisse démontrer la longuer de l’*i*. Nous avons entre autres *Bodicca* C.I.L. VIII, 2877, *Bonica* 4560, *Karica* 3288 etc.

Já para Grandgent (*op. cit.*, p.44), a origem deste sufixo pode ser a língua latina: “Este sufijo pudo muy bien formarse originariamente por una pronunciación infantil de *-īclus*, *-īcla*, usándose en nombres cariñosos”.

Quanto ao seu emprego, ambos os autores concordam que inicialmente esse sufixo era empregado para formar nomes próprios femininos, sendo ampliado, posteriormente, já nas línguas românicas, também para os comuns (cf. MEYER-LÜBKE, *op. cit.*, p.591; GRANDGENT, *loc. cit.*).

2.2.1.2.7 Sufixos *-ittus e *-ottus

Outro sufixo empregado em latim vulgar é *-ittus, com -ī (*-īttus) ou -ĭ (*-ĭttus) – o desenvolvimento deste sufixo em algumas línguas românicas pressupõe a existência de um -ī; outras, de um -ĭ. Assim como -iccus, -ittus “[...] n’est pas latin: l’origine en est obscure” (DIEZ, 1874 [1838¹], p.342). Para Grandgent (1952 [1928¹], p.45-46), no entanto, a origem deste sufixo é o sufixo latino -iclus: “pudo formarse por una pronunciación infantil de -īclus, -īcla” – ou seja, para este autor, o sufixo *-ittus tem a mesma origem de *-iccus. Seu emprego inicial, também como *-iccus, foi na formação de nomes próprios femininos: “Or cet -ittu à son tour a pour point de départ les noms propres de femmes. Dans les inscriptions romaines de l’époque impériale, on trouve Attitta, Julitta, Bonitta, Caritta, Livitta, Suavitta e nombre d’autres [...]” (MEYER-LÜBKE, 1895 [1894¹], p.596).

Em relação ao sufixo *-ottus, Grandgent (*op. cit.*, p.47) assim afirma: “-ōttus, de origen desconocido (cfr. -ĭttus), al principio se aplicaba, según parece, a animales jóvenes [...]”.

2.2.1.2.8 Sufixo *-o (*-onem)

Este sufixo, de acordo com Diez (*op. cit.*, p.315), forma “Substantifs qui désignent des personnes agissantes, des animaux et des choses de diverse nature, como *bibo, erro, latro, lucro, praedo; capo, falco, leo, pavo; carbo, mucro, pulmo, sapo* [...]”. Também é empregado para formar nomes aos quais acrescenta uma ideia de aumento: “Ce suffixe se trouve encore employé avec une autre fonction: il sert à l’augmentation de l’idée du primitif dans divers noms de choses qui sont devenues de noms personnels, comme *bucco* joufflu, *mento* qui a um long menton, *naso* grand nez [...]” (DIEZ, *op. cit.*, p.316). Essa concepção não é muito diferente da que possui Meyer-Lübke (*op. cit.*, p.543) em relação a esse sufixo:

[...] servait primitivement à individualiser; il s’attache à des thèmes verbaux ou nominaux pour désigner la personne qui accomplit une action avec une prédilection particulière, qui possède une qualité à un degré supérieur, qui se fait remarquer, attire parmi les autres l’attention par son occupation, par une particularité interne ou externe.

Além desses aspectos fonético-morfológicos do diminutivo em latim vulgar, pode-se destacar, ainda quanto à forma desse tipo de sufixo, a relação entre o gênero da palavra derivada e o do primitivo. Como em latim vulgar não há o gênero neutro, a formação de diminutivos aqui é afetada um pouco em suas características no que consiste à conservação do gênero do primitivo. Assim, quando se forma um substantivo ou um adjetivo diminutivos, por exemplo, a partir de um nome neutro do latim clássico ou do grego ou ainda de outra língua que possua este gênero, a nova palavra não terá o gênero neutro – que é inexistente em latim vulgar –, não mantendo, assim, no derivado, o gênero do primitivo, conforme geralmente ocorre em latim e em outras línguas indo-europeias.

Por fim, há de destacar-se, ainda, em relação ao diminutivo em latim vulgar, dois aspectos em que se verifica que os diminutivos clássico e vulgar apresentam comportamento semelhante: 1) a partir dos exemplos que acima foram apresentados, verifica-se que, assim como em latim clássico, em latim vulgar são formados nomes diminutivos tanto comuns, quanto próprios; 2) a semântica do diminutivo em latim vulgar não se diferencia do que aqui se apresentou acerca do diminutivo em latim clássico. Desse modo, o diminutivo vulgar não significa somente diminuição de tamanho, mas também é empregado na formação de palavras que significam carinho, diminuição de uma qualidade, depreciação (pejorativo) etc..

3 O SUFIXO DIMINUTIVO DO LATIM VULGAR AO PORTUGUÊS: COM REFERÊNCIAS À MORFOLOGIA, SEMÂNTICA E PRODUTIVIDADE DOS DERIVADOS DESSES SUFIXOS EM ITALIANO, FRANCÊS, PROVENÇAL E EM ESPANHOL

Os sufixos diminutivos empregados ao longo da história da língua portuguesa possuem muitas características fonéticas, morfológicas e semânticas em comum com os diminutivos empregados nas línguas românicas. Ao mesmo tempo, distinguem-se destes, sobretudo, em aspectos fonéticos, os quais ocasionam, também, diferenças morfológicas. Como em todas essas línguas esses sufixos possuem o mesmo *terminus a quo*, o latim vulgar, buscaremos, ao longo deste capítulo – através da descrição das principais mudanças vocálicas e consonânticas ocorridas nos sufixos diminutivos do latim vulgar às línguas românicas –, caracterizar, fonética e morfológicamente, os sufixos portugueses originados desses sufixos, com referências, ainda, aos seus derivados em italiano, francês, provençal e em espanhol.

Além disso, e agora já descrevendo o comportamento dos referidos sufixos, especificamente, nestas línguas românicas, iremos: caracterizar como eles se realizam semanticamente nelas; apresentar algumas características de sua morfologia; e destacar a importância que cada um deles possui(u) na formação de diminutivos nas referidas línguas. Por fim, apresentaremos algumas características morfológicas e semânticas que o diminutivo românico possui em comum com o latino.

Tais ações, sem dúvidas, possibilitarão, ao longo da descrição dos sufixos diminutivos portugueses a ser realizada nos próximos capítulos, identificar, por exemplo, com um grau maior de segurança, quais sufixos se caracterizam por serem genuinamente portugueses e quais são resultados de empréstimos, seja a algumas dessas línguas românicas, seja ao latim clássico, o que, por sua vez, permitirá que se desenvolva uma descrição mais precisa de seus componentes fonéticos e morfológicos.

3.1 O latim vulgar e a origem dos diminutivos românicos

Com o surgimento das primeiras reflexões gramaticais sobre as línguas vulgares, isto é, línguas nacionais, no Ocidente, evidencia-se, também, uma preocupação em identificar a língua a partir da qual se originaram essas línguas. No âmbito da Península Ibérica, por exemplo, encontramos isso de forma bem clara em Nebrija e em João de Barros, dois dos

principais gramáticos desse período de gramatização das línguas espanhola e portuguesa, respectivamente.

Nebrija – autor da primeira gramática sobre uma das línguas que se originaram do latim –, por exemplo, em sua *Gramática Castellana* (1492), quando trata do parentesco que as letras têm entre si, afirma que o castelhano é uma língua que se originou a partir da língua latina, conforme abaixo:

Tienen entre sí las letras tanta vezindad y parentesco: que ninguno se deve maravillar: como dize Quintiliano: por que las unas pasan y se corrõpen en las otras: lo cual pñcipal mēte acõtece por interpretaciõ o por derivacion. Por interpretacion se corrompen unas letras en otras: como bolviẽdo de griego en latín este nõbre *sicos*. dezimos *ficus*. y de latín en romãce *ficus higo*. mudando la. *s*. en. *f*. y la. *o*. en. *u*. y la. *f*. en. *h*. y la. *c*. en. *g*. y la. *u*. ã. *o*. Por derivacion passa una letra en outra: quando en la mesma lengua una diciõ se saca de outra. como de *miedo medroso* mudãdo la. *ie*. en. *e*. de *rabo raposa* muda la. *b*. en. *p*. De dõde manifesta mēte demostraremos que no es otra cosa la lengua castellana: sino latín corrompido. Assi que passa la. *au*. en. *o*. como en el mesmo latín de *caupo copo*. por el taverneiro. y de latín en romance como de *maurus moro*. de *taurus toro* (NEBRIJA, 1492, Livro Primeiro, Capítulo VII, destaques nossos).

Em João de Barros, duas passagens de sua *Grammatica da Lingua Portuguesa* (1540) são particularmente importantes com relação a essa temática. E em ambas fica clara a sua posição de considerar a língua portuguesa uma língua “filha” da latina, conforme a seguir⁷²:

E por ã a mais pequena destas pãrtes [da Grãmatica] ẽ a letera, dõde se todolas dicões cõpõem: ueiamos primeiro della, e desy das outras tres [Prosodia, Ethimologia e Syntaxis]. Nam segũdo conuẽ a órde da Grãmatica especulatiua, mas como require a preçeiuiua: *usando dos termos da Grãmatica latina cuios filhos nõs somos*, por nam degenerar della (BARROS, *op. cit.*, p.2).

E por que (como ia disse) por sermos filhos da lingua latina, temos tanta conformidãde com ẽlla, que conuẽ usãrmos dos seus termos: principãlmente em

⁷² O sinal ~, que se encontra sobre algumas letras, ora indica uma abreviação – como na letra *q* na citação acima (ã = que), ora uma palatalização – como em ñ –, ora uma nasalização, como ocorre quando vem sobreposto a uma vogal, a exemplos de ã, õ etc..

cousas que tem seus próprios nomes, dos quâes nã deuemos fogir (BARROS, *op. cit.*, p.11).

Mais importante ainda, para o estudo da história da língua portuguesa, que a gramática de João de Barros é a obra *Origem da Lingoa Portuguesa*, impressa em 1606, de autoria de Duarte Nunez de Lião, o qual analisa – entre vários outros temas sobre a origem e a formação da língua portuguesa – as diversas transformações que teriam ocorrido de modo que o latim viesse a tornar-se língua portuguesa. Assim, no capítulo VI de sua obra intitulado “A lingoa que se oje falla em Portugal donde teue origem, & porque se chama Romance”, por exemplo, esse autor afirma:

Temos dito atras, como por as muitas & desuairadas gentes que a Hespanha vieraõ pouoar & negociar, estaua a terra toda diuidida em muitos regulos, & senhorios, & assi hauia muitas differenças de lingoagês & costumes. Polo que vindo os Romanos a lançar de Hespanha os Carthagineses que occupauão grande parte della, foilhes facil hauer o vniuersal senhorio de todos, & reduzir Hespanha em forma de prouincia como fizeraõ, dos quaes como de vencedores naõ soamente os Hespanhoes tomaraõ o jugo da obediencia mas as leis, os costumes, & a *lingoa Latina q̃ naquelles tempos se fallou pura como em Roma, & no mesmo Latio ate a vinda dos Vandalos, Alanos, Godos, & sueuos, & outros barbaros que aos Romanos succederaõ, & corromperão a lingoa Latina com a sua, & a misturaraõ de muitos vocabulos assi seus como de outras naçoês barbaras que consigo trouxerão, de que se veo fazer a lingoa que oje fallamos, que por ser lingoa, que tem fundamentos da Romana, ainda que corrupta lhe chamamos oje Romance* (NUNEZ DE LIÃO, *op. cit.*, p.28-29, destaques nossos).

Portanto, para Duarte Nunez de Lião – assim como para Nebrija, em relação ao castelhano –, a língua portuguesa é considerada uma espécie de deformação da língua latina em um estado puro, isto é, segundo o autor, a língua portuguesa surgiu a partir de diversas modificações que teriam ocorrido nesse latim no decurso do tempo.

Esse modo de pensar a origem das línguas românicas⁷³, inclusive no âmbito da língua portuguesa⁷⁴, ainda permaneceu por mais ou menos dois séculos e só mudará a partir

⁷³ Nem todos os estudiosos dessa época, e posteriores, defendiam que o latim era a língua que teria dado origem às línguas europeias. Em 1747, por exemplo, o abade francês Gabriel Girard escreveu a obra *Les vrais principes de la langue françoise ou La parole réduite en méthode conformément aux loix de l'usage, en seize discours*, na qual se baseia nas diferenças existentes na sintaxe ou construção do espanhol, italiano e francês

da primeira metade do século XIX, com o surgimento dos estudos de Diez⁷⁵, que, no primeiro volume de sua gramática sobre as línguas românicas (1874 [1836¹], p.1, destaques nossos), assim afirma:

para afirmar que essas línguas não tiveram origem a partir da língua latina: “Elle [la Construction] varie chez les Peuples ainsi que les mots, fait la différence la plus essentielle entre les Langues, & s’oppose à l’opinion de ceux qui assûrent que la Françoise l’Espagnole & l’Italienne sont filles de la Latine” (p.27). E acrescenta (p.27-29): “Ces mossieurs ne raportent d’autre titre de cette filiation que l’étymologie de quelques mots & l’étendue de l’Empire Romain sur les pays présentement habités par ces nations. Mais quand on observe le prodigieux éloignement qu’il y a du génie des ces Langues à ce lui du Latin: quand on fait attention que l’étymologie prouve seulement les emprunts & non l’origine: quand on sait que les peuples subjugués par les Romains avoient leurs Langues: que la saine critique défend de penser que les Magistrats & quelques Légions, qu’on y envoyoit pour les gouverner & les maintenir dans l’obéissance, fussent capables d’anéantir la langue Vulgaire: quand on aperçoit ensuite que les Nations étrangères qui inonderent l’Empire & y établirent de nouveaux Etats aportherent des meurs & des langages inconnus; & que la Victoire, accoutumée à tout soumettre jusqu’à la maniere de parler, les fit triompher & des armes & de la Langue des Romains; en sorte que la leur devenue la dominante s’introduisit avec leur pouvoir, en s’altérant néanmoins par le commerce qu’il falut nécessairement avoir avec les vaincus & les nouveaux Sujets: lorsqu’enfin on voit auourdoi de ses propres yeux ces Langues vivantes ornées d’un article, qu’elles n’ont pû prendre de la Latine où il n’y en eut jamais, & diamétralement oposées aux constructions transpositives & aux inflexions de cas ordinaires à celle-ci; on ne sauroit acause de quelques mots empruntés dire qu’elles en sont les filles, ou il faudroit leur donner plus d’une mere”.

⁷⁴ No Portugal do século XIX, havia também quem apresentasse argumentação semelhante à do abade Girard, embora o fizesse a minoria, como afirma Luiz (1837, p.2), quando diz que “Muito se inclinão á primeira opinião [que o latim foi adotado pelos habitantes da Lusitânia, ao passo que o idioma local foi esquecido e abandonado] os nossos eruditos, que ou de proposito, ou por incidente tratarão esta materia”, acrescentando, em nota de rodapé, que “Dos escriptores Portuguezes, que temos lido, dous somente encontramos, que ouzassem enunciar com franqueza a opinião contrária”. O próprio Luiz (*op. cit.*, p.36, destaques nossos) defende essa ideia, como vemos no trecho a seguir: “De tudo pois o que até agora temos ligeiramente tocado em prova da nossa opinião parece seguir-se: *que a lingua Portugueza tem diferente genio da Latina: que os vocabulos que nella ha, derivados immediatamente do Latim são muito menos em numero do que vulgarmente se supõe: e que outros muitos, que effectivamente tem essa derivação, não provam a filiação pretendida, mas somente algumas analogias (que não negamos) entre os dois idiomas*”.

⁷⁵ Os estudos de Diez acerca da origem das línguas românicas são antecidos por diversas pesquisas realizadas por Raynouard, a quem aquele autor chamou de “o fundador da Filologia Românica” — “Pour ce qui concerne particulièrement les travaux des savants nationaux, on ne saurait estimer assez haut l’activité croissante de la nouvelle école du pays auquel appartient Raynouard, *le fondateur de la philologie romane*” (DIEZ, 1874 [1836¹], *Préface*, V, destaque nosso). Raynouard, por sua vez, defendia que o latim – sem especificar qual a variedade, como fará Diez alguns anos mais tarde – ter-se-ia transformado, por meio de sua

Six langues romanes attirent notre attention, soit par leur originalité grammaticale, soit par leur importance littéraire: deux à l'est, l'italien et le valaque; deux au sud-ouest, l'espagnol et le portugais; deux au nord-ouest, le provençal et le français. *Toutes ont dans le latin leur première et principale source; mais ce n'est pas du latin classique employé par les auteurs qu'elles sont sorties, c'est, comme on l'a déjà dit souvent et avec raison, du dialecte populaire des Romains, qui était usité à côté du latin classique, et bien entendu, de la forme qu'avait prise ce dialecte dans les derniers temps de l'Empire.*

Estamos, portanto, diante de um fato importante para o estudo dos sufixos diminutivos em português: *o seu ponto de partida (terminus a quo) deve ser o latim vulgar e não o clássico*, pois a origem das línguas românicas está naquela variedade do latim e não nesta. Nesse sentido, o sufixo diminutivo em português poderá ter as suas origens e o seu desenvolvimento mais bem elucidados partindo-se do latim falado no dia-a-dia pelo povo, entendido esse falar como

[...] l'usage dans les basses classes de la langue commune, usage dont les caractères sont une prononciation plus négligée, la tendance à s'affranchir des règles grammaticales, l'emploi de nombreuses expressions évitées par les écrivains, certaines phrases, certaines constructions particulières (DIEZ, 1874 [1836¹], p.1).

É evidente, no entanto, que o contraste dos diminutivos latino-vulgares com os do latim clássico – conforme feito no capítulo anterior – pode enriquecer as discussões sobre os diminutivos nas línguas românicas.

corrupção na fala dos incultos, em uma língua vulgar, *le roman rustique* — “Il est reconnu aujourd’hui que la [langue] romane rustique se forma de la corruption de la langue latine, que l’ignorance de ceux qui parlaient encore cette langue, à l’époque de l’invasion des hordes du Nord, et leur mélange avec ces hordes, modifièrent d’une manière spéciale, par suite de laquelle le nouvel idiome acquit un caractère distinct d’individualisation” (RAYNOUARD, 1816, p.XIII-XIV) — “Il est généralement reconnu aujourd’hui que de la corruption du latin se forma dans l’occident de l’empire romain, et surtout dans les Gaules, un idiome particulier. La dégénération graduelle et les modifications diverses de la langue de Cicéron et de Virgile produisirent la romane rustique” (RAYNOUARD, 1829, p.1) —, e, a partir deste, ter-se-iam originado as línguas neo-latinas: “L’EXAMEN approfondi de l’état de cette langue [le roman rustique], employée dans les serments de 842, me permettra d’indiquer les nombreuses affinités, les rapports souvent identiques, des six langues néo-latines: La langue des troubadours, la langue catalane, la langue espagnole, la langue portugaise, la langue italienne, la langue française” (RAYNOUARD, 1836, p.1).

3.2 O diminutivo do latim vulgar às línguas românicas

Assim como já ocorreu com o latim quando buscava constituir a sua identidade em relação ao indo-europeu, também o romance surgido do latim vulgar deu preferência a palavras longas e mais sonoras em detrimento das curtas e poucas sonoras:

Que pouvait faire le roman de mots comme *rem*, *spem*, *vim* (nous prenons ici l'accusatif pour type) comme *fas*, *vas*, *aes*, *jus*, *rus*? ou bien de mots dissyllabiques sans consonne au milieu, comme *reum*, *diem*, *gruem*, *luem*, *struem*, *suem*? [...] Ces mots, qui n'avaient pas assez de corps, furent souvent supplantés par d'autres: *res* par *causa*, *vis* par *fortia*, *fas* e *jus* par *directum*, *os* par *bucca*, *rus* par *campania*, *sus* par *troja*, *ignis* par *focus*, *herus* par *patronus* ou *magister*, *crus* par *gamba*, *mus* par *sorex* ou *talpa*. Ou bien on mit à leur place des dérivés de la même racine: *sperantia* pour *spes*, *aeramen* pour *aes*, *diurnus* pour *dies*, *iliare* pour *ile*, *hibernum* pour *hiems*, *genuculum* pour *genu*, *agnellus* pour *agnus*, *auricula* pour *auris*, *narix* (it. *narice*) pour *naris*, *ericius* pour *eres*, *roscidum* et autres pour *ros*, *avicella* pour *avis*, *ovicula* por *ovis* (DIEZ, 1874 [1836¹], p.46-47).

Esta segunda situação [substituir palavras curtas por derivados com a mesma raiz] revela, desse modo, uma característica da língua que se formou a partir do latim vulgar, a qual se estendeu às línguas românicas, a saber: o enriquecimento lexical por meio da derivação, como afirma Diez (1874 [1838¹], p.254):

Les langues romanes sont plus riches en dérivations que leur langue mère, le latin. La disparition d'une masse considerable de mots simples, causée la plupart du temps par leur petite dimension ou leur forme incommode (t.I, p.46), provoquait à des nouvelles créations, pour lesquelles s'ouvrait la voie commode et sûre de la dérivation.

Dentre esses derivados do romance, destacam-se as palavras formadas através do emprego de sufixos diminutivos, como verificamos a partir da afirmação de Diez (1874 [1836¹], p.47) a seguir:

Au reste, l'extension des formes, surtout par des diminutifs, comme dans toutes les langues populaires, est un des principes du roman, et s'exerce même sur des mots où le primitif ne péchait pas par trop de brièveté; les dérivés fournis par le latin ou créés par le roman remplacent le primitif et le font la plupart du temps disparaître: c'est

ainsi que de *vulpes*, *sciurus*, *luscinia*, *rana*, *apis*, *lappa*, *corbis*, *colus*, on a conservé les diminutifs *vulpecula*, *sciurulus*, *cornicula*, *lusciniola*, *ranicula*, *apicula*, *lappula*, *cornicula*, *coluculus* [...].

Ao também observar tal fato, Meyer-Lübke (1895 [1894¹], p.615) assim se expressa: “Le roman accuse une très grande force de création dans la formation des DIMINUTIFS”. Essa característica do romance estendeu-se às línguas românicas, como afirmam Meillet & Vendryes (*op. cit.*, p.368-369):

A la place de mots simples, trop courts, les langues romanes n’ont conservé souvent que des dérivés: ainsi *sōliculus*, *apicula* (Plaute), *auricula* (Plaute), *auricilla* (catul., XXV, 2), *auicella* (Varron) ont remplacé *sol*, *apis*, *auris*; et le français dit *soleil*, *abeille*, *oreille*, *oiselle* (et *oiseau*).

Assim exposto, o conhecimento acerca do sufixo diminutivo latino-vulgar *e*, sobretudo, de como ele se transforma ao longo do processo de formação das diferentes línguas românicas é fundamental para o desenvolvimento de um estudo diacrônico ou histórico e nas diversas sincronias de cada uma dessas línguas.

Considerando que os sufixos diminutivos empregados em latim vulgar (*-*culus*, *-*ulus*, *-(*e*, *i*)*ϕlus*, *-*cēllus*, *-*ēllus*, *-*illus*, *-*inus*, *-*iccus*, *-*icca*, *-*accus*, *-*occus*, *-*uc(c)us*), *-*ittus*, *-*ϕttus*, *-*o* (-*onem*)) – conforme apresentados no capítulo anterior – possuem em sua estrutura mais de uma vogal, às vezes uma em posição tônica e outra após esta, às vezes duas após a tônica, e que, conforme afirmam Nunes (1975 [1919¹]) e Diez (1874 [1838¹], p.255-256), os sufixos tônicos têm maior possibilidade de permanecer sendo empregados em uma língua que os átonos – conforme destacamos no capítulo anterior –, torna-se importante conhecer tanto o sistema vocálico do latim vulgar, quanto o sistema que se formou em cada uma das línguas que foram dele originadas, pois, como afirma Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.52),

Les modifications des voyelles sont dues en première ligne à l’accent. Le sort des ATONES est la plupart du temps tout différent de celui des TONIQUES. Celles-ci, à cause de l’effort plus grand avec lequel on les articule, s’allongent, se redoublent, se diphtonguent; celles-là sont sujettes à s’affaiblir en sons incolores et finalement à disparaître.

Iniciemos, então, por aquelas características que distinguem o latim vulgar do latim clássico, conforme já indicado no capítulo anterior: 1) o latim vulgar possui um número menor de vogais que o latim clássico; 2) em determinado momento de sua história, o latim vulgar não distingue mais as vogais segundo a sua quantidade (se são longas (\bar{a} , \bar{e} , \bar{i} , \bar{o} , \bar{u}) ou breves (\check{a} , \check{e} , \check{i} , \check{o} , \check{u}))⁷⁶, mas sim quanto à qualidade⁷⁷ (abertas (ϵ , ϱ) ou fechadas (e , o))⁷⁸. Em relação a este último fato, Maurer Jr. (1959, p.9, destaques nossos) é bastante elucidativo:

O latim antigo herdara do indo-europeu a distinção quantitativa das vogais. Estas podiam ser breves ou longas, tanto quando tônicas, como quando átonas. *A lingua*

⁷⁶ Lausberg (1974 [1962¹], p.59), referindo-se à quantidade vocálica, assim a caracteriza: “No que respeita às *quantidades*, distinguem-se, conforme as diferentes línguas, dois ou três graus de quantidade: longo (*e* em al. *Meer*), breve (*e* em al. *Hers*) e, às vezes, também semilongo ou semibreve (p. ex., [*a*] em esp. *mano*). Nem em todas as línguas as quantidades possuem importância funcional (isto é, fonológica). Devem-se distinguir, portanto, as quantidades ‘com valor fonológico’ daquelas ‘sem valor fonológico’ (isto é, meramente combinatório-fonéticas); v. acerca disso §124. — A quantidade longa caracteriza-se na transcrição (cf. p.15) por um traço sobre a vogal ($\bar{a} = a$ longo), a quantidade breve indica-se por um semicírculo com abertura para cima sobre a vogal ($\check{a} = a$ breve)”.

⁷⁷ De acordo com Silva Neto (1979 [1957¹], p.163), “Esse fato tem importância capital, porque o acento de intensidade conduz ao abreviamento e até mesmo à queda das vogais átonas, enquanto, por outro lado, alonga a sílaba sobre a qual recai: em suma, acarreta a subversão de todo o sistema da quantidade silábica”.

⁷⁸ Em relação à qualidade das vogais, consideremos, inicialmente, o que diz Lausberg (*op. cit.*, p.59): “A *qualidade* [sonoridade, timbre] das vogais depende de quatro factores articulatórios: grau de abertura, posição da língua, posição dos lábios (§43) e posição do véu palatino (§45)”. Em seguida, esse mesmo autor acrescenta (*op. cit.*, p.59-60): “Existem três principais *graus de abertura* (de toda a boca): grande [*a*], médio [*e*] e pequeno [*i*]. É possível estabelecer mais diferenciações (especialmente frequentes no grau médio de abertura). As variantes designam-se, nestes casos, por ‘(relativamente) aberto’ e ‘(relativamente) fechado’, por ex., ‘*e* aberto’ em fr. *fer*, al. *Ähre*; ‘*e* fechado’ em fr. *chanter*, al. *Ehre*. Variantes das vogais abertas indicam-se na transcrição aqui aplicada por um gancho debaixo da vogal, e variantes fechadas por um ponto: [ϵ] = ‘*e* aberto’, [e] = ‘*e* fechado’. Quanto à *posição da língua* importa saber se o pré-dorso se aproxima da parte anterior do palato (vogais ‘palatais’, de *palatum* ‘parte anterior, dura [óssea] do paladar’) ou se o pós-dorso se aproxima da parte posterior do palato (vogais ‘velares’, de *velum* ‘véu palatino [macio carnos]’). Vogais palatais são, p. ex. *i*, *e*; velares são *u*, *o*. Finalmente, ainda é possível a neutralidade (língua em posição horizontal ou elevação do dorso contra o centro do palato): vogais dorsais (p. ex., *a*). – Cf. ainda §54. No que respeita à *posição dos lábios*, importa saber se os lábios se arredondam ou distendem (ou se se mantêm neutros): vogais arredondadas são, por ex., *u*, *ü*, *o*; distensas são *i*, *e*. Posição neutra dos lábios encontra-se, sobretudo, no máximo grau de abertura [*a*]”.

vulgar, que a princípio conheceu naturalmente esta distinção, acabou por perdê-la de todo.

A partir do que afirma Maurer Jr., no trecho por nós destacado, é-nos possível, portanto, propor o seguinte quadro para o sistema vocálico do latim vulgar em sua fase mais antiga, o qual, como se percebe, é igual ao do latim clássico⁷⁹:

Quadro 19 – Sistema vocálico em latim clássico e em latim vulgar “antigo”

Vogal	Latim clássico	Latim vulgar 1
a	ā, ă	ā, ă
e	ē, ě	ē, ě
i	ī, ĭ	ī, ĭ
o	ō, ȝ	ō, ȝ
u	ū, ŭ	ū, ŭ

Fonte: O Autor

Através desse quadro, percebe-se que cada uma das cinco vogais latinas foi realizada, em algum momento da história do latim vulgar, de duas maneiras diferentes em relação à *quantidade*⁸⁰. No entanto, com o predomínio da *qualidade* da vogal sobre a sua *quantidade*, o latim vulgar passa a ter um novo sistema vocálico⁸¹, como destaca Maurer Jr. (1959, p.9 e 11):

⁷⁹ Cf. tb. Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.54).

⁸⁰ Para Lausberg (*op. cit.*, p.110), “O sentido para uma rigorosa distinção de quantidades perdeu-se na latinidade posterior, provavelmente já durante a propagação do latim às comunidades linguísticas da Península Italiana, acostumadas a outros sistemas vocálicos (‘substrato’, v. §30). Produziu-se o assim chamado ‘colapso’ do sistema quantitativo e a reorganização do vocalismo agora sem quantidade (cf. §163)”.

⁸¹ Lausberg (*op. cit.*, p.111) critica a denominação *sistema vocálico do latim vulgar*, a qual é caracterizada por ele como abusiva, preferindo em seu lugar *sistema qualitativo itálico*. Para isso, argumenta como segue: “[o *sistema qualitativo itálico*] muitas vezes é designado abusivamente como o sistema vocálico ‘do latim vulgar’ em geral, embora seja certo que nunca existiu um sistema vocálico uniforme do latim vulgar (v. §155) e que, portanto, os sistemas em seguida (§§158-162) apresentados [o sistema arcaico na Sardenha, Lucânia e África (p.112-113), o sistema de compromisso no lucano oriental e românico dos Balcãs (p.113) e o sistema siciliano (p.113)] têm, em princípio, o mesmo direito de se chamar ‘latino-vulgares’”.

[...] como resultado do desenvolvimento do acento intensivo, [o língua vulgar] tornou mais ou menos longas as tônicas, pelo menos na sílaba aberta, abreviando as átonas. [...] Certo é que na língua antiga não devia ser muito sensível a diferença de timbre entre as vogais longas e breves, e é provável que as vogais latinas em geral fôssem ligeiramente abertas. Com o tempo, porém, as longas se foram tornando fechadas, enquanto as breves se abriram ainda mais. É difícil dizer até que ponto essa diferença de timbre existia já na língua clássica da época ciceroniana, nem nos cabe discuti-lo aqui. Na língua vulgar ela se acentuou, exceto em algumas regiões, antes que a quantidade antiga se perdesse. Com o desaparecimento desta, predominou um novo sistema vocálico.

Esse novo sistema vocálico – o qual servirá de ponto de partida para a formação da maior parte das línguas românicas – pode ser representado como no quadro abaixo:

Quadro 20 – Sistema vocálico em latim vulgar “antigo” e em latim vulgar no período imperial

Vogal	Latim vulgar 1	Latim vulgar 2
a	ā, ǣ	a
e	ē, ě	e, ě
i	ī, ĭ	i
o	ō, ǒ	o, ɔ
u	ū, ŭ	u

Fonte: O Autor

Poderíamos, também, apresentar uma descrição mais minuciosa, fazendo corresponder vogal por vogal a transformação do sistema vocálico latino-vulgar de seu estágio 1 para o estágio 2. Teríamos, então, o resultado expresso através do quadro a seguir⁸² (cf. tb. Lausberg, *op. cit.*, p.111)⁸³:

⁸² Com os números 1 e 2 que se fazem seguir ao termo *latim vulgar* no quadro a seguir, bem como já no anterior, expressa-se que um estágio anterior do latim vulgar deu origem a um novo estágio. O sinal > indica que o estágio 1 (latim vulgar 1) deu origem ao estágio 2 (latim vulgar 2).

⁸³ A evolução do sistema vocálico do latim vulgar (ou sistema qualitativo itálico, como prefere Lausberg) não se deu uniformemente ao longo de toda a România, conforme já discutimos aqui. Desse modo, o quadro a seguir contempla somente o sistema vocálico que deu origem ao sistema vocálico das línguas compreendidas geograficamente no que se convenciou denominar România ocidental, conforme descrição feita por Maurer Jr. (1959, p.12) e Lausberg (*op. cit.*, p.111), o qual afirma: “Esta pronúncia das vogais também se impôs na linguagem vulgar da cidade de Roma e estendeu-se a uma vasta zona do ocidente imperial. O ‘sistema

Quadro 21 – Sistema vocálico em latim vulgar “antigo” e em latim vulgar no período imperial numa correspondência vogal a vogal

Latim vulgar 1	>	Latim vulgar 2	Exemplos ⁸⁴
ā, ã	>	a	*pater, *mater (sem diferença na quantidade)
ĕ	>	ę	*festa, *herba, *pęde, *dęce(m)
ē	>	ę	*vendęmia, *fęmina, *mę(n)sa, *ęsca
ĭ	>	e	*peper, *neve, *mętterere, *peſce
ī	>	i	*filia, *spina, *mille, *scriptum
ō	>	o	*pōrta, *octo, *rōta, *nove(m)
ō	>	o	*cognōsco, *sole, *scōpa, *voce
ū	>	o	*bōcca, *mōsca, *noce, *croce
ū	>	u	*unu, *musculu, *nullu

Fonte: O Autor

Esses tipos vocálicos manifestam-se, no entanto, em latim vulgar, de maneira diferente, dependendo da posição em que a vogal ocorre, isto é, tratando-se de uma vogal que ocorra em posição de sílaba tônica ou átona (anterior ou após a tônica), o número de vogais pode ser maior ou menor. Assim, em posição tônica são encontradas sete vogais, conforme quadro a seguir⁸⁵:

qualitativo itálico’ ocupa no românico a seguinte extensão geográfica: centro da Itália, parte setentrional do sul da Itália (Campânia, Abruzos, norte e centro da Apúlia até Brindisi, Lucânia setentrional), norte da Itália, Dalmácia, Ístria, Reto-România, Galo-România, Ibero-România”. Limitar-nos-emos a esse sistema, porque as línguas que aqui serão abordadas provêm dele. Para informações acerca dos demais sistemas, confira, por exemplo, Maurer Jr. (1959), Lausberg (*op. cit.*) e Tagliavini (1959 [1949¹]).

⁸⁴ Os exemplos aqui apresentados estão conforme Lausberg (*op. cit.*, p.111, destaques e asteriscos nossos) e referem-se, sempre, ao latim vulgar no que estamos denominando de estágio 2.

⁸⁵ Para a elaboração deste quadro, utilizamos como fontes as obras de Tagliavini (*op. cit.*, p.189-192) e Maurer Jr. (*op. cit.*, p.12). Observe-se, ainda, que os autores que abordam esse tema, a exemplo dos dois aqui citados, costumam destacar que esse quadro das vogais tônicas é comum à maior parte da România, existindo, no entanto, áreas que se apresentam diferentemente. Maurer Jr. (*loc. cit.*), por exemplo, assim se expressa: “Êste sistema vocálico é postulado pela maior parte das línguas românicas, abrangendo a Ibéria, a Gália, a Récia, a Itália setentrional e central e a Dalmácia. [...]. Entretanto, como já assinalamos acima, êste sistema vocálico não pertence a toda România. Algumas regiões [como Dácia e Sardenha] apresentam um estado mais acorde com o latim literário, revelando certamente um vocalismo mais arcaizante do que o comum das línguas neolatinas”.

Quadro 22 – Sistema vocálico do latim vulgar em posição de sílaba tônica

Vogal	Latim vulgar
a	a
e	e, ĕ
i	i
o	o, ō
u	u

Fonte: O Autor

Por sua vez, em posição átona⁸⁶, esse número se vê reduzido a cinco vogais, conforme os Quadros 23 e 24, a seguir:

Quadro 23 – Sistema vocálico do latim vulgar em posição de sílaba átona anterior à tônica

Vogal	Latim vulgar
a	a
e	e
i	i
o	o
u	u

Fonte: O Autor

Quadro 24 – Sistema vocálico do latim vulgar em posição de sílaba átona após a tônica

Vogal	Latim vulgar
a	a
e	e
i	i
o	o
u	u

Fonte: O Autor

⁸⁶ Quanto aos diferentes tipos de sílaba átona e suas respectivas características, remetemos ao que expomos na seção 3.2.1.2.

Ora, se, conforme já observou Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.52), as vogais (e, por consequência, as sílabas) que se encontram em posição átona são as mais afetadas pela mudança linguística, e se os sufixos diminutivos, considerando Diez (cf. 1874 [1838¹], p.255-256), estão sujeitos aos mesmos tipos de mudança que os radicais das palavras, o estudo da mudança fonética e morfológica dos sufixos diminutivos latino-vulgares aqui mencionados – dos quais alguns são tônicos e outros, átonos – até o momento do surgimento dos sufixos diminutivos nas línguas românicas, passa a ter, a nosso ver, importância capital para o estudo diacrônico e sincrônico desses sufixos nessas línguas, especialmente na língua portuguesa⁸⁷. E é a isso que daremos início a partir deste momento. Começaremos pelo estudo das vogais. Incluiremos, também, aqui, o estudo das consoantes, uma vez que estas também estão sujeitas à mudança.

3.2.1 A formação dos diminutivos românicos: principais mudanças nos sistemas vocálico e consonântico do latim vulgar às línguas românicas

No estudo das transformações pelas quais os sufixos diminutivos latino-vulgares passaram até que tivessem origem as línguas românicas, é importante considerar se a vogal que eles apresentam em sua estrutura é tônica ou átona, pois, como afirma Coelho (1868, p.38, destaques nossos),

O primeiro facto que se nota quando se estudam as modificações das vogaes na passagem do latim para o portuguez (e em geral para todas as linguas romanas) é que, em quanto as vogaes não accentuadas são tractadas d'um modo quasi accidental, ou em que pelo menos não se podem descobrir regras fixas, as vogaes accentuadas pelo contrario estão sujeitas a leis determinadas e formam 'o ponto medio, a alma da palavra': *em torno d'ellas dão-se profundas alterações, são destruidas letras, syllabas inteiras, mas ellas não são arrastadas por esse cataclysmo.*

⁸⁷ Em relação às demais línguas românicas, abordaremos a temática do sufixo diminutivo apenas brevemente, limitando-nos, portanto, às informações que forem necessárias para que se possam distinguir, nas análises que serão empreendidas ao longo dos dois próximos capítulos, aqueles sufixos que são originariamente portugueses dos que são resultado de empréstimo a alguma língua românica.

Desse modo, aqui apresentaremos como cada uma dessas vogais (átonas e tônicas) se transformou do latim vulgar às línguas românicas⁸⁸.

3.2.1.1 Evolução das vogais tônicas do latim vulgar às línguas românicas ocidentais

Conforme vimos mais acima, as vogais que ocorrem em posição de sílaba tônica em latim vulgar são em número de sete, a saber: *a*, *e*, *ɛ*, *i*, *o*, *ɔ* e *u*. Nem todas, no entanto, possuem distinção de timbre, mas somente as vogais *e* e *o*, as quais podem ser realizadas como vogais fechadas (*ɛ*, *ɔ*) ou abertas (*e*, *o*). Elas também não se transformam da mesma maneira em todas as línguas românicas, em virtude da interferência, por exemplo, da consoante que a segue⁸⁹ ou, mais raramente, de uma consoante que a antecede, como destaca Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.52)⁹⁰:

Parmi les voyelles toniques, il faut distinguer les LIBRES et les ENTRAVÉES, c'est-à-dire celles que suit une seule consonne et celles que suit un groupe, cf. franç. *aimer* = *amâre* à côté de *part* = *pârtem*. En seconde ligne seulement vient l'influence des consonnes environnantes. Ce sont surtout les nasales qui modifient la nuance de la voyelle qui les précède; l'influence des autres sonnantes et des continues est moins considérable; celle des explosives est presque nulle, aussi longtemps du moins qu'elles restent explosives. [...]. L'influence des consonnes

⁸⁸ Tanto em relação às vogais tônicas, quanto em relação às átonas, o que exporemos, aqui, refere-se à regra geral da mudança vocálica nesses contextos. Os casos excepcionais, embora possam ter também a sua importância para o tipo de estudo que estamos propondo, não serão abordados, justamente porque contemplam apenas uma minoria das transformações, não exercendo, portanto, influência sobre a mudança ocorrida na maior parte das ocorrências em que se encontram tais vogais.

⁸⁹ Lausberg (*op. cit.*, p.114-115) destaca que “Originalmente não tem importância para o desenvolvimento das vogais o facto de estas se encontrarem em posição livre ou travada. Este estado arcaico conservou-se no sardo, no ibero-românico, no provençal, nos dialectos do oeste da Itália meridional (Lácio, Campânia, Calábria, Sicília) e no românico dos Balcãs (com exceção do vegliota). [...]. Em contrapartida deu-se em outras regiões um desenvolvimento diferente das vogais, conforme estas se encontravam em posição livre ou travada: enquanto as vogais em posição travada se pronunciaram em geral como breves e, na maior parte, não sofreram outras modificações, em posição livre foram alongadas (cf. §96) e acabaram em muitas línguas e dialectos por desintegrar-se em ditongos (cf. §107). Este desenvolvimento econtra-se no fr., no franco-prov. [...]”.

⁹⁰ Ainda de acordo com Meyer-Lübke (*loc. cit.*), as transformações pelas quais as vogais tônicas passam podem também ser afetadas pela vogal postônica: “Enfin le sort de la tonique dépend encore du nombre des syllabes atones qui la suivent et de la qualité des voyelles atones qu'elles renferment”.

précédentes, particulièrement des palatales et des labiales, quelquefois des nasales et des gutturales, sans être très importante, ne doit cependant pas être laissée de côté.

Assim, dentre os sufixos diminutivos indentificados em latim vulgar, conforme exposição feita no capítulo anterior, somente os que se compõem de consoante dobrada possuem a vogal travada; nos demais, a vogal tônica é livre. Diante disso, vejamos como foram modificadas as vogais tônicas dos sufixos diminutivos latino-vulgares nas diferentes línguas românicas.

3.2.1.1.1 Vogal *a*

A vogal *a* em posição tônica está presente nos sufixos **-accu* e **-attu*. De acordo com Diez (1874 [1836¹], p.136), “Cette voyelle s’est maintenue intacte en italien, en espagnol, en portugais et en provençal”, como demonstram os seguintes exemplos⁹¹: lat. vulg. *aetate* > it. *età*, prov. *edat*, esp. *edad*, port. *idade*; lat. vulg. *caballu* > it. *cavallo*, prov. *caval*, esp. *cavalo*, port. *cavalo*; lat. vulg. *pace* > it. *pace*, prov. *patz*, esp. *paz*, port. *paz* etc.. Todavia, outro é o comportamento dela em francês: “Conserva-se em posição travada no fr., enquanto se palataliza para *e* em posição livre” (LAUSBERG, *op. cit.*, p.120). São exemplos disso, ainda conforme Lausberg (cf. p.120-121), em posição travada: lat. vulg. *caballu* > fr. *cheval*, lat. vulg. *vacca* > fr. *vache*, lat. vulg. *arbore* > fr. *arbre* etc.; em posição livre: lat. vulg. *cantare* > fr. *chanter*, lat. vulg. *mare* > fr. *mer*, lat. vulg. *matre* > *mère* etc.

Considerando-se, portanto, o exposto, conclui-se que os sufixos latino-vulgares **-accu* e **-attu* darão origem em it., em prov., em esp. e em port. ao sufixo *-aC_nV*⁹². Como em

⁹¹ Estes exemplos – exceto os referentes à língua portuguesa, que foram propostos por nós – encontram-se em Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.206-207).

⁹² Como pretendemos fazer uma exposição metódica da transformação desses sufixos – começando pelas vogais tônicas, continuando com as vogais que se realizam após estas e, em seguida, com as consoantes –, para só depois apresentar a forma que cada sufixo alcançou em cada uma dessas cinco línguas, optamos por ir representando através de símbolos as vogais e as consoantes que ainda não foram descritas. Assim, C_n (o *n* indica que pode-se tratar de uma consoante simples ou de um grupo – consoantes dobradas ou mistas) representa a forma na qual se transformará(ão) a(s) consoante(s) que faz(em) parte do sufixo, a(s) qual(is) geralmente ocorre(m) em posição posterior à vogal tônica do sufixo, mas também pode(m) ser encontrada(s) antes desta; excepcionalmente, C_n também será empregado para representar a consoante que antecede o sufixo. Por outro lado, com o V indicamos a nova forma da vogal final do sufixo.

latim vulgar a sílaba está em posição travada, em fr. teremos o mesmo resultado das outras línguas citadas, isto é, $-aC_nV$.

3.2.1.1.2 Vogal ϵ

O sufixo **-eccu* é o único, entre os diminutivos do latim vulgar, que possui a vogal ϵ em posição de sílaba tônica. A transformação dessa vogal, quando se comparam os principais domínios linguísticos da România ocidental, evidencia a sua conservação sob a forma de monotongo em italiano, em espanhol e em português, como fica bem claro nas seguintes palavras de Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.85-86): “L’ ϵ persiste dans le rhétique oriental, l’italien [...] et l’hispano-portugais”. Os exemplos a seguir (cf. Meyer-Lübke, *op. cit.*, p.86-92) ratificam essa informação: lat. vulg. *rete* > it. *rete*, esp. *red*, port. *rede*⁹³; lat. vulg. *pesu* > it. *peso*, esp. *peso*, port. *peso*; lat. vulg. *tredecim* > it. *trèdici*, esp. *trece*, port. *treze*; lat. vulg. *stella* > it. *stèlla*, esp. *estrela*, port. *estrela*; lat. vulg. *crescit* > it. *crèscce*, esp. *crece*, port. *cresce* etc.. O mesmo fato se dá em provençal, no qual, segundo Anglade (1921, p.51), “*E* tonique se maintient sans changement”, como em *debere* > *dever*, *tres* > *très*, *credit* > *crè* etc. (cf. ANGLADE, *loc. cit.*) e em *avena* (< lat. vulg. *avena*), *cera* (< lat. vulg. *cera*), *seré* (< lat. vulg. *serenu*) etc. (cf. DIEZ, 1874 [1836¹], p.140).

Em relação ao francês, deve-se considerar se se trata de uma vogal livre ou travada. Assim, segundo Nyrop (1899, p.140), “**É** [fermé] **tonique entravé** aboutit à **e ouvert** [æ]”, como em *dēb(i)ta* > *dette*, *episcopum* > *évêque*, *sēpia* > *sèche* etc.. Quando, porém, essa vogal ocorre em posição de sílaba livre, torna-se *oi* [wa]: “**É tonique libre** devient **oi**, prononcé [wa]” (NYROP, *op. cit.*, p.141) – como em *soie* < *seie* (lat. vulg. *sēta*), *croire* < *creire* (lat. vulg. *crēdere*), *soir* (lat. vulg. *sērum*) etc.. –, exceto se for seguida de consoante nasal, contexto em que dá origem a *ei*: *frein* (lat. vulg. *frenu*), *plein* (lat. vulg. *plenu*), *veine* (lat. vulg. *vena*), *peine* (lat. vulg. *pena*) etc. (cf. NYROP, *op. cit.*, p.142)⁹⁴.

⁹³ Os exemplos referentes à língua portuguesa que aqui serão apresentados não se encontram em Meyer-Lübke (*op. cit.*). Eles foram introduzidos por nós.

⁹⁴ A rigor, o ditongo *ei* desenvolveu-se em todos os contextos, a partir de *e* tônico em posição de sílaba livre, sendo, portanto, uma forma intermediária entre ϵ e *oi* [wa], mantendo-se intacto somente antes de consoante nasal, conforme Nyrop (*op. cit.*, p.142): “La voyelle simple *e* s’est d’abord diphtonguée en **ei**; on disait dans le plus vieux français *seie*, *sei*, *quei*, *veit*, *fei*, *creire*, *meis*, *peis*, *beivent*, etc. En francien, *ei* n’est resté que devant les nasales: *frein*, *plein*, *veine*, *peine*, etc. (voy. §216); dans tous les autres cas, *ei* passe à *oi*”.

Assim sendo, o sufixo *-*eccu* passa a ter a forma *-*ɛC_nV* em italiano, em espanhol, em provençal e em português. Em francês – uma vez que em posição de sílaba travada –, a forma que ele adquiriu foi -*ɛC_nV*.

3.2.1.1.3 Vogal *ɛ*

De acordo com Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.149) é possível distinguir duas formas para as quais a vogal *ɛ* “evoluiu”: “l’une dans laquelle *ɛ* se diphtongue en *ie*, l’autre dans laquelle il se conserve comme monophthongue”. Em algumas línguas, como o italiano e o francês, esse processo é influenciado, de acordo com Meyer-Lübke (*op. cit.*, p.150), pelo número de consoantes que seguem essa vogal: “Le nombre des consonnes suivantes est d’une importance considérable: les groupes de consonnes empêchent la production de la diphtongue en italien et en français”. Por sua vez, quando ocorre seguida de consoante simples, só em português não há essa ditongação, como afirma Diez (1874 [1836¹], p.140): “E bref, devant les consonnes simples, passe régulièrement à la diphtongue *ie*, et aussi à *ea* en valaque. Le portugais seul garde la voyelle intacte: dans les autres langues, de nombreux exemples prouvent cette loi de la diphtongaison”. Em outras palavras, podemos concluir, a respeito da modificação de *ɛ* nas línguas da România ocidental, que: 1) em português, essa vogal nunca é ditongada, seja diante de consoante simples, seja de consoante dupla (lat. vulg. *dece* > port. *dêz*, lat. vulg. *breve* > port. *breve*, lat. vulg. *petra* > port. *pedra*, lat. vulg. *-ellu* > port. *-ello* etc.)⁹⁵; 2) em espanhol, ela sempre se ditonga, independentemente do contexto (lat. vulg. *dece* > esp. *diez*, lat. vulg. *bene* > esp. *bien*, lat. vulg. *petra* > esp. *pedra*, lat. vulg. *-ellu* > esp. *-iello* etc.). Este ditongo, no entanto, pode reduzir-se a *i* (*ie* > *i*), como ocorre com o *ɛ* do sufixo *-ellu* diminutivo (*-iello* > *-illo*)⁹⁶; 3) em italiano e em francês, há a ditongação quando em contexto de consoante simples (lat. vulg. *dece* > it. *diece*, fr. *dieis*; lat. vulg. *breve* > it. *brieve*, fr. *brief*; lat. vulg. *mel* > it. *miele*, fr. *miel* etc.), mas permanece imutável quando

⁹⁵ Os exemplos aqui apresentados, assim como os demais a seguir sobre este tema, encontram-se em Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.150-154).

⁹⁶ Comentando esse fato, Menendez Pidal (1949 [1904¹], p.55-56) afirma: “El diptongo *ie* se redujo en algunos casos a *i*. Un caso muy abundante es el de la terminación *-ellu*, ant. *-iello*, mod. *-illo*: castèllu *castiellu*, *castillo*; cultèllu *cuchillo*, scutèlla *escudilla*, sèlla *silla*, etc. Una asimilación a la palatal *ll* ha hecho evolucionar el elemento menos palatal, *e*, del diptongo *ie*, que se asimiló completamente a la *i*. [...] La cronología de esta reducción de *ie* a *i* puede ser estudiada especialmente en el caso del sufixo diminutivo *-iello*, *-illo*, por ocurrir muy frecuentemente en los textos”.

seguida de grupo consonantal (lat. vulg. *terra* > it. *tèrra*, fr. *tèrre*; lat. vulg. *vespera* > it. *vèspèra*, fr. *vèspre*; lat. vulg. *-ellu* > it. *-èllo*, fr. *-èl* etc.); 4) em provençal, às vezes há ditongação diante de consoantes simples (lat. vulg. *leve* > prov. *lieu*, lat. vulg. *breve* > *brieu* etc.), às vezes não (lat. vulg. *nepos* > prov. *neps*, lat. vulg. *heri* > prov. *er* etc.), o mesmo ocorrendo diante de consoantes duplas (lat. vulg. *lectu* > prov. *lieč*, lat. vulg. *febre* > prov. *fioure*, lat. vulg. *septe* > prov. *set*, lat. vulg. *terra* > prov. *tèrra*, lat. vulg. *-ellu* > prov. *-èll* etc.). Segundo Anglade (*op. cit.*, p.62-63), no entanto, a regra geral para o desenvolvimento dessa vogal do latim vulgar ao provençal é a seguinte: “*E ouvert tonique du latin vulgaire (ɛ), en syllabe libre ou entravée, a donné naissance, en encien provençal, à un e ouvert [...]*”, conforme os exemplos *děcem* > *dětz*, *calemellum* > *calamèl*, *cultellum* > *coutèl* etc..

Dentre os sufixos latino-vulgares empregados como diminutivos, dois possuem a vogal *ɛ* em posição de sílaba tônica, os quais são **-cɛllu* e **-ɛllu*, e, em ambos, essa vogal é seguida de consoante dobrada. Assim sendo, nas línguas românicas mencionadas no parágrafo anterior, temos, respectivamente, os seguintes desenvolvimentos para esses sufixos: 1) **-cɛllu* > *-C_niɛC_nV* > *-C_niC_nV* para o espanhol e *-C_nɛC_nV* para o português, o provençal, o italiano e o francês; 2) **-ɛllu* > *-iɛC_nV* > *-iC_nV* para o espanhol e *-ɛC_nV* para o português, o provençal, o italiano e o francês.

3.2.1.1.4 Vogal *i*

De acordo com Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.57), “*L’i est la plus résistante de toutes les voyelles. On peut poser comme règle générale qu’il est resté sans changements en roman. Parmi les langues littéraires, il n’y a d’exception qu’en français, devant les nasales, et, en roumain, après les gutturales*”. Ou seja, a vogal tônica *i* mantém-se em qualquer que seja o contexto de seu emprego: diante de consoante simples (lat. vulg. *rima* > it. *rima*, fr. *rime*, esp. *rima*; lat. vulg. *amicu* > it. *amico*, fr. *ami*, esp. *amigo*, port. *amigo*⁹⁷, prov. *amic*; lat. vulg. *ripa* > it. *riva*, fr. *rive*, esp. *riba*; lat. vulg. *gentile* > port. *gentil*, prov. *gentil* etc.); diante de grupo de consoantes mistas (lat. vulg. *scriptu* > it. *scritto*, fr. *écrit*, esp. *escrito*; lat. vulg. *libra* > it. *libra*, fr. *livre*, esp. *libra* etc.); ou diante de consoantes dobradas (lat. vulg. *villa* > it. *villa*, fr. *ville* esp. *villa* etc.).

⁹⁷ Os exemplos referentes ao português e ao provençal estão conforme Diez (1874 [1836¹], p.144); já os demais se encontram em Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.57-60).

Mesmo em francês, em que há a exceção acima referida, esta se dá somente no âmbito da pronúncia, mas não na grafia (cf. Meyer-Lübke, 1890 [1890¹], p.62: lat. vulg. *-inu* > fr. *-in*, lat. vulg. *vinu* > fr. *vin*, lat. vulg. *fine* > fr. *fin* etc.), isto é, o *i* diante de consoantes nasais permanecerá sendo grafado *i*, como afirma Meyer-Lübke (*loc. cit.*):

Dans le français moderne, *ĩ* devient *ẽ*; l'orthographe conserve en général la graphie étymologique. Dans tous les textes de l'a.-français, *in* assonne avec *ĩ* oral; mais, au commencement du XVI^e siècle, la prononciation actuelle paraît déjà avoir été en usage. [...]. Par contre, *i* se conserve intact dans *ina* parce que la nasalisation d'*i* ne s'est introduite qu'à une époque où *n* intervocalique n'avait plus d'influence nasalisante dans le français du Centre.

Desse modo, a partir da discussão até aqui apresentada e dos exemplos que lhe seguem, conclui-se que os sufixos latino-vulgares que possuem essa vogal em posição de sílaba tônica (**-cillu*, **-illu*, **-inu*, **-iccu*, **-icca* e **-ittu*)⁹⁸ conservam-na, dando origem ao sufixo *-iC_nV*.

3.2.1.1.5 Vogal *ø*

A vogal *ø*, em posição de sílaba tônica, é encontrada compondo a estrutura do sufixo diminutivo latino-vulgar **-øne*. Esta vogal, segundo Diez (1874 [1836¹], p.148), não sofre alterações em sua passagem ao italiano (lat. vulg. *corona* > it. *corona*, lat. vulg. *leone* > it. *leone*, lat. vulg. *flore* > it. *fiore* etc.), ao espanhol (lat. vulg. *corona* > esp. *corona*, lat. vulg. *leone* > esp. *leo*, lat. vulg. *flore* > esp. *flor* etc.), ao provençal (lat. vulg. *corona* > prov. *corona*, lat. vulg. *leone* > prov. *leon*, lat. vulg. *flore* > prov. *flor* etc.) e ao português (lat. vulg. *corona* > port. *coroa*, lat. vulg. *leone* > port. *leon* (> *leão*), lat. vulg. *flore* > port. *flor* etc.); em francês, no entanto, geralmente adquire, segundo Diez (*loc. cit.*), a forma *eu* [ø] (lat. vulg. *hora* > fr. *heure*, lat. vulg. *solu* > fr. *seul*, lat. vulg. *flore* > fr. *fleur* etc.) ou *æu* [ø]⁹⁹ (lat. vulg.

⁹⁸ Os sufixos **-cillu* e **-illu*, devido à pouca importância que tiveram em latim vulgar – uma vez que sofriam a concorrência, respectivamente, de **-cellu* e **-ellu*, que, por sua vez, eram os principais concorrentes de **-culu* e **-ulu* –, raramente apresentam derivados nas línguas românicas que aqui estamos descrevendo, de modo que não serão contemplados em nossa abordagem. Acerca da relação entre esses sufixos, confira o que dissemos no capítulo anterior, quando caracterizamos cada um deles.

⁹⁹ A indicação da pronúncia de *eu* [ø] e de *æu* [ø] está conforme Nyrop (1899, p.162).

more > fr. *mæurs*, lat. vulg. *ovu* > fr. *œuf*, lat. vulg. *nodu* > fr. *nœud* etc.), exceto quando seguida de *m* ou *n*, contexto no qual se conserva (lat. vulg. *nomine* > fr. *nom*, lat. vulg. *Roma* > fr. *Rome*, lat. vulg. *quomodo* > fr. *comme* etc; lat. vulg. *non* > fr. *non*, lat. vulg. *pondere* > fr. *pondre*, lat. vulg. *leone* > fr. *lion*, lat. vulg. *patrone* > fr. *patron* etc.)¹⁰⁰.

Diante do panorama acima apresentado, a vogal *o* do sufixo latino-vulgar *-*one* permanecerá idêntica em todas as línguas mencionadas no parágrafo anterior. Desse modo, esse sufixo poderá ser representado, em cada uma delas, assim: it. esp. prov. port. fr. -*o*C_nV.

3.2.1.1.6 Vogal *o*

A vogal *o* em posição de sílaba tônica pode, assim como ocorre com a vogal *e*, permanecer inalterada, isto é, sob a forma de monotongo, ou ditongar-se¹⁰¹. Diante de consoante simples, não se ditonga em português, raramente se ditonga em provençal, mas se ditonga nas demais línguas da România ocidental: “*O* bref se diphthongue devant une consonne simple, et donne en it. *uó*, en val. *oa*, en esp. *ué*, en pr. *ué uó*, en fr. *eu* (*œu*, *ue*, *oe*). Ici encore, comme pour l’*e*, le portugais rejette la diphthongue, et le provençal ne l’emploie que rarement” (DIEZ, 1874 [1836¹], p.149). São exemplos disso que acabamos de afirmar os seguintes¹⁰²: lat. vulg. *rota* > it. *ruota*, a. fr. *ruede*¹⁰³, prov. *rōda*, esp. *rueda*, port. *rōda* etc.; lat. vulg. *proba* > it. *pruova*, a. fr. *pruede*, prov. *prōva*, esp. *prueba*, port. *prova* etc.; lat. vulg.

¹⁰⁰ Considerando-se Nyrop (1899, p.162), as formas e pronúncias relativas à língua francesa até aqui indicadas ocorrem em posição de sílaba livre. Quando em contexto de sílaba travada, “**O tonique entravé devient ou** [u]” (p.161), como em *courte* (< cōrtem), *coûte* (< constat) (cf. *loc. cit.*).

¹⁰¹ Quanto a isso, confira, por exemplo, Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.176).

¹⁰² Os exemplos aqui apresentados, assim como os demais a seguir sobre este tema, estão conforme Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.176-181).

¹⁰³ O desenvolvimento de *o* tônico livre do latim vulgar ao francês tem, segundo Nyrop (1899, p.158-159), como último estágio *eu* [ø], como em *neuf* (do lat. vulg. *nove*), *meule* (do lat. vulg. *mola*), *filleul* (do lat. vulg. *filiolu*) etc., o que está conforme Diez, na citação anterior. A forma *ue* de *ruede* e dos demais referentes a essa língua é uma forma intermediária desse desenvolvimento, ainda segundo Nyrop (*loc. cit.*): “Voici quelques détails sur le développement de *ò* en *eu*. 1° La voyelle ouverte *ò* [ɔ] se diphtongue d’abord en **uo**, prononcé probablement [wɔ], et qui se trouve dans Ste Eulalie et St. Léger: *buona*, *ruovet*, *huom*, *duol*, etc. [...]. 2° La diphtongue **uo** passe, dès le commencement du XI^e siècle, à **ue**; on trouve dans Alexis *avuec*, *duel*, *puet*, *vuel*, etc. [...]. 3° La diphtongue **ue** passe, probablement vers la fin du XII^e siècle, à un son simple, qui s’écrit de beaucoup de manières (*eu*, *oeu*, *oe*, *oue*), et qui a dû être la voyelle palatale arrondie (»low-front-round«) [ø]”.

solu > it. *suolo*, a. fr. *suel*, prov. *sql*, esp. *suelo*, port. *so* etc.; lat. vulg. *-olu* > it. *-uolo*, a. fr. *-uel*, prov. *-ql*, esp. *-uelo*, port. *-o* etc..

Já quando essa vogal é seguida de um grupo de consoantes, nunca se dá a ditongação em italiano, em francês, em provençal¹⁰⁴ e em português (lat. vulg. *fossa* > it. *fõssa*, a. fr. *fõsse*, prov. *fõssa*, port. *fõssa*; lat. vulg. *forte* > it. *fõrte*, a. fr. *fõrt*, prov. *fõrt*, port. *fõrte*; lat. vulg. *collu* > it. *cõllo*, a. fr. *col*, prov. *kql*, port. *cõllo* etc.), mas sempre ela ocorre em espanhol (lat. vulg. *fossa* > esp. *fuesa*; lat. vulg. *forte* > esp. *fuerte*; lat. vulg. *collu* > esp. *cuello* etc.)¹⁰⁵.

Em latim vulgar, três são os diminutivos que possuem em sua estrutura a vogal *o*. Em um deles (**-olu*), é seguida de consoante simples; nos demais (**-occu* e **-ottu*), de consoante dobrada. Considerando-se a argumentação apresentada nos parágrafos anteriores, verifica-se, portanto, que, no primeiro sufixo, as formas românicas dele originadas são: em port. *-oC_nV*; em it. *-uoC_nV*; em fr. *-euC_nV* (<*-ueC_nV*); em prov. *-oC_nV*; e em esp. *-ueC_nV*. Já nos sufixos em que há as consoantes *c* e *t* dobradas, a vogal *o* adquire as seguintes formas nessas línguas: *-oC_nV* em italiano, em francês¹⁰⁶, em provençal e em português, e *-ueC_nV* em espanhol.

3.2.1.1.7 Vogal *u*

Do mesmo modo que a vogal *o*, a vogal *u* só é encontrada, em posição de sílaba tônica, como parte da estrutura de um único sufixo diminutivo em latim vulgar, **-uccu*. De acordo com Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.68), “On trouve aussi *u* conservé dans la plus grande partie du domaine roman”. Isso se verifica, por exemplo, nos seguintes exemplos, expostos a partir de Meyer-Lübke (*op. cit.*, p.68-70): lat. vulg. *tu* > it. *tu*, esp. *tu*, port. *tu*; lat.

¹⁰⁴ Em relação à ocorrência do *o* em sílaba travada – que é o contexto no qual essa vogal ocorre nos sufixos **-occu* e **-ottu* e, portanto, o contexto que mais nos interessa, dentre aqueles em que essa vogal é seguida de grupo de consoantes – Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.193) afirma: “Tandis que *o* ENTRAVÉ persiste avec sa valeur de *o* en italien, en provençal et dans le français littéraire, il passe à *u*, de même que *o* provenant de *au*, dans tout l’EST, et partiellement aussi dans l’OUEST [...]”.

¹⁰⁵ A ditongação de *o* do latim vulgar ao espanhol é assim caracterizada por Menendez Pidal (1949 [1914¹], p.60): “La *õ* se diptongó primitivamente en *uõ* y luego en *ué*. [...] Luego las formas con *ue* se generalizaron: rota *rueda*, bonu *bueno*, jocu *juego*, fõcu *fuego*, nove *nueve*, õrphãnu *huérfano*, hospite *huésped*, cõlloco *cuelgo*, mõrtuu *muerto*”.

¹⁰⁶ Em relação ao desenvolvimento de *o* tônico em posição travada em francês, Nyrop (1899, p.157) assim se expressa: “O **tonique** [ouvert] **entravé** reste tel quel”. Eis alguns dos exemplos que o autor (cf. *loc. cit.*) faz seguir à sua afirmação: *cor* (< *cõrnu*), *porte* (< *põrta*), *col* (< *cõllum*), *mol* (< *mõllem*) etc..

vulg. *mur* > it. *muro*, esp. *muro*, port. *muro*; lat. vulg. *fructu* > it. *frutto*, esp. *frucho*, port. *fruto*; lat. vulg. *nullu* > it. *nullo*, esp. *nullo*, port. *nulo*¹⁰⁷.

Em francês e em provençal, no entanto, apesar de haver a manutenção da grafia *u* (lat. vulg. *acutu* > fr. *aigu*, prov. *agut*; lat. vulg. *luna* > fr. *lune*, prov. *luna*; lat. vulg. *mur* > fr. *mur*, prov. *mur*; lat. vulg. *natura* > fr. *nature*, prov. *natura* etc. (cf. DIEZ, 1874 [1836¹], p.153)), a sua realização fonética difere da encontrada em latim vulgar – que é *[u], a qual é mantida em italiano, em espanhol e em português. Naquelas duas línguas, em vez de [u], tem-se [ü] (no IPA [y]), como afirma Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.69): “Dans toute la France, en Piémont, à Gênes, en Lombardie et dans la Rhétie occidentale, *u* passe à *ü*, qui continue de se développer en *i* ou *æ*”.

Assim, o sufixo latino-vulgar *-*uccu* adquire as seguintes formas em cada uma dessas línguas românicas: em it. esp. e em port. -*uC_nV*; em fr. e em prov. -*u[y]C_nV*.

Terminada, assim, a exposição acerca da transformação das vogais em posição de sílaba tônica, poderíamos sintetizá-la conforme o quadro a seguir¹⁰⁸:

¹⁰⁷ Os exemplos referentes à língua portuguesa não constam na obra de Meyer-Lübke. Apresentamo-los, no entanto, considerando serem eles formas existentes nesta língua, assim como considerando, também, a afirmação de Nunes (1975 [1919¹], p.55), quando diz que “*U* tônico continua a subsistir em português”. Outros exemplos que podem ser apresentados para essa língua, de acordo com Nunes (*loc. cit.*), são: “acūtū-, agudo, lūna-, lua, nūdu-, nu, verrūca-, verruga, salūte-, saúde, pūlica-, pulga, scūtū-, escudo [...]”.

¹⁰⁸ Lausberg (*op. cit.*, p.116) apresenta um quadro bem mais rico em informações que o que nós apresentamos, uma vez que naquele consta não só a mudança regular dessas vogais – enquanto o nosso limita-se a isso –, mas também algumas formas excepcionais. Além disso, concentramo-nos em apresentar, apenas, o *terminus a quo* e o *terminus ad quem*, sem, portanto, inserir formas intermediárias entre ambas, as quais podem ser encontradas em Lausberg. Também no quadro que esse autor apresenta, há bastantes indicações de pronúncia, enquanto no nosso limitamo-nos, quase que exclusivamente, à representação gráfica, exceção feita somente às vogais *e* e *o*. Em relação à pronúncia das demais vogais ou grupos vocálicos, indicamo-la ao longo do texto, quando caracterizávamos as transformações de cada vogal.

Quadro 25 – Evolução do sistema vocálico em posição de sílaba tônica do latim vulgar às línguas românicas ocidentais

Vogal lat. vulg.	a	ɛ	ɛ	i	ɔ	ɔ	u
Português	a	ɛ	ɛ	i	ɔ	ɔ	u
Espanhol	a	ɛ	iɛ	i	ɔ	uɛ	u
travado	a	ɛ	ɛ	i	ou	ɔ	u
Francês							
livre	e	oi	ie	i	eu, œu, ɔ	eu	u
Provençal	a	ɛ	ɛ	i	ɔ	ɔ	u
travado	a	ɛ	ɛ	i	ɔ	ɔ	u
Italiano							
Livre	a	ɛ	iɛ	i	ɔ	uɔ	u

Fonte: O Autor

3.2.1.2 Evolução das vogais átonas do latim vulgar às línguas românicas ocidentais

Com o termo *vogais átonas*, designa-se um conjunto de vogais não-acentuadas que se localizam antes da vogal acentuada ou após esta. Seguindo Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.53) distinguiremos, entre as primeiras, vogais iniciais e protônicas e, dentre as que ocorrem após a vogal tônica, vogais postônicas e finais, conforme descrição a seguir:

Pour les voyelles ATONES, il y a à tenir compte de leur place AVANT ou APRÈS L'ACCENT. Les secondes se subdivisent em voyelles FINALES, lesquelles sont libres si elles terminent le mot et entravées si elles sont suivies d'une consonne, et en voyelles POSTTONIQUES, nom par lequel on désigne, à cause de sa brièveté, la voyelle médiale atone des proparoxytons. De la même manière, avant l'accent, il faut distinguer: les voyelles INITIALES, c'est-à-dire celles qui se trouvent dans la première syllabe, et les voyelles PROTONIQUES, c'est-à-dire celles qui sont dans la seconde syllabe des mots accentués sur la troisième.

Uma vez que o sufixo, na língua latina e nas línguas que dela se formaram, caracteriza-se por ser empregado na parte final da palavra – após a raiz ou radical – e ainda pelo fato de os sufixos diminutivos em latim vulgar serem compostos ou de vogal tônica mais

vogal final ou de vogal postônica mais vogal final, as vogais que se localizam em posição anterior à sílaba tônica pouco afetam as vogais átonas que ocorrem após a sílaba tônica, motivo por que têm pouca importância para o desenvolvimento deste estudo.

Desse modo, só abordaremos, nesta seção, as vogais átonas que ocorrem ou em posição postônica ou em posição final. Ainda aqui, não abordaremos todas as vogais, mas somente aquelas que são encontradas como parte da estrutura dos sufixos diminutivos latino-vulgares, as quais são *-a-*, *-e-* e *-u-*, nesta posição, e *-u-* naquela.

3.2.1.2.1 Vogais postônicas

As vogais que ocorrem nesta posição são, conforme descrição das vogais átonas apresentadas aqui, encontradas somente em palavras proparoxítonas, uma vez que ocorrem entre a vogal tônica e a vogal átona final. São vogais que, tendo por base as línguas românicas ocidentais, oferecem pouca resistência à mudança linguística, manifestando-se, regularmente, nesse contexto, a sua síncope em latim vulgar e nas línguas românicas. Em relação a isso, Diez e Meyer-Lübke são assertivos:

Après la tonique, dans les proparoxytons, il faut noter un phénomène fréquent et intéressant, que présente tout le domaine roman: c'est la chute de la voyelle suivante, habituellement *i* ou *u*. Ex.: ital. *caldo* (*calidus*), *opra* (*opera*), *posto* (*positus*), *occhio* pour *oclo* (*oculus*); esp. *caldo*, *obra*, *puesto*, *ojo*; fr. *chaud*, *oeuvre*, *cercle* (*circulus*) et des centaines d'autres (DIEZ, 1874 [1836¹], p.164).

Les voyelles posttoniques tombent en latin vulgaire devant *l*: *vetlus*, etc. (cf. §403); il en est de même entre *l*, *r* d'une part et *p*, *m*, *d* de l'autre: *caldus*, *calmus*, *colpus*, *ermus*, *virdis*, et dans *domnus*, mot pour lequel on a déjà le témoignage de Plaute (cf. §325) (MEYER-LÜBKE, 1890 [1890¹], p.29).

Em latim vulgar, os sufixos diminutivos que possuem essa vogal são **-culu* e **-ulu*. Com o desaparecimento desta vogal, esses sufixos ficam, portanto, mutilados, dando origem a um grupo consonantal formado de *consoante + -l-*: *apicla* < *apicula*, *oricla* < *oricla*, *vetlus* < *vetulus* etc.. Assim, nas línguas da România ocidental, não há vogal postônica nos sufixos derivados imediatamente dos sufixos diminutivos latino-vulgares.

Poderíamos, então, representar a modificação da vogal postônica *-u-* nos sufixos diminutivos do latim vulgar às línguas românicas, como no quadro abaixo¹⁰⁹:

Quadro 26 – Evolução da vogal postônica nos sufixos diminutivos do latim vulgar às línguas românicas ocidentais

Vogal lat. vulg.	u
português	∅
espanhol	∅
francês	∅
provençal	∅
italiano	∅

Fonte: O Autor

3.2.1.2.2 Vogais finais

Todos os sufixos diminutivos existentes em latim vulgar e apontados ao longo de nosso estudo possuem uma vogal átona final, a qual pode ser <a> (**-icca* e outras formas femininas), <e> (**-one*) ou, mais geralmente, <u> (**-culu*, **-ulu*, **-olu*, **-cellu*, **-ellu*, **-illu*, **-iccu*, **-accu*, **-eccu*, **-occu*, **-uccu*, **-ittu*, **-attu*, **-ettu*, **-ōttu*, **-inu*)¹¹⁰. Essas vogais, no entanto, não se transformam do mesmo modo nos diferentes domínios linguísticos da România ocidental: “Les voyelles atones finales, même celles qui ne le sont devenues que par la chute d’une consonne (*decem-dece*, *amat-ama*, *filius-filia*) sont assez diversement traitées dans les différentes langues” (DIEZ, 1874 [1836¹], p.165).

Desse modo, em italiano, as vogais <a> e <e> geralmente permanecem inalteradas, enquanto a vogal <u> torna-se <o>: “En ital. *a*, *e*, *i*, *o* persistent habituellement: *casa*, *forte*,

¹⁰⁹ O símbolo ∅, presente nos Quadros 26, 27 e 28, significa ausência de vogal – em decorrência de sua queda – na referida posição nas respectivas línguas românicas, nas formas originadas de sufixos diminutivos em latim vulgar.

¹¹⁰ Esta vogal, sendo breve (*ũ*), deveria ter-se transformado – de acordo com as regras de evolução fonética do latim vulgar de seu estágio 1 ao estágio 2, conforme discutido na seção 3.2 – em ∅. De acordo com Lausberg (*op. cit.*, p.156), isso não ocorreu para que o nominativo *ũs* não fosse confundido com o acusativo plural *∅s* (= *∅s* < *ũs*). Portanto, nesse contexto, segundo Lausberg (*loc. cit.*), *ũ* conserva-se como *u*; nas demais posições, ainda de acordo com Lausberg (*loc. cit.*), *ũ* transforma-se em ∅ (*ũ* > ∅). Desse modo, para a descrição das mudanças pelas quais o diminutivo latino-vulgar passou até as línguas românicas, consideraremos como sendo *u* a sua vogal átona final e não ∅.

jeri, ivi, uomo, amo, mais *u* se change en *o: cavallo*” (DIEZ, 1874 [1836¹], p.165). Em espanhol, há um comportamento semelhante ao italiano, embora as vogais finais sejam menos frequentes e a vogal <e> esteja mais sujeita à queda: “L’espagnol agit à peu près comme l’italien, avec cette différence que les voyelles finales sont moins fréquentes, la chute de l’*e* étant assez normale: *casa, fuerte, fácil, órden, amo, bueno*” (DIEZ, *loc. cit.*)¹¹¹. Na língua portuguesa, assim como ocorre com o espanhol e o italiano, essas vogais geralmente não são apocopadas¹¹², mas apresentam algumas particularidades, sobretudo quanto à pronúncia. Assim, enquanto a vogal <a> é mantida na escrita e na pronúncia (ex.: *casa, alma, boca* etc.), as vogais <e> – que se mantém grafada como <e> – e <u> – que passa a ser grafada como <o> –, assim como em espanhol e em italiano, são pronunciadas, respectivamente, [i] — “[...] l’*e* portugais a actuellement la valeur de *i*” (MEYER-LÜBKE, 1890 [1890¹], p.262) —, como em *padre, gente, mole*, e [u], diferindo, portanto, destas línguas, como destaca Meyer-Lübke (*op. cit.* p.263): “En ITALIEN et en ESPAGNOL on a *o*, en PORTUGAIS on a dans l’écriture, mais *u* dans la prononciation: ital. *tempo, dico, caballo, quando*, a.-ital. *mano* plur., *suoro*, esp. *digo, caballo, cuando, como, tiempo, uebo*, port. *digo = digu*”. Ainda em relação à mudança da vogal <e> final do latim vulgar ao português, uma particularidade interessa ao estudo dos diminutivos nesta língua: a sua queda quando faz parte do sufixo *-one, dando origem à forma -om (cf. NUNES, 1975 [1919¹], p.70)¹¹³, a qual, posteriormente, é modificada

¹¹¹ Quanto ao desenvolvimento de <e> átono final em espanhol, Menendez Pidal (1949 [1904¹]) afirma que ele se conserva (cf. p.79), exceto quando segue as consoantes *t, d, n, l, r, s* e *c*: “La *E* final se pierde siempre tras *T, D, N, L, R, S, C*; esta pérdida es muy tardía, posterior a la pérdida de la vocal postónica interna [...] nom(i)ne *nombre*, sal(i)ce *sauce*, pect(i)ne *peine* [...]. En la lengua antigua se perdía *-e* tras otras muchas consonantes” (MENENDEZ PIDAL, *op. cit. cit.*, p.80). Já em relação às vogais <a> e <u>, esse autor (*op. cit.*) afirma, respectivamente: “A LATINA SE CONSERVA. Arma *arma*, dubitas *dudas*, cantant *cantan*, amat *ama*” (p.78) — “*Ō, Ō, Ū, Ū* LATINAS. – 1) Los tres sonidos diferentes de la sílaba tónica *o, o* y *u* se confunden en la átona en dos, *o* y *u* [...]; ahora en la sílaba final no aparece sino uno solo, *o*: citō *cedo*, legō *leo*; quandō *quando*; tempūs *tiempo*, vinū *vino*; sensos (acusat. plur.) *sesos*, lacūs *lagos*, fructūs *frutos*” (p.80-81).

¹¹² Nunes (1975 [1919¹], p.69-70) assim caracteriza a mudança das vogais finais do latim vulgar ao português: “Como se viu atrás, as quatro vogais latinas *ē, ē, ĭ, ĭ*, que, quando tónicas, deram três sons diferentes e dois, quando átonas, agora em fim de palavras, reduziram-se a um único, *e*, ex.: unde, *onde*, hodiē, *hoje*, quidecī(m), *quinze*, dixī, *disse*, etc. O mesmo acontece a *ō, ō, ū, ū*, que, quando finais, fundiram-se numa só, *o*, que soa *u*, ex.: citō, *cedo*, quomodō, *como*, lignū, *lenho*, fructū, *fruto*, etc.”.

¹¹³ A conservação da vogal final <e>, pronunciada [i], em português existe concomitantemente com a queda dessa vogal. Nesse sentido, Williams (1973 [1961¹], p.59), embora admita que o <e> final do latim vulgar

em *-ão*, como em *razão* (< lat. vulg. **ratione*), *instituição* (< lat. vulg. **institutione*), *bênção* (< lat. vulg. **benedictione*) etc..

Em provençal e em francês, essas vogais praticamente não são encontradas em posição final. Naquela língua, por exemplo, das vogais finais aqui comentadas, geralmente só <a> é conservada: “En prov. *a* seul persiste, les autres voyelles disparaissent régulièrement quand l’euphonie ne les maintient pas: *casa, fort, paire (patrem), er (heri), y (ibi), testimoni (-ium), Virgili, caval, autre pour autr; o* est supplanté par *e* ou *i*; *laire (latro), ami (amo), etc.*” (DIEZ, 1874 [1836¹], p.165). Já em francês, segundo Nyrop (1899, p.207), “Toutes les voyelles atones finales s’amuissent, excepté *a*”, a qual muda em <e> [ə]: “**A final** s’affaiblit en *e* féminin [ə]” (p.209), como em *plume* (< lat. vulg. *pluma*), *dure* (< lat. vulg. *dura*), *aube* (< lat. vulg. *alba*) etc.. Ainda segundo este autor (*op. cit.*, p.208), a dificuldade em pronunciar alguns grupos de consoantes sem a presença de uma vogal após eles levou ao desenvolvimento de uma vogal de apoio, a qual é, de acordo com Diez (*loc. cit.*), a vogal <e>: “[...] la chute est aussi absolue, mais les voyelles qui ne tombent pas sont remplacées par *e*: *âme, fort, bonnement, hier, témoin, Virgile, aime (amo), cheval*”¹¹⁴.

No quadro a seguir, sintetizamos o exposto, apresentando como fica o “sistema vocálico” das línguas românicas acima referidas na posição átona final, especificamente em relação às vogais <a>, <e> e <u>¹¹⁵:

passa ao português como <e> (“1. *e* final do lat. vulg. > port. *e*: *ille* > *êle*; *ueritatem* > *verdade*; *famem* > *fome*; *carnem* > *carne* [...]”), afirma também ocorrer a sua queda diante das consoantes *l, n, r, s* e *c*, quando simples: “Se o *e* era o som final da palavra em latim vulgar e era precedido por um *l, n, r, s* ou *c* simples ou pelo grupo *t + [j]* antecedido de vogal, então *ê*le caía: *male* > *mal*; *sōlem* > *sol*; *hōmīnem* > *omē* (arcaico); *canem* > *cam* (arcaico); *ratiōnem* > *razom* (arcaico) [...]; *amōrem* > *amor* [...]; *mensem* > *mês*; *uicem* > *vez* [...]. Se a consoante era dupla, o *e* geralmente não caía: *ille* > *êle* [...]; *uallem* > *vale*”. Igual caracterização se encontra em Huber (1986, p.88-91).

¹¹⁴ Este mesmo fato se deu em provençal (cf. ANGLADE, *op. cit.*, p.123 e 125). Em relação às vogais finais nessas duas línguas (francês e provençal), Lausberg (*op. cit.*, p.157) assim se expressa: “Em fr. (e prov.) as vogais que normalmente desaparecem (§272) [isto é, <e>, <i>, <o>, <u>] mantêm-se como *-e[ə]* depois de certos grupos consonânticos, assim depois de consoante + *r* (*patre* fr. arc. *pedre, père*, prov. *paire*; alteru fr. prov. *autre*), -*mn*- (*somnu* fr. *somme*), labial + *y* (*rubeu*, *apiu* fr. *rouge, ache*) e depois de consoante + *l* (*inflō enfle*)”.

¹¹⁵ Para mais informações acerca do desenvolvimento destas e das outras vogais (ou seja, <i> e <o>) do latim vulgar a estas (e outras) línguas românicas, remetemos a Lausberg (*op. cit.*), Meyer-Lübke (1890 [1890¹]) e Diez (*op. cit.*).

Quadro 27 – Evolução das vogais átonas finais nos sufixos diminutivos do latim vulgar às línguas românicas ocidentais

vogal lat. vulg.	a	e	u
Português	a	e, ø	o
Espanhol	a	e, ø	o
Francês	e	ø, e	ø, e
Provençal	a	ø, e	ø, e
Italiano	a	e	o

Fonte: O Autor

Considerando, portanto, essas transformações das vogais finais <a>, <e> e <u>, assim como a evolução das vogais tônicas e postônicas mais acima apresentada, temos a seguinte composição vocálica para as formas românicas oriundas dos diminutivos latino-vulgares¹¹⁶:

¹¹⁶ Conforme destacado na nota 114, a dificuldade de pronunciar o grupo consonantal formado de *consoante* + *-l-* levou ao desenvolvimento de uma vogal <e> de apoio em provençal e em francês. Dentre os sufixos diminutivos latino-vulgares, somente **-clu* (< **-culu* ou **-tlu*) se caracteriza como tal. Desse modo, excetuando-se os sufixos terminados em *a*, ele será o único, nessas duas línguas, a contar com vogal final.

Quadro 28 – Sufixos diminutivos do latim vulgar às línguas românicas ocidentais, considerada a evolução das vogais tônicas e átonas finais

sufixos latino-vulgares	formas românicas				
	Italiano	Francês	Provençal	Espanhol	Português
*-accu	-aC _n o	-aC _n Ø	-aC _n Ø	-aC _n o	-aC _n o
*-attu	-aC _n o	-aC _n Ø	-aC _n Ø	-aC _n o	-aC _n o
*-eccu	-eC _n o	-eC _n Ø	-eC _n Ø	-eC _n o	-eC _n o
*-cɛllu	-C _n eC _n o	-C _n eC _n Ø	-C _n eC _n Ø	-C _n iɛC _n o > -C _n iC _n o	-C _n eC _n o
*-ɛllu	-eC _n o	-eC _n Ø	-eC _n Ø	-iɛC _n o > -iC _n o	-eC _n o
*-ɔlu	-uɔC _n o	-euC _n Ø	-ɔC _n Ø	-uɛC _n o	-oC _n o
*-ɔccu	-ɔC _n o	-ɔC _n Ø	-ɔC _n Ø	-uɛC _n o	-ɔC _n o
*-ɔttu	-ɔC _n o	-ɔC _n Ø	-ɔC _n Ø	-uɛC _n o	-ɔC _n o
*-inu	-iC _n o	-iC _n Ø	-iC _n Ø	-iC _n o	-iC _n o
*-iccu	-iC _n o	-iC _n Ø	-iC _n Ø	-iC _n o	-iC _n o
*-icca	-iC _n a	-iC _n e	-iC _n a	-iC _n a	-iC _n a
*-ittu	-iC _n o	-iC _n Ø	-iC _n Ø	-iC _n o	-iC _n o
*-ɔne	-ɔC _n e	-ɔC _n Ø	-ɔC _n Ø	-ɔC _n Ø	-ɔC _n Ø
*-clu < -culu	-C _n o	-C _n Ø ou -C _n e	-C _n Ø ou -C _n e	-C _n o	-C _n o
*-uccu	-uC _n o	-uC _n Ø	-uC _n Ø	-uC _n o	-uC _n o

Fonte: O Autor

3.2.1.3 Evolução das consoantes mediais do latim vulgar às línguas românicas ocidentais

Deve-se considerar, também, no estudo das transformações pelas quais os sufixos diminutivos latino-vulgares passaram até o surgimento das línguas românicas, o sistema consonântico latino-vulgar, uma vez que este, assim como o sistema vocálico, geralmente sofreu diferentes alterações quando se comparam as diferentes línguas românicas.

Desse modo, as alterações no sistema consonântico latino-vulgar – em combinação com as alterações no sistema vocálico – possibilitaram que alguns desses sufixos diminutivos adquirissem novas formas, algumas das quais, provavelmente, não mais foram reconhecidas pelos usuários dessas línguas como sufixos diminutivos, ocasionando, assim, a perda de sua significação diminutiva. Outros sufixos, no entanto, por pouco terem sido afetados pelas transformações dos sistemas consonântico e vocálico latino-vulgares, constinuararam a ser empregados com essa significação também nas línguas românicas ou em algumas delas.

Obviamente, para o estudo que estamos propondo apresentar, não é importante o comportamento das consoantes latino-vulgares em todas as posições em que possam ocorrer, mas somente nas posições em que ocorrem nos sufixos, isto é, como o sufixo vem após a raiz ou radical da palavra e, especificamente, os diminutivos em análise terminam em vogal¹¹⁷, somente abordaremos, aqui, as consoantes que ocorrem no interior da palavra, deixando, assim, de lado, as consoantes empregadas tanto em posição inicial, quanto em posição final. Além disso, somente focalizaremos aquelas consoantes que são encontradas nos sufixos diminutivos latino-vulgares, as quais são *-c-*, *-l-*, *-n-* e *-t-*, seja em sua forma simples (exceto *-t-*, que não ocorre dessa maneira), seja quando ocorrem dobradas, como em *-cc-*, *-ll-* e *-tt-*, seja ainda quando em grupo de consoantes, como *-cl-*¹¹⁸. Observe-se, também, que, nas situações em que o sufixo diminutivo vem antecedido de uma consoante, fato esse que ocorre

¹¹⁷ Uma vez ocorrendo em posição final nas palavras, os sufixos diminutivos latinos recebiam em sua parte final as formas correspondentes aos casos nos quais ocorriam, tendo, portanto, como consoante final <s> para o nominativo singular e <m> para o acusativo singular. A indistinção cada vez mais frequente, na língua falada, no sistema flexional de casos provocou a redução do número de casos em latim vulgar de seis, para dois e para um, acompanhado da eliminação das consoantes que eram empregadas para marcar os casos acima referidos (cf. DIEZ, 1874 [1838¹], p.2-12; MEYER-LÜBKE, 1895 [1894¹], p.1-6). Desse modo, embora os estudiosos do latim vulgar aqui citados tenham apresentado os sufixos diminutivos latino-vulgares com um <s> ou um <m> em seu final, e assim tenhamos nos referido a eles em alguns momentos desta pesquisa – justamente seguindo esses autores –, especialmente ao longo da seção 2.2.1.2, a partir de agora, no entanto, ao fazer referência a esses sufixos não mais apresentaremos essas consoantes em seu final, o que faz os referidos sufixos assumirem formas como **-cellu*, **-inu*, **-one*, **-accu*, **-ittu* etc..

¹¹⁸ Não é nosso intento aqui, assim como não o foi em relação à descrição que apresentamos acerca do desenvolvimento das vogais átonas e tônicas, apresentar todas as formas que uma consoante – e, por consequência, o sufixo do qual ela faz parte – alcançou nas línguas românicas que aqui estão sendo descritas. Desse modo, o que exporemos em relação a este tema, refere-se ao comportamento geral dessas consoantes na língua da literatura, não sendo, portanto, geralmente contempladas situações como desenvolvimentos secundários ou transformações ocorridas em dialetos. Quanto a desenvolvimentos secundários aos quais uma consoante, porventura, tenha sido submetida, somente os abordaremos se eles tiverem se generalizado em relação aos sufixos diminutivos. Por fim, advertimos que não apresentaremos todas as etapas do processo de transformação das consoantes descritas, uma vez que, para o estudo que está sendo proposto aqui, é suficiente conhecer somente o *terminus a quo* e o *terminus ad quem* de cada consoante, isto é, geralmente só apresentamos a consoante latina e a forma (gráfica e fonética) que ela alcançou ou em italiano, ou em francês, ou em provençal, ou em espanhol, ou em português, não sendo a nossa preocupação primária descrever as formas intermediárias entre essas duas, embora o façamos algumas vezes.

com o *-c-* ou com o *-cl-*, esta interfere em sua transformação. Este é o único momento em que faremos referência à consoante que não faz parte do sufixo.

3.2.1.3.1 Grupo de consoantes mistas *-cl-*

Iniciemos, então, pelo [k] no sufixo **-culu* – representado graficamente por *-c-* –, o qual pode ocorrer tanto antecedido por um som vocálico (*anniculus* / *annuculus* [REW, 481]¹¹⁹, *corniculum* / *cornuculum* [REW, 2239], *folliculus* [REW, 3419], *ventriculus* [REW, 9209] etc.), como por uma consoante (*furunculus* [REW, 3607], *juvenculus* [REW, 4639], *masculus* [REW, 5392] etc.). A síncope da vogal *-u-* postônica reduz, no entanto, esse sufixo a **-clu* – cf. *Appendix Probi*, In: SILVA NETO, 1956 [1938¹]: *masculus* non *masclus* (AP, 4), *articulus* non *articlus* (AP, 8), *auris* non *oricla* (Ap, 83) etc. –, dando origem ao encontro consonantal *-cl-*, que se transforma diferentemente se for antecedido por vogal ou por consoante nas diferentes línguas da România ocidental.

Assim, no primeiro desses contextos, o grupo consonantal *-cl-* muda-se em *-cchi-* em italiano, conforme Meyer-Lübke (1901 [1890¹]): “I nessi *CL* [...] palatalizzandosi la *l* in *ĩ* (*kĩ*) [...], e, più tardi, in *j*, raddoppiando il primo elemento: *kki* ecc.” (p.95), isto é,

I nessi conson. *L* vengono trattati come a formola iniziale, il secondo elemento (*l*) si reduce a *ĩ* e poi *j*. Ma a formola mediana il primo elemento si aggemina. [...] *-CL-* in *kkj*: mac[u]la *macchia*, *auric[u]la *orecchia*, *genuc[u]la *ginocchia*, *suc[u]lat *succhia*, spec[u]lat *specchia*, *manuc[u]la *manocchia* (e *manocchio*, *specchio*, ecc.), jac[u]lu *giacchio*, pic[u]lu *picchio*, capoc[u]lu *capocchio*, -ac[u]lu *-acchio* (*batacchio*, ecc.), e, secondo il §98, sit[u]la *secchia*, *pat[u]la *pacchia*, vet[u]lu *vecchio*, vit[u]lu *vecchio*, rot[u]lu, *rocchio*, cat[u]lu *cacchio*, capit[u]lu *cavichio* (§29) (MEYER-LÜBKE, *op. cit.*, p.113-114).

Em francês, a mudança foi, inicialmente, em [ʃ] (no IPA [ʎ]):

La latérale palatale qu'on appelle *l mouillé*, était inconnue dans le latin classique; elle s'est développée dans le parler vulgaire et se retrouve dans toutes les langues

¹¹⁹ O número, tanto no *Romanisches Etymologisches Wörterbuch* (REW), quanto no *Appendix Probi* (AP), indica a posição da palavra nessas obras. Assim, o número 481, no REW, indica que as palavras *anniculus* / *annuculus* são antecidas de outras 480 palavras já comentadas e assim sucessivamente. Do mesmo modo, o número 4, no *Appendix Probi*, indica que já outras três palavras foram enumeradas e assim na sequência.

romanes (excepté le sarde?); elle provient, en français, des groupes *lj, jl, cl, gl*: *filia* > *filja* > *fiła*, *bajulare* > *bajlare* > *bałar*, *oculum* > *oclo* > *oło*, *vigilare* > *veglar* > *vełar*. Dans tous ces mots, on avait dans la vieille langue un *l* mouillé: *fille* [fiłə], *baillier* [bałjäR], *œil* [öł], *veillier* [vełjäR] (NYROP, 1899, p.283).

Na ortografia, representava-se esse som por *-ill-*, no interior da palavra, e por *-il*, no final:

L'orthographe française a représenté la latérale mouillée par des graphies très variées. Citons comme la plus employée **ill**, et à la fin des mots **il**: *oreille*, *travaille*, *grenouille*, *conseiller*, *travailler*, *mouiller*; *conseil*, *travail*, *fenouil*; après un *i*, on écrit seulement **ll** ou **l**: *fille*, *vrille*, *grésil*, *mil* (NYROP, 1899, p.283).

Por um desenvolvimento posterior desse som, ele foi substituído pela semivogal [j] ([ʎ] > [j]): “Dans la langue moderne, la latérale mouillée n'existe plus; elle a été simplifiée en [j]: *fille* se prononce [fi:j], *briller*, [brije], etc.” (NYROP, *loc. cit.*). Ortograficamente, no entanto, não houve mudança: “La simplification de la latérale mouillée en [j] n'a pas été notée dans l'orthographe ordinaire; on continue à écrire *fille*, *bouteille*, *paille*, quoique ces mots ne contiennent plus de *l*” (*ibid.*, p.284).

Do mesmo modo que o francês, em provençal esse grupo consonantal se desenvolveu em uma consoante molhada (-cl- > [ʎ]), que nesta língua é representada por *lh*: “C'l intervocalique, devenu final en roman ou resté intervocalique, donne *l* mouillée (*lh*). Ex. *Apiculam*, *apic'la* > *abēlha*; *genuclum* > *genōlh*; **veclum* (pour **vetulum*) > *vēlh*; *craticulam* > *grazilha*; *soliculum*, *solic'lum* > *solelh*, etc.” (ANGLADE, *op. cit.*, p.167). Também em português, -cl- muda-se “[...] em *lh*, quando entre vogais [...]” (NUNES, 1975 [1919¹], p.121), como em “*oric(u)la- (por *auricula-*), *orelha*, *grac(u)lu-*, *gralho*, *spec(u)lu-*, *espelho*, **acuc(u)la*, *agulha*, *apic(u)la-*, *abelha*, *mac(u)la*, *malha*, *vulpec(u)la-*, *golpelha* (arc.), **genuc(u)lu-* (por *geniculum*), *geolho* (arc.), *joelho*, *oc(u)lu-*, *olho* [...]” (NUNES, *op. cit.*, p.121-122).

Já em espanhol, segundo Diez (1874 [1836¹], p.195-196), “La forme dominante de la médiale (*tl, cl, gl, pl*) est *j* [...]”, cujo processo de transformação fonética foi “[ʎ] > esp. a. [j] > esp. m. [χ]” (LAUSBERG, *op. cit.*, p.202). Eis alguns dos exemplos que Diez (*op. cit.*, p.196) apresenta para demonstrar esse fato: “*almeja* (*mytilus*), *viejo* (*vetulus*), *abeja* (*apicula*), *corneja* (*cornicula*), *grajo* (*graculus*), *hinojo* (*foeniculum*), *lenteja* (*lenticula*), *ojo* (*oculus*), *oreja* (*auricula*), *piojo* (*pediculus*), *reja* (*reticulum*) [...]”.

Quando antecedido de uma consoante, este grupo consonantal se altera, no entanto, de modo diferente do apresentado anteriormente. Em italiano, por exemplo, não ocorreu a geminação da consoante oclusiva: *-cl-* > *-chi-* [kj] e não a *-cchi-* [kkj], como em *raschio* (< *ras[i]c[u]lo), *mischio* (< *misc[u]lo), *carbonchio* (< carbunclu)¹²⁰. Em português, *-cl-* medial não intervocálico, ou seja, quando antecedido de consoante, dá origem a *-ch-* [ʃ] (cf. NUNES, 1975 [1919¹], p.121), como verificamos nos seguintes exemplos apontados por Nunes (*loc. cit.*): *mancha* < *manc(u)la, *troncho* < trunc(u)lu, *caruncho* < carbunc(u)lu, *sacho* < sarc(u)lu, *tocha* < *torc(u)la, *macho* < masc(u)lu, *facha* < *fascla. Em espanhol, desenvolveu-se um som palatal (ou africado) surdo nesse contexto, representado na escrita por *-ch-*, conforme Menendez Pidal (1949 [1904¹], p.164):

[...] cuando precede otra consonante, como la *c* no puede sonorizarse, se produce un sonido palatal sordo: circulu *cercho, cercha; cicercula cicercha, trunculu troncho, *mancula (§69, por macula) mancha, conchula concha, *cinctũlu (imitado de cingũlu; it. *cintolo*) cincho. La primera consonante del grupo puede desaparecer: sarculu sacho, marculo ('martillo' o martulum) macho, masculu macho, calculu cacho [...].

Em francês, o grupo *-cl-* medial não intervocálico altera-se de duas diferentes formas, caso seja antecedido de <s> ou de <n> ou <r>. No primeiro contexto, o *-c-* desaparece, enquanto que o *l* permanece: “C s’efface s’il est précédé ou suivi de S: masc(u)lum > *masle*, *mâle*: *misc(u)lare > *mesler*, *mêler* [...]” (NYROP, 1899, p.326). Já no segundo, ele não sofre alteração: “C se maintient devant L dans les groupes **NCL** et **RCL**: avunc(u)lum > *oncle*; carbunc(u)lum > vfr. *escarboncle*, devenu *escarboucle* (§329); circ(u)lum > *cercle*, *cooperc(u)lum > *couvercle*; sarc(u)lare > *sarcler* (NYROP, *loc. cit.*, p326)”. Também neste contexto, o provençal apresenta um desenvolvimento diferente para o grupo *-cl-*, ou melhor, esse grupo não se altera em provençal, quando antecedido por consoante, conforme afirma Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.442): “Mais le provençal et les dialectes du Sud-Est et du Sud-Ouest ont conservé *mesclar*, *mascle*, *rasclar*, etc.” Outros exemplos são, conforme Diez (1874 [1838¹], p.300), *carboncle* (< lat. vulg. *carbunclu*), *avoncle* ou *oncle* (< lat. vulg. *avunclu*), *muscle* (< lat. vulg. *musclu*).

¹²⁰ Os dois primeiros exemplos são apresentados por Meyer-Lübke (1901 [1890¹], p.114); o último, por Diez (1874 [1838¹], p.300).

3.2.1.3.2 Consoantes simples -c-, -l- e -n-

De modo diferente do grafema -c- no sufixo *-culu > *-clu, esse mesmo grafema nos sufixos *-cellu (e *-cillu) não representa, em latim vulgar, o som velar [k], mas sim um som sibilado ou palatalizado. Em relação a isso, consideremos o que afirma Bourciez (*op. cit.*, p.49-50):

Une questions les plus discutées de la phonétique du latin vulgaire a trait à la valeur des consonnes gutturales placées devant les voyelles palatales *e, i*. Dans la prononciation classique, le *c* avait dans ces cas un son vélaire, celui du χ grec: *kervum, kelum, kimikem* (= *cervum*, etc.). Mais il n'a conservé ce son dur qu'en Sardaigne (logoud. *Kerbu, kelu, kimige*) et sur les côtes de la Dalmatie (vegl. *kaina* = *cēna, plakar* = *placēre*), tandis que partout ailleurs il a subi une évolution en *ts* ou *tš* (§165). Il est donc probable qu'à l'époque impériale *c* avait été déjà palatalisé, son point d'articulation s'étant rapproché de celui de *e, i*, par action assimilative: on devait en être dès le II^e ou le III^e siècle à une étape ζ (latin parlé *kervu*, etc.).

Além disso, em latim vulgar, tanto o -e-, quanto o -i- que se seguem a esse som, nos sufixos *-cellu, *-cillu, eram vogais tônicas, o que não permitiu que elas sofressem síncope, tal como ocorreu com o -u- átono que seguia o -c- *[k] no sufixo *-culu > *-clu.

Ora, essas duas características possibilitaram, portanto, que o -c- (*[ts] ou *[tʃ]) se caracterizasse, em relação à mudança, de forma diferente do -c- do sufixo *-clu. Assim, de acordo com Joret (1874, p.86), por exemplo, “le *c* palatal se transforme d'ordinaire en \check{c} ou *ts* dans les six idiomes romans”, podendo cada um destes sons modificar-se, em seguida, respectivamente, em $\check{g}, \check{s}, \check{z}$, *ts* ou *tz* < \check{c} (em símbolos do IPA *[dʒ], *[ʃ], *[ʒ], *[ts] ou *[dz] < *[tʃ], respectivamente) – mais comuns na România oriental – e em *s, ç, z, θ* ou δ < *ts* (em símbolos do IPA *[s̺], *[s], *[z], *[θ] ou *[ð] < *[ts], respectivamente) – os quais geralmente ocorrem na România ocidental (cf. JORET, *op. cit.*, p.110). Como em algumas dessas línguas essa mudança está relacionada com a posição em que o -c- palatal ocorre na palavra – se entre vogais ou após uma consoante –, exporemos a alteração desse som, nas línguas aqui contempladas, começando pelo primeiro desses contextos.

Assim, em provençal, “*C* intervocalique suivi de *e, i*, passe à *z*. Ex. *Vicinum* > *vezi*; *cocinam* (pour *coquinam*) > *cozina*; **racimum* (lat. cl. *racemum*) > *razin*” (ANGALDE, *op. cit.*, p.165). O mesmo fato fonético ocorre na língua francesa, na qual “**La prépalatale**, qui se trouve devant *e, i* (*uce, oce, ace, ece, ice, uci, oci, aci, eci, ici*), devient [z] en dégageant un

yod: racemum > *raisin*, vicinum > *voisin*” (NYROP, 1899, p.327-328), ou seja, “C devant une voyelle palatale, non finale, se transforme en s [z], en dégageant un yod” (*ibid.*, p.329), como nos seguintes exemplos: *plaisir* (< placere), *loisir* (< licere), *taisir* (< tacere), *moisir* (< mucere), *raisin* (< racemum), *voisin* (< vicinum), *oiseau* (< avicellum), *demoiselle* (< dominicella) (cf. NYROP, *op. cit.*, p.330). Assim como em provençal e em francês, em português ocorre a sonorização da consoante surda¹²¹:

“C’ converte-se em z, caindo o e que se lhe segue, quando final ou tornado tal pela queda de consoante, ex.: 1.º: aducere, *aduzer* (arc.), *aduzir*, dicere, *dizer*, facere *fazer*, licere *lezer*, nocere, *nozer* e *nuzir* (arc.), recente, *rezente* (arc.), *bucīnu-, *búzio*, vĕcinu-, *vezinho*, homicidiu-, *omezio* (arc.), vacivu-, *vazio*, *hamiciolu-, *anzol*, simplicitate-, *semprizidade* (arc.), etc.; 2.º: vice-, *vez*, cruce-, *cruz*, voce-, *voz*, radice-, *raiz*, *narice-, *nariz*, pumĭce-, *pomez*, aurifice-, *ourivez*, luce-, *luz*, pace-, *paz*, faci(t), *faz*, etc.” (NUNES, 1975 [1919¹], p.104-105)¹²².

Por sua vez, em espanhol, a consoante -c- intervocálica diante de -e- e -i- passa por uma dupla transformação, a qual consiste em sua sonorização e, em seguida, em sua dessonorização¹²³, como explica Menendez Pidal: “[...] antiguamente todo ce ci latino se

¹²¹ Huber (*op. cit.*, p.127) assim explica a sonorização de c intervocálico diante de <e> e <i> do latim vulgar ao português: “No interior de palavra, entre vogais, o lat. CE, CI passou provavelmente primeiro a dz, que depois deu z (= s sonoro), sendo este, por vezes, também representado na escrita por s: *aduzer* (§197), decima > *dezima* (1214) ‘dízima’, *duzentos* 200, *trezentos* 300, *fazemos* (1192) ‘fazemos’”.

¹²² De acordo com as convenções adotadas por Nunes (*op. cit.*) e apresentadas na p.XII, o sinal gráfico ‘ colocado à direita da consoante C (C’) indica tratar-se de uma consoante palatalizada — “‘ sobreposto a uma consoante [indica] a sua palatização, isto é, passagem da classe de *oclusiva* à de *constritiva*” —, sem acrescentar-lhe nenhuma outra característica. Todavia, acreditamos tratar-se do mesmo som representado por Menéndez Pidal (1949 [1904¹], p.93-94) como *ć*, o qual é assim caracterizado (*loc. cit.*, itálicos nossos): “Después, la pronunciación vulgar o corriente del latín se distinguió por una vasta tendencia a la palatalización de ciertos sonidos, contra los usos del latín antiguo. a) Como la C ante vocal de la serie anterior o palatal, e, i, avanza naturalmente su punto de articulación a post-palatal, que escribimos *k* o *ć*, avanzó luego más, hasta hacerse prepalatal, africándose o asibilándose, según indican varias grafías en las inscripciones, como *IN PAΘE* del año 383, *intcitamento* anterior a 410, *paze*, *fesit*, etc., y en una inscripción de la Bética, del siglo VI o VII, *Scipriano*. Esta africada cuasi *ts* fué continuada por la *ç* del español antiguo, que cuando era intervocálica se sonorizó en la antigua *z* cuasi *ds*, §35, bis²”.

¹²³ Referindo-se ao processo de palatalização pelo qual o -c- seguido de <e> ou <i> passou na Ibero-România, Lausberg (*op. cit.*, p.195) traz importantes informações acerca do desenvolvimento dessa consoante em

escribía en español con *z*, que era sonora, y no con *c*, que era sorda: *dize* [< dicit], *hazes* [< facis], *vezino* [< vicinum]; *racemum*, *razimo*; *placere*, *plazer*, y sólo en el siglo XVII se pronunció sorda” (1904, p.64-65) — “Desde el siglo XVII esta *z* pasó a ser sorda y se escribió *c*: *vecino*, etc.” (1949 [1904¹], p.132). Por fim, em italiano, a consoante *-c-* continua sendo grafada como <c> – tal qual em espanhol –, mas sua realização fonética se dá como [ʃ] (no IPA [ʃ])¹²⁴ (cf. LAUSBERG, *op. cit.*, p.195; ROHLFS, 1966 [1949¹], p.289), como nas palavras *vicino*, *croce* e *dieci*, pronunciadas, segundo Rohlfs (*loc. cit.*), como *višino*, *croše* e *dièši*.

Quando, porém, *-c-* seguido de <e> ou <i> ocorre após uma consoante, identificam-se, nas línguas da România ocidental, algumas diferenças em relação ao comportamento geralmente apresentado quando sua ocorrência se dá em contexto intervocálico, exceto para o italiano, língua na qual essa consoante sofre o mesmo tipo de mudança em ambas as

espanhol, ou seja, acerca de seu processo de sonorização e dessonorização: “Na Ístria por um lado, na Ibero-România por outro lado, a fonação originária é [ɖ] em vez de [ʒ], o que faz supor um desaparecimento tardio da oclusão [ɖ > ǵ > dʒ > ɖ]. Em catalão o [ɖ] desaparece (como [ɖ] < -d-, §377): *vicinu vehí*, *dicere dehir*. Em espanhol arcaico o [ɖ] manteve-se (*vezino*, *dezir*), em espanhol moderno é dessonorizado para [ʒ] nos sécs. XVI-XVII (‘dessonorização castelhana’, §470). O [z] existente em português também deve remontar a [ɖ]: *vizinho*, *dizer*”. Ainda em relação aos sons espanhóis [ʒ] e [ɖ] (no IPA, respectivamente [θ] e [ð]), esse mesmo autor (*op. cit.*) os caracteriza, do ponto de vista de sua articulação, como fricativos apicais ou interdentaes, conforme segue: “O ponto normal da fricção é a face posterior dos dentes incisivos (por isso, fricativas ‘pós-dentais’ ou simplesmente ‘dentais’). Nisso são possíveis duas posições do ápice da língua: na primeira um jacto ténue de ar passa através de um canal mais ou menos *estreito*, formado pelo pré-dorso da língua; no segundo caso um *amplo* jacto de ar passa pela língua que se encontra em posição horizontal. Com o jacto de ar ténue formam-se as sibilantes [s] (surda) em fr. *seul* e [z] (sonora) em fr. *zero*. Com o amplo jacto de ar surgem os sons [ʒ] (surdo) em ingl. *thing*, esp. *ceceo* e [ɖ] (sonoro) em ingl. *the*, esp. *cada*” (p.66) — “Os sons [ʒ] e [ɖ] pronunciam-se muitas vezes como ‘interdentaes’ (em vez de como pós-dentais), de modo que o ápice avança um pouco entre os dentes” (*loc. cit.*, em nota de rodapé).

¹²⁴ Conforme já advertimos na nota 118, a língua que estamos descrevendo é a literária, a norma padrão, e não o falar do dia-a-dia das pessoas. Desse modo, em relação à língua italiana, o que veio a tornar-se a língua literária foi a norma de Florença, na região da Toscana (cf. LAUSBERG, *op. cit.*, p.37; ROHLFS, *op. cit.*, p.289), na qual o *-c-*, diante de <e> e de <i>, se torna [ʃ], contrastando com outras partes da Itália, cujo desenvolvimento foi em [tʃ]: “A fonação [ɖ] mantém-se em romeno e italiano do sul (também na Córsega do sul): *vicinu rom vecin*, it. s. *vicinu [ɖ]*. Em toscano [...] dá-se afrouxamento da oclusão, a qual depois desaparece por completo, resultando [ʃ]: *vicino [višino]*” (LAUSBERG, *op. cit.*, p.195) — “Nell’Italia centrale e meridionale *k* si è sviluppata nell’affricata *č* ovvero nella fricativa *š*: la maggior parte del Mezzogiorno presenta la pronuncia *č* (*vicínu, cruči, dèci*), mentre in Toscana prevale la fricativa *š* (*višino, croše, dièši*)” (ROHLFS, *op. cit.*, p.289).

situações. Assim, em italiano, *-c-*, nesse contexto, continua sendo grafado como *-c-* e – segundo se pode deprender de Joret (*op. cit.*) – pronunciado *č* (no IPA [tʃ]), como em *dolce* (< dulcem), *mercede* (< mercedem), no italiano do sul e do centro (cf. p.89-90), e *š* (no IPA [ʃ]) na região da Toscana: “Bien que les grammaires semblent dire le contraire, *š* est la vraie prononciation que les Toscans donnent au *c* suivi de *e* ou de *i*, prononcé *tch* dans la plupart des autres dialectes italiens [...]” (JORET, *op. cit.*, p.96). Quanto ao espanhol, “*cons.Ć* da regularmente *cons.ç*, es decir, un sonido sordo como es de esperar: *vençer, torçer, dulçe, entonçe, coçes*. Esporádicamente hallamos *cons.ch* (comp. §372c): **marciditytare marchitar* [...]” (MENÉNDEZ PIDAL, 1949 [1904¹], p.139; cf. tb. COMMELERÁN Y GÓMEZ, 1897 [1889¹], p.631; ALEMANY BOLUFER, 1903 [1902¹], p.37-38), representando-se-o, na grafia, por *-c-*, a partir do século XVII¹²⁵ (cf. MENÉNDEZ PIDAL, 1949 [1904¹], p.132)¹²⁶. Nas demais línguas românicas (francês, provençal e português), o comportamento é o seguinte: em francês, “**C (+ e, i) initial d’une syllabe** après une consonne” (NYROP, 1899, p. 320) “[...] se change en [s] qui s’écrit ordinairement **c**, mais on trouve aussi **s** ou **ss** (*ibid.*, p.319)¹²⁷, como em *monticellum* > *monceau*, *porcellum* > *pourceau*, *pull(i)cella* > *pucelle*,

¹²⁵ Já em fins do século XVI, encontra-se em López de Velasco (1582) a recomendação que se escreva *c* e não *c* com cedilha (*ç*) antes de *e* e de *i*, uma vez que ambos são pronunciados identicamente: “La, *c*. usa desta voz [El sonido y voz que la, *ç*. *con cedilla* haze, es (como quéda dicho) el própio que la de su nombre, que se forma con la estremidad anterior de la lengua, casi mordída de los dientes, no apretados, sino de manera que pueda salir algũ aliento y espirito] teniẽdo debaxo cedilla cõ la, *a.o.u.* y con la, *e*. y con la *i*. sin cedilla, que no á menester porq̃ no puede sonar de otra manera” (LÓPEZ DE VELASCO, 1582, p.74, destaques nossos). O mesmo procedimento adota ao expor regras para o uso dessa letra, quando afirma (*op. cit.*, p.98, destaques nossos): “Precediendo, *n*. casi siempre se sigue *ç*. como en *esperança* saluo en nueue o diez palavras [...]”; ora, se depois de *n* deve-se escrever *ç* e se não se escreve esta letra antes de *e* e *i*, é possível concluir que se deve escrever *c* depois de *n* e antes destas vogais. — “Precediendo, *r*. tambien se sigue casi siempre *c*., como en garça [...]”. — “Despues de, *s*. o nunca ay nignuna de estas letras [*c*, *ç* ou *z*], o si la huuiere sera siempre *c*. como em sciencia, discipulo”.

¹²⁶ Embora a consoante *-c-* seguida de <e> ou <i> em posição não intervocálica venha, na língua espanhola, a coincidir, em termos de representação gráfica, a partir do século XVII, com essa mesma consoante em posição intervocálica, o desenvolvimento fonético de cada uma delas deu-se, historicamente, de maneira diferente. Daí, também, como vimos, as suas representações gráficas terem sido feitas, respectivamente, por *-z-* e *-ç-* até àquele século.

¹²⁷ O emprego de *-s-* ou *-ss-*, nesse contexto, parece ser bem menos frequente que o de *-c-*, uma vez que Nyrop (*op. cit.*, p.320) apresenta apenas quatro exemplos nos quais eles ocorrem, a saber: *bassin* < *baccinum*, *poussin* < *pull(i)cenum*, *herse* < *hirp(i)cem* e *panse* < *pant(i)cem*.

rad(i)cina > *racine*, ram(i)cellum > *rinceau* (cf. *ibid.*, p.320); em português, ocorre como segue:

No início e no interior de palavra depois de consoante, o lat. CE, CI, mediante uma palatalização progressiva, deu *ts*, que ainda na época do português antigo – pelo menos no Sul de Portugal – se reduziu à consoante simples *s*; encontra-se representado na escrita por *c*, *ç*, e *s*: [...] *mercede* > *merce(e)* ‘mercê’, *mancipiu* > *mancebo*, *intunce* > *entonce* ‘então’, *dulce* > *doce*; *sce* > *ce*: *conhocer* (§219, 1) ‘conhecer’, *crescere* > *crecer* ‘crescer’, *nacer* ‘nascer’, *pacer* ‘pacer’ (HUBER, *op. cit.*, p.126-127).

Em provençal, de acordo com Koschwitz (1894, p.44-46), *-c-* diante de <e> ou <i>, antecedido de consoante, deu origem a *-s-*, que soa como [s].

Outras consoantes que fazem parte da estrutura dos sufixos diminutivos empregados em latim vulgar são *-l-* e *-n-*. A primeira dessas pode ocorrer tanto sob a forma de consoante simples *-l-*, quanto de consoante dobrada *-ll-*; já a segunda, só ocorre sob a forma simples *-n-*. Abordaremos, inicialmente, o comportamento das consoantes simples.

A consoante *-l-* ocorre nos sufixos **-culu*, **-ulu* e **-olu*. A alteração desses sufixos, no entanto, dá-se de maneira diferente, conforme a seguir: 1) com a síncope do *-u-* nos dois primeiros sufixos, há a formação de grupos de consoantes **-clu* e **-C_nlu* (em que C_n representa uma consoante qualquer que faça parte do radical da palavra a que o sufixo **-ulu* foi acrescentado). A consoante desta última forma – se for <t> –, sofrerá mudança ainda no latim vulgar¹²⁸ e dará origem ao sufixo **-clu*, como ocorre nos seguintes exemplos: *vetulus* [> *vetlus* >] non *veclus* (AP, 5); *vitulus* [> *vitlus* >] non *viclus* (AP, 6); *capitulum* [> *capitlum* >] non *capiclum* (AP, 167)¹²⁹; 2) já no sufixo **-olu* não há, em latim vulgar, a síncope da vogal que antecede a consoante *-l-* – em virtude de seu caráter tônico¹³⁰ –, motivo porque não há a

¹²⁸ Em relação à mudança de *-tl-* em *-cl-* (*-tl-* > *-cl-*) após a síncope de *-u-*, assim se expressa Tagliavini (*op. cit.*, p.201): “Il nesso *tl*, che già nel Latino preistorico era passato a *cl* (**potlom*, da *potare* > *poclom*, *poculum*) mantenne la medesima tendenza anche nel Latino volgare, quando venne a formarsi in seguito alla síncope di vocali atona, e così, come già si è accennato, *tl* nato da *t'l*, passa a *cl* (*vetulus* > *vetlus* > *veclus*)”.

¹²⁹ Cf. o que expusemos na seção 3.2.1.3.1 sobre a transformação do grupo consonantal *-cl-* do latim vulgar às línguas românicas.

¹³⁰ O sufixo diminutivo **-olu*, que quase sempre vem antecedido de <e> ou de <i>, possui em latim vulgar o acento em posição diferente da que ocorre em latim clássico. Assim, enquanto nesta variedade, quando se

formação do grupo consonântico *consoante* + *-l-*. Assim, a transformação de *-l-* deve ser analisada considerando o seu carácter intervocálico.

No entanto, mesmo neste contexto, não se encontra uma única transformação desse som do latim vulgar às línguas românicas, como se evidencia nas seguintes palavras de Lausberg (*op. cit.*, p.194):

O *-l-* latino parece ser pronunciado, antes de vogal palatal, com a ponta da língua (*velim*), antes de vogal velar, com o pós-dorso da língua (*volo*). Este carácter duplo do *-l-* latino desapareceu no românico, nalgumas regiões (determinados dialectos do italiano do sul e campidanese) pela generalização da articulação velar, mas na maior parte da România pela generalização da pronúncia apical. Este último *-l-* mantém-se normalmente na maioria das línguas, em romeno (e certos dialectos do sardo, do italiano do norte e do provençal) passa a *r*, em português desaparece.

Ou seja, a consoante *-l-* intervocálica mantém-se em francês: “**L intervocalique** se maintient: tela > *toile*; ala > *ele, aile* (§ 170); dolorem > *douleur*; palatium > *palais*. Dans quelques mots, il y a eu un redoublement graphique de L: *allègre* (alacrem), *chandelle* (candela), *pelle* (pala), *querelle* (quaerela), *voyelle* (vocalem)” (NYROP, 1899, p.275). Também se conserva em italiano — “S’è già osservato che, di solito, le *sonanti restano inalterate* tanto dopo che prima dell’accento, tanto in parossitoni che in proparossitoni. *-L- = l*: sale *sale*, *volet (§207) *vuole*, caelu *cielo*, tela *tela*, mulu *mulo*; calore *calore*, colore *colore*, molinu *mulino*; hilare *ilare*, secale *segale*” (MEYER-LÜBKE, 1901 [1890¹], p.107) —, em espanhol — “LAS NASALES Y LÍQUIDAS PERMANECEN. [...] L: dolore *dolor*, malu *malo*, pilu *pelo* [...]” (MENENDEZ PIDAL, 1949 [1904¹], p.134) — e em provençal — “L intervocalique se maintient” (ANGLADE, *op. cit.*, p.191) —, mas desaparece em português: “la chute [est] complète en PORTUGAIS” (MEYER-LÜBKE, 1890 [1890¹], p.408), ou, como afirmou Diez (1874 [1836¹], p.190),

[...] la syncope est très-usitée en portugais comme dans *aguia* (*aquila*), *candêa* (*-dela*), *côr* (*color*), *débeis* (*débiles*), *dór* (*dolor*), *mágoa* (*macula*), *pêgo* (*pelagus*), *saúde* (*salus*), *saudação* (*salutatio*), *sahir* (*salire*), *taboa* (*tabula*), *taes* (*tales*), *vêo* (*velum*), *voar* (*volare*), arch. *besta* (*balista*), *moyer* (*mulier*) [...].

tinham as terminações *-eolus* e *-iolus*, o acento recaía sobre a primeira vogal do grupo vocálico, naquela a vogal acentuada é *-o-* e não <e> ou <i> (cf. DIEZ, 1874 [1836¹], p.466; LAUSBERG, *op. cit.*, p.107).

Desse modo, nas línguas que eliminam a vogal átona final (francês e provençal) e em português (que elimina a consoante *-l-*), algumas particularidades envolvem o desenvolvimento do sufixo **-olu*. Naquelas línguas, por exemplo, a síncope da vogal final fará a consoante *-l-* ocupar a posição final da palavra, como encontramos nas seguintes palavras francesas e provençais¹³¹ (cf. DIEZ, 1874 [1836¹], p.295-296): fr. *filleul*, prov. *filhol* (< lat. vulg. *filiolu*); fr. *glaïeul*, prov. *glaujol* (< lat. vulg. *gladiolu*); fr. *rossignol*, prov. *rossinol* (< lat. vulg. *lusciniolu*) etc.; nesta, a queda do *-l-* colocará em contato duas vogais, as quais se fundirão, posteriormente, em uma única vogal, tal como caracteriza Diez (*op. cit.*, p.190), a seguir:

Par contraction, cette chute peut sembler atteindre même la finale: *avo* (*avolus**), *cabido* (*capitulum*), *diabo* (*diabolus*), *dô* (ital. *duolo*), *mâ* (*mala*), *mô* (*mola*), *mû* (*mulus*), *pâ* (*pala*), *povo* (*populus*), *sô* (*solus*), qui sont pour les archaïques ou hypothétiques *avóo*, *cabidoo*, *diaboo*, *dóo*, *máa*, *móa*, *múo*, *páa*, *póvoo*, *sóo*.

Por seu lado, o *-n-* ocorre nos sufixos **-inu* e **-one*, sempre, portanto, em posição intervocálica e como consoante simples. Considerando, assim, essas características dessa consoante nos sufixos diminutivos latino-vulgares, vejamos como ela se comporta ao longo do processo de formação das línguas românicas.

De acordo com Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.403), “*N* latine persiste généralement comme nasale sonore dentale. Après la nasalisation de la voyelle précédent, elle tombe aussi entre deux voyelles, en portugais et en béarnais”¹³². Ao lado desse caráter geral de conservação – como em italiano — “*S*’è già osservato che, di solito, le *sonanti restano inalterate* tanto dopo che prima dell’accento, tanto in parossitoni che in proparossitoni. [...]”

¹³¹ Diez (*op. cit.*, p.373) afirma que a consoante <l> em final de sílaba pode transformar-se, também, em provençal, na vogal <u>: “*L* à la fin des syllabes alterne avec *u*: *val vau* (*vallis, valet*), *leyal leyau, altre autre*”. A mesma afirmação encontramos em Anglade (*op. cit.*, p.193): “*L* finale peut se maintenir (*leial, val, tal, tals*) ou se vocaliser”.

¹³² Importante caracterização acerca do *-n-* intervocálico e do tipo de influência que exerce sobre a vogal que o antecede, quando tornado final, após a queda da vogal átona final, também nos apresenta Diez (*op. cit.*, p.203), conforme a seguir: “Un autre phénomène bien plus important est celui par lequel cette liquide disparaît comme son articulé, mais non sans communiquer quelque chose de sa nature à la voyelle précédente pour la rendre nasale. On le trouve au sud et au nord-ouest, aussi bien que dans l’est, mais partout partiellement: en Portugal et non en Espagne, en France et non en Provence, dans une partie de la Haute-Italie et non dans les autres contrées ni en Valachie”.

-N- = n: bene *bene*, venit *viene*, tina *tina*, lana *lana*, luna *luna*, sonat *suona*, vinu *vino*, linu *lino*, tonu *tuono*, demane *domani* [...]” (MEYER-LÜBKE, 1901 [1890¹], p.107)) —, em francês — “N entre deux voyelles se maintient sans changement: lana > *laine*, luna > *lune*, minare > *mener*, finire > *fenir*, *finir*” (NYROP, 1899, p.267)) — e em espanhol — “LAS NASALES Y LÍQUIDAS PERMANECEN. [...] N: luna *luna*, honore *honor*, donare *donar*, bonu *bueno* [...]” (MENENDEZ PIDAL, 1949 [1904¹], p.134)) – ou de queda da consoante -n- latina intervocálica – como em português – ou de indiferença – como em provençal — “N intervocalique en latin et devenu finale en roman est instable dans la plupart des mots. Ex. *Panem* > *pan* et *pa*; *bene* > *ben* et *be*; *vinum* > *vin* et *vi*; *rationem* > *razon* et *razo*; *sationem* > *sazon* et *sazo*, etc.” (ANGLADE, *op. cit.*, p.184-185)¹³³ –, é importante considerar se a língua em questão conserva ou elimina a vogal átona final.

Assim, em relação aos sufixos latino-vulgares *-inu e *-one – cujas vogais átonas finais são <u> e <e> – há diferentes comportamentos, mesmo naquelas línguas que mantêm o -n- intervocálico. São estas as situações existentes: 1) o italiano conserva, em ambos os sufixos, o -n- intervocálico, uma vez que não elimina a vogal final; 2) o espanhol conserva o -n- no sufixo *-inu como consoante intervocálica, pois a vogal átona final deste sufixo não cai, mas a consoante -n- deixa de ser intervocálica, tornando-se final, no sufixo *-one, em virtude da queda da vogal <e>; 3) em francês e em provençal – que geralmente não conservam nem o <o>, nem o <e> átonos finais –, o -n- deixa de ser intervocálico. Na primeira dessas línguas, esse -n- tornado final posteriormente desaparecerá como som articulado, deixando apenas a nasalização sobre a vogal que o antecede: “N disparaît, en nasalisant la voyelle précédente, à la fin d’un mot ou, devant une consonne, à la fin d’une syllabe: *bonum* > *bon* [bõ], *vendre* > *vendre* [vã:dr]” (NYROP, *op. cit.*, p.266). Desse modo, os sufixos *-inu e *-one tornam-se, nessa língua, respectivamente, -in [ê] e -on [õ]; em

¹³³ Diez (1874 [1836¹], p.374) assim se expressa em relação ao caráter de indiferença do provençal quanto à manutenção ou não do n intervocálico: “N finale a une double nature. Tantôt elle est un élément nécessaire, inséparable du mot, tantôt un élément accidentel, séparable, bien qu’étymologiquement fondé. Elle est inséparable lorsque, primitivement, elle était suivie d’une deuxième consonne, comme dans *dan* (*dan-num* pour *dam-num*), *sen* (*sin-n*), *gran* (*gran-dem*), *man* (*man-do*), *dan* (*dan-t*), *len* (*len-tum*), *ven* (*ven-tum*). N est séparable ou, comme s’expriment les *Leys*, indifférente (l’n provenant de *m* est traitée de même), lorsque, primitivement, elle était suivie d’une voyelle ou qu’elle était à la finale, par ex. *gran* (*gran-um*), *len* (*len-em*), *man* (*man-um*), *sen* (*sin-um*), *ven* (*ven-it*), *jóven* (*juven-em*), *quon* (*quom-odo*), *en*, *non*, *ren* (*rem*), *son* (*sum*), *mon* (*meum*), pour lesquels on écrit également bien *gra*, *le*, *ma*, *se*, *ve*, *jóve*, *quo*, *e*, *no*, *re*, *so*, *mo*, et avec une s de flexion *grans* ou *gras*”.

provençal, esse *-n-* tornado final pode permanecer ou ser eliminado, sem deixar vestígios no sufixo, conforme Diez (1874 [1836¹], p.203): “Quand *n* latine devient finale par le rejet d’une terminaison, le dialecte provençal maintient indifféremment ou laisse tomber cette *n*: *asne* [ou *asen*?] *ase* (*asin-us*), *ben be* (*ben-e*), *chanson chanso* (*cantion-em*), *joven jove* (*juven-is*), *man ma* (*man-us*), *ten te* (*ten-et*)”. Considerando isso, esses sufixos podem aparecer, respectivamente, como *-in-*, *-i* e *-on-*, *-o*; 4) em português, resta apenas a nasalização das vogais *-o-* e *-i-*, em decorrência, respectivamente, da apócope da vogal <e> (**-one* > *-õ*, *-on* ou *-om* **[õ]*) e da síncope do *-n-* (**-inu* > *-iõ*)¹³⁴. Posteriormente, ambas as formas terão um novo

¹³⁴ A representação gráfica do derivado do sufixo latino **-one*, e das vogais nasais em geral, em português não se dá de uma única maneira no período medieval. Isso é o que se pode concluir, por exemplo, a partir de Nobiling (1907 *apud* SILVEIRA BUENO, 1955, p.76), o qual, referindo-se aos textos presentes nos cancioneiros, afirma: “A nasalidade das vogais indica-se nos Cancioneiros pelo til sobreposto, ou um *m* ou *n* colocados depois da vogal. Não há distinção entre estas notações, exceto quando a vogal nasal é seguida por outra vogal, sendo então de regra o uso do til, o qual, porém, muitas vezes não está no lugar próprio, ou se omite inteiramente (cf. as grafias já citadas *bõa*, e *boa*). Nesse caso, não se emprega nunca *m*, e é raro *n*; porém, depois de *i* se encontra frequentemente escrito *nh*, v.g. no sufixo *inho*, ao lado de *iõ*, em *minha* ou *mã*. Igual emprêgo de *nh* ocorre em *unha*, que se lê ao lado de *ũa*, e *ua*”. — Importante contribuição em relação a esse tema, inclusive quanto à frequência com que cada um desses sinais gráficos é empregado, também se encontra em Maia (1997 [1986], p.306), a qual assim argumenta, ao caracterizá-los a partir da análise de textos não-literários publicados na Galiza e em Portugal entre os séculos XIII e XVI: “Os grafemas indicados [<a>, <e>, <i>, y, j, h>, <o>, <u> e <v>] ou se empregam simples – e, nesse caso, representam fonemas vocálicos orais – ou providos de um sinal diacrítico, o til, fazendo então referência às chamadas vogais nasais. Estas, nos textos estudados, podem ainda aparecer representadas por qualquer dos grafemas vocálicos indicados – exceptuando <h> –, seguido de consoante nasal *m* ou *n* que fecha a sílaba em que ele se encontra. Desse modo, <m> e <n> formam com os grafemas anteriores uma unidade, indicando, ao mesmo tempo, que a referência se faz não em relação aos fonemas vocálicos orais, mas nasais. Assim, habitualmente, as vogais nasais aparecem nos textos estudados representadas por algum dos três processos a seguir indicados: *α*) *V* [= “qualquer grafema com referência a fonemas vocálicos orais”, em nota de rodapé] + *m*; *β*) *V* + *n*; *γ*) *V* com til sobreposto. Além disso, nalguns documentos galegos ocorrem alguns exemplos, aliás escassos, de *V* assinalada por til sobreposto + *n* ou *m* pertencentes à mesma sílaba, processo que representa uma contaminação dos dois processos anteriores: *ũa* (1269 C 4; 1281 O 55, etc.), *dũa* (1281 P 99), *cũa* ‘com uma’ (1298 P 113), *algũnas* (1473 O 80), *ũa* (1313 O 64), *ũa* (1281 O 55), *pãm* (1432 P 135), etc.. Os três ou quatro processos gráficos indicados não estão determinados pelo contexto (natureza do som seguinte; posição final de sílaba ou posição final de palavra, embora surjam sempre a fechar a sílaba), notando-se até uma visível hesitação entre eles dentro da mesma época, no interior do mesmo texto e até da mesma palavra. A única diferença que se pode estabelecer entre eles diz respeito à frequência relativa de cada um: os mais frequentes são *V* + *n* e *V* + com til sobreposto. Tanto na Galiza, como em Portugal, *V* + *m* aparece menos vezes, embora não possa considerar-se uma grafia rara ou esporádica”.

desenvolvimento, a partir dessa nasalização: da vogal nasalizada *[*ō*], surgirá o ditongo nasal *[*āw*] ([*ō*] < -*ō*, -*on* ou -*om* < *-*one*), o qual, segundo Teyssier (2007 [1997¹], p.56), já se encontra definido por volta do século XV; já a partir da vogal nasalizada *[*ĩ*], desenvolver-se-á a consoante palatal [*ɲ*], que é representada graficamente por -*nh*- (*-*inu* > -*ĩo* > -*inho*), conforme afirmam Meyer-Lübke (1890 [1890¹], p.403) — “Toutefois, dans la première dans ces deux langue [le portugais], *ĩo*, *ĩa* passent ensuite à *inho*, *inha*” — e Nunes (1975 [1919¹], p.114):

A nasalização comunicada pelo *n* à vogal precedente [...] parece ter a princípio sido a mesma, fosse esta qual fosse. Mais tarde, porém, com o *i* ela passou a *nh*, isto é, o *n*, que é dental, assimilou-se à semivogal, evoluçionando em palatal. É o que se depreende de grafias como *nõo*, *võo*, *dẽiro*, etc. Acresce todavia que em lugar de til se encontra também *n* e que a mesma palavra se acha escrita ora assim, ora com *nh* (cf. *pyno* e *pinho* n.ºs 171 e 173 do *Canc. da Vaticana*), o que nos faz suspeitar que já se tinha operado a evolução de que acabamos de falar e é confirmada, afora as grafias mencionadas, pela actual forma prenominal *minha*, que supõe outra **mĩa*, entre ela e a arcaica *mia*, em uso ao tempo da elaboração das canções trovadorescas.

Ainda sobre a representação gráfica do sufixo *[*ĩɲo*] ou *[*ĩno*] no português medieval, é importante considerar três aspectos: 1º) a diversidade de representação da vogal nasal(izada) – em relação a este tema, veja o que expusemos na nota anterior (cf. nota 134); 2º) a diversidade de representação da vogal *[*ĩ*]; 3º) a diversidade de representação da consoante nasal palatal. Assim, para a representação gráfica da vogal *[*ĩ*], empregam-se, nesse período, quatro grafemas diferentes, conforme salienta Maia (*op. cit.*, p.305):

Os grafemas <*i*>, <*y*> e <*j*> são também grafemas equivalentes, variando apenas a frequência relativa de cada um deles: <*i*> é, a grande distância, o de maior frequência, tanto na Galiza como em Portugal, seguindo-se, por ordem decrescente, <*y*> e <*j*>. Sendo grafemas equivalentes, eles podem alternar mesmo no interior do mesmo texto. Por sua vez, o grafema <*h*> surge apenas em condições muito especiais [,ou seja, em ditongos crescentes] (cf. *op. cit.*, p.423-424) [...].

Também diverso é o modo de representar a consoante nasal palatal nesse mesmo período. Maia (*op. cit.*, p.486-494), por exemplo, identifica dez formas – *ni*, *nj*, *n*, *nn*, *ñ*, *ñi*, *gn*, *ÿ*, *ĩ* e *nh* –, mas assinala que nem todas são empregadas com a mesma frequência. Ainda segundo essa autora, a partir do surgimento do grafema -*nh*- para representar a nasal palatal –

o que, nos textos portugueses por ela analisados, ocorre em 1281 –, os antigos grafemas não são imediatamente eliminados, havendo, portanto, uma coexistência entre eles:

[...] o grafema *nh* surge aí [nos documentos portugueses] desde os textos mais antigos agora publicados, aparecendo desde 1281 (cf. 1281 M 151); contudo, o antigo sistema de grafemas que representava a nasal palatal não foi imediatamente substituído e rejeitado. Continuam a ser usados alguns dos processos gráficos anteriores à introdução da nova grafia: *n*, *ñ* e *nn*. No entanto, a frequência com que aparecem é muito pequena [...] (MAIA, *op. cit.*, p.492).

Considerando-se isso, agora vejamos os modos de representação do sufixo derivado do sufixo latino-vulgar *-*inu*. De acordo com Nobiling (*apud* SILVEIRA BUENO, *op. cit.*, p.76), a partir de sua análise dos *Cancioneiros*, pode-se afirmar que ele ocorre tanto sob a forma *-inho*, quanto *-ïo*: “[...] depois de *i* se encontra frequentemente escrito *nh*, v.g. no sufixo *inho*, ao lado de *ïo*, em *minha* ou *mĩa*”. Silva (2010 [1989], p.82), a partir de seu estudo sobre os *Diálogos de São Gregório*, também um texto literário, identifica esse sufixo representado sob três formas – *-ïo*, *-ïho* e *-inho* e suas respectivas formas femininas:

Convivem no *corpus* *-ïo*, *-ïa* / *-ïho*, *-ïha*, *-inho* / *inha* (do latim *-inu*, *-ina*). Ao todo documentamos 349 casos distribuídas as três possibilidades da seguinte forma: *-ïo*, *-ïa* (17%), *-ïho*, *-ïha* (73%), *-inho*, *-inha* (10%). Há vocábulos que apresentam as três formas: *vinho* (11), *vïho* (25), *vïo* (4), *aginha* (6), *agïha* (42), *agïa* (1). Ou duas: *menïho*, *-a*, *-s* (118), *meninho* (1). Ou apenas uma: *sobrïo* (9), *manïha* (9). A grafia que espelha plenamente a inserção da nasal palatal que desfez o hiato resultante do apagamento da nasal intervocálica é a menos frequente.

Nos documentos analisados por Maia (*op. cit.*, p.599-602), também esse sufixo se encontra representado de maneira diversa. Assim, nos textos portugueses, são encontradas representações com os grafemas *-ï-*, *-ïh-*, *-ÿ-* e *-nh-*:

As grafias correspondentes ao período mais antigo – século XIII e primeira metade do século XIV – são aquelas em que a vogal *i*, que precedia *-n-* intervocálico que se sincopou, aparece assinalada por um til: *Antonïho* (1331 M 156), *Ejpyïo* (cf. «Johane Eaneſ, dicto Ejpyïo») (1281 M 152) *Martïo* (1303 M 153), *meyrïo* (1281 M 151), *Sardïa* («Johã Paez, dito *Sardïa*») (1281 M 151), «Santa *Senhorïa*» (top.) (1348 M 162), etc. A referida consoante perdeu-se, imprimindo carácter nasal à vogal anterior. A partir dos primeiros anos do século XIV, as formas encontradas revelam

já o desenvolvimento de uma consoante nasal palatal entre as duas vogais em hiato. Essa consoante é habitualmente representada pelo grafema composto *nh*: *camjnho* (1401 M 163; 1401 M 164), *camjnhos* (1448 DL 147; 1454 DL 148), [...] *galinha* (1472 DL 149), *galinhas* (1315 DL 145), *lynho* (1484 DL 150), *Sam Martinho* (top.) (1472 DL 149), «San *Martinho* de Baulhy» (top.) (1348 M 162), *meyrinho* (1315 DL 145), «*Steueeynha* Gonçalluez» (1404 M 165), *Vjlarjinho* (top.) (1484 DL 150) [...]” (*ibid.*, p.599).

Para os textos da região da Galícia, além da representação de nasalidade, feita com o til (~) sobre a vogal —

Em primeiro lugar, aparecem algumas formas – bastante raras, se se atender ao grande número de documentos analisados – que reflectem a perda de *-n-* intervocálico: nuns casos, a nasalidade deixada sobre a vogal anterior é representada por um til (cf. «Martin *Bodõ*», 1315 O 66; *gallias*, 1285 O 56; «San *Martjõ*», 1258 L 21; *meirũ*, 1299 P 116; *vizjõ*, 1289 P 105); noutros, surgem apenas as vogais em hiato, não existindo qualquer indício gráfico de nasalidade: *fobrios* ‘sobrinhos’, *uio*, *uío* ‘vinho’ (1296 P 110). Este último tipo de formas aparece apenas num documento [...] (MAIA, *op. cit.*; 599-600).

—, encontram-se diversas formas de representar a nasal palatal do sufixo **-ino* desenvolvida a partir da nasalidade comunicada à vogal, após a síncope do *-n-*:

Seguem-se alguns exemplos da solução *-iño*, *-iña* em que a nasal palatal aparece representada por diferentes grafemas: a) *n*: *cortinaf* ‘cortinhas’ (1329 C 9), *curtina* (1283 P 101), *Efteuayna* (1298 P 113; 1299 P 114), *Fonteyna* (top.) (1426 O 78), *galinaf* (1283 L 27), *galina* (1308 L 33; 1307 O 62; 1313 O 64), *lino* ‘linho’ (1281 O 55; 1285 O 56), *ljno* (1339 O 70), *moyno* (1474 L 47; 1290 O 58; 1360 O 73; 1473 O 83) [...]. b) *ñ*: *biziño* (1500 O 90), *bjño* (1450 L 44; 1407 P 33), *camiño* (1310 L 34), *camjño* (1442 L 43), *cortiña* (1276 O 54), [...] «San *Martiño*» (1276 O 54; 1333 P 131; 1506 P 136), *muyño* (1310 L 34; 1474 L 47; 1302 O 61), *moyños* (1316 L 36), *muyños* (1296 P 111), *fobriña* (1414 L 42), *fobriño* (1405 L 39; 1302 O 61) [...]. Desde o último terço do século XIII que aparece o grafema *ñ* na referida terminação; o seu emprego prolonga-se até ao século XVI. Ele representa, juntamente com *n*, a grafia mais frequente da nasal palatal nas terminações referidas. c) *nn*: muito pouco representado, encontrei este grafema apenas em documentos do século XIII. Eis os exemplos recolhidos: *San Martinno* (1258 L 21), *vinno* (1282 C 6), *vinna* (1282 C 6), *vinnaf* (1282 C 6). d) *nh*: grafema registrado apenas nalguns

documentos da província de Pontevedra: *Efteuaynha* (1299 P 114), *fobrinho* (1302 P 120), *vinho* (1302 P 120)” (*ibid.*, p.601-602).

3.2.1.3.3 Consoantes dobradas -cc-, -ll- e -tt-

As línguas românicas ocidentais também não apresentam uma alteração única no que concerne às consoantes dobradas ou repetidas¹³⁵, verificadas nos sufixos **cellu*, **-cillu*, **-ellu*, **-illu*, **-iccu*, **-icca*, **-accu*, **-occu*, **-uccu*, **-attu*, **-ittu* e **-ōttu*. A respeito dessas consoantes e sua relação com as línguas românicas, Diez (1874 [1836¹], p.274) afirma:

Si la consonne simple est sujette à bien des changements, la consonne géminée, en vertu de sa plus grande intensité, persiste intacte et solide: on peut, sous ce rapport, la comparer à la tonique longue, de même que l’on peut comparer la consonne simple à la voyelle brève. Cette comparaison est surtout admissible pour les muettes. Si la lettre double est diminuée quantitativement, elle n’est jamais atteinte qualitativement, c.-à-d. que *cc*, *pp*, *tt* peuvent, il est vrai, se réduire à la simple, mais ils ne peuvent, comme *c*, *p*, *t*, descendre à la douce ou éprouver d’autres altérations. *Ll*, *nn*, *ss* se laissent, il est vrai, amollir, mais elles ne perdent alors qu’une partie de leur substance. Les cas où *ll* peut disparaître constituent une exception de peu d’importance.

Ao reportar-se especificamente ao comportamento das consoantes dobradas em cada um dos domínios linguísticos da România ocidental que descreve, Diez (*op. cit.*, p.274-275), acrescenta¹³⁶:

¹³⁵ Estas consoantes são assim caracterizadas por Lausberg (*op. cit.*, p.218), no que se refere à sua produção: “A consoante dupla latina consiste numa combinação de fonemas que se verifica em interior de palavra e de sílaba. Ela realizava-se, nos sons contínuos, através duma articulação mais prolongada, nos sons oclusivos através dum retardamento da explosão”.

¹³⁶ Meyer-Lübke (1890 [1890¹]) faz referência às consoantes duplas em latim e nas línguas românicas, em dois momentos, nos quais afirma: “CONSONNES DOUBLES LATINES. L’italien seul conserve, sous forme de consonnes redoublées, les doubles explosives du latin; toutes les autres langues les réduisent à une seule [...]” (p.483) — “CONSONNES DOUBLES ROMANES. Parmi les langues romanes, l’italien est seul à posséder des consonnes redoublées, l’ombro-arétin et le h.-italien les ont perdues; les français et le portugais connaissent le redoublement seulement dans l’orthographe, mais non le roumain; quant à l’espagnol, il distingue *rr* e *r*: toutefois cette différence ne consiste pas dans la durée, mais dans la nature de l’articulation; *rr* est roulé comme *r* initiale” (p.489).

La consonne double n'est point partout traitée de même. L'italien, qui redouble même les consonnes simples, la respecte assez fidèlement; il se permet toutefois quelques cas de simplification: par ex. *m* pour *mm* dans *comandare, comadre, comiato, comune*; *n* pour *nn* dans *anello* qui peut, il est vrai, se justifier par une forme latine *anellus*; *s* pour *ss* dans *glosa, chiosa, Narciso, Parnaso*. Le valaque, au contraire, la rejette constamment: par conséquent il dit *bucç* et non *bucçe*. Sauf quelques restrictions, l'espagnol procède de même: *ll* dans *bello* ne forme pas un son double, mais un son complexe. En portugais, l'absence de règles orthographiques permet d'écrire, dans beaucoup de cas, la consonne double aussi bien que la consonne simple: *bocca* à côté de *boca*. Les mss. Provençaux préfèrent, en général, la consonne simple, mais ils mettent la double, spécialement *ss* pour *s* dure (*aussor*), même après les diphthongues. En français, l'orthographe se règle sur l'orthographe latine, mais le plus souvent la gémmination est purement graphique.

Considerando, portanto, essa caracterização geral das consoantes dobradas, sobretudo no que se refere ao contraste entre o latim vulgar e as línguas românicas, vemos, então, como as consoantes dobradas *-cc-*, *-ll-* e *-tt-* ocorrem em italiano, em francês, em provençal, em espanhol e em português. Iniciemos pelas consoantes *-ll-*, em relação às quais Diez (1874 [1836¹], p.192-193) afirma:

LL. La gémmination est sujette au *mouillement* beaucoup plus souvent que le son simple. [...]. A côté du mouillement, se produit la simplification de la consonne double et même sa chute. Rarement en italien: *argiglia, togliere, svegliere* (*exvellere**), *vaglio* (*vallus*). Plus souvent ce *gl* est appelé par un *i* final; il tombe aussi quelquefois, comme dans *capegli capei* (*capilli*). — En espagnol le mouillement est la règle, la simplification l'exception: *arcilla, bello, bullir, caballo, cuello* (*collum*), *ella, estrella* (*stella*), *fallecer, gallina, grillo, meollo* (*medulla*), *muelle* (*mollis*), *pollo* (*pullus*), *centella* (*scintilla*), *silla* (*sella*), *toller, valle, vassallo, villa, -illo* dans *castillo*, etc., *anguila, capelo* (it. *capello*), *nulo, piel* (*pellis*), dans *PCid.* 1980 *pielle*. — En portug. c'est au contraire la simplification (phonétique, non graphique)¹³⁷ qui

¹³⁷ Em sua *Ortografia Nacional*, Gonçalves Viana (1904) propõe a simplificação da maioria das consoantes dobradas — “Redução das consoantes dobradas a singelas, com excepção de *rr* e *ss* mediais, que teem valores peculiares (p.17)” —, justificando isso em virtude de tanto as simples, quanto as dobradas possuírem o mesmo valor fonético — “Todas as mais letras dobradas reduzir-se hão a sinjelas, porque, ou se escrevam uma, ou duas vezes, a pronúncia é absolutamente a mesma, e sempre o foi (p.76)” —, ou melhor, na língua portuguesa nunca foi possível fazer, nessas consoantes, distinção entre o uso da consoante dobrada e o da consoante simples — “[...] pois não existem, nem existiram jamais na nossa língua, no interior da palavra, consoantes duplas, geminadas, na pronúncia, como se observam em toscano, e existiam em latim (p.13-14)”.

est la règle, le mouillement l'exception; la syncope est usitée aussi quelquefois: *argilla, cavallo, collo, estrella, grillo, molle, pelle, valle, villa; galinha, polha* arch., *centelha, tolher; anguia, astea, gemo*. — En prov. *lh* et *l* coexistent, mais plusieurs mots, tels que *anguila, argila, col (collum), estela, gal, pel, pola, vila* paraissent ne posséder que l'*l* simple. — En français le mouillement est rare: *anguille, bouillir, briller, faillir*.

Ou seja, a consoante dobrada *-ll-*, geralmente, permanece inalterada em italiano — “[...] *ll* est conservé en italien [...]” (MEYER-LÜBKE, 1890 [1890¹], p.485; cf. tb. Diez, 1874 [1836¹], p.274;) — , simplifica-se em provençal — “[...] *ll* se réduit a *l*” (ANGLADE, *op. cit.*, p.191) — , em português¹³⁸ e em francês¹³⁹ — “[...] [*ll* se] réduit à *l* en français et en portugais”

Observação idêntica quanto ao valor fonético de algumas consoantes duplas em português, como *-ll-*, por exemplo, e suas equivalências fonéticas com consoantes simples – a qual pode ser interpretada como corroboradora da afirmação de Gonçalves Viana que a língua portuguesa nunca possuiu consoante dobrada em sua sua pronúncia, exceto *rr* e *ss* – já havia sido feita, por exemplo, por Madureira Feijó, em sua *Orthographia, ou Arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portuguesa* (1739 [1734¹]), quando afirma: “Toda a dificuldade, e não pequena, he assignar regra certa para dobrar as consoantes no meyo das palavras: e nasce esta difficuldade do som da pronunciaçãõ; porque algumas, ou se escrevaõ com huma so consoante, ou com ella dobrada, sempre na pronunciaçãõ tem o mesmo som: v. g. estas palavras latinas: *Affinitas, Aggravio, Abbrevio, Fallo, Pello, Tollo Ec.* tanto soaõ escrevendose com dous *Bb*, dous *Ff*, dous *Gg*, e dous *Ll*, como escrevendose com hum so. O mesmo se ve nestas palavras Portuguezas: *Abbruiar, Affinidade, Aggravar, Affogar, Peccar Ec*” (p.32). Considerando isso, propõe, para uma correta ortografia, que se observe a ortografia latina. Assim, se a palavra latina for escrita com consoante dobrada, assim o deve ser em português; se naquela língua houver uma única consoante, em português também se deve escrever com consoante simples (cf. *loc. cit.*).

¹³⁸ Em relação à simplificação das consoantes dobradas do latim vulgar ao português, Nunes (1975 [1919¹], p.115) afirma: “Na sua passagem para o português estas consoantes reduzem-se a simples, com excepção dos grupos formados por *r* ou *s*, que continuam a persistir, mas só na escrita, pois que na fala constituem um som igualmente simples”. Entre os exemplos que o autor apresenta (cf. *loc. cit.*), uns referem-se às consoantes *-cc-* (*bucca* > *bôca*, *peccatu* > *pecado*, *siccu* > *seco* etc.), outros às consoantes *-tt-* (*sagitta* > *seta*, *littera* > *letra*, *gutta* > *gota* etc.) e outros a *-ll-* (*annellu* > *anel*, *capillu* > *cabelo*, *caepulla* > *cebola* etc.), as quais são as que ocorrem como dobradas nos sufixos diminutivos latino-vulgares, tendo, portanto, maior interesse para este estudo.

¹³⁹ Os sufixos **-ellu* e **-cellu*, inicialmente, apresentam-se em francês, respectivamente, sob as formas *-el* e *-sel* ou *-cel*, conservando, portanto, um dos dois *-l-* existentes nos étimos latinos. A partir do século XVI, no entanto, o sufixo *-el* tende a ser substituído, devido à ação da analogia, pelo sufixo *-eau*, que se faz presente no plural das palavras terminadas em *-el* (“On disait autrefois: *agnel* — *agneaux*, *annel* — *anneaux*, *chapel* — *chapeaux*, *chastel* — *chasteaux*, *coutel* — *couteaux*, *drapel* — *drapeaux*, *oisel* — *oiseaux*, *pel* — *peaux*,

(MEYER-LÜBKE, 1890 [18901]) — e palataliza-se em espanhol — “La *LL* y la *NN* se palatalizan en *ll* e *ñ*: valle *valle*, caballu *caballo*, bellu *bello*, pullu *pollo*, medulla *meollo*, canna *caña*, grunnire *gruñir*, pannu *pañño*” (MENENDEZ PIDAL, 1949 [1904¹], p.135).

Já em relação ao *-tt-* dos sufixos **-attu*, **-ettu*, **-ittu*, **-ottu*, o seu comportamento não foge ao quadro geral descrito por Diez, conforme acima, ou seja, não houve para o grupo *-tt-* um único tipo de mudança possível, de acordo com o comportamento de cada uma dessas línguas em relação às consoantes dobradas, como demonstram os seguintes exemplos encontrados em Diez (1874 [1836¹], p.213): “Le groupe *TT* ne donne pas de douce [sonora *d*]. Ital. *gatto* (*cattus catus*), *ghiotto* (*gluttus*, cf. *gluttire*), *gotta* (*gutta*), *matta*, *mettere*, *quattro*, *saetta*. Esp. *gato*, *gloton*, *gota*, *meter*, *quatro*, *saeta*. De même prov. catal., etc., franç. *chat*, *glouton*, *goutte*, *goître* (*guttur*), *mettre*, *quatre*”.

Assim, nos sufixos do parágrafo anterior, a consoante dupla conserva-se em italiano (*lobatto*, *lepratto*, *animaletto*, *paroletta*, *principotto*, *passerotto* etc.), e simplifica-se em francês¹⁴⁰ (*aiglat*, *louvât*, *cochet*, *sachet*, *îlot*, *fiévroite*¹⁴¹ etc.), em provençal (*cerviat*,

rastel — *rasteaux*, *taurel* — *taureaux*, *vaissel* — *vaisseaux*, etc.” (NYROP, 1903, p.223)), processo esse que se encontra concluído no século XVII, conforme explica Nyrop (*op. cit.*, p.224): “Sous l’influence du pluriel, le singulier a été refait et se termine maintenant en *-eau*: *agneau*, *anneau*, *chapeau*, *château*, *couteau*, *drapeau*, *oiseau*, *peau*, *râteau*, *taureau*, *vaisseau*. On a longtemps hésité entre *-el* et *-eau*; au XVI^e siècle, l’usage est encore flottant pour beaucoup de mots; il ne se fixe qu’au commencement du XVII^e siècle”. Essa mudança da forma *-el* em *-eau* pode ser representada, de forma bastante simplista, através das seguintes etapas: 1) a vogal *-e-* do sufixo ditonga-se e *-ea-* (cf. DIEZ, 1874 [1836¹], p.406; NYROP, 1899, p.202); 2) o ditongo *-ea* seguido da consoante lateral *-l-*, e esta, por sua vez, seguida de *s* — situação que proporciona a vocalização da consoante lateral: “**L** (ou **LL**) devant une consonne (excepté J; voir §352) se vocalise après *a*, *è*, *ò*, *ó*, et aboutit à *u* qui se combine avec la voyelle precedente” (NYROP, 1899, p.277) — forma o tritongo *-eau* (após a vocalização de *-l-*), o qual foneticamente se realiza, hoje, como [o] (cf. NYROP, 1899, p.201-202). Desse mesmo modo, podemos explicar a mudança de terminação *-el* no sufixo *-sel* ou *-cel*.

¹⁴⁰ Em relação à redução de *-tt-* a *-t-* em francês, Nyrop (1899, p.310) afirma: “Le groupe *TT* se réduit partout à un *T* simple, que l’orthographe moderne représente par *tt* à l’intérieur des mots (§316, 1): *muttum* > *mot*, *cattum* > *chat*, *mittat* > *mete*, *mette*, *matta* > *nate*, *natte*, *gutta* > *goute*, *goutte*”.

¹⁴¹ Conforme destacou Diez (*op. cit.*, p.275), a consoante dobrada em francês deve-se à influência da ortografia latina e não à sua característica articulatória. Esse mesmo argumento é empregado por Nyrop (1899, p.259) para justificar a existência de consoantes duplas na escrita francesa: “L’orthographe moderne a souvent rétabli la consonne double: *illa* > *ele*, *elle*; *bella* > *bele*, *belle*; *nulla* > *nule*, *nulle*; *abbatem* > *abé*, *abbé*; *mappa* > *nape*, *nappe*; *gutta* > *goute*, *goutte*”.

colombat, boquet, naveta, amigot, ausbergot etc.), em espanhol¹⁴² (*cervato, lebrato, muleto, arqueta, lobito, mugercita, capote, galeote* etc.) e em português¹⁴³ (*rapazete, graceta, filhita* etc.).

Por fim, a consoante dobrada *-cc-*, a qual é encontrada nos sufixos **-iccu, *-icca, *-accu, *-eccu, *-occu, *-uccu*, possui o mesmo comportamento que as consoantes *-ll-* e *-tt-*, conforme aqui já caracterizadas, conservando-se em italiano e simplificando-se em português, espanhol, francês e em provençal¹⁴⁴, conforme observa Joret (*op. cit.*, p.295-296)¹⁴⁵:

Les deux *c* persistent toujours en italien. L'espagnol, au contraire, ne tolérant point les consonnes redoublées, — à l'exception des liquides *n, r*, et abusivement de *s*, — le premier *c* du groupe *cc* tombe dans cette langue; il en est de même en roumain. Il tombe aussi ordinairement en provençal et en français dans les mots d'origine vraiment populaire.

Observe-se, no entanto, que em francês, quando seguido da vogal <a>, a consoante dobrada *-cc-* não possui o mesmo comportamento: “Cette dernière langue [le français] change d'ailleurs le second *c*, comme le *c* simple, en *ch* devant *a*” (JORET, *op. cit.*, p.296). Assim, em vez de ter-se uma consoante *c* simples, tem-se uma consoante (alvéolo-)palatal — “C suivi d'A se change en [š], qu'on écrit **ch**” (NYROP, 1899, p.316) —, como atestam os seguintes

¹⁴² Referindo-se à consoante dobrada *-tt-* em espanhol, Menendez Pidal (1949 [1904¹], p.134) afirma: “LAS OCLUSIVAS DOBLES SE HACEN SIMPLES Y LUEGO QUEDAN INALTERADAS. [...] **Dentales:** sagitta *saeta*, gutta *gota*, mittere *meter*, cattu (no *catu*; comp. ital. *gatto*) *gato* [...]”.

¹⁴³ Em relação ao comportamento da consoante dobrada *-tt-* em português, remetemos para o que expusemos na nota 138.

¹⁴⁴ Em alguns dialetos provençais, no entanto, a consoante dobrada *-cc-*, quando seguida da vogal <a>, em vez de seguir a “regra geral” e simplificar-se (*-cc-* > *-c-*) — como assinala, por exemplo, Anglade (*op. cit.*, p.165): “C double intervocalique se réduit à *c*. Ex. *Boccam* > *bōca*; *vaccam* > *vaca*; *peccat* > *peca*; *peccatum* > *pecat*” —, transforma-se em *ch*, como assinala Diez (1874 [1836¹], p.229) — “Le provençal aussi emploie *ch* pour *c*, mais seulement dialectalement à côté de *c*” —, o qual, de acordo com Grandgent (1905, p.56, destaques nossos), é pronunciado *tš* (no IPA [tʃ]): “Cc before *a*, in the east and northeast, became *tš*; elsewhere, *c*; *bŭcca* > *bōca* *bōcha*, *vacca* > *vaca* *vacha*”.

¹⁴⁵ Esta conclusão só é válida para o grupo *-cc-* diante das vogais <a>, <o> e <u> – o primeiro e o último contextos são os que mais nos interessam, porque são neles que se enquadram os sufixos que possuem essa consoante em sua estrutura. Diferente é o comportamento de *-cc-* diante de <e> e <i> (cf. DIEZ, 1874 [1836¹], p.238; cf. tb. JORET, *op. cit.*, p.295-296).

exemplos apresentados por Nyrop (1899, p.316-317): *carum* > *cher*, *cantare* > *chanter*, *caballum* > *cheval*, *circare* > *chercher*, *bucca* > *bouche*, *sicca* > *sèche*, *vacca* > *vache*. Este, portanto, deve ser o comportamento do sufixo diminutivo *-icca* nesta língua.

Alguns exemplos apresentados por Joret (*op. cit.*, p.296) – nos quais se encontram as consoantes latinas *-cc-* diante das vogais <a>, <o>, <u> e sua mudança em francês, italiano, provençal, português, espanhol – resumem bem o que dissemos até aqui acerca deste tema¹⁴⁶:

Quadro 29 – Evolução da consoante dobrada *cc* seguida de *a*, *o*, *u* do latim vulgar às línguas românicas ocidentais

lat.	it.	esp.	port.	prov.	fr.
<i>beccum</i>	<i>becco</i>	<i>bico</i>	<i>bico</i>	<i>bec</i>	<i>bec</i>
<i>buccam</i>	<i>bocca</i>	<i>boca</i>	<i>boca</i>	<i>boca</i>	<i>bouche</i>
<i>cloccam</i>	<i>cioca</i> P.	—	—	<i>cloca</i>	<i>cloche</i>
<i>flaccum</i>	<i>fiacco</i>	<i>flaco</i>	—	—	—
<i>floccum</i>	<i>fiocco</i>	<i>flueco</i>	<i>froco</i>	<i>floc</i>	<i>floc(on)</i>
<i>peccare</i>	<i>peccare</i>	<i>pecar</i>	<i>peccar</i>	<i>pec(c)ar</i>	<i>pécher</i>
<i>saccum</i>	<i>sacco</i>	<i>saco</i>	<i>sacco</i>	<i>sac</i>	<i>sac</i>
[<i>siccus</i>]	<i>secco</i>	<i>seco</i>	<i>secco</i>	<i>sec</i>	<i>sec</i>
<i>siccam</i>	<i>secca</i>	<i>seca</i>	<i>secca</i>	<i>seca</i>	<i>sèche</i>
<i>socum</i>	<i>socco</i>	<i>soco</i>	<i>socco</i>	—	<i>soc</i>
<i>succum</i>	<i>succo</i>	<i>suco</i>	<i>succo</i>	<i>suc</i>	<i>suc</i>
<i>vaccam</i>	<i>vacca</i>	<i>vaca</i>	<i>vac(c)a</i>	<i>vaca</i>	<i>vache</i>

Fonte: Adaptada de JORET (*op. cit.*, p.296)

Considerando-se isso, os sufixos que possuem *-cc-* em sua estrutura estariam divididos entre a conservação da consoante dobrada ou a eliminação de uma delas – como, aliás, ocorreu com as outras consoantes dobradas –, nas línguas mencionadas. Em Meyer-Lübke (1895 [1894¹], p.591), há exemplos que ilustram esse fato: it. *vigliacco*, *baciocco*, *fratocco* etc.; esp. *bellaco*, *verraco*, *holleca*, *muñeca*, *animalico*, *hermanico*, *doncellueca*,

¹⁴⁶ O quadro a seguir merece algumas considerações: 1) a coluna na qual estão dispostas as palavras latinas não faz parte do quadro original, estando as referidas palavras – excetuando *siccus*, que foi introduzida por nós –, presentes no texto que introduz o referido quadro (cf. *loc. cit.*). Colocamo-las, no entanto, para que pudéssemos obter um melhor efeito comparativo; 2) embora o autor apresente alguns exemplos em português com a grafia *-cc-*, e não a forma simplificada *-c-*, pronuncia-se, nessa língua, esse duplo *-c-* como consoante simples, conforme já advertimos nas notas 137 e 138.

abejaruco, abejaruco etc.; port. *belhaco, famaco, soneca, padreco, bacinica, morenico, pardoca* etc..

Sintetizando o que até aqui foi exposto sobre a evolução das consoantes que compõem a estrutura dos diminutivos latino-vulgares até às línguas românicas, temos o seguinte quadro¹⁴⁷:

Quadro 30 – Evolução das consoantes presentes nos sufixos diminutivos do latim vulgar às línguas românicas ocidentais

consoante lat. vulg.	cl	c	l	n	ll	tt	cc
Italiano	<i>cchi, chi</i>	<i>c</i>	<i>l</i>	<i>n</i>	<i>ll</i>	<i>tt</i>	<i>cc</i>
Francês	<i>il ou ill, l ou cl</i>	<i>s, c</i>	<i>l</i>	<i>n</i>	<i>l</i>	<i>t</i>	<i>c</i>
Provençal	<i>lh, cl</i>	<i>z, s</i>	<i>l</i>	<i>n ou ø</i>	<i>l</i>	<i>t</i>	<i>c</i>
Espanhol	<i>j, ch</i>	<i>c</i>	<i>l</i>	<i>n</i>	<i>ll</i>	<i>t</i>	<i>c</i>
Português	<i>lh, ch</i>	<i>z, c</i>	<i>ø</i>	<i>ø</i>	<i>l</i>	<i>t</i>	<i>c</i>

Fonte: O Autor

Considerando, portanto, as transformações das vogais e das consoantes do latim vulgar às línguas românicas conforme até aqui foram descritas, podemos resumir o que foi exposto sobre as transformações ocorridas nos sufixos diminutivos latino-vulgares do gênero masculino quando comparados com as formas que deram origem nas línguas da România ocidental, conforme quadro a seguir¹⁴⁸:

¹⁴⁷ Na leitura deste quadro, considere as seguintes informações: 1) a vírgula (,) separa, respectivamente, uma forma encontrada quando o grupo de consoantes ou a consoante é empregado(a) em *contexto intervocálico* de outra forma empregada *após consoante*; 2) a conjunção *ou*, antes de duas formas, indica que pode ser encontrada, naquele contexto (*contexto intervocálico* ou *após consoante*), uma ou outra forma, de acordo com as condições referidas quando se caracterizou o processo de mudança de cada consoante ou grupo de consoantes; 3) as consoantes *-l-*, *-n-*, *-tt-* e *-cc-* só foram analisadas no contexto intervocálico; 4) o símbolo \emptyset indica que a referida consoante desapareceu; 5) limitamo-nos, aqui, a fazer, apenas, a representação gráfica das consoantes em análise; referências à sua pronúncia, quando feitas, encontram-se nas respectivas seções em que cada consoante foi descrita.

¹⁴⁸ Nos dois próximos quadros (Quadro 31 e Quadro 32), apresentaremos, apenas, os sufixos diminutivos que resultam da mudança linguística regular do latim vulgar às línguas românicas, conforme descrevemos até aqui. Aqueles sufixos que se caracterizam de outra maneira, além desta, serão abordados, eventualmente, na próxima seção. Advertimos, ainda, que nosso intento primeiro é apresentar a representação gráfica de tais sufixos, sem preocupação com sua representação fonética, em relação à qual podem ser encontradas

Quadro 31 – Evolução dos sufixos diminutivos do latim vulgar às línguas românicas ocidentais: formas do gênero masculino

sufixos latino-clássicos	sufixos latino-vulgares	sufixos românicos				
		Italiano	Francês	Provençal	Espanhol	Português
—	*-accu	-acco	-ac	-ac	-aco	-aco
—	*-attu	-atto	-at	-at	-ato	-ato
—	*-eccu	-ecco	-eç	-eç	-eco	-eco
-cēllūs, -cēllūm	*-cēllu	-cēllo	-sēl> -seau, -cēl> -ceau,	-zēl	-ciēllo > -cillo	-zēlo
-ēllūs, -ēllūm	*-ēllu	-ēllo	-el > -eau	ēl	-iēllo > -illo	-ēlo
-ōlūs, -ōlūm	*-ōlu	-uōlo	-eul	-ol ou -ou	-uēlo	-o
—	*-oçcu	-oçco	-oç	-oç	-uēço	-oço
—	*-oçtu	-oçto	-oç	-oç	-uēço	-oço
-īnūs, -īnūm	*-inu	-ino	-in	-in ou -i	-ino	-ĩo > -inho
—	*-iccu	-icco	-ic	-ic	-ico	-ico
—	*-ittu	-itto	-it	-it	-ito	-ito
-ōnēm	*-one	-one	-on	-on ou -o	-on	-on ou -om ou -ō > -ão
-cūlūs, -cūlūm	*-clu	-cchio, -chio	-il, -cle	-lh, -cle	-jo, -cho	-lho, -cho
—	*-uccu	-ucco	-uc	-uc	-uco	-uco

Fonte: O Autor

Mas, como já advertimos, podem ser identificadas, em latim vulgar, formas do gênero feminino, para os sufixos diminutivos, correspondentes às do gênero masculino, de modo que também é possível elaborarmos um quadro específico para demonstrar a mudança dessas formas daquela língua a cada uma das línguas românicas aqui contempladas, conforme segue:

informações ao longo das discussões que até aqui apresentamos. Faremos exceção, no entanto, às vogais -e- e -o-, sob as quais são colocados alguns sinais (. e), indicando tratar-se, respectivamente, de vogal fechada (e, o) ou aberta (ē, o). Além disso, para uma melhor compreensão destes quadros, chamamos a atenção para o seguinte: 1) o traço longo (—) significa ausência da referida forma sufixal; 2) a vírgula (,) separa, respectivamente, uma forma encontrada quando a forma do sufixo é empregada em *contexto intervocálico* de outra forma empregada *após consoante*; 3) a conjunção *ou*, antes de duas formas, indica que podem ser encontradas, naquele contexto, uma ou outra forma, de acordo com as condições aqui apresentadas, quando se caracterizou o processo de mudança de cada consoante ou grupo de consoantes; 4) o símbolo > significa que a forma que o antecede deu origem, etimologicamente, à segunda.

Quadro 32 – Evolução dos sufixos diminutivos do latim vulgar às línguas românicas ocidentais: formas do gênero feminino

sufixos latino-clássicos	sufixos latino-vulgares	sufixos românicos				
		Italiano	Francês	Provençal	Espanhol	Português
—	*-acca	-acca	-ache	-aca	-aca	-aca
—	*-atta	-atta	-ate	-ata	-ata	-ata
—	*-ecca	-ecca	-eche	-eca	-eca	-eca
-cēllā	*-cēlla	-cēlla	-selle, -çelle	-zēla	-ciēlla > -cilla	-zēla
-ēllā	*-ēlla	-ēlla	-ēlle	-ēla	-iēlla > -illa	-ēla
-ōlā	*-ōla	-uōla	-eule	-ōla	-uēla	-o ou -oa
—	*-ōcca	-ōcca	-ōche	-ōca	-uēca	-ōca
—	*-ōtta	-ōtta	-ōte	-ōta	-uēta	-ōta
-īnā	*-ina	-ina	-ine	-ina	-ina	-īa > -inha
—	*-icca	-icca	-iche	-ica	-ica	-ica
—	*-itta	-itta	-ite	-ita	-ita	-ita
-ōnēm	*-ōne	-ōne	-ōn	-ōn ou -o	—	—
-cūlā	*-cla	-cchia, -chia	-ille, -cle	-lha, -cla	-ja, -cha	-lha, -cha
—	*-ucca	-ucca	-uche	-uca	-uca	-uca

Fonte: O Autor

3.3 Os sufixos diminutivos latino-vulgares e sua atuação nas línguas românicas: morfologia, semântica e produtividade

O latim, que herdara do indo-europeu os sufixos para marcar o diminutivo nas palavras, transmitiu às línguas que dele se originaram esses sufixos. As mudanças ocorridas neles, ao longo do processo de formação dessas línguas, as quais afetaram tanto as vogais, quanto as consoantes que os compunham, terminaram por imprimir-lhes um novo caráter formal, deixando-os, algumas vezes, muito diferenciados da forma original, o que acarretou, nessas situações, a perda do significado de diminutivo que portavam, ao mesmo tempo em que não mais foram reconhecidos como sufixos. Outras vezes, no entanto, a forma românica mantém certa semelhança formal com o sufixo latino-vulgar do qual resulta, conservando, também, a significação deste. Ainda há situações em que o sufixo “herdado” do latim vulgar desenvolveu outro significado, nalgumas vezes anulando o significado antigo, em outras coexistindo com ele. Conclui-se, assim, que nem todos os sufixos que atuavam como diminutivos em latim vulgar continuaram desempenhando essa função nas línguas românicas.

Além disso, os sufixos que as línguas aqui destacadas empregam não se restringem às formas que foram apresentadas nos Quadros 31 e 32, seja porque tomaram de empréstimo a outras línguas não-românicas com as quais mantiveram contato – ou ao próprio latim –, seja pela combinação de múltiplos diminutivos, do que resultaram, posteriormente, novas formas de sufixos diminutivos¹⁴⁹. Dizemos isso, porque, na descrição que apresentaremos a seguir, restringir-nos-emos aos sufixos que atuavam como diminutivos em latim vulgar e que foram transmitidos às línguas românicas, mais especificamente, ao italiano, francês, provençal e ao espanhol. Ao apresentar tal descrição, não pretendemos caracterizar esses sufixos em todos os seus aspectos – daí a brevidade de nossa abordagem –, centrando-nos, portanto, em discutir os

¹⁴⁹ Alguns exemplos são suficientes para ilustrar esses pontos: o sufixo germânico *-ard* (> fr. *-art* > *-ard*, *-arde*) pode atuar como diminutivo em francês – ao lado de sua significação aumentativa, que é a sua principal –, como destaca Nyrop (1908, p.166-168): “ARD. Ce suffixe, qui ne se retrouve qu’en français et en italien, provient de la terminaison **-hart**, employée dans des noms de personnes composés: *Adalhart, Bernhard, Eberhart, Eginhart, Reginhart*, etc. Beaucoup de ces noms passent en français: *Alard, Aymard, Bernard, Evrard, Guiard, Guichard, Renard, Richard*, etc. Des noms propres, le suffixe *-ard* passe aux noms communs (substantifs et adjectifs), comme le montrent *bâtard, couard, gaillard, richard, vieillard*, qui remontent tous à l’époque gallo-romane. Plus tard, il s’adapte aussi aux thèmes verbaux: vfr. *baillart, frappart* (bourreau), *huart*. L’emploi de ce suffixe est toujours allé en augmentant, et il est de nos jours plus vivant et plus productif que jamais. ORTHOGRAPHE. L’ancienne forme française était *-art*; elle est devenue *-ard* sous l’influence du féminin *-arde* [...]. Au sens augmentatif se joint facilement une nuance **pejorative**: *richard, gueusard, frocard*. [...] Notons en dernier lieu que *-ard*, ajouté à des noms d’animaux, peut avoir un sens **diminutif**: vfr. *bichard* (petit de la biche), *louvard* (jeune loup). [...] ARDE, forme féminine de *-ard* (§ 352). Elle s’emploie dans le féminin des noms en *ard*: *richard—richarde, paillard — paillarde, bâtard — bâtarde*, etc.”. Além desse sufixo, Nyrop (*op. cit.*, p.168-170), Darmesteter (1895, p.88) e AYER (1885, p.328) apontam também o sufixo *-aud* (com origem no germânico *-wald*) como portador de significação pejorativa – significação esta que também estamos considerando aqui como diminutiva, ou melhor, como uma significação hiponímica do diminutivo: “**aud** forme des noms masculins de personnes et d’animaux dont la plupart ont une signification dépréciative: *badaud, courtaud, nigaud, ribaud; crapaud, levraut, pataud* (propr. chien à grosses *pattes*). *Aud*, suffixe adjectif, est dépréciatif comme *âtre*: *finaud, lourdaud, salaud, noiraud, saligaud*” (AYER, *loc. cit.*). Em relação às construções com sufixos diminutivos múltiplos, ocorrem quando são formados diminutivos a partir de palavras que já se encontram no diminutivo. Eis alguns exemplos, respectivamente, para o espanhol e o italiano: *bonitico* (← *bonito* ← *bueno*), *tantitito* (← *tantito* ← *tanto*), *tamañinino* (← *tamañino* ← *tamaño*) *Marikilla* (← *Marica* ← *Maria*) (cf. CORREAS, 1627, p.53-54), *Periquillito* (← *Periquillo* ← *Perico* ← *Pedro*), *chiquitilluelo* (← *chiquitillo* ← *chiquito* ← *chico*) (cf. SALVÁ Y PÉREZ, 1835 [1831¹], p.33); *ghiotterellino* (← *ghiotterello* ← *ghiòtto*), *cattivelluccio* (← *cattivello* ← *cattivo*), *tristerellino* (← *tristerello* ← *tristo*), *casettina* (← *casetta* ← *casa*), *cosettina* (← *cosetta* ← *cósa*) etc. (cf. BARBERI, 1819, p.72-73).

seguintes temas: como eles se realizam semanticamente nessas línguas¹⁵⁰; apresentação de algumas características de sua morfologia; a importância que cada um deles possui(u) na formação de diminutivos nas referidas línguas¹⁵¹. Simultaneamente a isso, iremos apresentando alguns sufixos diminutivos românicos que não se encaixam no padrão da regularidade fonética tal qual apresentamos quando descrevemos a mudança linguística dos sufixos latino-vulgares até as línguas descritas¹⁵².

3.3.1 Derivados de **-ulu*, **-ula*

O sufixo **-ulu*, *-ula*, enfraquecido fonética e morfologicamente, em consequência da perda da vogal *-u-* postônica, assim como semanticamente, por causa da concorrência com o sufixo **-ellu*, **-ella*, raramente foi transmitido às línguas românicas (com exceção talvez do italiano). Encontram-se, no entanto, nas línguas românicas, formações com esse sufixo que não apresentam a síncope da vogal *-u-*¹⁵³, a qual ora se desenvolveu em *-o-*, ora se conservou.

¹⁵⁰ Na verdade, não iremos tentar identificar todos os significados que esses sufixos possuem nas referidas línguas: nossa abordagem estará limitada a descrever a atuação deles como diminutivos. Exceção será feita, somente, quando atuarem como aumentativos, uma vez que, simultaneamente a essa significação, pode-se encontrar, também, os significados de carinho, avaliação, depreciação etc..

¹⁵¹ Na descrição que apresentaremos aqui – a qual se pretende breve, como já advertimos –, não recorreremos a *corpora* constituídos. Desse modo, as informações que apresentaremos terão por base, principalmente, gramáticas históricas – as quais podem ser gerais, isto é, sobre as línguas românicas, ou sobre línguas particulares – e gramáticas sincrônicas acerca de cada uma das línguas aqui envolvidas, uma vez que, elaboradas a partir do contato com a língua, mesmo que através do texto escrito, podem oferecer importantes subsídios para o conhecimento do sufixo diminutivo nessas línguas. Algumas vezes, utilizar-nos-emos, também, de estudos publicados sobre os sufixos diminutivos que tenham resultado de teses elaboradas quer sobre línguas românicas particulares, quer estabelecendo uma comparação entre estas.

¹⁵² Nesta seção, não apresentaremos informações acerca de nenhum desses temas na língua portuguesa, as quais ficam reservadas para quando estivermos descrevendo especificamente os diminutivos nessa língua, ou seja, para os capítulos que seguem, quando analisaremos o comportamento desses sufixos em português, comparando-os com os diminutivos nessas línguas.

¹⁵³ Na tentativa de explicar o não desaparecimento da vogal *-u-* nesse sufixo, Meyer-Lübke (1895 [1894¹], p.517) apresenta duas hipóteses: a primeira é a de que esse sufixo não foi afetado pela mudança, permanecendo sua forma inalterada; de acordo com a outra, a mudança ocorreu, mas a sua forma plena teria sido reintroduzida posteriormente. Eis as palavras do autor: “Dans le latin populaire, *u* est généralement tombé, *sacclu* [*< sacculu*], *cinglu* [*< singulu*] (I, p. 56) [...]. D’autre part, dans des conditions qu’on n’a pas encore déterminées, la forme pleine *-ulu -a* a aussi persisté dans le parler populaire ou s’y est réintroduite: elle s’est

Considerando esses fatos, Diez (1874 [1838¹], p.297) assim caracterizou o desenvolvimento desse sufixo: “Cette terminaison a été rendue de diverses manières: tantôt on a conservé la voyelle atone de liaison *u*, tantôt on l’a changée contre la voyelle voisine *o*, tantôt on l’a élidée. Ce n’est que dans les deux derniers cas que ce suffixe a un cachet purement roman”. Ainda de acordo com esse autor (*op. cit.*, p.297-298), as formações que conservam a vogal postônica, intacta ou alterada, são mais frequentes na língua italiana; nas demais línguas, quando ocorrem, são empréstimos àquela língua:

Ce n’est que dans la langue italienne, qui n’est pas hostile au proparoxytonisme, qu’on fait un fréquent usage de ce suffixe. Exemples (le primitif existe pour presque tous): *aratolo* charrue, *avolo* grand-père, *bocciolo* bouton, *bossolo* boîte, *cintolo* ceinture, *fignolo* pustule, *fusolo* tibia, *granchio* écrevisse (*cancerulus**), *guindolo* dévidoir, *orlo* bord, *santolo* parrain, [...] *cupola* coupole, *donnola* belette (*donna*), *fromhola* fronde, *girandola* girandole, *gondola* gondole, *morola* mûre, *seggiola* chaise [...]. Dans les autres langues ces dérivations sont rares et en général empruntées à l’italien: esp. *brúxula* (pour *bux.*), *girándula*, *guíndula*, *góndola*, *orla*; franc. *boussole*, *coupole*, *girandole*, *gondole*.

Em qualquer que seja o processo de transmissão – conservando ou não a vogal postônica –, a significação diminutiva poucas vezes ainda é percebida. Nesse sentido, Diez (*op. cit.*, p.297) afirma:

En latin la diminution existe souvent d’une façon évidente: *nodus nodulus*, *pannus pannulus*, *rivus rivulus*, *saccus sacculus*, *luna lunula*, *pila pilula*. Dans l’ital. *rivolo*, *saccolo* la forme diminutive est encore active, mais elle ne l’est ni dans *nocchio* (nod.), *lulla*, *pillola* [...]. Les mots nouveaux, qui sont presque tous les noms communs ordinaire, excluent l’idée de diminution ou plutôt l’ont abandonnée depuis que des formes plus expressives ont été introduites à cet effet.

manifestement continuée dans *-ur*, *-urã* du roumain, *-olo*, *-ola* de l’italien, et même, dans cette dernière langue, elle a provoqué quelques formations nouvelles [...].”

3.3.2 Derivados de *-*ellu*, *-*ella*

Os sufixos românicos originados a partir do sufixo *-*ellu* nem sempre conservam a significação diminutiva que este possuía na língua latina¹⁵⁴. Mesmo com esse duplo comportamento, caracteriza(ra)m-se como um dos principais formadores de diminutivos nas respectivas línguas. Assim, o sufixo espanhol *-iello* > *-illo*, que, destacado por Correias (*op. cit.*, p.53) no século XVII como um dos principais sufixos diminutivos daquele momento, já fora de grande importância também no espanhol medieval, conforme atestam as seguintes palavras de González Ollé (1962): “En hispanorromance las diversas soluciones fonéticas de *-ellus* constituyen el sufixo más generalizado desde el primer momento” (p.277)¹⁵⁵. A partir do século XV, esse sufixo deixa de ser o principal sufixo diminutivo do espanhol:

¹⁵⁴ Em Diez (1874 [1838¹], p.338-339), encontra-se uma série de exemplos, para o italiano, francês, provençal, espanhol e português, nos quais esses sufixos ora conservam a significação diminutiva, ora não mais a têm como perceptível. Ei-los: “a) dont la valeur diminutive est éteinte. Ital. [ELLO] *agnello, anello, battello* bateau, *cappello* chapeau, *cervello, coltello, drappello* drapeau, *fratello, martello, sportello, vitello, sorella*. Esp. [ELO, EL, ILLO] *capelo, modelo* modèle, *batel, tropel* troupe, *ciudadela* citadelle, *anillo, caudillo* chef, *cuchillo, martillo, esportillo, astilla*. Port. [ELO, EL, ÊO, ILHO, fém. ELA, ÊA] *capelo, martelo, modelo, anel, gemêo* (*gemellus*), *caudilho, cadela* chienne, *astêa, anguia* (*anguilla*). Prov. [EL, fém. ELLA] *anel, cervel, drapel, vedel, escudella*. Fr. [EAU, à peine EL, fém. ELLE] *anneau, bateau, cerveau, flambeau, grua* (pour *grueau*), *passereau, bordel, écuelle, sauterelle*. [...] b) Avec une force diminutive plus sensible: ital. *asino asinello, campana campanella*; intercalation d’une *r* dans *osso osserello, sonetto sonetterello, acqua acquerella, cosa coserella, gente genterella, tacca taccherella* etc. Esp. *animal animalillo, asno asnillo, alcoba alcobilla, abeja abejilla bota botilla, fruta frutilla*. Le portugais n’emploie que très-peu cette forme dans ce sens, ainsi p.-ê. dans *ilhéo* de *ilha*. Prov. *ram ramel, prat pradel, benda bendel, campana campanela, fabla fablel, trossa trossel*, mais la diminution proprement dite n’est pas sûre dans tous les cas. Franc. *larron larronneau, pré préau*; surtout pour de jeunes animaux ou végétaux: *chèvre chevreau, renard renardeau, paon paonneau, pigeon pigeonneau, chêne chèneau, orme ormeau*; avec intercalation d’une *r*: *lapin lapereau, poète poétereau* (= ital. *poetastro*), arch. *banque banquereau, porte porterea*”. Analisando esses exemplos, observa-se que o espanhol e o português apresentam, além das formas regulares – tais como dispostas nos Quadros 31 e 32 –, outras formas que não seguem o mesmo comportamento destas. Na primeira dessas línguas, os sufixos *-el* e *-elo* resultam, de acordo com Pharies (2002, p.197-200), de empréstimos, seja a línguas românicas, seja diretamente ao latim.

¹⁵⁵ Além da forma que corresponde à mudança regular desse sufixo do latim vulgar ao espanhol, González Ollé (*op. cit.*, p.187-188) identifica outras formas existentes no espanhol medieval: “-*ëllus*. La vocal tónica aparece conservada (*e*), diptongada (*ié*) o, em fase genéticamente dependiente de ésta, con diptongo reducido (*i*). La vocal final se conserva ou se apocopa; cualquiera de estas dos soluciones puede coexistir en una misma palabra con una de las tres citadas de la vocal tónica, originando las seis formas documentadas: *-ello, -iello,*

Dos nuevos sufijos, *-ito* e *-ico*, hasta entonces prácticamente inexistentes, inician con *-illo* en el siglo XV una competencia en que este último cederá su supremacía, absoluta aún en dicho siglo, pero que ya estaba perdida para la formación de algunos diminutivos como los de *chico* y *poco* que pasan a ser *chiquito* y *poquito*, aunque todavía resulten frecuentes los seculares *chiquillo* y *poquillo* (GONZÁLEZ OLLÉ, *op. cit.*, p.278-279).

Apesar disso, o sufixo *-illo* (< *-iello*) ainda continua sendo de grande importância na formação de palavras com essa significação, como atestam a *Gramática de la Lengua Castellana* (RAE, 1796 [1771¹], p.36), na qual esse sufixo aparece como um dos quatro principais formadores de diminutivos nessa língua — “Las terminaciones mas regulares de los diminutivos pueden reducirse á quatro: en *ico, illo, ito, uelo*” — e Nández Fernández (1973, p.336-357), em cujos dados se verifica sempre o sufixo *-illo* como o mais produtivo ou como um deles.

Em francês, Nyrop (1908, p.103) assim caracteriza o derivado de *-ellu-*: “Notre suffixe avait en latin une valeur diminutive, qui s’est conservée assez bien dans la vieille langue, où l’on a fait un très large emploi de *-el* et surtout de *-elle*. Dans la langue moderne, la valeur diminutive de ces suffixes ne s’est conservée que dans quelques cas”¹⁵⁶. No século

-illo; -el(l), -iel(l), -il (l)”. Essas formas, no entanto, não possuem a mesma produtividade, sendo *-iello* e *-illo* (*-iello* > *-illo*) as mais frequentes: “En textos castellanos, la forma más frecuente hasta al siglo XIV es *-iello*; a partir de entonces, *-illo* [...]” (GONZÁLEZ OLLÉ, *op. cit.*, p.188). Há de observar-se, ainda, aqui, que as formas apocopadas apresentadas por González Ollé não estão em conformidade com a descrição da mudança linguística, do latim vulgar ao espanhol, apresentada em relação às vogais átonas finais, mais especificamente quanto ao não desaparecimento do <u> final latino, que se transforma em <o> na língua de Castela. Desse modo, essas formas não são caracteristicamente espanholas. Igual raciocínio encontramos em Pharies (*op. cit.*, p.197), o qual, ao descrever o sufixo diminutivo espanhol *-el*, afirma a sua origem estrangeira: “Terminación nominal que, como *-elo*, aparece casi exclusivamente em préstamos románicos [...]. Hay préstamos antiguos provenientes de casi todas las lenguas románicas occidentales, sobre todo del catalán y del francés, pero también del occitano, italiano y portugués”.

¹⁵⁶ Eis os exemplos apresentados por Nyrop (*loc. cit.*): “1° Noms d’animaux: *Baleineau, bécasseau, carpeau, chevreau, dindonneau, éléphanteau, faisandeau* (§88), *outardeau, paonneau, pigeonneau, ramereau, renardeau, saumoneau, serpenteau, souriceau, vipereau. Colombelle, tourterelle*. On disait autrefois *leopardel* (jeune léopard), *louvel* (louveteau; encore Garnier se sert de louveau), *lionnel* (lionceau). 2° Noms de personnes: *Bonhommeau* (La Fontaine), *tyranneau*. 3° Noms d’arbres: *chêneau, ormeau, sapineau*. 4° Quelques mots isolés: *Caveau, citerneau, cordeau, enclumeau, jambonneau, rondeau, soliveau, tonneau. Cordelle, nuell, ruelle*”.

XVI, também a sua posterior alteração, *-eau*, ainda conserva a significação diminutiva transmitida por seu étimo, como testemunham alguns gramáticos da época – inclusive situando-a entre os sufixos diminutivos principais –, como Meigret (1550, p.29), Estienne (1569 [1557¹], p.18) e Ramus (1572). Este autor, por exemplo, informa o seguinte a seu respeito: “La diminutiõ est presques en trois terminaisons, *au, on, et. Au, arbre, arbrisseau, table, tableau, pre, preau, lieure, leuraut*”¹⁵⁷ (RAMUS, *op. cit.*, p.69-70, destaques nossos).

Do mesmo modo, a presença do sufixo *-ello* entre os principais sufixos diminutivos da língua italiana é um fato que é destacado há bastante tempo. No século XVII, observamos isso na obra de Veneroni (1681 [1678¹], p.27); no XIX, é a vez de Barberi (*op. cit.*, p.67), que, assim como Veneroni, destaca outros sufixos importantes nessa função: “Pour marquer la petitesse de l’objet, on se sert généralement des désinences *ino, etto, ello, uccio, uzzo*, pour le masculin, desquelles on change l’*o* en *a* pour le féminin, et que l’on place à la fin des noms en retranchant la voyelle finale”.

Por fim, analisaremos o comportamento desse sufixo na formação de diminutivos na língua provençal. Também nesta língua, conforme já demonstramos quando citamos Diez (1874 [1838¹], p.338-339) – cf. nota 154 –, o sufixo românico derivado de **-ellu* atua como formador de diminutivos, enquanto noutras palavras esta significação não mais é perceptível (cf. ADAMS, 1913, p.171-172). Especificamente em relação à sua atuação como diminutivo, eis alguns exemplos apresentados por Adams (*op. cit.*, p.172-173)¹⁵⁸:

¹⁵⁷ Como é possível observar nesta citação, o autor em destaque não cita a terminação *-eau*, mas *-au*. Em virtude de os exemplos citados todos terem o seu primitivo em <e> – exceto *arbrisseau*, no qual fica evidente a presença da terminação *-eau*, integrante do sufixo *-sseau* (< *-cellu*) –, poder-se-ia, realmente, pensar, analisando sob uma perspectiva sincrônica, que o sufixo é *-au*, mas este sufixo não poderia ser resultado da transformação do sufixo latino-vulgar *-ellu* ou de quaisquer outros. Além disso, quando se analisam as transformações pelas quais o sufixo latino *-ellu* passou ao longo tempo – inclusive já na própria língua francesa, como demonstramos quando abordamos as mudanças pelas quais esse sufixo passou –, pode-se explicar a forma *-eau* como compreendendo a fusão da vogal final das palavras terminadas em <e> – tais quais os exemplos apresentados por Ramus – e a vogal *-e-* inicial do sufixo: “Si une voyelle précède elle absorbe l’*e*: *joy-au* pour *joyeau* (*gaudiellum**, prov. *joi-el*), *boy-au, glu-au, gru-au, hoy-au, tuy-au*, anc.franc, *joy-el* etc.; de même *flé-au, pré-au, fé-aux* (*fideles*) pour *flé-eau, pré-eau, fé-eaux* (DIEZ, 1874 [1836¹], p.406)”.

¹⁵⁸ Nas citações retiradas de Adams (*op. cit.*) e que serão apresentadas ao longo deste capítulo, não fazem parte do texto original nem os parênteses nem a seta, inseridos para mais bem distinguir a palavra primitiva da derivada. Assim, com o emprego da seta apontando para a esquerda (←), indicamos que a primeira palavra mencionada é derivada morfológicamente da segunda, de acordo com proposta de Viaro (2011, p.14).

albanel, hobby (small falcon) (← *alban*, bird of prey), *almucela*, small hood (← *almusa*, amice), [...] *avocadel*, little lawyer (← *avocat*, lawyer), *bastonnel*, small cane (← *baston*, cane), *bendel*, small band (← *benda*, band), [...] *cordel*, string (← *corda*, cord), [...] *garlandel*, little garland (← *garlanda*, garland), [...] *laironnel*, young robber (← *lairon*, robber), *leonel*, young lion (← *leon*, lion), [...] *portanela* small door (← *porta*, door), *portela*, small door (← *porta*, door).

3.3.3 Derivados de *-culu, *-cula

O sufixo diminutivo *-culu (depois transformado, no próprio latim vulgar, em *-clu, após a síncope de -u-) foi transmitido a todos os principais domínios linguísticos da România ocidental, mas raramente conserva neles o significado de diminutivo: “Dans la langue mère les noms communs ont une action diminutive, dans les langues nouvelles cette action ne se fait plus sentir que dans certains cas” (DIEZ, 1874 [1838¹], p.298)¹⁵⁹.

Assim, em italiano, os sufixos -cchio, -cchia e -chio, -chia – que têm origem nas formas *-clu, *-cla, respectivamente em contexto intervocálico e após uma consoante – muito raramente encontram-se mencionados entre os diminutivos dessa língua. Nas diversas gramáticas sincrônicas sobre a língua italiana das quais nos utilizamos – por exemplo, Veneroni (*op. cit.*), Lima (1734), Nelli (1744), Soave (1802), Martelli (1826), Barberi (*op. cit.*) e Demattio (1776) –, somente neste último autor, há menção aos derivados desses sufixos como diminutivos, mais especificamente ao sufixo -cchio, sob as formas -acchio, -icchio, -ucchio. Em relação à segunda forma – caracterizada como pejorativa –, o referido autor apresenta apenas um exemplo, *dottoricchio* ‘médico sem valor, desprezível’ (cf. p.28)¹⁶⁰;

¹⁵⁹ Este sufixo poderia, em latim vulgar, vir antecedido de vogal ou, menos frequentemente, das consoantes *n*, *r* ou *s*. Assim, no primeiro contexto, teríamos as formas *-aclu, *-eclu, *-iclu, *-oclu, *-uclu e, por consequência, cada um dos derivados românicos apresentados nos Quadros 31 e 32 teria uma vogal anteposta. Como de todas as formas latinas, bem como românicas, a mais produtiva com significação diminutiva é a que possui um <i> (*-iculu, *-icula), somente abordaremos nestas línguas os derivados destas formas. Também pouco nos referiremos aos derivados de *-culu, *-cula que ocorrem após uma consoante, pelo mesmo motivo da menor produtividade.

¹⁶⁰ Este sufixo não deve provir do sufixo latino-vulgar -ĭculu, -ĭcula, pois, nesta situação, deveria ter-se originado o sufixo -ecchio, -ecchia, e não -icchio, -icchia, como afirma Diez (1874 [1836¹], p.144) em relação às línguas românicas, e aqui com o destaque que damos ao italiano: “I bref devant une consonne simple passe au son voisin e: it. *bevere* (*bĭbere*), *cenere* (*cĭnis*), *ricevere* (*recĭpere*), *petto* (*cĭto*), *fede* (*fĭdes*), *frego* (*fĭrico*), *lece* (*lĭcet*), *lego* (*lĭgo*), *meno* (*mĭno*, *mĭnus*), *nero* (*nĭger*), *netto* (*nĭtidus*), *neve* (*nĭvem*), *pece* (*pĭcem*), *pelo* (*pĭlus*) [...]”. Desse modo, o sufixo em destaque deve ter proveniência num sufixo latino-vulgar *-ĭculu, *-ĭcula.

a primeira e a terceira formas, por sua vez – as quais são referidas em uma observação feita pelo autor –, são assim caracterizadas: “Si danno ancora altri suffissi pe’ nomi alterati, che si adoperano però soltanto in voce determinate, come p. e. [...] da *bacio baciucchio*, (ucchio = lat. *uculus*) da *orso orsacchio* (acchio = *aculus*) [...]” (DEMATTIO, *op. cit.*, p.28-29). Em Diez (1874 [1838¹], p.298-300), também encontramos referência aos derivados desse sufixo, mais exatamente às formas *-acchio* e *-ucchio*, com a significação diminutiva em italiano. Segundo esse autor (*op. cit.*, p.299), a primeira dessas formas é encontrada com significação diminutiva nalguns nomes de animais, indicando que se trata de animais jovens, como *birracchio* ‘veado de um ano’, *buciacchio* ‘jovem boi’, *orsacchio* ‘jovem urso’. Quanto à segunda, Diez (*op. cit.*, p.300) afirma ser rara, apresentando como exemplo, apenas, a palavra *baciucchio*, apontada como derivada de *bacio* ‘beijo, ósculo’.

Em francês, os derivados de **-culu*, **-cula* – respectivamente, *-il* e *-ille* – também não tiveram grande produtividade, como o indicam a ausência de referência em autores do século XVI, como Meigret (*op. cit.*, p.29-30), Estienne (*op. cit.*, p.17-18) e Ramus (*op. cit.*, p.69-70). Em relação à primeira forma, confirmam a sua pouca importância na formação de diminutivos franceses Darmesteter (1877, p.109) – o qual afirma: “*Il n’est plus vivant*” – e Nyrop (1908, p.128), que assim a caracteriza: “Ce suffixe, auquel il faut attribuer une signification diminutive, est peu représenté en français; aussi les dérivations nouvelles sont-elles très rares: *coutil*, de *coute* (autre forme de *couette*; cf. I, § 158, 1, Rem.); *doisil* (ou *dousil*, *douzil*), du vfr. *dois*, source; *grésil*, de *grès*”. Quanto à forma feminina, a sua força diminutiva também se foi apagando, de modo a tornarem-se pouco frequentes as formações com significação diminutiva, como é possível concluir a partir de Ayer (1885 [1876¹], p.327) — “**ille** est originairement diminutif: *chenille* (litt. petite chienne), *faucille*, *pointille*; de là son emploi dans les formations nouvelles au sens spécial de collection de menues choses: *charmille*, plant de petits charmes, *ormille*, *ramilles*” — e Darmesteter (*op. cit.*, p.109-110):

[...] *ille* semble encore capable de formations nouvelles, au sens spécial de collection de menues choses: en effet, dans *flottille*, *brindille*, *pacotille*, *ramille*, on sent encore l’idée particulière que le suffixe donne aux dérivés: réunion de petits navires, de petits brins, de petits paquets, de petites branches. De là les mots qui paraissent de formation moderne, sinon contemporaine, *charmille*, *ormille*, *coudrille*, plantation de petites branches de charme, d’orme, de coudrier.

Os derivados espanhóis de **-culu*, **-cula*, isto é, *-jo*, *-ja* (após vocal) e *-cho*, *-cha* (após consoante) pouco foram produtivos nessa língua. Assim, após analisar textos referentes

ao espanhol medieval, González Ollé (*op. cit.*, p.285-288) conclui que *-ejo* foi pouco produtivo nesse período, o que, ainda segundo o autor (p.285), deve ter ocorrido “[...] debido a su rígido condicionamiento fonético, pues sólo afecta a radicales en *-ll* y a las voces terminadas em *-r* y *-l*”, como nas palavras *valeio*, *monastereio*, *vallejo*, *logarejo*, *portalejo*, *castellejo* (cf. p.85). Ainda segundo esse autor, apesar de esse sufixo, a partir do século XV, ter ampliado o contexto de seu emprego, encontrando-se exemplos nos quais é acrescentado a palavras terminadas na vogal <e> ou em <n>, tais como *almadraquejas*, *esmaltejo*, *heredadeja*, *bacineio* e *sacristanejo*, a concorrência com outros sufixos que já eram mais produtivos (*-illo* e *-uelo*) e com outros que se tornaram a partir desse século (*-ico* e *-ito*) tornou esse sufixo menos produtivo ainda¹⁶¹.

Não obstante esse cenário apresentado por González Ollé, o sufixo *-ejo* continua produtivo nos séculos seguintes, como atestam Correas (*op. cit.*, p.53), Salvá y Pérez (*op. cit.*, p.31) – os quais o caracterizam como uma das mais comuns terminações formadoras de diminutivos – e a *Gramática de la Lengua Castellana* (RAE, 1796 [1771¹], p.36), que, contrariamente àqueles autores, apresenta esse sufixo como pouco frequente. Esta última caracterização é a que parece, no entanto, mais estar de acordo com a realidade desse sufixo, uma vez que é coerente tanto com a sua história até o século XV, quanto com o futuro que se lhe apresenta, tendo em vista o que se argumentou no parágrafo anterior, confirmado a partir da análise dos dados apresentados por Nández Fernández (*op. cit.*, p.336-357), nos quais sempre é menos produtivo que *-illo*, *-uelo*, *-ico* e *-ito*.

¹⁶¹ De acordo com González Ollé (*op. cit.*, p.287), a concorrência estabelecida, a partir do século XV, entre o sufixo *-ejo* e esses sufixos mais produtivos resultou na perda de espaço daquele sufixo nos contextos que lhe favoreciam, até esse momento, o emprego, isto é, após <ll>, <r> e <l>, embora ainda se continuassem formando palavras com *-ejo*: “Junto a estas ampliaciones de su aplicación, voces cuyas características fonéticas las ligaban necesariamente a *-ejo* en los siglos anteriores, adoptan ahora otros sufijos. En Iñigo de Mendoza aparece *Pascualejo* frente a *Minguillo*, *Juanilla*; pero en Enzina, *Pascualeja* alterna con *Pascualilla*, del mismo modo que *zagalejas* con *zagalillas* em Lucas Fernández. Y de modo más general, las palabras en *-r* que en siglos anteriores adoptan *-ejo* ou *-cillo*, ahora parecen rehuir la primera solución: *cantarcillo* (Enzina); *dolorcillo* (Talavera; *Celestina*); *pastorcillo* (ya em Berceo; *Ysopete*; Enzina); *pastorcico* (Enzina; Lucas Fernández; Montesinos); *robadorcillo* (Palencia). Incluso algunas de las voces con radical en *-ll*, exclusivo de *-ejo* en los siglos anteriores, presentan ahora *-illo*: *ollillas* (Talavera; Tafur); *gallillo* (*Celestina*); *pellillas* (Tafur). Son, sin embargo, frecuentes, los casos de *-ejo* en las condiciones típicas: *pastejejo* (*Glos. de El Escorial*); *ortalejo* (*CDSSM*, 1.427); *berrocalejo* (*CDSSM*, 1.479); *çafilejo* (*inventario de 1428*); *cordeleio*, *cuchilleio*, *fardeleio*, *maniareio* (Palencia), etc.”.

A sua pequena produtividade não impediu, contudo, que ainda em tempos recentes tenha sido identificado como um sufixo produtivo, conforme indica Pharies (*op. cit.*, p.196): “La productividad actual del sufijo lo atestiguan los numerosos neologismos recogidos por Rainer (1993: 468-69), entre los que figuran *cuartejo* (*cuarto*), *limosneja* (*limosna*) y *peseteja* (*peseta*)”.

Em provençal, os derivados do sufixo **-culu-*, **-cula*, isto é, *-lh*, *-lha*, quando em contexto intervocálico, e *-cle*, *-cla*, quando ocorria após uma consoante, também não se tornaram muito produtivos, conforme Adams (*op. cit.*, p.70-77). Assim, as palavras formadas já em provençal, geralmente, não possuem significação diminutiva, como assinala Adams (*op. cit.*) em dois momentos de seu texto:

In Provençal, the forms in *-ELH* appear to be the commoner [...]. The meaning which the suffixes had in Latin, which is also usually found in Provençal, is diminutive, though often their addition brings no change of meaning to the simple word, as the diminutive force was lost (p.71) — With respect to meaning, they are hard to classify. Some of them appear to have diminutive value, but in most the derived word shows little change of meaning (p.74).

Eis os exemplos de palavras provençais em *-elh*, *-elha* que o autor apresenta (*op. cit.*, p.75)¹⁶²: “*arborelh*, shrub (← *arbre*, tree), *calmelh*, heath, plain (← *calm*, heath), *fadelh*, fool (← *fat*, fool), *fornelh*, hearth (← *forn*, oven), *jupelh*, petticoat (← *jupa*, skirt), *somelh*, summit (← *som*, summit), *tendelh*, pavillion (← *tenda*, tent), *tenselha*, dispute (← *tensa*, dispute)”.

3.3.4 Derivados de **-cĕllu*, **-cĕlla*

Em espanhol, os derivados desse sufixo possuíam, inicialmente, em sua estrutura, o ditongo *-ie-*, que, posteriormente, se reduziu a *-i-*¹⁶³. Assim, identificam-se quatro formas regulares em espanhol, sendo duas delas grafadas com *-c-* (*-ciello* > *-cillo*) e duas com *-z-*

¹⁶² Além destas palavras que foram formadas já em provençal, o autor (*loc. cit.*) apresenta vários exemplos de palavras nessa língua que lhe foram transmitidas pelo latim, as quais também não conservam a significação diminutiva: “*abelha*, bee < *apicla*; *artelh*, toe < *articlum*; *aurelha*, ear < *auricla*; *corbelh*, basket < *corbiclum*; *dentelh*, battlement < *denticlum*; *folelh*, flake < *folliclum*; *manelha*, handle < *manicla*; *ovelha*, sheep < *ovicla*; *parelh*, couple < *pariclum*; *solelh*, sun < *soliclum*; *somelh*, sleep < *somniclum*, and *ventrelh* (also *ventrilh*), ventricle < *ventriclum*”.

¹⁶³ Quanto à redução do ditongo *-ie-* no monotongo *-i-*, veja-se o que foi dito na seção 3.2.1.1.3, nota 96.

(-ziello > zillo)¹⁶⁴. De acordo com González Ollé (*op. cit.*, p.199-204), as ocorrências desse sufixo, ao longo da Idade Média, são frequentes especialmente nos seguintes contextos: em palavras bissilábicas terminadas em <e>; e em oxítonos cujo final é em <n> ou <r>¹⁶⁵. No século XVII, sob a forma -zillo e ao lado de outras, como -illo, esse sufixo é apontado entre as mais comuns terminações diminutivas dessa língua (cf. CORREAS, *op. cit.*, p.53). Já Salvá y Pérez (*op. cit.*, p.31), ao citar as principais terminações empregadas na formação dos diminutivos espanhóis, não o insere entre elas; e, realmente, não parece esse posto ser ocupado por essa terminação, pois só é empregada em alguns contextos bem específicos e, mesmo aqui, sofre a concorrência de outras terminações, como assinala Salvá y Pérez (*op. cit.*, p.32)¹⁶⁶:

Pero los diminutivos en *ico*, *illo* é *ito* reciben una *c* ántes de dichas terminaciones, ó una *z* ántes de *uelo*, si concluye el nombre por *e* ó por las líquidas *n* ó *r*, segun se ve en *simplecillo*, *trotecillo*, *avecilla*, *capitancillo*, *ruincillo*, *leoncico*, *cantarcico*, *mujercilla*, *dolorcillo*, *ladronzuelo*. Los femeninos que se derivan de nombres masculinos en *or*, mudan la *a* en *cica*, *cilla*, *cita*, v. g. *pastora*, terminacion femenina de *pastor*, dice en el diminutivo *pastorcilla*. Son pocos los nombres acabados en *o* que la convierten en *cillo*, *cito*: con todo formamos á *buencillo* (poco usado), *huevecillo*, *manecita*, *pradecillo* y *truenecillo* de *bueno*, *huevo*, *mano*, *prado* y *trueno*. — Tambien tienen su diminutivo en *cillo* ó *zuelo* muchos de los nombres, en

¹⁶⁴ A grafia com -c- ou -z- está diretamente relacionada com a posição do -c- latino-vulgar quando antecede as vogais -e- ou -i-, conforme expusemos na seção 3.2.1.3.2. A posterior eliminação do <z> de novas formações com esse sufixo está diretamente relacionada à reorganização das sibilantes ocorrida no espanhol moderno, a partir do século XVII, conforme também vimos na mencionada seção, do que resultou a convenção de não grafar <z> antes de <e> ou <i>. Em seu lugar, grafa-se <c>; a partir de então, o sufixo passa a ser -cillo e não -zillo, como verificamos nas indicações das gramáticas posteriores a esse período.

¹⁶⁵ Vários são os exemplos apresentados pelo autor (cf. *loc. cit.*) que demonstram esse fato. Aqui nos limitaremos a apresentar apenas alguns deles, respectivamente referentes a cada contexto: *aveciella*, *brevezilla*, *condeziello*, *fonteciella*, *ombrezillo*, *madrecilla*, *montezillo*, *navecilla*, *nomneciello*, *torreziella*; *alonçillo*, *bastoncillo*, *calderoncillo*, *leonciello*, *peonciello*, *mantonzillo* e *cantarcillo*, *dolorcillo*, *pastorciello*, *mugerçilla*. Observe-se que, após <n> e <r>, raramente ocorre o sufixo grafado com <z>, sendo mais frequente a sua grafia com <c>, o que está de acordo com o que apresentamos acerca do desenvolvimento de -c- antes de -e- ou -i- em contexto intervocálico.

¹⁶⁶ Há de observar-se, ao longo da citação de Salvá y Pérez, que os contextos que o autor apresenta, nos quais se deve empregar o sufixo -cillo, -cilla, podem ser considerados idênticos aos apontados por González Ollé (*op. cit.*) quanto ao seu emprego no espanhol medieval, conforme aqui já indicado.

que se muda el diptongo *ie* en *e* y el *ue* en *o*, como se advierte en los ejemplos que luego citaremos. De los nombres que acaban por consonante, hai muchos que reciben las terminaciones *ecico*, *ecillo* y *ezuelo* por enterro, v. g. *arbolecico*, *florezilla*, *panecillo*, *reyezuelo*, diminutivos de *árbol*, *flor*, *pan* y *rei*. Lo mismo se verifica respeito de los en *a*, que la cambian en dichas terminaciones, e. g. *cofiezuela*, *obrecilla*.

Por fim, os dados apresentados por Nández Fernández (*op. cit.*, p.336-357) acerca do espanhol clássico e moderno, nos quais esse sufixo não aparece, não deixam dúvidas quanto à sua caracterização como um sufixo de baixa produtividade nesse período, contrastando com o sufixo *-illo*, sempre muito produtivo ao longo dele.

Por sua vez, a língua francesa – na qual esse sufixo se manifesta sob as formas *-cel* > *-ceau*, *-celle* e, ainda, *-sel* > *-seau*, *-selle* e *-ssel* > *-sseau*, *-sselle*¹⁶⁷ – apresenta alguma produtividade com a forma *-cel* — “La langue du moyen âge présente plusieurs dérivés nouveaux: *avironcel*, *bastoncel*, *flourcelle*, *garçoncel*, *larroncel*, *mocheroncel*, *penoncel*; ils ont tous disparu” (NYROP, 1908, p.101) —, mas a partir do século XVI – quando a forma masculina do sufixo tem o seu final mudado para *-eau*, isto é, *-cel* > *-ceau*, *-sel* > *-seau* e *-ssel* > *-sseau*¹⁶⁸ – raramente encontramos referência a esse sufixo nas descrições gramaticais a partir desse período, como vemos ao analisar autores como Meigret (*op. cit.*, p.29-30), Estienne (*op. cit.*, p.17-18), Ramus (*op. cit.*, p.69-70), Ayer (1851, p.124-143; 1885 [1876¹], p.325-328), Brachet (1868 [1867¹], p.272-290), Darmesteter (1877, p.78-115; 1895, p.66-92) e Nyrop (*op. cit.*, p.81-145), o que reforça, a nosso ver, a hipótese acerca de sua baixa produtividade nessa fase da língua francesa.

Do mesmo modo que em francês, em provençal os seus derivados, isto é, *-zel*, *-zela*, *-cel*, *-cela*, não se tornaram produtivos, como assinala Adams (*op. cit.*, p.23):

¹⁶⁷ Conforme já vimos, quando descrevemos a mudança do sufixo **-cellu* do latim vulgar ao francês, as grafias com *-s-* são mais frequentes quando esse sufixo se encontrava em posição intervocálica; as em *-c-* e em *-ss-*, por sua vez, são mais recorrentes quando, naquela língua, ele era empregado após uma consoante, sendo que as formas francesas em *-ss-* encontram-se restritas aos contextos em que a consoante era <*s*>: “Si le suffixe était précédé en latin d’un *s*, on écrit *-sseau* (*-sselle*), au lieu de *-ceau* (*-celle*): *arboriscellum* > *arbrisseau*, *rivuscillum* > *ruisseau*, *vermiscillum* > *vermisseau*; *vasculum* > **vascellum* > *vaisseau*; *vascella* > *vaiselle*” (NYROP, 1908, p.101).

¹⁶⁸ Acerca da mudança de *-el* em *-eau* em francês, veja-se o que dissemos sobre o tema quando abordamos as transformações que o sufixo *-ellu* sofreu do latim vulgar à língua francesa (cf. seção 3.2.1.3.3, nota 139).

[...] several words in Provençal ended in -ZEL(A) or -CEL(A), coming from the Latin diminutive suffix -CELLUS. It appears, however, never to have been added as a suffix in Provençal, the words in which it is found being common to nearly all of the Romance languages, and showing in other ways their Latin origin. Such words are: *auzel, donzel, moncel, parcela, piuz(c)ela*.

Por fim, também em italiano, as formas *-cello* e *-cella* parecem não ter alcançado grande produtividade¹⁶⁹. Essa conclusão encontra reforço nas seguintes palavras de Barberi (*op. cit.*), o qual, após apresentar várias terminações que atuam como diminutivo nessa língua (cf. p.67-71), traz, numa seção nomeada *Appendice*, a terminação *-cello* – ao lado de outras terminações –, caracterizada como não tendo sido mencionada por nenhum gramático¹⁷⁰:

Oute les désinences dont nous venons de parler, il y en a une infinité d'autres dont aucun grammairien n'a parlé jusqu'à présent, et qui cependant ne sont pas moins nécessaire à connaître, puisqu'elles sont employées aussi souvent, et avec autant d'avantage que les précédentes. Les désinences *cello* et *icello*, sont destinées à marquer la petitesse de l'objet et quelque chose de joli, ainsi que le sentiment de tendresse et de compassion (*ibid.*, p.71).

Ora, o fato de esse sufixo não ser mencionado entre os principais sufixos diminutivos da língua italiana leva-nos a concluir acerca de sua pouca importância na formação de diminutivos nessa língua.

¹⁶⁹ Em todas as línguas aqui analisadas – talvez se excetuando algum momento da história do espanhol –, os derivados do sufixo diminutivo latino-vulgar **-cellu*, **-cella* não alcançaram grande produtividade. Acreditamos que esse fato pode ser explicado devido à concorrência que este sufixo sofria do sufixo fonética e morfológicamente quase idêntico **-ellu*, **-ella*, também diminutivo e cujos derivados são (ou foram) empregados, com grande frequência, em italiano, francês, provençal e espanhol, como já demonstramos mais acima. Desse modo, os sufixos derivados daquele sufixo devem ter tido seu emprego restrito a determinados contextos – conforme análise empreendida acerca de seu emprego em espanhol e em italiano –, enquanto que as formas derivadas de **-ellu* e **-ella* devem ter sido de emprego mais geral.

¹⁷⁰ Realmente, a consulta a algumas gramáticas sobre a língua italiana publicadas anteriormente à de Barberi permitiu-nos concluir, ao menos em relação ao período posterior ao século XVII, que o sufixo *-cello*, e sua forma feminina *-cella*, não atuaram como importantes sufixos diminutivos nessa língua. Assim, por exemplo, Veneroni (*op. cit.*, p.27-28), Nelli (*op. cit.*, p.108) e Soave (*op. cit.*, p.43) citam apenas *-ello*, *-ella*, mas não, *-cello*, *-cella*. Encontramo-lo, no entanto, citado em Lima (*op. cit.*, p.71), mas como formador de diminutivos que, segundo o autor, são irregulares, nas palavras *corpucello* e *porticella*, formadas, respectivamente, segundo ele, a partir de *corpo* e *porta*.

Ainda segundo Barberi (*op. cit.*, p.71-72), dois são os contextos em que se emprega o sufixo (o autor chama de desinência) *-cello*: 1) quando a palavra termina em *ne*; 2) quando termina em vogal e é antecedido de uma consoante que não seja *n*¹⁷¹. Em ambos os contextos, suprime-se a vogal final da palavra, mas, no segundo, em vez de *-cello*, emprega-se *-icello*¹⁷²: “[...] *cello* se met à la fin des mots terminés en *ne*, dont on retranche l’*e*; et *icello* se met à la fin de ceux dont la voyelle finale, que l’on retranche aussi, est précédée d’une consonne quelconque”. Para comprovar a sua argumentação, o autor apresenta (p.71) uma série de exemplos, conforme segue:

Meditazióne, méditation; *meditazioncélla*, petite méditation; *boccóne*, morceau; *bocconcéllo*, petit morceau; *gióvine*, jeune homme; *giovicélllo*, petit jeune homme; *baróne*, baron; *baroncélllo*, petit baron; *porzióne*, portion; *porzioncélla*, petite portion; *passióne*, passion; *passioncélla*, petite passion. [...] *Cámpo*, champ; *championcélllo*, petit champ; *pórta*, porte; *porticélla*, petit porte; *párte*, partie; *particélla*, petit partie; *válle*, vallée; *vallicélla*, petite vallée; *vólpe*, renard; *volpicélla*, petit ranard.

3.3.5 Derivados de **-ølu*, **-øla*

As formas francesas que resultam da alteração de **-ølu* e **-øla* são de pouca importância na história dos diminutivos da língua d’oil. Assim, a sua forma masculina *-eul*, de acordo com Nyrop (1908, p.115-116; cf. tb. DARMESTETER, 1895, p.75), foi pouco produtiva:

Cette terminaison a été très peu productive; on ne la trouve que dans un petit nombre de mots nouveaux qui n’ont pas survécu au moyen âge: *berceul*, forme collatérale de *berceau*, tiré de *bers* (II, §364); *frieul*, poêle à frire (dér. de *frire*); *langeul*, pièce de laine (dér. de *lange*); *poigneul*, sorte de mesure (dér. de *poigne*).

¹⁷¹ Uma análise descontextualizada da exposição de Barberi conforme aqui apresentada, poderia conduzir-nos a concluir, falsamente, que *todas as vezes em que uma palavra terminar em vogal, faz-se seu diminutivo com o sufixo -cello*. No entanto, quando se considera o todo de sua argumentação (cf. *op. cit.*, p.67-77), a conclusão a que se chega é a seguinte: *o sufixo -cello é acrescentado às palavras terminadas em vogal. Todavia, é preciso considerar que outros sufixos também são empregados nesse contexto*.

¹⁷² Barberi (*op. cit.*, p.71) trata *-cello* e *-icello* como duas desinências, ou seja, dois sufixos. Preferimos, no entanto, considerar esta forma como sendo aquela ampliada da vogal <i>, a qual Diez (1874 [1838¹], p.339) chama de vogal de ligação, isto é, trata-se do mesmo sufixo apenas ampliado por necessidade do contexto.

Ou seja, trata-se de uma terminação que logo deixou de ser reconhecida como portadora de significação diminutiva, pouco participando da formação de palavras novas:

[...] c'est une terminaison qui s'est pétrifiée de bonne heure: on la trouve presque exclusivement dans des mots transmis directement du latin. Exemples: *Aieul* de *aviolum* (de *avus*), *baiseul* (cf. *baisol*; *Passion*, v.150) de *basium* (de *basium*); vfr. *champigneul*, (cf. it. *campignuolo*) de *campigneolum*; *épagneul* de *hispaniolum*; *filleul* de *filiolum*; *glaïeul* de *gladiolum*; *ligneul* de **lineolum* (de *linea*); *linceul* de *linteolum*; *tilleul* de *tiliolum* (NYROP, *op. cit.*, p.115).

A partir das poucas referências que encontramos acerca da terminação feminina *-eule*, como em Darmesteter (1877, p.102) — “Les suffixes *eul eule, euil, ol ole*, de *eolus eola, olus ola* (*filleul fill-eule, chevr-euil; campag-nol, rouge-ole, flammer-ole*), semblent aujourd'hui éteints” — e em Darmesteter (1895, p.75) — “Sous la forme féminine **iola**, il a donné le féminin *aiëule* [...]” —, é possível atribuir-lhe as mesmas características apresentadas para a forma masculina.

Também se encontra esse sufixo representado na língua italiana, o qual se manifesta geralmente sob as formas *-uolo* e *-uola*¹⁷³. De acordo com Demattio (*op. cit.*), esse sufixo é um dos mais importantes diminutivos dessa língua (cf. p.25-26), e a sua significação é apenas diminutiva, sem traços semânticos acessórios, como carinho ou avaliação: “I suffissi *-uolo* ed *-olo* sono per lo più soltanto diminutivi, come in *bestiuola, cagnuolo, mazzuolo, sassuolo*. Aggiungendo poi a questi suffissi *-ino, -ina* le parole assumono un significato vezzeggiativo, come *bestiolina, cagnolino* ecc.” (*ibid.*, p.27). A sua produtividade nessa língua deve ter sido, no entanto, menor que a dos sufixos diminutivos *-ino, -ina, -etto, -etta, -ello, -ella* – outros dos sufixos apontados por Demattio como importantes na formação de diminutivos em italiano –, pois, enquanto estes são mencionados por todos os autores de gramáticas sobre a língua italiana que consultamos, como Veneroni (*op. cit.*), Lima (*op. cit.*), Nelli (*op. cit.*), Soave (*op. cit.*), Martelli (*op. cit.*), Barberi (*op. cit.*) e Demattio (*op. cit.*), o sufixo *-uolo, -uola* só é apresentado em alguns deles, a saber: Nelli (*op. cit.*, p.108), Martelli (*op. cit.*, p.96), Barberi (*op. cit.*, p.71) e o próprio Demattio (*op. cit.*, p.-25-27), já citado.

¹⁷³ Além dessas formas que estão em conformidade com a regularidade da mudança linguística do latim vulgar para o italiano (cf. toda a seção 3.2.1 deste capítulo), identificam-se, também, nesta língua, as formas *-olo, -ola* como transformação irregular do sufixo latino-vulgar **-olu, *-ola* (cf. DIEZ, 1874 [1838¹], p.296).

Além do fato de ter merecido menos atenção por parte dos gramáticos, contribuiu, também, para que formulássemos a hipótese acima acerca de sua produtividade, o fato de em um deles, Barberi, o sufixo *-uolo*, *-uola* ser abordado numa seção intitulada *Appendice* (cf. p.71-72), após o referido autor ter descrito vários outros sufixos, entre os quais *-ino*, *-ina*, *-etto*, *-etta*, *-ello*, *-ella*, *-uccio*, *-uccia*, *-uzzo*, *-uzza* (cf. p.67-71), e antecedido pela seguinte introdução:

Outre les désinences dont nous venons de parler, il y en a une infinité d'autres dont aucun grammairien n'a parlé jusqu'à présent, et qui cependant ne sont pas moins nécessaire à connaître, puisqu'elles sont employées aussi souvent, et avec autant d'avantage que les précédentes.

Além disso, mesmo no contexto referido, o sufixo *-uolo*, *-uola* só é citado após o autor mencionar outros (cf. p.71-72). A respeito daquele sufixo está dito:

Quelques autres se font au moyen de la désinence *uólo*, comme *rággio*, rayon; *raggiuólo*, petit rayon; *béstia*, bête; *bestiuóla*, petite bête; *danáio*, denier; *danaiuólo*, petit denier; etc.: ici on supprime la voyelle finale du nom. Cette désinence *uólo*, sert quelquefois à exprimer le mépris que l'on a pour la personne ou pour l'objet représenté par le mot simple; comme *mercatánte*, marchand; *mercatantuólo*, petit mauvais marchand; *filósofo*, philosophe; *filosofuólo*, petit mauvais philosophe, ou mauvais philosophe (BARBERI, *op. cit.*, p.72).

O sufixo espanhol *-uelo*, *-uela*¹⁷⁴, cujo emprego no espanhol medieval só é menos frequente que o de *-iello* (cf. GONZÁLEZ OLLÉ, *op. cit.*, p.193)¹⁷⁵, também é apresentado,

¹⁷⁴ Além dessas formas, que representam a mudança regular do sufixo latino-vulgar **-olu*, **-ola*, existem, também, em espanhol, palavras com os sufixos *-ol* e *-olo*, as quais são resultado de empréstimo ao latim ou a línguas românicas, como o catalão ou o italiano (cf. PHARIES, *op. cit.*, p.424-427).

¹⁷⁵ De acordo com González Ollé (*op. cit.*, p.194 e p.281), o sufixo *-uelo*, *-uela* é acrescentado, em espanhol medieval, somente a palavras que terminam em vogal ou cujos radicais terminam em *ç*, *z*, *ch*, *ñ* ou *j* (y). Ainda de acordo com esse autor (*op. cit.*, p.202), quando, no entanto, a palavra for bissilábica paroxítona terminada em *o* ou *a*, com ditongo *ié*, *ué* na primeira sílaba, esse sufixo é reforçado pela estrutura *-ez-*, formando, portanto, um sufixo *-ezuelo*, *-ezuela*, ao mesmo tempo em que o ditongo da primeira sílaba é eliminado, como em *cornezuelos*, *corpezuelo*, *covezuela*, *pedrezuela*, *vezejuelo*, *rodezuela* etc.. Também Salvá y Pérez (*op. cit.*, p.32) observa acerca da necessidade de acrescentar-se <z> ou <ez> ao sufixo *-uelo*,

a partir desse período, sempre entre as mais comuns terminações diminutivas dessa língua, como verificamos em *Correas* (*op. cit.*, p.53), *Salvá y Pérez* (*op. cit.*, p.31) e, especialmente, na *Gramática* da Academia (RAE, 1796 [1771¹], p.36), que assim diz: “Las terminaciones mas regulares de los diminutivos pueden reducirse á quatro: en *ico, illo, ito, uelo*”. Os dados apresentados por Nánéz Fernández (*op. cit.*, p.336-357), em referência ao espanhol clássico e ao moderno, confirmam essa posição do sufixo *-uelo, -uela*. Nos tempos atuais, no entanto, esse sufixo perdeu a sua produtividade, como afirma Pharies (*op. cit.*, p.518), citando Rainer: “Rainer (1993: 666) cita unos pocos neologismos en *-zuelo*, como *dictadorzuelo, traidorzuelo, festezuela, y vueltezuela*, pero en general afirma que *-uelo* ya no es productivo, y que incluso va perdiendo su carácter diminutivo”.

Em provençal, por sua vez, os derivados desse sufixo existem — “There are a few words in Provençal with the ending *-OL, -OLA*, which is purely diminutive in force when it brings any change in meaning to the simple word” (ADAMS, *op. cit.*, p.240) —, mas não parecem ter-se tornado muito produtivos, ao menos se considerarmos as seguintes palavras de Adams (*op. cit.*, p.241): “The suffix, however, appears never to have been much in use in popular formations, there being a number of other equally useful diminutive forms to take its place”.

A seguir, elencamos exemplos de palavras em *-ol, -ola* apresentados por Adams (*op. cit.*, p.242), alguns dos quais não possuem significação diminutiva:

albola, white baptismal clothes (← *alba*, alb), *aisola*, small ax (← *aisa*, ax), *bandola*, company, party (← *banda*, band), *barbola*, barbed hook (← *barba*, beard), *bresol*, cradle (← *bretz*, cradle), *cabriola*, small room (← *cambra*, room), *crucol*, pitcher (← *cruga*, pitcher), *estanol*, small pond (← *estanh*, pond), *flaujol*, small flute; also deception (← *flauja*, flute), *flautol*, small flute (← *flauta*, flute), *fogasol*, small buttered roll (← *fogasa*, buttered roll), *lasol*, cord (← *latz*, string), *masola*, club (← *masa*, club), *mosola*, winter wheat (← *mos*, moss (?)), *nuchola*, screech-owl (← *nuch*, night), *orfanol*, orphan (← *orfe(n)*, orphan), *palhol*, childbed; woman in childbed (← *palha*, straw), *pesol*, wool remaining after the removal of the web (← *pes*, weight), *pezol*, pea (← *peze*, pea), *plumasol*, feather-broom quill (← *pluma*, feather), *puojol*, hill (← *puoi*, hill), *tersol*, male falcon (← *tertz*, third).

-uela, caso tenha que ser acrescentado, respectivamente, a palavras terminadas em <e>, <r>, <l> ou em quaisquer outras consoantes diferentes destas.

3.3.6 Derivados de **-inu*, **-ina*

O sufixo **-inu*, do qual se surgiram os sufixos românicos it. *-ino*, fr. *-in*, prov. *-in* ou *i*, port. *-inho*, esp. *-ino*¹⁷⁶, transmitiu a essas línguas a significação diminutiva que era capaz de expressar já em latim vulgar. Nalgumas delas, esses sufixos tornaram-se importantes formadores de diminutivos, sobretudo substantivos e adjetivos; noutras, essa capacidade é exercida, mas com menor intensidade, seja porque foi perdendo a sua significação ao longo do tempo, seja porque quase não a desempenhou¹⁷⁷.

A primeira dessas situações se verifica em italiano e em português: “[...] *-inu*, dans l’italien et le portugais notamment, est devenu un suffixe diminutif très employé” (MEYER-LÜBKE, 1895 [1894¹], p.540). Para o italiano, por exemplo, a sua posição como um dos principais sufixos diminutivos já se encontra destacada por Veneroni (*op. cit.*, p.27-28), como

¹⁷⁶ Além dessas formas regulares, há, sobretudo para o espanhol e o português, outras formas, as quais se afastam da mudança linguística padrão para o *-n-* latino-vulgar intervocálico – conforme apresentamos na seção 3.2.1.3.2, caracterizando-se, assim, como irregulares. Essas formas são, respectivamente, para essas duas línguas, *-iño* – cuja produtividade é bastante pequena (cf. PHARIES, 2002, p.343) –, *-in* (cf. DIEZ, 1874 [1838¹], p.313); e *-im* (cf. DIEZ, *loc. cit.*).

¹⁷⁷ Como se trata de sufixos originados de um sufixo polissêmico em latim vulgar – vimos, ao longo da seção 2.2.1.2, que a significação diminutiva alcançada pelo sufixo **-inu* em latim vulgar é de desenvolvimento secundário e que coexistiu com o significado primário –, pode ocorrer que, nalguma(s) dessas línguas, o sufixo novo seja produtivo com a significação de matéria, origem etc., mas de pouco ou inexistente uso com a significação de diminutivo. Na língua francesa, encontra-se um bom exemplo disso, de acordo com Nyrop (1908, p.130), o qual afirma: “Le suffixe *-in*, qui autrefois a été assez peu productif, est devenu plus employé dans la langue moderne. Il s’attache surtout aux thèmes nominaux (*enfantin*, *blondin*), rarement aux thèmes verbaux (*brassin*, *craquelin*, *galopin*, *gratin*, *trottin*); il donne naissance à des adjectifs et à des substantifs: 1° Adjectifs: *Azurin*, *chevalin*, *crépusculin*, *cristallin*, *diamantin*, *serpentin*, *zéphyrin*, etc. Les poètes modernes, qui aiment beaucoup les adjectifs en *-in*, en ont créé plusieurs comme p. ex. *aprilin* (Vielé-Griffin, *Poèmes et poésies*, p.111). Ajoutons l’expression: *un ton galantin*. 2° Substantifs. Dérivés de noms: *agassin*, *ballotin*, *casquin*, *calotin*, *chevrotin* (dér. de *chèvre?*), *diablotin*, *galantin*, *gorgerin* (dér. de *gorgère*), *harpin*, *ignorantin*, *oursin*, *plaisantin*, *picotin* (dér. de l’anc. fr. *picot*), *rondin*, *turbotin*, etc.”. Logo na sequência, referindo-se especificamente ao seu emprego como diminutivo (*loc. cit.*), o autor destaca a sua perda de produtividade nessa função: “Dans la langue latine vulgaire notre suffixe présentait surtout un sens diminutif. Exemples: *Jacet sub hoc signino dulcissima Secundilla* (G. I. L. XII, 874). Ce sens s’est conservé surtout en italien: *signorino*, *donnina*, *tavolino*, *carino*, etc. Il s’est presque perdu en français; les mots de la langue moderne qui ont une valeur diminutive, sont presque tous empruntés de l’italien. Rappelons pourtant qu’au moyen âge, *-in* avait conservé des restes de sa valeur primitive; on trouve par exemple *poverin* (Saint Alexis, v.100)”.

nos exemplos *poverino*, *poverina*, *vecchino* e *casina*. O mesmo destaque se percebe em Barberi (*op. cit.*, p.67-68), Blandi (1815, p.19) e Martelli (*op. cit.*, p.96).

Em espanhol, esse sufixo parece não ter tido grande produtividade, nem no período medieval, nem nos períodos clássico e moderno. É isso o que se verifica, respectivamente, a partir do que expõem González Ollé (*op. cit.*) e Náñez Fernández (*op. cit.*). O primeiro autor descreve, apenas, esse sufixo como de pouco emprego em textos literários do leonês, contrastando com seu uso mais frequente em textos não-literários do leonês e do asturiano (cf. p.330-331). Por sua vez, no segundo, nos diversos autores e obras que analisa entre os séculos XVI e XX, raras são as vezes em que o sufixo *-ino* (ou *-in* ou *-iño*) se caracteriza como um dos mais produtivos; mas ao contrário: quase sempre está entre os que são menos empregados — somente em 2 das 48 obras ou situações analisadas, o sufixo *-ino* se encontra entre os que mais foram empregados. Associado a isso está o fato de que, em muitas dessas obras ou situações (num total de 43), esse sufixo nem sequer foi empregado (cf. p.336-357). Diante do exposto, a conclusão parece óbvia: o sufixo *-ino* é um sufixo de pouca expressão ao longo da história do diminutivo castelhano ou espanhol¹⁷⁸.

Já os dois principais domínios linguísticos da Gália (o francês e o provençal) possuem comportamentos diferentes em relação ao sufixo derivado do diminutivo latino-vulgar **-inu*. Quanto ao primeiro, Diez (1874 [1838¹], p.313) assim se expressa¹⁷⁹:

En français ce suffixe n'a presque pas gardé de force diminutive, sauf lorsque d'autres suffixes diminutifs lui viennent en aide, comme dans *caisse cassetin*, *diable*

¹⁷⁸ Para demonstrar a pequena produtividade do sufixo *-ino* em espanhol moderno, pode-se, também, citar, por exemplo, o silêncio das quatro primeiras edições da *Gramática de la Lengua Castellana* – publicadas pela RAE, respectivamente, nos anos de 1771, 1775, 1781 e 1796 – acerca desse sufixo. Apenas na quinta edição, a qual ocorre no ano de 1854, encontramos referência ao sufixo *-in*, caracterizado como um dos sufixos menos frequentes: “Sin embargo, se hallan, aunque con ménos frecuencia, otros diminutivos en [...] *in*, como, de espada, *espadin*; de peluca, *peluquin* [...]” (RAE, 1854 [1771¹], p.20).

¹⁷⁹ Não encontramos referências explícitas ao papel desempenhado pelo diminutivo *-in* no francês do século XVI ou anterior nem em Estienne (*op. cit.*, p.17-18), nem em Ramus (*op. cit.*). Este autor, por exemplo, ao citar as três principais terminações formadoras de diminutivos à época, o exclui da lista: “La diminutiõ est presques en trois terminaisons, *au*, *on*, *et*” (RAMUS, *op. cit.*, p.69, destaques nossos). Aquele, por sua vez, após o conceito de diminutivo e a apresentação de exemplos com os sufixos *-et*, *-eau* e *-on* (cf. *op. cit.*, p.17-18), cita o sufixo *-in* – ao lado de outros sufixos – na palavra *Iacotin* (← *Iacot*), mas antecedido do seguinte contexto: “Il en y a de plusieurs autres terminaisons” (p.18). A partir da análise dessas informações, concluímos, no entanto, que esse sufixo não se encontra entre os mais produtivos desse período.

diablotin, ou dans des noms propres comme *Pierre Perrin*; on sent encore des diminutifs dans *fort fortin*, *ignorant ignorantin*¹⁸⁰.

Na língua provençal, o emprego do sufixo *-in* como diminutivo não ocorre (cf. ADAMS, *op. cit.*, p.318-320). Em vez disso, esse sufixo é encontrado indicando outros significados, já existentes em latim vulgar, tais quais *semelhança* ou a *matéria* de que algum objeto é constituído (cf. ADAMS, *op. cit.*, p.318)¹⁸¹. É o que verificamos nos seguintes exemplos, extraídos de Adams (*op. cit.*, p.319): *aceirin*, of steel, steely (←*acier*, steel), *aurin*, of gold, golden, (←*aur*, gold), *boquin*, of a buck (←*boc*, buck), *jumentin*, for burdens (←*jumen(t)*, beast of burden), *marbrin*, of marble (←*marbre*, marble). Porém, a sua forma feminina, ou seja, *-ina*, pode indicar, de acordo com Adams (*op. cit.*, p.236), além dos significados da forma masculina, a significação diminutiva: “But another development of meaning arose out of the adjectival use of the suffix – namely, the diminutive idea. As an adjective it denoted similarity, and from this use apparently grew the idea of inferiority: hence the diminutive meaning”. Os exemplos a seguir, apresentados pelo autor (*op. cit.*, p.236-237), são bem ilustrativos desse significado: *cotina*, netting (← *cota*, coat), *enfantina*, young girl (← *enfant*, child), *fantina*, young girl (← (*en*)*fant*, girl), *mairina*, godmother (← *maire*, mother), *pudisina*, stench (← *puditz*, strong-smelling plant), *serpentina*, kind of plant (← *serpen(t)*, snake), *tetina* small nipple (← *teta*, nipple).

¹⁸⁰ Outros exemplos, nos quais esse sufixo aparece como formador de diminutivo em francês, encontram-se em Nyrop (1908, p.131): “Il a une valeur **diminutive** dans *ballotin*, *blondin*, *bureautin* (§89, 4), *chevrotin*, *diablotin*, *filin*, *maquereautin* ou *macrotin* (apprenti souteneur), *oursin*, *routin*, *titin*, *turbotin*. Notons aussi *biscotin* (emprunté de l’it. biscottino) et *gazetin* (dér. de *gazette*, à l’imitation de l’it. gazetino)”. Além disso, esse autor, ao distinguir o diminutivo do pejorativo – contrariamente à nossa posição –, apresenta outros exemplos de seu emprego com este significado: “Il a une valeur **pejorative**: *ignorantin*, *calotin*, *galantin*, *plaisantin*, *régentin*” (*loc. cit.*).

¹⁸¹ Eis o que diz Adams (*op. cit.*, p.318-319) acerca desse sufixo em provençal: “The Provençal suffix *-IN* from a Latin *-INUS* is fairly clear as to its meanings, generally indicating resemblance, and being added to names of animals. Thus *elephantin* = elephantine or elephant-like. This use is, of course, found in Latin in such words as *equinus*, *caninus*, etc. Joined to the names of several metals and other objects, it serves to point out the material of which a thing is made, as in *peirin*, from the Latin *petrinus*. Another use found in Latin and in some of the other Romance languages – that of indicating the native of the place to the name of which the suffix is added – does not appear to exist in Provençal. Joined to adjectives, the suffix changes the meaning of the word as little as usual”.

3.3.7 Derivados de **-one*

O sufixo diminutivo latino-vulgar **-one* transformou-se, conforme vimos ao longo da seção 3.2.1, nos seguintes sufixos nas línguas românicas: it. *-one*, fr. *-on*, prov. *-on* ou *-o*, esp. *-on*, port. *-om*, *-on*, *-õ* > *-ão*. Esses sufixos, no entanto, não possuem o mesmo comportamento nessas línguas, seja quando se considera o seu aspecto semântico, seja quando o que se analisa é a sua produtividade¹⁸².

¹⁸² Os derivados românicos de **-one* apresentam um comportamento bastante interessante em relação ao gênero feminino, o qual está diretamente relacionado ao fato de esse sufixo ter, em latim vulgar, a mesma forma tanto no gênero masculino, quanto no feminino. Assim, enquanto as formas que se originaram em italiano, francês e provençal continuaram comuns aos dois gêneros, em espanhol e em português podem-se distinguir duas formas, uma para cada gênero, respectivamente *-on*, *-ona* e *-om*, *-on*, *-õ* > *-ão*, *-oa/-ona*. O feminino *-ona* em espanhol, já é apontado por Correias (*op. cit.*), o qual, após citar a terminação *-on* entre as mais frequentes terminações aumentativas dessa língua (cf. p.52), apresenta a terminação *-ona* como o seu feminino: “[...] los femininos acaban en a [...]: Muxer, *muxerona*, muxerota, murexaza, muxeronaza, muxeretona: [Vellaco, vellacon] *Vellacona* [...]” (*loc. cit.*, destaques nossos). Em português, a história do feminino equivalente do latim vulgar **-one* parece um pouco mais complicada, pois vejamos: a) Fernão de Oliveira (OLIVEIRA, *op. cit.*, p.194-195, destaques nossos) parece defender o feminino de *-ão* em *-ã*, mas, ao mesmo tempo, admite o uso de *-oa*: “Mas ã diremos destes nomes femeninos: *capittoa*: e *viloa*: e outros comestes ã tem .o. pequeno na penultima cõtinoãdose logo vogal sem antreposição de alghũa cõsoante [...]. Estes nomes eu nam nos pronũciaria nesta forma *çidadoa*. *capittoa*: *viloa*: *rascoa*: *aldeoa*. mas pronunçialosia assi *aldeã*, *vilã*, *çidadã*. verdade e que *rascã* nem *capitã* não são mui vsados [...]”. — Duarte Nunez de Lião (NUNEZ DE LIÃO, 1576, p.27, destaques nossos), por sua vez, refere-se, apenas, aos masculinos em *-ão*, originados de *-anu*, que possuem femininos em *-ãa*, do latim *-ana*, como de *irmão*, *irmaã*: “O primeiro diphthongo [da lingua portuguesa] he .ãa. que he hũa composição de dous .aa. com hum *til*, em que se acabão muitos nomes femininos [...]. Item se ha de aduertir, que os nomes femininos, que em Portugues se acabão em .ãa. teem a mesma differença de seus masculinos acabados em .ão. que teem os Latinos acabados em .ana. dos acabados em *anus*, ou .ano. se são Italianos, ou Castellanos, & a mesma analogia, & proporção guardão. Polo que assi como dizemos, *germanus*, ou *germano* & *germana*, mudada a terminação significatiua do genero masculino de .us. ou o. em a feminina de .a. assi esta palaura fica na mesma regra, acabando em .a. por que o *til* que se põe em *irmão*, não he sobre o .o. que he a derradeira letra, senão sobre o .a. que he a penultima, como teemos dicto no capitulo do Til. O qual mettendose no meo, faz aquelle vinculo de duas letras, que he o diphthongo. Assi que *irmaã*, hauendo de guardar a mesma analogia, deuese escreuer mudada soo a terminação do .o. em .a. E desta maneira fica o .a. dobrado”. — Barretto (*op. cit.*, p.108-109), por sua vez, repete Nunez de Lião. — Madureira Feijó (*op. cit.*, p.114-115) também diz o mesmo que Nunez de Lião. — João de Barros (BARROS, *op. cit.*) e Reis Lobato (*op. cit.*) não fazem referência a esse tema. — Uma abordagem diferente das dadas até aqui surge com Pedro José da Fonseca (FONSECA, *op. cit.*, p.24), que apresenta a terminação *-ona* como um feminino – embora pouco frequente – de *-ão*: “Os *aumentativos*

Assim, a partir de sua significação primitiva de individualização (cf. seção 2.2.1.2), desenvolveram-se, nas línguas românicas, significados diversos, não sendo na formação de diminutivos a sua principal participação: “Or cette signification fondamentale s’est diversement développée dans les différentes langues: *-one* est devenu dans presque tout le domaine franchement augmentatif, mais il a aussi élargi davantage encore sa propriété d’individualiser” (MEYER-LÜBKE, 1895 [1894¹], p.543) — “Mais le roman s’est servi de *on* comme augmentatif général; dans ces sens toutefois il n’est vivant qu’à l’est et au sud-ouest” (DIEZ, 1874 [1838¹], p.317). Exemplos nos quais os sufixos derivados romanos são empregados como aumentativos são encontrados em Diez (*loc. cit.*) para o italiano, o espanhol e o português, tal qual segue: “It. *casa casone, cappello cappellone, furo furone, giro girone, manica manicone, naso nasone* [...]; Esp. *caballo caballon, hombre hombron, liebre liebron, tronco troncon, espada espadon, sala salon*; port. *nariz narigão, rapaz rapagão, rato ratão, febre febrão*”¹⁸³.

terminão-se pela maior parte em *ão*; outros em *az*, como: *beberraz, belleguinaz, ladravaz, lingoaraz, truaraz, va’hacaz, &c.*: alguns em *aço*, como: *mestração, ricaço, soberbaço, &c.*, e poucos femininos em *ona*, como: *mocetona, mulherona, &c.*”. — Esse é o mesmo discurso que encontramos em Jeronymo Soares Barboza (BARBOZA, *op. cit.*, p.120). — Evidentemente, essas formas femininas não têm origem no sufixo *-one*. Assim, para os femininos *-oa* e *-ona*, poder-se-ia supor a origem no latim vulgar **-ona*, feminino de **-onu*. Para a primeira forma, isto é, para a terminação *-oa*, teria ocorrido a síncope do *-n-* intervocálico, conforme assinala Maia (*op. cit.*, p.610), inicialmente deixando a ressonância sobre a vogal anterior (**-ona > -ōa*), como em *bōa, pessōa*, e, posteriormente, com a perda desse caráter nasal, tal qual *boa, pessoa* (cf. MAIA, *loc. cit.*). A forma espanhola *-ona* também se adequaria à mudança fonética regular do latim vulgar ao espanhol, tal como expusemos na seção 3.2.1.3.2; mas não do latim vulgar ao português, no qual teria ocorrido a síncope da consonante *-n-*. Desse modo, a forma sufixal *-ona* existente em língua portuguesa deve ter surgido, bastante tempo depois do surgimento do português, por analogia ao espanhol ou a algum dialeto ou língua românicos, como o catalão, por exemplo, cujo feminino pode ser em *-na* — “Los em *á, ó, é, í, ú*, hacen el femenino en *na*, v.g. *germá, germana; romá, romana; minyó, minyona; companyó, companyona; ple, plena; fadrí, fadrina; padrí, padrina; pelegrí, pelegrina; ningú, ninguna; bru, bruna*” (BOFARULL & BLANCH, 1867, p.17) —, inclusive nos diminutivos em *ó* (< **-one*) — “Le catalan laisse toujours tomber l’n [latine devient finale par le rejet d’une terminaison], ex.: *cansó, jove* et non en même temps *canson, joven*” (DIEZ, 1874 [1836¹], p.203); “Los diminutivos toman las terminaciones *et, ó, í*, v. g. *noyet, llibret, botxacó, pobrissó, rajolí, ratulí*. [...]. Las mismas reglas que para los nombres en general, rigen para formacion del femenino de los aumentativos y diminutivos” (BOFARULL & BLANCH, *op. cit.*, p.20).

¹⁸³ Embora o emprego do sufixo *-on* em francês seja caracteristicamente com a significação de diminutivo, Nyrop (1908, p.140) aponta o seu emprego em francês como aumentativo, fato esse que se deve, segundo o autor, à imitação estrangeira – influenciada sobretudo por empréstimos, como segue: “En italien et en espagnol, le suffixe correspondant a une valeur **augmentative**: it. *animale—animalone* (grand animal); esp.

Em relação à significação diminutiva, ela se realiza principalmente na Gália, tanto em francês, quanto em provençal¹⁸⁴: “Au nord-ouest cette forme est, à l’inverse, employée à la diminution, mais designe moins la petitesse que la jeunesse” (DIEZ, 1874 [1838¹], p.317). Naquela língua, o derivado do sufixo **-one* é (ou foi) empregado – de acordo com Nyrop (1908, p.138), ele foi perdendo a vitalidade com o passar do tempo (“Il a été assez productif en français, mais paraît peu vivant dans la langue moderne”)¹⁸⁵ – na formação de substantivos (comuns ou próprios) e adjetivos, os quais podem referir-se a pessoas, animais ou coisas, mas

bestia—bestión, etc. Cette valeur se trouve dans plusieurs mots français dus généralement à une imitation étrangère: *Ballon* (grosse balle), dér. de *balle*, sous l’influence de l’it. *ballone*. *Barbon*, de l’it. *barbone*, proprement grande barbe, puis homme vieux (comp. §710). *Caisson*, autrefois *casson*, de l’it. *cassone*, grande caisse. [...] *Mousqueton*, tiré de *mousquet* à l’imitation de l’it. *moschettone*; il désignait autrefois une arme de plus gros calibre que le mousquet. *Perron*, dérivé de *pierre*. *Toron* (gros tore, moulure ronde), de l’it. *torone*. *Téton* (mamelle), dér. de *tette* (bout de la mamelle)”.

¹⁸⁴ Não obstante o emprego do sufixo *-on* com significação diminutiva ocorra, sobretudo, em francês e em provençal, seu emprego como diminutivo é reconhecido em espanhol tanto na *Gramática de la Lengua Castellana* (RAE, 1796 [1771¹], p.36), quanto por Salvá y Pérez (*op. cit.*, p.31), embora ambos reconheçam que se trata de um fato com pouca frequência – citando-o, respectivamente, na p.35 e na p.30, como um dos sufixos mais empregados na formação de aumentativos. Quanto ao emprego de *-on* como sufixo diminutivo nessa língua, Salvá y Pérez (*loc. cit.*) assim se expressa, em nota de rodapé: “Son pocos los [diminutivos] acabados en [...] *on*, como *anadon*, *ansaron*, *cajon*, *callejon*, *carreton*, *cascaron*, *carrejon*, *liebraston* ó *liebraton*, *limpion*, *perdigon*, *planton*, *plumon*, *raton*. Mas reducido es todavia el numero de los terminados en *on* que significan no solo diminucion, sinó carencia total, cuales son *pelon* y *rabon*”. Muito restrito também foi o seu emprego como diminutivo em espanhol medieval (cf. GONZÁLEZ OLLÉ, *op. cit.*, p.337-338).

¹⁸⁵ Ainda no século XVI, dois autores apontam o sufixo *-on* entre os mais produtivos sufixos diminutivos da língua francesa: Estienne e Ramus. O primeiro demonstra isso (*op. cit.*, p.17-18) através de exemplos: “Il y a des Noms qu’on appelle Diminutifs, qui demonstrent la diminution de leur primitif, sans faire cõparaison à autres: comme de Grand, on dit *Grandelet*, c’est à dire un peu, ou quelque peu grãd. Verd, *verdelet*: Blanc, *Blanchet*: Homme, *Hommet*: Fême, *Femmelette*: Arbre, *Arbrisseau*: Aneau, *Anelet*: Escu, *Escusson*. Des noms propres d’hommes & de femmes on en fait quelque fois des diminutifs: comme de Pierre, *Pierrot*: Iaques, *Iaquet*: Magdelaine, *Magdelon*: Margarite, *Margot*. Il en a de plusieurs autres terminaisons, comme de Coq, on dit *Cochet*: Sac, *Sachet*: Doulx, *Doulcet*: à Iacot, *Iacotin*: à Iambe, *Iambon*: Coche, *Cochon*: Chausse, *Chausson*”. Já o segundo, afirma, explicitamente, ser o sufixo *-on* um dos três mais produtivos sufixos diminutivos franceses, podendo atuar, inclusive, na formação de nomes próprios – como já observara Estienne: “La diminutiõ est presques en trois terminaisons, *au*, *on*, *et*. [...] *On*. Escu, *escusson*, leurier, *leuron*, valee, *valon*, Pierre, *Pierrot*, *Pierroton*, Ieanne, Ieãnette, *Iãnetton*, Magdelaine, *Magdelon*, Marie, *Marion* [...]” (RAMUS, *op. cit.*, p.69-70, destaques nossos).

estas quase não são encontradas na forma diminutiva, conforme destaca Nyrop (1908, p.139) abaixo:

Le suffixe *-on* présente souvent une valeur **diminutive**; elle est surtout prévalente dans les noms d’animaux, où *-on* désigne les petits (comp. *-at*; §185) dans les noms de personnes et, moins souvent, dans les noms de choses. — 1° Noms d’animaux: *aiglon, ânon, baleinon, bécasson, chaton, faon, grillon, levron, oisillon, ourson, raton* [...]. — 2° Noms de personnes: *Benoiton, Fanchon, Jeanneton, Lison, Madelon, Marion, Margoton, Nanon, Suzon, Toinon*. — Remarque. Dans les noms propres, *-on* prend souvent une valeur dépréciative [...].

Também em provençal, o sufixo *-on*¹⁸⁶ é empregado na formação de nomes diminutivos relacionados principalmente a animais ou coisas e, raramente, a pessoas, como destaca Adams (*op. cit.*, p.244-245), conforme segue:

In Provençal, nevertheless, as also in French, the names of persons with the suffix are rare, and those that are found are not formed by the addition of *-ON*, but instead, *-ON* is added to some simple word denoting the name of a person, either to give it diminutive force or else without perceptible change of meaning. The total disappearance of *-ON* as a suffix forming names of persons is worthy of note, but might perhaps be accounted for by the tremendous extension of the more specific *-IER*, from *-ARIUS*. The uses of *-ON* which have persisted in Provençal may all be developments of the original vague tendency toward individualization. Although there are few new names of persons with *-ON*, the suffix is somewhat commoner with names of animals, many of these showing diminutive force, and many others no change in meaning. In the names of things formed on nouns, there is exactly the same distinction, which seems to be a Romance development, being rare in Latin – the suffix has either diminutive force or adds little to the meaning of the word.

Vários podem ser os exemplos apresentados para demonstrar esse fato, para o que nos reportamos, novamente, a Adams (*op. cit.*, p.245-251). Assim, são diminutivos que se referem a pessoas: “*donzelon*, young page (← *donzel*, page), *enfanton*, small child (← *enfan(t)*, child),

¹⁸⁶ Vimos, na seção 3.2.1.3.2, que, em provençal, os sufixos *-on* e *-o*, alternam como transformações do sufixo latino-vulgar **-one*. Do sufixo *-o*, como diminutivo em provençal, encontram-se exemplos em Diez (1874 [1838¹], p.317): “*auzelh auzelhó, bastart bastardo, cat cató, cegonha cegonhó, cer(-vus) cervió, galinha galinhó, mancip mancipó, mostela mosteló, randola randoló*”.

filhon, little son (← *filh*, son), *mastron*, young master, dude (← *mastre*, master)” (cf. p.245); entre os nomes de animais, encontram-se (p.246):

aiglon, eaglet (← *aigla*, eagle), [...] *gallon* [com mudança de gênero], little hen (← *gal*, cock), [...] *moisalon*, small mosquito (← *moisala*, mosquito), *nadon*, young (of an animal) (← *nat*, (thing) born), *orson*, young bear (← *ors*, bear), *paseron*, small sparrow (← *pasera*, sparrow), *simion*, young monkey (← *simi*, monkey), *tridon*, young tiger (← *trida*, tiger).

Por fim, alguns exemplos cujos referentes não são seres animados (animais ou pessoas), mas seres inanimados (“coisas”):

[...] *castelon*, small castle (← *castel*, castle), *escanhon*, small bench (← *escanh*, bench), *esclapon*, chip, splinter (← *esclap*, log), *escudelon*, small bowl (← *escudel*, bowl) [...], *esporton*, small basket (← *esporta*, basket), *falsen*, sickle (← *fals*, scythe) [...], *formatjon*, small cheese (← *formatge*, cheese), *girlon*, small pail (← *gerla*, basket, hamper), *jupon*, petticoat (← *jup*, skirt), *lanson*, small lance (← *lansa*, lance) [...], *olhon*, small eye (← *olh*, eye), *orton*, small garden (← *ort*, garden), *padenon*, small pan (← *padena*, pan) [...] (ADAMS, *op. cit.*, p.247-248).

3.3.8 Derivados de *-attu, *-ittu, *-itta, *-ottu

De acordo com Hasselrot (1957, p.130, destaques nossos), outras formas em *-tt-*, além dos derivados de *-ittu, *-ōttu, *-attu e *-ītту, podem existir nas línguas românicas (ou poderiam ter existido em latim ou em algum dos dialetos românicos)¹⁸⁷:

Le suffixe en *-tt-* se sont surtout manifestés sous les formes *-ittu*, *-ōttu* et *-attu*, auxquelles il faut joindre, pour l’espagnol et le portugais *-ittu*. En existe-t-il d’autres, et *-ittu* est-il vraiment confiné à la péninsule ibérique? En principe, on pourrait s’attendre à trouver tous les phonèmes vocaliques représentés devant *-tt-*, comme cela est arrivé pour d’autres suffixes, et cela soit par génération spontanée, si j’ose dire, soit par analogie avec des suffixes de sens voisin, par croisement. Et on les trouve en effet, mais à force de patience et en petit nombre.

¹⁸⁷ Além dos sufixos já citados, encontram-se, mencionados por Hasselrot (*op. cit.*, p.130-132), os seguintes sufixos em *-tt-*: *-ōttu*, *-ōtta*, *-ūtту*, *-ūtта*.

Uma vez que os sufixos mais frequentes nas línguas românicas que aqui estamos descrevendo são os provenientes de **-ittu* (**-ĭttu* ou **-īttu*), **-itta*, **-ōttu* e **-attu*, abordaremos, aqui, somente estes sufixos, sem referirmo-nos aos demais.

3.3.8.1 Derivados de **-attu*

Nas línguas românicas, do mesmo modo que em latim, os derivados desse sufixo são empregados para formar diminutivos que designam, sobretudo, animais jovens (cf. MEYER-LÜBKE, 1895 [1894¹], p.597), mas raramente são empregados (cf. DIEZ, 1874 [1838¹], p.343). É isso, por exemplo, que verificamos na língua francesa — “On l’a surtout appliqué à des noms d’animaux: *Aiglat*, petit de l’aigle (maintenant remplacé par *aiglon*). Vfr. *cervat*, *corbat*. *Louvat*, jeune loup; on dit aussi *louvard* (§354) et *louveteau* (§401)” (NYROP, 1908, p.99) —, na qual o derivado de **-attu*, ou seja, a forma *-at*, é muito pouco produtivo, ou como afirma Darmesteter (1895, p.87), “La terminaison *at* est rare: *aiglat*, *louvât*, *verrat*”.

Também em espanhol, a forma *-ato* é de produtividade pouco expressiva, como destaca Salvá y Pérez (*op. cit.*, p.31): “Son pocos los acabados en [...] *ato*, como *ballenato*, *cegado*, *cervato*, *chivato*, *lebrato*, *lobato*, *mulato*”. Sua ausência entre os sufixos diminutivos mencionados em Correas (*op. cit.*, p.53-54), na *Gramática de la Lengua Castellana*, em suas quatro primeiras edições (1771-1796)¹⁸⁸, assim como em Nández Fernández (*op. cit.*, p.336-357), que analisa autores e obras pertencentes ao espanhol clássico e ao moderno, confirmam, a nosso ver, a sua pouca produtividade nesses períodos.

A mesma situação pode ser verificada acerca da língua italiana, uma vez que, dentre as gramáticas de que dispomos sobre essa língua – Veneroni (*op. cit.*), Lima (*op. cit.*), Nelli (*op. cit.*), Soave (*op. cit.*), Martelli (*op. cit.*), Barberi (*op. cit.*) e Demattio (*op. cit.*) –, apenas em duas delas o sufixo *-atto* é citado, de maneira muito rápida, ao contrário do que ocorre com sufixos como *-ino*, *-ina* e *-etto*, *-etta*, os quais são mencionados como diminutivos em todas elas. O primeiro autor – considerando-se os aqui mencionados – a citar esse sufixo foi Nelli (*op. cit.*, p.108), que apresenta somente um exemplo, a palavra *lupatto*, como diminutivo de *lupo*. O outro foi Demattio (*op. cit.*), que caracteriza esse sufixo como sendo empregado

¹⁸⁸ Somente a partir da quinta edição dessa gramática (1854), encontramos o sufixo *-ato* mencionado entre os sufixos diminutivos espanhóis, caracterizado como *menos frecuente*: “Sin embargo, se hallan, aunque con ménos frecuencia, otros diminutivos en [...] *ato*, como *lobato*, *cervato*, *ballenato*, de lobo, ciervo y ballena” (p.20), os quais “[...] se refieren á animales, [pero] no designan precisamente su tamaño, sino la circunstancia de no haber llegado a su total incremento” (*loc. cit.*).

apenas em algumas palavras: “Si danno ancora altri suffissi pe’ nomi alterati, che si adoperano però soltanto in voce determinate, come p. e. [...] da *lupo lupatto* [...], da *cervo cerbiatto*, da *lepre lepratto*, da *orso orsatto* ecc.” (cf. p.28-29).

Em provençal, o sufixo latino-vulgar *-*attu* modificou-se em -*at*, o qual, embora não muito produtivo, formou algumas palavras com significação diminutiva, especialmente com a significação de animais jovens (cf. ADAMS, *op. cit.*, p.147). Alguns exemplos encontrados em Adams (*op. cit.*, p.148) expressam essa significação claramente:

aigronat, young heron (← *aigron*, heron), *aucat*, young goose (← *auca*, goose), *balenat*, young whale (← *balena*, whale), *cerviat*, young deer (← *cervia*, deer), *colombat*, young dove (← *colomba*, dove) *creagat*, young sturgeon (← *creac*, sturgeon), *dragonat*, young dragon, thread-worm (← *dragon*, dragon), *galinat*, little hen (← *galina*, hen), *irondat*, young swallow (← *ironda*, swallow), *leonat*, young lion (← *leon*, lion), *lebrat*, young hare (← *lebre*, hare), *lobat*, young wolf (← *loba*, wolf).

3.3.8.2 Derivados de *-*ittu*, *-*itta*

Conforme já antecipamos no capítulo anterior (cf. seção 2.2.1.2) e considerando as características relativas à mudança na vogal tônica do latim vulgar a cada uma das línguas românicas aqui abordadas, os sufixos existentes nelas – it. -*etto*, fr. -*et*, prov. -*et*, esp. -*ito*, port. -*ito* e suas respectivas formas femininas – não poderiam ser derivados de uma única forma latina. Assim, enquanto as línguas da Península Ibérica pressupõem um sufixo com *i* longo (*-*īttu*, *-*ītta*), as formas das demais línguas resultam de um sufixo com *i* breve (*-*ĭttu*, *-*ĭtta*), conforme assinalam Maurer Jr. (1959, p.270) — “Quanto à forma, o português e o espanhol postulam -*īttus*, enquanto as demais línguas supõem -*ĭttus*” — e Grandgent (1952 [1928¹], p.46):

Este sufijo vino a ser usado con gran extensión como um sufijo diminutivo de sustantivos y también de adjetivos, siendo breve la *i* en Galia, Retia e Italia central y septentrional, y larga generalmente en la Península Ibérica y en Cerdeña; sustantivos: fr. *Amourette*, ital. *fioreto*, esp. *bacito*; adjetivos: fr. *doucet*, ital. *grassetto*, esp. *bonito*.

Em relação à sua produtividade em cada uma dessas línguas, temos o seguinte: em francês, tornou-se o mais importante sufixo diminutivo: “*Et (-ette)* est devenu le suffixe

diminutif par excellence; il l’emporte même sur *-eau* (§196)” (NYROP, 1908, p.114). Alcançou grande produtividade na Idade Média e no Renascimento¹⁸⁹: “Il était très employé déjà au moyen âge [...]. Encore au temps de la Renaissance les formes en *-et*, *-ette* étaient très répandues, et la poésie populaire en fait toujours un large emploi” (NYROP, *op. cit.*, p.114). Nos tempos modernos, ainda continua produtivo: “Voici pour finir quelques exemples montrant l’emploi que fait la langue littéraire moderne des diminutifs en *-et*: [*aubette, fillettes, garçonnets, Sæurette, sœurlette, pauvret, simplet*]” (*ibid.*, *loc. cit.*).

Também em provençal, os derivados de **-ittu-*, **-itta*, a saber *-et*, *-eta*, alcançaram grande produtividade, tornando-se o principal sufixo diminutivo dessa língua: “-ET (-ETA), from the Latin -ITTUS (A), is by far the most important of all the diminutive suffixes as regards the number of words which contain it in Provençal [...]” (ADAMS, *op. cit.*, p.188). E isso se deve ao fato de que, quando empregado, transmite realmente significação diminutiva, ao contrário de *-el*, *-ela*, o outro sufixo diminutivo bastante produtivo em provençal, que frequentemente a perdeu, como assinala Adams (*op. cit.*, p.188):

The only other common diminutive in Provençal is -EL, from -ELLUS, and this suffix has very frequently lost all diminutive force. -ET, however, differs from -EL in that it almost always is a true diminutive, and also in that the simple word to which it was joined still existed in the language.

¹⁸⁹ No século XVI, a grande produtividade desse sufixo é atestada explicitamente por autores como Meigret (*op. cit.*, p.29, destaques nossos) — “Il ęs vrey qe lę’ pl9 comunes tęminęzōs dę’ diminutifs sont *ot*, comme *Pierrot, Margot: ętte*, comme *Pęrrette, Anthoęnette, Ianęte*. ę sont ęeus ęn *ot* comunęment masculins, s’il’ ne descendet dę’ femenins: ę ęeus ęn *ętte* femenins, qi ont le plus souuęnt qant il’ descendet dęs appellatifs, ou adjectifs, lęur masculin ęn *ęt*: come, de *blaęęet, blāęęette*, de *vęrdelet vęrdelette*” — e Ramus (*op. cit.*, p.69-70) — “La diminutiō est presque en trois terminaisons, *au, on, et*. [...] *Et, Iardin, iardinet, moulin, moulinet, noir, noiret, grand, grandet*: Ainsi, maison, *maisonnette*, femme, *femmelette*”. Em Estienne (*op. cit.*, p.17-18), só podemos concluir, acerca da grande produtividade desse sufixo, indiretamente, tendo em vista o grande número de exemplos de diminutivos em *-et* e *-ette* que o autor apresenta — “Il y a des Noms qu’on appelle Diminutifs, qui demonstrent la diminution de leur primitif, sans faire cōparaison à autres: comme de Grand, on dit *Grandelet*, c’est à dire un peu, ou quelque peu grād. Verd, *verdelet*: Blanc, *Blanchet*: Homme, *Hommet*: Fęme, *Femmelette*: Arbre, *Arbrisseau*: Aneau, *Anelet*: Escu, *Escusson*. Des noms propres d’hommes & de femmes on en fait quelque fois des diminutifs: comme de Pierre, *Pierrot*: Iaques, *Iaquet*: Magdelaine, *Magdelon*: Margarite, *Margot*. Il en a de plusieurs autres terminaisons, comme de Coq, on dit *Cochet*: Sac, *Sachet*: Doulx, *Doulcet*: à Iacot, *Iacotin*: à Iambe, *Iambon*: Coche, *Cochon*: Chausse, *Chausson*”.

Diversos são os exemplos que esse autor apresenta (cf. *op. cit.*, p.189-193), e nos quais o referido sufixo atua como diminutivo. Entre eles, encontram-se os que seguem¹⁹⁰:

femneta (← *femna*, woman), *fenestreta* (← *fenestra*, window), *filhet(a)* (← *filh(a)*, son, daughter), *folheta* (← *folha*, leaf), *fonteta* (← *fon(t)*, fountain), *lagremeta* (← *lagrema*, tear), *lanseta* (← *lansa*, lance), *lengueta* (← *lenga*, tongue), *leonet* (← *leo(n)*, lion), *letreta* (← *letra*, letter), *libret* (← *libre*, book), *lobet* (← *lop*, wolf), *matinet* (← *matin*, morning), *mulet* (← *mul*, mule) *muret* (← *mur*, wall), *naveta* (← *nau*, ship), *nineta* (← *nina*, girl), *olet* (← *ola*, jar), *olhet* (← *olh*, eye), *ombreta* (← *ombra*, shade), *ortalet* (← *ortal*, garden), *oset* (← *os*, bone), *rimeta* (← *rima*, rhyme), *rozeta* (← *roza*, rose), *saquet* (← *sac*, sack), *terreta* (← *terra*, land), *trabuquet* (← *trabuc*, machine of war), *veneta* (← *vena*, vein), *vermeta* (← *verm*, worm), *verset* (← *vers*, verse), *vileta* (← *vila*, villa).

Em italiano, esse sufixo também atua como diminutivo. Dentre os autores de que dispomos, a primeira referência que encontramos, acerca do emprego de *-etto*, *-etta* como diminutivo, é em Veneroni (*op. cit.*, p.27), que assim diz: “Les diminutifs de caresse & de compassion, sont terminez en *ino*, *etto*, *ello*, pour le masculin, & en *ina*, *etta*, *ella*, por le feminin, exemple de *povero*, pauvre. *Poverino*, *poveretto*, *poverello*, pauvre petit, *poverina*, *poverétta*, *poverélla*, pauvre petite”. Esse sufixo também é apresentado como diminutivo em Nelli (*op. cit.*, p.108): “[i nomi diminutivi] possono terminare in diverse maniere, come potrà vedersi da seguenti esempi. In *etto*, o *ello*, facendosi da *poggio*, *poggetto*; da *orto*, *orticello*. In *ina*, o *uola*: da *Chiesa*, *Chiesina*, o *Chiesuola*. In *uolo*; da *pezzo*, *pezzetto*, o *pezzuolo*”. No século seguinte, podemos apresentar dois outros autores que indicam esse sufixo como diminutivo nessa língua: Soave (*op. cit.*) e Demattio (*op. cit.*). No primeiro, encontramos (p.43) o seguinte: “[i diminutivi] s’adropano quando per vezzo, e quando per dispregio, finiscono in *ino*, e in *ina*; come *fanciullino*, e *fanciullina*, in *etto*, e in *etta* come *giovinetto*, e *giovinetta*, in *ello*, e in *ella*, come *contadinello*, e *contadinella* [...]”. Já o outro, após

¹⁹⁰ Ao contrário do que se encontra no original – no qual o autor emprega o símbolo < para indicar que a primeira palavra é derivada da segunda (assim dispondo as palavras: *femneta* < *femna*, woman, *fenestreta* < *fenestra*, window, *filhet(a)* < *filh(a)*, son, daughter, *folheta* < *folha*, leaf etc.) –, empregamos o símbolo ←, com a mesma significação, uma vez que aquele símbolo já está sendo empregado em nosso texto com outra significação. Além disso, advertimos que, em virtude do critério que geralmente empregamos, aqui, para selecionar as palavras a serem apresentadas – a saber: *selecionar palavras parecidas com palavras existentes em língua portuguesa* –, não estamos indicando supressões de palavras que foram feitas, as quais podem ser conferidas no texto referenciado.

caracterizá-lo como um dos mais importantes sufixos diminutivos da língua italiana (cf. p.26), assim afirma (p.26): “I suffissi *-ello, -ella, -cello, -cella, -rello, rella, -etto, -etta* esprimo oltre che impiccolimento anche adorno e talvolta compassione: *povero — poveretto e poverello* (uomo compassionevole), *vecchio — vecchietto e vecchierello* (caro vecchio)”. E, em seguida, acrescenta (p.27), sob a forma de observação: “La terminazione *-etto* talvolta è avvilitiva e dispregiativa, come in *ometto, semplicetto, cervelletto, filosofetto* [...]”.

Em espanhol, de acordo com González Ollé (*op. cit.*, p.278), *-ito* era praticamente inexistente até o século XV, tornando-se bastante produtivo a partir desse século. Correas (*op. cit.*, p.53) coloca-o entre as mais produtivas terminações diminutivas dessa língua, acrescentando, em seguida (*loc. cit.*): “Los en *ito* sinifican cõ amor i buen querer”. Também o encontramos entre os principais diminutivos da língua espanhola na *Gramática de la Lengua Castellana* (RAE, 1796 [1771¹], p.36) — “Las terminaciones mas regulares de los diminutivos pueden reducirse á quatro: en *ico, illo, ito, uelo*” — e em Salvá y Pérez (*op. cit.*, p.31). Ainda de acordo com este autor (*op. cit.*, p.32), o sufixo *-ito, -ita* deve ser antecedido de um *-c-* — dando origem, então, à forma *-cito, -cita* —, quando tiver que ser acrescentado a uma palavra terminada em <e>, <n> ou <r>. Por fim, a sua posição entre os principais diminutivos das fases clássica e moderna dessa língua pode ser verificada a partir da análise dos dados estatísticos apresentados por Nández Fernández (*op. cit.*, p.336-357)¹⁹¹.

3.3.8.3 Derivados de *-øttu, *-øtta

Os derivados de **-øttu, *-øtta* não atuam com a mesma significação em todas as línguas românicas, encontrando-se-os como diminutivos ou como aumentativos, ou conforme Diez (1874 [1838¹], p.345):

OTT exprime une dégénérescence du primitif, surtout en ce qui concerne la grandeur et la qualité, ou bien aussi simplement une appartenance; mais les langues ne

¹⁹¹ Em espanhol, além do sufixo *-ito, -ita*, que tem origem em **-ĩttu, *-ĩtta*, há também *-ete, -eta* e *-eto*, cuja origem é a mesma dos sufixos francês *-et, -ette*, provençal *-et, -eta* e italiano *-etto, -etta*, ou seja, o sufixo **-ĩttu*. De acordo com Pharies (*op. cit.*, p.243-244), as primeiras formas (*-ete, -eta*) resultam de empréstimo ao catalão, mas também há palavras em espanhol que resultam de empréstimo ao francês, provençal e ao italiano (p.240-242). Quanto à última forma, esse mesmo autor atribui-lhe, em algumas palavras, ser resultado de empréstimo ao latim e ao italiano, e em outros criação espanhola feita a partir do feminino *-eta*.

concordent pas dans l'emploi de ce suffixe. Cette détermination précise de l'idée n'est plus, il est vrai, applicable aux dérivés qui ont perdu leur primitif.

Na língua francesa, por exemplo, sua atuação como sufixo diminutivo no século XVI é identificada por gramáticos como Meigret (*op. cit.*, p.29-30), Estienne (*op. cit.*, p.18) e Ramus (*op. cit.*, p.69-70). Nos dois últimos, são apresentados exemplos apenas em nomes próprios, respectivamente *Pierre* (→ *Pierrot*, *Perrot*), *Marguerite* (→ *Margot*) e *Pierre* (→ *Pierrot*), *Marguerite* (→ *Margot*)¹⁹²; já no primeiro, após caracterizá-lo como um dos sufixos diminutivos mais importantes do francês, característica essa que não foi atribuída por nenhum dos dois autores aqui citados — “Il ęs vrey qe lę’ pl¹⁹³ comunes tęrinezōds dę’ diminutifs sont *ot*, comme *Pierrot*, *Margot*: *ętte*, comme *Pęrette*, *Anthoęętte*, *Ianęte*” (MEIGRET, *op. cit.*, p.29, destaques nossos) —, apresenta exemplos tanto de nomes próprios — *Pierrot* (← *Pięrre*), *Jaęlot* (← *Iaqes*), *Iaqellote* (← *Iaqes*), *Margot* (← *Margerite*) —, quanto de nomes comuns *ęhiot* (← *ęhien*), *leuraot* (← *lieure*). No início do século XX, com Nyrop (1908, p.140-141), esse sufixo é caracterizado como pouco produtivo: “Il a été assez productif en français, surtout dans les périodes précédentes; mais il est encore capable de fournir des dérivés nouveaux”. O mesmo fato também fora apontado por Ayer (1885, p.326), na segunda metade do século XIX:

ot, fém. *otte*, est peu fécond et n’a conservé la force diminutive que dans quelques mots, qui, à l’exception de *linot*, *linotte* (§75), sont tous des noms de choses: *bachot*, *ballot*, *billot*, *chariot*, *cuissot*, *culot*, *goulot*, *ęlot*; *culotte*, *menotte*. — *Ot* ne forme que les adjectifs suivants: *belot*; *pęlot*, *vieillot*.

Também em provençal é encontrado com significação diminutiva o sufixo *-ot*, *-ota*, embora não seja muito produtivo: “The use of the suffix is clear enough, giving diminutive force every time that it adds anything to the meaning of a word” (ADAMS, *op. cit.*, p.256). Muitas vezes, no entanto, a palavra derivada não é capaz de expressar a significação

¹⁹² Com a seta apontando para a direita, indicamos que a segunda palavra é derivada morfológicamente da primeira, conforme Viaro (2011, p.14).

¹⁹³ O símbolo 9 encontra-se no texto original situado à direita superior da letra *l*. Deve-se tratar, portanto, de uma forma abreviada do advérbio francês *plus*, cuja significação adequa-se, perfeitamente, ao contexto no qual ocorre.

diminutiva. Os exemplos a seguir, apresentados por Adams (*loc. cit.*), mostram esses dois comportamentos desse sufixo de forma bem evidente:

cabot, bullet-head (fish) (← *cap*, head), *cabrot*, goat (← *cabra*, goat), *calota*, little cap (← *cala*, cap), *clapot*, rabbit-hutch (← *clap*, heap of stones), *coisot*, leg (of beef) (← *coisa*, thigh), *cubelot*, small cask (← *cubel*, cask), *dagot*, small dagger (← *daga*, dagger), *farot*, light tower (← *far*, light tower), *falsot*, garden knife (← *fals*, scythe), *filhot(a)*, small son or daughter (← *filh(a)*, son, daughter), *gabarro*, small freight ship (← *gabarra*, (freight ship) lighter), *gafot*, hook (← *gafa*, hook), *galio*, outlaw, galley-slave (← *galea*, galley), *garrot*, crossbow, stick (← *garra* (?), leg), *lansot*, lance (← *lansa*, lance), *mercerot*, little mercer (← *mercier*, mercer), *nasot*, small bow-net, weir (← *nasa*, weir), *ostalot*, small house (← *ostal*, house), *palota*, small shovel (← *pala*, shovel), *pegot*, pitch-torch (← *pega*, pitch), *pelot*, shell, bark (← *pel*, skin), *picot*, measure for wine (← (*pic*, pike)), *pipot*, small cask (← *pipa*, cask), *plasot*, small square (← *plasa*, square).

Quanto à língua espanhola, as formas existentes (-*ote*, -*ota*) não remontam diretamente ao latim, sendo, portanto, resultado de empréstimo, como assinala Hasselrot (*op. cit.*, p.104):

Il importe de rappeler que l’hispano-portugais -*ote* ne saurait remonter en ligne directe à -*ottu*: la finale -*e* et, pour ce qui est de l’espagnol, l’absence de diphtongaison du *o* ouvert dénonce notre suffixe comme un emprunt, fait soit au catalan, soit directement au français; la première hypothèse est, au moins à mes yeux, plus vraisemblable¹⁹⁴.

Diferentemente do que ocorre em francês e em provençal, em espanhol esse sufixo atua quase que exclusivamente com significação aumentativa¹⁹⁵, encontrando-se já

¹⁹⁴ Quanto à questão da origem do sufixo diminutivo espanhol -*ote*, Pharies (*op. cit.*, p.454-455), com bem mais detalhes que Hasselrot (*loc. cit.*), conclui que esse sufixo desenvolveu-se por influência – isto é, a partir do empréstimo – do sufixo diminutivo catalão -*ot* (< lat. vulg **-ottu*), ao qual se acrescentou a vogal <e>, adequando-o às características fonéticas do espanhol.

¹⁹⁵ A significação aumentativa do sufixo -*ote*, -*ota* pode ser explicada a partir de sua origem na língua catalã, na qual, de acordo com a região, pode ter significação aumentativa ou diminutiva, conforme indica Pharies (*op. cit.*, p.456), o qual cita Moll em sua argumentação: “Sobre el contenido semántico del cat. -*ot*, -*ota* escribe Moll (1952: 294) lo siguiente: ‘En el catalán norte-oriental este sufijo tiene significación diminutivo-peyorativa (una *casota* es allí una casa pequeña y mala); en el resto del territorio catalán tiene valor

caracterizado como um dos principais formadores de aumentativos, por exemplo, em Correas (*op. cit.*, p.52), na *Gramática de la Lengua Castellana* (RAE, 1796 [1771¹], p.35) — “[...] las terminaciones mas usadas de los aumentativos se pueden reducir á tres: en *azo*, en *on* y en *ote*” — e em Salvá y Pérez (*op. cit.*, p.30-31), o qual assim afirma¹⁹⁶:

Las [terminaciones] que indican aumento, son *azo*, *on* y *ote*, (*aza*, *ona* y *ota* para el género femenino) las cuales se añaden al nombre primitivo, si acaba por consonante, ó sustituyen á la vocal, si los nombres terminan por ella. De *gigante* sale *gigantazo*, de *carne* *carnaza*, de *bellaco* *bellacon*, de *señor* *señoron*, de *muchacha* *muchachona*, de *libro* *librote* y de *grande* *grandote*.

Para finalizar, pode-se apresentar, ainda, como argumento comprobatório da pouca produtividade de *-ote*, *-ota* com significação diminutiva em espanhol, o fato de não ter sido encontrado – nos diversos autores e obras, existentes entre os séculos XVI e XX, que Náñez Fernández (*op. cit.*, p.336-357) analisa – uma vez sequer o seu emprego.

Em italiano, assim como em espanhol, o sufixo *-otto*, *-otta* atua principalmente como aumentativo. Essa significação encontra-se destacada por diversos autores, ao longo dos séculos, a exemplo de Nelli (*op. cit.*, p.108-109) e Martelli (*op. cit.*, p.95), respectivamente, a seguir:

I nomi di aggrandimento son quelli, che parimente si formano da altri per ingradirne il significato, togliendo l’ultima vocale di esso, ed aggiugnendovi la desinenza *one*, oppure *otto*, e lo stesso segue dei detti di sopra, come può osservarsi. Esempio: da *avaro*, *avarone*; da *banco*, *bancone*; da *gagliardo*, *gagliardone*, o *gagliardotto* ec.

aumentativo con algún matiz peyorativo (una *casota* será una casa grande y con cierta cosa desagradable)’. Esta vacilación entre diminutivo y aumentativo, siempre acompañados del despectivo, se registra en español también, si bien en el 95% de los casos la realización es aumentativa. Entre los posibles diminutivos figuran *islote* y *pipote* (mencionados arriba, siglo XVI), *anclote* ‘ancla pequeña’ [1598] (*ancla*), *palote* ‘palo de tamaño mediano’ [1737] (*palo*) y *gavinote* ‘pollo de la gavina’ (*gavina*, pero cf. cat. *gavinot* ‘gavina’).’

¹⁹⁶ A reduzida participação do sufixo *-ote* na formação de diminutivos na língua espanhola também já fora percebida e destacada por Salvá y Pérez (*op. cit.*, p.31, nota de rodapé), que desse modo se expressa: “No conozco mas que tres [diminutivos] en *ote*, *anclote*, *islote* y *pipote*”.

Les désinences en *otto*, *otta*, *ozzo*, *ozza*, *òccio*, *òccia*, sont aussi augmentatives; mais elles modifient en même temps les noms, de manière que ceux-ci acquièrent quelque chose de joli et d'agréable. Par exemple, *vecchiotto* exprime un vieillard sain et agréable; *brunotta*, une demoiselle brune, mais qui a des charmes particuliers qui plaisent.

O sufixo *-otto*, *-otta* também é apresentado como aumentativo em Demattio (*op. cit.*, p.24), que assim diz: “Un'altra terminazione accrescitiva di origine oscura è *-otto*, *-otta*, che esprime una grandezza mediocre, e si adopera d'ordinario quando *-one* direbbe troppo: *bracciotto*, *vecchiotto*, *vecchiotta*, *grassotto*, *grassotta*, *ragazzotto*, *ragazzotta*”. Esse mesmo autor adverte (*op. cit.*, p.25), no entanto, que a significação desse sufixo não é unicamente a de aumentativo absoluto, podendo ter, também, uma significação intermediária entre aumentativo e diminutivo:

Spesso però questa terminazione non significa ingrandimento, ma anzi il contrario, e il Monti osserva nella sua Proposta, che se si vuole bene attendere, essa non significa mai ingrandimento assoluto, ma un certo mezzo fra il piccolo e il grande, come in *giovinotto*, *villanotto*, *contadinotto*.

Ou mesmo somente a de diminutivo — “Sono poi diminutivi assoluti *signorotto*, *aquilotto*, *passerotto*, e molti di questa fatta nel modo d'intendere di tutti gl'Italiani” (*loc. cit.*) —, ou nenhuma das três: “Sostantivi uscenti in *-otto* senza essere nomi alterati sarebbero: *galeotto*, *cappotto*, *fagotto*, *giavelotto* ecc.” (*loc. cit.*)¹⁹⁷.

¹⁹⁷ Diez (1874 [1838¹], p.345) já havia distinguido três empregos para o sufixo *-otto*, *-otta* em italiano. Assim, o autor apresenta, inicialmente, exemplos nos quais, segundo ele, não se identifica nem a significação aumentativa nem a diminutiva: “[...] *arlotto* parasite, *galeotto* galérien (*galea*), *bardotto* cheval de selle (barda), *cappotto* capote (cappa), *fagotto* fagot, *giavelotto* javelot, *margotta* marcotte (*mergus*), *pillotta* balle”; em seguida, exemplos como aumentativo: “[...] *braccio bracciotto* fort bras, *vecchio vecchiotto* beau vieillard, *borsa borsotto* assez grande bourse, *casa casotta*, *lancia lanciotta*”; por fim, exemplos em que esse sufixo está empregado com a significação diminutiva, inclusive na indicação de idade: “[...] *pane pagnotta*, *principe principotto*, *bambino bamberott-olo*, *nano nanerott-olo*; sens diminutif appliqué à l'âge: *aguila aguilotto*, *fagiano fagianotto*, *passera passerotto*”.

3.3.9 Derivados de **-accu*, **-acca*, **-eccu*, **-ecca*, **-iccu*, **-icca*, **-occu*, **-occa*, **-uccu*, **-ucca*

Os derivados românicos dos sufixos diminutivos latino-vulgares em *-cc-* são pouco produtivos com significação diminutiva nessas línguas, conforme é possível depreender a partir das exposições de Diez (1874 [1838¹], p.281-289) e de Meyer-Lübke (1895 [1894¹], p.590-591), acerca desses sufixos. Também contribui para que cheguemos a essa conclusão, a repetida ausência de referência a eles nas diversas gramáticas – quer históricas, quer sincrônicas – sobre línguas românicas particulares que estão citadas ao longo deste estudo.

Desse modo, em vez de uma caracterização individual de determinado sufixo em cada uma das línguas aqui abordadas, como fizemos até agora, apresentaremos para esses sufixos – até como uma forma de evitar a repetição de informações – uma caracterização referente a todos os sufixos do grupo em determinada língua, excetundo-se, apenas, os derivados de **-iccu*, **-icca*, que parecem ter sido as formas mais importantes desse grupo.

Consideremos, portanto, o que diz Meyer-Lübke (1895 [1894¹], p.591):

On se demande s'il ne faut pas supposer aussi des formes *-accu*, *-eccu*, *-occu*, *-uccu*. Pour la première, il y aurait à citer l'obw. *milak* (tas), l'esp. *bellaco* (qui aura servi de modèle à l'ital. *vigliacco*, port. *belhaco*), l'esp. *verraco* et le port. *famaco* (affamé); cependant on ignore aussi le radical de *bellaco*. — *Eccu* paraît se trouver dans l'esp. *holleca* (oisillon), *muñ*. [*muñeca*] (poignet), le port. *boneco* (poupée), *caneca* (*canette*), *careca* (tête chauve), *folheco* (flocon déneige), *padreco* (père dénaturé), *soneca* (somme); *-occu* dans l'ital. *baciocco* (niais), *balocco* (sot), *marzocco* (lourdaud), *fratocco*, le greden. *sayok* (sauterelle), l'obw. *minuk* (sorte de fromage), l'esp. *doncellueca* (vieille fille), le port. *pardoca* (moineau femelle), le roum. *căloc* (grand cheval) et de même *omoc* etc.; enfin *-uccu* dans l'esp. *abejaruco* (mangeur d'abeilles), *almendruco* (amande verte), *fabuco* (faîne), *pajaruco* (grand oiseau).

Por sua vez, Diez (1874 [1838¹], p.281-289) destaca que a principal dificuldade em trabalhar com os derivados desses sufixos está no fato de que as palavras nas quais eles ocorrem têm, geralmente, origem obscura, o que, por seu lado, torna difícil identificar a significação com a qual estão sendo empregados¹⁹⁸.

¹⁹⁸ A questão em torno desses sufixos ainda é bastante controversa. Assim, enquanto Meyer-Lübke (1895 [1894¹]), após caracterizar o sufixo *-iccus*, *-icca* (p.590), supõe a existência de sufixos diminutivos latino-vulgares em *cc* — “On se demande s’il ne faut pas supposer aussi des formes *-accu*, *-eccu*, *-occu*, *-uccu*” (p.591) —, Diez (*op. cit.*) a têm como duvidosa, pois questiona a existência de *cc* — “Cette consonne double est douteuse [...]” —, e prefere considerar esses sufixos como constituídos de consoante simples, incluindo-se o sufixo *-icu*, *-ica*, ou seja, as formas desses sufixos descritas por este autor são *-acu*, *-ecu*, *-icu*, *-ocu*, *-ucu* e seus respectivos femininos (cf. *op. cit.*, p.281-289). Diversos são os exemplos apresentados pelo autor nos quais ocorrem esses sufixos: — derivados de *-acu*, *aca*: “1. Adj. *ebriacus*, *meracus*, *opacus*; ital. *briaco*; v.esp. *embriago*; prov. *ebriac ebriaic ybriai* III, 169. Sur ce modèle semblent s’être formés ital. *vigliacco* lâche, esp. *bellaco*, port. *velhaco* coquin (*vilis*); de plus port. *famaco* affamé, prov. *lecai* friand (*lec*), *niaic* pris au nid (*nidus*), *savai* méchant (*saevus*), *verai* vrai, franç. *vrai*. 2. Subst. *cloaca*, *lingulaca*, *pastinaca*, *portulaca*, *verbenaca*, ainsi surtout des mots du règne végétal, comme aussi *arboraca* dans Isidore. Des substantifs de la terminaison *ac* (ital. *acc*) des deux genres ne font pas défaut au roman, mais on ne voit pas partout clairement si cette terminaison est dérivative. Ex.: ital. *baracca* (*barra*), *bomberaca* (de *gommarabica*?), *bulimaca* bougraine, *caracca* caraque, *casacca* sorte d’habit (*casa*), *citracca* sorte de plante (*citrus*), *guarnacca* robe de chambre, *lumaca* limace (de *limaxe*), *meliaca* espèce d’abricot (*armeniāca*), *patacca* et *patacco* monnaie, *trabacca* tente (*trabs*), *verminaca* (pour *verbenaca*), *zabbracca* femme de mauvaise vie (*zambra*). Esp. *barraca*, *burjaca* sac (*byrsa*?), *carraca*, *casaca*, *espinaca* épinard (*spina*), *matraca* crécelle (arabe), *pataca*, *urraca* pie, *verdolaga* (de *portulaca*); port. *cavaca* gâteau, *ervilhaca* vesce (*ervum*). Franc. *baraque*, *casaque* etc.” (DIEZ, *op. cit.*, p.281-282). — derivados de *-ecu*, *-eca*: “Cette terminaison s’applique à un nombre considérable de mots, mais la plupart sont d’une origine si obscure qu’on ne peut rien dire de certain sur la nature de la terminaison, qui au reste ne semble exprimer aucune idée. Dans beaucoup d’entre eux *ec* ne doit évidemment pas être regardé comme un suffixe. Ital. *bacheca* écrin, *cerboneca* et *-nea* mauvais vin, *mocceca* niais (de *moccio*), *ribeca* rebec (arabe), *spizzeca* ladre. Esp. *babieca* niais, idiot (*babia*, prov. *bavec*), *charneca* térébinthe, *holleca* sorte de petit oiseau, *muñeca* poignet (*muñon*, franc. *moignon*), *pasteca* poulie de grande drisse (aussi en italien), *xaqueca* migraine (arabe); port. *boneco* marionnette, *faneco* circoncis (verbe *fanar*), *marreco* *marreca* canard sauvage, *aiveca* oreille de charrue, *caneca* canette (b.lat. *cana*), *folheca* flocon de neige, *foreca* cahier de papier SROs., *pateca* melon d’eau (arabe). Prov. *bavec* (= franc. *bavard*), *manec* domicilié (verbe *maner*), *music* (pour *mozaic*, franc. *mosaïque*), *senec* (*senex*), *ufec* orgueilleux (esp. *ufo*, *ufano*), *varec* (chaume LR.), *caveca* chouette GO. (moy.h.allem. *chouh*), *taleca* sac (esp. *talega*, port. *taleiga*)” (*ibid.*, p.282). — derivados de *-ocu*, *-oca*: “Exemples: ital. *baciocco* niais (lat. *baceolus*?), *balocco* badaud, *barocco* usure (*baro*), *bizzocco* bigot, tête faible, *marzocco* lourdaud; en outre *allocco* hibou (*ulucus*), *bajocco* monnaie de cuivre (*bajo*); augmentatif *frate* *fratocco*, diminutif *anitra* *anitrocco*. En espagnol on trouve *doncellueca* vieille fille, *morueco* bélier, *ballueca* mauvaise herbe; port. *pardoca* femelle du moineau. Prov. *badoc* nigaud” (*ibid.*, p.288). — derivados

Em relação à língua provençal, as formas *-ac*, *-ec*, *-oc* e *-uc*, embora possam ser empregadas com significação diminutiva — “Now the suffixes -AC, -EC, etc., seem generally to be diminutive in force, sometimes endearing, sometimes depreciative [...]” (ADAMS, *op. cit.*, p.19) —, são pouco produtivas: “In Provençal, the suffixes are of relatively little importance, the endings being found in very few words as certain suffixes [...]” (*ibid.*, p.18). Eis os exemplos nos quais, segundo Adams (*op. cit.*), essas formas são sufixos: — derivados em *-ac*: *creac*, que já significou ‘young sturgeon’, mas é apresentado como significando ‘sturgeon’. Seria uma palavra com origem no latim *criacus*; *buzac* ‘buzzard’, formada a partir de uma palavra provençal originada no latim *butia*, acrescida do sufixo *-ac*, significando, inicialmente, ‘young buzzard’; *patac*, ‘a coin’ (cf. ADAMS, *op. cit.*, p.19-20)¹⁹⁹. — derivados em *-ec*: “-EC appears in several words in Provençal, but its use is totally different from that of the other suffixes of the group. The only word in which the suffix -ECCUS seems at all sure is *cavec*, sparrow-owl [...]” (cf. *ibid.*, p.21)²⁰⁰. — derivados em *-oc*: “-OC is found only in

de *-ucu*, *-uca*: “1. Adj. *caducus*. Seul le provençal connaît ce suffixe d’adjectif, mais il ne traite pas toujours la consonne de même. En effet si une voyelle vient s’y joindre *c* peut rester, ou passer à *g* ou même à *ch*, ce qui rappelle proprement le latin *ct*. Les cas sont: *astruc* heureux (fém. *-uga*, à en juger d’après *malastrugamen*), *baluc* (le sens?), *caluc* camus, GO., *craiuc* pierreux *ibid.* 78¹ *damnuic* détérioré, *faduc* ennuyeux (fém. *-uca*), *faichuc* gênant, *frevoluc* frileux, GO. (dans Goudelin *fredeluc*), *pauruc* craintif (fém. *-ucha*, mais on trouve toutefois *paurugos*), *pezuc* accablant (*-uga*). Dans les autres dialectes on peut encore remarquer: catal. *poruc* (*paoruc* encore chez A. March); esp. *astrugo* (= prov. *astruc*, franç. *otru*) Bc. *Loor.* 76, *machuco* de sens rassis (*macho*), *maluco* maladif. Le valaque emploie *uc* pour la diminution: *bun bunuc*. 2. Subst. *albucus*, *sambucus*, *balluca* (ibér.), *carruca* (celt.), *curruca*, *eruca*, *festuca*, *lactuca*, *mastruca* (sarde), *verruca*; ital. *sambuco*, *carruca*, *lattuga* etc.; esp. *sauco*, *carruco*, *oruga*, *lechuga*, *verruca*; port. *charrua*, *verruca* etc.; prov. *sambuc*, *festuc festuga*, *eruga*, *verruca*; franc. *fétu*, *charrue*, *laitue*, *verrue* [...]” (DIEZ, 1874 [1838¹], p.288).

¹⁹⁹ De acordo com Adams (*op. cit.*, p.20), há outras palavras em provençal que terminam em *-ac*, mas, nesses casos, essa terminação não constitui sufixo: “Other words ending in -AC, but not representing any suffix, are: *andruc*, carbuncle (from the Gr. *ἀνθραξ*, coal); *eisac*, sluice (possibly a post-verbal formation on *eisegar*, dry up, its form being due to a confusion with *agar*, to water, and *eisec*, equal division, probably a post-verbal from *eisegar* [*< exaequare?*], divide equally); and *pelac*, sea, probably from the Lat. *pelagus*, with the accent-shifting often seen in learned proparoxytones. An obscure word is *mezac*, miller’s boy (?), but even its form is uncertain”.

²⁰⁰ Também em relação a esse sufixo, Adams (*op. cit.*, p.22) aponta alguns exemplos nos quais ele não atua com significação diminutiva: “The other words in -EC, -ECHA, have no diminutive force, but are, instead, abstracts. *Eisec*, equal division of cattle, does not represent a suffix at all, but is a verbal substantive from *eisegar*, to divide cattle equally. But there are other words a noun and an adjective which add -EC with

buzoc, buzzard, in which it seems to represent the diminutive suffix -OCCUS, and in *paroc*. For the source of *buzoc*, see *buzac*, under -AC. *Paroc* should possibly be written *parec*” (cf. *ibid.*, p.22). — derivados em -uc: “-UC is found only in one word of Latin origin, *festuc*, straw, and in several rather obscure words: *bauduc* trouble, dispute; mixture (← *baut*(?), bold, gay), *cantezuc*, bad song (← *can*(t), song, *devertuc*, ulcer, sore, *palhuc* chopped straw (← *palha*, straw)” (cf. *ibid.*, p.23).

Em italiano, os sufixos derivados dos diminutivos em -cc- latino-vulgares também não tiveram grande produtividade como formadores de diminutivos. Assim, além do que já observaram Diez (1874 [1838¹], p.281-289) e Meyer-Lübke (1895 [1894¹], p.591), acima citados, reforça essa conclusão o fato de não encontrarmos referência a esses sufixos em nenhuma das gramáticas da língua italiana de que aqui nos estamos utilizando, ou seja, não os citam Veneroni (*op. cit.*), Lima (*op. cit.*), Nelli (*op. cit.*), Soave (*op. cit.*), Martelli (*op. cit.*), Barberi (*op. cit.*) e Demattio (*op. cit.*).

Essa mesma situação se verifica em francês. Em relação a períodos anteriores ao século XVI, Brunot (1905), por exemplo, não cita nenhum dos derivados desses sufixos entre os sufixos nominais empregados nessa língua. Também não se encontram citados em Meigret (*op. cit.*), Estienne (*op. cit.*), Ramus (*op. cit.*), Ayer (1851; 1885 [1876¹]), Darmester (1877, 1895), nem em Nyrop (1908)²⁰¹.

abstract force. Thus *domec*, lordship, rule (← *dom*, lord), *lasec*, weariness (← *las*, weary), and with the feminine -ECHA, we find *escazecha*, property, fortune (← *escazer*, fall due)”. Além dessas palavras, acrescenta em nota de rodapé (*loc. cit.*) a palavra *parec*: “There is also a word *parec* of obscure origin and seeming to mean a flock”.

²⁰¹ Em Darmesteter, no entanto, encontramos referência a palavras francesas derivadas de palavras latinas formadas com o emprego dos sufixos -acus e -ucu, -uca, isto é, com -c- simples, e não em -cc-. Em sua obra *De la création actuelle de mots nouveaux dans la langue française et des lois qui la régissent* (1877, p.186), esse autor caracteriza a presença de derivados de um sufixo -acus como resultando de formação erudita: “ACUS. Ce suffixe est de même nature que le suffixe grec *αχός*, et dans un certain nombre de mots se confond avec lui (*ægyptiacus* = ἰγυπτιαχός, *Armeniacus* = ἰαρμενιαχός). Il se trouve dans un certain nombre d’adjectifs et de substantifs latins qui ont passé dans la langue savante: *aphrodisiaque*, *cardiaque*, *élégiaque*, *maniaque*; *opaque*; *cloaque*, *thériaque*, etc. Il n’a pas donné de dérivations nouvelles”. Já em relação ao sufixo -ucu, -uca, o autor afirma (1895, p.73): “UCU, UCA. Ce suffixe existe dans **lactuca**, *laitue*; **verruca**, *verrue*; **carruca**, *charrue*; ***tortuca**, *tortue*. Sur ce modèle a été formé *mass-ue* de *masse*”. Observa-se, então, a partir desta última citação, que as palavras francesas não conservam o -c- existente nas palavras latinas.

Para o espanhol, são encontrados derivados desses sufixos, mais precisamente *-aco*, *-eco*, *-eca* e *-ueco*, já no período medieval, mas eles são pouco produtivos (cf. GONZÁLEZ OLLÉ, *op. cit.*, p.327-328). Referindo-se a esses sufixos, Hanssen (1913, p.152-153) assim os descreve:

-eco, *-aco*, etc. *-eco* se halla en *muñeca*, *recoveco*, *holleca*, *manteca*. La variante *-ieca* aparece en *babieca* [...]. De más uso es la terminación peyorativa *-aco*: *bellaco*, *cabaco*, *libraco*, *pajarraco*, *tinaco*, *verraco*. En Asturias, puede ser también diminutiva [...]. *-uco* es despectivo: *frailuco*, *hermanuco*, *almendruco*, *maluco*, *galeruco*, *hayuco*, *monteruca*, *peluca*. También esta terminación se usa mucho en Asturias y ahí puede ser diminutiva [...]. De poco uso es *-oca*: *caroca*, variante peyorativa de *cariño*. Con alguna frecuencia se halla *-ueco*: *morueco* (*marueco* F.N.112), *doncellueca*, *manueca* (Munthe, A. 78), *pisuecu* (Rato 98).

Em gramáticas sincrônicas sobre a língua espanhola publicadas a partir do século XV, tais como Nebrija (*op. cit.*), Villalon (1558), Correas (*op. cit.*), RAE (1771, 1772, 1781, 1796, 1854, 1920), Salvá y Pérez (*op. cit.*), Bello (1853 [1847¹]), somente em RAE (1854 [1771¹], p.21), nas palavras *frailuco* e *hominicaco*, em RAE (1920 [1771¹], p.26), nas palavras *libr-aco*, *beat-uco*, *cas-uca*, e em Bello (*op. cit.*, p.44), que cita *-uco*, *-uca*, apresentando como exemplo a palavra *casuca*, encontramos referências aos sufixos *-aco* e *-uco*. No entanto, em todos esses autores, esses sufixos são caracterizados como poucos produtivos.

Com base em Nández Fernández (*op. cit.*, p.336-357), é possível, novamente, verificar a baixa produtividade desses sufixos nas fases clássica e moderna do espanhol, destacando-se, apenas, o sufixo *-uco*, com algumas ocorrências, contra nenhuma dos outros.

3.3.9.1 Derivados de *-iccu, *-icca

Dentre os sufixos românicos em *-cc-*, o sufixo **-iccu*, **-icca* parece ter sido aquele que alcançou maior êxito – embora seu emprego seja restrito à Península Ibérica²⁰² –, conservando significação diminutiva e produtividade por mais tempo.

²⁰² Obviamente que, ao fazer tal afirmação, estamos tendo como referência somente a România ocidental e, especialmente, as línguas literárias da Itália, Espanha, França, Provença e Portugal, excetuando-se, portanto, os dialetos e outras línguas existentes. De forma mais ampla, esse sufixo encontra-se assim caracterizado: “Forme diminutive en espagnol, en portugais et en valaque, étrangère aux autres langues. Exemples. 1. Adj.: esp. *bueno bonico*, *llano llanico*, *menudo menudico*, *moreno morenico*; avec un *c* intercalé *ciego cieguccio*;

Em espanhol, encontramos as formas *-ico*, *-ica*, as quais foram pouco produtivas até o século XV (cf. GONZÁLEZ OLLÉ, *op. cit.*, p.278-279). Ainda em espanhol medieval, esse sufixo, em contextos tais como depois de palavras bissilábicas em <e> e de palavras oxítonas em <n> ou <r>, assume as formas *-cico*, *-cica* (cf. *ibid.*, p.201). A partir do século XV, no entanto, torna-se bastante produtivo (cf. *ibid.*, p.278-279), sendo apontado entre as mais comuns terminações diminutivas da língua espanhola em Correas (*op. cit.*, p.53), em Salvá y Pérez (*op. cit.*, p.31) e na *Gramática de la Lengua Castellana* (RAE, 1796 [1771¹], p.36): “Las terminaciones mas regulares de los diminutivos pueden reducirse á quatro: en *ico*, *illo*, *ito*, *uelo*”. De acordo com Pharies (*op. cit.*, p.307), no entanto, esse sufixo só foi produtivo até a segunda metade do século XVII:

port. (plus rare) *morenico* etc. — 2. Subst.: esp. *animal animalico*, *asno asnico*, *perro perrico*, *abeja abejica*, *barba barbica*, *tixera tixerica*, noms propres *Juan Juanico*, *Pedro Perico*, *Sancha Sanchica*; avec *c* aire *airecico*, *arbol arbolecico*, *ave avecica*, *muger mugercica*; port. *amores amoricos*, *bacia bassin*, *bacinica*, *Ana Anica*. [...]. Il y a des cas où aucune diminution ne se fait sentir, de même que dans d’autres suffixes de cette espèce, comp. esp. *hocico* museau (*hoz*, *faux*), *pellico* habit de peau (*piel*), *villancico* chanson populaire (*villano*), *dedo meñique* petit doigt (*minimus*)” (DIEZ, 1874 [1838¹], p.284-285). — “*-ico*. Esta desinencia se usa en España y Portugal. El femenino se halla también en Rumania, y vestigios se descubren aún en otros países [...]” (HANSEN, *op. cit.*, p.152). Adams (*op. cit.*, p.22) menciona o sufixo *-ic* em provençal, cujo étimo é o mesmo de *-ico*, *-ica* espanhol, mas adverte que poucas são as formações que ocorreram no próprio provençal: “-IC is found in some words, but in very few certain Provençal formations: *causic*, footstep (← *causa*, shoe), *garric*, oakwood (Fr. *jarris*)”. E acrescenta (*loc. cit.*, em nota de rodapé): “Other words with the ending -IC, but uncertain in meaning as well as of obscure origin, are: *bestic*, *chairic*, *denzic* (or *genzic*), and *estric*, all given in Levy. *Meric* shows a substitution of -IC for -IT. *Eretic*, heretic (< *haereticus*), and *levestic*, lovenge (< *levisticum*) are Lat., which appears to be also the case with *eboric*, danewort (< **ebulicus*, derived from *ebulum*?). *Piloric*, pillory (Fr. *pilori*), is of obscure origin (see Körting, No. 8,931). The usual Prov. form is *espilori*. *Pilori* may be connected with *pilar*, pillar”. Também Darmesteter (1877, p.186-187), em relação à língua francesa, cita palavras desta língua com origem em palavras latinas nas quais se encontra um sufixo *-icus*, *-ica*, que não conseguiu se tornar produtivo nesta língua: “ĪCUS, ĪCA n’a pas plus donné de mots nouveaux à la formation savante qu’à la formation populaire. Quelques mots de la langue mère seulement ont passé dans la langue fille et y sont restés stériles; tels sont *fourmi*, *vessie*, dans la formation populaire; *pudique* dans la formation savante” (p.186). — “ĪCUS, ĪCA. Ce suffixe qui, en sa qualité d’atone, devait disparaître de la langue populaire, a eu un riche développement dans la formation savante. Le nombre considérable d’adjectifs en *īcus*, l’identité de forme que *icus* possède, grâce à une commune origine, avec le grec ἰχθῆς, suffixe très-fécond dans la terminologie scientifique, ont donné à cette terminaison une consistance assez grande pour qu’on y ait vu le suffixe général de formation adjectivale. De là la quantité d’adjectifs en *ique* tirés, soit de mots latins, soit de mots français reformés sur des types latins” (p.187). Destaque-se que, nas formações de origem popular, o *c* do sufixo *īcus*, *īca* não se conserva.

La productividad de *-ico* sigue siendo robusta durante los siglos XVI y XVII. En Juan de Valdés se encuentran, por ejemplo, *cantarcico* (*cantar*), *clavico* (*clavo*), *primorcico* (*primor*) y *puntico* (*punto*); en *Lazarillo*, *hermanico* (*hermano*), *mañanicas* (*mañana*) y *pecadorcico* (*pecador*) [...]. A partir de la segunda mitad del siglo XVII, sin embargo, como demuestran Latorre (1956-57: 108) y Nández (1973), la vigencia de *-ico* en la literatura española se reduce prácticamente a cero.

3.4 O diminutivo nas línguas românicas: características gerais de sua morfologia e de sua semântica

Além dessa caracterização morfológica e semântica de cada um dos sufixos diminutivos existentes nas línguas românicas, é possível apresentar algumas características da morfologia e da semântica do fenômeno linguístico denominado de *diminutivo* que podem ser encontradas em (quase) todas as línguas aqui abordadas – muitas das quais também já são encontradas na língua latina²⁰³ –, não necessariamente com a mesma importância em todas elas.

3.4.1 Características gerais da morfologia dos diminutivos nas línguas românicas

Dentre as características morfológicas do diminutivo que são comuns às (ou a algumas) línguas românicas – sendo, portanto, uma “herança” da língua latina vulgar –, podem ser mencionadas as seguintes, exceto a última:

- a) os diminutivos podem ser formados a partir de palavras que já possuem sufixo diminutivo

A formação de palavras diminutivas a partir de diminutivos ocorre pela combinação de sufixos diminutivos, do que resulta um sufixo mais extenso em sua forma. Às vezes, essa combinação se dá em virtude de o sufixo diminutivo existente não ser mais capaz de expressar a sua significação – quer em algumas palavras, quer na língua como um todo –, sendo, pois, necessária a incorporação de um novo sufixo²⁰⁴. Como exemplos disso, podemos citar o

²⁰³ Para verificar o que dissemos acerca de cada uma dessas características em relação à língua latina, remetemos ao capítulo anterior, mais especificamente ao longo de toda a seção 2.2.1.

²⁰⁴ Esse mesmo fato já ocorrera na língua latina em relação ao sufixo diminutivo **-cus* (< ind. eur. *-*ko*), o qual, perdendo a significação diminutiva, passa a combinar-se com outro sufixo diminutivo, *-ulus*, do que resulta a formação de um novo sufixo, também diminutivo, *-culus*, *-cula*, *-culum* (cf. seções 2.1 e 2.2).

sufixo *-el* em francês, o qual, não tendo mais a sua função diminutiva reconhecida em muitas palavras, recebe outro sufixo, geralmente *-et* e a sua respectiva forma feminina. Nyrop (1908, p.180), referindo-se a esse fato, assim o caracteriza:

ELET (au féminin *ELETTE*) est un suffixe composé de *-el* (§192) et de *-et* (§220). On trouve dans la vieille langue: *drap—drapel—drapelet*; *mont—montel—montelet*; *mors—morsel—morselet*; *plat—platel—platelet*; *roi—roitel—roitelet*; *fauve—fauvel—fauvelet*; *friant—friandel—friandelet*; *ront—rondel—rondelet*; *rous—roussel—rousselet*. Grâce à ces formes et à une fausse analyse de mots tels que *agnelet*, *cervelet*, *mantelet*, *ruisselet*, où *-el* appartient au radical français, *-elet* devient un suffixe indépendant; on a ainsi *gant—gantelet*, *vers—verselet*, *pièce—piecelette*, *pinte—pintelette*, *crêpe—crêpelet*, *petit—petitelet*, *rade—radelet* (vif), *tant—tantelet*, etc. sans forme intermédiaire en *-el*.

Outras vezes, no entanto, mesmo o sufixo existente sendo capaz de expressar a significação diminutiva, o que se objetiva é dar maior expressividade à palavra, aumentando ainda mais a sua significação diminutiva ou lhe acrescentando alguma significação avaliativa. Em italiano e em espanhol, duas línguas que fazem uso dos diminutivos muito frequentemente, essas construções são muito recorrentes. Assim, em relação aos duplos diminutivos nesta língua, encontramos a seguinte referência em Salvá y Pérez (*op. cit.*, p.33): “De los diminutivos pueden sacarse otros mas diminutivos, p. e. de *Perico*, *Periquillo*, *Periquillito*, y de *chiquillo* ó *chiquito*, *chiquitillo*, *chiquitito*, *chiquituelo*, *chiquitilluelo*, *chiquillito*, *chiquirritin*, *chiquirritito*, *chiquirritillo* y *chiquirrituelo*”. Quanto ao italiano, destacamos a observação feita por Nelli (*op. cit.*, p.108) — “Si noti, che si trovano alcuni diminutivi raddoppiati, che si compongono dal già formato diminutivo, come: da *libro*, *libretto*, e da *libretto*, *librettino*; da *pezzuolo*, *pezzolino*; da *chiassetto*, *chiassettello* ec.” —, assim como a muito detalhada descrição feita por Barberi (*op. cit.*, p.72-73), o qual afirma:

On peut donner aux noms deux des ces désinences, et alors il en résultera un double diminutif, dont l’un exprimera l’affection et la tendresse, et l’autre quelque chose de joli et de caressant; come *ghiótto*, gourmand; *ghiotterélló*, petit gourmand; *ghiotterellíno*, gentil petit gourmand; *páne*, pain; *panellíno*, joli petit pain; *cattívo*, malheureux; *cattivélló*, petit malheureux; *cattivellúccio*, pauvre petit malheureux; *trísto*, misérable; *tristerélló*, petit misérable; *tristerellíno*, pauvre petit misérable. Plusieurs des ces doubles diminutifs servent à diminuer l’objet déjà rangé dans la classe des petits par la première désinence: En ce cas le dernière désinence exprime toujours quelque chose de joli; come *cássa*, caisse; *cassétta*, petite caisse; *cassettíno*,

jolie petite caisse; *casa*, maison; *casétta*, petite maison; *casettína*, jolie petite maison; *cósa*, chose; *coséta*, petite chose; *cosettína*, jolie petite chose ou très-petite chose.

b) os diminutivos podem ser formados a partir de nomes próprios de pessoas

Em todas as línguas aqui descritas, é identificada a possibilidade de formar diminutivos a partir de nomes próprios de pessoas. Para o francês, já encontramos esse fato destacado, por exemplo, em Meigret (*op. cit.*, p.29, destaques nossos), o qual afirma: “Il faot aosi ęntęndre qę lę Franęoęs ęn tıret dę’ noms propres, aosi bien qę dęs appellatıfs, ę aıęctıfs: come de Pięre, *Pierrot*, de Iaques, *Iaqelot*, d’Anthoęne, *Anthoęnette*, *Ianęt* de Ian, *Yuonęt* d’Yues: finablement lę’ Franęoęs ęn tıret beaocoup, dę’ noms propres [...]”. Também Estienne (*op. cit.*, p.18) já o observa: “Des noms propres d’hommes & de femmes on en fait quelque fois des diminutıfs: comme de Pierre, *Pierrot*, *Perrot*: Iaques, *Iaqet*: Magdelaine, *Magdelon*: Marguerite, *Margot*”. Quanto à língua espanhola, Correas (*op. cit.*, p.54) já apresenta exemplos desse fato, como nas palavras *Marica* e *Marikita*, formadas a partir de *Maria*. Também em Salvá y Pérez (*op. cit.*, p.33), encontramos referência a essa característica, como nos diminutivos *Carlítos*, *Antońito*, *Perico* – formados, respectivamente, a partir de *Cárlos*, *Antonio* e *Pedro*. Em italiano e em provençal, porém, o emprego do diminutivo em nomes próprios de pessoas não parece ser um recurso que tenha alcançado grande produtividade, ao contrário do que ocorre em francês e em espanhol. Em relação à primeira língua, por exemplo, o único autor, dentre os que pudemos consultar, a destacar esse fato foi Demattio (*op. cit.*, p.27), que assim diz: “I suffıssi *-uccio*, *-uccia*, *-uzzo*, *uzza*, aggiunti ai nomi proprı di persona sono diminutivi e talvolta anche vezzeggiativi, come in *Anselmuccio*, *Paoluccio*, *Petruzzo* e *Petruccio*, *Annuccia*, *Lauruzza* ecc.”. Em provençal, esse emprego parece ser menos frequente ainda, uma vez que encontramos um único exemplo em que isso ocorre, apresentado em Diez (1874 [1838¹], p.317), a palavra *Guilhamó*, derivada de *Guillem*.

c) os diminutivos geralmente conservam o gênero da palavra primitiva

A situação mais comum que se encontra, quando se comparam uma palavra portadora de um sufixo diminutivo e a palavra a partir da qual ela se formou, é ambos apresentarem o mesmo gênero, isto é, se, em italiano, francês, provençal ou em espanhol, a palavra primitiva é do gênero masculino, o diminutivo também possuirá, geralmente, esse mesmo gênero, o mesmo fato ocorrendo se a palavra primitiva for do gênero feminino. A validade dessa correlação, no entanto, nem sempre é exata, havendo, também, palavras que não conservam o gênero das palavras que lhes deram origem.

Em relação ao francês, esse fato parece já chamar a atenção de Meigret (*op. cit.*), que, após citar as terminações *ot* e *ette* como as mais comuns para a formação de diminutivos, respectivamente masculinos e femininos, em francês (cf. p.29), assim se expressa quanto à possibilidade de o primeiro desses sufixos vir a formar substantivos femininos: “E sont çeus en *ot* comunement masculins, s’il ne descendet de’ femenins” (*loc. cit.*). Ou seja, o autor afirma que a terminação *ot*, mesmo sendo caracteristicamente formadora de nomes masculinos, pode formar também nomes femininos, desde que a palavra primitiva possua o gênero feminino, como de *Marguerite*, *Margot* (cf. tb. ESTIENNE, *op. cit.*, p.18; RAMUS, *op. cit.*, p.70).

Na língua espanhola, essa mesma característica é destacada na quarta edição da *Gramática de la Lengua Castellana* (RAE, 1796 [1771¹], p.54-55; cf. tb. SALVÁ Y PÉREZ, *op. cit.*, p.26), na qual encontramos o seguinte texto:

Los aumentativos y diminutivos son, generalmente hablando, del género de los nombres de onde nacen, como: *Himbron*, *Perrazo*, *Angelote* son masculinos, porque lo son *Hombre*, *Perro*, *Angel*, de los cuales se derivan. *Poemita*, *Poetilla*, son tambien masculinos, porque lo son sus primitivos *Poema* y *Poeta*.

Ao caracterizar a língua italiana quanto ao gênero, Nelli também observa que o comportamento geral dos diminutivos nessa língua é conservar o gênero da palavra que lhe deu origem, como é possível concluir do trecho abaixo:

Circ’al genere, alcuni, che sono del femminino, e che per aggrandimento si allungano in *one*, mutano il detto genere della femmina in quel del maschio per tale accrescimento, come *la falce*, *il falcione*; *la finestra*, *il finestrone*, *la strada*, *lo stradone*; *la tavola*, *il tavolone* &c. **E lo stesso segue in alcuni diminutivi quanto al cambiamento del genere**, come *la finestra*, *il finestrino*: *la cesta*, *il cestino*: *la stanza*, *lo stanzino* &c. (NELLI, *op. cit.*, p.104, negrito nosso).

d) os diminutivos não se encontram restritos aos nomes

Embora a formação dos diminutivos seja mais frequente – já em latim – com substantivos e adjetivos, outras classes de palavras podem também receber sufixos diminutivos, com mudança ou não de classe, e expressar essa significação.

Em relação à língua castelhana ou espanhola, a Real Academia Española (RAE) observa isso muito bem na quinta edição de sua *Gramática* (RAE, 1854 [1771], p.21), conforme segue:

Aunque los diminutivos proceden en general de los nombres sustantivos, [...] es de advertir que en nuestra lengua, y principalmente en lo estilo familiar, suelen formarse de los adjetivos, de los participios, de los gerundios, y hasta de los adverbios. Así decimos: MUERTECITO *de frio*; REVOLTOSILLO *es el muchacho*; TODITO *el dia*; pan CALENTITO; APURADILLO *estuvo*; vino CALLANDITO; LEJÍTO *está tu casa &c.*

Além das classes acima mencionadas pelo texto da *Gramática de la Lengua Castellana*, Pascual Polo (POLO, 1837, p.19) cita, também, os verbos como podendo dar origem a diminutivos nessa língua.

Martelli (*op. cit.*, p.98), após descrever os diminutivos nos substantivos e adjetivos italianos, finaliza a sua abordagem sobre o tema destacando a existência, nessa língua, de verbos e de advérbios diminutivos. Vejamos o que ele diz:

Observez qu'il y a aussi des verbes qui sont diminutifs, tels que *piovigginare* ou *piovicolare*, *cantarellare*, *sonnecchiare*, ou *dormigliare*; etc. Ils expriment l'action d'une manière légère et imparfaite [...]. Quelques adverbes aussi sont susceptibles de ces modifications. *Benone*, fort bien; *benino*, passablement bien; *adagino*, tout doucement; etc..

e) presença de sufixos diminutivos eruditos

Além dos sufixos diminutivos transmitidos diretamente do latim vulgar às línguas românicas, encontram-se, nelas, também, sufixos diminutivos tomados de empréstimo ao latim clássico e que, por isso, distinguem-se daqueles pelas poucas transformações encontradas em sua fonética – e, por consequência, em sua grafia –, geralmente restritas à

parte final da palavra. São os chamados sufixos diminutivos eruditos, que se caracterizam, ainda, por serem pouco produtivos²⁰⁵.

Observando a existência de tais sufixos na língua francesa, Ayer (1885, p.326) assim diz: “Les suffixes suivants sont d’origine latine; *ole, ule, cule* ne se présentent que dans des diminutifs de formation savante”. Na sequência, o autor caracteriza (*loc. cit.*) cada um desses sufixos, quando fica patente a distinção entre um sufixo erudito e um sufixo popular, isto é, com origem no latim vulgar²⁰⁶:

²⁰⁵ Em verdade, em um primeiro momento, não são os sufixos que são tomados de empréstimo ao latim clássico, mas sim palavras dessa língua que passam, por empréstimo, a fazer parte do léxico das novas línguas, podendo ou não ocorrer alterações em suas propriedades fonéticas, com ou sem alteração na forma de representá-las graficamente. Posteriormente, no entanto, esses sufixos podem tornar-se produtivos nessas línguas.

²⁰⁶ Tradicionalmente, essa distinção entre formação erudita e formação popular tem sido aplicada ao léxico de uma língua, distinguindo-se, ainda, um tipo intermediário, chamado de formação semi-erudita ou semi-popular. Em Vasconcelos (*op. cit.*, p.30-31) – para referirmo-nos, apenas, a quem se dedicou ao tema em língua portuguesa –, encontramos uma importante caracterização desses três tipos de constituição lexical, a qual passamos a apresentar: “São *populares* todos os termos do léxico primitivo, provenientes do latim vulgar, isto é, os que entraram na língua dos Lusitano-romanos por contacto directo, e foram transmitidos oralmente de geração em geração, sofrendo sucessivas modificações, com grandes intervalos de tempo, segundo leis então vigentes. Exemplos são todos os de que nos servimos quando conversamos sem pretensão: *ôlho, ovelha, cabeça, mão, pé, banco, braço, dedo*, etc., etc. Outros sofreram apenas leves alterações por causa da sua estrutura singela (*mar, lar, sol, sal, mesa*, etc). São *populares* também todos quantos vocábulos procedem dêles pelo processo de *derivação* e *composição*. — *Populares* igualmente os latinizados de origem ibérica, céltica, germânica e arábica que, acolhidos antes do período histórico, passaram pelas mesmas transformações que actuaram no latim vulgar. Sirvam de exemplos: *lousa*, do lusitano *lausia*, *banco, guerra, guisa*, de origem germânica, *mesquinho, alface, azeite*, de origem arábica. [...]. *Eruditos, literários, cultos*, de origem artificial, são, pelo contrário, os vocábulos de proveniência latina (e grega) que entraram no léxico português, por intervenção de escritores, que os tiraram directamente de obras clássicas ou do dicionário; quâsi inalterados foram acomodados apenas à pronúncia portuguesa no timbre das vogais. Nunca ficam contudo completamente intactos. Nas terminações é que sofreram leves modificações, indispensáveis para não destoarem do carácter da língua. [...]. Entre a camada *popular* e a *erudita* fica outra que participa das qualidades de ambas. Merecem a designação de *semi-populares* ou *semi-eruditas*, palavras de origem latina que introduzidas bastante cedo (no período arcaico), ainda assim não sofreram as transformações impostas por leis fonéticas, ou as sofreram apenas parcialmente. Olhando de perto para as modificações a que foram sujeitas, para o tempo e as obras em que surgem, e em especial para o significado, e as funções que exercem, reconhece-se que entraram por via *eclesiástica* e *jurídica*. É pois lícito supor que foram tão pouco modificadas ou ficaram estacionárias, exactamente por pertencerem a instituições sociais de carácter conservador. Às pessoas que as usavam a miúdo, acostumadas a servir-se da língua latina, a êsses

ole sert à former des diminutifs savants du genre féminin: *aréole, artériole, bestiole, banderole, cabriole, carriole, casserole, févérole, foliole, gloriole, rougeole*, etc. Dans les mots de formation populaire, le suffixe latin *olus* (*e-olus, i-olus* est devenu en français *euil, eul, ol*, dans *chevreuil, écureuil, filleul, glaïeul, linceul, ligneul, rossignol, tilleul*; le sens diminutif de ces mots a tout à fait disparu. — **ule** est un suffixe savant qui forme des noms diminutifs masculins ou féminins selon le genre du nom qui leur sert de base: un *globule* est un petit globe, une *glandule* est une petite glande. Le suffixe *ule* vient du latin *ulus, ulum* et *ula*: *module* de *modulus*, *pendule* de *pendulus*, *ovule* (de *ovum*, oeuf); *capsule* de *capsula*, *cellule* de *cellula* (*cella*, chambre), *virgule* de *virgula* (*virga*, baguette). La formation populaire a donné les mots *peuple* de *populus*, *sangle* de *cingulum*, *table* de *tabula*, *tuile* de *tegula*, *seille* de *situla*, dans lesquels le sens diminutif a entièrement disparu. [...]. — **cule** est un suffixe savant qui forme de la même manière des noms diminutifs masculins ou féminins selon le genre du nom qui leur sert de base: un *animalcule* est un petit animal, la *pellicule* est une petite peau. Le suffixe *cule*, m. et f., vient de *culus, culum* et *cula*: *corpuscule* de *corpusculum* (*corpus*, corps), *opuscule* (*opus*, ouvrage), *clavicule* (*clavis*, clé), *follicule* (*folium*, feuille), *radicule* (*radix*, racine), *renoncule* (plante dont la racine imite une petite grenouille, en lat. *rana*), *vésicule* (*vesica*, vessie).

Em relação à língua espanhola, encontramos esses sufixos como tema em Salvá y Pérez (*op. cit.*, p.31, nota de rodapé), que diz: “Tenemos tambien algunos diminutivos en *ula* y *ulo* tomados del latin, como *árula, cápsula, célula, partícula, opúsculo, régulo*”.

3.4.2 Caracterização semântica dos diminutivos nas línguas românicas

Do mesmo modo que na língua latina – conforme discutido no capítulo anterior –, o que tradicionalmente se designa por diminutivo nas línguas românicas não possui como significação, apenas, a diminuição do tamanho de algo ou atenuação de uma característica, sendo empregado, também, para expressar, por exemplo, carinho ou, ainda, com significação pejorativa.

repugnavam inovações de pronúncia e grafia. Por isso mantinham tenazmente, mesmo na língua vulgar, formas mais eruditas que populares”.

Em relação à língua espanhola, por exemplo, em uma obra do ano de 1627²⁰⁷ já se pode perceber que o diminutivo é compreendido como tendo outras significações além da de diminuição de tamanho, conforme descrição abaixo:

Diminutivo es el nonbre derivado que sinifica la cosa disminuidamēte, i es no menos fecunda la lengua Castellana en formas diminutivas, que en aumentativas [...]. Los en *ito* sinifican cō *amor i buen querer*: los en *ico* no con tanta *afizion*: los en *uelo* con *desprezio*, los demas casi todos con *desden*: los en *ino* disminuē mucho (CORREAS, *op. cit.*, p.53, destaques nossos).

O mesmo fato se verifica – para não citar outras – na *Gramática de la Lengua Castellana*, publicada pela Real Academia Española, em 1771, e na *Gramática de la Lengua Castellana segun ahora se habla*, de Salvá y Pérez (*op. cit.*, p.30 e p.35, destaques nossos), nas quais constam, respectivamente, sobre os diminutivos, o que segue:

Diminutivos son los nombres [substantivos y adjetivos] que **disminuyen la significacion de los primitivos de que se derivan**, como: de hombre, *hombrecito*, *hombrecico*, *hombrecillo*, *hombrezuelo*. De muger, *mugercita*, *mugercica*, *mugercilla*, *mugerzuella*. De chico, *chiquito*, *chiquillo*, *chicuelo*, *chiquituelo*, *chicote*. De chica, *chiquita*, *chiquilla*, *chiquela*, *chiquituela*, *chicota*. — Los acabados en *ito*, y en *ico* se usan por lo comun para **mostrar cariño**, y aun alguna vez los en *illo*; pero los en *elo* sempre **denotam desprecio**, como: *mozuelo*, *mozuela*, *muchachuelo*, *muchachuela* (RAE , 1771, p.28-29, negritos nossos)

El aumento ó la diminucion, que pueden tener en la naturaleza los objetos espresados por nombres substantivos, y las cualidades enunciadas por los adjetivos, se espresan en castellano por medio de ciertas terminaciones. [...] Con los

²⁰⁷ Esta obra de Gonzalo Correas não é a primeira obra sobre a língua espanhola a tratar do tema *diminutivo* – e não foi nossa preocupação, em nenhum momento, trazer os autores primeiros a abordar determinada temática, mas sim apresentar abordagens de épocas distintas sobre o mesmo tema –, já estando ele presente na *Gramática Castellana*, de Nebrija (1492, destaques nossos); mas este autor indica apenas a significação de diminuição de tamanho: “Diminutivo nõbre es aquel: ã significa diminuciõ d’l p’ncipal de dõde se deriva: como de *ombre ombrezillo* ã quiere dezir pequeño ombre. de *muger mugercilla* pequeña muger (Livro Terceiro, capítulo III)”. Também não podemos afirmar ser aquela obra a primeira a reconhecer explicitamente outras significações do diminutivo, uma vez que nosso objetivo aqui está limitado, apenas, a mostrar que já é muito antiga a percepção nas línguas românicas, especialmente no âmbito da língua espanhola, de que o diminutivo não se restringe a expressar diminuição de tamanho.

diminutivos espresamos ora la *ternura*, ora la *compassion*, ora el *desprecio* que nos inspiram objeto.

Para a língua italiana, verifica-se a mesma percepção em relação à significação do diminutivo. Assim, Veneroni (*op. cit.*), além de reconhecer que se pode expressar, com o emprego do diminutivo, a diminuição do tamanho de algo, como em *casina*, *casetta* (cf. p.28) – que significam ‘pequena casa’ –, identifica outros significados, tais como carinho, compaixão e desprezo: “Quoy que les Diminutifs soient augmentez d’une ou deux syllabes, ils diminuent neanmoins la signification de leurs mots. Il y a deux sortes de diminutifs, les uns *de caresse & de compassion*, les autres *de mépris ou mocquerie*” (p.27, destaques nossos).

Mais de um século depois dessa observação de Veneroni, Barberi (*op. cit.*, p.67) também aponta essa mesma multiplicidade de significados para o diminutivo na língua italiana, conforme abaixo:

Les diminutifs peuvent se diviser en quatre classes, et ils servent: 1°. pour marquer la petitesse de l’objet, et quelque chose de joli; 2°. pour exprimer, en flattant ou en caressant, l’affection et la tendresse que nous avons pour les êtres qui nos intéressent; 3°. pour manifester la pitié et la compassion, que la nature nous inspire pour les êtres qui ont besoin de notre secours; 4°. enfin, pour exprimer le mépris et l’indignation que nous sentons, ou concevons pour les personnes et les objets.

Também na língua francesa, há muito tempo o diminutivo não é visto como restrito a indicar tamanho pequeno. No *Dictionnaire de l’Académie* (1694), por exemplo, o diminutivo é assim caracterizado: “DIMINUTIF, IVE. adj. Qui diminuë ou adoucit la force du mot dont il est formé. *Fillette, Femmelette, amourette, sont des façons de parler diminutives, sont des termes diminutifs de mots de fille, de femme, e d’amour*” (p.331). Ora, se nesse mesmo dicionário, a palavra *adoucir*, em seu sentido literal, é apresentada como significando “Rendre doux” (p.348) ‘restituir o doce’, ‘tornar doce’, não parece ser este o significado que o “autor” quer atribuir ao diminutivo; o verbo *adoucir* está empregado, portanto, em seu sentido figurado, o qual também consta no *Dictionnaire*, a saber: “Il sig. aussi fig. Rendre moins fascheux & plus suportable. *Cela adoucira un peu vostre mal. si quelque chose pouvoit adoucir mon déplaisir. [...]. Il sig. encore, Appaiser. Adoucir la colere de quelqu’un. adoucir un sprit irrité*” (p.348). Com isso, verifica-se que o diminutivo pode ser empregado também em uma construção para tornar o discurso menos deselegante ou indelicado, o que é muito recorrente, por exemplo, nos discursos irônicos. Essa é a mesma argumentação empregada por

Buffier (1754), acrescentando-se, em conformidade com este autor, a possibilidade de empregar-se o diminutivo para fazer gracejos ou zombaria: “*Des noms Diminutifs. ON apelle ainsi ceux qui par un changement de terminaison, altèrent leur signification ordinaire, pour en diminuer la force. [...] Il y en a quelques-uns dans les noms qu’on donne aux enfans: si on les emploie dans le discours ordinaire, c’est pour badiner*” (p.158).

Diante do exposto, o diminutivo será concebido ao longo deste estudo como podendo significar não somente diminuição de tamanho ou atenuação de uma qualidade/característica, mas também carinho, compaixão, desprezo, escárnio etc., uma vez que, tradicionalmente, tanto em latim, quanto nas línguas românicas, é dessa maneira que ele tem sido caracterizado.

Por fim, verificamos, a partir do que expusemos ao longo deste capítulo, que a língua latina transmitiu às suas “línguas-filhas” não só as terminações que empregava para formar diminutivos, mas também o que possuía de características gerais em relação ao diminutivo, seja no aspecto semântico – as diversas significações do diminutivo nas línguas românicas demonstram isso –, seja quanto às suas características formais, conforme acabamos de apresentar.

REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos – apresentação. Rio de Janeiro, 2002a.

_____. **NBR 6023**: informação e documentação: referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2002b.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ABREU, Thais de Holanda. **Estudo das formas aumentativas e diminutivas em português arcaico**. Dissertação. Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/92221/abreu_th_me_arafcl.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 jun. 2015.

ACADÉMIE FRANÇAISE. **Le dictionnaire de l'Académie Française, dédié au Roy**. Tome I. A-L. Paris: Vve J. B. Coignard et J. B. Coignard, 1694. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k503971>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

ADAMS, Edward L. **Word-formation in provençal**. New York / London: Macmillan & Company, 1913. Disponível em: <<https://archive.org/stream/wordformationinp00adamuoft#page/n10/mode/1up>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

ALEMANY BOLUFER, José. **Estudio elemental de gramática histórica de la lengua castellana**: fonología y morfología. Segunda edición: Madrid: Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos, 1903 [1902¹]. Disponível em: <<https://archive.org/stream/estudioelemental00alemuoft#page/n4/mode/1up>>. Acesso em: 15 maio 2014.

ALLEN JR., Joseph H. D.. Portuguese Word-Formation with. **Language**, Washington, vol. 17, n. 2, p.3-143, 1941. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/522032>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

ALONSO, Amado. Noción, emoción, acción y fantasía en los diminutivos. In: _____. **Estudios lingüísticos**: temas españoles. 3 ed. Madrid: Gredos, 1967 [1951¹], p.161-189.

ALVES, Ieda Maria. Derivação prefixal. In: RODRIGUES, Angela; ALVES, Ieda Maria. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção morfológica da palavra**. vol. 6. São Paulo: Contexto, 2015, p.17-43.

AMERICAN ANTHROPOLOGICAL SOCIETY. Phonetic transcription of indian languages: report of committee of American Anthropological Association. In: **Smithsonian Miscellaneous Collections**, Washinhthon, vol. 66, n° 6, p.1-15, 1916 Disponível em: <https://repository.si.edu/bitstream/handle/10088/23549/SMC_66_Indian-Languages-Phonetics_1916_6_1-15.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 nov. 2016.

ANGLADE, Joseph. **Grammaire de l'ancien provençal ou ancienne langue d'oc: phonétique et morphologie**. Paris: C. Klincksieck, 1921. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k255748j>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

ARISTOTELES. **Retórica**. Introducción, traducción y notas por Quintín Racionero. 2 reimpressão. Madrid: Gredos, 1999 [1990¹; 360-335 a. C.¹].

ARONOFF, Marc. **Word formation in generative grammar**. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.

AYER, Cyprien. **Grammaire française: lexicologie et lexicographie**. Lausanne: Martignier; Fribourg: Chez les Libraires, 1851. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=7w87AAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 05 jan. 2013.

_____. **Grammaire comparée de la langue française**. Quatrième édition. Bale, Genève, Lyon: H. Georg; Paris: Charles Borrani / G. Fischbacher, 1885 [1876¹]. Disponível em: <<https://archive.org/stream/grammairecompar00ayeruoft#page/n7/mode/2up>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

BARBERI, Giuseppe Filippo. **Grammaire des grammaires italienne: élémentaire, raisonnée, méthodique et analytique ou cours complet de la langue italienne**. Tome I. Paris: A. Eymery, 1819. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=X4kQAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

BARBOZA, Jeronymo Soares. **Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados à nossa linguagem**. Segunda edição. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1830 [1822¹]. Disponível em: <<https://archive.org/details/grammaticaphilos00soar>>. Acesso em: 13 out. 2013.

BARRETTO, Ioam Franco. **Ortografia da lingua portugueza**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1671. Disponível em: <<http://purl.pt/18>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

BARROS, João de. **Grammatica da lingua portuguesa**. Olyssipone [Lisboa]: Typographum Ludouicum Rotorigiũ, 1540. Disponível em: <<http://purl.pt/12148>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**: história externa das línguas. vol. 1. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2005 [2001¹].

_____. **Elementos de filologia românica**: história interna das línguas. vol. 2. São Paulo: EDUSP, 2010.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 [1961¹].

BELLO, Andrés. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Nueva edicion anotada por Francisco Merino Ballesteros. (Reimpressão espanhola do texto da primeira edição. Santiago de Chile: Imprenta del Progreso, 1847). Madrid: Imprenta de la Biblioteca Económica de Educación y Enseñanza, 1853 [1847¹]. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=3cI8bwwNgAsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

BELTRAMI, Pietro G.. (Ed.). **Tesoro della lingua italiana delle origini**. 1997–2016. Disponível em: <<http://tlio.ovi.cnr.it/TLIO/>>. Acesso de mar. 2015 a ago. 2016.

BERNARDES BRANCO, Manuel. **Novo dictionario portuguez-latino**. 2 edição. Lisboa: Livraria Ferreira, 1884 [1879¹]. Disponível em: <<https://archive.org/details/ManuelBernardBrancoODiccionarioPortuguezLatinoSegundaEdicaoLisboa>>. Acesso em: 10 set. 2016.

BLANDI, Spiridione. **Grammatica della lingua italiana**. Quarta edizione. Benetia: Nikolao Glykei, 1815 [1815¹]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Grammatica_della_lingua_italiana.html?id=4QpQAAAaAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 23 nov. 2013.

BOAS, Franz. Introduction. In: BOAS, Franz. (Ed.). **Handbook of american indian languages**. Washington: Government Print Office, 1911, p.5-83. Disponível em: <<https://ia800800.us.archive.org/1/items/introductionto00boasgoog/introductionto00boasgoog.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

BOFARULL, Antoni; BLANCH, Adolf. **Gramática de la lengua catalana**. Barcelona: Espasa Hermanos Editores, 1867. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Gram%C3%A1tica_de_la_lengua_catalana.html?id=a8RRMDKGVg4C&redir_esc=y>. Acesso em: 15 set. 2014.

BONNET, Max. **Le latin de Grégoire de Tours**. Paris: Hachette, 1890. Disponível em: <<https://archive.org/stream/lelatindegrgoi00bonnuoft#page/n7/mode/1up>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

BOURCIEZ, Édouard. **Éléments de linguistique romane**. Cinquième édition. Paris: C. Klincksieck, 1967 [1910¹].

BRACHET, Auguste. **Grammaire historique de la langue française**. Quatrième édition. Paris: J. Hetzel, 1868 [1867¹]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Grammaire_historique_de_la_langue_fran%C3%A7aise.html?id=V_08AAAACAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 12 abr. 2014.

BRUGMANN, Karl. **Abrégé de grammaire comparée des langues indo-européennes**. D'après le Précis de Grammaire Comparée de K. Brugmann et B. Delbrück. Tradução J. Block, A. Cuny & A. Ernout. (Título original: *Kurze vergleichende Grammatik der indogermanischen Sprachen*. Strassbrug: Verlag von Karl J. Trübner, 1904). Paris: C. Klincksieck, 1905.

BRUNOT, Ferdinand. **Histoire de la langue française des origines à 1900**: de l'époque latine à la Renaissance. Tome I. Paris: Librairie Armand Colin, 1905. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k58316872>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

BUFFIER, Claude. **Grammaire française, sur un plan nouveau**: avec un traité de la prononciation des *e*, e abrégé des règles de la poésie française. Nouvelle édition. Paris: Marc Bordelet, 1754 [1709¹]. Disponível em: <https://books.google.com.au/books/about/Grammaire_Fran%C3%A7oise_sur_un_plan_nouveau.html?id=EsNDAAAACAAJ>. Acesso em: 12 nov. 2014.

CÂMARA JR., J. M.. **História e estrutura da língua portuguesa**. Tradução Anthony J. Naro. (Título original: *The Portuguese Language*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1972). Rio de Janeiro: Padrão / Prolivro, 1975.

CETEMPúblico – Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público. Disponível em: <<http://www.linguateca.pt/cetempublico/>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval. Disponível em: <<http://cipm.fcsh.unl.pt/>>. Acesso de abr. a ago. 2016.

COELHO, F. Adolpho. **A língua portuguesa: phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe.** Coimbra: Imprensa da Universidade, 1868. Disponível em: <<http://purl.pt/30/>>. Acesso em: 29 maio 2013.

_____. **Curso de litteratura nacional para uso dos lyceus centraes: a língua portugueza – noções de glottologia geral e especial portugueza.** vol. 1. Segunda edição, emendada e augmentada. Porto: Magalhães e Moniz, 1887. Disponível em: <<http://purl.pt/30/1/>>. Acesso em: 28 mar. 2013.

COMMELERÁN Y GÓMEZ, Francisco A.. **Gramática comparada de las lenguas castellana y latina.** Segunda edición. Madrid: Agustín Jubara, 1897 [1889¹]. Disponível em: <<https://archive.org/stream/gramticacompar00commuoft#page/n5/mode/2up>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

CORADINI, Heitor. **Metalinguagem na obra *De Lingua Latina* de Marcos Terêncio Varrão.** Tese. USP, São Paulo, 1999.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José A.. **Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico.** 6 vols. Madrid: Gredos, 1980-1991.

CORPUS BRASILEIRO. Disponível em: <<http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>>. Acesso em: 03 ago. 2015.

CORRÊA DE OLIVEIRA, António; SAAVEDRA MACHADO, Luis. **Textos portugueses medievais: 3º ciclo dos liceus.** 2 ed. Coimbra: Coimbra, 1967 [1964¹].

CORREAS, Gonzalo. Arte de la gramatica de la lengua kastellana. In: _____. **Trilingue de tres artes de las tres lenguas castellana, latina, i griega, todas en romanze.** Salamanca: Oficina de Antonia Ramirez, 1627, p.1-122. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Triling%C3%BCe_de_tres_artes_de_las_tres_len.html?id=KKwX3cd7XyAC&redir_esc=y>. Acesso em: 15 fev. 2014.

CORTELAZZO, Manlio; ZOLLI, Paolo. **Dizionario etimologico della lingua italiana.** Seconda edizione in volume unico con CD-ROM e motore de ricerca a tutto testo. Bologna: Zanichelli, 1999 [1979-1988¹].

COSTA, Avelino de Jesus da. Os mais antigos documentos escritos em português: revisão de um problema histórico-linguístico. (reimpressão com aditamentos – publicação original: COSTA, Avelino de Jesus da. Os mais antigos documentos escritos em português: revisão de um problema histórico-linguístico. In: **Revista Portuguesa de História**. Coimbra, vol. 17, p.263-340, 1979). In: _____. **Estudos de cronologia, diplomática, paleografia e histórico-linguísticos**. Porto: Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, 1992, p.169-256. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/estudos_de_cronologia.pdf>. Acesso em: 10 set. 2014.

COUSIN, Jean. **Évolution et structure de la langue latine**. Paris: Les Belles Lettres, 1944.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976 [1938¹].

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da língua portuguesa**. 11 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986 [1972¹].

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 [1985¹].

DARMESTER, Arsène. **De la création actuelle de mots nouveaux dans la langue française et des lois qui la régissent**. Paris: F. Vieweg, 1877. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k113345f>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

_____. **Cours de grammaire historique de la langue française: troisième partie – formation des mots et vie de mots**. Paris: Ch. Delagrave, 1895. Disponível em: <<https://archive.org/stream/coursdegrammair02darm#page/n5/mode/2up>>. Acesso em: 11 ago. 2013.

DAVIES, Mark. **Corpus del Español: 100 million words, 1200s-1900s**. 2002. Disponível em: <<http://www.corpusdelespanol.org>>. Acesso de mar. 2015 a ago. 2016.

DAVIES, Marc; FERREIRA, Michael. **Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s**. 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso de mar. 2015 a ago. 2016.

DEMATTIO, Fortunato. **Morfologia italiana: con ispeciale riguardo al suo sviluppo storico dalla lingua primitiva latina**. Innsbruck: Libreria Accademica Wagner, 1876.

DIEZ, Friedrich. **Grammaire des langues romanes**: phonétique. Traduit par August Brachet et Gaston Paris. (Título original: *Grammatik der romanischen sprachen*. Bonn: Eduard Weber, 1836). Troisième édition. Tomo I. Paris: A. Franck, 1874. Disponível em: <<https://archive.org/stream/grammairedeslang01diezuoft#page/n5/mode/2up>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

_____. **Grammaire des langues romanes**. Traduit par Alfred Morel-Fatio e Gaston Paris. (Título original: *Grammatik der romanischen sprachen*. Bonn: Eduard Weber, 1838). Troisième édition. Tomo II. Paris: Librairie A. Franck, 1874. Disponível em: <<https://books.google.co.ma/books?id=Cd2o6rvkJgQC&printsec=frontcover&hl=fr#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

DIOMEDES. Ars grammaticae. In: KEIL, Heinrich. **Grammatici latini**: Flavii Sosipatri Charisii Artis grammaticae libri V. Diomedis Artis grammaticae libri III. Ex Charisii Arte grammatica excerpta. vol. 1. Lipsiae: Aedibus B. G. Teubneri, 1857, p.297-529. Disponível em: <http://books.google.com.br/books/about/Grammatici_Latini.html?hl=ptBR&id=BLdGAAAcAAJ>. Acesso em: 15 jun. 2013.

DONATO, Élio. Ars grammatica. In: KEIL, Heinrich. **Grammatici latini**: Probi Donati Servii qui fervntvr de arte grammatica libri ex recensione Henrici Keilii. Notarvm latercvli ex recensione Theodori Mommseni. vol. 4. Lipsiae: Aedibus B. G. Teubneri, 1864, p.353-402. Disponível em: <http://books.google.com.br/books/about/Grammatici_latini_Probi_Donati_Servii_qv.html?id=C1o3OvH8OcAC&redir_esc=y>. Acesso em: 15 jun. 2013.

EMILIANO, António. Sobre a questão d'os mais antigos textos escritos em português'. In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Ines. (Eds.). **Razões e emoção**: Miscelanea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2003c, p.261-278. Disponível em: <http://www.academia.edu/3777572/Sobre_a_quest%C3%A3o_d_os_mais_antigos_textos_escritos_em_portugu%C3%AAs>. Acesso em: 23 abr. 2014.

ESTIENNE, Robert. **Traicté de la grâmaire francoise**. Deuxième édition. Paris: R. Estienne, 1569 [1557¹]. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b86246272>>. Acesso em: 15 out. 2013.

FONSECA, Pedro José da. **Rudimentos da grammatica portugueza**. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1799.

GIRARD, Gabriel. **Les vrais principes de la langue françoise ou la parole réduite en méthode conformément aux loix de l'usage, en seize discours**. Tome I. Paris: Chez Le Breton, 1747. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Les_vrais_principes_de_la_langue_Fran%C3%A7o.html?id=8PwFAAAAQAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 12 dez. 2013.

GONÇALVES VIANA, Aniceto dos Reis. **Ortografia nacional**: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas. Lisboa: Tavares Cardoso, 1904.

GONZÁLEZ OLLÉ, Fernando. **Los sufijos diminutivos em castellano medieval**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1962.

GRANDGENT, C. H. **An outline of the phonology and morphology of old provençal**. Boston: D. C. Heath & Co., Publishers, 1905. Disponível em: <<https://archive.org/stream/outlineofphonolo00granuoft#page/n5/mode/2up>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

_____. **Introducción al latín vulgar**. Traducción del inglés por Francisco de B. Moll. (Título original: *An introduction to vulgar latin*. Boston: D. C. Heath & Co., Publishers, 1907). 2 ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952 [1928¹].

HAKAMIES, Heino. **Étude sur l'origine et l'évolution du diminutif latin et sa survie dans les langues romanes**. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia, 1951.

HANSEN, Federico. **Gramática histórica de la lengua castellana**. Halle: Max Niemeyer, 1913. Disponível em: <<https://archive.org/stream/gramticahist00hans#page/n4/mode/1up>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

HASSELROT, Bengt. **Études sur la formation diminutive dans les langues romanes**. Uppsala: A.-B. Lundequistska Bokhandeln; Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1957.

HAVERLING, Gerd V. M. La suffixation 'diminutive' du latin préclassique et classique au latin tardif. In: FRUYT, Michèle; SPEVAK, Olga. (Eds.). **La quantification en latin**. Paris: L'Harmattan, 2011, p.225-258.

HOFMANN, Johann B. **El latín familiar**. Traducido y anotado por Juan Corominas. (Título original: *Lateinische Umganssprache*. Heidelberg: Carl Winter, 1926). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1958.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.

HUBER, Joseph. **Gramática do português antigo**. Tradução Maria Manuela Gouveia Delille. (Título original: *Altportugiesisches elementarbuch*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1933). Lisboa: C. Gulbenkian, 1986.

IPA – International Phonetic Association. **The International Phonetic Alphabet**. Revised to 2015. IPA, ©2015 [1888¹]. Disponível em: <<http://www.internationalphoneticassociation.org>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

JORET, Charles. **Du c dans les langues romanes**. Paris: A. Franck, 1874. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Du_c_dans_les_langues_romanes.html?id=u30h7OibbCoC&redir_esc=y>. Acesso em: 30 jan. 2014.

KOSCHWITZ, Eduard. **Grammaire historique de la langue des Félibres**. Greifswald: J. Abel; Avignon: J. Rocmanille; Paris: H. Welter, 1894. Disponível em: <https://archive.org/details/GrammaireHistorique_DeLaLangueDesF>. Acesso em: 31 mar. 2014.

LAUSBERG, Heinrich. **Linguística românica**. Tradução de Marion Ehrhardt, Maria Luísa Schermann. (Título original: *Romanischen sprachwissenschaft*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1962). Lisboa: C. Gulbenkian, 1974.

LE TRÉSOR DE LA LANGUE FRANÇAISE INFORMATISÉ. Version électronique du Trésor de la langue française, dictionnaire de référence des XIXe et XXe siècles en 16 volumes, réalisée par le laboratoire ATILF (Analyse et traitement informatique de la langue française). 2004. Disponível em: <<http://atilf.atilf.fr/tlf.htm>>. Acesso de mar. 2015 a ago. 2016.

LEITE DE VASCONCELLOS, José. Curso de lingua portuguesa archaica: lição inaugural. In: **Revista Lusitana**, Porto, vol. 3, p.19-50, 1895. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/etnologia/revistalusitana/03/lusitana03.html>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

_____. **Lições de filogia portuguesa**. 2 edição. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1926 [1911¹].

LEONI, Francisco Evaristo. **Genio da lingua portuguesa, ou causas racionaes e philologicas de todas as reformas e derivações da mesma lingua**. Typographia do ‘Panorama’: Lisboa, 1858. Disponível em: <<http://purl.pt/143>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

LEPSIUS, C. R.. **Standard alphabet for reducing unwritten languages and foreign graphic systems to a uniform orthography in european letters**. Second edition. London: Williams & Norgate; Berlin: W. Hertz, 1863 [1855¹]. Disponível em: <<https://ia800501.us.archive.org/30/items/standardalphabet00lepsi/standardalphabet00lepsi.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

LIMA, Luis Caetano de. **Grammatica italiana e arte para apprendere a lingua italiana por meyo da lingua portugueza**. Lisboa: Officina da Congregação do Oratório, 1734. Disponível em: <<http://purl.pt/29107>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

LOPES, Graça Videira *et al.*. **Cantigas medievais galego-portuguesas**. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA, 2011. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/>>. Acesso em: 15 out. 2016.

LÓPEZ DE VELASCO, Juan. **Orthographia, y pronunciacion castellana**. Burgos: [Felipe de Junta], 1582. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Orthographia_y_pronunciacion_castellana.html?id=Gc5MAAAAcAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 10 nov. 2013.

LÜDTKE, Helmut. **Historia del léxico románico**. Versión española de Marcos Martínez Hernández. (Título original: *Geschichte des Romanischen Wortschatzes I-II*. Freiburg: Rombach, 1968). Madrid: Gredos, 1974.

LUIZ, Francisco de S.. Memoria em que se pretende mostrar, que a lingua portugueza não he filha da latina, nem esta foi em tempo algum a lingua vulgar dos lusitanos. In: ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA. **Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa**. Tomo XII: parte I. Lisboa: Typografia da Academia, 1837. Disponível em: <<https://archive.org/stream/memoriasdaacadem12lisb#page/n6/mode/1up>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. 8 ed. 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte, 2003 [1952¹].

MADUREIRA FEIJÓ, João de Moraes. **Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa**. Coimbra: Luis Secco Ferreira, 1739 [1734¹]. Disponível em: <<http://purl.pt/13>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

MAIA, Clarinda de Azevedo. **História do galego-português**: estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno). Reimpressão da primeira edição. Lisboa: C. Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1997 [1986].

MARTELLI, D. **Grammaire italienne**: élémentaire et raisonnée. Paris: Chez l'Auteur, 1826. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Grammaire_italienne.html?id=FHcSAAAIAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 15 dez. 2014.

MARTINET, André. **Elementos de lingüística geral**. Tradução Jorge Morais-Barbosa. (Título original: *Éléments de linguistique générale*. Paris: Armand Colin, 1960). 8 ed. São Paulo: M. Fontes, 1978 [1963¹].

MARTINS, Ana Maria. A emergência do português escrito na segunda metade do século XII. In: ÁLVARES, Rosario; SANTAMARINA, Antón. (Eds.). **(Dis)cursos da escrita: estudos de filoxía galega ofrecidos en memoria de Fernando R. Tato Plaza**. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2004, 491-526. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/files/ana_maria_martins/MartinsEmergencia.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2015.

MAURER JR., Theodoro Henrique. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

_____. **O problema do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

_____. Lingüística histórica. **Alfa**, São Paulo, vol. 11, p.19-42, 1967. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3297/3024>>. Acesso em: 20 set. 2015.

MEIGRET, Louis. **Le treçté de la gramme française**. Paris: C. Wéchel, 1550. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8624665r>>. Acesso em: 29 dez. 2013.

MEILLET, Antoine. **Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes**. Paris: Hachette, 1903.

_____. Avant-propos. In: ERNOUT, Alfred. **Morphologie historique du latin**. Paris: Klincksieck, 1914, p.V-X.

_____. **Esquisse d'une histoire de la langue latine**. 6 ed. Paris: Hachette, 1958 [c1928¹].

MEILLET, A.; VENDRYES, J. **Traité de grammaire comparée des langues classiques**. 4 ed. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1966 [1924¹].

MENÉNDEZ PIDAL, Ramon. **Manual elemental de gramática histórica española**. Madrid: Victoriano Suárez, 1904.

_____. **Manual de gramática histórica española**. Octava edición. Madrid: Espasa-Calpe, 1949 [1904¹].

MEYER-LÜBKE, Wilhelm. **Grammaire des langues romanes**: phonétique. Traduction Eugène Rabet. (Título original: *Grammatik der romanischen sprachen*: Lautlehre. Band I. Leipzig: R. Reisland, 1890). Tome I. Paris: H. Welter, 1890. Disponível em: <<https://archive.org/stream/grammairedesla01meye#page/n8/mode/1up>>. Acesso em: 23 maio 2013.

_____. **Grammaire des langues romanes**: morphologie. Traduction française par Auguste Doutrepoint et George Doutrepoint. (Título original: *Grammatik der romanischen sprachen*: formenlehre. Band II. Leipzig: R. Reisland, 1894). Tome II. Paris: H. Welter, 1895. Disponível em: <https://archive.org/stream/grammairedeslan00doutgoog#_page/n11/mode/1up>. Acesso em: 19 abr. 2013.

_____. **Grammatica storico-comparata della lingua italiana e dei dialetti toscani**. Riduzione e traduzione ad uso degli studenti de lettere per cura de Matteo Bartoli e Giacomo Braun. (Título original: *Italienische grammatik*. Leipzig: O. R. Reisland, 1890). Torino: Ermanno Loescher, 1901. Disponível em: <https://archive.org/stream/grammatica_stori00braugoo#page/n4/mode/1up>. Acesso em: 21 abr. 2014.

_____. **Romanisches etymologisches wörterbuch**. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1911. Disponível em: <https://archive.org/stream/romanisches_etymo00meyeuoft#page/n6/mode/1up> Acesso em: 30 mar. 2014.

NÁÑEZ FERNÁNDEZ, Emilio. **El diminutivo**: historia y funciones en el español clásico y moderno. Madrid: Gredos, 1973.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Tomo I. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves; Livraria Machado; Livraria J. Leite; Livraria Briguiet; A Indústria do Livro, 1932.

_____. **Dicionário etimológico da língua portuguêsã**: nomes próprios. Tomo II. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves; Livraria Acadêmica; Livros de Portugal; Livraria S. José, 1952.

NEBRIJA, Antonio de. **Gramática castellana**. Salamanca: [Tip. Epónima], 1492. Disponível em: <http://bibliotecadigitalhispanica.bne.es:80/webclient/DeliveryManager?pid=180646&custom_att_2=simple_viewer>. Acesso em: 06 out. 2013.

_____. **Introducciones latinas, contrapuesto el romance al latin, para que con facilidad puedan aprender todos, y principalmente las religiosas, y otras mugeres dedicadas á Dios**. Madrid: En la Imprenta de D. Joachin de Ibarra, 1773 [c1488¹]. Disponível em: <<http://bdhrd.bne.es/viewer.vm?id=0000043405&page=1&search=nebrija&lang=es&view=main>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

NEHiLP – Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa. **Manual do NEHiLP**. Versão 2.1. 2015. Disponível em: <<http://www.usp.br/nehilp/infos/manual.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.

NELLI, Jacopo Angelo. **Grammatica italiana**: per uso de' giovanetti. Torino: Stamparia Reale, 1744. Disponível em: <https://books.google.es/books/about/Grammatica_italiana.html?hl=es&id=4AhEAAAACAAJ>. Acesso em: 27 dez. 2013.

NUNES, José Joaquim. **Crestomatia arcaica**: excertos da literatura portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI. Acompanhados de introdução gramatical, notas e glossário. 7 ed. Lisboa: Clássica, 1970 [1906¹].

_____. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**: fonética e morfologia. 8 ed. Lisboa: Clássica, 1975 [1919¹].

NUNES DE LIÃO, Duarte. **Orthographia da lingoa portuguesa**: obra vtil & necessaria assi pera bem screver a lingoa hespanhol como a latina & quaesquer outras que da latina teem origem; item hum tractado dos ponctos das clausulas. Lisboa: João de Barreira, 1576. Disponível em: <<http://purl.pt/15>>. Acesso em: 11 ago. 2015.

_____. **Origem da lingoa portuguesa**. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1606. Disponível em: <<http://purl.pt/50>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

NYROP, Kristoffer. **Grammaire historique de la langue française**. Tome I. Copenhague: Nordiske Forlag; Paris: Alphonse Picard et Fils; Leipzig: Otto Harrassowitz, 1899. Disponível em: <<https://archive.org/stream/grammairehistori01nyrouoft#page/n8/mode/1up>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

_____. **Grammaire historique de la langue française**. Tome II. Copenhague: Nordiske Forlag; Paris: Alphonse Picard et Fils; Leipzig: Otto Harrassowitz; Nova York: G. E. Stechert, 1903. Disponível em: <<https://archive.org/stream/grammairehistori02nyrouoft#page/n8/mode/1up>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

NYROP, Kristoffer. **Grammaire historique de la langue française**. Tome III. Copenhague: Nordiske Forlag; Paris: Alphonse Picard et Fils; Leipzig: Otto Harrassowitz; Nova York: G. E. Stechert, 1908. Disponível em: <<https://archive.org/stream/grammairehistori03nyrouoft#page/n8/mode/1up>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

OLIVEIRA, Fernão de. **Gramática da linguagem portuguesa**. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Com um estudo introdutório do prof. Eugenio Coseriu. Lisboa: Academia das Ciências, 2000 [1536¹].

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica expositiva**. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1907. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26057>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

PHARIES, David. **Diccionario etimológico de los sufijos españoles y de outros elementos finais**. Madrid: Gredos, 2002.

PLATNER, Samuel Ball. Diminutives in Catullus. In: **The American Journal of Philology**, vol. 16, n°. 2, p.186-202, 1895. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/287868>>. Acesso em: 30 maio 2014.

POLO, Pascual. **Gramática elemental de la lengua española**. Burgos: Establecimiento Tipográfico del Autor, 1837. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Gram%C3%A1tica_elemental_de_la_lengua_espa%C3%B1ol.html?id=Uw4XL-73IIAC&redir_esc=y>. Acesso em: 15 abril 2014.

POWELL, J. W.. **Introduction to the study of indian languages**: with words, phrases, and sentences to be collected. Second edition. Washington: Government Printing Office, 1880 [1877¹]. Disponível em: <<https://ia802205.us.archive.org/26/items/introductiontost00powe/introductiontost00powe.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

PRISCIANO. Institutiones grammaticae. In: KEIL, Heinrich. **Grammatici latini**: Prisciani Institutionvm Grammaticarvm libri I-XII ex recensione Martini Hertzii. vol. 2. Lipsiae: Aedibus B. G. Teubneri, 1855. Disponível em: <http://books.google.com.br/books/about/Grammatici_latini_ex_recensione_Henrici.html?id=oCLWAAAAMAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 15 jun. 2013.

PROBO. Instituta artium. In: KEIL, Heinrich. **Grammatici latini**: Probi Donati Servii qui fervntvr de arte grammatica libri ex recensione Henrici Keilii. Notarvm latercvli ex recensione Theodori Mommseni. vol. 4. Lipsiae: Aedibus B. G. Teubneri, 1864, p.45-192. Disponível em: <http://books.google.com.br/books/about/Grammatici_latini_Probi_Donati_Servii_qv.html?id=C1o3OvH8OcAC&redir_esc=y>. Acesso em: 15 jun. 2013.

QUICHÉRAT, Louis; DAVELUY, Amédée. **Dictionnaire latin français**. Nouvelle édition. Paris: Hachette, 1857 [1846¹]. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k62043140.r=Quicherat%2C+Louis.langPT>>. Acesso em: 29 jul 2014.

RAMUS, Petrus [Pierre de la Ramée]. **Grammaire**. Paris: A. Wechel, 1572. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50850r>>. Acesso em: 21 mar. 2014.

RAYNOUARD, François-Just-Marie. **Lexique roman, ou Dictionnaire de la langue des troubadours comparée avec les autres langues de l'Europe latine**: précédé de nouvelles recherches historiques et philologiques, d'un résumé de la grammaire romane, d'un nouveau choix des poésies originales des troubadours et d'extraits de poèmes divers. Tome I. Paris: Chez Silvestre, 1816. Disponível em: <<https://archive.org/stream/grammaireromane00jusgoog#page/n11/mode/1up>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

_____. **Observations philologiques et grammaticales sur le 'Roman de Rou' et sur quelques règles de la langue des trouvères au douzième siècle**. Rouen: Édouard Frère, 1829. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Observations_philologiques_et_grammatica.html?id=zjcTAAAAQAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 20 abr. 2014.

_____. **Influence de la langue romane rustique sur les langues de l'Europe latine**. Paris: Crapelet, 1836. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Influence_de_la_langue_romane_rustique_s.html?id=9QkJAAAAQAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 28 abr. 2014.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Gramática de la lengua castellana**. Madrid: Joachin de Ibarra, 1771. Disponível em: <<https://archive.org/stream/gramticadelale00real#page/n2/mode/1up>>. Acesso em: 27 dez. 2013.

_____. **Gramática de la lengua castellana**. Segunda edición. Madrid: Joachin de Ibarra, 1772 [1771¹]. Disponível em: <http://bibliotecadigital.educarm.es/bidimur/i18n/catalogo_imagenes/grupo.cmd?path=1000098>. Acesso em: 10 out. 2014.

_____. **Gramática de la lengua castellana**. Tercera impresión. Madrid: Joachin de Ibarra, 1781 [1771¹]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Gram%C3%A1tica_de_la_lengua_castellana.html?id=JtsFAAAAQAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 15 nov. 2014.

_____. **Gramática de la lengua castellana**. Quarta edición. Madrid: Viuda de Joachin Ibarra, 1796 [1771¹]. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.jcyl.es/es/consulta/registro.cmd?id=7832>>. Acesso em: 12 out. 2014.

_____. **Gramática de la lengua castellana**. Quinta edición. Madrid: Imprenta Nacional, 1854 [1771¹]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Gram%C3%A1tica_de_la_lengua_castellana.html?id=Q7mCUYpiesQC&redir_esc=y>. Acesso em: 18 out. 2014.

_____. **Gramática de la lengua castellana**. Nueva edición, reformada [Trigésima primera edición]. Madrid: Perlado, Páez y Compañía, 1920 [1771¹].

REGNIER, Adolphe. **Traité de la formation des mots dans la langue guecque avec des notions comparatives sur la dérivation et la composition en sanscrit, en latin et dans les idiomes germaniques.** Paris: Hachète, 1855. Disponível em: <http://books.google.com.br/books/about/Traité_de_la_formation_des_mots_dans_la.html?id=mVz0XOzJhyMC&redir_esc=y>. Acesso em: 16 maio 2014.

REIS LOBATO, Antônio José dos. **Arte da grammatica da lingua portugueza.** Lisboa: Regia Officina Typografica, 1770. Disponível em: <<http://purl.pt/196>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

RIBEIRO, João Pedro. (Ed.). **Dissertações chronologicas e criticas sobre a historia e jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal.** Tomo I. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1810. Disponível em: <<http://purl.pt/12115>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

RIBEIRO, Júlio. **Grammatica portugueza.** São Paulo: Jorge Seckler, 1881.

RIO-TORTO, Graça Maria de Oliveira e Silva. **Formação de palavras em português: aspectos da construção de avaliativos.** 2 vols. Tese. Universidade de Coimbra, Coimbra, 1993.

ROBOREDO, Amaro de. **Raizes da lingua latina.** Lisboa: Oficina de Pedro Craesbeck, 1621. Disponível em: <http://books.google.com.br/books/about/Raizes_da_lingua_latina.html?hl=ptBR&id=I1lsectn_hCFEC>. Acesso em: 15 maio 2013.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 26 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1985 [1957¹].

ROHLFS, Gerhard. **Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti: fonetica.** Traduzione di Salvatore Persichino. (Título original: *Historiche grammatik der italienischen sprache und ihrer mundarten, I. lautlehre.* Bern: A. Francke, 1949). Torino: Giulio Einaudi, 1966.

SAID ALI, M.. **Grammatica secundaria da lingua portugueza.** São Paulo: Melhoramentos, [1923].

_____. **Gramática histórica da língua portuguesa.** 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964 [1931¹].

SALVÁ Y PÉREZ, Vicente. **Gramática de la lengua castellana segun ahora se habla**. Segunda edición. Paris: Vicente Salvá é hijo; Valencia: Mallen y Berard, 1835 [1831¹]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Gram%C3%A1tica_de_la_lengua_castellana.html?id=QFZa0U3pO6cC&redir_esc=y>. Acesso em: 28 dez. 2013.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo dicionário latino-português**: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.. 11 ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000 [1881¹].

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Séchehay. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. (Título original: *Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bally et Albert Séchehay avec la collaboration de Albert Riedlinger. Paris: Payot & Rivages, 1916). 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2002 [1970¹].

_____. **Cours de linguistique générale**. Publié par Charles Bally et Albert Séchehay avec la collaboration de Albert Riedlinger. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Posface de Louis-Jean Calvet. Paris: Payot & Rivages, 2010 [1916¹].

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Caminhos da lingüística histórica**: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. (Edição fac-similar da edição portuguesa publicada pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1989). Salvador: EDUFBA, 2010.

SILVA NETO, Serafim da. **Fontes do latim vulgar**: o *Appendix Probi*. 3 edição. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956 [1938¹].

_____. **História da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1979 [1957¹].

SILVEIRA BUENO, Francisco da. **A formação histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

SOAVE, Francesco. **Gramatica ragionata della lingua italiana**. Venezia: Paulo Santini, 1802. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Grammatica_ragionata_della_lingua_italia.html?id=naAW_ffeSJsC&redir_esc=y>. Acesso em: 10 jun. 2014.

SOUTO CABO, José António. Nas origens da expressão escrita galego-portuguesa: documentos do século XII. In: **Diacrítica**. vol. 17, n.1, Braga, p.329-385, 2003. Disponível em: <http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacritica_17-1.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2015.

TAGLIAVINI, Carlo. **Le origini delle lingue neolatine**: introduzione alla filologia romanza. Terza edizione ampliata e aggiornata con 50 figure nel testo. Bologna: Riccardo Pàtron, 1959 [1949¹].

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 3 ed. Tradução Celso Cunha. (Título original: *Histoire de la langue portugaise*. Paris: Presses Universitaires de France, 1980). São Paulo: M. Fontes, 2007 [1997¹].

TRACIO, Dionisio. **Gramática**: comentários antigos. Introduccion, traduccion y notas de Vicente Becares Botas. Madrid: Gredos, 2002 [170-90 a. C.¹].

VÄÄNÄNEN, Veikko. **Le latin vulgaire des inscriptions pompéiennes**. Troisième édition augmentée. Berlin: Akademie-Verlag, 1966 [1937¹].

_____. **Introduction au latin vulgaire**. Nouvelle édition revue et complète d'une anthologie avec commentaires. Paris: C. Klincksieck, 1967 [1962¹].

VARRO, M. Terentius. De lingua latina: liber VIII. In: _____. **De lingua latina**: liber V-X et fragmenta. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/varro.ll8.html>>. Acesso em: 05 maio 2014.

VARRÓN. La lengua latina: libro VIII. In: _____. **La lengua latina**: libros VII-X y fragmentos. Introducción, traducción y notas de Luis Alfonso Hernández Miguel. Madrid: Gredos, 1998, p.81-127.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. **Lições de filologia portuguesa segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/1912 e de 1912/1913**: seguidas das lições práticas de português arcaico. Lisboa: Dinalivros, s/d; [São Paulo?]: M. Fontes, s/d.

VENERONI, Giovanni. **Le maître italien**: contenant tout qui est nécessaire pour apprendre facilement, e un peu de temps, la langue italienne. Seconde édition. Paris: L'auteur; Étienne Lyoson, 1681 [1678¹]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Le_maitre_italien_contenant_tout_ce_qui.html?id=YE5MAAAcAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 23 nov. 2013.

VIARO, M. E.. Problemas de morfologia e semântica do sufixo -eiro. In: **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, vol. 35, p.1443-1452, 2006. Disponível em: <<http://www.usp.br/gmhp/publ/Via30.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

_____. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. A produtividade dos sufixos do ponto de vista diacrônico. In LOBO, T. *et. al.*. (Orgs.). **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012, p.275-292. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lobo-9788523212308-19.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

VILLALÓN, Cristóbal de. **Gramatica castellana**: arte breue y compendiosa para saber hablar y escreuir enla lengua castellana congrua y decentemente. Anvers: En casa de Guillermo Simon, a la enseña del Abestruz, 1558. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Gram%C3%A1tica_Castellana.html?id=Ud07AAAcAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 15 dez. 2013.

WILLIAMS, Edwim Bucher. **Do latim ao português**: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Tradução Antônio Houaiss. (Título original: *From Latin to Portuguese, historical pronology and morphology of the portuguese language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press; Oxford: H. Milford, Oxford University Press, 1938) 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1973 [1961¹].

4 O SUFIXO DIMINUTIVO EM PORTUGUÊS ARCAICO

O período da língua portuguesa conhecido como português arcaico²⁰⁸ apresenta – assim como o período moderno –, ainda, diversos temas que carecem de investigação. Entre eles, está o sufixo diminutivo.

É importante destacar, contudo, que já existem descrições que se referem a tal fato linguístico, a exemplo de Abreu (2012)²⁰⁹. Esta pesquisa, no entanto, tem como foco a descrição de aspectos de sua fonologia, como bem observa a autora neste trecho de sua Introdução (*op. cit.*, p.16):

²⁰⁸ Como vimos na *Introdução*, a data em que se teria iniciado o português arcaico tem sido alvo de constantes revisões ao longo dos últimos 60 anos, o que se deve à análise desenvolvida sobre a documentação antiga produzida nas regiões de Portugal e da Galiza. Assim, ora tem-se indicado o seu início em fins do século XII, ora em início do XIII, sendo aquela proposta a que hoje apresenta maior respaldo entre os estudiosos dessa documentação. O seu marco final não é menos problemático, ora se apontando fins do século XV (o ano de 1500), ora fins da primeira metade do século XVI (1536/1540/1550). Este problema é devido, sobretudo, ao fato de que tal delimitação tem sido feita a partir de fatos extralinguísticos (cf. SILVA, R., 2006, p.25), escolhidos, de certo modo, arbitrariamente, pelos estudiosos, ou seja, cada estudioso pode adotar um fato diferente para apontar esse marco final. — Apesar de tais divergências, os historiadores da língua portuguesa geralmente são consensuais em dividir o português arcaico em dois momentos – embora voltem a divergir quanto à terminologia empregada –, conforme fica evidente no seguinte trecho retirado de Silva (SILVA, R., *op. cit.*, p.23): “Leite de Vasconcelos limitava-se no início do século XX a designar esse período pela expressão única de *português arcaico*. Já Carolina Michaëlis de Vasconcelos, com base na produção literária medieval portuguesa, subdivide esses três séculos: *o período trovadoresco* até 1350 e o período do *português comum* ou da *prosa histórica*. Essa posição foi aceita por Serafim da Silva Neto na sua *História da Língua Portuguesa*. L. F. Lindley Cintra opõe ao *português antigo*, do século XIII às primeiras décadas do XV, o *português médio*, daí até as primeiras décadas do século XVI. Outros estudiosos do português, como Pilar Vasquez Cuesta, fazem a mesma delimitação temporal, mas adotam a designação de galego-português e de *português pré-clássico*”. — Em nosso estudo, como só desenvolveremos análises contrastivas entre sincronias com duração de um século (cf. *Introdução*, seção 1.3.1), não adotaremos nenhuma subdivisão em relação a esse período, referindo-nos, portanto, a ele somente como *português arcaico*. Assim, os sufixos diminutivos encontrados ao longo desse período serão analisados como ocorrências dos séculos XIII, XIV e XV, e, ao final, faremos uma análise do conjunto, ou seja, inicialmente faremos uma análise sincrônica e, em seguida, intersincrônica ou diacrônica ou histórica.

²⁰⁹ Outros dois estudos aos quais tivemos acesso e que abordam, embora brevemente, o sufixo diminutivo em português arcaico são Freixeiro Mato (In: EIRÍN GARCÍA & LÓPEZ VIÑAS, 2014) e Álvarez (In: BREA, 2009), os quais se referem ao galego medieval no período em que este e o português eram uma mesma língua (aproximadamente 1200 a 1350).

O objetivo principal desta dissertação é o estudo das formas aumentativas e diminutivas no Português Arcaico (doravante, PA), a partir da adjunção dos sufixos de grau *-inno(a)* e variações, para o diminutivo, e *-on(a)*, para o aumentativo. Através do mapeamento nas cantigas religiosas (*Cantigas de Santa Maria*, doravante CSM) e profanas (*Cantigas de escárnio e maldizer* - CEM) de fenômenos prosódicos desencadeados pela adjunção desses sufixos específicos, podemos descrever e discutir, baseados na teoria da Fonologia Não-Linear, o estatuto prosódico dos nomes aumentativos e diminutivos em PA como formas simples (um acento principal) ou compostas (dois acentos lexicais). Portanto, o foco deste trabalho incide sobre a tentativa de delimitar o *status* fonológico e prosódico de formas linguísticas (no caso, os diminutivos e aumentativos) de um período da língua portuguesa no qual não é mais possível encontrar falantes nativos vivos.

Uma vez que não é o objetivo de sua pesquisa, em Abreu (*op. cit.*) muito pouco se encontra em relação à morfologia e ao funcionamento²¹⁰ – e nada há sobre a semântica – dos diminutivos em português arcaico²¹¹. Além disso, verifica-se que o referido estudo somente contempla o sufixo *-inno(a)* e suas variações, não descrevendo, pois, outros sufixos existentes ao longo desse período²¹², conforme serão na sequência apresentados.

Em vista disso, buscaremos, ao longo deste capítulo, descrever o sufixo diminutivo, tanto em seus aspectos formais (fonéticos e morfológicos) e funcionais, quanto no semântico nas três sincronias que compreendem o português arcaico, isto é, séculos XIII, XIV e XV. Com isso, apresentaremos uma análise acerca desse sufixo em cada um desses séculos, o que

²¹⁰ Com o emprego das palavras *funcional* e *funcionamento*, referir-nos-emos, ao longo deste estudo, ao modo de combinação do sufixo diminutivo com a palavra primitiva, descrevendo se há ou não alteração na estrutura de um deles – e, em caso de haver, apontando quais são elas –, assim como a relação entre determinado sufixo (ou de uma das formas sob as quais se manifesta) e o número de sílaba e/ou a posição da sílaba tônica da palavra primitiva. Acrescente-se a isso a descrição da relação entre a forma do sufixo e o gênero da palavra da qual faz parte, bem como se determinado sufixo é ou não empregado para formar nomes próprios diminutivos.

²¹¹ A descrição morfológica – apresentação do sufixo a ser descrito e suas variações – e funcional – caracterização da combinação do sufixo com a palavra primitiva – apresentada pela autora ao longo de seu estudo ocorre, apenas, de forma secundária, tal como expusemos em 1.2, para que ela pudesse ter subsídios para alcançar o objetivo proposto em seu estudo.

²¹² A rigor, o estudo proposto por Abreu (*op. cit.*), uma vez que desenvolvido a partir da análise das *Cantigas de Santa Maria* – as quais são textos do século XIII – e das *Cantigas de Escárnio e Maldizer* – do século XIII até metade de século XIV – não contempla todo o período correspondente ao português arcaico, mas apenas uma parte dele, aproximadamente de 1221 até por volta de 1350.

permitirá não somente conhecer os sufixos empregados em cada sincronia e a importância de cada um deles em cada uma delas, mas também o seu modo de combinação com a palavra primitiva. Com isso, teremos, ainda, ao final, uma visão de conjunto sobre esses sufixos ao longo dos três séculos mencionados, ou seja, teremos um conjunto de informações referentes não a uma sincronia, mas a três, o que possibilitará estabelecer um contraste entre cada uma das sincronias contempladas, do que resultará uma descrição do sufixo diminutivo português em um período de trezentos anos.

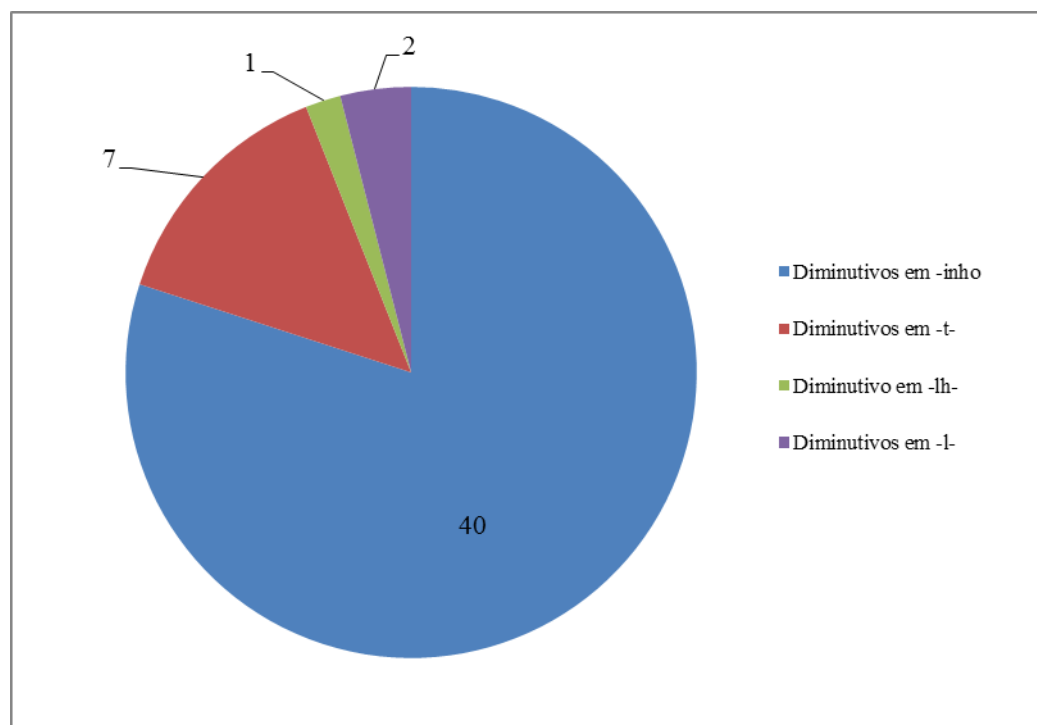
Em suma, ao término deste capítulo, disporemos não só de um estudo sincrônico do sufixo diminutivo, mas também de um estudo diacrônico ou histórico sobre a forma, o funcionamento e a semântica dos sufixos diminutivos no período arcaico da língua portuguesa, o que é algo de que ainda não se dispõe, conforme indicado quando citamos alguns estudos existentes sobre o sufixo diminutivo no período mencionado.

Uma vez que não há, nesse período, descrições linguísticas – como gramáticas, manuais de ortografia ou dicionários, os quais poderiam trazer informações sobre esse tema –, somente é possível conhecer os sufixos diminutivos nesse período através do estudo de textos que pertençam a ele, o que será feito tal como descrito na *Introdução* desta pesquisa.

4.1 Os sufixos diminutivos em português no século XIII

A análise dos textos do século XIII disponíveis no *Corpus* Informatizado do Português Medieval permitiu identificar, nesse século, diminutivos formados com o sufixo *-inho* e com sufixos em *-t-*, em *-lh-* e em *-l-*, os quais totalizam 50 ocorrências, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Sufixos diminutivos em português no século XIII: ocorrências por sufixo



Fonte: O Autor

A partir dos dados constantes nesse gráfico, fica evidente que, ao longo da sincronia aqui abordada, o sufixo *-inho* (e suas variações) – encontrado em 40 ocorrências – é o mais frequente dentre os sufixos diminutivos encontrados no século XIII, representando, assim, 80% do total de exemplos identificados. Os outros sufixos – sufixos em *-t-* (sob as formas *-ato*, *-ete*, *-eta*, *-ito*), em *-lh-* (sob a forma *-alha*) e em *-l-* (sob as formas *-ola* e *-ela* ou *-ella*), dos quais foram encontradas, respectivamente, 7, 1 e 2 ocorrências –, por sua vez, correspondem, na ordem em que foram citados, a 14%, 2% e 4% dos diminutivos desse século.

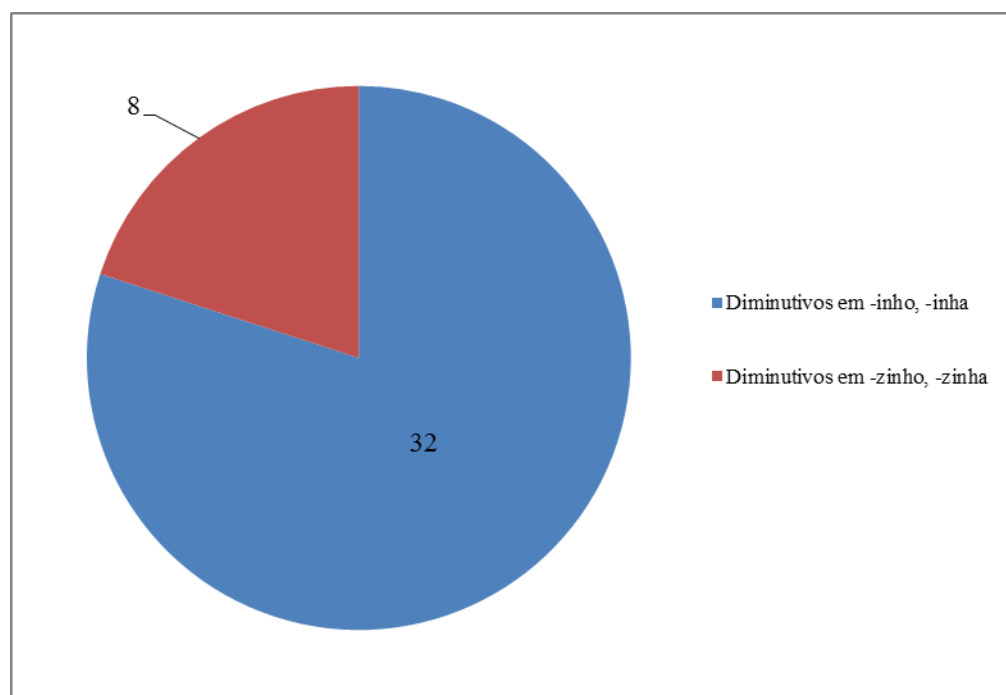
Considerando, pois, o exposto, passaremos à descrição dos sufixos diminutivos identificados em palavras da língua portuguesa empregadas ao longo do século XIII.

4.1.1 O sufixo *-inho* e suas variações

O sufixo *-inho* é, como já dito na seção anterior, aquele que ocorre em um maior número de diminutivos no século XIII, fato esse que o caracteriza como o principal formador de diminutivos dessa época. Esse sufixo, por sua vez, pode ou não ocorrer antecedido de um dos seguintes grafemas consonantais <c>, <s> ou <ç>, dando origem às formas *-cinho*,

-cinha, *-sinho*, *-sinha*, *-çinho* e *-çinha*²¹³. Estas formas são, no entanto, bem menos frequentes que as formas *-inho*, *-inha*, sendo encontradas, apenas, em 20% dos diminutivos identificados – são 32 ocorrências destas formas, contra 8 daquelas –, como se observa no gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* no século XIII: total de ocorrências

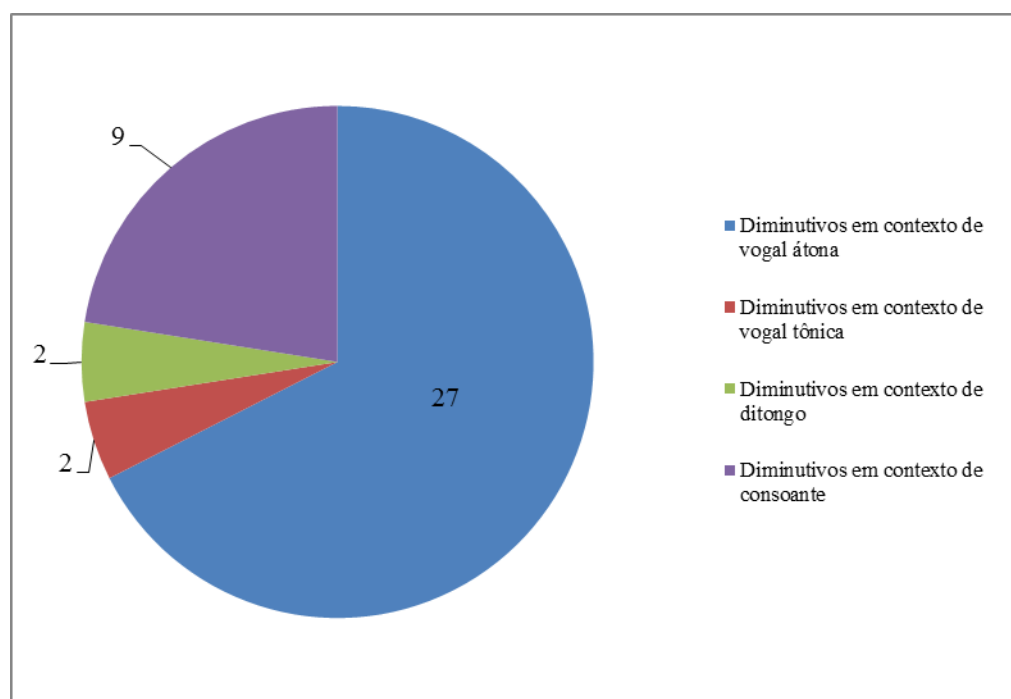


Fonte: O Autor

Ainda com base nos diminutivos em *-inho* identificados nos textos do século XIII, é possível afirmar que o emprego desse sufixo não se restringe a um único contexto, tal qual se verifica no gráfico a seguir:

²¹³ Nos textos consultados, somente foram encontradas as formas *-cinho*, *-cinha*, *-sinho* e *-çinha*, respectivamente, em 5, 1, 1 e 1 ocorrências. As grafias *-sinha* e *-çinho* estão sendo propostas, considerando-se o fato de tratar-se de um sufixo que se flexiona em gênero, como vemos nas formas *-cinho* e *-cinha*. Destacamos, ainda, que, embora não tenha sido encontrado, no século XIII, o sufixo *-inho* antecedido de <z>, designaremos, aqui e ao longo de toda a pesquisa, como *-zinho*, *-zinha* as formações desse sufixo quando antecidas das consoantes <c>, <s>, <ç> e <z>.

Gráfico 3 – Diminutivos em *-inho* no século XIII: contextos de ocorrência

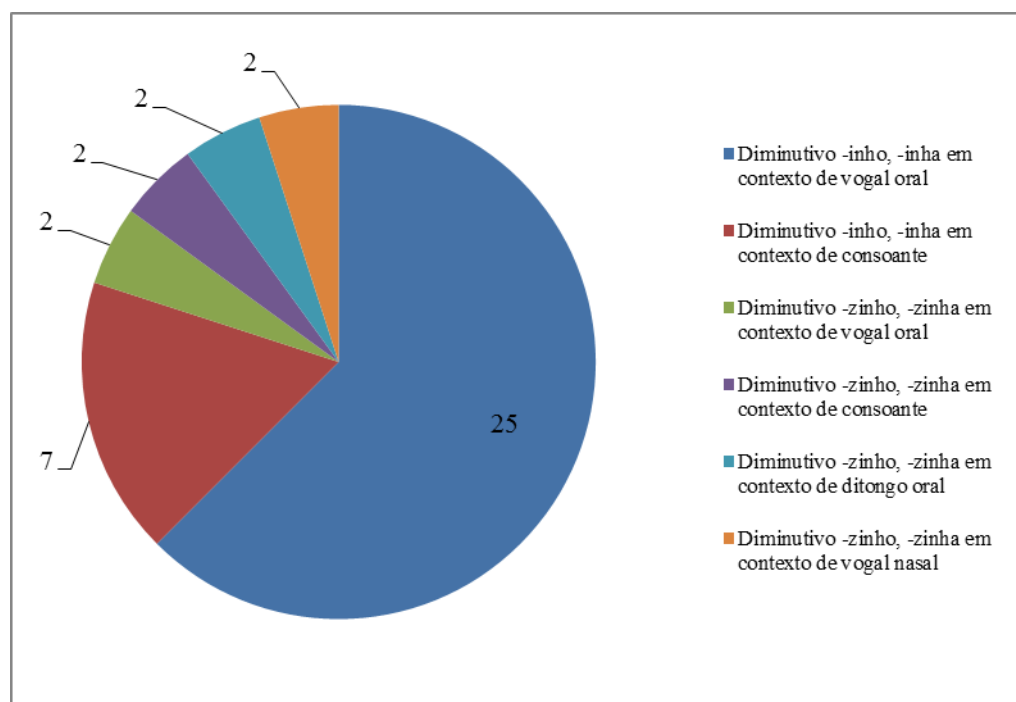


Fonte: O Autor

Não obstante diversos sejam os contextos de emprego desse sufixo – encontra-se acrescentado a palavras que terminam em vogal átona, em consoante, em ditongo e em vogal tônica –, o gráfico acima nos indica que as formações que ocorrem a partir de palavras terminadas em vogal átona – ao todo 27 exemplos, o que equivale a 67,5% das ocorrências – constituem mais que o dobro dos diminutivos formados a partir dos outros três contextos, os quais foram identificados, respectivamente, em 9, 2 e 2 ocorrências, correspondendo, assim, nessa mesma ordem, a 22,5%, a 5% e a 5% da totalidade dos diminutivos descritos.

Considerando, agora, simultaneamente, as informações presentes nos dois últimos gráficos acima apresentados (cf. Gráficos 2 e 3), é importante questionar qual o comportamento de cada uma das formas sob as quais se manifesta o sufixo *-inho* em relação às terminações das palavras às quais são acrescentadas, buscando identificar, por exemplo, se alguma dessas formas é mais característica de determinado contexto que de outro. Nesse sentido, consideremos os dados do gráfico que segue:

Gráfico 4: Diminutivos em *-inho* e suas variações no século XIII: contextos específicos de ocorrência



Fonte: O Autor

Com base nesse gráfico, constatamos que o emprego das formas *-inho*, *-inha* é restrito a dois contextos, a saber: *a)* palavras terminadas em vogal oral, as quais são todas átonas; *b)* palavras terminadas em consoante. Contudo, é com palavras que se enquadram no primeiro contexto que se encontra o maior número de diminutivos formados – ao todo 25, equivalendo a 78,125% das formações obtidas com as formas *-inho* e *-inha*; já os diminutivos formados com o acréscimo dessas formas a partir de palavras que terminam em consoante são apenas 7, corresponde a 21,875%. Em relação à totalidade dos diminutivos obtidos com *-inho* e suas variações, isto é, 40 diminutivos, cada um desses contextos representa 62,5% e 17,5%, respectivamente.

Por outro lado, as formas de *-inho* que vêm antecedidas de um grafema consonantal, conforme mais acima caracterizado, foram encontradas junto a palavras que terminam nos seguintes contextos: *a)* vogal oral, todas átonas; *b)* consoante; *c)* ditongo oral; e *d)* vogal nasal. Para cada um desses contextos, foram identificados 2 diminutivos, o que significa que todos eles participam de 25% dos diminutivos formados com essas formas. Já quanto à totalidade dos diminutivos em *-inho* e suas variações, esses quatro contextos de emprego de *-inho* consonantal correspondem a 5%.

A partir do que foi exposto nos dois últimos parágrafos e ainda com base no Gráfico 4, podem-se fazer as seguintes considerações prévias em relação ao uso das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* no século XIII:

a) *nenhuma dessas formas é empregada em um único contexto*

Tanto as formas sufixais *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha* são empregadas em mais de um contexto, com destaque para estas últimas cujos empregos foram identificados em um número maior de contextos, ao todo quatro.

b) *alguns contextos favorecem mais o emprego de uma forma que de outra*

Considerando-se os dados acima, podemos afirmar que uma palavra primitiva que termina em *vogal oral* está mais propensa a receber as formas *-inho*, *-inha* que as formas *-zinho*, *-zinha*, numa proporção de 12,5 para 1. Do mesmo modo, o contexto *consoante* favorece o emprego de *-inho*, *-inha* numa proporção de 3,5 para 1.

c) *há contextos que são restritivos, admitindo o emprego de apenas uma dessas formas*

Os dados referentes ao século XIII indicam que a formação de diminutivos a partir de palavras terminadas em *ditongo oral* ou em *vogal nasal* só ocorre com o acréscimo das formas *-zinho*, *-zinha*.

Considerando, portanto, essas características gerais acerca das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* e, ainda, os dois últimos gráficos acima apresentados (cf. Gráficos 3 e 4), passaremos a descrever, de forma mais detalhada, o emprego de cada uma dessas formas nos contextos em que elas ocorrem.

4.1.1.1 O sufixo *-inho* em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional

O emprego do sufixo *-inho*, em cada uma das formas sob as quais ocorre, está relacionado com a terminação da palavra à qual deve ser acrescentado, ou seja, a depender da terminação da palavra primitiva, é possível fazer uma previsão acerca de qual forma sufixal será empregada. Desse modo, ao longo desta seção, buscaremos apresentar as principais características formais (isto é, fonéticas e morfológicas) e funcionais que resultam da combinação dessas formas sufixais com esses contextos. Além disso, relacionaremos o emprego de cada uma delas com fatores como o *número de sílabas das palavras às quais são acrescentadas* para formar o diminutivo e a *posição da sílaba tônica na palavra primitiva*²¹⁴.

²¹⁴ Ao propormos esta análise do emprego das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* em relação ao português arcaico (e no capítulo seguinte quanto ao moderno), não temos como foco a descrição do emprego dessas

4.1.1.1.1 O diminutivo *-inho* em contexto de vogal átona oral

Ao longo do século XIII, foram identificados 27 diminutivos formados a partir de palavras que terminam em vogal oral, as quais são todas átonas (cf. Gráficos 3 e 4). Nesse contexto, predomina o emprego das formas *-inho*, *-inha*, encontradas em 25 exemplos, correspondendo, assim, a 92,592% dos diminutivos formados a partir desse contexto, dos quais apresentamos alguns exemplos:

CampaYNNA ← *CampaA* <~> *CanpaA* <~> *CãpaA*

CortYNNA ← *CortE*

FremosĨA <~> FremosỸA ← *FremosA*

FremosINNO <~> FremosYNNO ← *FremosO*

FuradYNNO ← *FuradO*

OvellỸA ← *Ovella* <~> *OvelhA*

Peq(ue)nhYOs ← *PequenhO*

Quanto ao modo como as formas *-inho*, *-inha* são combinadas com a palavra primitiva, os diminutivos identificados, a exemplo dos acima citados, indicam que o emprego dessas formas sufixais implica a eliminação da vogal átona final.

Já a ocorrência das formas *-zinho*, *-zinha* nesse mesmo contexto é muito pouco frequente – quando comparada à ocorrência de *-inho*, *-inha* –, uma vez que foram

formas, individualmente, em relação a palavras de uma, duas, três ou mais sílabas, ou ainda em relação a palavras monossílabas átonas ou tônicas, oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas, pois, como assinalam Viaro e Guimarães Filho (2007), essas palavras não existem na mesma quantidade em língua portuguesa, o que significa dizer que, quando se analisa o emprego dessas formas individualmente em relação aos contextos acima elencados, tanto *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha* são, naturalmente, mais empregadas em determinados contextos que em outros. Tendo isso em consideração, objetivamos a descrição dessas formas de modo contrastivo, ou seja, nosso foco é investigar se, com palavras de uma, duas, três ou mais sílabas, uma dessas formas é mais empregada que a outra e em qual proporção; o mesmo será feito quando da discussão sobre o emprego de cada uma delas na perspectiva da posição da sílaba tônica da palavra primitiva. — No âmbito das discussões sobre a sílaba tônica, faz-se importante a seguinte observação em relação às palavras ligadas por hífen, tais como *ex-pracinhas*, *Deus-Cristinho*, *guarda-solzinho* etc.: nesse tipo de construção, consideraremos a posição da sílaba tônica do último componente da estrutura, uma vez que é a ele que o sufixo se liga diretamente, sendo, portanto, a parte mais importante para o tipo de análise que desenvolveremos ao longo desta pesquisa.

identificados, apenas, 2 diminutivos com essas formas sufixais – o que corresponde a 7,407% do total –, conforme segue:

VeloCỸO ← *Velo* <~> *Vello*
 VelloÇINNA ← *Vella*

Diferentemente do que se verificou em relação às formas *-inho*, *-inha*, o acréscimo das formas *-zinho*, *-zinha* não provoca a eliminação da vogal que ocorre no fim da palavra primitiva, permanecendo esta palavra, geralmente, intacta após o referido acréscimo. No caso de *velloçinna* ← *vella*, no entanto, a vogal final <a> modifica-se em <o>.

Quando consideradas em relação ao número de sílabas da palavra à qual são acrescentadas para formar o diminutivo e à posição da sílaba tônica na palavra primitiva, as formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* assim se caracterizam: com as primeiras, temos 23 diminutivos formados de palavras paroxítonas e 2 de proparoxítonas, sendo que, dessas palavras, 4 são dissílabas, 20 trissílabas e 1 polissílaba; já as últimas formas sufixais são acrescentadas a palavras dissílabas paroxítonas.

Considerando o quadro apresentado, é possível concluir que, com palavras terminadas em vogal átona oral: tanto as formas *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha* podem ser empregadas com palavras dissílabas, sendo estas identificadas apenas com esse tipo de palavras; somente as formas *-inho*, *-inha* ocorrem com palavras trissílabas e polissílabas; e os dois diminutivos formados a partir de palavras proparoxítonas receberam a forma *-inha*.

4.1.1.1.2 O diminutivo *-inho* em contexto de consoante

Os diminutivos em *-inho* formados a partir de palavras que terminam em consoante constituem o segundo grupo mais numeroso de diminutivos identificados no século XIII, com 9 ocorrências, dos quais oferecemos os seguintes exemplos:

AnsarINHOS <~> AnsarIN[N]Os ← *AnsaR*
 GalguilINHO ← **GalguiL* ← *GalGO*
 MolherCINHA ← *MolheR*
 PastorĨA ← *PastoR*
 TonelCỸO ← *ToneL*

Também nesse contexto, as formas *-inho*, *-inha* são mais frequentes que *-zinho*, *-zinha*, pois as primeiras foram identificadas em 7 ocorrências, e as demais em 2, o que dá a cada uma delas uma participação de 77,777% e 22,222%, respectivamente. Tanto aquelas quanto estas, no entanto, podem ser acrescentadas quer a palavras que terminam em <l>, quer em <r> – as duas únicas consoantes encontradas –, embora as formas *-inho*, *-inha* sejam mais frequentes com ambas as consoantes: são 4 ocorrências de *-inho*, *-inha* com palavras terminadas em <r> e 3 em <l>, contra 1 ocorrência de *-zinho*, *-zinha* com palavras terminadas nessas consoantes.

O emprego do sufixo *-inho*, ao longo da sincronia e do contexto em destaques, também é influenciado por fatores como *número de sílabas* e *posição da sílaba tônica* da palavra primitiva. Assim, sendo todos os diminutivos identificados formados a partir de palavras dissílabas oxítonas, a ocorrência de 7 diminutivos em *-inho*, *-inha*, contra os 2 em *-zinho*, *-zinha*, leva-nos a afirmar que as palavras dissílabas oxítonas são mais favoráveis ao acréscimo daquelas formas que ao destas.

Por fim, cabe, ainda, destacar o modo de combinação de cada uma dessas formas com a palavra primitiva que termina em consoante. Nesse aspecto, verifica-se, em todos os diminutivos identificados, que o sufixo é acrescentado imediatamente à palavra primitiva, sem provocar nela nenhuma alteração, o que significa, em outras palavras, que a palavra primitiva permanece intacta ao receber o sufixo, contrariamente ao que ocorre, por exemplo, com palavras terminadas em vogal átona oral quando recebem as formas *-inho*, *-inha*.

4.1.1.1.3 O diminutivo *-inho* em contexto de ditongo oral

A partir do *corpus* sob análise para a identificação dos diminutivos formados com o sufixo *-inho* no século XIII, foi possível identificar a ocorrência de 2 diminutivos que possuem como palavra primitiva uma palavra que termina em ditongo oral, conforme abaixo:

BaioSINHO ← *BaIO*

JudeuCỸO ← *JudEU*

Nesses dois exemplos, verifica-se que somente a forma *-zinho* foi empregada, o que nos leva a concluir que, nessa sincronia, o contexto ditongo oral não admite o uso das formas *-inho*, *-inha*.

Quanto ao modo de combinação de *-zinho* com a palavra à qual é acrescentado, os exemplos acima citados indicam que o emprego da forma sufixal não altera a forma da palavra primitiva, resultando, pois, o diminutivo da soma das formas da palavra primitiva com a do sufixo.

4.1.1.1.4 O diminutivo *-inho* em contexto de vogal nasal

Outros 2 diminutivos encontrados no século XIII são formados a partir de palavras terminadas em vogal nasal, os quais seguem:

BaronCINHO ← *BarON* <~> *BarOM* <~> *BarÕ*
 FalconCINHO ← *FalcON* <~> *FalcÕ*

Também com esse contexto, assim como já apontado em relação às palavras que terminam em ditongo oral, os diminutivos foram formados com o acréscimo de *-zinho*, cabendo, portanto, aqui, a mesma conclusão apresentada quando descrevemos os diminutivos neste contexto: o contexto vogal nasal não admite o acréscimo das formas *-inho*, *-inha*.

Com base, ainda, nos exemplos citados, é possível observar que o diminutivo resulta do acréscimo do sufixo *-zinho* à forma da palavra primitiva, a qual não sofre nenhuma alteração ao longo desse processo.

4.1.1.2 O sufixo *-inho* na relação entre o gênero do primitivo versus o gênero do derivado e classe de palavra do primitivo versus classe de palavra do derivado

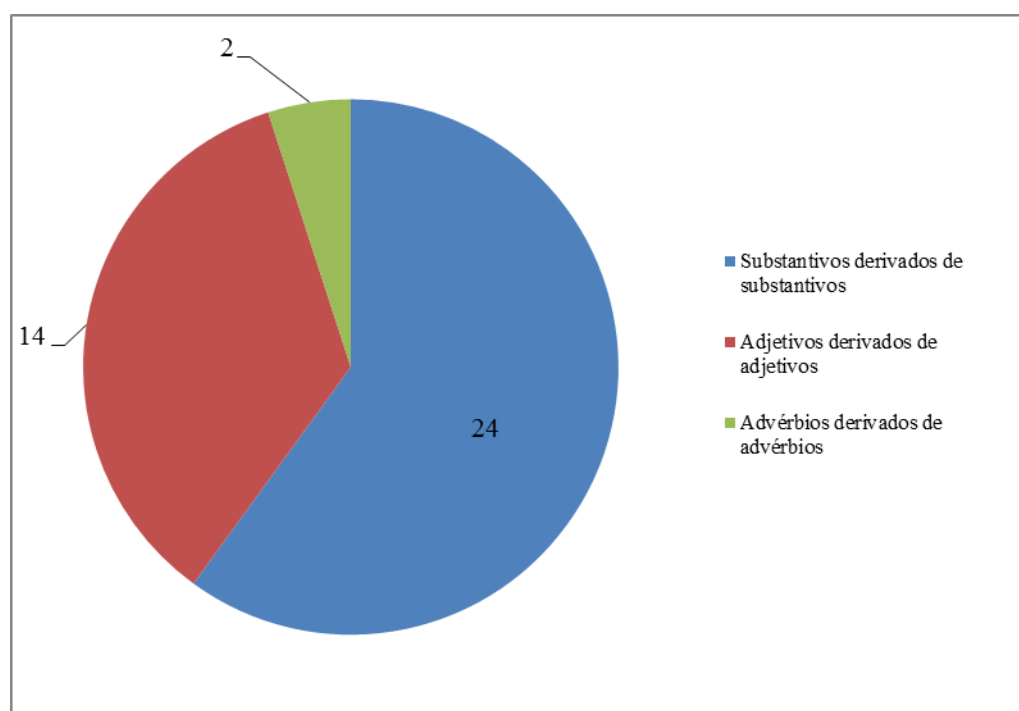
Outros dois aspectos importantes na descrição do sufixo diminutivo são a relação que se estabelece entre o gênero da palavra primitiva e o gênero do diminutivo, assim como a relação entre a classe de palavra a que ambos pertencem. Ao longo desta seção, apresentaremos, portanto, informações acerca desses dois temas, as quais foram obtidas a partir da análise dos diminutivos em *-inho* e suas variações identificados em textos do século XIII.

Para uma mostra dos resultados a serem apresentados, damos os seguintes exemplos, a partir dos quais se constata que o diminutivo conserva tanto o gênero, quanto a classe de palavra da palavra primitiva:

BoỸO ← *BõO* (Adjm → Adjm)
 CampanĨA ← *CampanA* (Sf → Sf)
 FalconCINHO ← *FalcON* <~> *FalcÕ* (Sm → Sm)
 FilỸO ← *FilO* <~> *Fillo* <~> *Filho* <~> *FilIO* <~> *FilYO* (Sm → Sm)
 JudeuCỸO ← *JudEU* (Sm → Sm)
 MannanĨA ← *MannãA* <~> *ManhãA* [<~>] *MannãA* (Adv → Adv)
 MolherCINHA ← *MolheR* (Sf → Sf)
 PastorINNO <~> PastorYNNO ← *PastoR* (Sm → Sm)

E é isso o que confirma o gráfico a seguir, em relação à classe de palavra, indicando que os substantivos são formados de substantivos, os adjetivos de adjetivos, e os advérbios de outros advérbios:

Gráfico 5 – Diminutivos em *-inho* no século XIII: classe de palavra do primitivo *versus* classe de palavra do derivado

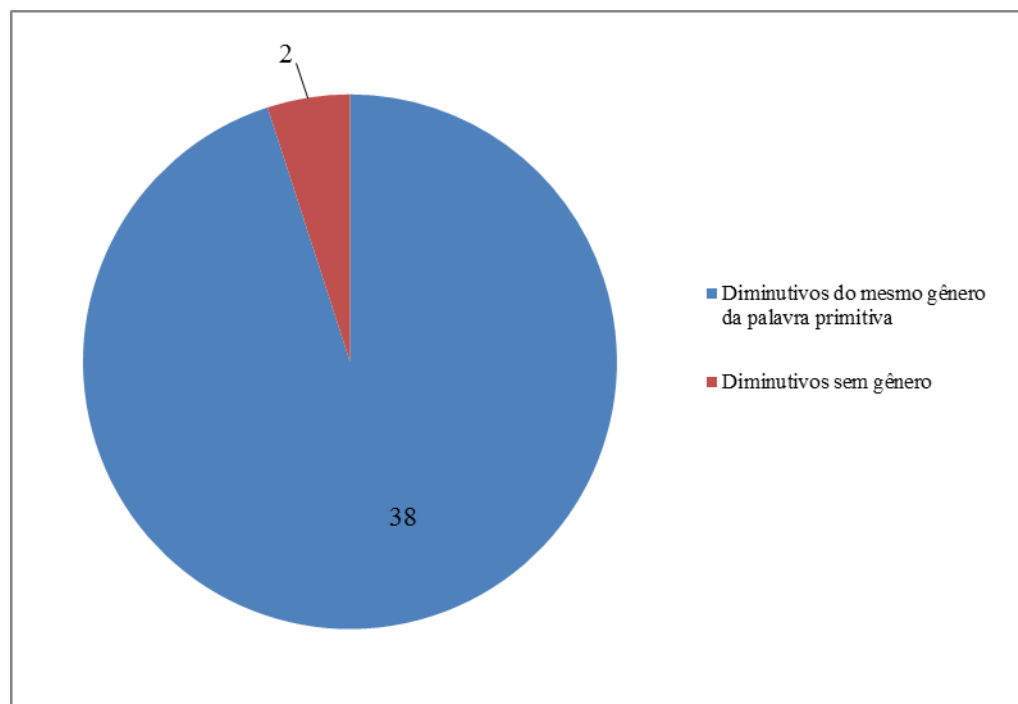


Fonte: O Autor

Quanto ao gênero, os resultados envolvendo a totalidade dos diminutivos identificados confirmam que, assim como em relação à classe morfológica, o gênero da palavra primitiva também é conservado no diminutivo, pois, dos 38 diminutivos formados a

partir de palavras que possuem gênero, ambos (palavra primitiva e diminutivo) apresentam o mesmo gênero²¹⁵, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 6 – Diminutivos em *-inho* no século XIII: gênero da palavra primitiva *versus* gênero da palavra derivada



Fonte: O Autor

Para finalizar a nossa abordagem dos aspectos formais dos diminutivos em *-inho*, cabe, ainda, destacar a existência de nomes próprios diminutivos, como nesta palavra:

JhoanỸO ← *JhoanE* [<~>] *JhoÃ* (Sm → Sm)

²¹⁵ No âmbito da relação entre o gênero da palavra primitiva e o gênero do diminutivo, destacamos a existência de palavras primitivas que possuem uma mesma forma para os gêneros masculino e feminino, a exemplo de *pastor* (séc. XIII), *pobre* (séc. XVII), *alegre* (séc. XIX) e *grande* (séc. XX), as quais apresentam como diminutivos do gênero masculino e feminino, respectivamente, formas como as seguintes: *pastorinho*, *pastorinha*; *pobresinho*, *pobrezinha*; *alegresinho*, *alegrezinha*; *grandinho*, *grandinha*. Diante desse tipo de formação adotaremos a seguinte metodologia: tais palavras serão tratadas como se fossem palavras de dois gêneros; assim, os diminutivos do gênero masculino serão considerados como formados a partir de palavras do gênero masculino; já os femininos, serão considerados como derivados de palavras do gênero feminino.

4.1.1.3 O sufixo *-inho* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Sob a perspectiva de sua semântica, os diminutivos em *-inho* identificados ao longo do século XIII não apresentam uma única significação, mas diversas²¹⁶, a saber: *tamanho pequeno, aproximação afetiva positiva, intensidade, duração e quantidade*²¹⁷.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Os diminutivos que expressam tamanho pequeno são os mais frequentes ao longo do século XIII, conforme os que seguem²¹⁸:

AnsarINHOS <~> AnsarIN[N]OS {‘pequeno ansar [ganso]’} ← *AnsaR*

CampanÃA {‘pequena campana [campa]’} ← *CampanA*

²¹⁶ Conforme já indicamos na *Introdução* deste texto, na seção que trata da metodologia adotada na constituição dos *corpora* que serão investigados, todos os exemplos que os compõem foram extraídos a partir de um contexto bem maior, o qual permite, na quase totalidade dos casos, que seja(m) identificado(s) o(s) significado(s) do sufixo diminutivo naquele contexto específico. Com isso, queremos afirmar, aqui, que todos os significados atribuídos aos diminutivos do século XIII – e das demais sincronias – resultam da interpretação do(s) contexto(s) em que os sufixos ocorrem e não de uma atribuição baseada exclusivamente em nosso conhecimento sobre a língua portuguesa, ou melhor, não demos nenhum significado aos diminutivos identificados, apenas reconhecemos o(s) seu(s) significado(s) de acordo com a situação contextual e pragmática da qual cada diminutivo faz parte. Não foi, no entanto, nossa pretensão, nesta pesquisa, apresentar nem a significação de todas as palavras identificadas como diminutivos ao longo de cada sincronia, nem o tipo de diminuição expresso por todas elas, embora todos os diminutivos reconhecidos tenham sido semanticamente analisados para podermos estabelecer a classificação semântica empregada ao longo da pesquisa.

²¹⁷ Ao longo do português arcaico, somente o sufixo *-inho* no século XV possui exemplos dos seis tipos de significação em que dividimos os sufixos diminutivos. Uma vez que pretendemos fazer a caracterização de cada um desses tipos de diminutivos uma única vez ao longo deste texto, fazê-lo na seção referente à semântica dos diminutivos no século XV parece ser, em princípio, o momento mais oportuno. No entanto, como o próprio conceito de diminutivo em português somente se encontra registrado pela primeira vez no século XVI (cf. BARROS, 1540, p.7) e nesse século também se encontram todas as significações do diminutivo com as quais trabalharemos ao longo desta pesquisa, optamos por fazer a caracterização desses tipos de diminutivo ao longo da descrição semântica dos diminutivos no século XVI (cf. seção 5.1.1.3).

²¹⁸ Desta seção em diante e quando nos estivermos referindo aos diminutivos em sua perspectiva semântica – excetuando-se a descrição semântica do sufixo *-inho* no século XVI, quando caracterizaremos cada um dos significados dos diminutivos –, apresentaremos os significados de cada diminutivo citado logo em seguida a esse diminutivo, entre chaves e aspas simples. Salientamos, ainda, que as significações que serão apresentadas terão, quase sempre, um referente singular, mesmo que a palavra se apresente no plural.

FuradYNNO {‘pequeno furado [buraco]’} ← *FuradO*

OvellỸA {‘pequena ovelha’} ← *OvellA* <~> *OvelhA*

TonelCỸO {‘pequeno tonel [barril]’} ← *ToneL*

Destaquem-se, entre os diminutivos de tamanho, aqueles que, ao mesmo tempo em que indicam que o referente é de tamanho pequeno, também indicam que possuem pouco tempo de vida, como se verifica nestes exemplos:

BaronCINHO {‘pequeno e jovem varão’} ← *BarON* <~> *BarOM* <~> *BarÕ*

FilYNNO {‘pequeno e jovem filho’} ← *FilO* <~> *FilIO* <~> *Filho* <~> *FilIO* <~> *FilYO*

JudeuCỸO {‘pequeno e jovem judeu’} ← *JudEU*

PastorINNO <~> PastorYNNO {‘pequeno e jovem pastor’} ← *PastoR*

b) *Diminutivos de aproximação afetiva positiva*

Também os diminutivos de aproximação afetiva positiva são encontrados com certa frequência ao longo do século XIII. Eis os exemplos identificados no *corpus* analisado:

BaioSINHO {‘querido baio [cavalo amarelado]’} ← *BaIO*

BoỸO {‘querido [menino]’} ← *BõO*

MolherCINHA {‘estimada muher’} ← *MolheR*

PastorINHA {‘estimada pastor [pastora, moça]’} ← *PastoR*

c) *Diminutivos de intensidade*

Outros diminutivos bastante frequentes ao longo dessa sincronia são os que apresentam a significação de intensidade, tal como exemplificado abaixo:

FraquelINHA {‘um tanto fraca’} ← **FraquelA* ← *FracA*

FremosINHA <~> FremosINNA <~> FremosYNNA ou FremosINHAs {‘um tanto formosa’} ← *FremosA*

ManselINHO <~> ManselIÑO {‘de mansinho, vagorosamente’} ← **Mansel* ← *MansO*

Peq(ue)nhYOs {‘muito pequeno’} ← *PequenhO*

VeloCỸO {‘pessoa um tanto velha’} ← *Velo* <~> *Vello*

d) *Diminutivos de duração*

Já com a significação de duração, foi identificado um só exemplo no século XIII, o qual vai apresentado na sequência:

MannãA {‘de manhã cedo’} ← MannãA <~> ManhãA [<~>] MannãA

e) *Diminutivos de quantidade*

Um único exemplo há, também, ao longo do período descrito, que significa quantidade, conforme abaixo:

PapelYNNAs {‘pequena quantidade de papa’} ← *Papela ← Papa

4.1.2 Sufixos em *-t-* e suas variações

Os sufixos diminutivos em *-t-*, que ocorrem sob as formas *-ato*, *-ete*, *-eta* e *-ito*, representam, conforme os dados do Gráfico 1, o segundo maior número de diminutivos ao longo do século XIII, com 7 ocorrências, o que equivale a 14% do total. Eis os exemplos identificados:

BaleATO ← BaleA [<~>] BaleiA (Sm → Sf)
 JograrETE ← JograR [<~>] JograL (Sm → Sm)
 Cabrito ou Cabritos < b. lat. *caprĭTTUS*
 Barqueta ◀ it. *barchETTA* ou fr. *barquETTE* ou esp. *barqueta*
 Joeta ◀ fr. *joËTE*
 JogueTE ou JogueTEs ◀ prov. *joguET* ou esp. *juguETE*
 Muleta ◀ fr. *mulETTE* ou esp. *muleta*

Como se verifica a partir desses exemplos, a maioria dessas palavras não foi formada em língua portuguesa, conforme segue: 4 delas constituem empréstimo a outras línguas românicas; 1 é palavra herdada do latim; e somente 2 são formadas em português.

4.1.2.1 Sufixos em *-t-* em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional

Ao serem excluídos da lista acima os diminutivos que resultam de empréstimo²¹⁹ e o que a língua portuguesa herdou do latim, restam, portanto, apenas, 2 diminutivos que se formaram em português²²⁰, os quais receberam os sufixos *-ato* e *-ete*, conforme a seguir:

²¹⁹ A descrição formal e funcional dos diminutivos emprestados, tal como estamos fazendo em relação aos de formação portuguesa, implicaria a apresentação de informações relativas a esses aspectos dessas línguas que

BaleATO ← BaleA [<~>] BaleiA (Sf → Sm)
 JograrETE ← JograrR [<~>] JograrL (Sm → Sm)

Como é possível verificar, pelos exemplos acima apontados, esses diminutivos em *-t* são formados a partir de diferentes contextos – a saber: *vogal átona oral* e *consoante* –, os quais serão descritos a seguir.

4.1.2.1.1 Os diminutivos em *-t* em contexto de vogal átona oral

Na palavra *baleato* ← *balea*, temos um diminutivo que resulta do acréscimo do sufixo *-ato* a uma palavra terminada em vogal átona oral. Nesse exemplo, verifica-se que o emprego do sufixo acarreta a eliminação da vogal final da palavra primitiva.

4.1.2.1.2 Os diminutivos em *-t* em contexto de consoante

Já em *jograrete* ← *jogar*, a palavra primitiva termina em consoante, sendo o sufixo *-ete* acrescentado logo após esta, sem modificar a forma da palavra já existente, ou seja, no contexto em destaque, a combinação do sufixo diminutivo com a palavra primitiva não requer nenhuma modificação na forma desta palavra.

Por fim, ainda no âmbito da descrição formal e funcional dos diminutivos em *-t*, é importante destacar a relação entre gênero do diminutivo e o gênero da palavra primitiva, bem como a relação entre a classe morfológica a que ambos pertencem. Neste último aspecto, verifica-se que os dois diminutivos formados em português conservam a mesma classe

não são tão importantes para a descrição dos diminutivos formados em português tal como objetivamos ao longo desta pesquisa. Desse modo, diante de diminutivos tomados de empréstimo a outras línguas – bem como os transmitidos à língua portuguesa por meio do latim –, limitar-nos-emos a fazer essa identificação, sem entrar em detalhes formais e funcionais resultantes da combinação do sufixo com a palavra que deu origem à palavra diminutiva – tal como faremos em relação à língua portuguesa (veja-se, por exemplo, a análise feita acerca dos diminutivos em *-inho*).

²²⁰ Conforme vimos ao longo do capítulo anterior, quando discutimos os sufixos diminutivos latinos e suas transformações até que alcançassem as línguas românicas, os sufixos *-ete* e *-eta* etc., ao contrário das formas *-ato*, *-ito*, *-ita*, por exemplo, não são genuinamente portugueses – uma vez que não seguem as mudanças típicas do latim vulgar a essa língua –, mas resultam de empréstimo a outras línguas românicas. Isso, no entanto, não impediu que se tornassem capazes de formar palavras em português.

morfológica que as respectivas palavras a partir das quais se formaram; já quanto ao gênero, observa-se que a palavra *baleato* possui gênero diferente da palavra *balea*, da qual se formou.

4.1.2.2 Sufixos em -t- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Em relação aos significados transmitidos pelos sufixos diminutivos em -t- nos exemplos identificados ao longo do século XIII, podem-se apontar dois tipos: *tamanho pequeno* e *depreciação*²²¹.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

A maioria dos diminutivos em -t- identificados nesta sincronia significa tamanho pequeno, como vemos nestas palavras:

BarquETA {‘pequena barca’} ◀ it. *barchETTA* ou fr. *barquETTE* ou esp. *barquETA*

JograrETE {‘pequeno jogral’} ← *JograR* [<~>] *JograL*

BaleATO {‘pequena e jovem baleia’} ← *BaleA* [<~>] *BaleiA*

CabrITO ou CabrITOS {‘filhote de cabra jovem e pequeno’} < b. lat. *caprĪTTUS*

MuleTA {‘pequena e jovem mula’} ◀ fr. *mulETTE* ou esp. *mulETA*

Observe-se, ainda, que os três últimos diminutivos da lista acima, ao mesmo tempo em que indicam o tamanho dos respectivos animais nomeados, também indicam que se trata de animais ainda jovens.

b) Diminutivos de depreciação

Em *joguete*, por sua vez, temos uma significação depreciativa, conforme abaixo:

JoguETE ou JoguETEs {‘zombaria’} ◀ prov. *joguET* ou esp. *juguETE*

4.1.3 Sufixos em -lh- e suas variações

No século XIII, há apenas uma palavra que possui em sua estrutura um sufixo em -lh-, no caso específico, o sufixo -*alha*, com significação diminutiva, como indicado abaixo:

²²¹ Como é possível perceber pelos exemplos que aqui estão sendo citados, quando formos analisar os diminutivos sob a perspectiva de sua semântica, contemplaremos, também, os diminutivos que resultam de empréstimo, contrariamente ao que fizemos quando os abordamos sob as perspectivas formal e funcional.

MigALHA < lat. hsp. *micALĚA

Conforme é possível observar, trata-se de uma palavra que não é formada em português, mas que resulta de transmissão direta do latim a essa língua.

4.1.3.1 Sufixos em -lh- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Do ponto de vista de sua semântica, o diminutivo *migalha* pode ser caracterizado como um diminutivo de tamanho pequeno:

MigALHA {‘pequeno fragmento de algo’} < lat. hsp. *micALĚA

4.1.4 Sufixos em -l- e suas variações

Entre os diminutivos identificados no século XIII, há 2 exemplos que possuem um sufixo em -l-, os quais vão, a seguir, apresentados:

BestiOLA ◀ lat. *bestiola*

CapELA <~> CapELLA < lat. *cappELLA*

Trata-se, portanto, de diminutivos que não foram formados em língua portuguesa, sendo a palavra *bestiola* um empréstimo do latim e *capela* uma palavra herdada.

4.1.4.1 Sufixos em -l- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Em relação à significação transmitida pelos dois diminutivos em -l- identificados nessa sincronia, verifica-se, com base nas indicações feitas a seguir, que ambos se referem ao tamanho pequeno de algo, ou seja, são diminutivos de tamanho:

BestiOLA {‘pequena besta [animal]’} ◀ lat. *bestiola*

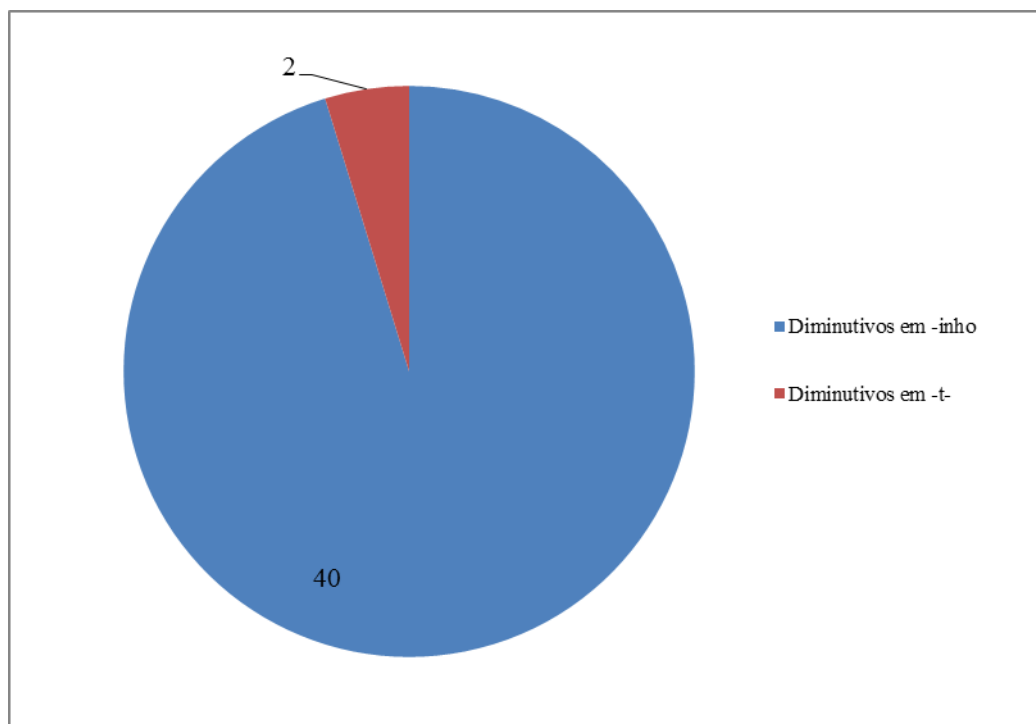
CapELA <~> CapELLA {‘pequena igreja’} < lat. *cappELLA*

4.1.5 Considerações preliminares

Considerando-se o que foi exposto sobre os diminutivos no século XIII, observa-se que alguns dos exemplos que constituem o *corpus* analisado não são formados em língua portuguesa. Assim, são palavras que passaram a fazer parte do léxico dessa língua ou por meio de empréstimo, ou como palavra herdada do latim.

Desse modo, quando consideramos somente os diminutivos efetivamente formados em português, o Gráfico 1 passa a configurar-se como segue:

Gráfico 7 – Diminutivos formados em português, em textos do século XIII: ocorrências por sufixo



Fonte: O Autor

Com isso, vemos que os diminutivos que se formam em português recebem, quase exclusivamente, o sufixo *-inho*, uma vez que, dos 42 diminutivos assim caracterizados, 40 possuem esse sufixo – o que corresponde a 95,238% –, enquanto outros 2 se formaram com um sufixo em *-t-*, participando, assim, de 4,761% do total de diminutivos.

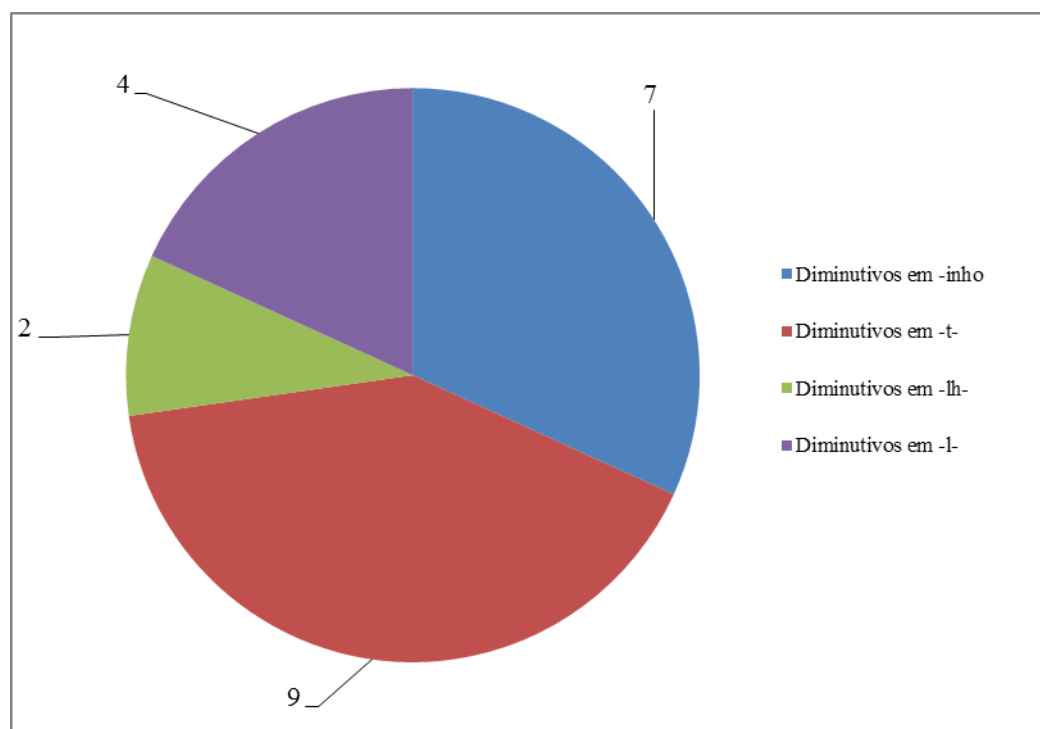
Cabe observar, ainda, a partir desse gráfico, que os sufixos em *-lh-* e os em *-l-* não são identificados, nessa sincronia, em palavras formadas em português, isto é, eles somente ocorrem, respectivamente, em palavra herdada e em palavra herdada ou emprestada de outra língua.

Outras características que se destacam a partir da análise dos diminutivos formados em português são:

- com uma única exceção, os diminutivos originados de palavras que possuem gênero conservam o mesmo gênero das palavras das quais se originaram;
- os diminutivos pertencem às mesmas classes morfológicas às quais pertencem as respectivas palavras primitivas;
- o sufixo *-inho* foi o único encontrado formando nome próprio diminutivo;
- o emprego dos sufixos acima não se encontra restrito a um único contexto – o sufixo *-inho* encontra-se acrescentado a palavras que terminam em vogal oral átona, em consoante, em ditongo oral e em vogal nasal – e os sufixos em *-t-* ocorrem com palavras terminadas em vogal oral e em consoante;
- do ponto de vista semântico, a significação *tamanho pequeno* não é a única que esses sufixos são capazes de transmitir, sendo encontradas, ainda, outras como *depreciação*, *quantidade* e *intensidade*.

4.2 Os sufixos diminutivos em português no século XIV

Os diminutivos identificados no século XIV são formados pelos mesmos sufixos identificados no século XIII, ou seja, *-inho* e suas variações, sufixos em *-t-*, em *-lh-* e em *-l-*, totalizando 22 ocorrências, assim distribuídas:

Gráfico 8 – Sufixos diminutivos em português no século XIV: ocorrências por sufixo

Fonte: O Autor

Contrariamente ao que se verificou em relação à sincronia anterior – quando a maioria dos diminutivos recebeu o sufixo *-inho*, vindo os com sufixos em *-t-* na segunda posição –, nesta os diminutivos formados com os sufixos em *-t-* (sob as formas *-eta*, *-ete*, *-ito*, *-ota*) são encontrados em maior número que aqueles: são 9 ocorrências contra 7, o que dá a cada um deles uma participação de 40,909% e 31,818%, respectivamente, em relação ao total de diminutivos identificados no século XIV. Os sufixos em *-lh-* (sob as formas *-alha* e *-ilho*) e os em *-l-* (sob as formas *-ela* ou *-ella*), por sua vez, ocorrem, respectivamente, em 2 e em 4 diminutivos, o que corresponde a 9,090% e 18,181% do total.

A seguir, descreveremos cada um desses sufixos sob os aspectos formal, funcional e semântico.

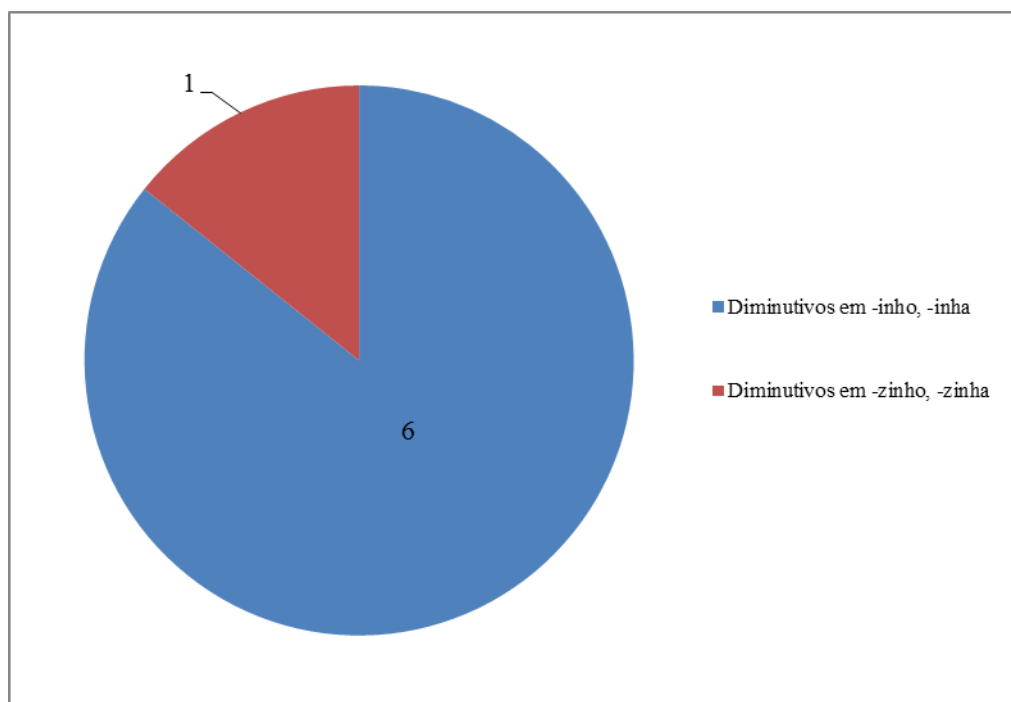
4.2.1 O sufixo *-inho* e suas variações

Na descrição dos diminutivos em *-inho* que ocorrem em textos do século XIV, uma das características que mais se destacam é a pequena quantidade de exemplos identificados, colocando-os, inclusive, em menor número que os diminutivos em *-t-*, como constatamos na seção anterior. Tal fato, no entanto, somente ocorrerá, nesta sincronia, como teremos a

oportunidade de constatar por meio do contraste entre todas as sincronias contempladas por este estudo. Se considerar-se, ainda, que, dos 7 diminutivos identificados, 3 (*cortynna*, *Johãniño* e *fremosinha*) já foram identificados no século XIII, verifica-se que o sufixo *-inho* é muito pouco produtivo ao longo do século XIV.

Quanto à forma como pode manifestar-se ao longo desse século, o sufixo *-inho* pode ou não vir antecedido do grafema consonantal <z>, originando as formas *-zinho*, *-zinha*. Estas formas, no entanto, são bem menos frequentes que as outras, sendo responsáveis por apenas 14,285%, enquanto *-inho*, *-inha* são encontradas em 85,714% dos casos, conforme indica o gráfico abaixo:

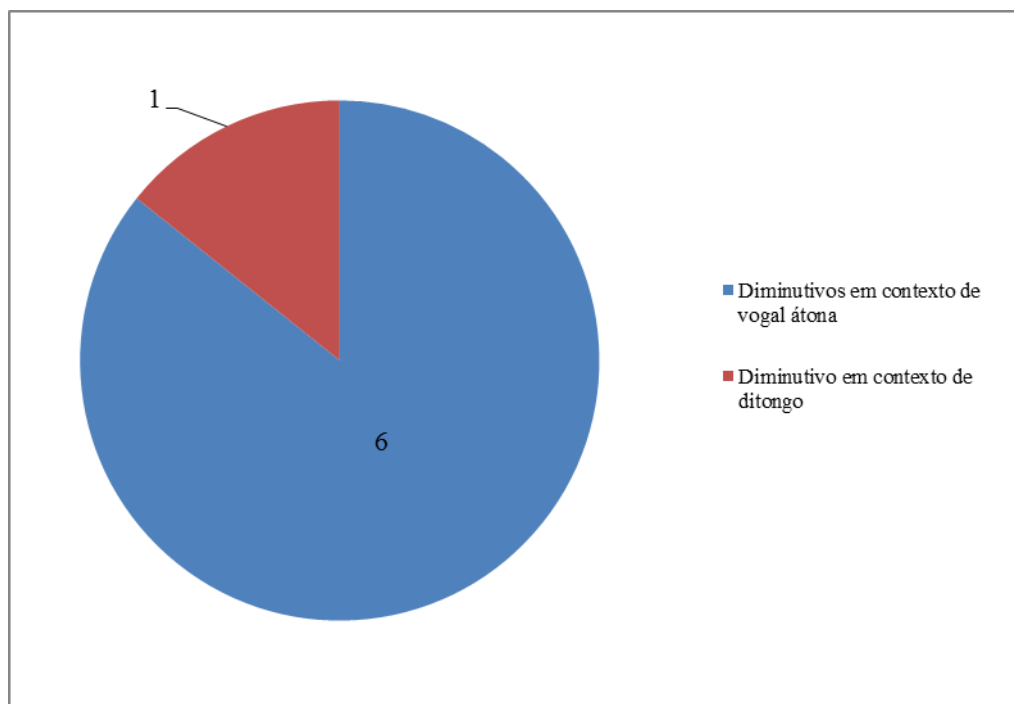
Gráfico 9 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* no século XIV: total de ocorrências



Fonte: O Autor

A análise dos diminutivos em *-inho* e suas variantes indica, ainda, que o emprego dessas formas sufixais não fica restrito a um único contexto, tal como se verifica no gráfico a seguir:

Gráfico 10 – Diminutivos em *-inho* no século XIV: contextos de ocorrência

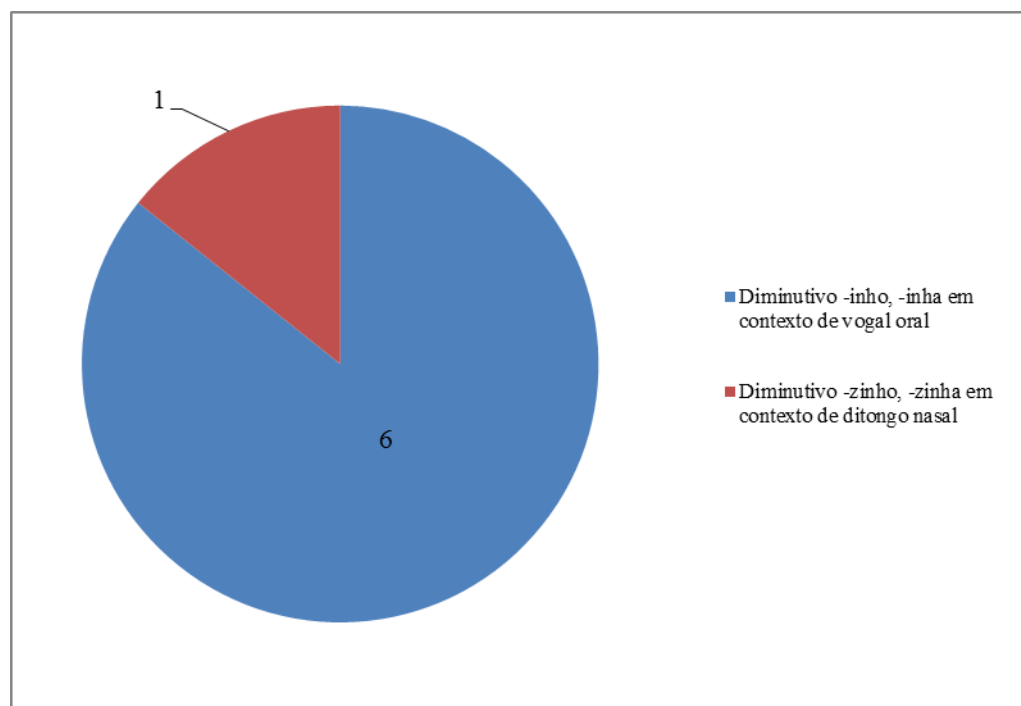


Fonte: O Autor

Diante desse gráfico, verifica-se que, nesta sincronia, os diminutivos que se formam a partir de palavras que terminam em vogal átona – as quais são todas orais – são mais numerosos que os formados de palavras terminadas em ditongo, os quais deram origem, respectivamente, a 6 e a 1 diminutivo(s).

Quando analisamos, no entanto, o emprego das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* em relação ao contexto em que são empregadas, constata-se que essas formas se caracterizam, ao longo do século XIV, como específicas de determinado contexto, como vemos no gráfico apresentado na sequência:

Gráfico 11 – Diminutivos em *-inho* e suas variações no século XIV: contextos específicos de ocorrência



Fonte: O Autor

A partir desse gráfico, observa-se que, no *corpus* sob análise, as formas *-inho*, *-inha* somente foram acrescentadas a palavras terminadas em vogal oral, todas átonas; por seu lado, as formas *-zinho*, *-zinha* somente ocorreram com palavras que terminam em ditongo nasal.

4.2.1.1 O sufixo *-inho* em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional

Em conformidade com o que acabamos de expor, fica evidente que o emprego das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* depende da terminação da palavra primitiva. Em vista disso, nesta seção apresentaremos as principais características formais (isto é, fonéticas e morfológicas) e funcionais que resultam da combinação dessas formas sufixais com os contextos nos quais ocorrem. Além disso, relacionaremos o emprego de cada uma delas com fatores como o *número de sílabas das palavras às quais são acrescentadas* para formar o diminutivo e a *posição da sílaba tônica na palavra primitiva*.

4.2.1.1.1 O diminutivo *-inho* em contexto de vogal átona oral

Os diminutivos encontrados no século XIV formados a partir de palavras terminadas em vogal átona oral receberam, todos eles, somente as formas *-inho*, *-inha*, como atestam os exemplos a seguir:

CachorrINHOs ← *CachorrO* (Sm → Sm)
 CadelINHO ou CadelINHOs ← **CadelO* (Sm → Sm)
 CortYNNA ← *CortE* (Sf → Sf)
 FremosINHA ← *FremosA* (Adjf → Adjf)
 JohãINÑO ← *JohanE* [<~>] *JhoÃ* <~> *JohAN* (Sm → Sm)
 PedreirINHO ← *PedreirO* (Sm → Sm)

Quanto ao modo como essas formas sufixais se combinam com a palavra primitiva, a análise das palavras acima citadas indica que o acréscimo do sufixo provoca a eliminação da vogal átona final. A maioria desses diminutivos, por sua vez, resulta do acréscimo do sufixo a palavras paroxítonas trissílabas, encontrando-se, apenas, 1 diminutivo que se formou a partir de uma palavra paroxítona dissílaba.

4.2.1.1.2 O diminutivo *-inho* em contexto de ditongo nasal

Ao longo do século XIV, identificou-se 1 diminutivo formado com o sufixo *-inho* em contexto de ditongo nasal, situação em que esse sufixo assumiu a forma *-zinho*, conforme o exemplo a seguir:

AlaãosZINHOs <~> AlaãoZINHOs ← *AlaÃO* <~> *AlÃO* (Sm → Sm)

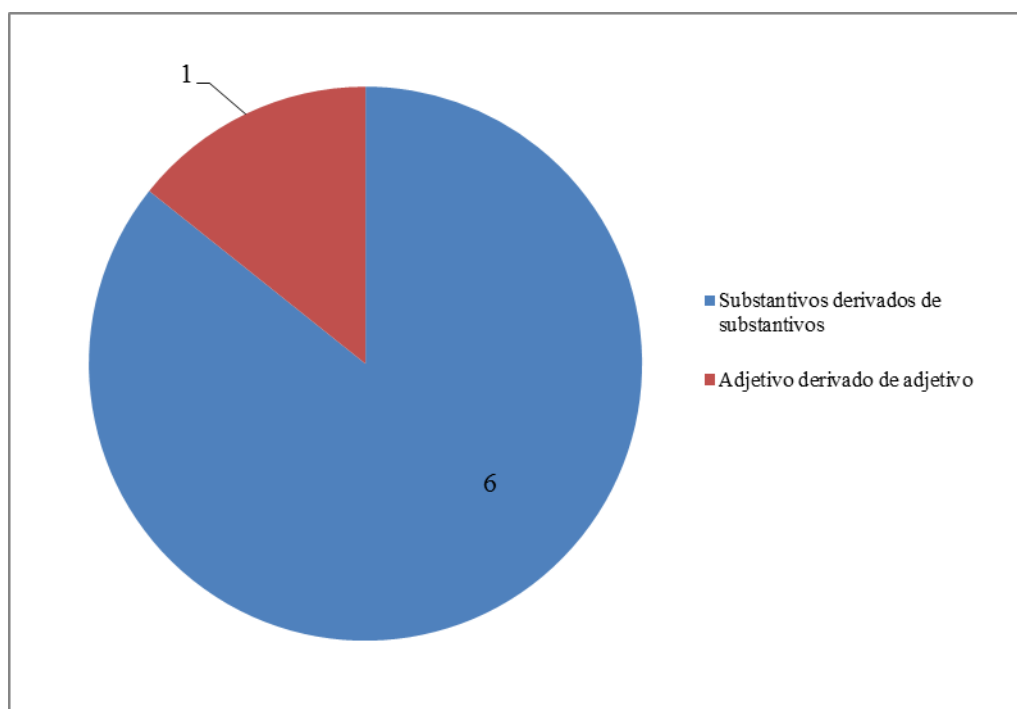
A partir desse exemplo, verifica-se que a forma sufixal é acrescentada à palavra primitiva – uma dissílaba oxítona – sem provocar nela nenhuma alteração. Observe-se, ainda, que, no que se refere à marcação de plural desses diminutivos, ela pode ocorrer somente no final da palavra ou no interior e no final.

4.2.1.2 *O sufixo -inho na relação entre o gênero do primitivo versus o gênero do derivado e classe de palavra do primitivo versus classe de palavra do derivado*

Ainda em relação à forma e ao funcionamento dos diminutivos em *-inho*, podem-se destacar tanto a relação entre o gênero da palavra primitiva e o gênero do diminutivo, quanto a relação entre a classe morfológica a que ambas as palavras pertencem.

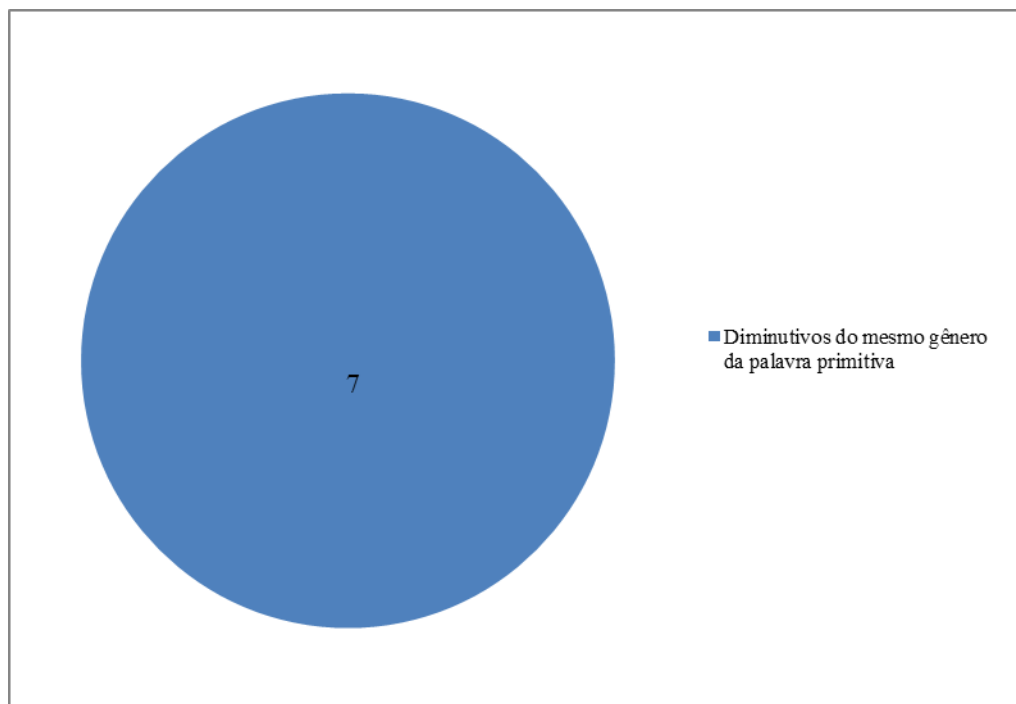
Nesse sentido, os diminutivos identificados nessa sincronia, conforme apresentados em 4.2.1.1.1 e 4.2.1.1.2, indicam que o diminutivo conserva tanto a classe morfológica da palavra a partir da qual se formou, quanto o gênero, como verificamos nos Gráficos 12 e 13 apresentados na sequência:

Gráfico 12 – Diminutivos em *-inho* no século XIV: classe de palavra do primitivo *versus* classe de palavra do derivado



Fonte: O Autor

Gráfico 13 – Diminutivos em *-inho* no século XIV: gênero da palavra primitiva *versus* gênero da palavra derivada



Fonte: O Autor

Destacamos, ainda, que, entre os substantivos identificados, há um que é substantivo próprio, o qual é o mesmo identificado no século XIII, conforme segue:

JohãniÑO ← *JohanE* [<~>] *JhoÃ* <~> *JohAN* (Sm → Sm)

4.2.1.3 O sufixo *-inho* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Quanto à significação, os diminutivos em *-inho* analisados nesta sincronia, podem ser classificados em dois tipos: diminutivos de *tamanho pequeno* e de *intensidade*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

Os que expressam tamanho pequeno constituem a maioria dos diminutivos identificados nos textos do século XIV, como se verifica nestes exemplos:

CortYNNA {‘pequena corte [terreno]’} ← *CortE*

JohãniÑO {‘pequeno João’} ← *JohanE* [<~>] *JhoÃ* <~> *JohAN*

PedreirINHO {‘pequeno pedreiro’} ← *PedreirO*

AlaãosZINHOS <~> AlaãoZINHOS {‘pequeno e jovem alão’} ← *AlaÃO* <~> *AlÃO*

CachorrINHOS {‘pequeno e jovem cachorro’} ← *Cachorro*
 CadelINHO ou CadelINHOS {‘pequeno e jovem cadelo’} ← **Cadelo*

Em relação às três últimas palavras da lista acima, observa-se que, ao mesmo tempo em que indicam que o seu referente é de tamanho pequeno, podem indicar, também, que se trata de animais que possuem pouco tempo de vida, por meio da associação entre pouco tempo de vida e tamanho.

b) *Diminutivos de intensidade*

Em *fremosinha*, temos, no entanto, o único exemplo de diminutivo de intensidade com o sufixo *-inho* identificado nessa sincronia:

FremosINHA {‘um tanto formosa’} ← *Fremosa*

4.2.2 Sufixos em *-t-* e suas variações

Entre os diminutivos identificados no século XIV, os que recebem um sufixo em *-t-*, manifestados como *-ete*, *-eta*, *-ito* e *-ota*, são os mais frequentes, totalizando 9 ocorrências, o que corresponde a 40,909%. Eis os exemplos identificados:

ArquETA ou ArquETAs ◀ cat. *arquETA* ou esp. *arquETA*
 BarquETEs ◀ fr. *barquETTE* ou esp. *barquETE*
 BarquETAs ◀ it. *barchETTA* ou fr. *barquETTE* ou esp. *barquETA*
 CabrITO ou CabrITOS < b.-lat. *caprĪTTUS*
 CamarETAs ◀ esp. *camarETA* ou it. *camarETTA*
 GalyOTA ◀ it. *galeOTTA* ou it. *galiOTA* ou fr. *galiOTTE* ou fr. *galliOTE*
 JoguETE ou JoguETEs ◀ prov. *joguET* ou esp. *juguETE*
 LeõçETEs <~> LeonçETEs ◀ esp. *leoncETE*
 MalETAs ◀ esp. *malETA* ou fr. *malETTE* ou cat. *malETA*

Considerando-se esses diminutivos, observa-se que nenhum deles foi formado em português, sendo, pois, ou palavra herdada do latim vulgar – como vemos em *cabrito*, palavra esta já identificada no século XIII –, ou empréstimo a uma língua românica – como ocorre com as demais palavras citadas, dentre as quais *barquetas* e *joguete* também já foram identificadas na sincronia anterior.

Apesar de alguns exemplos serem repetidos, como vimos no parágrafo anterior, é possível afirmar, considerando o fato de haver 6 novos diminutivos resultantes de empréstimo, que a incorporação de diminutivos em língua portuguesa, por meio de empréstimo, é um processo relativamente fecundo no século XIV²²².

4.2.2.1 Sufixos em -t- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

No que concerne à sua semântica, os diminutivos em -t- identificados no século XIV podem ser caracterizados como de dois tipos: como diminutivos de *tamanho* ou como diminutivos de *depreciação*.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

São os seguintes os diminutivos que expressam o tamanho pequeno de algo:

ArquETA ou ArquETAs {‘pequena arca’} ◀ cat. *arquETA* ou esp. *arquETA*

BarquETEs {‘pequeno barco’} ◀ fr. *barquETTE* ou esp. *barquETE*

CamarETAs {‘pequena câmara [espaço, ambiente]’} ◀ esp. *camarETA* ou it. *camarETTA*

GalyOTA {‘pequena galé’} ◀ it. *galeOTTA* ou it. *galiOTA* ou fr. *galiOTTE* ou fr. *galliOTE*

MalETAs {‘pequena mala’} ◀ esp. *malETA* ou fr. *malETTE* ou cat. *malETA*

LeõçETEs <~> LeonçETEs {‘pequeno leão’} ◀ esp. *leoncETE*

Com a palavra *cabrito*, conforme abaixo, a referência ao pequeno tamanho do animal inclui, também, a informação de que se trata de um animal que tem pouco tempo de vida:

CabrITO ou CabrITOS {‘filhote de cabra jovem e pequeno’} < b.-lat. *caprĪTTUS*

b) Diminutivos de depreciação

O único diminutivo em -t- identificado que possui significação depreciativa ao longo da sincronia aqui descrita é *joguete* – este um exemplo repetido da sincronia anterior:

JoguETE ou JoguETEs {‘zombaria’} ◀ prov. *joguET* ou esp. *juguETE*

²²² A fecundidade desse processo não se dá em números absolutos, mas relativos, uma vez que se trata, apenas, de 6 ocorrências, ou seja, só faz sentido quando consideramos a totalidade dos diminutivos identificados na sincronia em foco – isto é, 22 – e a quantidade de novos diminutivos formados com o sufixo *-inho* – ao todo 4.

4.2.3 Sufixos em *-lh-* e suas variações

Além de *migalha* – palavra já apontada como diminutivo no século XIII –, o século XIV conta, ainda, com outro diminutivo, que é *nouilho*, conforme abaixo:

MigALHA <~> MiguALHA ou MigALHAs <~> MjgALHAs < lat. hsp. *micALĒA
 NouILHOs ◀ esp. novILLO

Nenhuma dessas palavras é, como se pode verificar acima, formada em português: a primeira é uma palavra herdada do latim, enquanto a outra é um empréstimo do espanhol.

4.2.3.1 Sufixos em *-lh-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Embora divirjam quanto ao modo como passaram a fazer parte do léxico da língua portuguesa, as palavras *migalha* e *nouilho* são do mesmo tipo semântico, atuando como um diminutivo de tamanho, conforme se constata da análise de suas significações, como abaixo indicadas:

MigALHA <~> MiguALHA ou MigALHAs <~> MjgALHAs {‘pequeno fragmento de algo’} < lat.
 hsp. *micALĒA
 NouILHOs {‘boi pequeno e jovem’} ◀ esp. novILLO

Em *nouilhos*, identifica-se a associação entre tamanho pequeno e tempo de vida do referido animal.

4.2.4 Sufixos em *-l-* e suas variações

Em maior número que no século XIII, os diminutivos em *-l-* identificados no século XIV – todos eles na forma *-ela* ou *-ella* – totalizam 4 ocorrências, conforme abaixo, das quais *capela* é forma repetida:

CapELA <~> CapeELA <~> CapeELLA <~> CapEELLA <~> CapELLA ou CapELAs <~>
 CapELLAs < lat. vulg. *cappELLA
 EsportELA < lat. vulg. *sportELLA

PortELA < lat. vulg. **portELLA*

RodELA < lat. vulg. **rotELLA*

Destaque-se, no entanto, que nenhuma dessas formas resulta de formação em português, tratando-se de palavras herdadas, isto é, são palavras que o latim transmitiu diretamente à língua portuguesa ao longo de sua constituição.

4.2.4.1 Sufixos em -l- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Do ponto de vista de sua significação, os diminutivos em -l- identificados no século XIV apresentam a mesma significação, sendo todos eles diminutivos de tamanho, conforme se verifica na sequência:

CapELA <~> CapeELA <~> CapeELLA <~> CapEELLA <~> CapELLA ou CapELAs <~>

CapELLAs {‘pequena igreja’} < lat. vulg. **cappELLA*

EsportELA {‘pequena esporta [cesto]’} < lat. vulg. **sportELLA*

PortELA {‘pequena passagem, passagem estreita’} < lat. vulg. **portELLA*

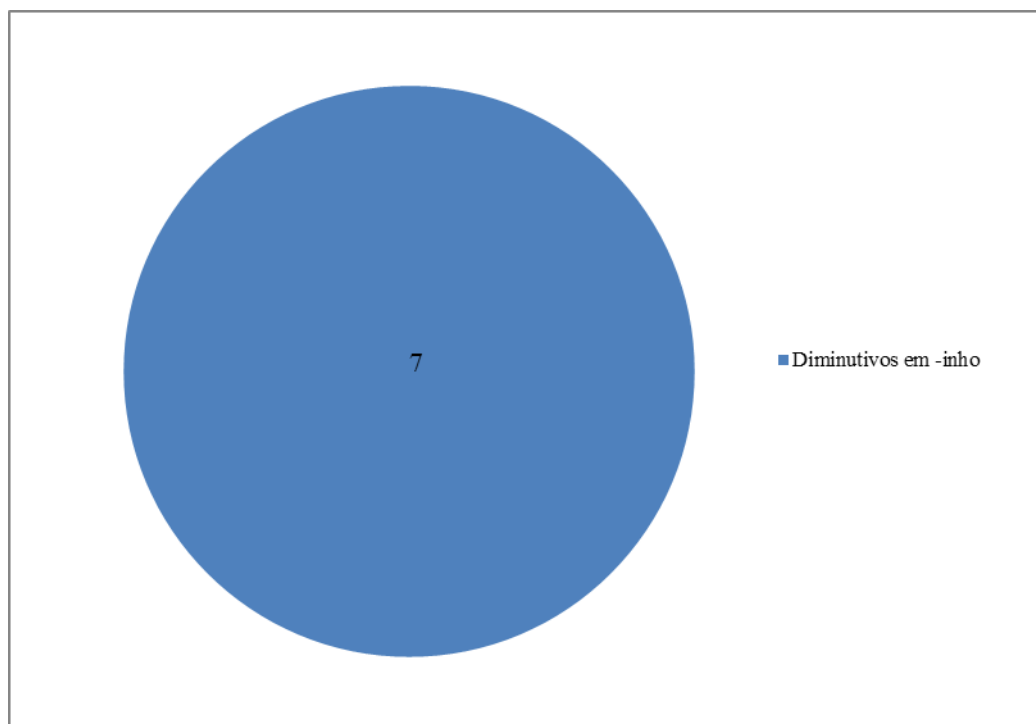
RodELA {‘pequena roda, pequeno escudo’} < lat. vulg. **rotELLA*

4.2.5 Considerações preliminares

A partir da descrição apresentada sobre os diminutivos no século XIV, verifica-se que, dos diminutivos analisados, somente aqueles que possuíam em sua estrutura o sufixo *-inho* têm formação em língua portuguesa, resultando os demais ou de empréstimo ou de transmissão direta do latim ao português.

Nesse sentido, quando são considerados somente os diminutivos formados em língua portuguesa, o Gráfico 8 passa a ser representado desta forma:

Gráfico 14 – Diminutivos formados em português, em textos do século XIV: ocorrências por sufixo



Fonte: O Autor

É importante, ainda, destacar, com base na análise dos diminutivos formados em português e identificados no século XIV, as seguintes características desses diminutivos:

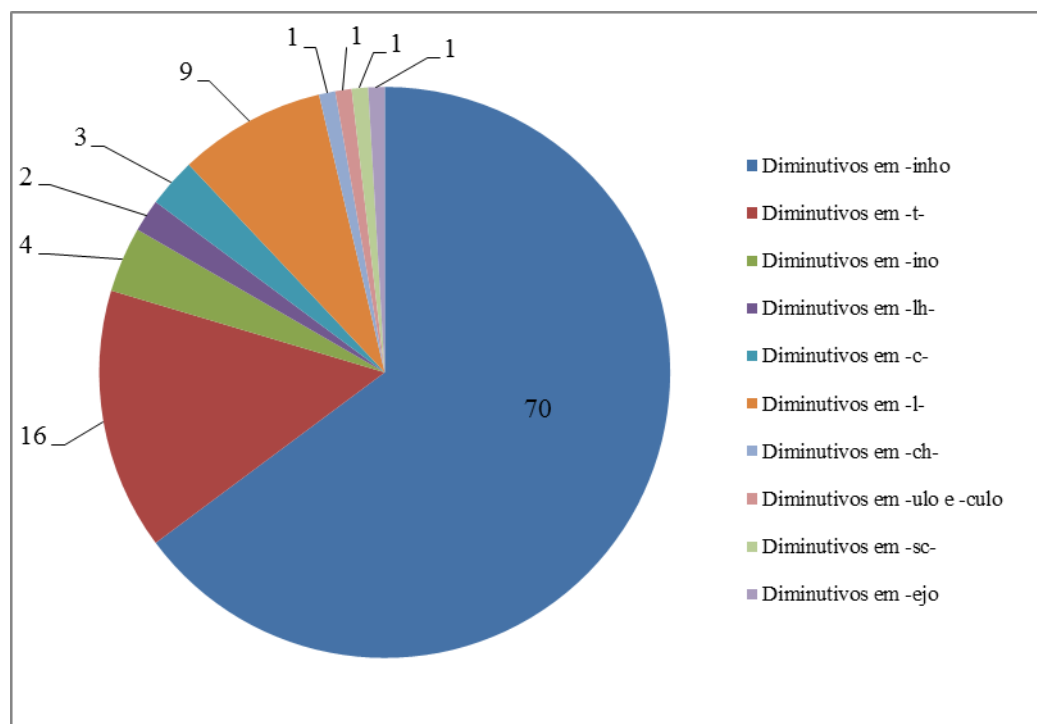
- os diminutivos conservam o mesmo gênero das palavras das quais se originaram e pertencem à mesma classe morfológica que seus primitivos;
- somente o sufixo *-inho* é encontrado formando nome próprio;
- o sufixo *-inho* é empregado em contexto de vogal átona oral e de ditongo nasal;
- do ponto de vista semântico, embora a maioria das palavras expressem a significação de *tamanho pequeno*, são encontradas, também, as de *intensidade* e de *depreciação*.

4.3 Os sufixos diminutivos em português no século XV

No século XV, foram identificadas 108 ocorrências de diminutivos, o que corresponde, aproximadamente, a duas vezes o número de diminutivos do século XIII e a cinco vezes o do século XIV. Diferentemente do que ocorreu nestes dois séculos – quando somente foram identificados os sufixos *-inho*, em *-t-*, em *-lh-* e em *-l-* –, naquele foram identificados dez sufixos, a saber: *-inho*, em *-t-*, em *-lh-*, em *-l-*, *-ino*, em *-c-*, em *-ch-*, *-ulo* e

-culo, em *-sc-* e *-ejo*. No gráfico abaixo, apresentamos cada um desses sufixos, com os respectivos números de ocorrência:

Gráfico 15 – Sufixos diminutivos em português no século XV: ocorrências por sufixo



Fonte: O Autor

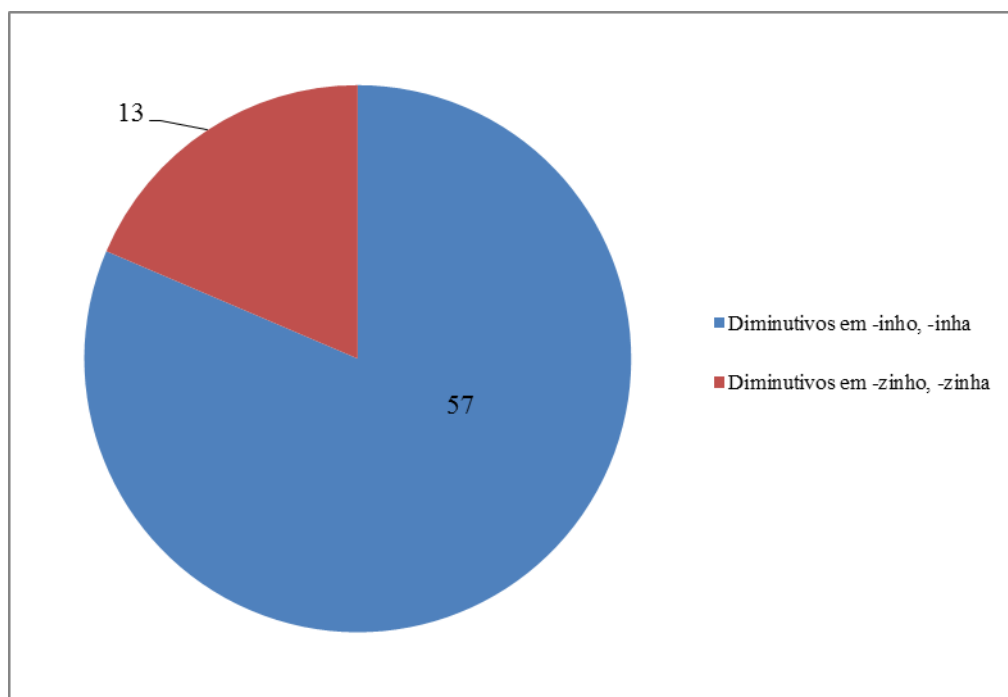
Como se verifica a partir dos dados constantes nesse gráfico, a maioria dos diminutivos identificados é formada com o sufixo *-inho*, totalizando 70 ocorrências, o que corresponde a 64,814% dos casos; os demais sufixos juntos – com suas 38 ocorrências – respondem, portanto, por apenas 35,185%. Destes, os sufixos em *-t-* são os mais frequentes, com 16 ocorrências, os quais são seguidos pelos diminutivos em *-l-*, com 9.

Tendo, pois, em consideração a contextualização apresentada, passaremos à descrição de cada um dos sufixos identificados no Gráfico 15 no que se refere à sua forma, ao seu funcionamento e à sua semântica.

4.3.1 O sufixo *-inho* e suas variações

Como o sufixo mais frequente do século XV, o sufixo *-inho* – que ocorre em 70 palavras – manifesta-se tanto sob as formas *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha*, conforme ilustramos no gráfico a seguir:

Gráfico 16 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* no século XV: total de ocorrências

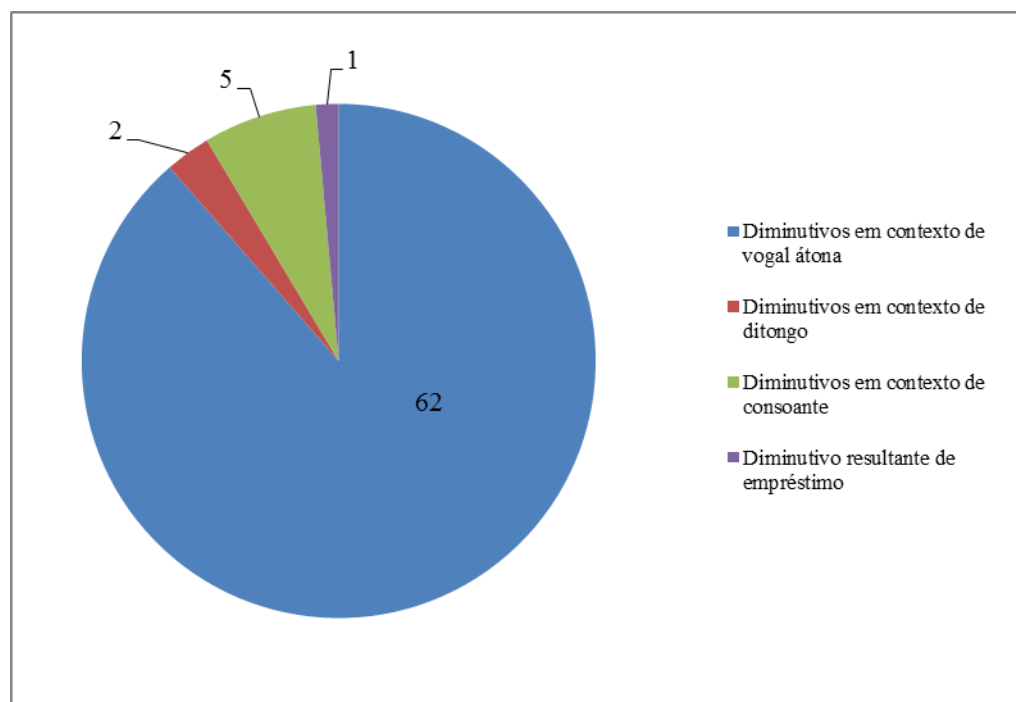


Fonte: O Autor

Com os dados desse gráfico, verifica-se que as formas *-inho*, *-inha* – as quais foram encontradas em 57 ocorrências – são mais frequentes que *-zinho*, *-zinha* – identificadas em outros 13 exemplos –, o que dá a cada uma dessas formas uma participação de 81,428% e 18,571%, respectivamente, em relação ao total de diminutivos que possuem o sufixo *-inho*.

Outra característica apresentada pelo sufixo *-inho* no século XV – mais acentuada que no século XIV e semelhante ao descrito em relação ao século XIII – é o fato de o seu emprego não ficar restrito a um só contexto, ou seja, ao longo desta sincronia, encontra-se o sufixo *-inho* acrescentado tanto a palavras que terminam em vogal átona ou em ditongo, quanto a palavras que terminam em consoante, conforme indica o seguinte gráfico:

Gráfico 17 – Diminutivos em *-inho* e suas variações no século XV: contextos de ocorrência



Fonte: O Autor

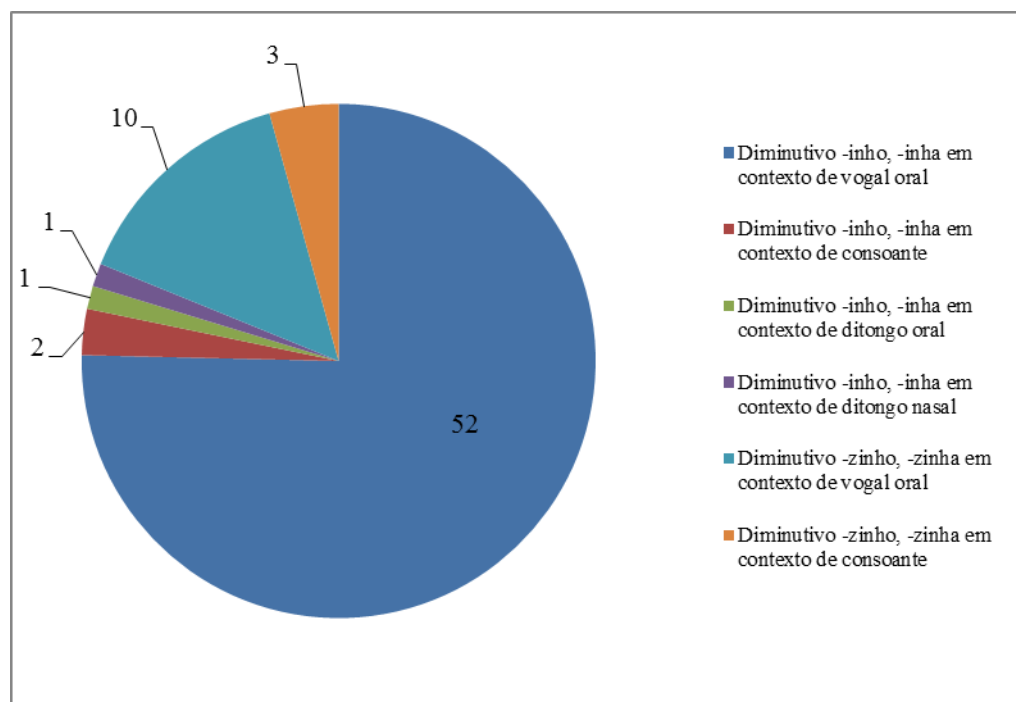
Não obstante diversos sejam os contextos aos quais o sufixo *-inho* pode ser acrescentado, verifica-se, a partir do gráfico acima, que a maioria das formações se dá com palavras que terminam em vogal átona, contexto esse que, com suas 62 ocorrências, representa 88,571% do total de diminutivos que possuem esse sufixo. Dessa forma, observa-se, ainda, que a ocorrência de *-inho* nos demais contextos é muito baixa, sendo inferior a 12%, nos seguintes termos: são 2 diminutivos formados a partir de palavras que terminam em ditongo, o que equivale a 2,857%; outros 5 (ou seja, 7,142%) resultam do acréscimo do sufixo a palavras terminadas em consoante; há, ainda, 1 diminutivo que provém de empréstimo ao espanhol, o que significa 1,428% do total.

Ao analisar-se o emprego das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* em sua relação com o contexto de emprego, constata-se que essas formas não são empregadas com a mesma frequência indiferentemente do contexto, isto é, a terminação da palavra primitiva exerce influência na forma do sufixo *-inho* que deve ser empregada²²³. Antes, no entanto, de

²²³ Como vimos no Gráfico 17, entre os diminutivos em *-inho* identificados em textos portugueses do século XV, há 1 exemplo cuja formação não se deu em português, isto é, trata-se de palavra que foi tomada de empréstimo a outra língua. Esse tipo de exemplo não será comentado ao longo de nossa pesquisa, motivo por que, quando ocorrer, será desconsiderado, e o número de palavras que serão analisadas será o resultado da subtração dos empréstimos a partir do número total identificado. Assim, ao longo do século XV, foram

analisarmos pormenorizadamente a relação das diferentes formas do sufixo *-inho* com o contexto no qual ocorrem, consideremos o gráfico abaixo, no qual se apresentam todos os contextos a partir dos quais se formaram diminutivos com esse sufixo em português ao longo do século XV:

Gráfico 18 – Diminutivos em *-inho* e suas variações no século XV: contextos específicos de ocorrência



Fonte: O Autor

Com os dados expostos nesse gráfico, fica evidente, pois, que, embora as formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* apresentem contextos comuns de ocorrência, elas não ocorrem sempre nos mesmos contextos. Verifica-se, ainda, que, mesmo nos contextos de ocorrência que essas formas apresentam em comum, elas não possuem o mesmo comportamento.

Nesse sentido, o gráfico acima nos informa, por exemplo, que as formas *-inho*, *-inha* são encontradas formando diminutivos a partir de palavras que terminam em quatro contextos, a saber, vogal oral – todas elas átonas –, consoante, ditongo oral e ditongo nasal. A maioria das ocorrências tem, no entanto, origem no primeiro dos contextos mencionados, o qual é encontrado em 52 diminutivos – o que compreende 92,857% das formações com *-inho*, *-inha*.

identificados 70 exemplos de diminutivos em *-inho*; subtraindo desse total a quantidade de diminutivos emprestados de outras línguas – que corresponde a 1 –, restam 69 diminutivos formados em português. É este número que será considerado em nossas análises.

Os outros contextos são, portanto, pouco expressivos, assim: há 2 diminutivos que se formam de palavras que terminam em consoante – o que significa 3,571%; há 1 diminutivo que resulta do acréscimo de *-inho*, *-inha* a uma palavra terminada em ditongo oral, e 1 formado a partir do contexto ditongo nasal, participando, cada um destes contextos, de 1,785% das formações de *-inho*, *-inha*. Por sua vez, todos esses contextos, quando considerados em relação ao total de diminutivos em *-inho* formados em português – o qual é 69 – correspondem, respectivamente, a 75,362%, 2,898%, 1,449% e 1,449%.

Já as formas *-zinho*, *-zinha* – que são 13 ocorrências –, formam diminutivos a partir dos contextos vogal oral e consoante. Assim como ocorreu com as formas *-inho*, *-inha*, o emprego de *-zinho*, *-zinha* é mais frequente com palavras do primeiro contexto que do segundo, sendo identificadas, respectivamente, 10 e 3 ocorrências, ou seja, 76,923% dos diminutivos formados com estas formas ocorrem a partir de palavras que terminam em vogal oral, enquanto 23,076% se formam de palavras terminadas em consoante. Em relação à totalidade dos diminutivos em *-inho* do século XV, esses contextos representam, respectivamente, 14,492% e 4,347%.

Com base, portanto, na análise até aqui empreendida acerca do Gráfico 18, podem ser destacadas as seguintes características das formas sufixais *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* nos diminutivos identificados no século XV – características essas que também já foram apontadas em relação aos diminutivos do século XIII:

a) nenhuma dessas formas é empregada em um único contexto

Tanto as formas sufixais *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha* são empregadas em mais de um contexto, destacando-se as primeiras, que foram identificadas em um número maior de contextos, ao todo quatro. Não obstante isso, o emprego dessas formas predomina em algum(ns) contexto(s).

b) alguns contextos favorecem mais o emprego de uma forma que de outra

A partir das informações acima apresentadas, é possível afirmar que uma palavra que termina em vogal oral (átone) formará em maior proporção diminutivos com *-inho*, *-inha* que com *-zinho*, *-zinha*.

Depois dessa caracterização genérica sobre o sufixo *-inho*, passaremos a uma descrição mais detalhada de cada uma das formas desse sufixo, relacionando-as com a palavra a partir da qual o diminutivo se formou.

4.3.1.1 O sufixo *-inho* em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional

O emprego das formas do sufixo *-inho* está, como brevemente discutimos na seção anterior, relacionado com a terminação da palavra primitiva. Tendo isso como ponto de partida, buscaremos, ao longo desta seção, identificar as principais características formais (fonéticas e morfológicas) e funcionais decorrentes da combinação do sufixo *-inho* com a palavra à qual foi acrescentado. Ao mesmo tempo, procuraremos evidenciar a relação que se estabelece entre o emprego de cada uma de suas formas e fatores como *número de sílabas das palavras às quais são acrescentadas e posição da sílaba tônica na palavra primitiva*.

4.3.1.1.1 O diminutivo *-inho* em contexto de vogal átona oral

A ocorrência das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha*, em contexto de vogal átona oral, não se dá, em conformidade com os Gráficos 17 e 18, na mesma proporção, uma vez que, dos 62 diminutivos assim formados, 52 receberam *-inho*, *-inha*, e 10, *-zinho*, *-zinha*, significando, assim, que a maioria dos diminutivos formados nesse contexto – o que equivale a 83,870% contra 16,129% – é formada com aquelas formas, ou seja, no contexto sob análise, as formas *-inho*, *-inha* são 5,2 vezes mais frequentes que *-zinho*, *-zinha*.

Outra divergência quanto ao emprego das formas do sufixo *-inho* está no modo como elas são combinadas com a palavra primitiva, conforme é possível perceber através dos seguintes exemplos:

AsnINHO ← *Asn*O
 CarapucINHA ← *Carapuça*A
 CabacINHA ← *Cabaça*A
 CantarIÑOs ← *Cantar*O <~> *Cântar*O
 MeudYNHOs ← *Meud*O [<~>] *Miúdo*O
 NaueZINHA ← *Nau*E <~> *Nav*E
 PernINHAs <~> PernJNHAs ← *Perna*A
 PelesZINHAs ← *Pe*lE
 ProueZINHA ← *Prou*E <~> *Prov*E [<~>] *Pobr*E
 TrapINHO ← *Trap*O

Com base nos diminutivos acima, é possível afirmar, portanto, que o acréscimo das formas *-inho*, *-inha* provoca a eliminação da vogal átona final, o que não ocorre quando as formas empregadas são *-zinho*, *-zinha*. Advirta-se, no entanto, que o emprego destas formas, embora não acarrete a eliminação da referida vogal, pode fazê-la modificar-se – fato esse que se verifica em 7 dos diminutivos em *-zinho*, *-zinha* identificados –, como demonstram estes exemplos:

CopeZINHA ← *CopA*
 FalleZINHA ← *Falla* [<~>] *FalA*
 FilhiZINHOS ← *FilhO*
 LivreZINHOS ← *LivrO*
 PañeZINHO ← *Paño* [<~>] *PanO*
 PartiZINHA ← *PartE*
 VentiZINHO ← *VentO*

Nos casos específicos aqui citados, observa-se que o <a> passa a ser representado por <e>, o <o> por <e> ou <i> e o <e> por <i>.

Ainda em relação ao modo de combinação das formas *-zinho*, *-zinha* com a palavra primitiva nesse contexto, a análise da palavra *peleszinhos*, mas acima citada, revela que o diminutivo assim formado também admite que o plural seja marcado no interior da palavra, logo após a vogal átona, ao mesmo tempo em que o é no final.

Considerando, agora, os diminutivos em *-inho* desse contexto sob a perspectiva do número de sílabas da palavra à qual foi acrescentado, verifica-se que as formas *-inho*, *-inha* ocorrem tanto com palavras dissílabas – 27 ocorrências – e trissílabas – 21 ocorrências –, quanto com palavras polissílabas – 4 ocorrências; por seu lado, as formas *-zinho*, *-zinha* somente foram encontradas com palavras dissílabas. Com isso, constata-se que palavras trissílabas e polissílabas só formaram diminutivos com *-inho*, *-inha*; em relação às palavras dissílabas, fica evidente que, embora as formas *-zinho*, *-zinha* somente tenham ocorrido com esse tipo de palavra, elas favorecem o emprego de *-inho*, *-inha*, o qual é 2,7 vezes mais frequente que o daquelas formas – são 27 ocorrências contra 10 nesse contexto.

Destacamos, por fim, o emprego das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* em relação à posição da sílaba tônica da palavra primitiva. Quanto às primeiras formas, são identificados diminutivos formados tanto de palavras paroxítonas – 50 ocorrências –, quanto de

proparoxítonas – 2 ocorrências; já em relação às outras formas, os 10 diminutivos identificados são formados a partir de palavras paroxítonas.

A partir desses dados, tem-se, por um lado, que as palavras proparoxítonas somente admitiriam as formas *-inho*, *-inha* e, por outro, que as palavras paroxítonas favorecem o emprego de *-inho*, *-inha* em detrimento de *-zinho*, *-zinha* numa proporção de 5 para 1, isto é, de cada 6 diminutivos que se formam a partir de palavras paroxítonas terminadas em vogal átona oral, 5 recebem aquelas formas, e somente 1 recebe estas.

4.3.1.1.2 O diminutivo *-inho* em contexto de consoante

Também o contexto *palavra terminada em consoante* admite o uso tanto de *-inho*, *-inha*, quanto de *-zinho*, *-zinha* para formar diminutivos, conforme se evidencia por meio dos exemplos a seguir apresentados:

CasaYNHOs ← CasaL
 ColherYNHA ← ColheR
 FloreZINHAS ← FloR
 MolherZINHA ← MolheR [<~>] MulheR
 PasteisZINHOs ← PasteL

Assim, verifica-se que, dos 5 diminutivos formados com o sufixo *-inho* e identificados ao longo dessa sincronia, 2 receberam as formas *-inho*, *-inha*, e 3, *-zinho*, *-zinha*. Vê-se, dessa forma, que, diferentemente do que se constatou em relação ao uso do sufixo em questão no contexto vogal átona oral, no contexto consoante predomina o emprego destas formas e não o daquelas, embora esse predomínio não seja tão expressivo quanto foi o de *-inho*, *-inha* sobre *-zinho*, *-zinha* no contexto vogal átona oral.

Ainda tendo em consideração os exemplos acima expostos, observa-se que as formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* podem ser acrescentadas quer a palavras que terminam em <l> – há 1 diminutivo em *-inho*, *-inha*, e 1 em *-zinho*, *-zinha*, ambos formados de palavras dissílabas –, quer a palavras em <r> – há 1 diminutivo em *-inho*, *-inha* (o qual se forma de uma palavra dissílaba), e 2 em *-zinho*, *-zinha*, sendo um resultante do acréscimo da forma sufixal a uma palavra monossílaba e outro a uma palavra dissílaba. Considerando, portanto, somente esses exemplos, é possível concluir que, com palavras dissílabas terminadas em <l> ou <r>, podem

ser empregadas, indiferentemente, uma e outra formas; já com palavra monossílabo terminada em <r>, há um único exemplo e nele se empregam as formas *-zinho*, *-zinha*.

Quando se analisam os diminutivos em *-inho* formados a partir de palavras que terminam em consoante relacionando-os com a tonicidade da palavra primitiva, observa-se que, se as palavras forem oxítonas, o emprego de *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* não é influenciado por esse fator. Já o diminutivo formado a partir de um monossílabo tônico permite concluir, embora não de forma categórica – devido ao pequeno número de exemplos identificados, apenas 1 –, que o referido contexto favorece o emprego de *-zinho*, *-zinha*.

Do ponto de vista da combinação desse sufixo com a palavra primitiva, observa-se, a partir dos exemplos acima, que o acréscimo dessas formas não altera a forma da palavra primitiva, como se vê nas palavras *colherynha* e *molherzinha*. No entanto, nas palavras que terminam em <l>, ao fazer-se o plural do diminutivo, devido à possibilidade de ele ser marcado tanto no interior, quanto no final da palavra²²⁴, essa terminação dá lugar à correspondente forma plural, como se encontra em *casaynhos* e *pasteisinhos*.

4.3.1.1.3 O diminutivo *-inho* em contexto de ditongo oral

No *corpus* analisado, há, ainda, 1 diminutivo formado a partir de palavra terminada em ditongo oral, como mostra o exemplo abaixo:

DemonINHA ← *DemónIA <~> *DemônIA

Esse diminutivo, como se vê, é formado com a forma *-inha*, a qual, ao combinar-se com a palavra primitiva, provoca a eliminação da vogal átona final, tendo-se, ainda, a fusão da vogal [i] da forma sufixal com a semivogal [j] da palavra primitiva.

4.3.1.1.4 O diminutivo *-inho* em contexto de ditongo nasal

Ao longo do século XV, também só se encontrou 1 diminutivo formado a partir de palavras terminadas em ditongo nasal, o qual segue:

²²⁴ Os diminutivos terminados em <l> ou <r> admitem a marcação de seu plural tanto no interior, quanto no final da palavra, como se vê nos exemplos *florezinhas* ← *flor* e *pasteisinhos* ← *pastel*.

FrangaYNHOs <~> FrangaLNHOs ← FrangÃO <~> FrângÃO

Através desse exemplo, observa-se que a forma sufixal empregada foi *-inho* e que a sua combinação com a palavra primitiva terminada em ditongo implicou a eliminação da semivogal.

4.3.1.2 O sufixo *-inho* na relação entre o gênero do primitivo versus o gênero do derivado e classe de palavra do primitivo versus classe de palavra do derivado

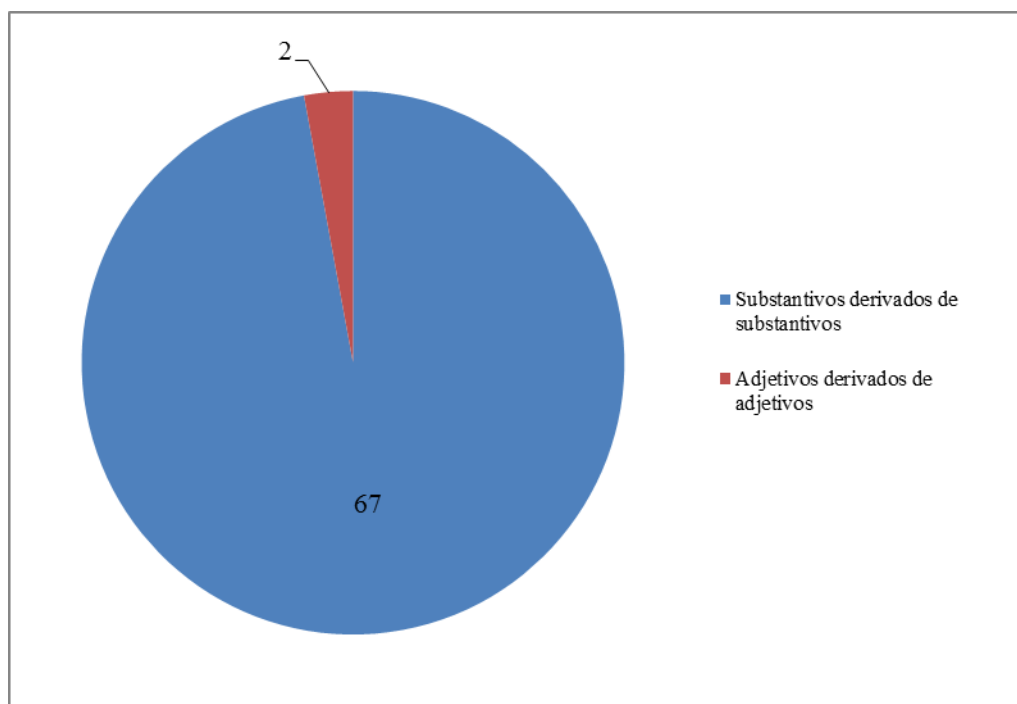
Os diminutivos em *-inho* podem, ainda, ser caracterizados no que se refere à relação entre o gênero da palavra primitiva e o gênero do derivado, assim como quanto à classe morfológica de ambas as palavras.

Quanto ao último tema, verifica-se que todos os diminutivos identificados pertencem à mesma classe morfológica de seus primitivos, ou seja, os substantivos se formam de substantivos, e os adjetivos de adjetivos, conforme vemos nestes exemplos:

ArquĨA ← ArcA (Sf → Sf)
 BezerrLNHOs ← BezerrO (Sm → Sm)
 ÇaradLNHAS ← ÇaradA <~> SaradA (Adjf → Adjf)
 ConçelhLNHOs ← ConçelhO <~> ConcelhO (Sm → Sm)
 CopeZLNHA ← CopA (Sf → Sf)
 DemonLNHA ← *DemónIA <~> DemônIA (Sf → Sf)
 EmtalhadLNHAS ← EmtalhadA <~> EntalhadA (Adjf → Adjf)
 FrangaYNHOs <~> FrangaLNHOs ← FrangÃO <~> FrângÃO (Sm → Sm)
 PasteisZLNHOs ← PasteL (Sm → Sm)
 TigelYNHA ← TigelA (Sf → Sf)

No gráfico a seguir, resumimos o que até aqui dissemos:

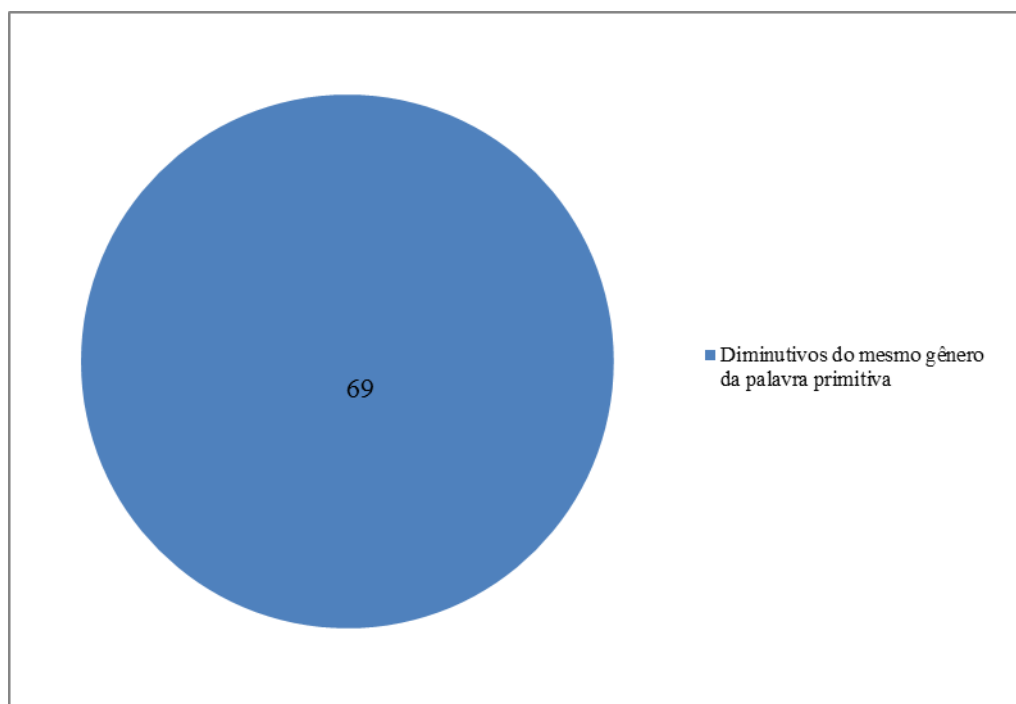
Gráfico 19 – Diminutivos em *-inho* no século XV: classe de palavra do primitivo *versus* classe de palavra do derivado



Fonte: O Autor

No que se refere ao gênero, o gráfico a seguir não deixa dúvidas de que os diminutivos em *-inho* do século XV conservam o gênero das palavras a partir das quais se formaram, como já indicam os últimos exemplos aqui citados:

Gráfico 20 – Diminutivos em *-inho* no século XV: gênero da palavra primitiva *versus* gênero da palavra derivada



Fonte: O Autor

Destacamos, por fim, que, entre os diminutivos identificados na sincronia em foco, há 2 nomes próprios (um deles é nome de pessoa; o outro é apelido), que vão a seguir apresentados:

LourencINHO ← *Lourenço* (Sm → Sm)

OlhINHOs ← *Olho* (Sm → Sm)

Esses nomes, por sua vez, são formados com a forma *-inho* a partir de palavras paroxítonas, sendo uma delas dissílaba e a outra trissílaba. Nos casos específicos, verifica-se, ainda, que o acréscimo da forma sufixal à palavra primitiva acarreta a eliminação da vogal átona final da referida palavra.

4.3.1.3 O sufixo *-inho* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Sob a perspectiva semântica, os diminutivos em *-inho* identificados no século XV podem ser classificados nos seguintes tipos: *tamanho pequeno*, *aproximação afetiva positiva*, *depreciação*, *intensidade*, *duração* e *quantidade*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

Também nesta sincronia os diminutivos em *-inho* que significam diminuição de tamanho são os que ocorrem com maior frequência. Entre esses diminutivos, podem ser citados os seguintes:

AsnINHO {'pequeno asno'} ← *AsnO*
 BarquINHO {'pequeno barco'} ← *BarcO*
 CabacINHA {'pequena cabaça'} ← *CabaçaA*
 CantarIÑOs {'pequeno cântaro [jarro]'} ← *CantarO* <~> *CântarO*
 CasINHA ou CasINHAs {'pequena casa'} ← *CasA*
 CavallINHOS {'pequeno cavalo'} ← *CavallO* <~> *CavalO*
 NaueZINHA {'pequena nave'} ← *NauE* <~> *NavE*
 PelesZINHAs {'pele fina'} ← *PeIE*
 PedrINHAs {'pequena pedra'} ← *PedrA*
 RamYNHO {'pequeno ramo'} ← *RamO*

Destaquem-se, ainda, entre os diminutivos desse tipo, aqueles exemplos nos quais se encontra a associação entre tamanho pequeno e pouco tempo de vida do referente, assim:

BurrINHO {'pequeno e jovem burro'} ← *BurrO*
 CadelINHOS {'pequeno e jovem cadelo'} ← **CadelO*
 LobINHOS {'pequeno e jovem lobo'} ← *LobO*
 MoçINHO {'moço pequeno e jovem'} ← *MoçoO*

b) *Diminutivos de aproximação afetiva positiva*

Outros diminutivos bastante frequentes no século XV são os do tipo aproximação afetiva positiva, dos quais as seguintes palavras são exemplos:

AsnINHO {'estimado asno'} ← *AsnO*
 BoquINHA {'delicada ou bonita boca'} ← *BocA*
 CachorrINHOS {'estimado cachorro'} ← *CachorrO*
 DemonINHA {'pobre demônia [mulher endemoniada]'} ← **DemónIA* <~> *DemônIA*
 FilhiZINHOS {'estimado filho'} ← *FilhO*
 ProueZINHA {'mulher digna de pena'} ← *ProuE* <~> *ProvE* [<~>] *PobrE*

Através desses exemplos, verifica-se que, mesmo palavras que fazem referência a ‘seres’ mensuráveis fisicamente, podem assumir, em conformidade com o contexto, a significação de aproximação afetiva positiva, como ocorre com as palavras *asnhinho*, *boquinha*, *cachorrinho* e *filhinho*.

c) *Diminutivos de depreciação*

Os diminutivos de depreciação são bem menos frequentes ao longo do século XV que os de tamanho pequeno e os de aproximação afetiva positiva. No *corpus* analisado, foram identificados os que agora se apresentam:

CousINHAS {‘coisa de pouca importância’} ← *CousA* [<~>] *CoisA*

LivreZINHOS {‘livro de pouca importância’} ← *LivrO*

MolherZINHA {‘mulher indigna’} ← *MolheR* [<~>] *MulheR*

TrapINHO {‘um trapo [pano] qualquer’} ← *TrapO*

d) *Diminutivos de intensidade*

Também os diminutivos de intensidade são encontrados em pequeno número na sincronia aqui destacada. Nas palavras a seguir, identificamos tal significação:

ÇaradINHAS {‘um tanto sarada [sadia]’} ← *ÇaradA* [<~>] *SaradA*

EmtalhadINHAS {‘um tanto entalhada [embutida]’} ← *EmtalhadA* [<~>] *EntalhadA*

MeudYNHOS {‘um tanto miúdo’} ← *MeudO* [<~>] *Miúdo*

VentiZINHO {‘vento brando’} ← *VentO*

e) *Diminutivos de duração*

Em relação aos diminutivos que significam duração, foram identificados somente 2 exemplos, os quais listamos abaixo:

FalleZINHA {‘pequena fala, fala de curta duração’} ← *Falla* [<~>] *Fala*

PouquitINHO {‘por pouco tempo’} ← *PouquitO*

f) *Diminutivos de quantidade*

Assim como os últimos três tipos comentados, os diminutivos de quantidade ocorrem em alguns poucos exemplos ao longo do século XV. Eis os exemplos identificados no *corpus* objeto de análise:

ColherYNHA {‘pequena quantidade de algo’} ← *ColheR*
 CospINHO ou CospINHOS {‘pequena quantidade de cuspe’} ← *CospE* [<~>] **CospO*
 CuspINHO {‘pequena quantidade de cuspe’} ← *CuspE* [<~>] *CuspO*

Para finalizar essa abordagem sobre a significação dos diminutivos em *-inho*, é importante destacar que, dentre os exemplos identificados, há alguns que apresentam simultaneamente mais de uma significação, como os que seguem:

BoquINHA {‘pequena e delicada ou bonita boca’} ← *BocA*
 FloreZINHAs {‘pequena e delicada flor’} ← *FloR*
 PombINHOS {‘pequeno e gracioso pombo’} ← *PombO*

4.3.2 Sufixos em *-t-* e suas variações

Ao longo do século XV – assim como nos dois anteriores –, também se registra a presença de diminutivos que possuem em sua estrutura sufixos em *-t-*, os quais se manifestam sob as formas *-ato* (1 ocorrência), *-ete* (5 ocorrências), *-eta* (3 ocorrências), *-ito* e *-ita* (ambos com 1 ocorrência), *-ote* e *-ota* (2 ocorrências cada) e *-oto* (1 ocorrência), num total de 16 ocorrências, o que equivale a 14,814% do total de diminutivos desse século. Dentre os exemplos identificados, citamos os a seguir²²⁵:

ArquETA ◀ *cat. arquETA* ou *esp. arquETA*
 BarquETE ◀ *fr. barquETTE* ou *esp. barquETE*
 CalabrETE ou CalabrETEs ← *CalabrE*
 Cabrito ou Cabritos < *b.-lat. caprĪTTUS*
 CamarETA ◀ *esp. camarETA* ou *it. camarETTA*
 GalleOTE ou GalleOTES ◀ *it. galeOTTA* ou *it. galiOTA* ou *fr. galiOTTE* ou *fr. galliOTE*
 MotETEs ◀ *fr. motET* ou *esp. motETE*
 MullATOs ◀ *cat. mulAT* ou *esp. mulATO*
 PerdigOTOS < *lat. vulg. *perdicOTTUS*

²²⁵ Em Houaiss & Villar (2001), encontra-se indicado como etimologia de *perdigoto* o latim vulgar **perdicottus*, *i* ‘filhote de perdiz’, apontado como diminutivo de *perdix*, *īcis* ‘perdiz’. Proposta etimológica semelhante encontramos em Machado (2003 [1952¹], vol. 4, p.342), que assim diz: “**perdigoto**, *s.* Do lat. **perdicottu-*, diminutivo de *perdice-* (vj. *perdiz*)”. Seguindo, pois, esses dois autores, essa palavra não se trataria de um empréstimo, mas de uma transmissão direta, conforme indicamos acima com o emprego do símbolo <.

A partir dos exemplos acima citados, é possível concluir que os diminutivos em *-t-* identificados nessa sincronia não são todos formados em português. Aliás, há apenas 1 que se forma nessa língua, sendo os demais ou herdados do latim, o que se verifica em 3 ocorrências, ou tomados de empréstimo a outras línguas românicas, como ocorre com 12 exemplos.

4.3.2.1 Sufixos em *-t-* em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional

Como apontado na seção anterior, ao longo do século XV foi identificado apenas 1 diminutivo cuja formação se deu em português, a partir de uma palavra terminada em vogal átona oral.

4.3.2.1.1 Os diminutivos em *-t-* em contexto de vogal átona oral

O diminutivo referido na seção anterior é a palavra *calabrete*, conforme abaixo apresentada:

CalabrETE ou CalabrETEs ← *CalabrE* (Sm → Sm)

Verifica-se, a partir do exemplo supracitado, que a combinação do sufixo diminutivo com a forma da palavra primitiva provoca a eliminação da vogal átona que ocorre no final da palavra. Destaque-se, ainda, que o diminutivo conserva o gênero da palavra a partir da qual se formou, ao mesmo tempo em que ambas as palavras pertencem à mesma classe morfológica.

4.3.2.2 Sufixos em *-t-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

No âmbito da significação, os diminutivos em *-t-* do século XV são todos do tipo diminutivo de tamanho pequeno.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Eis alguns dos diminutivos em *-t-* que expressam a significação de tamanho pequeno:

BarquETA <~> BarchETA ou BarquETAs {‘pequena barca’} ◀ it. *barchETTA* ou fr. *barquETTE* ou esp. *barquETA*

CabrITAS {‘filhote de cabra jovem e pequeno’} ~← CabrITO < b.-lat. *caprĪTTUS*

CalabrETE ou CalabrETEs {‘pequeno calabre [corda, amarra]’} ← *CalabrE*

FoguETE ou FoguETEs {'fogo de pequenas dimensões'} ◀ cat. *foquETE*
 GalliOTA ou GalliOTAs {'pequena galé'} ◀ it. *galeOTTA* ou it. *galiOTA* ou fr. *galiOTTE* ou
 fr. *galliOTE*
 SaquETE {'pequeno saco'} ◀ esp. *saquETE*

Entre os diminutivos desse tipo, há os que associam o tamanho ao tempo de vida do referente, como nestes exemplos:

MullATOs {'filhote de mula pequeno e jovem'} ◀ cat. *mulAT* ou esp. *mulATO*
 PerdigOTOs {'filhote de perdiz pequeno e jovem'} < lat. vulg. **perdicOTTUS*

4.3.3 O sufixo *-ino* e suas variações

Diferentemente do que se verificou em relação aos *corpora* referentes aos séculos XIII e XIV, no século XV são identificados exemplos de diminutivos formados com o sufixo *-ino*, totalizando 4 ocorrências – o que representa 3,370% do total –, conforme abaixo:

PequenINA <~> PequenYNA ◀ esp. *pequeninA*
 PequenINO ou PequenINOs <~> PequenJNOs ◀ esp. *pequeninO*
 PequINOs [<~>] *PequenINO* ◀ esp. *pequenINO*
 TamanYNO <~> TamanINO ◀ esp. *tamañINO*

Como se observa a partir dos exemplos citados, todos esses diminutivos são empréstimo do espanhol, ou seja, nenhum dos diminutivos em *-ino* identificados nessa sincronia é formado em língua portuguesa.

4.3.3.1 O sufixo *-ino* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

A partir da análise dos diminutivos em *-ino* identificados ao longo do século XV, é possível perceber que esse sufixo é empregado, nesse período, com dois tipos de significação, a saber: *tamanho pequeno* e *intensidade*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

Há, apenas, 1 diminutivo em *-ino* que possui a significação de tamanho pequeno, conforme a seguir indicado:

TamanYNO <~> TamanINO {‘pequeno tamanho’} ◀ esp. *tamañINO*

b) *Diminutivos de intensidade*

Com as palavras abaixo, no entanto, por já terem, em sua forma primitiva, a significação de tamanho pequeno, esse sufixo tem o seu emprego mais voltado para a intensificação da característica expressa pelas respectivas palavras, atuando, portanto, como um diminutivo de intensidade:

PequenINA <~> PequenYNA {‘um tanto pequena’} ◀ esp. *pequeninA*

PequenINO ou PequenINOs <~> PequenJNOs {‘um tanto pequeno’} ◀ esp. *pequeninO*

PequinINOs [<~>] *PequenINO* {‘um tanto pequeno’} ◀ esp. *pequenINO*

4.3.4 Sufixos em *-lh-* e suas variações

No século XV, foram identificados somente 2 diminutivos que possuem em sua estrutura um sufixo em *-lh-* – correspondendo, assim, a 1,851% dos diminutivos desse século –, os quais seguem:

MigALHA <~> MiguALHA ou MigALHAs <~> MjgALHAs < lat. hsp. **micALĒA*

NouILHOs ◀ esp. *novILLO*

Verifica-se, dessa forma, que esses exemplos são os mesmos encontrados na sincronia anterior. Como já foram analisados na seção em que foram descritos naquele século, não os reanalisaremos aqui, remetendo para o que lá dissemos sobre os diminutivos em *-lh-*, tanto em relação à sua forma e funcionamento, quanto à sua semântica.

4.3.5 Sufixos em *-c-* e suas variações

Assim como os diminutivos em *-ino*, os que apresentam um sufixo em *-c-* aparecem pela primeira vez, em nossos *corpora*, no século XV, sob as formas *-aco*, *-aca* e *-ica*, conforme os exemplos a seguir:

VelhACAs ◀ esp. *vellACA* ou esp. *bellACA*
 VelhACO ou VelhACOs ◀ esp. *vellACO* ou esp. *bellACO*
 PelICAs <~> PellICAs ◀ esp. *pellICA*

No total, foram identificados 3 diminutivos, o que representa 2,777% dos diminutivos do século.

Nenhum desses diminutivos, no entanto, resulta, como vemos acima, de formação portuguesa, mas de empréstimo ao espanhol.

4.3.5.1 Sufixos em -c- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Com relação à semântica, esses diminutivos podem ser classificados em dois tipos: *tamanho pequeno* e *depreciação*.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Como diminutivo de tamanho, há somente 1 ocorrência, a qual é a palavra *pelica*, como segue:

PelICAs <~> PellICAs {‘pele fina’} ◀ esp. *pellICA*

b) Diminutivos de depreciação

Já os diminutivos de depreciação são em número de 2 ocorrências, as quais listamos na sequência:

VelhACAs {‘enganadora, traiçoeira’} ◀ esp. *vellACA* ou esp. *bellACA*
 VelhACO ou VelhACOs {‘mau, enganador’} ◀ esp. *vellACO* ou esp. *bellACO*

4.3.6 Sufixos em -l- e suas variações

Os diminutivos em -l-, no século XV, são encontrados em 9 exemplos, o que representa 8,333% dos diminutivos desse século. Eis os diminutivos identificados:

CapELA <~> CapeELA <~> CapeELLA <~> CapELLA <~> CappeELLA ou CapELLAs <~>
 CapELAs < lat. vulg. **cappELLA*
 CousELA < lat. vulg. **capsELLA*

GrandeZILLO ◀ esp. *grandeZIELLO* [<~>] esp. *grandeCILLO* <~> esp. *grandeÇJLLO*
 OdreZILLO ◀ esp. *odreZIELLO*
 PascoELA ◀ esp. *PasquIELLA*
 PortELLA < lat. vulg. **portELLA*
 RodELLAs < lat. vulg. **rotELLA*
 TaboeZILLAs ◀ esp. *tableZILLA*
 ViELAs ← ViA

Como se observa a partir dos exemplos acima, os sufixos em *-l-* manifestam-se sob as formas *-ela* ou *-ella*, *-zillo* e *-zilla*. Além disso, verifica-se que somente 1 desses diminutivos é formado em português, sendo os demais ou palavras herdadas do latim – ao todo 4 ocorrências –, ou empréstimo ao espanhol – também 4 ocorrências.

Em relação à palavra *viela* – a única formada em português, conforme indicado acima –, destaquem-se as seguintes características: trata-se de uma palavra formada a partir de uma palavra dissílaba paroxítona que termina em vogal átona oral, a qual é eliminada com o acréscimo do sufixo, conservando o gênero e a classe morfológica da palavra a partir da qual se formou.

4.3.6.1 Sufixos em *-l-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Do ponto de vista semântico, os diminutivos em *-l-* identificados no século XV são de três tipos: *tamanho pequeno*, *intensidade* e *quantidade*.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

A maioria dos diminutivos em *-l-* são do tipo diminutivo de tamanho, como se observa nas palavras abaixo:

CapELA <~> CapeELA <~> CapeELLA <~> CapELLA <~> CappeELLA ou CapELLAs <~>
 CapELAs {'pequena igreja'} < lat. vulg. **cappELLA*
 CousELA {'caixa pequena'} < lat. vulg. **capsELLA*
 OdreZILLO {'pequeno odre'} ◀ esp. *odreZIELLO*
 PortELLA {'porta pequena, passagem estreita'} < lat. vulg. **portELLA*
 RodELLAs {'pequena roda, pequeno escudo'} < lat. vulg. **rotELLA*
 TaboeZILLAs {'pequena tábua'} ◀ esp. *tableZILLA*
 ViELAs {'via estreita'} ← ViA

b) *Diminutivos de intensidade*

Há, ainda, 1 ocorrência de diminutivo que significa intensidade, conforme abaixo:

GrandeZILLO {‘um tanto grande’} ◀ esp. *grande*ZIELLO [<~>] esp. *grande*CILLO <~> esp. *grande*ÇJLLO

c) *Diminutivos de duração*

O outro diminutivo expressa a duração de determinado ‘evento’, como indicado na sequência:

PascoELA {‘pequena Páscoa, Páscoa de curta duração’} ◀ esp. *Pasqu*IELLA

4.3.7 Sufixos em *-ch-* e suas variações

Com a estrutura *-ch-*, que pela primeira vez ocorre em nossos *corpora*, foi identificado em textos portugueses do século XV um único sufixo – o que corresponde a 0,925% do total de diminutivos desse século –, sob a forma *-acho*, o qual ocorre na seguinte palavra:

RiACHO ◀ esp. *ri*ACHO

Como vemos, não se trata de uma palavra formada em português, mas de um empréstimo à língua espanhola.

4.3.7.1 *Sufixos em -ch- em seus contextos de emprego: caracterização semântica*

No que concerne à sua significação, é possível admitir que, a palavra *riacho*, conforme abaixo, possui as significações de *tamanho pequeno* e de *quantidade*:

RiACHO {‘rio pequeno e pouco volumoso’} ◀ esp. *ri*ACHO

Com a primeira, designa-se, propriamente, não o comprimento do curso de água, mas a sua largura: quando comparado a um rio, *riacho* é, portanto, um ‘rio estreito’; ao mesmo

tempo, por tratar-se de um curso de água estreito, um riacho possui – novamente, se comparado a um rio – pouca água, daí ser um curso de água ‘pouco volumoso’.

4.3.8 Os sufixos *-ulo* e *-culo* e suas variações

Outro sufixo diminutivo que se identifica no século XV e que ainda não havia ocorrido nas sincronias anteriores é o sufixo *-culo*, conforme abaixo²²⁶:

VersiCULO ◀ lat. *versiCŪLUS*

Trata-se de apenas 1 exemplo, o que dá a esse sufixo uma participação de 0,925% do total de diminutivos identificados. Além disso, observe-se que a palavra em questão não tem a sua formação em língua portuguesa, resultando, assim, de um empréstimo à língua latina.

4.3.8.1 Os sufixos *-ulo* e *-culo* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Quanto ao seu significado, a palavra *versiculo* caracteriza-se como um diminutivo que expressa *tamanho pequeno*, como a seguir indicado:

VersiCULO {‘pequeno verso ou pequena parte de um texto’} ◀ lat. *versiCŪLUS*

4.3.9 Sufixos em *-sc-*

Com a palavra *pidrisco*, citada na sequência, na qual é possível identificar o sufixo *-isco* (sufixo em *-sc-*)²²⁷, tem-se um sufixo que também não havia sido encontrado entre os diminutivos dos séculos XIII e XIV:

²²⁶ Fica convencionado, a partir deste momento, que, todas as vezes em que um diminutivo existente em português resultar de um empréstimo feito à língua latina, indicaremos no nominativo singular a forma sob a qual a referida palavra se manifesta nesta língua, admitindo, assim, que a sua forma plural foi construída em português.

²²⁷ O sufixo *-isco*, embora não tenha sido mencionado por nenhum dos gramáticos da língua latina comentados na seção 2.2.1.1, é apresentado por Nebrija (1773 [c.1488¹], p.134) e por Roboredo (1621, p.23) – cf. início da seção 2.2 – entre as terminações diminutivas da língua latina, sendo caracterizado pelo primeiro como de proveniência grega. Também Diez (1874 [1838¹], p.359) e Meyer-Lübke (1895 [1894¹], p.608) citam o sufixo

PidrISCO [<~>] PedrISCO ◀ esp. *pedrISCO*

A referida palavra – a única que possui esse sufixo ao longo do século XV –, no entanto, não se formou em português com o acréscimo do sufixo em questão, passando, pois, a fazer parte do léxico da língua portuguesa por meio de empréstimo feito à língua espanhola.

4.3.9.1 Sufixos em -sc- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

No que se refere à sua significação, a palavra *pidrisco* deve ser classificada como um diminutivo de *tamanho pequeno*, como se observa na sequência:

PidrISCO [<~>] PedrISCO {'pequena pedra'} ◀ esp. *pedrISCO*

4.3.10 O sufixo -ejo

O último sufixo a ser analisado ao longo desta sincronia é *-ejo*, o qual também ocorre pela primeira vez com significação diminutiva em todos os *corpora* do português arcaico analisados. Trata-se de uma única ocorrência, o que representa 0,925% dos diminutivos identificados, conforme abaixo:

CastelEJO ◀ esp. *castellEJO* ou esp. *castilleJO*

Verifica-se, desse modo, através da análise do exemplo citado, que o sufixo *-ejo* não forma diminutivo em português ao longo do século XV, uma vez que a palavra *castelejo* resulta de empréstimo ao espanhol.

4.3.10.1 O sufixo -ejo em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Sob a perspectiva de sua significação, a palavra *castelejo* caracteriza-se como um diminutivo de *tamanho pequeno*, como se indica a seguir:

grego *-ίσκος* com significação diminutiva, admitindo, inclusive, este autor (*op. cit.*, p.607) a existência, em latim, de diminutivos tomados de empréstimo à língua grega. Desse modo, consideraremos, ao longo desta pesquisa, o sufixo português *-isco* (assim como o espanhol *-isco*) como resultante da transformação do sufixo latino-vulgar **-iscus*, por sua vez empréstimo do grego *-ίσκος* (**-iscus* ◀ *-ίσκος*).

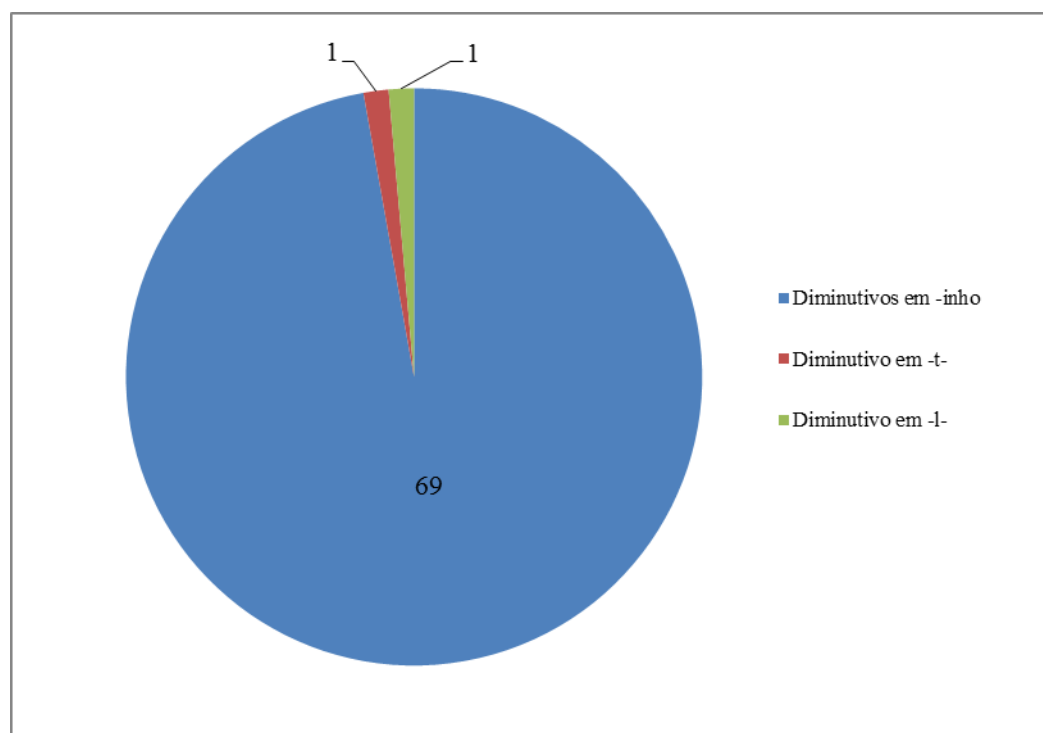
CastelEJO {‘pequeno castelo’} ◀ esp. *castelleJO* ou esp. *castilleJO*

4.3.11 Considerações preliminares

Considerando a análise acima empreendida acerca dos sufixos diminutivos identificados no século XV, verifica-se que a maioria deles não apresenta nenhum diminutivo formado em português, como ocorre com os sufixos *-ino*, em *-lh-*, em *-c-*, em *-ch-*, *-ulo* e *-culo*, em *-sc-* e *-ejo*. Outros sufixos, por sua vez, têm a maior parte de seus exemplos provenientes ou de empréstimo ou de palavras herdadas, como se observa em relação aos sufixos em *-t-* e em *-l-*. E somente o sufixo *-inho* possui a maioria de seus diminutivos formados em português.

Dessa forma, se considerarmos apenas os diminutivos que são formados em português, o Gráfico 15 passaria a figurar da maneira como segue:

Gráfico 21 – Diminutivos formados em português, em textos do século XV: ocorrências por sufixo



Fonte: O Autor

A partir do gráfico acima, é possível concluir, portanto, que a quase totalidade dos diminutivos formados em língua portuguesa e identificados no século XV resulta do acréscimo do sufixo *-inho* a uma palavra primitiva: são 69 ocorrências de *-inho*, contra 1 de

sufixos em *-t-* e 1 de sufixos em *-l-*, o que dá a cada um desses sufixos uma participação de 97,183%, 1,408% e 1,408%, respectivamente, em relação à totalidade dos diminutivos formados em português.

Além das características já destacadas, verifica-se que a análise dos diminutivos identificados no século XV permite, ainda, apontar outras, tal como segue:

- os diminutivos conservam o mesmo gênero das palavras das quais se originaram e pertencem à mesma classe morfológica que seus primitivos;
- somente o sufixo *-inho* é encontrado formando nome próprio;
- excetuando-se o sufixo *-inho* que forma diminutivos a partir de palavras que terminam em vogal átona oral, consoante, ditongo oral e ditongo nasal, os demais somente formam diminutivos a partir de palavras terminadas em vogal átona oral;
- do ponto de vista semântico, a maioria dos exemplos, significa *tamanho pequeno*, mas são encontradas outras significações, tais como *aproximação afetiva positiva*, *depreciação* e *quantidade*.

5 O SUFIXO DIMINUTIVO EM PORTUGUÊS MODERNO

A partir do século XVI – quando começam a surgir os primeiros estudos sobre a língua portuguesa, tais como gramáticas e manuais de ortografia –, sempre se encontrará uma descrição do sufixo diminutivo. Essas descrições, contudo, até fins do século XVIII, trazem poucas informações sobre o tema e ficam restritas, geralmente, aos âmbitos formal e semântico. A partir deste momento, porém, as descrições passam a ser mais amplas e contemplam tanto a forma e o funcionamento, quanto a semântica desses sufixos, embora também ainda deixem algumas questões sem resposta.

Neste capítulo, visamos, portanto, a descrever o sufixo diminutivo, tanto em seus aspectos formais e funcionais, quanto no semântico nas cinco sincronias que compreendem a história da língua portuguesa entre os séculos XVI e XX. Assim, apresentaremos uma análise acerca desse sufixo em cada um desses séculos, o que permitirá não somente conhecer os sufixos empregados em cada sincronia e a importância de cada um deles em cada uma delas, mas também o seu modo de combinação com a palavra primitiva. Com isso, teremos, ainda, ao final, uma visão de conjunto sobre esses sufixos ao longo dos cinco séculos, ou seja, teremos um conjunto de informações referentes não a uma sincronia, mas a várias, por meio do que será possível estabelecer um contraste entre cada uma das sincronias contempladas, do que resultará uma descrição do sufixo diminutivo português em um período de quinhentos anos.

Em suma, ao término deste capítulo, disporemos não só de um estudo sincrônico do sufixo diminutivo, mas também de um estudo diacrônico ou histórico sobre a forma, o funcionamento e a semântica dos sufixos diminutivos no período moderno da língua portuguesa, o que é algo de que, ainda, verdadeiramente, não se dispõe, uma vez que os estudos existentes – inclusive os mais recentes, conforme destacamos na *Introdução* (cf. seção 1.2) – ou focalizam uma sincronia em particular – do que resulta uma visão muito específica e fragmentada do fato –, ou misturam desordenadamente fatos de diversas sincronias, o que, por sua vez, não permite identificar o momento em que cada fato ocorre, por não se ter a delimitação clara das sincronias.

5.1 Os sufixos diminutivos em português no século XVI

As primeiras descrições do sufixo diminutivo existentes no âmbito da língua portuguesa são muito pouco informativas sobre a sua forma, o seu funcionamento e a sua

semântica²²⁸. Na *Gramática da Lingoagem Portuguesa* (OLIVEIRA, 2000 [1536¹]), ao referir-se aos sufixos diminutivos, Oliveira cita, apenas, exemplos com o sufixo *-inho* (e, ainda aqui, apresentando, somente, as formas *-inho*, *-inha*) — “[...] e os demenutiuos em *inho*. ou *inha*. como *moçinho moçinha* [...]” (p.222) —, não acrescentando qualquer outra informação, quer relativa à forma desses sufixos, quer ao seu funcionamento.

Em João de Barros (BARROS, *op. cit.*, p.7, destaques nossos), por seu lado, conforme citação a seguir, é possível compreender que o sufixo *-inho* – sob as formas *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* – é o principal sufixo formador de diminutivo nesse período:

NOME Diminutiuo, e aquelle que tem algũa diminuiçam do nome principal donde se deriuou: como de hómẽ, *homenzinho*, de molher, *molherzinha*, de moço, *mocinho*: de criança, *criancinha*. E outros muitos que se fórmam e acabam em diferentes terminações: mais per uontade do pouo que por regra de bõa Grammatica.

Ainda com base na citação acima, vemos que o autor informa acerca da existência de outros sufixos diminutivos, embora não os cite; porém, nada diz sobre o funcionamento desses sufixos.

Diante da postura descritiva apresentada por esses autores, ficam, então, alguns questionamentos, como os que seguem: além de *-inho*, quais são os outros sufixos diminutivos empregados ao longo do século XVI?; qual a importância deles para a formação de diminutivos nesse período?; o sufixo *-inho* é mesmo o mais importante formador de diminutivos nessa sincronia?; qual o funcionamento de cada um dos sufixos diminutivos empregados nesse século?; quais as significações que transmitem?²²⁹.

Considerando, portanto, todo o contexto posto, percebemos que tais questionamentos somente poderiam ser respondidos a partir da análise de um conjunto de palavras que

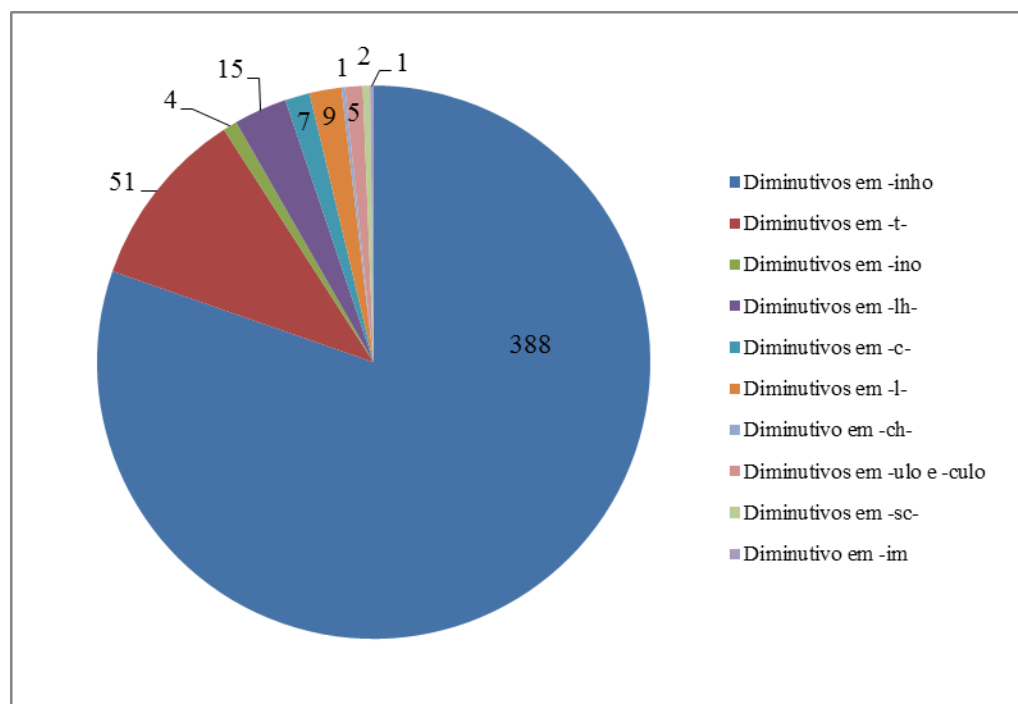
²²⁸ Em um primeiro momento, apontaremos, apenas, informações existentes nos instrumentos linguísticos analisados e que se refiram à forma e ao funcionamento dos sufixos diminutivos. Para uma visão da abordagem dada à semântica do diminutivo no século XVI – assim como nos seguintes –, remetemos ao que expusemos na seção que trata da descrição semântica do diminutivo *-inho* nesse(s) século(s).

²²⁹ Conforme teremos a oportunidade de expor nas seções referentes às sincronias seguintes, estes questionamentos não são exclusivos do século XVI, mas continuam – se não na totalidade, mas em uma boa parte – por serem respondidos em relação aos séculos XVII, XVIII e, inclusive, XIX e XX – estes os dois séculos em que o sufixo diminutivo se encontra mais bem descrito.

representassem um *corpus* de diminutivos do século XVI²³⁰, momento a partir do qual procedemos à sua constituição (cf. *Volume III, Apêndice B*)²³¹, do que resultou um total de 483 diminutivos, distribuídos entre os sufixos *-inho*, em *-t-*, *-ino*, em *-lh-*, em *-c-*, em *-l-*, em *-ch-*, *-ulo* e *-culo*, em *-sc-* e *-im*. Esses sufixos, no entanto, não possuem a mesma importância na formação dos diminutivos portugueses ao longo desse período, conforme se observa no Gráfico 22 a seguir:

²³⁰ As palavras que compõem este *corpus* não são exclusivas desta sincronia, do mesmo modo que as que compõem os *corpora* das demais não são exclusivas delas – seja os *corpora* do período referente ao português arcaico, seja os referentes ao português moderno –, ou seja, uma palavra que compõe o *corpus* referente ao século XVI poderá estar, também, constituindo o *corpus* referente ao século XIII ou ao XVII etc.. As coincidências descritivas que essas repetições proporcionarem, desde que significativas, serão apontadas à medida que cada sincronia for descrita.

²³¹ A identificação das palavras formadas por sufixos diminutivos ao longo do português moderno – da mesma forma que os que foram identificados em seu período arcaico – baseou-se em três pontos principais: *a*) a consideração de que o diminutivo não significa somente tamanho pequeno, conforme ficou demonstrado ao longo das seções 2 e 3.4.2; *b*) os diminutivos empregados ao longo desse período ou seriam aqueles que foram transmitidos ao português pelo latim vulgar, ou seriam sufixos emprestados de outras línguas, os quais lhes teriam sido transmitidos também via latim vulgar – caso fossem empréstimos românicos – ou latim clássico, como nos empréstimos eruditos (veja-se o que foi discutido em 3.4.1, alínea *e*); *c*) a consideração dos sufixos apontados como de significação diminutiva desde o século XVI, principalmente a partir de fins do século XVIII (este, como vemos, é um desdobramento do ponto *b*). Tudo isso, por sua vez, foi orientado pelo seguinte pensamento: *o sufixo diminutivo deve ter, simultaneamente, forma e significação considerada diminutiva*, ou seja, não bastaria ter a forma de sufixo diminutivo, teria que está atuando significativamente como diminutivo, e não bastaria ter significação correspondente a de diminutivo, teria que ter a forma de um sufixo diminutivo.

Gráfico 22 – Sufixos diminutivos em português no século XVI: ocorrências por sufixo

Fonte: O Autor

A partir desses dados, vemos, portanto, que, em língua portuguesa, no século XVI, o emprego do sufixo *-inho* (sob as formas *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha*)²³² constitui o principal mecanismo de formação de diminutivos nessa língua, sendo, aproximadamente, 7,6 vezes mais frequente que os sufixos diminutivos em *-t-* (*-ato*, *-ete*, *-eto*, *-eta*, *-ito*, *-ita*, *-ote*, *-ota*) – o segundo grupo de sufixos com maior número de palavras identificadas –, o que, em termos percentuais, representa 80,331% de palavras formadas com aqueles sufixos contra 10,559% destes. A participação dos demais sufixos nesse processo é, pois, muito pequena, sendo inferior a 10% do total de palavras identificadas.

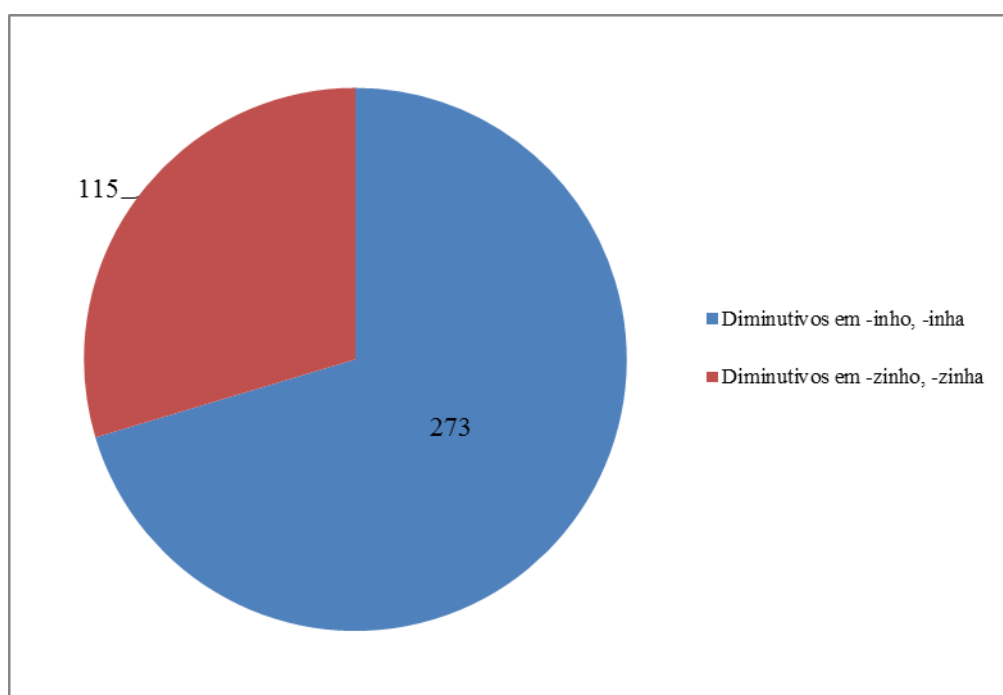
Com base, portanto, no *corpus* acima referido, passaremos à descrição dos sufixos diminutivos identificados em palavras da língua portuguesa empregadas ao longo do século XVI.

²³² Tanto *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha*, são encontrados, ao longo do século XVI – assim como dos próximos quatro séculos e como no português arcaico – com variações ortográficas. Assim, a vogal [i] é representada, geralmente, pelo grafema (-)i-, mas também encontramos (-)y- e (-)j- nessa posição; do mesmo modo, a consoante [z] aparece grafada, a partir do século XVI, ora com <s>, ora com <z>, sendo esta a forma mais geral.

5.1.1 O sufixo *-inho* e suas variações

Afirmamos, ao final da seção anterior, a partir dos diminutivos identificados ao longo do século XVI, que o sufixo *-inho* e suas variações constituem o sufixo diminutivo mais frequente (e, no caso, também o mais produtivo) da língua portuguesa nesse século. No entanto, a importância de cada uma das formas sob as quais esse sufixo se manifesta não é a mesma, como verificamos no gráfico a seguir:

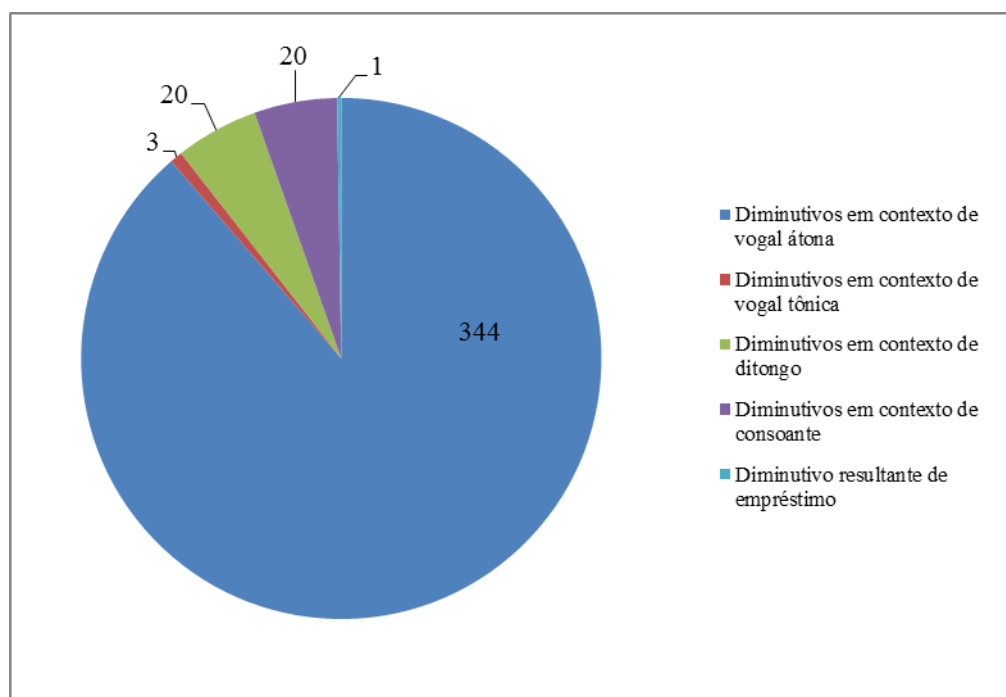
Gráfico 23 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* no século XVI: total de ocorrências



Fonte: O Autor

Ou seja, dos 388 diminutivos em *-inho* e suas variantes, 115 são em *-zinho*, *-zinha*; os demais, isto é, 273 são em *-inho*, *-inha*, o que permite concluir que estas formas são mais frequentes que aquelas.

Diferenças também são encontradas quanto aos contextos nos quais esse sufixo é empregado, uma vez que o encontramos tanto acrescentado a palavras cujas formas primitivas terminam em vogal átona, em consoante e em ditongo nasal ou oral, quanto em vogal tônica. No gráfico que segue, caracterizamos o sufixo *-inho* em relação aos diversos contextos nos quais se manifesta:

Gráfico 24 – Diminutivos em *-inho* no século XVI: contextos de ocorrência

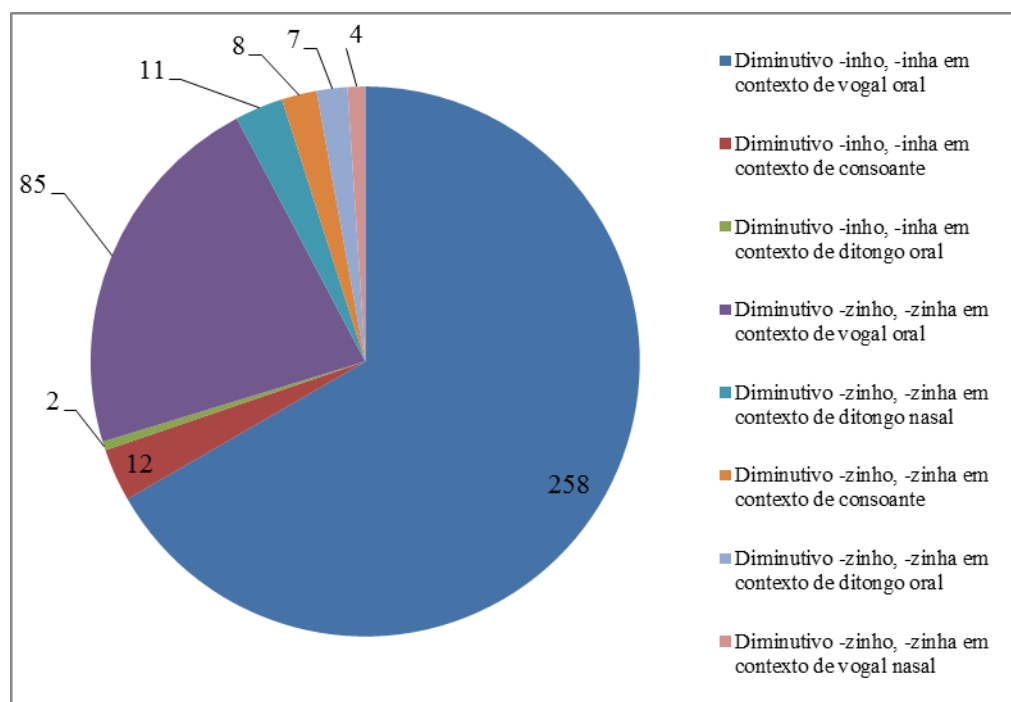
Fonte: O Autor

Vemos, desse modo, que esse sufixo é acrescentado²³³, predominantemente, a palavras terminadas em vogal átona – contexto que concentra 88,888% das ocorrências, ou 344 exemplos, sendo 342 orais e 2 nasais –, seguido pelas ocorrências em contexto de consoante e de ditongo, com respectivamente 20 e 20 (9 ditongos orais e 11 nasais) exemplos, ou 5,167%. Por sua vez, a menor frequência de emprego desse sufixo se deu em contexto de vogal tônica, no qual tivemos apenas 3 exemplos – 2 com vogal nasal e 1 com vogal oral –, o que corresponde a 0,775% dos diminutivos em *-inho* formados em português.

Mas como se comportam cada uma das formas do sufixo *-inho* nas construções em que ocorrem? Para responder a esse questionamento, observemos, inicialmente, o próximo gráfico:

²³³ Como vimos no Gráfico 24, entre os diminutivos identificados em textos portugueses do século XVI, há 1 exemplo cuja formação não se deu em português, isto é, trata-se de uma palavra que foi tomada de empréstimo a outra(s) língua(s). Esse tipo de exemplo – conforme já aqui advertimos – não será comentado, ao longo de nossa pesquisa, quanto à forma e ao funcionamento, motivo por que, quando ocorrer, será desconsiderado, e o número de palavras que serão analisadas será o resultado da subtração dos empréstimos a partir do número total identificado. Assim, ao longo do século XVI, foram identificados 388 exemplos de diminutivos em *-inho*; subtraindo desse total a quantidade de diminutivos emprestados de outras línguas – que corresponde a 1 –, restam 387 diminutivos formados em português. É este número que será considerado em nossas análises.

Gráfico 25 – Diminutivos em *-inho* e suas variações no século XVI: contextos específicos de ocorrência



Fonte: O Autor

Analisando, inicialmente, as informações relativas às formas *-inho*, *-inha*, vemos que o seu emprego é limitado a três contextos: *a*) palavras terminadas em vogal oral, as quais são todas átonas; *b*) palavras terminadas em consoante; *c*) palavras terminadas em ditongo oral. Os dois últimos desses contextos, respectivamente *b* e *c*, no entanto, com 12 (ou 4,411%) e 2 (ou 0,735%) ocorrências, representam, somente, 5,146% das ocorrências das formas *-inho*, *-inha*; contrastando com a quase insignificância de formações diminutivas com *-inho*, *-inha* nesses dois contextos, o número de diminutivos formados com essas mesmas formas sufixais em contexto de *vogal oral* é notável, alcançado um total de 258 exemplos, o que em termos percentuais representa 94,852% das formações em *-inho*, *-inha*. Em relação ao todo dos diminutivos formados com *-inho* e suas variantes – isto é, 387 palavras –, esses números representam, respectivamente, 3,100%, 0,516% e 66,666%.

Do mesmo modo que *-inho*, *-inha*, vemos, a partir do gráfico acima, que as formas sufixais *-zinho*, *-zinha* têm maior ocorrência em contexto de *vogal oral*, as quais foram identificadas em 85 exemplos (de um total de 115) ou 73,913% das ocorrências (dos quais 84 foram formados a partir de palavras primitivas terminadas em *vogal átona oral* e 1 a partir de *vogal tônica oral*) – isso é quase como se, de cada 4 palavras formadas com essas formas, 3 fossem a partir de palavras terminadas em vogal oral. Em seguida, os contextos mais

frequentes de ocorrência de *-zinho*, *-zinha* são: com palavras terminadas em *ditongo nasal* – encontram-se 11 ocorrências, o que corresponde a 9,565% das ocorrências dessa forma sufixal; com palavras terminadas em *consoante* – são encontrados 8 exemplos, equivalendo, assim, a 6,956%; com palavras terminadas em *ditongo oral* – 7 são os exemplos (ou 6,086% das ocorrências). Há, ainda, outro contexto, mas ele é bem menos importante: com palavras terminadas em *vogal nasal*, foram encontrados somente 4 diminutivos formados por *-zinho*, *-zinha*, o que equivale a 3,478% das ocorrências dessa forma sufixal. Em relação ao total dos exemplos formados com o sufixo *-inho* e suas variantes, os exemplos de *-zinho*, *-zinha*, nos contextos em análise, representam, respectivamente, 21,963%, 2,842%, 2,067%, 1,808% e 1,033%.

Com base nessas análises prévias em relação aos contextos nos quais as formas sufixais *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* são empregadas, algumas considerações merecem, portanto, ser destacadas:

a) *nenhuma dessas formas é empregada em um único contexto*

Tanto as formas sufixais *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha* são empregadas em mais de um contexto, com destaque para estas últimas cujos empregos foram identificados em um número maior de contextos, ao todo cinco. Não obstante isso, o emprego dessas formas predomina em algum(ns) contexto(s).

b) *alguns contextos favorecem mais o emprego de uma forma que de outra*

Com base nos dados acima, podemos afirmar que uma palavra primitiva que termina em vogal oral está mais propensa a receber as formas *-inho*, *-inha* que *-zinho*, *-zinha*, numa proporção de 3 para 1, ou seja, os dados referentes ao século XVI indicam que, de cada 4 palavras primitivas que terminam em vogal (átona) oral, 3 fazem o diminutivo em *-inho*, *-inha*, e apenas 1 o faz em *-zinho*, *-zinha*. Por outro lado, o contexto *ditongo oral* favorece o emprego de *-zinho*, *-zinha*.

c) *há contextos que são restritivos, admitindo o emprego de apenas uma dessas formas*

Os dados referentes ao século XVI indicam que a formação de diminutivos a partir de palavras terminadas em *ditongo nasal* ou em *vogal nasal* (e, embora contemos com apenas um exemplo, talvez possamos acrescentar aqui o contexto *vogal oral tônica*) só é feita com o acréscimo das formas *-zinho*, *-zinha*.

Considerando, portanto, essas características gerais acerca das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* e, ainda, os gráficos apresentados nesta seção, passaremos a descrever, de forma mais detalhada, o emprego de cada uma dessas formas nos contextos em que elas ocorrem.

5.1.1.1 O sufixo *-inho* em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional

As formas sufixais sob as quais se manifesta o sufixo diminutivo *-inho* em português não se caracterizam da mesma maneira nos contextos nos quais ocorrem. Desse modo, ao longo desta seção, ofereceremos uma caracterização desse sufixo – a partir da descrição das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* – em palavras empregadas em textos do século XVI, tendo por base os contextos identificados nos Gráficos 24 e 25. Além desses contextos – que podem ser resumidos em um só, que é a *terminação da palavra primitiva* –, analisaremos essas formas ainda sob a ótica do *número de sílabas das palavras às quais são acrescentadas* para formar o diminutivo e da *posição da sílaba tônica na palavra primitiva*.

5.1.1.1.1 O diminutivo *-inho* em contexto de vogal átona oral

Dentre os 387 diminutivos identificados ao longo do século XVI, 342 têm a sua forma primitiva terminada em *vogal oral átona*. Destes, 258 receberam as formas sufixais *-inho*, *-inha*, o que corresponde a 75,438% dos casos, conforme os exemplos abaixo:

AldrabINHAs ← AldrabA

AlvINHO ← AlvO

BranquINHAs ← BrancA

CaldINHO ← CaldO

CarpINHAs ← CarpA

CordeirINHAs ← CordeirA

InocentINHOS ← InocentE

MontINHOS ← MontE

PedacINHO ← PedaçO

RatINHO ← RatO

RedondINHO ← RedondO

VerguINHAs ← VergA

Ainda em conformidade com os dados, é possível concluir que a formação de diminutivos com a forma sufixal *-inho*, *-inha*, nesse contexto, dá-se, sempre, da seguinte maneira: *elimina-se a vogal átona final e acrescenta-se o sufixo de significação diminutiva* (cf. os exemplos citados em referência ao parágrafo anterior).

Há de destacar-se, ainda, que, quando ocorre de essas formas sufixais serem acrescentadas a palavras terminadas em vogal átona oral antecedida de um ditongo oral cujo segundo som vocálico é [j], há – além da referida apócope da vogal átona oral – a fusão da vogal do sufixo com a semivogal do radical, conforme identificamos em dois dos exemplos de nosso *corpus*:

PraYNHAs ← *PrayA* <~> *PraiA*
 SaINHO ou SaINHOS <~> SaYNHOS ← *SaiO* <~> *SayO*

Contra as 258 ocorrências de *-inho*, *-inha* em contexto de vogal átona oral, há 84 de *-zinho*, *-zinha* nesse mesmo contexto, o que, em termos percentuais, é equivalente a 24,561% das ocorrências de *-inho* e suas variações.

Diferentemente do que ocorre naquele tipo de formação [nos diminutivos formados com *-inho*, *-inha*], neste [nos formados com *-zinho*, *-zinha*] a vogal átona oral não é eliminada, sendo, pois, o sufixo acrescentado logo após essa vogal, tal como nos exemplos que apresentamos abaixo:

AruoreSINHAs ← *Aruore*
 AveZINHAs ← *AvE*
 BategaZINHA ← *BategA*
 GadoZINHO ← *GadO*
 HermidaZINHA ← *HermidA*
 LivroZINHO ← *LivrO*
 MosteiroZINHO ← *MosteirO*
 SobradoZINHO ← *SobradO*
 TumbaZINHAs ← *TumbA*
 VelhoZINHO ← *VelhO*

Com alguma frequência, encontramos, no entanto, essa vogal final modificada em outra vogal, geralmente representada pelo grafema <e> (e menos frequentemente por <i>) – semelhantemente ao que se verificou no século XV, conforme discutido em 4.3.1.1.1 –, como ocorre nos exemplos a seguir:

ChacoteZINHA ← *ChacotA*

ConcheSINHAs ← *ConchA*

FilheZINHOS ← *FilhO*

FilhiZINHOS ← *FilhO*

PedreZINHA ← *PedrA*

PonteSINHA ← *PontA*

PreteZINHA ← *PretA*

SopeZINHAs ← *SopA*

TroveZINHAs ← *TrovA*

VenteZINHO ← *VentO*

Essa alteração, no entanto, somente se dá quando as formas primitivas são terminadas nos grafemas <a> e <o>, ou seja, se a palavra termina, por exemplo, em <e> a vogal átona final permanece inalterada:

AlvoreZINHAs ← **AlvorE* [<~>] *ArvorE* <~> *ÁrvorE*

ArvoreZINHAs <~> *AruoreSINHAs* ← *ArvorE* <~> *ÁrvorE* <~> *AruorE*

ArvoreZINHO ← *ArvorE* <~> *ÁrvorE*

AveZINHA ou *AveZINHAs* ← *AvE*

BigodeZINHOS ← *BigodE*

BaluarteZINHO ← *BaluartE*

CofreZINHO ← *CofrE*

FolleZINHOS ← **FollE* <~> *FolE*

MonteZINHO ← *MontE*

MorteZINHAs ← *MortE*

PagodeZINHO ou *PagodeZINHOS* ← *PagodE*

PelleZSINHA ← *PellE* <~> *PeLE*

PobreZINHA ← *PobrE*

PoteZINHO ← *PotE*

PresenteZINHOS <~> *PresentesZINHOS* ← *PrezentE*

TanqueZINHO ← *TanquE*

TraueZINHAs ← *TrauE* <~> *TravE*

Poderíamos, então, afirmar que os grafemas vocálicos <e> e <i> – ou as vogais [e] e [i] – favorecem o emprego de *-zinho*, *-zinha*? Se assim o fizéssemos, estaríamos incorrendo em um erro grave, pois os dados nos indicam outro tipo de conclusão. Ao longo do *corpus* aqui analisado, foram encontrados 18 diminutivos cujas formas primitivas terminavam em <e>, mas cujos diminutivos são feitos com o acréscimo de *-inho*, *-inha* e não com *-zinho*, *-zinha*, como demonstram os exemplos abaixo:

AlfacINHA ← *AlfacE*
 AlfenetINHOS ← *AlfenetE* [<~>] *AlfinetE*
 AtabaquINHO ← *AtabaquE*
 AzorraguINHO ← *AzorraguE*
 BarretINHO ou BarretINHOS ← *BarretE*
 CortINHA ou CortINHAS ← *CortE*
 DentINHOS ← *DentE*
 FebrINHA ← *FebrE*
 FerretINHO ← *FerretE*
 FradINHOS ← *FradE*
 InocentINHOS ← *InocentE*
 JoanINHO ← *JoanE*
 LeuINHA ← *LeuE* [<~>] *LevE*
 MolINHA ← *MolE*
 MontINHOS ← *MontE*
 PeyxINHO ou PeyxINHOS [<~>] PeixINHOS ← *PeyxE* [<~>] *PeixE*
 PrezentINHO ou PresentINHOS ← *PrezentE* [<~>] *PresentE*
 TanquINHO ← *TanquE*

Aliás, nos dados analisados, o número de ocorrências de diminutivos formados com *-inho*, *-inha*, a partir de palavras terminadas em <e> átono oral, é maior que o de *-zinho*, *-zinha* nesse mesmo contexto – respectivamente 18 e 17.

Não é, portanto, no contexto e na sincronia em destaque, o uso dessas formas sufixais determinado pelo grafema ou pelo som vocálico. Como explicar, então, a opção por *-inho*, *-inha* ou *-zinho*, *-zinha*, quando se observam os diminutivos formados a partir do acréscimo dessas formas sufixais a palavras primitivas terminadas em vogal átona oral? Haveria alguma

relação entre o emprego de uma dessas formas sufixais nesse contexto e o número de sílabas da palavra primitiva ou a posição de sua sílaba tônica?

Para início de argumentação, faz-se importante considerar que foram identificados ao longo do século XVI, em contexto de vogal oral átona, somente palavras com duas ou mais sílabas e que tanto uma, quanto a outra forma sufixal são acrescentadas a palavra dissílabas, trissílabas ou polissílabas, conforme quadros a seguir:

Quadro 33 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de vogal átona oral em palavras dissílabas: séc. XVI

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>	Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>	Palavras primitivas
AluINHA ←	<i>AlvA</i>	AveZINHA ou AveZINHAs ←	<i>AvE</i>
BestINHA ←	<i>BestA</i>	FilhaZINHA ←	<i>FilhA</i>
CortINHA ou CortINHAs ←	<i>CortE</i>	MansoZINHO ←	<i>MansO</i>
LeuINHA ←	<i>LeuE <~> LevE</i>	RamoZINHO ←	<i>RamO</i>
LivrINHO ←	<i>LivrO</i>	TanqueZINHO ←	<i>TanquE</i>
RamINHO ou RamINHOS ←	<i>RamO</i>	VoltaZINHA ←	<i>Volta</i>

Fonte: O Autor

Quadro 34 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de vogal átona oral em palavras trissílabas: séc. XVI

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>	Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>	Palavras primitivas
AlfacINHA ←	<i>AlfacE</i>	AlvoreZINHAs ←	* <i>AlvorE</i> [<~>] <i>ArvorE</i> <~> <i>ÁrvorE</i>
BacorYNHO ←	<i>BacorO</i>	BandejaZINHA ←	<i>BandejA</i>
BarretINHO ou BarretINHOS ←	<i>BarretE</i>	MosteiroZINHO ←	<i>MosteirO</i>
CuitadINHA ←	<i>CuitadA</i>	PagodeZINHO ou PagodeZINHOS ←	<i>PagodE</i>
EscadINHA ←	<i>EscadA</i>	SobradoZINHO ←	<i>SobradO</i>
ReguemguJNHO ←	<i>ReguemgO</i>	VarandaZINHA ←	<i>VarandA</i>

Fonte: O Autor

Quadro 35 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de vogal átona oral em palavras polissílabas: séc. XVI

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>		Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>		Palavras primitivas
AlcouviteirINHO	←	<i>AlcouviteirO</i>	AlmadiaZINHA	←	<i>AlmadiA</i>
AtabaquINHO	←	<i>AtabaquE</i>	BaluarteZINHO	←	<i>BaluartE</i>
CarapuçINHAs	←	<i>CarapuçaA</i>			
InocentINHOs	←	<i>InocentE</i>			
MalhadeyrINHO	←	<i>MalhadeyrO</i>			
MexeriqueirINHA	←	<i>MexeriqueirA</i>			

Fonte: O Autor

Nas 342 ocorrências de diminutivos em *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* em contexto de vogal oral átona (divididas entre as 258 das primeiras formas e 84 das segundas – numa proporção de 3 para 1, conforme já apontamos), encontramos os seguintes resultados quanto ao emprego desse sufixo em relação ao número de sílabas da palavra primitiva: 136 ocorrências de *-inho*, *-inha* contra 53 de *-zinho*, *-zinha* com palavras dissílabas; 111 ocorrências de *-inho*, *-inha* contra 28 de *-zinho*, *-zinha* com palavras trissílabas; 12 ocorrências de *-inho*, *-inha* contra 2 de *-zinho*, *-zinha* a partir de palavras polissílabas.

Considerando, pois, os dados acima postos, concluímos que o uso de *-inho*, *-inha* e de *-zinho*, *-zinha* é influenciado pela quantidade de sílabas que possui a palavra primitiva, tenha esta duas, três ou mais sílabas. Diferente, no entanto, é a influência de cada um desses contextos, pois, enquanto as palavras diminutivas formadas a partir de palavras dissílabas estão numa proporção de 2,5 para 1 – algo próximo à proporção geral –, as formadas a partir de palavras trissílabas sobem para uma proporção de 4 para 1, e as polissílabas, 6 para 1. Assim, temos que, quando a palavra primitiva possui três ou mais sílabas, o emprego de *-inho*, *-inha* é mais frequente. Em outras palavras, podemos dizer que, em contexto de vogal oral átona, quanto maior for a palavra menor é a probabilidade de serem empregadas as formas *-zinho*, *-zinha* para formar diminutivos.

Outro fator que exerce influência, ao longo deste século, no emprego dessas formas diminutivas, no contexto em destaque, é a posição da sílaba tônica da palavra primitiva. Assim, dos 325 diminutivos em *-inho* formados a partir de palavras paroxítonas, 247 receberam as formas *-inho*, *-inha*, enquanto as formas *-zinho*, *-zinha* ocorrem em 78 exemplos, ou seja, as primeiras formas são responsáveis pela formação de 76% dos diminutivos em *-inho*, e as demais, por 24%.

Também em relação aos diminutivos que derivam de palavras proparoxítonas, as formas *-inho*, *-inha* são bem mais frequentes, formando quase que o dobro de palavras obtidas com o emprego de *-zinho*, *-zinha* – dos 17 exemplos que pertencem a esse contexto, 11 recebem as formas *-inho*, *-inha*, e 6, as outras formas, o que corresponde, respectivamente, a 64,705% e 35,294%.

Há de destacar-se, portanto, com base nos dados, que *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* não só podem ocorrer formando diminutivos a partir de palavras primitivas que terminam em vogal oral átona – com as particularidades de cada contexto, conforme aqui descrito –, como podem ocorrer simultaneamente formando diminutivos de uma mesma palavra. Assim, nos dados referentes ao século XVI, identificamos 23 exemplos de palavras que possuem, ao mesmo tempo, um diminutivo em *-inho*, *-inha* e outro (ou mais de um) em *-zinho*, *-zinha*, dos quais damos uma mostra apresentando as formas diminutivas a seguir:

ConchINHAs ← *ConchA*

ConcheSINHAs ← *ConchA*

CorpINHO ou CorpINHOS ← *CorpO*

CorpoZINHOS ← *CorpO*

FilhINHA ou FilhINHAs ← *FilhA*

FilhaZINHA ← *FilhA*

FilhINHO ou FilhINHOS ← *FilhO*

FilheZINHOS ← *FilhO*

FilhiZINHOS ← *FilhO*

FilhoZINHOS <~> FilhosZINHOS ← *FilhO*

FolhINHAs ← *FolhA*

FolheSINHAs ← *FolhA*

MansINHOS ← *MansO*

MansoZINHO ← *MansO*

LivroZINHO ← *LivrO*

LivrINHO ← *LivrO*

OuteirINHO ← *OuteirO*
 OuteiroZINHO ← *OuteirO*

PedrINHA ou PedrINHAs ← *PedrA*
 PedreZINHA ← *PedrA*
 PedraZINHAs ← *PedrA*

TanquINHO ← *TanquE*
 TanqueZINHO ← *TanquE*

Diante de tal fato e considerando as características de emprego de cada uma dessas formas sufixais no contexto em análise, concluímos não se tratarem de formas excludentes nesse contexto, mas somente de formas concorrentes.

5.1.1.1.2 O diminutivo *-inho* em contexto de consoante

Outro contexto no qual se encontram empregadas as formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* no século XVI é diante de palavras cujas formas primitivas terminam em consoante, conforme exemplos no quadro abaixo:

Quadro 36 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de consoante: séc. XVI

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>		Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>		Palavras primitivas
AlguidarINHO <~> AllguidarINHO	←	<i>AlguidaR</i> <~> <i>AllguidaR</i>	AltarZINHO	←	<i>AltaR</i>
CasaYNHOs ←		<i>CasaL</i>	BacharelZYNHO ←		<i>BachareL</i>
InesINHA ←		<i>IneS</i> <~> <i>InêS</i>	MolherZINHA <~>		<i>MolheR</i>
NarizINHOS ←		<i>NariZ</i>	MolhèrZINHA ←		
PastorINHO ou		<i>PastoR</i>	PapelZINHOS ←		<i>PapeL</i>
PastorINHOS ←			PastorZINHO ←		<i>PastoR</i>
SaulINHO ←		<i>SauL</i>	VaporZINHO ←		<i>VapoR</i>

Fonte: O Autor

Nesse século, foram encontradas 20 ocorrências dessas formas sufixais nesse contexto, das quais 12 são em *-inho*, *-inha*, e 8, em *-zinho*, *-zinha*. Essas formas, por sua vez,

ocorrem tanto diante da consoante <l>, quanto de <r> – dos 12 diminutivos em *-inho*, *-inha* que fazem parte do *corpus* em análise, 5 têm palavras primitivas terminadas em <r>, e 4, em <l>; já em relação aos diminutivos em *-zinho*, *-zinha*, 6 formaram-se a partir de formas primitivas em <r>, e 3, em <l>. Desse modo, observa-se que, com palavras terminadas na consoante <r>, as formas *-zinho*, *-zinha* são mais empregadas que *-inho*, *-inha*, não havendo, contudo, uma grande diferença de uma para a outra – as primeiras se fazem presentes em 54,545% das formações, e as outras em 45,454%; com palavras terminadas em <l>, *-inho*, *-inha* são mais frequentes: ocorrem em 57,142% dos diminutivos contra 42,857% das formas *-zinho*, *-zinha*. Quando, no entanto, a palavra primitiva termina em <s> ou <z>, só são empregadas as formas *-inho*, *-inha*.

Assim, considerando o exposto, verifica-se que o contexto *tipo de consoante* pode influenciar no uso das formas do sufixo *-inho*.

Ainda exerce influência – embora também sem grande destaque –, no emprego dessas formas, o número de sílabas da palavra primitiva: tanto *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha* são empregadas com palavras dissílabas, mas as primeiras foram encontradas em uma quantidade um pouco maior – há 9 ocorrências de *-inho*, *-inha*, e 8 de *-zinho*, *-zinha*; o mesmo fato se observa com palavras trissílabas – foram identificadas 2 ocorrências das primeiras formas e 1 das últimas.

Em relação à tonicidade da palavra primitiva, só é possível concluir que palavras oxítonas terminadas em consoante podem receber, indiferentemente, tanto *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha* (cf. exemplos do Quadro 36)²³⁴.

Por fim, é importante salientar – em virtude de fatos acima postos, como a possibilidade de emprego das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* em um mesmo contexto – a existência das duplas formas diminutivas para uma mesma forma primitiva, ou seja, há palavras terminadas em consoante que admitem tanto um diminutivo em *-inho*, *-inha*, quanto em *-zinho*, *-zinha*, conforme os exemplos abaixo:

LugarINHO ← LugaR

LugarZINHO ← LugaR

²³⁴ Uma vez que todas as 20 palavras identificadas são oxítonas, limitaremos nossa conclusão a esse tipo de palavras, não a estendendo, portanto, nem às monossílabas, nem às paroxítonas, nem às proparoxítonas.

PastorINHO ou PastorINHOS ← *PastoR*

PastorZINHO ← *PastoR*

Quanto ao processo de formação de diminutivos a partir do contexto em destaque, é possível formular a seguinte regra geral: *acrescente-se -inho, -inha ou -zinho, -zinha, a consoante final é mantida*. Seguindo, portanto, essa regra geral, temos que a forma sufixal a ser empregada na formação do diminutivo é inserida logo após a consoante, o que é feito sem que haja a inserção de uma vogal de apoio entre ambas. Quando, no entanto, se trata de formações plurais, o plural interno pode ou não ser feito, uma vez que essa flexão será marcada no final da palavra, como vemos nos exemplos que seguem:

CasaYNHOS ← *CasaL*

MulheresZINHAs ← *MulheR*

NarizINHOS ← *NariZ*

5.1.1.1.3 O diminutivo *-inho* em contexto de ditongo oral

Ao longo do *corpus* analisado, identificamos 9 exemplos de palavras cujas formas primitivas terminavam em ditongo oral. Na maioria deles – em 7 ocorrências, o que significa 77,777% dos casos –, o diminutivo formado apresenta um grafema consonantal – o qual pode ser <s> ou <z> – antecedendo *-inho*, *-inha*, dando origem às formas *-zinho*, *-zinha*, conforme segue:

PaoSINHO <~> PaoZINHO ou PaosZINHOS ← *PAO*

RelógioZINHO ← *RelogIO*

ReyZINHO ← *REY*

CartapacioZINHO ← *CartapacIO*

PauZINHOS ← *PAU*

FioZINHO ← *FIO*

GarajauSINHOS ← **GarajAU*

Somente em 2 ocorrências (ou 22,222% dos casos) – as quais seguem –, portanto, houve o emprego das formas *-inho*, *-inha* para formar diminutivos nesse contexto:

TauoINHA ← *Tau*OA <~> *Táv*OA

TaboINHAs ← *Tab*OA

Com isso, vemos que o contexto ditongo oral é 3,5 vezes mais favorável ao emprego das formas *-zinho*, *-zinha* que ao de *-inho*, *-inha*.

A partir desses exemplos, pode-se observar que o uso de cada uma dessas formas é influenciado, de certa forma, pelo número de sílabas da palavra primitiva, bem como pela posição de sua sílaba tônica. Assim, os 4 diminutivos derivados de palavras monossílabas – as quais são tônicas – são todos formados com *-zinho*; os 2 que se originam de palavras dissílabas receberam *-inha*; os originados de palavras trissílabas – ao todo 2 – resultam do acréscimo de *-zinho*, do mesmo modo que o único exemplo originado da palavra polissílaba.

Quando à influência da sílaba tônica, temos o que segue: dos 4 diminutivos formados a partir de um monossílabo tônico, todos recebem *-zinho*; dos 4 diminutivos com origem em palavras paroxítonas, 2 receberam essa mesma forma, mas outros 2 se formaram com *-inha*; há, também, 1 diminutivo formado de uma palavra oxítônica, à qual foi acrescentada a forma *-zinho*.

É possível observar, ainda, a partir dos exemplos apresentados, que, quando as formas acrescentadas são *-zinho*, *-zinha*, não ocorre nem eliminação, nem alteração da vogal final da palavra primitiva, ou seja, o ditongo oral se mantém intacto para receber essas formas; se, porém, essas formas são *-inho*, *-inha*, temos a eliminação do último som vocálico do ditongo.

5.1.1.1.4 O diminutivo *-inho* em contexto de vogal nasal, ditongo nasal e vogal oral tônica

Ao longo do século XVI, foram encontrados 16 diminutivos formados a partir de palavras primitivas terminadas em vogal nasal, ditongo nasal ou vogal oral tônica, alguns dos quais estão apresentados abaixo:

CaixõZINHO ← **Caix*Õ <~> **Caix*ON <~> **Caix*OM

CaldeirãoZINHO <~> CaldeiranZINHO ← *Caldeir*ÃO <~> *Caldeir*AM

CapelamZYNHO ← *Capela*M

GaliãoZINHO ← *Gali*ÃO

ImagenZINHA ou ImagenZINHAs ← *Image*N <~> *Image*M

NuZINHOS ← *NU*

MãoZINHA ou MãoSINHAs ← MÃO
 IrmãoZINHO ou IrmãoSINHOS ← IrmÃO
 MenhãZINHAs ← MenhÃ

A análise desses exemplos revela que as palavras primitivas que terminam em *ditongo nasal, vogal nasal* e (embora contemos com apenas um exemplo, talvez possamos acrescentar aqui o contexto) *vogal oral tônica* só formam o diminutivo por meio do acréscimo das formas *-zinho, -zinha*. Também se verifica, aqui, que o sufixo diminutivo é acrescentado diretamente à forma da palavra primitiva, sem que promova alteração nela.

5.1.1.2 *O sufixo -inho na relação entre o gênero do primitivo versus o gênero do derivado e classe de palavra do primitivo versus classe de palavra do derivado*

Nesta seção, chamamos a atenção para dois aspectos: a relação entre o gênero da palavra primitiva e o gênero da palavra derivada; e a relação entre a classe morfológica da palavra primitiva e a classe morfológica da palavra derivada. Tanto em um, quanto em outro aspecto, as palavras formadas com o acréscimo de *-inho* e suas variações – quando comparadas com essas mesmas características das palavras às quais foram acrescentadas – comportam-se conforme os exemplos a seguir:

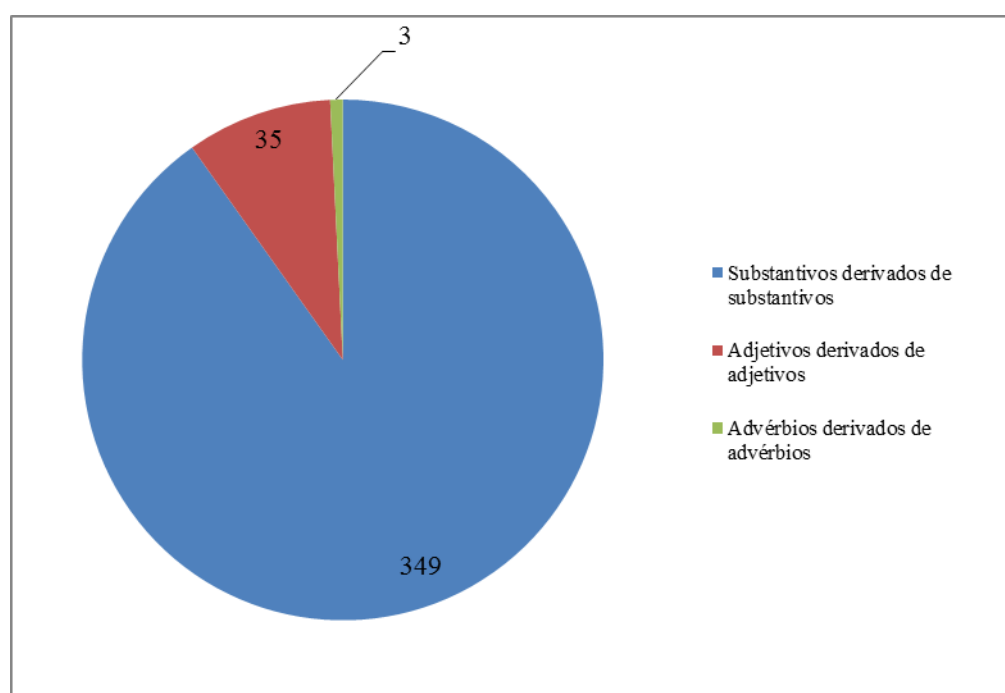
AlmA → *AlmINHAs* (Sf → Sf)
AluA <~> *AlvA* → *AluINHA* (Adjf → Adjf)
BordÃO → *BordãoZINHO* (Sm → Sm)
CachopO → *CachopINHO* (Sm → Sm)
DoudO → *DoudINHO* (Adjm → Adjm)
FolhA → *FolheSINHAs* (Sf → Sf)
InocentE → *InocentINHOS* (Adjm → Adjm)
MansO → *MansoZINHO* (Adv → Adv)
MenhÃ → *MenhãZINHAs* (Sf → Sf)
MeudA <~> *MeúdA* → *MeudINHA* (Adjf → Adjf)
MulheR → *MulheresZINHAs* (Sf → Sf)
NU → *NuZINHOS* (Adjm → Adjm)
PassO → *PassINHO* (Adv → Adv)
PresentE → *PresentINHOS* (Sm → Sm)
RamO → *RamoZINHO* (Sm → Sm)

REY → ReyZINHO (Sm → Sm)

VarA → VarINHAs (Sf → Sf)

Assim, verifica-se o estado de *não-mutabilidade* dessas propriedades morfológicas por parte desses diminutivos. Com isso, do total de palavras formadas em português com esse sufixo – vimos no Gráfico 24 que esse número é 387 –, temos que a absolutíssima maioria é formada de substantivos – os substantivos correspondem a 349 exemplos –, sendo encontrados ainda alguns poucos adjetivos – ao todo 35 – e mais raramente, ainda, advérbios – há somente 3 advérbios –, tal qual apresentamos no gráfico abaixo:

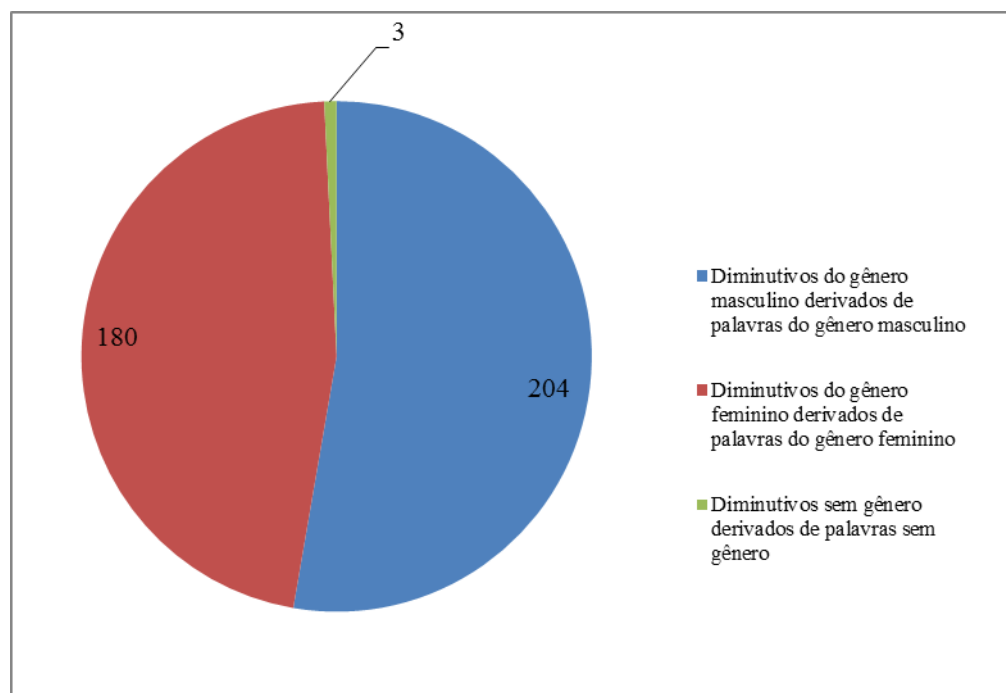
Gráfico 26 – Diminutivos em *-inho* no século XVI: classe de palavra do primitivo *versus* classe de palavra do derivado



Fonte: O Autor

Quanto ao gênero, somente encontramos três palavras primitivas que não possuíam gênero, por se tratarem de advérbios, os quais deram origem a outros advérbios; das demais, 204 são do gênero masculino – 138 em *-inho*, *-inha* (das quais 127 são substantivos, e 11, adjetivos) e 65 em *-zinho*, *-zinha* (sendo 64 substantivos e 1 adjetivo) –, e 180 do feminino – 132 em *-inho*, *-inha* (sendo 113 substantivos e 19 adjetivos) e 48 femininos (das quais 44 são substantivos, e 4, adjetivos). No gráfico a seguir, representamos os resultados obtidos a partir da análise do gênero das palavras formadas com o diminutivo *-inho* e suas variantes:

Gráfico 27 – Diminutivos em *-inho* no século XVI: gênero da palavra primitiva *versus* gênero da palavra derivada



Fonte: O Autor

Constrastando, portanto, o gênero da palavra primitiva com o gênero do derivado, verificamos que, dentre os exemplos por nós analisados nesta seção, não houve nenhuma divergência.

Diante do exposto, podemos, portanto, afirmar que o diminutivo em *-inho* conserva o gênero da palavra a partir da qual se formou, assim como a sua classe de palavra.

Outra característica dos diminutivos formados com esse sufixo, em relação ao século XVI, é a existência de nomes próprios diminutivos originados a partir de outros nomes próprios – são apenas 6 exemplos, o que significa 1,550% em relação ao total –, conforme ilustram os exemplos abaixo:

AfonsINHO ← *AfonsO*
 CismenINHA ← *CismenA*
 GonçalINHO ← *GonçalO*
 InesINHA ← *IneS* <~> *InêS*
 JoanINHO ← *JoanE*
 SaulINHO ← *SauL*

Ao analisá-los, é possível perceber que, como os substantivos comuns e os adjetivos, eles pertencem à mesma classe gramatical e conservam o mesmo gênero da palavra a partir da qual se formaram. Além disso, no que se refere à combinação dessas formas sufixais com a palavra primitiva, verifica-se que elas não se afastam do que foi descrito nas seções 5.1.1.1.1 e 5.1.1.1.2, isto é, as palavras primitivas que terminam em vogal átona oral recebem as formas *-inho*, *-inha*, eliminando essa vogal; e a palavra que termina em <s> também recebe *-inha*, do mesmo modo que a terminada em <l> – embora neste contexto fosse possível o emprego também de *-zinho*, *-zinha*, assim como havia a possibilidade de que estas formas pudessem ser empregadas no contexto vogal átona oral.

5.1.1.3 O sufixo *-inho* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Do mesmo modo que quase nada há, no século XVI (ou a respeito desse século), sobre os sufixos diminutivos portugueses no que se refere a seus aspectos formais e funcionais, muito pouco há, também, em relação à sua semântica.

Em João de Barros, ao considerar-se o conceito e os exemplos de diminutivos apresentados pelo autor – o qual diz: “NOme Diminutiuo, e aquelle que tem algũa diminuiçam do nome principal donde se deriuou: como de *hómẽ*, *homenzinho*, de *molher*, *molherzinha*, de *moço*, *mocinho*: de *criança*, *criancinha*” (BARROS, *op. cit.*, p.7, destaques nossos) –, encontra-se referência somente aos diminutivos que são responsáveis por indicar *diminuição de tamanho*. O mesmo fato se pode concluir de Oliveira (*op. cit.*, p.222), o qual apresenta *mocinho* e *mocinha* como exemplos de diminutivos.

Os diminutivos identificados ao longo do século XVI indicam, no entanto, que, nessa sincronia, essa não é a única significação que os sufixos diminutivos acrescentam às palavras, havendo, pois, exemplos nos quais são possíveis de serem reconhecidas diversas significações, tais como as de *intensidade*, de *quantidade*, de *duração* etc..

Desse modo, na sequência buscaremos identificar algumas dessas significações. A proposta de classificação semântica dos diminutivos que ofereceremos, aqui, por não ser inédita na história dos estudos sobre o diminutivo em português – embora o seja em relação ao século XVI –, buscará reunir em um menor número de nomenclaturas as várias significações transmitidas pelos sufixos diminutivos, colocando sob uma mesma terminologia

as significações próximas entre si²³⁵. Consideraremos, dessa forma, somente seis tipos de diminutivo, a saber: *diminutivos de tamanho*; *diminutivos de aproximação afetiva positiva*; *diminutivos de depreciação*; *diminutivos de intensidade*; *diminutivos de quantidade*; e *diminutivos de duração*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

As palavras da língua portuguesa que possuem como referente algo visível e/ou palpável, ao fazerem uso de um sufixo diminutivo para dar origem a uma nova palavra, criam um novo referente semelhante ao da palavra que serviu de base para a formação do diminutivo, distinguindo-se, no entanto, deste por ser de dimensões físicas ou espaciais menores²³⁶. Em outras palavras, esse diminutivo – partindo de uma dimensão física ou espacial considerada normal pelos usuários da língua ou por um grupo de usuários dela, a qual é dada pela palavra primitiva – passa a ter como referente algo cujas dimensões físicas ou espaciais são menores que a considerada normal. Assim, em palavras como as que seguem —

ArgolINHA ← *ArgolA*

BandejaZINHA ← *Bandeja*

CaixINHA <~> CayxINHA ou CaixINHAS ← *Caixa* <~> *Cayxa*

FolhINHAS ← *Folha*

IgrejaZINHA ← *Igreja*

LivroZINHO ← *Livro*

²³⁵ O objetivo que se espera alcançar, ao apresentar esta proposta de classificação semântica dos diminutivos, não é identificar todas as possíveis significações que o diminutivo pode ter em português – para isso, podem-se consultar, dentre outros, Silva (SILVA, A., 2006, p.219-244) e Turunen (2009), que traz uma síntese de outras propostas apresentadas por outros autores –, mas tão somente demonstrar que, nessa época (assim como em todas as outras sincornias aqui descritas), a designação *diminutivo* já abrangia em português, como já ocorria em latim, diversas significações e não somente a de tamanho pequeno.

²³⁶ Consideraremos, neste estudo, que a dimensão física ou espacial de algo (objeto, animal, pessoa etc.) pode ser mensurada tanto no sentido vertical, quanto no horizontal, isto é, tanto em seu comprimento, quanto em sua largura. Desse modo, com uma formação diminutiva, pode-se fazer referência, apenas, a um desses sentidos ou aos dois simultaneamente. Assim, em palavras como PaoSINHO <~> PãoSINHO ← PAO <~> PÁO, é possível ter as seguintes interpretações: a) trata-se de um pau de *tamanho pequeno*; b) trata-se de um *pau pequeno* e, ao mesmo tempo, *fino*; c) trata-se de um *pau pequeno*, mas *grosso*. Com isso, na primeira interpretação, têm-se, apenas, uma compreensão de que se trata de um pau cujo tamanho, isto é, o seu comprimento ou sentido vertical, é pequeno; nas demais interpretações, o comprimento continua sendo pequeno, mas a largura pode ser estreita ou não.

MesINHA ← *MesA*
 PoteZINHO ← *PotE*
 RelogioZINHO ← *RelogIO*
 SinalZINHO ← *SinalL*

—, temos que tanto *argolinha*, quanto *bandejazinha*, *caixinha*, *folhinhas*, *igrejazinha*, *livrozinho*, *mesinha*, *potezinho*, *relogiozinho* e *sinalzinho* designam “seres” – para usar um termo empregado nas gramáticas normativas, quando conceituam os substantivos – de tamanho pequeno em relação aos “seres” designados pelas palavras a partir das quais se formaram, isto é, *argolinha* é um ‘argola pequena’; *bandejazinha*, uma ‘bandeja pequena’; *caixinha*, uma ‘caixa pequena’; *folhinhas* são ‘folhas pequenas’; *igrejazinha*, uma ‘igreja pequena’; *livrozinho*, um ‘livro pequeno’; *potezinho*, um ‘pote pequeno’; *relogiozinho*, um ‘relógio pequeno’; e *sinalzinho*, um ‘sinal pequeno’.

Nesse mesmo tipo de diminutivo podem ser inseridos, ainda, os adjetivos que significam dimensão física ou espacial, tais como:

DelgadINHAs ← *DelgadA*
 MeudINHA ← *MeudA* <~> *MeúDA*

Com os diminutivos de tamanho, pode-se destacar, ainda, sobretudo com nomes de (ou relativos a) seres vivos (animais e seres humanos), a relação entre o tamanho e o tempo de vida, no sentido de que um animal ou uma pessoa com pouco tempo vida tem o seu tamanho pequeno – quando comparado ao mesmo animal ou ser humano em idade adulta –, conforme os exemplos abaixo:

AsnINHA ← *AsnA*
 BorrINHO ← **BorrO* [<~>] *BurrO*
 CismenINHA ← *CismenA*
 JoanINHO ← *JoanE*
 LobINHO [o] ← *LobO*
 OvelhINHA ou OvelhINHAs ← *OvelhA*
 PastorINHO ou PastorINHOS ← *PastoR*
 ReyZINHO ← *REY*

Nestes exemplos, temos, então, que significam, em seus respectivos contextos de ocorrência, ‘animais de pouca idade e pequenos’ – como nas palavras *asnhinha*, *borrinho*, *lobinho* e *ovelhinha* – ou ‘pessoas jovens e pequenas’, como em *Cismeninha*, *Joaninho*, *pastorinho* e *reyzinho*.

Diante desse tipo de diminutivo, observa-se que se trata de um tipo de formação cuja significação é menos subjetiva que a dos nomes que não significam dimensão física ou espacial, uma vez que tem como ponto de partida um tamanho que os usuários ou um grupo de usuários da língua consideram como sendo o tamanho normal de dado objeto, animal, pessoa etc..

Como nem todas as palavras da língua portuguesa – em especial os substantivos, os adjetivos e os advérbios – significam tamanho (físico ou espacial), não poderiam, pois, os diminutivos significarem somente *tamanho pequeno*. Nesse sentido é que outros tipos de diminuição podem ser encontrados junto a palavras de nossa língua.

b) *Diminutivos de aproximação afetiva positiva*

Outro tipo de diminutivo muito frequente em língua portuguesa é aquele por meio do qual o usuário da língua apresenta uma *avaliação positiva* em relação ao referente que ele nomeia ou descreve. Para isso, ele envolve a sua fala com uma carga subjetiva que torna o referente nomeado ou descrito algo criado por meio de sua percepção, carregando o seu discurso de emoção, motivo pelo qual manifesta a sua *afeição* ou *carinho* e (ou) *compaixão* em relação a algo. Desse modo, essa denominação [*diminutivo de aproximação afetiva positiva*] corresponde ao que a Gramática Tradicional – a partir de fins do século XVIII – tem identificado, nos diminutivos, como a significação de carinho, afeto e compaixão.

Nos exemplos a seguir, é possível perceber como essa significação se manifesta, bem como a diferença entre ela e as demais aqui apresentadas:

AlmINHAs ← *AlmA*

AveZINHA ou AveZINHAs ← *AvE*

CartINHA ← *CartA*

CoutadINHA ← *CoutadA*

InocentINHOS ← *InocentE*

PobreZINHA ← *PobrE*

Assim, com os diminutivos acima, não se está diminuindo o tamanho físico ou espacial de algum objeto, animal, pessoa etc.. Desse modo, a palavra *alminhas*, em vez de

significar ‘uma alma de tamanho pequeno’, significa algo como ‘querida ou pobre alma’; *avezinha* também não significa (somente) ‘uma ave de tamanho pequeno’, mas ‘querida ave, ave delicada’, por tratar-se de ‘uma ave acerca da qual o usuário da língua tem alguma afeição’. O mesmo ocorre com as palavras *cartinha*, a qual não se refere, no contexto em que ocorre, a ‘uma carta de pequeno tamanho’, mas sim a ‘uma carta escrita com carinho e afeição’, podendo, ser interpretada como uma ‘querida carta’. Já com as palavras *coutadinha*, *inocentinhos* e *pobrezinha*, a emoção do usuário da língua se manifesta por meio da *compaixão* que ele demonstra em relação aos seus respectivos referentes diante da situação em que eles se inserem.

c) *Diminutivos de depreciação*

Em vez de expressar o nosso carinho ou afeto ou compaixão acerca de algo, como fazemos com os diminutivos de apreciação afetiva positiva, podemos fazer uso de diminutivos para expor o nosso *desprezo* ou a nossa *avaliação negativa* acerca de algo ou alguém. A esse tipo de diminutivo chamaremos, em nosso estudo, de *diminutivo de depreciação*, compreendendo o que as gramáticas da língua portuguesa, sobretudo a partir do século XVIII, têm identificado, para o diminutivo, como as significações de *desprezo*, *escárnio* e *ridicularização*. As palavras a seguir são exemplos desse tipo de diminutivo ao longo do século XVI:

AlcouviteirINHO ← *AlcouviteirO*
 BerçoZINHOS ← *BerçoO*
 CarregoZINHOS ← *CarregoO*
 MalhadeyrINHO ← *MalhadeyrO* <~> *MalhadeirO*
 MaridINHO ← *MaridoO*
 MexeriqueirINHA ← *MexeriqueirA*
 PalreirINHA ← **PalreirA* <~> *PalreyrA*

Em relação aos seus significados, temos o seguinte: *alcouviteirinho* significa ‘pessoa sem (ou de baixo) valor moral’; *berçoelhos* indica que os referidos berços são de ‘baixa qualidade’; os diminutivos *carregozinhos* e *malhadeyrinho* significam, respectivamente, ‘carga de produtos ilegais’ e ‘pessoa rude’; por sua vez, *maridinho* tem como significado ‘marido de pouca valia’; por fim, *mexeriqueirinha* e *palreirinha* são palavras sinônimas, significando ‘pessoa que fala muito’.

Portanto, nesse tipo de diminutivo, o sufixo acrescenta ao significado da palavra primitiva a forma negativa como acontecimentos, características, objetos, pessoas etc. são percebidos pelo(s) usuário(s) da língua, como se identifica nas palavras *berçoZinhos*, *carregozinhos*, *maridinho* acima citadas. No entanto, quando acrescentado a palavras que já possuem significação negativa, tais como *alcouviteiro*, *malhadeyro*, *mexeriqueira* e *palreira*, esse sufixo atua como um intensificador dessa significação, como nas palavras derivadas destas últimas, tornando a significação ainda mais negativa.

d) *Diminutivos de intensidade*

Com o diminutivo de intensidade, ocorre a indicação de que algo se manifesta de forma pouco (ou muito) intensa, ou seja, o sufixo pode ser empregado para tornar mais ou menos intensa a significação que possui a palavra primitiva, conforme os exemplos que seguem (cf. tb. alguns exemplos citados quando tratamos dos diminutivos de depreciação):

AluINHA ← *AluA* <~> *AlvA*

BonitINHA ← *BonitA*

BranquINHAs ← *Branca*

CansadINHA ← *Cansada*

GordINHAs ← *Gorda*

NuZINHOS ← *NU*

A primeira dessas significações [pouca intensidade] encontramos, dentre os diminutivos acima, com as palavras *aluinha* e *bonitinha*, as quais foram empregadas, respectivamente, para indicar que alguma coisa (ou alguém) é ‘menos alva’ e ‘menos bonita’ do que aquilo que o(s) usuário(s) da língua costuma(m) considerar ‘alvo’ ou ‘bonito’, ou seja, não é que os referentes dessas palavras não sejam ‘alvo’ ou ‘bonito’, mas são, apenas, ‘um pouco alvo’ e ‘um pouco bonito’. Com os demais exemplos, observa-se que o sufixo possui um valor intensificador, no sentido de que acentua a significação transmitida pela palavra primitiva. Dessa forma, o diminutivo *branquinhas* significa ‘muito ou bastante brancas’; *cansadinha*, ‘muito ou bastante cansada’; *gordinhas*, ‘muito ou bastante gordas’; *nuzinhos* significa ‘totalmente nus’.

e) *Diminutivos de duração*

Os diminutivos de duração são aqueles que expressam o tempo durante o qual se manifesta determinado ‘evento’. Por se tratarem de diminutivos, indicam a *pouca duração* desse evento, como ocorre com as palavras a seguir:

ChorINHOS ← *ChorO*

FebrINHA ← *FebrE*

RisINHOS ← *RisO*

AnoZINHO ← *AnO*

Nesse sentido, a palavra *chorinhos* significa ‘choro de curta duração’; *febrinha*, ‘febre de curta duração’; *risinhos*, ‘risos logo desfeitos’; e *anozinho*, ‘um ano, considerado como curto espaço de tempo’.

f) *Diminutivos de quantidade*

Outros diminutivos há que – por não possuírem nenhuma das significações anteriores e embora possam ser caracterizados como substantivos materiais ou concretos, conforme a nomenclatura da Gramática Tradicional – indicam algo como uma ‘pequena quantidade’ daquilo que o seu primitivo significa. Eis alguns exemplos encontrados ao longo do século XVI:

BigodeZINHOS ← *BigodE*

CospINHO ou CospINHOS ← **CospO* [<~>] *CuspO*

VersoZINHOS ← *VersO*

A análise dessas palavras, nos contextos em que elas ocorrem, revela que elas significam, respectivamente, ‘bigode com poucos pelos’, ‘pequena quantidade de cuspe’ e ‘pequena quantidade de versos’. A esse tipo de diminutivo chamaremos, neste estudo, de *diminutivos de quantidade*, seguindo a nomenclatura proposta por Fonseca (1799, p.25).

Por fim, é importante salientar que a classificação de um diminutivo, conforme aqui fizemos, não deve ser considerada algo estanque, pronto ou acabado, nem no número de classificações, nem (e muito menos) na identificação do significado de determinada palavra, uma vez que a significação dos diminutivos está em estreita relação com o contexto linguístico-pragmático no qual as palavras se encontram empregadas. Assim, é sempre possível que, em uma mesma ocorrência de uma palavra, possam ser reconhecidos mais de um desses significados. Os exemplos que abaixo vão listados expressam muito bem isso:

CasINHA ou CasINHAs ← *CasA*

FebrINHA ← *FebrE*

IrmãoZINHO ← *IrmÃO*

LivrINHO ← *LivrO*

MãoZINHA ← MÃO

OlhINHOS ← OlhO

PancadINHA ← Pancada

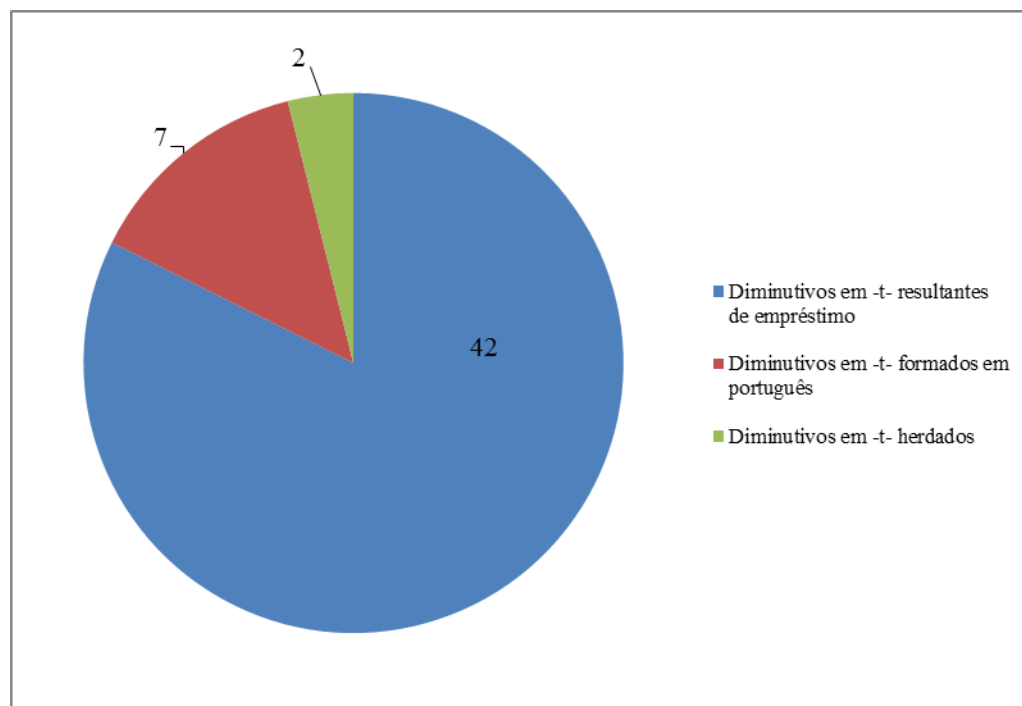
PanoZINHOS ← PanO

Assim, com a palavra *casinha* – a qual pode significar tanto ‘casa pequena’, quanto ‘querida casa’ –, identificam-se os diminutivos de *tamanho* e de *aproximação afetiva positiva*; os diminutivos *febrinha* e *pancadinha*, por sua vez, podem ser entendidos, ao mesmo tempo e nessa ordem, como ‘febre de curta duração’ e ‘febre de pouca intensidade’ e ‘pancada de curta duração’ e ‘pancada de pouca intensidade’, exprimindo, desse modo, os diminutivos de *duração* e o de *intensidade*; já com os diminutivos *irmãozinho*, *livrinho*, *mãozinha*, *olhinhos* e *panozinhos*, expressam-se, simultaneamente, o tamanho dos respectivos referentes e um carinho ou afeição em relação a eles, de modo que podem ser compreendidos, respectivamente, como: ‘pequeno irmão’ e ‘querido irmão’; ‘pequeno livro’ e ‘querido ou agradável livro’; ‘pequena mão’ e ‘delicada mão’; ‘pequenos olhos’ e ‘queridos ou belos olhos’; ‘pequenos panos’ e ‘panos delicados’.

5.1.2 Sufixos em *-t-* e suas variações

Como vimos a partir dos dados apresentados no Gráfico 22, o grupo de sufixos diminutivos em *-t-* – que compreende os sufixos *-ato*, *-ata*, *-ete*, *-eto*, *-eta*, *-ito*, *-ita*, *-ote*, *-ota* – constitui o segundo mais representativo grupo de sufixos diminutivos da língua portuguesa ao longo do século XVI, dos quais foram encontradas 51 ocorrências, o que corresponde a 10,559% dos diminutivos identificados nesse século. Poucas dessas palavras, no entanto, foram formadas em português, isto é, a maioria delas é resultado de empréstimo, e outras são herdadas, conforme o seguinte gráfico:

Gráfico 28 – Diminutivos em *-t-* no século XVI: total de ocorrências



Fonte: O Autor

Esses empréstimos – cujas 42 ocorrências representam 82,352% do total de diminutivos em *-t-* –, por sua vez, são feitos junto às línguas românicas (*francês, catalão, provençal, espanhol e italiano*), como vemos nos exemplos abaixo:

ArquETA ◀ cat. *arquETA* ou esp. *arquETA*

IlhOTES ◀ esp. *islOTE*

JoguETE ◀ prov. *joguET* ou esp. *juguETE*

LunETAs ◀ fr. *lunETTE* ou it. *lunETA*

MulATO ou MulATOs ◀ cat. *mulAT* ou esp. *mulATO*

NavETA ou NavETAs <~> NauETAs ◀ fr. *navETTE* ou esp. *navETA*

TavolETA <~> TauolETA <~> TauolIETA ou TavolETAs ◀ it. *tavolETTA*

Em *cabrito*, conforme a seguir, temos um exemplo de palavra herdada – cujas 2 ocorrências correspondem, apenas, a 3,921%:

CabrITO ou CabrITOs < b.-lat. *caprĪTTUS*

5.1.2.1 Sufixos em -t- em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional

Deixando de lado os diminutivos existentes em português que resultam de empréstimo e focalizando aqueles que se formaram nesta língua, temos, então, somente 7 diminutivos que serão aqui analisados. Destes, 2 receberam as formas *-ito*, *-ita*; 3, a forma *-ete*; 1 recebeu a forma *-eta*; e 1, *-ato*, conforme os exemplos que seguem:

BaleATO ou BaleATOs ← *BaleA* [<~>] *BaleiA* (Sf → Sm)

CornITO ou CornITOs ← *CornO* (Sm → Sm)

DiabrETE ← *DiabrO* [<~>] *DiabO* (Sm → Sm)

EmbuçadETEs ← *EmbuçadO* (Adjm → Adjm)

LûETA ← *LuA* (Sf → Sf)

OdrETE ← *OdrE* (Sm → Sm)

PenITAs ← *PenA* (Sf → Sf)

Considerando, pois, esses exemplos, vemos que os sufixos do grupo *-t-*, na sincronia em análise, somente ocorrem em um contexto, diante de palavras que terminam em vogal átona oral – diferentemente, por exemplo, do que se dá com as formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha*, que ocorrem, respectivamente, em três e cinco contextos –, a qual é eliminada, unindo-se o sufixo ao radical da palavra.

Quando os sufixos diminutivos desse grupo, a partir dos exemplos acima apresentados, são analisados sob a perspectiva do número de sílabas e da posição da sílaba tônica da palavra primitiva, temos os seguintes resultados: podem ser acrescentados a palavras que tenham duas – 3 ocorrências –, três – 2 ocorrências – ou mais sílabas – 1 ocorrência; só foram encontrados exemplos de diminutivos formados a partir de palavras paroxítonas²³⁷. Em relação ao gênero, excetuando-se a palavra *baleato*, o diminutivo conserva o gênero da palavra primitiva (cf. exemplos acima); o mesmo se dá quanto à classe de palavra a que ambos pertencem.

²³⁷ Embora não tenha sido identificada nenhuma ocorrência desses sufixos com palavras monossílabas (átonas ou tônicas) ou com palavras oxítonas ou proparoxítonas, *não julgamos ser possível concluir* que: *a)* esses sufixos podem ser empregados, indiferentemente, qualquer que seja o número de sílabas da palavra primitiva, ou seja, que o número de sílabas da palavra primitiva não influencia no emprego desses sufixos; *b)* esses sufixos somente são empregados com palavras paroxítonas. São, portanto, hipóteses que ainda devem ser verificadas.

A partir dos dados expostos ao longo desta seção, verifica-se, portanto, que os sufixos diminutivos em *-t-*, embora sejam encontrados em uma quantidade razoável de exemplos na língua portuguesa, são pouco produtivos nessa língua, uma vez que o número de palavras formadas em português é muito pequeno, correspondendo somente a 13,725% dos diminutivos em *-t-* que compõem o *corpus* referente ao século XVI.

5.1.2.2 Sufixos em *-t-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Os diminutivos da língua portuguesa em *-t-* identificados ao longo do século XVI não possuem uma grande diversidade de significação, tal como apresentamos em relação aos diminutivos em *-inho*. Desse modo, as significações que foram reconhecidas, a partir da análise dos contextos em que cada um dos diminutivos ocorre, são *tamanho pequeno* e *intensidade*. A seguir, trataremos de cada um desses dois tipos de diminutivo²³⁸.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Embora os diminutivos em *-t-* identificados nessa sincronia não signifiquem exclusivamente *tamanho pequeno*, a sua grande maioria possui essa significação. Eis alguns deles:

CornITO ou CornITOS {‘pequeno corno [chifre]’} ← *CornO*

CruzETA <~> CrusETA {‘pequena cruz’} ◀ esp. *crucETA*

EmbuçadETEs {‘um pouco embuçado [coberto]’} ← *EmbuçadO*

EscudETE {‘pequeno escudo’} ◀ cat. *escudET* ou esp. *escudETE*

NavETA ou NavETAs <~> NauETAs {‘pequena nau’} ◀ fr. *navETTE* ou esp. *navETA*

IlhOTES {‘pequena ilha’} ◀ esp. *isIOTE*

²³⁸ No momento em que abordamos os diminutivos em *-inho* sob a perspectiva semântica, estabelecemos uma classificação dos diminutivos, distinguindo os seguintes tipos: *diminutivos de tamanho*; *diminutivos de aproximação afetiva positiva*; *diminutivos de depreciação*; *diminutivos de intensidade*; *diminutivos de duração*; e *diminutivos de quantidade* (cf. seção 5.1.1.3). Em seguida, tratamos de caracterizar todos esses tipos – inclusive com a apresentação de exemplos –, de modo que não faremos mais isso nem aqui e em nenhuma outra parte de nossa pesquisa. Assim, de agora em diante – tal como fizemos em relação ao português arcaico –, apresentaremos, apenas, os exemplos que se enquadram nos tipos de diminutivos identificados – ou em alguns deles, caso o sufixo em questão não seja empregado, na sincronia que estiver sendo descrita, com todos esses significados –, deixando as informações de cunho mais teórico ou de caracterização desses tipos de diminutivo, exclusivamente, nas respectivas seções dos diminutivos em *-inho* deste século. Com isso, objetivamos evitar repetir tais informações, uma vez que desnecessário.

Inclusive, esses diminutivos – do mesmo modo que os diminutivos em *-inho* – podem expressar o *tamanho pequeno* tendo como parâmetro a idade de um animal (e, provavelmente, de uma pessoa, embora não tenhamos encontrado nenhum exemplo em que isso ocorresse ao longo do século XVI), considerando que o animal (ou a pessoa) mais jovem é, de uma forma geral, menor que aquele(a) que possui mais tempo de vida, conforme nestes exemplos:

BaleATO ou BaleATOs {‘pequena e jovem baleia’} ← *BaleA* [<~>] *BaleiA*

CabrITO ou CabrITOs {‘filhote de cabra pequeno e jovem’} < b.-lat. *caprĪTTUS*

MulATO ou MulATOs {‘filhote de mula pequeno e jovem’} ◀ cat. *mulAT* ou esp. *mulATO*

b) *Diminutivos de intensidade*

Em outros exemplos – em apenas 3 –, no entanto, a significação transmitida pelos sufixos diminutivos em *-t-* é a de *intensidade*, como nos exemplos abaixo:

BofETE {‘leve tapa’} ◀ fr. *buffETE*

PalhETE {‘cuja cor é levemente semelhante à cor da palha’} ◀ fr. *pailLETTE*

RosETE {‘cuja cor é levemente rosada’} ◀ fr. *rosETTE* ou fr. *rosETE* ou esp. *rosETE*

5.1.3 O sufixo *-ino* e suas variações

O número de diminutivos em português que, ao longo do século XVI, possuem em sua estrutura o sufixo *-ino* e suas variações é bastante pequeno: são apenas 4 exemplos – o que corresponde a 0,828% de todos os diminutivos –, os quais vão listados abaixo, sendo que os três últimos já foram identificados no século XV:

MachadINA ← *MachadA* (Sf → Sf)

PequenINA ou PequenINAs ◀ esp. *pequeninA*

PequenINO ou PequenINOs ◀ esp. *pequeninO*

TamanINO ou TamanINOs ◀ *TamañinO*

Como é possível observar a partir dos exemplos acima, nem todos esses diminutivos têm a sua formação em português – 3 resultam de empréstimo ao espanhol, e 1 é formado em

português –, o que faz esse sufixo ter pouca importância para a formação de diminutivos em português na sincronia em destaque, da mesma forma que os diminutivos em *-t*.

Considerando, apenas, o diminutivo de formação portuguesa, vemos que ele tem como palavra primitiva uma palavra trissílaba paroxítona que termina em vogal átona oral, a qual é eliminada para que o sufixo seja acrescentado. Do ponto de vista da relação entre gênero e classe morfológica do diminutivo e gênero e classe morfológica da palavra primitiva, verificamos que não há mudanças, isto é, primitivo e derivado possuem o mesmo gênero e pertencem à mesma classe morfológica.

5.1.3.1 O sufixo *-ino* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

A partir da análise dos diminutivos em *-ino* identificados ao longo do século XVI, é possível perceber que esse sufixo é empregado, nesse período, com dois tipos de significação, a saber: *tamanho pequeno* e *intensidade*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

Os diminutivos em *-ino* que possuem a significação de *tamanho pequeno* são os seguintes:

MachadINA {‘pequena machada’} ← *Machada*

TamanINO ou TamanINOs {‘pequeno tamanho’} ◀ *TamañinO*

b) *Diminutivos de intensidade*

Por sua vez, atuam como diminutivos de intensidade as palavras a seguir:

PequenINA ou PequenINAs {‘um tanto pequena’} ◀ esp. *pequeninA*

PequenINO ou PequenINOs {‘um tanto pequeno’} ◀ esp. *pequeninO*

Como já afirmado na descrição feita no século anterior, identifica-se que a significação de intensidade das palavras acima deve-se ao fato de as respectivas formas primitivas já serem capazes de expressar a significação de tamanho pequeno.

5.1.4 Sufixos em *-lh-* e suas variações

Ao longo do século XVI, foram identificados 15 diminutivos que possuem em sua estrutura a forma *-lh-*, nos sufixos *-alha*, *-elho*, *-ilho* e *-ilha*, conforme os exemplos a seguir:

CartILHA ◀ esp. *cartILLA*
 DamasquILHOs ◀ esp. *damasquILLO*
 FedELHOs < lat. vulg. **foetĭCULUM*
 MigALHA ou MigALHAS <~> MiguALHAS < lat. hsp. **micALĚA*
 NovILHA ◀ esp. *novILLA*
 PalmILHA <~> PallmJLHA ou PalmILHAS ◀ esp. *palmILLA*
 RodILHA ◀ esp. *rodILLA*

Ao analisar, no entanto, os exemplos identificados, verifica-se que ou resultam de empréstimo ao espanhol, ou são palavras que o latim vulgar transmitiu ao português e que continuam nesta língua com significação diminutiva, ou seja, nenhum desses diminutivos foi formado em português com o acréscimo de um sufixo em *-lh-*.

5.1.4.1 Sufixos em *-lh-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Os sufixos diminutivos em *-lh-* apresentam, no que se refere à sua semântica, significações como *tamanho pequeno* e *depreciação*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

Os diminutivos em *-lh-* identificados significam, em sua maioria, *tamanho pequeno*, como os que vão agora apresentados:

CamILHA ou CamILHAS {‘pequena cama’} ◀ esp. *camILLA*
 MigALHA ou MigALHAS <~> MiguALHAS {‘pequeno fragmento de algo’} < lat. hsp. **micALĚA*
 NouILHO ou NovILHOs {‘animal bovino jovem e pequeno’} ◀ esp. *novILLO*
 MachadHLHA {‘machada pequena’} ◀ esp. **MachadILLA*
 PontILHA ou PontYLHAS {‘ponta fina’} ◀ esp. *puntILLA*

b) *Diminutivos de depreciação*

Os diminutivos de depreciação que pudemos identificar entre os diminutivos em *-lh-* são estes:

FedELHOs {'criança atrevida, danada'} < lat. vulg. *foetiCULUM

EmprestILHOs {'empréstimo mal feito'} ◀ esp. *emprestILLO

5.1.5 Sufixos em -c- e suas variações

Poucos também são os diminutivos identificados ao longo do século XVI que possuem em sua estrutura um sufixo com o grafema consonantal -c-, os quais podem ocorrer em português sob as formas -aco, -eco, -ico, -oco, -uco e suas respectivas formas femininas. Nos exemplos do *corpus* analisado, somente identificamos as formas -aco, -ico e -oca, conforme os exemplos abaixo, sendo que os três últimos já ocorrem desde o século XV:

CapellICO ← *Capello* <~> *Capelo*

GarredICA ◀ esp. *garredICA [<~>] esp. *garridICA*

MorenICA ◀ esp. *morenICA*

BichOCA ← *Bicha*

PelICAs <~> PellICAs ◀ esp. *pellica*

VelhACO ou VelhACOs ◀ esp. *vellACO* ou esp. *bellACO*

VelhACA ◀ esp. *vellACA* ou esp. *bellACA*

Como vemos, somente alguns desses exemplos – mais especificamente 2 deles – resultam do acréscimo de sufixo em português; a maioria – ao todo 5 exemplos –, contudo, resulta de empréstimo. Dentre os primeiros, é possível observar que têm origem em palavras que terminam em vogal átona oral, a qual é eliminada para que haja o acréscimo do sufixo diminutivo. Destas, uma é dissílaba, e a outra, trissílaba; por outro lado, todas elas são paroxítonas. Ao mesmo tempo, verifica-se que estes diminutivos apresentam o mesmo gênero que as palavras que lhes deram origem, assim como pertencem à mesma classe morfológica que elas.

5.1.5.1 Sufixos em -c- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

No âmbito da significação que apresentam os sufixos diminutivos em -c-, vemos três tipos: *tamanho pequeno*, *apreciação afetiva positiva* e *depreciação*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

Entre os diminutivos em *-c-*, os que possuem significação de tamanho pequeno são os que seguem:

CapellICO {‘capelo pequeno’} ← *Capello* <~> *Capelo*

BichOCA {‘bicha pequena’} ← *Bicha*

PellICAs <~> PellICAs {‘pele fina’} ◀ esp. *pellica*

b) *Diminutivos de apreciação afetiva positiva*

Nos dois próximos exemplos, é claramente perceptível, nos contextos em que as palavras indicadas ocorrem, que, nas palavras *garredica* e *morenica*, o sufixo *-ica* atribui a essas palavras uma percepção subjetiva positiva em relação aos seus referentes:

GarredICA {‘elagante, formosa’} ◀ esp. **garredICA* [<~>] esp. *garridICA*

MorenICA {‘um pouco morena’} ◀ esp. *morenICA*

c) *Diminutivos de depreciação*

Ao contrário do que apontamos em relação aos exemplos anteriores, nas duas próximas palavras – as quais atuam como adjetivo – identifica-se uma significação que expressa uma avaliação negativa acerca do fato ou da pessoa a que se referem:

VelhACO ou VelhACOs {‘mau, enganador’} ◀ esp. *vellACO* ou esp. *bellACO*

VelhACA {‘enganadora, traiçoeira’} ◀ esp. *vellACA* ou esp. *bellACA*

5.1.6 Sufixos em *-l-* e suas variações

Ao longo do século XVI, foram identificados alguns exemplos de diminutivos em *-l-*, a maioria deles sob a forma *-ela* ou *-ella* – alguns dos quais já identificados em sincronias anteriores –, havendo um só exemplo em *-ola*, conforme abaixo:

CapELA <~> CapELLA ou CapELAs <~> CapELLAs < lat. vulg. **cappELLA*

PortELA < lat. vulg. **portELLA*

RodELA < lat. vulg. **rotELLA*

VitELA <~> VitELLA ◀ lat. *vitELLA*

PascoELA <~> PascoELLA ◀ esp. *PasquIELA*

PortinhOLA ← *Portinha*

PicadELAs ← *Picada*

PalpadELAs <~> PalpadELLAs ← *Palpada*

CidadELAs ◀ it. *cittadELLA* ou fr. *citadELLE* ou esp. *ciudadELA*

Contudo, observamos que menos da metade desses diminutivos são formados em português – dos 9 diminutivos que possuem um sufixo em *-l-*, somente 3 foram formados nesta língua, sendo os demais resultados de empréstimo ou transmitidos do latim ao português. Em todos os que se formaram em língua portuguesa, por sua vez, o sufixo é acrescentado a palavras trissílabas paroxítonas que terminam em vogal átona oral, após a eliminação desta. Além disso, todos eles conservam o gênero e pertencem à mesma classe morfológica da palavra primitiva.

5.1.6.1 Sufixos em *-l-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Entre os diminutivos que possuem em sua estrutura a consoante *-l-*, há aqueles que significam *tamanho pequeno* e outros que significam *duração*.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

São estes os diminutivos que expressam diminuição de tamanho:

CapELA <~> CapELLA ou CapELAs <~> CapELLAs {‘pequena igreja’} < lat. vulg. **cappELLA*

CidadELAs {‘pequena cidade’} ◀ it. *cittadELLA* ou fr. *citadELLE* ou esp. *ciudadELA*

PortELA {‘pequena entrada ou pequena porta’} < lat. vulg. **portELLA*

PortinhOLA {‘porta (muito) pequena’} ← *Portinha*

RodELA ou RodELLAs {‘pequena roda ou pequeno escudo redondo’} < lat. vulg. **rotELLA*

VitELA <~> VitELLA {‘bezerra jovem e pequena’} ◀ lat. *vitELLA*

Em relação à palavra *vitela* ou *vitella*, identifica-se a associação entre o tamanho do animal e o seu tempo de vida, tal como já apontamos em exemplos formados com o sufixo *-inho*.

b) Diminutivos de duração

Nos exemplos a seguir, o sufixo acrescenta à palavra a partir da qual o diminutivo foi formado a significação de *brevidade*, indicando, assim, tratar-se de ‘evento’ de pouca duração:

PascoELA <~> PascoELLA {‘Páscoa breve’} ◀ esp. *PasquIELA*
 PicadELAs {‘picadas breves e/ou suaves’} ← *PicadA*
 PalpadELAs <~> PalpadELLAs {‘apalpadas breves e/ou suaves’} ← *PalpadA*

Destacamos que, no caso das palavras *picadelas* e *palpadelas*, o sufixo presente nessas palavras indica – além da duração do ‘evento’ – a intensidade com o qual ele ocorreu. Portanto, podemos identificar, também, aqui, a presença de diminutivos de intensidade.

5.1.7 Sufixos em *-ch-* e suas variações

No século XVI, identificou-se, apenas, 1 diminutivo que possui em sua estrutura um sufixo em *-ch-*, conforme abaixo:

RiACHO <~> RyACHO ou RiACHOs ◀ esp. *riACHO*

Este exemplo, como vemos, é o mesmo identificado no século XV. Desse modo, para evitar repetições, remetemos para o que lá expusemos sobre esse sufixo, tanto no que concerne à sua forma, quanto à sua semântica.

5.1.8 Os sufixos *-ulo* e *-culo* e suas variações

Outros sufixos identificados em português com significação diminutiva em palavras empregadas no século XVI são *-ulo* e *-culo*. É bem verdade que são poucos os exemplos, e todos eles são empréstimos à língua latina, tal como nos confirmam os apresentados a seguir:

ConventiCULOs ◀ lat. *conventiCŪLUS*
 DentiCULOs ◀ lat. *dentiCŪLUS*
 OpusCULO ou OpusCULOs ◀ lat. *opusCŪLUM*
 PartiCULA <~> PartÍCULA ◀ lat. *partiCŪLA*
 RegULO <~> RégULO ou RegULOs <~> RégULOS ◀ lat. *regŪLUS*

5.1.8.1 Os sufixos -ulo e -culo em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Do ponto de vista semântico, os diminutivos em *-ulo* e *-culo* identificados no século XVI significam *tamanho pequeno* e *depreciação*.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

A maioria dos diminutivos em *-ulo* e *-culo* dessa sincronia apresenta a significação de *tamanho pequeno*, conforme os exemplos abaixo:

DentiCULOs {‘pequeno (ornamento em forma de) dente’} ◀ lat. *dentiCŪLUS*

OpusCULO ou OpusCULOs {‘pequeno livro’} ◀ lat. *opusCŪLUM*

PartiCULA <~> PartÍCULA {‘pequena parte’; ‘pequeno corpo’} ◀ lat. *partiCŪLA*

RegULO <~> RégULO ou RegULOs <~> RégULOS {‘pequeno rei’ e/ou ‘jovem rei’} ◀ lat. *regŪLUS*

Com o último dos exemplos acima, encontra-se, também, esse significado associando *pouca idade* a *pequeno tamanho*.

b) Diminutivos de depreciação

Já no exemplo a seguir,

ConventiCULOs {‘reunião para conspiração’} ◀ lat. *conventiCŪLUS*

observa-se que o emprego do sufixo é responsável não por diminuir o tamanho do referente – o que daria uma significação como ‘pequeno lugar’ ou ‘pequeno convento’ (*diminutivo de tamanho*) –, nem por indicar o tempo de duração dele – quando teríamos a significação de ‘reunião de curta duração’ (*diminutivo de duração*); por meio desse sufixo, o que se expressa é uma *avaliação negativa* acerca do referente de *conventus* ‘reunião’, tendo em vista a finalidade a que esta se destina, a qual é vista como algo negativo.

5.1.9 Sufixos em -sc-

Dois são os diminutivos encontrados ao longo do século XVI que possuem em sua composição a estrutura *-sc-*, ambos apresentando o sufixo *-isco*, conforme as palavras a seguir:

PedrISCO ◀ esp. *pedrISCO*

RabISCO /← *RabISCAR*

O modo, no entanto, como essas duas palavras passaram a fazer parte da língua portuguesa foi diferente, uma vez que a palavra *pedrisco* resulta de empréstimo, enquanto a palavra *rabisco* é formada em português a partir do verbo *rabiscar*, por meio de uma derivação regressiva. Neste exemplo – e pela primeira vez isso ocorre –, o diminutivo pertence a uma classe morfológica diferente da classe da palavra primitiva, uma vez que temos um substantivo formado a partir de um verbo.

5.1.9.1 Sufixos em -sc- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Em relação à sua semântica, os diminutivos em -sc- identificados nessa sincronia podem significar tanto *tamanho pequeno*, como na palavra que segue,

PedrISCO {‘pequena pedra’} ◀ esp. *pedrISCO*

quanto *duração e/ou quantidade*, conforme a palavra abaixo:

RabISCO {‘pequena colheita, colheita de curta duração e/ou em pequena quantidade’} /← *RabISCAR*

No caso específico desta última palavra, a qual deriva, como vimos, de *rabiscar* – cujo significado é ‘fazer pequena colheita de uva’ –, parece ser possível, partindo do contexto em que ocorre, ou uma leitura do ponto de vista da duração da ação, quando teríamos a significação de ‘colheita de curta duração’, ou do ponto de vista quantitativo, no sentido de mensurar a quantidade de uva colhida, quando significaria ‘colheita em pequena quantidade’, ou ainda uma interpretação simultânea de duração e de quantidade, considerando que uma colheita de uvas que dura pouco tempo resulta numa pequena quantidade de uvas colhidas ou que uma pequena quantidade de uvas colhida se deve ao pouco tempo que se dedicou a ela.

5.1.10 O sufixo -im

No século XVI, foi encontrado apenas 1 exemplo de diminutivo formado com o sufixo -im – o qual foi identificado pela primeira vez em nossos *corpora* –, conforme segue:

LagostINs ◀ esp. *lagostIN* ou esp. *lagostÍN*

Esse diminutivo, como acima indicado, não é de formação portuguesa, mas empréstimo do espanhol.

5.1.10.1 O sufixo -im em seus contextos de emprego: caracterização semântica

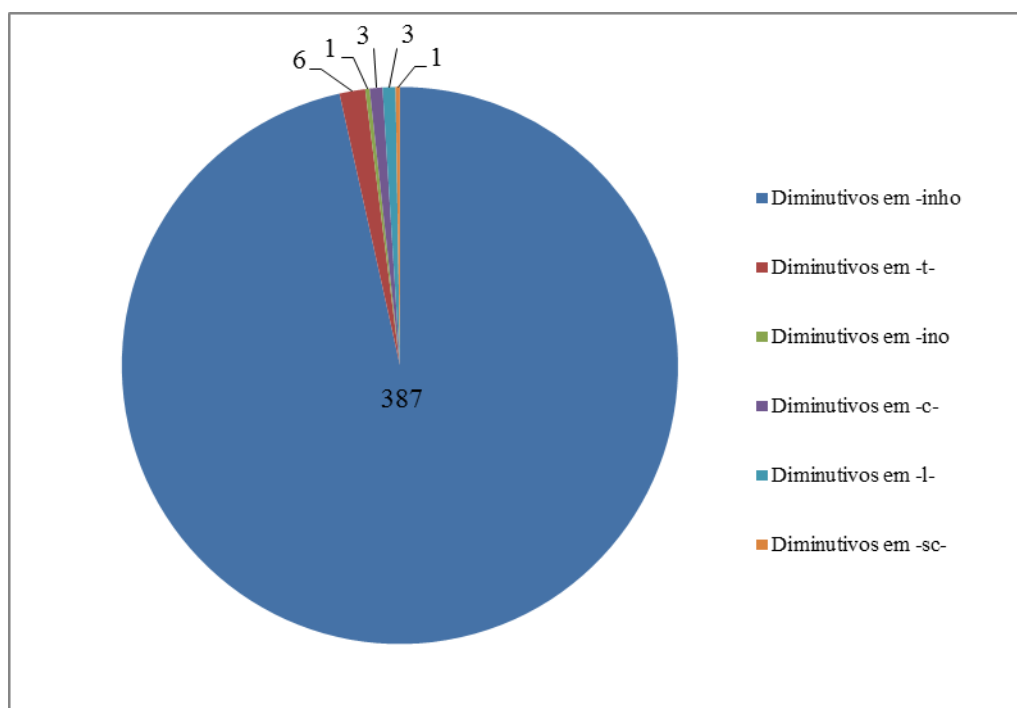
Do ponto de vista semântico, o diminutivo *lagostin* caracteriza-se, conforme abaixo indicado, como um diminutivo de *tamanho pequeno*.

LagostINs {‘pequena lagosta’} ◀ esp. *lagostIN* ou esp. *lagostÍN*

5.1.11 Considerações preliminares

Em vista do que até aqui foi exposto, vemos que alguns dos diminutivos que compõem o *corpus* objeto de análise não se formaram em língua portuguesa por meio do emprego de um sufixo existente nessa língua, mas, ao contrário, foram introduzidos em português já com um sufixo, a partir de um empréstimo feito a outra língua. Se desconsiderássemos, portanto, esses exemplos, ou seja, se o total de diminutivos apontados no Gráfico 22 excluísse os que resultam de empréstimo, teríamos os resultados constantes no Gráfico 29, os quais são bastante diferentes entre si:

Gráfico 29 – Diminutivos formados em português, em textos do século XVI: ocorrências por sufixo



Fonte: O Autor

A partir dos dados desse gráfico, é possível perceber que os diminutivos formados em português são quase exclusivamente resultantes do acréscimo do sufixo *-inho* – dos 401 diminutivos identificados nessa sincronia, 387 recebem esse sufixo, o que significa que 96,508% do total de diminutivos são formados com ele –, sendo muito pequena a participação de outros sufixos – somente 14 diminutivos, o que representa 3,491%, são formados com outros sufixos que não *-inho*. Destaque-se, ainda, que alguns dos sufixos presentes naquele gráfico não são encontrados neste, uma vez que somente ocorreram em palavras emprestadas ou herdadas, tais como os sufixos em *-lh-*, em *-ch-*, *-ulo* e *-culo* e *-im*.

Outros aspectos que se destacam após a análise dos diminutivos formados em português, na sincronia em foco, são:

- os diminutivos originados de palavras que possuem gênero conservam o mesmo gênero das palavras das quais se originaram;
- um único diminutivo há em que o diminutivo pertence a uma classe morfológica diferente daquela a que pertence a palavra primitiva;
- o sufixo *-inho* foi o único encontrado formando nome próprio diminutivo;
- excetuando-se o sufixo *-inho*, que pode ser empregado em vários contextos – tais como vogal oral átona, consoante, ditongo (oral ou nasal), vogal nasal e vogal oral

tônica –, os demais sufixos somente foram acrescentados a palavras primitivas terminadas em vogal átona oral, o que ocorre após a eliminação desta;

- do ponto de vista semântico, a significação *tamanho pequeno* não é a única que esses sufixos são capazes de transmitir, sendo encontradas, simultaneamente ou não, outras como *duração, quantidade e intensidade*.

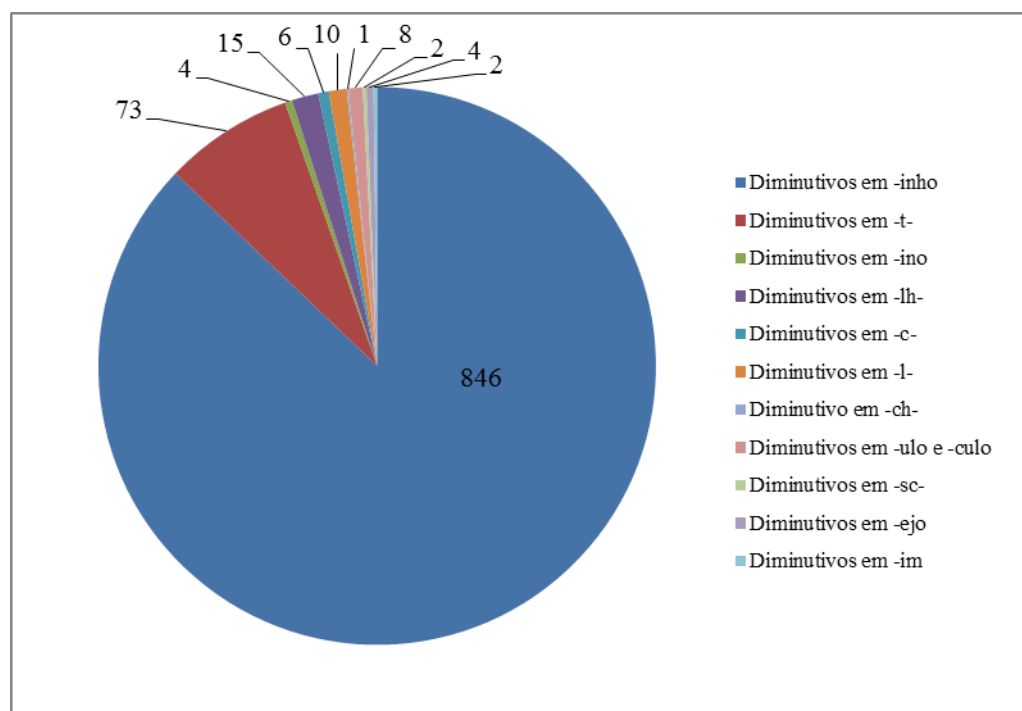
5.2 Os sufixos diminutivos em português no século XVII

Do mesmo modo que no século XVI, as descrições que se encontram acerca dos sufixos diminutivos ao longo do século XVII são muito breves, oferecendo, assim, pouquíssimas informações sobre a sua forma e o seu funcionamento.

Entre os autores que abordam esse tema, encontra-se Barretto (1671, p.43-44), que assim diz: “Os nomes diminutivos são aqueles, que diminuem a significação de seus primitivos, como *montinho* de *monte*, *raminho* de *ramo*, *pobrete* de *pobre*; & outros taes”. Como é possível observar a partir dessa citação, Barretto cita exemplo de diminutivo formado com outro sufixo que não *-inho* – diferentemente do que ocorre em Oliveira (*op. cit.*) e Barros (*op. cit.*), conforme apontado quando descrevemos os diminutivos do século XVI –, o qual possui em sua estrutura o sufixo *-ete*. Por outro lado, nada informa esse autor sobre o modo de combinação desses sufixos com a palavra primitiva.

Ora, conforme claramente identificado na seção em que descrevemos os diminutivos no século XVI, neste século há outros sufixos além desses. Pusemo-nos, então, o seguinte questionamento: haveria, no século XVII, outros sufixos diminutivos além dos citados por Barretto (*loc. cit.*)? Para obter essa resposta, procedemos, também em relação a este século, à constituição de um *corpus* composto por palavras formadas com sufixos diminutivos em textos portugueses do século XVII (cf. *Volume III, Apêndice B*), por meio de um mecanismo de buscas junto ao *Corpus* do Português, conforme descrito na *Introdução* deste estudo.

Assim como já ocorreu em relação ao século XVI, no século XVII o maior número de palavras constituídas por sufixos diminutivos em língua portuguesa é formado a partir do emprego do sufixo *-inho*. Outros sufixos foram identificados, mas são bem menos importantes, conforme demonstra o gráfico apresentado na sequência:

Gráfico 30 – Sufixos diminutivos em português no século XVII: ocorrências por sufixo

Fonte: O Autor

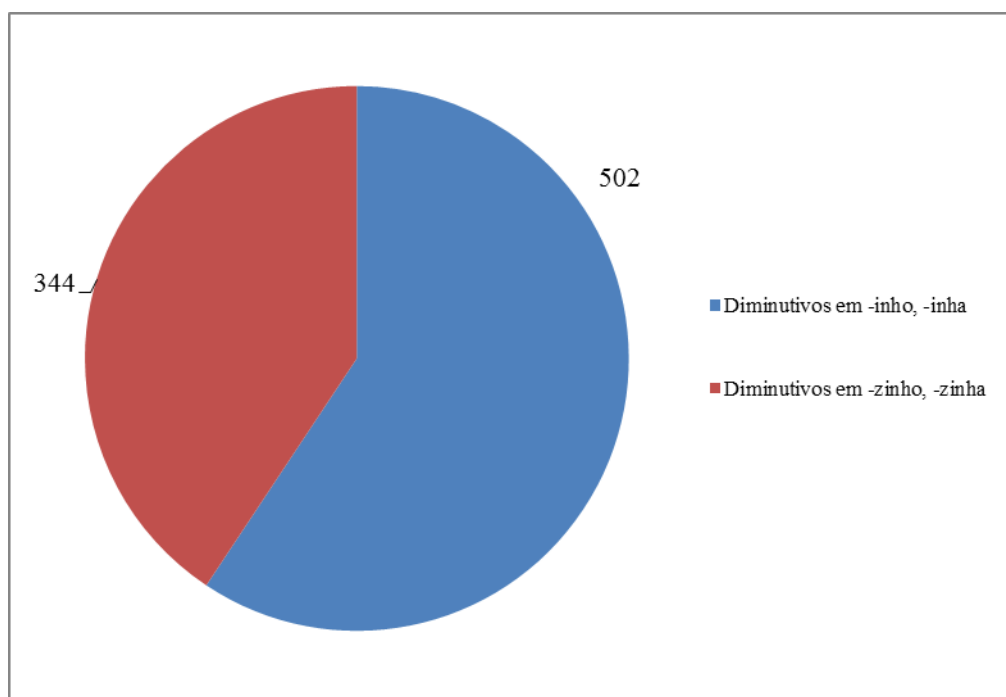
Considerando os dados do gráfico acima, vemos que os 846 diminutivos em *-inho* correspondem a 87,126% do total de diminutivos identificados – isto é, de 971 diminutivos –, sendo 11,588 vezes maior que o número de diminutivos em que aparece o segundo sufixo mais frequente – os diminutivos em *-t-*, com 73 ocorrências, correspondem apenas a 7,518% dos diminutivos desse século. Por sua vez, os demais nove sufixos representam, juntos, somente 5,355% dos diminutivos do século XVII.

Tendo em vista, portanto, toda a contextualização até aqui apresentada, apresentaremos, nas seções que seguem, uma caracterização dos sufixos diminutivos identificados quanto à sua forma, ao seu funcionamento e à sua semântica.

5.2.1 O sufixo *-inho* e suas variações

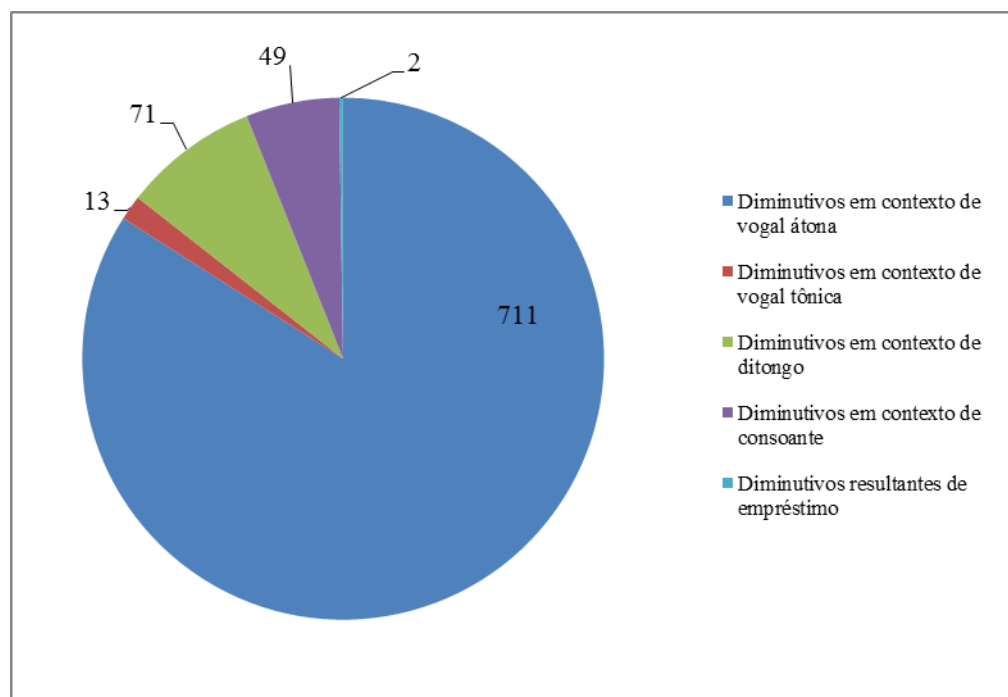
Ao longo do século XVII, foram identificados 846 exemplos de diminutivos formados com as formas sufixais *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha*, das quais as mais recorrentes são *-inho*, *-inha* – que ocorrem em 502 exemplos (ou 59,338% dos casos), contra as 344 ocorrências das demais formas, o que representa 40,661% –, conforme identificamos a partir do seguinte gráfico:

Gráfico 31 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* no século XVII: total de ocorrências



Fonte: O Autor

Nesta sincronia, assim como já verificamos em relação ao século XVI, esse sufixo é empregado em vários contextos, isto é, ele pode ser acrescentado a palavras que terminam em vogal (oral ou nasal, átona ou tônica), assim como àquelas que são terminadas em consoante ou em ditongo, seja este oral ou nasal, seja átono ouônico. No gráfico a seguir, apresentamos os contextos nos quais o sufixo *-inho*, em suas diferentes formas, é encontrado ao longo deste século:

Gráfico 32 – Diminutivos em *-inho* e suas variações no século XVII: contextos de ocorrência

Fonte: O Autor

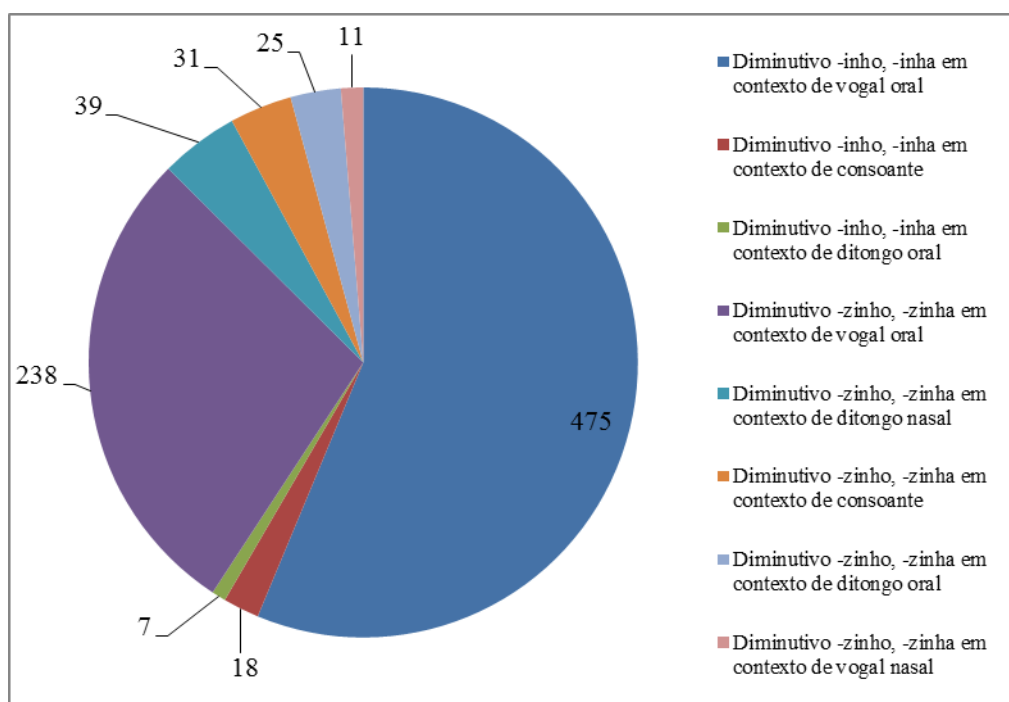
Não obstante tenha sido identificado o emprego desse sufixo em quatro contextos diferentes – obviamente, estamos excluindo desta referência as palavras que resultam de empréstimo –, constatamos, pelo gráfico acima, que predominam as formações diminutivas a partir de palavras que terminam em vogal átona: são 711 exemplos (706 formados a partir de vogal oral, e 5 de vogal nasal), o que corresponde a 84,042% de todas as palavras formadas com o sufixo *-inho* e suas variações. Com isso, todas as outras situações são responsáveis por menos de 16% dos diminutivos identificados ao longo desse século, da seguinte maneira: 13 diminutivos formados a partir de palavras terminadas em vogal tônica; 71 foram formados de palavras que terminam em ditongo; 49 derivam de palavras em consoante. Em termos percentuais, esses números equivalem, respectivamente, a 1,536%, 8,392% e 5,791%. Quanto aos diminutivos que resultam de empréstimo, identificamos somente 2, o que dá uma participação de 0,236% em relação ao total.

Analisando de forma mais detalhada as construções nas quais as formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* ocorrem, é possível perceber que elas possuem algumas diferenças quando se considera a relação entre cada uma delas e a terminação da palavra a que é acrescentada²³⁹.

²³⁹ Conforme o Gráfico 32, entre os diminutivos identificados em textos portugueses do século XVII, há 2 exemplos cujas formações não se deram em português, isto é, trata-se de palavras que foram tomadas de empréstimo a outra(s) língua(s). Uma vez que não analisaremos palavras assim formadas, o número de

Antes de caracterizarmos o comportamento dessas formas sufixais nos diminutivos encontrados ao longo do século XVII, consideremos o gráfico abaixo, que apresenta os contextos nos quais cada uma delas ocorre:

Gráfico 33 – Diminutivos em *-inho* e suas variações no século XVII: contextos específicos de ocorrência



Fonte: O Autor

Observamos, então, a partir do gráfico acima, que as formas sufixais *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* não obstante possam ocorrer em contextos comuns, não ocorrem sempre nos mesmos contextos. Além disso, é possível destacar que, mesmo nos contextos em que ambas as formas ocorrem, há algumas particularidades importantes que caracterizam o emprego tanto das primeiras, quanto das últimas formas.

Desse modo, a partir do gráfico acima, vemos que as formas *-inho*, *-inha* são acrescentadas a palavras que terminam ou em vogal oral, ou em consoante, ou em ditongo oral, isto é, três são os contextos que possibilitam o emprego dessas formas sufixais. Destes, é com palavras pertencentes ao primeiro contexto que ocorre a maior quantidade de exemplos:

palavras que serão analisadas será o resultado da subtração dos empréstimos a partir do número total identificado. Nesse sentido, ao longo do século XVII, foram identificados 846 exemplos de diminutivos em *-inho*; subtraindo desse total a quantidade de diminutivos emprestados de outras línguas – que corresponde a 2 –, restam 844 diminutivos formados em português. É este número que será considerado em nossas análises.

são 475 ocorrências, correspondendo, assim, a 95% das ocorrências de *-inho*, *-inha* nesse século. Os demais contextos são de pouca expressividade, conforme segue: 18 diminutivos derivados de palavras primitivas terminadas em consoante – isso equivale a 3,6% das palavras em *-inho*, *-inha*; e 7 formados a partir de palavras em ditongo oral – em porcentagem, 1,4%²⁴⁰. Quando consideramos esses dados em relação ao total dos diminutivos em *-inho* identificados ao longo do século XVII – o qual é igual a 844, excluindo-se os exemplos que provêm de empréstimo –, esses dados correspondem, respectivamente, a 56,279%, 2,132% e 0,829%.

Por sua vez, as formações em *-zinho*, *-zinha* – as quais, como vimos no Gráfico 31, totalizam 344 exemplos –, além de ocorrerem nesses três contextos nos quais se empregam as formas *-inho*, *-inha*, ocorrem em outros dois: com palavras que terminam em ditongo nasal; e com palavras terminadas em vogal nasal. Dentre todos os contextos, todavia, é a partir de palavras terminadas em vogal oral que encontramos o maior número de ocorrências, 238 (das quais 231 são átonas, e 7, tônicas), representando, assim, 69,186% dos exemplos com essas formas sufixais. Em segundo lugar, vêm as palavras que se formam a partir de palavras terminadas em ditongo nasal, com 39 ocorrências, seguidas de perto pelas derivadas de palavras terminadas em consoante, para as quais se identificaram 31 ocorrências, números esses que correspondem, respectivamente, a 11,337% e 9,011% das ocorrências de *-zinho*, *-zinha*. Já os diminutivos formados por essas terminações, a partir do acréscimo delas a contextos que apresentam nasalidade – incluem-se, aqui, tanto as palavras terminadas em ditongo nasal, quanto as que terminam em vogal simples nasal –, são pouco numerosos, respectivamente 25 e 11, ou em números percentuais 7,267% e 3,197%. Assim, em relação à totalidade dos diminutivos em *-inho*, esses contextos representam, respectivamente, 28,199%, 4,620%, 3,672%, 2,962% e 1,303% das ocorrências.

Considerando, portanto, a análise do gráfico acima, conforme os dados até aqui apresentados, podem-se destacar as seguintes características para as formas sufixais diminutivas *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* ao longo do século XVII, as quais também já foram apontadas quando caracterizamos, por exemplo, o emprego dessas formas no século XVI:

²⁴⁰ Diferentemente do exposto no Gráfico 31, quando foram identificados 502 exemplos de diminutivos em *-inho*, *-inha*, aqui estamos considerando somente 500, após a exclusão dos diminutivos resultantes de empréstimo.

a) *nenhuma dessas formas é empregada em um único contexto*

Tanto as formas sufixais *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha* são empregadas em mais de um contexto, com destaque para estas últimas cujos empregos foram identificados em um número maior de contextos, ao todo cinco. Não obstante isso, o emprego dessas formas predomina em algum(ns) contexto(s).

b) *alguns contextos favorecem mais o emprego de uma forma que de outra*

Com base nos dados acima, podemos afirmar que uma palavra primitiva que termina em vogal oral átona está mais propensa a receber as formas *-inho*, *-inha* que as formas *-zinho*, *-zinha*, numa proporção aproximada de 2 para 1, isto é, os dados referentes ao século XVII indicam que, de cada 3 palavras primitivas que terminam em vogal átona oral, 2 fazem o diminutivo em *-inho*, *-inha*, e apenas 1 o faz em *-zinho*, *-zinha*. Por outro lado, os contextos *ditongo oral* e *consoante* favorecem o emprego de *-zinho*, *-zinha*.

c) *há contextos que são restritivos, admitindo o emprego de apenas uma dessas formas*

Os dados referentes ao século XVII indicam que a formação de diminutivos a partir de palavras terminadas em *ditongo nasal* ou *vogal nasal* ou em *vogal oral tônica* só é feita com o acréscimo das formas *-zinho*, *-zinha*.

Deixando de lado essa caracterização mais geral, uma vez que abrange todas as formas do sufixo *-inho*, passemos a uma análise mais particularista, de modo que tenhamos uma descrição de *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* em sua relação com a palavra que serve de base para a formação do diminutivo.

5.2.1.1 *O sufixo -inho em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional*

Ao analisar as palavras empregadas em textos portugueses do século XVII e que possuem em sua estrutura o sufixo diminutivo *-inho*, verificamos que as formas sufixais diminutivas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* não se caracterizam da mesma forma nos contextos em que ocorrem. Considerando, portanto, isso, oferecemos, no decorrer desta seção, uma caracterização do sufixo *-inho*, sobretudo a partir dos contextos identificados nos Gráficos 32 e 33. Para isso, dividiremos o contexto *vogal oral* deste gráfico em dois contextos – do mesmo modo que fizemos em relação a sincronias anteriores: *vogal oral átona* e *vogal oral tônica*. Além desses contextos – que podem ser resumidos em um só, que é a *terminação da palavra primitiva* –, analisaremos essas formas, ainda, sob a ótica do *número de sílabas das palavras às quais são acrescentadas* para formar o diminutivo e da *posição da sílaba tônica na palavra primitiva*.

5.2.1.1.1 O diminutivo *-inho* em contexto de vogal átona oral

Na sincronia aqui em análise, o número de diminutivos formados com o sufixo *-inho* em contexto de *vogal oral átona* é igual a 706 (cf. Gráfico 32 e informações seguintes), dos quais 475 resultam do acréscimo das formas sufixais *-inho*, *-inha* – o que equivale a 67,280% dos exemplos desse contexto, uma porcentagem bem menor que a do século XVI, a qual é de 75,438% –, conforme os exemplos seguintes:

AdeguINHA ← *AdegA*
 BrandINHO ← *BrandO*
 CabritINHO ← *CabritO*
 CurtINHA ← *CurtA*
 DocINHA ← *DocE*
 EstrelINHA ou EstrelINHAS <~> EstrellINHAS ← *EstrelA* <~> *EstrellA*
 FoucINHA ← *FoucE*
 GeitINHO ← *GeitO* <~> *JeitO*
 LuINHA ← *LuA*
 MartelINHO <~> MartellINHO ← *MartelO* <~> *Martello*
 PexINHOS ← *PexE*
 QueijINHO ← *QueijO*
 RegatINHOS ← *RegatO*
 RodINHA ou RodINHAs ← *RodA*
 SapINHO ou ÇapINHOS ← *SapO* <~> *ÇapO*

A análise dos diminutivos em *-inho*, *-inha* que se formam a partir de palavras terminadas em vogal átona oral e empregados em textos do século XVII revela, desse modo, a seguinte regra geral para a sua formação: *elimina-se a vogal átona final e acrescenta-se o sufixo de significação diminutiva*.

Destaque-se, ainda, ao longo desta sincronia, a existência de 1 exemplo no qual a forma *-inho* é acrescentada a uma palavra terminada em vogal átona oral – à qual antecede um ditongo oral que tem como segundo som vocálico um [j]. Neste exemplo, além da eliminação da vogal átona final, para que seja acrescentada a forma sufixal, ocorre, também, a fusão da vogal do sufixo com a semivogal constituinte do radical da palavra, conforme a seguir:

SaINHO ← *SaiO*

Observe-se, no entanto, que a palavra aqui apresentada como exemplo do fato em destaque também foi apresentada como exemplo desse fato quando descrevemos as formas sufixais diminutivas *-inho*, *-inha* em diminutivos do século XVI formados a partir de palavras terminadas em vogal átona – neste século foram dois os exemplos apresentados (cf. seção 5.1.1.1.1). Diante disso, é possível concluir que, no século XVII, esse é um fato linguístico sem produtividade.

Enquanto os diminutivos formados com as formas *-inho*, *-inha* contemplam quase 70% de todas as palavras formadas no contexto aqui em análise, as 231 ocorrências com *-zinho*, *-zinha* representam pouco mais que 30% (em dados exatos são 32,719% – mesmo assim, um número bem maior que os 24,561% do século anterior) dos diminutivos formados nesse mesmo contexto. Contudo, ao contrário do que ocorre com as formas *-inho*, *-inha*, a regra geral não é eliminar a vogal átona final para, em seguida, acrescentar as formas diminutivas, mas *conservar essa vogal*, sendo as formas do sufixo acrescentadas após ela, como nos exemplos abaixo:

AbobaraSINHA ← AbobarA <~> AbóbarA
 BofeSINHOS ← BofE
 ContaSINHA ← ContA
 DativaSINHA ou DativaSINHAs ← DativA <~> DádivA
 EstrondoSINHO ← EstrondO
 FoleSINHOS ← FolE
 LimoSINHOS ← LimO
 NadegaSINHAs ← NadegA <~> NádegA
 OdreSINHO ← OdrE
 PobreSINHO <~> PobreZINHO ou PobreZINHOS ← PobrE
 RoeduraSINHA ← RoedurA

Embora não haja a eliminação dessa vogal, como aqui dissemos, nem sempre ela se conserva intacta, isto é, encontramos em alguns poucos exemplos – todos os que foram identificados estão listados a seguir –, ao longo desta sincronia, essa vogal final modificada em outra vogal, geralmente representada pelo grafema <e> (e menos frequentemente por <i>):

FormeSINHA ← FormA
 LeviZINHA ← LevE
 MouteZINHAs ← MoutA

RaiveSINHA ← *RaivA*

VasiSINHO ← *VasO*

VeleZINHA ← *VelA*

Diferentemente do que foi constatado a partir dos dados relativos ao século XVI, essa alteração, no século XVII, não ocorre somente quando as formas primitivas são terminadas nos grafemas <a> e <o>, sendo encontrado, também, 1 exemplo de palavra terminada em <e> que sofre alteração, conforme o segundo exemplo acima.

Da existência dessa alteração, não se pode, contudo, concluir que, quando uma palavra terminar em vogal átona oral <e>, forma-se o seu diminutivo somente com o acréscimo das formas *-zinho*, *-zinha*, pois existem vários exemplos – ao todo, encontramos 26 ocorrências, o que corresponde a 41,269% de todas as ocorrências assim terminadas – nos quais as formas empregadas são *-inho*, *-inha*, conforme segue:

AlfacINHA ← *AlfacE*

BarretINHO ou BarretINHOS ← *BarretE*

DentINHO ou DentINHOS ← *DentE*

EstudantINHO ← *EstudantE*

FebrINHAS ← *FebrE*

LevINHA ← *LevE*

PexINHOS ← *PexE*

É possível, no entanto, afirmar que as formas terminadas em vogal átona <e> ou <i> são mais favoráveis, neste século, ao emprego de *-zinho*, *-zinha* que ao de *-inho*, *-inha*: ao longo desta sincronia, foram encontrados 37 exemplos de diminutivos em *-zinho*, *-zinha* a partir desse contexto, o que equivale a 58,730% das ocorrências. Vejamos alguns exemplos:

AçouteZINHO ← *AçoutE*

BofeSINHOS ← *BofE*

CarcereSINHO ← *CarcerE* <~> *CárcerE*

FonteZINHAS ← *FontE*

GrandeSINHA ← *GrandE*

MonteSINHO <~> MonteZINHO ← *MontE*

PelleSINHA <~> PelleZINHA ou PelleSINHAs ← *Pelle* <~> *PeIE*

ÇujidadeSINHA ← *ÇujidadeE* <~> *SujidadeE*

TapeteSINHO ← *TapetE*
 ValleSINHO ← *ValLE <~> ValE*

O emprego de cada uma dessas formas sufixais diminutivas, por sua vez, é influenciado, no contexto em análise [*palavras terminadas em <e> átono oral*], por fatores como *número de sílabas* e *posição da sílaba tônica* da palavra primitiva, embora tanto *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha* ocorram com palavras de duas, três ou mais sílabas e em palavras paroxítonas²⁴¹, conforme podemos ver nas últimas duas séries de exemplos apresentadas.

Assim, do total de diminutivos em *-inho*, *-inha*, 20 derivam de palavras dissílabas, 5, de palavras trissílabas, e 1, de polissílabas; já das palavras formadas com as outras formas sufixais, 28 se formam de palavras com duas sílabas, 7, de palavras com três sílabas, e 2, de palavras com quatro ou mais sílabas. Temos, desse modo, que as formas *-zinho*, *-zinha* são mais frequentemente empregadas que *-inho*, *-inha*, tanto diante de palavras dissílabas e trissílabas – a proporção é a mesma em ambos os contextos, respectivamente, 58,333% contra 41,666% –, quanto com palavras polissílabas – as primeiras formas constituem o dobro das últimas, na seguinte proporção 66,666% e 33,333%.

Considerando o emprego dessas formas, nesse contexto [*palavras terminadas em <e> átono oral*], sob a perspectiva da posição da sílaba tônica, obtemos estes dados: dos 61 diminutivos formados de palavras paroxítonas, 35 receberam *-zinho*, *-zinha*, e 26, *-inho*, *-inha*, ou seja, a maioria (57,337%) recebeu as primeiras formas, enquanto a menor parte (42,622%) recebeu estas. Em vista disso, podemos dizer que as *palavras paroxítonas terminadas em <e> oral átono* favorecem – embora em uma pequena escala – o emprego de *-zinho*, *-zinha*; já com palavras proparoxítonas, não se encontrou nenhum exemplo de diminutivo formado com *-inho*, *-inha*, ao mesmo tempo em que temos 2 diminutivos formados com as formas *-zinho*, *-zinha*, o que nos permite concluir que, no século XVII, também o fator *palavra primitiva proparoxítona em <e> oral átono* favorece o emprego destas formas do sufixo diminutivo *-inho*.

De uma forma geral, isto é, considerando-se todos os diminutivos formados com as formas sufixais variantes do sufixo diminutivo *-inho*, independentemente da forma da vogal,

²⁴¹ Uma vez que o contexto sob investigação aqui é o de diminutivos formados pelas formas sufixais *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* a partir de palavras terminadas em vogal átona oral, não são contempladas por esta análise os diminutivos formados a partir de palavras oxítonas ou monossílabas tônicas; como também não foram encontrados exemplos de diminutivos formados de palavras monossílabas átonas, as informações aqui apresentadas fazem referência somente a palavras dissilábicas, trissilábicas ou polissilábicas.

também se identifica a influência dos fatores *número de sílabas* e *posição da sílaba tônica* da palavra primitiva, embora tanto *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha* possam ser acrescentados a palavras primitivas que possuam duas, três e quatro ou mais sílabas, bem como a palavras paroxítonas ou proparoxítonas, conforme quadros a seguir (cf. também os exemplos que foram apresentados quando abordamos o emprego dessas formas sufixais com palavras terminadas em <e> átono oral) – nos exemplos apresentados é possível perceber, ainda, se as referidas palavras são paroxítonas ou proparoxítonas:

Quadro 37 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de vogal átona oral em palavras dissílabas: séc. XVII

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>	Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>	Palavras primitivas
BrandINHA ←	<i>BrandA</i>	AlmaZINHA ou AlmaZINHAs ←	<i>AlmA</i>
CampINHAs ←	<i>CampA</i>	BolsoSINHO ←	<i>BolsO</i>
DedINHO ←	<i>DedO</i>	DoutaSINHA ←	<i>DoutA</i>
FiguINHO ←	<i>FigO</i>	LadraSINHA ←	<i>LadrA</i>
LuINHA ←	<i>LuA</i>	MoçoZINHO ←	<i>MoçO</i>
NegrINHO ou NegrINHOS ←	<i>NegrO</i>	PomoSINHO <~> PomoZINHO ←	<i>PomO</i>

Fonte: O Autor

Quadro 38 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de vogal átona oral em palavras trissílabas: séc. XVII

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>	Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>	Palavras primitivas
AgudINHA ←	<i>AgudA</i>	ApertoSINHO ←	<i>ApertO</i>
BacorINHO ou BacorINHOS ←	<i>BacorO</i>	BebidaSINHA ←	<i>BebidA</i>
CabacINHA ou CabacINHAs ←	<i>CabaçaA</i>	CirculoSINHO ←	<i>Circulo</i> <~> <i>Círculo</i>
DebuxINHO ←	<i>DebuxO</i>	NoviçaSINHA ←	<i>NoviçaA</i>
DelgadINHA ←	<i>DelgadA</i>	TituloSINHO ←	<i>Titolo</i> <~> <i>Títolo</i>
EspetINHO ←	<i>EspetO</i>	VideiraZINHA ←	<i>VideirA</i>

Fonte: O Autor

Quadro 39 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de vogal átona oral em palavras polissílabas: séc. XVII

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>		Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>		Palavras primitivas
AlcachofrINHAS ←		<i>Alcachofra</i>	AlampadaSINHA ←		<i>Alampada</i> <~> <i>Alámpada</i> [<~>] <i>Lâmpada</i>
CosinheirINHO ←		<i>CosinheirO</i> <~> <i>CozinheirO</i>	BebedoraSINHA ←		<i>BebedorA</i>
DelicadINHA ←		<i>Delicada</i>	ChocarreiraSINHA ←		<i>Chocarreira</i>
EngeitadINHOS ←		<i>EngeitadO</i> <~> <i>EnjeitadO</i>	FogareiroSINHO ←		<i>FogareirO</i>
FogareirINHO ←		<i>FogareirO</i>	ViaticoSINHO ←		<i>ViaticO</i> <~> <i>ViáticO</i>
TaramelINHA ←		<i>Taramela</i>	VocabuloSINHO ←		<i>VocabulO</i> <~> <i>VocábulO</i>

Fonte: O Autor

Assim, no século XVII, encontramos 232 diminutivos formados com as formas *-inho*, *-inha* a partir de palavras que possuem como forma primitiva uma palavra dissílaba; já os diminutivos formados com *-zinho*, *-zinha*, nesse mesmo contexto, totalizam 127. Ou seja, dentre os diminutivos formados a partir de palavras dissílabas, o emprego das formas *-inho*, *-inha* é quase o dobro do emprego de *-zinho*, *-zinha*, correspondendo cada um, respectivamente, a 64,623% e 35,376% do total de ocorrências. Contrastando esse resultado com o identificado nesse mesmo contexto no século XVI, observa-se um leve aumento do uso destas últimas formas, pois, nos anos de 1500, elas correspondiam, aproximadamente, apenas a 28%; naturalmente, houve uma diminuição do emprego de *-inho*, *-inha*, que eram responsáveis pela formação de 72% dos diminutivos nesse contexto.

O mesmo aumento do número de diminutivos formados com as formas *-zinho*, *-zinha* a partir de palavras dissílabas, verifica-se em relação às palavras trissílabas: enquanto no século XVI estas formas eram responsáveis, apenas, por 20,143% dos diminutivos formados a partir de palavras trissílabas terminadas em vogal átona oral, no século XVII a sua participação sobe para 27,083% (nesse mesmo contexto, no mesmo espaço temporal, as formas *-inho*, *-inha* tiveram a sua participação reduzida de 79,856% para 72,916%). Então, ao longo do século XVII, temos, no contexto aqui em análise, 78 diminutivos em *-zinho*, *-zinha* e 210 formados com *-inho*, *-inha*.

No entanto, o contexto no qual as formas *-zinho*, *-zinha* mais ampliam a sua importância ao longo do século XVII é diante de palavras que terminam em vogal átona oral e

que são constituídas de mais de três sílabas: na análise da sincronia anterior, nesse mesmo contexto, essas formas participavam, somente, de 14,285% dos diminutivos formados com o sufixo *-inho*, contra 85,714%, que era a participação de *-inho*, *-inha*. No século XVII, passarão a participar de 44,067% (dos 59 exemplos de diminutivos formados a partir de palavras polissílabas identificados em textos do século XVII, as formas em *-zinho*, *-zinha* são encontradas em 26 ocorrências), ou seja, no decorrer desse século, estas formas ampliam a sua importância de algo em torno de 1/5 para ser responsável pela formação de quase metade do total de diminutivos.

Em suma, verifica-se um aumento no uso das formas *-zinho*, *-zinha* ao longo do século XVII, muito leve em contexto de palavras dissílabas e trissílabas terminadas em vogal átona oral e bastante considerável quando, nesse mesmo contexto, o que se têm são palavras polissílabas.

Desse modo, na sincronia que corresponde ao século XVII, é possível afirmar que as formas *-inho*, *-inha*, com palavras terminadas em vogal átona oral, são mais empregadas que *-zinho*, *-zinha* em todos os contextos, isto é, com palavras dissílabas, trissílabas e polissílabas, embora com proporções diferentes em todos eles, conforme o exposto nos parágrafos anteriores.

Considerando, agora, o emprego do sufixo diminutivo *-inho* em relação ao contexto *posição da sílaba tônica* da palavra primitiva, temos os seguintes resultados: com palavras paroxítonas, são 461 (ou 69,011%) diminutivos em *-inho*, *-inha*, e 207 (ou 30,988%) em *-zinho*, *-zinha* – observa-se, assim, que a frequência de uso das primeiras formas é superior a duas vezes à das últimas (mais exatamente, é 2,227 vezes): isso é como se, de cada 9 diminutivos formados com as formas *-inho*, *-inha*, tivéssemos 4 formados com o emprego de *-zinho*, *-zinha*; com palavras proparoxítonas, o que predomina não é o uso de *-inho*, *-inha*, mas de *-zinho*, *-zinha*, que possui quase o dobro de ocorrências em relação àquelas formas – são 24 contra 14 diminutivos.

Ao contrastar os resultados apresentados no parágrafo anterior com o emprego das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* nesses mesmos contextos no século XVI, verificamos que o número de diminutivos formados com *-inho*, *-inha* continua sendo superior diante de palavras paroxítonas, embora com um leve decréscimo – saiu de 76% para 69,011%; por outro lado, quando a palavra primitiva é proparoxítona, houve uma inversão entre os resultados apresentados nesses dois séculos: naquele século, as formas *-inho*, *-inha* não só eram mais frequentes como também chegavam quase a ter o dobro das ocorrências de *-zinho*, *-zinha*, (64,705% contra 35,284%); já no século XVII, as formas mais frequentes passaram a

ser estas, apresentando, também, quase o dobro de ocorrências de *-inho*, *-inha* (63,153% contra 36,842%).

A partir de tais fatos, vemos que, enquanto o contexto *palavra proparoxítona terminada em vogal átona oral* é mais favorável à formação de diminutivos com *-zinho*, *-zinha*, o contexto *palavra paroxítona terminada em vogal átona oral* é mais favorável ao emprego de *-inho*, *-inha*, inclusive em uma proporção levemente superior à que aquele contexto o é em relação às formas *-zinho*, *-zinha*.

É importante, ainda, destacar, considerando os diminutivos em *-inho* identificados em textos do século XVII, que as formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* – uma vez que podem ser empregadas na formação de diminutivos a partir de palavras que terminam em vogal átona oral em quaisquer dos contextos aqui analisados – são encontradas, simultaneamente, formando diminutivos de uma mesma palavra, o que reforça o argumento de que se trata de formas concorrentes e não de excludentes. Abaixo, apresentamos alguns exemplos que ilustram isso – ao todo foram encontrados, no *corpus* em análise, 41 exemplos de tal fato:

BalançaSINHA ← *Balança*A

BalancINHA ← *Balança*A

CovaSINHA ← *Cov*A

CovINHA ← *Cov*A

DoceSINHA <~> DoceZINHA ← *Doc*E

DocINHA ← *Doc*E

FogareirINHO ← *Fogareir*O

FogareiroSINHO ← *Fogareir*O

FormaSINHA ← *Form*A

FormeSINHA ← *Form*A

FormINHA ← *Form*A

LuaSINHA ← *Lu*A

LuINHA ← *Lu*A

MonteSINHO <~> MonteZINHO ← *MontE*

MontINHOS ← *MontE*

NervINHO ← *NervO*

NervoSINHO ← *NervO*

ObraZINHAs ← *ObrA*

ObrINHA ← *ObrA*

SaleirINHOS ← *SaleirO*

SaleiroSINHO ← *SaleirO*

5.2.1.1.2 O diminutivo *-inho* em contexto de consoante

Assim como no século XVI, ao longo do século XVII foram identificados exemplos de diminutivos formados com o sufixo *-inho* (em suas formas *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha*) a partir de palavras terminadas em consoante, tal como exemplificado abaixo:

Quadro 40 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de consoante: séc. XVII

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>	Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>	Palavras primitivas
BatelINHO ←	<i>BateL</i>	AnimalZINHO ←	<i>Animal</i>
LugarINHO ←	<i>LugaR</i>	CambiadorSINHO ←	<i>CambiadoR</i>
MaiorINHA ←	<i>Maior</i>	FlorSINHA ←	<i>FloR</i>
MesINHOS ←	<i>MeS <~></i> <i>MêS <~> MêS</i>	MayorZINHOS ←	<i>MayoR <~></i> <i>Maior</i>
RaizINHAs ←	<i>RaiZ</i>	MulherSINHA ←	<i>MulheR</i>
VozINHA ←	<i>VoZ</i>	RoxinolSINHO ←	<i>RoxinoL [<~>]</i> <i>RouxinoL</i>

Fonte: O Autor

Entre os diminutivos identificados – que totalizam 49 –, 18 são formados com *-inho*, *-inha*, e 31, com *-zinho*, *-zinha*, o que indica uma clara predominância destas formas sobre aquelas (são, respectivamente, 63,265% contra 36,734% de participação de cada uma delas).

Nesta sincronia, o sufixo *-inho* é acrescentado tanto a palavras que terminam em <r>, quanto às terminadas em <l>, <z> ou <s>, da seguinte maneira: 17 diminutivos derivam de palavras em <r>; 21, de palavras em <l>; 8, de palavras terminadas em <z>; e 3 derivam de

palavras em <s>. Por seu lado, o emprego de cada uma das formas sob as quais o sufixo *-inho* se manifesta não é idêntico em cada um desses contextos. Por exemplo: com palavras terminadas em <r>, 76,470% das ocorrências, isto é, 13 diminutivos, são formados com o emprego das formas *-zinho*, *-zinha*, enquanto *-inho*, *-inha* são identificadas em 4 exemplos, o que corresponde a 23,529% dos diminutivos que ocorrem nesse contexto; também com palavras primitivas em <l>, as formações com estas formas são bem menos frequentes que as que resultam do emprego daquelas – os diminutivos em *-inho*, *-inha* são 5, já os em *-zinho*, *-zinha* são 16, o que, em termos percentuais, equivale, respectivamente, a 23,809% e 76,190%; mas, quando as palavras primitivas são terminadas em <z> ou <s>, as formações com *-inho*, *-inha* ocorrem com mais frequência que as com *-zinho*, *-zinha*, como segue: há 7 formações com as primeiras formas contra 1 das últimas diante de palavras terminadas em <z> – o que corresponde, respectivamente, a 87,5% e 12,5% das formações nesse contexto –, já com palavras em <s>, o número de diminutivos formados por meio do uso dessas formas é, respectivamente, 2 e 1, ou 66,666% e 33,333%.

Desse modo, fica evidente que, ao longo do século XVII, o emprego das formas *-inho*, *inha* e *-zinho*, *-zinha*, em contexto de *palavras que terminam em consoante*, é influenciado pelo tipo de consoante que ocorre no final da palavra primitiva – inclusive de forma mais intensa que a verificada em relação ao século XVI (cf. seção 5.1.1.1.2). Além disso, constata-se que o contexto em questão não é exclusivo de uma ou de outra forma – embora, como vimos no parágrafo anterior, haja subcontextos que são mais favoráveis a uma delas que à outra –, ou seja, quaisquer das formas do sufixo *-inho* podem ser acrescentadas a palavras terminadas em consoante, mas uma delas pode ser mais característica de determinado subcontexto (por exemplo, palavras terminadas na consoante <r>, geralmente, formam o diminutivo com as formas *-zinho*, *-zinha*).

Tal fato possibilita, portanto, a existência simultânea de diminutivos tanto em *-inho*, *-inha*, quanto em *-zinho*, *-zinha* para uma mesma palavra terminada em consoante, conforme os exemplos a seguir:

AnelINHO ← *AneL*

AnelSINHO <~> AnnelSINHO ← *AneL*

LugarINHO ← *LugaR*

LugarSINHO ou LugarSINHOS ← *LugaR*

MaiorINHA ← *Maior*

MaiorSINHA ← *Maior*

PastorINHO ← *Pastor*

PastorZINHO ← *Pastor*

TezINHA ← *Tez*

TezSINHA ← *Tez*

O emprego das formas do sufixo *-inho* com palavras que terminam em consoante é, ainda, influenciado, ao longo do século XVII, pelo *número de sílabas* e pela *posição da sílaba tônica* da palavra primitiva. Nos exemplos identificados ao longo desta sincronia, encontramos os seguintes resultados: o uso das formas *-inho*, *-inha* predomina em relação às formas *-zinho*, *-zinha* em contexto de palavras monossílabas – foram identificados 5 diminutivos formados com as primeiras formas e 3 com as últimas, números esses que equivalem, respectivamente, a 62,5% e 37,5% dos diminutivos ocorridos nesse contexto; nos demais contextos, isto é, em contexto de palavras dissílabas, trissílabas ou polissílabas, a formação de diminutivos se dá, principalmente, com as formas *-zinho*, *-zinha*, como segue: dos 29 diminutivos formados a partir de palavras dissílabas que foram identificados, 18 receberam as formas *-zinho*, *-zinha*, e 11, as formas *-inho*, *-inha*, ou seja, 62,068% dos diminutivos são formados com as primeiras formas, e 37,931%, com estas; dos diminutivos formados a partir de palavras trissílabas – no total 11 –, 9 (ou 81,818%) foram formados com *-zinho*, *-zinha*, e 2 (ou 18,181%), com *-inho*, *-inha*; em relação aos diminutivos formados a partir de palavras polissílabas, encontramos somente 1 exemplo, o qual é formado com *-zinho*, *-zinha*.

Diante do exposto, vemos, pois, que o emprego das formas do sufixo *-inho* em contexto de consoante está diretamente relacionado ao número de sílabas da palavra primitiva, sendo que, quanto maior for a palavra (palavras de duas, de três ou mais sílabas), maior a frequência do emprego de *-zinho*, *-zinha*, enquanto, com palavras monossilábicas, as formas que predominam são *-inho*, *-inha*.

Quanto à relação entre tonicidade e emprego do sufixo *-inho*, encontramos resultados semelhantes aos apresentados para a relação entre número de sílabas da palavra primitiva e uso do sufixo *-inho* (cf. parágrafos anteriores). Assim, temos: dos monossílabos identificados – os quais são todos tônicos –, 5 formaram diminutivos a partir das formas *-inho*, *-inha*, e 3

com *-zinho*, *-zinha*; já as demais palavras – 40 oxítonas e 1 paroxítona – apresentam o seguinte comportamento: com as oxítonas, as formas de *-inho* mais empregadas são *-zinho*, *-zinha*, que ocorrem em 27 exemplos (isto é, 67,5% dos casos) contra 13 diminutivos em *-inho*, *-inha*, o que equivale a 32,5%. As ocorrências de *-zinho*, *-zinha* são, portanto, mais que o dobro das ocorrências de *-inho*, *-inha* nesse contexto; por sua vez, a única palavra paroxítona existente no *corpus* recebe as formas *-zinho*, *-zinha*.

Considerando, pois, esses dados, é possível concluir que, com palavras terminadas em consoante, os monossílabos tônicos favorecem o uso das formas *-inho*, *-inha*, enquanto as palavras oxítonas e paroxítonas favorecem o uso de *-zinho*, *-zinha*.

Por fim, é importante salientar que o modo como as diferentes formas de *-inho* se unem, ao longo do século XVII, às palavras às quais são acrescentadas é idêntico ao observado em relação ao século XVI, isto é, em regra geral, essas formas são colocadas imediatamente após a consoante final – a qual é mantida –, sem que haja a inserção de uma vogal de apoio entre a consoante e o sufixo, como podemos verificar nos exemplos já aqui apresentados. Quando, no entanto, se trata de formações plurais, a existência dessa vogal – a qual corresponde à vogal flexional – é opcional, quando as formas a serem acrescentadas são *-zinho*, *-zinha*, pelo menos quando essa consoante é <r>, tal como identificamos a partir dos exemplos abaixo:

CannaiSINHOS ← *CanaL* <~> *CannaL*

LugarSINHOS ← *LugaR*

ManjareSINHOS ← *ManjaR*

MaiorZINHOS ← *Maior*

5.2.1.1.3 O diminutivo *-inho* em contexto de ditongo oral

Ao longo do século XVII é possível identificar muitos exemplos de diminutivos em *-inho* formados a partir de palavras que terminam em ditongo oral, alguns dos quais vão apresentados abaixo:

AntonINHO ← *AntonIO* <~> *AntónIO* <~> *AntônIO*

AbundanciaSINHA ← *AbundancIA* <~> *AbundâncIA* <~> *AbundâncIA*

CartapacINHO ← *CartapacIO*

CeoSINHO ← *CEO* <~> *CÉO*

EguINHA ← EgUA <~> ÉgUA
 NaoSINHA ← NAO
 NodoaSINHA ← NodOA <~> NódOA
 ReiZINHO ← REI
 TabuINHAs ← TabUA <~> TábUA
 TenueSINHA ← TenUE <~> TénUE

Embora, como vemos pelos exemplos acima, possam ser empregadas, no contexto em análise, tanto as formas *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha*, a frequência com que cada uma delas é utilizada não é a mesma. Assim, dos 32 diminutivos em *-inho* identificados nesse contexto, 25 deles (ou 78,125% das ocorrências) formaram-se com o uso de *-zinho*, *-zinha*, e os demais 7 (o que corresponde a 21,875% dos casos), com *-inho*, *-inha*.

Ao longo desta sincronia, foi possível identificar, ainda, que o emprego das formas de *-inho* está diretamente relacionado com fatores como *número de sílaba* e *posição da sílaba tônica* da palavra primitiva, conforme segue: diante de palavras monossílabas, somente se empregaram as formas *-zinho*, *-zinha* – ao todo identificamos 6 exemplos; o mesmo se deu com palavras polissílabas, com as quais foram encontradas 5 ocorrências; com palavras dissílabas e trissílabas, há exemplos de diminutivos com *-inho*, *-inha*, mas as formações com *-zinho*, *-zinha* são muito mais frequentes – dos 17 diminutivos formados a partir de palavras dissílabas, 13 receberam estas formas, e 4, aquelas (esses números representam em termos percentuais, respectivamente, 69,230% e 30,769% das ocorrências); por sua vez, dos diminutivos derivados de palavras trissílabas, 5 são com *-zinho*, *-zinha*, e 3, com *-inho*, *-inha*, representando, nessa ordem, 62,5% e 37,5% dos diminutivos neste contexto.

Quando se analisa a relação entre o emprego das formas de *-inho* diante de palavras que terminam em ditongo oral e a posição da sílaba tônica dessa palavra, observa-se que, com palavras monossílabas tônicas e oxítonas, as únicas formas usadas foram *-zinho*, *-zinha* (foram identificados 6 diminutivos formados a partir de monossílabos tônicos, e 3, a partir de palavras oxítonas); já com palavras paroxítonas, estas formas, embora não sejam as únicas a serem empregadas, novamente são as de que mais comumente se faz uso: dos 23 diminutivos assim caracterizados, 16 (ou 69,565%) se formaram com *-zinho*, *-zinha*, e 7 (ou 30,434%), com *-inho*, *-inha*. Neste século, não houve diminutivos em *-inho* formados a partir de palavras proparoxítonas.

Desse modo, e considerando os dados expostos acima, verificamos que as formas *-zinho*, *-zinha* são de ocorrência predominante com qualquer que seja o número de sílabas da

palavra primitiva e qualquer que seja a posição de sua sílaba tônica, havendo, inclusive, contextos nos quais o seu uso é exclusivo.

Outro ponto que merecerá nossa atenção em relação às diferentes formas do sufixo *-inho* no contexto em análise é o modo como elas se unem à palavra primitiva para formarem o diminutivo. Assim, de acordo com os exemplos identificados na sincronia aqui em destaque, como os já citados, o emprego das formas *-inho*, *-inha* provoca a eliminação da vogal final do ditongo e, quando a semivogal desse ditongo é [j], há, ainda, a sua fusão com a vogal do sufixo. Já o emprego das formas *-zinho*, *-zinha* não provoca alteração na parte final da palavra, sendo, pois, acrescentadas imediatamente ao ditongo.

5.2.1.1.4 O diminutivo *-inho* em contexto de vogal nasal, ditongo nasal e vogal oral tônica

Considerando os diminutivos identificados ao longo do século XVII, é possível perceber que as palavras terminadas em *vogal nasal*, em *ditongo nasal* e em *vogal oral tônica* recebem, exclusivamente, as formas *-zinho*, *-zinha* – esse é o mesmo comportamento verificado em relação à sincronia anterior.

Assim, ao longo deste século, foram identificados 39 diminutivos formados a partir de palavras primitivas terminadas em ditongo nasal, conforme exemplos abaixo:

AbrahaõSINHO ← *Abrah*ÃO

AcçõeZINHAS ← *Acç*ÃO

EmbarcaamSINHA [*Embarcaç*amSINHA] ou *Embarcaç*oenSINHAS ← *Embarcaç*AM <~>

*Embarcaç*ÃO

GramSINHO <~> GraõSINHO <~> GrãoSINHO ou GrãoSINHOS ← *Gr*AM <~> *Gr*ÃO

LeamSINHO <~> LeaõSINHO ← *Le*AM <~> *Le*ÃO

MãySINHA ← *MAY* <~> *M*ÃY

RazaõSINHA ou RasoeSINHAS ← *Raz*AÕ <~> *Raz*ÃO

SermaoSINHO ← *Ser*MAO <~> *Ser*ÃO

Da interação dessas formas sufixais com as palavras às quais são acrescentadas, não resulta nenhuma modificação na forma destas. Contudo, havendo a necessidade de uso do diminutivo em sua forma plural, este é marcado tanto no ditongo – que assume a sua forma plural –, quanto no final da palavra, com o acréscimo do morfema de plural *-s*, conforme

verificamos em alguns dos exemplos apresentados acima (cf. *AcçãoeZINHAs*, *EmbarçaoenSINHAs* e *RasoeSINHAs*).

Por seu lado, os diminutivos formados a partir de vogais orais tônicas e de vogal nasal (átona ou tônica) são, respectivamente, e 7 e 11. Em todos eles, as formas *-zinho*, *-zinha* são acrescentadas diretamente à forma da palavra primitiva – independentemente do número de sílabas ou da posição da sílaba tônica da palavra primitiva –, sem que haja nenhuma modificação nesta, conforme os exemplos que agora são apresentados:

AguapeSINHA ← *AguapÉ*
 HomenZINHO <~> HomenSINHO <~> HomemSINHO ← *HomEM* <~> *HomEN*
 ImagemSINHAs ← *ImagEM*
 IrmaãSINHA ou IrmãSINHAs ← *IrmAÃ* <~> *IrmÃ*
 MòZINHAs ← *MÓ*
 NòSINHO ← *NÓ*
 PagensZINHOS ← *PagEM* <~> *PajEM*
 PaixõZINHA ← *PaixÕ* <~> *PaixON* <~> *PaixOM*
 PaSINHA ← *PA* <~> *PÁ*
 PensãZINHA ← *PensÃ* [<~>] *PensAM*

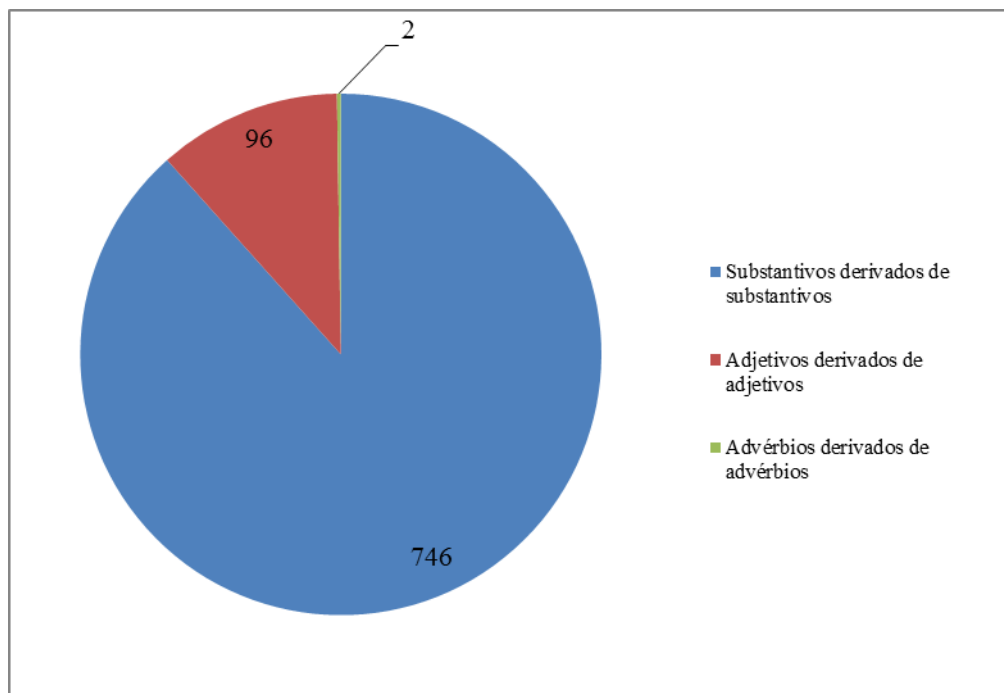
A única observação que fazemos é acerca da possibilidade de marcação interna do plural com palavras terminadas em vogal nasal, situação em que a palavra que deu origem ao diminutivo pode assumir a sua forma plural (cf. *PagensZINHOS*) – da mesma maneira que ocorre quando as formas *-zinho*, *-zinha* são acrescentadas a palavras terminadas em ditongo nasal.

5.2.1.2 *O sufixo -inho na relação entre o gênero do primitivo versus o gênero do derivado e classe de palavra do primitivo versus classe de palavra do derivado*

Dois outros aspectos que destacaremos acerca do sufixo *-inho* no século XVII são a relação entre a classe de palavra a que pertence a palavra primitiva e classe a que pertence a palavra formada com o emprego deste sufixo; e a relação entre o gênero da palavra primitiva e o gênero do derivado.

Assim, se considerarmos os 844²⁴² diminutivos formados com esse sufixo, temos, em relação à classe morfológica, o seguinte resultado:

Gráfico 34 – Diminutivos em *-inho* no século XVII: classe de palavra do primitivo *versus* classe de palavra do derivado



Fonte: O Autor

Observa-se, portanto, a partir desse gráfico, que todos os diminutivos identificados ao longo desse século pertencem à mesma classe de palavra que as palavras das quais se formaram. Em outras palavras, os substantivos derivam de substantivos, os adjetivos, de adjetivos, e os advérbios, de advérbios. Nos exemplos a seguir, esse fato fica bem evidente:

AsseiadINHA ← *Asseia*DA (Adjf → Adjf)

CedINHO ← *Ced*O (Adv → Adv)

CriadINHOS ← *Criado* (Adjm → Adjm)

DocINHA ← *Doc*E (Adjf → Adjf)

EscudINHO ou EscudINHOS ← *Escudo* (Sm → Sm)

²⁴² Conforme já vimos no Gráfico 32, o número de diminutivos formados com o sufixo *-inho* no século XVII é 846. Como há, no entanto, duas palavras que provêm de empréstimo – característica essa que torna essas palavras sem importância para a análise formal e funcional que desenvolvemos ao longo desta seção, uma vez que focada somente em palavras portuguesas –, esse número fica reduzido a 844.

FradINHO ← *FradE* (Sm → Sm)
 JaneirINHAs ← *JaneirA* (Sf → Sf)
 LivrINHO <~> LiurINHO ou LivrINHOS <~> LiurINHOS ← *LivrO* <~> *LiurO* (Sm → Sm)
 OstrINHOS ← *OstrO* (Sm → Sm)
 PutINHA ← *PutA* (Sf → Sf)
 QueijINHO ← *QueijO* (Sm → Sm)
 ÇapatINHO ← *ÇapatO* (Sm → Sm)
 TezINHA ← *TeZ* (Sf → Sf)
 VozINHA ← *VoZ* (Sf → Sf)
 ZambujeirINHO ← *ZambujeirO* (Sm → Sm)

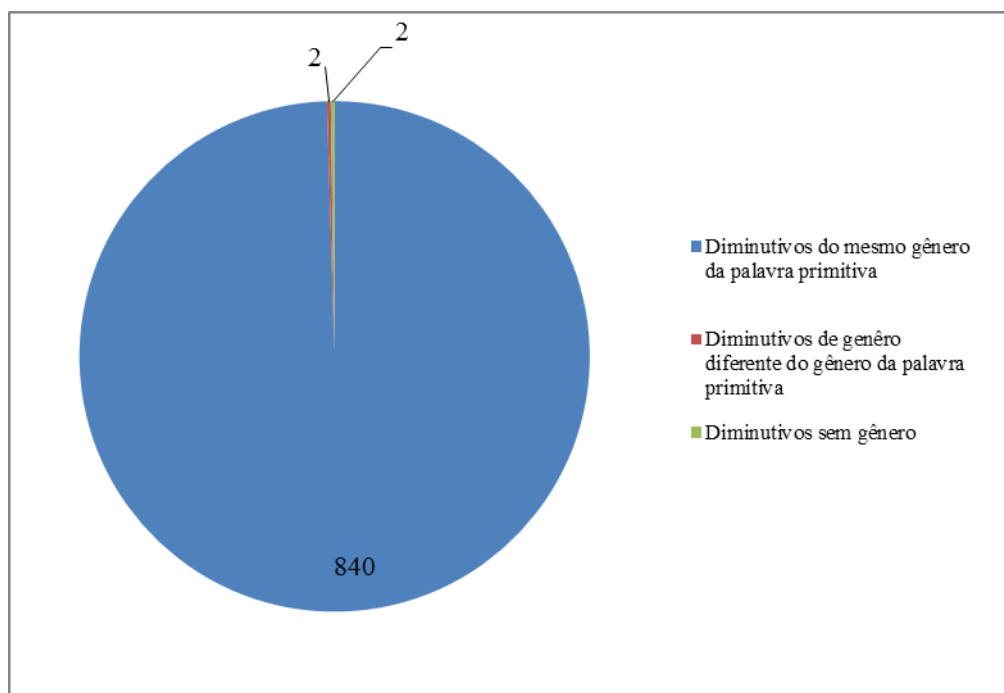
Já na relação gênero do primitivo *versus* gênero do derivado, embora a regra geral no século XVII seja a sua conservação por parte do diminutivo – tal como ocorreu no século XVI e em português arcaico e tal como vemos nos exemplos acima citados –, há alguns exemplos nos quais se verifica que a palavra derivada não conserva o mesmo gênero da palavra a partir da qual se formou, conforme os apresentados abaixo:

CarrINHA ← *CarrO* (Sm → Sf)
 FeixINHA ← *FeixE* (Sm → Sf)

Assim, considerando-se somente os diminutivos que possuem gênero – excluímos, aqui, portanto, os advérbios –, temos 351 substantivos masculinos derivados de substantivos masculinos, 393 substantivos femininos formados de substantivos femininos, 2 substantivos de gênero diferente do gênero do primitivo, 8 adjetivos masculinos formados de adjetivos masculinos e 88 adjetivos femininos derivados de adjetivos femininos. Observa-se, pois, que, dos 842²⁴³ diminutivos em *-inho* formados em português a partir de palavras que possuem gênero, apenas 2 apresentam gênero diferente do gênero da palavra primitiva, conforme gráfico a seguir:

²⁴³ Aqui, além das palavras que resultam de empréstimo – conforme já destacamos – estamos excluindo os dois advérbios, uma vez que estes não possuem gênero.

Gráfico 35 – Diminutivos em *-inho* no século XVII: gênero da palavra primitiva *versus* gênero da palavra derivada



Fonte: O Autor

Vemos, portanto, que a mudança de gênero dos diminutivos em *-inho*, em relação à palavra da qual foram derivados, é, no século XVII, um fato inexpressivo, uma vez que ocorre, apenas, em 0,237% das formações envolvendo palavras que possuem gênero.

Ainda em relação ao gênero, merece destaque a existência de palavras em *-zinho* e *-inha*, *-zinha* – as quais são empregadas, de uma forma geral, respectivamente, indicando os gêneros masculino e feminino – que são do gênero feminino e masculino, respectivamente, como nos exemplos abaixo:

CompridaSINHO ← *Comprida* (Adjf → Adjf)

MedoSINHA ← *Medo* (Sm → Sm)

PoetINHA ← *Poeta* (Adjm → Adjm)

TestoSINHA ← *Testo* (Sm → Sm)

Por fim, salientamos que, dentre os substantivos diminutivos identificados ao longo da sincronia aqui em análise, há não somente os de significação geral ou comuns, mas também os que possuem uma significação mais específica ou própria, que são os chamados substantivos próprios, como os que vêm apresentados na sequência:

AbrahaõSINHO ← *AbrahÃO*
 AntonINHO ← *AntonIO* <~> *AntónIO* <~> *AntônIO*
 ApolINHO ← *ApolO*
 ManoelINHO ← *Manoel*

Esse tipo de formação é, no entanto, pouco frequente, pois foram identificados somente 4 ocorrências, o que corresponde a 0,473% de todos os diminutivos em *-inho* formados em português e a 0,536% dos substantivos.

Quanto às suas características, observa-se que esses nomes são da mesma classe morfológica que as palavras que lhes deram origem, assim como ocorre com todos os diminutivos identificados ao longo dessa sincronia, e possuem o mesmo gênero dos respectivos nomes próprios a partir dos quais se formaram, comportamento igual, portanto, ao apresentado pelos demais substantivos e pelos adjetivos.

Em relação ao seu processo de formação, os nomes próprios diminutivos estão em conformidade com o que aqui foi descrito entre as seções 5.2.1.1.1 e 5.2.1.1.3, ou seja, no nome próprio terminado em vogal átona oral, essa vogal foi eliminada para que o sufixo fosse acrescentado; por sua vez, no nome próprio terminado em ditongo oral, a vogal átona oral foi eliminada ao mesmo tempo em que houve a fusão da semivogal [j] do ditongo com a vogal [i] do sufixo; o nome próprio cujo final era em ditongo nasal recebeu a forma *-zinho*; o nome próprio terminado em consoante recebeu *-inho*, uma formação possível, embora a regra geral para esse contexto [*consoante <l>*] seja o emprego de *zinho*, *-zinha*.

5.2.1.3 O sufixo *-inho* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Assim como no século XVI, o aspecto semântico do diminutivo em português – da mesma maneira que o formal – recebe pouca atenção dos estudos metalinguísticos ao longo do século XVII. Em Barretto (*op. cit.*, p.43-44), por exemplo, o diminutivo é assim definido: “Os nomes diminutivos são aqueles, que diminuem a significaçã de seus primitivos, como *montinho* de *monte*, *raminho* de *ramo*, *pobrete* de *pobre*; & outros taes”. Não encontramos, portanto, nesse autor, a especificação de quais os significados que o sufixo diminutivo é capaz de acrescentar à palavra a que se junta, ou seja, o autor apresenta, apenas, genericamente, que esse sufixo diminui a significação da palavra à qual foi acrescentado.

A partir da análise dos exemplos apresentados pelo autor é possível aceitar, contudo, que a sua concepção de diminutivo vai além da explicitada por Oliveira (*op. cit.*, p.222) e

Barros (*op. cit.*, p.7) – conforme vimos quando abordamos o diminutivo no século XVI –, os quais ofereceram, somente, exemplos de diminutivos referentes a tamanho pequeno. Desse modo, ao apresentar como exemplo de diminutivo um adjetivo que não significa tamanho, mas algo imaterial ou abstrato, como *pobrete*, vemos, nesse ato, uma ampliação da significação dos diminutivos, embora essas significações não tenham sido explicitadas.

Do ponto de vista semântico, portanto, os diminutivos em *-inho* encontrados em textos portugueses do século XVII apresentam diversas significações – como também já ocorreu com os do século XVI –, conforme passamos a demonstrar.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

Entre os diminutivos mais frequentes no século XVII estão os que significam diminuição de tamanho, como os que seguem:

AbelhINHA ou AbelhINHAS {‘abelha pequena’} ← *Abelha*
 BarquINHO {‘barco pequeno’} ← *BarquO* <~> *BarcO*
 ChapeoSINHO {‘chapéu pequeno’} ← *ChapEO*
 CabecINHA {‘cabeça pequena’} ← *CabeçA*
 DedINHO {‘dedo pequeno’} ← *DedO*
 FlorSINHA {‘flor pequena’} ← *FloR*
 ImagemSINHAs {‘imagem pequena’} ← *ImagEM*
 LeamSINHO <~> LeaõSINHO {‘leão pequeno’} ← *LeAM* <~> *LeÃO*
 MonteSINHO <~> MonteZINHO {‘monte pequeno’} ← *MontE*
 NóSINHO {‘nó pequeno’} ← *NÓ*
 RapazINHO {‘rapaz pequeno’} ← *RapaZ*
 TorreSINHA {‘torre pequena’} ← *TorrE*

Quando, por sua vez, esse tipo de diminutivo se refere a animais e a pessoas, verifica-se a associação entre tempo de vida e tamanho pequeno, por entender que um animal ou uma pessoa quando jovem é menor, respectivamente, que um animal do mesmo tipo quando adulto ou que uma pessoa adulta, ou seja, um animal ou uma pessoa têm o seu tamanho aumentado à medida que o seu tempo de vida aumenta. Abaixo, apresentamos alguns diminutivos identificados no século XVII e que podem ser inseridos na descrição acima:

AsnINHO {‘asno jovem e pequeno’} ← *AsnO*
 BacorINHO ou BacorINHOS {‘bácoro jovem e pequeno’} ← *BacorO*
 FilhINHA {‘filha jovem e pequena’} ← *Filha*

LeamSINHO <~> LeãSINHO {‘leão jovem e pequeno’} ← LeAM <~> LeÃO

MulatINHO ou MulatINHOS {‘mulo jovem e pequeno’} ← MulatO

PoldrINHO {‘poldro jovem e pequeno’} ← PoldrO

É importante destacar que, com as palavras *bacorinho* ou *bacorinhos*, *mulatinho* ou *mulatinhos* e *poldrinho*, o sufixo diminutivo traz um reforço para a significação das respectivas palavras primitivas – a segunda destas palavras primitivas (*mulato*) é, inclusive, um diminutivo –, as quais já significam ‘animais pequenos e de pouca idade’.

Entre os diminutivos de tamanho identificados ao longo deste século, é possível citar, também, os adjetivos que significam dimensão física ou espacial, tais como:

CompridaSINHO {‘pouco comprida’} ← Comprida

DiminuidaSINHA {‘um pouco diminuída’} ← Diminuida <~> Diminuída

DelgadINHA {‘um pouco delgada’} ← Delgada

GrandeSINHA {‘um pouco grande’} ← Grande

MagrINHA {‘um pouco magra’} ← Magra

MenorSINHA {‘um pouco menor’} ← Menor

MiudINHA {‘um pouco miúda’} ← Miuda <~> Miúda

MiudINHO {‘um pouco miúdo’} ← Miudo <~> Miúdo

Em todos os exemplos acima, as palavras formadas por meio do uso do sufixo diminutivo significam dimensões menores que as que significam as respectivas palavras que lhes deram origem. Em alguns desses exemplos – principalmente naqueles cuja forma primitiva já significa dimensão pequena –, é possível conceber, ainda, o emprego do sufixo *-inho* como uma forma de dar mais realce à significação da palavra primitiva, podendo-se perceber, também, nestes casos, a existência de um diminutivo de intensidade.

b) Diminutivos de aproximação afetiva positiva

Também os diminutivos de aproximação afetiva positiva são muito frequentes ao longo do século XVII. Eis alguns exemplos:

AmaSINHA {‘querida ama’} ← Ama

BemaventuradINHO {‘pessoa abençoada’} ← Bemaventurado <~> Bem-aventurado

CartINHA {‘estimada carta’} ← Carta

CoitadINHA {‘pobre mulher!’} ← Coitada

CriançINHA {‘estimada criança’} ← Criança

EstudantINHO {‘estimado estudante’} ← *EstudantE*
 FilhINHO ou FilhINHOS {‘querido filho’} ← *FilhO*
 FradINHO {‘estimado frade’} ← *FradE*
 PerdamZINHO {‘perdão de algo não muito grave’} ← *PerdAM* <~> *PerdÃO*
 PobreZINHA <~> PobreSINHA {‘mulher infeliz’} ← *PobrE*

É importante destacar que podem ser empregadas com essa significação não só palavras com referência imaterial – que englobam os substantivos tradicionalmente chamados de abstratos e os adjetivos –, mas também aquelas que podem referir-se a ‘seres’ materiais – os tradicionais substantivos concretos –, situação na qual são considerados afetivamente, como vemos nas palavras *cartinha*, *filhinho* e *frade* acima citadas.

c) *Diminutivos de depreciação*

Como vimos na sincronia anterior, os diminutivos de depreciação também expressam uma avaliação ou apreciação, só que negativa, em relação a determinado acontecimento, pessoa etc.. Embora não sejam muito frequentes no *corpus* sob análise, foi possível identificar os seguintes:

AcçõeZINHAS {‘ações reprováveis’} ← *AcçÃO* [<~>] *AçÃO*
 CosinheirINHO {‘cozinheiro ruim’} ← *CosinheirO* <~> *CozinheirO*
 HomenZINHO {‘homem de mau comportamento’} ← *HomEM* <~> *HomEN*
 PoetINHA {‘poeta ruim’} ← *PoetA*

d) *Diminutivos de intensidade*

Os diminutivos de intensidade são, ao longo do século XVII, bem mais frequentes que os diminutivos de depreciação, embora não estejam entre os diminutivos mais numerosos da língua portuguesa nessa sincronia. Entre os diminutivos identificados, estão os apresentados abaixo:

AzedINHA {‘um pouco azeda’} ← *AzedA*
 BeijINHO {‘beijo suave’} ← *BeijO*
 CalvoSINHO {‘muito ou pouco calvo’} ← *Calvo*
 GolpeSINHO {‘golpe pouco intenso’} ← *Golpe*
 LeveSINHA {‘um tanto leve’} ← *Leve*
 SagazINHA {‘um pouco sagaz’} ← *Sagaz*
 SòZINHA {‘um tanto só’} ← *SÓ*

TenueSINHA {‘um pouco t enue’} ← TenUE <~> T enUE

VermelhINHA {‘um pouco vermelha’} ← VermelHA

e) *Diminutivos de dura o*

Outros diminutivos com pouca frequ ncia ao longo desta sincronia s o os que exprimem a dura o de determinado ‘evento’, os aqui chamados diminutivos de dura o. Eis os exemplos identificados:

ApertoSINHO {‘breve aperto’} ← ApertO

ConsultINHA {‘breve consulta’} ← ConsultA

FebreSINHA {‘febre de curta dura o’} ← FebrE

Murmura amSINHA {‘breve murmura o ou barulho’} ← Murmura am <~> Murmura  O

CommentarioSINHO {‘r pido coment rio’} ← CommentarIO <~> ComentarIO <~> Comentar IO

f) *Diminutivos de quantidade*

Tamb m poucos s o os diminutivos identificados nos quais o sufixo acrescenta   palavra primitiva a significa o de quantidade, em especial a de quantidade pequena, por tratar-se de sufixo diminutivo. Os exemplos nos quais, a partir da an lise de seu contexto de ocorr ncia, conseguimos identificar essa significa o s o estes:

CuspINHO {‘pouco cuspe, pequena quantidade de cuspe’} ← CuspO

ChuvaSINHA {‘pouca chuva’} ← ChuvA

DinheirINHO {‘pouco dinheiro’} ← DinheirO

Esperan aSINHA <~> Esperan aZINHA {‘pouca esperan a’} ← Esperan a

PalavrINHA ou PalavrINHAS {‘pequeno n mero de palavras’} ← PalavrA

SuccoSINHO {‘pouco suco’} ← SuccO <~> SucO

Considerando o que expusemos sobre a sem ntica dos diminutivos no s culo XVI, destacamos, novamente, em rela o aos diminutivos do s culo XVII, que   sempre poss vel que um mesmo diminutivo possa exprimir, ao mesmo tempo, mais de uma das significa es diminutivas que estamos destacando.   o que ocorre, por exemplo, com os diminutivos a seguir listados:

AnimalZINHO {‘pequeno e estimado animal’} ← Animal

ArvoreSINHA <~>  rvoreZINHA {‘pequena e estimada  rvore’} ← ArvorE <~>  rvorE

BarquINHA {‘pequena e delicada barca’} ← BarcA

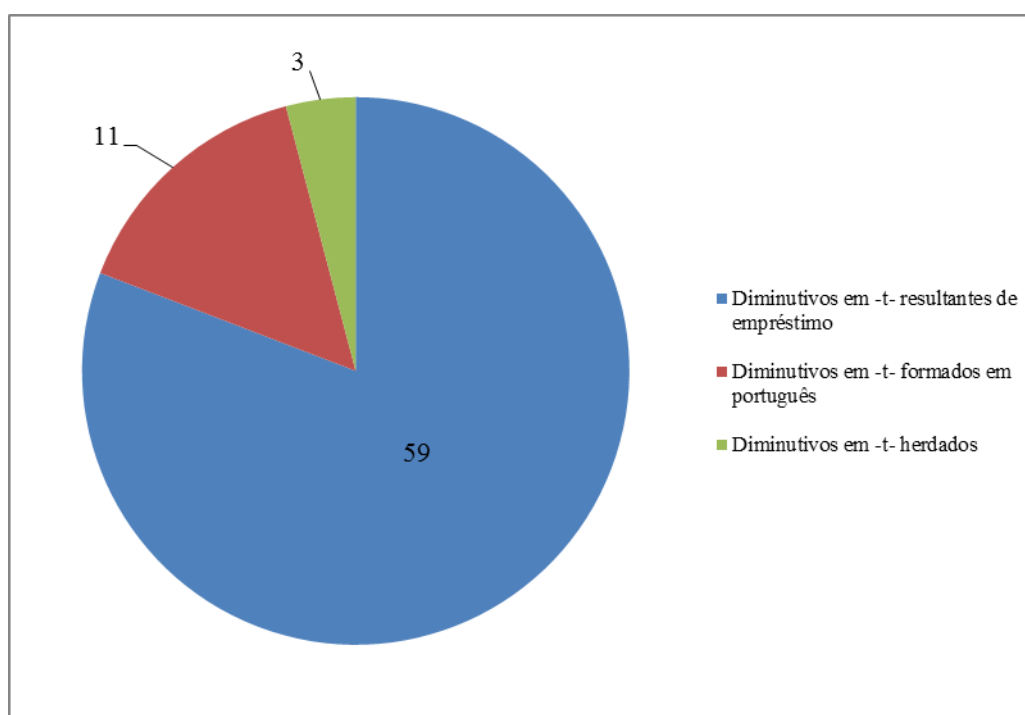
CantINHO {‘pequeno e estimado canto [lugar]’} ← *CantO*
 FilhINHO ou FilhINHOS {‘pequeno e querido filho’} ← *FilhO*
 ChuvaSINHA {‘pouca e branda chuva’} ← *ChuvA*

Nesse sentido, os cinco primeiros diminutivos acima citados são, ao mesmo tempo, diminutivos de tamanho e de apreciação afetiva positiva; já o último pode ser considerado como expressando, simultaneamente, quantidade e intensidade.

5.2.2 Sufixos em *-t-* e suas variações

Entre as palavras que possuem um sufixo diminutivo em sua estrutura ao longo do século XVII, o Gráfico 30 nos indica que os sufixos em *-t-* – manifestados sob as formas *-ato*, *-ata*, *-ete*, *-eta*, *-ito*, *-ita* e *-ota* – são aqueles que ocorrem com maior frequência, após o sufixo *-inho*, totalizando 73 ocorrências, o que significa 7,518% dos diminutivos identificados no século focalizado. No entanto, diversamente do que se dá com o sufixo *-inho*, as palavras que apresentam esse sufixo são, em sua maioria, resultantes de empréstimo – são 59 (ou 80,821%) diminutivos incorporados ao português a partir de outras línguas, contra 11 (ou 15,068%) formados em português e 3 (ou 4,109%) herdados – , como nos indica o gráfico a seguir:

Gráfico 36 – Diminutivos em *-t-* no século XVII: total de ocorrências



Fonte: O Autor

Assim como vimos em relação ao século XVI, os empréstimos são provenientes das línguas românicas (*francês, catalão, provençal, espanhol e italiano*); há, ainda, palavras herdadas, conforme estes exemplos:

AgulhETA ou AgulhETAs ◀ esp. *agujETA*
 BarquETE ◀ fr. *barquETTE* ou esp. *barquETE*
 Cabrito ou Cabritos < b.-lat. *caprĪTTUS*
 JoguETE ◀ prov. *joguET* ou esp. *juguETE*
 PerdigOTOS < lat. vulg. **perdicOTTUS*
 Pestoleta ◀ it. *pistoletta*
 VinhETE ◀ cat. *vinET*

Na sequência, passamos a analisar os diminutivos em *-t-* quanto à sua forma, ao seu funcionamento e à sua semântica. Em relação aos dois primeiros temas, abordaremos somente as palavras que se formaram em português; quando discutirmos, porém, os significados desses diminutivos, analisaremos todo o *corpus*.

5.2.2.1 Sufixos em *-t-* em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional

Conforme vimos no gráfico acima apresentado, somente 11 dos 73 diminutivos em *-t-* resultam do acréscimo de sufixo já em língua portuguesa. Eis alguns deles:

AldeOTAs ← *AldeA* (Sf → Sf)
 BaleATO ← *BaleA* [<~>] *BaleiA* (Sf → Sm)
 CalabrETE ou CalabrETEs ← *CalabrE* (Sm → Sm)
 CompridETE ← *CompridO* (Adjm → Adjm)
 FavETA ← *FavA* (Sf → Sf)
 GracETA ou GracETAs ← *GraçaA* (Sf → Sf)
 PataxETE ← *PataxO* (Sm → Sm)
 SaberETEs ← *SabeR* (Sm → Sm)
 Tranqueta ← *TrancaA* (Sf → Sf)

Considerando os exemplos que compõem o *corpus* de diminutivos em *-t-* do século XVII, observa-se que as formas sufixais empregadas para formar esses diminutivos foram *-ato*, *-ete*, *-eta* e *-ota*, as quais ocorrem, respectivamente, em 1, 6, 3 e 1 palavras.

Do ponto de vista de seu funcionamento, isto é, de sua combinação com as palavras às quais esses sufixos são acrescentados, verificamos que 10 dos diminutivos identificados têm as suas respectivas palavras primitivas terminadas em vogal átona oral, a qual é eliminada após o acréscimo das formas sufixais; em 1 exemplo – cuja palavra primitiva termina em consoante –, o sufixo *-se* une-se diretamente a esta consoante, sem provocar alteração na forma da palavra à qual foi acrescentado. Ainda no âmbito de seu funcionamento, é possível observar que os diminutivos formados têm, como palavras primitivas, palavras com duas ou três sílabas, sendo que 10 delas são paroxítonas e uma oxítona; o gênero dos diminutivos em quase todos os exemplos é o mesmo das palavras às quais os sufixos foram acrescentados, sendo a palavra *baleato* a única exceção; por outro, em todos os casos diminutivo e palavra primitiva pertencem à mesma classe morfológica, conforme acima indicado.

Por fim, concluímos que, neste século – do mesmo modo que no anterior –, em virtude do pequeno número de diminutivos formados em língua portuguesa, os sufixos em *-t-* são pouco produtivos. Cabe ressaltar, no entanto, que, dentre os 11 exemplos identificados, apenas 2 têm ocorrência anterior ao século XVII²⁴⁴ – as palavras *baleato* e *calabrete* já são encontradas nos séculos XIII e XV, respectivamente –, significando, assim, que, com exceção do sufixo *-ato* (o qual é encontrado em uma palavra repetida), são sufixos que ainda estão sendo empregados para formar novas palavras nessa sincronia.

5.2.2.2 Sufixos em *-t-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

No âmbito de sua semântica, os diminutivos em *-t-* que foram identificados ao longo do século XVII expressam os seguintes significados: *tamanho pequeno, aproximação afetiva positiva, depreciação, intensidade e duração*.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Conforme já observado em relação aos diminutivos em *-t-* identificados em textos portugueses do século XVI, também no século XVII a maioria dos diminutivos que possuem esses sufixos significam diminuição de tamanho, como nos exemplos que seguem:

²⁴⁴ Para chegar a esta conclusão, fizemos pesquisas no *Corpus* do Português (DAVIES & FERREIRA, 2006), em Houaiss & Villar (*op. cit.*) e em Machado (*op. cit.*), nos quais é possível encontrar a data de ocorrência de muitas palavras, seja pela indicação do ano, seja pela indicação do século.

AgulhETA ou AgulhETAs {'pequena agulha'} ◀ esp. *agujETA*
 FavETA {'pequena fava'} ← *FavA*
 IlhOTA {'pequena ilha'} ◀ esp. *islOTE*
 MantelETE {'pequeno manto ou pequena capa'} ◀ fr. *manteIET* ou cat. *mantellET*
 PataxETE {'pequeno pataxo'} ← *PataxO*
 RapazITO {'rapaz pequeno e/ou rapaz franzino'} ◀ esp. *rapazITO*

Ao lado desses diminutivos, há outros que, simultaneamente, significam tamanho pequeno e pouco tempo de vida, numa associação entre as duas significações, identificadas em palavras que se referem a crias de animais, como abaixo:

BaleATO {'pequena e jovem baleia'} ← *BaleA* [<~>] *BaleiA*
 ChibATO {'filhote de cabra pequeno e jovem'} ◀ esp. *chivATO* ou esp. *chibATO*
 MulATO <~> MullATO {'filhote de mula pequeno e jovem'} ◀ cat. *mulAT* ou esp. *mulATO*
 PerdigOTOS {'filhote de perdiz pequeno e jovem'} < lat. vulg. **perdicOTTUS*

b) Diminutivos de aproximação afetiva positiva

Entre os diminutivos identificados, em apenas um deles conseguimos perceber a significação de aproximação afetiva positiva, o qual vai indicado a seguir:

PobrETE {'coitado'} ◀ esp. *pobrETE*

c) Diminutivos de depreciação

Muito mais frequentes são as ocorrências de diminutivos que significam depreciação, tal como vemos nestas palavras:

JoguETE {'zombaria'} ◀ prov. *joguET* ou esp. *juguETE*
 NovATO {'iniciante, incompetente'} ◀ esp. *novATO*
 MotETE {'dito satírico'} ◀ fr. *motET* ou esp. *motETE*
 SaberETEs {'saber superficial'} ← *SabeR*

d) Diminutivos de intensidade

Também bastante frequentes são os diminutivos de intensidade, dos quais citamos os seguintes exemplos:

AlegrETE {‘um tanto alegre’} ◀ esp. *alegrETE*
 GracETA ou GracETAs {‘brincadeira suave’} ← GraçaA
 SoberbETE {‘um tanto arrogante’} ← *SoberbO*
 VerdETE {‘um tanto verde’} ◀ cat. *verdET* ou fr. *verdET* ou esp. *verdETE*
 VinhETE {‘vinho fraco’} ◀ *cat. vinET*

e) *Diminutivos de duração*

Outra significação identificada entre os diminutivos em *-t-* que fazem parte do *corpus* sob análise é a de duração, reconhecida nas duas palavras seguintes:

HistoriETA {‘breve história’} ◀ fr. *historiETTE* ou it. *storiETTA*
 MotETEs {‘canto breve’} ◀ fr. *motET* ou esp. *motETE*

Como vemos a partir das análises acima, os diminutivos em *-t-* são encontrados com significações bastante diversas, sendo que os de aproximação afetiva positiva e os de duração são pouco frequentes nesse século.

5.2.3 O sufixo *-ino* e suas variações

Os diminutivos em *-ino* identificados ao longo do século XVII são apenas em número de 4, todos eles já existentes desde os séculos XV ou XVI, conforme lista que segue:

PequenINA ou PequenINAs ◀ esp. *pequeninA*
 PequenINO ou PequenINOs ◀ esp. *pequeninO*
 PequinINO [<~>] PequenINO ou PequinINOs ◀ esp. *pequeninO*
 TamanINO ou TamanINOs ◀ *TamañinO*

A partir desses exemplos, constatamos que nenhum deles é formado em língua portuguesa, resultando de empréstimo ao espanhol. Uma vez que se trata de palavras já analisadas quando abordamos os diminutivos em *-ino* identificados nos séculos XV e XVI e visando a não repetir informações, não apresentaremos nesta seção a descrição do sufixo em foco, remetendo para as informações semânticas apresentadas em 4.3.3.1 e 5.1.3.1.

5.2.4 Sufixos em *-lh-* e suas variações

A partir da análise das diversas palavras terminadas em *-lh-* que nos foram retornadas através de buscas no *Corpus* do Português, foi possível identificar, no século XVII, 15 diminutivos, terminados em *-alha*, *-elho*, *-ilho* e *-ilha*, alguns dos quais vão citados abaixo:

CasquILHAs ◀ esp. *casquILLA*
 FedELHO < lat. vulg. **foetiCULUM*
 MigALHA ou MigALHAs < lat. hsp. **micALĚA*
 MaltrapILHOs ◀ esp. *maltrapILLO*
 VarILHA ◀ esp. *varILLA*

É importante, no entanto, destacar que – assim como já apontado em relação ao século XVI – nenhum dos diminutivos identificados (cf. *Volume III, Apêndice B*) foi formado em português, ou seja, esses diminutivos ou foram incorporados ao léxico português via empréstimo, ou já fazem parte dele por transmissão direta do latim. Em vista dessa característica, esses diminutivos não serão analisados sob as perspectivas formal e funcional, mas somente quanto à sua semântica.

5.2.4.1 Sufixos em *-lh-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

A semântica dos diminutivos em *-lh-* identificados ao longo do século XVII compreende as seguintes significações: *tamanho pequeno*, *depreciação* e *intensidade*.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Entre os diminutivos em *-lh-* que significam tamanho pequeno na sincronia que estamos destacando, podemos citar:

NovILHA {‘animal bovino jovem e pequeno’} ◀ esp. *novILLA*
 MigALHA ou MigALHAs {‘pequeno fragmento de algo’} < lat. hsp. **micALĚA*
 RosquILHA {‘pequena rosca’} ◀ esp. *rosquILLA*
 VarILHA {‘pequena vara e/ou fina vara’} ◀ esp. *varILLA*
 TelILHA {‘tela fina’} ◀ esp. *teILLA*

Destaque-se, ainda, que, na palavra *novilha* acima citada, a significação de tamanho pequeno encontra-se associada à de tempo de vida, indicando que a cria do animal referido é, ao mesmo tempo, pequena e jovem.

b) *Diminutivos de depreciação*

Embora a maioria dos diminutivos objeto de descrição nesta seção signifiquem tamanho pequeno, outros há que significam depreciação, como os abaixo apresentados:

FedELHOS {‘criança atrevida, danada’} < lat. vulg. *foet̃CULUM

MaltrapILHOS {‘vestido com roupa velha’} ◀ esp. *maltrapILLO*

TrapILHOS {‘roupa velha’} ◀ esp. *trapILLO*

c) *Diminutivos de intensidade*

Por sua vez, os diminutivos de intensidade são os menos frequentes no *corpus* investigado, apresentando apenas uma ocorrência, conforme segue:

TenrILHA {‘um tanto tenra’} ◀ esp. *ternILLA*

Para finalizar, destacamos que muitos dos diminutivos aqui analisados já são encontrados em sincronias anteriores, como, por exemplo, no século XVI, ou seja, nem todos eles constituem empréstimos novos ocorridos no século XVII.

5.2.5 Sufixos em -c- e suas variações

Poucos são os diminutivos que, ao longo do século XVII, possuem em sua estrutura um sufixo em -c-, os quais citamos todos agora:

BichOCA ou BichOCAs ← *BichA* (Sf → Sf)

JoannICO ◀ esp. *JoanICO*

ValhACO ◀ esp. *vellACO* ou esp. *bellACO*

VelhACO ou VelhACOs ◀ esp. *vellACO* ou esp. *bellACO*

VelhACA ◀ esp. *vellACA* ou esp. *bellACA*

VeranICO ◀ esp. *veranICO*

Desses diminutivos – nos quais é possível identificar os sufixos *-aco*, *-aca*, *-ico* e *-oca* –, como vemos, apenas *bichoca* teve o seu processo de formação realizado em português, resultando os demais de empréstimo à língua espanhola. Esta palavra, no entanto, já desde o século XVI integra o léxico da língua portuguesa – ou seja, não é ela uma palavra formada na sincronia século XVII –, a qual foi caracterizada naquela sincronia como sendo um diminutivo formado a partir de uma palavra dissílaba paroxítona terminada em vogal átona oral, que é eliminada para que haja o acréscimo do sufixo com significação diminutiva; ao mesmo tempo, conserva o mesmo gênero e pertence à mesma classe morfológica da palavra primitiva.

Considerando, portanto, os dados de que dispomos, é possível afirmar que, na sincronia descrita, os sufixos diminutivos em *-c-* não são produtivos. Analogicamente, pode-se dizer, também, que o empréstimo de diminutivos com essa estrutura é pouco fecundo, uma vez que apenas as palavras *Joannico* e *veranico* não estão entre os diminutivos identificados em séculos anteriores.

5.2.5.1 Sufixos em *-c-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Do ponto de vista de sua significação, os diminutivos em *-c-* desta sincronia podem ser classificados em três tipos: *tamanho pequeno*, *depreciação* e *duração*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

Geralmente um dos tipos de diminutivo mais frequentes com todos os sufixos, o diminutivo de tamanho pequeno ocorre em apenas um exemplo no *corpus* de diminutivos em *-c-* referente ao século XVII, na palavra abaixo:

BichOCA ou BichOCAs {‘bicha pequena’} ← *BichA*

b) *Diminutivos de depreciação*

Os diminutivos de depreciação são, neste século, os que apresentam o maior número de exemplos, como vemos a seguir:

JoannICO {‘João, o farsante’} ◀ esp. *JoanICO*
 ValhACO {‘mau, enganador’} ◀ esp. *vellACO* ou esp. *bellACO*
 VelhACO ou VelhACOs {‘mau, enganador’} ◀ esp. *vellACO* ou esp. *bellACO*
 VelhACA {‘enganadora, traiçoeira’} ◀ esp. *vellACA* ou esp. *bellACA*

c) *Diminutivos de duração*

Nesta sincronia, identificamos apenas uma ocorrência de diminutivo em *-c-* que apresenta, em sua significação, informação relativa à duração de determinado ‘evento’, conforme segue:

VeranICO {‘breve verão’} ◀ esp. *veranICO*

5.2.6 Sufixos em *-l-* e suas variações

O nosso *corpus* de diminutivos em *-l-* identificados em textos portugueses do século XVII é composto de 10 palavras, das quais 7 possuem o sufixo *-ela* ou *-ella*, e 3 o sufixo *-ola* ou *-olla*, como verificamos a seguir:

CapELA <~> CapELLA ou CapELAs <~> CapELLAs < lat. vulg. **cappELLA*

PortELLA < lat. vulg. **portELLA*

RodELA <~> RodELLA ou RodELAs <~> RodELLAs < lat. vulg. **rotELLA*

VitELA <~> VitELLA ◀ lat. *vitELLA*

PascoELA <~> PascoELLA ◀ esp. *PasquIELA*

PortinhOLA ou PortinhOLAs ← *Portinha*

CidadELA <~> CidadELLA ◀ it. *cittadELLA* ou fr. *citadELLE* ou esp. *ciudadELA*

BandeirOLA ◀ cat. *banderOLA* ou esp. *banderOLA*

GalinhOLA <~> GallinhOLLA ← *Galinha* <~> *Gallinha*

MordidELA ← *Mordida*

A análise desses diminutivos revela, ainda, que apenas 3 das palavras acima são formadas em português. Considerando que a palavra *portinhola* já existe desde o século XVI, restam somente as palavras *galinhola* e *mordidela* como do século XVII. Diante disso, constatamos que os sufixos *-ela* ou *-ella* e *-ola* ou *-olla* apresentam baixíssima produtividade ao longo deste século²⁴⁵.

Restringindo a nossa descrição formal e funcional desses diminutivos aos que se formaram em português, observamos o seguinte: todos eles possuem como palavra primitiva

²⁴⁵ Uma vez que, das palavras acima citadas, as 7 primeiras já haviam sido identificadas entre os diminutivos do século XVI, podemos concluir, também, que o número de diminutivos que resultam de empréstimo a outras línguas é muito pequeno ao longo dessa sincronia, pois restrito à palavra *bandeirola*.

uma palavra paroxítona trissílaba terminada em vogal átona oral; o acréscimo do sufixo implica a eliminação da vogal oral átona final; derivado e primitivo possuem o mesmo gênero; o diminutivo pertence à mesma classe morfológica que a palavra a partir da qual foi formado.

5.2.6.1 Sufixos em -l- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Quanto à significação desses diminutivos, podem ser identificados três tipos: *tamanho pequeno, duração e intensidade*.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Os diminutivos que significam tamanho pequeno representam a maior parte dos diminutivos em -l- nesta sincronia, como estes que agora apresentamos:

BandeirOLA {‘pequena bandeira’} ◀ cat. *banderOLA* ou esp. *banderOLA*
 CapELA <~> CapELLA ou CapELAs <~> CapELLAs {‘pequena igreja’} < lat. vulg. **cappELLA*
 CidadELA <~> CidadELLA {‘pequena cidade’} ◀ it. *cittadELLA* ou fr. *citadELLE* ou esp. *ciudadELA*
 GalinhOLA <~> GallinhOLLA {‘galinha pequena’} ← *GalinhA* <~> *GallinhA*
 PortinhOLA {‘porta (muito) pequena’} ← *PortinhA*

b) Diminutivos de duração

Já com a palavra *Pascoela*, o que se deseja transmitir é uma informação relativa ao tempo que durou a festividade da Páscoa, conforme abaixo:

PascoELA <~> PascoELLA {‘Páscoa breve’} ← esp. *PasquIELA*

c) Diminutivos de intensidade

A palavra *mordidela*, por sua vez, no contexto em que se manifesta, deve ser interpretada, preferencialmente, como um diminutivo de intensidade, da forma como segue:

MordidELA {‘mordida leve’} ← *Mordida*

No entanto, embora não necessariamente – daí considerarmos uma significação secundária –, é também aceitável que a palavra *mordidela*, nesse mesmo contexto, seja

compreendida como ‘uma mordida que dura(ria) pouco tempo’, sendo, portanto, também, um diminutivo de duração.

5.2.7 Sufixos em *-ch-* e suas variações

Tal como no século XVI, conseguimos identificar, nos textos do século XVII, apenas a palavra *riacho* como tendo significação diminutiva, conforme segue:

RiACHO {‘rio pequeno e pouco volumoso’} ◀ esp. *riACHO*

Essa palavra – em cuja estrutura é possível reconhecer um sufixo *-acho* – não foi formada em língua portuguesa, passando a fazer parte de seu léxico por via de empréstimo ao espanhol, como acima está indicado.

5.2.7.1 Sufixos em *-ch-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

A palavra *riacho* – tal como se encontra empregada no século XVII – apresenta as mesmas significações que foram reconhecidas em seu emprego ao longo dos séculos XV e XVI, ou seja, é, ao mesmo tempo, um diminutivo de tamanho e de quantidade²⁴⁶.

5.2.8 Os sufixos *-ulo* e *-culo* e suas variações

Os diminutivos em *-ulo* e *-culo* são identificados, ao longo do século XVII, em 8 ocorrências, 3 em *-ulo*, *-ula* e 5 em *-culo*, *-cula*, conforme a seguir:

PartiCULA <~> PartíCULA ou PartiCULAs ◀ lat. *partiCŪLA*

RegULO <~> RégULO ou RegULOs ◀ lat. *regŪLUS*

OpusCULO <~> OpúsCULO ou OpusCULOs <~> OpúsCULOs ◀ lat. *opusCŪLUM*

VersiCULO <~> VersíCULO ◀ lat. *versiCŪLUS*

FebríCULAs ◀ lat. *febriCŪLA*

²⁴⁶ Novamente aqui – e da mesma forma que procedemos em relação ao sufixo *-ino* –, para evitar (mais ainda) a repetição de informações que em outro momento já foram apresentadas, não exporemos, aqui, os argumentos que justificam a classificação da palavra em questão como um diminutivo de tamanho e de quantidade, uma vez que já o fizemos ao descrevê-la no século XV.

FormULA [ɔ] ◀ lat. *formŪLA*
 PelliCULA ou PelliCULAs ◀ lat. *pellīCŪLA*
 SummULA ◀ lat. *summŪLA*

Não obstante se encontrem essas palavras em língua portuguesa, é importante destacar que nenhuma delas é formada nessa língua, sendo todas empréstimo da língua latina ao português. Observe-se, ainda, que somente as 4 últimas não são encontradas em sincronias anteriores, isto é, há apenas 4 empréstimos que ocorreram no século XVII.

5.2.8.1 Os sufixos -ulo e -culo em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Quando considerados sob a perspectiva semântica, os diminutivos em *-ulo* e *-culo* podem ser classificados em *diminutivos de tamanho* e *de duração*, conforme segue:

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

Dos diminutivos em *-ulo* e *-culo* identificados no século XVII, 7 ocorrem como diminutivos de tamanho, como nestes exemplos:

PelliCULA ou PelliCULAs {'pele fina'} ◀ lat. *pellīCŪLA*
 FormULA [ɔ] {'pequena figura'} ◀ lat. *formŪLA*
 VersiCULO <~> VersíCULO {'pequeno verso ou pequena parte de um texto'} ◀ lat. *versiCŪLUS*

b) *Diminutivos de duração*

Com a significação de *duração*, encontramos somente a palavra *febrícula*, como indicado a seguir:

FebríCULAs {'febre de curta duração'} ◀ lat. *febriCŪLA*

5.2.9 Sufixos em -sc-

Os diminutivos em *-sc-* identificados ao longo do século XVII constituem 2 ocorrências e são os mesmos exemplos que foram identificados no século XVI, a saber:

PedrISCO ◀ esp. *pedrISCO*

RabISCO /← *RabISCAR*

Em vista, portanto, dessa coincidência – e para não repetir as mesmas análises –, remetemos para o que dissemos sobre esses diminutivos no século XVI.

5.2.10 O sufixo *-ejo*

Diferentemente do que se verificou em relação aos diminutivos identificados ao longo do século XVI a partir das buscas realizadas no *Corpus* do Português, há, no século XVII, 4 diminutivos que possuem em sua estrutura o sufixo *-ejo* –, conforme segue:

CastelEJO <~> CastellEJO ◀ esp. *castelleEJO* ou esp. *castilleEJO*

GracEJOs ◀ esp. *gracEJO*

LugarEJO ◀ esp. *lugarEJO*

MotEJOs ◀ esp. *motEJO*

O acréscimo desse sufixo, no entanto, não se deu em português, ou seja, essas palavras, embora façam parte do léxico da língua portuguesa, não foram formadas nessa língua, mas incorporadas a ela por meio de empréstimo da língua espanhola, como indicado acima.

5.2.10.1 O sufixo *-ejo* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Sob a perspectiva semântica, os diminutivos em *-ejo* encontrados ao longo da sincronia em foco são de 3 tipos: *diminutivos de tamanho*, *de aproximação afetiva positiva* e *de depreciação*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

São palavras que significam diminuição de tamanho ao longo do século XVII:

CastelEJO <~> CastellEJO {‘castelo pequeno’} ◀ esp. *castelleEJO* ou esp. *castilleEJO*

LugarEJO {‘pequeno lugar’} ◀ esp. *lugarEJO*

b) *Diminutivos de aproximação afetiva positiva*

Por sua vez, na palavra *gracejo* – a qual é um empréstimo do espanhol –, conforme abaixo, o sufixo *-ejo* expressa uma avaliação positiva do usuário da língua em relação ao significado transmitido pela palavra portuguesa *graça*, no sentido de ‘algo divertido ou brincadeira’, compreensível através de seu radical *graç-* ou *grac-*:

GracEJOs {‘dito engraçado’} ◀ esp. *gracEJO*

c) *Diminutivos de depreciação*

Contrariamente ao que se dá com a palavra *gracejo* acima comentada – também um empréstimo –, o sufixo *-ejo*, na palavra portuguesa *motejo*, acrescenta ao radical *mot-*, da palavra *mote* significando ‘dito’, uma significação percebida como negativa ou depreciativa, como abaixo:

MotEJOs {‘dito satírico’} ◀ esp. *motEJO*

5.2.11 O sufixo *-im*

Quanto aos diminutivos em *-im*, no século XVII foram identificadas apenas 2 ocorrências, as quais seguem:

FortIM ◀ esp. *fortIN* ou esp. *fortÍN* ou it. *fortINO*
BoletINs ◀ esp. *boletIN* ou esp. *boletÍN* ou it. *boletINO*

Nenhum desses diminutivos, como se observa acima, é formado em português, isto é, todos eles resultam de empréstimo do espanhol e/ou do italiano.

5.2.11.1 O sufixo *-im* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

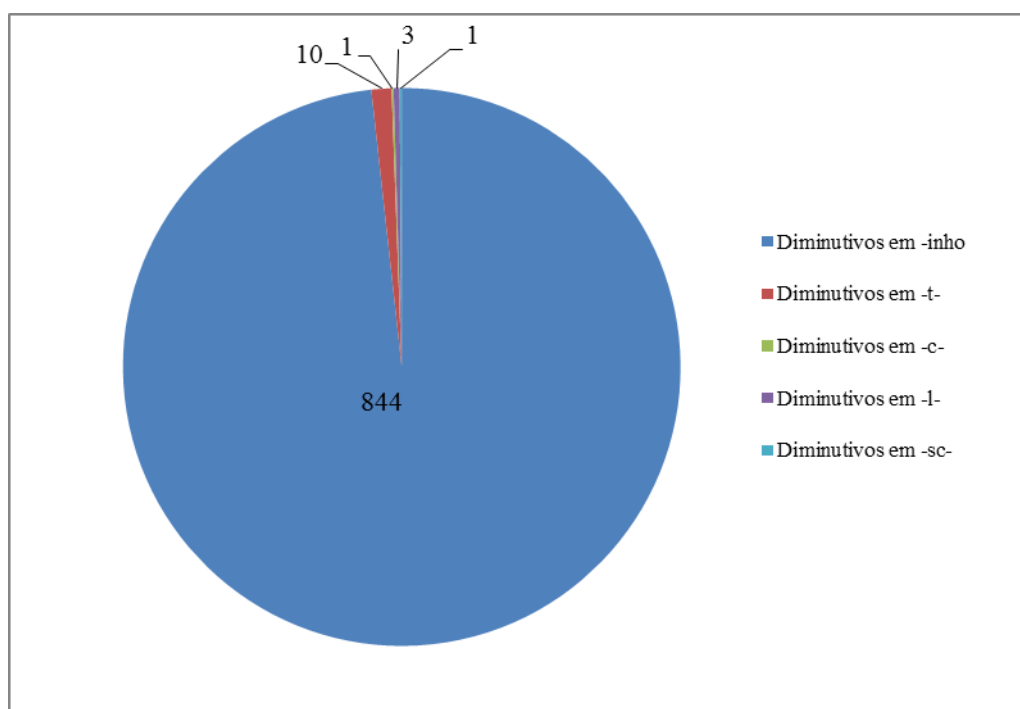
Já em relação à sua significação, observa-se que as palavras *fortim* e *boletim*, conforme abaixo indicado, são caracterizadas como diminutivos de *tamanho pequeno*.

FortIM {‘pequeno forte’} ← esp. *fortIN* ou esp. *fortÍN* ou it. *fortINO*
BoletINs {‘pequeno boleto [documento]’} ← esp. *boletIN* ou esp. *boletÍN* ou it. *boletINO*

5.2.12 Considerações preliminares

Do que foi apresentado até aqui sobre o sufixo diminutivo em português no século XVII, vemos que alguns desses sufixos – a saber: os sufixos em *-lh-*, em *-ch-*, *-ulo* e *-culo*, *-ejo* e *-im* –, embora existam em português, não possuem nenhuma produtividade nessa sincronia, uma vez que todas as palavras nas quais se encontram resultam de empréstimo a outras línguas. Assim, se considerarmos somente os diminutivos formados em português, o Gráfico 30 ficaria como segue:

Gráfico 37 – Diminutivos formados em português, em textos do século XVII: ocorrências por sufixo



Fonte: O Autor

A partir desse gráfico, fica evidente que, no século XVII – do mesmo modo que ocorreu no século XVI e em português arcaico –, os diminutivos em português são formados quase exclusivamente com o sufixo *-inho*, uma vez que, dos 859 diminutivos identificados nessa sincronia, 844 possuem esse sufixo, o que representa uma participação de 98,253%. Enquanto isso, a participação dos demais sufixos – os quais são encontrados em apenas 15 diminutivos – representa, apenas, 1,746% dos diminutivos formados em português e encontrados no século XVII.

A análise dos diminutivos formados em português revela, ainda, a existência de outras características importantes dessas palavras, as quais também já foram identificadas em relação, por exemplo, aos diminutivos do século XVI, tais como:

- os diminutivos originados de palavras que possuem gênero conservam, quase sempre, o mesmo gênero das palavras das quais se formaram: há apenas duas ocorrências em que o gênero do diminutivo difere do gênero da palavra primitiva, o que corresponde a 0,232% do total de diminutivos;
- o diminutivo, quase sempre, conserva a mesma classe morfológica que a palavra da qual se originou: um único exemplo há em que o diminutivo pertence a uma classe morfológica diferente daquela a que pertence a palavra primitiva;
- o sufixo *-inho* foi o único encontrado formando nome próprio diminutivo;
- excetuando-se o sufixo *-inho*, que pode ser empregado em vários contextos – tais como vogal oral átona, consoante, ditongo (oral ou nasal), vogal nasal e vogal oral tônica –, e os sufixos em *-t-*, que podem ser empregados em contextos de vogal átona oral e de consoante, os demais sufixos – exceto em *-sc-*, que forma uma palavra por derivação regressiva – somente foram acrescentados a palavras primitivas terminadas em vogal átona oral, o que ocorre após a eliminação desta;
- do ponto de vista semântico, a significação *tamanho pequeno* não é a única que esses sufixos são capazes de transmitir, sendo encontradas, simultaneamente ou não, outras como *duração*, *quantidade*, *intensidade*, *depreciação* e *aproximação afetiva positiva*.

5.3 Os sufixos diminutivos em português no século XVIII

O século XVIII pode ser considerado um momento importante no âmbito das descrições linguísticas do sufixo diminutivo em português. Para justificar tal assertiva, apresentamos os seguintes fatos relativos à significação e à forma desses sufixos, os quais passam a ser encontrados em instrumentos linguísticos desse século: 1) no âmbito semântico, vários outros significados que não o de indicar tamanho pequeno foram explicitamente reconhecidos – o que até então não ocorrera –, conforme destacaremos mais adiante; 2) quanto ao segundo aspecto, diversos outros sufixos, além de *-inho*, são evidenciados como podendo ser empregados com significação diminutiva, fato esse que também ainda não havia ocorrido, pois os autores anteriores a esse século – a exemplo dos já citados Fernão de Oliveira, João de Barros e Barretto –, assim como autores do próprio século XVIII – dos quais Reis Lobato (1770) é um bom exemplo –, limitavam-se, quando o faziam, a apontar a

existência desses sufixos, sem, contudo, citá-los nominalmente, como fará, no final desse século, Pedro José da Fonseca, em seus *Rudimentos da Grammatica Portugueza*, conforme a seguir:

Mas assim mesmo a terminação mais ordinaria para o masculino dos substantivos, e adjectivos, he em *inho*, e para o feminino em *inha*. Alguns pelo dito modo a tem em *ete*, e *eta*, como: *doudete*, *escudete*, *mocete*, *pannete*, *pequenete*, *pistolete*, *pobrete*, &c., ou tambem: *ilheta*, *moceta*, *villeta*, &c. — Os adjectivos a tem ás vezes em *ino*, como: *pequenino*, *tamanino*, &c.: os substantivos masculinos em *ote*, ou *oto*, como: *bacorote*, *camarote*, *perdigoto*, &c., e os femininos em *agem*, *ilha*, e *ota*, como: *villagem*, *camilha*, *galeota*, &c” (FONSECA, 1799, p.25-26).

A partir do trecho citado, verifica-se que o autor identifica, além das formas diminutivas *-inho*, *-inha*, os seguintes sufixos diminutivos em língua portuguesa: *-ete*, *-eta*, *-ino*, *-ote*, *-oto*, *-ota*, *-ilha* e *-agem*. Excetuando-se o sufixo *-agem*, todos os outros foram identificados, quer no período arcaico, quer nos séculos XVI e XVII com significação diminutiva²⁴⁷.

Em relação ao último sufixo (sufixo *-agem*), no entanto, o autor parece equivocar-se em considerá-lo como diminutivo, uma vez que essa palavra não aparece com significação diminutiva – e muito menos ainda caracterizada como diminutivo – em dicionários da língua portuguesa, quer anteriores, quer contemporâneos, quer posteriores à publicação de sua obra. Em Bluteau (1721, vol. 8, p.491), por exemplo, o verbete *villagem* assim se apresenta:

²⁴⁷ A palavra *villagem* – apresentada por Fonseca (*loc. cit.*) como exemplo de diminutivo com o sufixo *-agem* em português – não foi identificada, no *Corpus* do Português, com ocorrência no século XVIII. Aliás, a única ocorrência dessa palavra em período anterior ao século XVIII identificada nesse *site* deu-se no século XVII – a qual, coincidentemente, é a mesma que Bulteau (1721, vol. 8, p.491) utilizou como exemplificação em seu dicionário –, conforme segue: “Sam João de Luz, se divide em duas **villagens**, atadas de hũa larga ponte, sobre hum esteiro salgado: onde aquella parte que olha a Espanha, dizem os naturaes: São Vicente de Siburu, como São João de Luz a outra, que olha para França; mayor, mais rica, e principal” (Francisco Manuel de Melo. *Epanaphora politica primeira*, 1637. In. DAVIES & FERREIRA, 2006). Por esse contexto, não parece que a palavra *villagem* possua significação diminutiva, seja indicando tamanho pequeno, seja depreciação, embora se possa admitir que esteja se referindo a povoados que não constituam grandes ou importantes centros populacionais e/ou econômicos.

VILLÂGEM. Deriva-se do Francez *Village*, que quer dizer *Aldea*. (Se divide em duas *Villagens*, atadas de hũa large ponte. Epanaphoras de Dom Franc. Man. 256.)

Com base nesse verbete, verifica-se que não há uma definição clara do significado da palavra em questão, limitando-se o autor a apresentar a palavra francesa a partir da qual a palavra portuguesa se formou, apresentando, em seguida, a significação da referida palavra [*village*] em português. Claro está, no entanto, que não é caracterizada pelo autor como diminutiva. Ainda considerando esse verbete, poder-se-ia, no máximo, afirmar que o autor considera *villagem* como sinônima da palavra *aldea*, a qual, por sua vez, é definida como segue:

ALDEA, Aldéa. Povoação, menor que Lugar. [...]. (BLUTEAU, 1712, vol.1, p.229).

Assim, embora Bluteau (1716, vol. 5, p.202) apresente como uma das definições de *lugar* – à qual, provavelmente, o autor fez referência na definição acima de *aldea* – a significação de ‘pequena povoação’, como abaixo —

Lugar. Povoação pequena. Parece ã he menos que villa, & mais que aldea. [...].

— não vislumbramos a possibilidade de considerar *villagem* como um diminutivo, tal como indicado por Fonseca (1799), até mesmo porque, para Moraes Silva (1789; 1813) – um autor cuja obra é contemporânea à de Fonseca –, *villagem* é o mesmo que ‘vila’, conforme podemos deprender dos seguintes verbetes:

VILLAGEM, f. f. villa. [...]. (MORAES SILVA, 1789, vol. 2, p.526).

VILLAGEM, s. f. Villa. [...]. (MORAES SILVA, 1813 [1789¹], vol. 2, p.852).

Já a palavra *villa*, é definida por este autor como segue:

VILLA, f. f. povoação de menor graduação que a Cidade, e superior a aldeia, tem juiz, câmara, e pellarinho. [...]. (MORAES SILVA, 1789, vol. 2, p.526).

VILLA, s. f. Povoação de menor graduação que a Cidade, e superior a aldeia, tem juiz, câmara, e pellarinho. [...]. (MORAES SILVA, 1813 [1789¹], vol. 2, p.852).

Ou seja, conforme Moraes Silva acima, *vila* e *villagem* possuem a mesma significação, na qual não consta qualquer referência ao fato de que se trata de uma palavra diminutiva.

Também não se encontra a palavra *villagem* sendo considerada como diminutivo, nem definida como tal, em Fonseca (1856 [1848¹], p.966), que assim diz:

Villagem ou Village, *s. f.* e *m.* villa, ou aldeia.

Em contrapartida, define *aldeia* e *villa* como abaixo:

Aldea ou Aldeia, *s. f.* povoação pequena (sem jurisdição propria). (p.74).

Villa, *s. f.* povoação maior que aldeia. [...]. (p.966).

Em suma, em nenhum dos autores citados, a palavra *villagem* é apresentada como um diminutivo, nem do ponto de vista formal, nem do semântico. Desse modo, o que pode ter feito com que Fonseca (1799, p.25-26) considerasse essa palavra – e em especial o sufixo *-agem* – como tendo significação diminutiva deve ter sido alguma significação depreciativa dessa palavra, talvez conhecida pelo autor²⁴⁸. Como já advertimos, no entanto, para que uma

²⁴⁸ Não é impossível que a palavra *village* pudesse apresentar, no contexto social da época, alguma significação pejorativa ou depreciativa não identificável através das definições encontradas nos dicionários consultados, como há, por exemplo, em relação às palavras *villa* e *villão*, nos seguintes trechos: “VILLA, f. f. povoação de menor graduação que a Cidade, e superior a aldeia, tem juiz, câmara, e pellarinho. **Moça, ou pessoa de villa, i. é. pouco polida, e urbana**” (MORAES SILVA, 1789, vol. 2, p.526, negrito nosso). — “Villa, *s. f.* povoação maior que aldeia. **Pessoa de —, pouco polida**” (FONSECA, 1856 [1848¹], p.966, negrito nosso). — “VILLÃO, adj. o que mora em villa, camponez. § **Homem civil, não nobre.** *Resende Miscellan., e vimos os villãos valerem, e a nobreza perseguida. Cavalleiro* —, que não era de linhagem, e hia á guerra a cavallo. § **Homem baixo injuriosamente.** *Castilho elogio f.* 388. § **Rustico, descortês:** *acção villãa*, propria de villão, rustica, descortez: *villão feito*, acção de vilão. *Leão Cron. Af. 5*” (MORAES SILVA, 1789, vol. 2, p.526, negrito nosso). — “Villão, Villoa, Villãa ou Villã, *adj.* e *s. m.* e *f.* camponez, —a; domiciliado, —a em

palavra possa ser considerada um diminutivo deverá ter, obrigatoriamente, forma e significação diminutiva, o que não é o caso da palavra *villagem*, que teria, apenas – tentando seguir o raciocínio do autor – significação depreciativa, o que, por consequência, fê-lo considerar o sufixo *-agem* como sendo o responsável por essa significação²⁴⁹.

villa; **homem, mulher baixo, —a; descortez, rustico; ruim, indecoro**” (FONSECA, 1856 [1848¹], p.966, negrito nosso). — Verifique-se, no entanto, que, nos exemplos acima, a significação depreciativa existente não resulta da combinação de um radical com um sufixo, sendo, pois, inerente às próprias palavras *villa* e *villão*, em função, talvez, de um contexto social anterior que tendia a considerar o que pertence à (ou procede da) *villa* como algo inferior, grosseiro, rústico ou digno de pouca importância, afinal, como observa Viterbo (1799, Suplemento, p.61, negrito nosso), “[...] Em todos os nossos Doc. que decorrem até os fins do Sec. XII. se tomou *Villa*, não por huma Povoação grande, numerosa, superior a huma Aldêa, e que tivesse Juiz, Senado, e Pellourinho, com os mais distinctivos de Jurisdição Civil, e Criminal; **mas sim por huma pequena herdade, Casal, ou Granja, constante de algumas peças de terra, com sua casa rústica, e de abegoaria para recolher os fructos, e criar os gados, e outros animaes domesticos**”. — Também na língua francesa, alguns derivados de *vile* ou *ville* apresentam significação depreciativa, como vemos nos verbetes *vilain* e *vilainement*, da obra de Richelet (1680) : “VILAIN, *f. m.* **Avare, Faquin, taquin.** [C’est un grand vilain.]” (p.530, negrito nosso). — “*Vilainement, adv.* **D’une manière mal-honnête, d’une façon rustique, grossière. Cruellement. Avec infamie.** [Tu l’as *vilainement* outragé sous prétexte de défendre. *Ablancourt, Luc.*]” (p.531, negrito nosso). Inclusive a palavra *village*, quando empregada em francês com valor adjetival, seja para indicar proveniência, seja pertencimento, adquire significação pejorativa: “[...] *Loc. adj.*, souvent *péj.* [Le plus souvent avec valeur caractérisante; en parlant d’une pers., d’une manière d’être ou de faire] *De village.* De campagne. *Synon. campagnard, paysan, villageois*” (LE TRÉSOR).

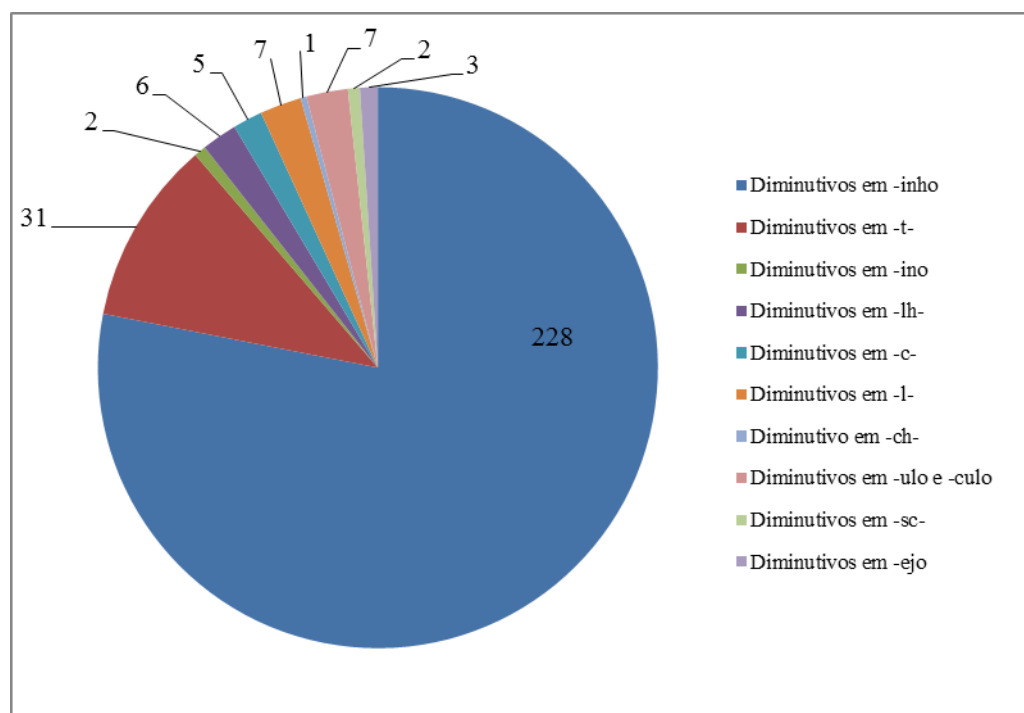
²⁴⁹ Outros dois argumentos que nos ajudam a referendar a posição de que a palavra *vilagem* não representa um diminutivo em português advêm da análise formal e semântica da palavra *village* em francês, língua a partir da qual foi tomada de empréstimo a forma portuguesa. Em relação ao primeiro tema, constatamos – após a análise de diversos autores, como Meigret (1550), Estienne (1569 [1557¹]), Diez (*op. cit.*) Ayer (1851), Brachet (1868 [1867¹]), Darmesteter (1877), Meyer-Lübke (*op. cit.*) e Nyrop (1908) – que o sufixo *-age* não é considerado, nessa língua, um sufixo diminutivo. De modo semelhante, ao descreverem esse sufixo sob a perspectiva semântica, não mencionam sua atuação com significação diminutiva, como fica particularmente claro nos seguintes trechos: “Les mots dérivés en *age*, au nombre de près de 300, sont en général des noms abstraits du genre masculin; ils ont pour base un verbe ou un substantif et expriment: 1° une action ou le résultat d’une action, comme *chauffage*, action de *chauffer*; 2° une collection, comme *feuillage*, réunion de *feuilles*, ou aussi un état, comme *esclavage*, état de l’*esclave* (AYER, *op. cit.*, p.137)”. — “Dans la langue moderne, ce suffixe [*-age*] désigne: 1° Une **collection** d’objets de même espèce: *branchage, feuillage, herbage, nuage, pelage, plumage*, etc. Le sens collectif se retrouve aussi dans *courage, langage, personnage, visage*, où *-age* exprime l’ensemble des qualités qui constituent et caractérisent le nom. — 2° Un **état**: *apprentissage, esclavage, servage, veuvage*: vfr. *malage* [...]. — 3° Une **action** ou le résultat (le produit) de cette action: *blanchissage, bouquinage, brigandage, factage, monnayage, pèlerinage, raccommodage*. Cette

Em vista dos fatos expostos, consideramos ser um equívoco – como já afirmamos em outro momento – por parte do autor ter apresentado o sufixo *-agem* como sufixo diminutivo, motivo por que não o seguiremos nessa indicação.

signification est propre à tous les dérivés modernes, qui, nous l'avons déjà dit, remontent exclusivement à des thèmes verbaux (NYROP, *op. cit.*, 86)". — Meyer-Lübke (*op. cit.*, p.570-571, negrito nosso), no entanto, aponta para a possibilidade do desenvolvimento de uma significação pejorativa a partir do significado de coleção ou de coletividade: "Très grande est la diversité du développement de *-age* en français, d'où il pénètre ensuite, sous les formes *-aggio*, *-aje*, *-agem*, dans les langues-soeurs. L'idée d'appartenance est développée dans le sens du collectif abstrait; le dérivé en *-age* exprime l'ensemble des qualités qui constituent et caractérisent un objet ou bien une chose formée par une réunion d'objets: *langue* — *langage*, ***vile*** — ***village***. De même *attel.*, *bag.*, *band.*, *boc.*, *brev.*, *cour.*, *feuil.*, *fleur.*, *herb.*, *mess.*, *outill.*, *ouvr.*, *personn.*, *vis*. L'a.-franc, *barnage* aussi désigne l'ensemble des barons, puis leur qualité, auquel sens se rattachent *apprentiss.*, *brigand.*, *baronn.*, *espionn.*, *serv.*, en a.-franc. *guion*. **La signification collective devient facilement péjorative: *bavard.*, *marchand.*, *racont.*, *taquin.*, en a.-franc, *fol*.** — Des thèmes verbaux aussi reçoivent *-age* et, conformément à son sens originel, il s'attache de préférence à ceux qui expriment déjà par eux-mêmes l'activité de plusieurs personnes ou une action compliquée: cf. *arriv.*, *abatt.*, *accol.*, *accommod.*, *accompagn.*, *adouciss.*, *affait.*, *affin.*, *affleur.* et quantité d'autres créés à l'époque moderne pour désigner toutes les opérations techniques possibles". Observe-se, no entanto, que a palavra *village* está entre os exemplos apontados pelo autor como tendo significação coletiva, mas não como um exemplo de significação pejorativa, ou seja, embora este autor admita que o sufixo *-age* pode ser empregado com uma das significações que, em nosso estudo, estamos considerando como diminutiva, a palavra *village* não pode ser considerada como um exemplo de diminutivo. Essa palavra também não é indicada como diminutivo, nem apresentada semanticamente como tal em dicionários da língua francesa, como vemos nos verbetes a seguir: "VILLAGE. f. m. Nombre de maifons champêtres pour le logement des payfâns, qui ordinairement ne font fermées d'aucune clofture commune" (ACADÉMIE, 1694, p.644). — "VILLAGE. s. m. Lieu non fermé des murailles, composé principalement des maisons des paysans. (Du latin barbare *villagium*, augmentatif de *villa*, métairie) (DOCHEZ, 1860, p.1336)". — "VILLAGE. s. m. (on ne prononce qu'un L.) Lieu non fermé de murailles, composé de maisons de paysans; assemblage de maisons dans la moins campagne, plus considérable qu'un hameau, et moins grand qu'un bourg, e où il y a une église paroissiale. *Un gros village. Le curé du village. Une noce de village. [...]*". (RAYMOND, 1832, p.750). — Como se observa dos verbetes acima, a palavra em questão designa um coletivo ('um conjunto de ...'), o que está em consonância com uma das significações que Ayer (*loc. cit.*), Meyer-Lübke (*loc. cit.*) e Nyrop (*loc. cit.*) reconheceram no sufixo *-age*, como acima expusemos. — Considerando, portanto, o exposto, fica evidente, a nosso juízo, que a palavra *village* não é um diminutivo em francês, do mesmo modo que não o é em português, pois lhe faltaria um sufixo que fosse o responsável pelo acréscimo desse significado, o que não é, certamente, feito pelo sufixo *-agem* (fr. *-age*), claramente um sufixo de relação ou pertencimento.

Por outro lado, a busca de palavras formadas por sufixo diminutivo ao longo do século XVIII – utilizando o mesmo procedimento adotado, por exemplo, em relação aos dois séculos anteriores – revelou que, excetuando o sufixo *-agem*, todos os outros citados por Fonseca (1799) são encontrados em formações diminutivas, tal como já evidenciado, também, nos séculos XVI e XVII. No gráfico a seguir, apresentamos os sufixos identificados, com a respectiva quantidade de diminutivos:

Gráfico 38 – Sufixos diminutivos em português no século XVIII: ocorrências por sufixo



Fonte: O Autor

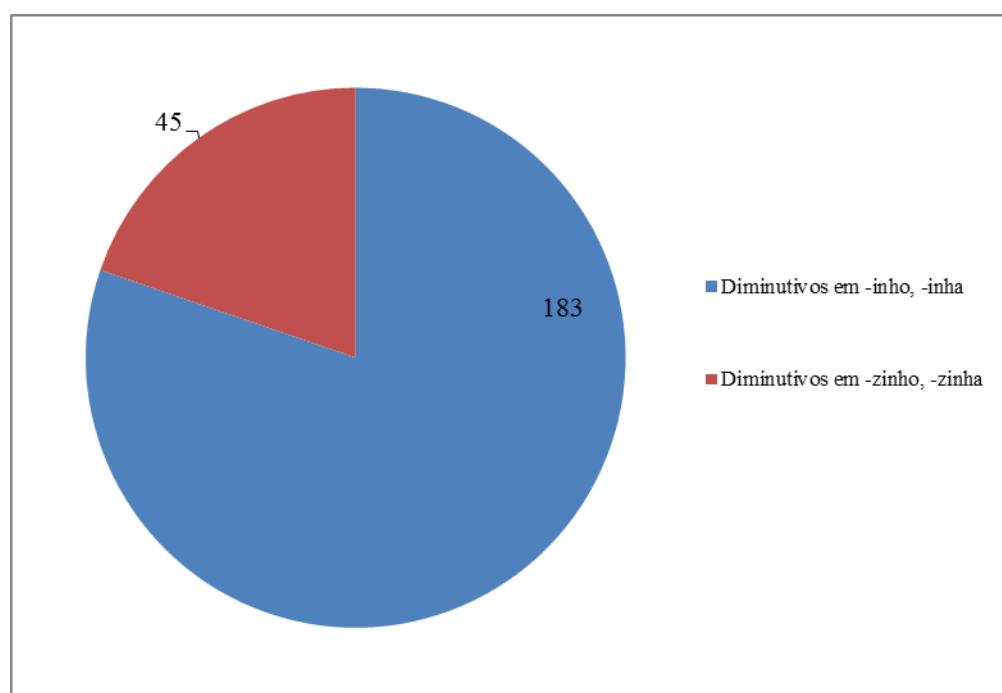
Assim, vemos que, ao longo desta sincronia, o sufixo *-inho* é o que ocorre com maior frequência, totalizando 228 ocorrências, o que representa 78,082% do total de diminutivos identificados nesse século, que é 292. Na segunda posição, vêm os diminutivos formados por sufixos em *-t-*, com 31 ocorrências, correspondendo, dessa forma, a 10,616% dos diminutivos da sincronia. Os demais sufixos – cujas ocorrências individuais estão indicadas no gráfico acima – somam, apenas, 11,301%, com 33 ocorrências.

Para um maior detalhamento acerca da forma, do funcionamento e da semântica dos diminutivos apresentados no gráfico acima, daremos início, a partir de agora, à descrição de cada um deles, a começar pelo sufixo *-inho*.

5.3.1 O sufixo *-inho* e suas variações

No decorrer do século XVIII, o número de diminutivos formados com o sufixo *-inho* em português é igual a 228, divididos entre as formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* da maneira apresentada no gráfico abaixo:

Gráfico 39 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* no século XVIII: total de ocorrências

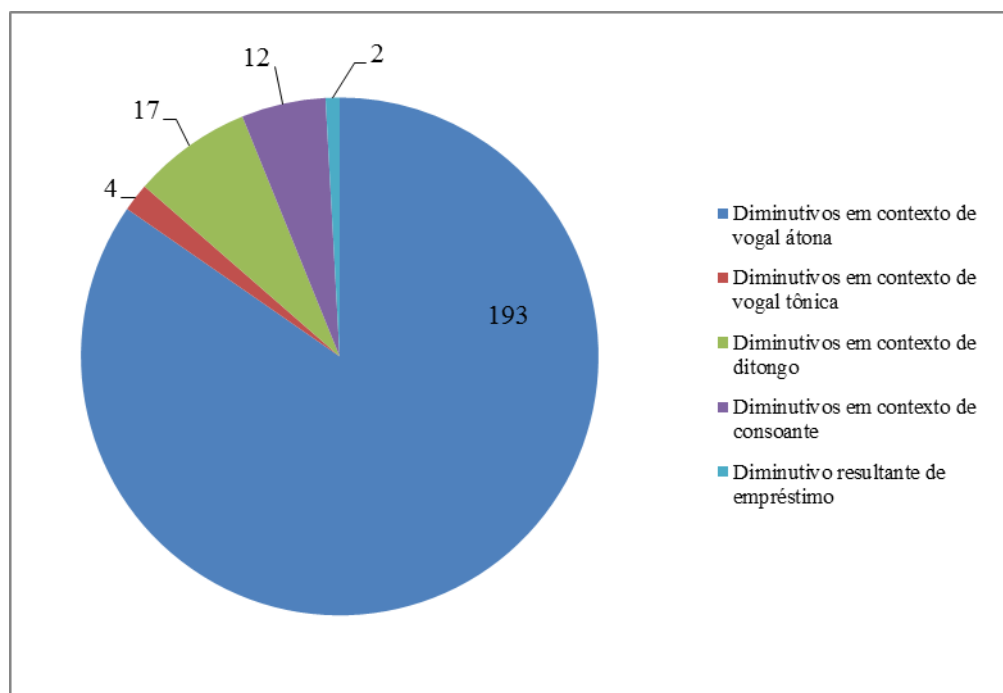


Fonte: O Autor

Com isso, verifica-se que as formações em *-inho*, *-inha* se apresentam bem mais frequentes que as em *-zinho*, *-zinha* – são 183 diminutivos com aquelas formas contra 45 destas, o que corresponde, respectivamente, a 80,263% e 19,736% –, numa proporção de 4 para 1, ou seja, são 4 diminutivos em *-inho*, *-inha* para 1 em *-zinho*, *-zinha*.

Por sua vez, o emprego desse sufixo pode ser caracterizado, como vimos em relação às sincronias já descritas ao longo desta pesquisa, segundo o tipo de terminação – o que estamos chamando de *contexto* – das palavras a que é acrescentado. No gráfico a seguir, apresentamos os contextos nos quais o sufixo *-inho* ocorre ao longo do século XVIII:

Gráfico 40 – Diminutivos em *-inho* no século XVIII: contextos de ocorrência



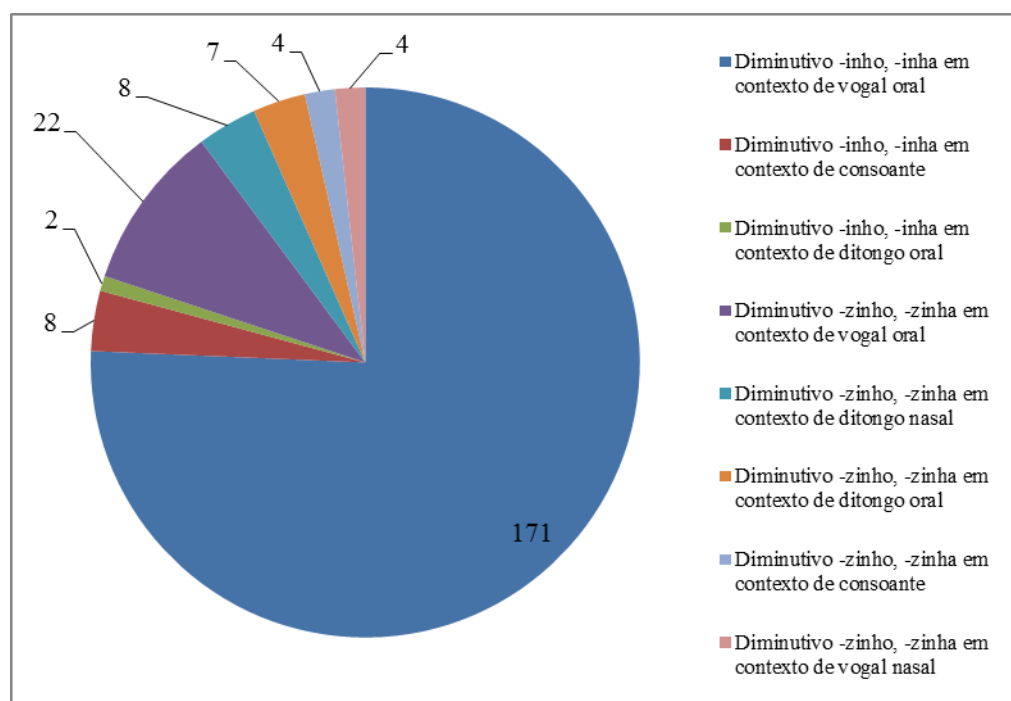
Fonte: O Autor

Nesse gráfico, é possível perceber que, no século XVIII, o sufixo diminutivo *-inho* pode ser acrescentado a palavras que terminam em quatro contextos, a saber: *vogal átona*, *vogal tónica*, *ditongo* e *consoante*²⁵⁰. No entanto, a maior parte dos diminutivos, isto é, 193 (ou 85,398%), tem origem em um único contexto, o qual é *vogal átona*, sendo os três outros responsáveis por menos de 15% do total – o contexto vogal tónica, com 4 exemplos, contribui com apenas 1,769%; o contexto ditongo, com 7,522%, em virtude dos 17 exemplos identificados; e o contexto consoante, a partir do qual se formaram 12 diminutivos, contribui com 5,309%.

²⁵⁰ Obviamente, os diminutivos existentes em português resultantes de empréstimo de outras línguas não foram formados em português a partir de palavras portuguesas, mas sim em suas respectivas línguas a partir de palavras nelas existentes. Desse modo, tais palavras não serão objeto de análise ao longo desta sincronia – como, aliás, não foram nas sincornias anteriores, nem serão nas seguintes. Assim, o número de palavras que serão analisadas será o resultado da subtração dos empréstimos a partir do número total identificado. Com isso, uma vez que ao longo do século XVIII foram identificados 228 exemplos de diminutivos em *-inho*, ao subtrair-se desse total a quantidade de diminutivos emprestados de outras línguas – a qual corresponde a 2 –, restam 226 diminutivos formados em português. É este número que será considerado em nossas análises, ou seja, todas as informações aqui apresentadas, seja do ponto de vista qualitativo, seja do quantitativo, terão por base esse número.

Embora este seja o comportamento geral do sufixo diminutivo *-inho*, é importante considerar que ele se manifesta de diferentes formas, as quais, tanto em português arcaico, quanto nas duas sincronias do português moderno até aqui descritas, possuem comportamentos diferentes em relação aos contextos em que ocorrem. Tendo isso em vista, apresentamos o gráfico a seguir, no qual se encontram expostos diversos contextos de ocorrência nos quais se manifestam essas formas no século XVIII, com a indicação do número de diminutivos que foram derivados a partir de cada um deles:

Gráfico 41 – Diminutivos em *-inho* e suas variações no século XVIII: contextos específicos de ocorrência



Fonte: O Autor

Assim, observamos que as formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* não ocorrem sempre nos mesmos contextos, embora, em todos os contextos em que aquelas ocorrem, estas também sejam empregadas. Esse gráfico nos indica, ainda, que, nos contextos em que ambas as formas [*-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha*] ocorrem, elas não possuem a mesma importância em relação a eles.

Desse modo, vemos que as formas *-inho*, *-inha* formam diminutivos, nesse século, a partir de palavras que terminam em vogal oral, consoante e ditongo oral. A quase totalidade deles – ou seja, 171, o que corresponde a 94,475% –, no entanto, encontra-se formada a partir de palavras que terminam em vogal oral, as quais são todas átonas; e somente 10 diminutivos

têm como origem os outros dois contextos, sendo 8 deles resultantes do acréscimo dessas terminações a palavras terminadas em consoante – o que equivale a 4,419% das formações em *-inho*, *-inha* – e 2 (ou 1,104%) formados com o acréscimo dessas formas a palavras em ditongo. Em relação ao total de diminutivos em *-inho*, a participação das formações em *-inho*, *-inha*, nesses mesmos contextos, é, respectivamente, de 75,663%, 3,539% e 0,884%.

Já as formas *-zinho*, *-zinha* podem ser acrescentadas a cinco contextos, a saber: *vogal oral*, *ditongo nasal*, *ditongo oral*, *consoante* e *vogal nasal*. Também estas formas, da mesma forma que *-inho*, *-inha*, são mais frequentemente empregadas com palavras que terminam em vogal oral, mas esse contexto é responsável por menos da metade dos diminutivos que se formam por meio do uso de *-zinho*, *-zinha* – são 22 diminutivos (20 formados a partir de palavras terminadas em vogal átona, e 2 de vogal tônica), o que dá uma participação de 48,888% dos exemplos. Os demais contextos – que juntos somam 23 exemplos ou 51,108% dos casos – assim se encontram caracterizados: 8 diminutivos formados a partir de palavras em ditongo nasal, o que corresponde a 17,777% das formações com *-zinho*, *-zinha*; 7 são os que têm origem em palavras que terminam em ditongo oral, o que significa uma participação de 15,555% dos diminutivos formados com essas formas; e 4 são os diminutivos formados de palavras terminadas tanto em consoante, quanto em vogal nasal, o que dá, para cada um desses contextos, uma participação de 8,888% dos diminutivos em *-zinho*, *-zinha*. Quando consideramos os diminutivos formados com as formas *-zinho*, *-zinha*, em todos esses contextos, em relação ao total de diminutivos em *-inho*, que é 226, temos, respectivamente, os seguintes resultados percentuais: 9,734%; 3,539%; 3,097%; 1,769%; e 1,769%.

Então, é possível perceber que o contexto vogal oral é muito mais importante para as formações em *-inho*, *-inha* que para as em *-zinho*, *-zinha*.

Diante do exposto, é possível sintetizar as principais características do sufixo diminutivo *-inho*, no português do século XVIII, da forma como segue:

a) nenhuma dessas formas é empregada em um único contexto

O gráfico acima nos indica que tanto *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha* não se encontram restritas a um único contexto, mas ao contrário: as primeiras formas encontram-se acrescentadas a palavras que terminam em três contextos diferentes, e as últimas em cinco, embora ocorra o que apontamos na sequência, em *b*.

b) alguns contextos favorecem mais o emprego de uma forma que de outra

Se essas formas são encontradas dando origem a diminutivos formados a partir de palavras que terminam em diferentes contextos, também é possível perceber que elas são mais frequentemente empregadas em determinados contextos que em outros. Assim, por exemplo,

as palavras que terminam em vogal oral formam, aproximadamente, 8 (a rigor, esse número é 7,772) vezes mais diminutivos com *-inho*, *-inha* que com *-zinho*, *-zinha* – encontramos, ao longo do século XVIII, 171 diminutivos formados com aquelas formas e 22 com estas. De modo semelhante, palavras que terminam em ditongo oral formam o seu diminutivo mais frequentemente com *-zinho*, *-zinha* que com *-inho*, *-inha* – dos 9 diminutivos formados a partir desse contexto, 7 receberam aquelas formas, e somente 2 estas, o que significa que, nesse contexto, as formas *-zinho*, *-zinha* são 3,5 vezes mais frequentes que *-inho*, *-inha*.

c) há contextos que são restritivos, admitindo o emprego de apenas uma dessas formas

Se alguns contextos, como os citados nos dois parágrafos anteriores, admitem o emprego das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* – embora com a observação que fizemos no parágrafo anterior –, outros há, nesta sincronia, que só admitem o uso de uma delas. Trata-se dos contextos *vogal nasal*, *ditongo nasal* e *vogal tônica*, os quais deram origem a diminutivos formados somente com as formas *-zinho*, *-zinha*.

De posse desse quadro geral acerca do comportamento do sufixo diminutivo *-inho*, passaremos a apresentar uma caracterização mais pormenorizada acerca do comportamento das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* em cada uma das circunstâncias ou contextos em ocorrem, para o que tomaremos como base, sobretudo, as informações presentes nos Gráficos 40 e 41.

5.3.1.1 O sufixo *-inho* em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional

O emprego das diferentes formas do sufixo *-inho* no século XVIII está em uma estreita relação com o contexto ao qual cada uma delas é acrescentada, o que faz com que elas sejam mais características de determinados contextos que de outros ou que diferentes sejam os modos de combinação dessas formas com a terminação da palavra a partir da qual o diminutivo é formado.

Tendo isso em vista, buscaremos, no decorrer desta seção, oferecer uma caracterização desse sufixo – a partir da descrição das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* – em palavras empregadas em textos do século XVIII. Além desses contextos – que podem ser resumidos em um só, que é a *terminação da palavra primitiva* –, analisaremos essas formas sufixais, ainda, sob a ótica do *número de sílabas das palavras às quais são acrescentadas* para formar o diminutivo e da *posição da sílaba tônica na palavra primitiva*.

5.3.1.1.1 O diminutivo *-inho* em contexto de vogal átona oral

Ao longo do século XVIII, foram identificados 191 diminutivos em *-inho* formados a partir de palavras terminadas em *vogal oral átona*. Desse total, 171 são formados com o acréscimo de *-inho*, *-inha*, o que representa 89,528% das formações nesse contexto.

Quando consideramos essas formações do ponto de vista de seu processo, mais especificamente sob o modo como se dá a combinação dessas formas com a palavra a partir da qual o diminutivo se forma, verificamos que é regra geral a *eliminação dessa vogal*, sendo, pois, a forma sufixal acrescentada ao que resta da palavra, isto é, ao seu radical, conforme mostram os exemplos que apresentamos na sequência:

AzINHAs ← AzA
 BaracINHO ← BaraçO
 CaixotINHO ← CaixotE
 CampaINHA ou CampaINHAs ← CampaA [<~>] CampãA
 DiabINHO ← DiabO
 JumentINHA ← JumentA
 MerecimentINHO ← MerecimentO
 OssINHOS ← OssO
 PedrINHA ou PedrINHAs ← PedrA
 RedondINHA ← RedondA
 SalvagINHAs ← SalvagE [<~>] SalvagEM
 VarINHA ← VarA

Ainda no tocante à combinação das formas *-inho*, *-inha* com palavras terminadas no contexto aqui em discussão, uma situação chama bastante a atenção, a qual ocorre quando as referidas palavras possuem como antecedentes da vogal átona final a semivogal [j], como nos exemplos abaixo – dos quais nenhum ainda foi identificado com ocorrência nos séculos anteriores:

CheiINHO ← CheiO
 SaINHA ← SaiA

Bem menor, por sua vez, é o número de diminutivos formados com *-zinho*, *-zinha* a partir de palavras terminadas em vogal átona oral: são apenas 20 exemplos, o que resulta em

uma participação de apenas 10,471% do total de diminutivos que se formaram a partir de palavras terminadas nesse contexto.

Se as formas *-inho*, *-inha*, ao longo do século XVIII, quando são acrescentadas a palavras terminadas em vogal oral átona, provocam a eliminação desta, o mesmo não ocorre com as formas *-zinho*, *-zinha*, como confirma o conjunto de palavras apresentadas abaixo:

CofreSINHO ← *CofrE*
 ErvaSINHA ← *ErvA*
 FreyoZINHO ← *FreyO* <~> *FreiO*
 ObraSINHAs ← *ObrA*
 PagesZINHOS ← *PagE* [<~>] *PagEM* <~> *PajEM*
 VirgulaZINHA ← *VirgulA* <~> *VírgulA*

Ou seja, o emprego dessas formas, no contexto agora descrito, tem como regra geral a *manutenção* e não a *eliminação da referida vogal*²⁵¹.

O emprego das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha*, nesse contexto, é influenciado, ao longo desse século, por fatores como *número de sílabas* e *posição da sílaba tônica* da palavra primitiva, embora sejam identificadas ocorrências de uma e de outra forma tanto com palavras dissílabas, trissílabas e polissílabas, quanto com palavras paroxítonas e proparoxítonas, conforme é possível observar por meio dos exemplos apresentados nos quadros que seguem:

²⁵¹ Outra característica relativa ao emprego das formas *-zinho*, *-zinha* junto a palavras terminadas em vogal átona oral, identificada tanto nos séculos XV e XVI, quanto no XVII, diz respeito à alteração da vogal átona final, geralmente <a> e <o>, as quais passam a ser grafadas, na maioria dos casos, como <e> (e menos frequentemente como <i>). Tal fato, no entanto, não foi identificado ao longo do século XVIII.

Quadro 41 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de vogal átona oral em palavras dissílabas: séc. XVIII

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>	Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>	Palavras primitivas
AsnINHO ←	<i>AsnO</i>	AlmaSINHAs ←	<i>AlmA</i>
CanINHA ←	<i>CanA</i>	FaceSINHA ←	<i>FacE</i>
FradINHO ←	<i>FradE</i>	FrocoSINHO ←	<i>FrocO</i>
LojINHAs ←	<i>LojA</i>	LojaZINHAs ←	<i>LojA</i>
PadINHA <~>	<i>PadA</i>	NervoSINHO ←	<i>NervO</i>
PådINHA ←			
VidrINHOS ←	<i>VidrO</i>	VentoSINHO ←	<i>VentO</i>

Fonte: O Autor

Quadro 42 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de vogal átona oral em palavras trissílabas: séc. XVIII

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>	Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>	Palavras primitivas
AzedINHO ←	<i>AzedO</i>	ArvoreSINHA <~>	<i>ArvorE <~></i>
		ArvoreZINHA ←	<i>ÁrvorE</i>
BurbulhINHA ←	<i>BurbulhA</i>	EstadoSINHO ←	<i>EstadO</i>
CantarINHO ←	<i>CantarO <~></i>	VirgulaZINHA ←	<i>VirgulA <~></i>
	<i>CântarO <~> CântarO</i>		<i>VírgulA</i>
FerrolhINHO ←	<i>Ferrolho</i>		
TratadINHO ←	<i>TratadO</i>		
ViolINHA ←	<i>Viola</i>		

Fonte: O Autor

Quadro 43 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de vogal átona oral em palavras polissílabas: séc. XVIII

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>	Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>	Palavras primitivas
AfinadINHAs ←	<i>AfinadA</i>	AcrescentoZINHO ←	<i>AcrescentO</i>
AlmofadINHA ←	<i>AlmofadA</i>		
EstudantINHO ou	<i>EstudantE</i>		
EstudantINHOS ←			
InocentINHOS ←	<i>InocentE</i>		
MerecimentINHO ←	<i>MerecimentO</i>		

Fonte: O Autor

Assim, com as palavras que possuem duas sílabas – cujo total é 107 –, 91 receberam as formas *-inho*, *-inha*, o que equivale a 85,046% das formações, e somente 16, *-zinho*, *-zinha*, correspondendo, assim, a 14,953%. Vemos, então, que, nesse contexto, aquelas formas são

bem mais frequentes que estas, numa proporção aproximada de 6 para 1 – o valor real dessa proporção é de 5,687 para 1. O mesmo fato se verifica com palavras polissílabas, a partir das quais foram identificados 7 diminutivos, 6 deles formados por *-inho*, *-inha*, e 1 por *-zinho*, *-zinha*, números esses que correspondem, respectivamente, a uma participação, na formação de diminutivos em *-inho*, a partir desse contexto, de 85,714% e 14,285%. Quando a palavra primitiva possui três sílabas, as formas *-inho*, *-inha* novamente são mais frequentes que *-zinho*, *-zinha*, mas, agora, numa proporção ainda maior: a partir desse contexto, foram identificados 74 diminutivos com aquelas formas, e 3 com estas – isso corresponde, nessa ordem, a uma participação de 96,103% e 3,896% –, o que dá uma proporção de aproximadamente 24 para 1, isto é, de um conjunto de 25 palavras trissílabas terminadas em vogal átona oral, aproximadamente 24 formarão diminutivos com *-inho*, *-inha*, e 1 com *-zinho*, *-zinha*.

Concluimos, então, que, na sincronia em descrição, o uso de *-inho*, *-inha* se sobrepõe, com grande margem, ao de *-zinho*, *-zinha* qualquer que seja o número de sílabas – duas, três ou mais – da palavra primitiva, fato esse que se diferencia, em certa medida, do identificado em relação aos séculos XVI (cf. seção 5.1.1.1.1) e XVII (5.2.1.1.1) – para citar apenas o português moderno –, embora em ambos o uso de *-inho*, *-inha* também seja mais frequente que o de *-zinho*, *-zinha* em todos esses contextos – a divergência está, portanto, não no fato em si, mas na intensidade com a qual ele se manifesta ao longo do século XVIII.

Consideremos, agora, os 191 diminutivos em *-inho* identificados, nesse contexto, ao longo do século XVIII e analisemos como o fator *posição da sílaba tônica da palavra primitiva* influencia o emprego de *-inho*, *-inha* e de *-zinho*, *-zinha*. Eis o resultado: dentre essas palavras, não se encontrou nenhuma originada de um monossílabo átono; 185 tiveram origem em palavras paroxítonas; e 6 desses diminutivos foram formados a partir de palavras proparoxítonas.

Com as palavras paroxítonas, a maioria formou os diminutivos com *-inho*, *-inha* – foram encontrados 167 exemplos assim formados, o que corresponde a 90,270% do total –, sendo as formas *-zinho*, *-zinha* empregadas em apenas 18 ocorrências, o que significa uma participação de 9,729%. Em outras palavras, podemos dizer que, de cada 10 diminutivos formados a partir de palavras paroxítonas, aproximadamente 9 recebem as formas *-inho*, *-inha*, e apenas 1 *-zinho*, *-zinha*.

Também quando o diminutivo é formado a partir de palavras proparoxítonas, o emprego das formas *-inho*, *-inha* é mais frequente que o de *-zinho*, *-zinha*. No entanto, a diferença entre o uso de uma e de outra é bem menor que no contexto anterior: no *corpus*

analisado, 4 são os diminutivos formados com aquelas, e 2 os que receberam estas, o que dá, respectivamente, uma participação de 66,666% e 33,333% na formação dos diminutivos no contexto em foco, ou seja, as formações em *-inho*, *-inha* correspondem ao dobro das formações com *-zinho*, *-zinha*.

Em suma, observa-se que as formas *-inho*, *-inha* são empregadas com mais frequência que *-zinho*, *-zinha* em ambos os contextos, em conformidade com o identificado, por exemplo, em relação aos séculos XVI e XVII. Contudo, uma divergência pode ser apontada quando se contrastam esses três séculos: enquanto que a participação de *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha*, para formar diminutivos a partir de palavras proparoxítonas, é mantida praticamente estável ao longo desses séculos – respectivamente algo próximo a 65% e 35% –, o emprego dessas mesmas formas, a partir de palavras paroxítonas, sofre uma variação de aproximadamente 20%, saindo da faixa de 70% (para *-inho*, *-inha*) e 30% (para *-zinho*, *-zinha*) para 90% e 10%, nessa mesma ordem.

Por fim, é importante salientar que, embora tanto as formas *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha* apresentem as características acima apresentadas, o que as torna mais características de determinados contextos, é possível identificar, ao longo da sincronia descrita – e tal qual já fizemos em relação a sincronias anteriores – alguns exemplos de palavras terminadas em vogal átona oral que possuem duas formas diminutivas, uma feita com *-inho*, *-inha*, e a outra com *-zinho*, *-zinha*, como nos exemplos seguintes:

ErvA SINHA ← ErvA
Erv INHA <~> Herv INHA ← ErvA <~> HervA

Loja ZINHAS ← Loja
Loj INHAS ← Loja

5.3.1.1.2 O diminutivo *-inho* em contexto de consoante

O número de diminutivos resultantes do emprego das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* junto a palavras terminadas em consoante é, ao longo do século XVIII, somente 12, conforme os exemplos abaixo:

Alvar INHOS ← AlvaR
Amor INHOS ← AmoR

AmorSINHOS ← *AmoR*
 AnelINHO ← *AneL*
 AnimalSINHO ← *AnimaL*
 ArZINHO ← *AR*
 BarrilINHO ← *BarriL*
 PapelINHO ou PapelINHOS ← *PapeL*
 PastorZINHO ← *PastoR*
 PastorINHO ← *PastoR*
 RapazINHO ← *RapaZ*
 SenhorINHOS ← *SenhoR*

Desses diminutivos, vemos que 8 são formados com *-inho*, *-inha*, e 4, com *-zinho*, *-zinha*. Nesse sentido, temos que as primeiras formas são 2 vezes mais frequentes que as últimas, pois são responsáveis pela formação de 66,666% dos exemplos contra 33,333%, ou seja, a cada 3 diminutivos que se formam a partir de palavras que terminam em consoante 2 recebem aquelas formas, e 1 recebe uma destas.

Entre esses diminutivos, 7 são formados a partir de palavras que terminam na consoante <r>, dos quais 4 recebem *-inho*, *-inha*, e 3, *-zinho*, *-zinha*, o que dá, respectivamente, uma participação de 57,142% e 42,857% na formação desses diminutivos. Outros 4 são formados de palavras cuja consoante final é <l>, 3 dos quais resultam do acréscimo de *-inho*, *-inha*, e 1 é formado com o uso de *-zinho*, *-zinha*, ou seja, nesta sincronia, 75% dos diminutivos em <l> recebem *-inho*, *-inha*, e 25%, *-zinho*, *-zinha*. Há, ainda, 1 diminutivo que se forma a partir de uma palavra terminada em <z>, por meio do acréscimo de *-inho*.

Com essa exposição, verifica-se que, diferentemente do que foi evidenciado em relação ao século XVII, as formas *-inho*, *-inha* são empregadas, na sincronia correspondente ao século XVIII, com maior frequência tanto em contexto de consoante <r>, quanto no de consoante <l>. Nas sincronias anteriores e diante dessas mesmas consoantes, ora as formas *-zinho*, *-zinha* são mais frequentes que *-inho*, *-inha*, ora estas são mais frequentes que aquelas, ora ocorrem de forma equivalente.

O emprego dessas formas, por sua vez, sofre a influência, também nesta sincronia, do fator *número de sílabas da palavra primitiva*. Nesse sentido, dos 12 diminutivos formados a partir desse contexto, 1 tem origem em palavra monossílaba, 10 em palavras dissílabas e 1 em palavra trissílaba, sendo o seguinte o emprego de cada uma dessas formas: a palavra

monossílaba e a trissílaba recebem *-zinho*; entre as dissílabas, 8 formam diminutivos com *-inho*, *-inha* e 2, com *-zinho*, *-zinha*. Observa-se, dessa maneira, que, com palavras dissílabas, as formas *-inho*, *-inha* são 4 vezes mais frequentes que *-zinho*, *-zinha*, sendo responsáveis pela formação de 80% dos diminutivos que têm origem nesse contexto.

O mesmo fato se verifica com o fator *posição da sílaba tônica da palavra primitiva*. Assim, quando analisamos os diminutivos acima apontados sob essa perspectiva, encontramos os seguintes resultados: há 1 diminutivo originado de palavra monossílaba tônica, a qual recebe a forma *-zinho*; há 11 diminutivos que se formam a partir de palavras oxítonas, sendo que a maioria recebe *-inho*, *-inha* – são 8 exemplos com estas formas contra 3 de *-zinho*, *-zinha*, o que corresponde, respectivamente, a 72,727% e 27,272% desses diminutivos. Não foi encontrado, no *corpus* sob análise, nenhum exemplo de diminutivo originado de palavra paroxítona ou proparoxítona.

Considerando, portanto, o exposto nos dois últimos parágrafos, verifica-se que com palavras oxítonas e dissílabas terminadas em consoante, forma-se o diminutivo predominantemente com *-inho*, *-inha*.

A partir dessa afirmação e tendo em vista o que foi apresentado em relação ao emprego das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* em função da consoante que ocorre na posição final da palavra, sobretudo quando nos referimos às consoantes <r> e <l>, chegamos à conclusão que, ao longo do século XVIII, o contexto *consoante* não exclui uma ou outra dessas formas, motivo por que vemos exemplos como os que seguem, os quais mostram que uma mesma palavra terminada em consoante pode ter um diminutivo formado com *-inho*, *-inha* e outro com *-zinho*, *-zinha* – tal como verificamos também em relação às palavras terminadas em vogal átona oral:

AmorINHOs ← *AmoR*

AmorSINHOs ← *AmoR*

PastorINHO ← *PastoR*

PastorZINHO ← *PastoR*

Antes de finalizar a descrição dos sufixos diminutivos formados a partir do contexto em destaque, não se pode deixar de observar o modo como as formas sufixais *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* se combinam com as palavras a que são acrescentadas. Desse modo, tendo por base os exemplos mais acima citados, vemos que, nesta sincronia, essas formas possuem o

mesmo comportamento que apresentaram em relação aos séculos XVI e XVII e, ainda, em relação ao português arcaico, ou seja, *as formas -inho, -inha, -zinho, -zinha, ao serem acrescentadas a palavras que terminam em consoante, não provocam nenhuma alteração na forma dessas palavras, vindo imediatamente após a forma da referida palavra.*

5.3.1.1.3 O diminutivo *-inho* em contexto de ditongo oral

Outro contexto a partir do qual se encontram diminutivos formados ao longo do século XVIII é com palavras terminadas em ditongo oral, conforme os exemplos que seguem:

BoySINHO ← BOY <~> BOI
 LogiaZINHA ← LogIA <~> LóJIA
 MurmurINHO ← MurmúrIO
 OratorioZINHO ← OratorIO <~> OratórIO
 PaoSINHO ou PáoSINHOS <~> PaoSINHOS ← PAO
 PatioZINHO ← PatIO <~> PátIO
 PauSINHOS ← PAU
 TaboaSINHA ou TaboaSINHAs ← TabOA <~> TáBOA
 TaboINHAs ← TabOA <~> TáBOA

Nesse contexto, foram identificadas 9 ocorrências de diminutivos, das quais 2 resultam do acréscimo de *-inho, -inha* à palavra primitiva – o que corresponde a 22,222% dos casos –, e as outras 7 são formadas com *-zinho, -zinha*, o que dá uma participação de 77,777% na formação dos diminutivos a partir desse contexto.

Desse modo, podemos concluir que, no contexto em destaque, o uso das formas *-zinho, -zinha* é muito mais frequente que o de *-inho, -inha*, numa proporção de 3,5 vezes, ou seja, para cada 7 palavras formadas com as primeiras formas, 2 são formados com estas.

O emprego de cada uma dessas formas, por seu lado, é influenciado por fatores como *número de sílabas e posição da sílaba tônica* da palavra primitiva. Em relação ao primeiro, temos o que segue: com palavras monossílabas – todas elas tônicas –, há 3 exemplos com *-zinho, -zinha* e nenhum com *-inho, -inha*; a partir de palavras dissílabas, formaram-se 3 diminutivos com *-zinho, -zinha*, e 1 é formado com *-inha*, ou seja, 75% dos diminutivos nesse contexto são formados com o acréscimo de *-zinho, -zinha*, e 25% com *-inho, -inha*; há, ainda,

1 diminutivo formado de uma palavra trissílaba e 1 de uma polissílaba, os quais resultam, respectivamente, do acréscimo de *-inho* e de *-zinho*.

Considerando, agora, esses diminutivos sob a perspectiva da posição da sílaba tônica das palavras que lhes deram origem, o resultado é este: dos monossílabos tônicos, derivaram-se 3 diminutivos, todos eles com *-zinho*, *-zinha*; das palavras paroxítonas, 2 (ou 33,333% dos casos) receberam *-inho*, *-inha*, e 4 (ou 66,666%), *zinho*, *zinha*.

Concluimos, desse modo, que, nessa sincronia, os ditongos orais monossílabos tônicos excluem o emprego das formas *-inho*, *-inha*; já os dissílabos paroxítonos, aceitam ambas as formas – embora, preferencialmente, recebam *-zinho*, *-zinha* –, tal como nos exemplos a seguir,

TaboaSINHA ou TaboaSINHAs ← *TabOA* <~> *TábOA*

TaboINHAs ← *TabOA* <~> *TábOA*

É importante destacar, ainda, a partir da análise dos exemplos acima citados, que essas formas se comportam diferentemente em relação ao processo de formação dos diminutivos, isto é, quanto ao modo como se combinam com a palavra que dá origem ao diminutivo. Assim, enquanto o acréscimo de *-zinho*, *-zinha* não provoca nenhuma modificação em sua forma, conservando-a intacta, o emprego das formas *-inho*, *-inha* resulta na eliminação da vogal final do ditongo, e, se essa vogal for antecedida da semivogal [j], há, ainda, a fusão da vogal [i] do sufixo com a referida semivogal.

5.3.1.1.4 O diminutivo *-inho* em contexto de vogal nasal, ditongo nasal e vogal oral tônica

Considerando as palavras que compõem o *corpus* aqui sob análise, identificam-se, ao longo do século XVIII, 14 diminutivos formados a partir de palavras que terminam em vogal nasal – 4 ocorrências –, ditongo nasal (átono ou tônico) – 8 ocorrências – ou vogal tônica oral – 2 ocorrências.

Do mesmo modo que nos séculos XIII, XIV, XVI e XVII – e diferentemente do que se verificou no século XV –, esses diminutivos foram formados exclusivamente com o acréscimo das formas *-zinho*, *-zinha*, conforme indicam os exemplos abaixo:

FerraoZINHO ← *FerrÃO* <~> *FerrAO*

LadraõSINHO ← *LadrÃO*

ManhãZINHA ← Manhã
 PãoSINHO ← PÃO
 PóSINHOS ← PO <~> PÓ
 SertumZINHO ← SertUM
 So'ZINHA ← SÓ
 TerrãoZINHO ← TerrÃO

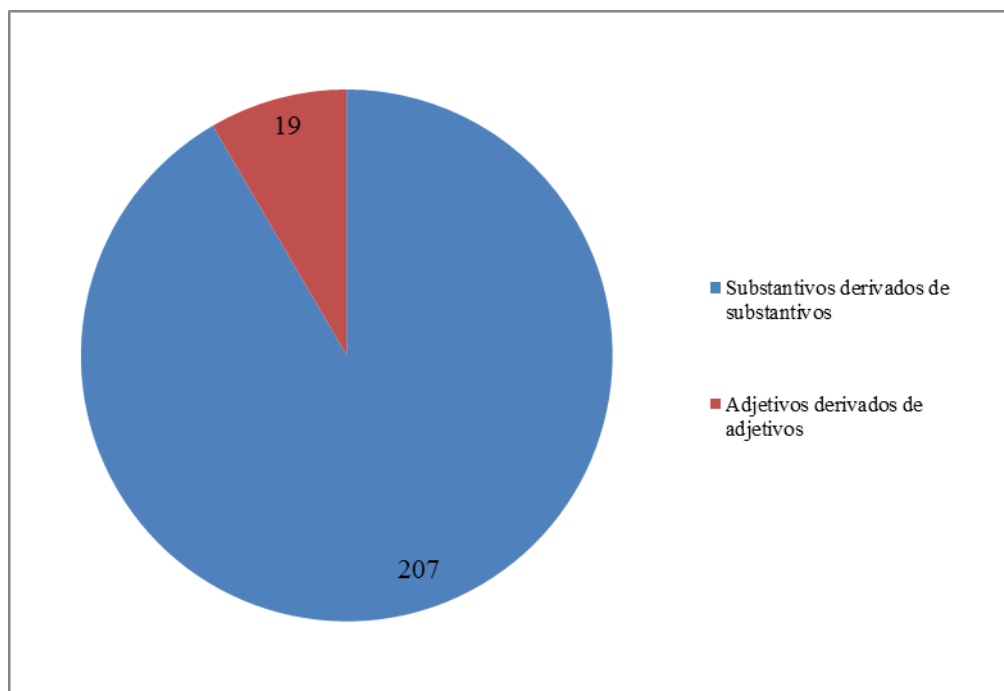
Quanto ao processo de formação desses diminutivos, verifica-se que, em qualquer um desses contextos, essas formas sufixais são acrescentadas sem provocar nenhuma alteração na forma da palavra primitiva. Contudo, se – em formações a partir de ditongo nasal – for necessário o emprego de tais diminutivos em sua forma plural, é possível fazer a sua flexão interna, assumindo, assim, o ditongo a sua flexão plural, conforme os seguintes exemplos:

AlaãosZINHOS <~> AlaãoZINHOS ← AlÃO <~> AlaÃO <~> AlãÃO
 BotoensSINHOS ← BotÃO

5.3.1.2 O sufixo -inho na relação entre o gênero do primitivo versus o gênero do derivado e classe de palavra do primitivo versus classe de palavra do derivado

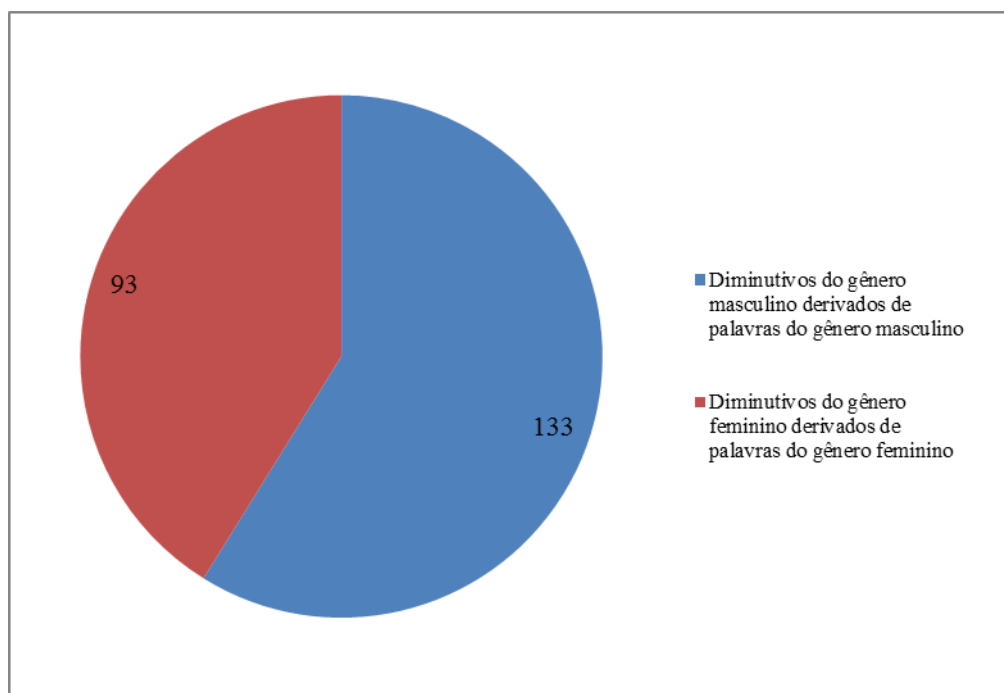
Outra característica marcante que se evidencia, quando analisamos os diminutivos portugueses em *-inho* identificados ao longo do século XVIII, é a que resulta da relação que eles mantêm com as palavras a partir das quais derivaram no que se refere à *classe morfológica* (ou *de palavra*) e ao *gênero*. Nos gráficos abaixo, é possível visualizar como essa relação se dá em cada um desses aspectos:

Gráfico 42 – Diminutivos em *-inho* no século XVIII: classe de palavra do primitivo *versus* classe de palavra do derivado



Fonte: O Autor

Gráfico 43 – Diminutivos em *-inho* no século XVIII: gênero da palavra primitiva *versus* gênero da palavra derivada



Fonte: O Autor

A partir desses gráficos, é possível perceber que todos os 226 diminutivos objetos de descrição nessa sincronia pertencem à mesma classe morfológica e possuem o mesmo gênero das respectivas palavras que lhes deram origem. Em outras palavras, podemos dizer que: os 122 substantivos diminutivos masculinos identificados derivaram de outros substantivos também masculinos; os 85 substantivos diminutivos femininos foram formados de outros substantivos femininos; os 11 adjetivos diminutivos masculinos são derivados de adjetivos masculinos, da mesma forma que os 8 adjetivos diminutivos femininos são formados de adjetivos femininos.

Para finalizar essa nossa discussão acerca dos diminutivos em *-inho* no século XVIII, salientamos que, também neste século – assim como nos séculos anteriores – foram identificados nomes próprios diminutivos, os quais seguem:

AnINHAs ← *AnA*
 MariquINHAs ← *Marica*
 RebelINHO ← *RebelO*

Esses nomes, por sua vez, seguem o comportamento geral já aqui descrito para os substantivos e adjetivos, tanto no que se refere à classe morfológica e ao gênero, quanto em relação à combinação do sufixo com a palavra primitiva, isto é, o diminutivo pertence à mesma classe morfológica que a palavra primitiva e conserva o mesmo gênero que ela, resultando do acréscimo das formas sufixais *-inho*, *-inha* após a eliminação da vogal átona oral da palavra primitiva.

5.3.1.3 O sufixo *-inho* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

No século XVIII, diferentemente do que se deu nos dois séculos anteriores, já se encontram explicitamente indicadas outras significações para os diminutivos, além da significação de tamanho pequeno. Isso é que o se verifica, por exemplo, em Fonseca (1710?), o qual identifica três dos significados nos quais classificamos os diminutivos: *tamanho pequeno* (*op. cit., passim*), *aproximação afetiva positiva* – que o autor chama de *louvor* – e *depreciação* – o qual o autor identifica como *vitupério* ou *indiferença*. Em relação aos últimos significados apontados pelo autor, assim ele diz (*op. cit., p.167*, itálicos nossos) – fazendo referência também aos aumentativos:

DE todos estes nomes tanto adjectivos, como substantivos, confidero tambem; que feria mui util, que derivaſemos varios augmentativos, e varios diminutivos, os quaes por varios modos ſignificaſem *louvor*, ou *vituperio*, ou *indifferença* dando indicio de grande, ou de pequena, ou de mediocre dignidade, ou indignidade nas couſas, e tambem do appetite, ou da repugnancia, ou da ingenuidade, com que as louvaſemos, ou vituperaſemos, ou da ſimplicidade, com que abſoluta e indifcriminadamente as pronunciaſemos [...].

No final do século, outro Fonseca (1799, p.25) também destaca que o diminutivo não é empregado apenas com o objetivo de indicar o tamanho de algo, podendo também ser usado para expressar diminuição de uma quantidade ou de uma qualidade, assim como para indicar carinho ou desprezo, conforme segue: “Delles [os diminutivos] se usa para indicar diminuição na quantidade, ou qualidade do ſujeito, de que ſe trata. Tambem ſervem para exprimir o carinho, ou a idéa do desprezo, que por ſeu meio ſe quer excitar”.

Conforme vemos pelas citações aqui feitas, à exceção das ſignificações de *duração* e de *intensidade*, todas as outras para as quais desde o século XIII estamos apresentando exemplos já ſão reconhecidas em descrições dos diminutivos feitas no século XVIII.

Para uma caracterização eſpecífica da ſemântica dos diminutivos em *-inho* que identificamos ao longo do século em destaque, daremos início à ſua descrição a partir de agora, antecipando que, no *corpus* em análise, não foram identificados diminutivos de duração, ſendo encontradas, no entanto, todas as outras ſignificações tal como caracterizadas quando deſcrevemos a ſemântica dos diminutivos na seção relativa ao século XVI.

a) *Diminutivos que ſignificam* diminuição de tamanho

Entre os diminutivos em *-inho* que identificamos ao longo do século XVIII, ſão os que ſignificam tamanho pequeno os que ocorrem em maior número, como nestes exemplos, entre os quais ſe incluem não ſomente substantivos como também alguns adjectivos²⁵²:

²⁵² Tal como já apontamos em relação aos adjectivos que ſignificam diminuição de tamanho nos séculos XVI e XVII, também os identificados no século XVIII e aqui citados – a ſaber: *afinadinho*, *compridinho* e *delgadinho* –, por ſerem formados a partir de palavras que ſignificam tamanho, tal como o estamos concebendo neste estudo – respectivamente, *afinada*, *comprido* e *delgada* –, possuem associada à ſignificação de tamanho pequeno a ſignificação de realce da ideia já expressa pelo ſeu primitivo, podendo-se admitir, portanto, também, nesse tipo de exemplo, a existência de um diminutivo de intensidade.

AfinadINHAS {‘um pouco fina’} ← *Afinada*
 AnimalSINHO {‘pequeno animal’} ← *Animal*
 CompridINHO <~> CõpridINHO {‘um pouco comprido’} ← *Comprido* <~> *Cõprido*
 DelgadINHAS {‘um pouco delgada’} ← *Delgada*
 EstrelINHA <~> EstrellINHA {‘pequena estrela’} ← *Estrela* <~> *Estrella*
 FuroSINHO {‘pequeno furo’} ← *Furo*
 LetrINHA {‘pequena carta’} ← *Letra*
 NuvemSINHA {‘pequena nuvem’} ← *Nuvem*
 PãoSINHO {‘pequeno pão’} ← *PÃO*
 TratadINHO {‘pequeno tratado’} ← *Tratado*

Não se pode deixar de destacar que, no século XVIII, da mesma forma que em séculos anteriores, existem diminutivos – especialmente os que se referem a seres vivos – que associam a significação de tamanho pequeno à ideia de pouco tempo de vida, como nos exemplos que seguem:

CavalINHO {‘pequeno e jovem cavalo’} ← *Cavalo*
 FilhINHO ou FilhINHOS {‘pequeno e jovem filho’} ← *Filho*
 BurrINHO {‘pequeno e jovem burro’} ← *Burro*
 PorquINHO {‘pequeno e jovem porco’} ← *Porco*
 PastorINHO {‘pequeno e jovem pastor’} ← *Pastor*

b) *Diminutivos de aproximação afetiva positiva*

Outros diminutivos em *-inho* muito frequentes ao longo deste século são os que significam aproximação afetiva positiva, conforme se verifica com estes exemplos:

AlmaSINHAs {‘pobre alma’} ← *Alma*
 CasINHA <~> CazINHA ou CasINHAs <~> CazINHAs {‘estimada casa’} ← *Casa* <~> *CazA*
 CorpINHO {‘delicado corpo’} ← *Corpo*
 FreirINHA {‘graciosa freira’} ← *Freira*
 FilhINHO ou FilhINHOS {‘filho amado’} ← *Filho*
 LivrINHO ou LivrINHOS {‘estimado livro’} ← *Livro*
 PobreSINHA {‘mulher sofredora’} ← *Pobre*

c) *Diminutivos de depreciação*

Por outro lado, no *corpus* analisado somente se identificou uma ocorrência de diminutivo com significação depreciativa, a saber:

VestidINHO {‘vestido feio ou pouco enfeitado’} ← *VestidO*

d) *Diminutivos de intensidade*

Também bastante frequentes, ao longo do século XVIII, são os diminutivos em *-inho* que significam intensidade, como é possível verificar nas seguintes palavras:

AzedINHO {‘um pouco azedo’} ← *AzedO*

BonitINHA {‘um pouco bonita’} ← *BonitA*

MorenINHA {‘um tanto morena’} ← *MorenA*

PretINHOs {‘um pouco preto’} ← *PretO*

RedondINHA {‘um tanto redonda’} ← *RedondA*

VentoSINHO {‘vento brando’} ← *VentO*

e) *Diminutivos de quantidade*

Entre os diminutivos em *-inho* identificados nesta sincronia, poucos são os que significam diminuição de quantidade: são apenas duas ocorrências, as quais vão citadas abaixo:

PalavrINHA ou PalavrINHAs {‘poucas palavras’} ← *PalavrA*

AcrescentoZINHO {‘acrécimo de pequena quantidade’} ← *AcrescentO*

Por fim, é importante observar que, também com os diminutivos em *-inho* do século XVIII – tal qual já se constatou, por exemplo, em relação aos diminutivos das duas sincronias anteriores –, os diminutivos podem ocorrer, simultaneamente, com mais de um significado, como nos seguintes exemplos:

LivrINHO ou LivrINHOs {‘pequeno e estimado livro’} ← *LivrO*

FilhINHO ou FilhINHOs {‘pequeno e amado filho’} ← *FilhO*

BrutINHO {‘pequeno e mimoso animal’} ← *BrutO*

CorpINHO {‘pequeno e delicado corpo’} ← *CorpO*

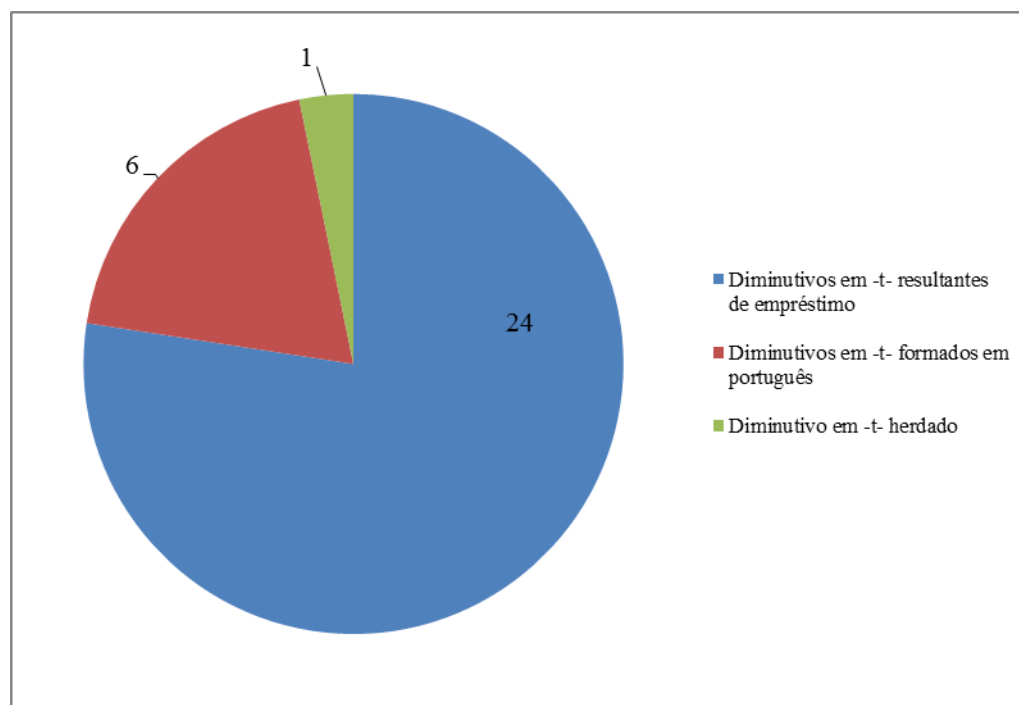
Com isso, verificamos, nos exemplos acima, que o usuário da língua, ao mesmo tempo em que informa sobre o tamanho de cada um dos referentes dessas palavras, analisa-os subjetivamente, apresentando uma percepção afetiva positiva em relação a eles.

5.3.2 Sufixos em *-t-* e suas variações

No século XVIII, os sufixos diminutivos que possuem em sua estrutura a consoante *-t-*, os quais ocorrem sob as formas *-ato*, *-ete*, *-eta*, *-ito*, *-ita* e *-ota*, correspondem aos sufixos que ocupam o segundo lugar quanto ao número de ocorrências – ficando atrás somente do sufixo *-inho* –, com um total de 31 exemplos, o que dá a esse sufixo uma participação de 10,616% em relação ao número de diminutivos encontrados nesse século.

Contudo, ao analisarmos com maior rigor as palavras identificadas, verificamos que tanto há palavras incorporadas à língua portuguesa por meio do empréstimo a outras línguas (por exemplo, *francês*, *catalão*, *espanhol* e *italiano*), como há palavras formadas em língua portuguesa e palavras herdadas, conforme demonstramos no gráfico abaixo:

Gráfico 44 – Diminutivos em *-t-* no século XVIII: total de ocorrências



Fonte: O Autor

A partir desse gráfico, vemos que somente 19,354% dos diminutivos em *-t-* desse século, isto é, 6 diminutivos, são formados em português; os demais (isto é, 25 diminutivos, o

que corresponde a 80,645%) são oriundos de outras línguas – 24 tomados de empréstimo e 1 herdado –, dos quais apenas os 6 apresentados a seguir ainda não foram identificados em sincronias anteriores:

GarçOTAs ◀ esp. *garçOTA* ou esp. *garzOTA*

PalITO ou PalITOs ◀ esp. *palITO*

PedrETA ◀ fr. *pierrETTE*

PequenITAS ◀ esp. *pequeñITA*

RamITOs ◀ esp. *ramITO*

RodETE ◀ esp. *rodETE*

5.3.2.1 Sufixos em -t- em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional

Os diminutivos em -t- encontrados ao longo do século XVIII e que resultaram do acréscimo de sufixo em português são os seguintes:

FraquETTE ← *FracO* (Adjm → Adjm)

FerrolhETE ← *FerrolhO* (Sm → Sm)

FraquETTA ← *FracA* (Adjf → Adjf)

TerreirETE ← *TerreirO* (Sm → Sm)

TerrETA ← *TerrA* (Sf → Sf)

VelhaquETEs ← *VelhacO* (Sm → Sm)

À exceção do primeiro exemplo – já existente desde o século anterior –, todos os outros são identificados pela primeira vez no século XVIII, o que nos permite concluir que o sufixos *-ete* (*-ette*) e *-eta* (*-etta*) – os únicos empregados para formar essas palavras – continuam sendo produtivos nesse período. Como poucas são as palavras nas quais ocorrem, concluímos, ainda, que são sufixos de baixa produtividade.

Ao analisar esses diminutivos, é possível perceber, também, que, em todos eles, as palavras às quais os sufixos são acrescentados são palavras paroxítonas – umas dissílabas, outras trissílabas – terminadas em vogal átona oral. Em todos os casos, o acréscimo do sufixo resulta na eliminação dessa vogal.

Outras duas características que se observam a partir dos exemplos acima indicam que os diminutivos conservam o mesmo gênero que a palavra que lhe deu origem e que a classe morfológica da palavra derivada é a mesma da palavra primitiva.

5.3.2.2 Sufixos em -t- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Quanto à significação, os diminutivos em -t- do século XVIII podem ser classificados em quatro tipos: *tamanho pequeno*, *depreciação*, *intensidade* e *duração*.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Os que significam tamanho pequeno constituem a maioria dos diminutivos que possuem esses sufixos, dos quais apresentamos alguns exemplos:

FerrolhETE {'pequeno ferrolho'} ← *FerrolhO*
 GarçOTAs {'pequena garça'} ◀ esp. *garçOTA* ou esp. *garzOTA*
 PedrETA {'pequena pedra'} ◀ fr. *pierrETTE*
 RamITOs {'pequeno ramo'} ◀ esp. *ramITO*
 RodETE {'pequena roda'} ◀ esp. *rodETE*
 TerreirETE {'pequeno terreiro'} ← *TerreirO*

Destaque-se, ainda, que há alguns exemplos de diminutivos de tamanho em que se verifica esta significação associada à ideia de tempo de vida, como nestes exemplos:

CabrITO ou CabrITOs {'filhote de cabra jovem e pequeno'} < b.-lat. *caprĪTTUS*
 MulATO {'filhote de mula pequeno e jovem'} ◀ cat. *mulAT* ou esp. *mulATO*
 CavalETE {'pequeno e jovem cavalo'} ◀ it. *cavalETI* ou it. *cavalETO* ou it. *cavallETTO*

Nesse tipo de formação, observa-se que a significação de tamanho pequeno que o sufixo acrescenta à palavra vincula-se ao pouco tempo de vida de determinado ser, indicando, por exemplo, que um animal qualquer é pequeno porque ainda é jovem ou que, por ser jovem, determinado animal é pequeno. Dessa forma, à medida que o tempo passa, e o animal cresce, essas palavras deixam de ser empregadas como referência a ele, pelo menos no que se refere à significação de tamanho pequeno.

b) Diminutivos de depreciação

Os diminutivos em -t- com significação depreciativa identificados ao longo desta sincronia são os seguintes:

FraquETTA {'um tanto fraca'} ← *FracA*
 FraquETTE {'um tanto fraco'} ← *FracO*
 NovATO ou NovATOs {'iniciante, sem experiência'} ◀ esp. *novATO*
 VelhaquETEs {'um tanto velhaco'} ← *VelhacO*

Com exceção da palavra *novato*, no entanto, parece-nos que o significado de depreciação que pode ser atribuído a essas palavras dá-se de forma secundária, existindo mais em função da significação depreciativa que a palavra primitiva já possui, que em consequência do emprego do sufixo. Assim, nas palavras *fraquetta*, *fraquette* e *velhaquete*, concebemos que a função primária do sufixo é a de indicar o modo ou a intensidade com a qual a significação expressa pela palavra primitiva se manifesta, fazendo de tais palavras, primeiramente, diminutivos de intensidade.

c) *Diminutivos de intensidade*

Além das palavras *fraquetta*, *fraquette* e *velhaquete* acima citadas, identificamos, ainda, entre os diminutivos em *-t-* do século XVIII, dois outros diminutivos que podem ser classificados como de intensidade, conforme abaixo:

AlegrÈTE {‘um tanto alegre’} ◀ esp. *alegrETE*
 PequenITAS {‘pessoa um tanto pequena’} ◀ esp. *pequeñITA*

d) *Diminutivos de duração*

Neste século há, ainda, alguns diminutivos que expressam a duração de determinado ‘evento’, como nas palavras a seguir:

HistoriETA {‘breve história’} ◀ fr. *historiETTE* ou it. *storiETTA*
 MotETEs {‘canto breve’} ◀ fr. *motET* ou esp. *motETE*
 ChansonETAs {‘canção breve’} ◀ fr. *chanconETE* < fr. *chancenETE* ou esp. *cançonETA*

A partir do que foi exposto até aqui, verificamos que alguns dos diminutivos em *-t-* do século XVIII podem ser interpretados de mais de uma maneira, ou seja, podem ter, ao mesmo tempo, mais de uma significação, tal como constatamos ao comentar as palavras *fraquetta*, *fraquette* e *velhaquete*.

5.3.3 O sufixo *-ino* e suas variações

No século XVIII, foram identificados apenas 2 diminutivos com o sufixo *-ino*, os quais estão apresentados na sequência:

PequenINA ou PequenINAs ◀ esp. *pequeninA*
 PequenINO ou PequenINOs ◀ esp. *pequeninO*

Esses diminutivos, por sua vez, já foram identificados e analisados em outras sincronias, de modo que, para evitar repetições, remetemos para o que expusemos sobre eles quando discutimos os sufixos diminutivos dos séculos XV e XVI.

5.3.4 Sufixos em *-lh-* e suas variações

Os diminutivos em *-lh-* – identificados ao longo do século XVIII sob as formas *-alha*, *-ilho* e *-ilha* – são apenas 6, os quais são apresentados agora:

CartILHA ◀ esp. *cartILLA*

MigALHA ou MigALHAs < lat. hsp. **micALĚA*

NovILHA ◀ esp. *novILLA*

NovILHO ou NovILHOs ◀ esp. *novILLO*

RodILHA ◀ esp. *rodILLA*

ToadILHA ◀ esp. *tonadILLA*

Desses diminutivos, apenas o último ainda não foi identificado nos séculos anteriores. Todos eles, no entanto, ou foram herdados pelo português ao longo de seu processo de formação a partir da língua latina – como ocorre com a palavra *migalha* –, ou foram tomados de empréstimo junto à língua espanhola, situação esta em que se enquadram os demais exemplos aqui citados.

Uma vez que nenhum dos diminutivos identificados foi formado em língua portuguesa, não os descreveremos quanto a seus aspectos formal e funcional, mas somente quanto às suas características semânticas.

5.3.4.1 Sufixos em *-lh-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Semanticamente, os diminutivos em *-lh-* identificados ao longo desse período são de dois tipos: *tamanho pequeno* e *duração*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

São diminutivos que significam tamanho pequeno ao longo do século XVIII os seguintes:

CartILHA {‘pequeno livro’} ◀ esp. *cartILLA*

MigALHA ou MigALHAs <~> MiguALHAs {‘pequeno fragmento de algo’} < lat. hsp. **micALĒA*

NovILHA {‘animal bovino jovem e pequeno’} ◀ esp. *novILLA*

NovILHO ou NovILHOs {‘animal bovino jovem e pequeno’} ◀ esp. *novILLO*

RodILHA {‘pequena roda’} ◀ esp. *rodILLA*

Em relação às palavras *novilha* e *novilho*, observamos que existe a associação entre o significado de tamanho pequeno e a ideia de pouco tempo de vida, como já algumas vezes observamos em relação a outros sufixos nas várias sincronias aqui discutidas, a exemplo do que dissemos sobre os sufixos *-inho* e em *-t-* nas descrições apresentadas nesta sincronia.

b) *Diminutivos de duração*

Como diminutivo de duração, há uma única palavra, conforme indicamos abaixo:

ToadILHA {‘toada breve’} ◀ esp. *tonadILLA*

5.3.5 Sufixos em *-c-* e suas variações

A partir da análise das palavras terminadas em *-c-* encontradas através de buscas no *Corpus* do Português, conseguimos identificar, ao longo do século XVIII, 5 palavras que apresentam um sufixo em *-c-* com significação diminutiva, das quais 1 possui o sufixo *-aco*, 1 o sufixo *-ica*, e 3 o sufixo *-ico*, como apontamos a seguir:

VelhACO ou VelhACOs ◀ esp. *vellACO* ou esp. *bellACO*

PelICA ◀ esp. *pellICA*

AbanICO ou AbanICOs ◀ esp. *abanICO*

BurrICO < lat. vulg. **burrICCUS*

AmorICOs ← *AmoR* (Sm → Sm)

Conforme é possível observar por meio das indicações acima feitas, apenas a última dessas palavras tem formação portuguesa, isto é, resulta do acréscimo de um sufixo a uma palavra em língua portuguesa, sendo as demais ou resultantes de empréstimo – como ocorre com as três primeiras palavras, originárias da língua espanhola –, ou é palavra herdada do latim vulgar pelo português – é o que verificamos no caso da palavra *burrico*.

Faz-se importante destacar, ainda, que, das palavras acima citadas, apenas *burrico*²⁵³ e *amorico* não foram identificadas nas sincronias já aqui descritas. Isso significa, considerando os nossos dados, que tanto a produtividade desses sufixos, quanto os empréstimos de palavras que os apresentam são muito reduzidos (ou nulo, no caso dos empréstimos) ao longo dessa sincronia.

No que se refere à palavra *amorico*, podemos assim caracterizá-la quanto à sua forma e ao seu funcionamento: resulta do acréscimo do sufixo *-ico* a uma palavra dissílaba oxítone terminada em consoante; o referido acréscimo não provoca nenhuma alteração na forma da palavra primitiva; o diminutivo conserva o mesmo gênero da palavra a partir da qual se formou; e ambos [diminutivo e palavra primitiva] pertencem à mesma classe morfológica.

5.3.5.1 Sufixos em *-c-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Quanto à significação, os diminutivos em *-c-* acima apresentados podem ser classificados em diminutivos de *tamanho*, de *depreciação* e de *duração*, conforme as informações a seguir apresentadas.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Os diminutivos identificados nesse século e que significam tamanho pequeno são os seguintes:

AbanICO ou AbanICOs {‘pequeno abano’} ◀ esp. *abanICO*

BurrICO {‘pequeno burro’} < lat. vulg. **burrICCUS*

PelICA {‘pele fina’} ◀ esp. *pellICA*

b) Diminutivo de depreciação

Como diminutivo de depreciação, identificamos no século XVIII apenas a palavra *velhaco*, conforme abaixo:

VelhACO ou VelhACOs {‘mau, enganador’} ◀ esp. *vellACO* ou esp. *bellACO*

²⁵³ Embora a palavra *burrico* não tenha sido identificada antes do século XVIII nas buscas que realizamos junto ao *Corpus* do Português – o qual, como caracterizado na *Introdução* de nosso estudo, reúne textos do século XIV ao XX –, Machado (*op. cit.*), vol. 1, p.476) indica que essa palavra já se encontra documentada – sob a forma *borrico* – entre os anos de 1188 e 1230, isto é, entre os séculos XII e XIII.

Esta palavra, por sua vez, desde que foi identificada pela primeira vez em nossos *corpora* – o que ocorreu somente no século XV²⁵⁴ – já é empregada com essa significação.

c) *Diminutivos de duração*

Entre os diminutivos em *-c-* identificados no século em destaque, há um único que pode ser classificado como de duração, o qual é a palavra *amorico*, interpretada como segue, no contexto em que ocorre:

AmorICOs {‘amor passageiro e/ou pouco intenso’} ← *AmoR*

Outra interpretação que se poderia dar a essa palavra, em associação com o significado já apresentado, é a de que *amorico* também corresponde a um ‘amor pouco intenso’. Sob este ponto de vista, poder-se-ia argumentar que um ‘amor passageiro’ corresponde a um ‘sentimento de pouca intensidade’. Desse modo, teríamos, também nesta palavra, um diminutivo de intensidade.

5.3.6 Sufixos em *-l-* e suas variações

As palavras que possuem um sufixo em *-l-* ao longo do século XVIII com significação diminutiva são em número de 7, a seguir apresentadas:

CapELA <~> CapELLA ou CapELAs <~> CapELLAs <~> CappELLAs < lat. vulg. **cappELLA*

CidadELA <~> CidadELLA ◀ it. *cittadELLA* ou fr. *citadELLE* ou esp. *ciudadELA*

GraçOLA ← *Graça* (Sf → Sf)

PortELLA < lat. vulg. **portELLA*

PortinhOLA ou PortinhOLAs ← *PortinhA* (Sf → Sf)

RodELA <~> RodELLA < lat. vulg. **rotELLA*

VitELA <~> VitELLAs ◀ lat. *vitELLA*

Entre os diminutivos apontados – nos quais se identificam os sufixos *-ela* ou *-ella* e *-ola* –, 2 resultam de empréstimo, 3 são herdados do latim vulgar, e somente 2 resultam do acréscimo de sufixo já em português, ambos com o emprego do sufixo *-ola*, os quais são *graçola* e *portinhola*. Como apenas a palavra *graçola* ainda não foi identificada nos séculos

²⁵⁴ Segundo Houaiss & Villar (*op. cit.*) e Machado (*op. cit.*, vol. 5, p.381), no entanto, esta palavra já se encontra documentada desde o século XIV; a significação, por sua vez, é a mesma.

anteriores, constata-se que os sufixos em *-l-* são muito pouco produtivos ao longo desta sincronia.

Quanto às suas características formais e funcionais, verifica-se que: todos eles se formam a partir de palavras primitivas paroxítonas – das quais 1 é dissílaba, e 1 é trissílaba – terminadas em vogal átona oral; o acréscimo do sufixo implica a eliminação da vogal final; os diminutivos conservam o gênero da palavra à qual o sufixo foi acrescentado; e diminutivos e palavras primitivas pertencem à mesma classe morfológica.

5.3.6.1 Sufixos em *-l-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Os diminutivos em *-l-* identificados nesta sincronia podem ser caracterizados como diminutivos de *tamanho* e de *intensidade*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

Entre os diminutivos que significam diminuição de tamanho podem ser citados os seguintes:

PortELLA {‘pequena porta, pequena passagem’} < lat. vulg. **port*ELLA
 PortinhOLA ou PortinhOLAs {‘porta (muito) pequena’} ← *Portinh*A
 VitELA <~> VitELLAs {‘bezerra jovem e pequena’} ◀ lat. *vit*ELLA

Em *vitela* ou *vitella*, a significação tamanho pequeno encontra-se associada ao pouco tempo de vida do animal referido. Por seu lado, em *portinhola* – por ser um diminutivo formado a partir de uma palavra que é uma formação diminutiva –, é possível compreender, também, a sua significação como sendo uma ‘porta que é menor que uma porta que se considera pequena’. Sob essa perspectiva, tal palavra pode ser considerada, também, um diminutivo de intensidade.

b) *Diminutivos de intensidade*

Além da palavra *portinhola* acima apontada como podendo também ser considerada como diminutivo de intensidade, há, ainda, outra palavra que assim pode ser caracterizada, uma vez que expressa o modo ou a intensidade como determinado ‘evento’ se manifesta, a saber:

GraçOLA {‘brincadeira suave’} ← *Graç*A

Por fim, salientamos que os sufixos em *-l-* – do mesmo modo que outros sufixos já aqui identificados – podem ser empregados para expressar mais de uma significação em uma mesma palavra, como se verificou em relação à palavra *portinhola*.

5.3.7 Sufixos em *-ch-* e suas variações

Da mesma forma que nas últimas três sincronias descritas, a palavra *riacho* é a única palavra que possui, ao longo do século XVIII, um sufixo em *-ch-* com significação diminutiva, como vemos a seguir:

RiACHO ou RiACHOs {‘rio pequeno e pouco volumoso’} ◀ esp. *riACHO*

Trata-se, como acima indicado, de uma palavra na qual se pode identificar um sufixo *-acho* e que corresponde a um empréstimo do espanhol *riacho*. Do ponto de vista semântico, a palavra *riacho* conserva, ao longo desta sincronia, a mesma significação que apresenta em ocorrências anteriores, podendo ser interpretada, simultaneamente, como diminutivo de tamanho e de quantidade, conforme naquelas sincronias já foi caracterizada.

5.3.8 Os sufixos *-ulo* e *-culo* e suas variações

Os diminutivos formados pelos sufixos *-ulo* e *-culo* e suas respectivas formas femininas *-ula* e *-cula* totalizam 7 exemplos ao longo do século XVIII, a seguir apresentados:

PartiCULA <~> PartíCULA ou PartíCULAs <~> PartíCULAs ◀ lat. *partiCŪLA*

RegULO <~> RégULO ou RegULOs <~> RégULOs ◀ lat. *regŪLUS*

OpusCULO ou OpúsCULOs ◀ lat. *opusCŪLUM*

VersíCULO ou VersiCULOs ◀ lat. *versiCŪLUS*

SúmULA ◀ lat. *summŪLA*

ParvULO ou ParvULOs <~> PárvULOs ◀ lat. *parvŪLUS*

CorpusCULOs ◀ lat. *corpusCŪLUM*

Nenhum desses diminutivos, contudo, é formado em língua portuguesa, resultando todos eles de palavras emprestadas da língua latina. Advirta-se, ainda, que, das palavras acima citadas, somente as 2 últimas ainda não haviam sido descritas ao longo das sincronias

anteriores, ou seja, somente *parvulo* e *corpusculo* são empréstimos ocorridos no século XVIII, tendo os demais penetrado na língua portuguesa em séculos anteriores.

5.3.8.1 Os sufixos -ulo e -culo em seus contextos de emprego: caracterização semântica

A caracterização semântica dos diminutivos em *-ulo* e *-culo* acima apresentados identifica três tipos de diminutivos, a saber: *diminutivos de tamanho*, *de depreciação* e *de intensidade*.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

São exemplos de diminutivos de tamanho, dentre outros, as seguintes palavras:

OpusCULO ou OpúsCULOs {‘pequeno livro’} ◀ lat. *opusCŪLUM*

SúmULA {‘pequena soma, resumo’} ◀ lat. *summŪLA*

CorpusCULOs {‘pequeno corpo’} ◀ lat. *corpusCŪLUM*

b) Diminutivos de depreciação

Já em *régulo*, conforme abaixo, vê-se negativamente o fato de alguém ser rei em um lugar pequeno, em um lugar sem importância, caracterizando-se-o, pois, como um diminutivo de depreciação:

RegULO <~> RégULO ou RegULOs <~> RégULOs {‘rei de pequeno Estado’} ◀ lat. *regŪLUS*

c) Diminutivos de intensidade

Com a palavra *parvulo*, cujo correspondente em latim é diminutivo de *parvus* ‘pequeno’, temos uma construção em que o sufixo amplia a intensidade com a qual se manifesta a significação da palavra primitiva, passando a indicar algo menor que o referente que é tomado como parâmetro, conforme abaixo:

ParvULO ou ParvULOs <~> PárvULOs {‘pessoa um tanto pequena e de pouca idade’} ◀ lat. *parvŪLUS*

Trata-se, portanto, de um diminutivo de intensidade. É possível admitir, ainda, em virtude da própria significação da palavra primitiva, conforme acima indicada, que a palavra *parvulo* também corresponde a um diminutivo de tamanho.

5.3.9 Sufixos em -sc-

Os diminutivos em -sc- identificados em textos portugueses do século XVIII são os mesmos apontados nos séculos XVI e XVII, como segue:

PedrISCOs ◀ esp. *pedrISCO*

RabISCOs /← *RabISCAR*

Destaque-se, no entanto, que, embora se possa identificar o sufixo -isco nessas duas palavras, elas começam a fazer parte da língua portuguesa por meio de processos diferentes – como já indicado nas duas sincronias que antecedem a esta, em especial no século XVI: assim, enquanto que a palavra *pedrisco* resulta de empréstimo ao espanhol, em *rabisco* temos uma derivação regressiva, a partir do verbo *rabiscar*.

5.3.9.1 Sufixos em -sc- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Embora as palavras sejam as mesmas identificadas nos séculos XVI e XVII, verifica-se, do ponto de vista semântico, uma alteração em relação aos tipos de diminutivos em que elas podem ser classificadas no século XVIII, pois, enquanto naqueles dois séculos ambas as palavras se caracterizam por serem diminutivos de tamanho, neste uma delas é um diminutivo de tamanho e a outra um diminutivo de depreciação, conforme segue.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

A palavra *pedrisco* conserva neste século a mesma significação já identificada em séculos anteriores, caracterizando-se como um diminutivo de tamanho:

PedrISCOs {‘pequena pedra’} ◀ esp. *pedrISCO*

b) *Diminutivos de depreciação*

Por outro lado, a palavra *rabisco* passa a ser empregada para indicar uma percepção negativa do usuário da língua frente a uma letra produzida sem preocupação de beleza e/ou que ele não consegue compreender, tornando-se, pois, um diminutivo de depreciação:

RabISCOs {‘letra mal feita, incompreensível’} /← *RabISCAR*

5.3.10 O sufixo *-ejo*

No século XVIII, foram identificados apenas 3 diminutivos que possuem em sua estrutura o sufixo *-ejo*, os quais apresentamos abaixo:

AnimalEJO ou AnimalEJOs ◀ esp. *animaleJO*

GracEJOs ◀ esp. *gracEJO*

MotEJOs ◀ esp. *motEJO*

Como observamos pelas indicações acima feitas, nenhum desses diminutivos foi formado em língua portuguesa, sendo incorporados ao seu léxico por meio de empréstimo ao espanhol. Além disso, destaque-se que, das palavras acima, somente a palavra *animalejo* ainda não foi identificada em nossas buscas no *Corpus* do Português²⁵⁵, o que nos permite concluir, a partir desses dados, que o número de diminutivos em *-ejo* emprestados do espanhol, ao longo do século XVIII, é muito pequeno.

5.3.10.1 O sufixo *-ejo* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Quando analisados sob a perspectiva de sua significação, os diminutivos em *-ejo* do século XVIII podem ser classificados em dois tipos: *tamanho pequeno* e *aproximação afetiva positiva*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

Como diminutivos de tamanho, temos os substantivos *animalejo* e *motejo*, conforme abaixo:

AnimalEJO ou AnimalEJOs {‘pequeno animal’} ◀ esp. *animaleJO*

MotEJOs {‘pequeno canto’} ◀ esp. *motEJO*

Em *motejo*, é possível admitir, também, a existência de um diminutivo de duração, no sentido de que um ‘canto de pequenas dimensões’ também é um ‘canto breve’, isto é, ‘que se manifesta por um curto momento’.

²⁵⁵ Embora não tenhamos conseguido identificar a palavra *animalejo* em sincronia anterior ao século XVIII, esta palavra já é documentada em português, segundo Houaiss & Villar (*op. cit.*), desde o século anterior, mais especificamente desde o ano de 1633, com a mesma significação.

Observa-se, com isso, que também os diminutivos em *-ejo* podem ser interpretados de mais de uma maneira, segundo o contexto em que se encontrem.

b) *Diminutivos de aproximação afetiva positiva*

Ao empregar-se a palavra *gracejo*, exprime-se uma recepção positiva em relação ao referente dessa palavra, assim:

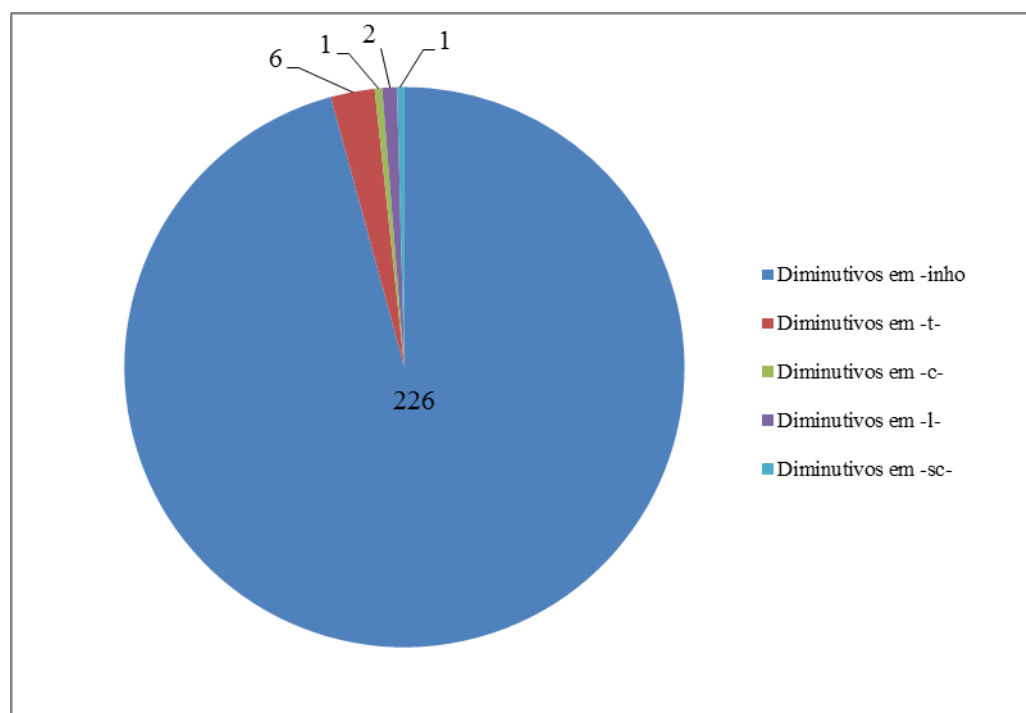
GracEJOs {'dito engraçado'} ◀ esp. *gracEJO*

5.3.11 Considerações preliminares

Embora tenham sido identificados dez (grupos de) sufixos diminutivos em textos portugueses do século XVIII, ficou evidente, pelas análises apresentadas, que alguns desses sufixos – mais exatamente os sufixos em *-lh-*, em *-ch-*, *-ulo* e *-culo*, *-ino* e *-ejo* – só existem em palavras que ou lhe foram transmitidas pelo latim, ou foram incorporadas ao seu léxico através de empréstimo a outras línguas românicas ou ao próprio latim, ou seja, são sufixos que não possuem produtividade alguma ao longo dessa sincronia.

Desse modo, excluindo-se as palavras em que se identificam tais sufixos e considerando-se, apenas, os diminutivos que resultam de acréscimo de sufixo em português, o Gráfico 38 passa a figurar desta maneira:

Gráfico 45 – Diminutivos formados em português, em textos do século XVIII: ocorrências por sufixo



Fonte: O Autor

Com isso, demonstra-se que os diminutivos com formação em português e identificados no século XVIII resultam quase exclusivamente do acréscimo do sufixo *-inho* – tal qual ocorreu nos séculos anteriores –, pois são encontrados em 95,762% dos casos, enquanto os demais somados são responsáveis por apenas 4,237% das palavras assim formadas.

A análise dos diminutivos formados em português revela, ainda, a existência de outras características importantes dessas palavras, as quais também já foram apontadas, por exemplo, na descrição apresentada acerca dos diminutivos dos séculos XVI e XVII, tais como:

- os diminutivos originados de palavras que possuem gênero conservam sempre o mesmo gênero das palavras das quais se originaram;
- o diminutivo quase sempre conserva a mesma classe morfológica que a palavra da qual se originou: um único diminutivo há em que o diminutivo pertence a uma classe morfológica diferente daquela a que pertence a palavra primitiva – exemplo esse que, aliás, vem se repetindo desde o século XVI, ou seja, não é um fato novo deste século;
- o sufixo *-inho* foi o único encontrado formando nome próprio diminutivo;

- excetuando-se o sufixo *-inho*, que pode ser empregado em vários contextos – tais como vogal oral átona, consoante, ditongo (oral ou nasal), vogal nasal e vogal oral tônica –, e os sufixos em *-c-*, que formaram um diminutivo a partir de uma palavra terminada em consoante, os demais sufixos – exceto sufixos em *-sc-*, que formam uma palavra por derivação regressiva – somente foram acrescentados a palavras primitivas terminadas em vogal átona oral, o que ocorre após a eliminação desta;
- do ponto de vista semântico, a significação *tamanho pequeno* não é a única que esses sufixos são capazes de transmitir, sendo encontradas, simultaneamente ou não, outras como *duração*, *quantidade*, *intensidade*, *depreciação* e *aproximação afetiva positiva*.

5.4 Os sufixos diminutivos em português no século XIX

Ao longo do século XIX – não obstante já existam algumas descrições acerca do sufixo diminutivo em português, relativas, sobretudo, à forma e à semântica, entre as quais se destacam as apresentadas no século anterior – ainda é possível identificar, em autores desse período, novas contribuições para a caracterização da forma, da semântica e, sobretudo, do funcionamento desses sufixos.

No que se refere à forma, são identificados em Barboza (1830 [1822¹], p.120), além do sufixo *-inho*, os sufixos (o autor emprega o termo *desinência*) *-ête*, *-ôte*, *-ôto*, *-êta*, *-óta*, *-ilha* e *-agem*²⁵⁶:

Os *Diminutivos* são os que mudando a terminação de seus primitivos, lhes diminuem mais, ou menos a significação. Os que diminuem menos, acabão ordinariamente, os masculinos em *ête*, *ôte*, *ôto*, como *Doudête*, *Escudête*, *Mocête*, *Panête*, *Pequenête*, *Pistolête*, *Pobrête*, *Bacorête*, *Camarôte*, *Perdigôto*: e os femininos, em *êta*, *óta*, *agem*, *ilha*, como *Ilhêta*, *Mocêta*, *Villêta*, *Ilhota*, *Galeota*, *Villota*, *Villagem*, *Camilha*, &c.

²⁵⁶ Observe-se que, tal como Fonseca (1799, p.26), Barboza cita o sufixo *-agem* como diminutivo, apresentando, inclusive o mesmo exemplo que aquele autor. É possível, portanto, que Barboza tenha citado esse sufixo por influência da abordagem de Fonseca. Uma vez que, na seção em que tratamos dos diminutivos no século XVIII, contestamos o uso do sufixo *-agem* como diminutivo, remetemos para o que lá dissemos sobre esse sufixo (cf. início da seção 5.3).

Como é possível verificar, todos esses sufixos já foram citados por Fonseca (1799), conforme apontamos quando descrevemos os diminutivos no século XVIII.

Além dos sufixos diminutivos elencados por Fonseca (*op. cit.*) e por Barboza (*loc. cit.*), encontraremos, em fins do século XIX, citados por Ribeiro (1881), vários outros sufixos, os quais são caracterizados, inclusive, em *principais* e *secundários*: “São *desinencias diminutivas* principaes *inho, ito*. [...]. São *desinencias diminutivas secundarias* *ejo, el, ello, ete, eto, elho, ico, im, ilho, isco, ola, olo, ote, oto*”²⁵⁷ (RIBEIRO, *op. cit.*, p.90). Além desses, é possível reconhecer, ainda, a partir de exemplos apresentados pelo autor, outros sufixos, tais como *-ucho, -ato, -acho, -usco* e *-ebre*²⁵⁸ e os sufixos chamados pelo autor de sufixos eruditos: “Ha ainda [...] diminutivos eruditos em *culo, olo, ulo*, ex.: «*Corpusculo — homunculo — capreolo — nucleolo — globulo — granulo*»” (p.91)²⁵⁹. Observe-se, no entanto, que as formas até aqui listadas – com exceção de *-ola* – são do gênero masculino;

²⁵⁷ São exemplos de palavras formadas por esses sufixos, segundo o autor (*op. cit.*, p.90-91): de *logar-logarejo*, *corda-cordel*, *porta-portello*, *jogo-joguete*, *coro-coreto*, *folha-folhelho*, *abano-abanico*, *espada-espadim*, *brocado-brocadinho*, *pedra-pedrisco*, *rapaz-rapazola*, *bolinho-bolinholo*, *velho-velhote*, *perdigão, pico-perdigoto, picoto*.

²⁵⁸ Para os sufixos *-ucho, -ato, -acho, -usco* e *-ebre*, Ribeiro (*op. cit.*, p.91) apresenta os exemplos *aguia-aguilucho*, *lobo-lobato, lobacho*, *povo-populacho*, *rio-riacho*, *velho-velhusco* e *casa-casebre*. À exceção do sufixo *-ucho* – incluindo-se o exemplo citado pelo autor –, todos os outros aqui citados foram identificados no século XIX – ou em séculos anteriores – com função diminutiva, junto ao *Corpus* do Português. Também a palavra *aguilucho* não foi encontrada nos dicionários consultados, a saber: Cardosus (1562), Barbosa (1611), Pereyra (1647), Bluteau (1712, vol. 1), Moraes Silva (1789, 1813), Fonseca (1856 [1848!]), Vieira (1871, vol. 1), Caldas Aulete (1881), Cândido de Figueiredo (1899, vol. 1) e Houaiss & Villar (*op. cit.*). Tal palavra, por sua vez, já existe em espanhol – com grafia idêntica, desde o século XVI (cf. DAVIES, 2002), ou sob a forma *aguilicho*, desde o século XIII (cf. DAVIES, *op. cit.*) –, com a significação de ‘águia jovem e pequena’, o que parece está em conformidade com a significação apontada por Ribeiro (*loc. cit.*). Assim, devido às características fonéticas da palavra *aguilucho* – a qual conserva o <I> intervocálico da palavra latina *aquila* – e à ausência da referida palavra no *Corpus* do Português até o século XIX, concluímos que se trata de uma palavra emprestada do espanhol *aguilucho*, de ocorrência inclusive mais antiga.

²⁵⁹ Destaque-se, também, que, dentre os autores consultados, Ribeiro (*op. cit.*, p.92) é o primeiro a fazer referência à existência de nomes próprios diminutivos formados a partir de nomes próprios – chamados pelo autor de *diminutivos caseiros* –, citando os seguintes exemplos: *João-Joãozinho*, *Pedro-Pedrinho*, *Anna-Nicota*, *Francisco-Chico*, *Chiquinho*, etc., *José-Juca*, *Juquinha*, etc., *Luiz-Lulu*, *Maria-Maricas*, *Maricota*, etc. Advirta-se, no entanto, que formações como *Chico*, *Juca* e *Lulu* não serão consideradas ao longo deste estudo como diminutivos, uma vez que lhes falta um sufixo.

porém, adverte Ribeiro (*op. cit.*, p.92) que “A cada desinencia gradual masculina corresponde quasi sempre uma desinencia feminina”. Dessa forma, teríamos, segundo o autor (*loc. cit.*), os seguintes pares de formas diminutivas em português: *-inho* — *-inha*; *-ejo* — *-eja*; *-ello* — *-ella*; *-eto* — *-eta*; *-elho* — *-elha*; *-ico* — *-ica*; *-ilho* — *-ilha*; *-olo* — *-ola*; *-oto* — *-ota*; *-culo* — *-cula*; *-eolo* — *-eola*; *-ulo* — *-ula* etc..

Do ponto de vista do funcionamento dos sufixos diminutivos, as primeiras descrições que encontramos nos instrumentos linguísticos consultados somente surgirão neste século. Em Barboza (*op. cit.*, p.120-121), por exemplo, o emprego desses sufixos é descrito em função da terminação da palavra primitiva:

Os que diminuem mais, acabão ou em *inho*, *inha*, quando os primitivos terminão em vogal ou consoante, como *Filhinho*, *Filhinha*, *Mulherinha*, *Rapazinho*; ou em *zinho*, *zinha*, quando os primitivos terminão em diphthongo, como *Homemzinho*, *Leãozinho*, *Paizinho*, *Mãezinha*. O z euphónico faz-se necessário na derivação destes diminutivos, para evitar o hiato, nascido do concurso de tres vogaes. Porém, quando o mesmo z se emprega sem esta necessidade nos que não acabão em diphthongo; parece fazer sua differença nos mesmos diminutivos, como se vê nestes dois *Mulherinha*, *Mulherzinha*.

Por sua vez, Ribeiro (*op. cit.*, p.90) caracteriza as formações que se dão com os sufixos diminutivos tanto em relação à terminação da palavra primitiva, quanto sob a perspectiva da posição da sílaba tônica dessa palavra, conforme abaixo²⁶⁰:

Para formar o diminutivo

- 1) Todos os nomes barytonos [paroxítonos e proparoxítonos] terminados por voz livre pura deixam cair a vogal que a representa, e assumem uma das desinencias acima [*-inho*, *-ito*, *-ejo*, *-el*, *-ello*, *-ete*, *-eto*, *-elho*, *-ico*, *-im*, *-ilho*, *-isco*, *-ola*, *-olo*, *-ote*, *-oto*, *-ucho*, *-ato*, *-acho*, *-usco* e *-ebre*], ex.:

de gato *gatinho*
» moça *mocita*

²⁶⁰ Embora os exemplos apresentados pelo autor nesta citação refiram-se somente a palavras formadas com o sufixo *-inho*, fica claro, no trecho a seguir, que estas regras também se aplicam às desinências que o autor chamou de secundárias: “A flexão com estas desinencias [as secundárias] rege-se pelas mesmas leis por que se governa a que foi feita com as principaes. A desinencia *olo* ajunta-se as mais das vezes a diminutivos em *inho*, ex.: « de *bolinho*—*bolinholo* »” (*op. cit.*, p.91).

- 2) Todos os nomes terminados por voz livre nasal ou por diphthongo, bem como os oxytonos terminados por voz livre pura, inserem um *z* para se incorporarem a desinencia, ex.:

de *irmã* *irmãzinha*
 » *pagem* *pagemzinho*
 » *marfim* *marfimzinho*
 » *som* *somzinho*
 » *jejum* *jejumzinho*
 » *pae* *paezinho*
 » *boi* *boizinho*
 » *ladrão* *ladrãozinho*

- 3) Todos os nomes acabados por voz modificada, isto é, por letra alterante, recebem as desinencias sem mais modificação, ex.:

de *colher* *colherinha*
 » *nariz* *narizinho*

Às formações que não seguem essas regras, Ribeiro (*op. cit.*, p.91) chama de irregulares, dizendo:

São diminutivos irregulares de

de <i>aguia</i>	<i>aguilucho</i>	de <i>monte</i>	<i>montezinho</i>
» <i>ave</i>	<i>avezinha</i>	» <i>mulher</i>	<i>mulherinha</i>
» <i>camara</i>	<i>camarazinha</i>	» <i>parte</i>	<i>partezinha</i>
» <i>cão</i>	<i>canito</i>	» <i>povo</i>	<i>populacho</i>
» <i>diabo</i>	<i>diabrete</i>	» <i>rapaz</i>	<i>rapagote</i>
» <i>fonte</i>	<i>fontezinha</i>	» <i>rio</i>	<i>riacho</i>
» <i>frango</i>	<i>franganito</i>	» <i>verão</i>	<i>veranico</i>
» <i>grão</i>	<i>granito</i>	» <i>velho</i>	<i>velhusco</i>
» <i>lobo</i>	<i>lobacho e lobato</i>	» <i>vulgo</i>	<i>vulgacho</i>
» <i>moça</i>	<i>mocinha</i>		

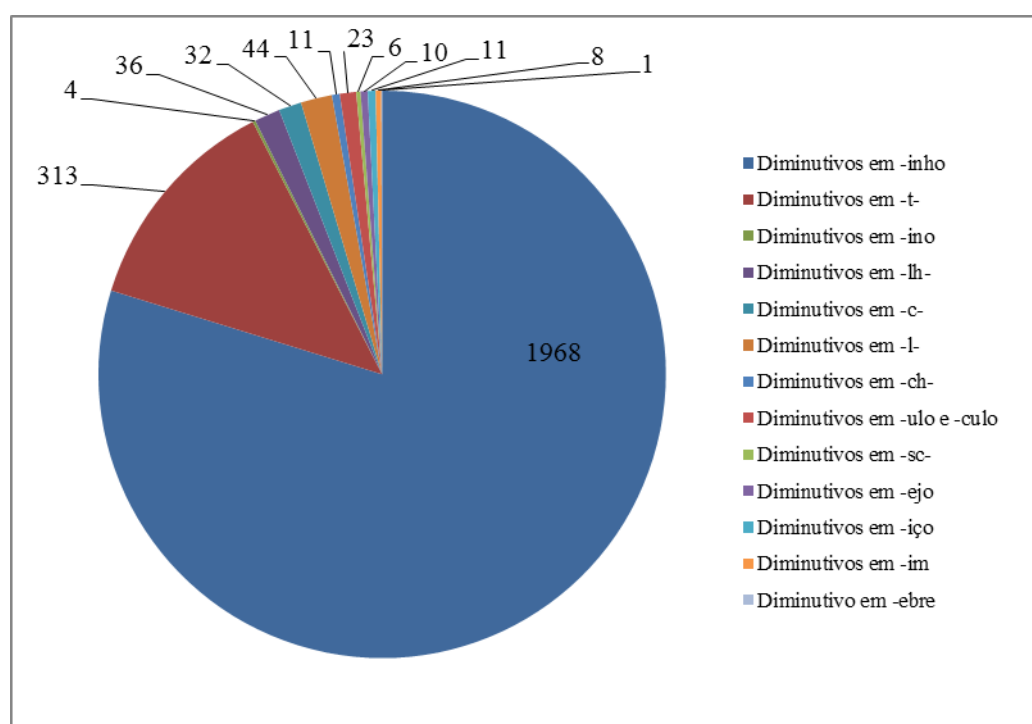
Em resumo, as irregularidades acima referidas pelo autor consistem no seguinte: palavras terminadas em vogal nasal e em ditongo não fazerem o diminutivo com um <z> antecedido o sufixo e, ainda, com alteração da forma da palavra primitiva; o emprego de sufixos que não se encontram nem entre os apontados como principais, nem entre os secundários; palavras terminadas em consoante ou em vogal átona oral fazerem o diminutivo alterando (isto é, transformando, não eliminando) a forma da palavra primitiva; palavras

paroxítonas e proparoxítonas fazerem o diminutivo sem eliminar a vogal átona oral que termina a palavra, ao mesmo tempo em que o sufixo vem antecedido de um <z>²⁶¹.

Portanto, em fins do século XIX, conhecem-se diversos sufixos capazes de transmitir significação diminutiva – bem como já existem algumas descrições acerca da forma como se relacionam com a palavra primitiva –, embora nem todos possuam a mesma importância, sendo alguns sequer empregados para formar diminutivos em português, uma vez que existem a partir de palavras tomadas de empréstimo a outras línguas, conforme ficará demonstrado ao longo da descrição que adiante será apresentada.

Assim, do mesmo modo que nos séculos até aqui descritos, no século XIX são encontrados, na língua portuguesa, a partir de dados do *Corpus* do Português, diminutivos – num total de 2467 – formados por meio do uso de várias terminações, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 46 – Sufixos diminutivos em português no século XIX: ocorrências por sufixo



Fonte: O Autor

²⁶¹ A consideração, por parte de Ribeiro (*op. cit.*), da palavra *mulherinha* como um diminutivo irregular de *mulher* não parece sustentada em uma análise baseada em fatores da língua, uma vez que possui as mesmas características linguísticas que *colherinha*, de *colher*, considerada, pelo autor, uma formação diminutiva regular. Além disso, o diminutivo *mulherinha* é considerado por Barboza (*op. cit.*, p.120-121) uma formação regular.

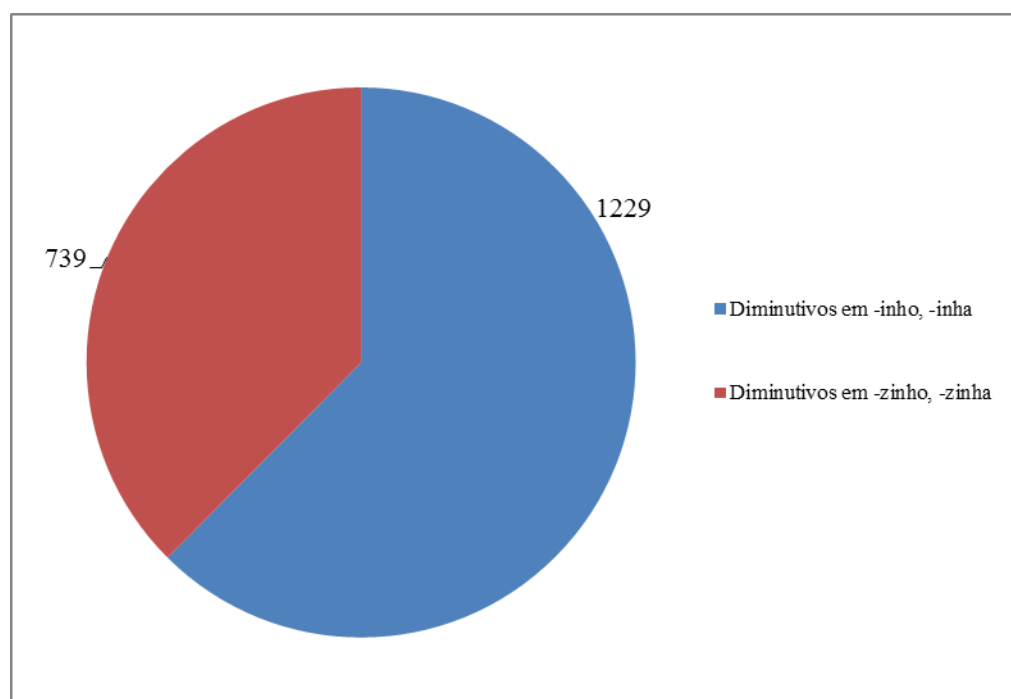
A partir desse gráfico, fica claramente expresso que o sufixo *-inho* é aquele que se apresenta com maior frequência, com um total de 1968 exemplos, representando, assim, 79,773% de todas as ocorrências identificadas ao longo desse século. Na sequência, vêm os sufixos em *-t-*, com 313 exemplos, o que significa que, do total de diminutivos identificados ao longo do século XIX, 12,687% possuem um sufixo em *-t-*. Portanto, somente esses dois grupos de sufixos representam 92,460% dos exemplos de diminutivos identificados, ou seja, todos os outros sufixos, somando-se as suas ocorrências, contribuem, apenas, com 7,535% dos diminutivos da referida sincronia.

Nas seções que se seguirão, passaremos a descrever, com mais detalhes, todos esses sufixos quanto à forma, ao funcionamento e à semântica, começando pelo mais frequente, o sufixo *-inho*.

5.4.1 O sufixo *-inho* e suas variações

O emprego do sufixo *-inho*, através das várias formas sob as quais se manifesta, é, no século XIX, conforme o gráfico anterior, a forma mais produtiva de formação de diminutivos com o emprego de um sufixo. Essas formas, no entanto, não são empregadas com a mesma proporção, tal como se observa no gráfico que segue:

Gráfico 47 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* no século XIX: total de ocorrências

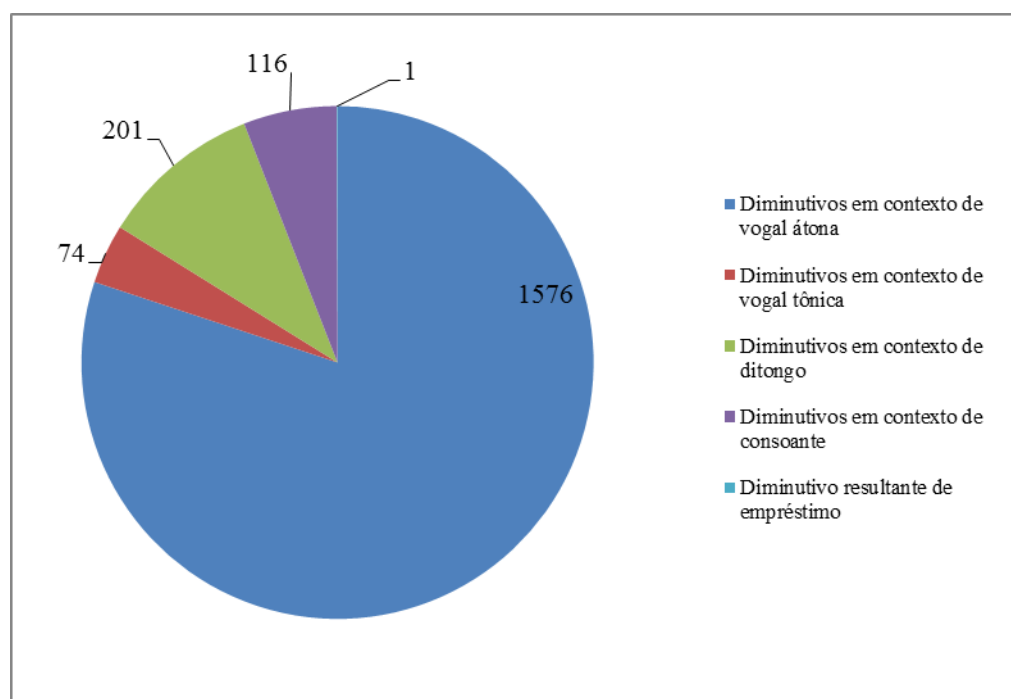


Fonte: O Autor

Assim, verifica-se que, do total de 1968 diminutivos identificados com esse sufixo, 1229 receberam as formas *-inho*, *-inha* – o que corresponde a 62,449% das ocorrências desse sufixo; já as formas *-zinho*, *-zinha* são encontradas em 739 ocorrências, correspondendo a 37,550%.

Neste século, como nos demais que aqui já foram analisados, vários são os contextos aos quais esse sufixo é acrescentado, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 48 – Diminutivos em *-inho* e suas variações no século XIX: contextos de ocorrência



Fonte: O Autor

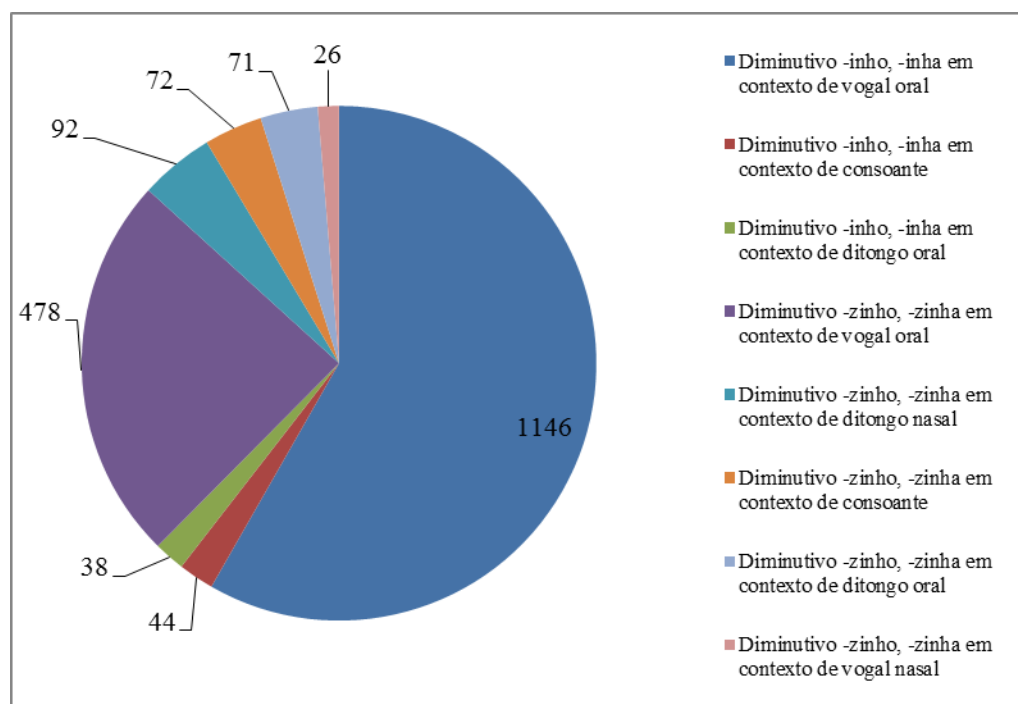
A partir da análise desse gráfico, é importante salientar que, também nesta sincronia, embora quatro sejam os contextos²⁶² aos quais o sufixo *-inho* é acrescentado, há um que se caracteriza como predominante, sendo que os demais participam de menos de 20% do total de diminutivos formados com esse sufixo ao longo do século em análise, isto é, enquanto os diminutivos formados a partir de palavras terminadas em *vogal átona* somam 1576 – destas vogais, 1575 são orais, e 1, nasal –, representando, desse modo, 80,122% das formações,

²⁶² Advertimos que, nas análises que serão apresentadas de agora em diante acerca do sufixo *-inho* em português ao longo desta sincronia, não faremos referência – exceto indicação em contrário – ao diminutivo que resulta de empréstimo, isto é, tanto as informações qualitativas, quanto as quantitativas que oferecermos considerarão somente os diminutivos que se formaram já em língua portuguesa. Assim, o total de diminutivos que será analisado fica reduzido a 1967.

os diminutivos que se formam a partir dos demais contextos são caracterizados da seguinte maneira: 74 são formados a partir de palavras que terminam em vogal tônica – esse dado equivale a 3,762% dos diminutivos em *-inho*; em 201 exemplos esse sufixo é acrescentado a palavras terminadas em ditongo, correspondendo, assim, a 10,218%; 116 são formados de palavras que terminam em consoante, o que equivale a 5,897% dos diminutivos em *-inho* formados em português no século XIX.

Equivocar-se-á, contudo, aquele que, diante dos dados acima, considerar que deve concluir que as formas sob as quais o sufixo em questão se manifesta possuem o mesmo comportamento nos contextos indicados, ou seja, as formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* caracterizam-se distintamente quando são analisadas sob a perspectiva da relação de cada uma delas com a terminação da palavra a que são acrescentadas, como vemos no gráfico a seguir, no qual apresentamos os diversos contextos em que cada uma dessas formas ocorre:

Gráfico 49 – Diminutivos em *-inho* e suas variações no século XIX: contextos específicos de ocorrência



Fonte: O Autor

Tendo em vista, pois, esse gráfico, verificamos, inicialmente, que as formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha*, além de não ocorrerem sempre nos mesmos contextos, comportam-se diferentemente nos contextos em que têm ocorrência comum. Assim, temos que as formas *-inho*, *-inha* são encontradas formando diminutivos a partir de palavras que terminam em

vogal oral, em consoante e em ditongo oral. De todos esses contextos, os dois últimos são os que ocorrem em menor quantidade, apresentando, respectivamente, o seguinte número de exemplos: 44 e 38. Em relação ao total de diminutivos em *-inho*, *-inha* no século XIX, cada um desses contextos participa, respectivamente, com o seguinte: 3,583% e 3,094%. A maior parte dos diminutivos formados com essas formas do sufixo *-inho*, contudo, ocorre com palavras que terminam em vogal oral, totalizando 1146 exemplos, o que corresponde a 93,322% do total de ocorrências de *-inho*, *-inha*. Quando consideramos esses contextos em relação ao total de diminutivos em *-inho* nesse século, isto é, 1967, a participação deles passa a ser, respectivamente, a que segue: 2,236%, 1,931% e 58,261%.

Por seu lado, as 739 ocorrências de *-zinho*, *-zinha* distribuem-se, como vemos no gráfico acima, por cinco contextos: vogal oral, consoante, ditongo oral, ditongo nasal e vogal nasal. Do mesmo modo que as formas analisadas no parágrafo anterior, *-zinho*, *-zinha* são empregadas mais frequentemente diante de palavras que apresentam como final uma vogal oral, contexto no qual se identificaram 478 ocorrências, o que equivale a 64,682% dos diminutivos criados com essas formas; a segunda maior quantidade de diminutivos com as formas aqui em análise foi encontrada com palavras terminadas em ditongo nasal – ao todo são 92 exemplos, participando, assim, de 12,449% das formações; o número de diminutivos formados a partir de palavras que terminam em consoante e em ditongo oral é quase o mesmo, 72 e 71, respectivamente, significando participação em 9,743% e 9,607% dos diminutivos formados com *-zinho*, *-zinha*; a menor quantidade de diminutivos encontrada com essas formas foi diante de palavras terminadas em vogal nasal, com 26 exemplos, o que corresponde a 3,518%. Em relação ao total de diminutivos formados com o sufixo *-inho*, cada um desses contextos participa, respectivamente, com o seguinte percentual: 24,300%, 4,677%, 3,660%, 3,609% e 1,321%.

Através do contraste entre os dados apresentados para cada uma dessas formas [*-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha*], é possível verificar que, embora ambas sejam empregadas mais frequentemente com palavras terminadas em vogal oral, as formas *-inho*, *-inha* têm o seu emprego muito mais concentrado nesse contexto que as formas *-zinho*, *-zinha* (93,322% contra 64,682%). Com isso, enquanto os demais contextos têm uma participação ínfima na formação de diminutivos com aquelas formas (aproximadamente 7%), com estas já possuem uma importância muito maior, próximo de 40%.

Diante do exposto até aqui e considerando, sobretudo o Gráfico 49, é possível caracterizar, de forma resumida, da seguinte maneira, o comportamento do sufixo *-inho* no português do século XIX:

a) *nenhuma dessas formas é empregada em um único contexto*

As formas diminutivas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* são empregadas, ao longo da sincronia em destaque, diante de palavras que apresentam diferentes terminações, sendo identificado o emprego delas, respectivamente, em três e em cinco contextos. Contudo, tanto com as primeiras, quanto com as demais, verifica-se o predomínio de determinado(s) contexto(s) sobre os outros.

b) *alguns contextos favorecem mais o emprego de uma forma que de outra*

A análise dos dados constantes do Gráfico 49 indica que, se uma palavra termina em vogal oral, ela receberá, preferencialmente, as formas *-inho*, *-inha*, em vez de *-zinho*, *-zinha* – são 1146 ocorrências daquelas contra 478 destas, o que indica, aproximadamente, que, a cada 2,4 ocorrências de *-inho*, *-inha* diante de palavras terminadas em vogal oral, há 1 de *-zinho*, *-zinha*. Desse modo, teríamos que, de um universo de aproximadamente 100 diminutivos formados com o sufixo *-inho*, algo em torno de 71 receberiam as formas *-inho*, *-inha*, e cerca de 29, as formas *-zinho*, *-zinha*. Por outro lado, as formas *-zinho*, *-zinha* são empregadas mais frequentemente que *-inho*, *-inha* em contextos como *ditongo oral* e *consoante*.

c) *há contextos que são restritivos, admitindo o emprego de apenas uma dessas formas*

A formação de diminutivos por meio do uso do sufixo *-inho*, no século XIX, diante de palavras terminadas em vogal nasal e em ditongo nasal, só é possível, de acordo com os dados aqui analisados, através do acréscimo das formas *-zinho*, *-zinha*, ou seja, esses contextos não admitem o emprego de *-inho*, *-inha*.

Após essa breve exposição acerca do comportamento das formas sufixais diminutivas *-inho*, *-inha* e *-zinha*, *-zinha*, passaremos a analisar, com mais detalhes, como elas se relacionam com contextos nos quais foram apresentadas nos dois últimos gráficos aqui dispostos.

5.4.1.1 *O sufixo -inho em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional*

O uso das formas *-inho*, *-inha* e *-zinha*, *-zinha* para formar diminutivos em português mantém, como já brevemente adiantamos, com a terminação da palavra à qual será acrescentada certa relação de dependência, sendo elas empregadas diferentemente caso essa terminação seja vogal oral, consoante, ditongo oral, ditongo nasal ou vogal nasal. Portanto, ao longo desta seção, buscaremos apresentar as principais características formais (fonéticas e morfológicas) e funcionais que resultam da combinação dessas formas sufixais com esses contextos. Objetivamos, ainda, identificar se o emprego de cada uma delas é influenciado por

fatores como o *número de sílabas das palavras às quais são acrescentadas* para formar o diminutivo e a *posição da sílaba tônica na palavra primitiva*.

5.4.1.1.1 O diminutivo *-inho* em contexto de vogal átona oral

A formação de diminutivos a partir do contexto *vogal oral* é, conforme o Gráfico 49, o mecanismo mais frequente no português do século XIX. Deve-se distinguir, no entanto, por essa nomenclatura *vogal oral*, aquelas que são *átonas* das que são *tônicas*. Assim, dos 1624 diminutivos formados com o sufixo *-inho* a partir desse contexto, 1575 foram originados a partir de palavras que possuem essa vogal átona; nos demais 49, essa vogal é tônica.

Em relação aos diminutivos formados de palavras terminadas em vogal átona oral, o número de diminutivos que se formam com o acréscimo de *-inho*, *-inha* é igual a 1145, correspondendo a 72,698% dos diminutivos desse contexto – no século XVI, esse percentual era de 75,438%; no seguinte, 67,280%; no XVIII, 89,528%. Abaixo, apresentamos alguns dos exemplos que fazem parte do *corpus* em análise:

AconchegadINHOs ← AconchegadO
 BaixINHO ← BaixO
 CoceguINHAs ← CócegA
 DiamantINHO ou DiamantINHOs ← DiamantE
 EduardINHO ← EduardO
 FiINHAs ← FiA
 GotINHA ou GotINHAs <~> GottINHAs ← GotA <~> GottA
 HonrrINHA ← HonrrA <~> HonrA
 InteressantINHA ← InteressantE
 JuquINHA ← JucA
 LombINHO ← LombO
 MorenINHO ← MorenO
 OutrINHA ← OutrA
 PertINHO ← PertO
 RuINHA ← RuA

A observação desses exemplos – assim como dos demais que constituem o referido *corpus* – permite a formulação da seguinte regra geral para a formação de diminutivos com as formas *-inho*, *-inha* em contexto de vogal átona oral nesse século, a qual coincide com o mesmo comportamento já apresentado por essas formas, nesse mesmo contexto, em relação

aos séculos anteriores: *para a formação de diminutivos com as formas -inho, -inha em contexto de vogal átona oral, elimina-se essa vogal e acrescenta-se o sufixo de significação diminutiva.*

Ainda no âmbito da combinação dessas formas com a palavra a que são acrescentadas, é possível destacar o fato de que, com o acréscimo das formas *-inho, -inha*, pode ocorrer, além da eliminação dessa vogal, a fusão da vogal inicial do sufixo com a semivogal [j] do ditongo que antecede a vogal átona oral em fim de palavra, conforme os exemplos abaixo listados:

CeINHA ← *CeiA*

CheINHA ou CheINHAs ← *CheiA*

CheINHO ou CheINHOS ← *CheiO*

SaINHAs ← *SaiA*

SaINHO ← *SaiO*

No exemplo que segue,

ConcharINHAs ← *ConchariA*

no entanto, verifica-se que a vogal [i] da forma sufixal *-inha*, após a eliminação da vogal átona oral final, funde-se com a vogal [i] – e não com a semivogal [j] – da sílaba anterior.

Se grande é o número de diminutivos formados com as formas *-inho, -inha* no contexto em destaque, a quantidade das formações com *-zinho, -zinha* também não pode ser considerada pequena – afinal são 430 diminutivos –, embora se deva considerar um número pequeno, quando comparado com as ocorrências das formas *-inho, -inha*, uma vez que são responsáveis por apenas 27,301% dos diminutivos em *-inho* desse século. Ora, tal fato nos possibilita analisar o emprego de *-zinho, -zinha* nesse contexto não como uma irregularidade, como propõe Ribeiro (*op. cit.*, p.90-92), mas fica claro que o seu emprego diante de vogal átona oral é uma das ocorrências nas quais as referidas formas possuem grande produtividade – como, também, ocorreu nas duas sincronias iniciais do português moderno –, sendo, aliás, o principal contexto de emprego de *-zinho, -zinha*, como demonstra o Gráfico 49. Esse mesmo fato permite reanalisar a descrição de Barboza (*op. cit.*, p.120-121), na qual não faz nem referência ao uso de *-zinho, -zinha* com palavras primitivas que terminam em vogal átona oral.

As formas diminutivas *-zinho*, *-zinha*, por sua vez, ao serem empregadas para formar novos diminutivos, não ocasionam a eliminação da vogal átona final da palavra à qual são acrescentadas, diferentemente do que se dá com o acréscimo de *-inho*, *-inha*, sendo, portanto, possível, a partir dos exemplos que constituem o *corpus* em análise, a formulação da seguinte regra geral para a formação de diminutivos com *-zinho*, *-zinha* no contexto ora em foco: *conserva-se a vogal oral átona final e acrescentam-se as formas -zinho, -zinha*. Dessa maneira, elas vêm imediatamente após a referida vogal, como se demonstra por meio dos exemplos que seguem:

AbaZINHA ← AbA
 BonecaZINHA ← BonecA
 CaprichoSINHO ou CaprichoZINHOS ← CaprichO
 DemandaZINHA ← DemandA
 EsteZINHO ← EstE
 FuncionalismoZINHOS ← FuncionalismO
 Guarda-chuvaZINHO ← Guarda-chuvA
 LeveZINHO ← LevE
 MeigaZINHA ← MeigA
 ToiletteZINHO ← ToilettE <~> Toilete
 VingançaZINHA ou VingançaZINHAs ← VingançaA

Inclusive, ao longo desta sincronia, todas as vogais permanecem intactas – tal qual ocorreu no século XVIII –, sem sofrer alterações do tipo *modificação (ou substituição) de <a> ou <o> em (por) <e> ou <i>* – e menos geralmente do tipo *<e> em (por) <i>* –, conforme apontado em relação aos séculos XV, XVI e XVII.

Ainda no contexto em análise, é possível perceber – conforme demonstraremos na sequência – que o emprego das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* sofre a influência dos fatores *número de sílabas* e *posição da sílaba tônica* da palavra primitiva. Ambas as formas, no entanto, podem ser encontradas formando diminutivos a partir tanto de palavras dissílabas, trissílabas e polissílabas, quanto de palavras paroxítonas e proparoxítonas. Nos dados analisados não há, contudo, exemplos de diminutivos nem em *-inho*, *-inha*, nem em *-zinho*, *-zinha* formados a partir de palavras monossílabas.

Nos quadros a seguir, apresentamos exemplos de diminutivos formados a partir de palavras terminadas em vogal átona oral que possuem duas, três e quatro ou mais sílabas – ao

mesmo tempo, é possível identificar, ainda, se as tais palavras são paroxítonas ou proparoxítonas:

Quadro 44 – Diminutivos em *-inho, -inha, -zinho, -zinha* em contexto de vogal átona oral em palavras dissílabas: séc. XIX

Diminutivos em <i>-inho, -inha</i>	Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho, -zinha</i>	Palavras primitivas
BrinquINHOS ←	<i>BrincO</i>	AtoZINHO ←	<i>AtO</i>
CaixINHA ou CaixINHAs ←	<i>CaixA</i>	CarneSINHA ou CarneZINHAs ←	<i>CarnE</i>
FebrINHA ←	<i>FebrE</i>	EsteZINHO ←	<i>EstE</i>
GordINHO ou GordINHOS ←	<i>GordO</i>	FumoZINHO ou FumoZINHOS ←	<i>FumO</i>
LeitINHO ←	<i>LeitE</i>	LeveZINHA ←	<i>LevE</i>
OncINHA ←	<i>OnçA</i>	MeigaZINHA ←	<i>MeigA</i>

Fonte: O Autor

Quadro 45 – Diminutivos em *-inho, -inha, -zinho, -zinha* em contexto de vogal átona oral em palavras trissílabas: séc. XIX

Diminutivos em <i>-inho, -inha</i>	Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho, -zinha</i>	Palavras primitivas
BandejINHA ou BandejINHAs ←	<i>BandejA</i>	AcidoZINHO ←	<i>ÁcidO</i>
CaixotINHO ←	<i>CaixotE</i>	BotinaZINHA ←	<i>BotinA</i>
EscurINHO ←	<i>EscurO</i>	CaliceZINHO ou CaliceSINHOS ←	<i>CálicE</i>
GalantINHA ou GalantINHAs ←	<i>GalantE</i>	DemoraZINHA ←	<i>DemorA</i>
PucarINHO ou PucarINHOS ←	<i>PúcarO</i>	PerolaZINHAs ←	<i>PérolA</i>
XicarINHA ←	<i>XícarA</i>	VontadeZINHAs ←	<i>VontadE</i>

Fonte: O Autor

Quadro 46 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de vogal átona oral em palavras polissílabas: séc. XIX

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>	Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>	Palavras primitivas
AbarrotadINHOs ←	<i>AbarrotadO</i>	ArgumentoZINHO ←	<i>ArgumentO</i>
BofetadINHA ←	<i>BofetadA</i>	ExterioridadeZINHAs ←	<i>ExterioridadE</i>
CandieirINHO ←	<i>CandieirO</i>	InteresseZINHO ou InteresseZINHOS ←	<i>InteressE</i>
DiamantINHO ou DiamantINHOS ←	<i>DiamantE</i>	ParticulaZINHA ←	<i>Partícula</i>
InteressantINHA ←	<i>InteressantE</i>	RidiculoZINHO ←	<i>Ridículo</i>
TravesseirINHA TravesseirINHAs ←	<i>TravesseirA</i>	SirigaitaZINHA ←	<i>SirigaitA</i>

Fonte: O Autor

Com isso, vemos, nos dados obtidos a partir da análise dos diminutivos em *-inho* identificados ao longo do século XIX, que, quando a palavra primitiva é composta de duas sílabas – ao todo identificamos 614 formações com essas características –, predomina o uso das formas *-inho*, *-inha* sobre *-zinho*, *-zinha*: são 434 diminutivos contra 180, o que, em termos percentuais, significa que 70,684% dos diminutivos formados a partir de palavras dissílabas em contexto de vogal átona oral recebem *-inho*, *-inha*, e 29,315%, *-zinho*, *-zinha*. Isso significa que de cada 10 diminutivos formados a partir deste contexto, na sincronia descrita, aproximadamente 7 serão formados com aquelas formas, e somente 3, com estas. Assim, temos que o emprego de *-inho*, *-inha* corresponde a mais que o dobro que o de *-zinho*, *-zinha*.

Analisando-se, agora, o emprego dessas duas formas a partir de diminutivos formados de palavras trissílabas terminadas em vogal átona oral, observa-se que a participação de *-inho*, *-inha* é ainda maior, atingindo um percentual de 75,675% contra 24,324% de *-zinho*, *-zinha* – ao todo foram identificados 560 diminutivos em *-inho*, *-inha* e 180 em *-zinho*, *-zinha*. Constata-se, dessa maneira, que, neste contexto, os diminutivos com *-inho*, *-inha* correspondem a 3 vezes – na verdade, um pouco mais – o valor das demais formações, significando, assim, que, de cada 100 diminutivos formados, 75 receberão *-inho*, *-inha*, e 25, *-zinho*, *-zinha*.

O menor índice de participação de *-inho*, *-inha* – quando forma diminutivos a partir de palavras terminadas em vogal átona oral – ocorre quando é acrescentado a palavras que possuem mais de três sílabas. Ainda aqui, o número de diminutivos formados com essas formas corresponde a mais que o dobro das formações com *-zinho*, *-zinha*: são,

respectivamente, 151 e 70 os diminutivos formados, o que equivale, nessa ordem, a 68,325% e 31,674%.

Também exerce influência no emprego das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* o fator *posição da sílaba tônica* da palavra primitiva. Assim, das 1531 ocorrências de diminutivos formados pelo sufixo *-inho* a partir de palavras primitivas paroxítonas, 1132 receberam *-inho*, *-inha*, e 399, *-zinho*, *-zinha*, o que dá, respectivamente, 73,938% e 26,061% de participação para cada uma dessas formas. Quando, no entanto, o diminutivo é formado de palavras proparoxítonas, a importância de cada uma delas se inverte, ou seja, as formas *-zinho*, *-zinha* são as que têm uso predominante, com 70,454% de participação – o que equivale a 31 exemplos –, enquanto *-inho*, *-inha* participam de 29,545% das formações, fornecendo 13 exemplos. Em outras palavras, podemos dizer que, no contexto em análise, de cada 10 diminutivos formados a partir de palavras paroxítonas, aproximadamente 7 (7,393, para ser mais exato) serão com *-inho*, *-inha*, e 3 (a rigor, 2,606), com *-zinho*, *-zinha*; já com palavras proparoxítonas, temos quase o mesmo resultado na ordem inversa, isto é, de 10 diminutivos em *-inho* nesse contexto, 7 (a rigor, 7,045) receberão *-zinho*, *-zinha*, e 3 (ou mais exatamente, 2,954), *-inho*, *-inha*. Desse modo, fica evidente que, diferentemente do que propunha Ribeiro (*op. cit.*, p.90-92), o diminutivo de palavras paroxítonas e proparoxítonas terminadas em vogal átona oral com as formas *-zinho*, *-zinha* é um processo bastante frequente, de maneira que não o consideramos uma irregularidade.

Diante, pois, dos resultados até aqui expostos, concluímos que, ao longo do século XIX, as formas do sufixo *-inho* preferencialmente empregadas para formar diminutivos em português em contexto de *vogal oral átona* são *-inho*, *-inha*, independentemente do número de sílabas da palavra primitiva. Quando, no entanto, o diminutivo é derivado de uma palavra proparoxítona, *-inho*, *-inha* é menos frequente que *-zinho*, *-zinha*.

Não obstante *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* apresentem as características acima apontadas, as quais, como vimos, tornam essas formas mais características de determinados contextos, é possível identificar ao longo do século XIX – assim como já o foi também quanto a séculos anteriores – diversos exemplos como os que seguem:

AlegreSINHO ← *AlegrE*

AlegrINHO ← *AlegrE*

BonecaZINHA ← *BonecA*

BonequINHA ← *BonecA*

CaniveteSINHO ← *CanivetE*

CanivetINHO ← *CanivetE*

DitINHOS ← *DitO*

DitoZINHOS ← *DitO*

EscravaZINHA ← *EscravA*

EscravINHA ← *EscravA*

FebreZINHA ← *FebrE*

FebrINHA ← *FebrE*

InocenteZINHA ← *InocentE*

InocentINHA ← *InocentE*

LoucaZINHA ← *LoucA*

LouquINHA ← *LoucA*

RegalINHO ← *RegalO*

RegaloZINHO ← *RegalO*

A partir deles, vemos o emprego tanto de *-inho*, *-inha*, quanto de *-zinho*, *-zinha* para formar diminutivos que se originam de uma mesma palavra primitiva, o que pode ocorrer com palavras paroxítonas de duas, três ou mais sílabas, não sendo encontrado, nessa sincronia, nenhum exemplo desse fato com palavra proparoxítonas – embora, potencialmente, possa ser verificado. Tal fato reforça, a nosso ver, a existência de um processo de concorrência entre essas formas no contexto (e nos subcontextos) em análise.

5.4.1.1.2 O diminutivo *-inho* em contexto de consoante

Ao longo do século XIX – do mesmo modo que nos séculos XIII, XV, XVI, XVII e XVIII –, as diferentes formas do sufixo diminutivo *-inho*, isto é, *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha*, são empregadas para formar diminutivos a partir de palavras terminadas em consoante. Nesse século, foram identificadas 116 ocorrências desse tipo de formação, conforme brevemente ilustramos com os exemplos do quadro seguinte:

Quadro 47 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de consoante: séc. XIX

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>		Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>		Palavras primitivas
AventalINHO	←	<i>Avental</i>	ArZINHO	←	AR
BrasINHO	←	<i>Brás</i>	CruelZINHA	←	<i>Cruel</i>
FlorINHA ou		<i>FloR</i>	PerdiseSINHAs	←	<i>PerdiS</i>
FlorINHAs	←				
IsabelINHA	←	<i>IsabeL</i>	QuintalZINHO	←	<i>QuintaL</i>
PastorINHO	←	<i>PastoR</i>	PromotorZINHO	←	<i>PromotoR</i>
VeZINHA	←	<i>VeZ</i>	RumorZINHO	←	<i>RumoR</i>

Fonte: O autor

Neste contexto, ao contrário do que vimos em relação ao contexto analisado na seção anterior, predominam as ocorrências com as formas *-zinho*, *-zinha*, as quais foram responsáveis pela formação de 72 diminutivos; já *-inho*, *-inha* foram empregadas em 44 diminutivos. Em termos percentuais, cada uma dessas formas participa, respectivamente, de 62,068% e 37,931% das formações diminutivas identificadas com o sufixo *-inho*.

Assim, observa-se que, embora as primeiras dessas formas sejam mais frequentes que as últimas, o total de diminutivos formados por meio delas constitui menos que o dobro dos que se formam com *-inho*, *-inha* – mais exatamente, aquelas formas de *-inho* são 1,636 vez mais frequentes que estas. Portanto, temos que, a cada 3 diminutivos que se formam nesse contexto, um pouco menos de 2 recebem *-zinho*, *-zinha*, e um pouco mais de 1, *-inho*, *-inha* (se considerarmos um número exato de diminutivos, por exemplo, 13, teríamos, aproximadamente, que, a cada 13 diminutivos em *-inho* formados a partir de palavras terminadas em consoante, 8 seriam com *-zinho*, *-zinha*, e 5, com *-inho*, *-inha*). Com esses dados, é possível, portanto, rever as análises tanto de Barboza (*op. cit.*, p.120-121), quanto de Ribeiro (*op. cit.*, p.90-92), segundo os quais apenas excepcionalmente se faz o diminutivo de palavras que terminam em consoante com o acréscimo das formas *-inho*, *-inha*. A revisão, portanto, consiste em afirmar que os diminutivos que se formam, a partir do referido contexto, recebem geralmente as formas *-zinho*, *-zinha* e, com alguma frequência, *-inho*, *-inha*.

Do mesmo modo que nos séculos anteriores, principalmente, XVI, XVII e XVIII, na sincronia aqui em foco encontra-se o sufixo *-inho* acrescentado a palavras primitivas que terminam nas consoantes <r>, <l>, <s>²⁶³ e <z>, mas o emprego de suas diferentes formas

²⁶³ Conforme pode ser verificado em 5.3.1.1.2, no século XVIII não identificamos nenhum exemplo de diminutivo formado com o sufixo *-inho* a partir de palavras terminadas em <s>.

não ocorre da mesma maneira diante desses grafemas, como verificamos a partir dos dados que a seguir apresentamos: quando uma palavra termina em <r>, há 37 diminutivos formados com *-zinho*, *-zinha* e 10 com *-inho*, *-inha* – isso significa que, no contexto em análise, essas formas participam, respectivamente, da formação de 78,723% e 21,276% dos diminutivos; se o grafema em questão é <l>, os números são quase os mesmos que estes – foram identificados 34 diminutivos em *-zinho*, *-zinha*, e 10 em *-inho*, *-inha*, o que corresponde, respectivamente, a 77,272% e 22,727%; com o grafema <z>, todos os 15 exemplos identificados são com *-inho*, *-inha*; já quando a palavra primitiva termina em <s>, identificaram-se 9 exemplos formados com *-inho*, *-inha*, e 1 com *-zinho*, *-zinha*, ou seja, 90% das formações são com *-inho*, *-inha*, e 10% com *-zinho*, *-zinha*.

Considerando, portanto, os dados até aqui expostos, vemos que, no século XIX, o uso das formas sob as quais se manifesta o sufixo *-inho*, diante de palavras terminadas em consoante, sofre a influência do tipo de consoante que aparece nessa posição, semelhantemente, por exemplo, ao que ocorre nos séculos XVII e XVIII, isto é, uma ou outra forma será mais empregada em determinado contexto que em outro.

Com isso, este contexto, igualmente ao contexto vogal oral átona, não toma nenhuma delas por exclusiva. Como consequência desse fato, encontram-se, ao longo do período focalizado, diminutivos tanto em *-inho*, *-inha*, quanto em *-zinho*, *-zinha* que se originam de uma mesma palavra, conforme os exemplos seguintes:

AmorINHOs ← *AmoR*

AmorZINHO ← *AmoR*

CasalINHO ← *CasaL*

CasalZINHO ← *CasaL*

ColherINHA ← *ColheR*

ColherZINHA ← *ColheR*

DevagarINHO ← *DevagaR*

DevagarZINHO ← *DevagaR*

FlorINHA ou FlorINHAs ← *FloR*

FlorZINHA <~> FlorSINHA ou FlorZINHAs <~> FloreZINHAs ← *FloR*

MiguelINHO ← *Miguel*

MiguelZINHO ← *Miguel*

PapelINHO ou PapelINHOS ← *Papel*

PapelZINHO ou PapeiZINHOS ← *Papel*

QuintalINHO ← *Quintal*

QuintalZINHO ← *Quintal*

Além do fator *tipo de consoante*, exercem influência sobre o uso de *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha*, quando se formam diminutivos a partir de palavras com final consonantal, o *número de sílabas* dessa palavra e a *posição de sua sílaba tônica*. Nesse sentido, os dados de que dispomos indicam que, com palavras monossílabas, ambas as formas são empregadas equivalentemente – foram identificadas 7 ocorrências de cada uma delas; com palavras dissílabas, trissílabas e polissílabas, no entanto, predominam as formações com *-zinho*, *-zinha*, da seguinte maneira: 45 (61,643%) contra 28 (38,356%) no primeiro contexto; 18 (69,230%) contra 8 (30,769%) no segundo; e 2 (66,666%) contra 1 (33,333%) no último.

Há, portanto, no contexto ora sob descrição, uma estreita relação entre a quantidade de sílabas que uma palavras possui e a forma do sufixo diminutivo *-inho* a ser empregada, de modo que as maiores palavras, isto é, palavras com duas, três ou mais sílabas, geralmente recebem *-zinho*, *-zinha*, enquanto as palavras de uma sílaba podem receber uma ou outra forma indiferentemente.

No tocante à relação entre sílaba tônica e emprego de *-inho*, *-inha* e de *-zinho*, *-zinha*, os dados indicam que, com os monossílabos tônicos, essas formas são empregadas na mesma proporção – cada uma delas deu origem a 7 diminutivos; com as oxítonas, as formas *-zinho*, *-zinha* são mais frequentemente empregadas que *-inho*, *-inha*, sendo responsáveis pela formação de 63,157% dos diminutivos desse contexto contra 36,842% destas – foram identificados 60 diminutivos com aquelas, e 35 com estas; com as paroxítonas, novamente predominam *-zinho*, *-zinha* – são 5 os diminutivos formados com estas formas contra 2 com *-inho*, *-inha*, ou seja, 71,428% dos diminutivos formados nesse contexto recebem *-zinho*, *-zinha*, e 28,571%, *-inho*, *-inha*.

Desse modo, é correto concluir que, enquanto os monossílabos tônicos não favorecem o emprego de nenhuma das formas de *-inho*, possibilitando o emprego indistinto de ambas, as palavras oxítonas e as paroxítonas são mais favoráveis às formas *-zinho*, *-zinha*.

Uma vez que, no contexto em análise, nenhum diminutivo foi encontrado que se formasse a partir de palavra proparoxítona, nada poderemos dizer em relação a este contexto.

Enfim, não poderíamos encerrar a discussão acerca da formação de diminutivos em *-inho* a partir de palavras terminadas em consoante sem destacar a maneira como as diferentes formas desse sufixo são unidas às palavras a que são acrescentadas. Em conformidade com os exemplos que foram apresentados ao longo desta seção – e considerando, ainda, os demais que constituem o *corpus* que embasa esta análise –, é possível formular a seguinte regra geral: *tanto as formas -inho, -inha, quanto -zinho, -zinha são acrescentadas imediatamente após a consoante final – a qual é conservada – sem que seja necessária a introdução de uma vogal de apoio entre a referida consoante e o sufixo*. Nas formações plurais, contudo, a existência dessa vogal – que corresponde à vogal flexional – é opcional, quando as formas a serem acrescentadas são *-zinho, -zinha*, conforme é possível concluir dos exemplos abaixo:

DoreZINHAs <~> DorZINHAs ← DoR
 DoutorZINHOS ← DouthoR
 FlorZINHAs <~> FloreZINHAs ← FloR
 IguaiZINHOS <~> IgualZINHOS ← IgualL
 MoveiZINHOS ← MóveL
 OficialZINHOS ← OficiaL
 PerdiseSINHAs ← PerdiS

Em outras palavras, verificamos que o plural interno das palavras nesse contexto pode ou não ocorrer, mas essa flexão é obrigatória no final da palavra.

5.4.1.1.3 O diminutivo *-inho* em contexto de ditongo oral

Assim como nos dois contextos até aqui analisados, o diminutivo que se forma a partir de palavras terminadas em *ditongo oral* pode ser feito tanto com as formas *-inho, -inha*, quanto com *-zinho, -zinha*, conforme demonstram os seguintes exemplos:

AgüINHA ← AgUA
 BacalhauZINHO ← BacalhAU
 ClaudINHA ← Cláudia
 IoioZINHO ← IoIÔ
 IndividuoZINHO ← IndivídUO

JoqueiZINHO ← *Jóquei*
 MaliciaSINHA ← *Malícia*
 NegocINHO ou NegocINHOS ← *Negócio*
 OratorioZINHO ← *Oratório*
 RaciocinINHOS ← *Raciocínio*
 VeuZINHO ← *Véu*

No que concerne, no entanto, ao uso de cada uma dessas formas nesse contexto, verifica-se serem estas últimas (*-zinho, -zinha*) bem mais frequentes que aquelas, sendo elas encontradas, respectivamente, em 71 e 38 diminutivos, o que faz com que elas possuam, nessa ordem, 65,137% e 34,862% de participação na formação dos diminutivos a partir de palavras terminadas em ditongo oral. Vemos, assim, que novamente é importante reanalisar as descrições de Barboza (*op. cit.*, p.120-121) e de Ribeiro (*op. cit.*, p.90-92), os quais afirmam que as palavras terminadas em ditongo fazem o diminutivo com *-zinho, -zinha*. Pelos dados aqui apresentados, tal contexto recebe, preferencialmente, *-zinho, -zinha*, sendo bastante frequente, também, o uso das formas *-inho, -inha*.

A análise dos diminutivos formados dessa maneira – que, como vimos no parágrafo anterior, constituem 109 – revela, ainda, que o emprego dessas formas sofre a influência de fatores como *número de sílaba* e *posição da sílaba tônica* da palavra primitiva. Assim, quanto ao primeiro fator, verificamos que: *a)* com palavras monossílabas – que são todas tônicas – somente se empregam *-zinho, -zinha*; *b)* tanto *-inho, -inha*, quanto *-zinho, -zinha* são empregadas com palavras dissílabas, mas o número de diminutivos formados com estas é superior em mais de três vezes ao daquelas – são 24 e 7 exemplos, respectivamente, o que significa uma participação de 77,419% e 22,580% de cada uma delas na formação de diminutivo neste contexto; *c)* diante de palavras trissílabas, essas formas são empregadas na mesma proporção, com 1 exemplo a mais para *-inho, -inha* – estas são encontradas em 27 (50,943%) diminutivos, e aquelas em 26 (49,056%); *d)* com palavras polissílabas, 75% das formações ocorrem com *-zinho, -zinha*, e 25% com *-inho, -inha* – identificamos 4 exemplos com estas formas e 12 com aquelas.

Em relação à influência da sílaba tônica no emprego das diferentes formas do sufixo *-inho* no contexto em foco, temos o que segue: com monossílabos tônicos e com palavras oxítonas – foram encontrados, respectivamente, 9 e 7 diminutivos assim formados – somente se identificou o emprego de *-zinho, -zinha*; já quando se forma o diminutivo a partir de palavras paroxítonas, não há uma grande diferença entre o emprego dessas formas, embora

-zinho, *-zinha* continuem sendo as mais frequentes: são 50 exemplos de uma contra 38 de outra, o que significa dizer que *-zinho*, *-zinha* ocorrem em 56,818% dos diminutivos formados nesse contexto, enquanto *-inho*, *-inha* ocorrem em 43,181%.

Podemos, então, assim resumir o que dissemos até este momento: *a*) quanto ao número de sílabas da palavra primitiva, o emprego das formas *-zinho*, *-zinha* somente não é mais frequente que o de *-inho*, *-inha* quando diante de palavras trissílabas; *b*) em relação à sílaba tônica, *-inho*, *-inha* concorrem (quase que) em pé de igualdade com *-zinha*, *-zinha* quando a palavra em questão é uma paroxítona; no entanto, diante de monossílabos tônicos e de oxítonos, usam-se, exclusivamente, as formas *-zinho*, *-zinha*²⁶⁴. O contexto *palavra paroxítona trissílaba terminada em ditongo oral* é, portanto, a maior intersecção – mas não a única – entre o uso dessas formas, o que torna possível, pois, a existência de diminutivos tanto em *-inho*, *-inha*, quanto em *-zinho*, *-zinha* formados a partir de uma mesma palavra, tal como confirmam os exemplos abaixo:

AdeliaZINHA ← AdéLIA

AdelINHA ← AdéLIA

AmeliaZINHA ← AméLIA

AmelINHA ← AméLIA

GenINHOS ← GénIO <~> GênIO

GenioZINHO ← GénIO <~> GênIO

NegocINHO ou NegocINHOS ← NegócIO

NegocioZINHO <~> NegocioSINHO ← NegócIO

TabuaZINHA ← TábUA

TabuINHA ou TabuINHAs ← TábUA

Vimos, até aqui, qual, dentre as formas do sufixo diminutivo *-inho*, é a mais frequente, quando consideramos os diminutivos que se formam a partir de palavras

²⁶⁴ Como neste contexto não identificamos, ao longo desta sincronia, nenhum diminutivo formado a partir de palavras monossílabas átonas ou de palavras proparoxítonas, não apresentaremos nenhum juízo a respeito do emprego de *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* nesses contextos.

terminadas em *ditongo oral*. Mas, ao mesmo tempo, é importante saber como cada uma delas se combina com esse contexto, isto é, com o ditongo que termina as palavras a que são acrescentadas.

Nesse aspecto, considerando os diminutivos identificados ao longo do século XIX – alguns dos quais já foram aqui listados –, observa-se que o comportamento delas não se distingue do que foi apontado em relação às sincronias do português aqui já descritas. Desse modo, verifica-se que, quando se empregam *-inho*, *-inha*, ocorre a eliminação da vogal final do ditongo, podendo, ainda, haver a fusão entre a vogal do sufixo e a semivogal do ditongo, desde que esta seja [j], a qual, nos exemplos de que dispomos, ocorre sempre como primeiro som vocálico, nas formações com ditongo crescente, portanto. Contrariamente ao que ocorre com estas formas, o uso de *-zinho*, *-zinha* nenhuma alteração provoca no ditongo, conservando, portanto, a palavra intacta, ao serem acrescentadas logo após o ditongo.

5.4.1.1.4 O diminutivo *-inho* em contexto de vogal nasal, ditongo nasal e vogal oral tônica

Se, em todos os contextos já descritos, encontramos o emprego das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* – ora com mais, ora com menos frequência –, nos contextos *vogal nasal*, *ditongo nasal* e *vogal oral tônica* o mesmo fato não se verifica. Assim, no primeiro desses – a partir do qual foram identificados 26 diminutivos no século XIX –, a totalidade dos diminutivos recebe *-zinho*, *-zinha*, como nas palavras que se subscrevem:

JardinZINHO ou JardinZINHOS ← *JardIM*

OrfãZINHA ← *ÓrfÃ*

SãZINHA ← *SÃ*

SonZINHO ← *SOM*

UnZINHO ← *UM*

Nesse contexto, de acordo com os exemplos existentes, o acréscimo do sufixo diminutivo não provoca nenhuma alteração na forma da palavra primitiva, ou seja, a palavra que recebe o sufixo conserva a sua forma, sendo o diminutivo o resultado somente de sua combinação com o sufixo.

Também com os ditongos nasais²⁶⁵ somente se empregam *-zinho*, *-zinha*, como exemplificam as palavras que abaixo estão listadas – no total, foram identificados 92 diminutivos assim caracterizados:

BenZINHO ou BenZINHOS ← *BEM*
 FogãoZINHO ← *FogÃO*
 MamãeZINHA ← *MamÃE*
 PenugemZINHA ← *PenugEM*
 SãoZINHO ← *SÃO*
 TranspiraçãoZINHA ← *TranspiraçÃO*

O emprego de *-zinho*, *-zinha*, nesse contexto, tal como pode ser visualizado a partir dos exemplos citados, também não altera a forma da palavra a partir da qual se forma o diminutivo. Somente quando se faz o plural deste, verifica-se a modificação do ditongo – o qual assume a sua forma plural, caso ela exista –, ao mesmo tempo em que o morfema de plural *-s* é inserido após a forma sufixal, conforme se pode visualizar nos exemplos que seguem:

BotãoZINHO ou BotõeZINHOS ← *BotÃO*
 CãoZINHO <~> CãoSINHO ou CãeZINHOS ← *CÃO*
 ExposiçõeZINHAS ← *ExposiçÃO*
 LeilõeZINHOS ← *LeilÃO*
 PrecauçõeZINHAS ← *PrecauçÃO*
 TostãoZINHO ou TostõeSINHOS ← *TostÃO*

Por fim, quando o diminutivo a ser formado com o sufixo *-inho* tem como ponto de partida uma palavra terminada em vogal oral tônica – ao todo, encontramos 49 diminutivos assim formados –, há, no século XIX, apenas 1 exemplo formado com o uso de uma dentre as formas *-inho*, *-inha*, conforme abaixo:

SucuruINHA ← **SucurU* [<~>] *SucurI*

²⁶⁵ Em conformidade com Barboza (*op. cit.*, p.16), consideraremos, a partir do século XIX, como ditongos a ocorrência de *em* e *en* em final de palavras, continuando como tal após o acréscimo de um sufixo diminutivo, como em *benzinho* ← *bem* e *penugenzinha* ← *penugem*.

Todos os outros são formados com *-zinho*, *-zinha*, como nos exemplos listados abaixo:

AndreZINHO ← *André*
 BauZINHO ← *Bau*
 CapituZINHA ← *CapitU*
 ChaZINHO ← *ChÁ*
 FeZINHA ← *FÉ*
 LambarySINHO ← **LambarY* <~> *LambarI*
 PaletóZINHO ← *PaletÓ*
 SinhaZINHA <~> *SinháZINHA* ou *SinhaZINHAS* ← *SinhÁ*
 MióZINHO ← *MiÓ* [<~>] *MelhoR*

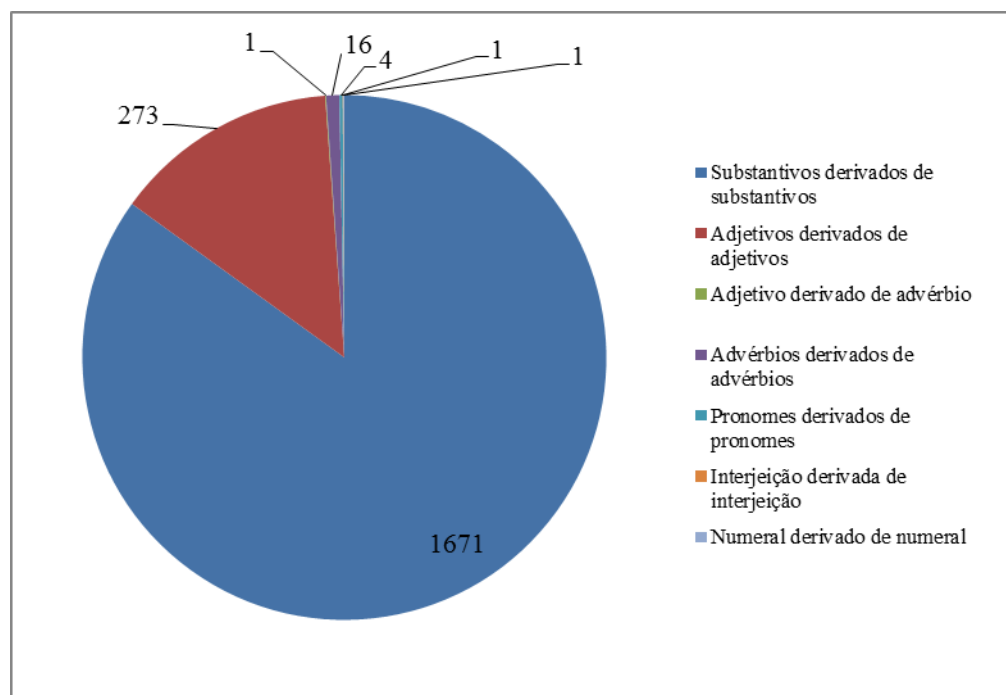
Neste contexto, como vemos a partir dos exemplos citados – e dos demais que formam o *corpus* em análise –, o sufixo une-se com a forma da palavra à qual é acrescentado sem nela provocar nenhuma alteração e sem a inserção de nenhum outro elemento entre ambos, tal como ocorre quando as formas *-zinho*, *-zinha* são acrescentadas a palavras terminadas em vogal nasal e em ditongo nasal. Tal fato, portanto, está em conformidade com as descrições apresentadas por Barboza (*op. cit.*, p.120-121) e por Ribeiro (*op. cit.*, p.90-92) em relação aos diminutivos formados a partir desses três contextos.

5.4.1.2 O sufixo *-inho* na relação entre o gênero do primitivo versus o gênero do derivado e classe de palavra do primitivo versus classe de palavra do derivado

Além das informações de caráter formal apresentadas na seção anterior, outras há que gostaríamos de destacar no transcorrer desta, as quais dizem respeito à relação entre a classe de palavra do diminutivo e a classe de palavra do primitivo, assim como ao gênero de um e do outro.

Quanto ao primeiro tema, identifica-se, por meio da análise dos diminutivos que compõem o nosso *corpus*, que, ao longo deste século, raríssima é a ocorrência de um diminutivo que não pertence à mesma classe de palavra a que pertence a palavra a partir da qual foi formado, conforme vemos no gráfico que segue:

Gráfico 50 – Diminutivos em *-inho* no século XIX: classe de palavra do primitivo *versus* classe de palavra do derivado



Fonte: O Autor

Assim, dos 1967 diminutivos que são analisados ao longo desta sincronia²⁶⁶, vemos que somente em 1 deles – o qual segue

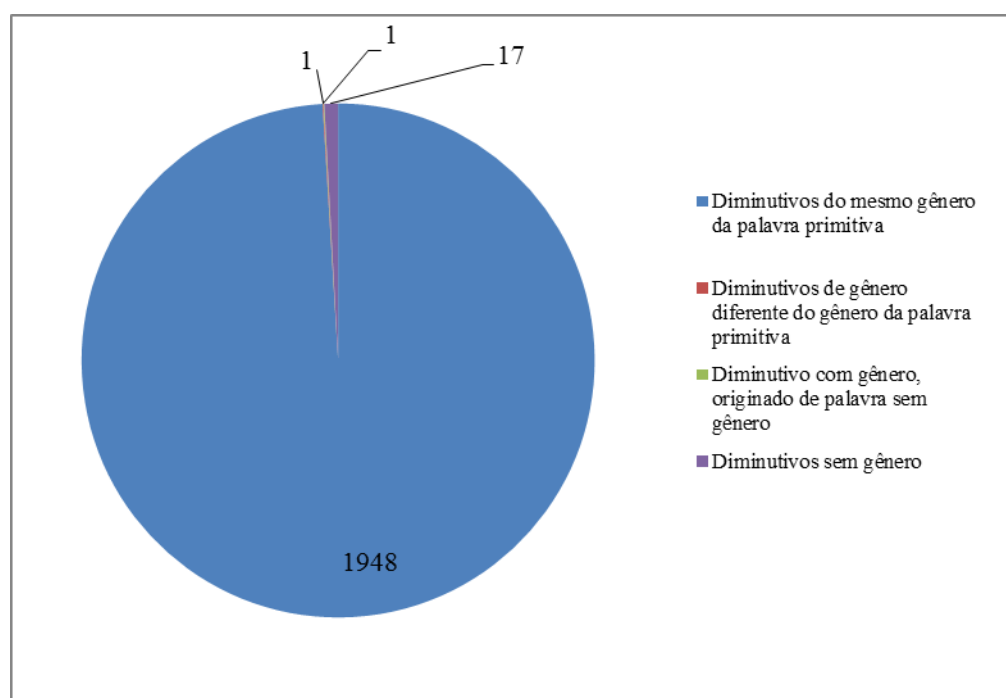
AssinZINHA ← AssIM (Adv → Adjf)

– diminutivo e palavra primitiva pertencem a classes morfológicas diferentes, o que representa apenas 0,050% dos diminutivos do século XIX formados com o sufixos *-inho*. Com isso, podemos afirmar que o diminutivo em *-inho* (quase) sempre conserva a classe da palavra que lhe deu origem, característica essa que, aliás, já foi identificada em relação às sincronias anteriores.

²⁶⁶ Vimos nos Gráficos 46, 47 e 48 que o número de diminutivos em *-inho* identificados ao longo do século XIX corresponde a 1968. Como um deles resulta de empréstimo (*CapuchINHOS* ← it. *CappuccINO*), ou seja, a sua formação ocorreu em outra língua, sendo, posteriormente, inserida na língua portuguesa, com as devidas adequações, ele não será objeto de análise ao longo de nosso estudo, conforme já advertimos em relação a outras sincronias aqui já descritas.

No âmbito da relação entre o gênero do diminutivo e o do primitivo, os resultados não são muito diferentes dos apontados acerca da relação entre a classe de palavra a que pertencem ambos, tal como visualizamos no gráfico abaixo:

Gráfico 51 – Diminutivos em *-inho* no século XIX: gênero da palavra primitiva *versus* gênero da palavra derivada



Fonte: O Autor

Constatamos, portanto, através desse gráfico que pouquíssimos são os exemplos em que o gênero do diminutivo não é o mesmo da palavra que lhe deu origem – tal fato se verifica em apenas 1 ocorrência, a qual vai indicada abaixo:

BodINHAs ← *BodE* (Sm → Sf)

Considerando esses dados no universo dos exemplos em análise, mais exatamente o dos diminutivos que possuem gênero originados de palavras que também possuem gênero, temos, então, 1 ocorrência em um total de 1949 exemplos, o que representa apenas 0,051%²⁶⁷.

²⁶⁷ Conforme destacado na nota anterior (cf. nota 266), a exclusão de nossas análises de um diminutivo tomado de empréstimo a outra língua, reduz o nosso *corpus* a 1967 diminutivos. Destes, 17 não possuem gênero, e 1 é originado de uma palavra que não possui gênero – trata-se de um adjetivo originado de um advérbio. Desse

Fica, portanto, evidente que a mudança de gênero, quando da formação de um diminutivo com o sufixo *-inho*, é um fenômeno possível, mas muito pouco recorrente ao longo do século XIX, seguindo, assim, o que já foi evidenciado em relação às sincronias anteriormente descritas.

Ainda no que se refere ao gênero do diminutivo, uma importante observação se faz necessária – tal como já feito em relação ao século XVII –, a qual consiste no fato de que as formas *-inho*, *-zinho* e *-inha*, *-zinha* nem sempre ocorrem como indicadoras do gênero masculino e do feminino, respectivamente, sendo encontrados exemplos nos quais as palavras em que elas se encontram possuem o gênero contrário ao que costumeiramente essas formas indicam, isto é, *-inho*, *-zinho* ocorrem em palavras que são do gênero feminino, e *-inha*, *-zinha* – cujo emprego é bem menos frequente –, em palavras masculinas. Eis alguns deles:

- AlmeidINHA ← *Almeida* (Sm → Sm)
 AmparoZINHO ← *AmparO* (Sf → Sf)
 BarbosINHA ← *BarbosA* (Sm → Sm)
 CaipirINHA ← *CaipirA* (Sm → Sm)
 CaiporINHA ou CaiporINHAs ← *CaiporA* (Sm → Sm)
 CampelINHO ← *CampelO* (Sf → Sf)
 CazuzINHA ← *CazuzA* (Sm → Sm)
 JanotINHA ou JanotINHAs ← *JanotA* (Sm → Sm)
 JuquINHA ← *Juca* (Sm → Sm)
 PalermINHAs ← *PalermA* (Sm → Sm)
 SilveirINHA ← *SilveirA* (Sm → Sm)

De acordo com os dados do *corpus* sob análise, esse tipo de ocorrência, embora também se manifeste com substantivos comuns, é mais frequente com substantivos próprios, sobretudo com sobrenomes e hipocorismos.

Aliás, a própria presença de nomes próprios diminutivos formados a partir de outros nomes próprios é outra característica dos diminutivos portugueses do século XIX, os quais são bem mais frequentes neste século que nos anteriores – identificamos nesta sincronia 163 nomes próprios diminutivos, número esse que corresponde a 8,286% do total de diminutivos que se identificaram com o sufixo *-inho* no decorrer dessa sincronia.

modo, para a análise da relação entre o gênero do diminutivo e o gênero do primitivo, o *corpus* que será considerado é constituído de 1949 diminutivos.

No que se refere à formação dos nomes próprios diminutivos, observa-se que o sufixo *-inho* obedece às mesmas regras de combinação do sufixo com a palavra primitiva, tal como aqui expostas entre as seções 5.4.1.1.1 e 5.4.1.1.4 e como se pode novamente verificar tanto a partir de alguns dos últimos exemplos citados, quanto dos que seguem:

AguiarZINHO ← *Aguiar*R (Sm → Sm)
 AmaralZINHA ← *Amaral*L (Sm → Sf)
 AndreZINHO ← *André* (Sm → Sm)
 DuarteZINHA ← *Duarte*E (Sm → Sf)
 GonçalINHO ← *Gonçal*O (Sm → Sm)
 HelenINHA ← *Helen*A (Sf → Sf)
 HenriquINHO ← *Henrique*E (Sm → Sm)
 InacINHA ← *Inácia*A (Sf → Sf)
 InezINHA <~> InêsINHA ← *Inez*Z <~> *Inês*S (Sf → Sf)
 IsabelINHA ← *Isabel*L (Sf → Sf)
 JoãoZINHO ← *João* (Sm → Sm)
 MariaZINHA ← *Maria*A (Sf → Sf)
 ValbomZINHO ← *Valbom* (Sm → Sm)

Além disso, percebe-se, também, que os nomes próprios diminutivos conservam, sempre, a mesma classe e o mesmo gênero da palavra que lhe deu origem, o que é outra característica geral dos diminutivos, conforme vimos ao longo desta seção.

Para finalizar a discussão sobre os aspectos formal e funcional dos diminutivos em *-inho* ao longo desta sincronia, destacaremos que alguns dos diminutivos identificados são formados a partir de palavras que já possuem significação diminutiva, conforme abaixo:

BeijoquINHA ← *Beijoca*
 CabritINHO ou CabritINHOS ← *Cabrito*
 ChuisquINHO ← *Chuisco*
 FiloquINHA ← *Filoca*
 MundiquINHO ← *Mundico* ← *Raimundo*
 PequeninINHA ← *Pequenina*
 PequerruchINHO ← *Pequerrucho*
 RamalhetINHO ou RamalhetINHOS ← *Ramalhet*E
 RodelINHAs ← *Rodela*
 SelinZINHO ← *Selim*

5.4.1.3 O sufixo -inho em seus contextos de emprego: caracterização semântica

A descrição semântica dos diminutivos, ao alcançar o século XIX, já se apresenta bastante robusta, como uma consequência do que se conseguiu avançar no decurso do século anterior, quando já era reconhecido o seu uso para expressar significações como *tamanho pequeno, louvor e carinho, vitupério, indiferença e desprezo* e, ainda, a ideia de *quantidade*.

Entre os autores do século XIX, tais abordagens não parecem ser desconhecidas, pois Jeronymo Soares Barboza (BARBOZA, *op. cit.*) reconhece, nos diminutivos, além da significação de tamanho pequeno (*passim*), as significações de depreciação, carinho, ternura e compaixão, como vemos no trecho a seguir:

Servimos-nos outrosim dos Diminutivos ordinariamente para ridiculizar, como se servio Garcia de Rezende na sua *Miscellanea* contra a extravagancia dos trajos de seu tempo, dizendo a fol. 163 col. 3. — ‘Agora vemos *capinhas*, / Muito curtos *pellotinhos*, / *Golpinhos*, e *çapatinhos*, / Fundas pequenas, *mulinhas*, / *Gibõeszinhos*, *barretinhos*, / Estreitas *cobeçadinhas*,/ Pequenas *nominaszinhas* (?), / *Estreitinhas* guarnições, / E muitas mais invenções; / Pois que tudo são *couzinhas*’. — **Comtudo estes mesmos diminutivos fazem ás vezes hum bom effeito, quando se tracta de objectos de carinho, e se pertende excitar com elles a ternura, e compaixão**, do qual uso temos exemplo em Camões *Lusiad.* III, 127. — A estas *criancinhas* tem respeito. C. IV. 28. Aos peitos os filhinhos apertárão (BARBOZA, *op. cit.*, p.121-122, negritos nossos).

Ainda nesse século, será identificada uma nova significação nos diminutivos, a qual foi comparada por Ribeiro (*op. cit.*, p.93) com a função superlativa – encontrada em adjetivos e em advérbios e por meio da qual se intensifica a significação da palavra primitiva: “A fôrma diminutiva tem por vezes força de superlativo, quer no sentido physico, quer no moral, ex.: «*Vacca chegadinha a parir*, isto é, *muito chegada* — *Um pobrezinho*, isto é, *um homem muito pobre*”. Esta significação corresponde ao que estamos chamando em nossa pesquisa de *diminutivos de intensidade*.

Desse modo, verificamos que, excetuando-se a significação de *duração*, todos as outras nas quais classificamos as significações dos sufixos diminutivos já haviam sido identificadas até o final do século XIX e verdadeiramente ocorriam, como temos demonstrado através dos exemplos apresentados nas diversas sincronias aqui descritas.

Considerando, portanto, o exposto, passaremos a descrever semanticamente os diminutivos em *-inho* identificados ao longo do século XIX.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

Muitos dos diminutivos em *-inho* identificados no século XIX possuem como referente algo que, em seu tamanho, é menor que o referente indicado pela palavra à qual o sufixo diminutivo foi acrescentado – caracterizando-se, portanto, como diminutivos de tamanho –, como verificamos nestes exemplos:

BilhetINHO {‘pequeno bilhete’} ← *BilhetE*
 CantINHO {‘pequeno canto, pequeno espaço’} ← *CantO*
 CarrINHO {‘pequeno carro’} ← *CarrO*
 CasINHA {‘pequena casa’} ← *CasA*
 FrascuINHO {‘pequeno frasco’} ← *FrascO*
 LencINHO {‘pequeno lenço’} ← *LençO*
 MãoZINHA {‘pequena mão’} ← *MÃO*
 MesINHA {‘pequena mesa’} ← *MesA*
 QuartINHO {‘pequeno quarto’} ← *QuartO*
 RamINHO {‘pequeno ramo’} ← *RamO*
 RosINHA {‘pequena rosa’} ← *RosA*
 TanquINHO {‘pequeno tanque’} ← *TanquE*

Podem ser citados, ainda, entre os diminutivos desse tipo os que se referem a seres vivos, nos quais frequentemente é possível reconhecer a associação entre o tempo de vida e o tamanho do ser referido, conforme a seguir:

BurrINHO {‘burro jovem e pequeno’} ← *BurrO*
 BestINHA {‘pequena e jovem besta’} ← *BestA*
 CorujaZINHA {‘pequena e jovem coruja’} ← *CorujA*
 LeãoZINHO {‘pequeno e jovem leão’} ← *LeÃO*
 RosINHA {‘pequena e jovem Rosa’} ← *RosA*

b) *Diminutivos de aproximação afetiva positiva*

Outra significação com a qual esse sufixo é empregado com muita frequência ao longo desse século é a de aproximação afetiva positiva, o que ratificamos com a apresentação dos seguintes exemplos:

AmiguINHO {‘querido amigo’} ← *AmigO*
 BemZINHO {‘meu querido’} ← *BEM*
 CasINHA {‘querida casa’} ← *CasA*
 CoitadINHA {‘pobre mulher!’} ← *CoitadA*
 EduardINHO {‘querido Eduardo’} ← *EduardO*
 MãoZINHA {‘mão delicada’} ← *MÃO*
 MaridINHO {‘marido amado’} ← *MaridO*
 PaiZINHO {‘querido pai’} ← *PAI*
 PortuguesINHO {‘querido português’} ← *PortuguêS*
 RosINHA {‘querida Rosa’} ← *RosA*

Observe-se que esse tipo de significação pode ser encontrado até mesmo naquelas palavras que se referem a ‘seres’ mensuráveis fisicamente, tal qual ocorre com as palavras *casinha* e *mãozinha* acima citadas.

c) *Diminutivos de depreciação*

Como diminutivos de depreciação, citem-se os seguintes:

ArgumentoZINHO {‘argumento pouco consistente’} ← *ArgumentO*
 AdvogadoZINHOS {‘advogado digno de pouco respeito’} ← *AdvogadO*
 DitINHOS {‘palavras ofensivas’} ← *DitO*
 GentINHA {‘grupo de pessoas de pouca importância’} ← *GentE*
 NegrINHO {‘negro sem valor’} ← *NegrO*
 PovINHO {‘povo pouco importante’} ← *PovO*
 SujeitINHO {‘pessoa de qualidades morais ruins’} ← *SujeitO*
 TrabalhINHO {‘trabalho sujo’} ← *Trabalho*

d) *Diminutivos de intensidade*

Outros diminutivos muito frequentes são os de intensidade, como estes:

ChegadINHO {‘chegado há pouco tempo’} ← *ChegadO*
 CheINHO {‘bastante/um tanto cheio’} ← *CheiO*
 DevagarINHO {‘muito devagar’} ← *DevagaR*
 DorZINHA {‘dor pouco intensa’} ← *DoR*
 GordINHA {‘um tanto gorda’} ← *Gorda*
 MansINHO {‘bem manso’} ← *MansO*
 PertINHO {‘muito/um tanto perto’} ← *PertO*

e) *Diminutivos de duração*

Entre os diminutivos de duração, podemos citar os abaixo:

ChuvaZINHA {‘chuva breve’} ← *ChuvA*
 ExposiçõeZINHAs {‘exposição breve’} ← *ExposiçãO*
 GestoZINHO {‘breve gesto’} ← *GestO*
 GritINHO {‘breve grito’} ← *GritO*
 MomentoZINHO {‘breve momento’} ← *MomentO*
 MençãoZINHA {‘breve menção’} ← *MençãO*
 PigarrINHO {‘breve pigarro’} ← *PigarrO*

f) *Diminutivos de quantidade*

Há, ainda, os diminutivos que significam quantidade, conforme os que seguem:

BocadINHO {‘pequena quantidade’} ← *BocadO*
 DinheirINHO {‘pouco dinheiro’} ← *DinheirO*
 EspumaZINHA {‘pouca espuma’} ← *EspumA*
 LagrimaZINHA ou LagrimaZINHAs {‘pouca lágrima’} ← *LágrimA*
 LuzINHA ou LuzINHAs {‘pouca luz’} ← *LuZ*
 MingauZINHO {‘pouco mingau’} ← *MingAU*
 PalavrINHA {‘poucas palavras’} ← *PalavrA*

Cabe destacar, ainda, que, em muitos diminutivos, podem ser identificados, ao mesmo tempo, mais de uma significação, como ocorre com os a seguir apresentados, que são diminutivos de tamanho e de aproximação afetiva positiva:

BoquINHA {‘boca pequena e bonita’} ← *BocA*
 CorpINHO {‘corpo pequeno e frágil’} ← *CorpO*
 FilhINHO {‘pequeno e querido filho’} ← *FilhO*
 MãoZINHA {‘pequena e delicada mão’} ← *MãO*
 PéZINHO {‘pé pequeno e delicado’} ← *PÉ*
 SobradINHO {‘pequeno e querido sobrado’} ← *SobradO*

5.4.2 Sufixos em *-t-* e suas variações

Os diminutivos em *-t-* constituem um grupo de sufixos muito frequentes ao longo do século XIX, totalizando 313 ocorrências, o qual se manifesta sob as formas *-ato*, *-ata*, *-ete*, *-eto*, *-eta*, *-ito*, *-ita*, *-oto* e *-ota*. Os exemplos a seguir – apresentados na ordem em que os sufixos foram citados – ilustram bem tal fato:

ChibATO ◀ esp. *chivATO* ou esp. *chibATO*
 NovATA ◀ esp. *novATA*
 CheirETEs ← *CheirO* (Sm → Sm)
 JardimETE ou JardimETEs ◀ fr. *jardinET*
 EsboçETO ← *EsboçO* (Sm → Sm)
 PoemETO ou PoemETOs ◀ it. *poemETTO*
 PrincipETA ← **PrincipA* (Sf → Sf)
 VaLETA ◀ esp. *valETA* ou it. *valIETTA*
 QuartITO ◀ esp. *cuartITO*
 EnfezadITO ← *EnfezadO* (Adjm → Adjm)
 DoentITA ← *DoentE* (Adjf → Adjf)
 SenhorITA ◀ esp. *señorITA*
 PerdigOTOS < lat. vulg. **perdicOTTUS*
 TrigueirOTA ← *TrigueirA* (Adjf → Adjf)
 GarçOTAs ◀ esp. *garçOTA* ou esp. *garzOTA*

Como vemos, pelos exemplos citados, os diminutivos em *-t-* são ou herdados do latim vulgar pelo português – o que se verifica em 3 ocorrências –, ou empréstimo a uma língua românica – como verificamos em 163 ocorrências –, ou de formação portuguesa – ao todo 147 ocorrências –, totalizando, assim, 313 ocorrências.

Dos sufixos acima citados, os menos frequentes são *-eto*, *-ato*, *-ata* e *-oto*, que ocorrem em 4, 2, 1 e 1 exemplos, respectivamente. Acrescente-se, ainda, que, dos diminutivos que possuem um desses quatro sufixos, apenas 1 é formado em português, no caso *esboceto* ← *esboço*, isto é, apenas o sufixo *-eto* possui alguma produtividade ao longo do século XIX.

Em relação aos demais sufixos desse grupo, verifica-se que possuem frequência bem maior, com destaque para as formas *-ito*, *-ita*, as quais foram identificadas, nessa ordem, em 104 (74 em *-ito* e 30 em *-zito*) e 103 ocorrências (72 em *-ita* e 31 em *-zita*). Já os sufixos *-ete*, *-eta* e *-ota* aparecem, respectivamente, com 36, 38 e 24 ocorrências.

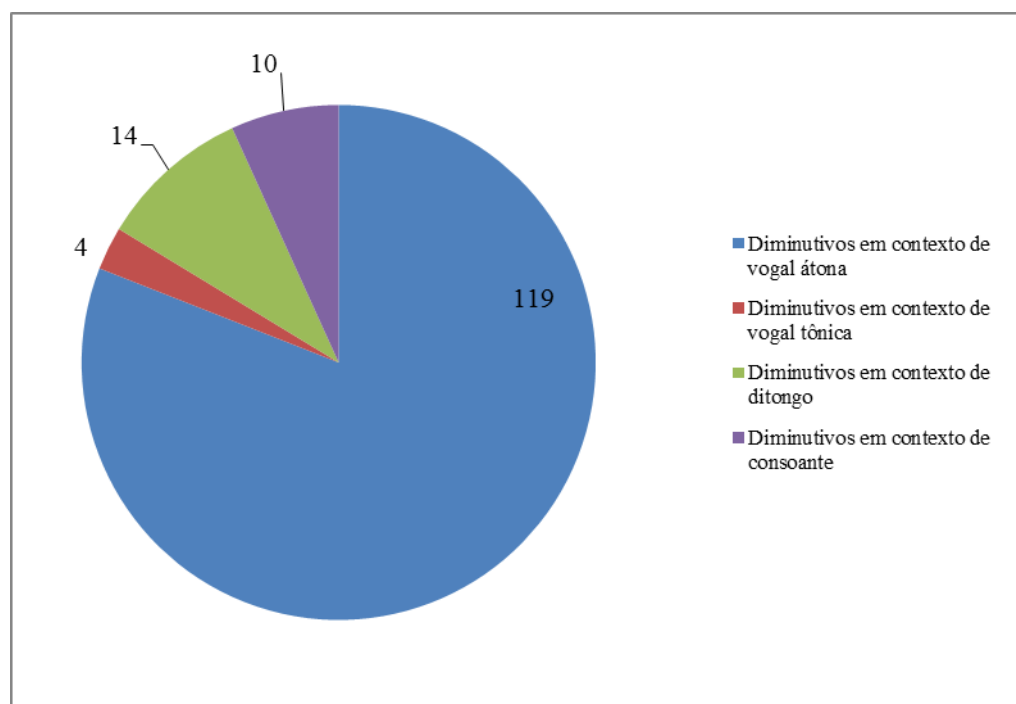
Considerando-se, apenas, as formações ocorridas em português, temos os seguintes dados: *-ito* com 52 ocorrências (29 em *-ito* e 23 em *-zito*); *-ita* 54 (28 em *-ita* e 26 em *-zita*); *-ete* 12 ocorrências; *-eta* 11; *-ota* 17 ocorrências; e *-eto* 1.

Com isso, observa-se que o sufixo *-ito* e o seu feminino *-ita* são as formas mais frequentes, não havendo, praticamente, diferenças quantitativas quanto à ocorrência dessas formas quando antecedidas de consoante <z> ou <s> e quando sem elas.

5.4.2.1 Sufixos em *-t-* em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional

A análise das 147 formações diminutivas portuguesas em *-t-* identificadas no século XIX revela que há vários contextos nos quais esses sufixos podem ser empregados – diferentemente do que se verificou na maioria das sincronias anteriores, nas quais se observa que o emprego dos sufixos em *-t-* geralmente só ocorria em um contexto, isto é, diante de palavras terminadas em vogal átona oral –, do mesmo modo que ocorre com o sufixo *-inho*. No gráfico a seguir, apresentamos todos os contextos identificados neste século, indicando as respectivas quantidades de diminutivos em *-t-* encontrados para cada um deles:

Gráfico 52 – Diminutivos em *-t-* formados em português e suas variações no século XIX: contextos de ocorrência



Fonte: O Autor

Com base no Gráfico 52, vemos que, no século XIX, os sufixos em *-t-* são acrescentados a palavras terminadas quer em *vogal átona*, quer em *vogal tônica*, quer em *ditongo*, quer em *consoante*. Contudo, ainda a partir do referido gráfico, observamos que a maior parte das formações se deu com palavras terminadas em *vogal átona* – todas orais –, contexto esse que, com as suas 119 ocorrências, representa 80,952% dos diminutivos em *-t-* desse século. Desse modo, os demais contextos representam menos de 20% dos diminutivos em *-t-* da sincronia, nos seguintes termos: os 4 diminutivos formados a partir de palavras que terminam em vogal tônica, os 14 acrescentados a palavras primitivas em ditongo, e os 10 que se formam de palavras terminadas em consoante correspondem, respectivamente, a 2,721%, 9,523% e 6,802% dos diminutivos em *-t-* do século XIX.

Assim, verificamos que o emprego dos sufixos em *-t-* está em estreita relação com a terminação da palavra primitiva, motivo por que dedicaremos as quatro próximas seções ao estudo desse tema.

5.4.2.1.1 Os diminutivos em *-t-* em contexto de vogal átona oral

Entre os diminutivos em *-t-*, há 119 formados a partir do contexto *vogal oral átona*, ora com o sufixo *-ito*, ora com *-ita*, ora com *-ota*, ora com *-eta*, ora com *-ete* e, mais raramente, com *-eto*, os quais ocorrem, respectivamente, em 39, 42, 17, 11, 9 e 1 formações²⁶⁸. A seguir, apresentamos alguns exemplos:

CambraiETA ← *CambraiA*
 CasOTA ou CasOTAs ← *CasA*
 EmpreguITO ← *EmpregO*
 EsboçoETO ← *EsboçoO*
 FebrITAs ← *FebrE*
 FiveIETA ← *FivelA*
 GrandITOs ← *GrandE*
 MalandrETEs ← *MalandrO*
 PequenOTA ← *PequenA*
 PicadITA ← *PicadA*
 RapariguITA ou RapariguITAs ← *RaparigaA*

²⁶⁸ Nas ocorrências de *-ito* e *-ita* aqui referidas, estão inclusas também as formações com *-zito* e *-zita*, respectivamente.

RaparigOTA <~> RapariguOTA ou RaparigOTAs ← *RaparigA*

RepubliquETA ← *República*

VolumETE ← *VolumE*

A partir desses sufixos, fica evidente que, no contexto em análise, os diminutivos em *-t-* podem ser empregados, tanto com palavras dissílabas e trissílabas, quanto com polissílabas. Além disso, observa-se que o emprego desses sufixos implica a eliminação da vogal átona final.

Com muita frequência – ao todo são 31 (13 em *-zito* e 18 em *-zita*) ocorrências de um total de 81 diminutivos em *-ito* –, no entanto, as formas *-ito*, *-ita* ocorrem com um <Z> antecedido, dando origem, respectivamente, às formas *-zito*, *-zita*, como nestas palavras:

ChacaraZITA ← *ChácarA*

LobuloZITO ← *LóbulO*

MoedaZITA ← *MoedA*

ReumatismoZITO ← *ReumatismO*

RugaZITA ← *RugA*

TubeZITO ← *TabO*

Esse tipo de formação, como mostram os exemplos acima, também pode ocorrer tanto com palavras dissílabas e trissílabas, quanto com palavras polissílabas. O acréscimo dessas formas não acarreta, no entanto, a eliminação da vogal átona final, ou seja, as formas *-zito*, *-zita*, ao serem acrescentadas à palavra primitiva, não provocam nenhuma alteração em sua forma.

A partir desses exemplos, é possível analisar o emprego de *-zito*, *-zita* nesse contexto – quer as palavras sejam paroxítonas, quer sejam proparoxítonas – não como uma irregularidade, como propõe Ribeiro (*op. cit.*, p.90-92), uma vez que o emprego dessas formas diante de vogal átona oral é uma das situações em que elas apresentam grande produtividade – do mesmo modo que se verificou em relação às formas *-zinho*, *-zinha*. Esse mesmo fato permite reanalisar a descrição de Barboza (*op. cit.*, p.120-121), na qual não se encontra nem referência ao uso de *-zito*, *-zita* com palavras primitivas que terminam em vogal átona oral. Inclusive, o acréscimo de *-zito*, *-zita* a palavras que terminam em vogal oral átona é muito mais frequente que diante de palavras que terminam em consoante.

5.4.2.1.2 Os diminutivos em *-t-* em contexto de consoante

Com palavras primitivas terminadas em consoante – as quais podem ser <l>, <r>, <z> e <s> –, somente encontramos os sufixos *-ito*, *-ita* e *-ete*, totalizando 10 ocorrências, como nos exemplos que seguem:

AtrizITA ← *AtriZ*
 BacharelETE ← *BachareL*
 LuzITA ou LuzITAs ← *LuZ*
 PortuguesITO ← *PortuguêS*
 SaberETEs ← *SabeR*

Nesse contexto – da mesma maneira que já ocorreu em relação ao contexto anteriormente descrito –, mais particularmente com as consoantes <r> e <l>, os sufixos *-ito* e *-ita* podem vir antecidos de um <z>, dando origem às formas *-zito*, *-zita*, assim:

DanielZITO ← *DanieL*
 FlorZITAs ← *FloR*

Observe-se que, em ambas as situações, o sufixo é acrescentado à palavra primitiva sem que provoque nenhuma alteração em sua forma.

Cabe observar, portanto, a partir desses dados, que as descrições propostas por Barboza (*op. cit.*, p.120-121) e por Ribeiro (*op. cit.*, p.90-92) estão, em certa medida, em desacordo com a realidade dos dados aqui analisados. Em relação ao primeiro autor, verifica-se que ele nem citou, entre os seus sufixos diminutivos, as formas *-ito*, *-ita*; já o segundo, embora as cite, não admite o seu emprego com palavras terminadas em consoante, assim como não menciona – como também faz Barboza – a existência das formas *-zito*, *-zita*.

5.4.2.1.3 Os diminutivos em *-t-* em contexto de ditongo oral

Em relação aos diminutivos que se formam a partir de ditongo oral – os quais são 10 ocorrências –, somente se encontraram formações com o sufixo *-ito*, o qual se manifesta, quase exclusivamente, sob as formas *-zito*, *-zita*, conforme a seguir:

AmeliaZITA ← *Amélia*
 DegrauZITO ← *DegrAU*
 EguaZITA <~> EguaSITA ← *ÉgUA*
 NevoaZITAs ← *NévOA*
 RevolucionárioZITO ← *Revolucionário*

A única exceção é a palavra *Amelita*, a seguir apresentada:

AmelITA ← *Amélia*

A partir desses exemplos, verificamos que o acréscimo das formas *-zito*, *-zita* dá-se sem que ocorra alterações no ditongo da palavra primitiva, ou seja, a forma da palavra primitiva permanece intacta no diminutivo. Já quando a forma a ser acrescentada é *-ita* ou *-ito* – embora não tenhamos encontrado exemplos com *-ito* –, todo o ditongo é eliminado, ficando-se, apenas, com o radical, ao qual se acrescenta o sufixo²⁶⁹.

Também aqui é importante fazer referência às descrições feitas por Barboza (*op. cit.*, p.120-121) e por Ribeiro (*op. cit.*, p.90-92), pois esses autores não mencionam – Barboza, na verdade, nem cita estas formas, como vimos – o emprego das formas *-ito*, *-ita*, *-zito*, *-zita* com palavras que terminam em ditongo oral, o que, como vemos pelos exemplos acima, é um fato possível de ocorrer.

5.4.2.1.4 Os diminutivos em *-t-* em contexto de vogal nasal, ditongo nasal e vogal oral tônica

Outros três contextos nos quais se verifica o emprego de sufixos em *-t-* para formar diminutivos são com palavras terminadas em ditongo nasal, em vogal nasal e em vogal oral tônica. Quanto aos dois últimos contextos – os quais são encontrados cada um em 2 ocorrências –, observa-se que somente se empregam os sufixos *-ito*, *-ita*, sob as formas *-zito*, *-zita*, conforme os seguintes exemplos:

²⁶⁹ Obviamente que, aqui, estamos fazendo uma generalização, uma vez que o único exemplo identificado possui um ditongo composto por uma semivogal [j] que antecede a vogal. Nessas situações, é possível, como vimos em relação ao sufixo *-inho*, em diversos momentos, além da eliminação da vogal final da palavra, a fusão da vogal do sufixo com a semivogal do ditongo. Em relação aos demais ditongos, ainda se deve verificar como se comportam os sufixos em *-t-*.

ChaleZITO ← *ChalÉ*

ChaZITO ← *ChÁ*

IrmãZITA ← *IrmÃ*

MotinZITO ← *MotIM*

Por sua vez, a formação de diminutivos a partir de palavras que terminam em ditongo nasal pode ocorrer tanto com os sufixos *-ito*, *-ita*, quanto com *-ete*, como nas palavras abaixo:

CaldeirãoZITO ← *CaldeirÃO*

MãoSITA ← *MÃO*

PaisagenZITA ← *PaisagEM*

SultanETE ← *SultÃO*

Observe-se que, em todos os exemplos acima – e que pode ser ampliado para todos os contextos discutidos nesta seção – nos quais os sufixos *-ito* ou *-ita* foram empregados, essas formas ocorrem antecedidas de um grafema consonantal, geralmente um <z> e menos comumente um <s> – tal qual verificamos em *mãosita*. Já o sufixo *-ete*, para que seja empregado, carece de uma transformação do ditongo – o qual assume a forma que etimologicamente se transformou no ditongo, como em *sultanete* ← *sultão*²⁷⁰. Essas ocorrências, estão, portanto, em desacordo com a proposta de Barboza (*op. cit.*, p.120-121), para quem palavras terminadas em ditongo formam o diminutivo com *-zinho*, *-zinha*, e com a de Riberio (*op. cit.*, p.90-92), que também parece não admitir o acréscimo de sufixos diminutivos em *-t-* a palavras que terminam em um desses três contextos.

Além disso, cabe destacar a relação entre a classe morfológica e o gênero da palavra primitiva e do diminutivo. Quanto ao primeiro aspecto, verificamos que todos os diminutivos em *-t-* identificados na sincronia em destaque pertencem à mesma classe morfológica que as

²⁷⁰ Segundo Houaiss & Villar (*op. cit.*), a palavra portuguesa *sultão* (esp. *sultan* e *sultán*) provém do árabe *sulṭān* ‘dominação, autoridade’, a qual, por sua vez, deve ter assumido uma forma latina vulgar (hispanica) **sultanu-*, uma vez que ocorre tanto em português antigo – sob as formas *soldom* e *soldō* (séc. XIV, *Corpus* do Português), *soldam*, *soldan* e *soldã* (séc. XV, *Corpus* do Português), as quais todas mudarão em *soldão* a partir do século XVI –, quanto em espanhol antigo – sob as formas *soldan* (séc. XIII, *Corpus* del Español) e *soldán* (séc. XV, *Corpus* del Español). Assim, no caso da formação de *sultanete* a partir de *sultão*, o ditongo *-ão* teria assumido a forma *-an-* existente no latim vulgar **sultanu-*.

palavras a partir das quais se formaram – as quais são ou substantivos ou adjetivos –, conforme demonstram os exemplos apresentados na sequência:

AnsiaZITA ← *AnsIA* (Sf → Sf)
 BacharelITOs ← *BachareL* (Sm → Sm)
 CaldeirãoZITO ← *CaldeirÃO* (Sm → Sm)
 ColunaZITA ← *ColunA* (Sf → Sf)
 EsboçoETO ← *EsboçoO* (Sm → Sm)
 IrmãZITA ← *IrmÃ* (Sf → Sf)
 JanelETA ← *JanelA* (Sf → Sf)
 PuxadITO ← *PuxadO* (Adjm → Adjm)
 SalgadETE ← *SalgadO* (Adjm → Adjm)
 TrigueirOTA ← *TrigueirA* (Adjf → Adjf)
 ChaleZITO ← *ChalÉ* (Sm → Sm)

Em relação ao gênero, também a grande maioria dos diminutivos formados conserva o gênero da palavra primitiva – dos 147 diminutivos, 145 possuem o mesmo gênero que as palavras a partir das quais se formaram, o que corresponde a 98,639% –, como vemos nos exemplos supracitados. Os exemplos, a seguir, são os únicos em que diminutivo e palavra primitiva distinguem-se quanto ao gênero:

CadernETA ou CadernETAs ← *CadernO* (Sm → Sf)
 SinETA ou SinETAs ← *SinO* (Sm → Sf)

Por fim, observamos que, ao longo do século XIX, também são formados nomes próprios – prenomes, sobrenomes, hipocorismos e apelidos – com o uso de sufixos em *-t-*. Na maioria das formações, o sufixo empregado é *-ito* – sob as formas *-ito*, *-ita*, *-zito*, *-zita* –, sendo, ainda, empregados os sufixos *-eta* e *-ota*, conforme os exemplos abaixo:

AmeliaZITA ← *Amélia* (Sf → Sf)
 AmelITA ← *Amélia* (Sf → Sf)
 ArroioZITOs ← *ArroiO* (Sm → Sm)
 AugustITO ← *AugustO* (Sm → Sm)
 BabITA ← **BabA* ← *BárbarA* (Sf → Sf)
 CristinITA ← *CristinA* (Sf → Sf)

DanielZITO ← *DanieL* (Sm → Sm)
 JeovanITO ← *JeovanE* (Sm → Sm)
 LaurITA ← *LaurA* (Sf → Sf)
 LindITA ← *LindA* (Sf → Sf)
 ManoelETA ← *ManoelA* (Sf → Sf)
 MargaridITA ← *MargaridA* (Sf → Sf)
 NicOTA ou NicOTAs ← **NicA* ← *AnicA* (Sf → Sf)
 SerpaZITOs ← *SerpA* (Sm → Sm)

Esses nomes, por sua vez, apresentam as seguintes características formais e funcionais: pertencem à mesma classe morfológica que os seus primitivos; conservam o mesmo gênero que a palavra primitiva; o sufixo *-ito* pode vir antecedido de um grafema consonantal <z>; quando a palavra primitiva termina em vogal átona, essa vogal é eliminada, desde que as formas a serem acrescentadas sejam *-ito*, *-ito*, *-eta* e *-ota*; o emprego das formas *-ita* (e *-ito*) a palavras que terminam em ditongo crescente cuja semivogal é [j] implica a eliminação desse ditongo; o acréscimo das formas *-zito*, *-zita* não altera a forma da palavra primitiva, independentemente de sua terminação. Como vemos, essas características são idênticas às apresentadas na descrição geral dos diminutivos em *-t-* acima exposta.

5.4.2.2 Sufixos em *-t-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

No âmbito de sua semântica, os diminutivos em *-t-* identificados ao longo do século XIX apresentam os significados de *tamanho pequeno*, *aproximação afetiva positiva*, *depreciação*, *intensidade*, *duração* e *quantidade*, conforme passaremos a descrever.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Entre os diminutivos que indicam tamanho pequeno, podemos apresentar os seguintes:

BosquETE ou BosquETEs {‘pequeno bosque’} ◀ fr. *bosquET* ou prov. *bosquET* ou esp. *bosquETE*
 ou it. *boschETTO*
 IgrejOTAs {‘pequena igreja’} ← *IgrejA*
 MurITO {‘pequeno muro’} ← *MurO*
 PoemETO ou PoemETOs {‘pequeno poema’} ◀ it. *poemETTO*
 RomancETE {‘pequeno romance’} ◀ esp. *romancETE*
 SaLETA ou SaLETAs {‘pequena sala’} ◀ esp. *saLETA* ou it. *saLETTA*

VaquETA ou VaquETAs {'pequena vaca'} ◀ fr. *vachETTE* ou esp. *vaquETA*

VolumeZITO {'pequeno volume'} ← *VolumE*

Destaque-se que, também com esses sufixos, quando eles formam palavras que fazem referência a pessoas ou a animais, existe uma associação entre as ideias de tamanho pequeno e de idade, considerando que o pequeno é jovem, como nos exemplos a seguir:

AmeliaZITA {'pequena e jovem Amélia'} ← *Amélia*

AnimalITO {'animal pequeno e jovem'} ◀ esp. *animalITO*

AugustITO {'pequeno e jovem Augusto'} ← *AugustO*

CachorrITO {'cachorro pequeno e jovem'} ◀ esp. *cachorrITO*

LaurITA {'pequena e jovem Laura'} ← *Laura*

MacaquITOs {'macaco pequeno e jovem'} ← *MacacO*

b) *Diminutivos de aproximação afetiva positiva*

Bastante frequentes também são os exemplos de diminutivos de aproximação afetiva positiva, como estes:

AnimalITO {'estimado animal'} ◀ esp. *animalITO*

CoraçãoZITO {'bom coração'} ◀ esp. *corazonCITO*

GraçOTAs {'dito engraçado'} ← *Graça*

MãeZITA {'querida mãe'} ◀ esp. *madreCITA*

PaisagenZITA {'agradável paisagem'} ← *PaisagEM*

QuartilhITO {'agradável quartilho (de vinho)'} ← *Quartilho*

VelhOTA {'estimada senhora'} ◀ fr. *vieillOTTE*

VestidITO {'querido vestido'} ◀ esp. *vestidITO*

c) *Diminutivos de depreciação*

São exemplos de diminutivos de depreciação os seguintes:

CambraiETA {'cambraia de má qualidade'} ← *CambraiA*

BacharelETE {'bacharel mal formado ou bacharel de mau caráter'} ← *Bacharel*

FidalguETE {'fidalgo de pouca importância'} ◀ esp. *hidalguETE*

OficialITOs {'oficial de pouca importância'} ◀ esp. *oficialITO*

RepubliquETA {'falsa república'; 'lugar onde as leis não são respeitadas'} ← *República*

RisOTA ou RisOTAs {‘riso de zombaria’} ◀ esp. *risOTA*
 SaberETEs {‘conhecimento insuficiente ou superficial’} ← *SabeR*

d) *Diminutivos de intensidade*

Já os diminutivos de intensidade podem ser representados pelos exemplos abaixo:

AcanhadOTA {‘um tanto acanhada’} ← *Acanhada*
 CheirETEs {‘cheiro fraco’} ← *CheirO*
 GordOTA {‘um tanto gorda’} ← *Gorda*
 MotinZITO {‘motim de pouca força, sem graves consequências’} ← *MotIM*
 PecadITOS {‘pecado de pouca gravidade’} ◀ esp. *pecadITO*
 SalgadETE {‘um tanto salgado’} ← *Salgado*
 VinhITO {‘vinho fraco’} ◀ esp. *vinITO*

e) *Diminutivos de duração*

Quanto aos diminutivos de duração, podemos citar, entre os identificados, os que seguem:

AtaqueZITO {‘breve ataque’} ← *AtaquE*
 BalancETE {‘balanço [análise contábil] referente a um pequeno espaço de tempo’} ◀ it.
balancETTE
 CeiaZITA {‘ceia rápida’} ← *Ceia*
 HistoriETA ou HistoriETAs {‘pequena história’, ‘história de curta duração’} ◀ fr. *historiETTE* ou it.
storiETTA
 PasseioZITO {‘breve passeio’} ← *PasseiO*
 ViagenZITA {‘breve viagem’} ◀ esp. *viageCITO*

f) *Diminutivos de quantidade*

Ainda há os diminutivos de quantidade – não muito frequentes –, dos quais as palavras a seguir são exemplos:

CházITO {‘pequena quantidade de chá’} ← *ChÁ*
 CompraZITAs {‘poucas compras’} ← *ComprA*
 DívidaZITA {‘pequena dívida, dívida de pouco dinheiro’} ← *Dívida*
 FermentoZITO {‘pequena quantidade de fermento’} ← *FermentO*

Há que destacar-se, também, a existência de alguns diminutivos que possuem, simultaneamente, mais de uma significação, conforme abaixo:

AugustITO {‘pequeno e estimado Augusto’} ← *AugustO*
 BaixOTA {‘pessoa querida e um tanto baixa’} ← *BaixA*
 FilhITO {‘pequeno e querido filho’} ◀ esp. *hijITO*
 MãoSITA {‘pequena e delicada mão’} ← *MÃO*
 PalpebraZITAS {‘pequena e delicada pálpebra’} ← *Pálpebra*

5.4.3 O sufixo *-ino* e suas variações

Os diminutivos em *-ino* identificados em textos de língua portuguesa do século XIX, são apenas 4, conforme abaixo:

PequenINO ou PequenINOs ◀ esp. *pequeninO*
 TamanINO ◀ *TamañINO*
 PequenINA ou PequenINAs ◀ esp. *pequeninA*
 PequinINO [◀~>] PequenINO ◀ esp. *pequeninO*

Todos esses diminutivos, no entanto, já foram identificados em sincronias anteriores, como, por exemplo, nos séculos XV e XVI²⁷¹. Em vista disso, remetemos para o que expusemos nesses séculos sobre a forma, o funcionamento e a semântica desses diminutivos.

5.4.4 Sufixos em *-lh-* e suas variações

Ao longo do século XIX, identificamos 36 diminutivos que possuem em sua composição a estrutura *-lh-*, sob as formas dos sufixos *-alho*, *-alha*, *-elho*, *-elha*, *-ilho* e *-ilha*, dos quais damos alguns exemplos a seguir:

²⁷¹ Dos 4 exemplos em *-ino* aqui citados, o único que não foi identificado nos séculos XV e XVI foi *pequinino*, o qual consideramos ser uma forma variante de *pequenino*. Desse modo, ambas as palavras têm como étimo o vocábulo espanhol *pequenino*, o que faz incidir sobre aquela palavra da língua portuguesa a mesma análise que fizemos em relação a esta, ou seja, trata-se de um empréstimo, motivo pelo qual não será analisada em seus aspectos formais e funcionais.

CabecILHA ou CabecILHAs ◀ esp. *cabecILLA*

GentELHA ← *GentE*

MigALHA ou MigALHAs < lat. hsp. **micALĚA*

MigALHO ~← MigALHA < lat. hsp. **micALĚA*

PecadILHO ou PecadILHOs ◀ esp. *pecadILLO*

SarampELHO ← *SarampO*

Destaque-se, no entanto, que, dos diminutivos que possuem em sua estrutura os sufixos acima, a maioria – um total de 28 – resulta de empréstimo ao espanhol, 3 são herdados do latim, e somente 5 foram formados em português, no quais são empregados os sufixos *-elho* e *-elha*, como verificamos na sequência:

CriancELHO ← *Criança* (Sf → Sm)

GentELHA ← *GentE* (Sf → Sf)

SarampELHO ← *SarampO* (Sm → Sm)

MinistrELHOS ← *MinistrO* (Sm → Sm)

OlhadELHA ← *OlhadA* (Sf → Sf)

Com base na análise dessas palavras, verificamos que todas elas são formadas a partir de palavras paroxítonas – das quais 1 é dissílaba, e 4, trissílabas – que terminam em vogal átona oral, a qual é eliminada com o acréscimo do sufixo.

Ainda em relação ao diminutivos acima, é possível constatar que todos eles pertencem à mesma classe morfológica das palavras a partir das quais se formaram; do ponto de vista do gênero, no entanto, há um exemplo (*criancelho* ← *criança*) no qual o gênero do diminutivo difere do gênero da palavra primitiva, o que pode justificar-se pelo fato de a referida palavra primitiva possuir uma única forma para referir-se a pessoas de ambos os sexos (masculino e feminino), sendo que, no caso específico de *criancelho*, a sua formação deve ter tido como ponto de partida a referência de uma criança do sexo masculino.

5.4.4.1 Sufixos em -lh- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Sob a perspectiva dos significados que se transmitem ao empregar-se um sufixo diminutivo em *-lh-*, foram identificadas, ao longo da sincronia em análise, estas significações: *tamanho pequeno, depreciação, intensidade, duração e quantidade*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

Os diminutivos que expressam diminuição de tamanho – assim como os de depreciação e os de intensidade – são bastante frequentes (tomando-se como parâmetro a quantidade de diminutivos em *-lh-* identificados) nesse período, como vemos nestes exemplos.

BolsILHO {‘pequeno bolso’} ◀ esp. *bolsILLO*
 BoquiILHA ou BoquiILHAS {‘pequena boca’} ◀ esp. *boquiILLA*
 CigarrILHO {‘pequeno cigarro’} ◀ esp. *cigarrILLO*
 MigALHO ~← MigALHA {‘pequeno fragmento de’} < lat. hsp. **micALĒA*
 EstampILHA ou EstampILHAS {‘pequena estampa’} ◀ esp. *estampILLA*

Entre os diminutivos desse tipo, encontramos, também, aqueles que, ao mesmo tempo, indicam o tamanho pequeno e a pouca idade de determinado ser vivo, conforme abaixo:

PotrILHO {‘pequeno e jovem potro’} ◀ esp. *potrILLO*
 PotranquILHO {‘pequeno e jovem potranco’} ◀ esp. *potranquILLO*

b) *Diminutivos de depreciação*

Como exemplos de diminutivos que significam depreciação, podem ser citados os seguintes:

ConventILHO ou ConventILHOS {‘casa de prostituição’} ◀ esp. *conventILLO*
 GentELHA {‘grupo de pessoas de pouca importância’} ← *GentE*
 MinistrELHOS {‘mau ministro’} ← *MinistrO*
 CabecILHA ou CabecILHAS {‘chefe de grupo rebelde’} ◀ esp. *cabecILLA*

c) *Diminutivos de intensidade*

Por sua vez, os diminutivos de intensidade podem ser representados pelos exemplos que vão na sequência listados:

GuerrILHA ou GuerrILHAS {‘guerra de pouca intensidade’} ◀ esp. *guerrILLA*
 RosILHO {‘um tanto roso’} ◀ esp. *rosILLO*
 SarampELHO {‘sarampo de pouca gravidade’} ← *SarampO*
 PeadILHO ou PeadILHOS {‘pecado não muito grave’} ◀ esp. *pecadILLO*

d) *Diminutivos de duração*

Os diminutivos de duração – da mesma forma que os de quantidade – são pouco representados pelos sufixos em *-lh-* no século XIX. Caracterizando-se como diminutivo do primeiro tipo, identificamos, nesse século, somente 1 exemplo, o qual segue:

OlhadELHA {‘breve olhada’} ← *Olhada*

e) *Diminutivos de quantidade*

O mesmo fato se verifica com os diminutivos de quantidade, dos quais o exemplo abaixo constitui o único identificado:

BarbILHA {‘pouca barba’} ◀ esp. *barbILLA*

5.4.5 Sufixos em *-c-* e suas variações

Os sufixos diminutivos em *-c-* identificados no século XIX são *-aco*, *-aca*, *-eco*, *-eca*, *-ico*, *-ica* e *-oca* e ocorrem em 32 exemplos. Desses sufixos, *-ico*, *-ica*, *-oca* e *-eco* são os mais frequentes, sendo encontrados, respectivamente, em 9, 7, 7 e 5 ocorrências. Por sua vez, os diminutivos formados com *-aco*, *-aca* e *-eca* possuem, nessa ordem, 2, 1 e 1 ocorrências. Eis alguns dos exemplos identificados:

AntonICA ~← AntonICO ◀ esp. *AntonICO*
 BarbICAs ◀ esp. *barbICA*
 BeijOCA ou BeijOCAs ← *BeijO* (Sm → Sf)
 BurrICO ou BurrICOs < lat. vulg. **burrICCUS*
 FradECO ← *FradE* (Sm → Sm)
 JornalECO ou JornalECOs ← *JornaL* (Sm → Sm)
 PadrECA ou PadrECAs ← *PadrE* (Sm → Sm)
 NamorICO ou NamorICOs ← *NamorO* (Sm → Sm)
 VeiACO [<~>] VelhACO ◀ esp. *vellACO* ou esp. *bellACO*
 VidOCA ← *Vida* (Sf → Sf)

Observe-se, no entanto, que – conforme se encontra indicado em alguns dos exemplos apresentados – nem todos os diminutivos que possuem um dos sufixos acima são formados em português: dos diminutivos em *-c-*, 15 constituem empréstimos do espanhol, 1 é

herdado do latim, e 16 recebem o sufixo em português. Além dos que já foram elencados, os outros diminutivos em *-c-* formados em português são:

AmorICOs ← *AmoR* (Sm → Sm)
 FilOCA ← *FilÓk* ← *FilomenA* (Sf → Sf)
 JanOCA ← **JanA* ← *JanuárIA* (Sf → Sf)
 LindOCA ← *LindA* (Sf → Sf)
 LibrECO [*<~>*] LivrECO ← *LibrO* [*<~>*] *LivrO* (Sm → Sm)
 LivrECO ← *LivrO* (Sm → Sm)
 MundICO ← **MundO* ← *RaimundO* (Sm → Sm)
 MarOCA ou MarOCAs ← *MariA* (Sf → Sf)
 MaricOCAs ← *MaricA* ← *MariA* (Sf → Sf)
 PadrECO ou PadrECOs ← *PadrE* (Sm → Sm)

Considerando-se, portanto, o que até aqui se expôs, bem como o conjunto dos diminutivos em *-c-* identificados no século XIX, verifica-se que: os que possuem os sufixos *-aco* e *-aca* são empréstimos do espanhol; a maioria dos diminutivos em *-ico* não é formada em português – 5 exemplos são empréstimos do espanhol, e 1 é herdado do latim; todos os que possuem o sufixo *-ica* são originados da língua espanhola; todos os diminutivos em *-eco*, *-eca* e em *-oca* formaram-se em português.

5.4.5.1 Sufixos em *-c-* em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional

A análise formal e funcional dos diminutivos acima apresentados revela-nos a existência de três contextos aos quais os sufixos em *-c-* são acrescentados nesta sincronia, a saber: palavras terminadas em vogal átona oral – 13 ocorrências; palavras terminadas em consoante, sendo uma delas *<l>* e a outra *<r>* – 2 ocorrências, 1 para cada consoante; e palavras terminadas em vogal oral tônica – 1 ocorrência.

Do ponto de vista do modo como se combinam os sufixos com a palavra primitiva, são identificados dois comportamentos gerais, assim descritos: as palavras que terminam em vogal oral – seja ela átona, seja tônica – têm esta vogal eliminada com o acréscimo do sufixo, sendo que, com a palavra *Maroca*, formada a partir de *Maria*, temos ainda a eliminação da vogal [i], pertencente à sílaba anterior – talvez por influência de *Marica*; nas palavras

terminadas em consoante, os sufixos são simplesmente acrescentados à forma primitiva, sem provocar nenhuma alteração nela.

Quando consideramos esses sufixos sob a perspectiva do número de sílabas da palavra primitiva e da posição de sua sílaba tônica, os resultados são os que seguem: os diminutivos em *-eco*, *-eca* são todos formados a partir de palavras dissílabas; os sufixos *-ico* e *-oca* encontram-se acrescentados tanto a palavras dissílabas, quanto a palavras trissílabas; 13 diminutivos são formados a partir de palavras paroxítonas, as quais todas terminam em vogal átona oral; e 3 diminutivos – um formado com *-eco*, outro com *-ico* e o terceiro com *-oca* – têm origem em palavras oxítonas, sendo que os dois primeiros terminam em consoante, e o último, em vogal tônica oral.

Além disso, é importante observar que todos os diminutivos em *-c-* identificados no século ora em destaque são substantivos – 10 comuns e 6 próprios, dos quais 1 é em *-ico*, e 5 em *-oca* –, todos eles formados a partir de outros substantivos, havendo, apenas, 1 exemplo – um substantivo comum – em que o gênero do diminutivo não é o mesmo da palavra primitiva, ou seja, esses diminutivos conservam a mesma classe morfológica da palavra a partir da qual foram formados e, em regra geral, mantêm o mesmo gênero que esta.

Com essas informações e constatando-as com o que já foi exposto ao longo desta pesquisa sobre os sufixos diminutivos em *-c-*, verificamos que: os sufixos *-aco*, *-aca* continuam sem produtividade em português, o mesmo ocorrendo em relação ao sufixo *-ica*; os sufixos *-ico* e *-oca* mantêm-se pouco produtivos; os sufixos *-eco* e *-eca* passam a ser produtivos a partir desta sincronia.

5.4.5.2 Sufixos em *-c-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Ao longo desta sincronia, vários são os significados transmitidos pelos sufixos diminutivos em *-c-*, como segue: *tamanho pequeno*, *aproximação afetiva positiva*, *depreciação*, *intensidade*, *duração* e *quantidade*.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Entre os diminutivos que significam diminuição de tamanho temos:

AbanICOs {‘pequeno abano’} ◀ esp. *abanICO*

BurrICO ou BurrICOs {‘pequeno burro’} < lat. vulg. **burrICCUS*

PelICA ou PelICAs {‘pele fina’} ◀ esp. *pellICA*

BarbICAs {‘barba pequena’} ◀ esp. *barbICA*

b) *Diminutivos de aproximação afetiva positiva*

Nas palavras abaixo, a significação expressa é a de aproximação afetiva positiva, como segue:

BeijOCA ou BeijOCAs {'beijo carinhoso'} ← *BeijO*
 JanOCA {'querida Joana'} ← **JanA* ← *Januária*
 MundICO {'estimado Raimundo'} ← **MundO* ← *Raimundo*
 VidOCA {'boa vida (no período da juventude)'} ← *Vida*

c) *Diminutivos de depreciação*

Em *fradeco*, *jornaleco*, *livreco* e *veiaco*, o que temos é o uso da palavra com o objetivo de inferiorizar o referente, depreciando-o:

FradECO {'falso frade'} ← *FradE*
 JornalECO ou JornalECOs {'jornal de pouca importância'} ← *JornaL*
 LivrECO {'livro sem valor'} ← *LivrO*
 VeiACO [←~>] VelhACO {'mau, enganador'} ◀ esp. *vellACO* ou esp. *bellACO*

d) *Diminutivos de intensidade*

Como diminutivos de intensidade, temos os seguintes, entre outros:

BeijOCA ou BeijOCAs {'beijo suave'} ← *BeijO*
 NamorICO ou NamorICOs {'leve namoro, namoro pouco intenso'} ◀ *NamorO*
 NanICO {'de tamanho muito pequeno'} ◀ esp. *enanICO*

e) *Diminutivos de duração*

Com as palavras *amorico* e *veranico*, a significação expressa pelo sufixo é a de duração:

AmorICOs {'amor passageiro'} ← *AmoR*
 VeranICO {'verão de curta duração'} ◀ esp. *veranICO*

f) *Diminutivos de quantidade*

Por fim, há, entre os diminutivos em *-c-* identificados, uma única palavra na qual o sufixo expressa quantidade, a qual segue:

BarbICAs {'barba com poucos pelos'} ◀ esp. *barbICA*

Observamos, ainda, para concluir, que, com os sufixos em *-c-*, assim como ocorre com outros sufixos, especialmente o sufixo *-inho*, é possível que sejam expressadas, ao mesmo tempo, mais de uma significação, como vemos nestes exemplos:

AntonICA ~← AntonICO {'pequena e estimada Antônia'} ◀ esp. *AntonICO*

AmorICOs {'amor passageiro e pouco intenso'} ← *AmoR*

BarbICAs {'barba pequena e com poucos pelos'} ◀ esp. *barbICA*

BeijOCA ou BeijOCAs {'beijo carinhoso e suave'} ← *BeijO*

VeranICO {'verão de curta duração e pouco intenso'} ◀ esp. *veranICO*

A partir dessas palavras, identificam-se, respectivamente, os seguintes significados: *tamanho pequeno e aproximação afetiva positiva; duração e intensidade; tamanho pequeno e quantidade; aproximação afetiva positiva e intensidade; duração e intensidade.*

5.4.6 Sufixos em *-l-* e suas variações

Os diminutivos em *-l-* identificados ao longo do século XIX totalizam 44 exemplos, divididos entre os sufixos *-elo*, *-ela*, *-olo* e *-ola*, que apresentam, respectivamente 1, 26, 2 e 15 ocorrências, como damos uma mostra nos exemplos abaixo:

BandeirOLA ou BandeirOLAs ◀ cat. *BanderOLA* ou esp. *BanderOLA*

BolinHOLos ← *BolinHO* ← *Bolo* (Sm → Sm)

CapELA ou CapELAs < lat. vulg. **cappELLA*

CidadELA ou CidadELAs ◀ it. *cittadELLA* ou fr. *citadELLE* ou esp. *ciudadELA*

CriançOLA ou CriançOLAs ← *Criança* (Sf → Sf)

GraçOLA ou GraçOLAs ← *Graça* (Sf → Sf)

MagricELA ou MagricELAs ← *Magriça* (Sf → Sf)

PascoELA ◀ esp. *PasquIELA*

PortELAs < lat. vulg. **portELLA*

SacudidELA ou SacudidELAs ← *Sacudida* (Sf → Sf)

ViELA ou ViELAs ← *ViA* (Sf → Sf)

VitELO ◀ *VitELLUS*

A partir dos exemplos acima, percebe-se que diferentes foram os meios pelos quais os diminutivos em *-l-* passaram a fazer parte da língua portuguesa, a saber: transmissão direta do latim, empréstimos e derivação portuguesa. Desses processos, no entanto, o mais frequente é o que resulta na formação de palavras já em português, uma vez que responsável pela existência de 34 diminutivos, contra 3 diminutivos herdados e 7 empréstimos ao latim clássico ou a outras línguas românicas.

Entre os diminutivos formados em língua portuguesa (cf. *Volume III, Apêndice B*), fica evidente que: excetuando-se o sufixo *-elo*, todos os outros formam diminutivos nesta sincronia, sendo os sufixos *-ela* e *-ola*, nessa ordem, os mais produtivos; o sufixo *-olo*, como já indicamos, é encontrado em apenas 2 ocorrências, sempre formando diminutivo a partir de outros diminutivos; os sufixos *-ela* e *-ola* são acrescentados a palavras paroxítonas – quer dissílabas, quer trissílabas, quer polissílabas – que terminam em vogal átona oral; o emprego de um desses sufixos implica a eliminação da vogal átona que ocorre no final da palavra, à exceção da palavra *quintarola*, na qual a referida vogal não é eliminada, havendo, ainda, a intercalação de uma consoante entre ela e a vogal inicial do sufixo²⁷²; além disso, verifica-se que, em todos os casos, o diminutivo pertence à mesma classe morfológica que a palavra primitiva e conserva o gênero da referida palavra.

Observa-se, ainda, que, em algumas palavras, como as a seguir, o diminutivo foi formado a partir de palavras que já se encontram no diminutivo:

BolinhOLOs ← *Bolinho* ← *Bolo*
 CasinhOLO ~← *CasinhOLA* ← *CasINHA*
 CasinhOLA ou CasinhOLAs ← *Casinha*
 EscadinhOLA ou EscadinhOLAs ← *EscadinHA*
 PortinhOLA ou PortinhOLAs ← *PortinhA*

5.4.6.1 Sufixos em *-l-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Os diminutivos em *-l-* identificados ao longo do século XIX apresentam quatro tipos de significação: *tamanho pequeno, depreciação, intensidade e duração*.

²⁷² Em *terriola*, embora haja a eliminação da vogal átona oral final, surge outro som (no caso, um som vocálico) entre o radical e o sufixo.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

Entre os diminutivos de tamanho, podemos citar estes:

RuELA ou RuELAs {‘rua estreita’} ← RuA
 ViELA ou ViELAs {‘via estreita’} ← ViA
 QuintarOLA {‘pequena quinta’} ← QuintA
 FazendOLA {‘pequena fazenda’} ← Fazenda
 BolinhOLOs {‘bolo (muito) pequeno’} ← BolinhO ← BolO
 CasinhOLA ou CasinhOLAs {‘casa (muito) pequena’} ← CasinhA

No caso dos dois últimos exemplos acima, uma vez que se trata de diminutivos formados a partir de diminutivos, é possível perceber o emprego do segundo sufixo com uma função de intensificação, o que nos permite compreendê-los, também, como diminutivos de intensidade.

b) *Diminutivos de depreciação*

A significação de depreciação, por sua vez, pode ser percebida nos exemplos que se apresentam abaixo:

GloriOLA ou GloríOLA ou GloríOLAs {‘glória falsa’} ◀ lat. *gloriŎLA*
 RabiscadELAs {‘rabiscada [desenho] mal feita’} ← *Rabiscada*
 TerriOLA ou TerriOLAs {‘terra [lugar] pouco importante’} ← *Terra*

c) *Diminutivos de intensidade*

Os seguintes exemplos apresentam a significação de intensidade:

ArranhadELA {‘arranhada [arranhão] leve’} ← *Arranhada*
 EscorregadELA {‘escorregada [erro] não muito grave’} ← *Escorregada*
 MagricELA ou MagricELAs {‘pessoa muito magra’} ← *Magra*
 PassadELA {‘passada superficial’} ← *Passada*

d) *Diminutivos de duração*

Como diminutivos de duração, podem ser apresentadas as palavras *olhadela*, *Pacoela* e *piscadela*, conforme segue:

OlhadELA ou OlhadELAs {‘olhada breve’} ← *Olhadela*

PascoELA {‘Páscoa breve’} ◀ esp. *PasquIELA*

PiscadELA {‘piscada rápida’} ← *Piscada*

Por fim, observamos aqui – do mesmo modo que já fizemos em vários outros momentos, em relação a outros sufixos – que os sufixos em *-l-* podem, em determinado contexto, apresentar, ao mesmo tempo, mais de uma significação, como nas palavras a seguir, que significam *duração e intensidade*.

ArrumadELA {‘arrumada [arrumação] rápida e com pouco zelo’} ← *Arrumada*

LambidELAs {‘lambida breve e leve’} ← *Lambida*

PenteadELA ou PenteadELAs {‘penteada rápida e com pouco zelo’} ← *PenteadA*

TossidELA {‘tossida breve e pouco intensa’} ← *Tossida*

5.4.7 Sufixos em *-ch-* e suas variações

Os diminutivos em *-ch-* no século XIX totalizam apenas 11 ocorrências, sendo 4 com o sufixo *-acho*, 1 com *-icho*, 1 com *-icha*, 3 com *-ucho* e 2 com *-ucha*. Desses diminutivos, 5 são empréstimos, e 6 têm a sua formação em português. Os exemplos a seguir, ilustram o que até aqui dissemos:

BarbICHA ◀ fr. *barbICHE*

FogACHO ou FogACHOs ← *FogO* (Sm → Sm)

GovernICHO ← *GovernO* (Sm → Sm)

PapelUCHO ou PapelUCHOs ◀ esp. *papelUCHO*

PequerrUCHA ← **PequerrA* [<~>] *PequenA* (Sf → Sf)

PequerrUCHO ou PequerrUCHOs ← **PequerrO* [<~>] *PequenO* (Sm → Sm)

PecurrUCHA ← **PecurrA* [<~>] **PequerrA* (Sf → Sf)

PecurrUCHO ← **PecurrO* (Sm → Sm)

PopulACHO ◀ esp. *populACHO*

RiACHO ◀ esp. *riACHO*

VulgACHO ◀ esp. *vulgACHO*

Como vemos, o número de diminutivos em *-ch-* ao longo desta sincronia – embora ainda seja pequeno, sobretudo quando comparado com os diminutivos em *-inho* ou

em *-t-* – é bem maior que nas sincronias anteriores, uma vez que nestas era restrito apenas à palavra *riacho*. Desse modo, verifica-se tanto um aumento no número de diminutivos tomados de empréstimo a outras línguas, principalmente ao espanhol, como a produção de diminutivos em português, fato este que revela a capacidade produtiva de alguns desses sufixos no século em destaque, embora não a tivessem nos séculos anteriores.

Excluindo-se de nossas análises os diminutivos emprestados – como, aliás, sempre fizemos ao longo desta pesquisa – e focalizando somente aqueles formados em português, observamos que todos eles resultam do acréscimo de um sufixo a uma palavra primitiva paroxítona – a qual pode ter duas ou três sílabas – que termina em vogal átona oral, vogal essa que é eliminada com o acréscimo do sufixo. Além disso, constatamos que todos esses diminutivos conservam o gênero da palavra primitiva, ao mesmo tempo em que pertencem à mesma classe morfológica que as respectivas palavras das quais se formaram.

5.4.7.1 Sufixos em *-ch-* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Os diminutivos em *-ch-* acima identificados podem ser agrupados em três tipos de significação, a saber: *tamanho pequeno, depreciação e intensidade*.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

São diminutivos de tamanho os seguintes:

BarbICHA {‘pequena barba’} ◀ fr. *barbICHE*
 RiACHO {‘rio pequeno e pouco volumoso’} ◀ esp. *riACHO*
 FogACHO ou FogACHOs {‘pequeno fogo’} ← *FogO*
 PapelUCHO ou PapelUCHOs {‘papel pequeno’} ◀ esp. *papelUCHO*

b) Diminutivos de depreciação

Os que expressam depreciação são estes:

GovernICHO {‘mau governo’} ← *GovernO*
 PopulACHO {‘camada mais desfavorecida da população’} ◀ esp. *populACHO*
 VulgACHO {‘camada mais desfavorecida da população’} ◀ esp. *vulgACHO*
 PapelUCHO ou PapelUCHOs {‘papel pouco importante’} ◀ esp. *papelUCHO*

c) *Diminutivos de intensidade*

Há, ainda, os seguintes diminutivos de intensidade:

PequerrUCHA {‘criança muito pequena’} ← *PequerrA [<~>] Pequena

PecurrUCHA {‘criança muito pequena’} ← *PecurrA [<~>] *PequerrA

PequerrUCHO ou PequerrUCHOs {‘criança muito pequena’} ← *PequerrO [<~>] Pequeno

PecurrUCHO {‘criança muito pequena’} ← *PecurrO [<~>] *PequerrO

Advertimos, por fim, que alguns dos diminutivos em *-ch-* encontrados ao longo desta sincronia podem ser encontrados apresentando, simultaneamente, mais de uma significação, como os que apresentamos a seguir:

BarbICHA {‘barba pequena e com poucos cabelos’} ◀ fr. *barbICHE*

FogACHO ou FogACHOs {‘fogo pequeno e pouco intenso’} ← *FogO*

Esses diminutivos, como vemos pelas significações apresentadas, podem ser classificados como diminutivos de *tamanho* e *quantidade* e de *tamanho* e *intensidade*, respectivamente.

5.4.8 Os sufixos *-ulo* e *-culo* e suas variações

Ao longo do século XIX, foram identificados 23 diminutivos formados com os sufixos *-ulo* e *-culo* e suas respectivas formas femininas. A maioria desses diminutivos – 19 exemplos, o que representa 82,608% das ocorrências –, contudo, resulta de empréstimo à língua latina, como os que abaixo vão listados:

AdolescêntULA ◀ lat. *adolescentŪLA*

ArbúsCULOs ◀ lat. **arbusCŪLUS*

PartiCULA <~> PartÍCULA ou PartICULAs <~> PartÍCULAs ◀ lat. *partiCŪLA*

PelÍCULA ou PelÍCULAs ◀ lat. *pellīCŪLA*

RamúsCULO ou RamúsCULOs ◀ lat. *ramusCŪLUS*

VersícULO ou VersícULOs ◀ lat. *versiCŪLUS*

Portanto, apenas 4 diminutivos, dentre os identificados, são formados em português, 3 dos quais com o sufixo *-cula* e 1 com *-culo* – o que significa que os os sufixos *-ulo* e *-ula*

não foram encontrados formando nenhum diminutivo em português no período analisado –, conforme abaixo:

MestríCULO ← *MestrE* (Sm → Sm)
 AmbiciúnCULAs ← *AmbiçÃO* (Sf → Sf)
 JanelíCULAs ← *JanelA* (Sf → Sf)
 BarbíCULA ← *BarbA* (Sf → Sf)

Não obstante sejam poucos os diminutivos em *-culo*, *-cula* formados em português, a simples existência desse processo já revela que os sufixos em questão alcançam produtividade em português no decorrer do século XIX, uma vez que, nas sincronias até aqui contempladas, todos os diminutivos que possuíam os sufixos *-ulo* e *-culo* em sua estrutura eram provenientes da língua latina.

Ao analisar esses diminutivos do ponto de vista de sua forma e de seu funcionamento, verificamos que três deles se formam a partir de palavras paroxítonas – duas das quais dissílabas e uma trissílaba – terminadas em vogal átona oral, enquanto, em outro, a palavra primitiva é oxítona terminada em ditongo nasal. Diante dessa descrição, constatamos que a relação entre o sufixo e a palavra primitiva não é a mesma em ambos os contextos, pois enquanto, no primeiro, o acréscimo do sufixo provoca a eliminação da vogal átona final, no segundo, a formação do diminutivo ocorre como nos diminutivos do latim clássico cujos nominativos e genitivos terminam, respectivamente, em *-o*, *-onis* – por exemplo, *quaestio*, *questionis*–*quaestiuncŭla*; *annotatio*, *annotationis*–*annotatiuncŭla*; *cantio*, *cantionis*–*cantiuncŭla* etc. –, transformando o ditongo nasal em um monotongo nasal [ũ], grafado <un> – antecedido de um [j] –, após o qual as formas *-culo* e *-cula* são acrescentadas.

Não obstante os processos tenham sido diferentes, observa-se que todos os diminutivos envolvidos pertencem à mesma classe morfológica que a palavra primitiva de que se originaram, o mesmo fato ocorrendo em relação ao gênero.

5.4.8.1 Os sufixos *-ulo* e *-culo* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Do ponto de vista semântico, os diminutivos em *-ulo* e *-culo* identificados no século XIX podem ser caracterizados em cinco tipos: *tamanho pequeno*, *depreciação*, *intensidade*, *duração* e *quantidade*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

Em sua maioria, os diminutivos em *-ulo* e *-culo* deste século possuem significação de tamanho pequeno, como os apresentados abaixo:

GrânULOs {'pequeno grão'} ◀ lat. *granŪLUM*

HomúnCULO ou HomúnCULOs {'pequeno homem'} ◀ lat. *homunCŪLUS*

JanelíCULAs {'pequena janela'} ← *Janela*

MontíCULO ou MontíCULOs {'pequeno monte'} ◀ lat. *montiCŪLUS*

NótULA ou NótULAs {'pequena nota'} ◀ lat. *notŪLA*

b) *Diminutivos de depreciação*

Os diminutivos de depreciação também são bastante frequentes, como os que seguem:

ConventíCULO ou ConventíCULOs {'reunião para conspiração'} ◀ lat. *conventiCŪLUM*

MestríCULO {'mestre pouco importante'} ← *MestrE*

QuestiúnCULA ou QuestiúnCULAs {'questão ou disputa de pouca importância'} ◀ lat. *quaestiumCŪLA*

RégULO ou RégULOs {'rei de pouca importância'} ◀ lat. *regŪLUS*

c) *Diminutivos de intensidade*

Nas palavras seguintes, o sufixo diminutivo transmite a significação de intensidade:

AmbiciúnCULAs {'ambição leve'} ← *AmbiçãO*

FebríCULA {'febre pouco intensa'} ◀ lat. *febriCŪLA*

d) *Diminutivos de duração*

Já nesta outra, expressa a duração do evento:

FebríCULA {'febre de curta duração'} ◀ lat. *febriCŪLA*

e) *Diminutivos de quantidade*

E em *barbícula*, o sufixo *-cula* pode ser compreendido como indicando que determinada pessoa possui pouca barba:

BarbíCULA {‘pouca barba’} ← *BarbA*

Outra situação que merece ser destaca em relação aos sufixos *-ulo* e *-culo* é o seu emprego com a capacidade de indicar, ao mesmo tempo, mais de uma significação, como ocorre nas seguintes palavras:

BarbíCULA {‘barba pequena e pouca’} ← *BarbA*

FebríCULA {‘febre pouco intensa e de curta duração’} ◀ lat. *febricŪLA*

Como vemos, em *barbícula*, temos as significações de *tamanho pequeno* e *quantidade*; em *febrícula*, as de *intensidade* e *duração*.

5.4.9 Sufixos em *-sc-*

As buscas no *Corpus* do Português nos permitiram identificar, no século XIX, 6 diminutivos formados com um sufixo composto pela estrutura *-sc-*, dos quais 3 são em *-isco*, 1 em *-isca*, 1 em *-usco* e 1 em *-usca*, conforme abaixo indicado²⁷³:

PedrISCO ◀ esp. *pedrISCO*

RabISCO ou RabISCOs /← *RabISCAR* (V → Sm)

RabISCAs ~← RabISCO /← *RabISCAR* (V → Sm)

ChuvISCO ou ChuvISCOs /← *ChuvISCAR* (V → Sm)

VelhUSCO ou VelhUSCOs ← *VelhO* (Adjm → Adjm)

VelhUSCA ← *VelhA* (Adjf → Adjf)

Como se verifica pelos exemplos acima, os dois primeiros exemplos já vem sendo identificados desde o século XVI – o primeiro, na verdade, já desde o século XV –, ou seja, somente os quatro últimos ocorrem a partir do século XIX.

Do ponto de vista da formação desses diminutivos, somente a palavra *pedrisco* não tem a formação ocorrida em português, uma vez que resulta de empréstimo; as demais são formadas em português, embora não sendo empregado um único processo em todas elas, pois em *chuvisco* e em *rabisco* temos uma derivação deverbal, em *rabisca* temos uma forma

²⁷³ O sufixo *-usco* e o seu feminino *-usca* – assim como os sufixos homônimos em espanhol – são formados a partir dos sufixos latino-vulgares **-uscus*, **-usca* (cf. DIEZ, *op. cit.*, p.359).

feminina proveniente de *rabisco*, e, somente nas duas últimas, encontramos palavras formadas por meio do acréscimo de sufixos a partir de uma forma primitiva.

Considerando somente as palavras cujos processos de formação ocorreram em português, observamos, portanto, que *chuvisco* e *rabisco* pertencem a classes morfológicas distintas das palavras a partir das quais se formaram – são nomes derivados de verbos, do que resultou a substituição da vogal temática verbal e do morfema de infinitivo por uma vogal temática nominal –, ao mesmo tempo em que os nomes derivados passam a ter gênero – em ambos os casos, masculino –, o que não ocorre com os verbos. Por outro lado, em *velhusco* e *velhusca*, verificamos que, em ambas as palavras – as quais são formadas a partir de palavras dissílabas paroxítonas que terminam em vogal átona oral, que é eliminada, com o acréscimo do sufixo diminutivo –, diminutivo e palavra primitiva pertencem à mesma classe morfológica e possuem o mesmo gênero.

5.4.9.1 Sufixos em -sc- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Quando analisados sob a perspectiva da significação que transmitem, verifica-se que os diminutivos em -sc- pertencentes a esta sincronia, são de três tipos: *tamanho pequeno*, *depreciação* e *intensidade*.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Das palavras acima, somente *pedrisco* significa tamanho pequeno, como segue:

PedrISCO {‘pequena pedra’} ◀ esp. *pedrISCO*

b) Diminutivos de depreciação

Com *rabisco* e sua forma flexionada *rabisca*, a indicação semântica feita é a de algo que não se encontra em conformidade com o que se considera normal ou com o que se desejava, motivo por que merece certo desprezo:

RabISCAs ~← RabISCO {‘letra mal feita, incompreensível’} /← RabISCAR

RabISCO ou RabISCOs {‘letra mal feita, incompreensível’} /← RabISCAR

c) Diminutivos de intensidade

Em *chuvisco*, *velhusco* e *velhusca*, temos exemplos de diminutivos que expressam intensidade, conforme abaixo:

ChuvISCO ou ChuvISCOs {‘chuva fina, pouco intensa’} /← ChuvISCAR

VelhUSCA {‘um tanto velha’} ← VelhA

VelhUSCO ou VelhUSCOs {‘um tanto velho’} ← VelhO

É possível, ainda, que as duas últimas palavras acima citadas possam ser percebidas, em determinados contextos, com significação depreciativa associada à de intensidade.

5.4.10 O sufixo *-ejo*

Os diminutivos em *-ejo* encontrados no século XIX também são pouco numerosos e podem ser divididos entre os que são provenientes da língua espanhola – ao todo 6 exemplos – e os que são formados em português – outros 4 diminutivos, como visualizamos na lista que segue:

AnimalEJO ou AnimalEJOs ◀ esp. *animalEJO*

GracEJO ou GracEJOs ◀ esp. *gracEJO*

LogarEJO ou LogarEJOs ◀ esp. *logarEJO* ou esp. *lugarEJO*

LugarEJO ou LugarEJOs ◀ esp. *lugarEJO*

MotEJOs ◀ esp. *motEJO*

VilarEJO ou VilarEJOs ◀ esp. *VillarEJO*

CasalEJO ← *CasaL* (Sm → Sm)

MurmurEJO /← *MurmurEJAR* (V → Sm)

QuintalEJO ou QuintalEJOs ← *QuintaL* (Sm → Sm)

RumorEJO /← *RumorEJAR* (V → Sm)

Portanto, diferentemente do que verificamos em todas as outras sincronias até aqui analisadas – nas quais todos os diminutivos em *-ejo* identificados eram provenientes de empréstimo do espanhol –, nesta sincronia há diminutivos que resultam de processos ocorridos já em português, como nas quatro últimas palavras da lista acima. Nestas palavras, contudo, podem ser identificados dois processos em ação, os mesmos já apontados em relação aos diminutivos em *-sc-* formados em português, como acima descrevemos.

Assim, em relação às palavras *murmurejo* e *rumorejo*, temos dois diminutivos derivados de verbos, o que provoca a existência de diferenças entre aqueles e estes tanto no que se refere à classe morfológica de ambos, quanto em relação ao gênero, que passa a existir naqueles e são inexistentes nestes. Quanto à formação em si desses diminutivos, verificamos

que ocorre a partir da substituição da vogal temática verbal e do morfema de infinitivo por uma vogal temática nominal.

Em outra direção, temos as palavras *casalejo* e *quintalejo* – substantivos do gênero masculino formados a partir de outros substantivos de gênero idêntico –, as quais são formadas a partir de palavras dissílabas paroxítonas terminadas em consoante, sendo que o emprego do sufixo não provoca nenhuma alteração na forma das palavras primitivas.

5.4.10.1 O sufixo -ejo em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Em relação aos seus significados, os diminutivos em *-ejo* identificados neste século podem ser classificados da seguinte maneira: *diminutivos de tamanho*; *diminutivos de aproximação afetiva positiva*; *diminutivos de depreciação*; e *diminutivos de intensidade*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

A maioria dos diminutivos identificados apresenta a significação de tamanho pequeno, como abaixo:

AnimalEJO ou AnimalEJOs {‘pequeno animal’} ◀ esp. *animalEJO*

CasalEJO {‘pequeno casal’} ← *CasaL*

LogarEJO ou LogarEJOs {‘pequeno lugar’} ◀ esp. *logarEJO* ou esp. *lugarEJO*

LugarEJO ou LugarEJOs {‘pequeno lugar’} ◀ esp. *lugarEJO*

QuintalEJO ou QuintalEJOs {‘pequeno quintal [propriedade]’} ← *QuintaL*

VilarEJO ou VilarEJOs {‘pequeno vilar [lugar]’} ◀ esp. *VillarEJO*

b) *Diminutivos de aproximação afetiva positiva*

Há um único diminutivo no *corpus* em análise que significa aproximação afetiva positiva:

GracEJO ou GracEJOs {‘dito engraçado’} ◀ esp. *gracEJO*

c) *Diminutivos de depreciação*

Estes, por sua vez, indicam depreciação:

GracEJO ou GracEJOs {‘dito de zombaria’} ◀ esp. *gracEJO*

MotEJOs {‘dito satírico’} ◀ esp. *motEJO*

d) *Diminutivos de intensidade*

Por fim, os diminutivos deverbais, que significam intensidade:

MurmurEJO {‘murmúrio pouco intenso’} /← *MurmurEJAR*

RumorEJO {‘pequeno rumor, rumor pouco intenso’} /← *RumorEJAR*

5.4.11 O sufixo *-iço*

Em relação aos diminutivos em *-iço* – os quais ocorrem pela primeira vez nos *corpora* analisados –, foram identificadas 11 ocorrências, das quais 7 são com *-iço* e 4 com *-iça*, conforme abaixo²⁷⁴:

AranhIÇO ou AranhIÇOs ← *AranhA* (Sf → Sm)

AssustadiÇA ou AssustadiÇAs ◀ esp. *asustadIZA*

AssustadiÇO ou AssustadiÇOs ◀ esp. *asustadIZO*

EspantadiÇA ou EspantadiÇAs ◀ esp. *espantadIZA*

EspantadiÇO ou EspantadiÇOs ◀ esp. *espantadIZO*

EspetadiÇA ← *EspetadA* (Adjf → Adjf)

IrritadiÇA ← *IrritadA* (Adjf → Adjf)

LiteratiÇO ← *LiteratO* (Sm → Sm)

MagriÇO ← *MagrO* (Sm → Sm)

ResvaladiÇO ◀ esp. *resvaladIZO*

SalgadIÇO ← *SalgadO* (Adjm → Adjm)

Com base nos exemplos acima, vemos que nem todos os diminutivos em *-iço* são formados em português: 5 dos exemplos são empréstimo do espanhol, e 6 são formados em língua portuguesa.

²⁷⁴ Conforme já indicamos na seção 1.2, nota 15, as formas sufixais *-iço*, *-iça* – em espanhol *-izo*, *-iza* – não resultam da transformação do que os estudiosos do latim vulgar mencionados ao longo desta pesquisa caracterizam como os principais sufixos diminutivos latino-vulgares. Em conformidade com Diez (*op. cit.*, p.292-293), no entanto, é possível afirmar que resultam, respectivamente, da transformação das formas **-icius*, **-iceus* e **-icia*, **-icea* – Meyer-Lübke (*op. cit.*, p.805-806) cita **-icius*, **-icia* – podendo formar tanto adjetivos, quanto substantivos, os quais podem assumir significações variadas nas línguas românicas, dentre elas a de diminutivo.

Quanto aos diminutivos com formação portuguesa, verifica-se que todos eles são formados a partir de palavras paroxítonas – 1 delas dissílaba, 2 trissílabas e 3 polissílabas – terminadas em vogal átona oral, a qual é eliminada com o acréscimo do sufixo. Além disso, observa-se que todos eles pertencem à mesma classe morfológica que as palavras a partir das quais se formaram. Do ponto de vista do gênero, no entanto, há um exemplo (*aranhiço* ← *aranha*) no qual o gênero do diminutivo difere do gênero da palavra primitiva.

5.4.11.1 O sufixo -iço em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Do ponto de vista da significação dos sufixos *-iço* e *-iça*, os diminutivos identificados podem ser classificados nos seguintes tipos: *tamanho pequeno*, *depreciação* e *intensidade*.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Um único exemplo há, dentre os formados com o sufixo *-iço*, conforme acima apresentados, que significa tamanho pequeno, como indicado a seguir:

AranhiÇO ou AranhIÇOs {‘pequena aranha’} ← *AranhA*

b) Diminutivos de depreciação

Também somente há um diminutivo de depreciação:

LiteratiÇO {‘literato de pouca importância’} ← *LiteratiO*

c) Diminutivos de intensidade

A maioria, portanto, dos diminutivos em *-iço* identificados significa intensidade, como os que abaixo vão apresentados:

MagriÇO {‘pessoa um tanto magra’} ← *MagriO*

AssustadiÇA ou AssustadiÇAs {‘um tanto assustada’} ◀ esp. *asustadIZA*

EspantadiÇO ou EspantadiÇOs {‘um tanto espantado’} ◀ esp. *espantadIZO*

IrritadiÇA {‘um tanto irritada’} ← *IrritadA*

SalgadIÇO {‘um tanto salgado’} ← *SalgadO*

5.4.12 O sufixo *-im*

No século XIX, identificamos 8 diminutivos formados com o sufixo *-im* – o qual, no plural, assume a forma *-in-*, como nestes exemplos:

BoletIM ou BoletINs ◀ esp. *boletIN* ou esp. *boletÍN* ou it. *boletINO*
 CaixotINs ◀ esp. *cajetIN* ou esp. *cajetÍN*
 CamarIM ◀ esp. *CamarIN*
 CasaquIM ◀ esp. *casaquIN*
 EspadIM ou EspadINs ◀ esp. *espadIN* ou esp. *espadÍN*
 FlautIM ou FlautINs ◀ esp. *flautIN* ou esp. *flautÍN* ou it. *flautINO*
 MundIM ← **MundO* ← *RaimundO* (Sm → Sm)
 SelIM ← *SelA* (Sf → Sm)

Do ponto de vista de sua formação, vemos que apenas 2 dos diminutivos acima são formados em língua portuguesa. Estes, por seu lado, são todos formados a partir de palavras dissílabas paroxítonas terminadas em vogal oral átona, a qual é eliminada para que ocorra o acréscimo do sufixo. Além disso, observa-se que, nesses dois exemplos, diminutivo e palavra primitiva pertencem à mesma classe morfológica, mas em apenas um deles o gênero é conservado.

5.4.12.1 O sufixo *-im* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Em relação à significação dos diminutivos em *-im* identificados nessa sincronia, podemos apontar dois tipos: *tamanho pequeno* e *aproximação afetiva positiva*.

a) *Diminutivos que significam tamanho pequeno*

Dentre os diminutivos identificados, os que significam diminuição de tamanho são os mais frequentes, como abaixo:

BoletIM ou BoletINs {‘pequeno boleto [documento]’} ◀ esp. *boletIN* ou esp. *boletÍN* ou it. *boletINO*
 CaixotINs {‘pequena caixa’} ◀ esp. *cajetIN* ou esp. *cajetÍN*
 CamarIM {‘pequena câmara’} ◀ esp. *CamarIN*
 CasaquIM {‘pequeno casaco’} ◀ esp. *casaquIN*
 EspadIM ou EspadINs {‘pequena espada’} ◀ esp. *espadIN* ou esp. *espadÍN*
 FlautIM ou FlautINs {‘pequena flauta’} ◀ esp. *flautIN* ou esp. *flautÍN* ou it. *flautINO*
 SelIM {‘pequena sela’} ← *SelA*

b) *Diminutivos de aproximação afetiva positiva*

Há somente um exemplo que significa aproximação afetiva positiva, o qual segue:

MundIM {‘estimado Raimundo’} ← *MundO ← RaimundO

5.4.13 O sufixo *-ebre*

A palavra *casebre* é a única palavra identificada com o sufixo *-ebre* que possui significação diminutiva, a qual é, simultaneamente, de tamanho e de depreciação, conforme abaixo:

CasEBRE <~> CazEBRE ou CasEBREs {‘casa pequena e humilde’} ◀ prov. *casEBRE* < lat. vulg. **casipULA* ou **casibULA*

Sob a perspectiva de sua formação, há, ainda, muita controvérsia, uma vez que Nascentes (1932, p.160), citando Meyer-Lübke, indica as formas latinas **casupola* e *casipula*; Houaiss & Villar (*op. cit.*) consideram-na como de origem controversa, sem indicar nenhuma palavra a partir da qual *casebre* teria sido formada; Machado (*op. cit.*, vol. 2, p.88-89), por sua vez, propõe sua origem no latim *casubla* ‘casa pequena, cabana’, palavra que, segundo o autor, é uma forma alterada de **casŭpŭla*, diminutivo de *casa*; por fim, no *Aulete Digital*, a palavra *casebre* aparece assim caracterizada: “sm. 1. Casa pequena e miserável; CASINHOLA; CHOUPANA; TUGÚRIO [F.: De or. contrv; posv. do provençal. *casebre*.]”.

O que parece certo, no entanto, é que a palavra *casebre* não é uma palavra herdada, uma vez que o sufixo em *-ebre* não pode ser explicado como uma transformação fonética e morfológica de um sufixo latino-vulgar *-*ula*. Do mesmo modo, não deve tratar-se de formação portuguesa, pois o sufixo *-ebre* não ocorre, nos *corpora* aqui analisados, em nenhuma outra palavra com significação diminutiva nem antes, nem depois do século XIX²⁷⁵.

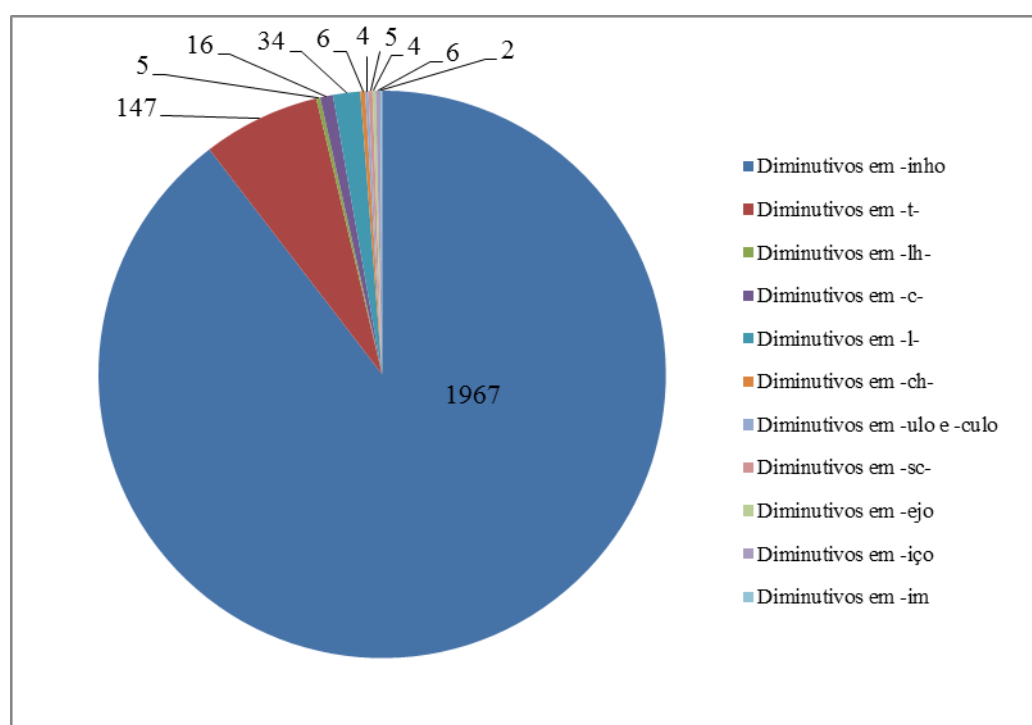
²⁷⁵ Embora no *Corpus* do Português a palavra *casebre* só ocorra no século XIX, ela já se encontra como verbete na primeira edição do *Diccionario da Lingua Portuguesa* (MORAES SILVA, 1789, vol. 1, p.242) com a seguinte definição: “f. m. cafa humilde, famil”.

5.4.14 Considerações preliminares

Como vimos ao longo da descrição apresentada acerca dos diminutivos identificados no século XIX, nem todos os exemplos identificados foram formados em língua portuguesa – muitos resultam de empréstimo ou foram transmitidos pelo latim –, fato esse que permite concluir que alguns sufixos não possuem nenhuma ou possuem pouca produtividade ao longo desse século.

Assim, ao excluirmos os diminutivos cujas formações não ocorreram em português e ao considerarmos-se, apenas, os que nessa língua se formaram, o Gráfico 46 passa a figurar desta maneira:

Gráfico 53 – Diminutivos formados em português, em textos do século XIX: ocorrências por sufixo



Fonte: O Autor

Desse modo, fica evidente que os diminutivos formados em português ao longo do século XIX recebem, em sua maioria absoluta, o sufixo *-inho* – como, aliás, tem sido em todas as sincronias aqui analisadas. Assim, do total de 2196 diminutivos, 1967 são formados com esse sufixo – o que corresponde a 89,571% de todos os diminutivos; todos os demais somados são, portanto, apenas 229 exemplos, representando, pois, 10,428% das ocorrências. Quando comparados com o século anterior, por exemplo, verificamos que, apesar de *-inho*

continuar absoluto, há uma queda em sua participação – no século XVIII, era 95,762%, enquanto os outros mais que dobram a sua participação, saindo de 4,237% para 10,428%.

A análise dos diminutivos formados em português revela, ainda, a existência de outras características importantes dessas palavras, as quais também já foram apontadas na descrição apresentada acerca dos diminutivos de sincronias anteriores, a exemplo dos séculos XVI, XVII e XVIII, tais como:

- os diminutivos originados de palavras que possuem gênero conservam quase sempre o mesmo gênero das palavras das quais se originaram: há apenas 7 ocorrências em que o gênero do diminutivo difere do gênero da palavra primitiva, o que corresponde a 0,318% do total de diminutivos;
- o diminutivo quase sempre conserva a mesma classe morfológica que a palavra da qual se originou: há somente 5 ocorrências em que o diminutivo pertence a uma classe morfológica diferente daquela a que pertence a palavra primitiva, o que representa 0,227% do total de diminutivos;
- além do sufixo *-inho*, também os sufixos *-ito*, *-eta*, *-ota*, *-ico* e *-oca* são encontrados formando nome próprio diminutivo;
- excetuando-se o sufixo *-inho* e sufixos em *-t-*, que podem ser empregados em vários contextos – tais como vogal oral átona, consoante, ditongo (oral ou nasal), vogal nasal e vogal oral tônica –, sufixos em *-c-*, que formam diminutivos a partir de palavras terminadas em vogal oral átona, vogal oral tônica e em consoante, e sufixo *-culo*, empregado com palavras terminadas em vogal átona oral e em ditongo nasal, os demais sufixos somente foram acrescentados a palavras primitivas terminadas em um único contexto, geralmente vogal átona oral, o que ocorre após a eliminação desta;
- do ponto de vista semântico, a significação *tamanho pequeno* não é a única que esses sufixos são capazes de transmitir, sendo encontradas, simultaneamente ou não, outras como *duração*, *quantidade*, *intensidade*, *depreciação* e *aproximação afetiva positiva*.

5.5 Os sufixos diminutivos em português no século XX

As abordagens dadas aos sufixos diminutivos portugueses em gramáticas dessa língua ao longo do século XX em quase nada acrescentam, do ponto de vista formal, funcional e semântico, por exemplo, às descrições que existem em fins do século XIX, conforme apresentadas quando descrevemos os diminutivos portugueses neste século.

Entre os autores desse período destacaremos três, a saber: Said Ali (1923), Cunha & Cintra (2001 [1985¹]) e Bechara (2009 [1961¹]). Assim, em relação aos sufixos diminutivos empregados em português, Said Ali (*op. cit.*, p.54) diz o seguinte: “Forma-se o diminutivo principalmente com o accrescimento de **-inho**, **-inha**, **-zinho**, **-zinha**”. Em seguida, apresenta (*loc. cit.*) outros sufixos com esse mesmo valor, destacando que possuem um emprego mais restrito:

Em lugar de *-inho*, *-zinho*, pode-se empregar, ás vezes, *-ito*, *-zito*, como: *reizito*, *cafézito*. — Além destas terminações, há ainda, para formar o diminutivo, **-ote**, **-ola**, **-ucho**, **-eta**, etc., applicaveis sómente a certos e determinados vocabulos: *fidalgote*, *rapazola*, *bandeirola*, *papelucho*, *naveta*, etc.

Essa lista de sufixos é ampliada mais adiante, quando o autor acrescenta os sufixos *-im*, *-ejo*, *-ela*, *-isco*, *-eto*, *-ete*, *-oto*, *-ota*, *-ebre*, *-eco*, *-ulo*, *-ula*, *-culo* e *-cula*, chamando os quatro últimos de sufixos eruditos²⁷⁶ (cf. SAID ALI, *op. cit.*, p.152-153).

Em Cunha & Cintra (*op. cit.*, p.91-94), os sufixos diminutivos apresentados são estes: *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha*, *-ino*, *-ina*, *-acho*, *-acha*, *-icho*, *-icha*, *-ucho*, *-ucha*, *-ebre*, *-eco*, *-eca*, *-ico*, *-ica*, *-ela*, *-elho*, *-elha*, *-ejo*, *-ilho*, *-ilha*, *-ete*, *-eto*, *-eta*, *-ito*, *-ita*, *-zito*, *-zita*, *-ote*, *-ota*, *-isco*, *-isca*, *-usco*, *-usca* e *-ola*, aos quais os autores acrescentam (*op. cit.*, p.94) os sufixos eruditos “*-ulo* (*-ula*) e *-culo* (*-cula*), com as variantes *-áculo* (*-ácula*), *-ículo* (*-ícula*), *-úsculo* (*-úscula*) e *-únculo* (*-úncula*)”²⁷⁷.

Também em Bechara (*op. cit.*, p.362-363) é encontrada uma lista composta por um grande número de sufixos diminutivos, a saber: *-inho*, *-zinho*, *-im*, *-zim*, *-ito*, *-zito*, *-ico*, *-isco*,

²⁷⁶ Entre os exemplos de palavras com esses sufixos apresentados por Said Ali (cf. *op. cit.*, p153), citem-se, respectivamente: *espadim*, *lagostim* e *camarim*; *animalejo* e *lugarejo*; *viela* e *magricela*; *chuisco*; *esboceto*; *fradete*; *perdigoto*; *raparigota*; *casebre*; *livreco*; *nodulo*; *corpúsculo*; e *radícula*.

²⁷⁷ Eis os exemplos apresentados pelos autores para cada um desses sufixos, na ordem em que ocorrem: *toquinho*; *vozinha*; *cãozinho*; *ruazinha*; *pequenino*; *cravina*; *fogacho*, *riacho*; *governicho*; *barbicha*; *papelucho*; *casucha*; *casebre*; *livreco*; *soneca*; *burrico*; *marica(s)*; *ruela*, *viela*; *folhelho*, *rapazelho*; *animalejo*, *lugarejo*; *pecadiho*; *tropilha*; *artiguete*, *lembrete*; *esboceto*; *saleta*; *rapazito*, *casita*; *jardinzito*; *florzita*; *velhote*; *velhota*; *chuisco*; *talisca*; *chamusco*, *velhusco*; *fazendola*, *rapazola*; *nódulo*; *nótula*; *versículo*; *partícula*.

*-eta, -ete, -eto, -eco, -ota, -ote, -oto, -ejo, -acho, -ela, -elo, -iola, -ola, -ucho, -ebre, -ula, -ulo, -cula, -culo, -alho, -elho, -ilho, -olho, -ulha, -aça, -aço, -iça, -iço e -el*²⁷⁸.

Como é possível verificar, a partir dos sufixos diminutivos apresentados por esses autores, apenas cinco deles não foram apontados, em instrumentos linguísticos, até o século XIX ou em Said Ali (*op. cit.*) como diminutivos: *-eco, -eca, -iço, -iça e -alho*. Esses sufixos, no entanto, já haviam sido identificados em nossa pesquisa com significação diminutiva em sincronias anteriores ao século XX, principalmente no século XIX. Advertimos, ainda, que alguns dos sufixos que fazem parte da lista de Bechara, tais como *-aça* e *-aço*, não foram encontrados, no *corpus* pesquisado, com significação diminutiva. Os respectivos exemplos apresentados pelo autor também não parecem ser diminutivos.

Além dos autores citados, cujos estudos são baseados, sobretudo, em textos escritos, é possível citar os sufixos diminutivos identificados por Skorge (1956-1957; 1958), em um estudo realizado na década de 50 do século XX e que se baseia na língua portuguesa falada na época, em diferentes regiões de Portugal, como depreendemos destas suas palavras:

O objectivo deste trabalho é dar uma ideia geral da vitalidade e produtividade dos sufixos diminutivos *na linguagem corrente do português actual. Quanto às épocas anteriores, apenas dá indicações breves e um resumo dos fenómenos registados* que permita compreender melhor a propagação deste meio estilístico através do qual se dá sobretudo expressão ao afecto (SKORGE, 1956-1957, p.54, destaques nossos).

São, portanto, os seguintes os sufixos diminutivos que essa autora identifica no referido estudo: *-inho, -zinho, -ino, -im, -ito, -zito, -ato, -eto, -eta, -ête, -oto, -ota, -ote, -ico, -aco, -eco, -oco, -uco, -alho, -elho, -ilho, -olho, -ulho, -ejo, -elo, -ela, -olo, -ola, -acho, -icho, -ocho, -ucho, -isco, -asco, -osco, -usco, -iço, -uço, -uncho, -elo, -ulo, -culo*. Desses sufixos, *-aco, -oco, -uco, -alho, -olho, -ulho, -icho, -ocho, -asco, -osco, -iço, -uço, -uncho* – geralmente caracterizados por Skorge (*op. cit.*) como pouco frequentes e/ou improdutivos e de uso dialetal – ainda não haviam sido apontados pelos autores consultados – lembrando que

²⁷⁸ Entre os exemplos que Bechara apresenta (*loc. cit.*) para esses sufixos, citem-se: *livrinho; florzinha; bodim; valzim; copito; amorzito; namorico; chuvisco; saleta; saberete; livreto; livreco; ilhota; caixote; perdigoto; animalejo; riacho; magricela; cabedelo; terríola; rapazola; papelucho; casebre; nóttula; glóbulo; radícula; corpúsculo; ramalho; rapzelho; pesadilho; ferrolho; bagulho; fumaça; caniço; nabiça; cordel*. Em relação a esses exemplos, advertimos que *ramalho, ferrolho, bagulho e fumaça* não parecem ser diminutivos.

Cunha & Cintra (*op. cit.*) e Bechara (*op. cit.*) são posteriores; os sufixos *-alho*, *-aco* e *-iço*, no entanto, já foram encontrados, no *corpus* pesquisado, com significação diminutiva²⁷⁹.

Quanto ao modo como esses sufixos se combinam com a palavra à qual devem ser acrescentados, também encontramos, nos autores mencionados, algumas descrições, geralmente coincidentes com as apresentadas pelos autores do século XIX, o que significa dizer que apresentam alguns dos (ou os mesmos) problemas e, às vezes, outros novos.

Assim, para Said Ali (*op. cit.*, p.54, **negritos nossos**),

Os nomes que acabam nas vogaes simples atonas **-o**, **-a**, tomam ora a terminação *-inho*, *-inha*, ora *-zinho*, *-zinha*. Aos terminados em *l* ou *r* acrescenta-se *-zinho*, *-zinha* de preferencia a *-inho*, *-inha*. Os que acabam em outro phonema acrescentam *-zinho*, *-zinha*. Exemplos: — **livro: livrinho** ou **livrozinho**; **cadeira: cadeirinha**; **papel: papelzinho** ou **papelinho**; **flor: florzinha**; **jardim: jardimzinho**; **café: cafézinho**; **irmão: irmãozinho**; **chapéu: chapeuzinho**. — Em lugar de *-inho*, *-zinho*, pode-se empregar, ás vezes, *-ito*, *-zito*, como: **reizito**, **cafézito**.

A partir da citação acima, é possível concluir que, para o autor: *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* são empregados na mesma proporção para formar diminutivos a partir de palavras que terminam em vogal átona oral; com palavras terminadas em <l> ou <r>, o emprego de *-zinho*, *-zinha* é mais frequente que o de *-inho*, *-inha*, embora não indique a proporção em que isso ocorre; as palavras que terminam em ditongo oral ou em vogal tônica oral formam o diminutivo com *-zinho*, *-zinha* e menos frequentemente com *-ito*, *-zito*; já as que apresentam como terminação uma vogal nasal ou um ditongo nasal só recebem *-zinho*, *-zinha*.

Da mesma maneira que Said Ali (*loc. cit.*), Bechara (*op. cit.*, p.362) também caracteriza o emprego dos sufixos diminutivos em função da terminação da palavra primitiva, dizendo:

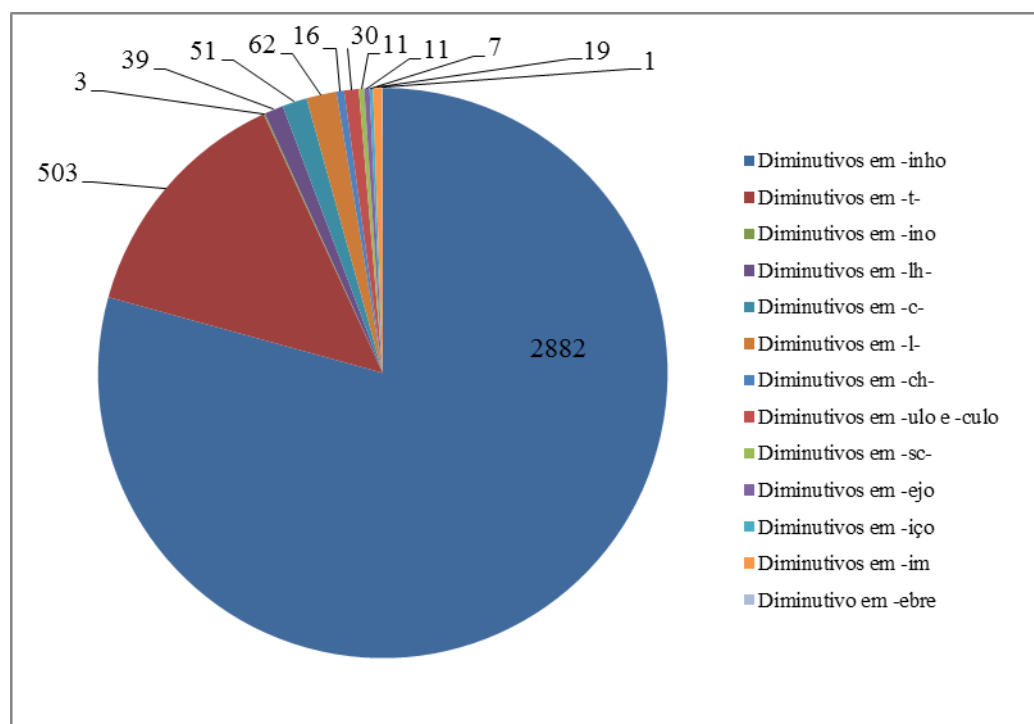
²⁷⁹ Diferentemente de Skorge, cujo estudo é elaborado, principalmente, a partir da língua falada no período em que o texto foi produzido, incluindo falares dialetais, nosso estudo sobre os diminutivos portugueses no século XX se baseia tanto em textos escritos, quanto em transcrição de textos orais – estes, no entanto, só surgem a partir dos anos 70 deste século –, sem fazer identificação do local onde eles foram produzidos. Talvez por isso, alguns dos sufixos só apresentados por ela até o momento não tenham sido encontrados, com significação diminutiva, em nossa pesquisa. — Remetemos, também, aqui, para o excelente estudo realizado por Rio-Torto (1993), o qual contempla aspectos da forma e do funcionamento dos diminutivos na segunda metade do século XX, considerando tanto a língua portuguesa comum – sobretudo a escrita –, quanto a sua variedade empregada em regiões mais isoladas de Portugal, semelhantemente ao que fez Skorge (*op. cit.*).

Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho*, *cãozito*, *irmãzinha*, *alunzinho*, *raiozinho*, *bonezinho*, *urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho*, *cadaverzinho*, *caraterzinho*; *colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho*, *lapisinho*, *rapazinho*.

Com isso, vemos que, segundo esse autor: as palavras que terminam em vogal nasal, em ditongo oral ou nasal e em vogal tônica só formam o diminutivo com *-zinho* ou *-zito*; as palavras terminadas em <r> recebem as formas *-zinho*, *-zito* e com menos frequência *-inho*; contrariamente, as que terminam em <s> ou <z> só recebem *-inho* ou *-ito*. Pelo contexto em que a citação acima ocorre – após apresentar exemplos de palavras terminadas em vogal átona oral (cf. *loc. cit. livrinho* e *livrozinho*) –, é possível, ainda, concluir, a partir de sua primeira frase, que, quando uma palavra termina em vogal átona oral, *-inho* e *-zinho* são empregados com o mesmo grau de importância, isto é, “[...] é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*”.

Considerando, portanto, a lista de sufixos diminutivos reconhecidos por gramáticos desde o século XIX (e anteriores), (quase todos) identificados nas pesquisas feitas junto ao *Corpus* do Português, e ainda os aqui citados em textos metalinguísticos do século XX, foi possível identificar os seguintes sufixos empregados com significação diminutiva em textos do século XX disponíveis no *Corpus* do Português:

Gráfico 54 – Sufixos diminutivos em português no século XX: ocorrências por sufixo



Fonte: O Autor

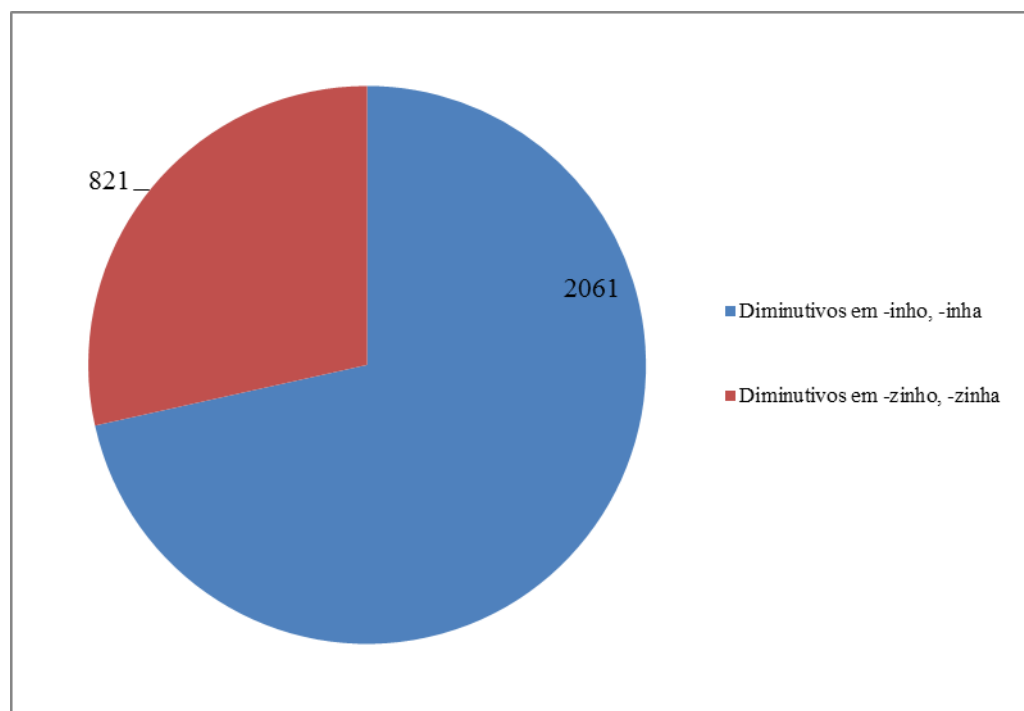
Assim como nos séculos anteriores, vemos que, neste século, o sufixo *-inho* é o sufixo mais frequente, com 2882 ocorrências, de um total de 3635, o que corresponde a 79,284% dos diminutivos identificados nessa sincronia. Já os sufixos em *-t-*, os mais frequentes depois de *-inho*, com 503 ocorrências, representam 13,837% dos diminutivos desse século. Resta, portanto, que todos os outros diminutivos, quando somadas as suas ocorrências – o que é igual a 250 diminutivos –, alcançam, apenas, 6,877% da totalidade dos diminutivos do século XX.

Tendo, pois, por base as informações constantes no Gráfico 54, passaremos à descrição da forma, do funcionamento e da semântica de cada um dos sufixos acima.

5.5.1 O sufixo *-inho* e suas variações

No século XX, assim como, por exemplo, nos quatro anteriores, o sufixo diminutivo *-inho* ocorre sob as formas *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha*. Também aqui, as formas sufixais *-inho*, *-inha* ocorrem em um maior número de exemplos que as formas *-zinho*, *-zinha*, tal como podemos verificar no gráfico que segue:

Gráfico 55 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* no século XX: total de ocorrências



Fonte: O Autor

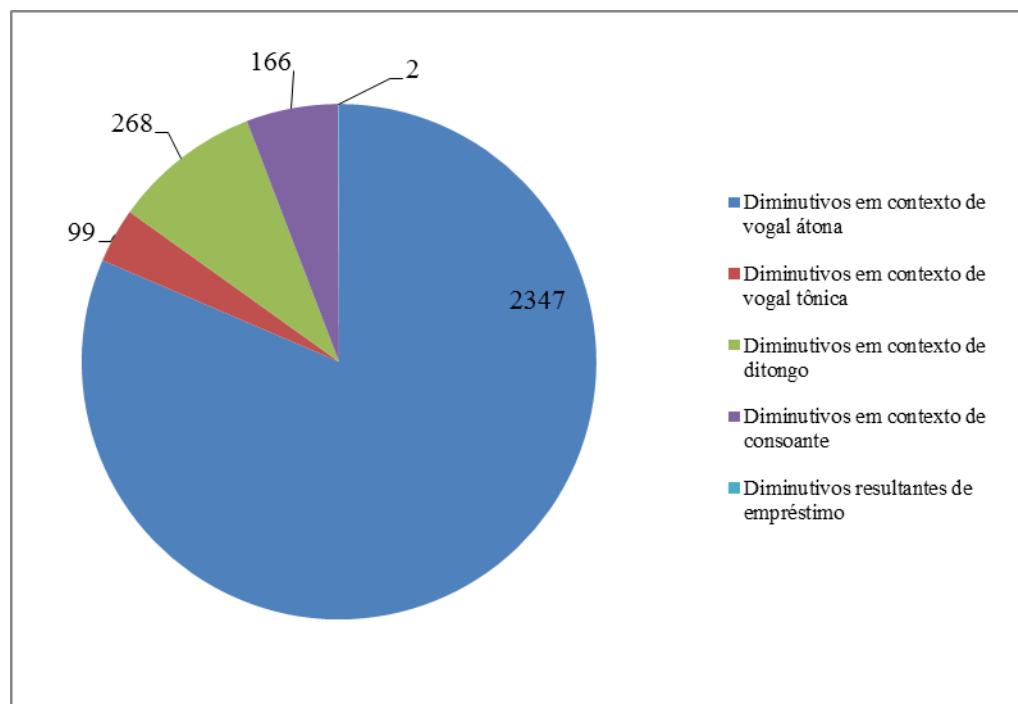
De acordo com esse gráfico, é possível perceber que, dentre os 2882 diminutivos em *-inho* identificados nesse século, 71,512% de suas ocorrências – o que corresponde a 2061 exemplos – são representadas pelas formas *-inho*, *-inha*, e 28,487% – isto é, 821 exemplos – por *-zinho*, *-zinha*, ou seja, os diminutivos formados com aquelas formas são, aproximadamente, 2,5 vezes mais frequentes que os com estas.

Salientamos, ainda, que, contrastivamente ao século XIX – quando foram identificados 1229 diminutivos em *-inho*, *-inha*, e 739 em *-zinho*, *-zinha* (cf. Gráfico 47) –, há, no século XX, 832 diminutivos a mais com aquelas formas e somente 82 com estas, o que significa, em tese²⁸⁰, que o número de diminutivos novos formados com *-inho*, *-inha* é, ao longo desse período, 10,146 vezes mais frequente que os diminutivos em *-zinho*, *-zinha*.

Em relação ao seu emprego ao longo desta sincronia, novamente verificamos a ocorrência desse sufixo em vários contextos, conforme o gráfico apresentado na sequência:

²⁸⁰ Estamos partindo, aqui, de um ponto de vista ideal em que todos os diminutivos em *-inho* do século anterior – os 1229 formados com *-inho*, *-inha* e os 739 com *-zinho*, *-zinha* – teriam sido preservados.

Gráfico 56 – Diminutivos em *-inho* e suas variações no século XX: contextos de ocorrência



Fonte: O Autor

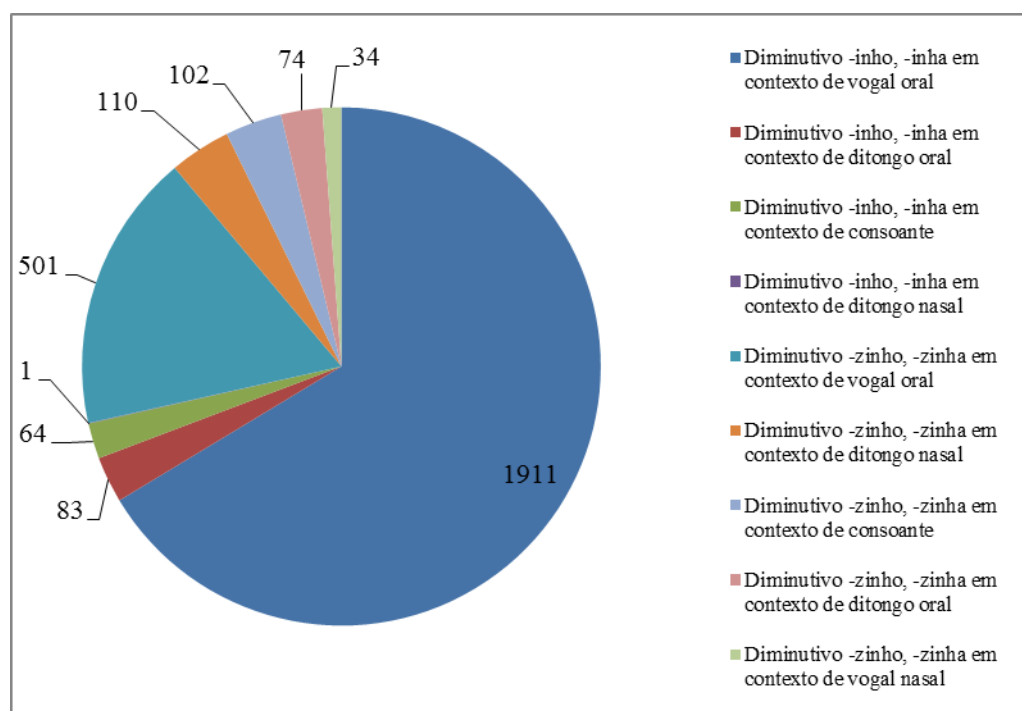
Considerando os dados do gráfico acima, verificamos que, do mesmo modo que nas quatro sincronias anteriores, o sufixo *-inho* ocorre em quatro contextos²⁸¹, a saber: *vogal átona*; *vogal tônica*; *ditongo*; e *consoante*. De todos esses contextos, é o primeiro aquele que se caracteriza como o mais frequente, a partir do qual se formaram 2347 diminutivos – todos a partir de uma vogal oral –, o que corresponde a 81,493% dos diminutivos formados com o sufixo *-inho*; os demais contextos, portanto, têm uma participação inferior a 20%, nos seguintes termos: 3,437% dos diminutivos são formados de uma palavra terminada em vogal tônica – são 99 exemplos nesse contexto; 9,305% têm como palavra primitiva uma palavra que termina em ditongo – ao todo são 268 os diminutivos assim formados; e 5,763% (ou 166 exemplos) formados a partir de palavras em cujo final está uma consoante.

É preciso advertir, ainda, que as diferentes formas do sufixo em questão não são empregadas da mesma maneira nesses contextos, ou seja, as formas sufixais *-inho*, *-inha* e

²⁸¹ Em conformidade com o que já fizemos, ao analisar os sufixos diminutivos em seus aspectos formal e funcional, em relação às sincronias aqui descritas, excluímos de nossa análise os diminutivos existentes em português resultantes do empréstimo a outras línguas. Desse modo, o total de diminutivos que analisaremos corresponde a 2880, distribuídos nos contextos apresentados no gráfico acima.

-zinho, *-zinha* são empregadas diferentemente a depender da terminação da palavra à qual devem ser acrescentadas, conforme demonstra o gráfico abaixo:

Gráfico 57 – Diminutivos em *-inho* e suas variações no século XX: contextos específicos de ocorrência



Fonte: O Autor

Esse gráfico revela, portanto, que as formas sufixais diminutivas *-inho*, *-inha* podem ser acrescentadas a palavras que terminam em vogal oral – as quais são todas átonas –, em consoante, em ditongo oral e em ditongo nasal. É possível perceber, ainda, a partir do gráfico acima, que os três últimos contextos são pouco importantes para o emprego das referidas formas, uma vez que contribuem com apenas 7,187% dos diminutivos formados com elas: os 83 diminutivos formados de palavras terminadas em ditongo oral correspondem a 4,031%; os 64 que se formaram a partir de palavras que terminam em consoante equivalem a 3,108%; e há um único diminutivo formado com *-inho*, *-inha* a partir de uma palavra que termina em ditongo nasal, o que corresponde a 0,048% das formações resultantes do acréscimo dessas formas. Por outro lado, é diante de palavras que terminam em vogal átona oral que temos a maior frequência de emprego das formas *-inho*, *-inha*, totalizando 1911 exemplos, ou seja, este contexto concentra 92,812% dos diminutivos formados com essas formas sufixais. Já em relação à totalidade dos diminutivos em *-inho* – isto é, 2880 –,

a participação de cada um desses contextos é, respectivamente, a seguinte: 2,881%; 2,222%; 0,034%; e 66,354%.

Considerando, agora, os dados constantes no gráfico anterior sob a perspectiva das formações diminutivas que resultam do acréscimo das formas *-zinho*, *-zinha*, constatamos, inicialmente, que estas ocorrem em um contexto a mais, a saber: diante de palavras terminadas em vogal nasal. Também com essas formas, vemos que a maior parte das formações se dá a partir de palavras que terminam em vogal oral – são 501 diminutivos, o que equivale a 61,023% das formações –, mas com uma participação bem maior dos demais contextos, os quais, juntos, quase compreendem 40% dos diminutivos formados, conforme a descrição que segue: 110 diminutivos formados a partir de palavras terminadas em ditongo nasal, o que significa uma participação de 13,398% nas formações com *-zinho*, *-zinha*; 102 diminutivos que têm como palavra primitiva uma palavra que termina em consoante, o que representa 12,423%; em 74 ocorrências (ou 9,013%), as formas *-zinho*, *-zinha* são acrescentadas a palavras com final em consoante; e 34 diminutivos resultam do acréscimo dessas formas a palavras que terminam em vogal nasal, representando 4,141% de todos os diminutivos formados com *-zinho*, *-zinha*. Quando analisamos a participação de cada um desses contextos em relação ao total de diminutivos formados com *-inho*, vemos que eles correspondem a 17,395%, 3,819%, 3,541%, 2,569% e 1,180%, respectivamente.

Diante das análises apresentadas nos dois últimos parágrafos, verificamos, portanto, que, apesar de *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* serem empregadas com maior frequência em contexto de vogal oral, esse contexto é muito mais importante para aquelas formas que para estas, de tal forma que, a cada 10 diminutivos que recebem *-inho*, *-inha*, 9,2 ocorrerão nesse contexto, enquanto que, de 10 diminutivos formados com *-zinho*, *-zinha*, 6,1 serão formados a partir de vogal oral. Em suma, podemos concluir que, se, por um lado, as formações em *-inho*, *-inha*, ocorrem, prioritariamente, com palavras primitivas que terminam em vogal oral (átona), por outro as formações com *-zinho*, *-zinha* encontram-se bem mais distribuídas entre todos os contextos nos quais ocorrem, isto é, com *-zinho*, *-zinha*, não obstante seu emprego seja mais frequente com palavras que terminam em vogal oral, os demais contextos, quando somados, formam mais de 1/3 (um terço) dos diminutivos com essas formas.

Tendo em vista, pois, o que apresentamos até aqui acerca do uso das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha*, podemos caracterizá-las, brevemente, da seguinte maneira:

a) *nenhuma dessas formas é empregada em um único contexto*

No Gráfico 57, observamos que, ao longo do século XX, tanto *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha* ocorrem em vários contextos, embora com mais frequência em uns que em outros.

b) *alguns contextos favorecem mais o emprego de uma forma que de outra*

Embora, como vemos no Gráfico 57, as formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* possam ser acrescentadas a palavras que terminam em vogal oral, o número de diminutivos formados com aquelas formas é muito superior à quantidade de diminutivos que se formam com estas formas nesse mesmo contexto – são, respectivamente, 1911 (as quais são todas átonas) e 501 (436 átonas e 65 tônicas), ou seja, quase 4 vezes mais. Esse fato nos permite concluir que o contexto em questão é mais favorável ao emprego das formas *-inho*, *-inha* que de *-zinho*, *-zinha*. Já em contexto de consoante, há muito mais formações com *-zinho*, *-zinha* que com *-inho*, *-inha* – temos 102 diminutivos formados com o acréscimo daquelas formas e 64 com estas. De modo semelhante, então, concluímos que o contexto *consoante* é mais favorável ao uso de *-zinho*, *-zinha* que ao de *-inho*, *-inha*.

c) *há contextos que são restritivos ou quase restritivos, admitindo o emprego de apenas uma dessas formas ou quase exclusivamente de uma delas*

Novamente considerando os dados presentes no Gráfico 57, podemos observar que, quando uma palavra termina em vogal nasal, ela poderá formar o diminutivo apenas com as formas *-zinho*, *-zinha* e jamais com *-inho*, *-inha*. Semelhantemente, ainda de acordo com o referido gráfico, o contexto ditongo nasal é quase exclusivo de *-zinho*, *-zinha*, sendo muito rara a ocorrência de *-inho*, *-inha* – de todos os diminutivos formados ao longo do século XX tendo como ponto de partida esse contexto, 110 receberam aquelas formas, e 1 recebeu a forma *-inha*.

Com essas considerações, buscaremos, na seção que segue, oferecer mais informações sobre o comportamento do sufixo *-inho* – mais especificamente através da descrição do comportamento das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* – em cada um dos contextos em que é empregado. Para isso, tomaremos como base, sobretudo, os dados presentes nos Gráficos 56 e 57 e as análises relativas a eles apresentadas nos parágrafos que se sucederam.

5.5.1.1 O sufixo *-inho* em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional

O sufixo diminutivo *-inho*, em cada uma das formas sob as quais se manifesta, tem o seu emprego orientado em conformidade com a terminação da palavra à qual essas formas devem ser acrescentadas. Nesse sentido, ao longo desta seção, apresentaremos as principais características (fonéticas, morfológicas e funcionais) que decorrem da combinação das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* com os contextos nos quais ocorrem. Além disso, procuraremos determinar se o emprego de cada uma delas sofre a influência dos fatores *número de sílabas das palavras às quais são acrescentadas* para formar o diminutivo e a *posição da sílaba tônica na palavra primitiva*.

5.5.1.1.1 O diminutivo *-inho* em contexto de vogal átona oral

Este contexto é, conforme já brevemente antecipamos, o principal contexto de emprego do sufixo diminutivo *-inho*, tanto para as formas *-inho*, *-inha*, quanto para *-zinho*, *-zinha*. Apesar disso, é possível perceber que há diferenças no emprego de cada uma dessas formas no contexto em foco, tanto no que se refere à quantidade de ocorrências, quanto em relação à forma como se combinam com a terminação da palavra primitiva.

Do ponto de vista quantitativo, o número de diminutivos que resultam do acréscimo de *-inho*, *-inha* a palavras que terminam em vogal átona oral é, aproximadamente, 4,38 vezes maior que o número de diminutivos que se formam com *-zinho*, *-zinha* nesse mesmo contexto – no *corpus* em análise, são 1911 diminutivos com as primeiras formas, e 436 com estas, o que dá, para cada uma delas, nessa ordem, 81,423% e 18,576% de participação na formação de diminutivos nesse contexto. Com isso, podemos concluir que, na sincronia em estudo, no contexto focalizado, o emprego de *-inho*, *-inha* é preferível ao de *-zinho*, *-zinha*. Tais dados demonstram, portanto, que, contrariamente ao que afirmam Said Ali (*op. cit.*, p.54) e Bechara (*op. cit.*, p.362) – conforme exposto no início da descrição dos diminutivos no século XX –, o uso de *-inho*, *-inha* e de *-zinho*, *-zinha* não é indiferente diante de palavras que terminam em vogal átona oral, mas o contrário: há uma significativa predominância de uma dessas formas sobre a outra – no caso, de *-inho*, *-inha* sobre *-zinho*, *-zinha*.

Consideremos, agora, o emprego das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* sob a perspectiva do modo como se combinam com a palavra primitiva. Em relação às primeiras, verifica-se que o seu emprego resulta na eliminação da vogal átona oral que termina a palavra, conforme os exemplos a seguir:

AçafatINHO ← *AçafatE*
 BaguINHA ou BaguINHAs ← *BagA*
 CabrestilhINHOS ← *CabrestilhO*
 DepressINHA ← *DepressA*
 EitINHO ← *EitO*
 FortINHO ← *FortE*
 GaroINHA ← *Garoa*
 HomINHO ← *HomE* [<~>] *HomEM*
 IndagorINHA ← **IndagorA* [<~>] *Ainda agorA*
 JeitosINHA <~> JeitozINHA ← *JeitosA* <~> *JeitozA*
 LacINHO ou LacINHOS ← *Laço*
 MadrugadINHA ← *MadrugadA*
 NovelINHA ← *NovelA*
 Porta-retratINHO ← *Porta-retratO*
 SargadINHO ← **SargadO* [<~>] *SalgadO*

Há de destacar-se, ainda, no tocante à combinação das formas *-inho*, *-inha* com palavras que pertencem ao contexto ora descrito, que, além da referida subtração da vogal átona oral, pode ocorrer, também, a fusão da vogal [i] do sufixo com a semivogal [j] de um ditongo decrescente que antecede a vogal final, fato esse já identificado, por exemplo, entre os séculos XVI e XIX.

AreINHO ← *AreiA*
 CheINHA ou CheINHAs ← *CheiA*
 CheINHO ← *CheiO*
 FeINHA ← *FeiA*
 FeINHO ← *FeiO*
 GaINHO ← *GaiO* [<~>] *GanhO*
 JoINHA ← *JoiA* <~> *JóiA*
 LacraINHA ou LacraINHAs ← *Lacraia*
 PaINHO ← *PaiO*
 PaveINHA ← *PaveiA*
 PraINHA ou PraINHAs ← *PraiA*
 SaINHA ← *SaiA*

Os exemplos a seguir mostram, contudo, que a combinação descrita no parágrafo anterior é opcional, isto é, o sufixo pode ser, somente, justaposto à semivogal do ditongo, a qual permanece intacta:

CandeiINHA ← *CandeiA*
 CatraiINHO ← *CatraiO*
 CeiINHA ← *CeiA*
 CheiINHA ou CheiINHAs ← *CheiA*
 CheiINHO ou CheiINHOS ← *CheiO*
 CorreiINHA ← *CorreiA*
 FeiINHA ← *FeiA*

Enquanto as formações com *-inho*, *-inha* têm como regra geral a eliminação da vogal átona oral que se encontra no final da palavra à qual as referidas formas devem ser acrescentadas, os dados sob análise indicam que o acréscimo de *-zinho*, *-zinha* não promove nenhuma alteração na forma da palavra primitiva – inclusive nem as do tipo *modificação* (ou *substituição*) de <a> ou <o> em (por) <e> ou <i> (e menos geralmente do tipo <e> em (por) <i>), as quais se verificam nos dados dos séculos XV, XVI e XVII –, sendo as tais formas acrescentadas imediatamente na sequência da vogal átona oral em questão. Os exemplos que abaixo apresentamos ilustram bem tal fato:

AldeiaZINHA ou AldeiaZINHAs ← *AldeiA*
 BafoZINHO ← *Bafo*
 CarneSINHAs ← *CarnE*
 DispositivoZINHO ← *DispositivO*
 EncaixeZINHO ← *EncaixE*
 GramaticaZINHA ← *GramáticA*
 HorizonteZINHO ← *HorizontE*
 JuroZINHO ← *JurO*
 LuaZINHAs ← *LuA*
 MovimentoZINHOS ← *MovimentO*
 NovilhaZINHA ← *NovilhA*
 RachaZINHA ← *RachA*
 SanduicheZINHOS ← *SanduíchE*
 TabernáculoZINHO ← *TabernáculO*
 VisceraZINHA ← *VíscerA*

Ainda com base na análise dos 2347 diminutivos em *-inho* formados a partir de palavras que apresentam como terminação uma vogal átona oral, passamos a analisá-los sob a perspectiva do emprego das formas sufixais *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* em relação ao número de sílabas e à posição da sílaba tônica da palavra primitiva. Quanto ao número de sílabas, verificamos que ambas as formas podem ser empregadas com palavras dissílabas, trissílabas ou polissílabas (o mesmo ocorrendo com palavras paroxítonas ou proparoxítonas – não há no *corpus* nenhum diminutivo formado a partir de um monossílabo átono), conforme os exemplos contidos nos quadros abaixo:

Quadro 48 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de vogal átona oral em palavras dissílabas: séc. XX

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>	Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>	Palavras primitivas
AlmINHA ou AlmINHAs ←	<i>AlmA</i>	AlmaZINHA <~> AlmaSINHA ←	<i>AlmA</i>
CalmINHO ←	<i>CalmO</i>	DunaZINHAs ←	<i>DunA</i>
DircINHA ←	<i>Dirce</i>	FardoZINHO ←	<i>FardO</i>
FranguINHO ou FranguINHOS ←	<i>FrangO</i>	GrandeZINHOS ←	<i>GrandE</i>
HortINHA ←	<i>HortA</i>	ParteZINHA ←	<i>PartE</i>
PousINHO ←	<i>PousO</i>	TenroZINHO ←	<i>TenrO</i>

Fonte: O Autor

Quadro 49 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de vogal átona oral em palavras trissílabas: séc. XX

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>	Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>	Palavras primitivas
CabecINHA ou CabecINHAs ←	<i>Cabeça</i>	BochechoSINHO ←	<i>BochechO</i>
ElvirINHA ←	<i>ElvirA</i>	CabrochaSINHA ←	<i>CabrochA</i>
FardadINHO ←	<i>Fardado</i>	EncontroZINHO ←	<i>EncontrO</i>
JumentINHO ou JumentINHOS ←	<i>JumentO</i>	HumildeZINHOS ←	<i>HumildE</i>
ModernINHA ←	<i>ModernA</i>	InvejaZINHA ←	<i>InvejA</i>
RomancINHO ←	<i>Romance</i>	SaidaZINHAs ←	<i>Saída</i>

Fonte: O Autor

Quadro 50 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de vogal átona oral em palavras polissílabas: séc. XX

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>	Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>	Palavras primitivas
AborrecidINHA ←	<i>AborrecidA</i>	AlbuquerqueZINHO ←	<i>AlbuquerqueE</i>
CarrapatINHO ←	<i>CarrapatO</i>	CaravelaZINHAs ←	<i>CaravelA</i>
EstudantINHOS ←	<i>EstudantE</i>	HipopotamoZINHO ←	<i>HipopótamO</i>
MadrugadINHA ←	<i>MadrugadA</i>	PassarecoZINHOS ←	<i>PassarecO</i>
PequeninINHA ou PequeninINHAs ←	<i>PequeninA</i>	SofredoraZINHA ←	<i>SofredorA</i>
SanduíchINHO ←	<i>SanduíchE</i>	RabanadaZINHA ←	<i>RabanadA</i>

Fonte: O Autor

Apesar disso, qualquer que seja o número de sílabas da palavra primitiva, o emprego das formas *-inho*, *-inha* é sempre mais frequente que o de *-zinho*, *-zinha* – continuando, assim, o que já foi apontado em relação às sete sincronias anteriores –, na seguinte proporção: com palavras dissílabas, foram encontrados 780 diminutivos formados com *-inho*, *-inha*, e 201 com *-zinho*, *-zinha*, o que dá, respectivamente, a cada uma delas a participação de 79,510% e 20,489% na formação de diminutivos a partir desse contexto; em relação às palavras trissílabas, temos 879 diminutivos em *-inho*, *-inha*, e 161 em *-zinho*, *-zinha*, ou seja, a participação das formas *-inho*, *-inha* é maior ainda neste contexto que no anterior, correspondendo a 84,519% das formações contra 15,480% de *-zinho*, *-zinha*; por fim, com palavras que possuem mais de três sílabas, o número de diminutivos formados com *-inho*, *-inha* – o qual é igual a 252 – alcança 77,300% do total, e os diminutivos em *-zinho*, *-zinha* – que são em um total de 74 – correspondem somente a 22,699% de todas as formações ocorridas neste contexto.

Se é possível concluir, ao considerar-se o emprego de cada uma das formas do sufixo *-inho*, que muito é a influência do fator *número de sílabas da palavra primitiva*, o mesmo se pode afirmar quando o seu emprego é considerado sob a perspectiva do fator *posição da sílaba tônica da palavra primitiva*. Nesse sentido, constata-se, a partir dos dados sob análise, que as formas com *-inho*, *-inha* somente são mais frequentes com palavras paroxítonas: são 1891 diminutivos que receberam estas formas, e 408 que receberam *-zinho*, *-zinha*, o que, em termos percentuais, significa que 82,253% dos diminutivos que se formam a partir de palavras paroxítonas que terminam em vogal átona oral recebem *-inho*, *-inha*, e 17,746%, *-zinho*, *-zinha*; quando, no entanto, a palavra primitiva é proparoxítona, as formas mais frequentes são *-zinho*, *-zinha*: identificamos, nesse contexto, 28 diminutivos com *-zinho*, *-zinha* – número

esse que equivale a 58,333% dos diminutivos que se formaram a partir desse contexto – e 20 (ou 41,666%) formados com *-inho*, *-inha*. Diante desses dados, vemos, portanto, que as formas *-zinho*, *-zinha*, embora sejam mais frequentemente empregadas que *-inho*, *-inha* com palavras proparoxítonas, possuem importância menor que a que possuem as formas *-inho*, *-inha* no contexto em que são predominantes: com as palavras paroxítonas, *-inho*, *-inha* são 4,634 vezes mais frequentes que *-zinho*, *-zinha*, enquanto que, com palavras proparoxítonas, *-zinho*, *-zinha* são, apenas, 1,4 vez mais frequentes que *-inho*, *-inha*.

Como vimos até aqui, no contexto em foco, as formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* podem ser empregadas tanto com palavras que possuam duas, três ou mais sílabas, quer sejam, ainda, paroxítonas, quer proparoxítonas. Tal possibilidade tem criado, conforme já apresentado em relação a outras sincronias, situações em que uma mesma palavra possui, simultaneamente, um diminutivo feito com as primeiras dessas formas e outro com as últimas, como segue:

ArgolaZINHA ← *Argola*
ArgolINHA ou ArgolINHAs ← *Argola*

BifeZINHO ← *Bife*
BifINHO ou BifINHOS ← *Bife*

CaixeirINHO ou CaixeirINHOS ← *Caixeiro*
CaixeiroZINHO ← *Caixeiro*

DiferençaZINHA ← *Diferença*
DiferençINHA ← *Diferença*

ElviraZINHA ← *ElvirA*
ElvirINHA ← *ElvirA*

FermentINHO ← *FermentO*
FermentoZINHO ← *FermentO*

GrandeZINHOS ← *GrandE*
GrandINHO ou GrandINHOS ← *GrandE*

InstrumentINHOS ← *InstrumentO*
 InstrumentoZINHO ← *InstrumentO*

LeveZINHA ou LeveZINHAs ← *Leve*
 LevINHA ou LevINHAs ← *Leve*

MaquinaZINHA ← *Máquina*
 MaquinINHA ou MaquinINHAs ← *Máquina*

MusicaZINHA ← *Música*
 MusiquINHA ← *Música*

RalINHO ← *Ralo*
 RaloZINHO ← *Ralo*

Diante do exposto, fica, portanto, evidente que, no contexto em questão, o uso das formas *-inho*, *-inha* não exclui o uso de *-zinho*, *-zinha*.

5.5.1.1.2 O diminutivo *-inho* em contexto de consoante

Entre os diminutivos em *-inho* formados a partir de palavras terminadas em consoante, identificamos, ao longo do século XX, 166 ocorrências, das quais 64 (ou 38,554%) são formadas com o acréscimo das formas *-inho*, *-inha*, e 102 (ou 61,445%), com *-zinho*, *-zinha*. No quadro abaixo, apresentamos alguns diminutivos formados a partir desse contexto:

Quadro 51 – Diminutivos em *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* em contexto de consoante: séc. XX

Diminutivos em <i>-inho</i> , <i>-inha</i>	Palavras primitivas	Diminutivos em <i>-zinho</i> , <i>-zinha</i>	Palavras primitivas
AtrizINHA ←	<i>AtriZ</i>	ApresentadoreZINHOS ←	<i>ApresentadoR</i>
DevagarINHO ←	<i>DevagaR</i>	CoronelZINHO ←	<i>CoroneL</i>
DoisINHOS ←	<i>DoiS</i>	DorZINHA ou DorZINHAs ←	<i>DoR</i>
IgualINHO ←	<i>IguaL</i>	FinalZINHO ←	<i>FinaL</i>
MadrugaINHO ←	<i>MadrugaL</i>	MaterialZINHO ←	<i>MateriaL</i>
JantarINHO ou JantarINHOS ←	<i>JantaR</i>	ProfessorZINHO ←	<i>ProfessoR</i>
SimplesINHA ←	<i>SimpleS</i>	SalZINHO ←	<i>SaL</i>
VozINHA ←	<i>VoZ</i>	TamborZINHO ←	<i>TamboR</i>

Fonte: O Autor

A partir da análise dos exemplos que compõem o nosso *corpus*, verificamos que o emprego dessas formas é influenciado por fatores como *tipo de consoante que termina a palavra, número de sílabas e posição da sílaba tônica* da palavra primitiva, conforme passamos a descrever na sequência.

Ao longo desta sincronia, como em outras aqui abordadas, as consoantes que aparecem em final de palavra são <l>, <r>, <s> e <z>, sendo que, com palavras que terminam nas duas primeiras, são empregadas tanto *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha*, mas com as duas últimas são usadas somente *-inho*, *-inha*. Nos contextos em que ambas as formas podem ser empregadas, sempre há o predomínio de *-zinho*, *-zinha* sobre *-inho*, *-inha*: com as palavras terminadas em <l>, são 47 diminutivos com aquelas formas, e 24 com estas, o que corresponde, respectivamente, a 66,197% e 33,802% dos diminutivos nesse contexto; já com as palavras que terminam em <r>, foram identificados 55 diminutivos com *-zinho*, *-zinha*, e 10 com *-inho*, *-inha*, o que dá, respectivamente, a cada uma dessas formas uma participação de 84,615% e 15,384% na formação dos diminutivos originados de palavras terminadas nessa consoante. Quanto às outras consoantes, temos o seguinte resultado: com palavras terminadas em <s>, temos 12 diminutivos em *-inho*, *-inha*; e 18 diminutivos em *-inho*, *-inha* formados a partir de palavras que terminam em <z>.

No que se refere ao número de sílabas da palavra primitiva, as formas *-zinho*, *-zinha* são as mais frequentes quer esta tenha uma, quer duas, quer três ou mais sílabas. No primeiro contexto, constituído apenas por monossílabos tônicos, estas formas ocorrem em 60% dos casos contra 40% de *-inho*, *-inha* – foram identificados 15 exemplos com aquelas formas, e 10 com estas; dos 105 diminutivos resultantes de palavras dissílabas, 62 (ou 59,047%) resultam do acréscimo de *-zinho*, *-zinha* a essas palavras, e 43 (ou 40,952%) se formam com *-inho*, *-inha*; em contexto de palavras trissílabas, identificamos 20 ocorrências de *-zinho*, *-zinha* e 11 de *-inho*, *-inha*, equivalendo, respectivamente, a uma participação de 64,516% e 35,483% nesse contexto; com palavras polissílabas, somente foram empregadas as formas *-zinho*, *-zinha*.

Quando consideramos o emprego do sufixo diminutivo *-inho* do ponto de vista da posição da sílaba tônica das palavras que terminam em consoante, vemos que, também nesse contexto, o número de exemplos formados com *-zinho*, *-zinha* é superior ao formado por *-inho*, *-inha* – exceto com palavras paroxítonas –, conforme o que passamos a expor: são 15 ocorrências daquelas formas contra 10 destas com palavras monossílabas tônicas, ou seja, 60% dos diminutivos neste contexto são formados com *-zinho*, *-zinha*, e 40% com *-inho*, *-inha*; com palavras oxítonas, foram identificados 86 diminutivos em *-zinho*, *-zinha*, e 50 em

-inho, *-inha*, representando, assim, respectivamente, 63,235% e 36,764% das ocorrências; por fim, há 5 exemplos de diminutivos formados de palavras paroxítonas, dos quais 1 recebe *-zinho*, *-zinha*, e 4, *-inho*, *-inha*, isto é, com palavras paroxítonas terminadas em consoante, 80% dos diminutivos são formados com estas formas, e 20% com aquelas. Advertimos, ainda, que não foram encontrados exemplos de diminutivos formados a partir de palavra proparoxítona ou monossílabo átona terminada em consoante.

Em conformidade com o exposto, vemos que as formas *-zinho*, *-zinha* e *-inho*, *-inha* apresentam em comum alguns contextos de ocorrência, fato esse que possibilita que uma mesma palavra possa ter duas formas diminutivas, uma feita com *-inho*, *-inha*, outra com *-zinho*, *-zinha*, tal como segue:

AventalINHO ← *AventaL*

AventalZINHO ← *AventaL*

CasalINHO ou CasalINHOS ← *CasaL*

CasalZINHO ← *CasaL*

IgualINHO ← *IguaL*

IgualZINHO ← *IguaL*

JantarINHO ou JantarINHOS ← *JantaR*

JantarZINHO ← *JantaR*

PardalINHO ← *PardaL*

PardalZINHO ← *PardaL*

PastorINHO ou PastorINHOS ← *PastoR*

PastorZINHO ← *PastoR*

RaülINHO ← *RauL*

RaulZINHO ← *RauL*

Para finalizar esta descrição acerca do uso do sufixo *-inho* com palavras que apresentam em seu final uma consoante, consideramos importante discutir a forma como se dá a combinação tanto de *-inho*, *-inha*, quanto de *-zinho*, *-zinha* com as palavras que

pertencem ao referido contexto. Nesse sentido, tendo em vista os exemplos apresentados e os demais que compõem o *corpus* sob análise, fica evidente que o acréscimo dessas formas não provoca nenhuma alteração na palavra primitiva, isto é, para que sejam acrescentadas *-inho*, *-inha* ou *-zinho*, *-zinha* não há necessidade nem de eliminação da consoante final, nem de inserção de um elemento vocálico entre a forma sufixal e a consoante final. Há situações, todavia, em que se pode verificar a existência de um elemento vocálico entre a consoante e o sufixo, conforme alguns dos exemplos abaixo:

ApresentadoreZINHOS ← *ApresentadoR*
 BarZINHOS ← *BaR*
 CanaiZINHOS ← *Canal*
 DorZINHAs ← *DoR*
 FavorZINHOS ou FavoreZINHOS ← *FavoR*
 GolZINHOS ← *GoL*
 IguaiZINHAs <~> IguaiSINHAs ← *IguaL*
 JornaisZINHOS ← *JornaL*
 LençôizINHOS ← *LençoL*
 MaiorZINHOS ← *Maior*
 MulhereZINHAs <~> MulherZINHAs <~> MulherSINHAs ← *MulheR*
 PapeizINHOS <~> PapéizINHOS ← *PapeL*
 PasteizINHOS ← *PasteL*
 RèizINHOS ← *ReaL*

Tal fato, como vemos, somente ocorre quando as formas do sufixo *-inho* empregadas são *-zinho*, *-zinha* e em palavras no plural, sendo que o referido elemento vocálico corresponde a um morfema flexional de plural. Essa marcação interna do plural, que, como vínhamos advertindo ao longo das sincronias anteriores, era opcional, torna-se cada vez mais usada ao longo do século XX, pelo menos com as palavras que terminam em <l>, pois, com palavras em <r>, os exemplos indicam que essa marcação continua podendo ou não ser feita.

5.5.1.1.3 O diminutivo *-inho* em contexto de ditongo oral

Igualmente ao que ocorre nos dois contextos anteriores, no contexto *ditongo oral* encontram-se empregadas, ao longo do século XX, tanto as formas diminutivas *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha*, sendo que as primeiras são um pouco mais frequentes: são 83

diminutivos formados com o acréscimo de *-inho*, *-inha*, e 74 com *-zinho*, *-zinha*, o que significa que cada uma delas tem participação, respectivamente, em 52,866% e 47,133% dos diminutivos formados a partir de palavras terminadas nesse contexto. Novamente aqui, verificamos que os dados vão de encontro à descrição apresentada tanto por Said Ali (*op. cit.*, p.54), quanto por Bechara (*op. cit.*, p.362), os quais afirmam que o contexto ditongo oral não admite o acréscimo da forma *-inho*, mas somente o de *-zinho*, *-zinha*, ou seja, o referido contexto não só admite o emprego de *-inho*, como ocorre com grande frequência, inclusive superior ao emprego de *-zinho*, *-zinha*.

Quanto ao modo como essas formas se combinam com a palavra primitiva, consideremos, inicialmente, os diminutivos formados com *-inho*, *-inha* apresentados abaixo:

AgüINHA <~> AguINHA ← ÁgUA
 BoINHO ← BOI
 CelINHA ← CéLIA
 FriINHO ← FrIO
 GetulINHO ← GetúLIO
 MinguINHA ← MíngUA
 NegocINHO ← Negócio
 ParvoINHA ← PárvoA
 RadINHO ← RádIO
 SandalINHA ou SandalINHAs ← Sandália

A partir desses exemplos é possível apontar os seguintes comportamentos das formas *-inho*, *-inha* em relação à palavra primitiva: *a)* com os ditongos crescentes que apresentam outra semivogal que não [j], elimina-se a vogal átona oral do ditongo, e acrescentam-se as formas em questão ao radical da palavra primitiva; *b)* com ditongos decrescentes em que a vogal do ditongo for [i], elimina-se a semivogal do ditongo e acrescenta-se a forma sufixal; *c)* se a semivogal do ditongo for [j] – e este for do tipo crescente –, além da eliminação da vogal átona final, ocorre a fusão da semivogal com a vogal [i] do sufixo.

Já as formas *-zinho*, *-zinha*, ao serem acrescentadas a palavras que terminam em ditongo oral – independentemente de ser crescente ou decrescente –, não provocam nenhuma alteração na forma dessas palavras, vindo imediatamente após elas, conforme os exemplos a seguir:

AméliaZINHA ← AméLIA
 BoiZINHO ou BoiZINHOS ← BOI
 ChapéuZINHO ← ChapÉU
 CrustaceoZINHO ou CrustaceoZINHOS ← CrustácEO
 DegrauZINHO ou DegrauZINHOS ← DegrAU
 ÉguaZINHA ← ÉgUA
 MarioZINHO ← MárIO
 NeiZINHO ← NEI
 ShowZINHO ← ShOW
 VocabulárioZINHO ← VocabulárIO
 ProvidenciaZINHA ← ProvidêncIA

É importante destacar, ainda, com base nos exemplos analisados, que o emprego das formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* sofre a influência de fatores como o *número de sílabas* e a *posição da sílaba tônica* da palavra primitiva. Nesse sentido, se uma palavra é monossílaba ou polissílaba, o emprego de *-zinho*, *-zinha* é mais frequente que o de *-inho*, *-inha*, do seguinte modo: dos 19 diminutivos formados a partir de palavras monossílabas, 17 receberam *-zinho*, *-zinha*, e 2, *-inho*, *-inha* – o que corresponde, respectivamente, a 89,473% e 10,526% das ocorrências; com os diminutivos que possuem como palavra primitiva um polissílabo, cujo total identificado no *corpus* em análise foi de 11 exemplos, 10 resultam do acréscimo de *-zinho*, *-zinha*, e somente 1 é formado com *-inho*, *-inha* – o que, em termos percentuais, equivale, nessa ordem, a uma participação de 90,909% e 9,090% na formação dos diminutivos nesse contexto.

Quando, no entanto, o emprego do sufixo diminutivo *-inho* deve ser feito com palavras dissílabas ou trissílabas, as formas mais frequentes passam a ser *-inho*, *-inha* e não mais *-zinho*, *-zinha*: no primeiro contexto, por exemplo, são 43 exemplos com aquelas formas, e 27 com estas, o que dá, para cada uma delas, nessa ordem, uma participação de 61,428% e 38,571% na formação dos diminutivos a partir desse contexto; já na situação em que o diminutivo se forma de uma palavra trissílaba, identificamos 37 diminutivos com *-inho*, *-inha* e 20 com *-zinho*, *-zinha*, o que, em outras palavras, significa dizer que 64,912% dos diminutivos formados a partir de palavras trissílabas recebem *-inho*, *-inha*, e que 35,087% recebem *-zinho*, *-zinha*.

A partir do exposto nos dois últimos parágrafos, é possível concluir, portanto, que, no contexto *ditongo oral*, os contextos *palavra monossílaba* e *palavra polissílaba* – nos quais predominam *-zinho*, *-zinha* – são muito mais restritivos ao emprego de *-inho*, *-inha* do que são

a *-zinho*, *-zinha* os contextos *palavra dissílaba* e *palavra trissílaba* – nos quais *-inho*, *-inha* são mais frequentes: naqueles contextos, de cada 10 diminutivos formados, aproximadamente 9 são com *-zinho*, *-zinha*, e 1 com *-inho*, *-inha*; já nestes, de cada 10 diminutivos, aproximadamente 6 recebem *-inho*, *-inha*, e 4, *-zinho*, *-zinha*.

Analisando, agora, o uso do sufixo *-inho* em relação à posição da sílaba tônica da palavra primitiva, temos os seguintes resultados: 19 são os diminutivos formados a partir de monossílabos tônicos, dos quais 17 (ou 89,473%) receberam *-zinho*, *-zinha*, e 2 (ou 10,526%), *-inho*, *-inha*; 7 têm origem em palavras oxítonas, e todos eles foram formados com *-zinho*, *-zinha*; há 131 diminutivos que resultam do acréscimo de *-inho* a palavras paroxítonas, sendo que a 81 (ou 61,832%) deles foram acrescentadas as formas *-inho*, *-inha*, e a 50 (ou 38,167%), *-zinho*, *-zinha*²⁸². Esses dados nos levam a uma conclusão igual à que foi dada quanto ao uso dessas formas em relação ao número de sílabas da palavra primitiva, a saber: os contextos em que as formas *-zinho*, *-zinha* são mais frequentes, isto é, com palavras primitivas monossílabas tônicas e oxítonas, o uso de *-inho*, *-inha* é, de certa forma, mais restrito – a proporção nesses contextos é de 9 para 1 –, o que não se verifica no contexto em que estas são mais frequentes que aquelas, ou seja, com palavras paroxítonas, no qual temos, aproximadamente, 4 diminutivos em *-zinho*, *-zinha* para cada 6 em *-inho*, *-inha*.

Por fim, destacamos que, em virtude da possibilidade de as formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* serem empregadas em um mesmo contexto – por exemplo, com palavras dissílabas (ou trissílabas) paroxítonas etc. –, há alguns diminutivos que, partindo de uma mesma palavra terminada em ditongo oral, recebem tanto uma, quanto outra forma, tal qual nos exemplos abaixo:

ÁguaZINHA ← ÁgUA
 AgüINHA <~> AguINHA ← ÁgUA

BoINHO ← BOI
 BoiZINHO ou BoiZINHOS ← BOI

GloriaZINHA ← GlórIA
 GlorINHA ou GlorINHAs <~> GlôrINHAs ← GlórIA

²⁸² Como neste contexto não identificamos, ao longo desta sincronia, nenhum diminutivo formado a partir de palavras monossílabas átonas ou de palavras proparoxítonas, não apresentaremos nenhum juízo a respeito do emprego de *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* nesses contextos.

LinguaZINHA ← *LíngUA*

LingüINHA ← *LíngUA*

MiserINHA ← *MisérIA*

MisèriaZINHA ← *MisérIA*

RadINHO ← *RádIO*

RadioZINHO ← *RádIO*

5.5.1.1.4 O diminutivo *-inho* em contexto de vogal nasal, ditongo nasal e vogal oral tônica

Ao longo do século XX – semelhantemente ao que ocorre nos séculos anteriores –, os contextos vogal nasal, vogal oral tônica e ditongo nasal recebem (quase) exclusivamente as formas *-zinho*, *-zinha*. Com palavras terminadas em vogal nasal, por exemplo, foram identificados 34 diminutivos, todos eles formados com *-zinho*, *-zinha*, conforme segue²⁸³:

AssinZINHO ← *AssIM*

BonZINHO ou BonZINHOS ← *BOM*

ComunZINHO ← *ComUM*

IrmãZINHA ← *Irmã*

NenenZINHA ← *NenEN* <~> *NenÉN* <~> *NenÉM*

O mesmo fato se verifica em relação às palavras que terminam em vogal tônica oral – contexto a partir do qual se formaram 65 diminutivos –, como nos exemplos abaixo:

BuqueZINHOS ← *BuquÊ*

CanguruZINHO ← *CangurU*

GuriZINHO ← *GurI*

ItaimbeZINHO ← *ItaimbÉ*

NhoZINHO ← *NhÔ*

PaZINHA ← *PÁ*

SararaZINHO ← *SararÁ*

²⁸³ A palavra *nenen* <~> *nenén* <~> *neném*, a partir da qual se formou o diminutivo *nenenzinha* (*nenen* <~> *nenén* <~> *neném* → *nenenzinha*) está sendo considerada, aqui, como terminada em uma vogal nasal e não em um ditongo, diferentemente do que passamos a considerar, a partir do século XIX (cf. seção 5.4.1.1.4), para a realização fônica da terminação *-em* e *-en*.

Na sincronia em estudo, o único desses três contextos que não possui a totalidade de seus diminutivos resultantes do acréscimo de *-zinho*, *-zinha* é o contexto ditongo nasal, no qual se identificou 1 ocorrência com *-inha* – o que representa 0,900% do total de diminutivos formados nesse contexto –, a qual vai apresentada na sequência:

MaINHA ← MÃI [<->] MÃE

Todos os outros 110 exemplos que se originaram desse contexto receberam as formas *-zinho*, *-zinha*, o que significa que 99,099% dos diminutivos que se originaram de uma palavra terminada em ditongo nasal receberam estas formas. Eis alguns exemplos:

ApresentaçãoZINHA ← Apresentação
 BençãoZINHA ← Bênção
 BenZINHO ← BEM
 ChantagenZINHA ← Chantagem
 ChãoZINHO ← Chão
 DemãoZINHA ← Demão
 JovenZINHOS ← Jovem
 MamãeZINHA ← Mamãe

Do ponto de vista do processo de formação desses diminutivos, os exemplos analisados indicam que: *a)* os formados com *-zinho*, *-zinha* não apresentam nenhuma modificação na forma da palavra primitiva; *b)* já o acréscimo da forma *-inha* provoca a fusão da vogal [i] do sufixo com a semivogal do ditongo.

Advertimos, no entanto, que, ao fazer-se o plural dos diminutivos que resultam do acréscimo das formas *-zinho*, *-zinha* a palavras que terminam em <ão>, encontram-se tanto a flexão interna do ditongo, quanto o acréscimo do morfema de plural *-s* após o sufixo, como nas palavras a seguir:

AnõeZINHOS ← Anão
 CãeZINHOS ← Cão
 InstituiçãoZINHAS ← Instituição
 PãeZINHOS ← Pão
 PensõeZINHAS ← Pensão
 QuestõeZINHAS ← Questão
 SalõeZINHOS ← Salão

Esse tipo de marcação do plural – opcional, por exemplo, entre os séculos XVI e XVIII – torna-se cada vez mais frequente ou obrigatória a partir do século XIX, de modo que todos os diminutivos plurais formados de palavras primitivas em <ão> apresentam essa dupla marcação do plural.

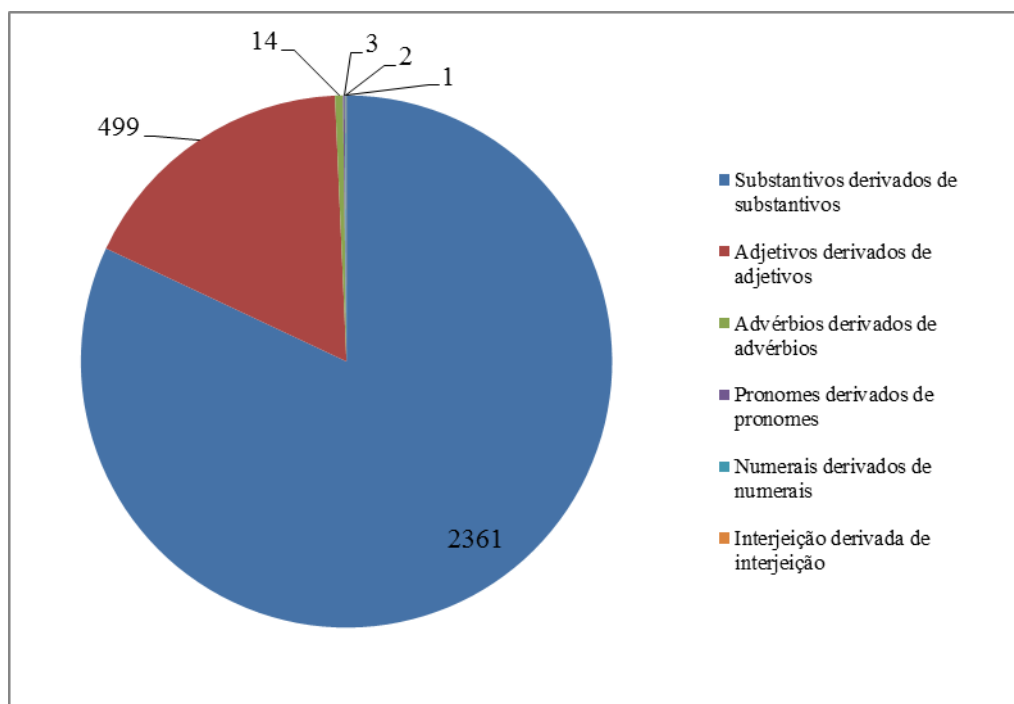
5.5.1.2 O sufixo -inho na relação entre o gênero do primitivo versus o gênero do derivado e classe de palavra do primitivo versus classe de palavra do derivado

Outros dois aspectos morfológicos do diminutivo que estamos abordando ao longo das descrições até aqui apresentadas acerca dos diminutivos formados com o sufixo *-inho* contemplam a relação existente entre o diminutivo e a palavra a partir da qual se formou, no que se refere à classe morfológica a que ambos pertencem e ao gênero de ambos, objetivando – como já vimos pelo exposto nas demais sincronias abordadas – examinar se o diminutivo pertence à mesma classe morfológica que a palavra primitiva e, ainda, se conserva o mesmo gênero que esta palavra.

Assim, no que se refere ao século XX, temos, quanto à discussão sobre a classe morfológica, o resultado que segue neste gráfico²⁸⁴:

²⁸⁴ Também nas análises quanto à classe morfológica e ao gênero – do mesmo modo que fizemos nas seções anteriores –, não incluiremos os 2 diminutivos identificados no século XX como resultantes de empréstimo a outras línguas. Desse modo, o total de diminutivos que serão aqui analisados fica reduzido de 2882 – número esse que corresponde, como vimos no Gráfico 54, ao total de diminutivos em *-inho* identificados no século XX – para 2880. Especificamente em relação ao gênero, ao excluirmos os 15 diminutivos que não possuem gênero – 14 advérbios e 1 interjeição –, esse número ficará reduzido a 2865.

Gráfico 58 – Diminutivos em *-inho* no século XX: classe de palavra do primitivo *versus* classe de palavra do derivado

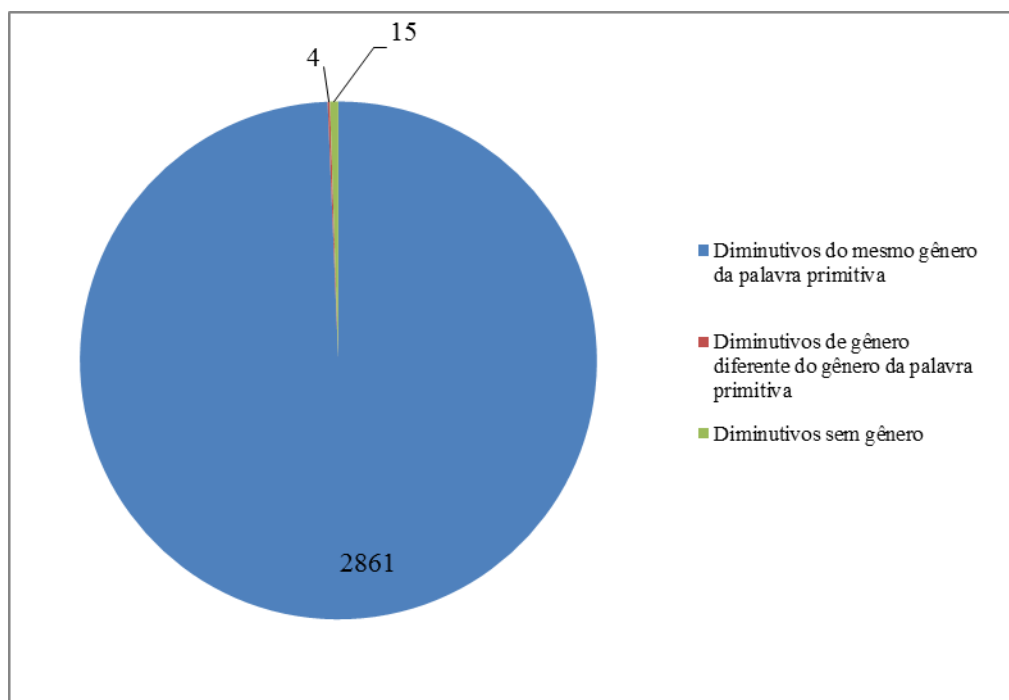


Fonte: O Autor

Diante desses dados, concluímos, portanto, que, nesta sincronia, os diminutivos em *-inho* são caracterizados por conservar a mesma classe morfológica que o seu primitivo, ou seja, todos os substantivos se formaram a partir de outros substantivos, assim como os adjetivos, os advérbios, os pronomes, os numerais e a interjeição foram formados, respectivamente, a partir de outros adjetivos, advérbios, pronomes, numerais e interjeição.

No que concerne ao gênero, é possível constatar que raramente há divergência entre o gênero do diminutivo e o gênero da palavra à qual o sufixo foi acrescentado, conforme os dados do gráfico a seguir:

Gráfico 59 – Diminutivos em *-inho* no século XX: gênero da palavra primitiva *versus* gênero da palavra derivada



Fonte : O Autor

Assim, vemos que, dos 2865 diminutivos formados a partir de palavras que possuem gênero, em apenas 4 exemplos ambas as palavras – a primitiva e a derivada – possuem gêneros diferentes, os quais vão apresentados abaixo:

AreINHO ← *AreiA* (Sf → Sm)
 CarrINHA ou CarrINHAs ← *CarrO* (Sm → Sf)
 FlanelINHA ou FlanelINHAs ← *FlanelA* (Sf → Sm)
 GrãoZINHA ou GrãoZINHAs ← *GrÃO* (Sm → Sf)

Faz-se importante observar, ainda, em relação à descrição do gênero dos diminutivos nesta sincronia – do mesmo modo que já ocorrera na sincronia anterior –, a existência de vários substantivos e adjetivos terminados em *-inho* e *-inha* (mais nesta que naquela terminação) que apresentam, respectivamente, o gênero feminino e masculino, contrariando, assim, a ocorrência geral dessas formas, a qual é de indicar, respectivamente, os gêneros masculino e feminino. Eis alguns exemplos desse fato:

AmparINHO ← *AmparO* (Sf → Sf)
 BraguINHA ← *BragA* (Sm → Sm)

- CarioquINHA ← *CariocA* (Adjm → Adjm)
 CarmINHO ← *CarmO* (Sf → Sf)
 CesINHA ← **CesA* [<~>] *CésaR* (Sm → Sm)
 CinemINHA ← *CinemA* (Sm → Sm)
 DjalminINHA ou DjalminINHAS ← *Djalma* (Sm → Sm)
 DudINHA ← *DudA* /← *EduardO* (Sm → Sm)
 EsquemINHA ← *EsquemA* (Sm → Sm)
 FerreirINHA ← *FerreirA* (Sm → Sm)
 GarrinchINHA ← *GarrinchA* (Sm → Sm)
 GasparINHO ← *GaspaR* (Sf → Sf)
 JuquINHA ← *JucA* (Sm → Sm)
 MapINHA ← *MapA* (Sm → Sm)
 MotINHA ← *MotA* (Sm → Sm)
 NadINHA ← *NadA* (Sm → Sm)
 PequerruchINHA ← **PequerruchA* (Adjm → Adjm)
 PiraporINHA ← *PiraporA* (Sm → Sm)
 PoemINHA ou PoemINHAS ← *PoemA* (Sm → Sm)
 SambINHA ← *Samba* (Sm → Sm)

Esse tipo de construção, por sua vez, ocorre mais frequentemente, de acordo com o *corpus* aqui analisado, com nomes próprios (prenomes, nomes de lugares, sobrenomes, apelidos, hipocorismos etc.), embora, como verificamos nos exemplos acima, também ocorra com substantivos comuns e com adjetivos.

Por fim, para concluir a nossa discussão sobre os diminutivos em *-inho* ao longo deste século, destacaremos a existência de nomes próprios diminutivos, os quais são, nesse período, ainda mais frequentes que no(s) anterior(es), alcançado um total de 407 exemplos, entre nomes de pessoas, de lugares, sobrenomes, apelidos, hipocorismos etc., o que corresponde a 14,131% dos 2880 diminutivos identificados nesta sincronia – no século XIX, foram identificados 163 nomes próprios diminutivos, o que correspondia a 8,286% dos diminutivos desse período.

Esses nomes, por seu lado, no que se refere ao seu processo de formação, podem receber tanto as formas *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha*, conforme demonstram os exemplos apresentados na sequência:

- AdelinINHO ← *Adelin*O (Sm → Sm)
 BelenZINHO <~> BelémZINHO ← *BelÉM* (Sm → Sm)
 CamiloSINHOS ← *Camilo* (Sm → Sm)
 CèuZINHA ← *CÉU* ← *Maria do CéU* (Sf → Sf)
 DecINHO ← *DécIO* (Sm → Sm)
 ElviraZINHA ← *ElvirA* (Sf → Sf)
 HelenINHA ← *HelenA* (Sf → Sf)
 ItaimbeZINHO ← *ItaimbÉ* (Sm → Sm)
 JairZINHO ← *JaiR* (Sm → Sm)
 LuluZINHA ou LuluZINHAs ← *Lulu* ← *LúciA* ou *LuziA* (Sf → Sf)
 ManuelINHO ← *ManueL* (Sm → Sm)
 NenenZINHA ← *NenEN* <~> *NenÉN* <~> *NenÉM* (Sf → Sf)
 OlivINHA ← *OlívIA* (Sf → Sf)
 PlatãoZINHO ← *PlatÃO* (Sm → Sm)
 RuiZINHO ← *RUI* (Sm → Sm)
 SusanINHA ← *SusanA* (Sf → Sf)
 TupãZINHO ← *TupÃ* (Sm → Sm)

A partir desses exemplos, verifica-se que os nomes próprios diminutivos apresentam as mesmas características que apresentamos até aqui para os diminutivos de uma forma geral, tais como: conservam o mesmo gênero e pertencem à mesma classe morfológica que a palavra que lhe deu origem; as formas sufixais *-inho*, *-inha* são acrescentadas somente a palavras que terminam em vogal átona oral, ou em ditongo oral, ou em consoante, sendo que, neste último contexto, a palavra primitiva permanece inalterada quando estas são acrescentadas, mas, nos dois primeiros, há, respectivamente, a eliminação da vogal átona oral e a eliminação da vogal átona oral e fusão da semivogal [j] com a vogal [i] do sufixo; as formas *-zinho*, *-zinha* ocorrem com palavras terminadas em vogal átona oral, em vogal tônica oral, em consoante, em ditongo nasal e oral e, ainda, com palavras que terminam em vogal nasal, não ocorrendo, em nenhum desses contextos, alteração da forma da palavra primitiva quando de seu acréscimo.

Para finalizar, destacamos a existência, também nesta sincronia, de diminutivos em *-inho* formados a partir de outros diminutivos, conforme segue:

- CabritINHO ou CabritINHOS ← *Cabrito*
 CaixotINHOS ← *CaixotE*

ColherinhaZINHA ← *Colherinha*
 FilhotINHO ← *FilhotE*
 MigalhINHAs ← *MigalhA*
 PeliculaZINHA ← *Película*
 PequeninINHA ou PequeninINHAs ← *PequeninA*
 PombinhoZINHO ← *PombinhO*
 RiachINHO ou RiachINHOS ← *RiachO*
 RodelINHA ou RodelINHAs ← *RodelA*
 SacudidelINHA ← *Sacudidela*

Nesse casos, o emprego do novo sufixo diminutivo serve como um intensificador da significação já existente na palavra à qual foi acrescentado.

5.5.1.3 O sufixo -inho em seus contextos de emprego: caracterização semântica

O estudo semântico dos diminutivos já apontou, até fins do século XIX, várias significações para esse tipo de construção, tais como *tamanho pequeno*, *desprezo*, *afeição*, *compaixão*, *intensidade* e *quantidade*. Além disso, acrescentamos, em nossa classificação semântica dos diminutivos, a significação de *duração*. Assim, com exceção do último significado – apenas indiretamente referido sob a nomenclatura *tempo* –, os demais continuam sendo apontados, ao longo do século XX, em estudos como os de Said Ali (*op. cit.*), Cunha & Cintra (*op. cit.*), Bechara (*op. cit.*). Em Silva (SILVA, A., 2006, p.219-244), Turunen (*op. cit.*) e Skorge (1956-1957; 1958) também são listados vários significados para os sufixos diminutivos, os quais, a nosso ver, podem ser reduzidos à classificação que vem sendo empregada ao longo desta pesquisa e que continuaremos adotando em relação à semântica dos diminutivos no século XX²⁸⁵, conforme a seguir, em relação aos diminutivos em *-inho*.

²⁸⁵ Em Skorge (1956-1957, p.222-305; 1958, p.20-53), por exemplo, são apontados os seguintes tipos de diminutivos: tamanho pequeno; atenuação; depreciativo; ironia; cobiça; gosto; familiaridade — carinho; ‘santa vidinha’; lembrança saudosa; desejo ardente; quantidade; tempo; ambiente de crianças; nomes de crias; ambiente religioso; superlativo; desprezo; intensificação; sinal de prazer; pensamento em coisas agradáveis etc.. Tal classificação nos parece fortemente influenciada pela Pragmática, sem o que poderíamos reunir as significações acima elencadas nos seis tipos nos quais estamos classificando os diminutivos em português. Assim, a nossa nomenclatura *tamanho pequeno* compreende as significações de *tamanho pequeno* e *nomes de crias* proposta por Skorge (*loc. cit.*); a significação *aproximação afetiva positiva* corresponde aos tipos *cobiça*, *gosto*, *familiaridade* — *carinho*, ‘*santa vidinha*’, *lembrança saudosa*, *desejo ardente*, *ambiente de*

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

A significação de *tamanho pequeno* é, nesta sincronia – como, aliás, ocorre nas outras já descritas –, uma das mais frequentes, assim como as significações de *aproximação afetiva positiva* e de *intensidade*. Eis alguns dos exemplos identificados:

BoquINHA	{‘pequena boca’}	← BocA
CaixINHA	{‘pequena caixa’}	← CaixA
CarrINHO	{‘pequeno carro’}	← CarrO
CasINHA	{‘pequena casa’}	← CasA
CidadeZINHA	{‘pequena cidade’}	← CidadE
CorpINHO	{‘corpo pequeno’}	← CorpO
HomenZINHO	{‘pequeno homem’}	← HomEM
LaboratorioZINHO	{‘pequeno laboratório’}	← LaboratórIO
LugarZINHO	{‘pequeno lugar’}	← LugaR
ManchINHA	{‘pequena mancha’}	← ManchA
MesINHA	{‘pequena mesa’}	← MesA
NegrINHO	{‘pessoa negra com baixa estatura’}	← NegrO
PedacINHO	{‘pequeno pedaço’, ‘pequena parte’}	← PedaçO
SantINHO	{‘pequeno santo / pequena imagem de santo’}	← SantO
SinalZINHO	{‘pequeno sinal’}	← SinaL

Com algumas palavras, especificamente aquelas que se referem a animais ou a pessoas, essa significação pode vir associada ao tempo de vida do animal ou da pessoa em questão, seguindo um raciocínio lógico de que, após o seu nascimento, os animais e as pessoas aumentam de tamanho à medida que o tempo passa. Vejamos estes exemplos:

AlbertINHO	{‘pequeno e jovem Alberto’}	← AlbertO
AnimalZINHO ou AnimaiZINHOS	{‘animal jovem e pequeno’}	← AnimaL

crianças, ambiente religioso, sinal de prazer e pensamento em coisas agradáveis; já como equivalente da significação depreciação, temos em Skorge (loc. cit.) os significados depreciativo, ironia e desprezo; por fim, ao que chamamos diminutivos de intensidade, duração e quantidade correspondem, respectivamente, aos diminutivos de atenuação, superlativo e intensificação; tempo e quantidade. — Também em Rio-Torto (op. cit.), especialmente no segundo volume de sua pesquisa, encontramos uma ampla descrição semântica dos diminutivos portugueses no século XX, sendo analisada a sua significação, por exemplo, a partir da perspectiva de sua classe morfológica e da semântica das bases às quais os sufixos são acrescentados.

AntINHA {‘anta jovem e pequena’} ← *AntA*
 BoiZINHO ou BoiZINHOS {‘boi jovem e pequeno’} ← *BOI*
 CachorroZINHO {‘cachorro jovem e pequeno’} ← *CachorrO*
 ÉguaZINHA {‘égua jovem e pequena’} ← *ÉgUA*
 JumentINHO ou JumentINHOS {‘jumento jovem e pequeno’} ← *JumentO*
 MacaquINHA {‘macaca jovem e pequena’} ← *MacacaA*
 OncINHA ou OncINHAS {‘onça jovem e pequena’} ← *OnçaA*
 UrsINHO ou UrsINHOS {‘urso pequeno e jovem’} ← *UrsO*

Em palavras como as que seguem, além dessa associação entre tamanho pequeno e tempo de vida, é possível perceber, também, outra significação, seja de intensidade, seja de afeição, isto é, ao empregar-se o sufixo diminutivo, pode-se estar intensificando a ideia de tamanho pequeno e/ou de pouco tempo de vida ou, ainda, expressando a afeição em relação a determinado animal ou pessoa em função de seu pequeno tamanho e/ou pouco tempo de vida:

BacorINHO ou BacorINHOS ← *BácorO* <~> *BacorO*
 BebeZINHO ou BebeZINHOS ← *BebÊ*
 BezerrINHA ou BezerrINHAS ← *BezerraA*
 CabritINHO ou CabritINHOS ← *CabritO*
 InfanteZINHOS ← *InfantE*
 LeitãoZINHO ou LeitõeZINHOS ← *LeitÃO*
 MeninaZINHA ← *MeninA*
 PotroZINHOS ← *PotrO*

Tal fato, por sua vez, ocorre em virtude de a palavra primitiva já possuir uma significação que expressa *tamanho pequeno* e/ou *pouca idade*.

Ainda entre os diminutivos de tamanho pequeno, podem ser incluídos os adjetivos que expressam comprimento ou largura, conforme abaixo:

CurtINHA ou CurtINHAS {‘um tanto curta’} ← *CurtaA*
 DelgadINHO {‘um tanto delgado’} ← *DelgadoO*
 EsticadINHA {‘um tanto esticada’} ← *EsticadaA*
 GordINHO ou GordINHOS {‘um tanto gordo’} ← *GordoO*
 GrandeZINHOS {‘um tanto grande’} ← *GrandeE*
 GrossINHAS {‘um tanto grossa’} ← *GrossA*
 LarguINHO {‘um tanto largo’} ← *LargoO*

FinINHO ou FinINHOS {‘um tanto fino’} ← *FinO*
 MenorZINHA {‘um tanto menor’} ← *MenoR*
 MagrINHO ou MagrINHOS {‘um tanto magro’} ← *MagrO*

Observe-se que, nesses exemplos, uma vez que as respectivas palavras primitivas já significam tamanho pequeno, o sufixo diminutivo acaba por, além de transmitir a significação de tamanho pequeno, realçar ou intensificar a significação já existente na palavra primitiva.

b) Diminutivos de aproximação afetiva positiva

Entre os diminutivos que significam aproximação afetiva positiva – também bastante frequentes ao longo desse século –, podemos citar:

CamINHA {‘agradável cama’} ← *CamA*
 CorpINHO {‘corpo bonito’, ‘corpo frágil’} ← *CorpO*
 FilhINHO {‘querido filho’} ← *FilhO*
 GraçINHA {‘pessoa bonita e/ou encantadora’} ← *GraçaA*
 LabioSINHO {‘delicado lábio’} ← *LábIO*
 MãeZINHA {‘querida mãe’} ← *MãE*
 PaiZINHO {‘querido pai’} ← *PAI*
 PobreZINHA {‘pessoa coitada’} ← *PobrE*
 SantINHO {‘pessoa bondosa’} ← *SantO*
 SinhaZINHA {‘querida sinhá’} ← *SinhÁ*

c) Diminutivos de depreciação

Como diminutivos de depreciação, podem ser apresentados estes exemplos, dentre outros:

FradeZINHO {‘frade sem importância ou de pouco valor’} ← *Frade*
 GentINHA {‘pessoas sem importância ou sem valores morais’} ← *GentE*
 GramáticaZINHA {‘gramática de má qualidade’} ← *GramáticaA*
 LadrãoZINHO {‘ladrão de pouca expressão’} ← *LadrÃO*
 LivrINHO {‘livro sem valor ou importância’} ← *LivrO*
 MulherZINHA {‘mulher sem valores morais’, ‘mulher ruim’} ← *MulheR*
 PalavrINHA {‘palavra desagradável ou ofensiva’} ← *PalavrA*
 PapelZINHO {‘um papel qualquer’, ‘papel sem importância’} ← *Papel*
 RisINHO {‘riso falso’} ← *RisO*
 VestidINHO {‘vestido com poucos encantos ou feito de tecido de pouca qualidade’} ← *Vestido*

d) *Diminutivos de intensidade*

Outros diminutivos muito frequentes na sincronia em destaque são os que significam intensidade, conforme abaixo:

BonitINHA {‘um pouco bonita’, ‘muito bonita’} ← *BonitA*
 DevagarINHO {‘muito devagar’} ← *DevagaR*
 DorZINHA {‘dor pouco intensa’} ← *DoR*
 IgualZINHO {‘bastante parecido’} ← *IgualL*
 LimpINHO {‘bem limpo’} ← *LimpO*
 PertINHO {‘muito perto’} ← *PertO*
 PontINHA {‘um leve sentimento de’} ← *PontA*
 RedondoZINHO {‘muito redondo’} ← *RedondO*
 TristINHA {‘um pouco triste’} ← *TristE*
 TapINHAs {‘leve tapa’} ← *TapA*

e) *Diminutivos de duração*

Em relação aos diminutivos que expressam duração de um ‘evento’, podemos apresentar as seguintes palavras:

ChagadINHA {‘chegada [visita] breve’} ← *ChegadaA*
 CorridINHA ou CorridINHAs {‘breve corrida’} ← *CorridaA*
 InstantINHO {‘breve instante [momento]’} ← *InstantE*
 NadINHA {‘por pouco tempo’} ← *NadaA*
 OlhadINHA {‘olhada breve’} ← *OlhadaA*
 PalavrINHA {‘conversa rápida’} ← *PalavraA*
 PausINHA {‘breve pausa’} ← *PausA*
 SorrisoZINHO {‘breve sorriso’} ← *SorrisO*
 VisitINHA {‘visita breve’} ← *VisitA*
 VoltINHA {‘andar por pouco tempo’} ← *VoltaA*

f) *Diminutivos de quantidade*

Por fim, os diminutivos de quantidade, sempre em frequência inferior – assim como os de duração – em relação aos demais tipos:

AgüINHA {‘um pouco de água’} ← *ÁguaA*
 BigodINHO {‘bigode com poucos pelos’} ← *BigodeE*

CapitalZINHO {‘pequena quantidade de capital [dinheiro]’} ← *Capital*
 CestINHA {‘pessoa que mais fez cesta em um jogo ou campeonato’} ← *Cesta*
 ComidINHA {‘um pouco de comida’} ← *Comida*
 ForcINHA {‘um pouco de força’ [‘pequena ajuda’]} ← *Força*
 LuzINHA {‘pequena quantidade de luz’} ← *Luz*
 MetroZINHOS {‘poucos metros’} ← *Metro*
 PalavrINHAS {‘poucas palavras’} ← *Palavra*
 SanguINHO {‘pequena quantidade de sangue’} ← *Sangue*

É importante destacar que, frequentemente, o contexto no qual se dá o emprego de um diminutivo possibilita que ele seja compreendido, simultaneamente, de mais de uma maneira, o que faz com que se reconheça, nessa situação, diferentes tipos de diminutivo, como ocorre nestes exemplos:

AveZINHA {‘pequena e frágil ave’} ← *Ave*
 BichINHO {‘pequeno e querido bicho [animal]’} ← *Bicho*
 CantINHO {‘pequeno e querido canto [espaço]’} ← *Canto*
 MantINHA {‘pequena e agradável manta’} ← *Manta*
 MãoZINHA {‘pequena e delicada mão’} ← *Mão*
 NetINHA {‘pequena e estimada neta’} ← *Net*
 SantINHO {‘pequeno e querido santo’} ← *Santo*
 CaféZINHO {‘café agradável e em pequena quantidade’} ← *Café*
 NegrINHO {‘pessoa negra de baixa estatura considerada inferior’} ← *Negro*

Nos exemplos acima citados, é possível identificar as seguintes significações: em *cafezinho*, as significações de *quantidade* e *aproximação afetiva positiva*; em *negrinho*, *tamanho pequeno* e *depreciação*; nos demais, as significações de *tamanho pequeno* e *aproximação afetiva positiva*.

5.5.2 Sufixos em *-t-* e suas variações

Também os diminutivos em *-t-* – representados pelos sufixos *-ato*, *-ata*, *-ete*, *-eto*, *-eta*, *-ito*, *-ita*, *-oto* e *-ota* – são bastante frequentes ao longo do século XX, totalizando 503 ocorrências. Com os diminutivos a seguir, temos exemplos de cada um desses sufixos:

AlemãZITA ← *Alemã* (Sf → Sf)
 BacharelETE ← *Bacharel* (Sm → Sm)
 BracITO ou BracITOS ◀ esp. *bracITO*
 CabrITO ou CabrITOS < b.-lat. *caprĪTTUS*
 CroniquETA ◀ it. *cronicETTA*
 EsbocETOs ← *Esboço*
 EspigadOTA ← *Espigada* (Adjf → Adjf)
 FrioZITO ou FrioZITOS ← *FrIO* (Sm → Sm)
 LacETEs ← *Laço* (Sm → Sm)
 MarrãoZITO ← *Marrão* (Sm → Sm)
 MurETE ◀ fr. *murET* ou esp. *murETE*
 NovATA ou NovATAs ◀ esp. *novATA*
 NovATO ou NovATOs ◀ esp. *novATO*
 PerdigOTO ou PerdigOTOS < lat. vulg. **perdicOTTUS*
 VóZITA ← VÓ ← AvÓ

Entre esses diminutivos há, como vemos, palavras herdadas – 3 ocorrências –, empréstimo a outras línguas românicas – 237 ocorrências – e palavras formadas em português – 263 ocorrências. Vemos, desse modo, que, pela primeira vez, o número de diminutivos em *-t-* formados em português supera a soma dos diminutivos tomados de empréstimo e os herdados.

Quanto à frequência com que cada um dos sufixos acima listados ocorre, em relação à totalidade das palavras, os resultados são os seguintes, em ordem decrescente: *-ito* com 232 diminutivos (154 em *-ito* e 78 em *-zito*); *-ita* com 165 (116 em *-ita* e 49 em *-zita*); *-eta* com 42; *-ete* com 32; *-ota* com 22; *-eto* com 4; *-oto* com 3; *-ato* com 2; e *-ata* com 1 diminutivo.

Em relação, especificamente, aos diminutivos formados em língua portuguesa, os dados são estes: *-ito* com 138 ocorrências (75 em *-ito* e 63 em *-zito*); *-ita* com 89 (44 em *-ita* e 45 em *-zita*); *-ota* com 15; *-ete* com 10; *-eta* com 8 ocorrências; *-oto* com 2; e *-eto* com 1 ocorrência.

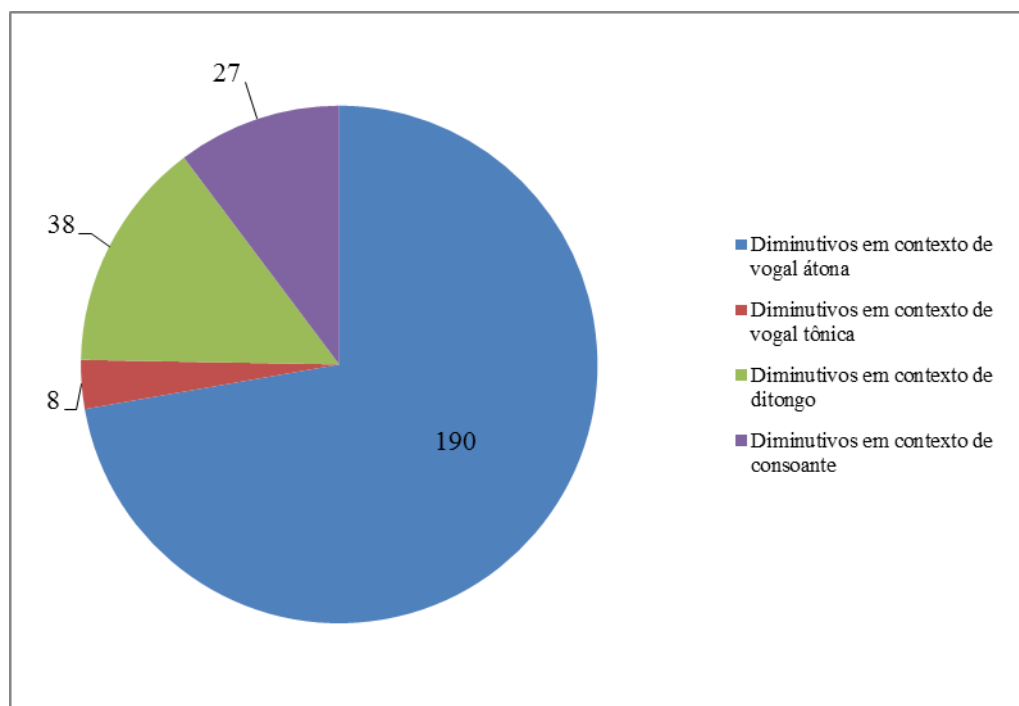
A partir, portanto, dos dados apresentados nos dois últimos parágrafos, constatamos que: os sufixos *-ito*, *-ita* são os mais produtivos nesse século, sendo que *-ito* é um pouco mais frequente que *-zito*, e *-ita* e *-zita* ocorrem na mesma proporção; os sufixos *-ato* e *-ata* não possuem nenhuma produtividade nesse século, tal qual ocorrido no século anterior; o mesmo se pode dizer em relação ao sufixo *-eto*, pois, embora tenha sido identificado um diminutivo com esse sufixo, trata-se do mesmo exemplo apontado no século XIX; o sufixo *-oto* surge

como produtivo, embora em uma de suas ocorrências seja numa forma masculina formada a partir de um diminutivo no feminino (*casinhoto* ~← *casinhota* ← *casinha*); os sufixos *-ete* e *-eta* são mais frequentes em palavras emprestadas que em formações portuguesas.

5.5.2.1 Sufixos em *-t-* em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional

Os diminutivos em *-t-* formados em português e identificados no século XX, assim como os que foram identificados no século XIX, não ocorrem em um único contexto, conforme gráfico a seguir:

Gráfico 60 – Diminutivos em *-t-* formados em português e suas variações no século XX: contextos de ocorrência



Fonte: O Autor

A partir desse gráfico, vemos que a maioria dos diminutivos em *-t-* é formada a partir de palavras que terminam em vogal átona – todas orais –, totalizando 190 ocorrências, o que corresponde a 72,243% dos diminutivos formados com esses sufixos. O segundo contexto a partir do qual mais se formaram diminutivos é o de palavras que terminam em ditongo, com 38 diminutivos, ou 14,448% das ocorrências. Em seguida, vêm os diminutivos que se formam a partir de palavras que terminam em consoante, com 27 exemplos, representando, assim, 10,266%. Por fim, vêm os diminutivos formados a partir de palavras terminadas em vogal

tônica – 6 orais e 2 nasais –, encontradas em 8 formações, o que corresponde a 3,041% de todos os diminutivos em *-t-*.

Observa-se, portanto, com base na descrição acima, que há uma importante relação entre o emprego dos sufixos em *-t-* e a terminação das palavras às quais são acrescentados. Desse modo, passaremos a analisar com mais pormenores essa relação nas seções seguintes.

5.5.2.1.1 Os diminutivos em *-t-* em contexto de vogal átona oral

Os diminutivos em *-t-* que se formam a partir de palavras terminadas em vogal átona oral totalizam, como vimos acima, 190 ocorrências. Observamos, no entanto, que nem todos os sufixos em *-t-* foram encontrados nesse contexto, mas somente *-ito*, *-ita*, com 156 ocorrências – 61 em *-ito*, 39 em *-ita*, 25 em *-zito* e 31 em *-zita* –; *-ota*, com 15 ocorrências; *-ete*, com 8; *-eta*, também com 8; *-oto*, com 2, e *-eto*, com 1 ocorrência. Eis alguns exemplos desse tipo de formação:

CasinhOTO ou CasinhOTOS ~← CasinhOTA ← CasinhA

EsbocETOs ← EsboçO

EspigadITA ← EspigadA

FabriquETA ou FabriquETAs ← Fábrica

GaguETE ← GagO

GalITOs ← GalO

BacorITOs ← BâcorO

RaparigOTA ← RaparigA

SaquITA ← SacA

VelhaquETE ← VelhacO

Considerando os exemplos acima, verificamos que os diminutivos em *-t-* podem ser acrescentados tanto a palavras que tenham duas e três sílabas, quanto a palavras de mais de três sílabas – quer elas sejam paroxítonas, quer proparoxítonas. Como consequência do emprego desses sufixos, temos a eliminação da vogal átona que ocorre no fim da palavra.

Observamos, ainda, que, com muita frequência – são 56 ocorrências, 25 em *-zito* e 31 em *-zita* –, os sufixos *-ito*, *-ita* vêm antecidos de um <z>, originando, assim, as formas *-zito* e *-zita*, como nestes exemplos:

BiquiniZITO ← *BiquínI* [<~>] *BiquinE*

JarroZITO ← *JarrO*

HortaliçaZITA ← *HortaliçaA*

MaquinaZITA ← *MáquinA*

RestauranteZITO ← *RestaurantE*

TerraZITA ← *TerrA*

Também essas formas, como vemos, podem ser empregadas com palavras dissílabas, trissílabas e polissílabas, quer paroxítonas, quer proparoxítonas. Diferentemente, no entanto, das formas não antecedidas de um <z>, as formas *-zito*, *-zita* unem-se à palavra primitiva sem eliminar a vogal átona final.

5.5.2.1.2 Os diminutivos em *-t-* em contexto de consoante

Ao longo do século XX, foram identificados 27 diminutivos formados a partir de palavras que terminam em consoante, das quais 7 são em <z>, 12 em <l>, 7 em <r> e 1 em <s>. Quanto aos sufixos empregados, identificamos *-ito* e *-ita* (respectivamente, sob as formas *-ito*, *-zito* e *-ita*, *-zita*) e *-ete*, conforme os exemplos a seguir:

ArrozITO ← *ArroZ*

VozITA ← *VoZ*

MontanhezITO ← *MontanheZ* [<~>] *MontanhêS*

CartazETE ← *CartaZ*

MeseZITOs ← *MêS*

AventalZITO ← *AventalL*

AventalITO ← *AventalL*

GolITOs ← *GoL*

BacharelETE ← *BachareL*

RaulZITO ← *RauL*

DorZITA ← *DoR*

MulherZITA ou MulherZITAs ← *MulheR*

LugarITOs ← *LugaR*

Cada uma dessas consoantes possui, no entanto, relacionamento diverso com o sufixo a ser acrescentado. Assim, por exemplo, enquanto as palavras terminadas em <z> e

<s> só recebem o sufixo sem a anteposição da consoante <z>²⁸⁶, as terminadas em <l> podem receber tanto uma, como outra – são 6 ocorrências em que o sufixo vem antecedido de <z> e 6 em que isso não se verifica. Já as que terminam em <r>, geralmente recebem o sufixo com um <z> antecedido, sendo as formações sem essa consoante menos frequentes – dos 8 diminutivos formados a partir de palavras em <r>, apenas 2 são formados desta maneira.

Não obstante se identifiquem essas divergências em relação à forma do sufixo a ser acrescentada, verifica-se que, no contexto sob análise, a forma da palavra primitiva não sofre alteração com o emprego do sufixo, ou seja, a nova palavra é, simplesmente, o resultado da combinação da palavra primitiva com o sufixo.

5.5.2.1.3 Os diminutivos em *-t-* em contexto de ditongo oral

Quando se forma um diminutivo com um dos sufixos em *-t-* a partir de palavra terminada em ditongo oral, o único sufixo empregado nas palavras que foram identificadas como diminutivos no século XX foi *-ito*, quase sempre com a consoante <z> antecédida, dando origem às formas *-zito*, *-zita*, conforme os exemplos a seguir:

AnúncioZITO ← *AnúncIO*
 BacalhauZITO ← *BacalhAU*
 ChapeuZITO ← *ChapEU*
 ÈguaZITA ← *ÉgUA*
 FrioZITO ou FrioZITOs ← *FrIO*
 JudeuZITO ← *JudEU*
 PauZITO ← *PAU*

Assim, dos 15 diminutivos formados a partir do contexto em questão, houve, apenas, uma palavra em que o sufixo não veio antecedido de <z>, a qual segue:

AntonITO ← *AntônIO* <~> *AntónIO*

²⁸⁶ Em *mesezitos*, o sufixo *-zito* ocorre em virtude da marcação interna do plural de *mês*. A forma singular, no entanto, é *mesito*, com *-ito* e não com *-zito*. Da mesma forma, se se optasse por não marcar o plural no interior da palavra, mas somente no fim, o plural de *mesito* seria *mesitos*.

Neste exemplo, observa-se que o acréscimo do sufixo provoca a eliminação de todo o ditongo através do seguinte processo: síncope da vogal átona final; e fusão da vogal [i] do sufixo com a semivogal [j] do ditongo. Quando, no entanto, as formas acrescentadas são *-zito*, *-zita*, não ocorre nenhuma alteração na forma da palavra primitiva.

5.5.2.1.4 Os diminutivos em *-t-* em contexto de vogal nasal, ditongo nasal e vogal oral tônica

Ao longo do século XX, foram identificados 31 diminutivos formados a partir dos contextos ditongo nasal, vogal tônica oral e vogal nasal – todas estas tônicas –, cada um deles apresentando, nessa ordem, 23, 6 e 2 ocorrências. Entre os dois últimos contextos, somente foram encontradas formações com *-zito*, *-zita*, como nas palavras abaixo:

BicharaZITO ← *BicharÁ*
 BoneZITO <~> BonéZITO ← *BonÉ*
 CafeZITOs ← *CafÉ*
 PiaZITO ← *PiÁ*
 VóZITA ← *VÓ* ← *AvÓ*
 ZeZITO ← *ZÉ* ← *JosÉ*
 AlemãZITA ← *AlemÃ*
 ManhãZITA ← *ManhÃ*

No contexto ditongo nasal, também predominam as formações com essas formas sufixais, como nestes exemplos:

AmpliaçãoZITA ← *AmpliaçÃO*
 BalãoZITO ← *BalÃO*
 CãoZITO ou CãeZITOs ← *CÃO*
 AragemZITA ← *AragEM*
 SelvagenZITO ← *SelvagEM*

Foram identificados, no entanto, 4 diminutivos nos quais essa regra geral não foi seguida, sendo eles formados com *-ito* e *-ita*, sem <z>, assim:

CanITOs ← *CÃO*
 ConceiçanITA ← *ConceiçÃO*

OraçanITA ← *Oraç*ÃO

VintenITOs ← *Vint*ÉM

Do ponto de vista da combinação desses sufixos com a palavra primitiva, vemos, a partir do exposto, que, naqueles contextos em que o sufixo empregado vem antecedido de um <z>, a palavra primitiva permanece inalterada. Contudo, se falta esse <z> à forma sufixal, como ocorreu em alguns diminutivos formados a partir de ditongo nasal, o ditongo foi reduzido a um monotongo nasal grafado <an> ou <en>, do que surge, posteriormente, a partir da combinação do sufixo com o grafema <n>, a consoante nasal [n] entre a forma que resta da palavra primitiva e o sufixo.

Cabe descrever, ainda, os diminutivos em *-t-* no que diz respeito à relação que estabelecem com a classe morfológica e com o gênero da palavra primitiva. A partir dos exemplos a seguir, é possível concluir que tanto uma, quanto outra característica é preservada pelo diminutivo, isto é, os diminutivos em *-t-* pertencem à mesma classe morfológica e conservam o mesmo gênero que as palavras a partir das quais foram formados:

AlemãZITA ← *Alem*Ã (Sf → Sf)

BaixOTA ← *Baix*A (Adjf → Adjf)

CabazITOs ← *Caba*Z (Sm → Sm)

CaféZITOs ← *Caf*É (Sm → Sm)

CambraiETA ← *Cambrai*A (Sf → Sf)

DegrauZITOs ← *Degr*AU (Sm → Sm)

EscovadITA ← *Escovad*A (Adjf → Adjf)

GaguETE ← *Gag*O (Adjm → Adjm)

MelhorZITA ← *Melho*R (Adjf → Adjf)

TaludITOs ← *Talud*O (Adjm → Adjm)

Nos diminutivos identificados no século XX, encontramos somente duas exceções em relação ao gênero, conforme abaixo:

CadernETA ou CadernETAs ← *Cadern*O (Sm → Sf)

SinETA ou SinETAs ← *Sin*O (Sm → Sf)

Esses diminutivos, no entanto, já foram apontados no século XIX, o que significa dizer que a mudança de gênero, a partir de diminutivos formados com sufixos em *-t-*, não teve produtividade no século XX.

Destacamos, também, entre as formações em *-t-* com significação diminutiva, a existência de nomes próprios diminutivos, conforme os exemplos a seguir:

AdelinITO ← *AdelinO*
 AdrianITO ← *AdrianO*
 FelicianITO ← *FelicianO*
 JorgITO ← *JorgE*
 RicardITO ← *RicardO*
 LaurITA ← *LaurA*
 LucindITA ← *LucindA*
 MadonnITA ← *MadonnA*
 NicOTA ← **NicA* *k*← *AnicA* ← *AnA*
 OscarITO ← *Oscar*
 RaulZITO ← *Raul*
 AntonITO ← *AntônIO* <~> *AntónIO*
 ConceiçanITA ← *ConceiçãO*
 NicolauZITO ← *NicolAU*
 ZeZITO ← *ZÉ* *k*← *JosÉ*

Essas formações são, como se depreende dos exemplos acima, feitas, em sua maioria, com o sufixo *-ito* – sob as formas *-ito*, *-ita*, *-zito*, *-zita* –, havendo, também, uma ocorrência com o sufixo *-ota*.

Do ponto de vista de suas características formais e funcionais, verificamos que esses diminutivos são caracterizados como os substantivos comuns e os adjetivos, ou seja, pertencem à mesma classe morfológica e conservam o mesmo gênero que as palavras a partir das quais se formaram; o sufixo *-ito* pode vir antecedido de um grafema consonantal <z>; quando a palavra termina em vogal átona, essa vogal é eliminada, desde que as formas a serem acrescentadas sejam *-ito*, *-ita*, e *-ota*; o acréscimo das formas *-zito*, *-zita* não altera a forma da palavra primitiva, independentemente de sua terminação; o emprego das formas *-ito* (e *-ita*) a palavras que terminam em ditongo crescente cuja semivogal é [j] implica a eliminação desse ditongo; o emprego de *-ito* e *-ita* com palavras que terminam em ditongo pode ocorrer com palavras que terminam em ditongo nasal, ocasião em que o ditongo é reduzido a um som vocálico representado por <an> ou <en>, com posterior desenvolvimento de um som nasal [n] entre a palavra primitiva e o sufixo.

Para finalizar, observamos a ocorrência de diminutivos formados a partir de palavras que já apresentam uma forma diminutiva, como nestes exemplos:

CasinhOTA ← CasinhA
 CoitadinhITA ← *CoitadinhA*
 GalinhOTO ← *GalinhO*
 MaquinetaZITA ← *MaquinetA*
 PequenitoZITO ← PequenitO
 PequetitITOs ← PequetitO
 RodelaZITA ← *Rodela*
 VelhaquETE ← *VelhacO*

Nesse tipo de construção, o novo sufixo diminutivo acrescenta à palavra à qual foi apensado a significação de intensidade.

5.5.2.2 Sufixos em -t- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Quanto ao significado, os diminutivos em -t- identificados no século XX podem ser classificados em diminutivos de *tamanho pequeno*, de *aproximação afetiva positiva*, de *depreciação*, de *intensidade*, de *duração* e de *quantidade*, conforme passaremos a demonstrar.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Os diminutivos que significam tamanho pequeno são os mais frequentes ao longo desse século, como nestes exemplos:

CasOTA ou CasOTAs {‘pequena casa’} ← *CasA*
 ChibATO {‘pequeno chibo [bode]’} ◀ esp. *chivATO* ou esp. *chibATO*
 BlusETA {‘pequena blusa’} ← *BlusA*
 EsbocETOs {‘pequeno esboço’} ← *EsboçoO*
 JardimETE {‘pequeno jardim’} ◀ fr. *jardinET*
 LagartoZITO {‘pequeno lagarto’} ← *LagartO*
 MurETE {‘pequeno muro’} ◀ fr. *murET* ou esp. *murETE*
 PassITO ou PassITOs {‘pequeno passo’} ◀ esp. *pasITO*
 SapatITAs {‘pequena sapata [sapato]’} ← *SapatA*

Entre esses diminutivos, há aqueles que associam a significação de pequeno tamanho com o pouco tempo de vida dos seres a que fazem referência, assim:

FilhITA {‘pequena e jovem filha’} ◀ esp. *hijITA*
 JorgITO {‘pequeno e jovem Jorge’} ← *JorgE*
 LuizITA {‘pequena e jovem Luíza’} ◀ esp. *LuisITA*
 MacaquITO {‘macaco pequeno e jovem’} ← *MacacO*
 RaposITO {‘raposo pequeno e jovem’} ◀ esp. *raposITO*

b) *Diminutivos de aproximação afetiva positiva*

Outros diminutivos bastante recorrentes ao longo do período em destaque são os que expressam aproximação afetiva positiva, a exemplo dos que seguem:

AdrianITO {‘estimado Adriano’} ← *AdrianO*
 EmpregadITA {‘estimada empregada’} ← *EmpregadA*
 IsabelITA {‘estimada Isabela’} ◀ esp. *IsabelITA*
 NetITO {‘querido neto’} ◀ esp. *nietITO*
 NicOTA {‘estimada Ana’} ← **NicA* ← *AnicA* ← *AnA*
 OrelhITAS {‘delicada orelha’} ◀ esp. *orejITA*
 OvelhOTA {‘estimada ovelha’} ← *OvelhA*
 RostITO ou RostITOs {‘rosto delicado’} ← *RostO*

c) *Diminutivos de depreciação*

Há outros que significam depreciação, conforme os que agora se apresentam:

ActrizITA {‘atriz pouco importante’} ← *ActriZ* [<~>] *AtriZ*
 BachareLETE {‘bacharel mal formado ou bacharel de mau caráter’} ← *BachareL*
 CoisITA ou CoisITAS {‘coisa pouco importante’} ◀ esp. *cosITA*
 EnxovalZITO {‘enxoval com pouco requinte’} ← *EnxovaL*
 FigurETA {‘figura digna de riso’} ◀ it. *figurETTA*
 PernETA {‘pessoa a quem falta uma perna’} ◀ esp. *pernETA*
 PoetaZITO {‘poeta de pouca importância’} ← *Poeta*
 RisOTA ou RisOTAs {‘riso de zombaria’} ◀ esp. *risOTA*

d) *Diminutivos de intensidade*

Os diminutivos de intensidade representam o segundo tipo de diminutivo mais encontrado no século XX, atrás, apenas, dos que significam tamanho pequeno. As palavras que seguem exemplificam esse tipo de diminutivo:

ConfuzOTA {‘um tanto confusa’} ← **ConfuzA* <~> *ConfusA*
 DorZITA {‘leve dor’} ← *DoR*
 EspigadOTA {‘um tanto espigada’} ← *Espigada*
 FrioZITO ou FrioZITOS {‘frio de pouca intensidade’} ← *Frio*
 GaguETE {‘um tanto gago’} ← *GagO*
 MagrITA {‘um tanto magra’} ◀ esp. *magrITA*
 PaixonETA ou PaixonETAs {‘paixão pouco intensa’} ◀ fr. *passionnETTE*
 VinhETE {‘vinho fraco’} ◀ cat. *vinET*

e) *Diminutivos de duração*

Nos diminutivos abaixo, a significação que transmitem é a de duração:

AtaqueZITO {‘ataque de curta duração’} ← *Ataque*
 CroniquETA {‘crônica breve’} ◀ it. *cronichETTA*
 DigressãoZITA {‘breve digressão’} ← *DigressÃO*
 FilmETE ou FilmETEs {‘filme curto’} ← *FilmE*
 NovelaETA {‘novela curta’} ◀ it. *NovellETTA* ou esp. *NovelETA* ou fr. *NovelETTE*
 PassadITAs {‘breve passada [visita]’} ◀ esp. *pasadITA*
 SilencioZITO {‘breve silêncio’} ← *SilêncIO*
 VoltITA {‘breve volta’} ◀ esp. *voltITA*

f) *Diminutivos de quantidade*

Enfim, os diminutivos de quantidade, o tipo menos frequente entre os diminutivos em *-t-* identificados ao longo desta sincronia:

ArrozITO {‘pequena quantidade de arroz’} ← *Arroz*
 BigodITO {‘bigode com poucos pelos’} ◀ esp. *bigotITO*
 DinheirITO {‘pouco dinheiro’} ◀ esp. *diñerITO*
 HoraZITAs {‘pouca hora [tempo]’} ← *HorA*
 HortaliçaZITA {‘pouca hortaliça’} ← *Hortaliça*
 PinguITA {‘pequena quantidade de algo’} ← *PingA*

Para finalizar, destacamos que, alguns dos diminutivos desse século, apresentam, ao mesmo tempo, mais de uma significação, como estes:

BracITO ou BracITOs {'pequeno e delicado braço'} ◀ esp. *bracITO*
 ConceiçanITA {'pequena e estimada Conceição'} ← *ConceiçÃ*ÃO
 FaceZITAs {'pequena e delicada face'} ← *FacE*
 GatITO {'pequeno e estimado gato'} ◀ esp. *gatITO*
 PaixonETA ou PaixonETAs {'paixão pouco intensa e de pequena duração'} ◀ fr. *passionnETTE*
 VozITA {'voz suave e bonita'} ← *VoZ*

Nos diminutivos acima, temos as seguintes significações: os quatro primeiros significam *tamanho pequeno* e *aproximação afetiva positiva*; o quinto, *intensidade* e *duração*; o último, *intensidade* e *aproximação afetiva positiva*.

5.5.3 O sufixo *-ino* e suas variações

Ao longo do século XX, foram identificados 3 diminutivos que possuem o sufixo *-ino* em sua estrutura, conforme abaixo:

PequenINO ou PequenINOs ◀ esp. *pequeninO*
 PequenINA ou PequenINAs ◀ esp. *pequeninA*
 PiquinINO [<~>] PequenINO ◀ esp. *pequeninO*

Esses diminutivos, no entanto, já vem sendo identificados desde o século XV, ou seja, na sincronia em análise, não foi identificada nenhuma formação nova com as formas *-ino*, *-ina*. Desse modo, para não repetir análises já feitas sobre a forma, o funcionamento e a semântica desse sufixo, remetemos para o que expusemos sobre ele quando o descrevemos naquele século.

5.5.4 Sufixos em *-lh-* e suas variações

Os diminutivos em *-lh-*, que foram identificados ao longo do século XX sob as formas *-alho*, *-alha*, *-elho*, *-elha*, *-ilho*, *-ilha* e *-ulha*, totalizam 39 exemplos. Desses, a grande maioria – ao todo 30 – resulta de empréstimo ao espanhol; outros 5 foram transmitidos pelo

latim vulgar²⁸⁷; e somente 4 foram formados em português²⁸⁸. Na sequência, exemplificamos cada uma dessas situações:

EstampILHA ou EstampILHAs ◀ esp. *estampILLA*
 FagULHA ou FagULHAs < lat. vulg. **facucŪLA*
 FedELHA ~← FedELHO < lat. vulg. **foetĭCULUM*
 FigurILHA ◀ esp. *figurILLA*
 GarotELHO ← *GarotO* (Sm → Sm)
 GrupELHO ou GrupELHOs ← *GrupO* (Sm → Sm)
 IntriguELHA ← *IntrigA* (Sf → Sf)
 MigALHA ou MigALHAs < lat. hsp. **micALĚA*
 MigALHO ou MigALHOs ~← MigALHA < lat. hsp. **micALĚA*
 NegrILHO ou NegrILHOs ◀ esp. *negrILLO*
 PoliticALHA ← *PolíticA* (Sf → Sf)
 TriguILHO ◀ esp. *triguILLO*

Em relação aos diminutivos formados em português, somente se encontram empregados os sufixos *-elho*, *-elha* e *-alha*, que ocorrem, respectivamente, em 2, 1 e 1 diminutivos. Por sua vez, esses diminutivos são formados a partir de palavras – 1 proparoxítone trissílaba; 3 paroxítonas, das quais uma é dissílaba, e duas são trissílabas – que terminam em vogal átona oral, vogal essa que acaba sendo eliminada quando o sufixo é acrescentado à palavra primitiva.

No que concerne à relação entre classe morfológica e gênero do diminutivo e da palavra primitiva, verificamos que os diminutivos em *-lh-* identificados ao longo desse século são da mesma classe morfológica que as palavras a partir das quais foram formados – todos são substantivos –, ao mesmo tempo em que conservam o gênero delas.

²⁸⁷ Estamos incluindo, aqui, a palavra *fedelha*, forma feminina de *fedelho* (*fedelha* ~← *fedelho*) – a qual, por sua vez, é palavra herdada do latim –, por meio da substituição da vogal temática *-o* pelo morfema flexional de gênero *-a*. A mesma é a situação de *migalho*, forma masculina de *migalha* (*migalho* ~← *migalha*) – palavra herdada do latim –, palavra esta que foi formada em português por meio da substituição da terminação *-a* pela terminação *-o*.

²⁸⁸ Os diminutivos em *-lh-* identificados no século XX são assim caracterizados do ponto de vista quantitativo e de seu processo de formação: 4 em *-elho* (2 formados em português; 1 herdado e 1 empréstimo); 2 em *-elha* (1 formada em português; 1 herdado); 2 em *-alha* (1 formado em português; 1 herdado); 1 em *-alho* (1 herdado); 10 em *-ilho* e 19 em *-ilha* (todos empréstimo ao espanhol); 1 em *-ulha* (herdado).

5.5.4.1 Sufixos em -lh- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Quanto aos significados transmitidos pelos diminutivos em *-lh-*, foram identificados os seguintes: *tamanho pequeno, depreciação e intensidade*.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

São exemplos de diminutivos que significam diminuição de tamanho:

BolsILHO {'pequeno bolso'} ◀ esp. *bolsILLO*
 BoquILHA ou BoquILHAs {'pequena boca'} ◀ esp. *boquILLA*
 EstampILHA ou EstampILHAs {'pequena estampa'} ◀ esp. *estampILLA*
 FigurILHA {'pequena figura'} ◀ esp. *figurILLA*
 GrupELHO ou GrupELHOs {'pequeno grupo'} ← *GrupO*
 TortILHA {'pequena torta'} ◀ esp. *tortILLA*

b) Diminutivos de depreciação

Entre os diminutivos de depreciação, podem ser citados estes:

CabecILHA ou CabecILHAs {'chefe de grupo rebelde'} ◀ esp. *cabecILLA*
 FedELHA {'criança atrevida, danada'} ~← FedELHO < lat. vulg. **foetĭCULUM*
 GrupELHO ou GrupELHOs {'grupo pouco importante'} ← *GrupO*
 IntriguELHA {'intriga por motivo pouco importante'} ← *Intriga*
 PoliticALHA {'política desprezível'} ← *Política*
 VeludILHO {'falso veludo'} ◀ esp. *velludILLO* ou esp. *veludILLO*

c) Diminutivos de intensidade

Com relação aos diminutivos de intensidade, eis alguns exemplos:

NegrILHO ou NegrILHOs {'um tanto negro'} ◀ esp. *negrILLO*
 PeadILHO ou PeadILHOs {'pecado não muito grave'} ◀ esp. *pecadILLO*
 RosILHO {'um tanto roso'} ◀ esp. *rosILLO*
 ToadILHA {'toada pouco intensa'} ◀ esp. *tonadILLA*

5.5.5 Sufixos em -c- e suas variações

No século XX, foram identificados 51 diminutivos formados por sufixos em -c-, sob a forma dos sufixos *-aco*, *-aca*, *-eco*, *-eca*, *-ico*, *-ica* e *-oca*. Com *-aco* e *-aca*, temos 3 ocorrências, as mesmas já apontadas no século anterior; por sua vez, com os sufixos *-eco* e *-eca*, foram identificadas, respectivamente, 18 e 8 ocorrências; já os terminados em *-ico*, *-ica* e *-oca* são, nessa ordem, 9, 5 e 8 exemplos. Com os diminutivos abaixo, buscamos apresentar exemplos de cada um desses sufixos:

AnnICAs ◀ esp. *AnICA*
 BurrICO ou BurrICOs < lat. vulg. **burrICCUS*
 ChicanaZECA ← *ChicanA* (Sf → Sf)
 HotelECO ← *Hotel* (Sm → Sm)
 MundICA ← **MundA* ← *RaimundA* (Sf → Sf)
 OrelhOCA ← *OrelhA* (Sf → Sf)
 VeiACO [<~>] VelhACO ◀ esp. *vellACO* ou esp. *bellACO*
 VelhACA ou VelhACAs ◀ esp. *vellACA*

A partir desses exemplos, verificamos que três são os processos que possibilitam a existência de diminutivos em -c- em português: há 1 exemplo herdado do latim vulgar – exemplo que, aliás, já se repete desde o século XVIII; 11 exemplos resultam de empréstimo ao espanhol – todos eles já identificados no século XIX –, dos quais 2 possuem o sufixo *-aco*, 1 o sufixo *-aca*, 4 o sufixo *-ico*, e 4 *-ica*; e 39 são formados em língua portuguesa. Destes, 5 são formados com o acréscimo de *-ico*, dos quais 4 já foram apontados na descrição do século XIX; 1 com *-ica*; 18 com *-eco*; 8 com *-eca*; e 7 com *-oca*.

5.5.5.1 Sufixos em -c- em seus contextos de emprego: caracterização formal e funcional

Do ponto de vista de suas características formais e funcionais, os diminutivos em -c- formados em português e identificados no século XX (cf. *Volume III, Apêndice B*) ocorrem a partir de quatro contextos: com palavras terminadas em vogal átona oral – ao todo são 28 ocorrências; com palavras em consoante – 9 diminutivos; com palavras que terminam em ditongo nasal ou em vogal nasal – ambos os contextos com 1 ocorrência. Os diminutivos a seguir ilustram o que até aqui dissemos:

ActrizECAs ← *ActriZ* [<~>] *AtriZ* (Sf → Sf)
 BailarICO ← *BailaR* (Sm → Sm)
 FeijõeZECOs ← *FeijÃO* (Sm → Sm)
 HotèiZECOs ← *Hotel* (Sm → Sm)
 JardimECO ← *JardIM* (Sm → Sm)
 LeilOCA ← *LeilA* (Sf → Sf)
 NamorICOs ← *NamorO* (Sm → Sm)
 MundICA ← **MundA* ← *RaimundA* (Sf → Sf)
 QuintalECO ← *QuintaL* (Sm → Sm)
 RoupECAs ← *RoupA* (Sf → Sf)

Em relação ao modo de combinação desses sufixos com a palavra primitiva, verificamos que há diferentes maneiras, dependendo da terminação da palavra à qual devem ser acrescentados. Assim, na palavra terminada em vogal nasal, o sufixo é acrescentado a essa palavra provocando o surgimento de um som consonantal [n] a partir dessa vogal, o qual passa a fazer parte da sílaba seguinte juntamente com a primeira vogal do sufixo, como vemos em *jardim* → *jardineco*. Se, no entanto, a palavra primitiva termina em ditongo nasal, o sufixo vem antecedido de um grafema consonantal <z>, como vemos em *feijõezechos* formada a partir de *feijão* (*feijõezechos* ← *feijão*).

Quanto aos diminutivos formados a partir de palavras que terminam em consoante, o sufixo – que em apenas um exemplo ocorreu antecedido de <z> – liga-se diretamente às palavras primitivas – as quais são todas oxítonas dissílabas, podendo a consoante ser <l>, <r> ou <z> –, sem provocar nenhuma alteração nela²⁸⁹.

Já nos diminutivos que se formaram a partir de palavras terminadas em vogal átona oral – as quais todas são paroxítonas, com duas ou três sílabas –, a regra geral é a eliminação dessa vogal, para que haja o acréscimo do sufixo, como vemos nalguns dos exemplos acima citados²⁹⁰. Existem, no entanto, 4 exemplos em que tal fato não se verifica, conforme a seguir:

²⁸⁹ A modificação ocorrida em *hotèizechos* ← *hotel* – assim como em *feijõezechos* ← *feijão* – não se deve ao emprego do sufixo, mas sim à flexão de plural das respectivas formas singulares *hotelzeco* e *feijãozeco*. Em relação a esse tema, remetemos para o que dissemos em diversas passagens desta pesquisa, sobretudo quando abordamos o uso de *-zinho*, *-zinha*.

²⁹⁰ Acerca da formação *Marocas* ← *Maria*, remetemos para a descrição que fizemos quando discutimos os diminutivos em *-c-* no século XIX (cf. seção 5.4.5.1).

ChicanaZECA ← *Chicana* (Sf → Sf)

CidadeZECA ← *Cidade* (Sf → Sf)

OfertaZECAs ← *Oferta* (Sf → Sf)

FolharECOs ← *Folha* (Sf → Sm)

Nos três primeiros exemplos acima, a vogal átona oral é conservada porque o sufixo vem antecedido de um <z>, tal como se verifica em relação aos sufixos em *-t-* e ao sufixo *-inho*. Já no último, há a inserção pouco comum, em relação aos sufixos diminutivos, de um <r> antes do sufixo, fato esse que, analogicamente ao que se verifica em relação ao acréscimo de <z>, impede a queda da vogal final.

Há, ainda, que se destacar a relação entre a classe morfológica do diminutivo e a da palavra primitiva, bem como o gênero de ambos. Em relação ao primeiro tema, constatamos que, em todos os diminutivos identificados, diminutivos e primitivos pertencem à mesma classe morfológica – no caso, são todos substantivos; quanto ao gênero, foram encontrados apenas dois exemplos em que o gênero do diminutivo difere do gênero da palavra a partir da qual se formou, os quais vão apresentados na sequência:

BeijOCA ou BeijOCAs ← *BeijO* (Sm → Sf)

FolharECOs ← *Folha* (Sf → Sm)

Para finalizar, observamos que os sufixos em questão formam não somente substantivos comuns, mas também próprios, como estes:

FredOCA ← **FredO* / ← *ManfredO* (Sm → Sm)

LeilOCA ← *LeilA* (Sf → Sf)

MarOCAs ← *MariA* (Sf → Sf)

MundICA ← **MundA* / ← *RaimundA* (Sf → Sf)

MundICO ← **MundO* / ← *RaimundO* (Sm → Sm)

PedrOCA ← *PedrO* (Sm → Sm)

Esses substantivos, por sua vez, não designam prenomes ou sobrenomes, mas apenas apelidos ou hipocorismos, indicando, assim, uma relação de proximidade entre aquele que fala e o ser designado pelo substantivo, ou seja, são substantivos que significam somente aproximação afetiva positiva, característica essa também identificada em relação a nomes próprios do século XIX.

5.5.5.2 Sufixos em -c- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

A semântica dos diminutivos em -c- identificados ao longo da sincronia em foco pode ser classificada em cinco tipos: *tamanho pequeno*, *aproximação afetiva positiva*, *depreciação*, *intensidade* e *duração*. A seguir, passaremos a apresentar exemplos de cada um desses tipos.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

São diminutivos que significam tamanho pequeno os seguintes:

JardinECO {‘pequeno jardim’} ← *JardIM*
 LojECA ou LojECAs {‘pequena loja’} ← *LojA*
 QuintalECO {‘pequeno quintal’} ← *Quintal*
 RapazECO {‘pequeno e jovem rapaz’} ← *Rapaz*

Observe-se que, no caso da palavra *rapazeco*, é possível perceber a associação entre as ideias de tamanho pequeno e a de pouco tempo de vida.

b) Diminutivos de aproximação afetiva positiva

Entre os de aproximação afetiva positiva, podemos citar estes:

AmorECO {‘estimado amor’} ← *AmoR*
 BailarICO {‘baile familiar’} ← *BailaR*
 FredOCA {‘estimado Manfredo’} ← **FredO* ← *ManfredO*
 LeilOCA {‘estimada Leila’} ← *LeilA*

c) Diminutivos de depreciação

Com os diminutivos a seguir, exemplificamos a significação de depreciação:

FilmECOs {‘filme ruim’} ← *FilmE*
 IgrejOCA {‘igreja pouco importante’} ← *IgrejA*
 RevistECA ou RevistECAs {‘revista de pouca importância’} ← *RevistA*
 VelhACA ou VelhACAs {‘enganadora, traiçoeira’} ◀ esp. *vellACA* ou esp. *bellACA*

d) Diminutivos de intensidade

Há, ainda, os que significam intensidade, como estes:

BelezOCA {‘pessoa um tanto bela’} ← *BelezA*
 MalandrECO {‘pessoa um tanto malandra’} ← *MalandrO*
 NanICA ou NanICAs {‘de tamanho muito pequeno’} ~← NanICO ◀ esp. *enanICO*

e) *Diminutivos de duração*

Outros há que significam duração:

AmorICOs {‘amor passageiro’} ← *AmoR*
 VeranICO {‘verão de curta duração’} ◀ esp. *veranICO*

Ressaltamos, por fim, que, também entre os diminutivos em *-c-*, é possível identificar mais de um significado combinados, como nas palavras que seguem, nas quais encontramos, simultaneamente, as significações de tamanho pequeno e de depreciação.:

CidadeZECA {‘cidade pequena e de pouca importância’} ← *Cidade*
 JardimECO {‘jardim pequeno e de pouca importância’} ← *JardIM*

5.5.6 Sufixos em *-l-* e suas variações

Ao longo do século XX, também foi encontrado um número bastante considerável de diminutivos com sufixos em *-l-*: ao todo foram 62 ocorrências. Tais sufixos se apresentam sob as formas *-elo*, *-ela* ou *-ella*, *-olo* e *-ola*, as quais são encontradas em 5, 39, 2 e 16 exemplos, respectivamente. Nos diminutivos a seguir listados, apresentamos exemplos de todos esses sufixos:

AldeOLA ou AldeOLAs ← *AldeA* (Sf → Sf)
 BandeirOLA ou BandeirOLAs ◀ cat. *BanderOLA* ou esp. *BanderOLA*
 BranquELA ← *BrancA* (Adjf → Adjf)
 CapELA <~> CapELLA <~> CappELLA ou CapELAs < lat. vulg. **cappELLA*
 CasinhOLO ~← *CasinhOLA* ← *CasA* (Sf → Sf)
 DoidELO ← *DoidO* (Adjm → Adjm)
 FazendOLA ← *Fazenda* (Sf → Sf)
 FontanELA ou FontanELAs ◀ it. *fontanELLA* ou esp. *fontanjELA*
 IgrejOLA ◀ lat. *ecclesiOLA*
 PiscadELA ou PiscadELAs ← *Piscada* (Sf → Sf)

PortinhOLO ← *PortinhO* (Sm → Sm)

QuintarOLA ← *QuintA* (Sf → Sf)

RodELA ou RodELAs <~> RodELLAs < lat. vulg. *rotELLA

TerriOLA ← *TerrA* (Sf → Sf)

TerreOLA ou TerreOLAs ← *TerrA* (Sf → Sf)

VitELO ou VitELOS ◀ lat. *vitELLUS*

Considerando-se os exemplos acima citados, é possível perceber que nem todos os diminutivos em *-l-* identificados nessa sincronia são formados em português, ou seja, há diminutivos herdados a partir do latim vulgar – ao todo 3; outros há que são empréstimos, seja ao latim clássico, seja a línguas românicas – são 9 os diminutivos assim caracterizados; a maioria, porém, é de formação portuguesa, compreendendo 50 diminutivos, sendo 4 em *-elo*, 32 em *-ela* ou *-ella*, 2 em *-olo* e 12 em *-ola*.

Entre os diminutivos pertencentes a esse último tipo – os quais podem ser substantivos comuns ou adjetivos –, a maioria absoluta – são 49 exemplos – é formada a partir de palavras paroxítonas (quer dissílabas, quer trissílabas, quer polissílabas) terminadas em vogal átona oral. O único exemplo que assim não se caracteriza é a palavra *rapazola*, que se forma a partir de uma palavra terminada em consoante (*rapazola* ← *rapaz*).

Em relação aos diminutivos que se formam a partir do primeiro contexto, vemos, a partir dos exemplos acima citados, que o acréscimo do sufixo provoca quase sempre a eliminação da vogal final. A única exceção é a palavra *quintarola* – já identificada no século XIX –, na qual se verifica que a vogal átona final permanece, ao mesmo tempo em que há a intercalação de um <r> entre a forma da palavra primitiva e o sufixo (*quintarola* [*quinta* + <r> + *-ola*] ← *quinta*), tal como apontamos em relação à palavra *folharecos* formada a partir de *folha* (*folharecos* ← *folha*). Destaque-se, ainda, que, com as palavras *terriola* e *terreola* – ambas formadas a partir de *terra* (*terriola* ← *terra*, *terreola* ← *terra*) – há, além da eliminação da vogal átona final, a inserção, respectivamente, das vogais [i] e [e] entre o radical da palavra primitiva e o sufixo diminutivo (cf. seção 5.4.6).

Por outro lado, quando a palavra primitiva terminou em consoante, o sufixo foi simplesmente adjungido a essa palavra dando origem a uma nova palavra, sem provocar nenhuma alteração em sua forma.

É importante, também, fazer-se observar que, em todos os exemplos, palavra primitiva e derivado são da mesma classe morfológica e possuem o mesmo gênero²⁹¹.

Por fim, advertimos que alguns dos diminutivos, como os que seguem, são formados a partir de palavras que já estão na forma diminutiva:

CasinhOLA ou CasinhOLAs ← *CasinhA*
 CasinhOLO ~← *CasinhOLA* ← *CasA*
 MagrizELA ou MagrizELAs ← **MagrizA* [<~>] *MagriçA*
 MagricELA <~> MagricELLA ou MagricELAs ← *MagriçA*
 MagricELO ou MagricELOS ← *MagriçO*
 PortinhOLO ← *PortinhO*
 PortinhOLA ou PortinhOLAs ← *PortinhA*

5.5.6.1 Sufixos em -l- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Em relação aos significados dos diminutivos em -l- no decorrer do século XX, foram identificados os seguintes: *tamanho pequeno, aproximação afetiva positiva, depreciação, intensidade, duração e quantidade.*

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Muitos são os diminutivos de tamanho encontrados nesse século, a exemplo dos que vão apresentados abaixo:

CasELAs {'pequena casa'} ◀ esp. *casELA*
 CasinhOLO {'pequena casa'} ~← *CasinhOLA* ← *CasA*
 FazendOLA {'pequena fazenda'} ← *Fazenda*
 PortinhOLO {'porto (muito) pequeno'} ← *PortinhO*
 QuintarOLA {'pequena quinta'} ← *QuintA*
 RuELA ou RuELAs <~> RuELLAs {'rua estreita'} ← *RuA*

²⁹¹ A palavra *farsola* – que é um substantivo masculino e que, segundo Houaiss & Villar (*op. cit.*), pode significar ‘indivíduo galhofeiro, farsista, fanfarrão’ – é, a nosso ver, formada a partir do substantivo masculino *farsa*, que significaria algo como ‘indivíduo que participa de farsa’, por sua vez, formado por metonímia de *farsa* – com mudança de gênero (Sf > Sm) –, substantivo feminino, o qual apresenta, dentre outros significados, os de ‘pequena peça cômica popular, de concepção simples e de ação trivial ou burlesca, em que predominam gracejos, situações ridículas etc.; narração burlesca, risível; ato grotesco, próprio de farsa’ (HOUAISS & VILLAR, *op. cit.*). Desse modo, *farsola* conservaria o mesmo gênero de *farsa* (Sf > Sm → Sm).

Em *portinho* – assim como em outros dos diminutivos formados de diminutivos já aqui citados –, é possível identificar, ainda, ao lado da significação de tamanho pequeno a de intensidade, devido à combinação de dois sufixos diminutivos, uma vez que o segundo sufixo diminui mais ainda o tamanho do referente que possui a palavra à qual foi acrescentado.

b) *Diminutivos de aproximação afetiva positiva*

Entre os diminutivos identificados, há um único que possui como significação a de aproximação afetiva positiva, o qual segue:

GraçOLA ou GraçOLAs {‘dito engraçado’} ← *Graça*A

c) *Diminutivos de depreciação*

Já os diminutivos de depreciação são relativamente frequentes, como indicam os exemplos abaixo:

CriançOLA {‘pessoa que age como criança’} ← *Criança*A

FarsOLA ou FarsOLAs {‘pessoa que faz uso de zombaria’} ← *Farsa*A

GloriOLA <~> GloríOLA ou GlorIOLAs {‘pequena glória, glória falsa’} ◀ lat. *gloriŎLA*

GraçOLA ou GraçOLAs {‘graça [dito] de mau gosto’} ← *Graça*A

TerreOLA {‘terra [lugar] pouco importante’} ← *Terra*A

d) *Diminutivos de intensidade*

Os diminutivos de intensidade são, nesta sincronia, tão ou mais frequentes que os de tamanho pequeno. Eis alguns dos exemplos identificados:

BranquELA {‘um tanto branca’} ← *Branca*A

DoidELO {‘um tanto doido’} ← *Doido*O

EscorregadELA ou EscorregadELAs {‘escorregada [erro] não muito grave’} ← *Escorregada*A

MagricELO ou MagricELOS {‘um tanto magro’} ← *Magriço*O

PicadELA ou PicadELAs {‘picada pouco intensa’} ← *Picada*A

QueimadELAs {‘queimada leve’} ← *Queimada*A

e) *Diminutivos de duração*

Com alguma frequência também podem ser encontrados diminutivos de duração, embora geralmente estejam associados aos de intensidade:

ChupadELAs {‘chupada rápida’} ← *ChupadA*
 EspanadELAs {‘espanada breve’} ← *EspanadA*
 EspreitadaELA {‘espreitada [olhada] breve’} ← *EspreitadaA*
 OlhadELA ou OlhadELAs {‘olhada breve’} ← *OlhadA*
 PenteadELA ou PenteadELAs {‘penteada rápida’} ← *PenteadaA*
 PiscadELA ou PiscadELAs {‘piscada rápida’} ← *PiscadA*

A associação entre a significação de duração e a de intensidade acima referida possibilita que alguns diminutivos possam ser compreendidos, ao mesmo tempo, como diminutivos de duração e de intensidade, como vemos com os exemplos a seguir:

ArranhadELAs {‘arranhada rápida e pouco intensa’} ← *ArranhadA*
 EscovadELA ou EscovadELAs {‘escovada breve e suave’} ← *EscovadA*
 FungadELA ou FungadELAs {‘fungada rápida e pouco intensa’} ← *FungadA*
 LambidELAs {‘lambida breve e suave’} ← *LambidA*
 PicadELA ou PicadELAs {‘picada rápida e pouco intensa’} ← *PicadA*

5.5.7 Sufixos em *-ch-* e suas variações

No século XX, o número de diminutivos em *-ch-* identificados é igual a 16 – 8 deles já apontados na descrição dos diminutivos em *-ch-* do século XIX –, dos quais 4 são em *-acho*, 1 em *-icho*, 1 em *-icha*, 6 em *-ucho* e 4 em *-ucha*, como indicam os exemplos abaixo:

BarbICHA ou BarbICHAs ◀ fr. *barbICHE*
 CasUCHAs ◀ esp. *casUCHA*
 DelgadUCHA ◀ esp. *delgadUCHA*
 EnfermUCHO ◀ esp. *enfermUCHO*
 FogACHO ou FogACHOs ← *FogO* (Sm → Sm)
 GordalhUCHO ← **GordalhO* (Sm → Sm)
 GordUCHA ou GordUCHAs ◀ esp. *gordUCHA*
 GordUCHO ◀ esp. *gordUCHO*
 GovernICHO ← *GovernO* (Sm → Sm)
 HotelUCHOs ◀ esp. *hotelUCHO*
 LebrACHO ◀ esp. *lebrACHO*
 PapelUCHO ◀ esp. *papelUCHO*
 PequerrUCHA ← **PequerrA* [<~>] *PequenA* (Sf → Sf)

PequerrUCHO ou PequerrUCHOs ← *PequerrO [<~>] Pequeno (Sm → Sm)

PopulACHO ◀ esp. *populACHO*

RiACHO ou RiACHOs ◀ esp. *riACHO*

A partir dos diminutivos citados, vemos que a maioria deles resulta de empréstimo – 10 exemplos ao espanhol e 1 ao francês. Os diminutivos formados em português são, portanto, apenas 5, sendo que 4 deles (*fogacho*, *governicho*, *pequerrucha* e *pequerrucho*) já existem desde o século anterior. Com isso, fica, apenas, o diminutivo *gordalucho* como formação nova, o que significa uma baixa produtividade desses sufixos ao longo do século XX.

Ainda em relação aos diminutivos formados em português – os quais são todos substantivos comuns –, verificamos que são formados a partir de palavras paroxítonas – das quais 4 são trissílabas, e 1 dissílabas – terminadas em vogal átona oral, a qual é eliminada com o acréscimo do sufixo. Verificamos, também, que, em todos os exemplos, os diminutivos são da mesma classe morfológica que as respectivas palavras primitivas e apresentam o mesmo gênero que elas.

5.5.7.1 Sufixos em -ch- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Sob a perspectiva da significação que transmitem, os diminutivos em -ch- do século XX apresentam as mesmas significações que os diminutivos em -ch- do século XIX, isto é, *tamanho pequeno*, *depreciação* e *intensidade*. Na sequência, passaremos a exemplificar cada uma dessas significações.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Entre os diminutivos que significam diminuição de tamanho, podemos citar os seguintes:

CasUCHAs {'casa pequena'} ◀ esp. *casUCHA*

FogACHO ou FogACHOs {'pequeno fogo'} ← *FogO*

LebrACHO {'lebre pequena e jovem'} ◀ esp. *lebrACHO*

PapelUCHO ou PapelUCHOs {'papel pequeno'} ◀ esp. *papelUCHO*

Observamos, aqui, que, em *lebracho*, a significação tamanho pequeno se encontra associada ao pouco tempo de vida do animal a que essa palavra faz referência.

b) *Diminutivos de depreciação*

São diminutivos de depreciação as seguintes palavras:

GovernICHO {‘mau governo’} ← *GovernO*

HotelUCHOs {‘hotel de baixa qualidade’} ◀ esp. *hotelUCHO*

PopulACHO {‘camada mais desfavorecida da população’} ◀ esp. *populACHO*

c) *Diminutivos de intensidade*

Como diminutivos de intensidade, podem ser citadas as palavras abaixo:

DelgadUCHA {‘um tanto delgada’} ◀ esp. *delgadUCHA*

EnfermUCHO {‘um tanto enfermo’} ◀ esp. *enfermUCHO*

GordalhUCHO {‘pessoa um tanto gorda’} ← **GordalhO*

PequerrUCHA {‘criança muito pequena’} ← **PequerrA* [<~>] *PequenA*

5.5.8 Os sufixos *-ulo* e *-culo* e suas variações

As palavras formadas com os sufixos diminutivos *-ulo*, *-ula*, *-culo* e *-cula* ao longo do século XX totalizam 30 ocorrências, das quais seguem alguns exemplos:

CorníCULOs ◀ lat. *corniCŪLUS*

FlóCULO ou FlóCULOs ◀ lat. *floCŪLUS*

ÔndULAs ◀ lat. *undŪLA*

PárvULOs ◀ lat. *parvŪLUS*

QuestiúnCULA ou QuestiúnCULAs ◀ lat. *quaestiunCŪLA*

TerríCULA ◀ lat. *terriCŪLA*

BolsíCULA ← *BolsA* (Sf → Sf)

GotíCULA ou GotíCULAs ← *GotA* (Sf → Sf)

GrupúsCULO ← *GrupO* (Sm → Sm)

OndíCULAs ← *Onda* (Sf → Sf)

Desses diminutivos, no entanto, 26 constituem empréstimo da língua latina – o que corresponde a 86,666% das ocorrências –, e somente 4 são de formação portuguesa (cf. os quatro últimos exemplos da lista acima), para o que foram empregados os sufixos *-culo* e *-cula*. Portanto, assim como no século XIX, não se encontraram diminutivos formados

no século XX com os sufixos *-ulo*, *-ula*. Fazemos observar, ainda, que os diminutivos formados na sincronia aqui em foco são diferentes dos diminutivos encontrados no século XIX, o que denota que os sufixos *-culo* e *-cula* continuam sendo produtivos no século XX.

Ainda em relação aos diminutivos formados em português, é possível observar que todos eles se formam a partir de palavras paroxítonas dissílabas terminadas em vogal átona oral e que, em todos eles, essa vogal é eliminada para que o sufixo seja acrescentado. Para finalizar, acrescentamos que os diminutivos de formação portuguesa pertencem à mesma classe morfológica e conservam o mesmo gênero que as palavras primitivas das quais se formaram.

5.5.8.1 Os sufixos *-ulo* e *-culo* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Quanto ao significado, os diminutivos em *-ulo* e *-culo* identificados nesse século são dos seguintes tipos: *tamanho pequeno*, *depreciação*, *intensidade* e *duração*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

A grande maioria dos diminutivos em *-ulo* e *-culo* identificados indicam tamanho pequeno, como estes:

BolsíCULA {‘pequena bolsa’} ← *BolsA*
 CorníCULOs {‘pequeno corno [chifre]’} ◀ lat. *corniCŪLUS*
 GotíCULA ou GotíCULAs {‘pequena gota’} ← *GotA*
 NódULO ou NódULOs {‘pequeno nodo [nó]’} ◀ lat. *nodŪLUS*
 ÔndULAs {‘pequena onda’} ◀ lat. *undŪLA*

b) *Diminutivos de depreciação*

Entre os que significam depreciação, podemos citar os que seguem:

ConventíCULOs {‘reunião para conspiração’} ◀ lat. *conventiCŪLUM*
 GrupúsCULO {‘pequeno grupo de terroristas’} ← *GrupO*
 QuestíunCULA ou QuestíunCULAs {‘questão ou disputa de pouca importância’} ◀ lat. *quaestiunCŪLA*
 TerríCULA {‘terra de pouca importância’} ◀ lat. *terriCŪLA*

c) *Diminutivos de intensidade*

Os únicos que significam intensidade são *febrícula* e *párvulo*, conforme abaixo vai indicado:

FebrÍCULA {‘febre pouco intensa’} ◀ lat. *febricŪLA*
PárvULOs {‘pessoa muito pequena’} ◀ lat. *parvŪLUS*

d) *Diminutivos de duração*

A palavra *febrícula* também pode ser entendida como expressando a duração de um ‘evento’, conforme a seguir:

FebrÍCULA {‘febre de curta duração’} ◀ lat. *febricŪLA*

Observamos, por fim, que a palavra *febrícula* pode ser compreendida, ainda, como tendo, simultaneamente, os significados de intensidade e de duração, e não um de cada vez, tal como a seguir:

FebrÍCULA {‘febre pouco intensa e de curta duração’} ◀ lat. *febricŪLA*

5.5.9 Sufixos em *-sc-*

Os diminutivos em *-sc-* ao longo do século XX compreendem 11 exemplos – 4 terminados em *-isco*, 1 em *-isca*, 3 em *-usco* e 3 em *-usca* –, tal como constatamos nos exemplos abaixo:

ChuvISCO ou ChuvISCOs /← *ChuvISCAR* (V →/Sm)
 NamorISCO ← *NamorO* (Sm → Sm)
 NegrUSCA ~← NegrUSCO ◀ esp. *negrUSCO*
 NegrUSCO ou NegrUSCOs ◀ esp. *negrUSCO*
 PedrISCO ◀ esp. *pedrISCO*
 RabISCA ~← RabISCO /← *RabISCAR* (V →/Sm)
 RabISCO ou RabISCOs /← *RabISCAR* (V →/Sm)
 VelhUSCO ← *VelhO* (Adjm → Adjm)
 VelhUSCA ou VelhUSCAs ← *VelhA* (Adjf → Adjf)
 VermelhUSCA ou VermelhUSCAs ← *VermelhA* (Adjf → Adjf)
 VermelhUSCO ou VermelhUSCOs ← *VermelhO* (Adjm → Adjm)

Alguns desses exemplos (cf. *chuvisco*, *pedrisco*, *rabisca*, *rabisco*, *velhusco* e *velhusca*), no entanto, já vêm ocorrendo em sincronias anteriores, a exemplo do século XIX. Dessa forma, somente *namorisco*, *negrusca*, *negrusco*, *vermelhusca* e *vermelhusco* são exemplos ainda não identificados nos *corpora* sob análise.

Do ponto de vista de sua formação, 3 desses diminutivos constituem empréstimo do espanhol ao português; os demais são formados já nesta língua. Quanto às formações do último tipo, *chuvisco* e *rabisco* são derivados deverbais, a partir da substituição da vogal temática verbal e do morfema de infinitivo por uma vogal temática nominal; em *rabisca*, temos a flexão de gênero de *rabisco*; nos outros, o sufixo é acrescentado a uma palavra primitiva paroxítona – dissílaba ou trissílaba – terminada em vogal oral átona, a qual é eliminada após o emprego do sufixo.

Quanto à relação entre classe morfológica e gênero do diminutivo e do derivado, observamos que, à exceção dos diminutivos formados a partir de verbo – os quais são de classe morfológica diferente daquela de que se formaram, ao mesmo tempo em que passam a ter um gênero, o que não ocorria com a palavra primitiva –, todos os outros pertencem à mesma classe morfológica e conservam o mesmo gênero que as respectivas palavras primitivas.

5.5.9.1 Sufixos em -sc- em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Os diminutivos em -sc- identificados na sincronia aqui em análise podem ser classificados, quanto à sua significação, em cinco tipos: *tamanho pequeno*, *depreciação*, *intensidade*, *duração* e *quantidade*.

a) Diminutivos que significam diminuição de tamanho

Há um único diminutivo de tamanho, conforme a seguir:

PedrISCO {‘pedra pequena’} ◀ esp. *pedrISCO*

b) Diminutivos de depreciação

Também só há um exemplo de diminutivo de depreciação, a palavra *rabisco*:

RabISCO ou RabISCOs {‘letra mal feita, incompreensível’} ← *RabISCAR*

c) *Diminutivos de intensidade*

A maioria dos diminutivos identificados significa intensidade, do que as palavras abaixo são exemplos:

NamorISCO {‘leve namoro, namoro pouco intenso’} ← *NamorO*
 NegrUSCO ou NegrUSCOs {‘um tanto negro’} ◀ esp. *negrUSCO*
 VelhUSCA ou VelhUSCAs {‘um tanto velha’} ← *VelhA*
 VermelhUSCA ou VermêlhUSCAs {‘um tanto vermelha’} ← *VermelhA*

d) *Diminutivos de duração*

Outros diminutivos significam duração, como segue:

ChuvISCO ou ChuvISCOs {‘chuva breve’} /← *ChuvISCAR*
 RabISCA {‘colheita rápida’} ~← RabISCO /← *RabISCAR*
 RabISCO ou RabISCOs {‘colheita rápida’} /← *RabISCAR*

e) *Diminutivos de quantidade*

Por fim, há os diminutivos que expressam quantidade:

RabISCA {‘pequena colheita’} ~← RabISCO /← *RabISCAR*
 RabISCO ou RabISCOs {‘pequena colheita’} /← *RabISCAR*

Destacamos, ainda, que, entre os diminutivos acima apresentados, existem alguns que podem ser compreendidos, em um mesmo contexto, com mais de uma significação, como os a seguir apresentados:

ChuvISCO ou ChuvISCOs {‘chuva fina e breve’} /← *ChuvISCAR*
 RabISCA {‘colheita pequena e rápida’} ~← RabISCO /← *RabISCAR*
 RabISCO ou RabISCOs {‘colheita pequena e rápida’} /← *RabISCAR*

Em relação a esses diminutivos, o primeiro significa *intensidade* e *duração*; os demais *quantidade* e *duração*.

5.5.10 O sufixo *-ejo*

A partir de buscas no *Corpus* do Português foi possível identificar 11 diminutivos em *-ejo* no século XX – dos quais somente os 3 últimos da lista a seguir ainda não foram identificados em séculos anteriores –, conforme abaixo:

- AnimalEJO ou AnimalEJOs ◀ esp. *animalEJO*
 GracEJO ou GracEJOs ◀ esp. *gracEJO*
 LogarEJO ou LogarEJOs ◀ esp. *logarEJO* ou esp. *lugarEJO*
 LugarEJO ou LugarEJOs ◀ esp. *lugarEJO*
 QuintalEJO ou QuintalEJOs ← *QuintaL* (Sm → Sm)
 RumorEJO ou RumorEJOs /← *RumorEJAR* (V →/ Sm)
 VilarEJO ou VilarEJOs ◀ esp. *VillarEJO*
 CastelEJO ◀ esp. *castellEJO* ou esp. *castilleEJO*
 CantarEJO ← *CantaR* (Sm → Sm)
 HortEJO ou HortEJOs ← *HortO* (Sm → Sm)
 ZagalEJO ◀ esp. *zagalEJO*

Como vemos acima, a maior parte dos diminutivos em *-ejo* identificados resulta de empréstimo ao espanhol, e somente 4 possuem formação portuguesa. Em relação a estes, temos dois processos distintos: 1 substantivo formado a partir de um verbo; e 3 substantivos formados de outros substantivos. No que se refere ao substantivo deverbal (*rumorejo* /← *rumorejar*), a sua formação se deu por meio da substituição da vogal temática verbal e do morfema de infinitivo por uma vogal temática nominal. Já nos últimos substantivos, o sufixo *-ejo* foi acrescentado em duas situações a palavras terminadas em consoante e em outra a uma palavra terminada em vogal átona oral. Naquelas situações, o sufixo é acrescentado à palavra primitiva sem provocar nenhuma alteração em sua forma; nesta, o emprego do sufixo provoca a eliminação da vogal que termina a palavra.

Pelo exposto, verificamos, portanto, que, nos diminutivos formados em português, há somente 1 exemplo em que se dá a mudança de classe morfológica do diminutivo em relação à palavra primitiva. Como o referido exemplo já fora identificado no século XIX, constata-se que tal fato não ocorre no século XX em relação ao sufixo *-ejo*.

Quanto ao gênero, os exemplos acima nos indicam que os substantivos que se formaram a partir de palavras que possuíam gênero conservaram o gênero de suas respectivas palavras primitivas. Em relação à palavra *rumorejo*, é possível observar que ela passa a ter

gênero, mesmo sendo formada de uma palavra na qual não se pode identificar tal característica.

5.5.10.1 O sufixo -ejo em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Os diminutivos em *-ejo* identificados no século XX são, semanticamente, de quatro tipos: *tamanho pequeno, aproximação afetiva positiva, depreciação e intensidade*.

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

São diminutivos que significam tamanho pequeno os seguintes, entre outros:

AnimalEJO ou AnimalEJOs {‘pequeno animal’} ◀ esp. *animalEJO*

CastelEJO {‘pequeno castelo’} ◀ esp. *castelleEJO* ou esp. *castilleEJO*

HortEJO ou HortEJOs {‘pequeno horto’} ← *HortO*

QuintalEJO ou QuintalEJOs {‘pequeno quintal [propriedade]’} ← *QuintaL*

VilarEJO ou VilarEJOs {‘pequeno vilar [lugar]’} ◀ esp. *VillarEJO*

ZagalEJO {‘pequeno zagal [pastor]’} ◀ esp. *zagalEJO*

b) *Diminutivos de aproximação afetiva positiva*

Somente a palavra *gracejo* significa aproximação afetiva positiva:

GracEJO ou GracEJOs {‘dito engraçado’} ◀ esp. *gracEJO*

c) *Diminutivos de depreciação*

Há duas palavras com significação de depreciação, a saber:

CantarEJO {‘canto de má qualidade’} ← *CantaR*

GracEJO ou GracEJOs {‘dito de zombaria’} ◀ esp. *gracEJO*

d) *Diminutivos de intensidade*

Também há um único diminutivo de intensidade, conforme abaixo:

RumorEJO ou RumorEJOs {‘rumor pouco intenso’} /← *RumorEJAR*

5.5.11 O sufixo *-iço*

Ao longo do século XX foi possível identificar 7 diminutivos formados com *-iço*, *-iça* – cada um com 3 e 4 ocorrências, respectivamente –, conforme abaixo:

AranhIÇO ou AranhIÇOs ← *AranhA* (Sf → Sm)
 AssustadiÇA ou AssustadiÇAs ◀ esp. *asustadIZA*
 AssustadiÇO ou AssustadiÇOs ◀ esp. *asustadIZO*
 EspantadiÇA ou EspantadiÇAs ◀ esp. *espantadIZA*
 EspantadiÇO ou EspantadiÇOs ◀ esp. *espantadIZO*
 IrritadiÇA ou IrritadiÇAs ← *IrritadA* (Adjf → Adjf)
 ResvaladiÇA ◀ esp. *resvaladIZA*

A partir desses exemplos, vemos que somente 2 diminutivos são de formação portuguesa, sendo os demais empréstimo do espanhol. De todos esses diminutivos, somente o último não foi identificado no século XIX, o que nos permite concluir que, no século XX, não houve formação de novos diminutivos com esses sufixos e que a incorporação de novos diminutivos por meio de empréstimo é muito reduzida.

Em relação aos diminutivos *aranhiço* e *irritadiça* – os únicos formados em português –, é possível afirmar que se formam a partir de palavras paroxítonas – uma trissílaba, a outra polissílaba, nessa ordem – que terminam em vogal átona oral. O emprego do sufixo diminutivo, por sua vez, provoca a eliminação dessa vogal.

Por fim, destacamos a relação entre a classe morfológica e o gênero do diminutivo com a classe morfológica e o gênero da palavra primitiva. Em relação ao primeiro aspecto, observamos que ambas as palavras pertencem à mesma classe morfológica que suas respectivas formas primitivas. Quanto ao gênero, *aranhiço* apresenta gênero difere daquele que é o gênero de *aranha*; por sua vez, *irritadiça* e *irritada* apresentam o mesmo gênero.

5.5.11.1 O sufixo *-iço* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Os diminutivos em *-iço* e *-iça* são, quanto à significação, de dois tipos: *tamanho pequeno* e *intensidade*:

a) *Diminutivos que significam diminuição de tamanho*

Como exemplo de diminutivo de tamanho, temos a palavra *aranhiço*:

AranhIÇO ou AranhIÇOS {'pequena aranha'} ← *AranhA*

b) *Diminutivos de intensidade*

Os diminutivos em *-iço*, *-iça* identificados são, em sua maioria, diminutivos de intensidade, conforme abaixo:

AssustadIÇO ou AssustadIÇOS {'um tanto assustado'} ◀ esp. *asustadIZO*

EspantadIÇO ou EspantadIÇOS {'um tanto espantado'} ◀ esp. *espantadIZO*

IrritadIÇA ou IrritadIÇAs {'um tanto irritada'} ← *IrritadA* (Adjf → Adjf)

ResvaladIÇA {'um tanto resvalada [escorregadia]'} ◀ esp. *resvaladIZA*

5.5.12 O sufixo *-im*

Os diminutivos em *-im* (muito raramente *-in*) – no plural *-ins* – identificados ao longo do século XX compreendem 19 exemplos, dentre os quais os a seguir apresentados:

CornetIM ou CornetINs ◀ esp. *cornetIN* ou esp. *cornetÍN*

DoidIM ← *DoidO* (Adjm → Adjm)

FilhIM ← *FilhO* (Sm → Sm)

EspadIM ou EspadINs ◀ esp. *espadIN* ou esp. *espadÍN*

FarolIM ou FarolINS ← *FaroL* (Sm → Sm)

FortIM ou FortINs ◀ esp. *fortIN* ou esp. *fortÍN* ou it. *fortINO*

JanelINS ← *JanelA* (Sf → Sm)

NegrIM <~> NegrIN ← *NegrO* (Adjm → Adjm)

SelIM ← *SelA* (Sf → Sm)

SinhoZIM ← *SinhÔ* [<~>] *SenhoR* (Sm → Sm)

Contrariamente ao que se verificou em relação ao século anterior, neste século a maioria dos diminutivos com esse sufixo – num total de 11 – é formada em português, sendo os demais empréstimo do espanhol e/ou do italiano.

Em relação aos diminutivos formados em português – que podem ser substantivos ou adjetivos –, verificam-se três contextos a partir dos quais se formaram: vogal átona oral, consoante e vogal tônica oral. O primeiro desses contextos é o que se verifica com mais frequência, sendo o sufixo acrescentado após a eliminação da vogal final; no segundo – identificado em 2 exemplos –, o acréscimo do sufixo se dá imediatamente à palavra primitiva,

sem provocar nela nenhuma alteração; o mesmo ocorre em relação ao último contexto, encontrado em 1 ocorrência, na qual o sufixo assume a forma *-zim*.

Analisando os diminutivos identificados sob a perspectiva da relação que mantêm com a classe morfológica e com o gênero da palavra primitiva, constatamos que todos eles pertencem à mesma classe morfológica que as palavras das quais se formaram; há, no entanto, dois diminutivos (cf. *janelins* e *selim*) que diferem de suas respectivas palavras primitivas quanto ao gênero.

Há que se destacar, ainda, a existência de um substantivo próprio formado a partir do emprego desse sufixo, como abaixo indicamos:

TotonhIM ← *TotonhO* /← *AntónIO* <~> *AntônIO* (Sm → Sm)

5.5.12.1 O sufixo *-im* em seus contextos de emprego: caracterização semântica

Os diminutivos em *-im* desse século podem ser classificados, semanticamente, em três tipos: *tamanho pequeno*, *aproximação afetiva positiva* e *intensidade*.

a) *Diminutivos que significam tamanho pequeno*

Os diminutivos desse tipo são os mais frequentes. Eis alguns deles:

CaixotINs {‘pequena caixa’} ◀ esp. *cajetIN* ou esp. *cajetÍN*

ClaustrIM {‘pequeno claustro’} ← *ClaustrO*

DedIM {‘pequeno dedo’} ← *DedO*

FortIM ou FortINs {‘pequeno forte’} ◀ esp. *fortIN* ou esp. *fortÍN* ou it. *fortINO*

SelIM {‘pequena sela’} ← *SelA*

b) *Diminutivos de aproximação afetiva positiva*

Com a significação de aproximação afetiva positiva foram encontrados os seguintes diminutivos:

FilhIM {‘estimado filho’} ← *FilhO*

SinhoZIM {‘estimado senhor’} ← *SinhÔ* [<~>] *SenhoR*

TotonhIM {‘estimado Totonho’} ← *TotonhO* /← *AntónIO* <~> *AntônIO*

CordelIM {‘gracioso cordel [poema]’} ← *CordeL*

c) *Diminutivos de intensidade*

Dois são os diminutivos em *-im* com significação de intensidade, como segue:

DoidIM {‘um tanto doido’} ← *DoidO*
 NegrIM <~> NegrIN {‘um tanto negro’} ← *NegrO*

5.5.13 O sufixo *-ebre*

O diminutivo em *-ebre* identificado nesta sincronia é o mesmo que foi descrito no século XIX, tal como segue:

CasEBRE ou CasEBREs ◀ prov. *casEBRE* < lat. **casipULA* ou **casibULA*

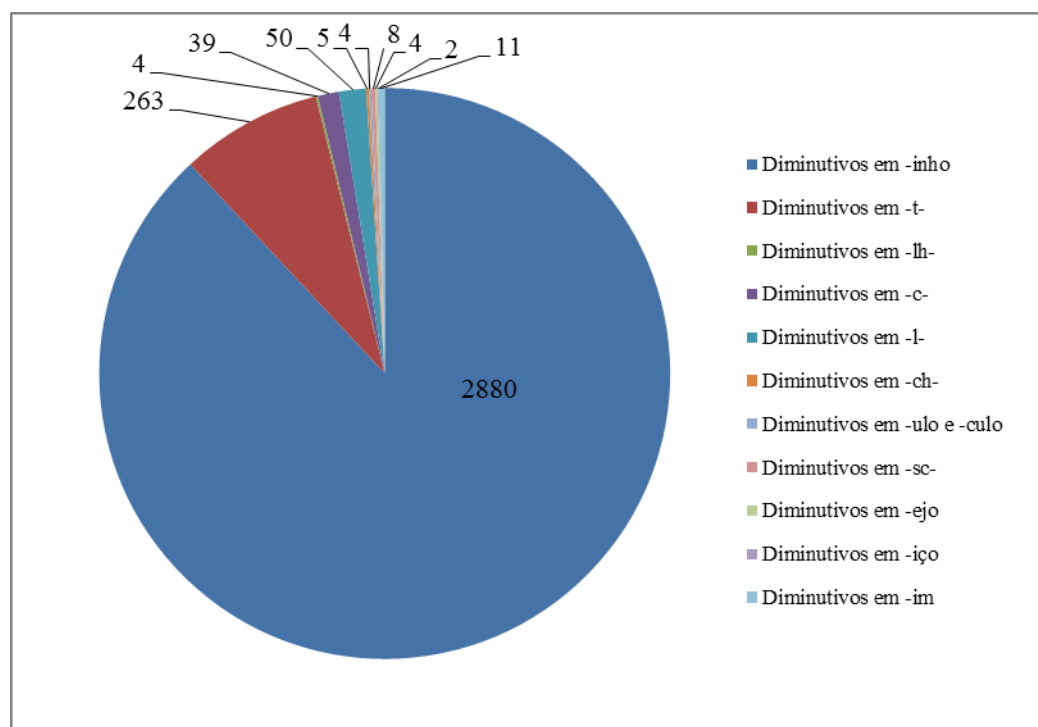
Desse modo, remetemos para o que lá dissemos sobre esse sufixo e sobre esse exemplo.

5.5.14 Considerações preliminares

Ao longo da descrição feita sobre os sufixos diminutivos identificados em textos de língua portuguesa do século XX, foi possível demonstrar que: *a)* muitos dos exemplos que fazem parte do *corpus* sob análise provêm de empréstimo a alguma língua românica ou ao latim clássico; *b)* outros foram herdados do latim vulgar pelo português; *c)* outros são de formação portuguesa. Tal conclusão permitiu identificar a real capacidade produtiva dos sufixos envolvidos, possibilitando, assim, distinguir os que são produtivos ao longo dessa sincronia daqueles que não possuem nenhuma produtividade ou que são pouco produtivos.

Desse modo, quando excluímos os diminutivos herdados e os que foram tomados de empréstimo e consideramos somente os de formação portuguesa, o Gráfico 54 passa a figurar da maneira como segue, demonstrando uma redução importante no número de diminutivos identificados, a qual corresponde a 365 exemplos, ou 10,041%:

Gráfico 61 – Diminutivos formados em português, em textos do século XX: ocorrências por sufixo



Fonte: O Autor

Com base nesse gráfico, constatamos que, no século XX – tal como nos séculos anteriores –, o sufixo *-inho* é o principal formador de diminutivos em língua portuguesa, uma vez que, dos 3270 exemplos identificados nessa sincronia, 2880 recebem esse sufixo, o que significa uma participação de 88,073%, contra 390 (ou 11,926%) de todos os outros sufixos juntos.

A partir da análise dos diminutivos formados em português, verifica-se, ainda, a presença de outras características importantes dessas palavras, as quais também já foram apontadas na descrição apresentada acerca dos diminutivos dos quatro séculos anteriores, assim como em relação ao português arcaico, a saber:

- os diminutivos originados de palavras que possuem gênero conservam quase sempre o mesmo gênero das palavras das quais se originaram: há apenas 11 ocorrências – algumas das quais já identificadas em sincronias anteriores – em que o gênero do diminutivo difere do gênero da palavra primitiva, o que corresponde a 0,336% do total de diminutivos;
- o diminutivo quase sempre conserva a mesma classe morfológica que a palavra da qual se originou: há somente 3 ocorrências em que o diminutivo pertence a uma classe

morfológica diferente daquela a que pertence a palavra primitiva, o que representa 0,091% do total de diminutivos, havendo, também, aqui, exemplos repetidos;

- além do sufixo *-inho*, também os sufixos *-ito*, *-ota*, *-ico*, *-oca* e *-im* são encontrados formando nome próprio diminutivo;
- excetuando-se os sufixos *-inho* e sufixos em *-t-*, que podem ser empregados em vários contextos – tais como vogal oral átona, consoante, ditongo (oral ou nasal), vogal nasal e vogal oral tônica –, sufixos em *-im*, que formam diminutivos a partir de palavras terminadas em vogal oral átona, vogal oral tônica e em consoante, sufixos em *-c-*, em *-l-* e o sufixo *-ejo*, que podem ser acrescentados a palavras terminadas em vogal átona oral e em consoante, os demais sufixos somente foram acrescentados a palavras primitivas terminadas em um único contexto, geralmente vogal átona oral, o que ocorre após a eliminação desta;
- do ponto de vista semântico, a significação *tamanho pequeno* não é a única que esses sufixos são capazes de transmitir, sendo encontradas, simultaneamente ou não, outras como *duração*, *quantidade*, *intensidade*, *depreciação* e *aproximação afetiva positiva*.

6 CONCLUSÕES

A pesquisa que ora é concluída tem como objeto de estudo o sufixo diminutivo em língua portuguesa no período que se estende do século XIII ao XX, apresentando como principais propostas de investigação: 1) reconhecer os sufixos que são empregados com significação diminutiva ao longo do período descrito, caracterizando-os quanto à sua proveniência; 2) analisá-los sob as perspectivas formal, funcional e semântica.

Como a língua portuguesa resulta de transformações ocorridas na língua latina – mais especificamente na sua variedade chamada tradicionalmente de vulgar –, partimos da hipótese de que os sufixos diminutivos empregados nessa língua haviam sido transmitidos diretamente do latim vulgar ao português. Assim, dedicamos um capítulo da pesquisa (cf. seção 2) à caracterização formal (fonética e morfológica), funcional e semântica dos diminutivos em latim, tanto no clássico, quanto no vulgar.

Seguindo, ainda, essa hipótese, dedicamos o capítulo seguinte do mesmo volume (cf. seção 3) ao estudo das transformações fonéticas e morfológicas ocorridas nos principais sufixos diminutivos latino-vulgares até se transformarem em sufixos em língua portuguesa. No entanto, ao verificar – a partir de análise preliminar dos diminutivos que compunham os *corpora* (cf. *Volume III, Apêndice B*) a serem analisados nos capítulos seguintes (cf. *Volume II*) –, que alguns desses diminutivos – e, por consequência, os seus sufixos – resultavam de empréstimo a outras línguas românicas, estendemos esse estudo a algumas dessas línguas, em específico o espanhol, o francês, o italiano e o provençal.

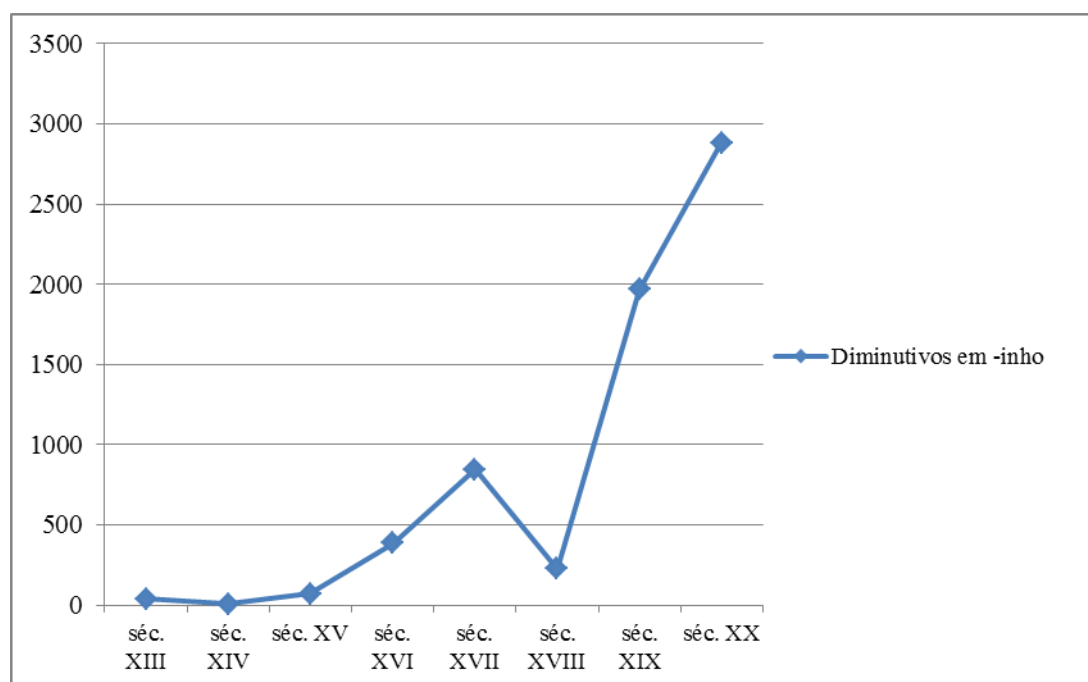
Os dois capítulos seguintes, por sua vez, foram dedicados, exclusivamente, à descrição formal (fonética e morfológica), funcional e semântica dos diminutivos identificados em textos portugueses dos períodos arcaico (seção 4) e moderno (seção 5).

Tendo isso em consideração, destacaremos, ao longo destas *Conclusões*, inicialmente (seção 6.1), informações de caráter mais geral em relação aos sufixos diminutivos descritos. Na sequência (seção 6.2), focalizaremos cada um dos sufixos identificados, destacando as suas principais características.

6.1 Dos sufixos diminutivos em geral

Ao longo desta pesquisa, foi possível demonstrar que existem – no período que se estende do século XIII ao XX – diferentes sufixos que atuam com significação diminutiva em português, conforme os gráficos que seguem²⁹²:

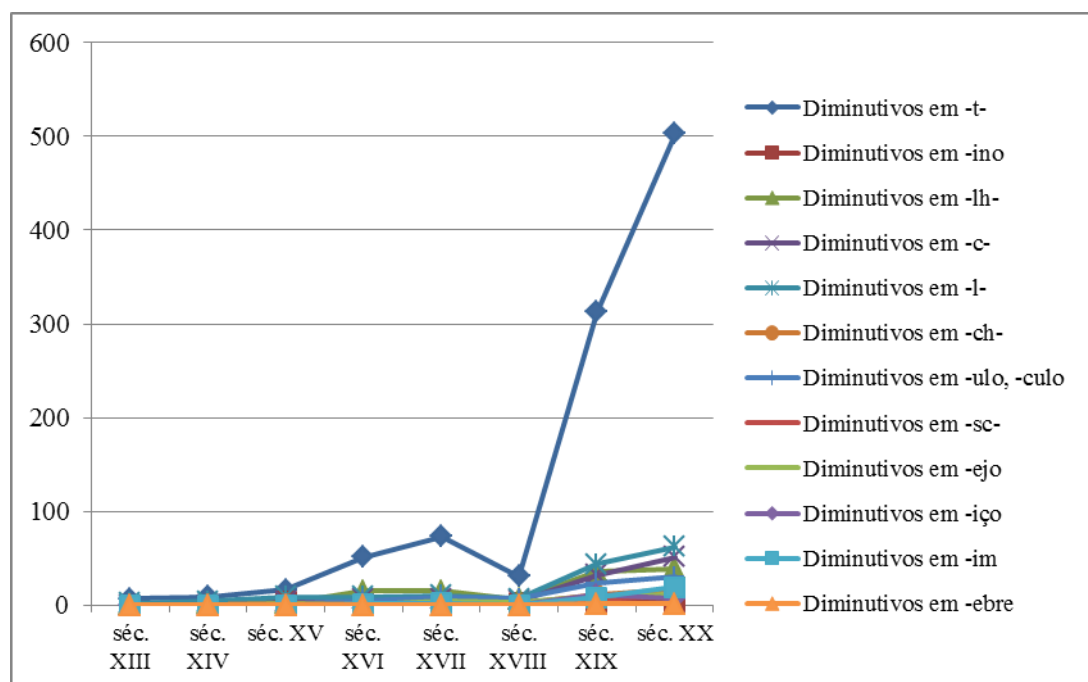
Gráfico 62 – Diminutivos em textos portugueses do século XIII ao XX: ocorrências com o sufixo *-inho*



Fonte: O Autor

²⁹² Pretendíamos, inicialmente, elaborar um gráfico único no qual constassem todos os sufixos diminutivos identificados nos textos analisados. No entanto, em face da grande quantidade de diminutivos em *-inho* – fato esse que gera uma escala numérica muito grande, com um intervalo de 500 diminutivos (cf. Gráfico 62, coluna da esquerda) –, em contraste com o pequeno número de diminutivos com os outros sufixos – quase todos eles não alcançando nem 100 ocorrências –, preferimos apresentar os diminutivos em *-inho* em um gráfico e os demais em outro, possibilitando, assim, uma melhor visualização gráfica de cada um dos diminutivos. Semelhante procedimento será repetido, ainda, em outros momentos ao longo destas *Conclusões*.

Gráfico 63 – Diminutivos em textos portugueses do século XIII ao XX: ocorrências com os demais sufixos



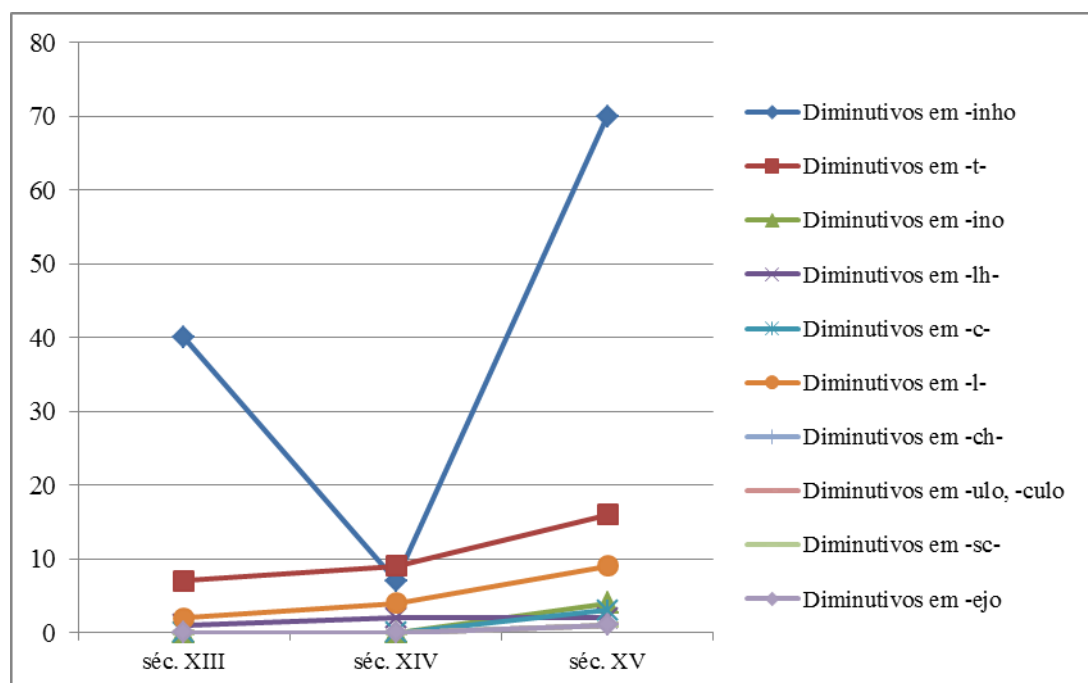
Fonte: O Autor

Com base nos dados acima²⁹³, verificamos a existência de 13 sufixos que atuam como diminutivos em língua portuguesa. Considerando, no entanto, que os sufixos acima estão indicados de forma genérica, isto é, sem contar as diferentes formas sob as quais podem aparecer, assim como sem indicar as formas femininas, observamos que esse número é maior ainda²⁹⁴.

Não obstante tenham sido identificados os sufixos diminutivos acima, é importante destacar que eles não são encontrados sempre em todos os períodos da língua portuguesa, havendo, inclusive, algumas vezes, distinção entre sincronias de um mesmo período. Assim, por exemplo, em português arcaico ocorrem os sufixos apresentados no gráfico a seguir:

²⁹³ Nos comentários que apresentaremos ao longo desta seção, não faremos referência à quantidade exata de diminutivos encontrados por sufixo em cada sincronia. Para verificar as ocorrências exatas de cada um desses sufixos, consultem-se as respectivas seções nos dois últimos capítulos.

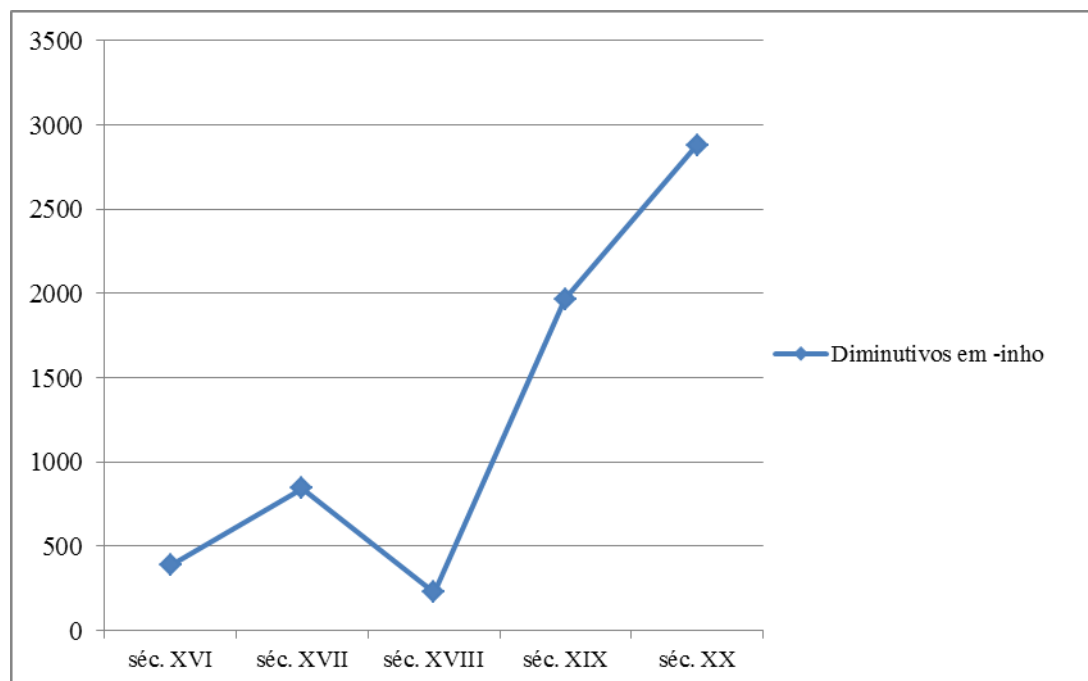
²⁹⁴ Na seção 6.2 – na qual, como já indicamos, apresentaremos as principais características de cada um dos diminutivos identificados –, serão indicadas todas as formas sob as quais esses sufixos ocorrem. Além disso, elas podem ser encontradas ao longo das seções 4 e 5.

Gráfico 64 – Diminutivos em textos portugueses do século XIII ao XV: ocorrências por sufixo

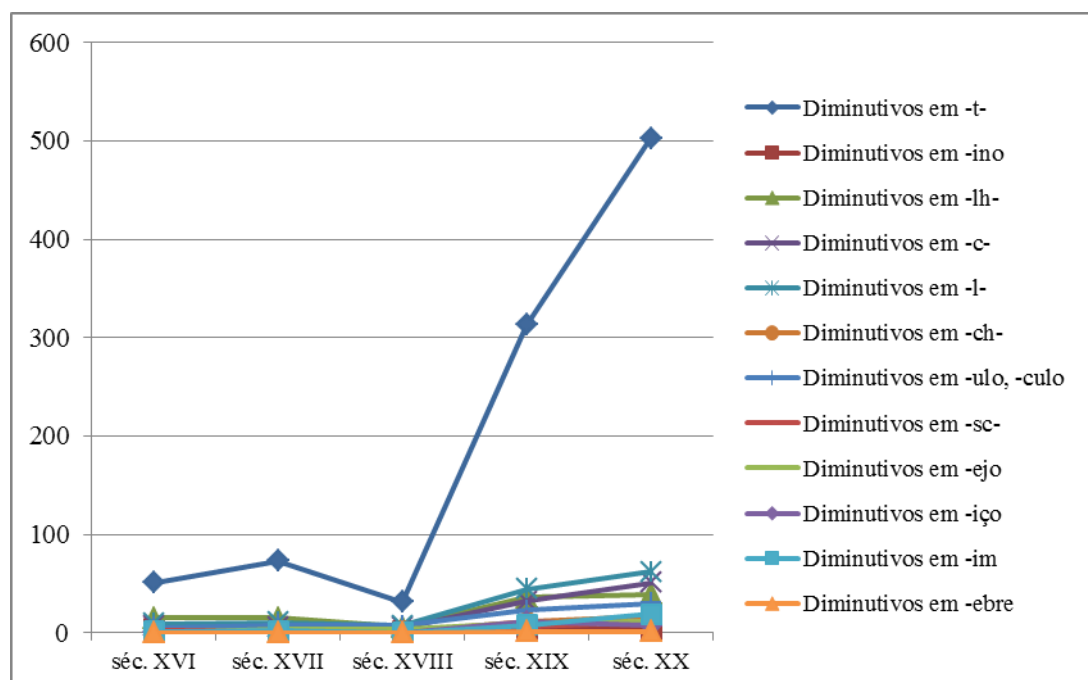
Fonte: O Autor

Vemos, no entanto, a partir do gráfico acima, que, nos séculos XIII e XIV somente se encontram diminutivos com os sufixos *-inho*, em *-t-*, em *-lh-* e em *-l-*; por sua vez, no século XV, além desses quatro citados, ocorrem outros seis, a saber: *-ino*, em *-c-*, em *-ch-*, *-ulo* e *-culo*, em *-sc-* e em *-ejo*.

Já em português moderno, os sufixos identificados são estes:

Gráfico 65 – Diminutivos em textos portugueses do século XVI ao XX: ocorrências com o sufixo *-inho*

Fonte: O Autor

Gráfico 66 – Diminutivos em textos portugueses do século XVI ao XX: ocorrências com os demais sufixos

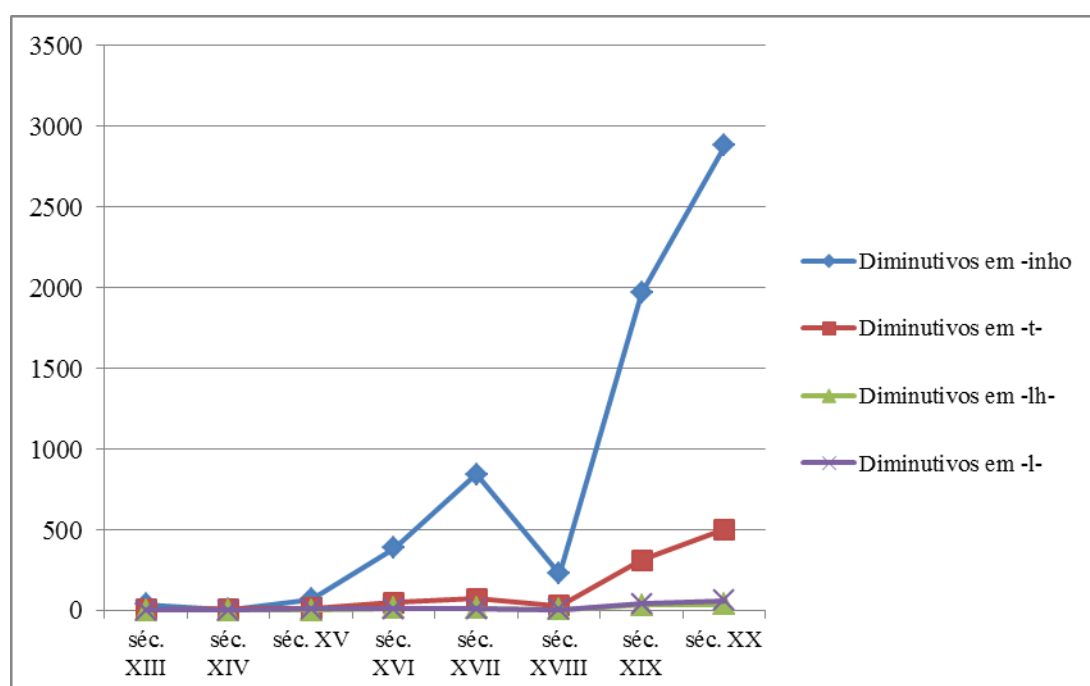
Fonte: O Autor

Considerando os dois gráficos acima, é possível perceber que os sufixos *-inho*, em *-t-*, *-ino*, em *-lh-*, em *-c-*, em *-l-*, em *-ch-*, *-ulo* e *-culo*, em *-sc-* ocorrem em todas as

sincronias do português moderno; o sufixo *-ejo* somente não foi identificado no século XVI; já *-im* só não ocorre no século XVIII; os sufixos *-iço* e *-ebre* ocorrem somente nos séculos XIX e XX.

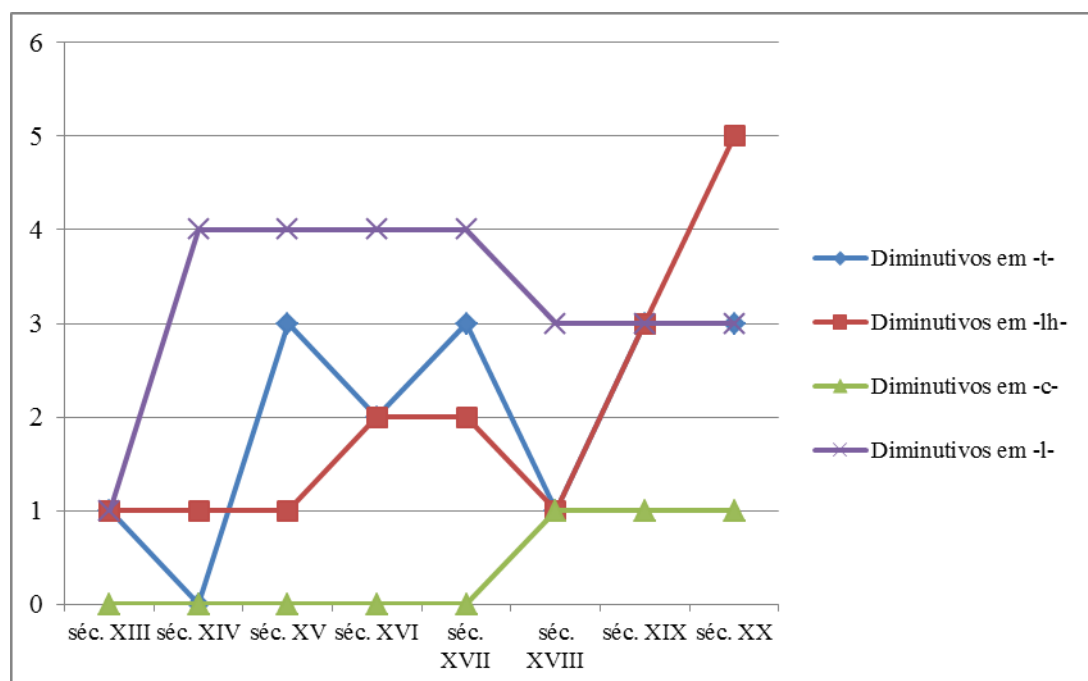
Verifica-se, dessa forma, que somente os sufixos *-inho*, em *-t-*, em *-lh-* e em *-l-* são encontrados em textos portugueses de todas as sincronias analisadas ao longo desta pesquisa, conforme indica o gráfico abaixo:

Gráfico 67 – Diminutivos em textos portugueses do século XIII ao XX: sufixos encontrados em todas as sincronias

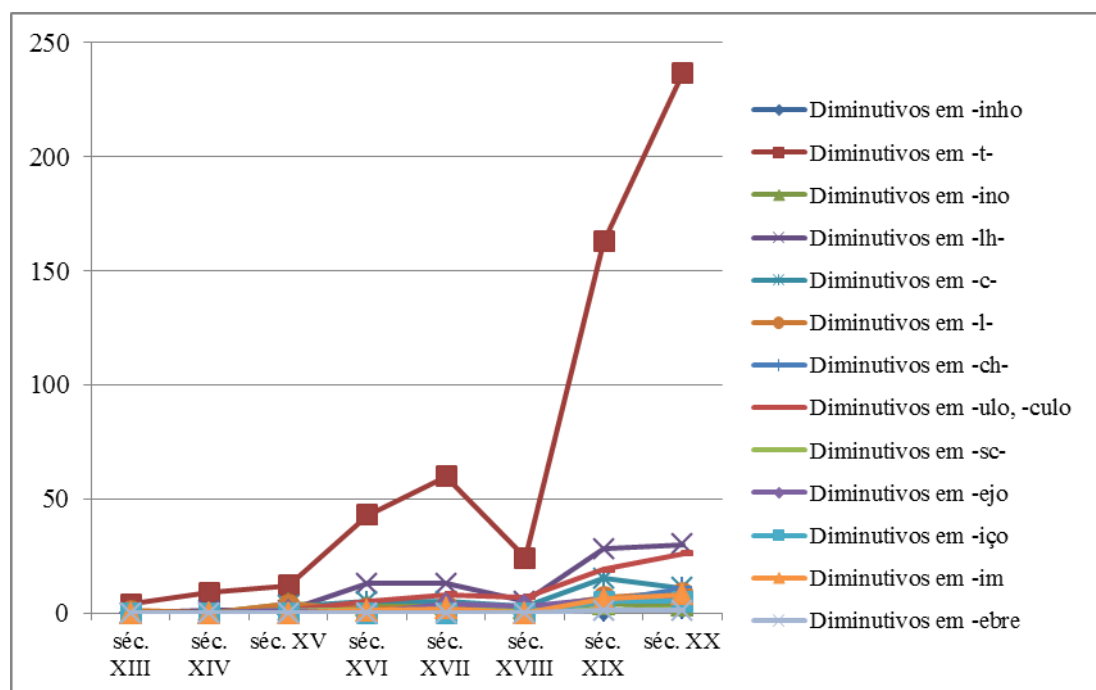


Fonte: O Autor

Do ponto de vista de sua formação, os diminutivos identificados em português ou são herdados, ou são empréstimo a outras línguas românicas ou ao latim clássico, ou são formados em língua portuguesa. Nos gráficos a seguir, indicamos a importância dos sufixos identificados em cada um desses processos e em cada uma das sincronias descritas:

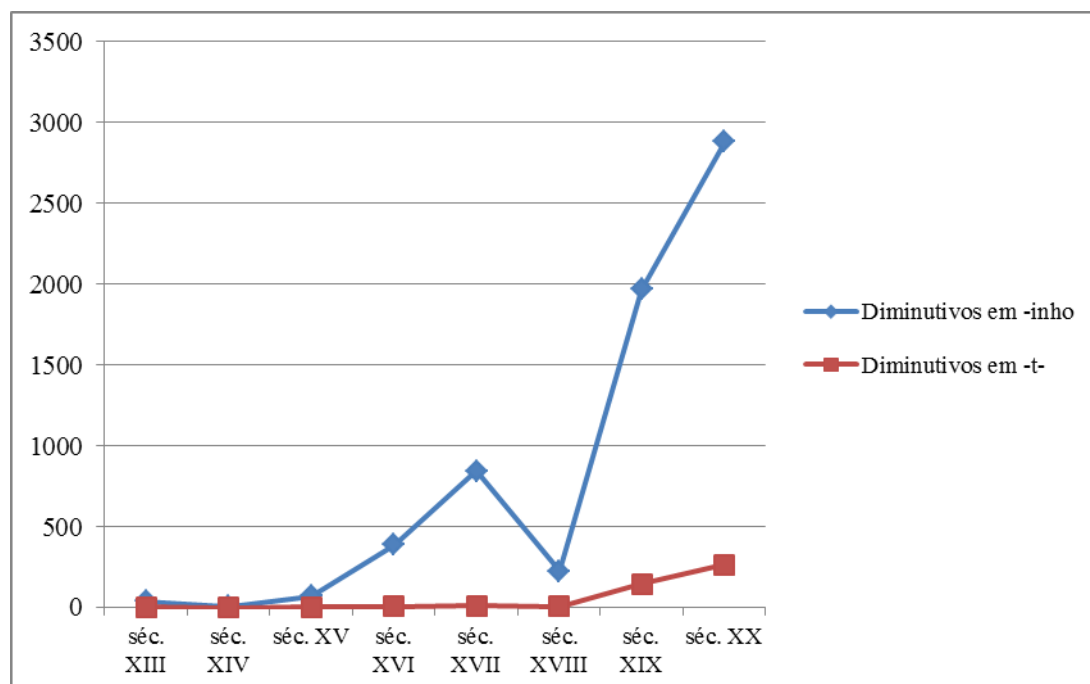
Gráfico 68 – Diminutivos herdados em textos portugueses do século XIII ao XX

Fonte: O Autor

Gráfico 69 – Diminutivos resultados de empréstimo em textos portugueses do século XIII ao XX

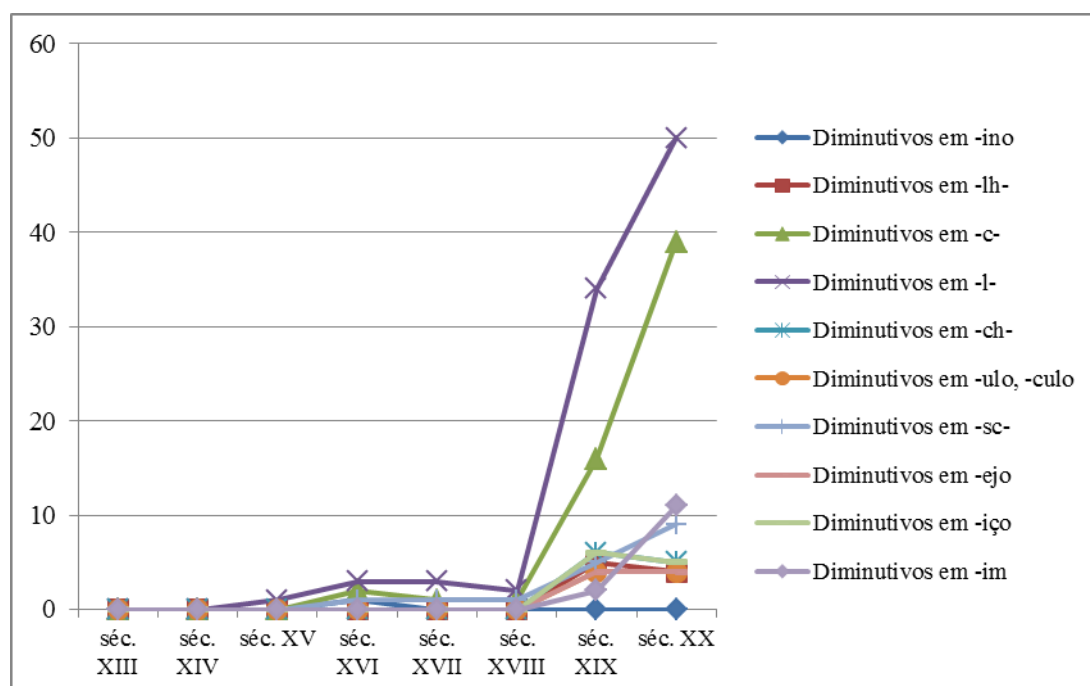
Fonte: O Autor

Gráfico 70 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: sufixos de maior frequência



Fonte: O Autor

Gráfico 71 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: sufixos de menor frequência



Fonte: O Autor

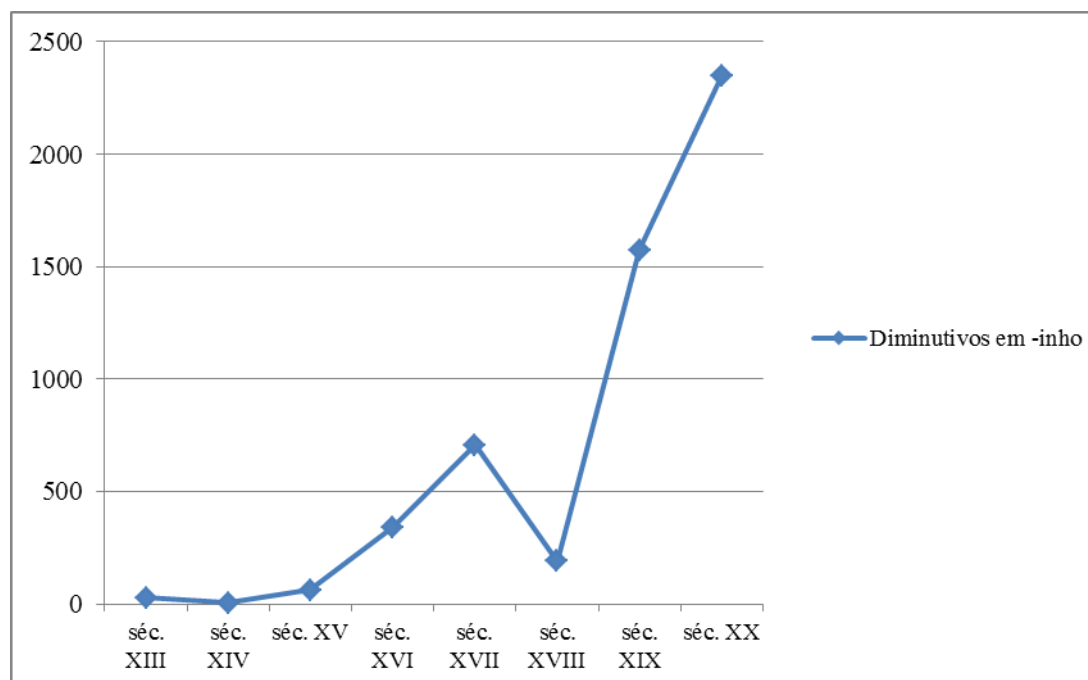
Quanto à proveniência, os sufixos diminutivos identificados em língua portuguesa são, portanto, ou transmitidos diretamente do latim vulgar ao português – como *-inho*, *-ito*, *-ico* etc. –, ou sufixos tomados de empréstimo, quer a outras línguas românicas – também com étimo latino, tais como *-ete*, *-ejo*, *-ilho* etc. –, quer ao latim clássico, como ocorre com os sufixos *-ulo* e *-culo*. Esses sufixos, por sua vez, após terem sido incorporados à língua portuguesa, podem ou não tornar-se produtivos, isto é, podem existir em português somente em palavras que foram incorporadas a essa língua, mas que possuem proveniência estrangeira, ou podem ser empregados para formar novas palavras em português a partir de palavras já existentes nessa língua, tal como indicaremos ao longo da seção 6.2.

Como uma consequência dessa diversidade de procedência dos diminutivos e dos sufixos que possuem essa significação, encontram-se, com alguma frequência, diminutivos cristalizados ou lexicalizados, como *ramalhete*, *cabrito*, *fagulha*, *novilho*, *migalha*, *campainha* etc.. Em tais casos – os quais envolvem, sobretudo, palavras muito antigas da língua –, a significação já se encontra inerente à palavra, não sendo possível, em perspectiva sincrônica, perceber a importância do sufixo na constituição da significação diminutiva da palavra.

Considerando as análises apresentadas acerca dos Gráficos 62, 63, 64, 65, 66 e 67 e ainda com base nos dados constantes nos Gráficos 70 e 71, é possível concluir, também, que os sufixos aqui identificados não estiveram sempre à disposição da generalidade dos usuários da língua para a formação de diminutivos em português, isto é, embora, em sua totalidade, o número de sufixos diminutivos seja grande, somente alguns deles formaram diminutivos em todas as sincronias – como se deu com o sufixo *-inho* – ou na maioria delas – ou seja, em pelo menos cinco sincronias, como ocorre com os sufixos em *-t-*, em *-c-* e em *-l-*.

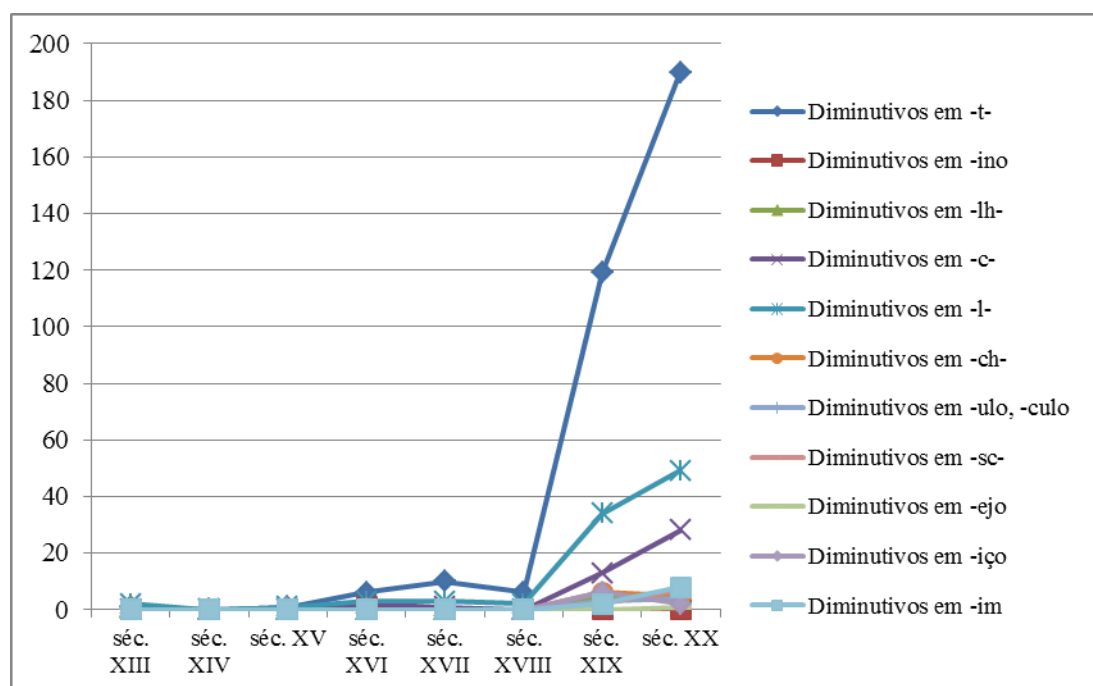
Por seu lado, os diminutivos formados em português podem resultar do acréscimo desses sufixos a palavras que apresentam diferentes tipos de terminação, isto é, diversos são os contextos com os quais os sufixos aqui descritos se combinam, conforme vemos nos gráficos a seguir:

Gráfico 72 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: contexto de vogal átona oral: sufixo *-inho*



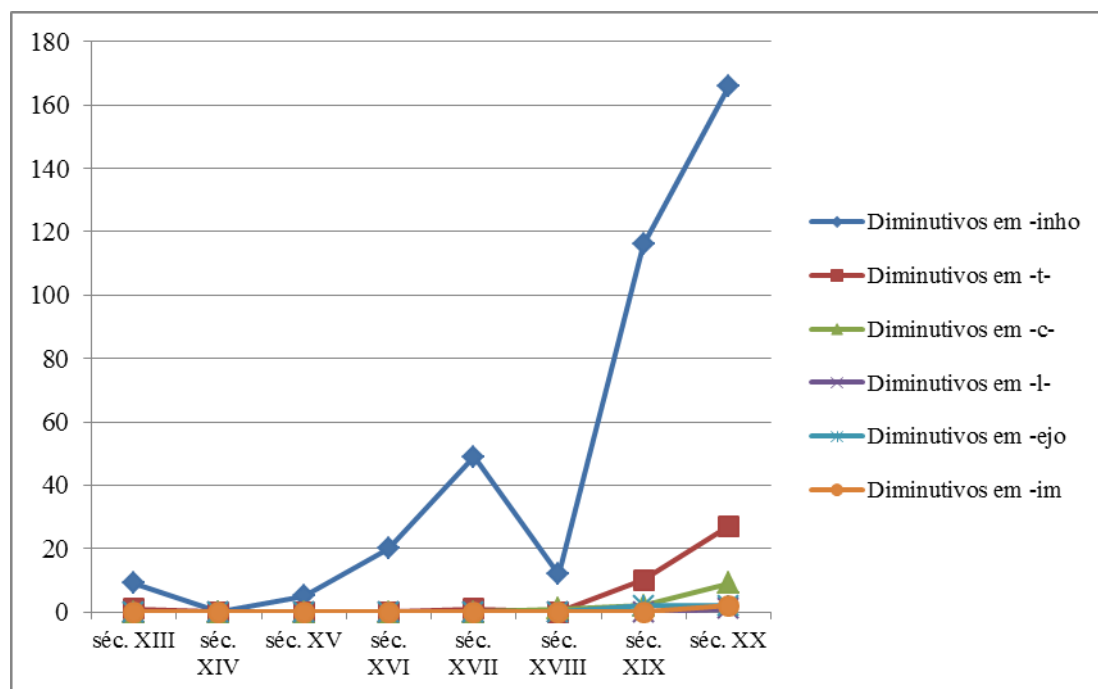
Fonte: O Autor

Gráfico 73 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: contexto de vogal átona oral: demais sufixos



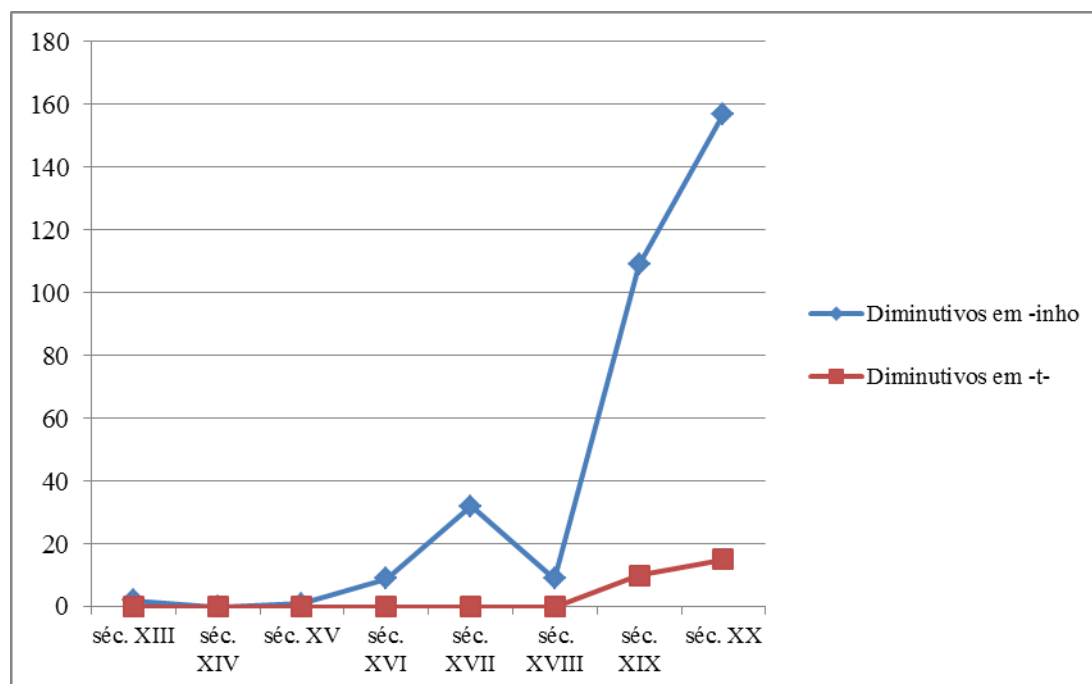
Fonte: O Autor

Gráfico 74 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: contexto de consoante



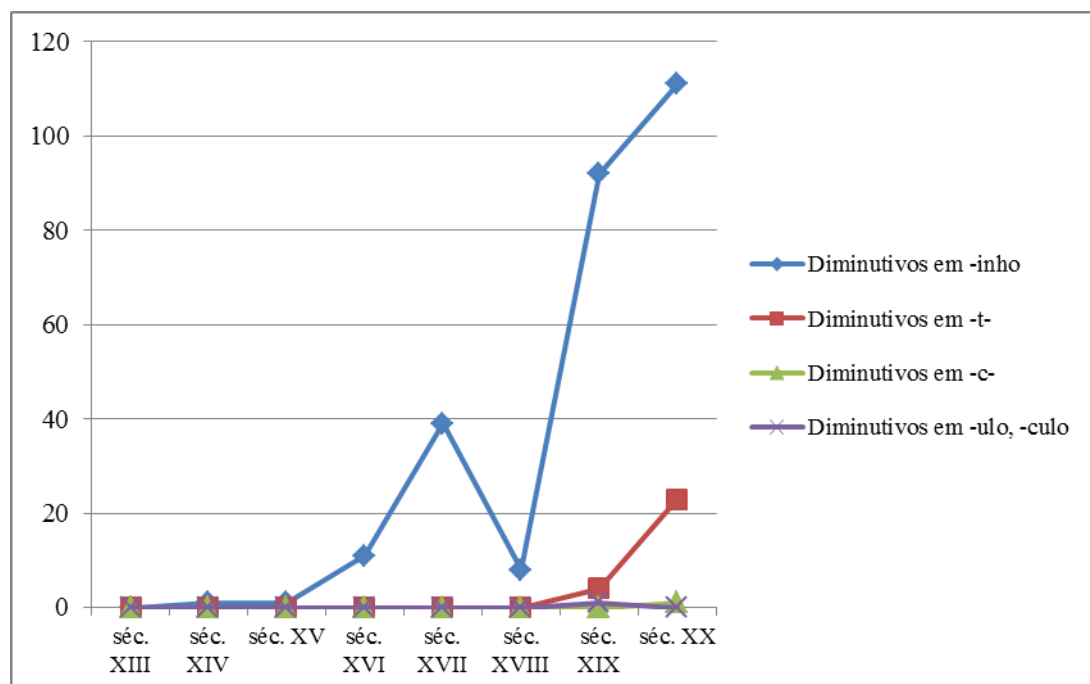
Fonte: O Autor

Gráfico 75 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: contexto de ditongo oral



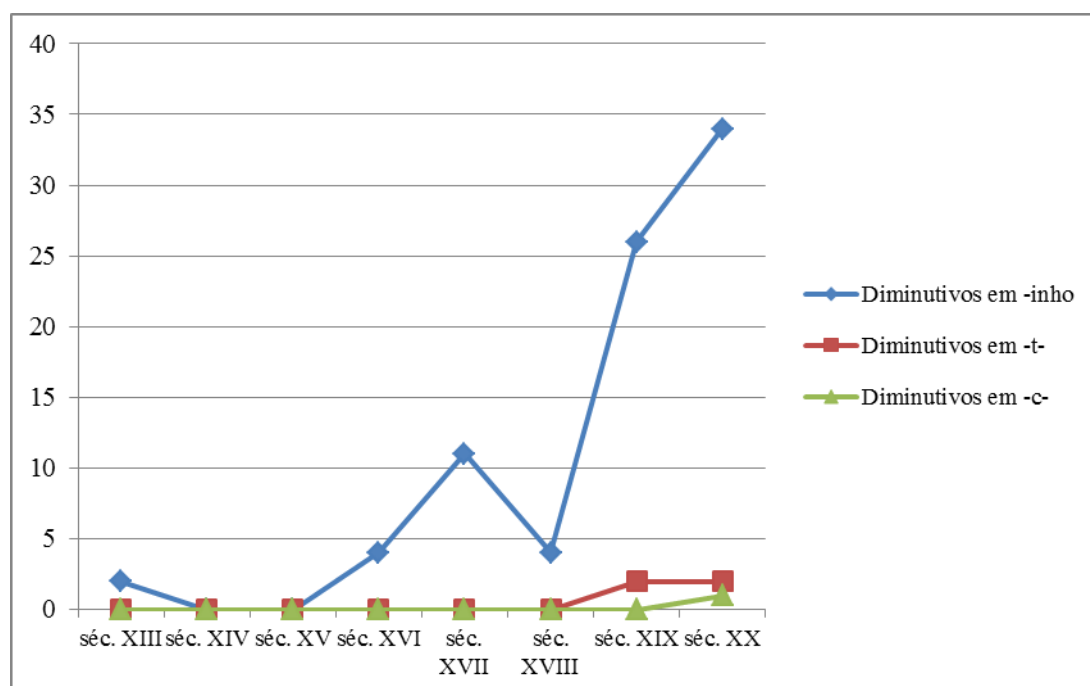
Fonte: O Autor

Gráfico 76 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: contexto de ditongo nasal



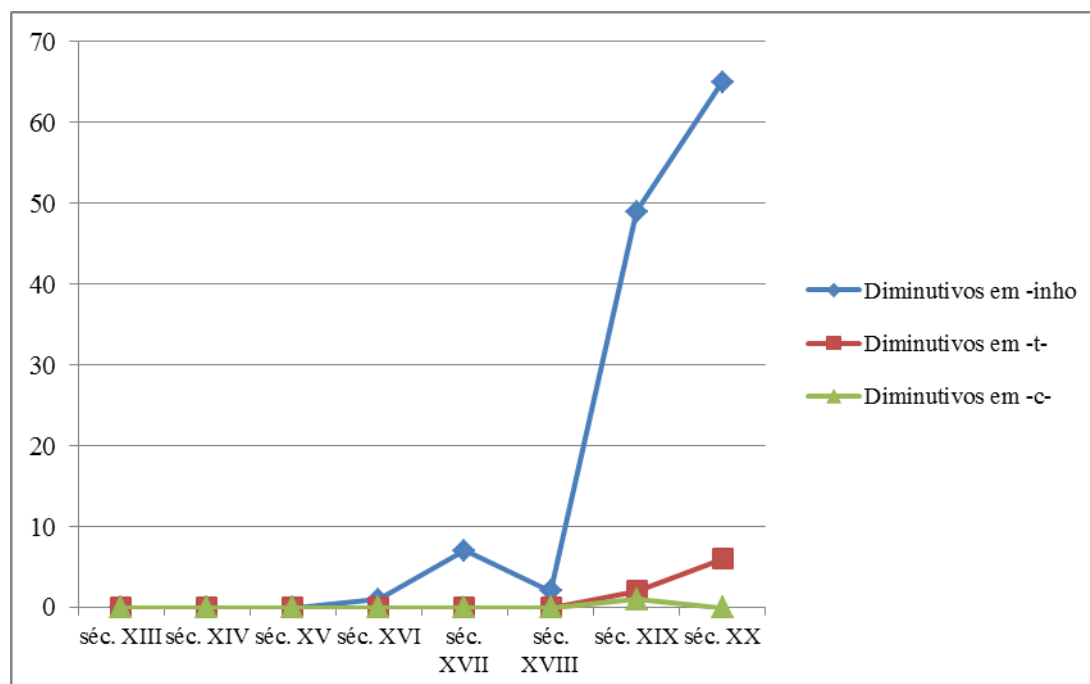
Fonte: O Autor

Gráfico 77 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: contexto de vogal nasal



Fonte: O Autor

Gráfico 78 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: contexto de vogal tônica oral



Fonte: O Autor

Como se observa a partir desses gráficos, os contextos nos quais há um maior número de sufixos empregados são vogal átona oral e consoante. Nos demais contextos, o número de sufixos empregados é bem mais restrito. Verifica-se, no entanto, que, em todos os contextos e em todas as sincronias, o sufixo *-inho* e os sufixos em *-t-* são sempre, nessa ordem, os mais frequentes²⁹⁵.

Uma vez que, como indicado nos gráficos acima, diferentes sufixos podem ser empregados em mais de um contexto, existem, em português, palavras primitivas que possuem mais de uma forma diminutiva – fato esse também existente em latim (cf. toda a seção 2.2.1.1) –, conforme os exemplos abaixo:

AdelinINHO ← *AdelinO*

AdelinITO ← *AdelinO*

LacINHO ou LacINHOS ← *Laço*

LacETEs ← *Laço*

²⁹⁵ Advirta-se que não foram identificadas ocorrências de diminutivos em *-t-* formados em português ao longo do século XIV, ou seja, nessa sincronia, os sufixos em *-t-* não estão entre os mais frequentes.

ManhãZINHA <~> ManhãSINHA ou ManhãZINHAs ← Manhã
 ManhãZITA ← Manhã

MarrãoZINHO ou MarrõeZINHOS ← Marrão
 MarrãoZITO ← Marrão

NegocINHO ← Negócio
 NegocioZITO ← Negócio

OvelhINHA ou OvelhINHAs ← Ovelha
 OvelhOTA ← Ovelha

SinINHO ou SinINHOS ← SinO
 SinETA ou SinETAs ← SinO

VozINHA ← VoZ
 VozITA ← VoZ

ZeZINHO <~> ZéZINHO <~> ZêZINHO ← ZÉ k-JosÉ <~> JozÉ
 ZeZITO ← ZÉ k-JosÉ <~> JozÉ

JanelINHA ou JanelINHAs ← Janela
 JanelíCULAs ← Janela

QuintalINHO ← QuintaL
 QuintalEJO ou QuintalEJOs ← QuintaL
 QuintalECO ← QuintaL

MagrINHO ou MagrINHOS ← Magro
 MagriÇO ← Magro

DedIM ← DedO
 DedINHO ← DedO

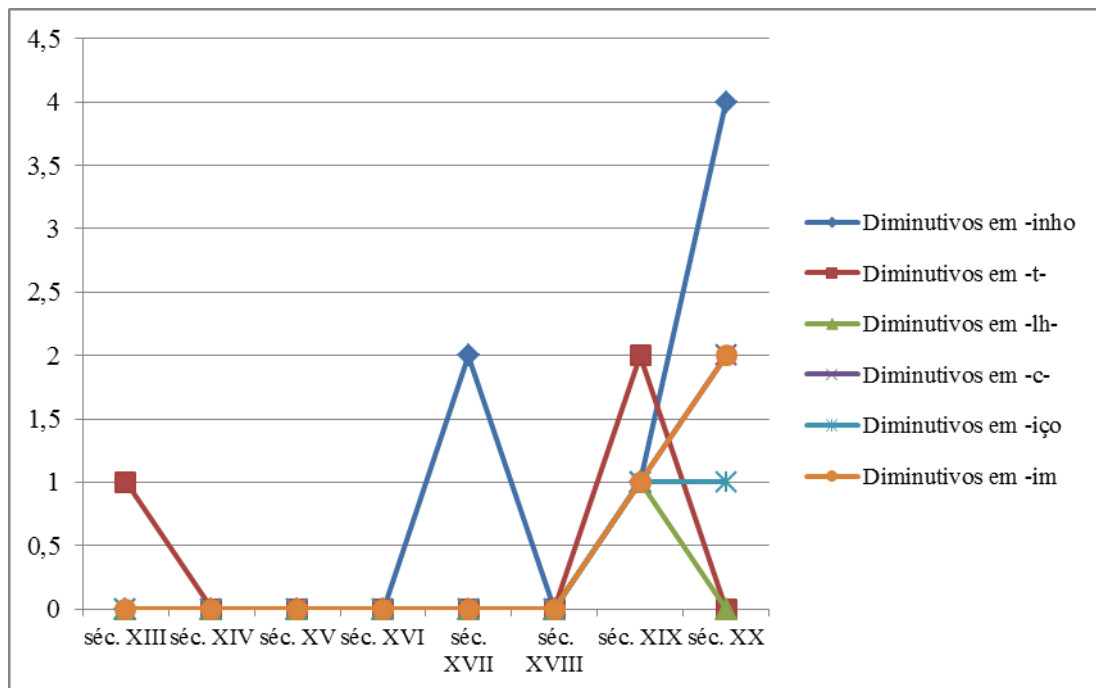
FoguINHO ← FogO
 FogACHO ou FogACHOs ← FogO

No que concerne à relação entre a palavra primitiva e a forma sufixal a ser empregada, encontramos algumas características comuns aos diminutivos analisados ao longo desta pesquisa. Se, por exemplo, a palavra primitiva termina em vogal nasal, ditongo nasal ou vogal tônica oral, a forma sufixal a ser empregada é, quase sempre, iniciada por uma consoante <z>. Quando, no entanto, a palavra primitiva termina em consoante, sendo essa consoante <l> ou <r>, a forma sufixal a ser empregada pode vir ou não iniciada por consoante; com as consoantes <s> e <z>, no entanto, muito raramente não se empregou a forma sufixal iniciada por vogal. Com palavra primitiva terminada em vogal átona oral, geralmente se emprega uma forma sufixal iniciada por vogal, encontrando-se, no entanto – principalmente, quando os sufixos em questão são *-inho* e em *-t-* –, também o emprego de forma sufixal iniciada por consoante. Já as palavras que terminam em ditongo oral, geralmente recebem uma forma sufixal iniciada por consoante, embora possam receber, também, uma forma iniciada por vogal. Em vista do exposto, é possível concluir, portanto, que a terminação da palavra primitiva orienta acerca da forma sufixal a ser empregada.

Também merece destaque, aqui, o modo de combinação que se dá entre a forma sufixal e a palavra primitiva. Assim, se a forma sufixal é iniciada por consoante, o seu acréscimo não provocará nenhuma alteração na forma da palavra primitiva. Nesses casos, uma vez que a forma da palavra primitiva permanece intacta, é possível marcar o plural tanto no interior do diminutivo – em posição anterior ao sufixo, logo após a forma da palavra primitiva – quanto em seu final – logo após o sufixo. Quando, no entanto, a forma sufixal empregada é iniciada por vogal, identificam-se dois tipos de comportamento, a depender da forma da palavra primitiva: com palavras que terminam em consoante, o sufixo é acrescentado logo após esta, sem provocar alteração em sua forma; já com palavras terminadas em vogal átona oral, esta é eliminada para que ocorra o acréscimo da forma sufixal. Também com palavras que terminam em ditongo oral, verifica-se a eliminação da vogal átona final, podendo haver, inclusive, a fusão da vogal do sufixo – caso ela seja a vogal [i] – com a semivogal do ditongo – desde que esta seja [j].

Ainda sob a perspectiva de sua forma, a relação entre o gênero do derivado e o gênero da palavra primitiva, assim como a relação entre a classe morfológica a que pertencem ambas as palavras são temas que se destacam na descrição dos diminutivos formados em português. Desse modo, a partir do gráfico a seguir, é possível afirmar que, raramente, ao longo da história da língua portuguesa, o gênero do diminutivo difere do gênero da palavra a partir da qual se formou:

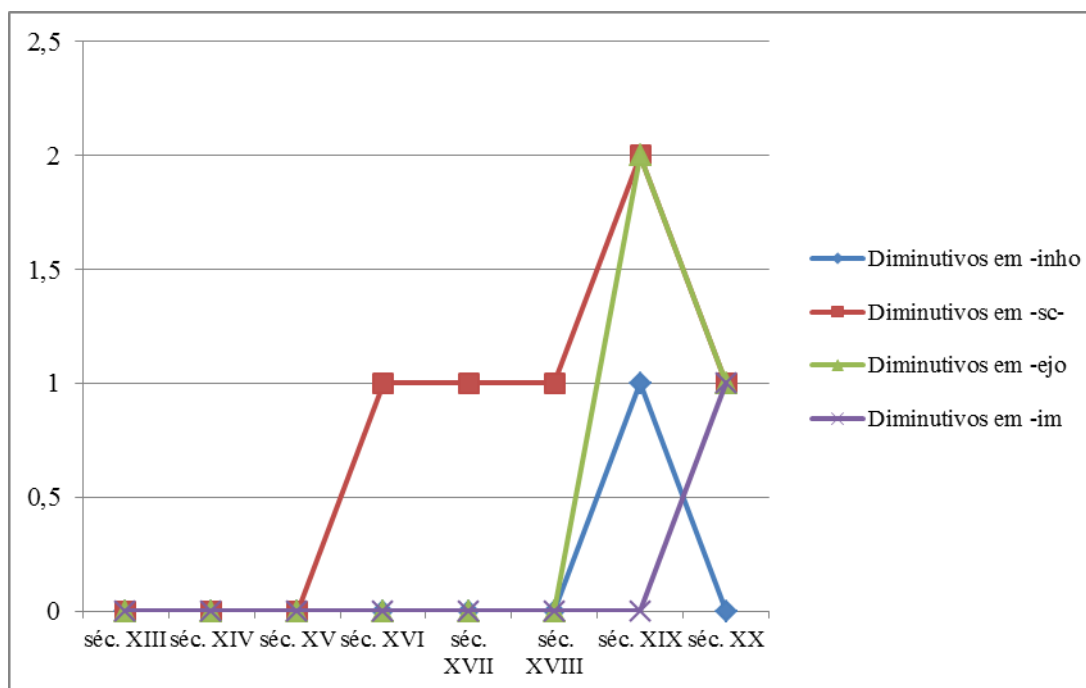
Gráfico 79 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX com gênero diferente do gênero da palavra primitiva



Fonte: O Autor

O mesmo se verifica em relação à classe morfológica, como fica evidente a partir do gráfico abaixo:

Gráfico 80 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX com classe de palavra diferente da classe de palavra do primitivo



Fonte: O Autor

Outras duas características que merecem ser destacadas no estudo dos sufixos diminutivos que se formam em português referem-se à possibilidade tanto de formação de nomes próprios diminutivos, quanto de diminutivos a partir de palavras que já se encontram no diminutivo. A ocorrência dos primeiros é, em conformidade com os dados analisados, pouco frequente em português arcaico e nos três primeiros séculos do período moderno, mas muito frequente nos séculos XIX e XX. Já em relação à formação de diminutivos a partir de outros diminutivos é encontrada a partir do século XIX, acentuando-se ao longo do século seguinte.

No âmbito da semântica dos diminutivos portugueses, ficou evidente, a partir dos exemplos analisados, que o diminutivo não significa, somente, *diminuição de tamanho*, apresentando, ainda, desde o português arcaico, significações como *aproximação afetiva positiva*, *depreciação*, *intensidade*, *duração* e *quantidade*. Essas significações, contudo, não devem ser consideradas de forma estanque, ou seja, é possível que uma palavra seja empregada, em um mesmo contexto, simultaneamente com mais de uma significação, como ocorre, por exemplo, com os diminutivos de tamanho, que podem assumir, também, a significação de aproximação afetiva positiva ou depreciação.

Tanto a diversidade de significações, quanto a conservação do gênero da palavra primitiva, a formação de diminutivos a partir de uma palavra que já se encontra no diminutivo e a formação de nomes próprios diminutivos são características que os diminutivos da língua portuguesa possuem em comum com outras línguas românicas, como o espanhol, o francês e o italiano, as quais também já eram encontradas em latim (cf. seção 2). Dessa forma, é possível concluir que essas são características transmitidas a essas línguas através do latim vulgar.

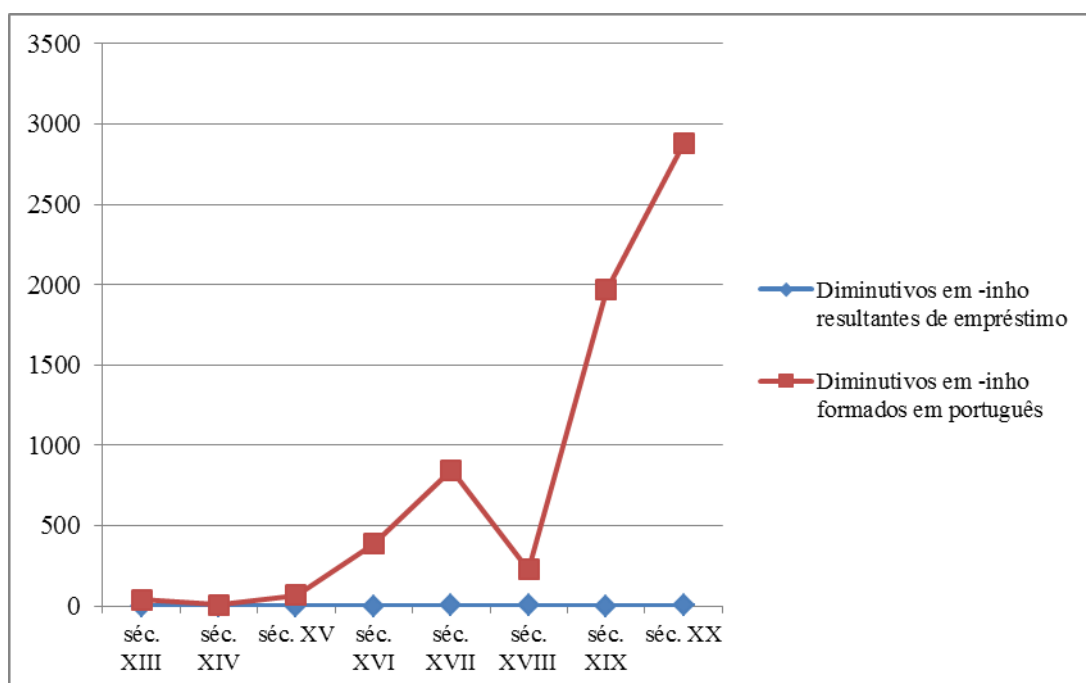
6.2 Dos sufixos diminutivos particulares

Além das características acima apresentadas, que são comuns a mais de um ou a vários sufixos, há outras que se referem ao comportamento de um sufixo particular. Dessa forma, apresentaremos, nas seções que seguem, o que é mais característico dos sufixos diminutivos identificados ao longo desta pesquisa.

6.2.1 O sufixo *-inho* e suas variações

O sufixo *-inho* é, dentre todos os sufixos diminutivos identificados em português, sempre o mais frequente – com exceção, apenas, do século XIV, quando os sufixos em *-t-* são encontrados em maior número. Quanto à procedência dos diminutivos em *-inho* que constituem os *corpora* sob análise, verifica-se que, em sua absoluta maioria, são formados em português, embora raramente também se encontrem palavras que resultam de empréstimo, conforme ilustramos neste gráfico:

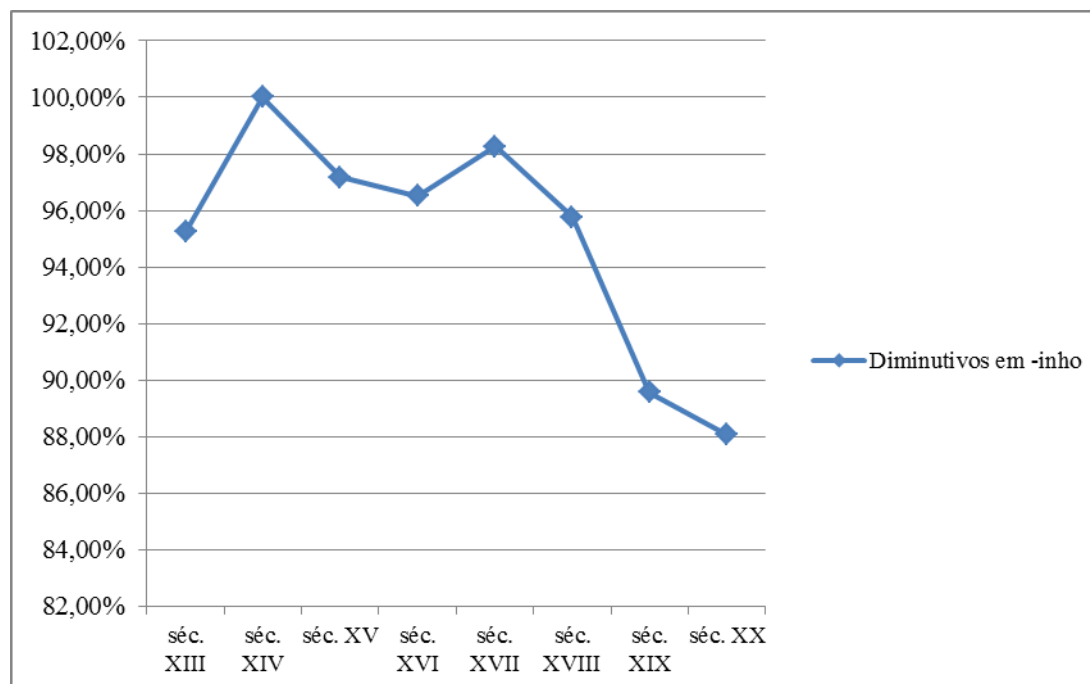
Gráfico 81 – Diminutivos em *-inho* em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo



Fonte: O Autor

Em relação ao número de diminutivos formados em português, isto é, quanto à produtividade, esse sufixo – que ocorre sob as formas *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* – em nenhuma sincronia é superado pelos outros, mas, ao contrário, permanece muito à frente dos demais, conforme indica o gráfico a seguir:

Gráfico 82 – Diminutivos formados em português em textos do século XIII ao XX: ocorrências com o sufixo *-inho* em porcentagem

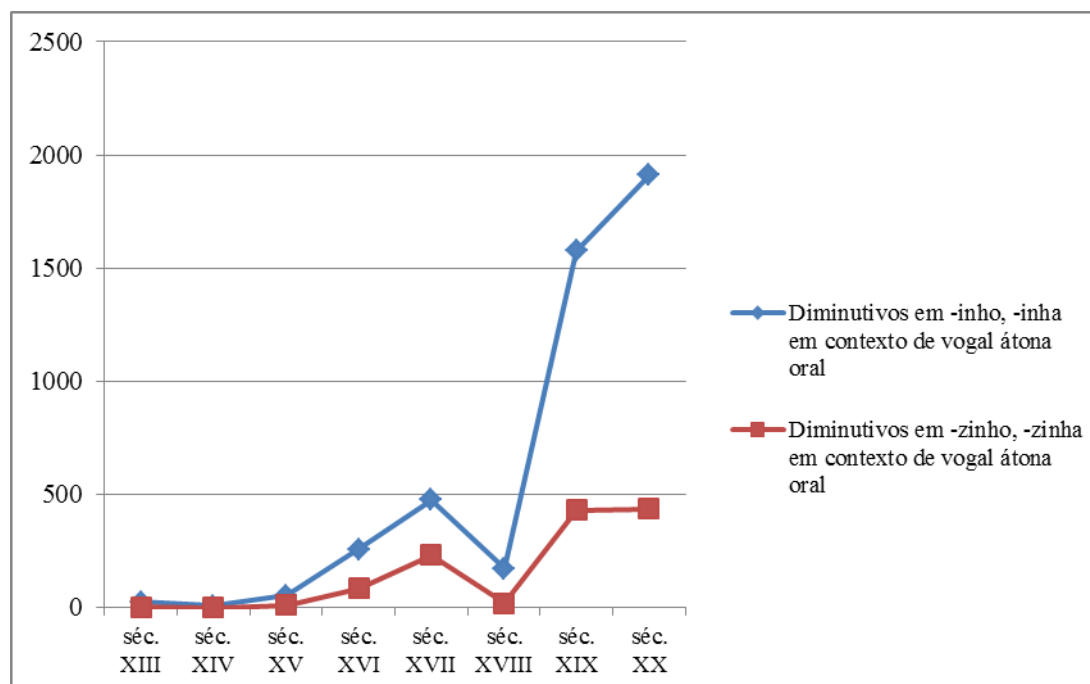


Fonte: O Autor

Não obstante se caracterize como o mais importante sufixo diminutivo em português – quer no período arcaico, quer no moderno –, o gráfico acima evidencia, nas duas últimas sincronias (séculos XIX e XX), o que parece ser uma tendência de queda, a qual é, sobretudo, uma consequência direta do maior espaço ocupado pelos sufixos em *-t-* nesse processo.

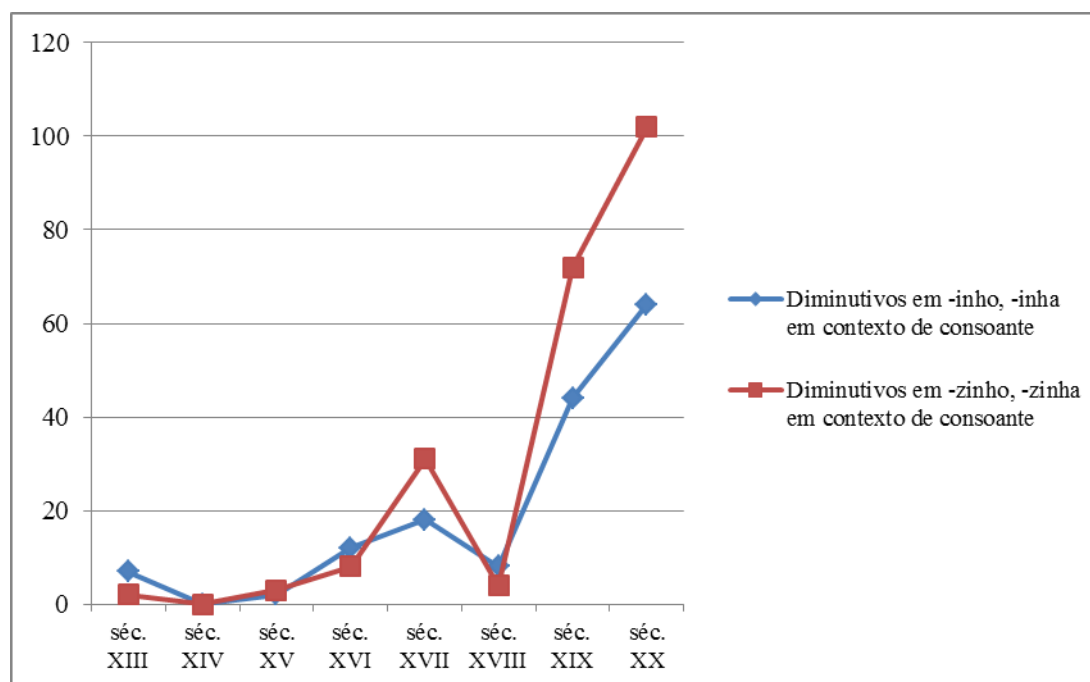
Assim como outros sufixos – os sufixos em *-t-*, por exemplo –, o sufixo *-inho* pode ser acrescentado a diversos contextos, podendo ser vogal átona oral, consoante, ditongo oral, ditongo nasal, vogal nasal ou vogal tônica oral. Contudo, os exemplos analisados ao longo desta pesquisa indicam que as formas sob as quais esse sufixo se manifesta, isto é, *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha*, apresentam comportamentos diferentes, dependendo da terminação da palavra primitiva à qual são expostas. Nos gráficos a seguir, apresentamos o comportamento de cada uma dessas formas, ao longo das sincronias abrangidas por esta pesquisa, diante dos contextos acima mencionados:

Gráfico 83 – Diminutivos em *-inho* em textos portugueses do século XIII ao XX: contexto de vogal átona oral



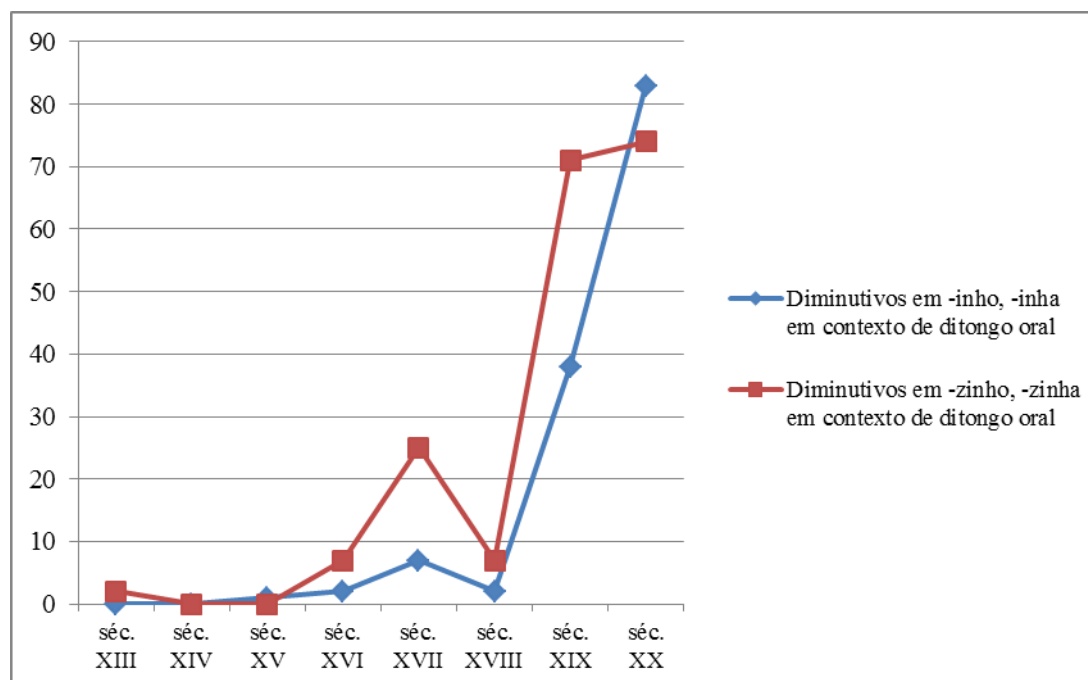
Fonte: O Autor

Gráfico 84 – Diminutivos em *-inho* em textos portugueses do século XIII ao XX: contexto de consoante



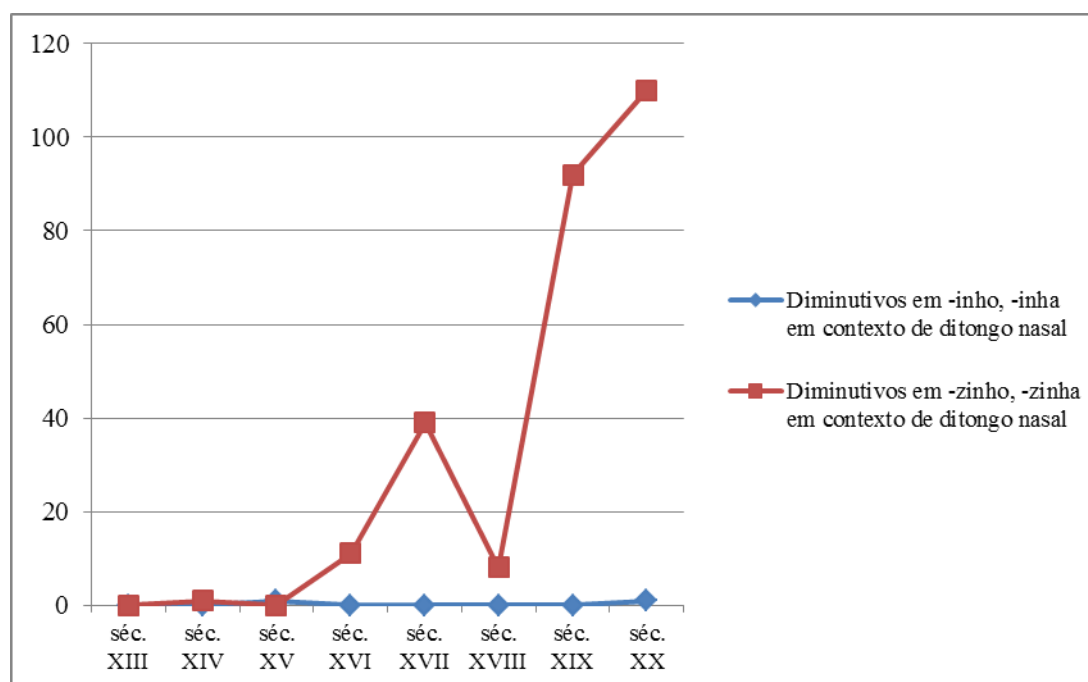
Fonte: O Autor

Gráfico 85 – Diminutivos em *-inho* em textos portugueses do século XIII ao XX: contexto de ditongo oral



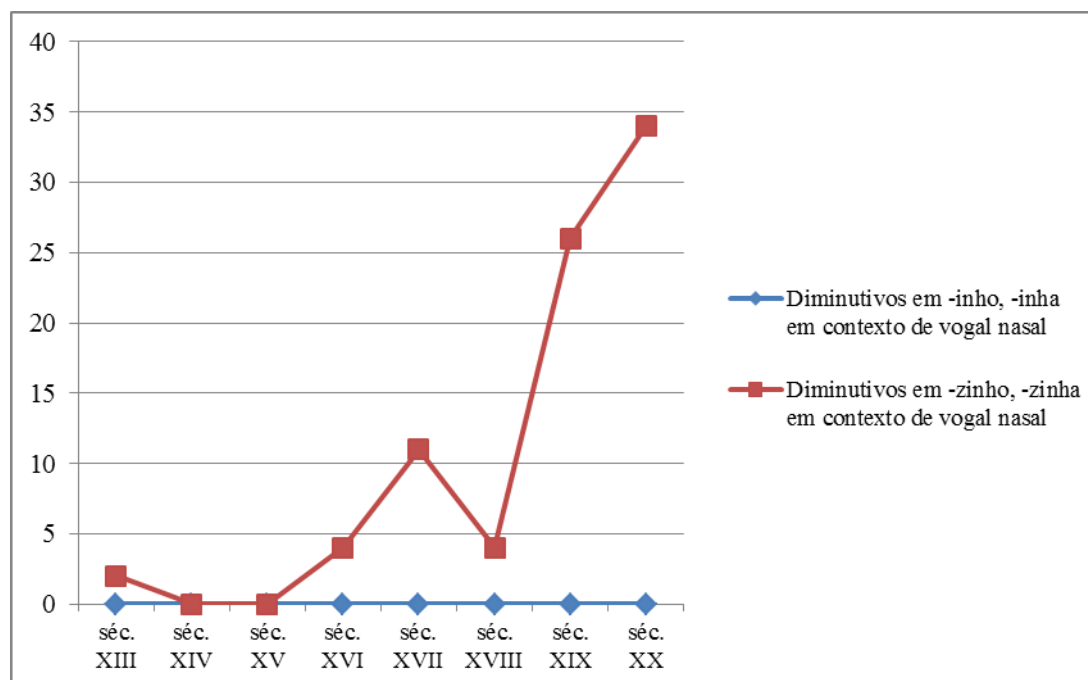
Fonte: O Autor

Gráfico 86 – Diminutivos em *-inho* em textos portugueses do século XIII ao XX: contexto de ditongo nasal



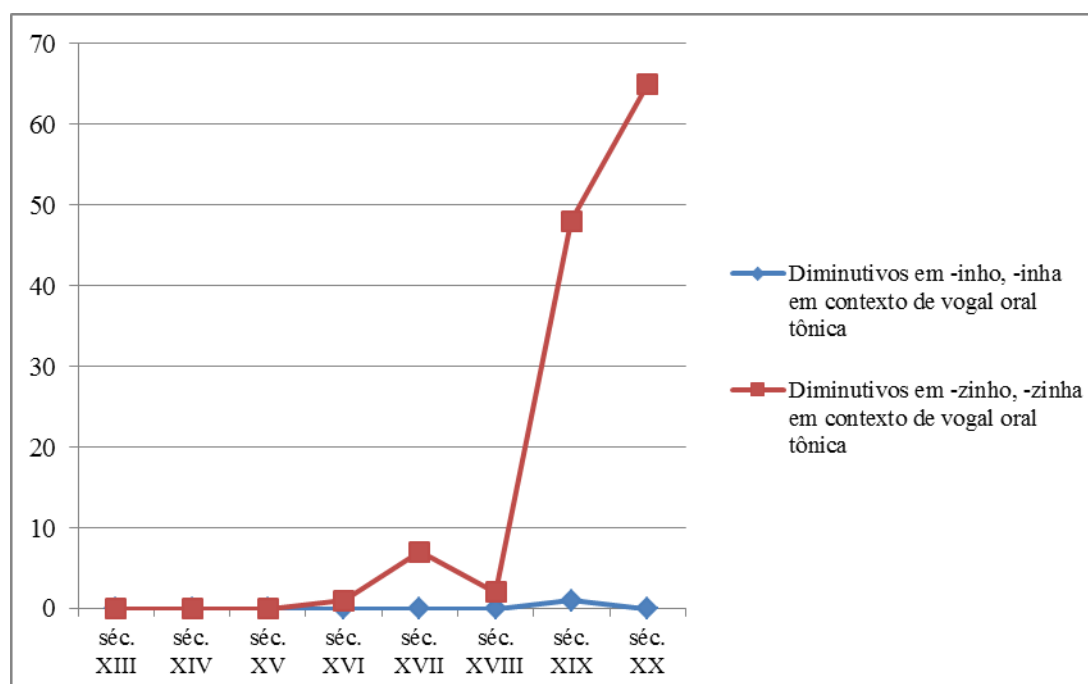
Fonte: O Autor

Gráfico 87 – Diminutivos em *-inho* em textos portugueses do século XIII ao XX: contexto de vogal nasal



Fonte: O Autor

Gráfico 88 – Diminutivos em *-inho* em textos portugueses do século XIII ao XX: contexto de vogal tônica oral



Fonte: O Autor

Com base nesses gráficos, verificamos que:

- com palavras terminadas em vogal átona oral (cf. Gráfico 83), tanto *-inho*, *-inha*, quanto *-zinho*, *-zinha* podem ser empregadas, embora as primeiras formas sejam mais frequentes que estas em todas as sincronias. O emprego dessas formas, por sua vez, é influenciado por fatores como número de sílabas da palavra primitiva e posição da sílaba tônica, da seguinte maneira: *-inho*, *-inha* são mais frequentes com palavras dissílabas e trissílabas, já *-zinho*, *-zinha* são, em algumas sincronias, mais frequentes que *-inho*, *-inha* com palavras polissílabas; *-inho*, *-inha* são bem mais frequentes que *-zinho*, *-zinha* com palavras paroxítonas, enquanto *-zinho*, *-zinha* são mais frequentes, em algumas sincronias, que *-inho*, *-inha* com palavras proparoxítonas;
- com palavras terminadas em consoante (cf. Gráfico 84), também são encontradas as formas *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha*, sendo que, até o século XVIII, ora as primeiras são mais frequentes, ora as últimas; a partir do século XIX, as formas *-zinho*, *-zinha* se consolidam como as mais frequentes. Também nesse contexto se verifica que o emprego das formas sufixais em questão sofre a influência de alguns fatores, tais como tipo de consoante que ocorre no final da palavra, número de sílabas e posição da sílaba tônica da palavra primitiva. Assim, com palavras em <r>, o emprego de *-zinho*, *-zinha* é mais frequente que o de *-inho*, *-inha*; as que terminam em <l>, em algumas sincronias ocorrem mais com *-inho*, *-inha*, em outras, com *-zinho*, *-zinha*; já as que terminam em <s> ou <z>, muito raramente admitem *-zinho*, *-zinha*. Em relação ao número de sílabas, verifica-se certa variabilidade entre os monossílabos e dissílabos – com os monossílabos, ora predomina o uso das formas *-inho*, *-inha* (século XVII), ora *-zinho*, *-zinha* (séculos XVIII e XX), ora essas formas sufixais ocorrem equivalentemente (século XIX); com palavras dissílabas, as formas *-inho*, *-inha* são mais frequentes nos séculos XIII, XVI e XVIII, enquanto *-zinho*, *-zinha* predominam nos séculos XVII, XIX e XX. Já os trissílabos e polissílabos são mais favoráveis ao emprego de *-zinho*, *-zinha* – entre os séculos XVI e XX, as formas *-inho*, *-inha* superam *-zinho*, *-zinha* apenas no século XVI; já com palavras polissílabas, identificou-se, somente, ocorrência das formas *-zinho*, *-zinha*. Por fim, o sufixo *-inho* assim se caracteriza, no contexto em destaque, tendo em vista a posição da sílaba tônica da palavra primitiva: com os monossílabos tônicos, *-inho*, *-inha* e *-zinho*, *-zinha* são empregados na mesma proporção no século XIX, sendo *-inho*, *-inha* mais frequentes no século XVII, e *-zinho*, *-zinha*, nos séculos XVIII e XX; em relação às oxítonas, observa-se que, em algumas sincronias (séculos XVII, XIX e XX), as formas

-zinho, *-zinha* são mais frequentes, enquanto o emprego de *-inho*, *-inha* é predominante nos séculos XIII, XVI e XVIII, sendo ambas as formas empregadas proporcionalmente no século XV; já com paroxítonas, as formas *-zinho*, *-zinha* são mais frequentes;

- *em contexto de ditongo oral* (cf. Gráfico 85), até o século XV ora são encontrados mais diminutivos com *-inho*, *-inha*, ora com *-zinho*, *-zinha*; do século XVI ao XIX, os exemplos com *-zinho*, *-zinha* são mais frequentes em todas as sincronias; já com os diminutivos do século XX, predominam as formas *-inho*, *-inha*. É importante destacar, ainda, que o emprego dessas formas é influenciado pelo número de sílabas e pela posição da sílaba tônica da palavra primitiva. Assim, em relação ao primeiro tema, temos: com palavras monossílabas, somente se empregam *-zinho*, *-zinha*; com palavras dissílabas e trissílabas, predominam as formas *-zinho*, *-zinha*, exceto no século XX, quando *-inho*, *-inha* são mais frequentes; com palavras polissílabas, é raro o emprego de *-inho*, *-inha*. Quanto à segunda temática, verifica-se que as palavras monossílabas tônicas e as oxítonas somente receberam *-zinho*, *-zinha*, enquanto que, com as paroxítonas, predominam *-zinho*, *-zinha* até o século XIX, e *-inho*, *-inha* no século XX;
- *as palavras que terminam em ditongo nasal* (cf. Gráfico 86) ou *em vogal tônica oral* (cf. Gráfico 88) muito raramente recebem outras formas que não *-zinho*, *-zinha*. Assim, em todos os *corpora* analisados, somente se identificaram 2 ocorrências – uma no século XV e outra no XX – em que as formas *-inho*, *-inha* são acrescentadas a palavras que apresentam como terminação um ditongo nasal, e 1 ocorrência – no século XIX – com palavras que terminam em vogal tônica oral;
- *com palavras terminadas em vogal nasal* (cf. Gráfico 87), as únicas formas empregadas para formar o diminutivo são *-zinho*, *-zinha*.

Ainda no tocante à forma e ao funcionamento do diminutivo *-inho*, é importante destacar as ocorrências nas quais as formas diminutivas *-inho* e *-inha* são encontradas, respectivamente, em palavras do gênero feminino e do masculino, contrariamente à ocorrência normal dessas formas sufixais. Esse tipo de ocorrência é observado, por exemplo, com palavras que apresentam uma *única forma para os gêneros masculino e feminino*. Outra situação se dá, geralmente, *quando uma palavra é do gênero masculino, mas termina na vogal <a>*, ou *quando é do gênero feminino e termina em <o>*. Em todas essas situações, o emprego dessas formas é determinado pela vogal temática da palavra primitiva, de modo que as que terminam em *-a*, por exemplo, recebem *-inha*, embora sejam do gênero masculino,

e as que terminam em *-o* recebem *-inho*, apesar de serem do gênero feminino. Nos exemplos a seguir, ilustramos o que até aqui dissemos:

AmparINHO ← *AmparO* (Sf → Sf)
 CamaradINHA ← *CamaradA* (Sm → Sm)
 CanalhINHA ← *CanalhA* (Sm → Sm)
 CarmINHO ← *CarmO* (Sf → Sf)
 Ex-pracINHAs ← *Ex-praçA* (Sm → Sm)
 FantasmINHA ← *FantasmA* (Adjm → Adjm)
 FeitosINHA ← *FeitosA* (Sm → Sm)
 LimINHA ← *LimA* (Sm → Sm)
 MapINHA ← *MapA* (Sm → Sm)
 MesquitINHA ← *MesquitA* (Sm → Sm)
 PalermINHA ← *PalermA* (Sm → Sm)
 ParaibINHA ← *ParaíbA* (Sm → Sm)
 PestINHA ← *PestE* (Sm → Sm)
 PoetINHA ← *PoetA* (Sm → Sm)
 ProblemINHA ou ProblemINHAs ← *ProblemA* (Sm → Sm)
 ProgramINHA ou ProgramINHAs ← *ProgramA* (Sm → Sm)
 TapINHA ou TapINHAs ← *TapA* (Sm → Sm)

Tal fato, por sua vez, somente é possível, a nosso ver, em virtude da característica das formações diminutivas de conservarem o gênero das palavras que lhes deram origem.

Observe-se, no entanto, que esse mesmo fato não ocorre com as formas *-zinho*, *-zinha*, as quais são empregadas, respectivamente, indicando palavras do gênero masculino e do feminino, ou seja, mesmo nas situações descritas no parágrafo anterior, as quais alteram o comportamento normal das formas *-inho*, *-inha*, as formas *-zinho*, *-zinha* continuam com seu emprego característico, como se constata a partir dos seguintes exemplos²⁹⁶:

²⁹⁶ Alguns dos diminutivos em *-zinho* citados na sequência possuem correspondentes com as formas *-inho*, *-inha*, conforme segue: DramINHA ou DramINHAs ← *DramA* (Sm → Sm), NadINHA ou NadINHAs ← *NadA* (Sm → Sm), JornalistINHA ← *JornalistA* (Sm → Sm), PoetINHA ← *PoetA* (Sm → Sm), PoemINHA ou PoemINHAs ← *PoemA* (Sm → Sm), ProblemINHA ou ProblemINHAs ← *ProblemA* (Sm → Sm), ProgramINHA ou ProgramINHAs ← *ProgramA* (Sm → Sm). Assim, verifica-se que, enquanto se emprega nestes exemplos a forma *-inha* em palavras do gênero masculino, naqueles se emprega a forma *-zinho* com o mesmo objetivo.

AromaZINHO ← *AromA* (Sm → Sm)
 DramaZINHO ← *DramA* (Sm → Sm)
 EnigmaZINHO ← *EnigmA* (Sm → Sm)
 JornalistaZINHOS ← *JornalistA* (Sm → Sm)
 NadaZINHO ← *NadA* (Sm → Sm)
 PoemaZINHO ← *PoemA* (Sm → Sm)
 PoetaZINHOS ← *PoetA* (Sm → Sm)
 ProfetaZINHO ← *ProfetA* (Sm → Sm)
 ProblemaZINHO ← *ProblemA* (Sm → Sm)
 ProgramaZINHO ou ProgramaZINHOS ← *ProgramA* (Sm → Sm)

Nos *corpora* analisados, há, contudo, uma exceção, com a qual se verifica o emprego da forma *-zinho* em palavra do gênero feminino, conforme segue:

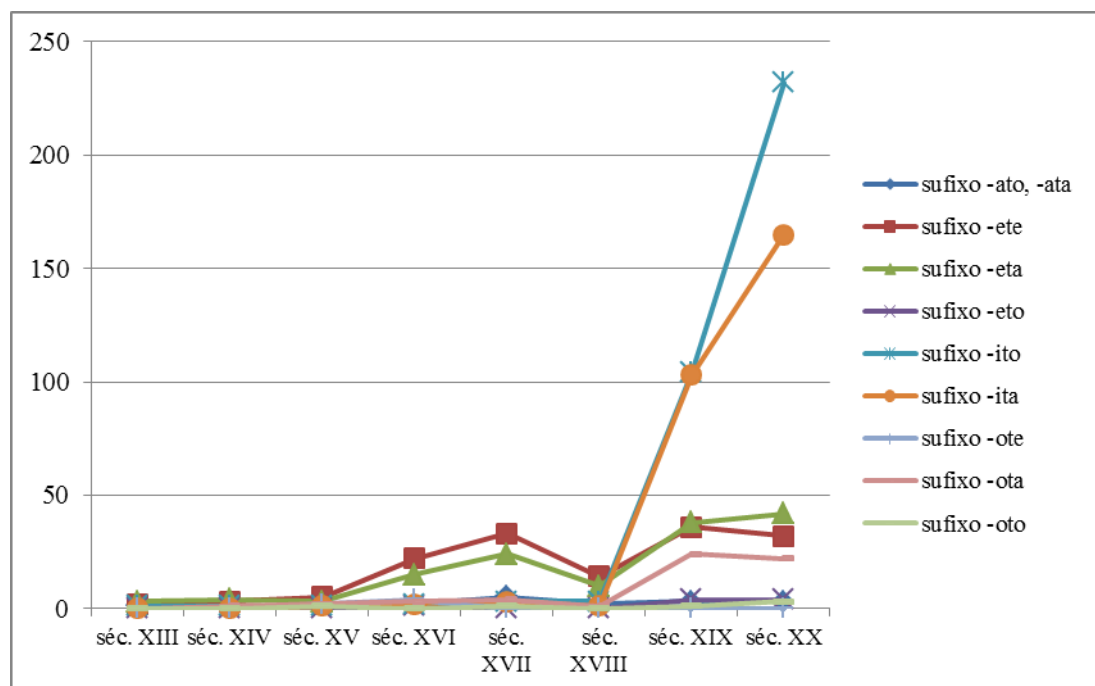
AmparoZINHO ← *AmparO* (Sf → Sf)

Para finalizar, destacamos que, no âmbito semântico, o sufixo *-inho* caracteriza-se como sendo capaz de expressar diversos significados, como *tamanho pequeno, aproximação afetiva positiva, depreciação, intensidade, duração e quantidade*, sendo possível, inclusive, a ocorrência simultânea de mais de um deles.

6.2.2 Sufixos em *-t-* e suas variações

Os sufixos diminutivos em *-t-* ocorrem em língua portuguesa sob diversas formas, a saber: *-ato, -ata, -ete, -eto, -eta, -ito, -ita, -ote, -ota* e *-oto*. No gráfico a seguir, é possível observar a importância de cada um desses sufixos em relação aos diminutivos identificados em português, tanto no período arcaico, quanto no moderno:

Gráfico 89 – Sufixos diminutivos em *-t-* em textos portugueses do século XIII ao XX: ocorrências por sufixos

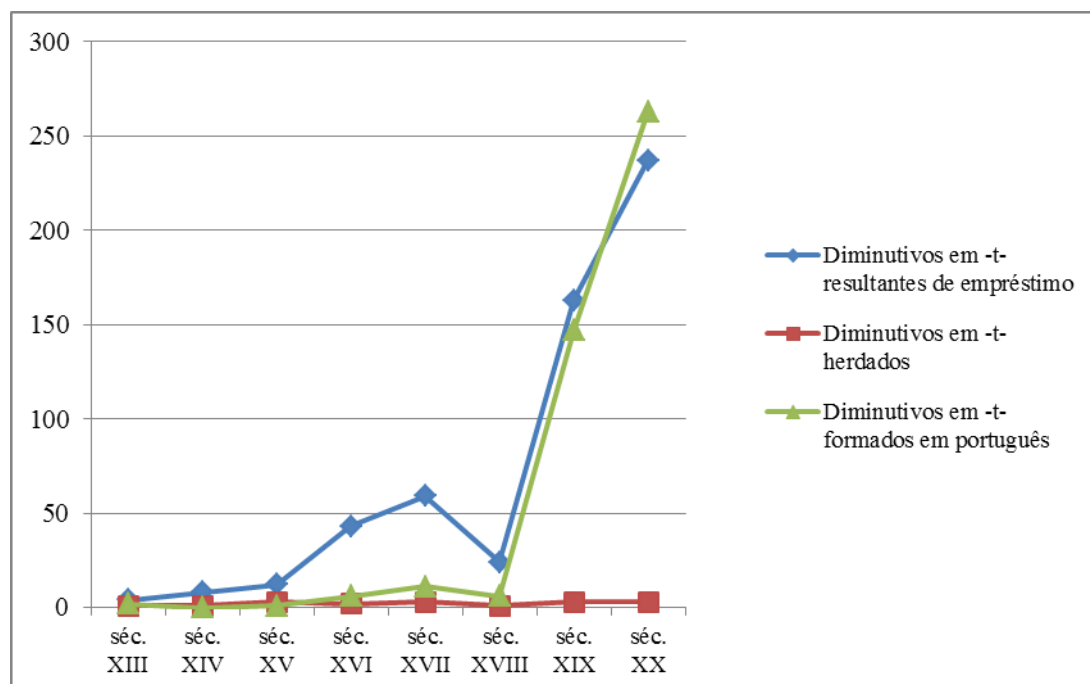


Fonte: O Autor

Assim, verifica-se que, até o século XVIII, são sufixos de pouca frequência; nos séculos seguintes, no entanto, há um grande aumento no número de diminutivos que apresentam um desses sufixos.

Do ponto de vista de sua formação, os diminutivos em *-t-* são ou herdados do latim, ou tomados de empréstimo, ou formados em português, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 90 – Diminutivos em *-t-* em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo

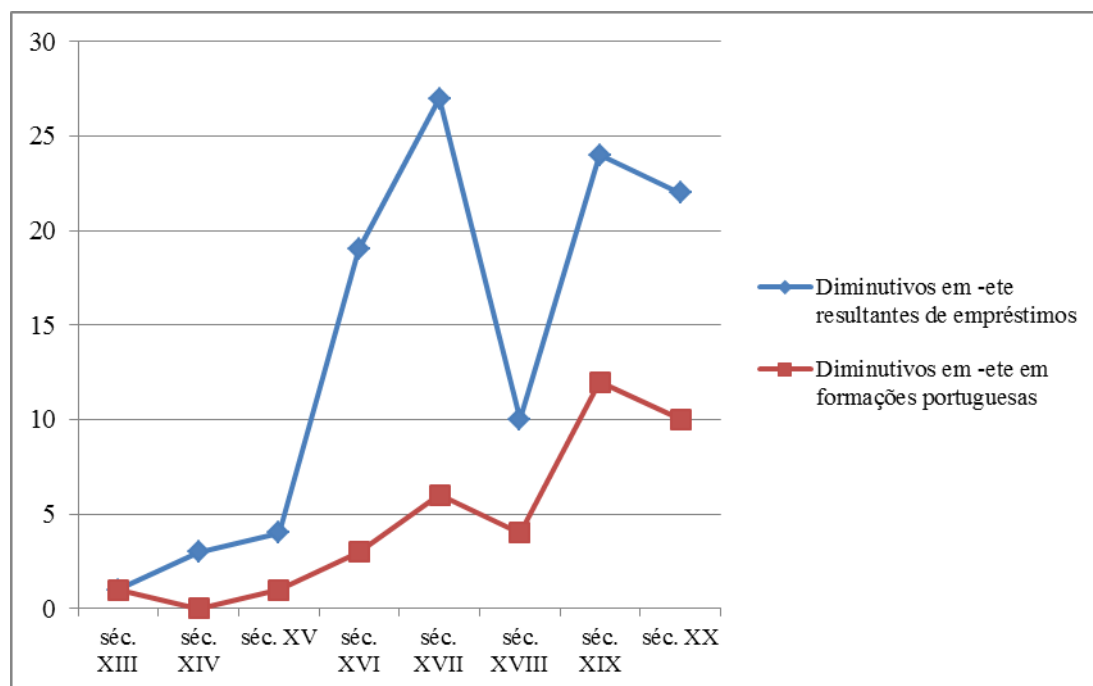


Fonte: O Autor

Como se constata a partir desse gráfico, o número de diminutivos em *-t-* é, até o século XVIII, bem maior em palavras resultantes de empréstimos que o número dos que resultam dos outros processos. O mesmo ocorre no século XIX, mas já se identifica uma diferença bem menor entre as palavras provenientes de empréstimo e a soma das herdas com as formadas em português. No século seguinte, contudo, o número de diminutivos formados em português supera os que pertencem a essa língua via empréstimo. O número de diminutivos em *-t-* herdados, por sua vez, é sempre pequeno em todas as sincronias.

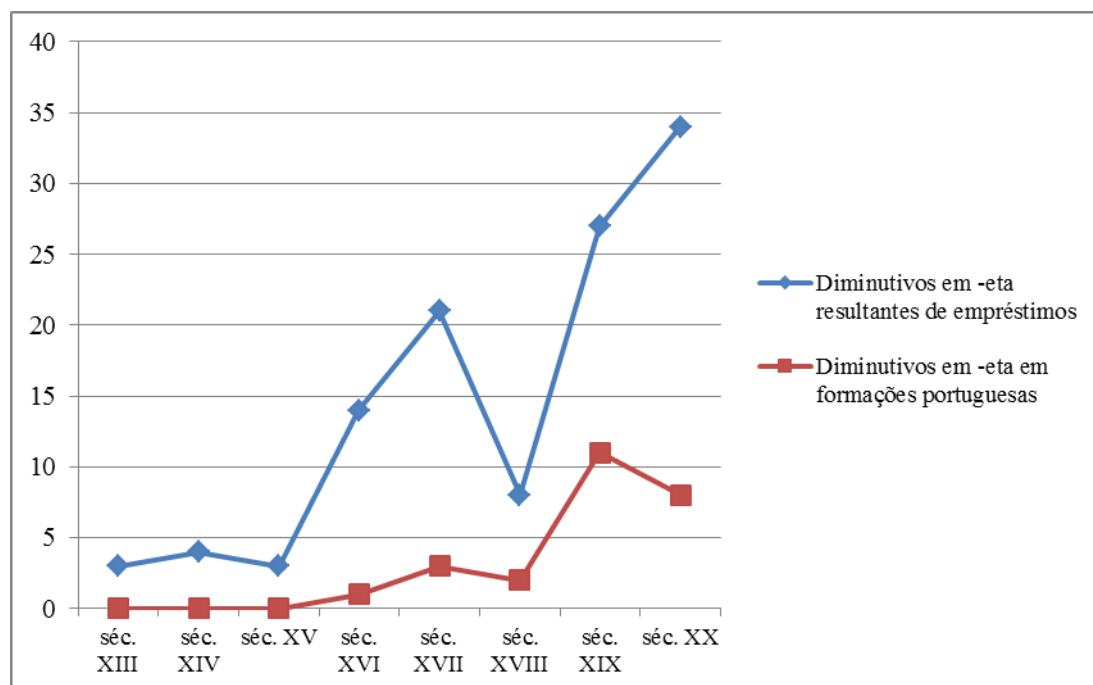
Quando analisamos as diversas formas sob as quais os sufixos em *-t-* ocorrem em relação ao processo de formação nos quais ocorrem, identificamos que eles apresentam comportamentos bastante distintos, tal como se verifica da análise dos gráficos que vão apresentados na sequência:

Gráfico 91 – O sufixo diminutivo *-ete* em textos portugueses do século XIII ao XX

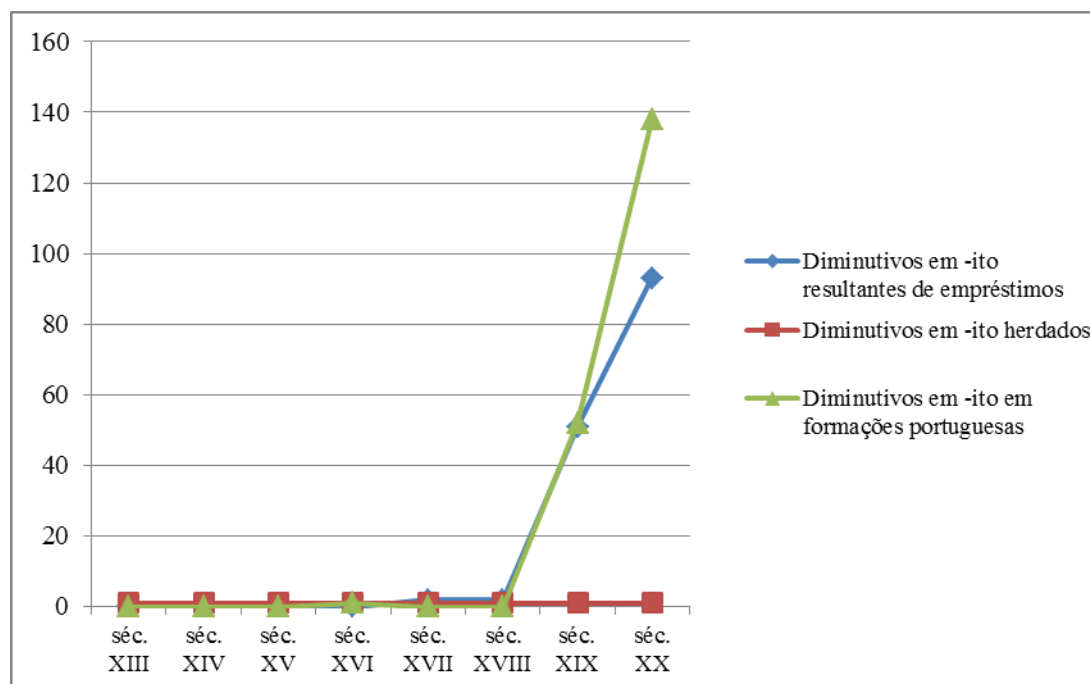


Fonte: O Autor

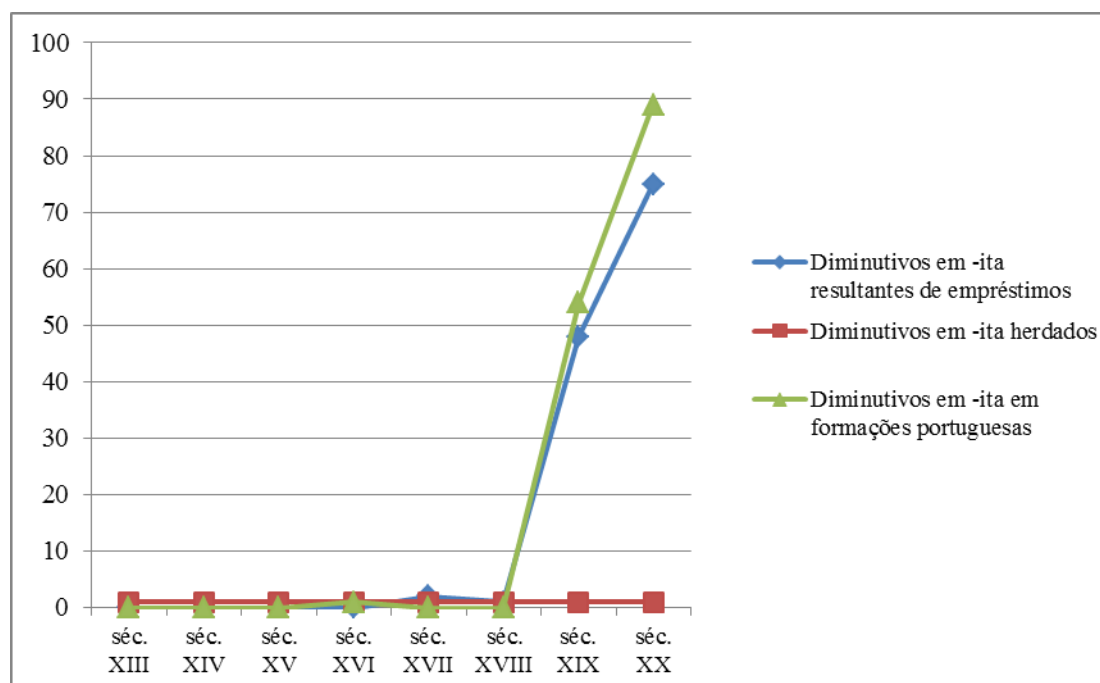
Gráfico 92 – O sufixo diminutivo *-eta* em textos portugueses do século XIII ao XX



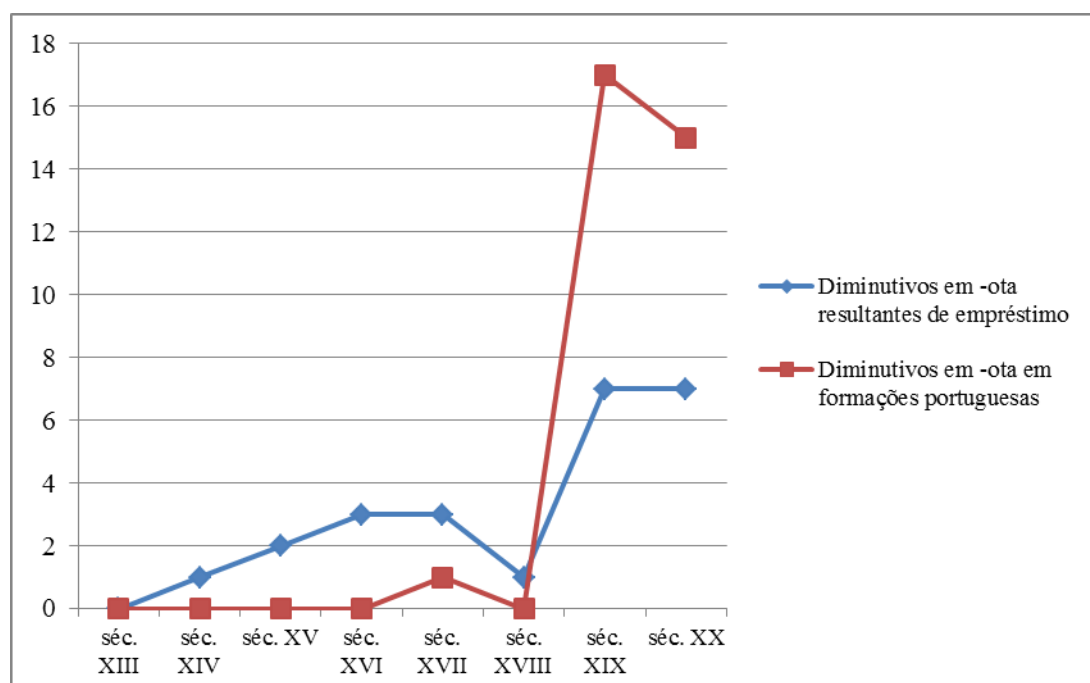
Fonte: O Autor

Gráfico 93 – O sufixo diminutivo *-ito* em textos portugueses do século XIII ao XX

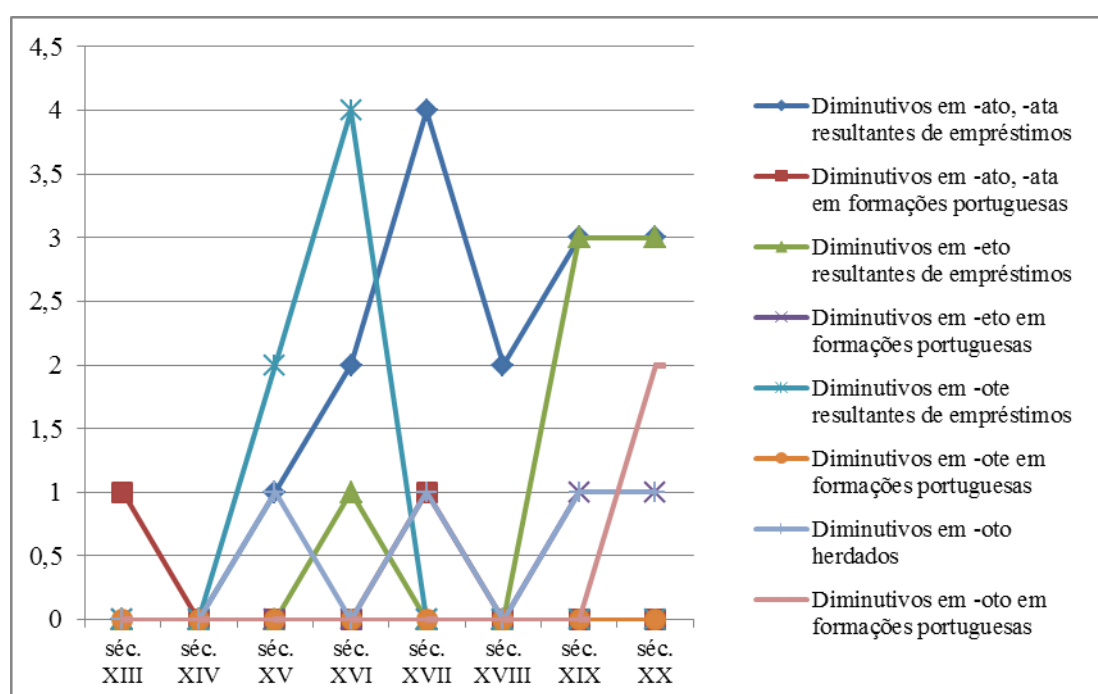
Fonte: O Autor

Gráfico 94 – O sufixo diminutivo *-ita* em textos portugueses do século XIII ao XX

Fonte: O Autor

Gráfico 95 – O sufixo diminutivo *-ota* em textos portugueses do século XIII ao XX

Fonte: O Autor

Gráfico 96 – Sufixos diminutivos *-ato*, *-ata*, *-eto*, *-ote* e *-oto* em textos portugueses do século XIII ao XX

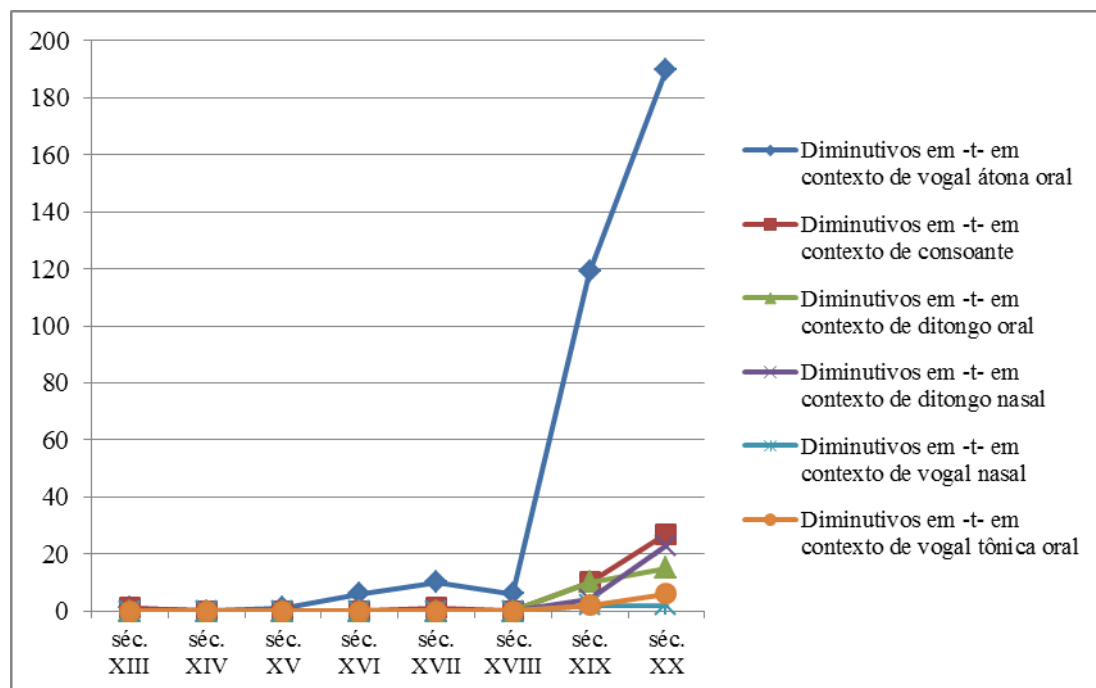
Fonte: O Autor

Considerando os dados apresentados nos gráficos acima, chegamos às seguintes conclusões: o sufixo *-ete*, da mesma forma que o sufixo *-eta*, somente ocorre em diminutivos

emprestados e em diminutivos formados em português, sendo que, em nenhuma sincronia, estes são identificados em maior número que aqueles; já os sufixos *-ito* e *-ita* – que também podem vir sob as formas *-zito*, *-zita* –, além de serem identificados em empréstimos e em palavras formadas em português, também ocorrem – cada um deles em um caso – em palavras herdadas, diferindo, ainda, de *-ete*, *-eta* pelo fato de as formações portuguesas terem conseguido superar, respectivamente nos séculos XX e XIX, os diminutivos provenientes de empréstimo, quando se tornam, também, os principais sufixos em *-t-*, ocupando posição que era de *-ete* desde o período arcaico; diminutivos em *-ota* ocorrem desde o século XIV, através de empréstimo, surgindo a primeira formação portuguesa somente no século XVII, mas a partir do século XIX há mais diminutivos formados em português que tomados de empréstimo; por fim, os sufixos *-ato*, *-ata*, *-eto*, *-ote* e *-oto*, os quais são sempre pouco frequentes, sendo que os quatro primeiros são encontrados em empréstimos e em palavras formadas em português – com uma frequência maior naqueles que nestas –, enquanto o último desses sufixos somente no século XX foi encontrado em palavras formadas em português, ocorrendo até então em palavra herdada.

Especificamente em relação aos diminutivos formados em português, é importante destacar que os sufixos em *-t-* não possuem o seu emprego limitado a um contexto – isto é, podem ser acrescentados a palavras de qualquer terminação, tais como palavras terminadas em vogal átona oral, consoante, ditongo oral, vogal tônica oral, vogal nasal ou ditongo nasal –, conforme indica o gráfico a seguir:

Gráfico 97 – Diminutivos em *-t-* formados em português em textos do século XIII ao XX: contextos de ocorrência



Fonte: O Autor

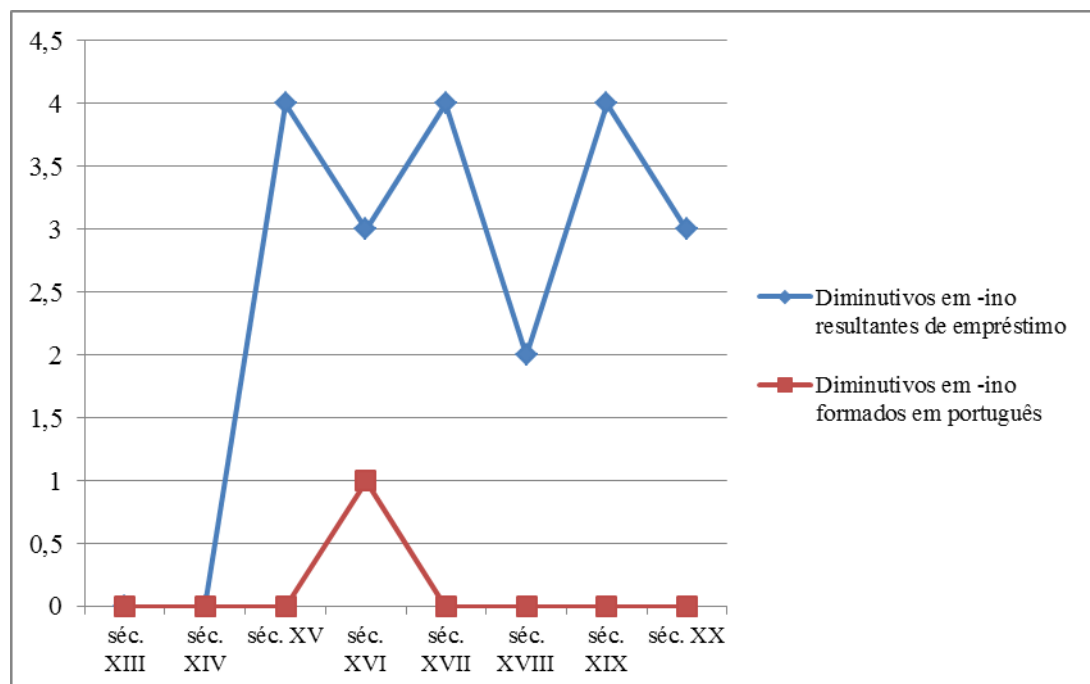
Não obstante isso, verifica-se que a maioria dos diminutivos formados com esses sufixos tem formação a partir de palavras que terminam em vogal átona oral, o qual deve, portanto, ser considerado o seu principal contexto de ocorrência.

Para finalizar, verificamos, ainda, que os sufixos em *-t-* não se encontram restritos a expressar um único tipo de significação, ocorrendo, assim, como diminutivos de *tamanho pequeno, aproximação afetiva positiva, depreciação, intensidade, duração e quantidade*.

6.2.3 O sufixo *-ino* e suas variações

Os diminutivos em *-ino* são pouco frequentes ao longo de toda a história da língua portuguesa, sendo as primeiras ocorrências identificadas somente a partir do século XV, como se verifica no gráfico a seguir:

Gráfico 98 – Diminutivos em *-ino* em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo



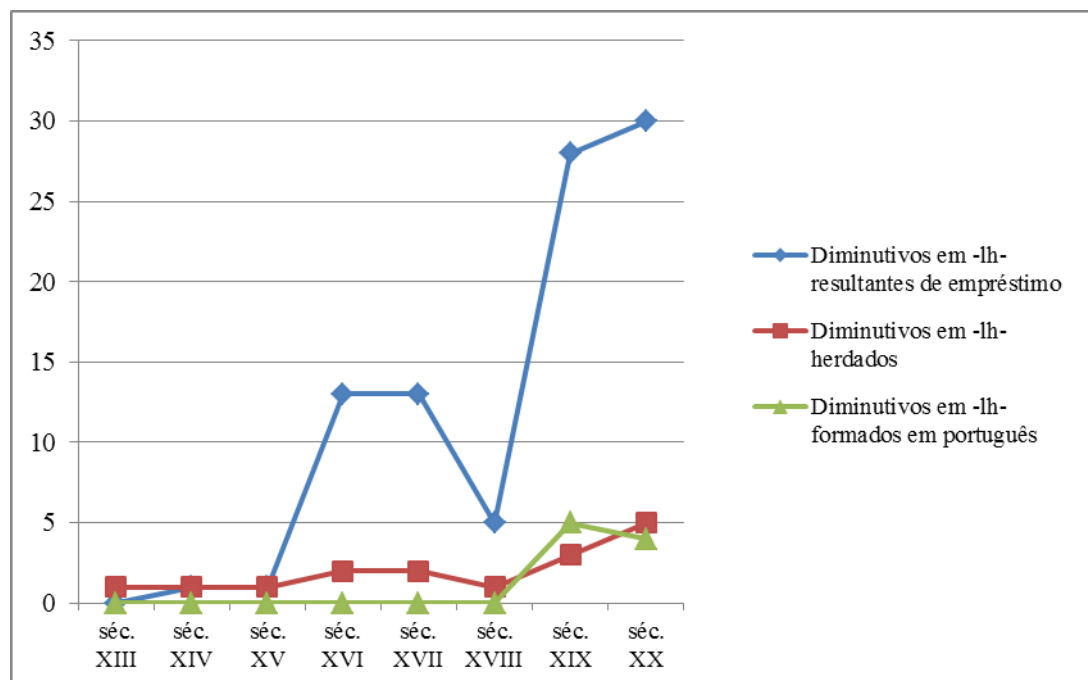
Fonte: O Autor

Ainda segundo os dados constantes no gráfico acima, observa-se que a maioria dos exemplos identificados resulta de empréstimo, havendo um único exemplo formado em português, no século XVI. Assim, trata-se de um sufixo, além de muito pouco frequente, muito pouco produtivo. Isso talvez possa ser explicado pela origem estrangeira do sufixo e pela semelhança fônica com o sufixo *-inho*.

6.2.4 Sufixos em *-lh-* e suas variações

As palavras em *-lh-* nas quais é possível identificar sufixos com significação diminutiva em português – sufixos esses que ocorrem sob as formas *-alho*, *-alha*, *-elho*, *-elha*, *-ilho*, *-ilha* e *-ulha* – são ou herdadas, ou empréstimos, ou formadas em português, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 99 – Diminutivos em *-lh-* em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo



Fonte: O Autor

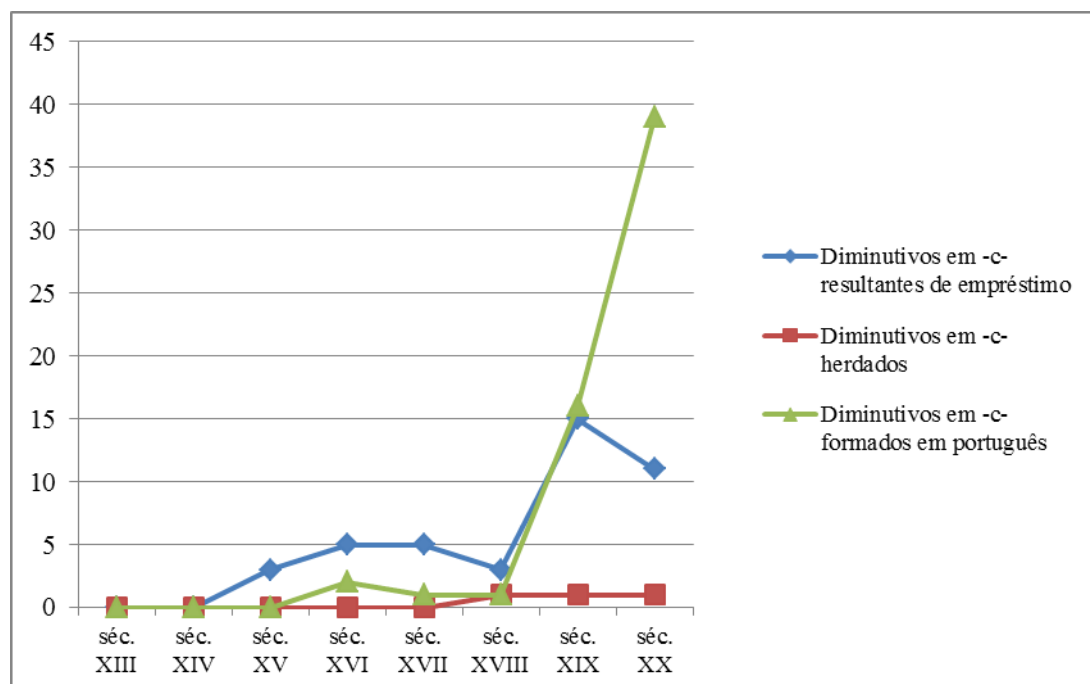
Em conformidade com os dados do gráfico acima, os diminutivos formados em português, para o que se empregam os sufixos *-alha*, *-elho* e *-elha*, somente ocorrem a partir do século XIX – com palavras terminadas em vogal átona oral –, sendo de muito pouca produtividade. Já os demais processos (palavra herdada e empréstimo) são identificados desde o português arcaico, sendo encontrados, respectivamente, os sufixos *-alha*, *-elha*, *-ulha* e *-ilho*, *-ilha*, *-elho* (este numa única palavra, *rapazelho* ◀ esp. *rapajejo*).

Quanto à semântica, os sufixos em *-lh-* significam *tamanho pequeno*, *depreciação*, *intensidade*, *duração* e *quantidade*.

6.2.5 Sufixos em *-c-* e suas variações

Outros diminutivos há em português que possuem em sua estrutura um sufixo em *-c-*, o qual pode ser *-aco*, *-aca*, *-eco*, *-eca*, *-ico*, *-ica* e *-oca*. Esses diminutivos, por sua vez, podem resultar de empréstimo, de herança ou de formação portuguesa, conforme o gráfico que segue:

Gráfico 100 – Diminutivos em *-c-* em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo



Fonte: O Autor

A partir desse gráfico, é possível perceber, ainda, que os diminutivos formados com os sufixos em questão são pouco frequentes – qualquer que seja o tipo de formação –, sendo que os primeiros exemplos somente são identificados a partir do século XV. Ao mesmo tempo, são sufixos de baixa produtividade – embora, a partir do século XIX, a produção de diminutivos com esse sufixo tenha aumentado –, tendo sido identificadas as primeiras ocorrências de diminutivos formados com esses sufixos em português apenas no século XVI.

É importante advertir, também, que os sufixos acima enumerados não apresentam o mesmo comportamento quando se considera o modo como passaram a integrar o léxico da língua portuguesa. Assim, por exemplo, os sufixos *-aco* e *-aca* somente foram identificados em palavras tomadas de empréstimo ao espanhol. Já o sufixo *-ico* ocorre tanto em palavras provenientes do espanhol ou herdadas do latim, quanto em palavras formadas em português. Excetuando-se a ocorrência em palavra herdada, o comportamento de *-ica* é o mesmo de *-ico*. Por outro lado, os sufixos *-eco*, *-eca* e *-oca* somente foram identificados em palavras de formação portuguesa. Dentre os sufixos que formam diminutivos em português, *-eco* e *-oca* são os mais produtivos, seguidos por *-eca* e *-ico*; já *-ica* é raro.

Acerca da relação desses sufixos com a terminação da palavra primitiva – e aqui nos referimos somente aos diminutivos que receberam esses sufixos em português –, observa-se

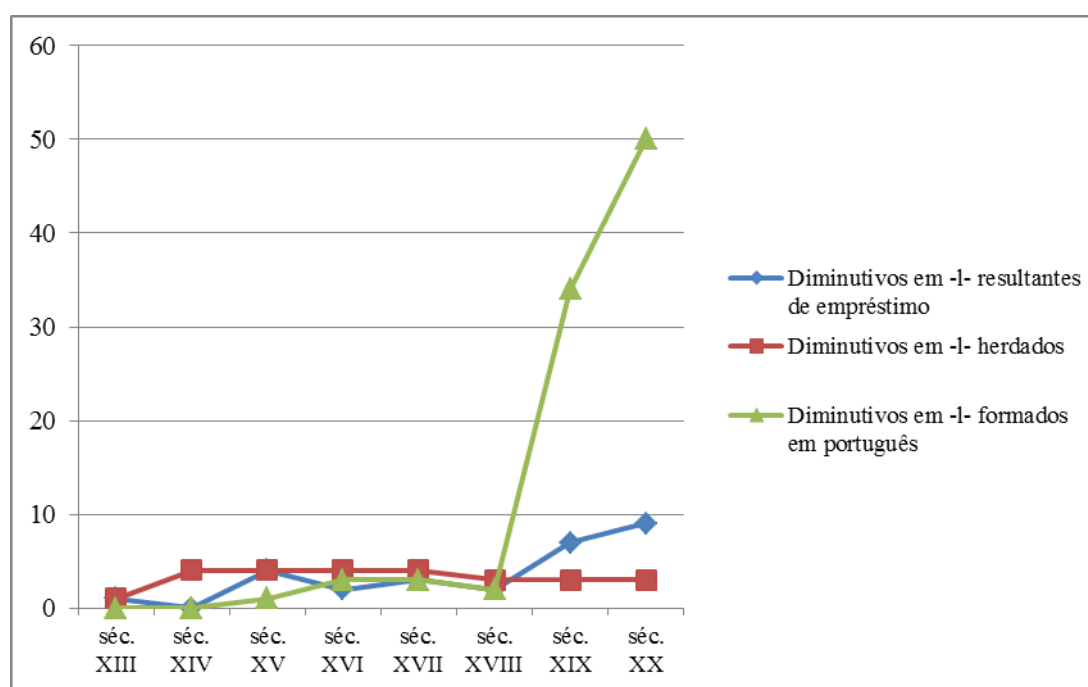
que eles podem ser acrescentados a palavras que terminam em vogal oral – tônica ou átona –, em vogal nasal, em consoante ou em ditongo nasal.

Do ponto de vista semântico, os exemplos analisados indicam que os sufixos diminutivos em *-c-* não têm o seu emprego limitado a um tipo de significação, sendo encontrados exemplos de todos os tipos de diminutivos discutidos ao longo desta pesquisa.

6.2.6 Sufixos em *-l-* e suas variações

Os diminutivos que possuem sufixos em *-l-* – os quais aparecem sob as formas *-elo*, *-ela* ou *-ella*, *-olo*, *-ola* ou *-olla*, *-zillo* e *-zilla* – são encontrados desde o século XIII e resultam de três processos distintos – herança, empréstimo e formação portuguesa (sendo este encontrado somente do século XV em diante) –, tal como indicamos no gráfico abaixo:

Gráfico 101 – Diminutivos em *-l-* em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo



Fonte: O Autor

Observa-se, assim, que se trata de sufixos de muito pouca frequência e produtividade, não obstante se deva destacar que tem sido formado um maior número de diminutivos desde o século XIX, nos quais os sufixos se encontram acrescentados, principalmente, a palavras que terminam em vogal átona oral, embora possam ocorrer também com palavras terminadas em consoante.

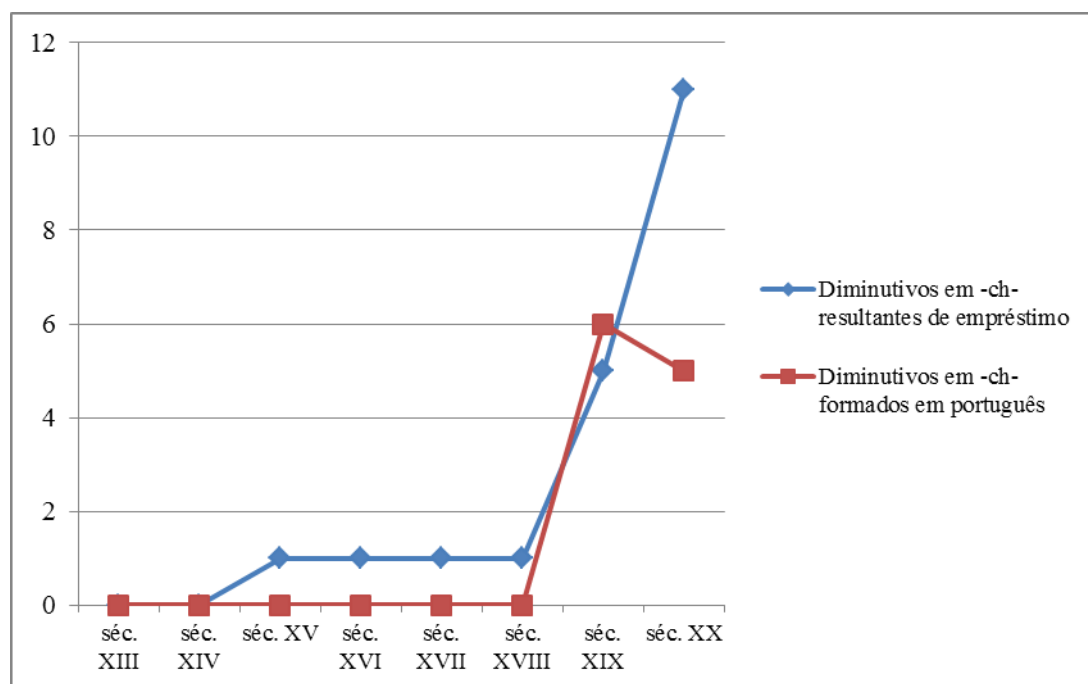
Há de destacar-se, ainda, que os sufixos supracitados apresentam algumas particularidades, tais como: *-ela* ou *-ella* são encontrados em palavras herdadas, em empréstimos e em formações portuguesas; *-ola* ou *-olla*, *-olo* e *-elo* são encontrados tanto em empréstimos, quanto em formações portuguesas; já *-zillo*, *-zilla* só ocorrem em palavras provenientes do espanhol.

Em relação à significação, ocorrem indicando *tamanho pequeno*, *aproximação afetiva positiva*, *depreciação*, *intensidade* e *duração*.

6.2.7 Sufixos em *-ch-* e suas variações

Ao longo da história da língua portuguesa, são encontrados, também, sufixos em *-ch-* com significação diminutiva, os quais ocorrem sob as formas *-acho*, *-icho*, *-icha*, *-ucho* e *-ucha*. Esses sufixos, por sua vez, podem ocorrer tanto em formações resultantes de empréstimo, quanto em palavras formadas em português, como indicado no gráfico que segue:

Gráfico 102 – Diminutivos em *-ch-* em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo



Fonte: O Autor

De acordo com esse gráfico, a primeira ocorrência de um diminutivo em *-ch-*, no caso em *-acho*, ocorreu no século XV, ampliando-se nos séculos XIX e XX – inclusive

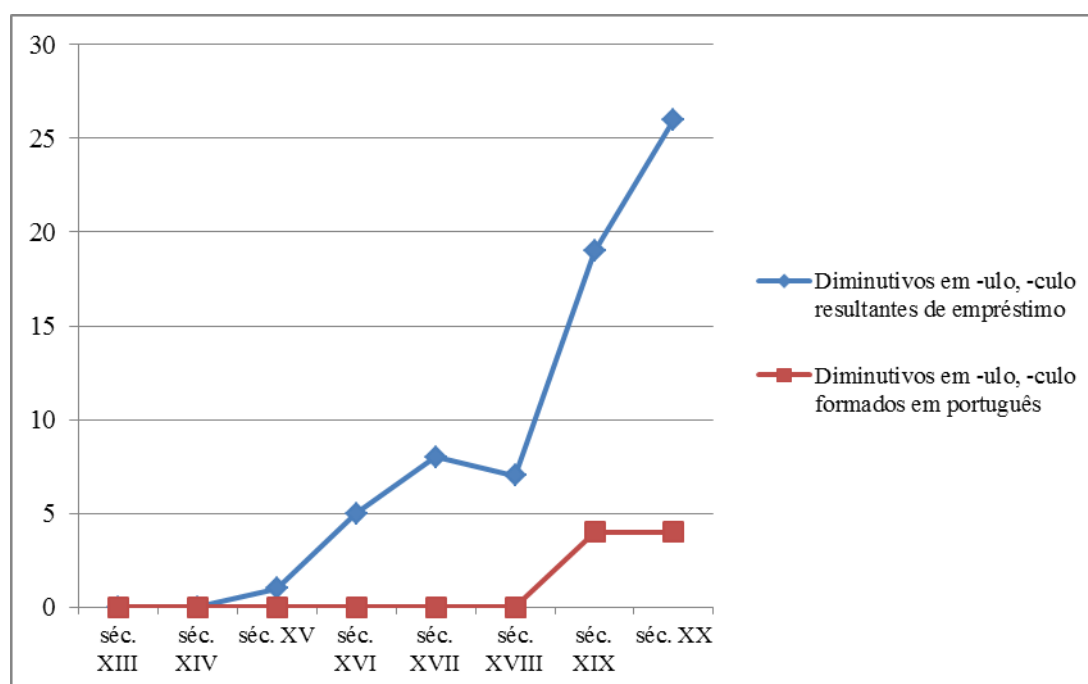
surgindo outros sufixos. Uma vez que os diminutivos formados em português somente surgem a partir do século XIX, cremos que os sufixos diminutivos em *-ch-* resultam de empréstimo a outras línguas românicas, sobretudo ao espanhol e ao francês, já que existem empréstimos com esses sufixos.

Quanto à sua semântica, verifica-se que os diminutivos em *-ch-* são capazes de significar *tamanho pequeno, depreciação, intensidade e quantidade*.

6.2.8 Os sufixos *-ulo* e *-culo* e suas variações

Assim como os sufixos em *-ch-*, os sufixos diminutivos em *-ulo* e *-culo* foram identificados pela primeira vez, em nossos *corpora*, no século XV. Trata-se de sufixos provenientes da língua latina – via empréstimo –, encontrados tanto em palavras resultantes de empréstimo, quanto em palavras já formadas em português, como indica o gráfico abaixo:

Gráfico 103 – Diminutivos em *-ulo*, *-culo* em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo



Fonte: O Autor

Como se vê nesse gráfico, os sufixos *-ulo* e *-culo* devem ser considerados sufixos muito pouco frequentes e muito pouco produtivos. Também se verifica que os diminutivos formados em português – nos quais só foram empregados os sufixos *-culo* e *-cula* – foram

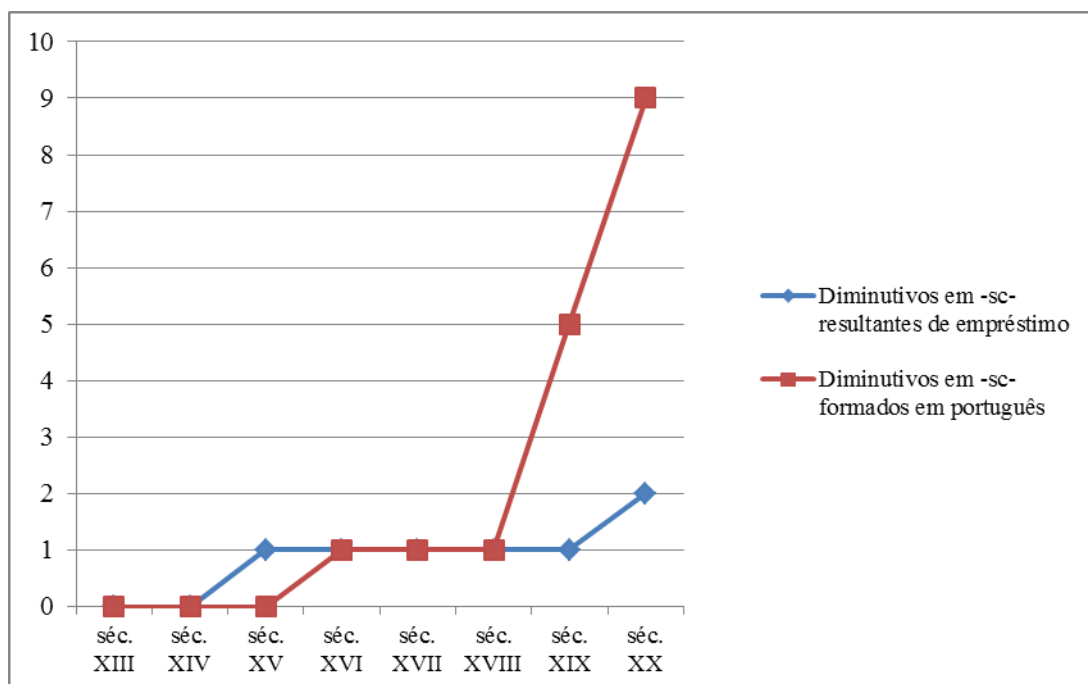
identificados somente a partir do século XIX, sendo os sufixos destacados acrescentados a palavras terminadas em dois contextos, *vogal átona oral* e *ditongo nasal*.

No âmbito semântico, os sufixos diminutivos em questão podem ser empregados para significar qualquer um dos significados destacados nesta pesquisa, excetuando-se a significação *aproximação afetiva positiva*, da qual não se encontrou nenhuma ocorrência.

6.2.9 Sufixos em *-sc-* e suas variações

Os sufixos em *-sc-* que atuam com significação diminutiva em português são *-isco*, *-usco* e *-usca*, quer em palavras resultantes de empréstimo, quer em palavras formadas em português, conforme se observa no gráfico que segue:

Gráfico 104 – Diminutivos em *-sc-* em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo



Fonte: O Autor

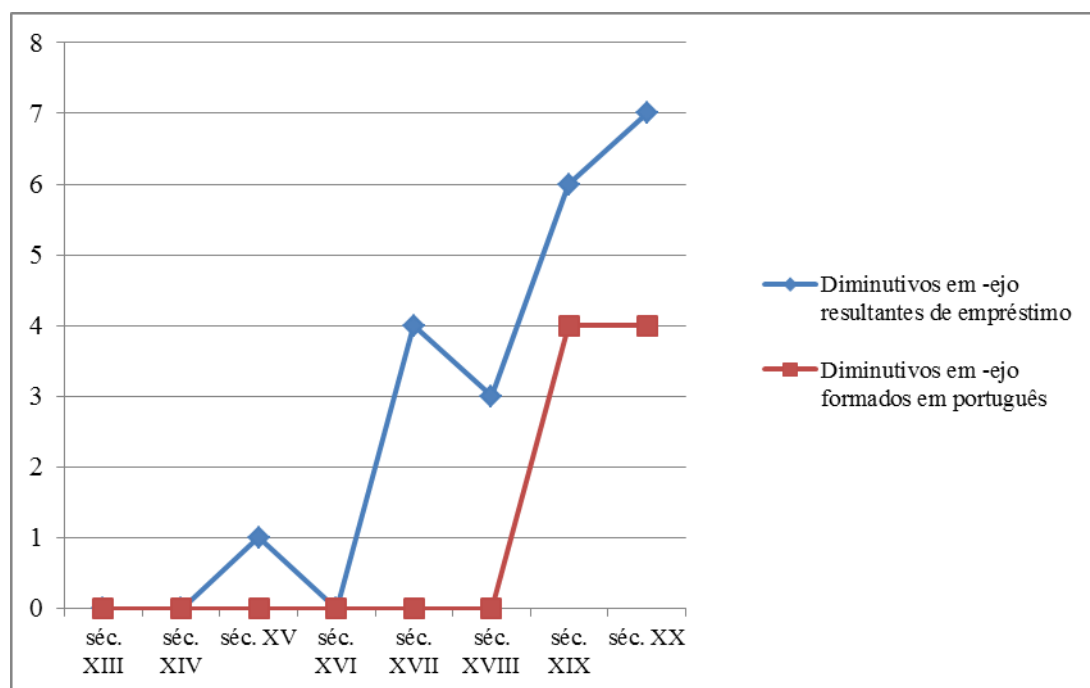
Esses diminutivos, como se constata a partir do gráfico acima, são pouco numerosos e são encontrados a partir do século XV, embora a primeira ocorrência formada em português somente seja verificada no século seguinte. Quanto a estes, verifica-se que surgem tanto com o acréscimo do sufixo a uma palavra terminada em vogal átona oral, quanto de formações deverbais, sendo que estas envolvem, exclusivamente, o sufixo *-isco* (*-iscar* → *-isco*).

Do ponto de vista semântico, esses sufixos são encontrados com as significações de *tamanho pequeno, depreciação, intensidade, duração e quantidade*.

6.2.10 O sufixo *-ejo*

A ocorrência de diminutivos com o sufixo espanhol *-ejo* nos *corpora* analisados é muito pequena, sendo que o primeiro exemplo foi identificado apenas no século XV, numa palavra tomada de empréstimo do espanhol. Essa incorporação de palavras com significação diminutiva por meio de empréstimo ao espanhol continuará ocorrendo nos séculos seguintes, mas esse não será o único meio pelo qual a língua portuguesa introduzirá, em seu léxico, diminutivos em *-ejo*, uma vez que esse sufixo se tornará produtivo a partir do século XIX. No gráfico a seguir, representamos o que até aqui dissemos:

Gráfico 105 – Diminutivos em *-ejo* em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo



Fonte: O Autor

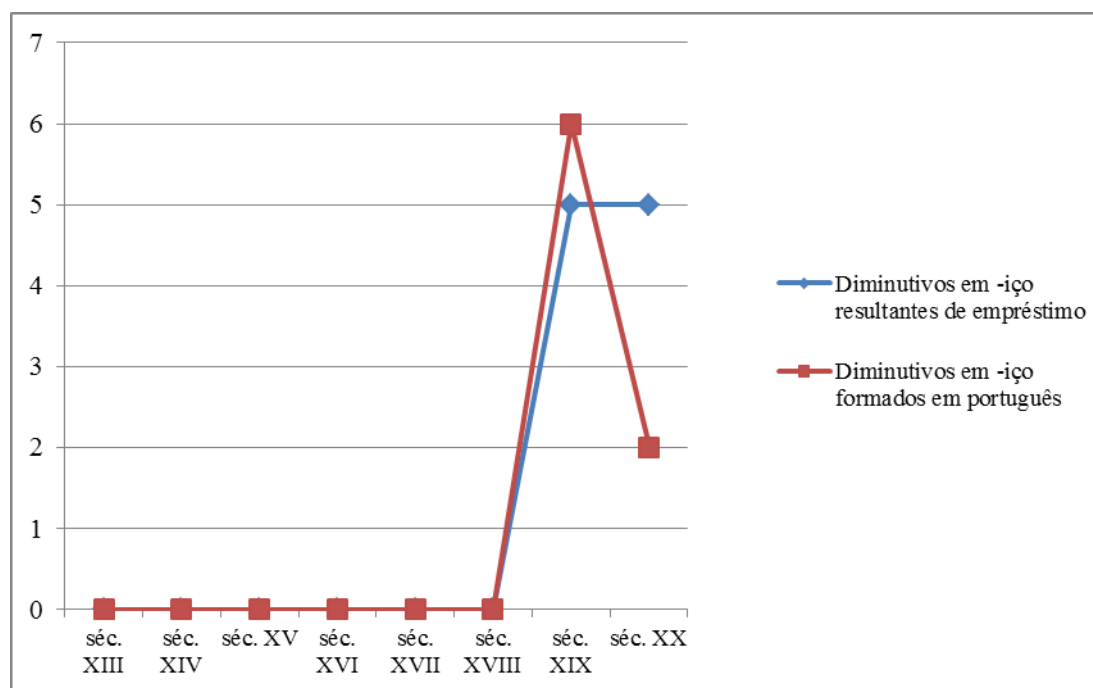
Em relação aos diminutivos de formação portuguesa, faz-se importante, no entanto, distinguir aqueles que resultam do acréscimo do sufixo *-ejo* a uma palavra primitiva – a qual pode terminar em vogal átona oral ou em consoante – daqueles em que o referido sufixo é resultado de uma formação deverbal.

Quanto à significação, os diminutivos em *-ejo* não se restringem a exprimir um único significado, sendo identificados, nos exemplos analisados, os seguintes tipos: *tamanho pequeno, aproximação afetiva positiva, depreciação e intensidade*

6.2.11 O sufixo *-iço* e suas variações

Assim como o sufixo *-ejo*, o sufixo português *-iço* é encontrado nessa língua com significação diminutiva, quer em palavras tomadas de empréstimo ao espanhol, quer em palavras formadas já em língua portuguesa, conforme indica o gráfico apresentado na sequência:

Gráfico 106 – Diminutivos em *-iço* em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo



Fonte: O Autor

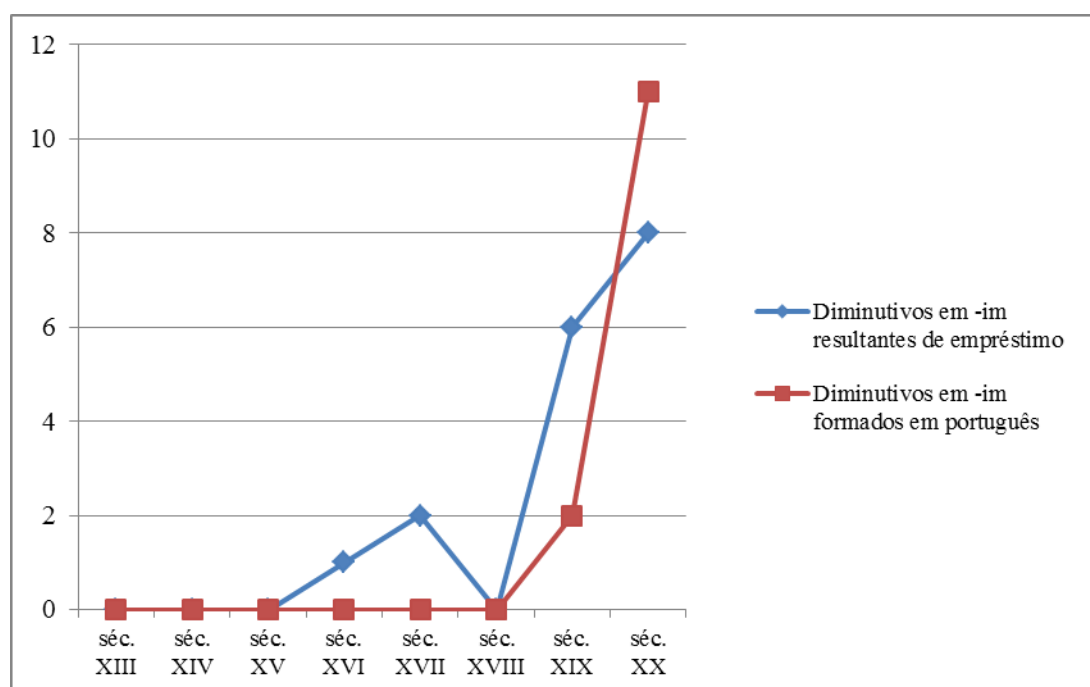
Nos *corpora* analisados, ambas as situações são verificadas somente a partir do século XIX, sendo que o sufixo em questão pode significar *tamanho pequeno, depreciação e intensidade*.

Sobre os diminutivos formados em português, pode-se afirmar que todos resultam do acréscimo desse sufixo a palavras que terminam em vogal átona oral.

6.2.12 O sufixo *-im* e suas variações

O sufixo diminutivo *-im*, que também pode ser grafado *-in*, é um sufixo estrangeiro – tipicamente francês ou provençal – que ocorre em português, com essa significação, somente no período moderno, inicialmente (século XVI) em palavras provenientes de outras línguas e, em seguida (séculos XIX e XX), também em palavras formadas em português, tal qual constatamos no gráfico abaixo:

Gráfico 107 – Diminutivos em *-im* em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo



Fonte: O Autor

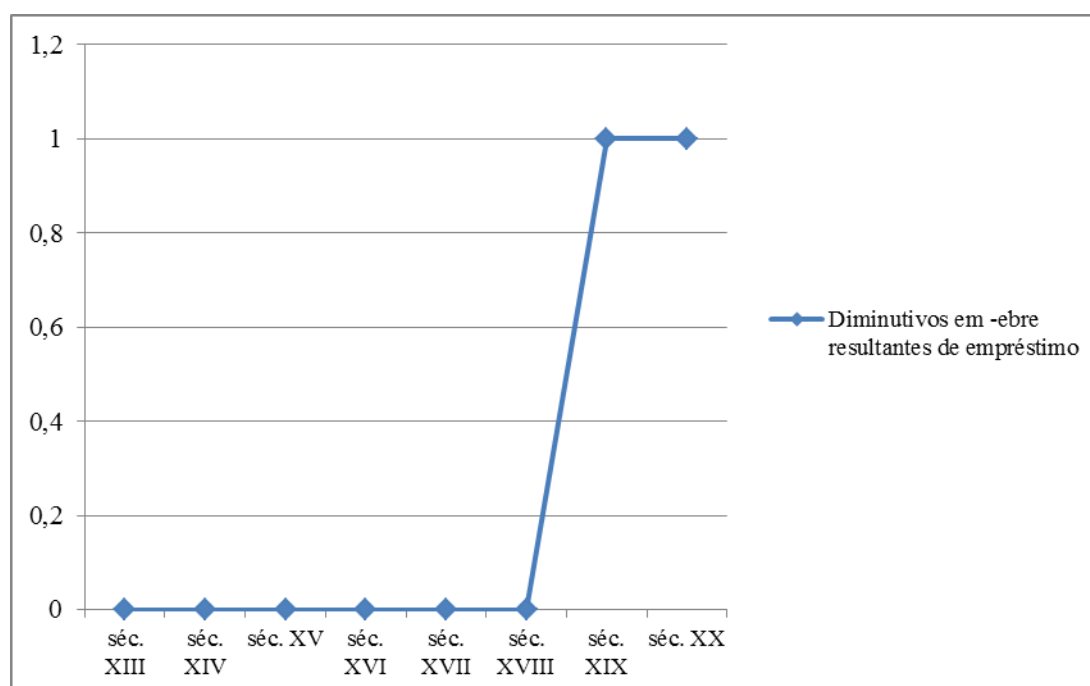
Em conformidade com o gráfico acima, verificamos que se trata de um sufixo de baixa frequência. Ao mesmo tempo, deve ser considerado um sufixo pouco produtivo, embora ocorra aumento no número de diminutivos formados no século XX.

Uma vez que os empréstimos existentes em português são todos provenientes do espanhol (alguns podem também ter sido emprestados do itálico), consideramos que o sufixo *-im* diminutivo em português resulta, também, da forma *-in* daquela língua. Este sufixo, por sua vez, ao formar diminutivos em língua portuguesa, pode ser acrescentado a palavras que terminam em três contextos: vogal átona oral, consoante e vogal tônica oral. Já semanticamente, é empregado para expressar as significações de *tamanho pequeno*, *aproximação afetiva positiva* e *intensidade*.

6.2.13 O sufixo *-ebre*

O sufixo *-ebre* foi encontrado com significação diminutiva, em português, no século XIX em uma única palavra – repetida no século XX –, a qual resulta de empréstimo. Trata-se, pois, de um sufixo muito pouco frequente e sem produtividade nessa língua, conforme demonstramos no gráfico abaixo:

Gráfico 108 – Diminutivos em *-ebre* em textos portugueses do século XIII ao XX: procedência do diminutivo



Fonte: O Autor

6.3 Considerações finais

Tendo em vista, portanto, toda a discussão feita ao longo desta pesquisa, fica evidente que existem, ao longo da história da língua portuguesa, vários sufixos que possuem significação diminutiva, todos eles provenientes da língua latina, alguns dos quais são “herdados”, outros incorporados via empréstimo a línguas românicas, e outros tomados de empréstimo ao latim clássico.

Esses sufixos, embora transformados em relação a suas características fonéticas e morfológicas, continuam expressando, em português, características que já eram conhecidas em latim, tais como conservação do gênero da palavra primitiva por parte do diminutivo,

formação de diminutivos a partir de palavras já diminutivas, formação de nomes próprios diminutivos e capacidade de serem empregados com vários tipos de significação.

Não obstante a existência de vários sufixos, foi possível demonstrar, ainda, que eles se caracterizam de modo diferente quanto à capacidade de formar diminutivos em português, de modo que podemos distinguir três tipos entre esses sufixos:

- sufixos sem produtividade: estes sufixos podem ser herdados ou tomados de empréstimo, caracterizando-se por não serem encontrados em nenhum diminutivo formado em português;
- sufixos com pouca produtividade: assim como os primeiros, podem ser herdados ou provenientes de empréstimo, diferenciando-se, contudo, deles pelo fato de terem sido encontrados em diminutivos cuja formação ocorreu em língua portuguesa;
- sufixos com grande produtividade: também podem ser herdados ou constituírem empréstimo e caracterizam-se pela grande recorrência a eles para formar diminutivos em português, diferentemente do que se dá com os sufixos do tipo anterior.

Concluimos, por fim, ainda com base nas descrições até aqui apresentadas, que o sufixo *-inho* é, desde o século XIII, o principal sufixo formador de diminutivos em português. Os sufixos em *-t-*, por sua vez, embora também ocorram desde o século XIII, somente alcançam maior produtividade a partir do século XIX, podendo ser considerados um concorrente ainda pouco expressivo. *Desse modo, parece-nos claro que o sufixo -inho ainda continuará, por alguns séculos – talvez muitos –, como o sufixo diminutivo português por excelência.*

REFERÊNCIAS

ABREU, Thais de Holanda. **Estudo das formas aumentativas e diminutivas em português arcaico**. Dissertação. Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/92221/abreu_th_me_arafcl.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 jun. 2015.

ACADÉMIE FRANÇAISE. **Le dictionnaire de l'Académie Française, dédié au Roy**. Tome II. M-Z. Paris: Vve J. B. Coignard et J. B. Coignard, 1694. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50398c/>>. Acesso em: 27 dez. 2015.

ÁLVAREZ, Rosario. En sa voz manseliña: contribución ó estudo do diminutivo en galego medieval. In: BREA, Mercedes. (Coord.). **Pola melhor dona de quantos fez nostro Senhor**. Homenaxe á Profesora Giulia Lanciani. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2009, p.23-35. Disponível em: <http://www.cirp.es/pub/docs/argamed/giulia_lanciani.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2016.

AYER, Cyprien. **Grammaire française: lexicologie et lexicographie**. Lausanne: Martignier; Fribourg: Chez les Libraires, 1851. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=7w87AAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

BARBOSA, Agostinho. **Dictionarium lusitanicolatinum**. Bracharae: Typis, & expensis Fructuosi Laurentii de Basto, 1611. Disponível em: <<http://purl.pt/14016/>>. Acesso em: 14 maio 2015.

BARBOZA, Jeronymo Soares. **Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados à nossa linguagem**. 2 ed. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1830 [1822¹]. Disponível em: <<https://archive.org/details/grammaticaphilos00soar>>. Acesso em: 15 set. 2015.

BARRETTO, Ioam Franco. **Ortografia da lingua portugueza**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1671. Disponível em: <<http://purl.pt/18/>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

BARROS, João de. **Grammatica da lingua portuguesa**. Olyssipone [Lisboa]: Typographum Ludouicum Rotorigiũ, 1540. Disponível em: <<http://purl.pt/12148/>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 [1961¹].

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez e latino**: aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos.... 10 vols. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. Disponível em: <<http://purl.pt/13969>>. Acesso em: 01 maio 2013.

BRACHET, Auguste. **Grammaire historique de la langue française**. Quatrième édition. Paris: J. Hetzel, 1868 [1867¹]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Grammaire_historique_de_la_langue_fran%C3%A7.html?id=V_08AAAACAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 30 jun. 2015.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio de. **Dicionario contemporaneo da lingua portugueza**. vol. 1 (A-ISSO). Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1881.

_____. **Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: Dicionário Caldas Aulete. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso de jan. a 14 jun. 2016.

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, António. **Nôvo dicionário da língua portugêsa**. Compreendendo: além do vocabulário commum aos mais modernos dicionários da língua muito mais de 30:000 vocábulos que o autôr colheu... vol. 1. Lisboa: Livraria Editôra Tavares Cardoso & Irmão, 1899. Disponível em: <https://archive.org/stream/novodiccionario_d00figugooq#page/n9/mode/1up>. Acesso em: 07 fev. 2016.

CARDOSUS, Hieronymus. **Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem**. Vlissyponne [Lisboa]: Ex Officina Ioannis Aluari, 1562. Disponível em: <<http://purl.pt/15192>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval. Disponível em: <<http://cipm.fcsb.unl.pt/>>. Acesso de abr. a ago. 2016.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 [1985¹].

DARMESTER, Arsène. **De la création actuelle de mots nouveaux dans la langue française et des lois qui la régissent**. Paris: F. Vieweg, 1877. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k113345f>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

DAVIES, Mark. **Corpus del Español**: 100 million words, 1200s-1900s. 2002. Disponível em: <<http://www.corpusdelespanol.org>>. Acesso de mar. 2015 a ago. 2016.

DAVIES, Marc; FERREIRA, Michael. **Corpus do Português**: 45 million words, 1300s-1900s. 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso de mar. 2015 a ago. 2016.

DIEZ, Friedrich. **Grammaire des langues romanes**. Traduit par Alfred Morel-Fatio e Gaston Paris. (Título original: *Grammatik der romanischen sprachen*. Bonn: Eduard Weber, 1838). Troisième édition. Tomo II. Paris: Librairie A. Franck, 1874. Disponível em: <<https://books.google.co.ma/books?id=Cd2o6rvkJgQC&printsec=frontcover&hl=fr#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

DOCHEZ, Louis. **Nouveau dictionnaire de la langue française**. Paris: Librairie Ecclésiastique et Classique de Ch. Fouraut, 1860. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50567n>>. Acesso em: 18 out. 2015.

ESTIENNE, Robert. **Traicté de la grãmaire francoise**. Deuxième édition. Paris: R. Estienne, 1569 [1557¹]. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b86246272>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

FONSECA, António de Mello da. **Antidoto da lingua portugueza**. Amsterdam: Em casa de Miguel Diaz, [1710?]. Disponível em: <<https://archive.org/stream/antidotodalingua00mace#page/n0/mode/1up>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

FONSECA, Pedro José da. **Rudimentos da grammatica portugueza**. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1799.

FONSECA, José da. **Diccionario da lingua portugueza**. Feito inteiramente de novo e consideravelmente augmentado, por J.-I. Roquette. Pariz: em Casa de V^a J.-P. Aillaud, 1856 [1848¹]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Diccionario_da_lingua_portugueza_de_Jos.html?id=7vdDAAAACAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 13 jan. 2016.

FREIXEIRO MATO, Xosé Ramon. Vós sodes fraqueliña: sobre a sufixacion apreciativa na poesia trovadoresca profana. In: EIRÍN GARCÍA, Leticia; LÓPEZ VIÑAS, Xoán. (Eds.) *Lingua, texto, diacronia: estudos de linguística histórica*. **Revista Galega de Filoloxía**. n. 9, Coruña, p.197-225, 2014. Disponível em: <http://illa.udc.es/rgf/pdf/mon_9.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2015.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.

LE TRÉSOR DE LA LANGUE FRANÇAISE INFORMATISÉ. Version électronique du Trésor de la langue française, dictionnaire de référence des XIXe et XXe siècles en 16 volumes, réalisée par le laboratoire ATILF (Analyse et traitement informatique de la langue française). 2004. Disponível em: <<http://atilf.atilf.fr/tlf.htm>>. Acesso de mar. 2015 a ago. 2016.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. 8 ed. 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte, 2003 [1952¹].

MEIGRET, Louis. **Le treçté de la grammeure françoëze**. Paris: C. Wéchel, 1550. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8624665r>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

MEYER-LÜBKE, Wilhelm. **Grammaire des langues romanes**: morphologie. Traduction française par Auguste Doutrepoint et George Doutrepoint. (Título original: *Grammatik der romanischen sprachen*: formenlehre. Band II. Leipzig: R. Reisland, 1894). Tome II. Paris: H. Welter, 1895. Disponível em: <<https://archive.org/stream/grammairedeslan00doutgoog#page/n11/mode/1up>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

MORAES SILVA, Antonio de. **Diccionario da lingua portugueza**. vol. 1 (A–K). Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00299210#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 05 de maio de 2015.

_____. **Diccionario da lingua portugueza**. vol. 2 (L–Z). Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=4FkSAAAIAAJ>>. Acesso em: 05 maio de 2015.

_____. **Diccionario da lingua portugueza**. 2 ed. vol. 2. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813 [1789¹]. Disponível em: <http://books.google.com.br/books/about/Diccionario_de_lingua_portuguesa.html?id=GI8MAQAAMAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 01 maio 2015.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Tomo I. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves; Livraria Machado; Livraria J. Leite; Livraria Briguiet; A Indústria do Livro, 1932.

NEBRIJA, Elio Antonio de. **Introducciones latinas, contrapuesto el romance al latin, para que con facilidad puedan aprender todos, y principalmente las religiosas, y otras mugeres dedicadas á Dios**. Madrid: En la Imprenta de D. Joachin de Ibarra, 1773 [c1488¹]. Disponível em: <<http://bdhrd.bne.es/viewer.vm?id=0000043405&page=1&search=nebrija&lang=es&view=main>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

NYROP, Kristoffer. **Grammaire historique de la langue française**. Tome III. Copenhague: Nordiske Forlag; Paris: Alphonse Picard et Fils; Leipzig: Otto Harrassowitz; Nova York: G. E. Stechert, 1908. Disponível em: <<https://archive.org/stream/grammairehistori03nyrouoft#page/n8/mode/lup>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

OLIVEIRA, Fernão de. **Gramática da linguagem portuguesa**. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Com um estudo introdutório do prof. Eugenio Coseriu. Lisboa: Academia das Ciências, 2000 [1536¹].

PEREYRA, Bento. **Thesouro da lingua portuguesa**. Lisboa: Na Officina de Paulo Craesbeeck, 1647. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Thesouro_da_lingoa_portuguesa.html?id=e6DyxVG39WIC&redir_esc=y>. Acesso em: 20 dez. 2015.

RAYMOND, François. **Dictionnaire général de la langue française et vocabulaire universel de sciences, des arts et des métiers**. Tome II (M–Z). Paris: Aimé André Librairie; Crochard Librairie; F. G. Levrault Librairie, 1832. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Dictionnaire_g%C3%A9n%C3%A9ral_de_la_langue_fran.html?id=haw_AAAAcAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 30 set. 2015.

REIS LOBATO, Antônio José dos. **Arte da grammatica da lingua portugueza**. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1770. Disponível em: <<http://purl.pt/196>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

RIBEIRO, Júlio. **Grammatica portugueza**. São Paulo: Jorge Seckler, 1881.

RICHELET, P. **Dictionnaire françois**: tiré de l'usage et des meilleurs auteurs de la langue. Seconde partie. Geneve: Chez Jean Herman Widerhold, 1680. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k509323>>. Acesso em: 24 out. 2015.

RIO-TORTO, Graça Maria de Oliveira e Silva. **Formação de palavras em português**: aspectos da construção de avaliativos. 2 vols. Tese. Universidade de Coimbra, Coimbra, 1993.

ROBOREDO, Amaro de. **Raizes da lingua latina**. Lisboa: Oficina de Pedro Craesbeck, 1621. Disponível em: <http://books.google.com.br/books/about/Raizes_da_lingua_latina.html?hl=ptBR&id=I1lscn_hCFEC>. Acesso em: 15 maio 2013.

SAID ALI, M. **Grammatica secundaria da lingua portugueza**. São Paulo: Melhoramentos, [1923].

SILVA, Augusto Soares da. Polissemia na morfologia: o diminutivo. In: _____. **O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição**. Coimbra: Almedina, 2006, p.219-244.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

SKORGE, Sílvia. Os sufixos diminutivos em português. In: **Boletim de Filologia**, Lisboa, tomo 16, p.50-90; p.222-305, 1956-1957. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/lingua/boletimfilologia/16/boletim16_pag50_90.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2015.

_____. Os sufixos diminutivos em português (conclusão). In: **Boletim de Filologia**, Lisboa, tomo 17, p.20-53, 1958. Disponível em: <http://cvc.institutocamoes.pt/bdc/lingua/boletimfilologia/17/boletim17_pag20_53.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2015.

TURUNEN, Virpi Johanna. **A reversão da relevância: aspectos semânticos e pragmáticos de formações diminutivas no português do Brasil**. Tese. Rio de Janeiro, PUC, 2009.

VIARO, Mário Eduardo; GUIMARÃES FILHO, Zwinglio. Análise quantitativa da frequência dos fonemas e estruturas silábicas portuguesas. In: **Estudos Linguísticos**. vol. XXXVI, n.1, Araraquara, p.27-36, 2007.

VIEIRA, Domingos. **Grande dicionario portuguez ou thesouro da lingua portugueza**. vol. 1. Porto: Em Casa dos Editores Ernerto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Thesouro_da_lingua_portugueza.html?id=6MdRAAAAcAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 10 set. 2015.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de. **Elucidario das palavras, termos, e frases, que em Portugal antigamente se usárão, e que hoje regularmente se ignorão**: obra indispensavel para entender sem erro os documentos mais raros, e preciosos, que entre nós se conservão: publicado em beneficio da litteratura portugueza. Tomo II (G–Z). Lisboa: Typographia Regia Silviana, 1799. Disponível em: <<https://books.google.pt/books?id=ODMTAAAAQAAJ>>. Acesso em: 08 dez. 2015.

APÊNDICE A – ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS PARA A CONSTITUIÇÃO, ORGANIZAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DOS *CORPORA*

A ortografia em língua portuguesa, desde os primeiros momentos dessa língua, apresentou-se de forma irregular, no sentido de haver, por exemplo, diversos modos de escrever o que seria uma mesma palavra ou de usar diferentes caracteres gráficos para representar um mesmo som. Em relação ao português arcaico, por exemplo, Huber (1986 [1933¹], p.42-43) assim se manifesta:

É difícil observar num monumento linguístico e literário do português antigo uma grafia inteiramente uniforme. Uma e mesma palavra aparece frequentemente no mesmo texto sob formas diferentes. [...]. — É igualmente bem variado e inconsequente o uso de sinais ortográficos (como acentos, tiles, traço de união, apóstrofes) nos velhos manuscritos.

A partir do século XVI, quando começa o chamado português moderno, esse problema ainda continua, como é possível concluir das seguintes palavras de Vasconcelos (s/d, p.101)²⁹⁷:

Em portugal não há, nem houve nunca, ortografia oficial, uniforme. Só ortografias variadas, mais ou menos sensatamente regradas pelo costume e exemplo de bons escritores, ou mais ou menos inçadas de erros, contradições, dislates, caprichos e indiosincrasias pessoaes. Este estado anormal foi tomando proporções de verdadeira calamidade nos últimos decénios do século passado [...]. — Houve e há escritores que na mesma estrofe de um poema, na mesma pájina de uma novela nos apresentam formas híbridas e contraditórias, não reformadas, meio reformadas ou inteiramente reformadas, como *mytho* e *rythmo*; *melancólico* e *eccho*; *aflito* e *fructo*; *próximo* e *proprio*; *seria* (isto é *séria*) e *Maria*; *quiz* e *mês*; *allucinante* e *captivante*; *automnal* e *insónia*. Um confusão magna.

²⁹⁷ Embora a edição existente no mercado não apresente o ano em que a obra *Lições de Filologia Portuguesa*, de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, foi publicada – a qual é resultado do material escrito que elaborava para orientar suas aulas, ao que parece na Universidade de Coimbra –, o trecho que aqui vai citado encontra-se na seção que reúne os textos utilizados no curso ministrado entre os anos de 1911 e 1912. Desse modo, consideraremos esta a data de referência ao tema comentado pela autora.

Nessa mesma perspectiva, já se manifestara Gonçalves Viana (1904, p.1), o qual afirma:

Nunca existiu ortografia uniforme em Portugal: pretender provar o contrário, ou mesmo insistir na afirmativa, seria obstinação ou ignorância manifesta dos factos. Cada escritor tem usado a sua ortografia, mais ou menos metódica, sem entrarem em linha de conta aquelas que são indiscutivelmente erróneas, ou caprichosas, ou irreflectidas.

Ora, essa falta de uniformidade traz, para o âmbito da nossa pesquisa, algumas dificuldades no momento de identificar e de quantificar os diminutivos. Por exemplo: em textos portugueses do século XVI, há as seguintes ocorrências de formações diminutivas para as palavras que atualmente grafamos como *homenzinho*, *raposinhos* e *caixinha*: a primeira palavra aparece grafada como *homemzinho*, *homenzinho*, *homëzinho*, *homemzynho* e *homenzynho*; a seguinte, como *rraposinhos* e *raposinhos*; a última é encontrada sob as formas *caixinha* e *cayxinha*.

Diante de tais ocorrências, pusemo-nos, então, os seguintes questionamentos: como tratar tais ocorrências?; são 10 exemplos de diminutivos?. A primeira conclusão a que chegamos foi a de que seria necessário estabelecer alguns critérios de ordem metodológica para prosseguirmos com a identificação dos diminutivos – o que resultará, conseqüentemente, na elaboração de cada um dos *corpora* do Apêndice B.

Desse modo, a identificação e a organização²⁹⁸ – os quais têm reflexos imediatos sobre a quantificação – dos diminutivos, a partir dos textos existentes no *Corpus* Informatizado do Português Medieval e do *Corpus* do Português, foram feitas de acordo com as orientações metodológicas que serão apresentadas na sequência. Algumas delas estão mais relacionadas com a identificação em si dos diminutivos; outras, com a sua organização no interior dos *corpora*.

Em relação às metodologias de identificação, isto é, aquelas que ajudam na distinção de um diminutivo de outro, apontamos estas:

a) *um mesmo diminutivo pode vir grafado de mais de uma forma*

As dúvidas existentes no âmbito da ortografia e/ou as semelhanças ou identidade de pronúncia entre algumas palavras ou sons proporcionavam a existência de diferentes grafias

²⁹⁸ Conforme já destacado na *Introdução* deste trabalho (cf. final da seção 1.2), esta pesquisa não abordará as formações diminutivas verbais.

para uma mesma palavra, conforme vemos em várias passagens desta pesquisa. Entre os grafemas que causam essa confusão – muito mais intensa até o século XVI que nos seguintes –, citamos os mais frequentes a partir dos diminutivos identificados²⁹⁹:

- emprego de <i>, <j> e <y> para representar tanto a vogal [i], quanto a semivogal [j], como ocorre nas palavras *reguemgujno*, *homenzinho* e *homenzynho*, *bandeirinhas* e *bandeyrinhas*;
- uso de <j> e <g>, diante de <e> e de <i>, para representar o som [ʒ], em palavras como *anginhos* e *anjinhos*, *larangeirinhas* e *laranjeirinhas*;
- uso de <c> e de <ç>, diante de <e> e de <i>, para representar o som [s], como em *pedacinho* e *pedaçinho*;
- emprego de <s> e <z>, em posição medial (intervocálica ou não), para representar o som [z], como em *casinha* e *cazinha* e na forma sufixal *-zinha* ([zĩɲo] ou [zĩno]), como nas palavras *paosinho* e *pãozinho*, *irmãozinho* e *irmãosinhos*;
- utilização de <s> e de <ç>, no início de palavras, representando o som [s], conforme ocorre nas palavras *sapinhos* e *çapinhos*; também <ss> e <çç> podem ser empregados, no interior das palavras, para representar esse mesmo som, como em *moçinha* e *passinho*;
- emprego de <u> e <v> para representar a consoante [v], tal como verificamos em *caualinho* e *cavalinhos*;
- uso de <l> e <ll>, como em *pelourinho* e *pellourinho*, *caualinho* e *cavallinhos*, para representar a consoante lateral alveolar [l], e de <rr> e <r>, no início de palavras, como em *rraposinhos* e *raposinhos*, para representar a consoante fricativa velar [x];
- emprego de *vogal + m* ou *n* ou de *vogal + til* – no começo ou no interior de palavras antes de consoante – para representar uma vogal nasal, como ocorre nas palavras *campainha* e *câpainha*, *ãginhos* e *anginhos*.

Assim, em cada uma das situações acima em que há diversas formas gráficas para uma mesma palavra, em vez de analisarmos as formas gráficas apresentadas como dois ou mais diminutivos, consideraremos apenas um, tratando-os como *variantes ortográficas*,

²⁹⁹ Para a identificação do comportamento desses grafemas, orientamo-nos tanto pelos exemplos (de diminutivos e de seus respectivos primitivos) que foram identificados a partir do *Corpus* do Português e do *Corpus* Informatizado do Portuguese Medieval, quanto por autores contemporâneos ao século XVI – a saber: Oliveira (2000 [1536]¹), Barros (1540) e Nunez de Lião (1576) – e, ainda, por estudos de gramáticas históricas da língua portuguesa, sobretudo Nunes (1975 [1919]¹) e Teyssier (2007 [1997]¹). Semelhante procedimento também é adotado nas pesquisas do NEHiLP (2015, p.46-47).

ou seja, as diferentes grafias que se dão a uma palavra, as quais, por isso, são pronunciadas da mesma forma. Esse tipo de ocorrência indicaremos com o sinal <~>, em que o símbolo ~ significa tratar-se de uma *variação*, e o símbolo <> indica que ela ocorre no âmbito da *grafia*, isto é, a forma gráfica que antecede o símbolo <~> e a que o sucede constituem variantes ortográficas de uma mesma palavra;

b) diferentes grafias às quais correspondem diferentes pronúncias serão consideradas palavras diferentes

Ainda no que se pode considerar uma consequência da falta de uniformidade ortográfica da língua portuguesa, encontramos, ao longo da história dessa língua, formas gráficas – para as quais ao longo do século XX, por exemplo, somente se usa(rá) uma – que parecem possuir diferentes pronúncias. Nesses casos, consideraremos as palavras envolvidas como palavras diferentes, conforme os exemplos que seguem:

CabretINHO ou CabretINHOS ← *CabretO [<~>] CabritO
CabritINHO ← CabritO

CospINHO ou CospINHOS ← *CospO [<~>] CuspO
CuspINHO ← CuspO

GaleãoZINHO ← GaleÃO
GaliãoZINHO ← GaliÃO

JanelINHA ou JanelINHAs ← JanelA
JenelINHA ou GenelINHA ← *JenelA <~> GenelA

MolherZINHA <~> MolhèrZINHA ← MolheR
MulheresZINHAs ← MulheR

Chamamos a atenção, aqui, para o símbolo [<~>], com o qual relacionamos palavras que apresentam grafias distintas e que (provalvemente) também são pronunciadas diferentemente;

c) as formas diminutivas do singular e as do plural serão consideradas como uma única palavra

As formas no plural não serão consideradas uma palavra diferente da forma singular, uma vez que, teoricamente, resultam, apenas, do acréscimo do morfema marcador de plural a

uma forma diminutiva já existente, ou seja, consideraremos que, antes da existência de uma forma diminutiva plural como *almofadinhas*, há, ao menos teoricamente, a forma *almofadinha*, derivada de *almofada*³⁰⁰. Nesse sentido, a marcação de plural não exerce nenhuma influência na formação do diminutivo, já que se dá após a existência deste. Com isso, vemos a relação entre palavra primitiva, diminutivo e plural do diminutivo da seguinte maneira: há uma forma primitiva (por exemplo, *almofada*, *cordeiro*, *peixe*), a partir da qual se forma um diminutivo (respectivamente, *almofadinha*, *cordeirinho*, *peixinho*), e este, por sua vez, pode ser flexionado para indicar o plural (respectivamente, *almofadinhas*, *cordeirinhos*, *peixinhos*). Desse modo, concluímos que o plural não pertence ao sufixo, dando-se independentemente dele;

d) *as formas diminutivas do masculino e as do feminino serão consideradas como duas palavras*

Contrariamente ao que expusemos acerca da relação entre diminutivo singular e diminutivo plural, consideraremos como dois diminutivos palavras como *alvinho* e *aluinha*, *cadelinho* e *cadelinha*, *doudinho* e *doudinha*, *filhinho* e *filhinha*, *pastorinho* e *pastorinha* etc., as quais são empregadas, respectivamente em cada par, para indicar o gênero masculino e o feminino. Assim, entendemos que os diminutivos do gênero masculino resultam do acréscimo do sufixo a palavras primitivas masculinas – respectivamente, *alvo*, *cadelo*, *doudo*, *filho* e *pastor* – e que os diminutivos femininos resultam do acréscimo do sufixo a palavras primitivas do gênero feminino – respectivamente, *alua*, *cadela*, *douda*, *filha* e *pastor(a)*. Tal postura, por sua vez, deveu-se ao fato de observarmos que os diminutivos formados em língua portuguesa muito raramente possuem um gênero diferente daquele da palavra primitiva que lhe deu origem, como ficou demonstrado ao longo das análises apresentadas nas seções 4 e 5 (cf. *Volume II*), reconfirmados com os exemplos abaixo e com os demais que, no *Apêndice B*, são apresentados³⁰¹:

³⁰⁰ Este raciocínio encontra-se, a nosso ver, plenamente justificado a partir do conceito de *plural* que expõem, por exemplo, Câmara Jr. (2007 [1956¹], p.222-223), Monteiro (2002 [1986¹], p.88-90) e Bechara (2009 [1961¹], p.117-131). Segundo esses autores (*loc. cit.*), o plural é a indicação de dois ou mais seres ou grupos de seres, a qual se dá por meio do acréscimo de um morfema específico a uma palavra que se encontra no singular. Assim, concluímos que a existência de uma palavra no plural pressupõe a existência anterior de uma forma no singular, a qual não necessariamente deve estar documentada, mas tendo, apenas, sua existência admitida pelo sistema das línguas, no caso específico o da língua portuguesa.

³⁰¹ A própria mudança de gênero pode ser considerada uma forma de comprovação de que os diminutivos do gênero masculino se formam de palavras masculinas, e os femininos, de palavras do gênero feminino, pois, se

BazarINHO ← *Bazar* (Sm → Sm)
 BichOCA ← *BichA* (Sf → Sf)
 CadeINHA ← *CadeA* (Sf → Sf)
 CapellICO ← *Capello* <~> *Capelo* (Sm → Sm)
 CartINHA ← *CartA* (Sf → Sf)
 DiabrETE ← *DiabrO* [<~>] *DiabO* (Sm → Sm)
 GadoZINHO ← *GadO* (Sm → Sm)
 LivroZINHO ← *LivrO* (Sm → Sm)
 PortinhOLA ← *PortINHA* (Sf → Sf)
 VelaZINHA ← *VelA* (Sf → Sf)

Mais ilustrativos, ainda, dessa discussão cremos serem os diminutivos que compõem os grupos citados adiante, envolvendo, de forma contrastiva, exemplos formados com *-inho*, *-inha* e com *-zinho*, *-zinha*:

BoaZINHA ← *BoA* (Adjf → Adjf)
 BoINHA ← *BoA* (Adjf → Adjf)
 BonZINHO ou BonZINHOS ← *BOM* (Adjm → Adjm)

FeiaZINHA ← *FeiA* (Adjf → Adjf)
 FeINHO ← *FeiO* (Adjm → Adjm)

InfantaZINHAs ← *InfantA* (Sf → Sf)
 InfanteZINHOS ← *InfantE* (Sm → Sm)

MarrãoZINHO ou MarrõeZINHOS ← *MarrÃO* (Sm → Sm)
 MarroaZINHA ← *MarroA* (Sf → Sf)

MeninaZINHA ← *MeninA* (Sf → Sf)
 MeninINHO ← *MeninO* (Sm → Sm)
 MeninoZINHO ← *MeninO* (Sm → Sm)

assim não fosse, não haveria necessidade de mudar o gênero do diminutivo, ou seja, o diminutivo masculino somente se forma de uma palavra do gênero feminino, porque não há uma palavra do gênero masculino que possa receber o sufixo, o mesmo processo ocorrendo, no sentido inverso, quando um diminutivo feminino se forma de uma palavra masculina.

MornaZINHA ← *MornA* (Adjf → Adjf)

MornINHO ← *MornO* (Adjm → Adjm)

NuaZINHA ← *NuA* (Adjf → Adjf)

NuZINHO ou NuZINHOS <~> NuSINHOS ← *NU* (Adjm → Adjm)

OrfãoZINHO <~> ÓrfãoZINHO ou OrfãoZINHOS <~> ÒrfãoZINHOS ← *ÓrfÃO* (Sm → Sm)

ÓrfINHA ← *OrfA* [<~>] *ÓrfÃ* (Sf → Sf)

PatrãoZINHO <~> PatrãoSINHO ← *PatrÃO* (Sm → Sm)

PatroINHA ← *PatroA* (Sf → Sf)

SãZINHA ← *SÃ* (Adjf → Adjf)

SãoZINHO ← *SÃO* (Adjm → Adjm)

SinhaZINHA ou SinhaZINHAs ← *SinhÁ* (Sf → Sf)

SinhoZINHO ← *SinhÔ* [<~>] *SinhoR* (Sm → Sm)

Através da análise desses exemplos, vemos, mais claramente ainda, que uma é a “origem” dos diminutivos masculinos, e outra a dos femininos.

No âmbito das metodologias de organização dos diminutivos que compõem o apêndice a seguir, destacamos as apresentadas na sequência:

e) uso do símbolo asterisco () para a indicação de palavras primitivas que, possivelmente, não são documentadas*

Uma vez que estamos considerando o diminutivo como uma palavra derivada de outra à qual foi acrescentado um sufixo de significação diminutiva, sempre estamos indicando a palavra que deu origem a esses diminutivos. Algumas dessas palavras primitivas, no entanto, não foram identificadas nem no *Corpus* do Português (DAVIES & FERREIRA, 2006), nem no *Corpus* Informatizado do Português Medieval (CIPM), nem no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* – as três principais fontes utilizadas para esse fim –, o que pode significar que se trata de uma forma que não é documentada. Para indicar tal palavra, empregamos o símbolo * antecedendo a referida palavra, conforme verificamos nos exemplos a seguir, que compõem a lista dos diminutivos do século XVI:

AlvoreZINHAs ← *AlvorE [<~>] ArvorE <~> ÁrvorE
 BechINHOS ← *BechO [<~>] BichO
 CabretINHO ou CabretINHOS ← *CabretO [<~>] CabritO
 GarajauSINHOS ← *GarajAU
 GarçesaZYNHA ← *GarçesA <~> *GarcesA

f) *uso do símbolo seta apontado para a esquerda (←) para indicar que a palavra que antecede a seta é derivada daquela que a segue*

Outro símbolo que empregaremos, ao apresentarmos as listas de diminutivos, é a *seta apontando para a esquerda* (←). Com esse símbolo, indicamos que a palavra que aparece em primeiro plano é um diminutivo que se formou a partir da palavra que vem apresentada após ele, conforme exemplos até aqui já citados. Em outras situações, também empregaremos os símbolos *seta apontado para a esquerda com obstáculo* (↖) e *seta apontando para a esquerda com variação* (~←). Com o primeiro, indicamos que a formação em destaque é uma derivação que não resulta do acréscimo de prefixo ou de sufixo, ou seja, a palavra que antecede o símbolo é formada a partir da que o sucede, mas sem o acréscimo de prefixo ou de sufixo, como ocorre nestes exemplos:

BelINHA ← BeL k← Isabel
 BibichINHO ← *BibichO k← BichO
 LalINHA ← *LalA k← Eulália
 MelINHA ← *MéLIA k← Amélia
 MundICA ← *MundA k← Raimunda
 QuinZINHO ← QuIM k← Joaquim
 TotonhIM ← TotonhO k← António [<~>] Antônio
 ZeZITO ← ZÉ k← José

A partir dos exemplos acima, verifica-se que, na maioria das ocorrências em que o símbolo em destaque é encontrado, as palavras que antecedem o símbolo /← derivam de nomes próprios.

Já com o símbolo ~←, indicamos que a palavra que o antecede resulta de uma flexão da palavra que o segue, como nestes exemplos:

FedELHA ~← FedELHO < lat. vulg. *foetiCULUM
 JanelITO ~← JanelITA ← Janela

MigALHO ou MigALHOS ~← MigALHA < lat. hsp. *micALĒA

RabISCA ~← RabISCO /← RabISCAR

g) *uso de digitação em negrito, em itálico e sem destaque*

Com o objetivo de proporcionar uma melhor visualização das palavras (diminutivos e respectivas palavras primitivas) que compõem as listas de diminutivos apresentadas no *Apêndice B*, utilizamos os seguintes recursos: todos os diminutivos se encontram digitados em negrito; se este diminutivo foi formado em português ou herdado do latim, indicamos a sua palavra primitiva e o seu étimo digitando-os sem nenhum destaque³⁰²; porém, nos casos em que o diminutivo é resultado de empréstimo, a palavra que foi emprestada está digitada em itálico³⁰³. Os exemplos a seguir – identificados em textos do século XVI – ilustram isso mais concretamente:

abelhinhas ← abelha

çerquinha ← çerca <~> cerca

denticulos ◀ lat. *denticūlus*

fedelhos < lat. *foetīculum

finalzinho ← final

migalha ou **migalhas** <~> **migualhas** < lat. hsp. *micalĒa

machadina ← machada

pequenina ou **pequeninas** ◀ esp. *pequenina*

veranico ◀ esp. *veranico*

h) *indicação da língua da qual provém o empréstimo*

Quanto aos diminutivos identificados entre os séculos XIII e XX que resultam de empréstimos a outras línguas, advertimos que nosso objetivo principal – ao indicar uma palavra a partir da qual o empréstimo teria ocorrido – não é apresentar a palavra imediata, isto é, o étimo, que teria sido objeto de empréstimo; para o objetivo que primeiramente nos propomos – o qual é identificar o diminutivo como tendo origem estranha à língua

³⁰² Para a indicação de que uma palavra *y* em português – ou em qualquer outra língua – resulta da modificação de uma palavra *x* do latim vulgar, utilizaremos o símbolo *menor que* (<) (*y* < **x*).

³⁰³ Conforme já observamos ao longo desta pesquisa (cf. seção 4.3.8), quando um diminutivo português for proveniente de um empréstimo feito à língua latina, a palavra latina será indicada no nominativo singular, admitindo, por conseguinte, que a sua forma plural foi construída em português.

portuguesa, ou seja, como sendo formado em outra língua que não a portuguesa – é suficiente o seu reconhecimento como palavra proveniente de empréstimo. Em vista disso, nesses casos, é frequente indicarmos duas ou mais palavras que podem ter sido o étimo³⁰⁴ da palavra portuguesa, sem pretendermos indicar qual delas o foi realmente, conforme os exemplos a seguir, também pertencentes ao século XVI:

arqueta ◀ cat. *arqueta* ou esp. *arqueta*

camaretas ◀ esp. *camareta* ou it. *camaretta*

cidadelas ◀ it. *cittadella* ou fr. *citadelle* ou esp. *ciudadela*

galiota <~> **galiotta** ou **galiotas** <~> **galiottas** <~> **galliotas** <~> **galliotas** ◀ it. *galeotta* <~> it. *galeota* ou fr. *galiotte* <~> fr. *galliotte*

joguete ◀ prov. *joguet* ou esp. *juguete*

salmonete ou **salmonetes** ◀ esp. *salmonete* ou fr. *surmulet*

Para a indicação de que uma palavra é empréstimo de outra língua, utilizamos o símbolo *delta negro com vértice para a esquerda* (◀), com o qual expressamos que a palavra que é colocada antes dele resulta de empréstimo daquela que o segue;

i) *organização das palavras conforme a ordem em que aparecem os sufixos que foram descritos no interior da Tese*

Outro aspecto relativo à organização dos diminutivos que serão apresentados no *Apêndice B* é a ordem como eles se encontram dispostos. Para tal fim, optamos por organizar os diminutivos segundo o sufixo que possuem em sua estrutura, obedecendo à ordem em que esses sufixos foram abordados no interior da Tese. Já os diversos diminutivos formados por um mesmo sufixo, encontram-se distribuídos segundo a ordem alfabética;

³⁰⁴ Nas pesquisas realizadas junto ao NEHiLP (*op. cit.*, p.149; cf. tb. VIARO, 2011, p.106-107), distinguimos *étimo de origem*, conforme destacado na *Introdução*. Com o primerio termo, referimo-nos à forma imediata a partir da qual uma palavra de determinada língua resulta; já a origem, é a forma mais remota. A citação a seguir, retirada de Viaro (*op. cit.*, p.106), é bastante esclarecedora quanto a isso: “A palavra *açúcar* provém do árabe *as-sukkar* ‘o açúcar’ que, por sua vez, é proveniente do sânscrito *çarkarā* ‘casalho’. Coerentes com nossa definição, diremos que o ÉTIMO da palavra *açúcar* é árabe, o que não é contraditório com a afirmação de que a ORIGEM do mesmo vocábulo é indiana. Tudo depende, portanto, da datação do limite mais antigo da forma investigada, ou seja, do seu *terminus a quo*”.

j) uso de letras maiúsculas somente com nomes identificados como próprios

Os diminutivos (e suas respectivas palavras primitivas) que serão apresentados no *Apêndice B* figurarão sempre com inicial minúscula, exceto se for um nome identificado como próprio (nomes de pessoa, sobrenomes, nomes de lugar etc.)³⁰⁵.

*

Finalizamos, portanto, neste momento, a exposição das principais metodologias que orientaram a identificação e a organização dos diminutivos encontrados em textos portugueses produzidos entre os séculos XIII e XX. No apêndice que segue, apresentamos as palavras que foram reconhecidas como diminutivos nesse período.

³⁰⁵ No corpo do texto (cf. seções 4 e 5), no entanto, todas as palavras (diminutivo e palavra primitiva) estão digitadas com iniciais maiúsculas, assim como geralmente ocorre no corpo deste apêndice.

APÊNDICE B – DIMINUTIVOS EM TEXTOS PORTUGUESES DO SÉCULO XIII AO XX

Este *Apêndice* contém as palavras que foram identificadas como possuindo um sufixo com significação diminutiva em língua portuguesa entre os séculos XIII e XX.

Tal como fizemos ao longo das seções 4 e 5 de nossa pesquisa – quando foram analisados os sufixos identificados –, aqui as palavras encontram-se listadas segundo os séculos nos quais foram encontradas, de acordo com as sincronias aqui delimitadas (cf. o que expusemos em 1.3.1), ou seja, há uma lista de palavras referentes ao século XIII, outra ao XIV e assim sucessivamente até a última lista que contempla o século XX. Uma vez que as palavras podem ser empregadas em diferentes sincronias, encontraremos algumas palavras que se repetem em mais de um momento.

Para o estabelecimento da ordem na qual aparecerão os sufixos identificados, utilizamos como critério a ordem em que foram abordados ao longo das descrições feitas nas seções mencionadas no parágrafo anterior. Ao apresentarmos as palavras no espaço dedicado a cada sufixo, distribuímo-las segundo a ordem alfabética, de acordo com o que regularmente ocorre na organização de obras lexicográficas.

APÊNDICE Ba – Os sufixos diminutivos em português no século XIII

Diminutivos em *-inho*

ansarinhos <~> **ansarin[n]os** ← ansar

baiosinho ← baio

baroncinho ← baron <~> barom <~> barõ

boỹo ← bõo

campanã ← campana

campaynna ← campaa <~> canpaa <~> câpaa

cortynna ← corte

falconcinho ← falcon <~> falcõ

filỹo ← filo <~> fillo <~> filho <~> filyo <~> filio

filynno ← filo <~> fillo <~> filho <~> filyo <~> filio

fraquelinha ← *fraquela ← fraca

fremosã <~> **fremosỹa** ← fremosa

fremosinha <~> **fremosinna** <~> **fremosynna** ou **fremosinhas** ← fremosa

fremosõ <~> **fremosỹo** ← fremoso

fremosinno <~> **fremosynno** ← fremoso

furadynno ← furado

galguilinho ← *galguil ← galgo

garridelinna ← *garridela ← garrida

Jhoanỹo ← Jhoane [<~>] Jhoã

judeucỹo ← judeu

mannanã ← mannãna <~> manhãna [<~>] mannãa

manselã ← *mansela ← mansa

manselinha ← *mansela ← mansa

manselinho <~> **manseliño** ← *mansel ← manso

mocelinha ← *mocela ← moça

mocelinnos ← *mocel ← moço

molhercinha ← molher

ovellỹa ← ovella <~> ovelha

papelynnas ← *papela ← papa

pastorĭa ← pastor

pastorinha ← pastor

pastorinno <~> **pastorynno** ← pastor

peq(ue)nhyos ← pequenho

pequenĭa ← pequena

pequeninna <~> **pequenynna** ← pequena

pequenỹo ou **pequenỹos** ← pequeno

pequenyn[n]o ← pequeno

tonelcỹo ← tonel

velocỹo ← velo <~> vello

velloçinna ← vella

Diminutivos em *-t-*

baleato ← balea [<~>] baleia

barqueta ◀ it. *barchetta* ou fr. *barquette* ou esp. *barqueta*

cabrito ou **cabritos** < b. lat. *caprĭttus*

joeta ◀ fr. *joëte*

jograrete ← jogar [<~>] jogral

joguete ou **joguetes** ◀ prov. *joguet* ou esp. *juguete*

muleta ◀ fr. *mulette* ou esp. *muleta*

Diminutivos em *-lh-*

migalha < lat. hsp. *micalĕa

Diminutivos em -l-

bestiola ◀ lat. *bestiola*

capela <~> **capella** < lat. vulg. *cappella

APÊNDICE Bb – Os sufixos diminutivos em português no século XIV

Diminutivos em *-inho*

alaãoszinhos <~> **alaãozinhos** ← *alaão* <~> *alão*

cachorrinhos ← *cachorro*

cadelinho ou **cadelinhos** ← **cadelo*

cortynna ← *corte*

fremosinha ← *fremosa*

Johãniño ← *Johane* [<~>] *Jhoã* <~> *Johan*

pedreirinho ← *pedreiro*

Diminutivos em *-t-*

arqueta ou **arquetas** ◀ *cat. arqueta* ou *esp. arqueta*

barquetas ◀ *it. barchetta* ou *fr. barquette* ou *esp. barqueta*

barquetes ◀ *fr. barquette* ou *esp. barquete*

cabrito ou **cabritos** < *b.-lat. caprītus*

camaretas ◀ *esp. camareta* ou *it. camaretta*

galyota ◀ *it. galeotta* ou *it. galiota* ou *fr. galiotte* ou *fr. galliote*

joguete ou **joguetes** ◀ *prov. joguet* ou *esp. juguete*

leõçetes <~> **leonçetes** ◀ *esp. leoncete*

maletas ◀ *esp. maleta* ou *esp. malette*

Diminutivos em *-lh-*

migalha <~> **migualha** ou **migalhas** <~> **mjgalhas** < *lat. hsp. *micalĕa*

nouilhos ◀ *esp. novillo*

Diminutivos em -l-

capela <~> **capeela** <~> **capeella** <~> **capeella** <~> **capella** ou **capelas** <~> **capellas** < lat.

vulg. *cappella

esportela < lat. vulg. *sportella

portela < lat. vulg. *portella

rodela < lat. vulg. *rotella

APÊNDICE Bc – Os sufixos diminutivos em português no século XV

Diminutivos em *-inho*

arquã ← arca

arquinhas ← arca

asinho ← asno

barquinho ← barco

bentinhos ← bento

bezerrinhos ← bezerro

bolinhos ← bolo

boquinha ← boca

burrinho ← burro

cabacinha ← cabaça

cachorrinhos ← cachorro

cadinhos ← *cadelo

canpainha <~> **cãpainha** <~> **canpaynha** <~> **campaynha** <~> **cãpaynha** ou **campainhas**

<~> **canpainhas** <~> **canpajnhas** <~> **campaynhas** ← canpaa <~> campaa <~> cãpaa

cantariños ← cantaro <~> cântaro

capelinhos ← capelo

çaradinhas ← çarada <~> sarada

carapucinha ← carapuça

casaynhos ← casal

caselinhas ← casela <~> casella

casinha ou **casinhas** ← casa

casquinhas <~> **casquynhas** ← casca

cavallinhos ← cavallo <~> cavalo

choupanjnhas ← choupana

colherynha ← colher

comtinhas <~> **continhas** <~> **contjnhas** ← comta <~> conta <~> cõta

conçelinhos ← conçelho <~> concelho

copezinha ← copa

cospinho ou **cospinhos** ← cospe [<~>] *cospo
cousinhas ← cousa [<~>] coisa
cuspinho ← cuspe [<~>] cuspo
demoninha ← *demónia <~> *demônia
emtalhadinhas ← emtalhada <~> entalhada
fallezinha ← falla <~> fala
filhinhos ← filho
filhizinhos ← filho
florezinhas ← flor
fomtainhas ◀ esp. *fontayna*
frangaynhos <~> **frangainhos** ← frangão <~> frângão
livrezinhos ← livro
lobinhos ← lobo
Lourencinho ← Lourenço
machadinha ← machada
mancebilinhas ← *mancebila ← manceba
meudynhos ← meudo [<~>] miúdo
moçinho ← moço
molherzinha ← molher [<~>] mulher
montelinho ← montelo <~> montello
nauezinha ← naue <~> nave
Olhinhos ← olho
pañezinho ← paño [<~>] pano
partizinha ← parte
pasteisinhos ← pastel
pedacinhos ← pedaço
pedrinhas ← pedra
peleszinhas ← pele
perninhas <~> **pernjnhas** ← perna
perynhas ← pera
poldrinhos ← poldro
pombinhos ← pombo
pomuinhos ← pomuo <~> pomvo [<~>] pombo
pouquechinho ← *pouquecho

pouquitinho ← pouquito

prouezinha ← proue <~> prove [<~>] pobre

ramynho ← ramo

saquinho ← saco

talhadinhas ou **talhadyinhas** ← talhada

tavolachinhas ou **tavollachinhas** ← *tavolacha

tigelynha ← tigela

trapinho ← trapo

ventizinho ← vento

Diminutivos em -t-

arqueta ◀ cat. *arqueta* ou esp. *arqueta*

barqueta <~> **barcheta** ou **barquetas** ◀ it. *barchetta* ou fr. *barquette* ou esp. *barqueta*

barquete ◀ fr. *barquette* ou esp. *barquete*

cabritas ~← cabrito < b.-lat. *caprītus*

cabrito ou **cabritos** < b.-lat. *caprītus*

calabrete ou **calabretes** ← calabre

camareta ◀ it. *camaretta* ou esp. *camareta*

foguete ou **foguetes** ◀ cat. *foquete*

galleota ou **galleotas** ◀ it. *galeotta* ou it. *galiota* ou fr. *galiotte* ou fr. *galliotte*

galleote ou **galleotes** ◀ it. *galeotta* ou it. *galiota* ou fr. *galiotte* ou fr. *galliotte*

galliota ou **galliotas** ◀ it. *galeotta* ou it. *galiota* ou fr. *galiotte* ou fr. *galliotte*

galliotas ◀ it. *galeotta* ou it. *galiota* ou fr. *galiotte* ou fr. *galliotte*

motetes ◀ fr. *motet* ou esp. *motete*

mullatos ◀ cat. *mulat* ou esp. *mulato*

perdigotos < lat. vulg. *perdicottus

saquete ◀ esp. *saquete*

Diminutivos em *-ino*

pequenina <~> **pequenyna** ◀ esp. *pequenina*
pequenino ou **pequeninos** <~> **pequenjn** ◀ esp. *pequenino*
pequininos [<~>] **pequenino** ◀ esp. *pequenino*
tamanyno <~> **tamanino** ◀ esp. *tamañino*

Diminutivos em *-lh-*

migalha <~> **migualha** ou **migalhas** <~> **mjgalhas** < lat. hsp. *micalĕa
nouilhos ◀ esp. *novillo*

Diminutivos em *-c-*

velhacas ◀ esp. *vellaca* ou esp. *bellaca*
velhaco ou **velhacos** ◀ esp. *vellaco* ou esp. *bellaco*
pelicas <~> **pellicas** ◀ esp. *pellica*

Diminutivos em *-l-*

capela <~> **capeela** <~> **capeella** <~> **capella** <~> **cappeella** ou **capellas** <~> **capelas** < lat. vulg. *cappella
cousela < lat. vulg. *capsella
grandezillo ◀ esp. *grandeziello* [<~>] esp. *grandecillo* <~> esp. *grandeçjll*
odrezillo ◀ esp. *odreziello*
Pascoela ◀ esp. *Pasquiella*
portella < lat. vulg. *portella

rodellas < lat. vulg. *rotella

taboezillas ◀ esp. *tablezilla*

vielas ← via

Diminutivos em *-ch-*

riacho ◀ esp. *riacho*

Diminutivos em *-ulo* e *-culo*

versiculo ◀ lat. *versicŭlus*

Diminutivos em *-sc-*

pidrisco [<~>] **pedrisco** ◀ esp. *pedrisco*

Diminutivos em *-ejo*

castelejo ◀ esp. *castellejo* ou esp. *castillejo*

APÊNDICE Bd – Os sufixos diminutivos em português no século XVI

Diminutivos em *-inho*

abelhinhas ← abelha

Afonsinho ← Afonso

alcouviteirinho ← alcouviteiro

aldeazinha ou **aldeazinhas** ← aldea

aldrabinhas ← aldraba

alfacinha ← alface

alfenetinhos ← alfenete [<~>] alfinete

alguidarinho <~> **alguidarinho** ← alguidar <~> allguidar

almadiazinha ← almadia

alminhas ← alma

almofadinha ou **almofadinhas** ← almofada

altarzinho ← altar

aluinha ← alua <~> alva

alvinho ← alvo

alvorezinhas ← *alvore [<~>] arvore <~> árvore

amorinhos ← amor

anjinho ou **anjinhos** <~> **ãginhos** <~> **anginhos** ← anjo <~> ãjo

anozinho ← ano

argolinha ← argola

arinhos ← aro

armentinhos ← armento

rratalinho [**arratalinho**] ← *ratal <~> *rratal [arratal]

arvorezinhas <~> **aruoresinhas** ← arvore <~> árvore <~> aruore

arvorezinho ← arvore <~> árvore

asninha ← asna

asninho ← asno

atabaquinho ← atabaque

avezinha ou **avezinhas** ← ave

azorraguinho ← azorrague
bacharelzinho ← bacharel
bacorynho ← bacoro
balancinha ← balança
baluardezinho ← baluarte
bandeirinha <~> **bãdeirinha** ou **bandeirinhas** <~> **bandeyrinhas** ← bandeira <~> bãdeira
 <~> bandeyra
bandejazinha ← bandeja
banquezinho ← banco
banquinho <~> **bamquinho** <~> **bãquinhos** ← banco <~> bamco <~> bãco
baracinho ← baraço
barbinhas ← barba
barquinha ou **barquinhas** ← barca
barretinho ou **barretinhos** ← barrete
bategazinha ← batega
bazarinho ← bazar
bebedinho ← bebedo
bechinhos ← *becho [<~>] bicho
beiçinhos ← beiço
beirinha ← beira
berçozinhos ← berço
bestinha ← besta
bichinho ou **bichinhos** ← bicho
bigodezinhos ← bigode
biquinho ← bico
bocadinho ← bocado
bolcinha ← bolça
bolinha ← bola
bolinhos ← bolo
bolsinhos ← bolso
bombardeyrinho ← bombardeyro <~> bombardeiro
bombardinhas ← bombardarda
bonitinha ← bonita
boquinha ← boca

bordãozinho ← bordão
borrinho ← *borro [<~>] burro
botinhas ← bota
boucinha ← bouça
branquinhas ← branca
burrinha ← burra
cabacinha ou **cabaçinhas** ← cabaça
cabecinha ou **cabecinhas** ← cabeça
cabasinho ← cabas
cabelinho ou **cabelinhos** ← cabelo
cabretinho ou **cabretinhos** ← *cabreto [<~>] cabrito
cabritinhos ← cabrito
cachopinho ← cachopo
cachorinha [**cachorrinha**] ou **cachorrinhas** ← *cachora [cachorra]
cachorrinhos ← cachorro
cadeinha ← cadea
cadelinha ← cadela
cadelinho ← cadelo
cadeyrinha ← cadeyra <~> cadeira
cafrinha ← cafra
caixinha <~> **cayxinha** ou **caixinhas** ← caixa <~> cayxa
caixõzinho ← *caixõ <~> *caixon <~> *caixom
caldeinhas ← caldea
caldeirãozinho <~> **caldeiranzinho** ← caldeirão <~> *caldeiran <~> caldeiram
calderinha ← *caldera [<~>] caldeira <~> caldeyra
caldeyrinha ou **caldeirinhas** ← caldeyra <~> caldeira
caldinho ← caldo
campainha ou **campainhas** <~> **cãpainhas** <~> **campaynhas** ← campa <~> *cãpa
campinho ← campo
canazinha ou **canazinhas** ← cana
candeazinha ← candeia
cansadinha ← cansada
canteguinha ← *cantega [<~>] cantiga
cantinho ou **cantinhos** ← canto

capelamzynho ← capelam
capelazinha ou **capelazinhas** ← capela
caquinhos ← caco
carapuças ← carapuça
carauelinha ou **carauelinhas** ← carauela <~> caravela
carpinhas ← carpa
carregozinhos ← carregó
carretinha ← carreta
carrinho ← carro
cartapaciozinho ← cartapacio
cartinha ← carta
carualinhos ← carualho <~> carvalho
casalinho ou **casaynhos** ← casal
caueirinhas ← caueira
casinha <~> **cazinha** ou **casinhas** <~> **cazinhas** ← casa <~> caza
castelinhos ← castelo
caualinho ou **cavallinhos** ← caualo <~> cavalo <~> cavallo
caxinha ou **caxinhas** ← caxa [<~>] caixa
çapalinhos [**çapatinhos**] ← çapato <~> sapato
cebolinhas ← cebola
cebolinho ← cebolo
cellinhas ← cella <~> cela
cepinho ← cepo
cercazinha ← cerca
çerquinha ← çerca <~> cerca
cestinha ← cesta
cestinho ← cesto
chacotezinha ← chacota
chiquinhos ◀ esp. *chiquino*
chorinhos ← choro
chorozinho ← choro
chouricinho ← chouriço
chychorrinha ← *chychorra
Cismeninha ← Cismena

clerigozinhos ← clérigo <~> clérigo

cofrezinho ← cofre

coifinha ← coifa

conchesinhas ← concha

conchinhas ← concha

coneguinho ← conego <~> cónego

copinho ← copo

cordeirinhas ← cordeira

cordeirinho ou **cordeirinhos** ← cordeiro

corninhos ← corno

corpinho ou **corpinhos** ← corpo

corpozinhos ← corpo

cortinha ou **cortinhas** ← corte

cospinho ou **cospinhos** ← *cospo [<~>] cuspo

cousinha <~> **cousynha** <~> **couzinha** ou **cousinhas** <~> **couzinhas** ← cousa <~> couza

coutadinha ← coutada

covinhas ← cova

crauinho ← crauo

criancinha <~> **criançinha** ou **criancinhas** ← criança

cuitadinha ← cuitada

cuspinho ← cuspo

delgadinhas ← delgada

dentinhos ← dente

devezinha <~> **deuezinha** ← *deveza <~> devesa <~> *deueza <~> deuesa

doninha ← dona

doudinha ← douda

doudinho ← doudo

enganinhos ← engano

ervinha ou **ervinhas** ← erva

escadinha ← escada

escrauinho ← escrauo <~> escravo

esteirinha ← esteira

estradozinho ← estrada

falsynhos ← falso

farelinhos ← farelo
fatinho ← fato
fazemdynha ← fazemda <~> fazenda
febrinha ← febre
ferretinho ← ferrete
filhazinha ← filha
filhezinhas ← filha
filhinha ou **filhinhas** ← filha
filhinho ou **filhinhos** ← filho
filhizinhos ← filho
filhozinhos <~> **fíhoszinhos** ← filho
fiozinho ← fio
folforinho ← *folforo
folhesinhas ← folha
folhinhas ← folha
follezinhos ← *folle <~> fole
forminhas ← forma
fornelinho ← *fornelo <~> fornello
fradinhos ← frade
fustazinhas ← fusta
gadozinho ← gado
galeãozinho ← galeão
galiãozinho ← galião
garajausinhos ← *garajau
garfozinhos ← garfo
garçesazynha ← *garçesa <~> *garcesa
garredinha ← *garreda [<~>] garrida
gatinhas ← gata
Gonçalinho ← Gonçalo
gordinhas ← gorda
gordinhos ← gordo
gozinho ← gozo
gudãozinho ← gudão
hermidazinha ← ermida <~> ermida

homemzinho <~> **homenzinho** <~> **homëzinho** <~> **homemzynho** <~> **homenzynho** ←
 homem <~> homen <~> homë
igrejazinha ← igreja
ilhazinhas ← ilha
imagenzinha ou **imagenzinhas** ← imagem <~> imagen
Inesinha ← Ines <~> Inês
inocentinhos ← inocente
irmãozinho ou **irmãosinhos** ← irmão
janelinha ou **janelinhas** ← janela
jarinha [jarrinha] ← jara [jarra]
jeitinhos ← jeito
jenelinha <~> **genelinha** ← *jenela <~> genela
Joaninho ← Joane
juncozinho ← junco
lameyrinho ou **lameyrinhos** ← lameyro <~> lameiro
laparinhos ← *laparo <~> *lápapo
larangeirinhas <~> **laranjeirinhas** ← laranjeira <~> laranjeira
leirinha ← leira
lençinhos ← lenço
leuinha ← leue <~> leve
livrinho ← livro
livrozinho ← livro
lobinho [o] ← lobo
lobinho [ɔ] ← lobo
lourinhos ← louro
lugarinho ← lugar
lugarzinho ← lugar
machadinhas ← machada
macbadinho [machadinho] ← machado
malhadeyrinho ← malhadeyro <~> malhadeiro
mancebinho ← mancebo
maneirazinha ← maneira
manguinhas ← manga
mansinhos ← manso

mansozinho ← manso
mantinha ← manta
mãozinha ou **maosinhas** ← mão <~> mao
maridinho ← marido
maçaynhas ← maçãa
menhãzinhas ← menhã
mesinha ← mesa
meudinha ← meuda <~> meúda
mexeriqueirinha ← mexeriqueira
migalhinhas ← migalha
mocinha <~> **moçinha** ← moça
moçinho <~> **mocinho** ← moço
molherzinha <~> **molhèrzinha** ← mulher
molinha ← mole
montezinho ← monte
montinhos ← monte
morrãozinho ← *morrão [<~>] murrão
mortezinhas ← morte
mossazinha ← mossa
mosteirozinho ← mosteiro
mourinha ← moura
mulatinha ← mulata
mulhereszinhas ← mulher
narizinhos ← nariz
negrinho ← negro
nouinhas ← noua <~> nova
nuzinhos ← nu
olhinhos ← olho
ossinhos ← osso
outeirinho ← outeiro
outeirozinho ← outeiro
outerinho ← *outero [<~>] outeiro
ovelhinha ou **ovelhinhas** ← ovelha
paçozinho ← paço

pagodezinho ← pagode
pagodinhos ← pagode
paixarinhos ← *paixaro [<~>] passaro <~> pássaro
palavrinhas ← palavra
palheirozinho ← palheiro
palhinha ou **palhinhas** ← palha
palreirinha ← *palreira <~> palreyra
pampaninho ← pámpano
pancadinha ← pancada
pa[n]deirinhos ← pa[n]deiro
panelinha ← panela
paninho ← pano
panozinhos ← pano
paosinho <~> **paozinho** ou **paozinhos** <~> **paoszinhos** ← pao
papelinhos ← papel
papinhas ← papa
parozinho ← paro
parreirinhas ← parreira
passarinha ← passara
passarinho ou **passarinhos** ← passaro <~> pássaro
passinho ← passo
pastorinha ← pastora
pastorinho ou **pastorinhos** ← pastor
pastorzinho ← pastor
patinhas ← pata
pauzinhos ← pau
paxerinhos ← *paxero [<~>] passaro <~> pássaro
peccadinhos ← peccado <~> pecado
pedacinho <~> **pedaço** ou **pedacinhos** ← pedaço
pedrazinhas ← pedra
pedrezinha ← pedra
pedrinha ou **pedrinhas** ← pedra
Pedrinho ← Pedro
peyxinho ou **peyxinhos** <~> **peixinhos** ← peyxe <~> peixe

pellezsinha ← pelle <~> pele
pelourinho <~> **pellourinho** ← pelouro <~> pellouro
perdedinha ← perdeda [<~>] perdida
perlinhas ← perla [<~>] pérola
põtinhas ← põta <~> ponta
pobrezinha ← pobre
pombinha ← pomba
pombinhos ← pombo
pontesinha ← ponta
pontinho ou **pontinhos** ← ponto
poquitinho ← poquito
porquinho ou **porquinhos** ← porco
portinha ← porta
potezinho ← pote
poucachinha ou **poucachynhas** ← *poucacha
poucochinho ← *poucocho
pouquechinho ← *pouquecho
praticazinha ← pratica <~> prática
praynhas ← praya <~> praia
preguinho ou **preguinhos** ← prego
prezetezinhos <~> **prezenteszinhos** ← presente <~> presente
presentinho ou **presentinhos** ← presente <~> presente
pretezinha ← preta
pucarinha <~> **pucarynha** ← pucara
queijadinhas ← queijada
raminho ou **raminhos** ← ramo
ramozinho ← ramo
rraposinhos <~> **raposinhos** ← rraposo <~> raposo
ratinha ← rata
ratinho ou **ratinhos** ← rato
redondinhas ← redonda
redondinho ← redondo
refrõezinhos ← refrão
reguemgujnho ← reguemgo

relogiozinho ← relógio
resquinhos ← *resco [<~>] risco
reyzinho ← rey <~> rei
riozinho ← rio
risinhos ← riso
rodinha ← roda
rosinha ← rosa
rosquinhas ← rosca
rostinho ← rosto
rouçinho ← *rouço <~> rousso
sainho ou **sainhos** <~> **saynhos** ← saio <~> sayo
santinha ← santa
sapinho ou **sapinhos** <~> **çapinhos** ← sapo <~> çapo
saquinho ou **saquinhos** ← saco
Saulinho ← Saul
seixinhos ← seixo
serraszinhas ← serra
sesudinho ← sesudo
sinalzinho ← sinal
sobradozinho ← sobrado
sombreirinhos ← sombreiro
sopezinhas ← sopa
soutellino ← soutello <~> soutelo
soutinho ← soto
taboinhas ← taboa
tanazinhas ← *tana
tanquezinho ← tanque
tanquinho ← tanque
tasquinha ← *tasca
tauoinha ← tauoa <~> tavaoa <~> távoa
tendinha ← tenda
tigelinha ← tigela
tinazinhas ← tina
tonozinho ← tono

trauezinhas ← traue <~> trave
trovezinhas ← trova
trovinha ← trova
tumbazinhas ← tumba
usadazinha ← usada
vueirinhas ← vueira <~> *uveira
vaquinha ← vaca
vaporzinho ← vapor
varandazinha ← varanda
varelazinha ou **varelazinhas** ← varela
varinhas ← vara
velazinha ← vela
velhozinho ← velho
vendeyrinho ← *vendeyro <~> vendeiro
ventezinho ← vento
ventoquinho ← vento
vergazinha ← verga
verguinhas ← verga
versoquinhos ← verso
vestidoquinho ← vestido
vilanzinho ← vilam
voltazinha ← volta

Diminutivos em *-t-*

arqueta ◀ cat. *arqueta* ou esp. *arqueta*
baleato ou **baleatos** ← balea [<~>] baleia
bofete ◀ fr. *buffete*
cabritas ~← cabrito < b.-lat. *caprītus*
cabrito ou **cabritos** < b.-lat. *caprītus*
calheta ou **calhetas** ◀ esp. *caleta*
camaretas ◀ esp. *camareta* ou it. *camaretta*

- camarote** ou **camarotes** ◀ esp. *camarote*
- camelete** ou **camelletes** ◀ esp. *camelete* ou cat. *camellet*
- casquete** ◀ esp. *casquete*
- casteletes** ou **castelletes** ◀ cat. *castellet*
- chanconetas** ◀ fr. *chanconete* < fr. *chancenete* ou esp. *cançoneta*
- chançoneta** <~> **chansoneta** ou **chançonetas** ◀ fr. *chanconete* < fr. *chancenete* > ou esp. *cançoneta*
- copete** ◀ esp. *copete*
- cornito** ou **cornitos** ← corno
- craute** ◀ fr. *clavette* ou esp. *clauete*
- cruzeta** <~> **cruseta** ◀ esp. *cruceta*
- diabrete** ← diabro [<~>] diabo
- elmete** ◀ fr. *elmet*
- embuçadetes** ← embuçado
- escudeirotas** ◀ esp. *escuderote*
- escudete** ◀ cat. *escudet* ou esp. *escudete*
- ferretes** ◀ fr. *ferret*
- foguete** ou **foguetes** ◀ cat. *foquete*
- folheta** ◀ fr. *foillet*
- fuguetes** ◀ cat. *foquete*
- galeota** ou **galeotas** ◀ it. *galeotta* <~> it. *galeota* ou fr. *galiotte* <~> fr. *galliotte*
- galeotes** ◀ it. *galeotta* <~> it. *galeota* ou fr. *galiotte* <~> fr. *galliotte*
- galhardetes** ◀ cat. *gallardet*
- galiota** <~> **galiotta** ou **galiotas** <~> **galiottas** <~> **galliotas** <~> **galliotas** ◀ it. *galeotta* <~> it. *galeota* ou fr. *galiotte* <~> fr. *galliotte*
- ilheta** <~> **ylheta** ou **ilhetas** <~> **ylhetas** ◀ esp. *isleta*
- ilhotes** ◀ esp. *islote*
- joguete** ◀ prov. *joguet* ou esp. *juguete*
- jogueto** ◀ prov. *joguet* ou esp. *juguete*
- lanceta** ou **lancetas** ◀ fr. *lancete* ou esp. *lanceta*
- lûeta** ← lua
- lugarete** ◀ esp. *lugarete*
- lunetas** ◀ fr. *lunette* ou it. *luneta*
- motetes** ◀ fr. *motet* ou esp. *motete*

mulato ou **mulatos** ◀ cat. *mulat* ou esp. *mulato*
naveta ou **navetas** <~> **nauetas** ◀ fr. *navette* ou esp. *naveta*
odrete ← *odre*
palhete ◀ fr. *paillette* ou esp. *palhete*
palhotas ◀ fr. *pailotte* <~> fr. *pilote*
penitas ← *pena*
ramalhetes ◀ cat. *ramellet* ou esp. *ramillete*
rodetas ◀ esp. *rodete* ou fr. *rouet*
rosete ◀ fr. *rosette* <~> fr. *rosete* ou esp. *rosete*
salmonete ou **salmonetes** ◀ esp. *salmonete* ou fr. *surmulet*
soleta ou **soletas** ◀ cat. *soleta*
tavoleta <~> **tauoleta** <~> **tauolleta** ou **tavoletas** ◀ it. *tavoletta*

Diminutivos em *-ino*

machadina ← *machada*
pequenina ou **pequeninas** ◀ esp. *pequenina*
pequenino ou **pequeninos** ◀ esp. *pequenino*
tamanino ou **tamaninos** ◀ esp. *tamañino*

Diminutivos em *-lh-*

camilha ou **camilhas** ◀ esp. *camilla*
cartilha ◀ esp. *cartilla*
damasquilhos ◀ esp. *damasquillo*
emprestilha ◀ esp. **emprestillo*
fedelhos < lat. vulg. **foetĭculum*
machadilha ◀ esp. **machadilla*
mantequilhas ◀ esp. *mantequilla*
migalha ou **migalhas** <~> **migualhas** < lat. hsp. **micalĕa*

novilha ◀ esp. *novilla*

nouilho ou **novilhos** ◀ esp. *novillo*

palmilha <~> **pallmjha** ou **palmilhas** ◀ esp. *palmilla*

pontilha ou **pontylhas** ◀ esp. *puntilla*

rodilha ◀ esp. *rodilla*

serrilha ou **serrilhas** ◀ esp. *cerrillo* ou esp. *serrillo*

tabardilha ◀ esp. **tabardilla*

Diminutivos em *-c-*

velhaco ou **velhacos** ◀ esp. *vellaco* ou esp. *bellaco*

velhaca ◀ esp. *vellaca* ou esp. *bellaca*

capellico ← capello <~> capelo

garredica ◀ esp. **garredica* [<~>] esp. *garridica*

morenica ◀ esp. *morenica*

bichoca ← bicha

pelicas <~> **pellicas** ◀ esp. *pellica*

Diminutivos em *-l-*

capela <~> **capella** ou **capelas** <~> **capellas** < lat. vulg. **cappella*

cidadelas ◀ it. *cittadella* ou fr. *citadelle* ou esp. *ciudadela*

palpadelas <~> **palpadellas** ← palpada

Pascoela <~> **Pascoella** ← esp. *Pasquiela*

picadelas ← picada

portela < lat. vulg. **portella*

portinhola ← portinha

rodela ou **rodellas** < lat. vulg. **rotella*

vitela <~> **vitella** ◀ lat. *vitella*

Diminutivos em *-ch-*

riacho <~> **ryacho** ou **riachos** ◀ esp. *riacho*

Diminutivos em *-ulo* e *-culo*

conventículos ◀ lat. *conventicŭlus*

denticulos ◀ lat. *denticŭlus*

opusculo ou **opusculos** ◀ lat. *opuscŭlum*

particula <~> **partícula** ◀ lat. *particŭla*

regulo <~> **régulo** ou **regulos** <~> **régulos** ◀ lat. *regŭlus*

summula ◀ lat. *summŭla*

Diminutivos em *-sc-*

pedrisco ◀ esp. *pedrisco*

rabisco /← rabiscar

Diminutivos em *-im*

lagostins ◀ esp. *lagostin* ou esp. *lagostín*

APÊNDICE Be – Os sufixos diminutivos em português no século XVII

Diminutivos em *-inho* no século XVII

- abelhinha** ou **abelhinhas** ← abelha
abobarasinha ← abobara <~> abóbara
Abrahaõsinho ← Abrahão <~> Abraão
abundanciasinha ← abundancia <~> abundância <~> abundância
achaquezinho ← achaque
acçõezinhas ← acção [<~>] ação
adaguinha ← adaga
adeguinha ← adega
admoestaçaõsinha ← admoestaçaõ <~> admoestaçãõ
aguapesinha ← aguapé
agudinha ← aguda
aguilhansinho ← aguilham <~> aguilhão
agulhinha ← agulha
alampadasinha ← alampada <~> alâmpada [<~>] lâmpada
alcachofrinhas ← alcachofra
alegresinha ← alegre
alfacinha ← alface
alguidarinho ← alguidar
almazinha ou **almaszinhas** ← alma
almofadinha ← almofada
alvinha ← alva
amarelinha ← amarela
amasinha ← ama
anelinho ← anel
annelsinho <~> **annelsinho** ← anel <~> annel
animalzinho ← animal
animosinho ← animo <~> ánimo <~> ânimo
anjinhos ← anjo

Antoninho ← Antonio <~> Ant3nio <~> Ant4nio
anzolsinho ← anzol
apertosinho ← aperto
Apolinho ← Apolo
aposentinho ← aposento
aranhasinha ← aranha
arpeosinho ← arpeo
argolinha ← argola
arquinha ← arca
arraltasinho [**arratalsinho**] ← *arralta [arratal]
arvoresinha <~> **4rvorezinha** ← arvore <~> 4rvore
asninha ← asna
asninho ← asno
açoutezinho ← açoute
asseiadinha ← asseiada
assentosinho ← assento
avesinha <~> **avezinha** ou **avesinhas** <~> **avezinhas** ← ave
azedinha ← azeda
bacorinha ← bacora <~> b4cora
bacorinho ou **bacorinhos** ← bacoro
baetinha ← baeta
bagulhosinho ← bagulho
balançassinha ← balança
balancinha ← balança
balsaminho ← balsamo <~> b4lsamo
bandeirinha ou **bandeirinhas** ← bandeira
bandinha ← banda
banquinho ou **banquinhos** ← banco
baracinho ← baraço
barbadinha ← barbada
barbinha ou **barbinhas** ← barba
barquinha ← barca
barquinho ← barco
barrerinho ← barrero [<~>] barreiro

barretinho ou **barretinhos** ← barrete
barriguinha ← barriga
batelinho ← batel
bebedinha ← bebida [<~>] bebida <~> bêbada
bebedorasinha ← bebedora
bebidasinha ← bebida
beicinho <~> **beiçinho** ← beijo
beijinho ← beijo
bellasinha ← bella <~> bela
bemaventuradinho ← bemaventurado <~> bem-aventurado
bentinho ← bento
bexerrinho ← *bexerro [<~>] bezerro
bezerrinha ← bezerra
beserrinho <~> **bezerrinho** ← *beserro <~> bezerro
bichinho ou **bichinhos** ← bicho
biquinha ← bica
biquinhos ← bico
biscoitosinho ← biscoito
boccadinhos ← boccado <~> bocado
bocetinha ← boceta
bochechinha ← bochecha
bofesinhos ← bofe
bogiinho ← bogio
boletinha ou **boletinhas** ← boleta
bolinha ou **bolinhas** ← bola
bolinho ou **bolinhos** ← bolo
bolsinha ← bolsa
bolsinho ou **bolsinhos** ← bolso
bolsosinho ← bolso
bonecosinho ← boneco
boquinha ← boca
bordamsinho ← bordam <~> bordão
borrachinha ← borracha
borrasinha ← borra

borreguinho ou **borreguinhos** ← borrego
bostelinha ← bostela
botãosinho ← botão
braçadinha ← braçada
brandinha ← branda
brandinho ← brando
branquinha ou **branquinhas** ← branca
bravasinha ← brava
bravinha ← brava
brevesinho ← breve
brinquinhos ← brinco
buraquinhos ← buraco
burelsinho ← burel
burrinho ← burro
cabacinha ou **cabacinhas** ← cabaça
cabacinho ou **cabacinhos** ← cabaço
cabecinha ← cabeça
cabedalsinho ← cabedal
cabelinho <~> **cabellino** ou **cabelinhos** <~> **cabellinhos** ← cabelo <~> cabello
cabelludasinha ← cabelluda <~> cabeluda
cabelludinha ← cabelluda <~> cabeluda
cabinho ← cabo
cabretinho ← *cabreto [<~>] cabrito
cabrinha ← cabra
cabritinho ← cabrito
cachinho ou **cachinhos** ← cacho
cachopinho ← cachopo
cachorrinha ← cachorra
cachorrinho ou **cachorrinhos** ← cachorro
cadeinha ou **cadeinhas** ← cadea
cadeirinha ← cadeira
cadelinhas ← cadela
caderninho ← caderno
caixinha ← caixa

cajadinho ← cajado
caldeirinha ou **caldeirinhas** ← caldeira
caldinho ← caldo
calvosinho ← calvo
cambiadorsinho ← cambiador
caminha ← cama
camisinha ← camisa
campainha ou **campainhas** ← campaa [<~>] campãa
campinhas ← campã
canalsinho ou **cannaisinhos** ← canal <~> cannal
canastrinha ← canastra
canaveirinha ← canaveira
candeinha ou **candeinhas** ← candeia
candeirinha ← *candeira
candeirinho ← candeiro
canellinha ← canella <~> canela
caninha ou **canninha** ← cana <~> canna
canosinho ← cano
cançadinha ← cançada <~> cansada
cantarinho ← cantaro <~> cántaro <~> cântaro
cantigasinha ← cantiga
cantinho ← canto
canudinho ← canudo
capellinha <~> **capelinha** ← capella <~> capela
capellino <~> **capelinho** ← capello <~> capelo
capinha ou **capinhas** ← capa
capoeirinha ← capoeira
caracolsinho ← caracol
caravelinha ← caravela
carceresinho ← carcere <~> cárcere
carguinha ← carga
carinha ← cara
carocinho ← caroço
carreirinha ← carreira

carretinha ← carreta
carrinha ← carro
carrinho ← carro
cartapacinho ← cartapacio
cartinha ← carta
casadinha ← casada
caçapinho ← caçapo
cascasinha ← casca
casinha <~> **cazinha** ou **casinhas** ← casa <~> caza
casquelinhos ← *casquelho [<~>] casquilho
casquilhinhos ← casquilho
casquinha ou **casquinhas** ← casca
casquinho ← casco
castellino ← castello <~> castelo
cavallinho <~> **cavalinho** ou **cavallinhos** ← cavallo <~> cavalo
cavaquinhos ← cavaco
çapatinho ← çapato <~> sapato
ceasinha ← cea
cebolinha <~> **sebolinha** ← cebola <~> sebola
cebolinho ← cebolo
cedinho ← cedo
cedulasinha ← cedula <~> cédula
cegosinho ← cego
ceirinha ← ceira
celladinha ← cellada <~> celada
ceosinho ← ceo <~> céo
cepinho ← cepo
cervatinho ← cervato
cestinha ← cesta
cestinho ou **cestinhos** ← cesto
chamasinha ← chama
chapelinhos ← chapel [<~>] chapéu
chapeosinho ← chapeo [<~>] chapéu
chapeusinho ← chapéu

chapinhas ← chapa
charquinho ← charco
chinelinha ← chinela
chocarreirinha ← chocarreira
choçzinha ← choça
choupaninha ← choupana
chuvazinha ← chuva
cintosinho ← cinto
circulosinho ← círculo <~> círculo
cobertorsinho ← cobertor
cobrinha ← cobra
codeinha ← codea <~> côdea
coifinha ← coifa
coisinha ← coisa
coitadinha ← coitada
coitadinho ← coitado
coixinha ← coixa [<~>] coxa
colchãosinho ← colchão
colunazinha ← coluna
commentariosinho ← comentario <~> comentario <~> comentário
compridasinho ← comprida
conchinha ou **conchinhas** ← concha
condinho ← conde
consolaçõeszinha ← consolação <~> consolação
consultinha ← consulta
contazinha ← conta
continha ou **continhas** ← conta
conventinho ← convento
copinho ← copo
cóposinho ← copo
coraçamsinho ← coraçam <~> coração
corcinha <~> **corçinha** ← corça
cordeirinho ou **cordeirinhos** ← cordeiro
cordinha ou **cordinhas** ← corda

corinho ← coro [<~>] couro
corninho ou **corninhos** ← corno
coroinha ← coroa
corpinho ← corpo
cortadurinha ← cortadura
cortesinha ← corte
corvinho ← corvo
cosinheirinho ← cosinheiro <~> cozinheiro
costumesinho ← costume
cotiçinha [**cortiçinha**] ← cotiça [cortiça]
couraçasinha ← couraça
couricinho [**chouricinho**] ← *couriço [chouriço]
courinha ← coura
courinho ← couro
cousinha <~> **couzinha** ou **cousinhas** ← cousa <~> couza
coutadinho ← coutado
couvinha ← couve
covasinha ← cova
covinha ← cova
cravinho ← cravo
crepinha ← crespa
criadinhos ← criado
criançinha ← criança
criasinha ← cria
criaturinha ← criatura
crispinha ← *crispa [<~>] crespa
cristasinha ← crista
cruzinha ou **cruzinhas** ← cruz
cuberturinha ← cobertura
çujidadesinha ← çujidade <~> sujidade
culpásinha ← culpa
curtinha ← curta
cuspinho ← cuspo
dadivasinha ou **dadivasinhas** ← dadiva <~> dádiva

damninhos ← damno
debuxinho ← debuxo
decimasiinha ← decima <~> décima
dedinho ← dedo
delgadinha ← delgada
delicadaziinha ← delicada
delicadziinha ← delicada
deliciosaciinha [**deliciosasiinha** <~> **deliciosaziinha**] ← deliciosa
dentinho ou **dentinhos** ← dente
deosinho ← deos
desavergonhadziinha ← desavergonhada
descanosinho [**descançosinho**] ← descanzo
descripçamsiinha ← descripçam <~> descrição
despidziinha ← despida
diabinho ← diabo
dicçamsiinha ← dicçam <~> dicção
diligenciaciinha ← diligencia <~> diligência
diminuidasiinha ← diminuida <~> diminuída
dinheirinho ← dinheiro
dittaduraciinha ← dittadura <~> ditadura
douradziinha ← dourada
docesiinha <~> **doceziinha** ← doce
docziinha ← doce
doençasiinha ← doença
doutasiinha ← douta
doutrinasziinha ← doutrina
duraciinha ← dura
eiradinho ← eirado
enganosinho ← engano
engeitadinhos ← engeitado <~> enjeitado
engraçadziinha ← engraçada
egusiinha ← egua <~> égua
eguiniinha ← egua <~> égua

embarcaamsinha [embarçaamsinha] ou **embarçaensinhas** ← embarçam <~>
 embarcação
entradasinha ← entrada
envejozasinha ← envejoza <~> envejosa
ervinha <~> **hervinha** ou **ervinhas** ← erva <~> herva
escadinha ← escada
escaninho ← escano
escovinha ← escova
escotinhas ← escota
escrivasinha ← escrava
escritinho ← escrito
escritoriozinho ← escritorio <~> escritório
escudinho ← escudo
esfarrapadinho ← esfarrapado
esfarrapinho ← *esfarrapo [<~>] esfarrapado
esferasinha ← esfera
espadinha ou **espadinhas** ← espada
espelinho ← espelho
esperançasinha <~> **esperançazinha** ← esperança
espetinho ← espeto
espinhalsinho ← espinhal
estanciasinha ← estancia <~> estância
esteirinha ← esteira
estopinha ← estopa
estradinho ← estrada
estrelinha ou **estrelinhas** <~> **estrellinhas** ← estrela <~> estrella
estrandosinho ← estrondo
estudantinho ← estudante
faiscinha ou **faisquinhas** ← faísca <~> faísca
faldrinha ← faldra [<~>] fralda
falladorasinha ← falladora <~> faladora
faquinha ← faca
fateixasinha ← fateixa
fatiinha ← fatia

fatinho ← fato
fazendinha ← fazenda
favinha ← fava
febresinha ← febre
febrinhas ← febre
fechinho ← fecho
feinha ← fea [<~>] feia
feixinha ← feixe
feixinho ou **feixinhos** ← feixe
fermosinha ← fermosa
fendinha ← fenda
ferrolhinho ← ferrolho
festinha ← festa
figadinho ← figado <~> fígado
figuinho ← figo
figurinhas ← figura
filhinha ← filha
filhinho ou **filhinhos** ← filho
fitinha ← fita
fivelasinha ← fivela
florsinha ← flor
fogareirinho ← fogareiro
fogareirosinho ← fogareiro
folesinhos ← fole
folhelhosinho ← folhelho
folhinha ou **folhinhas** ← folha
fontainha ◀ esp. *fontayna*
fontezinhas ← fonte
fontinha ← fonte
forcadinha ← forcada
forcadinho ou **forcadinhos** ← forçado
formasinha ← forma [ɔ]
formesinha ← forma [ɔ]
forminha ← forma [ɔ]

formozasinha ← formoza <~> formosa
forninho ← forno
forçasinha ← força
foucesinha ← fouce
foucinha ← fouce
fradinho ← frade
fragatinha ou **fragatinhas** ← fragata
fraquinha ← fraca
fraquinho ← fraco
frasqueirinha ou **frasqueirinhas** ← frasqueira
frasquinho ← frasco
freirinha ← freira
frestasinha ← fresta
friasinha ← fria
frigideirinha ← frigideira
fumoszinhos ← fumo
gabinhos ← gabo
gaiolinha ← gaiola
ganchinho ← gancho
gargantasinha ← garganta
garrafinha ← garrafa
garrochinho ← *garrocho
gatinhas ← gata
gatinho ← gato
gavetinha ← gaveta
geitinho ← geito <~> jeito
gemadasinha ← gemada
geraçamsinha ← geraçam <~> geração
globosinho ← globo
gloriasinha ← gloria <~> glória
golpesinho ← golpe
gomosinho ← gomo
gostinho ← gosto
gottinha ← gotta <~> gota

gracinha ← graça
grandesinha ← grande
gramsinho <~> **graõsinho** <~> **grãosinho** ou **grãosinhos** ← gram <~> grão
gregosinho <~> **gregozinho** ← grego
grelinho ← grelo <~> grelo
gretinha ← greta
guelinha ← guela
guelrinhas ← guelra
herdadinha ← herdade <~> erdade
hervasinha ← herva <~> erva
hombrosinho ← ombro <~> ombro
homenzinho <~> **homensinho** <~> **homemsinho** ← homem <~> homem
hortaliasinha [**hortaliçasinha**] ← hortaliça
hortinha ← horta <~> orta
humidasinha ← humida <~> húmida <~> úmida
inchadinha ← inchada
inchasinho ← *inchaso <~> inchaço
inchaçosinho <~> **inchaozinho** [**inchaçozinho**] ← inchaço
igrejinha ← igreja
iguariasinha ← iguaria
inteirinha ← inteira
irmãzinha ou **irmãsinhas** ← irmã <~> irmã
imagensinhas ← imagem
irmaõzinho <~> **irmãosinho** ← irmão
janeirinhas ← janeira
janelinha ← janela
jantarsinho ← jantar
iarrinho <~> **jarrinho** ← iarro <~> jarro
joguinho ← jogo
joeirinho ou **joeirinhos** ← joeiro
joelhinho ← joelho
jubaozinho ← *jubao <~> jubão
junquinho ← junco
juntinha ← junta

lacinho ← laço

ladeirinha ← ladeira

ladrasinha ← ladra

ladrõesinho <~> **ladraõesinho** <~> **ladramsinho** <~> **ladramzinho** ou **ladrõezinhos** ←
ladrão <~> ladram

lagartinho ← lagarto

lagriminha ← lagrima <~> lágrima

laminasinha ← lamina <~> lâmina

lampinho ◀ esp. *lampiño*

lancinha ← lança

laparinho ou **laparinhos** ← *laparo <~> *láparo

lavorasinha ← *lavora [<~>] lavoura

leamsinho <~> **leaõesinho** ← leam <~> leão

lebrinha ← lebre

leitosinho ← leito

lencinho ← lenço

letrinha ← letra

levezinha ← leve

levinha ← leve

levizinha ← leve

ligeirinha ← ligeira

limadasinha ← limada

limasinha ← lima

limosinhos ← limo

limpinha ← limpa

linguinha ← lingua <~> língua

liçamsinha ← liçam <~> lição

listradinha ← listrada

liteirinha ← liteira

livrinho <~> **liurinho** ou **livrinhos** <~> **liurinhos** ← livro <~> liuro

lobinho [o] ← lobo

lobinho [ɔ] ou **lobinhos** [ɔ] ← lobo

lombinho ← lombo

lourinha ← loura

luasinha ← lua

luinha ← lua

lugarinho ← lugar

lugarsinho ou **lugarsinhos** ← lugar

maciasinha ← macia

macinho ← maço

machadinha ou **machadinhas** ← machada

mancebinho ← mancebo

maculasinha ← macula <~> mácula

magrinha ← magra

maiorinha ← maior

maiorsinha ← maior

manguinha ← manga

manjaresinhos ← manjar

manjedourasinha ← manjedoura

Manoelinho ← Manoel

mantasinha ← manta

mantinha ← manta

mãosinha <~> **maõsinha** <~> **mamsinha** ou **maõsinhas** <~> **mãozinhas** ← mão <~> mam

martelinho <~> **martellino** ← martelo <~> martello

maçasinha ← maçã

mascarasinha ← mascara <~> máscara

mascarinha ← mascara <~> máscara

mayorzinhos ← maior <~> mayor

mãysinha ← mãy <~> may [<~>] mãe <~> mae

medidasinha ← medida

medosinha ← medo

melamsinho ← melam <~> melão

melsinho ← mel

menorsinha ← menor

mentirinha ← mentira

mesinhos ← mes <~> més <~> mês

mezinha ← meza <~> mesa

migalhinha ou **migalhinhas** ← migalha

milheirinha ← milheira
mimosasinha ← mimosa
miollinho ← miollo <~> miolo
miseravelsinha ← miseravel <~> miserável
miudinha ← miuda <~> miúda
miudinho ← miudo <~> miúdo
mocinha ← moça
mocinho ← moço
modosinho ← modo
moedinha ou **moedinhas** ← moeda
molhadinha ← molhada
molhinho ou **molhinhos** ← molho
mollesinha <~> **mollezinha** ← molle <~> mole
mollinha ← molle <~> mole
momosinho ← momo
montaõsinho ← montão
montesinho <~> **montezinho** ← monte
montinhos ← monte
morcellinha ← morcella <~> morcela
mortesinha ← morte
moçasinha <~> **moçazinha** ← moça
moçozinho ← moço
mosquinha ← mosca
moutezinhas ← mouta
mòzinhas ← mó
mulatinho ou **mulatinhos** ← mulato
mulasinha ← mula
mulhersinha ← mulher
mulinha ← mula
mundinho ← mundo
murchasinha ← murcha
murmuraçamsinha ← murmuraçam <~> murmuração
murmurinho ← murmúrio
musicasinha ← musica <~> música

nabinho ← nabo
naçamsinha ← naçam <~> nação
nadegasinhas ← nadega <~> nádega
naosinha ← nao
nascidasinha ← nascida
nastrinho ← nastro
naualhinhas ← naualha <~> navalha
negaçamsinha ← negaçam <~> negação
negociosinho ← negocio <~> negócio
negrinha ← negra
negrinho ou **negrinhos** ← negro
nervinho ← nervo
nervosinho ← nervo
netasinha ← neta
netinha ← neta
nodoasinha ← nodoa <~> nódoa
nósinho ← nó
novasinha ← nova
novatinho ← novato
novelinho <~> **novellino** ← novelo <~> novello
noviçassinha ← noviça
noviçosinho ← noviço
nuvensinha <~> **nuvenzinha** ← nuvem <~> nuven
obrazinhas ← obra
obrinha ← obra
occasiamsinha ← occasiam <~> ocasião
odiosinho ← odio <~> ódio
odresinho ← odre
officialsinho ← official <~> oficial
olhinho ou **olhinhos** ← olho
ondasinha ou **ondazinhas** ← onda
onzeneirinho ← onzeneiro
oraçamsinha ← oraçam <~> oração
orelhasinha ← orelha

orelhinha ← orelha
ossinho ou **ossinhos** ← osso
ostrinhos ← ostro
outeirinho ← outeiro
ovelhinha ou **ovelhinhas** ← ovelha
padinhas ← pada
paixõzinha ← paixão <~> paixon <~> paixom
pagenszinhos ← pagem <~> pajem
paginazinha ← pagina <~> página
palavrinha ou **palavrinhas** ← palavra
palhinha ou **palhinhas** ← palha
pallazinha ← palla <~> pala
pancadinha ← pancada
pa[n]deirinho ← pa[n]deiro
panellinha ← panella <~> panela
paninho ou **paninhos** ← panno <~> pano
paosinho <~> **páosinho** ← pao <~> páo
papelinho ou **papelinhos** ← papel
papinhas ← papa
pardelinha [**pardelhinha**] ou **pardelhinhas** ← *pardella <~> pardelha
pardinho ← pardo
parentinhos ← parente
partesinha ← parte
partidazinha ← partida
parvoicesinha ← parvoice <~> parvoíce
pasinha ← pa <~> pá
passarinho ou **passarinhos** ← passaro <~> pássaro
passinha ← passa
pastinha ou **pastinhas** ← pasta
pastorinho ← pastor
pastorzinho ← pastor
pataxinho ← pataxo
patinhas ← pata
pausinhos ← pau

pedacinho ou **pedacinhos** ← pedaço
pedrinha ou **pedrinhas** ← pedra
peitosinho ← peito
peixinho ou **peixinhos** ← peixe
pelazinha ← pela
pelinho ← pelo
pelourinho ← pelouro
pellesinha <~> **pellezinha** ou **pellesinhas** ← pelle <~> pele
pellinha ← pelle <~> pele
penitenciaszinhas ← penitencia <~> penitência
pennazinha ← penna <~> pena
penninha ou **penninhas** ← penna <~> pena
pensãzinha ← pensã <~> pensam
perdamzinho ← perdam <~> perdão
perdigotinhos ← perdigoto
perguntasinha ← pergunta
perninha ou **perninhas** ← perna
pescadinhas ← pescada
pescocinho ← pescoço
pesinho <~> **pezinho** <~> **pézinho** ou **pesinhos** <~> **pésinhos** ← pé <~> pe
peçoinha ← pessoa
pestanasinha ← pestana
petiçãzinha ← petiçã <~> petiçam
pexinhos ← pexe [<~>] peixe
piamsinho ← piam <~> pião
picadinha ← picada
pilourinho ← pilouro [<~>] pelouro
pinguinha ← pinga
pintadinha ← pintada
pintainho ou **pintainhos** ← pintão
pipinosinho ← pipino [<~>] pepino
plantasinha ← planta
pobrezinha <~> **pobresinha** ← pobre
pobresinho <~> **pobrezinho** ou **pobrezinhos** ← pobre

pocinho ← poço
poetinha ← poeta
poldrinho ← poldro
pombinhas ← pomba
pombinho ← pombo
pomosinho <~> **pomozinho** ← pomo
pontesinha ← ponte
pontinha ou **pontinhas** ← ponta
pontinho ou **pontinhos** ← ponto
porcosinho ← porco
porquinha ou **porquinhas** ← porca
porquinho ← porco
porrinha ← porra
portinha ← porta
pósinho ← po <~> pó
postiginho [**postiguinho**] ← postigo
postinha ou **postinhas** ← posta
potagensinha ← potagem
poucacinho ← *poucaço
poucachinho <~> **poucaxinho** ← *poucacho <~> *poucaxo
poucasinha ← pouca
poucosinho ← pouco
pouquechinho ← *pouquecho
povozinho ← povo
pracinhas ← praça
pratinho ← prato
preguinho ← prego
presentinho ou **presentinhos** ← presente
pretinha ← preta
pretinho ← preto
prezasinha ← preza <~> presa
primeirasinha ← primeira
promessasinha ← promessa
pucarinho ou **pucarinhos** ← pucaro <~> púcaro

punhadinho ← punhado

putinha ← puta

quadrados-sinhos [**quadradosinhos**] ← quadrado

quartinha ← quarta

quartinho ← quarto

queijinho ← queijo

questansinha ← questam <~> questão

quintasinha ← quinta

quintinha ← quinta

raãsinha ← raã <~> rã

rabequinha ← rabeça

raizinhas ← raiz

raivesinha ← raiva

raminho <~> **râminho** ou **raminhos** ← ramo

rapariguinha ← rapariga

rapazinho ← rapaz

raposinho ou **rapozinhos** ← raposo <~> rapozo

ratinho <~> **rattinho** ← rato <~> ratto

razaõsinha ou **rasoesinhas** ← razaõ <~> razão <~> rasão

rebocadurasinha ← rebocadura

redesinha ← rede

redinha ← rede

regalinho ← regalo

regalosinho ← regalo

regatinhos ← regato

regosinho ← rego

regrinha ← regra

reizinho ← rei

remedaõsinho ← remedão

reminho ← remo

rencoriasinha ← rencoria

ribeirinha ← ribeira

ribeirinho ← ribeiro

risinhos ← riso

rochasinha ← rocha
rodasinha ← roda
rodelasinha ← rodela
rodinha ou **rodinhas** ← roda
roedurasinha ← roedura
ronhasinha ← ronha
rosquinha ← rosca
rostinho ← rosto
rotolosinho ← rotolo [<~>] rotulo
roupamzinho ← roupam <~> roupão
roxasinha ← roxa
roxinolsinho ← roxinol [<~>] rouxinol
rozinha ou **rozinhas** ← roza <~> rosa
rugasinha ← ruga
ruivinha ← ruiva
rumorsinho ← rumor
saãsinha ← saã <~> sã
sabiasinha ← sabia <~> sábia
sabugueirinho ← sabugueiro
sagazinha ← sagaz
sainho ← saio
salasinha ← sala
saleminha ← salema
saleirinhos ← saleiro
saleirosinho ← saleiro
salgàdinha ← salgada
salseirinha ← salseira
saltinho ou **saltinhos** ← salto
sanctinha ← sancta
santinhas ← santa
sanfoninha ← sanfona
santinhos ← santo
sapinho <~> **çapinhos** ← sapo <~> çapo
saquinho ou **saquinhos** ← saco

sarnasinha ← sarna
scienciasinha ← sciencia <~> ciência
seixinho ou **seixinhos** ← seixo
senadosinho ← senado
senhorinha ← senhora
senhorsinho ← senhor
sermaosinho ← sermao <~> sermão
servosinho ← servo
sentençassinha ← sentença
sinalsinho ← sinal
sombrazinha ← sombra
sombreira ← sombreiro
sonosinho ← sono
sopinha ← sopa
sorvinho ← sorvo
sòzinha ← só
succosinho ← succo <~> suco
tabernasinha ← taberna
taboinha ou **taboinhas** ← taboa <~> táboa
taboleirinho ← taboleiro
tabuinhas ← tabua <~> tábua
tacinha ← taça
tagasinha ← taga
talhadinhas ← talhada
talinho ou **tallinho** ← talo <~> tallo
tapetesinho ← tapete
taramelinha ← taramela
tartaruginhas ← tartaruga
tavernasinha ← taverna
taverneirinha ← taverneira
tecedeirinha ← tecedeira
tecelamsinho ← tecelam <~> tecelão
telhinha ← telha
tenaszinha ← tenas <~> tenaz

tenazinha ← tenaz
tenrinha ← tenra
tenuesinha ← tenue <~> ténue
terrinha ← terra
terreirinho ← terreiro
testinhos ← testo
testosinha ← testo
tetasinha <~> **tetazinha** ← teta
tetinhas ← teta
tezinha ← tez
tezsinha ← tez
theatrosinho ← teatro <~> teatro
tiçamsinho ← tiçam <~> tição
tintureirinha ← tintureira
tisourinha <~> **tizourinha** ou **tisourinhas** ← tisoura <~> tizoura
titolosinho ← titulo <~> título
titulosinho ← titulo <~> título
toalhinha ← toalha
toalinha ← toalha
togásinha ← toga
tolinho ← tolo
tomosinho ← tomo
tonelsinho ← tonel
torpesinha ← torpe
torramsinho <~> **torrõesinho** [torrõesinho] ← torram <~> torrão
torresinha ← torre
torrinha ← torre
tosqueadorasinha ← tosqueadora
tossesinha ← tosse
tourilsinho ← touril
trancinha ou **trancinhas** ← trança
trattadinho ← tratado <~> trattato
travesinha ← trave
tremocinho ← tremoço

trepecinha ← trepeça
trombetinha ← trombeta
troncosinho ← tronco
trovazinha ← trova
tunicasinha ← tunica <~> túnica
uvasinha ← uva
vallesinho ← valle <~> vale
vaósinho ← vaó <~>vão
vaquinha ← vaca
varinha ou **varinhas** ← vara
vasisinho ← vaso
vasosinho <~> **vazosinho** ← vaso <~> vaso
vaçourinha <~> **vassourinha** ou **vassourinhas** ← vaçoura <~> vassoura
veasinha <~> **veazinha** ← vea [<~>] veia
veiazinha ← veia
velezinha ← vela
velhinha ← velha
velhinho ← velho
velinha ← vela
ventozazinha ← ventoza <~> ventosa
veosinho ← veo <~> véo
vergasinha ← verga
vermelhinha ← vermelha
veronocasinha ← *veronoca [<~>] veronica <~> verônica
versinho ← verso
versozinho ← verso
vesgozinho ← vesgo
vestidinho ← vestido
viaticosinho ← viatico <~> viático
victoriasinha ← victoria <~> vitória
vidazinha ← vida
videirazinha ← videira
vigasinha ← viga
vilazinha ← vila

vindimasiinha ← vindima

violasiinha ← viola

vocabulosinho ← vocabulo <~> vocábulo

vozinha ← voz

zambujeirinho ← zambujeiro

Diminutivos em -t-

agulheta ou **agulhetas** ◀ esp. *agujeta*

aldeotas ← aldea

alegrete ◀ esp. *alegrete*

arqueta ◀ cat. *arqueta* ou esp. *arqueta*

baleato ← balea [<~>] baleia

barqueta ◀ it. *barchetta* ou fr. *barquette* ou esp. *barqueta*

barquete ◀ fr. *barquette* ou esp. *barquete*

cabritas ~← cabrito < b.-lat. *caprītus*

cabrito ou **cabritos** < b.-lat. *caprītus*

caixetas ◀ esp. *caxeta*

calabrete ou **calabretes** ← calabre

calheta ◀ esp. *caleta*

camelletes ◀ esp. *camelete* ou cat. *camellet*

carretes ◀ fr. *charrette*

casquete ou **casquetes** ◀ esp. *casquete*

cavallete ◀ it. *cavaleti* ou it. *cavaletto* ou it. *cavalletto*

chibato ◀ esp. *chivato* ou esp. *chibato*

compridete ← comprido

cravete ◀ fr. *clavette*

cruzetas ◀ esp. *cruceta*

curvetas ◀ fr. *courbette* ou it. *corvetta*

falconetes ◀ esp. *falconete*

faveta ← fava

ferretes ◀ fr. *ferret*

floresitas ◀ esp. *florita*

foguete ou **foquetes** ◀ cat. *foquete*

folheta ◀ fr. *foillet*

fraquete ← fraco

galeota ou **galeotas** ◀ it. *galeotta* ou it. *galeota* ou fr. *galiotte* ou fr. *galliotte*

galhardete ou **galhardetes** ◀ cat. *gallardet*

galiota ou **galiotas** ◀ it. *galeotta* ou it. *galeota* ou fr. *galiotte* ou fr. *galliotte*

graceta ou **gracetas** ← graça

granitos ◀ esp. *granito*

Henriqueta ◀ fr. *Henriquette*

historieta ◀ fr. *historiette* ou it. *storietta*

ilheta ◀ esp. *isleta*

ilhota ◀ esp. *islote*

joguete ◀ prov. *joguet* ou esp. *juguete*

lanceta ou **lancetas** ◀ fr. *lancete* ou esp. *lanceta*

lingueta ou **linguetas** ◀ fr. *languette*

livretes ◀ fr. *livret*

lugarete ◀ esp. *lugarete*

luneta ou **lunetas** ◀ fr. *lunette* ou it. *luneta*

maleta ◀ fr. *malette* ou esp. *maleta*

mantelete ◀ fr. *mantelet* ou cat. *mantellet*

mollete ◀ fr. *mollet* ou esp. *molete*

motete ou **motetes** ◀ fr. *motet* ou esp. *motete*

mulato ◀ cat. *mulat* ou esp. *mulato*

naveta <~> **naueta** ou **navetas** ◀ fr. *navette* ou esp. *naveta*

negrita ◀ esp. *negrita*

novata ◀ esp. *novata*

novato ou **novatos** ◀ esp. *novato*

palhete ◀ fr. *paillette* ou esp. *palhete*

pataxete ← pataxo

palhota ou **palhotas** ◀ fr. *pailotte*

perdigotos < lat. vulg. *perdicottus

pestoleta ◀ it. *pistoletta*

pistoletes ◀ fr. *pistolet*

pobrete ◀ esp. *pobrete*
ramalhetes ◀ cat. *ramellet* ou esp. *ramillete*
rapazito ◀ esp. *rapazito*
repiquete ◀ esp. *repiquete*
saberetes ← saber
salmonetes ◀ esp. *salmonete* ou fr. *surmulet*
saquete ◀ esp. *saquete*
soberbete ← soberbo
soleta ◀ cat. *soleta*
tabuletas ◀ it. *tavoletta*
tamborete ou **tamboretetes** ◀ fr. *tabouret*
tarjetas ◀ esp. *tarjeta*
tranqueta ← tranca
verdete ◀ cat. *verdet* ou fr. *verdet* ou esp. *verdete*
vinhete ◀ cat. *vinet*

Diminutivos em *-ino*

pequenina ou **pequeninas** ◀ esp. *pequenina*
pequenino ou **pequeninos** ◀ esp. *pequenino*
pequinino ou **pequininos** [<~>] **pequenino** ◀ esp. *pequenino*
tamanino ou **tamaninos** ◀ esp. *tamañino*

Diminutivos em *-lh-*

camilha ◀ esp. *camilla*
cartilha ◀ esp. *cartilla*
casquilhas ◀ esp. *casquilla*
fedelho < lat. vulg. *foetĭculum

maltrapilhos ◀ esp. *maltrapillo*
migalha ou **migalhas** < lat. hsp. *micalĕa
novilha ◀ esp. *novilla*
novilho ou **novilhos** ◀ esp. *novillo*
palmilha ou **palmilhas** ◀ esp. *palmilla*
rodilha ◀ esp. *rodilla*
rosquilha ◀ esp. *rosquilla*
telilha ◀ esp. *telilla*
tenrilha ◀ esp. *ternilla*
trapilhos ◀ esp. *trapillo*
varilha ◀ esp. *varilla*

Diminutivos em -c-

bichoca ou **bichocas** ← *bicha*
Joannico ◀ esp. *Joanico* [<~>] esp. *Juanico*
valhaco ◀ esp. *vellaco* ou esp. *bellaco*
velhaco ou **velhacos** ◀ esp. *vellaco* ou esp. *bellaco*
velhaca ◀ esp. *vellaca* ou esp. *bellaca*
veranico ◀ esp. *veranico*

Diminutivos em -l-

bandeirola ◀ cat. *banderola* ou esp. *banderola*
capela <~> **capella** ou **capelas** <~> **capellas** < lat. vulg. *cappella
cidadela <~> **cidadella** ◀ it. *cittadella* ou fr. *citadelle* ou esp. *ciudadela*
galinhola <~> **gallinholla** ← *galinha* <~> *galinha*
mordidela ← *mordida*
Pascoela <~> **Pascoella** ◀ esp. *Pasquiela*
portella < lat. vulg. *portella

portinhola ou **portinholas** ← portinha

rodela <~> **rodella** ou **rodelas** <~> **rodellas** < lat. vulg. *rotella

vitela <~> **vitella** ◀ lat. *vitella*

Diminutivos em *-ch-*

riacho ◀ esp. *riacho*

Diminutivos em *-ulo* e *-culo*

febrículas ◀ lat. *febricŭla*

formula [ɔ] ◀ lat. *formŭla*

opusculo <~> **opúsculo** ou **opusculos** <~> **opúsculos** ◀ lat. *opuscŭlum*

particula <~> **partícula** ou **partículas** ◀ lat. *particŭla*

pellicula ou **pelliculas** ◀ lat. *pellicŭla*

regulo <~> **régulo** ou **regulos** ◀ lat. *regŭlus*

versiculo <~> **versículo** ◀ lat. *versicŭlus*

súmula ◀ lat. *summŭla*

diminutivos em *-sc-*

pedrisco ◀ esp. *pedrisco*

rabisco /← rabiscar

Diminutivos em *-ejo*

castelejo <~> **castellejo** ◀ esp. *castellejo* ou esp. *castillejo*

gracejos ◀ esp. *gracejo*

lugarejo ◀ esp. *lugarejo*

motejos ◀ esp. *motejo*

APÊNDICE Bf – Os sufixos diminutivos em português no século XVIII

Diminutivos em *-inho*

acrescentozinho ← acrescento

afinadinhas ← afinada

alaãoszinhos <~> **alaãozinhos** ← alão [<~>] alaão [<~>] alãão

alfacinha ← alface

almasinhas ← alma

almofadinha ← almofada

alvarinhos ← alvar

amorinhos ← amor

amorsinhos ← amor

anelinho ← anel

animalsinho ← animal

Aninhas ← Ana

argolinhas ← argola

arzinho ← ar

asninho ← asno

arvoresinha <~> **arvorezinha** ← arvore <~> árvore

avesinha <~> **avezinha** ou **avezinhas** ← ave

azedinho ← azedo

azinhas ← aza

bacorinho ← bacoro <~> bácoro

banquinho ← banco

baracinho ← baraço

barbadinhos ← barbado

barquinha ← barca

barquinho ← barco

barretinho ou **barretinhos** ← barrete

barrilinho ← barril

bezerrinha ← bezerra

bezerrinho ou **bezerrinhos** ← bezerro
bichinho ou **bichinhos** ← bicho
biquinhos ← bico
bocadinho ou **bocadinhos** ← bocado
bolcinha ← bolça
bolinhos ← bolo
bolsinho ← bolso
bonitinha ← bonita
borbulhinha ← borbulha
botoensinhos ← botão
boysinho ← boy <~> boi
bracinhos ← braço
brinquinhos ← brinco
brutinho ← bruto
buraquinhos ← buraco
burbulhinha ← burbulha
burrinho ← burro
cabellino ou **cabellinhos** ← cabelo <~> cabello
cabrestinho ← cabresto
cachinhos ← cacho
cachorrinha ← cachorra
cachorrinho ou **cachorrinhos** ← cachorro
cadeirinhas ← cadeira
cadellino ou **cadelinhos** ← cadelo
caixinha ou **caixinhas** ← caixa
caixotinho ← caixote
cajadinho ← cajado
campainha ou **campainhas** ← campaa [<~>] campãa
candeihas ← candeia
caninha ← cana
cantarinho ← cantaro <~> cántaro <~> cântaro
cantinho ← canto
carocinho ou **carocinhos** ← caroço
carochinha ← carocha

carrinho ← carro

cartinha ← carta

casinha <~> **cazinha** ou **casinhas** <~> **cazinhas** ← casa <~> caza

castellino ← castello <~> castelo

cavalinho ← cavalo

cebolinha ← cebola

cestinho ← cesto

chapinha ← chapa

cheinho ← cheio

cobrinhas ← cobra

cofresinho ← cofre

cozinha ou **coisinhas** <~> **cozinhas** ← coisa <~> coiza

compridinha <~> **cõpridinha** ou **compridinhas** ← comprida <~> cõprida

compridinho <~> **cõpridinho** ← comprido <~> cõprido

conceitinhos ← conceito

conchinhas ← concha

continhas ← conta

copinho ← copo

cordeirinhos ← cordeiro

cordinha ← corda

corninhos ← corno

corpinho ← corpo

cousinha ← cousa

criancinhas ← criança

dedinhos ← dedo

delgadinhas ← delgada

delgadinho ou **delgadinhos** ← delgado

diabinho ← diabo

douradinha ← dourada

ervasinha ← erva

ervinha <~> **hervinha** ou **ervinhas** ← erva <~> herva

escritinhos ← escrito

estadosinho ← estado

estrelinha <~> **estrellinha** ← estrela <~> estrella

estudantinho ou **estudantinhos** ← estudante
facesinha ← face
ferraozinho ← ferrão <~> ferrao
ferrinho ← ferro
ferrolhinho ← ferrolho
figurinha ← figura
filhinho ou **filhinhos** ← filho
folhinha ou **folhinhas** ← folha
fontezinha ← fonte
fradidinho ← *fradido ← frade
fradinho ← frade
francesinhas ← francesa
fraquinhos ← fraco
frasqueirinha ← frasqueira
freirinha ← freira
freyozinho ← freyo <~> freio
frocossinho ← froco [<~>] floco
furosinho ← furo
gatinhas ← gata
gostinho ← gosto
gradinhas ← grade
grãosinhos <~> **grãosinhos** ← grão
homemsinho <~> **homensinho** ou **homemsinhos** ← homem <~> homem
inglesinhas ← inglesa
inocentinhos ← inocente
janelinhas ← janela
joguinhos ← jogo
jumentinha ← jumenta
jumentinho ← jumento
ladraõzinho ← ladrão
ladrinho ◀ esp. *ladrillo*
lampinho ◀ esp. *lampiño*
lapinha ← lapa
laranjinha ← laranja

letrinha ← letra
lindinhos ← lindo
livrinho ou **livrinhos** ← livro
lobinho [ɔ] ← lobo
logiazinha ← logia <~> lógia
lojazinhas ← loja
lojinhas ← loja
machadinha ← machada
mãchinhas ← mãcha <~> mancha
mancebinho ← mancebo
manhãzinha ← manhã
Mariquinhas ← Marica
meadinhas ← meada
medinhos ← medo
merecimentinho ← merecimento
mesurinhas ← mesura
mininhos ← minino [<~>] menino
mocinha ← moça
mocinho ← moço
montaõzinho ← montão <~> montão
moreninha ← morena
mosquitinhos ← mosquito
murmurinho ← murmúrio
negrinha ← negra
negrinho ou **negrinhos** ← negro
nervosinho ← nervo
nuvensinha ← nuvem
obrasinhas ← obra
olhinhos ← olho
oratoriozinho ← oratorio <~> oratório
ossinhos ← osso
ovilhinhas ← *ovilha [<~>] ovelha
padinha <~> **pàdinha** ← pada
pageszinhos ← page [<~>] página <~> pajem

palavrinha ou **palavrinhas** ← palavra
palhinha ou **palhinhas** ← palha
paninhos <~> **páninhos** <~> **paninhos** ← pano <~> panno
paosinho ou **paosinhos** ← pao
pãosinho ← pão
papelinho ou **papelinhos** ← papel
passarinho ou **passarinhos** ← passaro <~> pássaro
pastorinho ← pastor
pastorzinho ← pastor
patiozinho ← patio <~> pátio
pausinhos ← pau
pedrinha ou **pedrinhas** ← pedra
peixinho ou **peixinhos** ← peixe
pellinha ← pelle <~> pele
perdegotinhos ← *perdegoto [<~>] perdigoto
perinhas ← pera <~> péra
perninhas ← perna
pexinho ← pexe [<~>] peixe
pósinhos ← pó <~> po
pobresinha ← pobre
pombinho ou **pombinhos** ← pombo
pontinho ← ponto
porquinho ← porco
pratinho ← prato
presentinho ← presente
pretinhos ← preto
quartinho ← quarto
raminho ou **raminhos** ← ramo
rapazinho ← rapaz
ratinho ← rato
Rebelinho ← Rebelo
redondinha ← redonda
redondinhos ← redondo
regrinhas ← regra

risquinha ou **risquinhas** ← risca
risquinhos ← risco
roupinhas ← roupa
sainha ← saia
salvaginhas ← salvage [<~>] selvagem
saquinho ← saco
senhorinhos ← senhor
sertumzinho ← sertum
seyxinhos ← seyxo <~> seixo
sorrisinho ← sorriso
so'zinha ← só
taboasinha ou **taboasinhas** ← taboa <~> táboa
taboinhas ← taboa <~> táboa
terradinho ← terrado
terraózinho ← terrão
terreirinho ← terreiro
terrinha ← terra
tigelinha ← tigela
tominho ← tomo
toucadinho ← toucado
trastezinho ← traste
tratadinho ← tratado
vaquinha ← vaca
varinha ← vara
ventosinho ← vento
vestidinho ← vestido
vidrinhos ← vidro
violinha ← viola
virgulazinha ← virgula <~> vírgula
voltinhas ← volta

Diminutivos em -t-

alegrète ◀ esp. *alegrete*

arqueta ◀ cat. *arqueta* ou esp. *arqueta*

barqueta ◀ it. *barchetta* ou fr. *barquette* ou esp. *barqueta*

cabrito ou **cabritos** < b.-lat. *caprītus*

carrete ◀ fr. *charrette*

casquete ◀ esp. *casquete*

cavalete ◀ it. *cavaleti* ou it. *cavaletto* ou it. *cavalletto*

chansonetas ◀ fr. *chanconete* < fr. *chancenete* ou esp. *cançoneta*

falconetes ◀ esp. *falconete*

ferrete ◀ fr. *ferret*

ferrolhete ← ferrolho

foguete ◀ cat. *foquete*

folheta ◀ esp. *foillet*

fraquetta ← fraca

fraquette ← fraco

garçotas ◀ esp. *garçota* ou esp. *garzota*

historietas ◀ fr. *historiette* ou it. *storietta*

ilheta ◀ esp. *isleta*

lanceta ◀ fr. *lancete* ou esp. *lanceta*

motete ou **motetes** ◀ fr. *motet* ou esp. *motete*

mulato ◀ cat. *mulat* ou esp. *mulato*

novato ou **novatos** ◀ esp. *novato*

palito ou **palitos** ◀ esp. *palito*

pedreta ◀ fr. *pierrette*

pequenitas ◀ esp. *pequeñita*

ramitos ◀ esp. *ramito*

ramalhete ou **ramalhetes** ◀ cat. *ramellet* ou esp. *ramillete*

rodete ◀ esp. *rodete*

terreirete ← terreiro

terreta ← terra

velhaquetes ← velhaco

Diminutivos em *-ino*

pequenina ou **pequeninas** ◀ esp. *pequenina*

pequenino ou **pequeninos** ◀ esp. *pequenino*

Diminutivos em *-lh-*

cartilha ◀ esp. *cartilla*

migalha ou **migalhas** < lat. hsp. *micalĕa

novilha ◀ esp. *novilla*

novilho ou **novilhos** ◀ esp. *novillo*

rodilha ◀ esp. *rodilla*

toadilha ◀ esp. *tonadilla*

Diminutivos em *-c-*

velhaco ou **velhacos** ◀ esp. *vellaco* ou esp. *bellaco*

pelica ◀ esp. *pellica*

abanico ou **abanicos** ◀ esp. *abanico*

burrico < lat. vulg. *burrīcus

amóricos ← amor

Diminutivos em *-l-*

capela <~> **capella** ou **capelas** <~> **capellas** <~> **cappellas** < lat. vulg. *cappella

cidadela <~> **cidadella** ◀ it. *cittadella* ou fr. *citadelle* ou esp. *ciudadela*

graçola ← graça

portella < lat. vulg. *portella

portinhola ou **portinholas** ← portinha

rodela <~> **rodella** < lat.vulg. *rotella

vitela <~> **vitellas** ◀ lat. vitella

Diminutivos em *-ch-*

riacho ou **riachos** ◀ esp. *riacho*

Diminutivos em *-ulo* e *-culo*

particula <~> **partícula** ou **particulas** <~> **partículas** ◀ lat. *particŭla*

regulo <~> **régulo** ou **regulos** <~> **régulos** ◀ lat. *regŭlus*

opusculo ou **opúsculos** ◀ lat. *opuscŭlum*

versículo ou **versículos** ◀ lat. *versicŭlus*

súmula ◀ lat. *summŭla*

parvulo <~> **parvulos** ou **párvulos** ◀ lat. *parvŭlus*

corpúsculos ◀ lat. *corpuscŭlum*

Diminutivos em *-sc-*

pedriscos ◀ esp. *pedrisco*

rabiscos /← rabiscar

Diminutivos em *-ejo*

animalejo ou **animalejos** ◀ esp. *animalejo*

gracejos ◀ esp. *gracejo*

motejos ◀ esp. *motejo*

APÊNDICE Bg – Os sufixos diminutivos em português no século XIX

Diminutivos em *-inho*

abazinha ← aba

abarrota-dinhos ← abarrota-do

abertazinha ← aberta

aborrecidinha ← aborrecida

abracinho ← abraço

abraço-zinho ← abraço

abrideirazinha ← abrideira

absynthosinho ← *absyntho <~> *absintho <~> absynto <~> absinto

academia-zinha ← academia

acessorio-zinho ← acessório

achacadinha ← achacada

acido-zinho ← ácido

aconchegadinhos ← aconchegado

açõezinhas ← ação

açordinha ← açorda

actrizinhas ← atriz

Adelaidinha ← Adelaide

Adeliazinha ← Adélia

Adelinha ← Adélia

adeusinho <~> **adeuzinho** ou **adeusinhos** <~> **adeuzinhos** ← adeus <~> *adeuz

adiantadinha ← adiantada

adulterio-zinho ← adultério

advogado-zinhos ← advogado

afilhadinha ← afilhada

afilhadinho ← afilhado

afogadinha ← afogada

Afonsinho <~> **Affonsinho** ← Afonso <~> Affonso

agarradinha ← agarrada

agarradinho ou **agarradinhos** ← agarrado

agasalhadinho ← agasalhado

agolinha ← *agola [<~>] agora

agorinha ← agora

aguardentezinha ← aguardente

Aguiarzinho ← Aguiar

agüinha ← água

agulhinha ← agulha

alazãozinho ← alazão

alcofinha ← alcofa

alcovinha ← alcova

aldeiazinha ← aldeia

alegresinho ← alegre

alegrezinha ← alegre

alegriazinha ou **alegriazinhas** ← alegria

alegrinho ← alegre

aleijadinha ← aleijada

aleijadinho ← aleijado

alemãzinha ← alemã

Alexandriazinha ← Alexandria

alferesinho ← alferes

Alfredinho ← Alfredo

alguidarinho ← alguidar

algodãozinho ← algodão

alviadinho ← aliviado

almazinha <~> **almasinha** ← alma

Almeidinha ← Almeida

alminha ou **alminhas** ← alma

almocinho ou **almocinhos** ← almoço

almoçozinho ← almoço

almofadinha ou **almofadinhas** ← almofada

altarzinho ← altar

altinho ← alto

aluguelzinho ← aluguel

Amancinha ← Amância
Amancinho ← Amâncio
amantezinho ← amante
Amaralzinha ← Amaral
amarelinha ou **amarelinhas** <~> **amarelinhas** ← amarela <~> amarella
Ambrosinho ← Ambrósio
Ameliazinha ← Amélia
Amelinha ← Amélia
amiguinha ← amiga
amiguinho ou **amiguinhos** ← amigo
amorinhos ← amor
amorzinho ← amor
amostrinha ou **amostrinhas** ← amostra
Amparozinho ← Amparo
anãzinha ← anã
anãozinho ou **anõezinhos** ← anão
Andrezinho ← André
angrazinha ← angra
animalzinho <~> **animalsinho** ou **animaizinhos** ← animal
animozinho ← ânimo <~> ânimo
Aninha <~> **Anninha** ou **Aninhas** ← Ana <~> Anna
Aniquinha ← Anica
anjinho ou **anjinhos** ← anjo
anelinhos ← anel <~> anel
anquinha ou **anquinhas** ← anca
Antoninha ← Antónia <~> Antônia
Antoninho ← António <~> Antônio
aparadinho ← aparado
aparecidinho ← aparecido
aparinhas ← para
apertadinha ← apertada
apertadinho ou **apertadinhos** ← apertado
apertozinhos ← aperto
apostazinha ← aposta

aragenzinha ← aragem
arbustinho ou **arbustinhos** ← arbusto
ardorzinho ← ardor
argoladinha ← argolada
argolinha ou **argolinhas** ← argola
argumentozinho ← argumento
ariscazinha ← arisca
aromazinho ← aroma
arranjadinha ← arranjada
arranjadinho ou **arranjadinhos** ← arranjado
arranjinho ← arranjo
arrepiozinho ← arrepio
arrozinho ← arroz
arrumadinha ← arrumada
arrumadinhos ← arrumado
artigozinho ← artigo
artiguinho ou **artiguinhos** ← artigo
artinha ← arte
arvorezinha ← árvore
arzinho ← ar
asinhas ← asa
assadinho ← assado
asseadinho ← asseado
assentadinho ← assentado
assinzinha ← assim
assinzinho ← assim
atochadinho ← atochado
atozinho ← ato
atrasadinha ou **atrasadinhas** ← atrasada
atrasadinho ← atrasado
atrizinha ← atriz
Augustinha ← Augusta
Augustinho ← Augusto
Augustozinho ← Augusto

aventalinho ← avental
avezinha ou **avezinhas** ← ave
avozinha ← avó
avôzinho <~> **avôsinho** <~> **avozinho** ← avô
azasinhas ← aza <~> asa
azedinho ← azedo
azeitoninha ← azeitona
babadinha ← babada
babadinho ou **babadinhos** ← babado
bacalhauzinho ← bacalhau
bacharelzinho ← bacharel
bacorinho ou **bacorinhos** ← bacoro <~> bácoro
baguinho ← bago
bailezinho ← baile
baixinha ou **baixinhas** ← baixa
baixinho ← baixo
balainho ← balaio
balãozinho ou **balõesinhos** ← balão
balinha ← bala
bandalhozinho ← bandalho
bandejinha ou **bandejinhas** ← bandeja
bandurrinha ← bandurra
banheirinha ou **banheirinhas** ← banheira
banhinho ← banho
banquinha ou **banquinhas** ← banca
banquinho ou **banquinhos** ← banco
baratinha ← barata
baratinho ou **baratinhos** ← barato
barbadinho ou **barbadinhos** ← barbado
barbinha ou **barbinhas** ← barba
Barbosinha ← Barbosa
barbudinho ← barbudo
baronesinha ← baronesa
barquinha ou **barquinhas** ← barca

barquinho ou **barquinhos** ← barco
Barradinhas ← Barrada(s)
barraquinha ou **barraquinhas** ← barraca
barretinho ← barrete
barrigudinho ← barrigudo
barriguinha ← barriga
Barrolinho ← Barrolo
barruguinha ← *barruga [<~>] berruga
basezinha ← base
bassinho ← *basso [<~>] baixo
bastardinha ← bastarda
bastardinho ← bastardo
bastardosinho ← bastardo
Bastinhos ← Basto(s)
batatinhas ← batata
batidinha ou **batidinhas** ← batida
batinha ← bata
batotinha ← batota
bauzinho ← baú
beatinho ← beato
bebezinho ← bebê
bebidinha ← bebida
beicinho ou **beicinhos** ← beijo
beijinho ou **beijinhos** ← beijo
beijoquinha ← beijoca
beirinha ← beira
belezinha ← beleza
bengalinha ← bengala
bentinho ou **bentinhos** ← bento
benzinho ou **benzinhos** ← bem
Bertazinha ← Berta
Bertinho ← Berto
Bertoldinho ← Bertoldo
bestinha ou **bestinhas** ← besta

bezerrinhas ← bezerra
bezerrinho ou **bezerrinhos** ← bezerro
bibliotecazinha ← biblioteca
bibichinho ← *bibicho /← bicho
bichaninho ← bichano
bichaninha ← bichana
bichinha ou **bichinhas** ← bicha
bichinho ou **bichinhos** ← bicho
bifezinho ← bife
bigodinho ou **bigodinhos** ← bigode
bilhetinho ou **bilhetinhos** ← bilhete
bilhinha ← bilha
biltrezinho ← biltre
biquinho ou **biquinhos** ← bico
birrazinhas ← birra
biscoitinhos ← biscoito
boazinha ← boa
bocadinho ou **bocadinhos** ← bocado
bocetinha ou **bocetinhas** ← boceta
bochechinha ou **bochechinhas** ← bochecha
bodinhas ← bode
bodinhos ← bode
boemiasinha ← boémia <~> boêmia
bofetadinha ← bofetada
boieirinha ← boieira
boizinho ou **boizinhos** ← boi
bolachinhas ← bolacha
bolinha ou **bolinhas** ← bola
bolinho ou **bolinhos** ← bolo
bolsinha ← bolsa
bolsinho ← bolso
bondinho ou **bondinhos** ← bonde
bonecazinha ← boneca
bonequinha ← boneca

bonequinho ou **bonequinhos** ← boneco
bonezinho <~> **bonèzinho** ← boné
bonitinha ou **bonitinhas** ← bonita
bonitinho ← bonito
bonzinho <~> **bomsinho** <~> **bomzinho** ← bom
boquinha ou **boquinhas** ← boca
bordadinho ← bordado
borboletazinha ← borboleta
borboletinha ← borboleta
bosquezinho ← bosque
botãozinho ou **botõezinhos** ← botão
botezinho ← bote
botinazinha ← botina
botinha ou **botinhas** ← bota
boulevardzinho ← *boulevard <~> boulevard
bracinho ou **bracinhos** ← braço
bragadinha ← bragada
brandinha ← branda
branquinha ← branca
branquinho ou **branquinhos** ← branco
brasileirinha ← brasileira
brasileirinho ← brasileiro
Brasinho ← Brás
bravinha ← brava
brejeirinhas ← brejeira
brevezinho ← breve
brincadeirazinha ← brincadeira
brincozinhos ← brinco
brinquinhos ← brinco
brochurinhas ← brochura
brochotezinho ← brochote
brutinho ou **brutinhos** ← bruto
bruxinha ← bruxa
buçozinho ← buço

bugalhinhas ← bugalho
bugrezinho ← bugre
bulezinho ← bule
bunitinho ← *bunito [<~>] bonito
buquezinho ← buquê
buraquinho ou **buraquinhos** ← buraco
burguesinha ou **burguezinhas** ← burguesa
burguesinho ← burguês
burrinha ← burra
burrinho ou **burrinhos** ← burro
cabacinha ← cabaça
cabazinho ← cabaz
cabecinha ou **cabecinhas** ← cabeça
cabelinhas ←abela
cabelinho ou **cabelinhos** ← cabelo
cabinho ← cabo
caboclinha ← cabocla
caboclinho ou **caboclinhos** ← caboclo
cabrazinha ← cabra
cabrinha ou **cabrinhas** ← cabra
cabritinha ← cabrita
cabritinho ou **cabritinhos** ← cabrito
cabulazinha ← cabula
cachimbinho ← cachimbo
cachinho ou **cachinhos** ← cacho
cachopinhas ← cachopa
cachorrinha ← cachorra
cachorrinho ou **cachorrinhos** ← cachorro
cacimbinhas ← cacimba
cadaverzinho ← cadáver
cadeirinha ou **cadeirinhas** ← cadeira
cadelinha ← cadela
caderninho ou **caderninhos** ← caderno
cadetinho ou **cadetinhos** ← cadete

cadinhos ← cado

Caetaninha ← Caetana

Caetaninho ← Caetano

cafezinho <~> **cafèzinho** <~> **cafésinho** ← café

caiadinha ou **caiadinhas** ← caiada

caiadinho ← caiado

caidinha ← caída

caidinho ← caído

caipirazinho ← caipira

caipirinha ← caipira

caiporinha ou **caiporinhas** ← caipora

caixeirinho ← caixeiro

caixinha ou **caixinhas** ← caixa

caixotinho ← caixote

cajuzinho ← caju

caladinha ou **caladinhas** ← calada

caladinho ou **caladinhos** ← calado

calçadinha ou **calçadinhas** ← calçada

calcinhas ← calça

caldeirinha ← caldeira

caldinho ou **caldinhos** ← caldo

calefriozinho ← calefrio [<~>] calafrio

calendariozinho ou **calendariozinhos** ← calendário

calicezinho ou **calicesinhos** ← cálice

Calistinho ← Calisto

calorzinho ← calor

camaradinha ou **camaradinhas** ← camarada

camarinha ou **camarinhas** ← câmara

camarotezinho ← camarote

camazinha ← cama

caminha ← cama

cambadinha ← cambada

Camilinho ← Camilo

camisinha <~> **camizinha** ou **camisinhas** ← camisa <~> camiza

camisolinhas ← camisola
campainha ou **campainhas** ← campaa [<~>] campãa
campaninhas ← campana
Campelinho ← Campelo
camundonguinhos ← camundongo
canalzinho ← canal
canastrinha ou **canastrinhas** ← canastra
candieirinho ← candieiro
Candinha ← *Canda /← Cândia
canequinha ← caneca
canguinhas ← canga
canguinho ← cango
cangulinho ← cangulo
canivetesinho ← canivete
canivetinho ← canivete
caninha ou **caninhas** ← cana
canoinha ou **canoinhas** ← canoa
cansadinha ← cansada
cansadinho ← cansado
canteirinho ou **canteirinhos** ← canteiro
cantiguinha ← cantiga
cantinho ou **cantinhos** ← canto
canudinho ← canudo
cãozinho <~> **cãosinho** ou **cãesinhos** ← cão
capelinha <~> **capellinha** ou **capelinhas** <~> **capellinhas** ← capela <~> capella
capetinha ou **capetinhas** ← capeta
capinha ou **capinhas** ← capa
capitalzinho ← capital
capitão-generalzinho ← capitão-general
capitãozinho ← capitão
Capituzinha ← Capitu
capoerinha ← *capoera [<~>] capoeira
capotinho ou **capotinhos** ← capote
caprichinhos ← capricho

caprichosinho ou **caprichozinhos** ← capricho

capuchinhos ◀ it. *cappuccino*

caquinhos ← caco

caracolzinho ← caracol

caraterzinho ← caráter

carcaçazinha ← carcaça

Cardosinho ← Cardoso

caridadezinha ← caridade

carinha ou **carinhas** ← cara

Carlinho ou **Carlinhos** ← Carlo(s)

Carlotinha ← Carlota

carneirinho ← carneiro

carnesinha ou **carnezinhas** ← carne

carninhas ← carne

carochinha ← carocha

carocinho ← caroço

carregadinho ← carregado

carreirinha ou **carreirinhas** ← carreira

carreirinho ← carreiro

carretinho ← carreto

carrinho ou **carrinhos** ← carro

carrocinha ou **carrocinhas** ← carroça

carteirinha ← carteira

cartinha ou **cartinhas** ← carta

cartuchinho ou **cartuchinhos** ← cartucho

Carvalhinho ← Carvalho

casadinha ou **casadinhas** ← casada

casadinho ou **casadinhos** ← casado

casalinho ← casal

casalzinho ← casal

casamentozinho ← casamento

casaquinha ← casaca

casaquinho ou **casaquinhos** ← casaco

cascatasinha ← cascata

cascatinha ← cascata
casinha <~> **cazinha** ou **casinhas** ← casa <~> caza
casquinha ← casca
cassinha ← cassa
Castrinho ← Castro
catinha [**cartinha**] ← *cata [<~>] carta
catitinha ← catita
caturrinha ← caturra
cautelinha ← cautela
cavalinho ou **cavalinhos** ← cavalo
cavaquinho ← cavaco
caxeirinho ← caxeiro
Cazuzinha ← Cazua
cearensezinho ← cearense
cebolinho ← cebolo
cebolinhas ← cebola
ceroulinhas ← ceroula
cedinho ← cedo
ceguinho ← cego
ceiazinha ← ceia
ceinha ← ceia
cenazinha ← cena
cerebrozinho ou **cerebrozinhos** ← cérebro
certinho ← certo
cervejinha ← cerveja
cestinha ou **cestinhas** ← cesta
cestinho ← cesto
chacarinha ← chácara <~> chacara
chalezinho <~> **chaletsinho** ← chalé <~> chalet
chalinho ← chale
chambrezinho ← chambre
chapelinho ou **chapelinhos** ← chapel [<~>] chapéu
chapeuzinho ← chapéu
charutinho ← charuto

chatinho ← chato

chavezinha ou **chavezinhas** ← chave

chavinha ou **chavinhas** ← chave

chazinho ← chá

chegadinha ← chegada

chegadinho ou **chegadinhos** ← chegado

cheinha ou **cheinhas** ← cheia

cheinho ou **cheinhos** ← cheio

cheiozinho ← cheio

cheirinho ← cheiro

chibatinha ← chibata

chicotinho ← chicote

chinelinha ou **chinelinhas** ← chinela

chinelinho ou **chinelinhos** ← chinelo

Chiquinha ← Chica

Chiquinho ← Chico

chitinha ← chita

chochinha <~> **chôchinha** ou **chochinhas** ← chocha <~> chôcha

chocolateirinha ← chocolateira

choradinho ← chorado

chouricinho ← chouriço

chufasinha ← chufa

chumbinho ← chumbo

chupadinho ← chupado

chuvazinha ← chuva

chuvinha ou **chuvinhas** ← chuva

chuisquinho ← chuvisco

cidadezinha ← cidade

ciganinha ← cigana

cigarinho ou **cigarinhos** ← cigarro

cinturinha ← cintura

cipozinho ← cipó

Clarinha ← Clara

Claudinha ← Cláudia

clubezinho ← clube
cobrinha ou **cobrinhas** ← cobra
cobrinho ou **cobrinhos** ← cobre
cocadasinha ← cocada
cocadinhas ← cocada
cocegzinha ← cócega
coceguinhas ← cócega
codeazinhas ← codea <~> côdea
coelhinho ← coelho
cofresinho ou **cofrezinho** ← cofre
coisinha ou **coisinhas** ← coisa
coitadinha ou **coitadinhas** ← coitada
coitadinho ou **coitadinhos** ← coitado
colchãozinho ← colchão
colecçãozinha ← colecção [<~>] coleção
coleirinha ← coleira
coleirinho ← coleiro
colerazinhas ← cólera
coletinho ← colete
colherinha ← colher
colherzinha ← colher
colinazinhas ← colina
colozinho ← colo
comadrinha ← comadre
comèdiazinha ← comédia
comercinho ← comércio
comidinha ← comida
comissãozinha ← comissão
comoçãozinha ← comoção
comodozinho ← cómodo <~> cômodo
compadrinho ← compadre
companheirinha ← companheira
comprinhas ← compra
Conceiçãozinha ← Conceição

concharinhas ← concharia
conchazinhas ← concha
conchinhas ← concha
condessinha ← condessa
condezinho ← conde
confidênciaszinhas ← confidência
confortozinho ← conforto
conservadinha ← conservada
consoladinho ← consolado
conspiraçõeszinhas ← conspiração
contadinhas ← contada
contadinhos ← contado
contazinhas ← conta
contentezinhas ← contente
contentezinhos ← contente
contentinha ← contente
continha ou **continhas** ← conta
continho ou **continhos** ← conto
contoquinho ← conto
conventinho ← convento
conversazinha ou **conversazinhas** ← conversa
conversinha ou **conversinhas** ← conversa
convidadinho ← convidado
convitezinho ← convite
copinho ou **copinhos** ← copo
coqueirinho ← coqueiro
coquinhos ← coco
coraçãozinho ← coração
coradinha ou **coradinhas** ← corada
coradinho ← corado
corcundinha ou **corcundinhas** ← corcunda
cordeirinho ou **cordeirinhos** ← cordeiro
cordialzinho ← cordial
corguinho ← corgo [c~>] córrego

cornetinha ← corneta
coroazinha ← coroa
coroinha ou **coroinhas** ← coroa
corpetezinho ← corpete
corpinho ou **corpinhos** ← corpo
corpozinho ← corpo
correntinha ← corrente
corridinhos ← corrido
cortezinha ← corte
cortinha ← corte
cortininha ← cortina
corujazinha ← coruja
corzinha ← cor
costelazinha ← costela
Costinha ← Costa
costumezinho ← costume
costurazinhas ← costura
courinhos ← couro
cousinha <~> **couzinha** ou **cousinhas** ← cousa <~> couza
Coutozinho ← Couto
covinha ou **covinhas** ← cova
coxinha ← coxa
cozidinho ← cozido
crâniosinho ← crânio
creancinha ← creança [<~>] criança
crescidinha ← crescida
crecidinho ← crescido
crepinhos ← crespo
cretonesinho ← cretone
criaçãozinha ou **criaçõezinhas** ← criação
criadinha ou **criadinhos** ← criada
criadinho ← criado
criancinha ou **criancinhas** ← criança
criaturinha ou **criaturinhas** ← criatura

criolinhas ← *criola [<~>] crioula
crioulinha ou **crioulinhas** ← crioula
crioulinho ou **crioulinhos** ← crioulo
Crispimzinho ← Crispim
cristãzinhas ← cristã
Cristininha ← Cristina
Cristozinho ← Cristo
cruelzinha ← cruel
cruzinha ou **cruzinhas** ← cruz
cueirinho ← cueiro
cuidadinho ← cuidado
cuidadozinhos ← cuidado
cuitezinho ← cuité
cumprimentozinho ← cumprimento
Cundinha ← *Cunda /← Jucunda
cunhadinha ← cunhada
cunhãzinha ou **cunhãzinhas** ← cunhã
cupidinho ou **cupidinhos** ← cupido
cupulazinha ← cúpula
curtidinho ← curtido
curtinho ou **curtinhos** ← curto
curvadinha ← curvada
Dâmasosinho ← Dâmaso
damnadinha ← damnada [<~>] danada
dançadozinho ← dançado
Danielzinho ← Daniel
debilzinha ← débil
decomerzinho ← decomer
dedinho ou **dedinhos** ← dedo
dedozinho ou **dedosinhos** ← dedo
defeitozinho ou **defeitozinhos** ← defeito
defuntinha ← defunta
degrauzinho ou **degrauzinhos** ← degrau
deitadinho ← deitado

delgadinha ou **delgadinhas** ← delgada
Delinha ← *Délia /← Adélia
demandazinha ← demanda
demoninha ou **demoninhas** ← *demónia <~> *demônia
demoninho ou **demoninhos** ← demônio
demorazinha ← demora
dentadinha ou **dentadinhas** ← dentada
dentezinho ← dente
dentinhos ← dente
depressinha ← depressa
deputadozinho ← deputado
descalcinhos ← descalço
descansadinho ← descansado
descontoquinho ← desconto
desenhinhos ← desenho
desfalquequinhos ← desfalque
desgostozinho ← desgosto
desgraçadinha ou **desgraçadinhas** ← desgraçada
desgraçadinho ← desgraçado
desobediênciazinhas ← desobediência
despachadinha ← despachada
despeitoquinho ← despeito
despotazinha ← déspota
desterradozinho ← desterrado
devagarinho ← devagar
devagarzinho ← devagar
devoçãozinha ← devoção
diabinha ← diaba
diabinho ou **diabinhos** ← diabo
diamantequinhos ← diamante
diamantinho ou **diamantinhos** ← diamante
diferençazinha ← diferença
dinheirinho ← dinheiro
Dioguinho ← Diogo

direitinha ou **direitinhas** ← direita
direitinho ou **direitinhos** ← direito
discursinho ← discurso
disputinhas ← disputa
ditadozinho ← ditado
ditinhos ← dito
ditozinhos ← dito
dividendozinho ← dividendo
dobradinhas ← dobrada
docezinho ou **docesinhos** ← doce
docilzinha ← dócil
docinha ← doce
docinho ← doce
documentinho ← documento
doidinha ou **doidinhas** ← doida
doidinho ou **doidinhos** ← doido
doentezinhos ← doente
doentinha ← doente
doentinho ← doente
Dominguinhos ← Domingo(s)
doninha ← dona
donzelinha ou **donzelinhas** ← donzela
dorzinha ou **dorezinhas** <~> **dorzinhas** ← dor
dotezinho ← dote
doutorzinho ou **doutorzinhos** ← doutor
doxinha ← *doxe [<~>] doce
dramazinho ← drama
Duartezinha ← Duarte
duelozinhos ← duelo
Duquinha ← *Duca
duvidazinha ← dúvida
economiazinha ← economia
ediçãozinha ← edição
Eduardinho ← Eduardo

educaçãozinha ← educação
egoismozinho ← egoísmo
eguazinha ← égua
eleiçãozinha ← eleição
elogiozinho ← elogio
embirantezinho ← *embirante
embrulhinho ← embrulho
embrulhozinho ← embrulho
empadinha ou **empadinhas** ← empada
empertigadinho ← empertigado
emplastrinho ← emplastro
empregadinhos ← empregado
empregozinho ← emprego
empreguinho ← emprego
emprestimozinho ← empréstimo
encarnadinho ← encarnado
encolhidinho ou **encolhidinhos** ← encolhido
enconstadinha ← encostada
encostadinho ou **encostadinhos** ← encostado
energiazinha ← energia
enfermeirazinha ← enfermeira
enfezadinha ← enfezada
enfezadinho ← enfezado
enganadinha ← enganada
engelhadinha ← engelhada
enganadinho ou **enganadinhos** ← enganado
engomadinho ← engomado
engraçadinha ← engraçada
engraçadinho ou **engraçadinhos** ← engraçado
engraxadinho ← engraxado
enjeitadinha ← enjeitada
enjeitadinho ou **enjeitadinhos** ← enjeitado
ensopadinha ← ensopada
ensopadinhos ← ensopado

entezinho ou **entezinhos** ← ente
entrevadinha ← entrevada
entupidinha ← entupida
epigramazinho ← epigrama
ermidazinha ← ermida
ermidinha ← ermida
Ernestinho ← Ernesto
ervilhazinhas ← ervilha
ervinha ou **ervinhas** ← erva
escadinha ou **escadinhas** ← escada
escandalozinho ← escândalo <~> escândalo
escaninho ou **escaninhos** ← escano
escarninho ← escárnio
escarradinho ← escarrado
escovadinha ← escovada
escovinha ou **escovinhas** ← escova
escravazinha ← escrava
escravinha ← escrava
escritinho ou **escritinhos** ← escrito
escrivãozinho ← escrivão
esculturinhas ← escultura
escurinhas ← escura
escurinho ← escuro
esforçozinho ← esforço
esfarrapadinhas ← esfarrapada
esgotadinho ← esgotado
esmolinha ← esmola
espanadinho ← espanado
espelhinho ou **espelinhos** ← espelho
esperançazinha ← esperança
espertalhõezinhos ← espertalhão
espertinha ← esperta
espertinho ← esperto
espetinho ← espeto

espichadinho ← espichado
espigadinha ← espigada
espingardinha ← espingarda
espíritozinho ← espírito
esplanadasinha ← esplanada
esporinha ← espora
espremidinhas ← espremida
espumazinha ← espuma
estabelecimentozinhos ← estabelecimento
estaçãozinha ← estação
estaladinho ← estalado
estalinho ou **estalinhos** ← estalo
estantezinha ← estante
estatuazinha ← estátua
estatuezinhas ← estátua
esteirinha ← esteira
estezinho ← este
esticadinho ← esticado
estocadasinha ← estocada
estopinhas ← estopa
estouvadinha ← estouvada
estradinha ou **estradinhas** ← estrada
estradinho ← estrado
estrangeirinha ← estrangeira
estreitinho ou **estreitinhos** ← estreito
estrelinha ou **estrelinhas** ← estrela
estremecimentozinho ← estremecimento
estrozinho ← estro
estudantinho ← estudante
esturrinho ← esturro
Eufrasinha ← Eufrásia
Eugeniazinha ← Eugénia <~> Eugênia
Eugeninho ← Eugénio <~> Eugênio
Euzebiosinho ← Euzébio

excessozinho ← excesso
exposiçõezinhas ← exposição
exterioridadezinhas ← exterioridade
facadinhas ← facada
facesinha <~> **facezinha** ou **facezinhas** ← face
fadasinha ← fada
fadinho ou **fadinhos** ← fado
faíscazinha ← faísca
famazinha ← fama
fanadinha ou **fanadinhas** ← fanada
faquinha ou **faquinhas** ← faca
fardinha ← farda
farnelzinho ← farnel
farolzinho ← farol
farpinhas ← farpa
farrapinho ou **farrapinhos** ← farrapo
farraposinho ← farrapo
fatinhos ← fato
favorzinho ← favor
fazendeirinha ← fazendeira
febrezinha ← febre
febrinha ← febre
fechadinho ou **fechadinhos** ← fechado
feiazinha ← feia
feiozinho ← feio
feiticeirazinha ← feiticeira
feiticeirinha ← feiticeira
feitinho ← feito
Felicianinha ← Feliciano
Felisbertazinha ← Felisberta
felosinha ← felosa
fendazinha ← fenda
feriazinha ← férias
fermentozinho ← fermento

Fernandinha ← Fernanda
Fernandinho ← Fernando
ferradurinhas ← ferradura
ferrinhos ← ferro
ferroadazinha ← ferroadada
festazinha ← festa
festinha ou **festinhas** ← festa
fetinha [**feitinha**] ← *feta [<~>] feita
fezinha ← fé
fichinha ← ficha
fidalguinta ← fidalga
fidalguinto ou **fidalguintos** ← fidalgo
figuintos ← figo
figurinha ou **figurinhas** ← figura
fiinhas ← fia [<~>] filha
filhinta ou **filhintas** ← filha
filhinho ou **filhinhos** ← filho
filinho ← filo [<~>] filho
Filoquinta ← Filoca ← Filó ← Filomena
finadinho ← finado
finalzinho ← final
fininha ← fina
fininhos ← fino
fiozinho ou **fiozinhos** ← fio
fitinha ou **fitinhas** ← fita
flautinhas ← flauta
flechasinhas ou **flechazinhas** ← flecha
Florencinha ← Florência
florinha ou **florinhas** ← flor
florzinha <~> **florsinha** ou **florzinhas** <~> **florezinhos** ← flor
focinhozinho ← focinho
fogãozinho ← fogão
foguinho ← fogo
foicinha ou **foicinhas** ← foice

fofinhos ← fofo
fogueirinha ← fogueira
folegozinho ← fôlego <~> fôlego
folhetinho ← folheto
folhinha ou **folhinhas** ← folha
fomezinha ← fome
fontezinha ou **fontezinhas** ← fonte
forcinha ← força
formadinho ← formado
formazinhas ← forma [ɔ]
formiguinha ou **formiguinhas** ← formiga
forradinho ← forrado
fortezinho ← forte
fortunazinha ← fortuna
fosquinha ← fosca
fossazinhas ← fossa
fradezinhos ← frade
fradinho ou **fradinhos** ← frade
fragatinha ← fragata
fragosinho ← fragoso
fraldinhas ← fralda
francesinhas ← francesa
francesinhos ← francês
franjinhas ← franja
franguinha ← franga
franguinho ← frango
franquezinha ← franqueza
franzininha ← franzina
fraquinha ← fraca
fraquinho ← fraco
frasezinha ← frase
frasquinho ou **frasquinhos** ← frasco
freirinha ← freira
Freitinhas ← Freita(s)

fresquinha ou **fresquinhas** ← fresca

fresquinho ou **fresquinhos** ← fresco

friozinho ← frio

frisadinhos ← frisado

frisazinha ← frisa

fronhasinhas <~> **fronhazinhas** ← fronha

frutinhas ← fruta

fugidinhos ← fugido

fumacinha ← fumaça

fuminho ← fumo

fumozinho ou **fumozinhos** ← fumo

funcionalismozinhos ← funcionalismo

futurozinho ← futuro

gabinetezinho ← gabinete

gadinho ← gado

gafanhotinhos ← gafanhoto

gaguinha ← gaga

gaitinhas ← gaita

galantinha ou **galantinhas** ← galante

galantinho ← galante

galeguinho ← galego

galgozinho ← galgo

galguinha ← galga

galhinho ← galho

galhozinhos ← galho

galinho ← galo

galopesinho ← galope

gansosinho ← ganso

gargantazinha ← garganta

garotinhos ← garoto

garrafinha ou **garrafinhas** ← garrafa

garrotinha ← garrota

gaspachinho ← gaspacho

gasparinhos ← Gaspar

Gastãozinho ← Gastão

gatazinha ← gata

gatinha ou **gatinhas** ← gata

gatinho ou **gatinhos** ← gato

gauchinha ← gaúcha

gavetinha ou **gavetinhas** ← gaveta

gazetinha ← gazeta

geninhos ← génio <~> gênio

geniozinho ← génio <~> gênio

gentinha ← gente

Geraldinho ← Geraldo

gerumusinhos ← *gerumu [<~>] jerimum [<~>] jurumum

Gertrudinha ou **Gertrudinhas** ← Gertrude

gestozinho ou **gestozinhos** ← gesto

globulozinho ou **globulozinhos** ← glóbulo

gloriazinha ← glória

golezinho ← gole

golinha ← gola

golinho ou **golinhos** ← gole

Gonçálinho ← Gonçalo

gordinha ou **gordinhas** ← gorda

gordinho ou **gordinhos** ← gordo

gostinho ou **gostinhos** ← gosto

gotazinha ← gota

gotinha ou **gotinhas** <~> **gottinhas** ← gota <~> gotta

Gouveiazinhos ← Gouveia

gracinha ou **gracinhas** ← graça

gradeadozinho ← gradeado

gradezinha ou **gradezinhas** ← grade

gradinhas ← grade

grãozinho ou **grãezinhos** ← grão

gravatinha ← gravata

gravesinha ou **gravezinhas** ← grave

gritinho ou **gritinhos** ← grito

gritozinho ou **gritozinhos** ← grito
grumetezinho ← grumete
guardadinho ← guardado
guarda-chuvazinho ← guarda-chuva
guarda-solinho ← guarda-sol
guerrinha ← guerra
guinchozinhos ← guincho
Guidinha ← Guida
Gustavinho ← Gustavo
habeas-corpuzinhos ← *habeas-corporis*
habilidadezinha ← habilidade
Heleninha ← Helena
Henriquetinha ← Henriqueta
Henriquinho ← Henrique
herdeirozinho ou **herdeirozinhos** ← herdeiro
heroizinhos ← herói
historiazinha ou **historiazinhas** ← história
hombrinhos ← ombro <~> ombro
homenzinho <~> **homemzinho** <~> **homemsinho** <~> **homensinho** ou **homenzinhos** ←
homem <~> homem
honestasinha ← honesta
honradinha ou **honradinhas** ← honrada
honrrinha ← honra <~> honra
horazinha ← hora
hortazinha ← horta
hotelzinho ← hotel
iaiazinha ← iaiá
iatezinho ou **iatezinhos** ← iate
ignorantezinhas ← ignorante
iguaizinhas ← igual
igualzinho ou **igualzinhos** <~> **iguaizinhos** ← igual
igrejazinha ← igreja
igrejinha ou **igrejinhas** ← igreja
ilhazinha ← ilha

ilhoazinha ← ilhoa
imagenzinha ← imagem
Inacinha ← Inácia
incestozinho ← incesto
incomodozinho ← incómodo <~> incômodo
indagorinha ← *indagora [<~>] ainda agora
indivíduozinho ← indivíduo
Inezinha <~> **Inêsinha** ← Inez <~> Inês
infelizinha ← infeliz
inferninho ← inferno
inglesinha ← inglesa
inglesinho ou **inglesinhos** ← inglês
inocentezinha ← inocente
inocentinha ← inocente
inocentinho ← inocente
insectozinhos ← insecto [<~>] inseto
insetozinho ← inseto
instantezinho ou **instantezinhos** ← instante
instantinho ou **instantinhos** ← instante
instruçõeszinha ← instrução
instrumentinho ← instrumento
inteirinha ou **inteirinhas** ← inteira
inteligentezinha ← inteligente
interessantinha ← interessante
intriguinha ou **intriguinhas** ← intriga
inteirinho ← inteiro
interessezinho ou **interessezinhos** ← interesse
invejzinhas ← inveja
ioiozinho ← ioiô
irmãzinha <~> **irmasinha** ou **irmãzinhas** ← irmã
irmãozinho ou **irmãosinhos** ← irmão
Isabelinha ← Isabel
iscazinha ← isca
isquinha ← isca

italianinha ← italiana
jabuticabinha ← jabuticaba
Jacintinha ← Jacinta
janelinha ou **janelinhas** ← janela
jangadinha ← jangada
janotinha ou **janotinhas** ← janota
jantarinho ou **jantarinhos** ← jantar
jantarzinho ← jantar
jaquetinha ← jaqueta
jardinzinho ou **jardinzinhos** ← jardim
jarrinha ← jarra
jaziguinho ou **jaziguinhos** ← jazigo
jeitinho ← jeito
Joaneirinha ← Joaneira
Joaninha ← Joana
Joaquininha ← *Joaquina [<~>] Joaquina
Joaquininha ← Joaquina
Joãzinho ← João [<~>] João
Joãozinho ← João
joguinho ← jogo
joiazinha ou **joiazinhas** ← joia <~> jóia
Jonzinho ← Jom <~> Jon [<~>] João
joqueizinho ← jóquei
Jordãozinho ← Jordão
jornalistazinhos ← jornalista
jornalzinho ou **jornaiszinhos** ← jornal
Josefinha ← Josefa
Josezinho <~> **Josèzinho** ← José
jovenzinha ← jovem
juizinho ← juiz
juizinho ← juízo
Julinha ← Julia <~> Júlia
Julinho ← Júlio
juntinhas ← junta

juntinho ou **juntinhos** ← junto
Juquinha ← Juca /← José Carlos
justinho ← justo
Justininho ← Justino
labiozinho ← lábio
lacinho ou **lacinhos** ← laço
ladrãozinho ← ladrão
ladrilhozinho ← ladrilho
ladroninha ← ladrona
ladrozinho ← ladro
lagoinha ← lagoa
lagozinho ← lago
lagrimazinha ou **lagrimazinhas** ← lágrima
laivozinho ← laivo
Lalinha ← *Lala /← Eulália
lambarysinho ← *lambary <~> lambari
lambidinha ← lambida
laminazinhas ← lámina <~> lâmina
lanchinha ← lancha
lanterninha ou **lanterninhas** ← lanterna
lapinha ← lapa
laranjinha ou **laranjinhas** ← laranja
larguinho ← largo
lascazinha ou **lascazinhas** ← lasca
lasquinhas ← lasca
lasquenetezinho ← *lasquenete
latinha ou **latinhas** ← lata
latinzinho ← latim
Laurindinha ← Laurinda
Laurinha ← Laura
lavadinha ← lavada
lavourazinha ← lavoura
lavradeirinha ← lavradeira
Leandrinho ← Leandro

leãozinho ← leão

Legazinha ← *Lega ← Olegária

leilõesinhos ← leilão

leitãozinho ← leitão

leitinho ← leite

leitozinho ou **leitozinhos** ← leito

lembrançazinha <~> **lembrançasinha** ou **lembrançazinhas** ← lembrança

lembrançinhas ← lembrança

lencinho ou **lencinhos** ← lenço

lençosinhos ← lenço

Leocadinha ← Leocádia

lesminha ← lesma

letrazinha ← letra

letrinha ou **letrinhas** ← letra

levadinha ou **levadinhas** ← levada

levadinho ← levado

levezinha ← leve

levezinho ← leve

Libaninho ← Libano

libertinha ← liberta

liçãozinha ← lição

limãozinho ← limão

limpesazinha ← limpeza <~> limpeza

limpinha ← limpa

limpinho ou **limpinhos** ← limpo

lindazinha ← linda

lindinha ← linda

lindinho ou **lindinhos** ← lindo

linguasinha <~> **linguazinha** ← língua

lingüinha <~> **lingüinhas** ← língua

lisboetasinha ← lisboeta

listinha ← lista

Liviozinho ← Lívio

livrinho ou **livrinhos** ← livro

lobinho [o] ou **lobinhos** [o] ← lobo [o]
lobinho [ɔ] ou **lobinhos** [ɔ] ← lobo [ɔ]
logarzinho ← logar
loguinho ← logo
loicinha ← loiça
loirinhas ← loira
lojinha ← loja
lombinho ← lombo
Lopinhos ← Lopo
lorpinha ← lorpa
loucazinha ← louca
louquinha ← louca
lourinha ← loura
lugarinho ← lugar
lugarzinho ou **lugarzinhos** ← lugar
Luisinha <~> **Luizinha** ← Luísa <~> Luíza
Luisinho <~> **Luizinho** ← Luís <~> Luiz
Luluzinho ← Lulu /← Luís <~> Luiz
luveirinha ← luveira
luzinha ou **luzinhas** ← luz
macaquinha ← macaca
macaquinho ou **macaquinhos** ← macaco
machadinha ou **machadinhas** ← machada
machinho ou **machinhos** ← macho
macucozinho ← macuco
madeirinha ← madeira
madurinha ou **madurinhas** ← madura
madrugadinha ← madrugada
mãe-pretinha ← mãe-preta
mãezinha ou **mãezinhas** ← mãe
magrinhas ← magra
magrinho ← magro
maiorzinha ← maior
maiorzinho ← maior

malandrinho ← malandro
maldadezinha ← maldade
Malianinha ← *Maliana [<~>] Mariana
maliciasinha ← malícia
malinha ou **malinhas** ← mala
malmequersinhos ← malmequer
malvadinha ← malvada
malvadinhos ← malvado
mamazinha ← mama [<~>] mamãe
mamãzinha ← mamã [<~>] mamãe
mamãezinha ← mamãe
maminha ← mama
mamãozinhos ← mamão
mamoninho ← mamono ~← mamona
manchazinha ← mancha
manchinha ← mancha
Manduquinha ← Manduca
maneirinhas ← maneira
Manelzinho ← Manel [<~>] Manoel [<~>] Manuel
manguinhas ← manga
manhãzinha ← manhã
maniazinha ← mania
maninha ← mana /← irmã
maninho ← mano /← irmão
mansinha ou **mansinhas** ← mansa
mansinho ← manso
mantinha ← manta
Manuelzinho ← Manuel
mãozinha ou **mãozinhas** <~> **maõsinhas** <~> **mãosinhas** ← mão
maozinhas ← mao [<~>] mão
maquinazinha ou **maquinazinhas** ← máquina
Maranhãozinho ← Maranhão
maravilhasinha ← maravilha
Margaridinha ← Margarida

Marianinha ← Mariana
Mariazinha ← Maria
Maricoquinhas ← Maricoca ← Marica
maridinho ou **maridinhos** ← marido
Mariquinha ou **Mariquinhas** ← Marica
marmanjozinho ← marmanjo
Maroquinha ← Maroca
marotinha ← marota
marotinho ou **marotinhos** ← maroto
marquesinha ← marquesa
marrequinha ou **marrequinhas** ← marreca
Marretinho ← Marreto
marteladinha ← martelada
martelinho ou **martelinhos** ← martelo
Martinha ← Marta
matutinho ← matuto
mascavinho ← mascavo
matutinha ou **matutinhas** ← matuta
mauzinho ← mau
mazinha <~> **másinha** ← má
meadinha ← meada
medalhazinhas ← medalha
medalhinha ← medalha
medinho ← medo
meigazinha ← meiga
melhorzinha <~> **melhorsinha** ← melhor
melhorzinho ← melhor
Melinha ← *Mélia ← Amélia
Melinho ← Melo
Melozinho ← Melo
melquetrefezinho ← melquetrefe
mençãozinha ← menção
menhãzinha ← menhã [<~>] manhã
meninosinho ← menino

menorzinhas ← menor
merendinha ← merenda
mesadinha ← mesada
mesinha <~> **mezinha** ou **mesinhas** ← mesa <~> meza
mestrinho ← mestre
metidinho ou **metidinhos** ← metido
migalhinha ← migalha
Miguelinho ← Miguel
Miguelzinho ← Miguel
mijadinhos ← mijado
milhozinho ← milho
mingauzinho ← mingau
miózinho ← mió [<~>] melhor
miseriazinhas ← miséria
missinha ou **missinhas** ← missa
miudinha ou **miudinhas** ← miuda <~> miúda
miudinho ou **miudinhos** ← miúdo
mobiliazinha ← mobília
mocadinho ← *mocado
mocinha ou **mocinhas** ← moça
mocinho ou **mocinhos** ← moço
modificaçãozinha ← modificação
modinha ou **modinhas** ← moda
modorrasinha ← modorra
moedinha ou **moedinhas** ← moeda
moleirinha ← moleira
molequinho ou **molequinhos** ← moleque
molhozinho ← molho
momentozinho ← momento
momozinho ← momo
molesinha ← mole
Monjolinho ← Monjolo
monstrinho ou **monstrinhos** ← monstro
monstrozinhos ← monstro

montariazinha ← montaria
montesinho ← monte
montinho ← monte
moradazinhas ← morada
moradinha ou **moradinhas** ← morada
moreirinha ← moreira
moreninha ou **moreninhas** ← morena
moreninho ← moreno
Morgadinha ← morgada
morgadinho ← morgado
mornazinha ← morna
mortinha ← morta
mortinho ← morto
Morzelinho ← Morzelo
mourinho ← mouro
mourozinho ← mouro
moveizinhos ← móvel
movimentozinho ← movimento
mucamazinha ← mucama
muchôchosinho ← muchôcho <~> muchocho
mulatinha ou **mulatinhas** ← mulata
mulatinho ← mulato
mulherinha ou **mulherinhas** ← mulher
mulherzinha ou **mulherzinhas** ← mulher
mulinha ou **mulinhas** ← mula
Mundinha ← *Munda /← Raimunda
Mundiquinho ← Mundico ← *Mundo /← Raimundo
mundozinho ou **mundozinhos** ← mundo
murmurinho ← murmúrio
murozinho ← muro
musicazinha ← música
musicozinho ← músico
nadazinho ← nada
nadinha ou **nadinhas** ← nada

nambusinha ← nambu
namorosinho ← namoro
naquinha ← naca
narizinho ou **narizinhos** ← nariz
nastrinho ← nastro
navalhinha ← navalha
naviozinho ← navio
negocinho ou **negocinhos** ← negócio
negociozinho ou **negociosinho** ← negócio
negrinha ou **negrinhas** ← negra
negrinho ou **negrinhos** ← negro
nenenzinho ← neném
nenezinho ← nenê
nesguinha ← nesga
netinha ← neta
netinho ou **netinhos** ← neto
nhazinha ← nhá
nhonhêzinhos ← nhonhô
nhozinho ou **nhôzinhos** ← nhô
noitinha ← noite
noivazinha ← noiva
nomesinho ou **nomezinhos** ← nome
notazinha ou **notazinhas** ← nota
noticiazinha ou **noticiazinhas** ← notícia
novelazinha ← novela
novinha ou **novinhas** ← nova
novinho ou **novinhos** ← novo
nuvenzinha ou **nuvenzinhas** <~> **nuvensinhas** ← nuvem
nuazinha ← nua
nuitinha ← *nuite [<~>] noite
nuzinho ← nu
obrazinha ← obra
obrinha ou **obrinhas** ← obra
obrigadinha ← obrigada

obrigadinho ← obrigado
odezinhas ← ode
odiozinhos ← ódio
oficialzinhos ← oficial
oiteirinhos ← oiteiro
oitavinho ← oitavo
Olegarina ← Olegária
olharzinho ← olhar
olheirinhas ← olheira
olhinho ou **olhinhos** ← olho
oncinha ← onça
ondinhas ← onda
opiniãozinha ← opinião
oraçãozinha ou **oraçõezinhas** ← oração
oratoriozinho ← oratório
ordenadozinho ← ordenado
ordenzinha ← ordem
orelhinha ou **orelhinhas** ← orelha
orfãzinha ← órfã
orfãozinho ou **orfãozinhos** ← órfão
ossinho ou **ossinhos** ← osso
ostrinha ← ostra
outeirinho ou **outeirinhos** ← outeiro
outeirozinho ← outeiro
outrinha ← outra
ovaçãozinha ← ovação
ovelhinha ou **ovelhinhas** ← ovelha
pacatinho ← pacato
pacotezinho ← pacote
pacotinho ← pacote
padeirinha ← padeira
padrezinho ← padre
padrinho ← padre
padrinhozinho ← padrinho

pagãozinho ← pagão
pagemzinho ← pagem <~> pajem
pagodezinho ← pagode
pagodinho ← pagode
paixãzinha ← paixão <~> paixam [<~>] paixão
paixãozinha ← paixão
paizinho <~> **paízinho** ou **paizinhos** ← pai
palaciozinho ← palácio
palavrinha ou **palavrinhas** ← palavra
palerminhas ← palerma
paletózinho ← paletó
palhinha ou **palhinhas** ← palha
palitinho ← palito
palmadinha ou **palmadinhas** ← palmada
palminha ou **palminhas** ← palma
palminho ← palmo
pancadinha ou **pancadinhas** ← pancada
pancinha ← pança
panelinha ou **panelinhas** ← panela
paninho ou **paninhos** ← pano
pãozinho ← pão
papaizinho ← papai
papatinho ← papato [<~>] sapato
papazinho <~> **papázinho** ← papá [<~>] papai
papelinho ou **papelinhos** ← papel
papelzinho ou **papezinhos** ← papel
papezinho ← papé [<~>] papel
papinha ← papa
papinho ← papo
parisiensezinha ← parisiense
particulazinha ← partícula
partidinha ou **partidinhas** ← partida
parvinha ← parva
passadinhas ← passada

passarinho ou **passarinhos** ← passaro <~> pássaro

passeiozinho ou **passeiozinhos** ← passeio

passinho ou **passinhos** ← passo

pastelinho ou **pastelinhos** ← pastel

pastinha ou **pastinhas** ← pasta

pastinho ← pasto

pastorinha ou **pastorinhas** ← pastora

pastorinho ← pastor

pataquinhas ← pataca

patinhas ← pata

patinho ou **patinhos** ← pato

patrãozinho ← patrão

patroazinha ← patroa

patuscadazinha ← patuscada

patusquinhos ← patusco

pauzinho ou **pauzinhos** <~> **pausinhos** ← pau

pavilhãozinho ← pavilhão

peanhazinha ← peanha

pecadinho ou **pecadinhos** ← pecado

peçazinha ← peça

peculiozinho ← pecúlio

pedacinho ou **pedacinhos** ← pedaço

pedaxinho ← *pedaxo [<~>] pedaço

pedrinha ou **pedrinhas** ← pedra

Pedrinho ← Pedro

pegadinha ← pegada

peitinho ← peito

peixãozinho ← peixão

peixinho ou **peixinhos** ← peixe

peladinhas ← pelada

pelezinha ← pele

pelinha ← pele

pendõezinhos ← pendão

penitenciazinha ← penitência

pensamentozinhos ← pensamento
penteadinho ← penteado
pentezinho ← pente
pentinho ou **pentinhos** ← pente
penujadinhas ← *penujada
penugemzinha ← penugem
pequeninha ← pequenina
pequeninho ← pequenino
pequerruchinha ← pequerrucha
pequerruchinho ← pequerrucho
peraltinha ou **peraltinhas** ← peralta
perdidinho ← perdido
perdisinhas ← perdis <~> perdiz
Pereirinha ← Pereira
perguntinhas ← pergunta
perguntazinha ← pergunta
perninha ou **perninhas** ← perna
perolazinhas ← pérola
pertinho ← perto
pescadinha ou **pescadinhas** ← pescada
pescocinho ← pescoço
peçoazinha ← pessoa
peçoinha ← pessoa
pestezinha <~> **pestesinha** ← peste
pestinhas ← peste
pezinho <~> **pézinho** ou **pezinhos** <~> **pésinhos** ← pé
peguinhas ← peúga
piabinha ← piaba
piadinhas ← piada
picadinhas ← picada
picadinho ou **picadinhos** ← picado
pigarrinho ← pigarro
pilheriazinha ← pilhéria
pimpolhozinho ← pimpolho

pinguinha ou **pinguinhas** ← pinga

pinguinho ← pingo

Pinheirinho ← Pinheiro

pintainho ou **pintainhos** ← pintão

pintadinha ← pintada

pintadinho ou **pintadinhos** ← pintado

pintalegretezinhas ← pintalegrete

pintinha ou **pintinhas** ← pinta

pintinho ou **pintinhos** ← pinto

pinturazinhas ← pintura

pinturinhas ← pintura

piorrinha ← piorra

pirãosinho ← pirão

pistolinha ← pistola

pirracinha ← pirraça

pitadinha ← pitada

plantinha ou **plantinhas** ← planta

pobrezinha <~> **pobresinha** ou **pobrezinhas** ← pobre

pobrezinho ou **pobrezinhos** ← pobre

pocinha ← poça

pocinho ← poço

poeirazinha ← poeira

poemazinho ← poema

poetinhas ← poeta

poldrinha ou **poldrinhas** ← poldra

poldrinho ou **poldrinhos** ← poldro

polidinho ← polido

poltrozinho ← poltro

polvarinho ← *pólvaro ~← pólvora

polvorinho ou **polvorinhos** ← *pólvoro ~← pólvora

pombinha ou **pombinhas** ← pomba

pombinho ou **pombinhos** ← pombo

pontazinha <~> **pontasinha** ← ponta

pontezinha ← ponte

pontinha ou **pontinhas** ← ponta
pontinho ou **pontinhos** ← ponto
pontozinho ← ponto
porçãozinha ← porção
porquinho ou **porquinhos** ← porco
portinha ← porta
portinho ← porto
Portugalzinho ← Portugal
portuguesa ← portuguesa
portuguesinho ← português
potezinho ← pote
potinho ← pote
potrinhos ← potro
poucachinho ← *poucacho
poucozinha ← *poucocha
poucochinho ← *poucocho
pouquinha ou **pouquinhas** ← pouca
pouquinho ou **pouquinhos** ← pouco
povinho ← povo
povoaçãozinha ← povoação
praiasinha <~> **praiazinha** ← praia
prateleirinhas ← prateleira
pratinha ou **pratinhas** ← prata
pratinho ← prato
prazerzinho ← prazer
preazinho ← preá
precauçãoezinhas ← precaução
precinho ← preço
prediozinho ← prédio
preguicinha ← preguiça
preguinha ou **preguinhas** ← prega
preguinhos ← prego
preparadinho ← preparado
presentezinho ou **presentesinhos** ← presente

presentinho ou **presentinhos** <~> **prezentinhos** ← presente <~> presente

pretinha ← preta

pretinho ou **pretinhos** ← preto

primeirinha ← primeira

priminha ou **priminhas** ← prima

priminho ← primo

primorzinho ← primor

princesinha ← princesa

principezinho ← príncipe <~> príncipe

principiozinho ← princípio

proazinha ← proa

profetazinho ← profeta

promontoriozinho ← promontório

promotorzinho ← promotor

prontinha ← pronta

prontinho ← pronto

provinciazinha ← província

prudenciazinha ← prudência

publicadinho ← publicado

pucarinha ← púcara

pucarinho ou **pucarinhos** ← púcaro

pudinzinhos ← pudim

puldrinho ← *puldre <~> poldro

pulinho ou **pulinhos** ← pulo

punhalzinho ← punhal

puxadinhas ← puxada

puxadinho ← puxado

puxãozinho ← puxão

quaderninhos ← quaderno [<~>] caderno

quadradozinho ou **quadradozinhos** ← quadrado

quadrilhazinha ← quadrilha

quadrinha ou **quadrinhas** ← quadra

quadrinho ← quadro

quartinhas ← quarta

quartinho ou **quartinhos** ← quarto
quebradinhas ← quebrada
quebrazinha ← quebra
quedinha ← queda
queijadinhas ← queijada
queijinhos ← queijo
queimadinho ← queimado
quentinha ← quente
quentinho ou **quentinhos** ← quente
queridinha ← querida
queridinho ← querido
questãozinha ou **questõezinhas** ← questão
quezinho ← quê
quietinha ← quieta
quietinho ou **quietinhos** ← quieto
Quininha ← *Quina /← Joaquina
Quinotinha ← Quinota
quintalinho ← quintal
quintalzinho ← quintal
quintazinha ← quinta
Quinzinho ← Quim /← Joaquim
quiosquezinho ← quiosque
quistãzinha ← *quistã [<~>] questão
Quiterinha ← Quitéria
Quitinha ← *Quita
quotazinha ← quota
Rabelinho ← Rabelo
rabequinha ← rabeca
rabinho ← rabo
Rachelsinha ← Rachel <~> Raquel
raciocininhos ← raciocínio
raiozinho ← raio
ramalhetinho ou **ramalhetinhos** ← ramalhete
ramazinha ← rama

raminho ou **raminhos** ← ramo
ranchinho ← rancho
rapariguinha ou **rapariguinhas** ← rapariga
rapazinho ou **rapazinhos** ← rapaz
rapezinho ← rapé
raposinho <~> **rapozinho** ← raposo <~> rapozo
Raquezinha ← *Raqué [<~>] Raquel
rasgadinho ← rasgado
rasinho ← raso
ratinho ou **ratinhos** ← rato
razãozinha ← razão
rebentinha ← rebenta
rebentozinho ← rebento
recadinho ou **recadinhos** ← recado
recantozinho <~> **recantosinho** ← recanto
recheadinha ← recheada
rechonchudinha ou **rechonchudinhas** ← rechonchuda
recibozinho ← recibo
reclamaçãozinha ← reclamação
redezinha ← rede
redondinha ou **redondinhas** ← redonda
redondinhos ← redondo
reforçozinho ← reforço
reforminha ← reforma
regadinho ← regado
regaladinha ← regalada
regalinho ← regalo
regalozinho ← regalo
regrinhas ← regra
reguladinhas ← regulada
Reinaldinho ← Reinaldo
reininho ← reino
reinozinho ← reino
reizinho ou **reizinhos** ← rei

rèzinhos <~> **reisinhos** ← réis <~> reis <~> reiz
reloginho ← relógio
remediozinhos ← remédio
rendinha ou **rendinhas** ← renda
rentezinha ← rente
rentezinho ← rente
repinicadinha ← *repinicada [<~>] repenicada
republicanozinho ← republicano
requebradinha ← requebrada
respostazinha ← resposta
restiazinha ← réstia
restinho ← resto
restozinho ← resto
retalhinho ou **retalhinhos** ← retalho
retalhozinhos ← retalho
retratosinho ← retrato
rezadinho ← rezado
riachinho ou **riachinhos** ← riacho
ribeirinho ou **ribeirinhos** ← ribeiro
ridiculozinho ← ridículo
rijinho ← rijo
riquinha ← rica
riquinho ← rico
risadinha ou **risadinhas** ← risada
riscadinho ← riscado
risinho <~> **rizinho** ou **risinhos** ← riso <~> rizo
risozinho <~> **risosinho** ← riso
Ritinha ← Rita
ritmozinho ← ritmo
roceirinhas ← roceira
Rochinha ← Rocha
rocinha ou **rocinhas** ← roça
rodelinhas ← rodela
rodinha ou **rodinhas** ← roda

Rodriguinho ← Rodrigo
roidinho ← roído
rolinha ou **rolinhas** ← rola
rolinho ou **rolinhos** ← rolo
roquesinho ← roque
roseirinhas ← roseira
rosinha ou **rosinhas** ← rosa
rosquinha ou **rosquinhas** ← rosca
rostinho ou **rostinhos** ← rosto
rostozinho ou **rostosinho** ← rosto
rotinhas [o] ← rota [o]
rotulazinha ← rótula
roupãozinho ← roupão
roupinha ou **roupinhas** ← roupa
ruazinha ou **ruazinhas** ← rua
ruborzinho ← rubor
rumorzinho ← rumor
ruidozinho ← ruído
ruinha ← rua
ruinzinha ← ruim
rusgazinha ← rusga
saborzinho <~> **saborsinho** ← sabor
sacrificozinho ← sacrifício
sacristãozinho ← sacristão
sainhas ← saia
sainho ← saio
salinha ou **salinhas** ← sala
saltadinho ← saltado
saltinho ou **saltinhos** ← salto
salmorazinha ← *salmora [<~>] salmoura
saloiazinha ← saloia
salsinha ← salsa
salzinho ← sal
sambinha ← samba

sanchinha ← sancha

sanfoninha ← sanfona

sangradinho ← sangrado

Santantoninho ← Santantónio <~> Santantônio [<~>] Santo António <~> Santo Antônio

santinha ou **santinhas** ← santa

santinho ou **santinhos** ← santo

santuáriozinho ← santuário

sapatinho ou **sapatinhos** ← sapato

sapinhos ← sapo

saquinho ou **saquinhos** ← saco

Sarinha ← Sara

sãzinha ← sã

Sazinho ← Sá

sãozinho ← são

sapateirinho ← sapateiro

sapatinha ou **sapatinhas** ← sapata

satisfeitinha ← satisfeita

saudinha ← saúde

secazinha ← seca

secretariazinha ← secretária

sedinha ← seda

segredinho ou **segredinhos** ← segredo

seiozinho ← seio

seixinhos ← seixo

seixozinho ← seixo

selinzinho ← selim

senhorinha ← senhora

senhozinho ← senhô [<~>] senhor

senhorzinho ou **senhorezinhos** ← senhor

sentadinhas ← sentada

sentadinhos ← sentado

sentençazinha ← sentença

sepulturazinha ← sepultura

sequinha ou **sequinhas** ← seca

sequinho ← seco
seriazinha ← séria
seringuinha ← seringa
seriosinho ← sério
sermãozinho ← sermão
serpesinha ← serpe
sertanejinhas ← sertaneja
servicinho ← serviço
serviçozinho ← serviço
serzinho ← ser
Silveirinha ← Silveira
simulacrozinho ← simulacro
sinalzinho <~> **sinalsinho** ou **sinaiszinhos** ← sinal
sinhá-mocinha ← sinhá-moça
sinhazinha <~> **sinházinha** ou **sinhazinhas** ← sinhá
sininho ← sino
sinhozinho ← sinhô [<~>] senhor
sinozinho ← sino
sirigaitazinha ← sirigaita
sítiozinho ← sítio
sobradinho ← sobrado
sobressaltozinho ← sobressalto
sobrinhozinho ← sobrinho
sofazinho ← sofá
soldadinho ou **soldadinhos** ← soldado
soldinho ← soldo
solteirinha ← solteira
soluçãozinho ← solução
solzinho ← sol
sombrinha ou **sombrinhas** ← sombra
sonetinhos ← soneto
sonetozinho ← soneto
soninho ← sono
sonsinha ou **sonsinhas** ← sonsa

sonsinho ← sonso

sonzinho ← som

sopinha ou **sopinhas** ← sopa

sorrisinho <~> **sorrizinho** ← sorriso <~> sorrizo

sorrisozinho ← sorriso

sorubyzinho ← *soruby <~> sorubi

sossegadinha <~> **socegadinha** ou **sossegadinhas** ← sossegada <~> socegada

sossegadinho ou **sossegadinhos** ← sossegado

sotãozinho ← sótão

sósinha <~> **sózinha** <~> **sozinha** <~> **sòzinha** ou **sozinhas** <~> **sózinhas** <~> **sòzinhas** ← só

sõzinha ← *sõ [<~>] só

sozinho <~> **sózinho** <~> **sósinho** <~> **sosinho** <~> **sôzinho** ou **sozinhos** <~> **sòzinhos** ← só <~> sô

sotaquezinho ← sotaque

suadinho ← suado

sucessozinho ← sucesso

sucuruinha ← *sucuru [<~>] sucuri

suetozinho ← sueto

sujeitinha ou **sujeitinhas** ← sujeita

sujeitinho <~> **sugeitinho** ou **sujeitinhos** ← sujeito <~> sugeito

sujinhas ← suja

sultãozinho ← sultão

surrãozinho ← surrão

suspirinho ou **suspirinhos** ← suspiro

suspirozinho ← suspiro

sustozinho ← susto

tabaquinho ← tabaco

taberninhas ← taberna

tabuazinha ← tábua

tabuinha ou **tabuinhas** ← tábua

tachinho ← tacho

talhadinho ← talhado

talhadinha ← talhada

talosinhos ← talo
taludinha ← taluda
taludinho ← taludo
tamanhinha ← tamanha
tamanhinho ← tamanho
tamaninho ← tamano [<~>] tamanho
tamanquinhas ← tamanca
tamanquinho ← tamanco
tanquesinho ← tanque
tanquinho ← tanque
tantinho ← tanto
tapetinhos ← tapete
tarambolinhas ← tarambola
tardesinha ← tarde
tardinha ou **tardinhas** ← tarde
tarequinho ← tareco
teatrinho ou **teatrinhos** ← teatro
teixugozinhos ← teixugo
telazinha ou **telazinhas** ← tela
temperamentozinhos ← temperamento
tempinho ← tempo
templozinho ← templo
temporadinha ← temporada
tenrinhas ← tenra
tenrinho ← tenro
tentaçãozinha ou **tentaçãozinhas** ← tentação
tentativazinha ← tentativa
Teodoriquinho ← Teodorico
Teresinha <~> **Terezinha** ou **Teresinhas** ← Teresa <~> Tereza
terneirinhos ← terneiro
terraçozinho ← terraço
terreirinho ou **terreirinhos** ← terreiro
terreirosinho ← terreiro
terrinha ← terra

tesinho ← teso
tesourinha ← tesoura
Tetezinha ← Teté <~> Tetê
tiazinha ← tia
tigelinha <~> **tijelinha** ou **tigelinhas** ← tigela <~> tijela
tiquinho ← tico
tiradinho ← tirado
tirinha ← tira
tirozinhos ← tiro
Titózinho ← Titó
títulozinho ← título
toalhinha ← toalha
todinhas ← toda
Toinho ← *Tõio/← António <~> Antônio
toilettezinho ← toilette <~> toilette
toldinha ← tolda
tolinha ou **tolinhas** ← tola
tolinho ou **tolinhos** ← tolo
Tomasinha ← Tomásia
tontinha ou **tontinhas** ← tonta
torradinha ou **torradinhas** ← torrada
torradinho ou **torradinhos** ← torrado
torrãozinho ← torrão
tortinho ← torto
torrezinha ← torre
torrinha ou **torrinhas** ← torre
t[os]sezinha ← tosse
tossinha ← tosse
tostãozinho ou **tostõesinhos** ← tostão
Totozinha ← Totó
touquinha ← touca
trabalhadorazinha ← trabalhadora
trabalhinho ← trabalho
trabalhozinho ← trabalho

traduçãozinha ← tradução
traiçãozinhas ← traição
tramazinha ← trama
trambolhozinho ← trambolho
trancinha ← trança
transpiraçãozinha ← transpiração
trapeirinhas ← trapeira
trapinho ou **trapinhos** ← trapo
trastezinho ← traste
traverseirinha ou **traverseirinhas** ← travesseira
traverseirinho ou **traverseirinhos** ← travesseiro
travessinha ou **travessinhas** ← travessa
treatrinho ← treatro [<~>] teatro
trechozinho ← trecho
trigueirinha ou **trigueirinhas** ← trigueira
tristezinha ← triste
tristinha ou **tristinhas** ← triste
tristinho ou **tristinhos** ← triste
tropinha ← tropa
trouxinha ← trouxa
trouxasinha ← trouxa
Tudinha ← *Tude /← Gertrude
tudinho ← tudo
tulhasinhas ← tulha
tumulozinho ← tûmulo
tutaninho ← tutano
unidinha ← unida
unidinho ou **unidinhos** ← unido
unzinho ← um
urnazinhas ← urna
vaidadezinha ou **vaidadezinhas** ← vaidade
vaidosinha ← vaidosa
vaidosinho ← vaidoso
Valbomzinho ← Valbom

valsinha ou **valsinhas** ← valsa
vaporzinho ou **vaporezinhos** ← vapor
vaqueirinho ou **vaqueirinhos** ← vaqueiro
vaquinha ou **vaquinhas** ← vaca
varandinha ← varanda
vargenzinha ← vargem
varinha ou **varinhas** ← vara
vasinhos ← vaso
veadinha ou **veadinhas** ← veada
veadinho ← veado
veiazinha ou **veiazinhas** ← veia
velazinha ← vela
velhinha ou **velhinhas** ← velha
velhinho ou **velhinhos** ← velho
velinha ou **velinhas** ← vela
veludinho ← veludo
Venancinha ← Venância
Venancinho ← Venâncio
vendinha ou **vendinhas** ← venda
venozinho ← veneno
ventinho ← vento
ventoquinho ← vento
ventrezinho ou **ventrezinhos** ← ventre
verdezinha ← verde
vergonhazinha ← vergonha
vermelhinha ← vermelha
vermutequinho ← vermute
versinho ou **versinhos** ← verso
vestidinha ou **vestidinhas** ← vestida
vestidinho ou **vestidinhos** ← vestido
veuzinho ← véu
vezinha ← vez
viagenzinha ← viagem
viborazinha ← víbora

vibraçãozinha ← vibração
videirinha ← videira
vidinha ou **vidinhas** ← vida
vidrinho ← vidro
vigarinho ← vigário
vigariozinho ← vigário
vilazinha ← vila
vingançazinha ou **vingançazinhas** ← vingança
vinhinho ← vinho
vinhozinho ← vinho
vintezinho ou **vintezinhos** ← vintem <~> vintém
violinha ← viola
Virgininha ← Virgínia
Viriatinho ← Viriato
virtudezinha ← virtude
viscondessinha ← viscondessa
visitinhas ← visita
vistazinha ← vista
vitelinha ← vitela
viuvinha ← viuva <~> viúva
vivendasinha ← vivenda
volumezinho ← volume
voltaretezinho <~> **voltaretinho** ← voltarete
vontadezinhas ← vontade
vontadinha ← vontade
vosmecezinha ← vosmecê
votinhos ← voto
vozinha ← voz
vultozinho ← vulto
xadrezinho <~> **xadresinho** ← xadrez <~> xadres
xicarinha ← xícara
xicrinha ← *xicra [<~>] xícara
zanguinha ou **zanguinhas** ← zanga
Zefinha ← Zefa /← Jozefa <~> Josefa

Zezinha ← *Zeza /← Maria José

Zézinho ← Zé /← José <~> Jozé

Zizinha ← Ziza

Zulmirinha ← Zulmira

Zuzinha ← Zuza /← José <~> Jozé

Diminutivos em -t-

abelhitas ◀ esp. *abejita*

acanhadota ← acanhada

acordito ← acordo

atrizita ← atriz <~> atriz

aldeota ← aldeia

alegrête ◀ esp. *alegrete*

amarelito ◀ esp. *amarillito*

ameaçozito ← ameaço

Ameliazita ← Amélia

Amelita ← Amélia

ancoreta ou **ancoretas** ◀ it. *ancoretta*

anneletes ◀ cat. *annelet* ou it. *annelletti* ou it. *annelletto*

animalito ◀ esp. *animalito*

Anita ◀ esp. *Anita*

ansiazita ← ansia

Arroiozitos ← Arroio

artiguito ← artigo

asitas ◀ esp. *asita* ou esp. *alitas*

ataquezito ← ataque

atrizita ← atriz

Augustito ← Augusto

avezita ou **avezitas** ◀ esp. *avezita* ou esp. *avecita*

Babita ← *Baba /← Bárbara

bacharelete ← bacharel

- bacharelitos** ← bacharel
- baixota** ← baixa
- balancete** ◀ it. *belancette*
- banqueta** ou **banquetas** ◀ esp. *banqueta*
- barraquita** ← barraca
- barbita** ◀ esp. *barbita*
- bezerritos** ◀ esp. *becerrito*
- bocadito** ◀ esp. *bocadito*
- bonitota** ← bonita
- boquita** ◀ esp. *boquita*
- bosquezito** ◀ esp. *bosquecito*
- bosquete** ou **bosquetes** ◀ fr. *bosquet* ou prov. *bosquet* ou esp. *bosquete* ou it. *boschetto*
- bracito** ou **bracitos** ◀ esp. *bracito*
- burrita** ◀ esp. *burrita*
- cabecita** ◀ esp. *cabecita*
- cabrita** ~← cabrito < b.-lat. *caprītus*
- cabrito** ou **cabritos** < b.-lat. *caprītus*
- cachorrito** ◀ esp. *cachorrito*
- caderneta** ou **cadernetas** ← caderno
- caixetas** ◀ esp. *caxeta*
- caixita** ◀ esp. *cajita*
- caldeirãozito** ← caldeirão
- cambraieta** ← cambraia
- campito** ◀ esp. *campito*
- capelita** ← capela
- carito** ◀ esp. *carito*
- Carlito** ou **Carlitos** ◀ esp. *Carlitos*
- carneiritos** ← carneiro
- carreirito** ou **carreiritos** ← carreiro
- carrito** ◀ esp. *carrito*
- casita** ou **casitas** ◀ esp. *casita*
- casota** ou **casotas** ← casa
- casquete** ◀ esp. *casquete*
- cançoneta** ou **cançonetas** ◀ fr. *chancenete* > fr. *chanconete* ou esp. *cançoneta*

caxetas ◀ esp. *caxeta*
ceiazita ← ceia
chacarazita ← chácara
chalezito ← chalé
chazito ← chá
cheiretes ← cheiro
chibato ◀ esp. *chivato* ou esp. *chibato*
chiquita ◀ esp. *chiquita*
chiquito ◀ esp. *chiquito*
ciganita ◀ esp. *gitanita*
cigarrito ◀ esp. *cigarrito*
Clarita ◀ esp. *Clarita*
cofrezito ◀ esp. *cofrecito*
coisita ◀ esp. *cosita*
coitadita ◀ esp. *cuitadita*
coitadito ◀ esp. *cuitadito*
colarsito ◀ esp. *collarcito*
colchãozito ◀ esp. *colchoncito*
colicazitas ← cólica
colunazita ← coluna
comprazitas ← compra
compridito ← comprido
coraçãozito ◀ esp. *corazoncito*
cordeirito ◀ esp. *corderito*
cousitas ◀ esp. *cosita*
craveirete ← craveiro
crecidita ◀ esp. *crecida*
criadita ◀ esp. *criadita*
criadito ou **criaditos** ◀ esp. *criadito*
criancita ou **criancitas** ← criança
Cristinita ← Cristina
culpazita ← culpa
curveta ou **curvetas** ◀ fr. *courbette* ou it. *corvetta*
Danielzito ← Daniel

degrauzito ← degrau
diabrete ou **diabretes** ← diabro [<~>] diabo
dividazita ← dívida
doentita ← doente
Eduardito ◀ esp. *Eduardito*
eguazita <~> **eguasita** ← égua
elevaçãosita ◀ esp. *elevacioncita*
empreguito ← emprego
enfezadita ← enfezada
enfezadito ← enfezado
entradota ← entrada
esboçeto ← esboço
escritoriozito ← escritório
escudete ou **escudetes** ◀ cat. *escudet* ou esp. *escudete*
esfoladito ← esfolado
espanholita ← espanhola
estatueta ou **estatuetas** ◀ fr. *statuette*
faniquito ou **faniquitos** ← fanico
fazendita ← fazenda
febritas ← febre
feiazita ← feia
fermentozito ← fermento
ferrete ou **ferretes** ◀ fr. *ferret*
fidalguete ◀ esp. *hidalguete*
fidalguito ◀ esp. *hidalguito*
figureta ◀ it. *figuretta*
figurita ◀ esp. *figurita*
filhita ◀ esp. *hijita*
filhito ◀ esp. *hijito*
fiveleta ← fivela
floritas ◀ esp. *florita*
florzitas ← flor
focinhos ← focinho
folhetas ◀ esp. *foillet*

- folhitas** ◀ esp. *hojita*
francesito ◀ esp. *francesito*
fraquita ◀ esp. *flaquita*
fraquito ◀ esp. *flaquito*
fuscozito ← fusco
galhardetes ◀ cat. *gallardet*
galeotas ◀ it. *galeotta* ou fr. *galiota* ou fr. *galiotte* ou fr. *galliotte*
garotitos ← garoto
garçotas ◀ esp. *garçota* ou esp. *garzota*
garrafita ◀ esp. *garrafita*
gauchito ← gaúcho
gordita ◀ esp. *gordita*
gordito ◀ esp. *gordito*
gordota ← gorda
graçotas ← graça
granditos ← grande
grauzito ← grau
Henriqueta ◀ fr. *Henriquette*
historieta ou **historietas** ◀ fr. *historiette* ou it. *storietta*
homenzito ◀ esp. *hombrezito* ou esp. *hombrecito*
igrejotas ← igreja
ilhota ou **ilhotas** ◀ esp. *islote*
intrigazitas ← intriga
irmãzita ← irmã
janeleta ← janela
janelita ← janela
jardinete ou **jardinetes** ◀ fr. *jardinet*
Jeovanito ← Jeovane
Joanita ◀ esp. *Juanita*
joguete ou **joguetes** ◀ prov. *joguet* ou esp. *juguete*
lanceta ou **lancetas** ◀ fr. *lancete* ou esp. *lanceta*
Laurita ← Laura
libreto ou **libretos** ◀ it. *libretto*
libritas ← libra

librito ◀ esp. *librito*

Lindita ← Linda

lingüeta <~> **lingueta** ◀ fr. *languette* ou it. *linguetta*

livrete ou **livretes** ◀ fr. *livret*

lobulozito ← lóbulo

lojita ← loja

Lolita ◀ esp. *Lolita*

Luisita ◀ esp. *Luisita*

luvitas ← luva

luzita ou **luzitas** ← luz

magrito ◀ esp. *magrito*

macaquitos ← macaco

mãezita ◀ esp. *madrecita*

magrita ◀ esp. *magrita*

magrito ◀ esp. *magrito*

malandretes ← malandro

maldadezitas ← maldade

maleta ou **maletas** ◀ esp. *maleta* ou fr. *malette* ou cat. *maleta*

manchitas ◀ esp. *manchita*

mantelete ou **manteletes** ◀ fr. *mantelet* ou cat. *mantellet*

Manoeleta ← Manoela

maquinetas ◀ fr. *machinette*

mãosita ← mão

Margaridita ← Margarida

Marianita ◀ esp. *Marianita*

Maricota ◀ esp. *Maricota*

Mariquita ◀ esp. *Mariquita*

marinheirito ◀ esp. *marinerito*

meninotas ← menina

moedazita ← moeda

moletas ◀ fr. *molette* ou esp. *moleta* ou cat. *moleta*

morenita ◀ esp. *morenita*

motetes ◀ fr. *motet* ou esp. *motete*

motinzito ← motim

muchachito ◀ esp. *muchachito*
murito ← muro
narizito ◀ esp. *naricita*
naveta ◀ fr. *navette*
negociozito ← negócio
negrota ou **negrotas** ← negra
nesguita ◀ esp. *nesguita*
nevoazitas ← névoa
Nicota ou **Nicotas** ← *Nica ← Anica
novata ◀ esp. *novata*
novato ou **novatos** ◀ esp. *novato*
novilhota ou **novilhotas** ← novilha
obrita ◀ esp. *obrita*
oficialitos ◀ esp. *oficialito*
olhitos ◀ esp. *ojito*
ossitos ◀ esp. *huesito*
padeirita ← padeira
paisagenzita ← paisagem
paizito ← paiz [←~>] país
palacete ou **palacetes** ◀ it. *palazzetto* ou it. *palagietto*
palavretas ← palavra
palheirito ← palheiro
palhete ou **palhetes** ◀ fr. *paillette* ou esp. *palhete*
palhotas ◀ fr. *pailotte*
palito ou **palitos** ◀ esp. *palito*
palpebrazitas ← pálpebra
pandeireta ◀ esp. *pandereta*
parreirita ← parreira
passarito ◀ esp. *pajarito*
passeiozito ← passeio
patito ◀ esp. *patito*
pecaditos ◀ esp. *pecadito*
Pedrito ◀ esp. *Pedrito*
perneta ◀ esp. *perneta*

pequenita ◀ esp. *pequeñita*
pequenito ou **pequenitos** ◀ esp. *pequeñito*
pequenota ← pequena
pequetita [<~>] **pequenita** ◀ esp. *pequeñita*
pequetitos [<~>] **pequenito** ◀ esp. *pequeñito*
peralvilhito ← peralvilho
perdigotos < lat. vulg. *perdicottus
pernita ou **pernitas** ◀ esp. *pernita*
picadita ← picada
pinguita ← pinga
piorrita ← piorra
pistoletes ◀ fr. *pistolet*
pobrezita ◀ esp. *pobrezita* ou esp. *pobrecita*
pobrezito ou **pobrezitos** ◀ esp. *pobrezito* ou esp. *pobrecito*
poemeto ou **poemetos** ◀ it. *poemetto*
poldretas ← poldra
portita ◀ esp. *puertita*
portuguesito ← português
poucochito ← *poucocho
pouquita ◀ esp. *poquita*
pouquito ◀ esp. *poquito*
principeta ← *príncipa
puxadito ← puxado
quartilhito ← quartilho
quartito ◀ esp. *cuartito*
ramalhete ou **ramalhetes** ◀ cat. *ramellet* ou esp. *ramillete*
ramilhete ◀ cat. *ramellet* ou esp. *ramillete*
rapariguita ou **rapariguitas** ← rapariga
raparigota <~> **rapariguota** ou **raparigotas** ← rapariga
rapazito ou **rapazitos** ◀ esp. *rapazito*
Rapósito ◀ esp. *raposito*
regalito ◀ esp. *regalito*
repiquete ◀ esp. *repiquete*
republiqueta ← república

reumatismozito ← reumatismo
revolucionáriozito ← revolucionário
risota ou **risotas** ◀ esp. *risota*
romancete ◀ esp. *romancete*
roseta ou **rosetas** ◀ fr. *rosette* ou it. *rosetta* ou cat. *roseta* ou esp. *roseta*
Rosita ◀ esp. *Rosita*
rugazita ← ruga
ruasita <~> **ruazita** ou **ruazitas** ← rua
saleta ou **saletas** ◀ esp. *saleta* ou it. *saletta*
saberetes ← saber
saiazita ← saia
salgadete ← salgado
salmonetes ◀ esp. *salmonete* ou fr. *surmulet*
saloiazita ← saloia
saloita ← saloia
sarampozito ← sarampo
senhorita ◀ esp. *señorita*
Serpazitos ← Serpa
serrotas ← serra
sineta ou **sinetas** ← sino
sultanete ← sultão
tabuleta ou **tabuletas** ◀ it. *tavoletta*
tamborete ou **tamboretetes** ◀ fr. *tabouret*
tarjetas ◀ esp. *tarjeta*
taveirete ← taveira
tiranete ou **tiranetes** ← tirano
tocaditos ← tocado
tossezita ← tosse
tranqueta ← tranca
trastezito ← traste
tremidito ← tremido
trigueirota ← trigueira
trouxazita ← trouxa
tubozito ← tubo

valeta ◀ esp. *valeta* ou it. *valletta*
vaqueta ou **vaquetas** ◀ fr. *vachette* ou esp. *vaqueta*
vareta ou **varetas** ◀ esp. *vareta*
velhaquetes ← velhaco
velhita ou **velhitas** ◀ esp. *viejita*
velhito ◀ esp. *viejito*
velhota ◀ fr. *vieillotte*
versete ou **versetes** ◀ fr. *verset*
versetos ◀ it. *versetto* ou fr. *verset*
vestidito ◀ esp. *vestidito*
viagenzita ◀ esp. *viagecito*
vinhito ◀ esp. *vinito*
volumete ← volume
volumezito ← volume
volumitos ← volume
xalito ← xale
xansoneta ◀ fr. *chancenete* > fr. *chanconete* ou esp. *cançoneta*

Diminutivos em *-ino*

pequenina ou **pequeninas** ◀ esp. *pequenina*
pequenino ou **pequeninos** ◀ esp. *pequenino*
pequinino [<~>] **pequenino** ◀ esp. *pequenino*
tamanino ◀ esp. *tamañino*

Diminutivos em *-lh-*

barbilha ◀ esp. *barbilla*
bolsilho ◀ esp. *bolsillo*
boquilha ou **boquilhas** ◀ esp. *boquilla*

camilha ◀ esp. *camilla*
cabecilha ou **cabecilhas** ◀ esp. *cabecilla*
cartilha ou **cartilhas** ◀ esp. *cartilla*
casquilha ou **casquilhas** ◀ esp. *casquilla*
cigarrilha ou **cigarrilhas** ◀ esp. *cigarrillo*
cigarrilho ◀ esp. *cigarrillo*
conventilho ou **conventilhos** ◀ esp. *conventillo*
criancelho ← criança
estampilha ou **estampilhas** ◀ esp. *estampilla*
fedelho < lat. vulg. *foetĭculum
gazetilha ou **gazetilhas** ◀ esp. *gazetilla*
gentelha ← gente
guerrilha ou **guerrilhas** ◀ esp. *guerrilla*
maltrapilha ou **maltrapilhas** ◀ esp. *maltrapilla*
maltrapilho ou **maltrapilhos** ◀ esp. *maltrapillo*
migalha ou **migalhas** < lat. hsp. *micalĕa
migalho ~← migalha < lat. hsp. *micalĕa
ministrelhos ← ministro
novilhas ◀ esp. *novilla*
novilho ou **novilhos** ◀ esp. *novillo*
olhadelha ← olhada
palmilha ou **palmilhas** ◀ esp. *palmilla*
pecadilho ou **pecadilhos** ◀ esp. *pecadillo*
potrilho ◀ esp. *potrillo*
potranquilho ◀ esp. *potranquillo*
rapazelho ◀ esp. *rapazejo*
rosilha ◀ esp. *rosilla*
rosilho ◀ esp. *rosillo*
rodilha ou **rodilhas** ◀ esp. *rodilla*
serrilha ou **serrilhas** ◀ esp. *cerrillo* ou esp. *serrillo*
tropecilho ◀ esp. *tropecillo*
tropilha ◀ esp. *tropilla*
sarampelho ← sarampo

Diminutivos em -c-

abanicos ◀ esp. *abanico*

amóricos ← amor

Anica [<~>] **Annica** ou **Annicas** ◀ esp. *Anica*

Antonica ~← Antonico ◀ esp. *Antonico*

Antonico ◀ esp. *Antonico*

barbicas ◀ esp. *barbica*

beijoca ou **beijocas** ← beijo

burrico ou **burricos** < lat. vulg. *burriccus

Filoca ← Filó /← Filomena

fradeco ← frade

Janoca ← *Jana /← Januária

jornaleco ou **jornalecos** ← jornal

libreco [<~>] **livreco** ← libro [<~>] livro

Lindoca ← Linda

livreco ← livro

Maricas ◀ esp. *Marica*

Maricocas ← Marica ← Maria

Maroca ou **Marocas** ← Maria

Mundico ← *Mundo /← Raimundo

namorico ou **namóricos** ← namoro

nanico ◀ esp. *enanico*

nanica ~← nanico ◀ esp. *enanico*

padreca ou **padrecas** ← padre

padreco ou **padrecos** ← padre

pelica ou **pelicas** ◀ esp. *pellica*

Tonica /← Antonica ~← Antonico ◀ esp. *Antonico*

Tonico /← Antonico ◀ esp. *Antonico*

veiaco [<~>] **velhaco** ◀ esp. *vellaco* ou esp. *bellaco*

velhaca ◀ esp. *vellaca* ou esp. *bellaca*

velhaco ou **velhacos** ◀ esp. *vellaco* ou esp. *bellaco*

veranico ◀ esp. *veranico*

vidoca ← vida

Diminutivos em *-l-*

aldeola ou **aldeolas** ← aldeia

apalpadelas ← apalpada

arranhadela ← arranhada

arrumadela ← arrumada

bandeirola ou **bandeirolas** ◀ cat. *banderola* ou esp. *banderola*

bestiola ◀ lat. *bestiola*

bolinhos ← bolinho ← bolo

casinholo ~← casinhola ← casinha

capela ou **capelas** < lat. vulg. *cappella

casinhola ou **casinholas** ← casinha

cidadela ou **cidadelas** ◀ it. *cittadella* ou fr. *citadelle* ou esp. *ciudadela*

criançola ou **criançolas** ← criança

escadinhola ou **escadinholas** ← escadinha

escorregadela ou **escorregadelas** ← escorregada

escorridela ← escorrida

fazendola ← fazenda

farsolas ← farsa

galinhola ou **galinholas** ← galinha

gloriola <~> **gloriola** ou **gloriolas** ◀ lat. *gloriōla*

graçola ou **graçolas** ← graça

lambidelas ← lambida

magricela ou **magricelas** ← magriça

mordidela ou **mordidelas** ← mordida

olhadela ou **olhadelas** ← olhada

palpadelas ← palpada

Pascoela ◀ esp. *Pasquiela*

passadela ← passada

penteadela ou **penteadelas** ← penteada

pisadela ← pisada

piscadela ← piscada

portelas < lat. vulg. *portella

portinhola ou **portinholas** ← portinha

quintarola ← quinta

rabiscadelas ← rabiscada

rodela ou **rodelas** < lat. vulg. *rotella

ruela ou **ruelas** ← rua

sacudidela ou **sacudidelas** ← sacudida

terriola ou **terriolas** ← terra

terrola ← terra

tossidela ← tossida

varruscadela ← varruscada

viela ou **vielas** ← via

vitela <~> **vitella** ◀ lat. vitella

vitelo ◀ lat. vitellus

Diminutivos em *-ch-*

barbicha ◀ fr. *barbiche*

fogacho ou **fogachos** ← fogo

governicho ← governo

papelucho ou **papeluchos** ◀ esp. *papelucho*

pequerrucha ← *pequerra [<~>] pequena

pequerrucho ou **pequerruchos** ← *pequerro [<~>] pequeno

pecurrucha ← *pecurra [<~>] *pequerra

pecurrucho ← *pecurro [<~>] *pequerro

populacho ◀ esp. *populacho*

riacho ◀ esp. *riacho*

vulgacho ◀ esp. *vulgacho*

Diminutivos em *-ulo* e *-culo*

adolescêntula ◀ lat. *adolescentŭla*

ambiciúnculas ← ambição

arbúsculos ◀ lat. **arbuscŭlus*

barbícula ← barba

conventículo ou **conventículos** ◀ lat. *conventicŭlum*

febrícula ◀ lat. *febricŭla*

flóculos ◀ lat. *flocŭlus*

grânulos ◀ lat. *granŭlum*

homúnculo ou **homúnculos** ◀ lat. *homuncŭlus*

janelículas ← janela

mestrículo ← mestre

montículo ou **montículos** ◀ lat. *monticŭlus*

nódulos ◀ lat. *nodŭlus*

nótula ou **nótulas** ◀ lat. *notŭla*

opusculo ou **opúsculos** <~> **opusculos** ◀ lat. *opuscŭlum*

partícula <~> **partícula** ou **partículas** <~> **partículas** ◀ lat. *particŭla*

parvulos ◀ lat. *parvŭlus*

película ou **películas** ◀ lat. *pellicŭla*

questiúncula ou **questiúnculas** ◀ lat. *quaestiuncŭla*

ramúsculo ou **ramúsculos** ◀ lat. *ramuscŭlus*

régulo ou **régulos** ◀ lat. *regŭlus*

súmula ◀ lat. *summŭla*

versículo ou **versículos** ◀ lat. *versicŭlus*

Diminutivos em *-sc-*

pedrisco ◀ esp. *pedrisco*

rabisco ou **rabiscos** /← rabiscar

rabiscas ~← rabisco /← rabiscar

chuvisco ou **chuviscos** /← chuveirar

velhusco ou **velhuscos** ← velho

velhusca ← velha

Diminutivos em *-ejo*

animalejo ou **animalejos** ◀ esp. *animalejo*

casalejo ← casal

gracejo ou **gracejos** ◀ esp. *gracejo*

logarejo ou **logarejos** ◀ esp. *logarejo* ou esp. *lugarejo*

lugarejo ou **lugarejos** ◀ esp. *lugarejo*

motejos ◀ esp. *motejo*

murmurejo /← murmurejar

quintalejo ou **quintalejos** ← quintal

rumorejo /← rumorejar

vilarejo ou **vilarejos** ◀ esp. *Villarejo*

Diminutivos em *-iço*

aranhiço ou **aranhiços** ← aranha

assustadiça ou **assustadiças** ◀ esp. *asustadiza*

assustadiço ou **assustadiços** ◀ esp. *asustadizo*

espantadiça ou **espantadiças** ◀ esp. *espantadiza*

espantadiço ou **espantadiços** ◀ esp. *espantadizo*

espetadiça ← espetada

irritadiça ← irritada

literatiço ← literato

magriço ← magro

resvaladiço ◀ esp. *resvaladizo*

salgadiço ← salgado

Diminutivo em *-im*

boletim ou **boletins** ◀ esp. *boletin* <~> esp. *boletín* ou it. *boletino*

caixotins ◀ esp. *cajetin* <~> esp. *cajetín*

camarim ◀ esp. *camarin*

casaquim ◀ esp. *casaquin*

espadim ou **espadins** ◀ esp. *espadin* <~> esp. *espadín*

flautim ou **flautins** ◀ esp. *flautin* <~> esp. *flautín* ou it. *flautino*

Mundim ← *Mundo ← Raimundo

selim ← sela

Diminutivo em *-ebre*

casebre <~> **cazebre** ou **casebres** ← prov. *casebre* < lat. vulg. **casipula* ou **casibula*

APÊNDICE Bh – Os sufixos diminutivos em português no século XX

Diminutivos em *-inho*

abadezinho ou **abadezinhos** ← abade

abatidinha ← abatida

abczinho ← *abcê <~> abc

abelhinhas ← abelha

abertazinha ← aberta

abertinho ← aberto

abobrinha ou **abobrinhas** ← abobra [<~>] abóbora

aborrecidinha ← aborrecida

abrideirazinha ← abrideira

acabadinha ← acabada

acabadinho ou **acabadinhos** ← acabado

açafatinho ← açafate

acamadinho ← acamado

acertadinho ← acertado

achatadinho ← achatado

aconchegadinho ← aconchegado

atrizinha ← atriz [<~>] atriz

Adelininho ← Adelino

adeusinho <~> **adeuzinho** ou **adeusinhos** ← adeus <~> *adeuz

adiamentosinho ← adiamento

Adozinha ← Adô

Adrianinho ← Adriano

adubadinha ← adubada

advogadinhos ← advogado

Aecinho ← Aécio

afinadinha ← afinada

afinadinho ou **afinadinhos** ← afinado

aflitinha ← aflita

afobadinho ← afobado
Afonsinho ← Afonso
Afraninho ← Afrânio
afrontazinhas ← afronta
agarradinha ← agarrada
agarradinho ou **agarradinhos** ← agarrado
agendazinhas ← agenda
agonizantezinho ← agonizante
agorinha ← agora
aguardentezinha ← aguardente
aguazinha ← água
agüinha <~> **aguinha** ← água
agulhinha ou **agulhinhas** ← agulha
airozinhos ← airozo <~> airoso
ajeitadinho ← ajeitado
ajudazinha ← ajuda
ajudadinha ← ajudada
ajudinha ← ajuda
alagadinhas ← alagada
Alagoinha ou **Alagoinhas** ← Alagoa
Alaorzinho ← Alaor
alarvinho ← alarve
Albaninho ← Albano
Albertinho ← Alberto
Albinha ← Alba
Albuquerquezinho ← Albuquerque
aldeiazinha ou **aldeiazinhas** ← aldeia
alegriazinha ← alegria
alegrinha ← alegre
aleijadinha ← aleijada
aleijadinho ou **aleijadinhos** ← aleijado
alemãozinho ← alemão
Alfredinha ← Alfreda
Alfredinho ← Alfredo

alfinetinho ← alfinete
algibeirinha ← algibeira
algodãozinho <~> **algodãozinho** ← algodão
algosinho ← algoso
alguidarzinho ← alguidar
alhinho ← alho
Alicinha ← Alice
alimentozinho ← alimento
almazinha <~> **almasinha** ← alma
Almeidinha ← Almeida
Almerindinha ← Almerinda
alminha ou **alminhas** ← alma
almocinho ← almoço
almofadinha ou **almofadinhas** ← almofada
alpendrezinho ← alpendre
alqueirinhos ← alqueire
altarzinho ← altar
altinha ← alta
altinho ← alto
altozinho ou **altozinhos** ← alto
alvarinho ← alvar
Alvarinho ← Álvaro
alvinho ou **alvinhos** ← alvo
Alzirinha ← Alzira
amadorzinho ← amador
Amânciozinhos ← Amâncio
amanhadinha ← amanhã
amarelinha ou **amarelinhas** ← amarela
amarelinho ou **amarelinhos** ← amarelo
amarguinhas ← amarga
amarradinha ← amarrada
amarradinho ← amarrado
amarrotadinha ← amarrotada
amassadinha ← amassada

amassadinho ← amassado
Amèliazinha ← Amélia
Amèlinha <~> **Amelinha** ← Amélia
Amieirinha ← Amieira
amiguinha ou **amiguinhas** ← amiga
amiguinho ou **amiguinhos** ← amigo
amochadinha ← amochada
amoladinho ← amolado
amorinhos ← amor
amorozinho ← amorozo <~> amoroso
amorzinho ← amor
amostrazinha ← amostra
amostrinhas ← amostra
Amparinho ← Amparo
anafadinha ← anafada
anainho ← anão
Anitinha ← Anita
anõezinhos ← anão
andarzinho ← andar
anelzinho ou **aneizinhos** ← anel
animalinho ← animal
animalzinho ou **animaizinhos** ← animal
Aninha ou **Aninhas** ← Ana
aninhos ← ano
anjinha ← anja
anjinho ou **anjinhos** ← anjo
anquinha ou **anquinhas** ← anca
antinha ← anta
Antoninha ← Antónia <~> Antônia
Antoninho ← António <~> Antônio
anzolinho ← anzol
aparelhinho ou **aparelhinhos** ← aparelho
apartamentozinho ← apartamento
apertadinha ou **apertadinhas** ← apertada

apertadinho ou **apertadinhos** ← apertado
apresentaçãozinha ← apresentação
apresentadorezinhos ← apresentador
apressadinha ← apressada
apressadinho ou **apressadinhos** ← apressado
apuradinhos ← apurado
aranhazinha ← aranha
arbustinhos ← arbusto
arcozinho ← arco
areinho ← areia
arejozinho ← arejo
arestinha ← aresta
argolazinha ← argola
argolinha ou **argolinhas** ← argola
aristocratazinhos ← aristocrata
Armandinho ← Armando
armariozinho ← armário
armazinha ← arma
aromazinho ← aroma
arquinhos ← arco
arranjadinha ou **arranjadinhas** ← arranjada
arranjadinho ou **arranjadinhos** ← arranjado
arranjinho ou **arranjinhos** ← arranjo
arrãzinha ← arrã [<~>] rã
arredondadinha ← arredondada
arreganhadinho ← arreganhado
arrochadinho ← arrochado
arrozinho ← arroz
arrumadinha ou **arrumadinhas** ← arrumada
arrumadinho ou **arrumadinhos** ← arrumado
Arthurzinho <~> **Arturzinho** ← Arthur <~> Artur
artificiozinho ← artifício
artinha ← arte
arzinho ou **arezinhos** ← ar

arvorezinha <~> **árvorezinha** ou **arvorezinhas** ← árvore

asinha ou **asinhas** <~> **azinhas** ← asa <~> aza

assaltozinho ← assalto

asseadinha ← asseada

asseadinho ← asseado

assentadinho ← assentado

assessoriazinha ← assessoria

assinozinho ← assino

assinzinho ← assim

assustadinha ← assustada

astrozinho ← astro

atadinhos ← atado

atestadinho ← atestado

atilhinho ← atilho

atochadinho ← atochado

atouchadinho ← *atouchado [<~>] atochado

atraçaozinha ← atração

atrasadinha ← atrasada

atrasadinho ou **atrasadinhos** ← atrasado

atrasinho ← atraso

atrizinha ← atriz

audiovisuaiszinhos ← audiovisual

aulinha ou **aulinhas** ← aula

Augustinho ← Augusto

Aurorinha ← Aurora

autoridadezinhas ← autoridade

autorizaçõezinhas ← autorização

aventalinho ← avental

aventalzinho ← avental

avestruzinho ← avestruz

avezinha ou **avezinhas** ← ave

aviãozinho ← avião

avozinha <~> **avózinha** ← avó

avôzinho <~> **avozinho** ou **avozinhos** ← avô

azedinha ← azeda
azeitinho ← azeite
azeitoninha ← azeitona
azinheirinha ← azinheira
babadinhos ← babado
Bachianinha ← Bachiana
bacorinho ou **bacorinhos** ← bacoro <~> bácoro
bafozinho ← bafo
bagrinho ou **bagrinhos** ← bagre
bagulhinho ← bagulho
bagazinhas ← baga
baguinha ou **baguinhas** ← baga
baguinho ou **baguinhos** ← bago
baianinha ← baiana
baianinho ← baiano
bailinho ← baile
baixinha ou **baixinhas** ← baixa
baixinho ou **baixinhos** ← baixo
balançazinhas ← balança
balãozinho ← balão
balcãozinho ← balcão
balizazinhas ← baliza
balsinha ← balsa
bambinho ← bambo
bandeirinha ou **bandeirinhas** ← bandeira
banderinha ← bandera [<~>] bandeira
bandidinha ← bandida
bandejinha ← bandeja
bandinha ou **bandinhas** ← banda
banguzinho ← bangu
banheirinha ← banheira
banhinho ← banho
banquinha ou **banquinhas** ← banca
banquinho ou **banquinhos** ← banco

barãozinho ← barão
baratinha ou **baratinhas** ← barata
baratinho ou **baratinhos** ← barato
barbadinho ← barbado
barbeirinho ← barbeiro
barbinha ou **barbinhas** ← barba
Barcelinhos ← Barcelo(s)
bardinhos ← bardo
barquinha ou **barquinhas** ← barca
barquinho ou **barquinhos** ← barco
barraquinha ou **barraquinhas** ← barraca
barraquinho ← barraco
barreirinha ← barreira
barretinho ou **barretinhos** ← barrete
barrigudinha ← barriguda
barrigudinhos ← barrigudo
barriguinha ← barriga
barrilzinho ou **barrisinhos** <~> **barrizinhos** ← barril
barrinha ← barra
barrinho ← barro
Barriquinha ← Barrica
Barrolinho ← Barrolo
Barrosinho ← Barroso
barrufinho ← barrufo
barulhinho ou **barulhinhos** ← barulho
bastardinha ← bastarda
bastinha ou **bastinhas** ← basta
barzinho ou **barzinhos** ← bar
batatinha ou **batatinhas** ← batata
batidinha ou **batidinhas** ← batida
batonzinho ← batom
bauzinho ← baú
beatinha ← beata
beatinho ← beato

bebedinho ← bêbedo [<~>] bêbado
bebezinho ou **bebezinhos** ← bebê
bebidinha ← bebida
beicinho ou **beicinhos** ← beijo
beijinho ou **beijinhos** ← beijo
beiradinha ← beirada
beirinha ← beira
Belenzinho <~> **Belémzinho** ← Belém
belezinha ← beleza
Belinha ← Bel /← Isabel
bem-te-vizinho ← bem-te-vi
bençãozinha ← bênção
bengalinha ou **bengalinhas** ← bengala
Bentinho ou **Bentinhos** ← Bento
benzinho ← bem
Bernardinho ← Bernardo
Bertinha ← Berta /← Roberta
Bertinho ← Berto /← Alberto ou Roberto
bestazinhas ← besta
besteirinha ou **besteirinhas** ← besteira
bestinha ← besta
besuguinho ← besugo
Betinha ← Beta /← Roberta
Bètinho <~> **Betinho** <~> **Bêtinho** <~> **Bétinho** ← Beto /← Alberto ou Roberto
bexiguinha ← bexiga
bezerrinha ou **bezerrinhas** ← bezerra
bezerrinho ← bezerro
Biazinha ← Bia /← Beatriz
bichaninha ← bichana
bichinha ou **bichinhas** ← bicha
bichinho ou **bichinhos** ← bicho
bichozinho ← bicho
bicudinha ← bicuda
Bidinho ← *Bide /← Alcebíade(s)

bifezinho ← bife
bifinho ou **bifinhos** ← bife
bigodinho ← bigode
bilhetinho ou **bilhetinhos** ← bilhete
bilontrinha ← bilontra
Biluzinho ← Bilu
biografiazinha ← biografia
biquinha ← bica
biquinho ou **biquinhos** ← bico
biquininho ← biquine
birosquinha ← birosca
biscazinha ← bisca
biscoitinho ou **biscoitinhos** ← biscoito
bloquinho ← bloco
blusinha ← blusa
boazinha ← boa
bobagenzinha ← bobagem
bobaginha ← bobage [<~>] bobagem
bobinha ou **bobinhas** ← boba
bocadinho ou **bocadinhos** ← bocado
bocazinha ← boca
bocetinha ← boceta
bochechinhas ← bochecha
bochechosinho ← bochecho
bodinho ← bode
bodozinho ← bodo
boieirinha ← boeira
boinha ← boa
boinho ← boi
boizinho ou **boizinhos** ← boi
bolachinha ou **bolachinhas** ← bolacha
bolazinha ← bola
bolhazinha ← bolha
bolinha ou **bolinhas** ← bola

bolinho ou **bolinhos** ← bolo
bolotinhas ← bolota
bolsinha ou **bolsinhas** ← bolsa
bolsinho ou **bolsinhos** ← bolso
bombinhas ← bomba
bondezinho ← bonde
bondinho ou **bondinhos** ← bonde
bonequinha ou **bonequinhas** ← boneca
bonequinho ou **bonequinhos** ← boneco
bonezinho <~> **bonnézinho** ← boné
Boninho ← Boni /← Bonifácio
bonitinha ou **bonitinhas** ← bonita
bonitinho ou **bonitinhos** ← bonito
bonzinho ou **bonzinhos** ← bom
boquinha ou **boquinhas** ← boca
borboletinha ou **borboletinhas** ← borboleta
bordadinhos ← bordado
bordinha ← borda
borlinhas ← borla
borrachinha ← borracha
borradinho ← borrado
borreguinho ou **borreguinhos** ← borrego
botãozinho <~> **botãozinho** ou **botõezinhos** ← botão
botezinho ou **botezinhos** ← bote
botinhas ← bota
bouquinha ← *bouca [<~>] boca
boyzinhos ← boy
bracinho ou **bracinhos** ← braço
Braguinha ← Braga
Brandãozinho ← Brandão
branquinha ou **branquinhas** ← branca
branquinho ou **branquinhos** ← branco
brasileirinha ← brasileira
brasileirinho ← brasileiro

brasazinhas ← brasa

brasinhas ← brasa

Brejinho ← Brejo

brincadeirinha ← brincadeira

brigazinha ← briga

briguinha ou **briguinhas** ← briga

brilhosinho ← brilho

brinquedinho ← brinquedo

brinquinho ou **brinquinhos** ← brinco

brisinha ou **brisinhas** ← brisa

brochezinho ← broche

broquinho ← broche

brochurinhas ← brochura

broinha ou **broinhas** ← broa

brotinhos ← broto

bruguelinho ← bruguelo

brunhozinho ← brunhozo

brutinha ← bruta

brutinho ou **brutinhos** ← bruto

bruxinha ← bruxa

buchazinha ← bucha

bugalhinho ← bugalho

bulezinho ← bule

bundinha ← bunda

buquezinhos ← buquê

buraquinho ou **buraquinhos** ← buraco

burguesiazinha ← burguesia

burguesinha ou **burguezinhas** ← burguesa <~> burgueza

burguesinhos ← burguês

burlazinhas ← burla

burrinha ou **burrinhas** ← burra

burrinho ou **burrinhos** ← burro

cabacinha ou **cabacinhas** ← cabaça

cabaninha ← cabana

cabazinho ← cabaz

cabecinha ou **cabecinhas** ← cabeça

cabeceirinha ← cabeceira

cabelinho ou **cabelinhos** <~> **cabellinhos** ← cabelo <~> cabello

cabeludinha ← cabeluda

caboclinha ou **caboclinhas** ← cabocla

caboclinho ou **caboclinhos** ← caboclo

Cabralzinho ← Cabral

cabrestilinhos ← cabrestilho

cabrestilhozinhos ← cabrestilho

cabrinha ou **cabrinhas** ← cabra

cabritinho ou **cabritinhos** ← cabrito

cabrochasinha ← cabrocha

cabrochinha ← cabrocha

caçadazinha ← caçada

cachacinha ← cachaça

cacheirazinha ou **cacheirazinhas** ← cacheira

cacheirinha ← cacheira

cachimbinho ← cachimbo

cachinho ou **cachinhos** ← cacho

cachoeirinha ← cachoeira

cacholinha ← cachola

cachopinha ← cachopa

cachorrinha ← cachorra

cachorrinho ou **cachorrinhos** ← cachorro

cachorrozinho ← cachorro

cacoalinho ← cacoad

caçulinha ← caçula

cadeirinha ou **cadeirinhas** ← cadeira

cadelinha ← cadela

caderninho ou **caderninhos** ← caderno

Caetaninho ← Caetano

cafeteirinha ← cafeteira

cafezinho <~> **cafèzinho** ou **cafezinhos** ← café

cafoninha ← cafona
Caiçarinha ← Caiçara
caidinha ← caída
caidinho ou **caidinhos** ← caído
caixazinha ← caixa
caixãozinho ← caixão
caixeirinho ou **caixeirinhos** ← caixeiro
caixeirozinho ← caixeiro
caixinha ou **caixinhas** ← caixa
caixotinhos ← caixote
caladinha ou **caladinhas** ← calada
caladinho ou **caladinhos** ← calado
calçadinha ou **calçadinhas** ← calçada
calcinha ou **calcinhas** ← calça
caldeirinha ou **caldeirinhas** ← caldeira
caldinho ou **caldinhos** ← caldo
calminha ← calma
calminho ← calmo
calorzinho <~> **calorsinho** ← calor
caludinha ← caluda
camadinha ou **camadinhas** ← camada
camarãozinho ← camarão
camaradinha ← camarada
camarinha ou **camarinhas** ← câmara
camerazinha ← câmara <~> câmera
Camilosinhos ← Camilo
caminha ou **caminhas** ← cama
caminhozinho ← caminho
camisinha ← camisa
camisolinhas ← camisola
campainha ou **campainhas** ← campaa [<~>] campãa
campazinhas ← campa
campeirinha ← campeira
campestrezinho ← campestre

campinho ou **campinhos** ← campo
canalhinha ← canalha
canalzinho ou **canaizinhos** ← canal
canarina ← canária
canarinho ou **canarinhos** ← canário
canastrinha ← canastra
cançãozinha ← canção
cancelinha ← cancela
candeeirinho ← candeeiro
candeinha ← candeia
Candidinho ← Cândido
Candinha ← *Canda /← Cândida
Candinho ← *Cando /← Cândido
canelazinhas ← canela
canelinhas ← canela
canequinha ou **canequinhas** ← caneca
canequinho ← caneco
canetinhas ← caneta
canguruzinha ← cangurua
canguruzinho ← canguru
canjinha ← canja
canhotinha ← canhota
canhotinho ← canhoto
caninha ou **caninhas** ← cana
caninho ← cano
canoazinha ← canoa
canoinha ← canoa
cansadinhas ← cansada
cansadinho ou **cansadinhos** ← cansado
cantarinha ← cântara
canteirinho ou **canteirinhos** ← canteiro
cantiguinha ou **cantiguinhas** ← cantiga
cantinho ou **cantinhos** ← canto
cantorzinho ← cantor

canudinho ou **canudinhos** ← canudo
caosinho ← caos
cãozinho ou **cãezinhos** ← cão
capachinho ← capacho
capelinha ou **capelinhas** <~> **capellinhas** ← capela <~> capella
capenguinha ← capenga
capinha ou **capinhas** ← capa
capinzinho ← capim
capitalzinho ← capital
capotinha ← capota
caprichadinho ← caprichado
capuchinhos ◀ it. *cappuccino*
caquinho ou **caquinhos** ← caco
caracolinhos ← caracol
caranguejinho ← caranguejo
carapauzinho ← carapau
caravelazinhas ← caravela
carazinho ← cará
Cardosinho ou **Cardosinhos** ← Cardoso
carguinha ← carga
carguinho ← cargo
caridadezinha ← caridade
carimbadinha ← carimbada
carinha ou **carinhas** ← cara
carinhozinho ← carinho
carioquinha ← carioca
Carlinhos ← Carlo(s)
Carlotinha ← Carlota
Carminha ← *Carme [<~>] Carmem
Carminho ← Carmo
carneirinho ou **carneirinhos** ← carneiro
carnesinhas ← carne
carninha ← carne
carochinha ou **carochinhas** ← carocha

carocinho ← caroço
caroçozinhos ← caroço
caroninha ← carona
carracinha ← carraça
carranquinha ← carranca
carrapatinho ← carrapato
carrasquinha ← carrasca
carregadinha ou **carregadinhas** ← carregada
carregadinho ou **carregadinhos** ← carregado
carreirãozinho ou **carreirãozinhos** ← carreirão
carreirinha ou **carreirinhas** ← carreira
carreirinhos ← carreiro
carretinha ou **carretinhas** ← carreta
carrinha ou **carrinhas** ← carro
carrinho ou **carrinhos** ← carro
carrocinha ou **carrocinhas** ← carroça
cartãozinho ou **cartõezinhos** ← cartão
carteirinha ou **carteirinhas** ← carteira
cartinha ou **cartinhas** ← carta
cartolinha ← cartola
cartuchinho ← cartucho
Carvalhinho ← Carvalho
casadinhos ← casado
casalinho ou **casalinhos** ← casal
casalzinho ← casal
casamentozinho ← casamento
casquinha ou **casquinhas** ← casaca
casaquinho ou **casaquinhos** ← casaco
cascatinha ← cascata
casquinhos ← cascudo
casinha ou **casinhas** ← casa
casotinha ← casota
casquinha ou **casquinhas** ← casca
casquinho ← casco

castanhinha ← castanha

castazinha ← casta

Castelinho ou **Castelinhos** ← Castelo

catrainho ← catraio

cautelinha ← cautela

cavaletezinho ← cavalete

cavalinha ou **cavalinhas** ← cavala

cavalinho ou **cavalinhos** <~> **cavallinhos** ← cavalo <~> cavallo

cavadinho ← cavado

cavaqueirinha ← cavaqueira

cavaquinho ou **cavaquinhos** ← cavaco

cavidadezinha ou **cavidadezinhas** ← cavidade

cebolinha ou **cebolinhas** ← cebola

cebolinho ← cebolo

cedinho ← cedo

cedulazinha ← cédula

ceguinho ou **ceguinhos** ← cego

ceiazinha ← ceia

ceiinha ← ceia

Celinha ← Célia

Celinho ← Célio

cemiteriozinho ← cemitério

ceninha ou **ceninhas** ← cena

cenourinha ← cenoura

centrinho ← centro

cercadinho ← cercado

cercazinha ← cerca

cerejeirinha ← cerejeira

certinha ou **certinhas** ← certa

certinho ou **certinhos** ← certo

cervejinha ← cerveja

cerzidinhos ← cerzido

Cesinha ← *Cesa [<~>] César

cestinha ou **cestinhas** ← cesta

cestinho ou **cestinhos** ← cesto
Cèuzinha ← Céu /← Maria do Céu
cevadinha ← cevada
chalezinho ← chalé
chamazinha ← chama
chambrinho ← chambre
chancezinha ← chance
chanquinhas ← chanca
chantagenzinha ← chantagem
chãozinho ← chão
chaparrinho ← chaparro
chapelinho ou **chapelinhos** ← chapel [<~>] chapéu
chapeuzinho ← chapéu
chapinha ou **chapinhas** ← chapa
charrinho ← charro
charutinho ← charuto
chavinha ou **chavinhas** ← chave
chazinho <~> **cházinho** <~> **chàzinho** ou **chazinhos** <~> **cházinhos** <~> **chàzinhos** ← chá
chefinho ← chefe
chegadinha ← chegada
chegadinho ou **chegadinhos** ← chegado
cheinha ou **cheinhas** ← cheia
cheinha ou **cheinhas** ← cheia
cheinho ou **cheinhos** ← cheio
cheinho ← cheio
cheirinho ← cheiro
chibatinha ← chibata
chibinho ← chibo
chicotinho ← chicote
chicrinha ← *chicra [<~>] chicara <~> chícara <~> xícara
chinelinha ou **chinelinhas** ← chinela
chinelinho ou **chinelinhos** ← chinelo
chinesinha ← chinesa
Chininha ← China

Chiquinha ← Chica
Chiquinho ← Chico
chispazinhas ← chispa
Chitaozinho ou **Chitãozinho** ← Chitão
chitinha ← chita
chocalhinhos ← chocalho
chopinho ← chope
choquinho ou **choquinhos** ← choco
choradinha ← chorada
choradinho ou **choradinhos** ← chorado
chorinho ou **chorinhos** ← choro
chorozinho ← choro
chumbinho ← chumbo
chupetinha ← chupeta
churrasquinho ← churrasco
chuvazinha ← chuva
chuveirinho ← chuveiro
chuvinha ou **chuvinhas** ← chuva
cibinho ← cibo
Cicinho ← Ciço /← Cícero
cidadezinha ou **cidadezinhas** ← cidade
Cidalinha ← Cidália
Cidinha ← Cida /← Aparecida
cienciazinha ← ciência <~> ciência
ciganinha ← cigana
cigarrinha ← cigarra
cigarinho ou **cigarinhos** ← cigarro
Cilinha ← *Cília /← Cecília
Cilinho ← *Cílio /← Otacílio
cineminha ← cinema
cinturinha ← cintura
cirandinha ← ciranda
circuitozinho ← circuito
cirrosezinha ← cirrose

cisminha ← cisma
ciuminho ← ciúme
clareadinha ← clareada
claridadezinha ← claridade
Clarinha ← Clara
clarinho ou **clarinhos** ← claro
Claudinha ← Cláudia
Claudinho ← Cláudio
clubezinhos ← clube
clubinhos ← clube
cobertinha ← coberta
cobertinho ← coberto
cobrinha ← cobra
cocadinhas ← cocada
coceirinha ← coceira
cochilinho ← cochilo
codorninha ← codorna
codornizinha ou **codornizinhas** ← codorniz
coelhinha ← coelha
coelhinho ou **coelhinhos** ← coelho
cofrezinho ou **cofrezinhos** ← cofre
coirãozinho ← coirão
coisinha ou **coisinhas** ← coisa
coisinho ← coiso
coitadinha ou **coitadinhas** ← coitada
coitadinho ou **coitadinhos** ← coitado
coladinho ou **coladinhos** ← colado
colarzinho ← colar
colchãozinho ← colchão
colchinha ← colcha
coleçãozinha ← coleção
coleginhos ← colégio
coleguinha ou **coleguinhas** ← colega
coletinha ← coleta

coletinho ← colete
colherinha ou **colherinhas** ← colher
colherinhazinha ← colherinha
colherzinha ou **colherzinhas** ← colher
colinho ← colo
colonizadinhos ← colonizado
colunazinhas ← coluna
comboiozinho ← comboio
comecinho ← começo
começozinho ← começo
comercinho ← comércio
comidinha ou **comidinhas** ← comida
comidinho ← comido
comissãozinha ← comissão
comodozinho ← cómodo <~> cômodo
companheirinho ← companheiro
completinho ← completo
comportadinho ou **comportadinhos** ← comportado
compostinho ← composto
compradinha ← comprada
compridinha ou **compridinhas** ← comprida
compridinho ou **compridinhos** ← comprido
comunistazinhos ← comunista
comunzinho ← comum
concentradinha ← concentrada
conchinha ou **conchinhas** ← concha
concrizinho ← concriz
condessinhas ← condessa
confidenciazinha ← confiança
confortadinha ← confortada
consentimentozinho ← consentimento
contadinhas ← contada
contadinho ← contado
contentinho ou **contentinhos** ← contente

continhas ← conta
continho ou **continhos** ← conto
conventinho ← convento
conversadorzinho ← conversador
conversazinha ou **conversazinhas** ← conversa
conversinha ou **conversinhas** ← conversa
copinhas ← copa
copinho ou **copinhos** ← copo
coqueirinho ← coqueiro
coquinho ou **coquinhos** ← coco
coraçãozinho ← coração
coradinha ← corada
corcovadinho ← corcovado
corcundinha ou **corcundinhas** ← corcunda
cordãozinho ou **cordõezinhos** ← cordão
cordeirinha ← cordeira
cordeirinho ou **cordeirinhos** ← cordeiro
cordelinho ou **cordelinhos** ← cordel
cordialzinho ← cordial
cordinha ou **cordinhas** ← corda
cornetinha ← corneta
corninhos [ɔ] ← corno [ɔ]
coroaçaozinha ← coroação
coroazinha ← coroa
coronelzinho ← coronel
corpinho ou **corpinhos** ← corpo
corredorzinho ← corredor
corregozinho ← córrego
correinha ← correia
correntinha ou **correntinhas** ← corrente
corridinha ou **corridinhas** ← corrida
corridinho ou **corridinhos** ← corrido
cortadinha ← cortada
cortadinhos ← cortado

cortezinho ou **cortezinhos** ← corte
cortinha ou **cortinhas** ← cortina
corujinha ← coruja
corzinha ← cor
Cosminho ← Cosme
costeletinhas ← costeleta
costelinha ← costela
Costinha ← Costa
costureirinha ou **costureirinhas** ← costureira
courinho ou **courinhos** ← couro
cousinha ← cousa
couvinhas ← couve
covinha ou **covinhas** ← cova
coxinha ou **coxinhas** ← coxa
coxinho ← coxo
cozidinha ← cozida
cozidinho ← cozido
cozinhadazinha ← cozinhada
craveirinhos ← craveiro
Craveirinha ← Craveira
cravinho ou **cravinhos** ← cravo
cremezinho ← creme
crescentezinho ← crescente
crescentinho ← crescente
crecentozinho ← crescento
crescidinha ou **crescidinhas** ← crescida
crescidinho ou **crescidinhos** ← crescido
crepinhas ← crespas
criadinha ou **criadinhas** ← criada
criaçãozinha ← criação
criadinho ← criado
criancinha ou **criancinhas** ← criança
criaturinha ou **criaturinhas** ← criatura
crimezinhos ← crime

crioulinha ← crioula
crioulinho ← crioulo
cristãozinho ← cristão
critiquinhos ← crítico
cronicazinha ← crônica <~> crónica
crueledadezinha ← crueldade
crustaceozinho ou **crustaceozinhos** ← crustáceo
cruzinha ou **cruzinhas** ← cruz
cubinhos ← cubo
cuidadinho ou **cuidadinhos** ← cuidado
cuítezinho ← cuité
cunhadinho ← cunhado
cuponzinho ← cupom
cuquinho ← cuco
curadinha ← curada
curuminzinho ← curumim
Curralinho ← Curral
cursinho ou **cursinhos** ← curso
curtidinho ← curtido
curtinha ou **curtinhas** ← curta
curtinho ← curto
curvinhas ← curva
Dadinho ← Dado /← Eduardo
Danoninho ← Danone
daminha ← dama
danadinha ← danada
danadinho ← danado
Datinho ← *Dato /← Deodato
Davinho ← Dávio
debaixinho ← debaixo
decentezinho ← decente
Decinho ← Décio
decotinho ← decote
dedinho ou **dedinhos** ← dedo

defeitinho ← defeito
defeitozinho ou **defeitozinhos** ← defeito
definhadinha ← definhada
defumadoirinho ← defumadoiro
degrauzinho ou **degrauzinhos** ← degrau
deitadinho ← deitado
Delfininha ← Delfina
delgadinha ou **delgadinhas** ← delgada
delgadinho ← delgado
demãozinha ← demão
demoninha ← *demónia <~> *demônia
dentadinhas ← dentada
dentadurazinha ← dentadura
dentinho ou **dentinhos** ← dente
denunciiazinha ← denúncia
depressaozinha ← depressão
depressinha ← depressa
derreadinha ← derreada
descalcinha ← descalça
descansadinha ← descansada
descansadinho ← descansado
desconsoladinha ← desconsolada
desentoadozinho ← desentoado
desenvolvedorzinho ← desenvolvedor
desertinho ← deserto
desfeitinha ← desfeita
desfeitinho ← desfeito
desgraçadinha ← desgraçada
desgraçadinho ou **desgraçadinhos** ← desgraçado
Deus-Cristinho ← Deus-Cristo
devagarinho ← devagar
devagarzinho ← devagar
diabinho ou **diabinhos** ← diabo
diamantinhos ← diamante

Dianinha ← Diana
diazinho ou **diazinhos** ← dia
Dicinha ← *Dice [<~>] *Diça /← Dirce
dietazinha ← dieta
diferençazinha ← diferença
diferençinha ← diferença
diferentezinha ← diferente
dinheirinho ← dinheiro
Dircinha ← Dirce
direitinha ou **direitinhas** ← direita
direitinho ou **direitinhos** ← direito
discussãozinha ← discussão
dispositivozinho ← dispositivo
discursinho ← discurso
ditardezinha ← ditarde
Ditinha ← *Dite /← Judite ou Benedita
ditinhos ← dito
divulgadorzinho ← divulgador
Djalminha ou **Djalminhas** ← Djalma
doaçaozinha ← doação
dobradinha ou **dobradinhas** ← dobrada
dobradinho ← dobrado
docinha ou **docinhas** ← doce
docinho ou **docinhos** ← doce
doencinha ← doença
doentezinho ← doente
doentinha ou **doentinhas** ← doente
doentinho ou **doentinhos** ← doente
doidinha ← doida
doidinho ou **doidinhos** ← doido
doiradinha ← doirada
doisinhos ← dois
Dominguinhos ← Domingo(s)
Doninha ← Dona

doninho ← dono
donzelinha ← donzela
donzelinho ← donzelo
Doquinha ← Doca /← Mundoca /← Raimunda
Dorinha <~> **Dôrinha** ← Dora /← Das Dore(s)
dorizinhos ← dóri
dorzinha ou **dorzinhas** ← dor
dosezinha ← dose
douradinha ← dourada
douradinho ou **douradinhos** ← dourado
doutorzinho ← doutor
draminha ou **draminhas** ← drama
Draultzinho ← *Draulte <~> Drault
Dudinha ← Duda /← Eduardo
Dulcinha ← Dulce
dunazinhas ← duna
durinho ou **durinhos** ← duro
duzinha ← dúzia
Edinho ← *Édi /← Édno ou Édimo
Eduardinho ← Eduardo
eguazinha ← égua
eirinha ← eira
eitinho ← eito
elazinha ← ela
elefantinho ← elefante
Elvirazinha ← Elvira
Elvirinha ← Elvira
embalozinho ← embalo
embigudinha ← embiguda
embrulhinho ← embrulho
embrulhozinho ← embrulho
Emilianinha ← Emiliana
Emilinha ← Emília
emocionadinho ← emocionado

empadinha ou **empadinhas** ← empada
empastadinhos ← empastado
empregadinha ou **empregadinhas** ← empregada
empregadinho ← empregado
empreguinho ← emprego
empurrãozinho ← empurrão
encaixezinho ← encaixe
encarnadinho ← encarnado
enceradinho ← encerado
encharcadinhos ← encharcado
encolhidinha ← encolhida
encolhidinho ← encolhido
encontrozinho ← encontro
encostadinho ← encostado
encrenquinhas ← encrenca
enfesadinha <~> **enfezadinha** ← *enfesada <~> enfezada
enfezadinho ← enfezado
engacinho ← engajo
engatadozinhos ← engatado
engomadinho ← engomado
engordadinha ← engordada
engraçadinha ← engraçada
engraçadinho ou **engraçadinhos** ← engraçado
enigmazinho ← enigma
enjeitadinha ← enjeitada
enjeitadinho ou **enjeitadinhos** ← enjeitado
enjoadinha ← enjoada
enregeladinha ← enregelada
enroladinhas ← enrolada
enroladinho ← enrolado
ensacadinhos ← ensacado
ensaiozinho ← ensaio
ensopadinho ou **ensopadinhos** ← ensopado
entendimentozinho ← entendimento

entezinho ou **entesinho** ← ente

entupidinhas ← entupida

enxadinha ou **enxadinhas** ← enxada

enxergazinhas ← enxerga

enxovalzinho ← enxoval

enxutinha ← enxuta

ermidinha ou **ermidinhas** ← ermida

ervazinha ou **ervazinhas** ← erva

ervinha ou **ervinhas** ← erva

escadinha ou **escadinhas** ← escada

escalinha ← escala

escamazinhas ← escama

escaninho ou **escaninhos** ← escano

escapadinha ← escapada

escarninho ou **escarninhos** ← escárnio

escarradinha ← escarrada

escavacadinho ← escavacado

escodidinho ← escondido

escolinha ou **escolinhas** ← escola

escondidinha ← escondida

escoteirinho ← escoteiro

escovadinho ou **escovadinhos** ← escovado

escovinha ou **escovinhas** ← escova

escriniozinho ← escrínio

escudinhos ← escudo

escurinha ← escura

escurinho ou **escurinhos** ← escuro

esforçadinha ← esforçada

esfregadinho ← esfregado

esmolinha ou **esmolinhas** ← esmola

espacinho ← espaço

espadinha ou **espadinhas** ← espada

espelhinho ou **espelinhos** ← espelho

esperançazinha ← esperança

espertinha ← esperta
espertinho ← esperto
espetinho ← espeto
espiadinha ← espiada
espigadinha ← espigada
espiguinha ← espiga
espojadinho ← espojado
esponjinhas ← esponja
espremidinhas ← espremida
espremidinho ← espremido
espingardinha ← espingarda
esqueletinho ← esqueleto
esqueminha ← esquema
Esquerdinha ← esquerda
esquifezinho ← esquife
estaçãozinha ou **estaçãozinhas** ← estação
estalinho ou **estalinhos** ← estalo
estampadinho ← estampado
estaquinhas ← estaca
estatuazinha ou **estatuazinhas** ← estátua
esteirinha ou **esteirinhas** ← esteira
Esterzinha ← Ester
estilinhos ← estilo
esticadinha ← esticada
esticadinho ← esticado
estoiradinho ← estoirado
estojinhos ← estojo
estojozinho ← estojo
estopinhas ← estopa
estorinha ← estória
estradinha ou **estradinhas** ← estrada
estradozinho ← estrado
estraguinhos ← estrago
estrangeirinha ← estrangeira

estreitinha ou **estreitinhas** ← estreita

estreitinho ← estreito

estrelinha ou **estrelinhas** ← estrela

estudantinhos ← estudante

estufadinha ← estufada

exemplinhos ← exemplo

existênciazinha ← existência

explicadinho ← explicado

ex-pracinhas ← ex-praça

expressinho ← expresso

evinha ← eva

Fabinho ← Fábio

facãozinho ← facão

facadinha ← facada

fadinhas ← fada

fadinho ← fado

fagulhazinha ← fagulha

fajãzinha ← fajã

falhazinha ← falha

falinha ou **falinhas** ← fala

faltinho ← falta

famíliazinhas ← família

fantasminha ← fantasma

faquinha ou **faquinhas** ← faca

fardadinho ← fardado

fardozinho ← fardo

farelinho ← farelo

farpazinha ← farpa

farrapeirinha ← farrapeira

farrapinhas ← farrapa

farrapinho ← farrapo

fartinha ou **fartinhas** ← farta

fartinhos ← farto

fatiazinha ← fatia

Fatinha ← *Fáti ← Fátima

fatinho ou **fatinhos** ← fato

fatorzinho ← fator

favinhas ← fava

favorzinho <~> **favorsinho** ou **favorzinhos** <~> **favorezinhos** ← favor

fazendazinha ← fazenda

fazendinha ou **fazendinhas** ← fazenda

febrazinha ← febra [<~>] fibra

febrezinha ← febre

febrinha ou **febrinhas** ← febre

fechadinha ou **fechadinhas** ← fechada

fechadinho ← fechado

fechinhos ← fecho

feiazinha ← feia

feiinha ← feia

feinha ← feia

feinho ← feio

feijãozinho ← feijão

feirinha ← feira

feiticeirinha ← feiticeira

feitinha ou **feitinhas** ← feita

feitinho ou **feitinhos** ← feito

Feitosinha ← Feitosa

Feitosinho ← Feitosa

feixinho ← feixo

Felicinho ← Felício

felpinha ← felpa

femeazinha ← fêmea <~> fémea

ferazinha ← fera

ferinhas ← fera

feriazinha ← féria

festinha ou **festinhas** ← festa

feretrozinho ← féretro

ferimentozinho ← ferimento

fermentinho ← fermento
fermentoquinho ← fermento
Fernandinha ← Fernanda
Fernandinho ← Fernando
Ferreirinha ← Ferreira
ferreirinhos ← ferreiro
ferrinho ou **ferrinhos** ← ferro
ferroadazinha ← ferroadada
fezinha <~> **fézinha** ← fé
fialhinhos ← fialho
fichinha ← ficha
fidalguinta ou **fidalguintas** ← fidalga
fidalguinto ou **fidalguintos** ← fidalgo
fielzinho ← fiel
Figueirinhas ← Figueira
figuinta ou **figuintas** ← figa
figurinha ou **figurinhas** ← figura
filazinha ← fila
filinha ← filha
fileirinha ← fileira
filetequinho [e] ← filete [e]
filetequinho [ɛ] ← filete [ɛ]
filezinho [ɛ] ← filé [ɛ]
filhinha ou **filhinas** ← filha
filhinho ou **filhinhos** ← filho
filhotinho ← filhote
Filipinho ← Filipe
filmezinho ou **filmezinhos** ← filme
filminho ou **filminhos** ← filme
fininha ou **fininhas** ← fina
fininho ou **fininhos** ← fino
finzinho ← fim
finalzinho ← final
fiozinho ou **fiozinhos** ← fio

Firmianinho ← Firmiano
fisgadinha ← fisgada
fitinha ou **fitinhas** ← fita
flanelinha ou **flanelinhas** ← flanela
flautinha ← flauta
Flavinha ← Flávia
Flavinho ← Flávio
flechazinhas ← flecha
floreiozinho ← floreio
florinha ou **florinhas** ← flor
florzinha ou **florzinhas** <~> **florezinhas** ← flor
focinho ← focinho
focinhozinho ← focinho
fodãozinho ← fodão
fofinha ← fofa
fofinho ← fofo
fogareirinho ← fogareiro
foguetezinho ← foguete
foguinho ← fogo
foicinha ou **foicinhas** ← foice
foicinho ← foice
folezinho ou **folezinhos** ← fole
folguinhas ← folga
folhetinhos ← folheto
folhazinhas ← folha
folhinha ou **folhinhas** ← folha
folhinhos ← folho
fominha ← fome
fontainha ou **fontainhas** ◀ esp. *fontayna*
fontinha ← fonte
forcinha ou **forçinha** ← força
Fordinho ← *Forde <~> Ford
formadinha ← formada
formazinhas [o] ← forma [o]

formazinha [ɔ] ← forma [ɔ]
formiguinha ou **formiguinhas** ← formiga
forminha ou **forminhas** [o] ← forma [o]
Formosinho ← Formoso
fornidinha ← fornida
forquetinha ← forqueta
forradinho ← forrado
fortezinho ← forte
fortinho ← forte
fortunazinhas ← fortuna
fortuninha ← fortuna
fosquinhas ← fosca
fotinha ← foto
foucinha ← fouce
fradezinho ← frade
fradinho ou **fradinhos** ← frade
fraldinhas ← fralda
francesinha ← francesa
Francisquinho ← Francisco
franjinha ou **franjinhas** ← franja
franguinha ou **franguinhas** ← franga
franguinho ou **franguinhos** ← frango
franquezinha ← franqueza
franzidinha ← franzida
fraquinha ← fraca
fraquinho ou **fraquinhos** ← fraco
frasezinha ou **frasesinhas** ← frase
frasquinho ou **frasquinhos** ← frasco
fratellino ← fratello <~> *fratelo
Frederiquinho ← Frederico
freirinha ou **freirinhas** ← freira
freixinho ou **freixinhos** ← freixo
fresquinha ou **fresquinhas** ← fresca
fresquinho ou **fresquinhos** ← fresco

friazinha ← fria
friinho ← frio
friozinho ou **friozinhos** ← frio
fritinhas ← frita
fritinho ← frito
frondezinha ← fronde
fronteirazinha ← fronteira
frouxinho ← frouxo
frutinha ou **frutinhas** ← fruta
frutozinho ← fruto
fucinhozinho ← fucinho [<~>] focinho
fewirinhas ← feweira
fugidinha ← fugida
fulaninha ← fulana
fulaninhos ← fulano
fumacinha ← fumaça
fuminhos ← fumo
fumozinho ← fumo
fundinho ← fundo
funilzinho ← funil
furinhos ← furo
furninha ← furna
furozinho ← furo
fusquinha ou **fusquinhas** ← fusca
gabardinho ← gabardo
Gabrielzinho ← Gabriel
gadinho ← gado
Gaetaninho ← Gaetano
gafanhotinho ← gafanhoto
gaguinha ← gaga
gaiolinhas ← gaiola
gainho ← gaio [<~>] ganho
gaitinha ← gaita
galeguinha ← galega

Galeguinho ou **Galeguinhos** ← Galego
galgazinhas ← galga
galgeirinha ← galgueira
galhinho ou **galhinhos** ← galho
galinho <~> **gallinho** ou **galinhos** ← galo <~> gallo
gamelinha ← gamela
ganchinho ← gancho
gandarrinha ← gândarra
gargalhadinha ou **gargalhadinhas** ← gargalhada
garoinha ← garoa
garotinha ou **garotinhas** ← garota
garotinho ou **garotinhos** ← garoto
garrafãozinho ← garrafão
garrafinha ou **garrafinhas** ← garrafa
garrinha ou **garrinhas** ← garra
Garrinchinha ← Garrincha
Gasparinho ← Gaspar
Gasparzinho ← Gaspar
gastadinho ← gastado
gatinha ou **gatinhas** ← gata
gatinho ou **gatinhos** ← gato
gauchinho ← gaúcho
gavetinha ou **gavetinhas** ← gaveta
geadinha ← geadá
geladinha ← gelada
geladinho ← gelado
Geninha ← *Gênia /← Eugênia
Geninho ← *Gênio /← Eugênio
geniozinho <~> **gêniozinho** ou **geniozinhos** ← gênio <~> gênio
Gennarinho ← Gennaro
gentinha ← gente
Geraldinho ← Geraldo
Getulinho ← Getúlio
gigantinho ← gigante

ginjinha ← ginja

Gininha ← Gina

girinho ← giro

Gloriazinha ← Glória

Glorinha ou **Glorinhas** <~> **Glôrinhas** ← Glória

golinha ← gola

golino ou **golinhos** ← gole

golpezinho ou **golpezinhos** ← golpe

golpinho ou **golpinhos** ← golpe

golzinho ou **golzinhos** ← gol

Gonçalinho ← Gonçalo

Gonzaguinha ← Gonzaga

gorazinho ← goraz

gordinha ou **gordinhas** ← gorda

gordinho ou **gordinhos** ← gordo

gorduchinha ← gorducha

gordurinha ou **gordurinhas** ← gordura

gorilazinhos ← gorila

gorrinho ← gorro

gostinho ou **gostinhos** ← gosto

gostosinho ← gostoso

gostozinha ← gostoza <~> gostosa

gotinha ou **gotinhas** ← gota

governinho ← governo

governozinho ← governo

gracinha ou **gracinhas** ← graça

gradezinhas ← grade

gradinhas ← grade

grainha ou **grainhas** ← graa [<~>] grãa

gramaticazinha ← gramática

grandezinhos ← grande

grandinha ← grande

grandinho ou **grandinhos** ← grande

graninha ← grana

granjinha ← granja
grãozinha ou **grãozinhas** ← grão
grãozinho ou **grãozinhos** ← grão
gravatinha ou **gravatinhas** ← gravata
gravatinho ← gravato [<~>] garavato [<~>] graveto
gravurinha ← gravura
grelinhos [e] ← grelo [e]
grilinhos ← grilo
grinaldinhas ← grinalda
grinhinha ← grinha
gripezinha ← gripe
gritinho ou **gritinhos** ← grito
grossinhas ← grossa
grossinho ← grosso
grotinha ← grotta
grudadinhos ← grudado
grupinho ou **grupinhos** ← grupo
grupozinho ← grupo
Guairinha ← Guaíra
guardadinho ou **guardadinhos** ← guardado
guardanapinho ← guardanapo
guarda-solinho ← guarda-sol
guarda-solzinho ← guarda-sol
guardinha ← guarda
guerrazinha ← guerra
guarrinhas ← guarra
guexinho ← guexo
guinchinhos ← guincho
gurizinho ← guri
Gustavinho ← Gustavo
habilidadezinhas ← habilidade
Hamletinho ← *Hamlete <~> Hamlet
hastezinha ← haste
Heitorzinho ← Heitor

Helcinho <~> **Elcinho** ← Hércio <~> Élcio
Heleninha ← Helena
Helinho ← Hélio
Henriquetinha ← Henriqueta
Henriquinho ← Henrique
hipopotamozinho ← hipopótamo
historiazinha ← história
historinha ← história
homenzinho <~> **homemzinho** ou **homenzinhos** ← homem
hominho ← home [<~>] homem
Honoratinho ← Honorato
honrinha ← honra
horazinha ou **horazinhas** ← hora
horinha ou **horinhas** ← hora
horizontezinho ← horizonte
hortazinha ← horta
hortinha ← horta
hortinho ← horto
hòstiazinhas ← hóstia
hotelzinho ← hotel
Huguinho ← Hugo
humildezinhos ← humilde
humorzinho ← humor
iàzinha ← iá [<~>] siá [<~>] sinhá
iconezinho ← ícone
ideazinha ← idea [<~>] ideia
Idinha ← Ida
igarazinha ← igara
igrejinha ou **igrejinhas** ← igreja
igualinho ← igual
igualzinha ou **iguaizinhas** <~> **iguaisinhas** ← igual
igualzinho ou **iguaizinhos** ← igual
Ilinho ← Ilo
Inacinha ← Inácia

Inacinho ← Inácio
indagorinha ← *indagora [<~>] ainda agora
indecenciazinha ← indecência
indiozinho ou **indiozinhos** ← índio
infânciazinha ← infância
infantazinhas ← infanta
infantezinhos ← infante
inferninho ou **inferninhos** ← inferno
iníciozinho ← início
inglesinhas ← inglesa
inglesinhos ← inglês
inocentinha ← inocente
inocentinho ou **inocentinhos** ← inocente
inquisiçãozinha ← inquisição
insetinho ← inseto
instantinhos ← instante
instituiçãozinhas ← instituição
intriguinhas ← intriga
instrumentinhos ← instrumento
instrumentozinho ← instrumento
intalianinhos ← intaliano [<~>] italiano
inteirinha ou **inteirinhas** ← inteira
inteirinho ← inteiro
interessezinho ← interesse
intriguinha ← intriga
introduçãozinha ← introdução
invejazinha ← inveja
invejinhas ← inveja
irmãzinha ← irmã
irmãozinho ou **irmãozinhos** ← irmão
Isaurinha ← Isaura
Isinha ← Isa /← Isadora
isquinha ← isca
Itabaianinha ← Itabaiana

Itacianinho ← Itaciano
Itaimbezinho ← Itaimbé
italianinha ou **italianinhas** ← italiana
italianinho ← italiano
intervalinhos ← intervalo
Ivanzinho ← Ivan
jacarezinho ← jacaré
Jacòzinho <~> **Jacôzinho** ← Jacó
Jacuizinho ← Jacuí
jagunçazinha ← jagunça
jaguncinha ← jagunça
Jaiminho ← Jaime
Jairzinho ← Jair
Japinha ou **japinhas** ← japa
japonesinha ← japonesa
jamaruzinho ← jamaru
janelinha ou **janelinhas** ← janela
Janguinho ← Jango /← João
jantarinho ou **jantarinhos** ← jantar
jantarzinho ← jantar
Jarbinhas ← Jarba(s)
jardinzinho ← jardim
jarrinha ou **jarrinhas** ← jarra
jarrinho ou **jarrinhos** ← jarro
jasminzinho ← jasmim
jatinho ou **jatinhos** ← jato
jenipapinhos ← jenipapo
jeitinho ou **geitinhos** ← jeito <~> geito
Jequinha ← Jeca /← José Carlo(s)
jeitosinha <~> **jeitozinha** ← jeitosa <~> jeitoza
jipinho ← jipe
Joaninha ou **Joaninhas** ← Joana
Joaninho ← Joane [<~>] João
Joãozinho <~> **Joãosinho** ← João

Joaquininha ← Joaquina
joginho ou **joguinhos** ← jogo
joinha ← joia <~> jóia
Jorginho ← Jorge
jornalequinho ← jornaleco
jornalistinha ← jornalista
jornalzinho ou **jornaiszinhos** ← jornal
jovenzinha ← jovem
jovenzinhos ← jovem
judeuzinho ← judeu
Juditezinha ← Judite
juizinho ← juízo
Julinha ← Júlia
Julinho ← Júlio
jumentinha ← jumenta
jumentinho ou **jumentinhos** ← jumento
Juninho ← *Júnio [<~>] *June /← Júnior
juntinhas ← junta
juntinho ou **juntinhos** ← junto
Juquinha ← Juca /← João Carlo(s)
jurozinho ← juro
justinhas ← justa
labiosinho ← lábio
laboratóriozinho ← laboratório
lacaiozinho ← lacaio
lacinho ou **lacinhos** ← laço
lacrainha ou **lacrainhas** ← lacraia
ladeirinha ← ladeira
ladinho ← lado
ladrãozinho ou **ladrõeszinhos** ← ladrão
ladrilhozinho ← ladrilho
lagartinha ← lagarta
lagoinha ← lagoa
lagostinha ← lagosta

lagozinho ← lago
lagrimazinha ← lágrima
laguinho ← lago
lajinha ← laje
lambidinhos ← lambido
lameirinha ou **lameirinhas** ← lameira
lameirinho ← lameiro
lampadazinha ← lâmpada
lanchinha ou **lanchinhas** ← lancha
lanterninha ou **lanterninhas** ← lanterna
Lapinha ← lapa
laranjeirinha ← laranjeira
laranjinha ou **laranjinhas** ← laranja
lareirazinha ← lareira
largadinha ← largada
larguinho ← largo
largozinho ← largo
laroquinhas ← laroca
Laurindinha ← Laurinda
Laurinha ← Laura
latinha ou **latinhas** ← lata
lavadinha ou **lavadinhas** ← lavada
lavadinho ou **lavadinhos** ← lavado
lavagantinho ← lavagante
Lavinha ← *Lávia /← Olávia
lavoirinha ← lavoira
lãzinha <~> **lâzinha** ou **lãzinhas** ← lã
Lazinha ← *Lá /← Lázara
leãozinho ← leão
legalzinho ← legal
legumezinhos ← legume
leirinhas ← leira
leitãozinho ou **leitõezinhos** ← leitão
leitinho ← leito

leiturazinha ou **leiturazinhas** ← leitura
lembrançinha ← lembrança
lencinho ou **lencinhos** ← lenço
lençôzinhos ← lençol
Leninha ou **Leninhas** ← Lena /← Helena
lequezinho ← leque
letrinha ou **letrinhas** ← letra
levezinha ou **levezinhas** ← leve
levezinho ou **levezinhos** ← leve
levinha ou **levinhas** ← leve
levinho ← leve
Libaninha ← Libânia
liberdadezinha ← liberdade
Liborinho ← Libório
Licininha ← Licínia
lidazinha ← lida
ligadinha ← ligada
ligeirinha ou **ligeirinhas** ← ligeira
ligeirinho ← ligeiro
limazinha ← lima
Liminha ← Lima
limpadinha ← limpada
limpezinha ← limpeza
limpinha ← limpa
limpinho ou **limpinhos** ← limpo
Lindinha ← Linda
lindinho ← lindo
linguadinho ← linguado
languazinha ← língua
lingüinha ← língua
linhazinha ← linha
linhinha ← linha
liquidozinho ← líquido
lisboetinha ← lisboeta

lisinha ← lisa

lisinho ou **lisinhos** ← liso

lisonjinha ← lisonja

listazinha ← lista

listinha ← lista

listradinha ← listrada

listrinhas ← listra

literaturazinha ← literatura

Livinha ← Lívia

livrinho ou **livrinhos** ← livro

lixinha ← lixa

loazinhas ← loa

lobinho [o] ← lobo

loguinho ← logo

loirinha ou **loirinhas** ← loira

loirinho ou **loirinhos** ← loiro

lojinha ou **lojinhas** ← loja

lombinho ou **lombinhos** ← lombo

lombozinho ← lombo

longuinho ← longo

lordezinhos ← lorde

lotinhos ← lote

louquinha ← louca

lourinha ← loura

lourinho ← louro

luazinhas ← lua

Lucinha ← Lúcia

lucrinho ← lucro

lugarinho ← lugar

lugarzinho ← lugar

luinha ← lua

Luluzinha ou **Luluzinhas** ← Lulu /← Lúcia ou Luzia

Luluzinho ou **Luluzinhos** ← Lulu /← Luís ou Luiz

Luisinho <~> **Luizinho** ← Luís <~> Luiz

Lurdinha <~> **Lourdinha** ou **Lourdinhas** ← Lurde(s) <~> Lourde(s)

luvazinhas ← luva

luvinhas ← luva

luzinha ou **luzinhas** <~> **luzezinhas** ← luz

maçadinho ← maçado

maçadeirinhos ← maçadeiro

maçainhas ← maçã

macaquinha ← macaca

macaquinho ou **macaquinhos** ← macaco

machadinha ← machada

machadinho ← machado

machinho ou **machinhos** ← macho

machozinho ← macho

macieirinhas ← macieira

macinho ← maço

maciinha ← macia

maciinho ← macio

maciozinho ← macio

madeirinha ← madeira

madeixinha ← madeixa

madrugadinha ← madrugada

madrugalinho ← madrugal

madurinhos ← maduro

mãezinha ou **mãezinhas** ← mãe

magicazinha ← mágica

magrinha ou **magrinhas** ← magra

magrinho ou **magrinhos** ← magro

maiorzinho ou **maiorzinhos** ← maior

mainha ← mǎi [<~>] mãe

mãizinha ← mǎi [<~>] mãe

majorzinho ← major

Malhadinha ← malhada

malhinha ← malha

malhõezinhos ← malhão

malinha ou **malinhas** ← mala
malotinha ← malota
maluquinha ← maluca
maluquinho ou **maluquinhos** ← maluco
malzinha ← mal
malzinho ← mal
mamãezinha ← mamãe
maminhas ← mama
manadinha ← manada
manchetinha ← manchete
manchinha ou **manchinhas** ← mancha
manquinho ou **manquinhos** ← mancho
Mandinho ← *Mando /← Armando
maneirinha ou **maneirinhas** ← maneira
maneirinho ou **maneirinhos** ← maneiro
Manequinho ← Maneco /← Manoel
Manezinho ← Mané /← Manoel
manguinhas ← manga
manguinho ou **manguinhos** ← mangue
manhãzinha <~> **manhãzinha** ou **manhãzinhas** ← manhã
maninha ← mana /← irmã
maninho ← mano /← irmão
manivelazinha ← manivela
manjubinhas ← manjuba
mansinha ← mansa
mansinho ← manso
mantinha ou **mantinhas** ← manta
Manuelinho ← Manuel
Manuelzinho ← Manuel
mãozinha <~> **mãozinha** <~> **mãosinha** ou **mãozinhas** <~> **mãosinhas** ← mão
mapinha ← mapa
maquinazinha ← máquina
maquininha ou **maquininhas** ← máquina
Maracanãzinho ← Maracanã

Maragogipinho ← Maragogipe
Marcelinho ou **Marcelinhos** ← Marcelo
marchinha ou **marchinhas** ← marcha
Marcinha ← Márcia
Marcinho ← Márcio
Marianinha ← Mariana
Mariazinha ← Maria
maridinho ← marido
Mariozinho ← Mário
Mariquinha ou **Mariquinhas** ← Marica
Marizinha ← Mariza <~> Marisa
Maroquinha ← Maroca
marquesinha ← marquesa
marquinha ou **marquinhas** ← marca
Marquinho ou **Marquinhos** ← Marco(s)
marujinhos ← marujo
marrãozinho ou **marrõezinhos** ← marrão
marrequinha ← marreca
marrequinho ← marreco
marroazinha ← marroa
marronzinha ← marron
massinha ← massa
massinhos ← masso <~> maço
martelinho ou **martelinhos** ← martelo
Martinha ← Marta
Martinzinho ← Martin
materialzinho ← material
matinezinha ← matinê <~> matiné
matinho ou **matinhos** ← mato
Matosinho ou **Matosinhos** <~> **Matozinhos** ← Matoso <~> Matozo
Mauricinho ou **Mauricinhos** ← Maurício
Maurinho ← Mauro
mauzinha ← mau
mauzinho ← mau

Maxialinho ← Maxial
Mazinho ← *Má /← *Tomá [<~>] Iomar
medalhinha ou **medalhinhas** ← medalha
medidinha ou **medidinhas** ← medida
medidinho ← medido
medinho ← medo
medronhalzinho ← medronhal
meiguinho ← meigo
meiozinho ou **meiozinhos** ← meio
Meirinha ← Meire
melanciazinhas ← melancia
melhorzinha ← melhor
melhorzinho ← melhor
melhorazinha ← melhora
melrinho ou **melrinhos** ← melro
membrozinhos ← membro
menininha ou **menininhas** ← menina
menininho ← menino
meninazinha ← menina
meninozinho ← menino
menorzinha ← menor
menorzinho ← menor
mentirinha ← mentira
mercadinho ou **mercadinhos** ← mercado
merendinha ← merenda
mesinha ou **mesinhas** ← mesa
mesinhos ← mês <~> mês
Mesquitinha ← Mesquita
Mestrinho ← mestre
metrozinhos ← metro
meudinha ← meuda <~> meúda
meudinho ← meúdo <~> meudo [<~>] miúdo
miadinho <~> **miàdinho** ← miado
migalhinhas ← migalha

migalhinho ← migalho
mignonzinha ← mignon
Miguezinho ← Migué /← Miguel
Miguelinho ← Miguel
Miguelzinho ← Miguel
milhinho ← milho
milreizinhos ← milréiz <~> milréis
Miltinho ← *Milto [<~>] Mílton
mimosinho ou **mimosinhos** ← mimoso
minazinha ← mina
Mindinha ← *Minda /← Arminda
mineirinho ← mineiro
minguinha ← míngua
minimozinhos ← mínimo
minutinho ou **minutinhos** ← minuto
miolinho ou **miolinhos** ← miolo
miolozinhos ← miolo
Mirandinha ← Miranda
Mirinho ← Miro /← Valdomiro
mirradinho ← mirrado
misèriazinha ← miséria
miserinha ← miséria
missinha ← missa
Missinho ← *Misso /← Ademílson
misturadinha ← misturada
misturadinho ← misturado
mitrazinhas ← mitra
miudinha <~> **miúdinha** <~> **miúdinha** ou **miudinhas** ← miuda <~> miúda
miudinho <~> **miúdinho** ou **miudinhos** ← miúdo <~> miudo
mocinha ou **mocinhas** ← moça
mocinho ou **mocinhos** ← moço
modemzinho ← modem
moderninha ← moderna
modèstiazinha ← modéstia

modestinhas ← modesta
modestinhos ← modesto
modinha ou **modinhas** ← moda
moedinha ou **moedinhas** ← moeda
moidinho ← moído
moimentinha ← moimenta
moitinha ← moita
molecadinha ← molecada
moleirinha ou **moleirinhas** ← moleira
molequinho ou **molequinhos** ← moleque
molezinho ← mole
molhadinhas ← molhada
molhadinho ← molhado
molhinho ou **molhinhos** ← molho
molhozinho ← molho
molinho ou **molinhos** ← mole
momentinho ← momento
Mondeguinho ← Mondego
Monfortinho ← Monforte
Monjolinho ← Monjolo
monstrinho ou **monstrinhos** ← monstro
monstrozinhos ← monstro
Monteirinho ← Monteiro
montezinho ← monte
montinho ou **montinhos** ← monte
montõezinhos ← montão
monumentozinho ← monumento
moquinha ← moca
moradinha ← morada
moreninha ← morena
moreninho ← moreno
Morgadinha ← morgada
morgadinho ← morgado
moringuinhas ← moringa

mornazinha ← morna

morninha ← morna

morninho ← morno

morrinho ou **morrinhos** ← morro

mortandelinha ← mortandela

mortinha ou **mortinhas** ← morta

mortinho ou **mortinhos** ← morto

mosquinha ← mosca

mossazinhas ← mossa

mosteirinho ← mosteiro

Motinha ← Mota

motorzinho ← motor

Mourinha ou **Mourinhas** ← Moura

mòvelzinho ← móvel

movimentozinhos ← movimento

mudinha ← muda

mujinho ← mujo

mulatinha ou **mulatinhas** ← mulata

mulatinho ou **mulatinhos** ← mulato

mulherinha ou **mulherinhas** ← mulher

mulherzinha <~> **mulhersinha** ou **mulherzinhas** <~> **mulhersinhas** <~> **mulherezinhas**

← mulher

mulinha ← mula

Mundinha ← *Munda /← Raimunda

mundinho ou **mundinhos** ← mundo

murchinho ← murcho

murinho ← muro

murmurinho ou **murmurinhos** ← murmúrio

musicazinha ← música

musiquinha ← música

musquitinhos ← mosquito [<~>] mosquito

mustardinha ← *mustarda [<~>] mostarda

nadinha ← nada

namoradinha ← namorada

namoradinho ← namorado
Nandinho ← Nando /← Fernando
Naninha ← Nana /← Eliana
Naninho ← *Nane /← Emane
naquinho ← naco
narizinho ← nariz
Natinho ← *Nato /← Honorato
naviozinho ← navio
necessidadezinhas ← necessidade
negocinho ← negócio
negrinha <~> **nêgrinha** ou **negrinhas** ← negra
negrinho ou **negrinhos** ← negro
neguinha ← nega [<~>] negra
neguinho ← nego [<~>] negro
Neizinho ← Nei
Nelinha ← Nélia
Nelinho ← Nélio
Nelsinho ← *Nelso [<~>] Néelson
nenèzinha ← nenê <~> nené
nenenzinha ← nenen <~> nenén <~> neném
nenzinho ← nen <~> nem
Nequinha ← Neca
nervosinho ← nervoso
Nescarzinho ← *Nescar /← Anescar
netinha ou **netinhas** ← neta
netinho ou **netinhos** ← neto
neurinha ← neura
Neuzinha ← Neuza /← Neusa
Nezinho ← *Né /← Mané [<~>] Manoel
nhãzinha ← nhã
nhanhãzinha ← nhanhã [<~>] nhãnhã
nhozinho ← nhô
Nicinha ← Nice /← Elenice
Nininha ← Nina

Nininho ← Nino
Niquinha ← Nica
Niquinho ← Nico
Nitinha ← Nita /← Anita
nodinhas ← noda [<~>] nódoa
nodoazinhas ← noda [<~>] nódoa
Nogueirinha ← Nogueira
noitinha ou **noitinhas** ← noite
noivinha ← noiva
nomezinho ← nome
Noquinhas ← Noca
notazinha ou **notazinhas** ← nota
noticiazinha ← notícia
notinha ou **notinhas** ← nota
novelazinha ← novela
novelinha ← novela
novilhazinha ← novilha
novazinhas ← nova
novinha ou **novinhas** ← nova
novinho ou **novinhos** ← novo
nozinho ou **nozinhos** ← nó
nuvenzinha ou **nuvenzinhas** <~> **nuvemzinhas** ← nuvem
nuazinha ← nua
nuinha ← nua
nuitinha ← *nuite [<~>] noite
nuzinho ou **nuzinhos** <~> **nusinhos** ← nu
obcecadinho ← obcecado
objeçãoezinhas ← objeção
obrigaçãoozinha ← obrigação
obrigadinha ← obrigada
obrigadinho <~> **obrigadinho** ← obrigado
obrinha ← obra
odesinhas ← ode
odiosinho ← ódio

ofertazinha ← oferta
Olguinha ← Olga
olhadinha ← olhada
olharzinho ← olhar
olhinho ou **olhinhos** ← olho
oligarquiazinhas ← oligarquia
olino ← olho
Oliveirinha ← Oliveira
Olvinha ← Olívia
ombrinhos ← ombro
oncinha ou **oncinhas** ← onça
ondazinhas ← onda
ondinha ← onda
onzinhos ← on
ordenadinho ← ordenado
orelhinha ou **orelhinhas** ← orelha
orfãozinho <~> **órfãozinho** ou **orfãosinhos** <~> **órfãosinhos** ← órfão
òrfinha ← orfa <~> órfã
orgulhozinho ← orgulho
Orlandinho ← Orlando
ossinhos ← osso
Osvaldinho <~> **Oswaldinho** ← Osvaldo <~> Oswaldo
Ourinhos ← ouro
outrazinha ← outra
ovazinha ← ova
ovelhinha ou **ovelhinhas** ← ovelha
Ovidinho ← Ovídio
ovinho ou **ovinhos** ← ovo
Pachequinho ← Pacheco
pacotinho ou **pacotinhos** ← pacote
padrãozinho ← padrão
padrezinho ← padre
padrinhozinho ← padrinho
paezinhos ← pae [<~>] pai

pagenzinho ← pagem <~> pajem
Pagodinho ← pagode
painho ← paio
paisaninha ← paisana
paizinho <~> **paisinho** ou **paizinhos** ← pai
palacinho ← palácio
palavrinha ou **palavrinhas** ← palavra
palerminha ← palerma
paletazinha ← paleta
palhetazinha ← palheta
palhetinha ← palheta
palheirinha ← palheira
palhinha ou **palhinhas** ← palha
palinhas ← pala
palmadinha ou **palmadinhas** ← palmada
palmeirinhas ← palmeira
palminhas ← palma
palminho ← palmo
Palmirinha ← Palmira
palmitinho ← palmito
pampolinha ← pampola
pancadinha ou **pancadinhas** ← pancada
pançadinha ← pançada
panchinhos ← pancho
paneirinhos ← paneiro
panelinha ou **panelinhas** ← panela
paninho <~> **paninho** ou **paninhos** ← pano <~> panno
paozinho ← pao
pãozinho ou **pãezinhos** ← pão
papagaiozinho ← papagaio
papaizinho ← papai
papelinho ou **papelinhos** ← papel
papelzinho ou **papezinhos** <~> **papéizinhos** ← papel
papinha ou **papinhas** ← papa

papinho ← papo
papudinhas ← papuda
paquinha ← paca
paradinha ← parada
paradinho ← parado
parafusinho ← parafuso
parafusozinhos ← parafuso
Paraguaçuinho ← Paraguaçu
paraibanazinha ← paraibana
paraibinha ← Paraíba
paraisinho ← paraíso
pardalinho ← pardal
pardalzinho ← pardal
paredãozinho ← paredão
paredezinhas ← parede
paredinha ← parede
parelhinho ← parêlho
parquezinho ← parque
parquinhos ← parque
parreirinha ou **parreirinhas** ← parreira
partezinha ← parte
partidinha ← partida
Parvajuquinha ← *Parvajuca
Parvajuquinho ← *Parvajuco
parvinha ← parva
parvinho ou **parvinhos** ← parvo
parvoinha ← párvua
partidinho ← partido
parzinho ← par
passadinha ou **passadinhas** ← passada
passadozinho ← passado
passarecozinhos ← passareco
passarinho <~> **paçarinho** ou **passarinhos** ← passaro <~> pássaro <~> páçaro
passarozinho ← pássaro <~> passaro

passeinho ← passeio
passeiozinho ← passeio
passinho ou **passinhos** ← passo
pasteizinhos ← pastel
pastelinhos ← pastel
pastinha ou **pastinhas** ← pasta
pastinho ← pasto
pastorinha ou **pastorinhas** ← pastora
pastorinho ou **pastorinhos** ← pastor
pastorzinho ← pastor
patazinha ← pata
patetinha ← pateta
patinha ou **patinhas** ← pata
patinho ← pato
pátiozinho <~> **patiozinho** ← pátio
patotinha ← patota
patrãozinho <~> **patrõesinho** ← patrão
patricinhas ← Patrícia
patroinha ← patroa
patuscadinha ← patuscada
Paulinha ← Paula
Paulinho ou **Paulinhos** ← Paulo
paulistinha ou **paulistinhas** ← paulista
pausinha ← pausa
pauzinho ou **pauzinhos** ← pau
Pavãozinho ← Pavão
paveinha ← paveia
pazinha ← pá
Pecezinho ← *Pecê <~> *Pcê <~> PC /← Paulo César
peaozinho ← peão
pecadinho ← pecado
peçazinhas ← peça
pecinha ou **pecinhas** ← peça
pedacinho ou **pedacinhos** ← pedaço

pedaçozinhos ← pedaço
pedalinho ← pedal
pedantezinho ← pedante
pedrinha ou **pedrinhas** ← pedra
Pedrinho ← Pedro
pegadinha ou **pegadinhas** ← pegada
pegadinho ← pegado
pegazinhas ← pega
peitinho ou **peitinhos** ← peito
peitudinha ou **peitudinhas** ← peituda
peixeinhos ← peixe
peixinho ou **peixinhos** ← peixe
peladinha ← pelada
pelezinha ← pele
Pelezinho ← Pelé
peliculazinha ← película
pelinha ← pele
pelinho ou **pelinhos** ← pelo
pelozinho ou **pelozinhos** ← pelo
penachinho ← penacho
penedinho ← penedo
peninha ← pena
peniquinho ou **peniquinhos** ← penico
pensõezinhas ← pensão
penugemzinha ← penugem
penteadinhos ← penteado
pequeninha ou **pequeninhas** ← pequena
pequeninho ou **pequeninhos** ← pequeno
pequenininha ou **pequenininhas** ← pequenina
pequenininho ou **pequenininhos** ← pequenino
pequerrichinhos ← *pequerricho [<~>] pequerrucho
pequerruchinha ← *pequerrucha
perdãozinho ← perdão
perdidinha ← perdida

perdidinho ← perdido
perdigotozinhos ← perdigoto
Pereirinha ← Pereira
Peresinhos ← Peres
perfeitinho ← perfeito
perfidiazinha ← perfidia
perfumadinhos ← perfumado
perguntazinha ← pergunta
perguntinha ou **perguntinhas** ← pergunta
perinhas ← pera
periodozinho ← período
pernazinhas ← perna
perninha ou **perninhas** ← perna
pertinho ← perto
perturbaçãozinha ← perturbação
pesadinho ← pesado
pescadinha ou **pescadinhas** ← pescada
pescocinho ← pescoço
peçoalzinho ← pessoal
pestaninha ← pestana
pestezinha ← peste
pestinha ← peste
petequinha ← peteca
petinhas ← peta
petutinho ← *petuto
pexititinho ← *pexitito
pezinho <~> **pèzinho** ou **pézinhos** <~> **pezinhos** <~> **pèzinhos** ← pé
piabinha ← piaba
piadinha ou **piadinhas** ← piada
pianinho ou **pianinhos** ← piano
piazinha ← pia
picadinha ou **picadinhas** ← picada
picadinho ou **picadinhos** ← picado
piclezinho ← picle

picozinhos ← pico
pigarrinho ← pigarro
Pilarzinho ← Pilar
pilheriazinha ← pilhéria
pilinha ← pila
Pimbinha ← Pimba
pincelinhos ← pincel
pindoquinha ← pindoca
pinhãozinho ← pinhão
Pinheirinho ou **Pinheirinhos** ← Pinheiro
pinguinha ou **pinguinhas** ← pinga
pinguinho ou **pinguinhos** ← pingo
pinicadinho ← pinicado
pintadinha ou **pintadinhas** ← pintada
pintadinho ou **pintadinhos** ← pintado
pintainho ou **pintainhos** ← pintão
pintinha ou **pintinhas** ← pinta
pintinho ou **pintinhos** ← pinto
pintorzinho ← pintor
pinturinha ← pintura
piolhinho ← piolho
piparotezinho ← piparote
piquezinho ← pique
piquinha ← pica
piradinha ← pirada
Piraizinho ← Piraí
Piraporinha ← Pirapora
piresinho ← pires
pirinhos ← *pire [<~>] pires
pirritotinhas ← *pirritota
pisadinho ou **pisadinhos** ← pisado
pistolinha ← pistola
pitadinhas ← pitada
pitèuzinhos ← pitéu

piturruquinha ← piturruca
Pizzatinho ← Pizzato
Platãozinho ← Platão
planinhos ← plano
planozinhos ← plano
plantinha ou **plantinhas** ← planta
plaquinha ou **plaquinhas** ← placa
Plazinha ← Plaza
plenarinho ← plenário
plumazinhas ← pluma
pluminha ou **pluminhas** ← pluma
pobrezinha <~> **pobresinha** ou **pobrezinhas** ← pobre
pobrezinho <~> **pobresinho** ou **pobrezinhos** <~> **pobresinhos** ← pobre
pobrinha ← pobre
pobrinho ou **pobrinhos** ← pobre
pocachinho ← *pocacho [<~>] *poucacho
pocadinho ← *pocado [<~>] *poucado [<~>] apoucado
pocinha ou **pocinhas** ← poça
pocinho ou **pocinhos** ← poço
poeminha ou **poeminhas** ← poema
poetazinhos ← poeta
poetinha ← poeta
Polegarzinha ← Polegar
politicazinha ← política
polpinha ← polpa
poltroninha ← poltrona
polvarinho ← *pólvaro ~← pólvora
polvorinhos ← *pólvero [<~>] *pólvaro ~← pólvora
pomadinha ← pomada
pombinha ou **pombinhas** ← pomba
Pombalinho ← Pombal
pombinhozinho ← pombinho
pombinho ou **pombinhos** ← pombo
pontadinha ← pontada

pontinha ou **pontinhas** ← ponta
pontinho ou **pontinhos** ← ponto
pontudinho ← pontudo
porãozinho ← porão
porcariazinha ← porcaria
porquinha ← porca
porquinho ou **porquinhos** ← porco
porta-retratinho ← porta-retrato
portãozinho ← portão
Portelinha ← Portela
portinha ou **portinhas** ← porta
Portinho ← Porto
portuguesinha ← portuguesa
portuguesinho <~> **portuguezinho** ou **portuguesinhos** ← português <~> portuguez
postazinha ← posta
postinha ← posta
postalzinho ← postal
potezinho ← pote
potrinho ou **potrinhos** ← potro
potrozinhas ← potro
poucachinha ← *poucacha
poucochinha ← *poucocha
poucachinho ← *poucacho
poucochinho ou **poucochinhos** ← *poucocho
poupadinha ← poupada
poupadinhos ← poupado
pouquinha ← pouca
pouquinho <~> **pouqinho** ou **pouquinhos** ← pouco
pousinho ← pouso
povinho ← povo
povoadozinho ← povoado
pozinho ou **pozinhos** <~> **pózinhas** <~> **pòzinhas** ← pó
pracinha ou **pracinhas** ← praça
Pradinho ou **Pradinhos** ← Prado

Praianinha ← Praiana

Prainha ou **prainhas** ← praia

pratinha ← prata

pratinho ou **pratinhos** ← prato

preazinho ← preá

precauçãoezinhas ← precaução

precinho ← preço

predinho ← prédio

prédiozinho <~> **prèdiozinho** <~> **prediozinho** ← prédio

prefeitinho ← prefeito

preguinhas ← prega

preguinhas ← prego

prendinha ou **prendinhas** ← prenda

preparadinha ou **preparadinhas** ← preparada

preparadinho ← preparado

presentinho ou **presentinhos** ← presente

presuntinhos ← presunto

pretinha ou **pretinhas** ← preta

pretinho ou **pretinhos** ← preto

pre-videozinho ← pré-vídeo

prezinho ← pré /← pré-vestibular

primaverinhas ← primavera

priminha ou **priminhas** ← prima

priminho ← primo

princesinha <~> **princezinha** ← princesa <~> princeza

principezinho ← príncipe <~> príncipe

principiozinho ← princípio

probinhas ← proba

problemazinho ← problema

probleminha ou **probleminhas** ← problema

produçãozinha ← produção

Proerzinho ← Proer

professorinha ← professora

professorzinho ← professor

programinha ou **programinhas** ← programa
programazinho ou **programazinhos** ← programa
projetinho ← projeto
projetozinho ← projeto
projetorzinho ← projetor
prontinha ou **prontinhas** ← pronta
prontinho ou **prontinhos** ← pronto
prostitutazinha ← prostituta
provazinhas ← prova
providenciazinha ← providência
provincianazinha ← provinciana
pseudo-moderninhos ← pseudo-moderno
pucarinha ← púcara
pucarinho ← púcaro
puladinho ← pulado
pulinho ou **pulinhos** ← pulo
pulmõezinhos <~> **pulmõezinhos** ← pulmão
pulseirinha ← pulseira
punhadinho ← punhado
punhalzinho ← punhal
purezinha ← pureza
purgatoriozinho ← purgatório
purinha ← pura
putinha ou **putinhas** ← puta
putozinho ← puto
puxadinhas ← puxada
puxadinho ← puxado
quadradinho ou **quadradinhos** ← quadrado
quadrinha ou **quadrinhas** ← quadra
quadrinho ou **quadrinhos** ← quadro
quartinha ← quarta
quartinho ou **quartinhos** ← quarto
quebradinha ← quebrada
quebradinho ← quebrado

quedazinha ← queda
quedinha ← queda
queijadinha ← queijada
queijinho ou **queijinhos** ← queijo
queimadinho ← queimado
queixinhas ← queixa
queixinho ou **queixinhos** ← queixo
Quèlinha ← *Quéli <~> Kelly
quentinha ou **quentinhas** ← quente
quentinho ou **quentinhos** ← quente
queridinha ← querida
queridinho ← querido
questãozinha ou **questõezinhas** ← questão
quietinha ou **quietinhas** ← quieta
quietinho ← quieto
quilinhos ← quilo
quinazinhas ← quina
quintalinho ← quintal
quintalzinho ← quintal
quintazinha ← quinta
quintinhas ← quinta
Quinzinho ou **Quinzinhos** ← Quim /← Joaquim
rabacinha ← rabaça
rabanadazinha ← rabanada
rábidasinhas ← rábida
rabinho ou **rabinhos** ← rabo
rabudinha ← rabuda
rachazinha ← racha
rachinha ← racha
radinho ← rádio
radiolazinha ← radiola
radiozinho ← rádio
Raimundinha ← Raimunda
Raimundinho ← Raimundo

raiozinho ou **raiozinhos** ← raio
raivinhas ← raiva
rajadinha ← rajada
raladinho ← ralado
ralinho ← ralo
ralozinho ← ralo
raminha ← rama
raminho ou **raminhos** ← ramo
ranchinho ← rancho
rapariguinha ou **rapariguinhas** ← rapariga
rapaziadinha ← rapaziada
rapazinho ou **rapazinhos** ← rapaz
rapidinha ← rápida
rapidinho ou **rapidinhos** ← rápido
raposinha ou **raposinhas** ← raposa
raposinho ou **raposinhos** ← raposo
Raquelzinha ← Raquel
rasinho ← raso
raspadinha ← raspada
raspadinho ← raspado
rasteirinha ← rasteira
rasteirinho ← rasteiro
rastinho ← rasto [<~>] rastro
ratinha ← rata
ratinho ou **ratinhos** ← rato
Raülinho ← Raul
Raulzinho ← Raul
rãzinha ← rã
rebanhinho ← rebanho
rebentosinho ← rebento
recadinho ou **recadinhos** ← recado
receitinhas ← receita
rechonchudinha ← rechonchuda
recortadinha ← recortada

recortezinho ← recorte
rectangulozinho ← rectângulo [<~>] retângulo
redezinha ← rede
redinha ou **redinhas** ← rede
redondinha ou **redondinhas** ← redonda
redondinho ou **redondinhos** ← redondo
redondozinho ← redondo
regadinho ← regado
regadorzinho ← regador
regaladinho ← regalado
regatinho ou **regatinhos** ← regato
regiãozinha ← região
regozinho ← rego
regrinhas ← regra
reguazinha ← régua
reguinho ← rego
reizinho ou **reizinhos** ← rei
rèizinhos ← real
religiãozinha ← religião
reloginho <~> **relojinho** ou **reloginhos** ← relógio <~> relójo
Renatinho ← Renato
relveirinhos ← relveiro
rendinhas ← renda
rentinhos ← rente
remedinhos ← remédio
repartidinha ← repartida
reservazinhas ← reserva
respeitinho ← respeito
resultadozinho ← resultado
restinguinha ← restinga
retalinhos ← retalho
restinho ← resto
retintinha ← retinta
retratinho ← retrato

revistazinha ← revista
revistinha ou **revistinhas** ← revista
revoluçãozinha ← revolução
Reynaldinho ← Reynaldo <~> Reinaldo
riachinho ou **riachinhos** ← riacho
ribeirinho ← ribeiro
Ricardinho ← Ricardo
rijinha ← rija
rimadinhos ← rimado
riozinho ou **riozinhos** <~> **riosinhos** ← rio
ripinhas ← ripa
riquinho ← rico
risadinha ou **risadinhas** ← risada
riscadinho ou **riscadinhos** ← riscado
risquinhas ← risca
risquinho ou **risquinhos** ← risco
risinho <~> **rizinho** ou **risinhos** ← riso <~> rizo
Ritinha ← Rita
Robertinho ← Roberto
Robinho ← *Róbi <~> *Rob [<~>] Robson
robôzinhos ← robô
rocazinha ← roca
Rocinha ou **rocinhas** ← roça
rodelinha ou **rodelinhas** ← rodela
rodazinhas ← roda
rodinha ou **rodinhas** ← roda
Rodriguinho ← Rodrigo
Rogerinho ← Rogério
roidinha ← roída
roidinho ← roído
roladazinhas ← rolada
rolhazinha ← rolha
rolinha ou **rolinhas** ← rola
rolinho ou **rolinhos** ← rolo

romancinho ← romance
Romarinho ← Romário
Romualdinho ← Romualdo
Ronaldinho ou **Ronaldinhos** ← Ronaldo
roquinhas ← roca
rosadinha ← rosada
rosadinho ou **rosadinhos** ← rosado
Rosarinho ← Rosário
Rosinha ou **Rosinhas** ← Rosa
rosquinha ou **rosquinhas** ← rosca
rosquilhinha ← rosquilha
rostinho ou **rostinhos** ← rosto
rostozinho ← rosto
rotinha [o] ← rota [o]
rotinho ← roto
roupinha ou **roupinhas** ← roupa
roxinha ← roxa
ruazinha ou **ruazinhas** ← rua
ruinhas ← rua
Rubinho ← *Rube [<~>] *Rubo /← Rubem
rugazinha ou **rugazinhas** ← ruga
rugezinho ← ruge
ruidozinhos ← ruído
ruinzinha ou **ruinzinhas** ← ruim
ruinzinho ← ruim
Ruizinho ← Rui
Russinho ← Russo
sabidazinha ← sabida
sabidinhos ← sabido
sabininha ← sabina
sacaninha ← sacana
sachinho ← sacho
sachozinho ← sacho
sacolinha ou **sacolinhas** ← sacola

sacudidelinha ← sacudidela
safadinhas ← safada
safadinho ou **safadinhos** ← safado
safrinha ← safra
saidazinhas ← saída
saidinhas ← saída
sainha ← saia
saladinha ← salada
salaminho ← salame
salazinhas ← sala
salãozinho ou **salõezinhos** ← salão
salgadinho ou **salgadinhos** ← salgado
salinha ou **salinhas** ← sala
salpicadinhos ← salpicado
salsinha ← salsa
saltinho ou **saltinhos** ← salto
salzinho ← sal
sambinha ← samba
sandalinha ou **sandalinhas** ← sandália
Sandrinha ← Sandra
sanduíchezinhos ← sanduíche
sanduíchinho ← sanduíche
sanfoninha ← sanfona
sanguinho ← sangue
Santantoninho ← Santantónio <~> Santantônio [<~>] Santo António <~> Santo Antônio
santinha ou **santinhas** ← santa
santinho ou **santinhos** ← santo
sãzinha ← sã
Sãozinha <~> **Çãozinha** ← *São <~> *Ção /← Conceição
sãozinho ← sã
sapatinha ← sapata
sapatinho ou **sapatinhos** ← sapato
sapinho ou **sapinhos** ← sapo
saquinha ou **saquinhas** ← saca

saquinho ou **saquinhos** ← saco
sarrazinho ← sarará
sargadinho ← *sargado [<~>] salgado
sargentinhos ← sargento
saudinha <~> **saúdinha** ← saúde
Savinho ← Sávio
searinha ← seara
secretariazinha ← secretária
sedezinha [e] ← sede [e]
sedinha ou **sedinhas** ← seda
segredinho ou **segredinhos** ← segredo
segundinho ← segundo
seiozinho ← seio
seirinhas ← seira
seiscentinhos ← seiscento(s)
seixinhos ← seixo
selinzinho ← selim
Selminha ← Selma
sementinha ← semente
senhazinha ← senha
senhorinha ou **senhorinhas** ← senhora
sensaçãozinha ← sensação
sentadinha ou **sentadinhas** ← sentada
sentadinho ou **sentadinhos** ← sentado
sequinha ou **sequinhas** ← seca
sequinho ou **sequinhos** ← seco
serãozinho ← serão
sereiazinha ← sereia
sereninho ← sereno
Serginho <~> **Sérginho** ← Sérgio
seriazinha ou **seriazinhas** ← séria
serpentezinhas ← serpente
serrinha ← serra
Sertãozinho ← sertão

servicinho ou **servicinhos** ← serviço

serzinho ← ser

sessãozinha ← sessão

setazinhas ← seta

setinha ← seta

shortinhos ← *shorte [<~>] short

showzinho ← show

siàzinha ← siá [<~>] sinhá

sicraninha ← sicrana

Sidinho [<~>] **Cidinho** ← *Sido [<~>] *Cido /← Alcide(s) ou Aparecido

Silvaninha ← Silvana

Silveirinha ← Silveira

Silvinha ← Sílvia

Silvinho ← Sílvio

Simãozinho ← Simão

simplinhas ← *simple [<~>] simples

simplesinha ← simples

sinalzinho ← sinal

sinceirinha ← sincera

sinecurazinha ← sinecura

sinetazinha ← sineta

sinetinha ← sineta

sinhazinha ou **sinhazinhas** ← sinhá

sinhozinho ← sinhô [<~>] senhor

sininho ou **sininhos** ← sino

sitiozinho ← sítio

skatinho ← skate

Soarinho ← *Soare [<~>] Soares

sobradinho ← sobrado

sofazinho ← sofá

Sofiazinha ← Sofia

sofredorazinha ← sofredora

soldadinho ou **soldadinhos** ← soldado

soldozinho ← soldo

solucinhos ← solução

solzinho ← sol

sombrazinha ← sombra

sombrinha ou **sombrinhas** ← sombra

sonecazinha ← soneca

Soninha ← Sônia <~> Sónia

soninho ← sono

sonsinha ou **sonsinhas** ← sonsa

sonsinhos ← sonso

sopinha ou **sopinhas** ← sopa

soprinho ← sopro

sòquinhas ← soca

sorrisinho <~> **sorrizinho** ou **sorrisinhos** <~> **sorrizinhos** ← sorriso <~> sorriso

sorrizozinho ← sorriso <~> sorriso

sorvetinho ← sorvete

sossegadinho ← sossegado

Soutelinho ← Soutelo

sósinha <~> **sosinha** <~> **sózinha** <~> **sozinha** <~> **sôzinha** <~> **sòzinha** ou **sozinhas** <~>

sózinhas <~> **sôzinhas** <~> **sòzinhas** ← só <~> sô

sozinho <~> **sòzinho** <~> **sózinho** <~> **sôzinho** ou **sozinhos** <~> **sòzinhos** <~> **sózinhos**

<~> **sôzinhos** ← só <~> sô

sucessozinho ← sucesso

sujeirinha ou **sujeirinhas** ← sujeira

sujeitinha ← sujeita

sujeitinho ou **sujeitinhos** ← sujeito

sujinho ← sujo

sulquinhos ← sulco

sumidinha ← sumida

suquinhos ← suco

suorzinho ← suor

surdinazinha ← surdina

Susaninha ← Susana

sustinho ← susto

tabaquinho ← tabaco

tabelinha ou **tabelinhas** ← tabela
tabernáculozinho ← tabernáculo
taberninha ← taberna
tabuinha ou **tabuinhas** ← tábua
tabuleirinhos ← tabuleiro
tachinha ← tacha
tachinho ← tacho
tacinha ← taça
tadinha ← *tada /← coitada
tadinho ou **tadinhos** ← *tado /← coitado
taioquinha ← taioca
taleiguinhas ← taleiga
taleiguinho ← taleigo
talhinhas ← talha
talquinho ← talco
taludinho ← taludo
talzinha ← tal
talzinho ← tal
tamanhinha ← tamanha
tamanhinho ← tamanho
tamaninho ou **tamaninhos** ← tamano [<~>] tamanho
tamanquinha ou **tamanquinhas** ← tamanca
tamborzinho ← tambor
tampazinha ← tampa
tampinha ou **tampinhas** ← tampa
tanquezinho ← tanque
tanquinho ← tanque
tantinho ← tanto
tapadinha ← tapada
tapadinho ou **tapadinhos** ← tapado
tapetezinho ← tapete
tapetinho ← tapete
tapinha ou **tapinhas** ← tapa
taradinho ← tarado

tardezinha ← tarde

tardinha ou **tardinhas** ← tarde

tarifaçozinho ← tarifaço

tasneirinha ← tasneira

tasninha ← tasna

tasquinha ou **tasquinhas** ← tasca

tatuzinhos ← tatu

teatrinho ou **teatrinhos** ← teatro

tecidinhos ← tecido

teimosinha ← teimosa

Teixeirinha ← Teixeira

telegramazinho ← telegrama

telhadinho ← telhado

telinha ou **telinhas** ← tela

temperadinha ← temperada

temperadinho ← temperado

temperinho ← tempero

temperozinho ← tempero

tempinho ou **tempinhos** ← tempo

tempozinho ← tempo

templozinho ← templo

tendinha ou **tendinhas** ← tenda

tenrinha ou **tenrinhas** ← tenra

tenrinho ou **tenrinhos** ← tenro

tenrozinho ← tenro

Tequinha ← Teca

Teresinha <~> **Terezinha** <~> **Therezinha** ← Teresa <~> Tereza <~> Thereza

termozinho ← termo

terninho ou **terninhos** ← terno

ternurinha ← ternura

terracinho ← terraço

terrazinha ou **terrazinhas** ← terra

terreirinho ou **terreirinhos** ← terreiro

terreninho ← terreno

terrinha ou **terrinhas** ← terra
tesinha ← tesa
tesourinha ou **tesourinhas** ← tesoura
testinha ← testa
tetinha ← teta
tetinho [e] ← teto [e]
tiazinha ou **tiazinhas** ← tia
tigelinha ou **tigelinhas** ← tigela
tijolinho ou **tijolinhos** ← tijolo
timãozinho ← timão
Timbozinho ← Timbó
timidazinha ← tímida
timinho ← time
Tinguinha ← Tinga
Tininha ← Tina /← Cristina
tiozinho ← tio
tipinho ou **tipinhos** ← tipo
tipozinhos ← tipo
tiquinho ou **tiquinhos** ← tico
tiradinho ← tirado
tirazinha ← tira
tirinha ou **tirinhas** ← tira
tirinho ou **tirinhos** ← tiro
titulozinho ou **titulozinhos** ← título <~> titulo
toalhinhas ← toalha
todinha ou **todinhas** ← toda
todinho ou **todinhos** ← todo
Toinho ← *Tõio /← António <~> Antônio
Tojeirinha ← tojeira
tolhidinho ← tolhido
tolinho ou **tolinhos** ← tolo
Tomasinho <~> **Tomásinho** ← Tomás
Tomèzinho <~> **Tomezinho** ← Tomé
tolicezinhas ← tolíce

tolicinhas ← tolíce

tolinha ← tola

Toninha ← Tónia <~> Tônia /← Antónia <~> Antônia

Toninho ← Tónio <~> Tônio /← António <~> Antônio

tontinha ← tonta

tontinho ou **tontinhos** ← tonto

tonzinho ← tom

toquinho ← toco

torneirinha ← torneira

tornozinho ou **tornozinhos** ← torno

torradinhas ← torrada

torrãozinho ou **torrõezinhos** ← torrão

torrentezinha ou **torrentezinhas** ← torrente

torrezinha ou **torrezinhas** ← torre

torrinha ou **torrinhas** ← torre

tostadinhos ← tostado

tostãozinho ou **tostõezinhos** ← tostão

Totinha ← Tota

totozinhos ← totó

touquinha ← touca

tourinho ← touro

trabalhadinha ← trabalhada

trabalhinho ou **trabalhinhos** ← trabalho

trancinha ou **trancinhas** ← trança

transinha ← transa

trapaçazinhas ← trapaça

trapalhãozinho ← trapalhão

trapinho ou **trapinhos** ← trapo

traspassadinha ← traspassada

tratadinha ← tratada

travadinha ← travada

travesseirinha ou **travesseirinhas** ← travesseira

travesseirinhos ← travesseiro

travessinha ou **travessinhas** ← travessa

travezinha ← trave
travozinho ← travo
trechinho ou **trechinhos** ← trecho
trechozinho ← trecho
treinadinha ← treinada
trejeitinho ← trejeito
tremidinho ← tremido
trenzinho ou **trenzinhos** ← trem
trevinho ← trevo
trigueirinha ← trigueira
triguinho ← trigo
tripeirinha ← tripeira
tristezinho ← triste
tristinha ← triste
tristinho ← triste
trocadinhos ← trocado
trocinhas ← troça
troçoelhos ← troço
troixinha ← troixa [<~>] trouxa
trombadinha ou **trombadinhas** ← trombada
tropinha ← tropa
trouxinha ou **trouxinhas** ← trouxa
trucazinha ← truca
truquezinhos ← truque
tubarãozinho ← tubarão
tubinho ou **tubinhos** ← tubo
tubozinho ou **tubozinhos** ← tubo
tudinho ← tudo
Tudinha ← *Tude /← Gertrude
Tupãzinho ← Tupã
turminha ← turma
Tuzinho ← *Tu /← Artur
Uberabinha ← Uberaba
uisquinhos ← uísque

umbiguinho ← umbigo
unidinhos ← unido
Uolezinho ← Uolei
urininha ← urina
ursinho ou **ursinhos** ← urso
urubuzinho ← urubu
usininha ← usina
uvinhas ← uva
Vadinho ← *Vado /← Osvaldo
vagezinha ← *vage [<~>] vagem
vaginha ← *vage [<~>] vagem
vaguinha ← vaga
Vaguinho ← *Vago [<~>] *Vagno [<~>] Vágner
vaidadezinha ← vaidade
Valinhos ← vale
Valmansinho ← Valman
valsinha ← valsa
vampezinha ← vampe
vantagenzinha ← vantagem
vaporzinho ← vapor
vaquinha ou **vaquinhas** ← vaca
varandinha ← varanda
Varginha ← *Varge [<~>] Vargem
varridinho ← varrido
varinha ou **varinhas** ← vara
Vasconcelinhos ← Vasconcelo(s)
vasilhinha ← vasilha
vasinho ou **vasinhos** ← vaso
vassourinha ou **vassourinhas** ← vassoura
veadinha ← veada
veadinho ou **veadinhos** ← veado
veiazinha ou **veiazinhas** ← veia
veiguinhas ← veiga
veiozinho ← veio

velhacariazinhas ← velhacaria
velhinha ou **velhinhas** ← velha
velhinho ou **velhinhos** ← velho
velinha ou **velinhas** ← vela
veludinho ← veludo
vendinha ← venda
venenozinho ← veneno
ventazinhas ← venta
ventinho ← vento
ventrezinho ← ventre
Venturinha ← Ventura
Venuzinha ← *Venuz <~> Vênus
verãozinho ← verão
verdadinha ← verdade
verdinha ← verde
verdinho ou **verdinhos** ← verde
veredinha ← vereda
vergastinha ← vergasta
vergazinha ← verga
vergonhinhas ← vergonha
verguinha ← verga
vermelhinha ou **vermelhinhas** ← vermelha
vermelhinho ← vermelho
vermezinho ← verme
vernizinho ← verniz
versinho ou **versinhos** ← verso
vestibulinho ou **vestibulinhos** ← *vestíbulo /← vestibular
vestidinho ou **vestidinhos** ← vestido
vestidinha ou **vestidinhas** ← vestida
vestidinho ← vestido
veuzinho ← véu
vezinha ← vez
viaginhas ← viage [<~>] viagem
viagenzinha ← viagem

Vianinha ← Viana
Vicentinho ← Vicente
viciozinho ← vício
vidazinha ← vida
Videirinha ← Videira
videirinho ou **videirinhos** ← videiro
vidinha <~> **vídinha** ou **vidinhas** ← vida
vidrinho ou **vidrinhos** ← vidro
Vieirinha ← Vieira
vielazinhas ← viela
vingançazinha ou **vingançazinhas** ← vingança
vingancinha ← vingança
vigariozinho ← vigário
vilazinha ou **vilazinhas** ← vila
vilinha ← vila
vilõezinhos ← vilão
vimeirozinhos ← vimeiro
vingativinha ← vingativa
vinhinho ← vinho
vinhozinho ← vinho
violinha ← viola
Virginazinha ← *Virgina [<~>] Virgínia
Virgininha ← Virgínia
viscondezinho ← visconde
viscerazinha ← víscera
visitinha ou **visitinhas** ← visita
vitelazinha ← vitela
vitelinho ← vitelo
Vitinho ← *Vito [<~>] Vítor
vitralzinho ← vitral
viuvinha ou **viuvinhas** ← viuva <~> viúva
viuvinho ← viúvo
vivinha ou **vivinhas** ← viva
vivinho ou **vivinhos** ← vivo

vivozinho ← vivo
vocabuláriozinho ← vocabulário
vocaçãozinha ← vocação
volantezinho ← volante
volumezinho ← volume
voluminhos ← volume
voltinha ou **voltinhas** ← volta
vontadinhas ← vontade
votinhos ← voto
vovozinha ← vovó
vozinha ← voz
vozinha <~> **vózinha** <~> **vòzinha** <~> **vôzinha** ← vó /← avó
vozinho <~> **vôzinho** ou **vozinhas** <~> **vôzinhas** ← vô /← avô
vultozinho ← vulto
xadrezinho ← xadrez
xailinho ← xaile [<~>] xale
Xavinha ← *Xávi /← Xavier
xicrinha ← *xicra [<~>] xícara
Wadinho ← *Wado /← Oswaldo
Waltinho ← *Walto /← Walter
Wilsinho ← *Wilso /← Wilson
zaguinho ← zague
Zambelinha ← Zambela
zangadinho ← zangado
Zefinha <~> **Zêfinha** <~> **Zêfinha** ← Zefa /← Jozefa <~> Josefa
Zequinha <~> **Zéquinha** <~> **Zèquinha** ← Zeca /← José ou José Carlo(s)
zerinho ← zero
Zezinha ← *Zeza /← Maria José
Zezinho <~> **Zézinho** <~> **Zêzinho** ← Zé /← José <~> Jozé
Zizinha ← Ziza
zonzinha ← zonzona
Zoquinha ← Zoca
zurzinha ← zurza
Zuzinha ← Zuza /← José <~> Jozé

Diminutivos em -t-

atrizita ← atriz [<~>] atriz**açucareiro** ← açucareiro**Adelinito** ← Adelino**Adrianito** ← Adriano**agulhãozito** ← agulhão**alegrete** ◀ esp. *alegrete***alemãzita** ← alemã**alqueirito** ← alqueire**amiguito** ◀ esp. *amiguito***ampliaçãozita** ← ampliação**ancoreta** ou **ancoretas** ◀ it. *ancoretta***anedotazita** ← anedota**animadita** ← animada**Anita** <~> **Annita** ← esp. *Anita***Antonito** ← Antônio <~> António**anunciozito** ← anúncio**aragemzita** ← aragem**armazita** ← arma**arrolhadito** ← arrolhado**arrozito** ← arroz**artiguete** ou **artiguetes** ← artigo**arvoreta** ◀ it. *arboretto***arvorezitas** ◀ esp. *arbolecito***asitas** ◀ esp. *asita* ou esp. *alitas***ataquezito** ← ataque**aventalito** ← avental**aventalzito** ← avental**aventurazitas** ← aventura**avezita** ◀ esp. *avezita* ou esp. *avecita***aviõezitos** ◀ esp. *avioncito***avioneta** ou **avionetas** ◀ esp. *avioneta* ou fr. *avionnette*

bamburralzito ← bamburral
bacalhauzito ← bacalhau
bacharelete ← bacharel
bacoritos ← bácoro
bagazitas ← baga
baixito ou **baixitos** ◀ esp. *bajito*
baixota ← baixa
balancete ou **balancetes** ◀ it. *belancette*
balãozito ← balão
balcãozito ◀ esp. *balconcito*
banqueta ou **banquetas** ◀ esp. *banqueta*
barraquita ou **barraquitas** ← barraca
barquito ou **barquitos** ◀ esp. *barquito*
barriguita ◀ esp. *barriguita*
barulhito ← barrulho
beiradazita ← beirada
bercito ◀ esp. *bercita*
bezerrita ◀ esp. *becerrita*
bichanita ← bichana
bicharazito ← bichará
bichito ◀ esp. *bichito*
bigodito ◀ esp. *bigotito*
biquinizito ← biquíni [<~>] biquine
biscatito ← biscate
bitafezitos ← bitafe
bluseta ← blusa
blusita ◀ esp. *blusita*
bocadito ◀ esp. *bocadito*
boinazita ← boina
bolita ◀ esp. *bolita*
bonezito <~> **bonézito** ← boné
bonitota ← bonita
boquita ◀ esp. *boquita*
borreguito ◀ esp. *borreguito*

bosquetes ◀ fr. *bosquet* ou prov. *bosquet* ou esp. *bosquete* ou it. *boschetto*
botãozinho ◀ esp. *botoncito*
bracito ou **bracitos** ◀ esp. *bracito*
buraquito ← buraco
burrita ◀ esp. *burrita*
burrito ◀ esp. *burrito*
cabanita ← cabana
cabazitos ← cabaz
cabecita ou **cabecitas** ◀ esp. *cabecita*
cabelitos ◀ esp. *cabellito*
cabrita ou **cabritas** ~← cabrito < b.-lat. *caprītus*
cabrito ou **cabritos** < b.-lat. *caprītus*
cachopita ou **cachopitas** ← cachopa
cachopito ← cachopo
cachorrinho ◀ esp. *cachorrinho*
cadelita ← cadela
caderneta ou **cadernetas** ← caderno
cafezitos ← café
caixeirita ← caixeira
caixeta ou **caixetas** ◀ esp. *caxeta*
caixita ◀ esp. *cajita*
caixotezinho ← caixote
calcita ← calça
caladito ← calado
caldeirãozinho ← caldeirão
cambraieta ← cambraia
camisita ◀ esp. *camisita*
campito ◀ esp. *campito*
camponesita ← camponesa
cançoneta ou **cançonetas** ◀ fr. *chancenete* > fr. *chanconete* ou esp. *cançoneta*
canhadita ◀ esp. *cañadita*
canitos ← cão
cãozinho ou **cãezitos** ← cão
capelazita ← capela

carita ◀ esp. *carita*
Carlito ou **Carlitos** ◀ esp. *Carlitos*
Carmita ◀ esp. *Carmita*
carreirita ← carreira
carreirito ← carreiro
carrito ◀ esp. *carrito*
cartazete ← cartaz
carteirita ◀ esp. *carterita*
casalzito ← casal
casinhota ← casinha
casinhoto ou **casinhotos** ~← casinhota ← casinha
casita ou **casitas** ◀ esp. *casita*
casota ou **casotas** ← casa
cavalito ← cavalo
cerraçãozita ← cerração
chamarrita ← chamarra
changueiritos ← changueiro
chapelito ← chapel [<~>] chapéu
chapeuzito ← chapéu
chaveta ou **chavetas** ◀ fr. *clavette*
chequezito ← cheque
chibato ◀ esp. *chivato* ou esp. *chibato*
chiquita ◀ esp. *chiquita*
chiquito ◀ esp. *chiquito*
cidadezita ← cidade
cigarrito ◀ esp. *cigarrito*
Clarita ◀ esp. *Clarita*
cobrezitos ← cobre
coisita ou **coisitas** ◀ esp. *cosita*
coitadinha ← coitadinha
coitadita ou **coitaditas** ◀ esp. *cuitadita*
coitadito ou **coitaditos** ◀ esp. *cuitadito*
coixita ← coixa [<~>] coxa
colchãrito ← colchão

companheirita ◀ esp. *compañerita*
complexozito ← complexo
Conceiçanita ← Conceição
condessita ◀ esp. *condesita*
confuzota ← *confuza <~> confusa
congestãozita ← congestão
conhaquezito ← conhaque
copito ◀ esp. *copito*
cornitos ◀ esp. *cuernito*
corpito ou **corpitos** ◀ esp. *cuerpito*
cortezito ◀ esp. *cortecito*
costureirita ◀ esp. *costurerita*
cotãozito ← cotão
courelazitas ← courela
courelitas ← courela
crecidito ◀ esp. *crecido*
criadita ou **criaditas** ◀ esp. *criadita*
criadito ◀ esp. *criadito*
croniqueta ◀ it. *cronichetta*
cruzeta ou **cruzetas** ◀ esp. *cruceta*
degrauzitos ← degrau
delgadito ◀ esp. *delgadito*
desgraçadita ← desgraçada
desgraçadito ← desgraçado
diabrete ou **diabretes** ← diablo [<~>] diabo
Dieguito ◀ esp. *Dieguito*
digressãozita ← digressão
dinheirito ◀ esp. *diñerito*
dorzita ← dor
drogadito ← drogado
Eduardita ◀ esp. *Eduardita*
èguazita ← égua
emplumaditos ← emplumado
empregadita ← empregada

empregadito ← empregado
enfezadito ← enfezado
engraçadito ← engraçado
enroscadito ← enroscado
entrevadito ← entrevado
enxovalzito ← enxoval
ervazitas ← erva
esbocetos ← esboço
escovadita ← escovada
escravozito ← escravo
escudete ou **escudetes** ◀ cat. *escudet* ou esp. *escudete*
escuditos ◀ esp. *escudito*
espanholita ← espanhola
espigadita ← espigada
espigadota ← espigada
estatueta ou **estatuetas** ◀ fr. *statuette*
estorieta [<~>] **historieta** ◀ fr. *historiette* ou it. *storietta*
Estrelita ◀ esp. *Estrelita*
estudentitos ← estudante
estudozito ← estudo
fabriqueta ou **fabriquetas** ← fábrica
facezitas ← face
faniquito ou **faniquitos** ← fanico
fantochezito ← fantoche
fatiazita ← fatia
fatitos ← fato
feiota ◀ esp. *feota*
Felicianito ← Feliciano
ferrete ou **ferretes** ← fr. *ferret*
figureta ◀ it. *figuretta*
filhita ◀ esp. *hijita*
filhito ◀ esp. *hijito*
filme ou **filmetes** ← filme
fiveleta ← fivela

floritas ◀ esp. *florita*
focinhito ← focinho
folheirito ← folheiro
folhetas ◀ esp. *foillet*
folhitas ◀ esp. *hojita*
fornito ◀ esp. *huernito*
franzinito ← franzino
fraquitas ◀ esp. *flaquita*
fraquito ou **fraquitos** ◀ esp. *flaquito*
friozito ou **friozitos** ← frio
fulanitas ← fulana
furrielzito ← furriel
gadito ← gado
gaguete ← gago
galderiozito ← galdério
galeguito ← galego
galeota ou **galeotas** ◀ it. *galeotta* ou it. *galiota* ou fr. *galiotte* ou fr. *galliotte*
galhardete ou **galhardetes** ◀ cat. *gallardet*
galhitos ← galho
galinhoto ← galinho
galitos ← galo
garanhõezitos ← garanhão
garotita ← garota
garotito ou **garotitos** ← garoto
gatito ◀ esp. *gatito*
gauchito ← gaúcho
golitos ← gol
gordito ◀ esp. *gordito*
gordota ← gorda
grandota ← grande
grupitos ◀ esp. *grupito*
guardasolito ← guarda-sol
Henriqueta ◀ fr. *Henriquette*
historieta ou **historietas** ◀ fr. *historiette* ou it. *storietta*

homenzito ◀ esp. *hombrezito* ou esp. *hombrecito*
horazitas ← hora
horita ou **horitas** ◀ esp. *horita*
hortaliçazita ← hortaliça
hortazita ← horta
ilhota ou **ilhotas** ◀ esp. *islote*
inglesita ◀ esp. *inglesita*
inocentita ◀ esp. *inocentita*
irmanitos ◀ esp. *hermanito*
irmãozito ou **irmãozitos** ← irmão
Isabelita ◀ esp. *Isabelita*
janelita ← janela
janelito ~← janelita ← janela
jardinete ◀ fr. *jardinet*
jardinzito ◀ esp. *jardincito*
jarrozito ← jarro
Joanita ◀ esp. *Juanita*
Joanito ◀ esp. *Juanito*
joguito ◀ esp. *jueguito*
Juanito ◀ esp. *Juanito*
joguete ou **joguetes** ◀ prov. *joguet* ou esp. *juguete*
Jorgito ← Jorge
Josezito ◀ esp. *Josecito*
jovenzito ◀ esp. *joventito*
judeuzito ← judeu
judiozito ← judio
Julita ◀ esp. *Julita*
jurozito ← juro
lacetes ← laço
ladeirita ◀ esp. *laderita*
ladeirota ← ladeira
lagartozito ← lagarto
lagrimita ◀ esp. *lagrimita*
lanceta ou **lancetas** ◀ fr. *lancete* ou esp. *lanceta*

latãozito ← latão

Laurita ← Laura

lèguazita ← légua

lembrançazitas ← lembrança

liberdadezita ← liberdade

libreto ou **libretos** ◀ it. *libretto*

lingüeta <~> **lingueta** ◀ fr. *languette* ou it. *linguetta*

litritos ← litro

livrete ou **livretes** ◀ fr. *livret*

livreto ou **livretos** [<~>] **libreto** ◀ it. *libretto*

loirita ~← loirito ◀ esp. *lorito*

lojitas ← loja

Lolita ◀ esp. *Lolita*

lourita ~← lourito ◀ esp. *lorito*

Lucindita ← Lucinda

lugaritos ← lugar

lugarzito ◀ esp. *lugarcito*

Luizita ◀ esp. *Luisita*

Luizito ◀ esp. *Luisito*

luzita ← luz

macaquito ← macaco

Madonnita ← Madonna

magrita ◀ esp. *magrita*

magrito ◀ esp. *magrito*

maiorzitos ◀ esp. *mayorcito*

malandrete ou **malandretes** ← malandro

maleta ou **maletas** ◀ esp. *maleta* ou fr. *malette* ou cat. *maleta*

maluquetes ← maluco

manhãzita ← manhã

Manoelito ◀ esp. *Manuelito*

mãosita <~> **mãozita** ou **mãositas** <~> **mãozitas** ← mão

maquinazita ← máquina

maquineta ou **maquinetas** ◀ fr. *machinette*

maquinetazita ← maquineta

Maricota ◀ esp. *Maricota*
Mariquitas ◀ esp. *Mariquita*
marquezitos ◀ esp. *marquesito*
marrãozito ← marrão
melhorzita ← melhor
melhorzito ← melhor
meninota ou **meninotas** ← menina
mesezitos ← mês
mesita ◀ esp. *mesita*
milhito ← milho
miolitos ← miolo
miudita ou **miuditas** ◀ esp. *menudita*
miudito ou **miuditos** ◀ esp. *menudito*
mocita ◀ esp. *mocita*
mocito ◀ esp. *mocito*
moçota ← moça
molecota ← moleca
molete ◀ fr. *mollet* ou esp. *molete*
molhito ou **molhitos** ← molho
moedita ◀ esp. *monedita*
montanhezito ← montanhez <~> montanhês
motete ou **motetes** ◀ fr. *motet* ou esp. *motete*
motorzito ← motor
muchachozito ← muchacho
mulherzita ou **mulherzitas** ← mulher
mureta ou **muretas** ~← murete ◀ fr. *muret* ou esp. *murete*
murete ◀ fr. *muret* ou esp. *murete*
murozito ← muro
narizito ◀ esp. *naricita*
naveta ◀ fr. *navette*
negociozito ← negócio
negrita ◀ esp. *negrita*
negrito ou **negritos** ◀ esp. *negrito*
netito ◀ esp. *nietito*

Nicolauzito ← Nicolau

Nicota ← *Nica ← Anica ← Ana

novata ou **novatas** ◀ esp. *novata*

novato ou **novatos** ◀ esp. *novato*

noveleta ◀ it. *novelletta* ou esp. *noveleta* ou fr. *novelette*

novita ◀ esp. *nuevita*

novito ou **novitos** ◀ esp. *nuevito*

oficinazita ← oficina

olhito ou **olhitos** ◀ esp. *ojito*

oncita ◀ esp. *oncita*

oraçanita ← oração

orelhitas ◀ esp. *orejita*

Oscarito ← Oscar

ossitos ◀ esp. *huesito*

ovelhota ← ovelha

ovazita ← ova

ovito ← ovo

Paulito ◀ esp. *Pablito*

padrezito ◀ esp. *padrecito*

paixoneta ou **paixonetas** ◀ fr. *passionnette*

palacete ou **palacetes** ◀ it. *palazzetto* ou it. *palagietto*

palhete ◀ fr. *paillette* ou esp. *palhete*

palhota ou **palhotas** ◀ fr. *pailotte*

palito ou **palitos** ◀ esp. *palito*

palmadita ◀ esp. *palmadita*

pandeireta ou **pandeiretas** ◀ esp. *pandereta*

pandereta ◀ esp. *pandereta*

pãozito ou **pãezitos** ◀ esp. *panecito*

papelitos ◀ esp. *papelito*

parvita ← parva

passaditas ◀ esp. *pasadita*

passarito ou **passaritos** ◀ esp. *pajarito*

passeiozito ← passeio

passito ou **passitos** ◀ esp. *pasito*

patitas ← pata
pauzito ← pau
peçazitas ← peça
pecita ← peça
pedacito ou **pedacitos** ◀ esp. *pedacito* ou esp. *pedazito*
pedrita ou **pedritas** ◀ esp. *pedrita*
Pedrito ◀ esp. *Pedrito*
peixito ← peixe
pennita ← penna <~> pena
pequenita ◀ esp. *pequeñita*
pequenito ou **pequenitos** ◀ esp. *pequeñito*
pequenitozito ← pequenito
pequerrichitos ← *pequerricho [<~>] pequerrucho
pequetita [<~>] **pequenita** ◀ esp. *pequeñita*
pequetititos ← pequetito
perdigoto ou **perdigotos** < lat. vulg. *perdicottus
perneta ◀ esp. *perneta*
pernitas ◀ esp. *piernita*
pezito ou **pézitos** ◀ esp. *piecito*
piazito ← piá
picadita ← picada
pinguita ← pinga
pinheirito ← pinheiro
pobrezita <~> **pobresita** ou **pobresitas** ◀ esp. *pobrezita* ou esp. *pobrecita*
pobrezito ou **pobrezitos** ◀ esp. *pobrezito* ou esp. *pobrecito*
poemeto ou **poemetos** ◀ it. *poemetto*
poetazito ← poeta
porquito ou **porquitos** ← porco
portita ◀ esp. *puertita*
poucochito ← *poucocho
pouquita ◀ esp. *poquita*
pouquito ◀ esp. *poquito*
praceta ◀ fr. *placette*
pracita ◀ esp. *placita*

praiazita ← praia
preçozito ← preço
presuntito ← presunto
punhitos ◀ esp. *puñito*
puxadito ← puxado
quartito ◀ esp. *cuartito*
quilitos ← quilo
quintalito ← quintal
ramalhete ou **ramalhetes** ◀ cat. *ramellet* ou esp. *ramillete*
ramilhete ou **ramilhetes** ◀ cat. *ramellet* ou esp. *ramillete*
ramitos ◀ esp. *ramito*
ranchito ◀ esp. *ranchito*
rapariguita ou **rapariguitas** ← rapariga
raparigota ← rapariga
rapazito ou **rapazitos** ◀ esp. *rapazito*
raposito ◀ esp. *raposito*
ratitos ◀ esp. *ratito*
Raulzito ← Raul
redondita ◀ esp. *redondita*
redondito ◀ esp. *redondito*
reformazita ← reforma
republicueta ← república
restaurantezito ← restaurante
reumatismozito ← reumatismo
ribeirozitos ← ribeiro
Ricardito ← Ricardo
risota ou **risotas** ◀ esp. *risota*
rodelazita ← rodela
romancetes ◀ esp. *romancete*
rosadito ← rosado
roseta ou **rosetas** ◀ fr. *rosette* ou it. *rosetta* ou cat. *roseta* ou esp. *roseta*
rostito ou **rostitos** ← rosto
roupita ◀ esp. *ropita*
ruivito ◀ esp. *rubito*

sachozito ← sachó
saiazita ← saia
saleta ou **saletas** ◀ esp. *saleta* ou it. *saletta*
salmonete ou **salmonetes** ◀ esp. *salmonete* ou fr. *surmulet*
saltitos ◀ esp. *saltito*
sãozito ← são
sapatitas ← sapata
saquita ← saca
saquitos ◀ esp. *saquito*
Sarita ◀ esp. *Sarita*
searita ← seara
selvagenzito ← selvagem
senhorita ou **senhoritas** ◀ esp. *señorita*
senhorito ou **senhoritos** ◀ esp. *señorito*
silenciozito ← silêncio
sineta ou **sinetas** ← sino
soldadito ◀ esp. *soldadito*
sorrisito ◀ esp. *sonrisita*
surribazita ← surriba
tabuleta ou **tabuletas** ◀ it. *tavoletta*
talhadita ou **talhaditas** ← talhada
taluditos ← taludo
tamanquitos ← tamanco
tamborete ou **tamboretetes** ◀ fr. *tabouret*
tanquezito ← tanque
tapetitos ← tapete
tardezita ◀ esp. *tardecita*
tarjeta ou **tarjetas** ◀ esp. *tarjeta*
temporadita ◀ esp. *temporadita*
Teresita ◀ esp. *Teresita*
terrazita ← terra
terreirito ← terreiro
torneirazita ← torneira
tourito ◀ esp. *torito*

trabalhito ◀ esp. *trabajito*
trambolhões ← trambolhão
tranqueta ← tranca
trapitos ◀ esp. *trapito*
tropilhita ← tropilha
trotezito ◀ esp. *trotecito*
trouxitas ← trouxa
vagonete ◀ fr. *wagonnet*
valeta ou **valetas** ◀ esp. *valeta* ou it. *valletta*
vaqueta ◀ fr. *vachette* ou esp. *vaqueta*
vaquita ou **vaquitas** ◀ esp. *vaquita*
vareta ou **varetas** ◀ esp. *vareta*
varita ◀ esp. *varita*
velhaquete ← velhaco
velhita ◀ esp. *viejita*
velhito ◀ esp. *viejito*
velhota ou **velhotas** ◀ fr. *vieillotte*
vendazita ← venda
ventito ◀ esp. *vientito*
verdete ou **verdetes** ◀ cat. *verdet* ou fr. *verdet* ou esp. *verdete*
vermelhito ← vermelho
vinhazita ← vinha
vinhete ◀ cat. *vinet*
vinhito ◀ esp. *vinito*
vintenitos ← vintém
voltita ◀ esp. *voltita*
vozita ← vó /← avó
vozita ← voz
xalito ← xale
Zezito ← Zé /← José

Diminutivos em *-ino*

pequenino ou **pequeninos** ◀ esp. *pequenino*
pequenina ou **pequeninas** ◀ esp. *pequenina*
piquinino [<~>] **pequenino** ◀ esp. *pequenino*

Diminutivos em *-lh-*

bolsilho ◀ esp. *bolsillo*
boquilha ou **boquilhas** ◀ esp. *boquilla*
cabecilha ou **cabecilhas** ◀ esp. *cabecilla*
camilha ou **camilhas** ◀ esp. *camilla*
cartilha ou **cartilhas** ◀ esp. *cartilla*
casquilha ou **casquilhas** ◀ esp. *casquilla*
cigarrilha ou **cigarrilhas** ◀ esp. *cigarrillo*
conventilho ou **conventilhos** ◀ esp. *conventillo*
estampilha ou **estampilhas** ◀ esp. *estampilla*
fagulha ou **fagulhas** < lat. vulg. **facucŭla*
fedelha ~← fedelho < lat. vulg. **foetĭculum*
fedelho ou **fedelhos** < lat. vulg. **foetĭculum*
figurilha ◀ esp. *figurilla*
garotelho ← garoto
gazetilhas ◀ esp. *gazetilla*
grupelho ou **grupelhos** ← grupo
guerrilha ou **guerrilhas** ◀ esp. *guerrilla*
intriguelha ← intriga
maltrapilha ou **maltrapilhas** ◀ esp. *maltrapilla*
maltrapilho ou **maltrapilhos** ◀ esp. *maltrapillo*
migalha ou **migalhas** < lat. hsp. **micalĕa*
migalho ou **migalhos** ~← migalha < lat. hsp. **micalĕa*
negrilho ou **negrilhos** ◀ esp. *negrillo*

novilha ou **novilhas** ◀ esp. *novilla*
novilho ou **novilhos** ◀ esp. *novillo*
palmilha ou **palmilhas** ◀ esp. *palmilla*
pecadilho ou **pecadilhos** ◀ esp. *pecadillo*
politicalha ← política
potrilho ◀ esp. *potrillo*
rapazelho ou **rapazelhos** ◀ esp. *rapazejo*
rodilha ou **rodilhas** ◀ esp. *rodilla*
rosilho ◀ esp. *rosillo*
rosquilha ou **rosquilhas** ◀ esp. *rosquilla*
serrilha ou **serrilhas** ◀ esp. *cerrillo* ou esp. *serrillo*
toadilha ◀ esp. *tonadilla*
tortilha ◀ esp. *tortilla*
triguilho ◀ esp. *triguillo*
tropilha ◀ esp. *tropilla*
veludilho ◀ esp. *velludillo* ou esp. *veludillo*

Diminutivos em -c-

abanico ← esp. *abanico*
atrizecas ← atriz [<~>] atriz
amoreco ← amor
amóricos ← amor
Annicas ◀ esp. *Anica*
bailarico ← bailar
beijoca ou **beijocas** ← beijo
belezoca ← beleza
burrico ou **burricos** < lat. vulg. *burricus
chicanazeca ← chicana
cidadezeca ← cidade
feijõezecos ← feijão
filmecos ← filme

folharecos ← folha
folheca ← folha
Fordeco ← *Forde <~> Ford
Fredoca ← *Fredo /← Manfredo
fulustreco ← *fulustro
hotèizecos ← hotel
hoteleco ← hotel
igrejoca ← igreja
jardineco ← jardim
jornaleco ou **jornalecos** ← jornal
Leiloca ← Leila
literatecos ← literato
livreco ou **livreco** ← livro
lojeca ou **lojecas** ← loja
malandreco ← malandro
Marica ou **Maricas** ◀ esp. *Marica*
Marocas ← Maria
Mundica ← *Munda /← Raimunda
Mundico ← *Mundo /← Raimundo
namoricos ← namoro
nanica ou **nanicas** ~← nanico ◀ esp. *enanico*
nanico ou **nanicos** ◀ esp. *enanico*
ofertazecas ← oferta
orelhoca ← orelha
padreco ← padre
partideco ← partido
Pedroca ← Pedro
pelicas ◀ esp. *pellica*
quintaleco ← quintal
romanceco ← romance
rapazeco ← rapaz
revisteca ou **revistecas** ← revista
roupecas ← roupa
Tonico /← Antonico ◀ esp. *Antonico*

veiaço [<~>] **velhaco** ◀ esp. *vellaco* ou esp. *bellaco*

velhaca ou **velhacas** ◀ esp. *vellaca*

velhaco ou **velhacos** ◀ esp. *vellaco* ou esp. *bellaco*

veranico ◀ esp. *veranico*

Diminutivos em *-l-*

aldeola ou **aldeolas** ← aldeia

amarrotadela ← amarrotada

apalpadelas ← apalpada

arranhadelas ← arranhada

arrumadela ← arrumada

bandeirola ou **bandeirolas** ◀ cat. *banderola* ou esp. *banderola*

branquela ← branca

branquelo ou **branquelos** ← branco

caixola ◀ lat. *capsŭla*

capela <~> **capella** <~> **cappella** ou **capelas** < lat. vulg. *cappella*

caselas ◀ esp. *casela*

casinhola ou **casinholas** ← casinha

casinholo ~← casinhola ← casa

criançola ← criança

cavadelas ← cavada

chupadelas ← chupada

cidadela ou **cidadelas** ◀ it. *cittadella* ou fr. *citadelle* ou esp. *ciudadela*

doidela ← doida

doidelo ← doido

escapadela ou **escapadelas** ← escapada

escapulidelas ← escapulida

espanadelas ← espanada

escorregadela ou **escorregadelas** ← escorregada

escovadela ou **escovadelas** ← escovada

espreitadela ← espreitada

fazendola ← fazenda
farsola ou **farsolas** ← farsa
fontanela ou **fontanelas** ◀ it. *fontanella* ou esp. *fontanjela*
fungadela ou **fungadelas** ← fungada
galinhola ou **galinholas** ← galinha
gloriola <~> **gloriola** ou **gloriolas** ◀ lat. *gloriōla*
graçola ou **graçolas** ← graça
igrejola ◀ lat. *ecclesiōla*
lambedela ou **lambedelas** ← *lambeda [<~>] lambida
lambidelas ← lambida
magrela ← magra
magrelo ou **magrelos** ← magro
magricela <~> **magricella** ou **magricelas** ← magriça
magricelo ou **magricelos** ← magriço
magrizela ou **magrizelas** ← *magriza [<~>] magriça
mordidela ou **mordidelas** ← mordida
olhadela ou **olhadelas** ← olhada
penteadela ou **penteadelas** ← penteada
picadela ou **picadelas** ← picada
piscadela ou **piscadelas** ← piscada
portelas < lat. vulg. *portella
portinholo ← portinho
portinhola ou **portinholas** ← portinha
queimadelas ← queimada
quintarola ← quinta
rachadelas ← rachada
rapazola ou **rapazolas** ← rapaz
rodela ou **rodelas** <~> **rodellas** < lat. vulg. *rotella
ruela ou **ruelas** <~> **ruellas** ← rua
sacudidela ou **sacudidelas** ← sacudida
terreola ou **terreolas** ← terra
terriola ← terra
tossidela ou **tossidelas** ← tossida
vasculhadela ← vasculhada

viela <~> **viella** ou **vielas** ← *via*

vitela <~> **vitella** ou **vitelas** ◀ *lat. vitella*

vitelo ou **vitelos** ◀ *lat. vitellus*

Diminutivos em *-ch-*

barbicha ou **barbichas** ◀ *fr. barbiche*

casuchas ◀ *esp. casucha*

delgaducha ◀ *esp. delgaducha*

enfermucho ◀ *esp. enfermucho*

fogacho ou **fogachos** ← *fogo*

gordalhucho ← **gordalho*

gorducha ou **gorduchas** ◀ *esp. gorducha*

gorducho ◀ *esp. gorducho*

governicho ← *governo*

hoteluchos ◀ *esp. hotelucho*

lebracho ◀ *esp. lebracho*

papelucho ◀ *esp. papelucho*

pequerrucha ← **pequerra* [<~>] *pequena*

pequerrucho ou **pequerruchos** ← **pequero* [<~>] *pequeno*

populacho ◀ *esp. populacho*

riacho ou **riachos** ◀ *esp. riacho*

Diminutivos em *-ulo* e *-culo*

bolsícula ← *bolsa*

conventículos ◀ *lat. conventicŭlum*

cornículos ◀ *lat. cornicŭlus*

corpúsculo ou **corpúsculos** ◀ *lat. corpuscŭlum*

cutícula ou **cutículas** ◀ *lat. cuticŭla*

dentículos ◀ lat. *denticŭlus*

febrículas ◀ lat. *febricŭla*

flóculo ou **flóculos** ◀ lat. *flocŭlus*

flósculos ◀ lat. *floscŭlus*

folículo <~> **foliculo** ou **folículos** ◀ lat. *follicŭlus*

gotícula ou **gotículas** ← gota

grupúsculo ← grupo

homúnculo ou **homúnculos** ◀ lat. *homuncŭlus*

montículo ou **montículos** ◀ lat. *monticŭlus*

nódulo ou **nódulos** ◀ lat. *nodŭlus*

nótulas ◀ lat. *notŭla*

ondículas ← onda

ôndulas ◀ lat. *undŭla*

opúsculos <~> **opusculos** ◀ lat. *opuscŭlum*

ossículo ou **ossículos** ◀ lat. *ossicŭlus*

partícula ou **partículas** ◀ lat. *particŭla*

párvulos ◀ lat. *parvŭlus*

película ou **películas** ◀ lat. *pellicŭla*

questiúncula ou **questiúnculas** ◀ lat. *quaestiuncŭla*

radícula ◀ lat. *radicŭla*

régulo ou **régulos** ◀ lat. *regŭlus*

retículos ◀ lat. *reticŭlus*

súmula ou **súmulas** ◀ lat. *summŭla*

terrícula ◀ lat. *terrícŭla*

versículo ou **versículos** <~> **versiculos** ◀ lat. *versicŭlus*

Diminutivos em -sc-

chuisco ou **chuiscos** /← chuiscar

namorisco ← namoro

negrusca ~← negrusco ◀ esp. *negrusco*

negrusco ou **negruscos** ◀ esp. *negrusco*

pedrisco ◀ esp. *pedrisco*

rabisca ~← rabisco /← rabiscar

rabisco ou **rabiscos** /← rabiscar

velhusco ← velho

velhusca ou **velhuscas** ← velha

vermelhusca ou **vermêlhucas** ← vermelho

vermelhusco ou **vermêlhucos** ← vermelho

Diminutivos em *-ejo*

animalejo ou **animalejos** ◀ esp. *animalejo*

cantarejo ← cantar

castelejo ◀ esp. *castellejo* ou esp. *castillejo*

gracejo ou **gracejos** ◀ esp. *gracejo*

hortejo ou **hortejos** ← horto

logarejo ou **logarejos** ◀ esp. *logarejo* ou esp. *lugarejo*

lugarejo ou **lugarejos** ◀ esp. *lugarejo*

quintalejo ou **quintalejos** ← quintal

rumorejo ou **rumorejos** /← rumorejar

vilarejo ou **vilarejos** ◀ esp. *Villarejo*

zagalejo ◀ esp. *zagalejo*

Diminutivos em *-iço*

aranhiço ou **aranhiços** ← aranha

assustadiça ou **assustadiças** ◀ esp. *asustadiza*

assustadiço ou **assustadiços** ◀ esp. *asustadizo*

espantadiça ou **espantadiças** ◀ esp. *espantadiza*

espantadiço ou **espantadiços** ◀ esp. *espantadizo*

resvaladiça ◀ esp. *resvaladiza*

irritadiça ou **irritadiças** ← irritada

Diminutivos em *-im*

boletim ou **boletins** ◀ esp. *boletin* ou esp. *boletín* ou it. *boletino*

caixotins ◀ esp. *cajetin* ou esp. *cajetín*

camarim ou **camarins** ◀ esp. *camarin*

claustrim ← claustro

cordelim ← cordel

cornetim ou **cornetins** ◀ esp. *cornetin* ou esp. *cornetín*

dedim ← dedo

doidim ← doido

espadim ou **espadins** ◀ esp. *espadin* ou esp. *espadín*

farolim ou **farolins** ← farol

flautim ou **flautins** ◀ esp. *flautin* ou esp. *flautín* ou it. *flautino*

filhim ← filho

fortim ou **fortins** ◀ esp. *fortin* ou esp. *fortín* ou it. *fortino*

janelins ← janela

lagostim ou **lagostins** ◀ esp. *lagostin* ou esp. *lagostín*

negrim <~> **negrin** ← negro

selim ← sela

sinhozim ← sinhô [<~>] senhor

Totonhim ← Totonho ← António <~> Antônio

Diminutivos em *-ebre*

casebre <~> **cazebre** ou **casebres** ← prov. *casebre* < lat. vulg. **casipula* ou **casibula*

REFERÊNCIAS

BARROS, João de. **Grammatica da lingua portuguesa**. Olyssipone [Lisboa]: Typographum Ludouicum Rotorigiũ, 1540. Disponível em: <<http://purl.pt/12148>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 [1961¹].

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 [1956¹].

CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval. Disponível em: <<http://cipm.fcsh.unl.pt/>>. Acesso de abr. a ago. 2016.

DAVIES, Marc; FERREIRA, Michael. **Corpus do Português**: 45 million words, 1300s-1900s. 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso de mar. 2015 a ago. 2016.

GONÇALVES VIANA, Aniceto dos Reis. **Ortografia nacional**: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas. Lisboa: Tavares Cardoso, 1904.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.

HUBER, Joseph. **Gramática do português antigo**. Tradução Maria Manuela Gouveia Delille. (Título original: *Altportugiesisches elementarbuch*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1933). Lisboa: C. Gulbenkian, 1986.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia da língua portuguesa**. 4 ed. Campinas: Pontes, 2002 [1986¹].

NEHiLP – Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa. **Manual do NEHiLP**. Versão 2.1. 2015. Disponível em: <<http://www.usp.br/nehilp/infos/manual.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2015.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**: fonética e morfologia. 8 ed. Lisboa: Clássica, 1975 [1919¹].

NUNEZ DE LIÃO, Duarte. **Orthographia da lingoa portuguesa**. Lisboa: João de Barreira, 1576. Disponível em: <<http://purl.pt/15>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

OLIVEIRA, Fernão de. **Gramática da linguagem portuguesa**. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Com um estudo introdutório do prof. Eugenio Coseriu. Lisboa: Academia das Ciências, 2000 [1536¹].

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 3 ed. Tradução Celso Cunha. (Título original: *Histoire de la langue portugaise*. Paris: Presses Universitaires de France, 1980). São Paulo: M. Fontes, 2007 [1997¹].

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. **Lições de filologia portuguesa segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/1912 e de 1912/1913**: seguidas das lições práticas de português arcaico. Lisboa: Dinalivros, s/d; [São Paulo?]: M. Fontes, s/d.

VIARO, M. E.. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.